Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História (Especialidade: História Moderna), realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Isabel Buescu

Apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio.

[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta tese/ Dissertação /Relatório /Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Paulo Esmeraldo Catarino Lopes

Lisboa, ... de ..... de .....

Declaro que esta tese/Dissertação / Relatório / Trabalho de Projecto se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Ana Isabel Bueno

Lisboa, 20 de Junho de 2012

VISÕES DA EUROPA NAS *MEMÓRIAS DE UM FIDALGO DE CHAVES* (1510-1517)

SOCIEDADE, QUOTIDIANO E PODER NUM MANUSCRITO INÉDITO DO SÉCULO XVI

PAULO ESMERALDO CATARINO LOPES

RESUMO / ABSTRACT

A 21 de Maio de 1510, um anónimo fidalgo criado do 4º duque de Bragança, D. Jaime, parte de Chaves em direcção a Roma, para só regressar a Portugal em Setembro de 1517. Após o seu regresso redige um extenso relato tradicionalmente conhecido como *Memórias de um Fidalgo de Chaves.* Partindo da única cópia manuscrita conhecida deste original perdido em língua portuguesa, cuja caligrafia situa cronologicamente na segunda metade do século XVI, procedemos à transcrição e estudo integral e sistemático deste precioso e singular documento, por um lado, representativo de uma época e de um espaço cruciais da história europeia, e, por outro, testemunho privilegiado, diríamos mesmo em muitos aspectos, único, de um olhar "português" sobre a Roma do Renascimento, no dealbar do século XVI. Ao longo das sete partes que compõem esta dissertação procurámos destacar outras tantas problemáticas inerentes à construção do texto pelo seu autor. Assim, num primeiro momento, indagamos do valor da fonte enquanto documento histórico, ou seja, enquanto reflexo da época que pretende descrever. A segunda parte, por sua vez, polariza-se em torno da questão da autoria e da identidade onomástica do fidalgo de Chaves. Em seguida analisamos uma temática transversal a todo o texto: o poder. É nossa intenção aqui explorar tal tópico nas suas múltiplas expressões e evidências, com particular destaque para as embaixadas à cúria pontifícia onde a festa, a propaganda e a simbólica do poder são núcleos estruturantes, o

novo modelo do príncipe que marca o início do Estado moderno e a própria cúria romana com todo o seu pragmatismo e uma ampla rede de cumplicidades e de poderes em exercício. O quarto grande momento do nosso estudo explicita o contexto militar da época pela voz do fidalgo de Chaves. No seu relato o autor flaviense dá a ver como, no quadro do confronto das potências emergentes, a Espanha e a França, os destinos políticos da Europa são decididos no teatro maior do desenvolvimento das *Guerras de Itália* (1494-1559). Da descrição dos conflitos armados ao apelo às guerras de Cruzada, passando pelos novos armamentos e a inovadora linguagem da arquitectura militar que impera em Itália, nada escapa ao olhar perscrutador do fidalgo e ao seu implacável, mas também emotivo, juízo crítico. Uma quinta parte visa a heterogénea sociedade romana e o seu intenso quotidiano, bem como tópicos estruturantes no conjunto da fonte como a diplomacia, o novo tipo social do homem de corte, o património construído romano e o cosmopolitismo romano de Quinhentos. Já o sexto passo do nosso trabalho incide na leitura crítica dos exercícios de alteridade presentes no documento. Finalmente, a sétima e última parte da nossa dissertação consiste na transcrição e fixação integrais do texto manuscrito das *Memórias de um Fidalgo de Chaves*, um passo imprescindível ao seu estudo e à sua utilização por outros investigadores.

On May 21, 1510, an anonymous nobleman dependent of the 4th Duke of Braganza, D. Jaime, leaves de Portuguese town of Chaves in the direction of Rome, only to return to Portugal in September 1517. After his return writes an extensive account traditionally known as *Memoirs of a Nobleman of Chaves*. Leaving the only known manuscript copy of the lost original in Portuguese, whose handwriting is located chronologically in the second half of the sixteenth century, we proceeded to the transcript and systematic and comprehensive study of this precious and unique document, on the one hand, representative of a time and a space crucial in European history, and, second, privileged witness would say that in many respects, unique look of a "Portuguese" on the Rome of the Renaissance, the dawn of the sixteenth century. Throughout the seven pieces that make up this dissertation sought to highlight so many problems inherent in the construction of the text by its author. Thus, at first, inquire of the source value as a historical document, or as a reflection of the time it purports to describe. The second part, in turn, polarizes around the question of authorship and his onomastic identity. Then we analyze a cross-curricular theme throughout the text: power. It is our intention here to explore this topic in its multiple expressions and evidence, with particular reference to the embassies to the papal curia where the party propaganda and symbolic power are the structural core, the new model of the prince that marks the beginning of the modern state and Roman curia itself with all its pragmatism and an extensive network of complicities and powers in office. The fourth great moment in our study clarifies the military context of the time by the voice of the

autor. In his report we can see how, under the confrontation of emerging powers, Spain and France, the political destinies of Europe are determined in the theater of the highest development of the *Wars of Italy* (1494-1559). From the description of armed conflicts to the call for the Crusade wars, through the innovative new weapons and the original language of the military architecture that prevails in Italy, nothing escapes the scrutinizing gaze of the nobleman of Chaves and his relentless, but also emotional, critical judgment. A fifth aim is devoted to Roman society and its intense daily life, as well as structuring topics as diplomacy, the new social type of man cut, the built heritage and the sixteenth century Roman cosmopolitism. Already the sixth step of our work focuses on the critical reading of the exercises of otherness present in *Memoirs of a Nobleman of Chaves*. Finally, the seventh and final part of our work consists in the full transcript and fixing handwriting of the document, an essential step for its study and its use by other researchers.

PALAVRAS-CHAVE: Europa, Roma, poder, sociedade, quotidiano, guerra, cúria, papado, alteridade, visão do *Outro*, encontro civilizacional

KEYWORDS: Europe, Rome, power, society, daily life, war, roman curia, papacy, alterity, vision of the *Other*, civilizational encounter

ÍNDICE

Introdução……..... 1

Parte I – Singularidades de um documento quinhentista……..... 45

Parte II – A autoria das chamadas *Memórias de um Fidalgo de Chaves*: um problema resolúvel?..... 89

1. Estado da questão…… 89
2. Uma proposta de perfil…… 98
3. Ao serviço de D. Jaime, Duque de Bragança…… 114

Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder……... 145

1. As embaixadas à cúria pontifícia: festa, propaganda e poder……. 163
   a) A embaixada de Portugal a Leão X…… 164
   b) A embaixada dos maronitas……..... 226
   c) A embaixada do rei da Polónia……..... 231
   d) Papado e Império no século XVI: a entrada do cardeal Gurgensis em Roma..... 235
   e) Um momento controverso: Francisco I perante Leão X……..... 239
   f) A delegação do cardeal húngaro de *Strigonia* a Roma……..... 248
   g) O duque de Tremaines, novo capitão-geral da Igreja……..... 253
2. O novo modelo do príncipe ou os primórdios do Estado moderno……. 259
3. A cúria pontifícia: pragmatismo, cumplicidades e poderes…… 358
   a) A política e o poder como sinónimos de realismo, determinação e violência…..... 359
   b) Nepotismo e clientelismo *ou* a fraqueza das instituições curiais……... 396
   c) Os pontífices: retrato físico e psicológico…….. 410
   d) O Colégio dos Cardeais: suporte ou oposição à supremacia papal…… 425

Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália……. 439

1. Guerra sem fim: uma descrição dos conflitos armados…… 440
    a) As batalhas de Tripoli e do Garillano …… 444
    b) Papado *versus* ducado de Ferrara …….. 448
    c) A batalha de Ravena…… 470
    d) Expulsão dos franceses de Itália……. 485
    e) Regresso e nova derrota dos franceses em Itália…… 488
    f) A batalha do Marignan……... 498
    g) A anexação da República de Siena por Leão X……. 509
    h) A *Guerra de Urbino* ……..... 514
    i) Entrada em Itália do imperador Maximiliano…… 531
2. O apelo à Cruzada…… 533
3. Novas armas, novos protagonismos no campo de batalha…… 551
4. Guerra e inovação tecnológica: os sistemas defensivos e a arquitectura militar… 587
5. Mercenários *vs* milícia urbana……. 598
6. Um novo horizonte: as consequências da guerra…… 612
7. Redes familiares e poder…….. 622
8. Quando o topo da Igreja enverga a armadura: papas e cardeais guerreiros….. 650
9. Guerra "justa" e guerra "injusta"……. 678

Parte V – Paisagens romanas…… 687

1. Agentes e diplomatas. Roma e o nascimento da moderna diplomacia……... 689
2. Um novo tipo social: o homem de corte……. 704
3. Patrimónios: entre o sagrado e o profano…… 717
    a) As igrejas de Roma. Guia de peregrinação ou roteiro artístico?..... 761
4. Vivências e quotidianos. Imagens de uma sociedade heterogénea……. 796
    a) A mulher…… 797
    b) Roma em festa……. 823

c) Outras faces do dia-a-dia romano……. 836

5. Entre o céu e o inferno: o cosmopolitismo romano de Quinhentos…… 844

Parte VI – *'este transitorio siglo* – Imaginários de um mundo que muda……. 851

1. O "Outro" europeu…….. 877

2. Identidades da Europa: continuidades, confrontos e rupturas…… 963

Parte VII – *Memórias de um Fidalgo de Chaves* – Transcrição e anotação do texto manuscrito……... 977

1. Critérios de transcrição……. 978

2. Transcrição do texto manuscrito…….. 980

3. Lista dos títulos dos capítulos…….. 1157

Conclusão……. 1165

Fontes e bibliografia……. 1175

Webgrafia…….. 1221

SIGLAS E ABREVIATURAS

Cap.	—	capítulo
CEPCEP	—	Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa
Cf.	—	confronte
CNCDP	—	Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
coord.	—	coordenação
CSIC	—	Consejo Superior de Investigaciones Cientificas
dir.	—	director, direcção
ed.	—	edição
f.	—	fólio
INCM	—	Imprensa Nacional-Casa da Moeda
INIC	—	Instituto Nacional de Investigação Científica
MFC	—	Memórias de um Fidalgo de Chaves
ms.	—	manuscrito
Oc.	—	ocorrências
op. cit.	—	*opere citato* (na obra citada)
p.	—	página
pp.	—	páginas
PUF	—	Presses universitaires de France
r	—	rosto ou anverso
Ref.	—	referências
s. d.	—	*sine data* (sem data)
s. l.	—	*sine loco* (sem lugar [de edição])
s. n.	—	*sine nomine* (sem nome [de editor])
Sep.	—	separata
SHMES	—	Société des Historiens Médiévistes de l'Enseignement Supérieur Public
ss.	—	seguintes
v	—	verso
vol.	—	volume
vols.	—	volumes

“estando eu olhando estas nouas festas
de tantas mudanças pompas E vaidades
deste transitorio siglo”

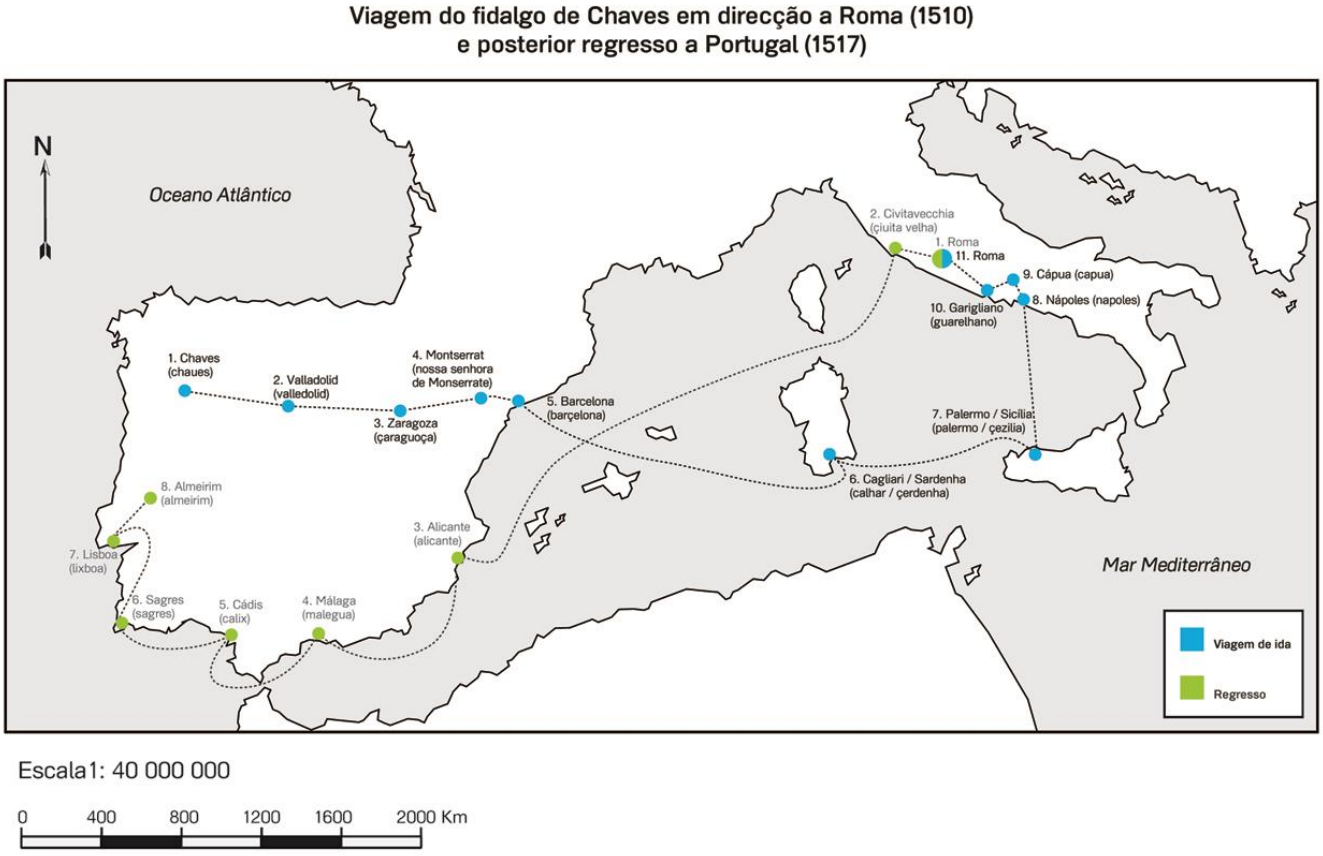
MFC, f. 224v.

E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado (...), se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte.[1]



[1] *MFC*, f. 183v. Panorâmica de Roma por Sebastian Munster, *Cosmographiae Universalis* (1549). Imagem retirada do site *http://historic-cities.huji.ac.il/italy/rome/maps/munster_lat_1550_150.html*

Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue.[2]



[2] *MFC*, f. 136r.

INTRODUÇÃO

A 21 de Maio de 1510, um anónimo fidalgo criado do 4º duque de Bragança, D. Jaime, parte de Chaves em direcção a Roma, para só regressar a Portugal em Setembro de 1517. Após o seu regresso redige um extenso relato intitulado *Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue.*

Este documento, integrado na *Colección de Don Luis de Salazar y Castro* da Academia de História de Madrid com a classificação N-76 / Varios Portugueses (Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v), ocupa os fólios 136r – 227v de uma miscelânea portuguesa, manuscrita e encadernada em pergaminho, que totaliza 250 fólios e contém 39 peças. Trata-se muito provavelmente da cópia manuscrita de um original perdido em língua portuguesa, de autor anónimo. Apesar de não incluir qualquer data, o longo manuscrito, constituído por 92 fólios redigidos ao que tudo indica por um único copista, apresenta uma caligrafia que o coloca cronologicamente na segunda metade do século XVI[1].

A quase totalidade do conteúdo do texto – que passou a ser conhecido como *Memórias de um Fidalgo de Chaves*[2] – reporta-se a acontecimentos e figuras que tiveram lugar em Itália, num arco temporal que podemos situar entre 1510 e 1517, período durante o qual o inominado autor aí viveu.

O objectivo desta dissertação é o de proceder à transcrição e estudo integral e sistemático deste precioso e singular documento, por um lado, representativo de uma época e de um espaço cruciais da história europeia, e, por outro, testemunho privilegiado, diríamos mesmo em muitos aspectos, único, de um olhar "português" sobre a Roma do Renascimento, no dealbar do século XVI.

[1] Assim se lhe refere o primeiro investigador que dele deu uma visão panorâmica, em artigo publicado em 1970. Cf. Eugenio Asensio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), descripción de la Roma de Julio II y Léon X" in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, pp. 7-28.

[2] A partir deste ponto do presente estudo, a designação da obra em questão surgirá sempre de forma abreviada: *MFC*.

Pela mão do perspicaz e arguto fidalgo de Chaves, perscrutamos indícios que ajudam na obtenção de respostas para toda uma série de questões fundamentais: numa época em que Portugal está predominantemente virado para o Atlântico e os Novos Mundos, qual era a visão, ou as visões, do velho continente que predominavam? Que relações mantinha Portugal com a Europa, em particular com a Itália, grande palco das querelas europeias de então, sede do poder máximo da Cristandade, mas também de um amplo movimento cultural, como era o Renascimento? Que viagens se faziam e que testemunhos se escreviam? Que conhecimentos existiam do "Outro" europeu e como é que os europeus se viam uns aos outros? Questões para as quais, como sabemos, pelo menos para o caso português e com relativas poucas excepções, escasseiam, na época, os testemunhos directos.

À data da partida do fidalgo de Chaves para Roma a Europa vivia uma das fases mais atribuladas e complexas de toda a sua história[3]. Boa parte do seu território estava longe de ter linhas de fronteira definidas, em particular a Norte e a Leste, zonas verdadeiramente periféricas cujo processo de integração plena nas dinâmicas políticas, sociais e culturais do continente será longo. O Centro e o Sul da Itália, por sua vez, constituíam uma realidade política completamente fragmentada. Só cerca de um século mais tarde as divisões políticas do continente iriam conhecer uma maior clarificação. Mas ao mesmo tempo, foi a partir deste período, o início do século XVI, que o continente europeu, sempre em transformação e recomposição, começou a definir-se em termos de pensamento político: a procura do equilíbrio de poder entre potências será o caminho a seguir, ao invés da unidade europeia tão almejada pelo sacro imperador, num impulso ideológico ainda, em parte, medievalizante.

Mas recuemos um pouco no tempo para melhor compreender a chegada a este ponto fulcral. Quando a *Guerra dos Cem Anos* (1337-1453) chega ao fim, a realidade política é inequívoca: após a Paz de Arras (1435) e, sobretudo, depois da ofensiva

[3] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, Barcelona, Editorial Crítica, 1985; André Corvisier, *História Universal – O Mundo Moderno*, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977, pp. 27-114; Edward McNall Burns, *História da Civilização Ocidental*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, pp. 91-195; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, Barcelona, Labor, 1969; João Ameal, *História da Europa (1495-1700) - De Vasco da Gama à Paz de Ryswick*, vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1983, pp. 11-125; John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 2000, pp. 23-142; Idem, *A Europa Durante o Renascimento: 1480-1520*, Lisboa, Editorial Presença, 1983; Ruggiero Romano y Alberto Tenenti, *Los fundamentos del mundo moderno*. *Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*, Historia Universal Siglo XXI, vol. XII, Madrid, Ediciones Castilla, 1971; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, Lisboa, Dom Quixote, 1991.

francesa de 1451-1452 e da derrota de Castillon, em 1453, os ingleses recuam no continente, acabando por conservar apenas a praça de Calais. Ou seja, a França sai reforçada deste longo conflito, dando inclusive início a um período de crescimento político, protagonizado numa primeira fase por Luís XI (1423-1483) e Carlos VIII (1470-1498), os quais definem em grande medida o espaço nacional francês[4]. Entretanto, a Inglaterra debilitada pelos reveses que caracterizaram o final do longo conflito com a França, assiste no seu próprio território ao despoletar de uma violenta e decisiva guerra civil (1454-1485) com a *Guerra das Duas Rosas* que opõe as grandes casas de Lancaster e de York.

Já o vasto território da Europa Central que corresponde ao Sacro Império Romano-Germânico revela-se um painel geográfico sem qualquer coesão política. De facto, não existe unidade mas sim divisão entre múltiplos principados, episcopados, condados, senhorios diversos e cidades autónomas. Um verdadeiro caleidoscópio político que tem por base um mosaico territorial fragmentado, onde, contudo, a dinastia de Habsburgo se afirma progressivamente, chegando mesmo a elevar a Áustria à posição de potência europeia, sobretudo através da acção enérgica do futuro imperador Carlos V[5].

Do conturbado final do século XV, sobressaem duas potências que expressam na sua ascensão como Estados unificados, ainda que em alguns aspectos ainda de forma precária, e cada vez mais centralizados, a desagregação inevitável do mundo feudal: a França e a Espanha. Diversas outras nações houve neste período que sofreram igualmente transformações decisivas com rumo à era Moderna. Contudo, nenhuma como estes dois reinos soube apresentar uma faceta tão irremediavelmente diferente e inovadora em relação aos séculos precedentes.

---

[4] Cf. Euan Cameron (coord.), *O século XVI*, Porto, Fio da Palavra Editores, 2009; Jean Carpentier e François Lebrun, *História da Europa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2002; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit.; John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, op. cit., pp. 23-142; Idem, *A Europa Durante o Renascimento: 1480-1520*, op. cit., 1983.

[5] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit.; Jean Carpentier e François Lebrun, *História da Europa*, op. cit.; Jean-Michel Salmann, *Géopolitique du XVI^e siècle: 1498-1618*, Paris, Seuil, 2003; Michel Morineau, *O Século XVI - 1492-1610*, Lisboa, D. Quixote, 1980; Ruggiero Romano y Alberto Tenenti, *Los fundamentos del mundo moderno. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*, op. cit.; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit..

A *Guerra dos Cem Anos*, apesar de travada entre a França e a Inglaterra, demonstrou simbolicamente que o sistema feudal era então já anacrónico. Em particular, a França sai do longo conflito com uma monarquia politicamente reforçada e animada por um espírito que anunciava o sentimento nacional, bem simbolizado pela figura de Joana d'Arc (1412-1431). A realidade mostrava que doravante o processo, com avanços e recuos, da centralização régia – quer sob o ponto de vista político, quer no que diz respeito aos mecanismos e dispositivos administrativo e simbólico do poder – era o futuro. Daí que, simbolicamente, este conflito seja por vezes evocado como um dos vários marcos para assinalar o final da Idade Média e anunciar a Época Moderna. No final do século XV, a França surge, pois, como uma das maiores potências do Ocidente europeu, pronta, portanto, para internacionalizar as suas ambições político-militares como modo de afirmação e identidade dinástica por parte dos Valois.

Tal posição teve em parte na sua base um enfraquecimento da alta nobreza devido ao desgaste humano e até territorial provocado pela própria guerra (os feudos dos grandes nobres falecidos em combate e sem descendência passavam para as mãos da Coroa) e um avultado apoio da burguesia em ascensão, que se mostrou decisivo no processo de fortalecimento da monarquia. Noutra vertente, a nova forma de fazer a guerra baseada na profunda transformação dos exércitos e das técnicas militares, que acompanham as inúmeras inovações do século XVI, coloca agora a tónica na artilharia e na infantaria, e também, ainda que com menos destaque, nas unidades de cavalaria ligeira, em detrimento da tradicional cavalaria pesada – como tão expressivamente demonstram os confrontos armados que dão corpo às *Guerras de Itália*.

Daqui resultou que aquilo que era apenas uma distante possibilidade de consciência de tipo colectivo – porque espartilhada pela força do sistema feudal – se transformasse pelas bases e ressurgisse no final do conflito como um inequívoco sentimento de unidade da "nova" França. Tal cenário materializava-se, em termos físicos, na constituição de um território unificado – graças, sobretudo, ao contínuo recuo dos ingleses (o Delfinado fora integrado em 1349, Montpellier em 1382 e a Provença em 1481; em 1532, Francisco I incorpora definitivamente a Bretanha e, em 1559, Calais foi devolvida ao reino, tendo os três bispados de Metz, Toul e Verdun

sido anexados[6]) – e no erguer de algumas instituições de governo, como o estabelecimento de uma eficaz rede de cobrança de impostos, a qual permitia criar um exército de tipo – mas ainda não plenamente – nacional, cruciais para o processo de consolidação da monarquia e de centralização do sistema de governo; e a nível ideológico, pelo nascimento de uma, ainda que incipiente, efectiva identidade colectiva francesa[7].

Em suma, as fundações da consolidação francesa enquanto nova potência europeia foram assentes no final do século XV e no início da centúria de Quinhentos. Assim, quer no plano interno quer ao nível externo, o princípio político orientador foi sempre a criação duma monarquia forte de carácter nacional. Claro que uma França com tal pujança de forma alguma aceitaria a submissão ao império ou até mesmo ao papa, enquanto autoridade espiritual que insistentemente continua a pretender imiscuir-se nas questões internas de governo dos estados seculares da Cristandade.

O enfraquecimento das liberdades locais e o recuo dos privilégios feudais em favor da Coroa cada vez mais sólida e forte, aliados à original confiança depositada no conselho régio, que desde cedo a Coroa procurou, com sucesso, libertar da dominação da alta nobreza que teve lugar em França (e, em Inglaterra, com os Tudors), esteve na base na edificação da Espanha enquanto Estado nacional, ou seja, enquanto conjunto de reinos unificados (Castela e Aragão ficaram unidos em 1469 pelo casamento entre Isabel e Fernando, enquanto o reino muçulmano de Granada foi incorporado pelos *Reis Católicos* em 1492 e a Navarra anexada em 1512) – apesar de continuarem sempre a existir inúmeras diferenças internas, e a unificação ser ainda frágil. Decisiva contribuição para a vitória da autoridade régia espanhola foi a religião, enquanto elemento aglutinador dos diversificados e heterogéneos povos hispânicos. A unificação política da Espanha passou em grande medida por uma instituição nova, que os Reis Católicos puseram ao serviço do fortalecimento do poder monárquico: a Inquisição. Na verdade, esta veio a constituir um instrumento de poder ao serviço da Coroa verdadeiramente decisivo para forjar a unificação e criar uma

[6] Por último, já fora do nosso quadro temporal de análise, em 1601, Henrique IV (1553-1610) obtém os ducados da Sabóia e de Bresse.

[7] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit.; Euan Cameron (coord.), *O século XVI*, op. cit.; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit.; Jean Carpentier e François Lebrun, *História da Europa*, op. cit.; Jean-Michel Salmann, *Géopolitique du XVI^e siècle: 1498-1618*, op. cit.; Michel Morineau, *O Século XVI - 1492-1610*, op. cit.; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit..

monarquia forte, em especial porque cada vez mais foi ficando sob a alçada da Coroa[8]. Os reis católicos fizeram uso do espírito de cruzada para tornar real a tão procurada unidade hispânica, que era primeiro que tudo uma unidade de cariz religioso. Por outro lado, tal como em França, desde cedo os monarcas tentaram controlar a Igreja dentro dos limites do território sobre o qual eram soberanos mediante, por um lado, o direito exclusivo de nomear os titulares dos cargos eclesiásticos mais importantes do reino, e, noutra vertente, assegurando que uma parte dos dízimos eclesiásticos derivasse para o Tesouro real. Neste ponto impõe-se uma referência ao caso português, cujo soberano D. Manuel protagonizou uma intervenção decisiva em Roma no sentido da afirmação da autonomia do poder régio no que dizia respeito à nomeação dos prelados portugueses[9].

Importantes foram também, tal como nos casos francês e inglês[10], o alargamento do poder do rei às províncias, tradicionalmente sob o rígido controlo da nobreza, a constituição de uma competente máquina administrativa e burocrática, que por sua vez permitisse edificar um tesouro forte graças à eficaz colecta de impostos, reflectindo-se tudo nisto na criação de um poderoso exército que iria dominar os campos de batalha europeus nos próximos anos, como, aliás, o fidalgo de Chaves tão bem mostra no seu texto. Unidade de fé e unidade dos povos (mediante uma prévia disciplinação e um assegurar rigoroso do estabelecimento da ordem) como pilares da autoridade e da centralização de um Estado que se ia consolidando.

A Inglaterra, para além do já dito, teve um percurso singular mas que acabou por rumar no mesmo sentido durante a dinastia Tudor: a crescente centralização régia e a eliminação de qualquer oposição frontal aos objectivos político-religiosos da coroa. Tudo isto foi facilitado pelo facto de existir desde a *Guerra dos Cem Anos* uma crescente consciência geral da figura institucional do Estado, para a qual contribuiu a própria Coroa, mas também o parlamento, a nobreza do reino, o clero e o próprio poder urbano. Quando Henrique VIII separou oficialmente a Igreja inglesa da romana

[8] Cf. Francisco Bethencourt, "A Inquisição" in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 95-131; Idem, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

[9] Cf. José Pedro Paiva, *Os Bispos de Portugal e do Império: 1495-1777*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2006.

[10] Nas Ilhas Britânicas, apesar ter sido um pouco mais tardio, o processo de consolidação territorial não foi menos eficaz: em 1536, durante o reinado de Henrique VIII, deu-se a integração do País de Gales. Em 1603, os reinos de Inglaterra, Escócia e Irlanda forma unidos sob a soberania de Jaime I, que transferiu a corte de Edimburgo para Londres.

e passou a encarar o papa apenas como o bispo de Roma a quem não devia nenhuma obediência, consolidou-se definitivamente o Estado inglês e o papel centralizador da monarquia então reinante. Afinal, a partir de agora, nenhuma força externa ao reino interferia na gerência do mesmo. Henrique VIII conseguiu desta maneira ir mais longe inclusive que Francisco I de França que tinha conseguido uma vitória sobre o papado com a Concordata de Bolonha (1516)[11].

Estes três reinos, em processo de consolidação política, territorial e de centralização, sobretudo a França e a Espanha, caminhavam declaradamente para uma autonomia a nível temporal para com Roma enquanto sede pontifical. A capital da Cristandade só tinha posição predominante a nível espiritual, não mais em termos seculares (e em relação a Inglaterra, a partir de Henrique VIII, nem esse poder já teria).

Os suíços, por seu lado, dotados bem mais cedo de uma consciência colectiva, deram logo no final do século XII luz à Confederação Helvética (1291). O império nada pode fazer para evitar a sua prematura emancipação, de alguma forma enunciadora do que iria caracterizar as centúrias seguintes no Velho Continente.

No centro da Europa, os Habsburgo tinham o seu verdadeiro poder não no título imperial, mais simbólico do que efectivo, mas nas imensas possessões territoriais que a sua Casa de forma perseverante foi construindo desde a centúria de Duzentos em torno dos ducados da Áustria e da Estíria. Já eleito imperador (1519), Carlos V de Habsburgo (1500-1558) viu-se numa situação paradoxal, na medida em que, católico devoto, tinha perfeita consciência de que o seu enorme império apenas poderia ser transformado em Estado soberano mediante a limitação do poder do papa, que insistia em imiscuir-se nos assuntos seculares das nações europeias.

Alguns anos mais tarde a sua situação ficará ainda mais complexa e periclitante devido ao facto de ter de actuar em duas frentes: a romana e a protestante. Tal cenário resultou quer do radicalismo da oposição reformista, quer devido à própria oposição interna que lhe foi movida pelos príncipes do império ávidos de autonomia em relação às tentativas imperiais de centralização do poder (o poder imperial era entendido por estes príncipes como tratando-se principalmente de um

[11] Cf. Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit.; Ruggiero Romano y Alberto Tenenti, *Los fundamentos del mundo moderno. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*, op. cit.; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit..

instrumento da vontade e dos interesses da Dieta Imperial e não como a materialização das ambições centralizadoras da instituição específica do imperador). Com efeito, os príncipes alemães que a partir de 1521 apoiaram a Reforma e Martinho Lutero fizeram amargamente demonstrar a Carlos V que a luta pelo poder do Estado era extensiva aos confrontos de carácter religioso. Daí que no Sacro Império, como em Itália, o rumo político ter sido diferente do da restante Europa até à longínqua centúria de Oitocentos[12].

Este ano de 1521, é, aliás, tão agitado quando decisivo para a Europa. Se em Portugal subia ao trono o novo rei, D. João III (1502-1557), em Roma Leão X (1513-1521) emite a bula *Decet Romanum Pontificem* que dita a excomunhão do antigo monge agostinho Martinho Lutero (1483-1546) e expulsão definitiva da Igreja católica[13]. É o clímax de um violento processo iniciado precisamente em 1517 – ano em que o fidalgo de Chaves deixa Itália para regressar a Portugal e Carlos de Habsburgo, futuro Carlos V do Sacro Império Romano-Germânico, faz a sua entrada triunfal em Valhadolid como Carlos I de Espanha – quando o professor de teologia alemão pregou as *95 Teses contra as Indulgências* na porta da igreja do castelo de Wittenberg, dando de forma simbólica início à Reforma religiosa na Europa e a um dos momentos mais traumatizantes da história da Cristandade: o que marca o fim da unidade da fé na Cristandade, ou seja, um dos seus principais fundamentos; algo que nem momentos como o "Cativeiro de Avinhão" (1308-1377) e o subsequente Grande Cisma do Ocidente (1378 a 1417) tinham conseguido.

O início de Quinhentos apresenta-se, pois, como um tempo de mudança célere e profunda em duas frentes essenciais: a política e a religiosa. Na primeira trata-se, por um lado, da ascensão e consolidação dos Estados territoriais nacionais na figura de uma monarquia forte e tendencialmente centralizadora como a Espanha, a França e a Inglaterra; e, por outro lado, um bloco geopolítico alternativo composto pela Itália e

[12] Cf. Para um maior aprofundamento do tema de Carlos V e da sua actuação enquanto imperador veja-se Ana Isabel Buescu, *D. João III (1502-1557)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, pp. 86-91; Ernest Cebrià, *El imperio de Carlos V: las coronas y sus territórios*, Madrid, Península, 2002; Hagen Schulze, *Estado e Nação na História da Europa*, Editorial Presença, Lisboa, 1997, pp. 43-83; Juan Luis Castellano, Francisco Sánchez-Montes González, *Carlos V: Europeísmo y universalidad. Congreso internacional, Granada, mayo de 2000*, Madrid, Sociedad Estatal Para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001; Manuel Fernández Alvarez, *Carlos V*, Madrid, Publicaciones Españolas, 1974; Philippe Erlanger, *Carlos V*, Madrid, Ediciones Palabra, 2000; Pierre Chaunu, *La España de Carlos V*, 2 vols., Barcelona, Península, 1976; Prudencio de Sandoval, *Historia de la Vida y Hechos del Emperador Carlos V*, 3 vols., Carlos Seco Serrano (edición y estudio preliminar), Madrid, Ed. Atlas, 1955-1956.

[13] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III (1502-1557)*, op. cit., pp. 102-108.

o Sacro Império, territórios politicamente fragmentados, sem qualquer identidade política ou algo que se assemelhe (ainda que no caso do império, verdadeira herança medieval, a figura mais simbólica do que verdadeiramente institucional do imperador veicule alguma identidade), mas todavia dotados de uma plena unidade cultural e civilizacional. Na segunda frente, o homem europeu enfrenta a ruptura irreversível da Cristandade, algo sem paralelo no seu já longo e atribulado percurso.

Traços identitários como a língua, a unificação territorial e o aparecimento de uma certa consciência de nação ou, pelo menos, de um sentimento de pertença a um determinado sujeito colectivo, a ascensão do Estado sob os fundamentos de um corpo administrativo inovador e o reforço do poder real, materializado nos diferentes mecanismos de centralização, são características que marcam a ascensão dos Estados nacionais na Europa e a afirmação das grandes monarquias.

Da Europa que predomina do ponto de vista político e civilizacional, ou seja, a Ocidental, eleva-se uma busca férrea pela hegemonia por parte de dois grandes protagonistas: a França e a Espanha. Será a rica e esplendorosa Itália o grande palco de tal disputa, cuja materialização última são as *Guerras de Itália*, que se desenrolam em solo italiano entre 1494 e 1559. Se numa primeira fase, com dificuldade evidente, a França consegue destacar-se, após a eleição imperial de Carlos V, em 1519, a Espanha tomará em definitivo a dianteira da contenda. A confirmação desta supremacia hispânica sobre a Europa até final da centúria de Quinhentos ocorrerá com o Tratado de Cateau Cambrésis, em 1559[14]. No entanto, o que ressalta de todo este longo processo é a evidente prioridade da busca do equilíbrio de poder. Esta será a pedra-de-toque no futuro político da Europa. Naturalmente, a hegemonia espanhola na Europa é acompanhada da supremacia ibérica no processo de desvendamento do mundo e da criação dos novos impérios comerciais e geopolíticos.

Na passagem de Quatrocentos para Quinhentos as nações afirmam-se não apenas umas contra as outras mas contras as duas grandes instituições medievais: o papado e o império. Reforçado, o poder dos reis face ao papa e ao imperador é agora notório e causa declarada de rejeição de qualquer tentativa de supremacia por parte destas instituições. Num movimento que alastra por razões conjunturais a quase toda a

[14] Cf. Adela Estévez Fernandéz, *Los españoles en Italia*, Sevilla, Escuela Gráfica Salesiana,1964; Ludwig von Pastor, *The history of the popes: from the close of the Middle Ages. Drawn from the secret archives of the Vatican and other original sources*, vol. VI, London, Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd., 1908, pp. 405-454.

Europa ocidental, os soberanos fazem ver ao imperador que, de facto, não possuía uma autoridade efectiva sobre a Europa, nem mesmo sobre os príncipes alemães, que em breve encontrariam na Reforma luterana a ponte para o reforço do seu espírito de emancipação. Nem tão pouco o papado poderia doravante ter tal pretensão, sobretudo porque estava demasiado envolvido, em particular do ponto de vista político e militar, no fortalecimento secular institucional e territorial do seu próprio Estado. Um processo que, aliado ao facto de à época o topo da Igreja estar de forma declarada a viver uma profunda fase de mundanização e temporalidade, nomeadamente a nível dos costumes[15], em absoluto não passava despercebido aos crentes e que constituirá boa parte das acusações levantadas por Lutero. Por tudo isto, estava claro que no Velho Continente este período crucial de viragem seria sinónimo de fortalecimento da centralização régia, de formação de Estados nacionais e da criação de uma consciência nacional cada vez mais nítida por parte das diversas populações europeias. A Alemanha e a Itália seriam as excepções que do ponto de vista estritamente político confirmavam a regra, pois do ponto de vista civilizacional e cultural seriam inabalavelmente unas.

De qualquer forma, é preciso não esquecer que estamos longe da monarquia absoluta. Para além das próprias divergências entre as várias populações do reino (muito diversificadas no caso espanhol e francês, de tal modo que não raras vezes o disciplinamento civil só acontecia mediante o uso da força), as evidentes dificuldades de circulação e comunicação tornavam difíceis e por vezes morosos os contactos entre a administração central, ou seja, o soberano, e a administração das províncias, em particular a nível da aplicação prática das decisões da Coroa. Por outro lado ainda, apesar de enfraquecida pelos três séculos anteriores que assistiram ao declínio do sistema feudal na Europa ocidental, a nobreza detinha um poder sólido e amplo e estava longe de ser dominada pelo poder régio e os seus mecanismos e dispositivos.

Depois, existia toda uma vasta rede de poderes intermédios, em particular de carácter urbano-administrativo que travavam ou dificultavam o pleno exercício da autoridade real. A própria Igreja consciente de estar a perder terreno a nível do poder secular para o Estado e a figura régia tentava manobrar em sentido diverso sempre que podia. Um exemplo desta tentativa de conservar a independência em relação aos

[15] Cf. Peter Burke, *Cultura e società nell'Italia del Rinascimento*, Bologna, Il Mulino, 2001; Idem, *El Renacimiento Italiano. Cultura y Sociedad en Italia*, Madrid, Alianza, 1993; Idem, *Scene di vita quotidiana nell'Italia moderna*, Roma-Bari, Laterza, 1988.

poderes laicos são os próprios cardeais e demais figuras do topo da hierarquia da Igreja. Não raras vezes colocados entre o soberano do seu reino de origem e o próprio líder espiritual, o papa, os cardeais estrangeiros agiam de forma dúbia e até sinuosa: ora como verdadeiros embaixadores dos seus países em Roma, ora, ao invés, como extensões da vontade pontifica junto dos seus soberanos. Uma posição delicada da qual o cardeal português D. Miguel da Silva (1480-1556) ou até Thomas Wolsey (1473-1530) em Inglaterra são dois bons exemplos.

De realçar que Portugal ocupa em todo este cenário uma posição singular, pois, situado na periferia da Europa – tornada centro com as Descobertas e os movimentos de expansão marítima europeia –, apresenta uma unidade política consolidada, apesar de todas as vicissitudes que marcaram a segunda dinastia real, bem como uma estável definição territorial desde o final da Reconquista (1249) e o Tratado de Alcanices (1297). Por outro lado, o facto de viver com D. João II e D. Manuel I processos de inequívoco reforço da autoridade régia, não constitui no entanto sinónimo de monopólio sobre todos os aspectos de governação do reino. Ou seja, existe uma clara tentativa de centralização político-administrativa sim, mas sem que esta se torne um facto absoluto e plenamente concretizado. Ao invés, o poder real coexistia ainda com outros poderes, dotados de uma esfera de jurisdição própria e da qual não abdicavam – desde a Igreja até aos municípios, passando pelos poderes senhoriais que não desapareceram inclusivamente nas convulsões do agitado reinado de D. João II (1481 e 1495)[16].

De qualquer forma, ambos estes reinados fazem Portugal operar uma viragem significativa em direcção a um novo rumo, onde o notório reforço da autoridade real a nível interno e a abertura de Portugal ao mundo, ou seja, a predominância da política ultramarina, ao nível externo constituem a pedra-de-toque da governação régia.

O reinado de D. João II é, a nível interno, sobretudo marcado pelo conflito e a disputa com as Casas da grande nobreza – logo evidente nas cortes de Évora de 1481-

[16] Seguimos aqui de perto Nuno Gonçalo Monteiro, *Elites e poder: entre o Antigo Regime e o Liberalismo*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003; *Idem*, "Elites locais e mobilidade social em Portugal nos finais do Antigo Regime" in *Análise Social*, vol. XXXII (141), 1997 (2.°), pp. 335-368; Idem, "Poder senhorial, estatuto nobiliárquico e aristocracia" in *História de Portugal*, José Mattoso (dir.), vol. IV - *O Antigo Regime* (1620-1807), António Manuel Hespanha (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 333-379; António Manuel Hespanha, *História das Instituições. Épocas Medieval e Moderna*, Coimbra, Almedina, 1982; Idem, *Poder e Instituições na Europa no Antigo Regime*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984; Rui Ramos (coord.), Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro, *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009, pp. 197-249.

1482, após a sua segunda proclamação com o rei – enquanto factor emblemático da centralização, da construção do Estado e, enfim, da afirmação da supremacia da Coroa. Com efeito, D. João II aplicava golpes violentos nos privilégios jurisdicionais da mais alta nobreza do reino como, por exemplo, permitindo a entrada dos corregedores nas terras dos grandes senhores. Tal facto fez com que algumas das mais preeminentes figuras desse grupo social – como o 3º duque de Bragança, D. Fernando II (1430-1483), à época o mais poderoso fidalgo do reino, e o 4º duque de Viseu, D. Diogo (c.1452-1484) – protestassem de forma veemente contra a política de fortalecimento do poder real encetada pelo monarca e as consequentes medidas que tomava contra as regalias das classes privilegiadas, declarando-a lesiva da sua dignidade e excessivamente rigorosa. Daqui resultou um movimento de oposição à política régia que culmina numa conspiração contra o rei, à qual este responde de modo violento e trágico[17]. Mas, claro está, D. João II necessitava da nobreza e do determinante papel que esta desempenhava na condução dos destinos do reino, pelo que, abatida uma parte muito importante do seu âmago, apoiou-se politicamente em outros sectores do mesmo grupo social elevando-os como aconteceu, a título de exemplo, com a casa de Almeida e a casa dos Menezes[18].

Resolvida esta questão no plano interno, que deixará marcas profundas e de grande longevidade no imaginário da sociedade portuguesa nos séculos seguintes, continuou o seu processo de reforço da autoridade régia e de centralização do poder, nomeadamente através do incremento da propaganda e da simbólica do poder real, um processo inovador que conhecerá o seu auge com o monarca seguinte, o seu primo e cunhado D. Manuel, que literalmente difundiu pelos seus domínios os símbolos régios, principalmente a esfera. Neste quadro D. João II impulsiona de forma sem precedentes as entradas régias que ganham toda uma nova função a nível da representação do poder do rei e da grandiosidade régia. O desenvolvimento da corte, onde, por exemplo, a etiqueta se vai tornando mais complexa, revelar-se-á outro instrumento da sua acção política a nível interno. Já D. Manuel, mediante acções como as embaixadas a Roma no início do século seguinte, irá "espantar" o mundo no

[17] Cf. A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão (dir.), *Nova História de Portugal. Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. V, João José Alves Dias (coord.), Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 701-705; João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Temas e Debates, 2007, pp. 21-116; Luís Adão da Fonseca, *D. João II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, pp. 31-121.

[18] Cf. A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão (dir.), *Nova História de Portugal. Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, op. cit., pp. 701-741.

que respeita à representação política do poder, em particular as grandes potências europeias[19]. No que diz respeito à política externa, D. João II fará incidir os esforços do reino na política ultramarina, quer no que respeita à sua administração quer na prossecução de uma firma política de descobertas e conquista territorial. Aqui destaca-se pela carga simbólica e pelo que permite em termos de futuro, aquele que é um dos grandes momentos do seu reinado: a viagem de Bartolomeu Dias, em 1488.

No quadro europeu destacou-se pelas excelentes relações que manteve com o sacro imperador, Maximiliano I de Habsburgo (1459-1519), pela assinatura de um tratado com Carlos VIII de França e, naturalmente, pela forma decidida com que lidou com a sempre difícil questão castelhana. De facto, as relações com o poderoso reino vizinho tiveram sempre como base a busca de uma paz vigilante, ou seja, uma paz que não desse a ideia de enfraquecimento político-militar por parte de Portugal e assim colocasse a concorrente Castela em posição de respeito. A ordem para a reparação das fortalezas da zona raia em 1488, isto é, em pleno período de paz – de tal forma que até suscitou o protesto da monarquia vizinha –, associada à ordem para construção da torre de Olivença, constituem dois exemplos paradigmáticos desta posição de "força" por D. João II relativamente à sempre inquietante Castela.

O forte programa político de D. João II – porque ele existia efectivamente[20] – surge em continuidade com o do pai D. Afonso V. Ou seja, o *Príncipe Perfeito* nunca actuou em ruptura para com seu pai, mas sim a partir dos antecedentes políticos que dele herdou, mantendo, aliás, as linhas orientadoras provenientes do reinado anterior. O que a sua acção governativa traz de novidade e de excepção reside mais precisamente na amplitude – até aí realmente inédita – e na rara capacidade de articulação simultânea de todos os elementos políticos, internos e externos, em jogo que lhe emprestou e que culminou numa ampla política de expansão ultramarina coerente e integrada. A sua visão geoestratégica de Portugal no mundo envolvia uma área mundo e um quadro em que se articulavam os planos da economia, política, guerra e cultura. Tudo numa mesma frente política, o que é único e até vanguardista. É aqui que, segundo Luís Adão da Fonseca, "reside o motor que torna possível a

[19] Cf. Ana Maria Alves, *As entradas régias portuguesas: uma visão de conjunto*, Lisboa, Livros Horizonte, *1986*; Idem, *Iconologia do poder real no período manuelino: à procura de uma linguagem perdida*, Lisboa, INCM, 1985.
[20] Cf. Luís Adão da Fonseca, *D. João II*, op. cit..

concretização do grande salto dado no seu reinado"[21]. De facto, D. João II reflecte e age de forma articulada, portanto simultânea, sobre todas as facetas governativas, fundindo numa mesma orientação governativa política interna e externa. Este estado de coisas reflecte-se, por exemplo, no êxito do então ainda príncipe na negociação do Tratado de Alcáçovas-Toledo (1479-1480) e na assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 1494. Estamos, pois, perante uma perspectiva global da governação portuguesa e da dimensão estratégia dos respectivos problemas e desafios. Com D. João II é o mundo que é tomado em conta juntamente com o reino na estruturação de um projecto político.

Em suma, como tão bem demonstram a sua política monetária, onde associada ao fabrico das novas moedas se destaca a reveladora alteração das armas do reino, cultural[22] e de rigoroso controlo da alta nobreza, a principal referência do reinado de D. João II é, de facto, o poder monárquico. Não é, pois, de estranhar que no final do século XV, a determinação política do rei se materialize na constituição de um sólido suporte militar[23], no cuidado com a máquina administrativa do reino, na atenção muito especial dada à diplomacia como o prova a forma como resolveu as disputas com Castela em 1479 e em 1494, e de igual modo na acentuada preocupação com a propaganda e a afirmação da imagem régia. Tudo, insistimos, sempre no sentido da afirmação do poder e do exercício da autoridade por parte da Coroa.

Com D. Manuel, ao contrário do que certa historiografia defendeu demasiado tempo, Portugal não se limita a assistir ao mero continuar de um trajecto político iniciado com D. João II. Com efeito, se bem que parta – como o próprio D. João II fez em relação ao seu antecessor – em boa medida das orientações políticas do seu primo, não raras vezes contrapõe-se às directivas deixadas por este, de que o caso da recuperação da Casa de Bragança é o melhor exemplo. Em muitos outros momentos vai mesmo bem mais além do que aquilo que D. João II terá provavelmente almejado, em particular em relação à construção de um império ultramarino e à prossecução de um projecto internacional de Cruzada.

A nível interno, o *Venturoso* propõe novos meios para o mesmo fim, nomeadamente, a prossecução de instrumentos que possibilitavam compor um

[21] *Idem*, *ibidem*, p. 338.
[22] Aqui salientamos a atribuída à *História*, ou seja, à memória do reino.
[23] Na perspectiva do rei, esta era uma condição essencial para responder com eficácia ao atribulado e perigoso contexto da época. Em Marrocos, por exemplo, a situação é de guerra permanente.

equilíbrio dos poderes diverso do que existia anteriormente, como a publicação das Ordenações do Reino (1512-1514) e dos forais novos (1497-1520), verdadeiros marcos na reforma e uniformização institucional do reino, que entre outros sucessos desempenharam um papel crucial na municipalização do seu espaço político. Neste aspecto, D. Manuel dá um passo muito importante no sentido da melhoria substancial do exercício da administração e da justiça, e, consequentemente, na implantação de um Estado moderno em Portugal[24].

Mas, como já referimos, se D. João II tinha optado por hostilizar a grande nobreza do reino, mediante a limitação, que considerava excessiva, dos seus privilégios, já D. Manuel ruma em sentido diverso ao procurar a reconciliação, até porque algumas das vítimas eram seus familiares directos. Nessa medida, contra as disposições do *Príncipe Perfeito* envia emissários convidando os exilados a regressar ao reino. O irónico e genial é que o objectivo é o mesmo, mas demandado por vias opostas: o controlo da classe nobre do reino, cuja acção era, como efectivamente se veio a revelar, essencial para a prossecução da política externa manuelina. Assim, D. Manuel I reorganizou a aristocracia portuguesa, controlando o processo em todas a suas diversas fases. A prossecução do reforço da autoridade régia que imperou no reinado anterior, não diminui afinal com este monarca, em muitos casos – como o verificado com a tentativa de estabelecer uma nova geopolítica através da concretização do seu império ultramarino – foi precisamente o contrário a verificar-se[25].

Também D. Manuel é um perfeito homem do seu tempo, como o demonstram, aliás, as linhas gerais da sua política e da sua acção governativa, seja a nível interno seja no domínio internacional. A forma como usou a Igreja como instrumento de poder por si só é suficiente para demonstrá-lo. Empreendedor, reformador e centralizador, soube fazer-se respeitar no Mediterrâneo e colocar Portugal na dianteira do comércio internacional, para desespero dos Venezianos. Atento ao que se passava na Europa e muito especialmente em Itália onde se jogava o verdadeiro jogo do poder internacional, soube manter uma cautelosa neutralidade que deu os maiores proveitos a Portugal. A sua quimera terá sido o velho sonho cruzadístico de libertar Jerusalém, envolto nas brumas do renovado milenarismo e messianismo português, em grande

[24] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit..
[25] Cf. *Idem, ibidem*.

parte resultantes da espiritualidade franciscana que, segundo alguns autores, lhe impregnava a alma. No entanto, parte desta quimera mostrou ser bem *realista* com o levantar efectivo do império português a Oriente[26] (não é, afinal, por acaso que foi o primeiro soberano a ter súbditos em missão em quatro continentes). Por outro lado, uma indiscutível atenuante existe para a sua ilusão da Terra Santa: outros notáveis soberanos europeus também tinham tal ambição e desejavam tamanho protagonismo. O que faz dele um príncipe do seu tempo. Os dividendos provenientes do comércio e dos negócios ultramarinos permitiram-lhe fazer soprar os ventos da renovação arquitectónica por todo o reino, bem como agir de forma decisiva em campos tão diferenciados como os da assistência, como por exemplo através do apoio prestado às Misericórdias, do urbanismo, da cultura, materializada na importante reforma dos Estudos Gerais, bem como no impulsionar das artes decorativas ou do teatro. E se interveio de forma activa na complexa e sinuosa disputa dinástica que marcou o Centro e a parte oriental da Península Ibérica no início de Quinhentos foi porque sonhou com a união ibérica desta feita sob a égide de Portugal. Poderia existir pretensão mais ousada? Julgamos que não!

Como afirmámos anteriormente, decisiva foi a sua intervenção no desenvolvimento da representação simbólica e imagética do poder régio, como foi estudado, de forma pioneira, por Ana Maria Alves[27]. Partindo das iniciativas joaninas, D. Manuel levou este instrumento do poder a um limite nunca visto até então. O mesmo fez com a sedentarização e o desenvolvimento da corte. A itinerância foi drasticamente reduzida, embora estivesse longe de desaparecer, e a própria capital sofreu alterações por forma a receber esta mudança: Lisboa foi reestruturada, modernizada e dotada de novos edifícios, bem como do aparato e da funcionalidade que uma capital realmente cosmopolita e de carácter universal como a portuguesa exigia. De salientar é a deslocalização do poder civil para junto do rio, com a formação do Terreiro do Paço. O rei abandonava, assim, velho paço da Alcáçova e a protecção do majestoso castelo para se integrar na Lisboa cosmopolita a que progressivamente dava forma com o seu cunho muito pessoal[28]. Num simbólico

[26] Cf. Luís Filipe Thomaz, "L'Idée Impériale Manuéline" in *La Découverte, le Portugal et L'Europe. Actes du Colloque*, Jean Aubin (ed.), Paris, Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 35-103.
[27] Cf. Ana Maria Alves, *Iconologia do poder real no período manuelino: à procura de uma linguagem perdida*, op. cit..
[28] Cf. Dalila Rodrigues (coord.), *Grão Vasco e a Pintura Europeia do Renascimento*, Lisboa, CNCDP, 1992; Fernando António Baptista Pereira, "D. Manuel, espelho de Salomão, inventor do mundo" in

movimento de renovação dos destinos do reino, agora mais ambicioso e completamente virado para o além-mar e o exterior dos seus limites geográficos de origem, o monarca deixa a base militar, sinónimo do mundo feudal, e instala-se perto da população civil e dos centros administrativos do reino, como a Casa da Índia e a Alfândega, doravante o principal motor do seu poder.

Já em Itália, que teremos de contemplar de forma pormenorizada dada a natureza da nossa dissertação, o contexto epocal é substancialmente diverso. Aqui, ao invés de Portugal, da Espanha ou da França, impera o caos geopolítico, sustentado paradoxalmente por uma pujante economia, sempre em ascensão, com base sobretudo no comércio e na indústria, e uma brilhante criatividade cultural e artística. Com efeito, a Itália (e o território mais ou menos correspondente à Alemanha) é uma excepção relativamente ao que se vai passando no resto da Europa, onde as combinações territoriais tendem para a unidade sob a autoridade régia. O ambiente político, tal como o próprio território, caracterizava-se por um completo espartilhar. Unidade e identidade política eram atributos absolutamente ausentes da península durante o Renascimento. Daí que no seu seio se tenham experimentado as capacidades de funcionamento das mais diversas formas de Estado, desde principados a repúblicas, passando por regimes e monarquias senhoriais ou despóticas de modelo europeu. O que não surgia no horizonte era uma centelha que fosse de um estado politicamente unido, forte e com vislumbres de longevidade.

Desta condição de território de ensaio político, ressalta uma Itália frágil e presa fácil das potências europeias à época em vigorosa ascensão como a Espanha e a França. Daí que o seu território se tornasse a partir de finais do século XV o teatro dos grandes conflitos político-militares europeus. Literalmente, a Europa foi decidida em Itália entre as balizas temporais que marcam o início e o final das *Guerras de Itália.*

História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias, João Medina (dir.), vol. IV, Amadora, Ediclube, 1993, pp. 84-98; *Idem*, "O manuelino ou as vantagens da designação", *ibidem*, pp. 249-257; Hélder Carita, *Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999; Nuno Senos, *O Paço da Ribeira (1501-1581)*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002; Paulo Pereira, *A Obra Silvestre e a Esfera do Rei. Iconologia da Arquitectura Manuelina na Grande Estremadura*, Coimbra, Instituto de História de Arte, 1990; Idem, *Mosteiro dos Jerónimos*, Londres, Scala Publishers, 2002; Idem, *De Aurea Aetate. O Coro do Convento de Cristo e a Simbólica Manuelina*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003; Pedro Dias, "O Brilho do Norte. Portugal e o mundo artístico flamengo, entre o gótico e a renascença" in *O Brilho do Norte. Escultura e Escultores do Norte da Europa em Portugal - Época Manuelina (catálogo da exposição)*, Lisboa, CNCDP, 1997, pp. 25-73; Rafael Moreira, "A importação de obras de arte em Portugal no século XVI" in *Da Flandres e do Ocidente. Escultura Importada*, Lisboa, Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2002; Vítor Serrão, *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*, Lisboa, Presença, 2002.

Na base de tudo isto projectava-se uma economia florescente e um inigualável brilhantismo cultural, resultante precisamente dessa fragmentação territorial e política que tinha como consequência última a multiplicação dos centros artísticos extremamente criativos, seja na música, na pintura, na poesia ou na arquitectura. Cada senhor queria apresentar-se como culturalmente mais poderoso do que o seu vizinho e potencial adversário. Daí que o mecenato florescesse como em nenhum outro espaço europeu. Ponto central da política europeia, a Itália era desta forma também o seu coração em termos de vida cultural e de progresso civilizacional[29].

A particular situação italiana tem origem na centúria de Duzentos quando tem início a lenta mas firme emancipação das cidades italianas, juntamente com os territórios circundantes sob a sua influência directa, em relação ao domínio do Sacro Império de quem eram vassalos. Libertados dos laços feudais que os restringiam e dominavam, estes pujantes centros urbanos deram origem no Norte e no Centro a formas de autogoverno de carácter republicano e até de índole democrática, pelo menos na sua génese. São as chamadas *comunas,* cidades-repúblicas independentes, que com o decorrer do século XIV, devido em grande parte à própria originalidade com que foram evoluindo, acabaram na sua grande maioria por cair sob o domínio de poderosos *signori*, que concentravam na sua pessoa todo o poder da cidade ou do Estado de que ela era capital. É o momento em que a autocracia ascende a forma de governo predominante em Itália em detrimento da República. Inclusivamente o pensamento político humanista, no início tendente para a República, era agora claramente devoto da vertente monárquica.

À república livre sucedia assim o senhorio, isto é, o domínio de tiranos, que retiravam ao povo os seus direitos antigos e a sua liberdade cívica. Como compensação colocavam um ponto final no violento antagonismo quotidiano das facções, ao mesmo tempo que garantiam a ordem pública e consequentemente a prosperidade tão ao gosto italiano coevo. Foi assim que Milão passou para os Visconti (mais tarde substituídos pelos Sforza), Rimini para os Malatesta, Peruggia para os

[29] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit.; Euan Cameron (coord.), *O século XVI*, op. cit.; Hagen Schulze, *Estado e Nação na História da Europa*, op. cit., pp. 43-83; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit.; Jean Carpentier e François Lebrun, *História da Europa*, op. cit.; Jean-Michel Salmann, *Géopolitique du XVI^e siècle: 1498-1618*, op. cit.; Michel Morineau, *O Século XVI - 1492-1610*, op. cit.; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit..

Baglioni, Ferrara para os Este, Verona para os Scaliger (depois para os Della Scala) e Mântua para os Gonzaga, entre diversos outros exemplos[30].

De toda esta transmutação política apenas algumas cidades resistiram ao governo dos *signori*, nomeadamente Veneza, Florença, Siena e Lucca, que vieram a ser as grandes repúblicas do Renascimento, embora sempre governadas por oligarquias e tiranos. Ou seja, embora na Europa renascentista se tenha generalizado a tendência para a formação de estados territoriais unificados, a Itália manteve-se fragmentada em governos de carácter municipal. Dito de outro modo, o governo da *senhoria* foi, por sua vez, dando lugar ao governo oligárquico de matriz hereditária ao que se seguiu a predominância do sistema do principado.

As oligarquias hereditárias citadinas vão, pois, ser a base sobre a qual se vão construir os principados, inviabilizando assim qualquer hipótese de unificação nacional. No máximo o que se poderia almejar eram apenas unificações regionais, como a do ducado de Milão ou das Repúblicas de Veneza e de Florença. Explica-se assim a vitória do poder familiar, inclusivamente sobre cidades ou Estados até então autónomos em relação a qualquer forma de domínio opressivo. Por outro lado, materializa-se aqui o carácter individualista da luta política renascentista italiana, que tão decisivo vai ser a partir de 1494 e que nos interessa sobremaneira para a cabal compreensão do testemunho do fidalgo de Chaves.

O sistema oligárquico desenvolve-se, sobretudo, a partir da vida citadina e da fusão dos seus vários elementos, quase todos ligados a intensas e proveitosas actividades económicas. A sua génese, como a da senhoria, está nas origens da comuna e na matriz associativa e corporativa dos grupos sociais que lhe deram vida. Ou seja, ao longo do tempo foi-se mantendo a oposição ancestral entre facções urbanas, compostas nas suas fileiras por nobres e elementos do povo, sobretudo os mais ricos. Estas facções, primeiramente em torno de um senhor, conquistam o poder e passam a controlar a cidade, enriquecendo facilmente. Num passo seguinte, estas facções passam a organizar-se em torno de uma família mais poderosa e não tanto de um autocrata. Como salienta Giuseppe Galasso, nasce assim uma nova aristocracia urbana, sempre em processo de renovação devido às lutas constantes, quer entre

[30] Cf. Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, Lisboa, Bertrand / Instituto de Cultura Italiana em Portugal, 1984; John Addington Symonds, *The Age of the Despots*, New York, Putnam, 1960, pp. 56-91.

senhores quer entre famílias. Os derrotados normalmente são exilados e os seus bens confiscados. É, na prática, um movimento dialéctico que se auto-renova periodicamente[31].

Noutra vertente, o movimento comunal, originado da força e das aspirações à liberdade económica sobretudo por parte dos mercadores e dos artesãos, retira o poder aos senhores feudais e converte os burgueses, ou seja, os elementos do povo mais preeminentes pela via económica, em governantes. No entanto, estes últimos acabam por criar uma forma de governo mais à medida dos seus interesses, isto é, dos seus grupos familiares. Instala-se, pois, da mesma forma, ainda que com uma face nova, o sistema de governo oligárquico. Não é, aliás, por acaso que a classe que constitui a oligarquia senhorial tem uma natureza e uma origem que deve tanto à prática política como à económica. E não devemos esquecer que o burguês é o símbolo da potencialidade urbana, de tal forma que as suas existências confundem-se.

Regressando ao tópico fundamental do carácter predominantemente individualista da luta política na Itália renascentista é de referir que, no final do século XV, as cidades italianas, na sua grande maioria sujeitas ao regime oligárquico, têm por base um dinamismo resultante da fusão de interesses diversos e por vezes até contraditórios, nomeadamente, fundiários, mercantis e financeiros. Tudo numa emaranhada rede que tem como derradeira consequência a redução da consciência do poder político ao puro individualismo social, económico e político. Um estado psicológico colectivo expresso nas permanentes lutas entre os pequenos estados por razões económicas e territoriais, e do qual transparece a noção de que a força e a violência enquanto possibilidades efectivas de domínio são essenciais para o acesso e a manutenção do governo. Daí que no século XVI, em Itália haja uma clara associação entre poder e violência[32].

Por outras palavras, como destaca Giuseppe Galasso, o que realmente muda com a chegada do mundo comunal italiano é o relacionamento geral entre cidadania e poder político[33]. Seja sob o domínio de uma oligarquia ou de um príncipe, entre a população italiana ganha forma uma premissa: a política é força e astúcia, pelo que

[31] Cf. Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, op. cit., 1984.
[32] Cf. *Idem*, *ibidem*.
[33] Cf. *Idem*, *ibidem*.

não vale a pena arriscar a vida por ela. Esta desolada resignação materializa-se de forma muito expressiva no adágio coevo: *Franza e Spagna – pur che se magna*.[34] E por isso é que no seio dos conflitos italianos as frequentes mudanças de senhoria não foram acompanhadas por nenhum verdadeiro sobressalto da opinião pública. Ninguém apoiava o novo senhor como melhor do que o anterior. As *MFC* demonstram bem este conformismo e apatia colectiva:

> "E o custume do pouo ditalia hee fauoreçer a quem vençe, sem aver Respeito senam saluar as vidas E fazendas, defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada (sic)[35] por dinheiro, guardando de meter a Risco suas pessoas."[36]

Tal disposição deve-se ao fenómeno social e mental que marcou os séculos XIII a XV em Itália. O cidadão privado torna-se indiferente à política e inteiramente dedicado às suas ocupações e aos seus interesses, sobretudo profissionais, ou seja, financeiros. Daí, como sublinha o mesmo investigador, riqueza e cultura crescerem em Itália como novas direcções da vida privada em detrimento da importância e da preocupação política, a qual, por sua vez, se descentraliza em relação a qualquer princípio moral ou ético de base. Este é, de facto, o tipo dominante de cidadão italiano coevo na sua relação com o poder, circunstância que vai ser vital na vida moral e política da sociedade italiana aquando da entrada no seu território dos exércitos estrangeiros. Dito de outro modo, o individualismo nascido do humanismo e do Renascimento que no seu todo caracteriza a vida italiana não se refere apenas a um desenvolvimento abstracto de premissas de carácter filosófico. Ao invés, é um desenvolvimento palpável e bem contextualizado dessa realidade complexa que é a vida italiana de então. Daí também que, aos poucos, a unidade familiar se torne o motivo impulsionador do esforço e dedicação individuais. É o sentimento familiar que orienta a acção do homem italiano: Florença, Veneza, Siena, Roma, até – e em particular – o papado são provas vivas disto[37].

---

[34] França ou Espanha, é-nos igual.
[35] Leia-se *assoldada por dinheiro*
[36] *MFC*, f. 212v.
[37] Cf. Alessandro Ferrajoli, *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516*, Vincenzo De Caprio (a cura di), Roma, Bulzoni, 1984; Antonio Pinelli, *Roma del Rinascimento*, Roma, GLF Editori Laterza, 2007; Domenico Gnoli, *La Roma di Leon X*, Milano, Editore Ulrico Hoepli, 1938; Jacques Heers, *La Roma*

A importância que então se atribui à unidade familiar por toda a Itália, em particular como núcleo condicionante e promotor de interesses privados e como matriz do comportamento social, é de alguma forma o resultado e uma dimensão específica do individualismo que vem amadurecendo de forma vigorosa desde a passagem do velho sistema comunal às estruturas de dominação oligárquicas. A família é, pois, inequivocamente a grande unidade social e política italiana, reflectindo-se tal estado de coisas na própria forma como a política, enquanto todo integrado, evolui na península na viragem do século XV para o XVI. No entanto, o individualismo italiano não se exprime apenas pela elevação suprema da unidade familiar, mas também pela declarada manifestação de comportamentos puramente individuais que acabam por ter grande impacto na definição da vida política e na forma de conceber o poder na mentalidade colectiva italiana de então: o cortesão, o artista, o *condottieri*, o humanista (e aqui o arquitecto, o pintor, o músico, o poeta), o banqueiro, o comerciante, o cardeal, o jurista, são todos personalidades de excepção com motivações marcadamente pessoais e individualistas. Basta ver a forma, sobretudo ao nível do prestígio e da influência, como se enquadram e movimentam na escala das hierarquias sociais.

O resultado de todo este processo está em que, perante a chegada de Carlos VIII de França a Itália, em 1494, ano em que se iniciam as *Guerras de Itália*, todos os múltiplos estados itálicos, inclusive os mais fortes, como Milão ou Florença, tremem e vacilam perante uma nação com real dimensão para ser denominada *potência*. Se juntarmos a isto o desproporcionado poderio militar francês em comparação com as exíguas possibilidades bélicas italianas quase completamente entregues ao serviço de companhias *condottieri* torna-se previsível adivinhar o que se passou nos anos seguintes. E as *MFC* e o seu extraordinário testemunho são um documento precioso e directo de muitos destes momentos.

Por esta altura, a Itália encontrava-se dividida numa imensidão de pequenos Estados, donde sobressaíam pelo seu maior poder cinco, a saber, o ducado de Milão, as Repúblicas de Florença e de Veneza, os Estados da Igreja e o reino de Nápoles. Nenhum deles era suficientemente forte para dominar os outros, mas tinham-no como objectivo. Um país assim dividido, mas tão excepcionalmente rico, convidava à

---

dei papi ai tempi dei Borgia e dei Medici, 1420-1520, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2001; Paolo Portoghesi, *Roma del Rinascimento*, 2 vols., Milano, Electa, 1971.

invasão. Milão a Norte e Nápoles a Sul eram o mote, na medida em que estavam bem no centro das ambições dinásticas da Espanha e da França. Maquiavel seguiu a realidade italiana para fundamentar o seu pensamento político. No entanto, o apelo que lança no derradeiro capítulo da sua obra *O Príncipe* não podia estar mais longe da realidade. A unidade italiana era simplesmente uma utopia no início do século XVI.

Conscientes desse facto e dele aproveitando-se, as potências estrangeiras exploraram a conflitualidade interna italiana e acabaram por transformar o solo itálico no grande campo de batalha do século XVI, aí se jogando o destino da Europa ocidental. A península sofreu neste período a passagem e a devastadora presença de sucessivos exércitos estrangeiros. Um ponto alto desta realidade dá-se quando assiste, impotente, ao saque de Roma de 1527 pelas forças mercenárias a soldo de Carlos V[38]. A única coisa que mantinha a coerência interna de uma entidade abstracta chamada Itália era, além da geografia, a cultura, a arte e o traço civilizacional. É por isso que as *Guerras de Itália* representam bem a política de poder que governou a história italiana e europeia da primeira metade do século XVI[39]. E, noutra vertente, explicam igualmente de forma muito consistente o porquê de nunca se ter conseguido fomentar de forma sólida a tão ambicionada cruzada papal contra o perigo turco que a Leste ameaçava toda a Europa.

Particular destaque pela sua relevância no multifacetado quadro dos poderes italianos e no caos da luta política coeva merecem os Estados Pontifícios, que tanto destaque têm, de uma maneira ou outra, nas *MFC*. Recuperado do Cisma (1378-1415) e finalmente regressado a Itália, o papado faz um enorme esforço no sentido de consolidar e, sempre que possível, ampliar o seu poder na península, a começar pela própria Roma, empobrecida pela saída da cabeça da Cristandade para França e completamente entregue às sangrentas disputas familiares, das quais a protagonizada pelo Orsini e os Colonna constitui um notável exemplo[40]. Com consequências trágicas para o futuro, a concretização desse objectivo de carácter puramente temporal,

[38] Cf. André Chastel, *The Sack of Rome: 1527*, Princeton, Princeton University Press, 1983; Maria Ludovica Lenzi, *Il sacco di Roma del 1527*, Firenze, La Nuova Italia, 1978.
[39] Cf. Christine Shaw, *Italy and the European powers: the impact of war, 1500-1530*, Boston, Brill, 2006; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, Cambridge, Cambridge University Press, 1921; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, op. cit., pp. 321-365; Oscar Browning, *The age of the Condottieri - A short history of mediaeval Italy from 1409-1530*, London, Methuen & Co., 1895.
[40] Cf. Christine Shaw, *The political role of the Orsini family from Sixtus IV to Clement VII: barons and factions in the Papal States*, Roma, Istituto storico italiano per il Medio Evo, 2007; Idem, *The political role of the Orsini family in the Papal States, c.1480-1534*, Oxford, University of Oxford, 1983.

envolveu manobras políticas e militares tão sinuosas e sinistras, quanto violentas e muito pouco dignas do topo espiritual da Cristandade. Por outro lado, tal conduta política foi sempre acompanhada por uma evidente e sempre crescente mundanização e secularização quer dos costumes quer do próprio quotidiano dos clérigos, em particular dos ocupantes dos cargos mais elevados da cúria, inclusive o papa – Alexandre VI[41], Júlio II[42] e Leão X[43] são os grandes ícones deste processo.

Logo em 1447, aquando da eleição do papa Nicolau V (1397-1455) que pôs fim ao Grande Cisma do Ocidente (1378-1417), o papado, já definitivamente regressado à sua capital natural, deu início a um resoluto processo de instauração da autoridade temporal sobre os seus territórios italianos, então ainda muito reduzidos. No quadro de tal acção promoveu o nepotismo e o aumento fiscal com vista a fazer frente às despesas militares. Ambas movimentações foram recebidas de forma impopular. Ao mesmo tempo, a cúria começava a tornar-se um espelho cada vez mais fiel das preocupações terrenas dos clérigos, rivalizando no luxo e fausto com as principais cortes seculares de Itália.

Já sob o pontificado do enérgico Sisto IV (1414-1484; eleito papa em 1471), a cúria lança-se de forma decidida nas intrigas da política temporal italiana, por exemplo, favorecendo em Florença a conspiração dos Pazzi contra os Médici (1478) e assumindo frentes de confronto armado, depois de Florença, contra Nápoles e depois Veneza. Mas é com Alexandre VI (1431-1503; eleito papa em 1492) que este movimento de restauração do poder papal em Itália começa a atingir proporções verdadeiramente alarmantes e escandalosas, até porque é acompanhado por um nepotismo sem precedentes e por uma devassidão dos costumes igualmente sem

[41] Cf. Alexander Gordon, *The Lives of Pope Alexander VI and His Son Cæsar Borgia*, Philadelphia, J. Campbell, 1844; Arnold Harris Mathew, *The life and times of Rodrigo Borgia, Pope Alexander VI*, London, S. Paul & co., 1912; Orestes Ferrara, *The Borgia Pope, Alexander The Sixth*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2006.

[42] Cf. Christine Shaw, "Cardinal Giuliano della Rovere: The man, the politician, the prince of the church" in *Giulio II: papa, politico, mecenate*, Savona, Fortezza del Priamar, Sala della Sibilla, 25-26-27 marzo 2004, Atti del Convegno, Giovanna Rotondi Terminiello and Giulio Nepi (ed.), Genova, De Ferrari & Devega Editoria, 2005, pp. 37-45; Idem, *Julius II: The Warrior Pope*, Oxford, Blackwell Publishers, 1996; Ivan Cloulas, *Giulio II*, Roma, Salerno Editrice, 1990; Julian Klaczko, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2007.

[43] Cf. Carlo Falconi, *Leone X. Giovanni de' Medici*. Milano, Rusconi, 1987; Dorothy P. Kidder, *Life And Times Of Leo The Tenth*, [1850], Whitefish, Kessinger Publishing, 2003; Maurizio Gattoni, *Leone X e la geo-politica dello stato pontifico (1513–1521)*, Città del Vaticano, Archivio Segreto Vaticano, 2000.

paralelo na história da cúria[44]. No entanto, para bem do património da Igreja, o papa Bórgia foi um político e um governante tão hábil quando industrioso, de tal forma que quando morre as possessões territoriais da Igreja pelo braço armado do seu filho, César Bórgia, duque de Valentinois (1475-1507), tinham aumentado de forma significativa.

Uma luta armada que o seu sucessor no pontificado, Júlio II (1443-1513; eleito papa em 1503), haveria de continuar de forma enérgica e até violenta, levando a guerra em nome do próprio Estado da Igreja a um extremo sem precedentes na história da Igreja. E com resultado muito satisfatórios, quer no que diz respeito ao tesouro papal, quer ao património e possessões territoriais. Com Júlio II Roma modernizou-se em termos urbanos e cresceu em riqueza, poder e magnificência, pois o papa foi um mecenas generoso e apoiou o desenvolvimento artístico da cidade, que se tornou doravante a capital do Renascimento em Itália. Agora, em definitivo, os Estados Pontifícios e o papa não se distinguiam dos demais Estados seculares italianos: combatiam em nome próprio, contratavam mercenários, faziam e desfaziam alianças consoante a direcção dos seus interesses terrenos.

Leão X, cuja eleição sugere num primeiro momento um pontificado de paz e cultura, revelar-se-á afinal um papa belicoso, devoto ao extremo do nepotismo e do clientelismo, e um notável adepto dos mecanismos conspirativos, dos quais também chegou a ser vítima[45], para atingir os seus objectivos e interesses pessoais. Não raras vezes o seu pontificado confundiu-se com um apura liderança da Casa Médici. Apesar de no final do seu pontificado o tesouro papal estar exaurido pelo luxo faustoso e exagerado com que vivia, bem como pela dispendiosa *Guerra de Urbino*, a Igreja, do ponto de vista temporal, não perdeu vantagens com ele. Antes pelo contrário! O grande falhanço revela-se, de forma trágica, em termos espirituais, onde a voz irada do monge agostinho Martinho Lutero (1483-1546) faz erguer uma onda de Reforma que irá fracturar definitivamente a Igreja católica[46]. Um preço demasiado alto por tantos anos e pontificados demasiado seculares e mundanos.

---

[44] Cf. Sandro Carocci, *Il nepotismo nel Medioevo: papi, cardinali e famiglie nobili*, Roma, Viella, 1999.

[45] Cf. Alessandro Ferrajoli, *La congiura dei cardinali contro Leone X*, Roma, Società Storia Patria Roma, 1919; Battista Picotti, "La congiura del Cardinali contro Leone X" in *Rivista Storica Italiana*, 1923, pp. 249-267.

[46] Cf. George Rudolph Elton, *A Europa durante a reforma: 1517-1559*, Lisboa, Presença, 1982; Jean Delumeau, *La Reforma*, Barcelona, Editorial Labor, 1977.

Mas esta tendência do papado romano para a temporalidade e para o secularismo já vem detrás, da própria época comunal, quando o pontífice junta ao estatuto de chefe espiritual da comunidade cristã universal o de príncipe fundiário italiano. No centro de Itália temos, pois, logo a partir do século XIII, uma entidade político-institucional que assenta a sua existência terrena sob os alicerces conceptuais do patrimonialismo: os bens materiais da Igreja são a manifestação física do Estado e a sua gestão temporal cabe ao pontífice investido de poder absoluto.

Apesar de a instituição papal excluir logo à partida, por definição, a hereditariedade, a própria natureza eclesiástico-patrimonial do território estatal quando reunida à essência oligárquica do poder vigente em Itália, da qual não estava imune o Sacro Colégio, garantia que fosse sempre assegurada, por um lado, uma continuidade resistente a qualquer mudança pessoal no topo da hierarquia e, por outro lado, uma flexibilidade que permitisse uma rápida adequação a qualquer súbita novidade de natureza política ou geostratégica. A oligarquia eclesiástica de matriz nepótica constituía-se, enfim, como uma efectiva realidade e como a condição por excelência para o perpetuar do poder temporal da Igreja e do seu vértice: a cúria e o papa. Heterogéneo mas tipicamente italiano é, pois, o Estado da Igreja, que tem na natureza singular da forma de eleição papal e dos cardeais o segredo do seu sucesso governativo em praticamente todas as frentes, mesmo quando se verificam acontecimentos traumáticos como os já referidos Cativeiro de Avinhão e o Grande Cisma do Ocidente.

Eleito pelo Colégio dos Cardeais, o papa não é uma exacta monarquia absoluta de tipo moderno. No entanto, esta base electiva, que num primeiro momento se revela uma desvantagem na medida em que deixa o papa no momento da escolha sujeito a, por exemplo, ter de aceitar uma série de "capitulações" ou seja, de pactos que depois até pode nem respeitar, constitui de facto a maior força do pontífice. É o que acontece com Júlio II, que, aquando da sua eleição, promete convocar um concílio e proceder a reformas na Igreja, mas nunca chegando de facto a cumprir o prometimento, culminando todo o processo na revolta dos cardeais cismáticos que convocam eles próprios a reunião conciliar de Pisa-Milão, em 1511-1512[47]. Ou seja, apesar da ideia de dependência inicial, a verdade é que o poder eleitoral que os cardeais possuem,

[47] Cf. Walter Ullmann, "Julius II and the Schismatic Cardinals" in *Schism, Heresy and Religious Protest*, Cambridge, Cambridge University, 1972, pp. 177-193.

decisivo no momento do conclave, é anulado logo a seguir à eleição papal, convertendo-se ao invés num dever de obediência, de subserviência e de adoração relativamente ao papa. Estado de coisas exponenciado pelo facto de ser o papa quem os nomeia. Na prática isto faz com que os cardeais fiquem completamente dependentes da figura institucional que é o pontífice, pois os cargos, os diversos benefícios e as rendas de que beneficiam emanam da sua vontade. É o papa quem deles dispõe em qualquer momento, como o fidalgo de Chaves mostra de forma exemplar em relação a Leão X. Mais ainda! Se um cardeal por qualquer razão cai em desgraça junto do papa, como aconteceu com os cardeais cismáticos em relação a Júlio II e com as figuras cardinalícias envolvidas na conjura de 1517 contra Leão X, qualquer esperança de ascensão a cargos ou benefícios vários fica irremediavelmente eliminada, e não raras vezes a sua própria integridade física é posta em causa, como iremos verificar através do testemunho do criado do duque de Bragança. Por outro lado, sem a vontade pontifica não se pode ascender ao cardinalato, isto é, dela dependem a carreira e a possibilidade de fazer fortuna. Aquilo que, num primeiro momento, aparenta ser uma inabalável fraqueza, revela-se afinal um poderoso instrumento de poder, através do qual é possível controlar de forma totalizante a cúria romana[48]. De muitos destes aspectos dá testemunho o relato do fidalgo português.

Estamos, pois, perante uma dialéctica extremamente dinâmica entre cardeais e papa. Afinal, embora também não disponham do princípio da hereditariedade comum aos príncipes seculares, os detentores da púrpura são efectivamente os príncipes da Igreja e do Estado pontifício, tendo à partida, pelo menos do ponto de vista teórico, todos eles a mesma possibilidade de ascenderem à suprema cadeira de S. Pedro. Na essência, cada um deles é um papa em pequena escala, pois o seu poder na hierarquia da Igreja é imenso e a sua figura está envolta de uma auréola divina como acontece com o pontífice, que sai sempre das suas fileiras. Daí que sejam forçados a manter um

[48] Cf. Ennio Innocenti, *Storia del potere temporale dei papi*, Napoli, Grafite, 2001; Peter Partner, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, Los Angeles, University of California Press, 1979; Idem, *The Pope's men*, Oxford, Clarendon Press, 1990 ; Nicole Lemaitre, "La papauté de la Renaissance entre mythes et réalités" in *La Papauté à la Renaissance, Actes du XLVIe colloque international d'études humanistes*, Tours, 30 juin-4 juillet 2003, Florence Alazard et Frank La Brasca (dir.), Paris, Honoré Champion, 2007, pp. 13-34 ; Paolo Prodi, *Il sovrano pontefice. Un corpo e due anime: la monarchia papale nella prima età moderna*, Bologna, Il Mulino, 2006; Idem, *The Papal Prince. One Body and Two Souls: The Papal Monarchy in Early Modern Europe*, Cambridge, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987; Walter Ullmann, *The Papacy and Political Ideas in the Middle Ages*, London, Variorum, 1976.

alto nível de aparência e ostentação a nível da representação do poder[49]. Eles são e devem parecer o que são.

A maioria deles possui, por isso, uma faustosa corte e sumptuosos palácios, frequentados no quotidiano por uma numerosa prole de familiares de sangue e de criados diversos, todos reunidos numa imensa e extraordinariamente influente rede clientelar, quase sempre fundada no poder veiculado pelos laços de parentesco por parte dos cardeais e dos próprios criados que sempre que podem tentam colocar na corte os seus familiares ou amigos próximos. Nessa medida, também as cortes cardinalícias são como a própria cúria, espaços de organização e distribuição do poder. É todo um aparato de corte e uma ostensiva pompa litúrgica de cargos e benefícios o que se vê circular no dia-a-dia da vida de um cardeal. O facto de, tal como o papa, terem ao seu serviço um mestre-de-cerimónias é bem revelador do seu estado. O fausto material e abstracto é, de facto, companhia impreterível da dignidade cardinalícia, como o demonstram as saídas oficiais, sempre acompanhadas por um vasto séquito, onde inclusive não faltam os homens de armas que saúdam sempre, em Roma, a passagem de um cardeal. Aliás, em Roma, tais missões cardinalícias constituem-se sempre em verdadeiros cortejos que têm sempre o direito de precedência absoluta. Não é, pois, de estranhar que monarcas e grandes senhores laicos paguem fortunas para fazer chegar o capelo a algum dos seus familiares de sangue ou dependentes muito próximos. O poder e a riqueza que tal investidura significava era imenso, sem contar com a própria possibilidade do prémio maior: o pontificado[50].

Embora não beneficie do princípio hereditário e do sentimento dinástico dele resultante que fundamenta em boa parte a relação com os súbditos e constitui afinal um dos traços distintivos das monarquias modernas, o papa governa por direito divino sobre uma imensidão de crentes, algo que nenhum soberano laico consegue, nem mesmo o imperador. É um poder à partida imaterial, mas extremamente intenso e

[49] Cf. Christiane Klapisch-Zuber, "Rituels publics et pouvoir d'État" in *Culture et idéologie dans la Ideologie Genèse de l'Etat moderna: Actes de la ronde tabela organisée par le Centre National de la Recherche Scientifique et l'École Française de Roma*, Roma, 15-17 Octobre 1984, Roma, École Française de Rome, 1985, pp. 135-144.

[50] Cf. Kate J. P. Lowe, *Church and Politics in Renaissance Italy: The Life and Career of Cardinal Francesco Soderini, 1453-1524*, Cambridge, Cambridge University Press, 2002, pp. 37-86; Massimo Firpo, "O Cardeal" in *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 59-98; Peter Partner, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, op. cit.; Idem, *The Pope's men*, op. cit..

facilmente materializável nos constantes actos rituais católicos e nos respectivos mecanismos de poder. Por outro lado, nele enquanto pessoa e enquanto cabeça de uma instituição fundem-se de forma indistinta liturgia e exercício das funções soberanas de carácter secular e temporal. Igreja e Estado combinam-se na mesma figura, garantindo um imenso poder. Dito de outro modo, coincidem de forma total no pontífice a direcção do governo civil do Estado e a administração espiritual da Igreja. Daí decorre que os altos cargos do Estado Pontifico sejam igualmente os altos cargos da Igreja, sendo os cardeais e demais figuras clericais a ocupá-los quase totalmente. Um bom exemplo desta fusão entre o espiritual e o temporal e secular na vida da Igreja Romana são os núncios e os legados, que têm a missão de controlar as questões da política eclesiástica nos vários países com os quais Roma mantém relações diplomáticas e, ao mesmo tempo, ocupam-se do serviço espiritual dos crentes onde quer que estejam. O cardeal secretário de estado e o cardeal camarlengo são, entre si, outro exemplo paradigmático de como a sobreposição de poder eclesiástico e poder civil acontece de forma plena em Roma[51].

Noutra vertente, em Roma o clero é mantido por uma imigração (estrangeira mas sobretudo italiana, sendo as grandes famílias a sua principal fonte) constante, o que faz dele um grupo social tão heterogéneo do ponto de vista das proveniências geográficas quanto pleno de mobilidade. E se lhe está ausente o secular elemento hereditário, o mesmo não acontece com o da continuidade familiar por via da prática do nepotismo – que surgia com maior predominância no vértice da hierarquia eclesiástica –, processo que garante a presença quase constante das principais famílias europeias e sobretudo italianas nas suas fileiras, sobretudo as mais elevadas hierarquicamente.

Por tudo isto, é possível antever o cenário com que o fidalgo se deparou quando chegou a Roma e, sobretudo, quando entrou ao serviço do cardeal de Siena Alfonso Petrucci. Por esta altura, inícios do segundo decénio de Quinhentos, a estrutura monárquico-electiva, absolutista, centralizada no governo e na doutrina, fortemente caracterizada por interesses mundanos e por uma tradição secular e temporal estava plenamente afirmada em Roma. O papa então reinante, Júlio II, foi,

[51] Cf. Alessandro Ferrajoli, *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516*, op. cit.; Gianvittorio Signorotto, Maria Antonietta Visceglia (a cura di), *La corte di Roma tra Cinque e Seicento teatro della politica europea*, Roma, Bulzoni, 1998; Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, op. cit.; Klaus Schatz, *Storia dei Concili: la Chiesa nei suoi punti focali*, Bologna, EDB, 1999.

aliás, um dos maiores ícones deste estado de coisas na longa história da Igreja católica. O fidalgo presenciou, sobretudo com Leão X, de quem dá mais pormenorizada informação a este nível, o cenário do exercício do poder estatal nos domínios pontifícios e duas das suas mais emblemáticas, porque exclusivas, características: os cargos públicos eram apanágio do clero e, consequentemente, estavam repletos da clientela pessoal e da parentela dos prelados mais importantes, os cardeais e o papa; e cada mudança de pontífice era sinónimo da criação de novos cargos e funções em quantidade suficiente para satisfazer a parentela e a clientela do novo eleito. Daí que o nepotismo e o clientelismo praticados ao extremo pelo papa Médici o inquietem tanto. Afinal, quando os seus parentes não faziam parte do clero, não podendo por isso ocupar tais cargos, o papa elevava-os a essa condição, processo facilmente exequível dado que o clero não é exclusivamente composto por sacerdotes[52].

Quando, "a xxbj. dias andados daguosto da sobredita era de 1510"[53], o fidalgo de Chaves entra em Roma de imediato se apercebe de que está perante uma cidade única, quer em termos políticos, quer a nível espiritual[54]. Uma cidade tão complexa, populosa, diversificada, internacional e cosmopolita, que nenhuma outra capital se lhe podia comparar, nem Lisboa ou Sevilha, à época verdadeiros centros urbanos de carácter internacional devido ao trato que pelos seus portos passava:

> "E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte."[55]

Mas falar da Europa e da Cristandade no início do século XVI é forçosamente falar da expansão do turco otomano, que ameaçava de forma cada vez mais premente os territórios cristãos, inclusive a Itália, em cuja região de Otranto fez, em 1480, desembarcar uma força armada. Trata-se de dois percursos e evoluções indissociáveis

[52] Cf. Alessandro Ferrajoli, *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516*, op. cit.; Gianvittorio Signorotto, Maria Antonietta Visceglia (a cura di), *La corte di Roma tra Cinque e Seicento teatro della politica europea*, op. cit..
[53] *MFC*, 139v.
[54] Cf. Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, Roma, Newton Compton Italiana, 1972; Pietro Paschini, *Roma nel Rinascimento*, Bologna, Cappelli, 1940, pp. 390, 436, 446-453; Sergio Gensini, *Roma capitale (1447-1527)*, Roma, Pacini, 1994.
[55] *MFC*, 183v.

quando se pretende estudar o início do século XVI na Europa, na medida que em interferiram, articularam-se e condicionaram-se mutuamente de forma estreita. Não é, aliás, por acaso, que a figura do Turco é presença (e sombra) constante nas *MFC*.

Edificado na centúria de Trezentos o império turco estendia-se a três continentes: Europa, África e Ásia, de onde era proveniente a etnia otomana[56]. Consolidado lentamente com sucessivas conquistas territoriais, o espaço turco foi crescendo ao mesmo ritmo das suas vitórias militares. De tal forma que no início do século XVI eram uma ameaça tão incontestada quanto bem presente no espaço da Cristandade. Os apelos para a união frente a tal perigo eram vários, seculares e provenientes do coração da Igreja, no entanto, o contexto político europeu coevo, com o fidalgo demonstra de forma inequívoca no seu relato, inviabilizava sempre tal iniciativa cada vez mais urgente.

De alguma forma menosprezada pela Cristandade ocidental, pelo menos nos anos imediatamente anteriores e posteriores (como comprova a falta de ajuda mesmo após ter sido aprovada no próprio concílio de Basileia[57] [1431-1445]), a queda de Constantinopla veio a revelar-se decisiva para a permeabilidade do mundo balcânico e do sudeste europeu. Com efeito, após a queda da Segunda Roma, não mais foi possível suster o avanço turco para o interior da Europa. A "porta" tinha sido aberta e só em Viena (1529), já bem dentro do solo cristão, e em Lepanto (1571) tal fúria seria, momentaneamente (pois o turco insistirá no avanço até bem mais tarde) travada.

Para bem dos cristãos o facto de o sultão governar sobre tão vasto território e o seu exército ter de combater em fronteiras tão distantes umas das outras, de alguma forma permitiu que o avanço sobre a península itálica nunca chegasse a acontecer da mesma forma que se passara com Bizâncio. Depois, a *Sereníssima*, pela sua extrema proximidade geográfica, estava consciente da ameaça turca e suspendia sempre que podia esse avanço, fosse pelo acordo diplomático, pela via militar ou ainda por intermédio dos pactos comerciais – durante a guerra de 1469-1479, a poderosa República teve mesmo de abandonar o Negroponto aos otomanos, bem como várias ilhas do Egeu e diversos outros pontos de apoio na Moreia e no Epiro[58].

---

[56] Cf. Donald Quataert, *O Império Otomano. Das origens ao século XX*, Lisboa, Edições 70, 2008, pp. 13-58; Jean-Michel Salmann, *Géopolitique du XVI^e siècle: 1498-1618*, op. cit., pp. 211-285.

57 Também conhecido como concílio de Basileia-Ferrara-Florença.

[58] Dimitri Kitsikis, *O Império Otomano*, Porto, Rés Editora, 1996; Donald Quataert, *O Império Otomano. Das origens ao século XX*, op. cit., pp. 13-58.

O poderio otomano, no mar e em terra, era inequívoco. Uma a uma, as oposições cristãs europeias, na sua maioria de fé ortodoxa, vão caindo nas mãos do sultão: a Sérvia é derrotada nas duas grandes batalhas do Kosovo (1389 e 1448), deixando assim aberta a via para a conquista efectiva de Constantinopla, que, em 1453, já estava completamente rodeada pelos turcos. O que levanta outra questão: ainda que a cidade se mantivesse, como faria para se preservar no tempo se estava completamente cercada não apenas por exércitos, mas sobretudo por territórios já em posse dos turcos? O fim do império bizantino era pois inevitável, assim, aliás, como o da intrépida mas irremediavelmente isolada Trebisonda.

Nesta medida, a queda de Constantinopla às mãos do turco inscreve muito mais o seu impacto na simbólica do poder (em particular, decorridos alguns anos, no Ocidente – com especial atenção para a cúria –, que acabou por constatar o erro crasso de não ter apoiado a defesa armada da grande metrópole quando ainda tinha margem para o fazer) do que até na questão territorial propriamente dita, pois, como já se referiu, a cidade estava cercada por possessões territoriais turcas. No Leste europeu este evento foi traumático para os cristãos, pois sabiam que agora o avanço turco era uma realidade inultrapassável. O império do sultão consolidava-se, pois, mediante um acto de pura representação do poder: após a conquista da praça ordena a simbólica transferência da sua capital para Constantinopla. Até o próprio facto de o último imperador bizantino ter morrido a combater nas muralhas da fustigada urbe simbolizava o fim irremediável de uma era para os três continentes então conhecidos.

A base militar que os cristãos perderam, foi a mesma que permitia doravante aos turcos avançar para o interior da Europa cristã até final do século XV. A cronologia demonstra-o bem: o Peloponeso cai em 1458, a Bósnia e parte da Hezergovina em 1462, a Albânia em 1478. Em suma, à chegada do novo século, o turco era a potência hegemónica no sudeste europeu e, com particular relevância geoestratégica, no Mediterrâneo Oriental. Não é de estranhar, pois, que no século XVI o grande opositor dos todos poderosos Habsburgo, na figura do império hispânico de Carlos V, venha a ser o império turco.

Em 1512, com a morte do sultão Bazajeto II (c.1448-1512), a liderança otomana muda com a ascensão do filho deste, Selim I, *o Cruel* (1470-1520), que apesar de ter reinado apenas durante oito anos conseguiu neste tão breve período aumentar quase no dobro os territórios do império otomano, que doravante englobava

a Síria, a Hejaz e o reino mameluco do Egipto. A Arábia e as cidades santas do Islão ficavam agora nas mãos turcas, que incontestavelmente apresentavam-se ao mundo como os grandes arautos e defensores do islamismo – Selim inscreve simbolicamente entre os seus títulos o de Califa.

O seu filho, Soleimão I, *o Magnífico* (1494-1566) chega ao poder em 1520 – precisamente o ano em que Carlos V, o seu grande adversário, é coroado imperador do Sacro Império Romano-germânico – e dá início ao sultanato mais famoso e vitorioso da histórica do império otomano, coincidindo, segundo opinião unânime dos historiadores, com o seu apogeu. Um verdadeiro "choque de titãs" iria ter início nesta data, que, do ponto de vista simbólico, foi muito utilizada pela propaganda cristã. Sem problemas para resolver a Sul e a Oriente, o pai já havia removido esse obstáculo, o sultão estava em plenas condições de avançar de forma determinada para o interior do cobiçado continente europeu. Em 1521, conquista Belgrado e no ano seguinte a ilha de Rodes, onde os cavaleiros Hospitalários imortalizaram o seu nome com uma defesa de tal forma corajosa que o próprio sultão lhes garantiu a passagem segura para a ilha de Malta. Em 1526 leva a melhor sobre o exército magiar na batalha Mohács – de forma simbólica, o próprio rei Luís II da Hungria (1506-1526), que comandou pessoalmente o seu exército na batalha, conta-se entre os que então encontraram a morte. Face às incursões sucessivas de Soleimão I no seu território, o monarca húngaro tentou desesperadamente unir a Hungria à Cristandade. No entanto, apenas o papado lhe forneceu alguma ajuda, o que por si só é bem expressivo do quadro político que imperava na Europa ocidental, totalmente empenhada nas guerras em Itália. O sultão tornou-se senhor incontestado da maior parte da Hungria. Este é o momento que faz a Europa ocidental despertar sobressaltada, para não dizer em pânico, face à ameaça turca.

Daqui os exércitos do sultão avançam de forma ininterrupta até às portas de Viena, onde são finalmente sustidos, em 1529, após um cerco tão violento quanto dramático, que faz com que o próprio Martinho Lutero apele à cruzada contra o infiel. O simbolismo desta batalha é fundamental, pois representa o fim da invencibilidade turca no imaginário colectivo cristão da época. De salientar o auxílio financeiro prestado então ao imperador por D. João III. O derradeiro e decisivo confronto armado entre turcos e europeus ocorrerá no Mediterrâneo, em 1571, já sob o sultanato de Selim II (1524-1574), na célebre batalha naval de Lepanto, a qual representa o fim

da expansão islâmica no Mediterrâneo e na Europa continental no século XVI. Ainda que o perigo turco não tenha sido definitivamente eliminado, pois, em 1683, os otomanos voltariam a cercar Viena, o facto é que não mais o poderio turco seria incontestado quer no Mediterrâneo, quer em solo europeu cristão[59].

No quadro de todas estas transformações, de cujos traços dominantes procurámos dar conta para um mais concreto enquadramento e inteligibilidade da fonte que iremos estudar, a nossa dissertação terá, pois, como campo de análise as visões da Europa veiculadas nas *MFC.* E, neste âmbito, a sua perspectiva central incidirá sobre a sociedade, o quotidiano e o poder nos alvores do século XVI em Itália e mais especificamente em Roma – espaço político-religioso fundador onde as grandes potências coevas disputavam a hegemonia sobre o *Velho Continente*.

Extraordinário e pormenorizado testemunho da Roma, da cúria, das tensões bélicas e do quotidiano italiano do início de Quinhentos, à excepção dos artigos sumários de Eugenio Asensio e de Aníbal Pinto de Castro, o manuscrito que contém as *MFC* nunca foi objecto de publicação nem de um estudo sistemático[60], permanecendo inédito. Inclusivamente manteve-se, até ao momento, por transcrever.

O primeiro investigador a referenciar o documento, ainda que de forma bastante breve e parcelar, foi Luís de Matos. Na sua célebre conferência proferida no Paço Ducal de Vila Viçosa, em 15 de Outubro de 1955, intitulada *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento,* este investigador anunciava então a sua intenção de estudar de forma aprofundada os seus conteúdos e também de publicar as *MFC*[61]. Outros autores[62] nos seus escritos referem as *MFC,* mas apenas de passagem e, na maioria dos casos, repetindo o que os anteriores já equacionaram.

---

[59] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III (1502-1557)*, op. cit., pp. 102-108; Daniel Goffman, *The Ottoman Empire and Early Modern Europe*, New York, Cambridge University Press, 2002; Dimitri Kitsikis, *O Império Otomano*, op. cit.; Donald Quataert, *O Império Otomano. Das origens ao século XX*, op. cit., pp. 13-58; Halil Inalcik, *The Ottoman Empire: The Classical Age 1300-1600*, New Rochell (NY), Aristide D. Caratzas, 1989, pp. 193-245; Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Lisboa, Edições 70, 2004, pp. 17-39; Stephen Turnbull, *The Ottoman Empire 1326-1699*, New York, Routledge, 2003.

[60] Cf. Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16; Eugenio Asensio, *op. cit.*.

[61] "Publicaremos oportunamente este curioso manuscrito." *in* Luís de Matos, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento,* Conferência proferida no Paço Ducal de Vila Viçosa, em 15 de Outubro de 1955, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956, p. 31.

[62] Como Silvio A. Bedini, Luciana Stegagno-Picchio, Sylvie Deswartes-Rosa e Maria de Lurdes Rosa, entre outros.

Noutra vertente, as imagens e representações da Europa na documentação portuguesa durante a passagem da Idade Média para a Época Moderna e, especificamente, o estudo da presença portuguesa em Roma neste período de encruzilhada são temas que estão longe de se encontrarem esgotados. Com efeito, as relações portuguesas com outros continentes (África, América e Ásia), proporcionadas pelas viagens via oceanos Atlântico e Índico, têm sido sistematicamente estudadas, sobretudo no quadro das investigações acerca dos Descobrimentos e da expansão portuguesa de Quatrocentos e Quinhentos. No entanto, exceptuando alguns estudos sobre diplomacia que incidem, sobretudo, num período um pouco mais tardio (o reinado de D. João III [1502-1557]) e outros que se dedicam às célebres embaixadas do início do século XVI, em especial a do Rei D. Manuel (1469-1521) ao Papa Leão X (1475-1521), em 1514, pouco se tem avançado no estudo das relações com a Europa, em particular no campo da presença portuguesa em Itália durante as chamadas "Guerras de Itália" (1494-1559), bem como durante o conturbado período do final do pontificado de Júlio II (1503-1513) e do início do de Leão X (1513-1521).

Sendo este o magro estado da arte relativo a tão precioso documento, foi nossa intenção não só transcrever integralmente o documento, para o colocar à disposição de outros investigadores enquanto fonte histórica, como desenvolver uma leitura crítica e interpretativa do mesmo e das suas diversas vertentes, levantando novas problemáticas, avançando hipóteses e ensaiando explicações, porventura em alguns momentos arrojadas, mas com o cuidado de serem sempre plausíveis e fundamentadas. Enquadrado, pois, o estudo aqui apresentado em termos do panorama historiográfico e no que diz respeito à definição precisa do sujeito objecto de análise, avancemos para a delimitação espaço-temporal da leitura crítica a edificar.

O fidalgo de Chaves esteve em terras italianas entre 1510 e 1517, período sobre o qual o testemunho que desenvolve, na sua grande maioria, versa. A redacção, por sua vez, ocorreu algures na segunda metade de 1521. Nesta medida, o período em que o autor habitou em Itália no início do século XVI, constitui, em traços gerais, o limite temporal do nosso trabalho. O século XVI é tão "longo" quanto rico, pelo que se revelou fundamental para o nosso projecto delimitar de forma nítida o período de análise. O espaço geográfico, naturalmente, é a Itália e especificamente Roma, sem nunca esquecer, contudo, o que se passa em Portugal, cuja realidade, sobretudo política,

é evocada sempre que o tema em debate o exija, e uma vez que a própria natureza e produção do texto o impõe.

A dissertação articula-se, assim, em sete partes principais, reveladoras de outras tantas problemáticas inerentes à construção do texto pelo seu autor.

O primeiro momento (*Parte I – Singularidades de um documento quinhentista*) que contemplaremos no tratamento desta fonte diz respeito ao seu valor enquanto documento histórico. Pleno de particularidades na sua maioria tão originais quanto cativantes para o desenvolvimento de uma análise historiográfica, o resultado do labor do fidalgo de Chaves constitui, em nossa perspectiva, um precioso reflexo da época que pretende descrever.

A segunda parte (*Parte II – A autoria das chamadas Memórias de um Fidalgo de Chaves: um problema resolúvel?*) polariza-se em torno da questão da autoria. Num primeiro avanço traçamos o estado da arte em relação a esta questão fundamental, onde se destaca o esforço de Aníbal Pinto de Castro no sentido de deslindar a questão da identidade onomástica do fidalgo de Chaves. Todavia, apesar dos importantes progressos que realizou, nomeadamente ao ter eliminado algumas hipóteses até então consideradas credíveis, não conseguiu efectivamente resolver o enigma. Deixa, contudo pistas pertinentes para procurar resolver o problema da autoria: investigar o círculo de portugueses que então frequentavam a Universidade de Siena[63]. Investigámos esses indícios, sobretudo em Roma, mas a busca foi improdutiva[64].

Noutra vertente, analisámos igualmente outros indícios como os que apontavam para os trabalhos de António Caetano de Sousa e do Abade de Baçal, mas sem resultados práticos. A questão do anonimato do autor encontra-se, portanto, por resolver. No entanto, invocando Michel Foucault, consideramos que todos os textos são portadores de signos que reenviam para o autor, o que faz com que se torne prioritário tentar elaborar uma proposta de perfil; intenção a que damos corpo no segundo momento desta parte específica do nosso estudo. Finalmente, num terceiro ponto, indagamos sobre a validade de uma hipótese que se nos apresenta como verosímil desde

[63] Cf. Aníbal Pinto de Castro, *op. cit*..
[64] Efectuámos as nossas pesquisas nas seguintes bibliotecas de Roma: Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, Biblioteca di Storia Moderna e Contemporanea, Biblioteca di Archeologia e Storia Dell', Biblioteca Universitaria Alessandrina, Biblioteca Casanatense, Biblioteca Vallicelliana, Biblioteca Angelica, Biblioteca del Dipartimento di Storia Moderna e Contemporanea della Università degli Studi di Roma La Sapienza.

as primeiras leituras que efectuámos do texto: a de que o fidalgo de Chaves se deslocou a Roma ao serviço do seu senhor, ou seja, de que estamos efectivamente perante um agente em missão, sendo, nesse sentido, as *MFC* o resultado de uma encomenda feita por D. Jaime de Bragança ao seu criado.

No conjunto destas duas primeiras partes – através, nomeadamente, da exploração das problemáticas da datação e da autoria – avaliamos, pois, da fiabilidade e da credibilidade documental das *MFC* enquanto fonte de elevado valor histórico-cultural.

Na terceira parte (*Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder*) analisamos um elemento transversal a toda a fonte e que surge ao longo dos seus fólios como um verdadeiro alicerce da abordagem efectuada pelo autor: o poder. Com efeito, intentaremos aqui explorar tal tópico nas suas múltiplas expressões e evidências, com particular destaque para as embaixadas à cúria pontifícia onde a festa, a propaganda e a simbólica do poder são núcleos estruturantes, o novo modelo do príncipe que marca o início do Estado moderno e a própria cúria romana com todo o seu pragmatismo e uma ampla rede de cumplicidades e de poderes em exercício.

O quarto grande momento do nosso estudo (*Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália*) tem como objectivo a prosseguir a explicitação do contexto militar da época pela voz do fidalgo de Chaves. Com efeito, o autor flaviense dá a ver no seu relato como, no quadro do confronto das potências emergentes, a Espanha e a França, os destinos políticos da Europa são decididos no teatro maior do desenvolvimento das *Guerras de Itália* (1494-1559). Da descrição dos conflitos armados ao apelo às guerras de Cruzada, passando pelos novos armamentos e a inovadora linguagem da arquitectura militar que impera em Itália, nada escapa ao olhar perscrutador do fidalgo e ao seu implacável, fino, mas também emotivo, juízo crítico. Da mesma forma, entre outras problemáticas, são evocadas pelo autor no seu impressivo relato as brutais consequências da guerra, a controversa questão dos mercenários *vs* milícia urbana e o facto tão chocante quanto irrefutável do topo da hierarquia da Igreja ser, directa ou indirectamente, um dos grandes protagonistas nos campos de batalha italianos.

Uma quinta parte (*Parte V – Paisagens romanas*) é dedicada à heterogénea sociedade romana e ao seu intenso quotidiano[65], bem como a tópicos estruturantes no conjunto da fonte como a diplomacia (afinal, é em Roma que agentes e diplomatas, numa actuação tão complexa quanto intensa, irão lançar os fundamentos de uma nova era diplomática), o novo tipo social do homem de corte, o património construído romano e o cosmopolitismo romano de Quinhentos.

Já a sexta parte do nosso estudo (*Parte VI – Imaginários de um mundo que muda*) divide-se em três debates fundamentais. O primeiro diz respeito à análise da forma como o autor transmite no seu testemunho a experiência física e humana da nova era que já começou em Roma, nunca sendo esta, saliente-se, tomada como um fenómeno amplo sem precedentes históricos, ou seja, isenta das contribuições essenciais da Idade Média. No segundo procedemos à leitura crítica dos exercícios de alteridade presentes nas *MFC*. E, por último, no terceiro debate, abordamos a questão das identidades da Europa presentes na fonte. Apontam elas para continuidades, confrontos ou rupturas? É a Europa ainda vista como exacto sinónimo de Cristandade ou aponta já para algo mais, ainda que mantendo uma inegável ligação àquela?

Finalmente, a sétima e última parte da nossa dissertação consiste na transcrição e fixação integrais do texto manuscrito das *MFC*, um passo imprescindível ao seu estudo e à sua utilização, insistimos, por outros investigadores, sendo apresentados os critérios seguidos no processo de transcrição. O objectivo foi, sintetizando, através de uma edição paleográfica, no sentido que lhe atribuíram Avelino de Jesus da Costa[66] e Oliveira Marques[67], respeitar o máximo possível o texto do manuscrito, sem que este deixe no entanto de ser acessível e inteligível. A transcrição é seguida da apresentação do índice dos títulos dos capítulos do texto.

Naturalmente, o desenvolvimento do estudo realizado envolve todo um *corpus* documental e discursivo coevo que nunca poderia estar ausente de uma dissertação com as características da nossa. Nele destacaremos *O Príncipe* (1532, Maquiavel),

[65] Neste tópico damos particular atenção à figura da mulher, em especial a cortesã romana, e às festas, sem contudo deixar de evocar elementos como a alimentação, o vestuário, a caça, a música, a violência civil e a aplicação da justiça.
[66] Cf. P. Avelino de Jesus da Costa, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 3ª edição, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.
[67] Cf. A. H. de Oliveira Marques, "Prefácio", in *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes*, Larry King (edição diplomática), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1978, pp. 17-19.

Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio (1531, Maquiavel), *História de Itália* (1540, Francesco Guicciardini), *Cartas de Itália* (1452, Lopo de Almeida), *A Civilidade Pueril* (1530, Erasmo), o *Elogio da Loucura* (1509, Erasmo), *O Cortesão* (1528, Baldassare Castiglione), *De Cardinalatu* (1510, Paolo Cortesi), *Elogia Virorum Bellica Virtute* (1551, Paolo Giovio), *Utopia ou A melhor forma de governo* (1516, Thomas Morus). Esta "constelação" de fontes secundárias estende-se a outras obras marcantes, possíveis de averiguar na bibliografia anexa ao presente trabalho.

Insistimos no carácter singular da fonte documental que constitui o núcleo da investigação aqui apresentada. Assim, ao longo do desenvolvimento destas sete partes temos de ter sempre presente que estamos a trabalhar sobre uma realidade pluridisciplinar e pluritemática, tal como é, afinal, transmitida na sua feição poliédrica pelo fidalgo de Chaves. Ou seja, quando falamos, por exemplo, do pontificado de Leão X a nível da política, é fundamental ter em conta o contributo económico, militar, religioso, cultural e artístico do mesmo, bem como, de uma forma mais ampla, o respectivo contexto italiano.

Outra dimensão que procurámos sempre evidenciar, também em articulação com a própria natureza das *MFC*, foi a dimensão iconográfica. Na verdade, dado que as *MFC* se apresentam, sob determinada perspectiva, como uma autêntica corografia, considerámos pertinente complementar as informações textuais veiculadas pelo autor – que são, de resto, muitas vezes extremamente detalhadas e poderosamente evocativas do ponto de vista visual - com um suporte iconográfico adequado, que esclarecesse do ponto de vista imagético o que o fidalgo de forma tão esforçada transmitiu por escrito.

Esta tentativa de complemento ou reforço do texto pela imagem verificou-se sobretudo em dois domínios: no quadro da embaixada portuguesa de obediência a Leão X liderada por Tristão da Cunha e no âmbito da descrição pelo autor das estações quaresmais romanas e correspondentes igrejas. Naturalmente, procurámos sempre ilustrar o texto com imagens o mais próximas possível em termos cronológicos do período em que o autor habitou na *Cidade Eterna* e ao qual o texto no seu todo reporta.

Também a cartografia ganha importância especial na nossa dissertação, na medida em que ajuda a compreender o grau de complexidade das *Guerras de Itália*, afinal, o pano de fundo histórico das *MFC*. Assim, procedemos ao registo cartográfico

da viagem do fidalgo de Chaves em direcção a Roma e do seu regresso a Portugal. Cartografámos igualmente as cidades italianas mais evocadas ao longo da fonte – neste ponto é de salientar que não nos foi possível registar em mapa as deambulações do viajante flaviense por Itália devido ao facto de as referências a tais deslocações serem esparsas e sem sentido de percurso, ou seja, constituírem mais indícios do que propriamente indicações claras e objectivas de que esteve nos lugares (por exemplo, ficamos a saber que esteve em Siena apenas porque na descrição de algo referente ao cardeal Alfonso Petrucci fala subitamente desse aspecto).

Ao tratar-se uma fonte com a natureza tão diversa sob o ponto de vista temático das *MFC*, deparamo-nos com uma imensa bibliografia sobre a época e o espaço em questão, mas também sobre os grandes acontecimentos e figuras envolvidas, que servem, afinal, de pano de fundo ao nosso estudo e ajudam a esclarecer tantos passos da longa e minuciosa narrativa do fidalgo anónimo. Assim, no que diz respeito à pesquisa bibliográfica procurámos, essencialmente, recorrer a obras consideradas de maior validade em termos de actualidade e pertinência historiográfica, dando particular destaque à historiografia italiana, que foi possível compulsar durante a nossa estadia em Roma no decorrer da investigação.

Imprescindíveis foram, no que diz respeito à bibliografia estrangeira, os estudos de John Hale, Fernand Braudel, Eugenio Garin, Jean Delumeau, Ferdinand Gregorovius e, obviamente, Ludwig von Pastor, cuja monumental obra sobre a história do papado, apesar de tantos anos decorridos sobre a sua publicação original, continua sem rival. Ainda no campo da bibliografia estrangeira, foram-nos particularmente úteis as obras de José Antonio Maravall, Peter Burke, Sylvie Deswarte e, claro está, Lucien Febvre, Jacques Heers, Margaret L. King, Julian Klaczko, Emmanuel Le Roy Ladurie, Paul Larivaille, Kate J. P. Lowe, Nelson Hubert Minnich, Francis Oakley, Peter Partner, William Roscoe e Dorothy P. Kidder, Christine Shaw, James Henderson Burns, Quentin Skinner, Leo Strauss e Frederick Lewis Taylor.

No que diz respeito aos estudos específicos sobre a Itália do Renascimento – nas suas mais variadas facetas mas com particular incidência para os campos religioso, político, social e das mentalidades –, dada a rarefacção em Portugal de obras de autores italianos, tornou-se inevitável uma deslocação a Roma, como referimos. Na mesma cidade onde há cerca de cinco séculos o fidalgo de Chaves circulou visitámos algumas das mais importantes bibliotecas para o período cronológico em questão. Foi então

possível, de forma muito proveitosa para o nosso trabalho, aceder a bibliografia realmente especializada, da qual salientamos, entre outros, os magníficos trabalhos de Paolo Prodi, Alberto Tenenti, Carlo Falconi, Marcello Fantoni, Alessandro Ferrajoli, Giuseppe Galasso, Maurizio Gattoni, Sergio Gensini, Domenico Gnoli, Carlo Ossola, Pietro Paschini, Battista Picotti, Paolo Portoghesi, Adriano Prosperi, Pierre Rodocanachi, Daniela Romagnoli, Pietro Romano, Gigliola Soldi Rondinini, Gianvittorio Signorotto, Maria Antonietta Visceglia e o incontornável Fabrizio Winspeare.

Já no plano nacional, entre diversas outras não menos importantes, em que se incluem as várias Histórias de Portugal publicadas nas últimas décadas, destacam-se as obras de Rafael Moreira sobre a influência da linguagem arquitectónica italiana em Portugal no período do Renascimento, António José Saraiva no que respeita à história da cultura em Portugal no início do século XVI, Mafalda Soares da Cunha, cujos trabalhos sobre a Casa de Bragança são imprescindíveis num qualquer estudo que se debruce sobre D. Jaime, o 4º duque brigantino, João Paulo Oliveira e Costa e Ana Isabel Buescu, respectivamente sobre os reinados de D. Manuel I e D. João III e as relações estabelecidas entre Portugal e a Itália neste período de mutação em toda a Europa. No que respeita à questão central da Igreja e das relações de Portugal com o papado socorremo-nos da *História da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida, do *Dicionário de História Religiosa de Portugal* dirigido por Carlos Moreira de Azevedo e dos vários estudos da autoria de José Pedro Paiva.

Em síntese, transcrever integralmente e fixar este precioso texto quinhentista inédito, procurar identificar o seu autor ou dele construir um perfil verosímil, estudar e contextualizar, sob o ponto de vista histórico, os seus conteúdos, retirando da obscuridade um extraordinário testemunho português da Europa do tempo, são, pois, os objectivos principais desta dissertação. Daí, aliás, a formulação final do seu título: *Visões da Europa nas Memórias de um Fidalgo de Chaves (1510-1517). Sociedade, quotidiano e poder num manuscrito inédito do século XVI.*

Possuidoras de uma enorme riqueza de informação, as *MFC* representam um monumental objecto de pesquisa, em particular quando a temática incide sobre as relações entre Portugal e Roma, enquanto capital da Cristandade ocidental, as visões da Europa na produção literária portuguesa do início do século XVI e a própria situação política da Europa ocidental, que tem em terras italianas a sua mais expressiva

materialização. Porque, como já destacámos, não existem muitos estudos que explorem estas áreas, o seu tratamento é tão urgente quanto pertinente.

É também, e justamente neste contexto de rarefacção, que o documento que nos propomos dar a conhecer e estudar assume toda a sua importância e singularidade, já que se trata de um testemunho único, pela sua importância intrínseca e dimensão, e quase desconhecido dessa pouco explorada temática das viagens, imagens e representações do continente europeu no século XVI.

~

O trabalho científico levanta sempre inúmeras dificuldades e lacunas, mas revela-se também um inspirador exercício para melhor tentar compreender a posição humana no tempo e no espaço que habita e transforma. Daí sentir-me devedor de todo um conjunto de pessoas (familiares, amigos e colegas), cuja ajuda foi preciosa para a prossecução deste trabalho. Sem eles certamente nada se concretizaria e, por isso, a todos eles expresso a minha sincera e profunda gratidão.

Especiais agradecimentos vão para o saudoso Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro, que em boa hora e tão gentilmente nos facultou o acesso ao documento em questão. A ele ficamos gratos pela possibilidade de estudar tão precioso manuscrito. Estivesse ainda entre nós e certamente faria parte do Júri que irá avaliar a nossa dissertação.

Uma palavra de agradecimento também para a Professora Doutora Mafalda Soares da Cunha, que tão esclarecedor auxílio nos prestou em relação à tentativa de levantar o véu sobre o anonimato do fidalgo de Chaves.

Também aos prestáveis funcionários das bibliotecas que visitei em Portugal e em Itália deixo o meu reconhecimento. Sem o seu profissionalismo e simpatia tudo ficaria certamente mais difícil na prossecução da investigação que me propus elaborar.

Devo ainda referir a *FCT*, cuja Bolsa de Doutoramento se revelou crucial para o desenvolvimento e conclusão deste estudo. A esta instituição, o nosso trabalho é igualmente muito devedor.

Mas é à minha Orientadora, a Professora Doutora Ana Isabel Buescu, a quem devo a maior gratidão. Sem a sua amizade, disponibilidade e exemplar competência e

profissionalismo simplesmente esta longa *viagem* nunca teria sido possível. O seu apoio e sincero incentivo, sempre presentes, em particular nos mais difíceis momentos, tudo determinaram para que este estudo se tornasse realidade e a sede de ser aprendiz de historiador fosse continuamente acrescentada.

Parte I – Singularidades de um documento quinhentista

Intitulado "Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue"[1], o texto que tomamos como principal fonte documental da nossa dissertação ocupa os fólios 136r – 227v de uma miscelânea portuguesa, manuscrita e encadernada em pergaminho, que totaliza 250 fólios e contém 39 peças[2]. Está presente, com a classificação N-76 / Varios Portugueses (Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v), na prestigiada *Colección de Don Luis de Salazar y Castro* da Academia de História de Madrid, procedendo muito provavelmente de uma biblioteca nobiliária portuguesa não identificada.

Em 1667 surge incluído no catálogo impresso do Marquês de Montealegre que o bibliófilo espanhol Antonio Rodríguez-Moñino deu a conhecer[3]. Aí, na página 63, a colectânea em que se insere surge catalogada da seguinte forma: "Varios tratados en prosa y verso con algunas Comedias y otros apuntamientos históricos escritos en lengua Portuguesa; no consta el Autor, en 4º. M. S." Provável reprodução de um original perdido em língua portuguesa, de autor anónimo[4], o manuscrito, igualmente em português, não tem data, mas a caligrafia do copista fornece pistas que permitem avançar a hipótese de estarmos perante uma cópia da segunda metade do século XVI[5]. Contém 92 fólios ao longo dos quais se destacam a letra densa e cerrada a uma mesma mão, bem como uma mancha de texto que ocupa quase a totalidade de cada fólio.

Infelizmente, o próprio autor refere terem-se perdido alguns dos seus apontamentos: "muitas outras Rezões vi E ouvia praticar que nam ousaria bem escreuer. ca muitos dos portacolos em que tinha escritas estas E outras muitas cousas perdi."[6] Provavelmente serão estas as lacunas que o copista escrupulosamente assinala com a

[1] *MFC*, f. 136r.
[2] De salientar que os primeiros 39 fólios encerram a novela *Menina e moça* de Bernardim Ribeiro.
[3] Cf. Antonio Rodríguez-Moñino, *La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)*, Madrid, s.n., 1951, pp. 63 e 68, nº 258.
[4] Aspecto que iremos aprofundar no tópico seguinte: *Parte II – A autoria das chamadas* Memórias de um Fidalgo de Chaves*: um problema resolúvel?*
[5] Cf. Eugenio Asensio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), descripción de la Roma de Julio II y Léon X" in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, pp. 7-28.
[6] *MFC*, f. 145v.

advertência "aqui falta" nos capítulos em que se narra o acesso a Bolonha pelos franceses[7] e os costumes das cortesãs romanas[8].

Como foi oportunamente apontado na *Introdução*, até ao presente, à excepção dos referidos artigos do Eugenio Asensio e de Aníbal Pinto de Castro, o manuscrito que contém as *MFC* nunca foi objecto de publicação nem de um estudo sistemático[9]. Luís de Matos já havia referenciado o documento em 1955, no entanto de forma bastante breve e parcelar. De realçar, todavia, que nessa mesma referência anuncia a sua intenção de estudar e publicar as *MFC*: "Publicaremos oportunamente este curioso manuscrito."[10]

A quase totalidade do conteúdo do texto – conhecido como *Memórias de um Fidalgo de Chaves* – diz respeito a acontecimentos ocorridos em solo italiano, que podemos situar cronologicamente entre 1510 e 1517, período durante o qual o autor habitou em Roma. As *MFC* apresentam 106 capítulos claramente identificados[11] e uma estrutura narrativa complexa e sinuosa, na medida em que o autor salta por vezes de tema para tema, acabando sempre, no entanto, por retomar o fio condutor da relação. No essencial, consta de uma breve introdução ou prólogo (não assinalada como tal), que exerce igualmente a função de título da exposição no seu todo[12]. Segue-se a descrição da viagem para Roma, que antecipa o tronco principal da narrativa[13].

A jornada para Itália é relativamente curta, totalizando apenas oito fólios do total do texto. Apresenta, no entanto, um inegável interesse, ao dar a conhecer, de forma minuciosa, o seu itinerário até Roma. O fidalgo parte de sua casa, em Chaves, a 21 de Maio de 1510, em direcção a "valledolid" onde coloca o "dinheirro que leuaua em banco". Daqui parte para "Çaraguosa", assumindo o texto nesta fase preliminar um tom de diário de viagem:

---

[7] *MFC*, f. 144r.
[8] *MFC*, f. 206r.
[9] Cf. Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16; Eugenio Asensio, *op. cit*., pp. 7-28.
[10] Luís de Matos, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, Conferência proferida no Paço Ducal de Vila Viçosa, em 15 de Outubro de 1955, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956, p. 31.
[11] *Vide* ponto 3 (*Lista dos títulos dos capítulos*) da sétima parte do presente estudo (*Parte VII – Memórias de um Fidalgo de Chaves – Transcrição e anotação do texto manuscrito*).
[12] "Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue." in *MFC*, f. 136r.
[13] *MFC*, f. 136r a f. 139v.

> "E avidas minhas çedolas pera os Respondentes de Roma, me detiue seis dias esperando companhia pera araguão onde el Rei dom fernando estaua fazendo cortes na çidade de monção. estando Aa Janella da pousada vi entrar hum homem de caualo mui bem vestido A maneira de soldado, em corpo, em outra estalaJem [.] E trazia nas ancas do caualo huma balisa de vestidos. E huum moço a pee. pareçendome homem que hia pera longe fui falar com elle. disseme que hia pera a corte. conçertamos nossa partida E Jndo huma Jornada de valledolid achamos hum escudeiro do assistente do conçelho que hia a el Rei sobre o bispado de cordoua. E com quanto o neguoçio era de Jmportançia, a pressa nam era tanta que nos fizesse tomar a madruguada mais çedo, nem a pousada mais tarde. eram ambos pessoas honrradas. o primeiro era gualeguo E fora capitão em companhia de pero navarro. o outro era castelhano. E cheguados a çaraguoça apartaranse de mjm E foranse pera monção. eu estiue em çaraguoça oito dias esperando companhia E olhando todalas cousas notauees da çidade"[14].

De Saragoça parte com alguns companheiros de viagem para Barcelona, aproveitando entretanto – após escaparem "dalgumas afrontas de ladroens"[15] – para visitar "a casa de nossa senhora de Monserrate"[16] e ver "as hermidas da serra"[17]. Chegado à célebre cidade condal dá, com destaque, notícia da fuga de um leão "mui grande em demasia" [18] que acabou por ser abatido "com setas derua" [19]. Em Barcelona, espera 24 dias por uma embarcação que o leve a Roma, passando primeiramente pela Sardenha, Sicília e Nápoles.

Já na primeira das ilhas, na qual está seis dias, assinala com emoção que viu "os asnos tamanhos como porcos com seus barris daguoa sobir escadas E leuala A cozinha. os carneiros mui pequenos E de seis cornos – postos por tal ordem que pareçem chapeos. E grande abastança de touçinhos de porcos monteses E de tassalhos de seruos mas nam são do guosto dos de nossa terra [.] vinhão a noos com guayolas de perdiguões E todo muito barato. o pão hee branco como a neue. tem tanta abastança de queiJos que caReguão dali muitas naos pera leuante mas não são assi singulares como os de vila boym. as calmas erão tam grandes que se nam podi homem valer. E dizião os moradores que no sertão eram muito mayores. E que os luguares afastados do mar sam mui fermosos no verão." [20]

[14] *MFC*, f. 136r.
[15] *Idem*, *ibidem.*
[16] *Idem*, *ibidem.*
[17] *Idem*, *ibidem.*
[18] *MFC*, f. 136v.
[19] *Idem*, *ibidem.*
[20] *Idem*, *ibidem.*

Como sucederá em tantos outros casos, estamos perante uma passagem rica de informação no que respeita à fauna, à alimentação e à própria economia local. De salientar a utilização pelo autor do método comparativo; recurso estilístico que, aliás, se irá repetir continuamente ao longo de todo o texto. Naturalmente, como era comum à generalidade dos viajantes quinhentistas europeus, o elemento de referência para a comparação é o seu país natal – o confronto com o reino de origem cria verosimilhança e facilita a produção de uma imagem visual por parte do destinatário do texto em relação ao descrito.

E a jornada continua, aportando desta feita o viajante flaviense à ilha de "çezilia", mais especificamente a Palermo, cidade em relação à qual se espraia numa longa exposição acerca de aspectos muito diversos como os trajes e os costumes das mulheres locais, bem como a arquitectura da urbe:

> "Partidos de çerdenha, cheguamos a çezilia com boom tempo E tomamos em palermo grande E antigua çidade. passou nesta nao hum grande senhor çeziliano que se chamaua giraldo de bonanha (…). este senhor me convidou em palermo pera me dar a comer camarões E pera me amostrar sua molher E lhe dizer se erão as portuguesas tam fermozas. era homem Ja velho E casara avia pouco com aquella molher de que era mui namorado. nos dias que ali estiuemos me fez muita merçe E honrra. esta senhora E suas molheres em sua casa andauam em guarguanta amostrando os cabelos E os peitos. E per fora trazem mantilhas per çima das cabeças deitadas a taa meo nariz E preguadas E atadas na çinta da parte de detras de sorte que nam cheguão ao chão [.] E todas cõmummente andão assi, de maneira que podem hir polla Rua sem serem conheçidas dos maridos, E entrarem E sahirem donde lhe bem estiuer."[21]

Com efeito, nos 22 dias que esteve em Palermo, esperando passagem para Nápoles, procurou "de ver todolos edifiçios E cousas nobres da çidade". E muito o espantaram as vinhas, os "pomares de fruitas mui singulares", os "grandes canaveaes daçuquar", as "grandes E mui claras fontes das quaes trazem aguoa aos chafarizes das praças de palermo" e, sobretudo, a "JgreJa de monReal" que "hee de tres naues E hee do tamanho da see de bragua"[22]. Mais uma vez, a comparação, neste caso específico com uma cidade do seu país de origem, mas também com Roma, é o procedimento estilístico utilizado pelo autor para evidenciar o que mais o impressionou neste espaço insular

[21] *MFC*, f. 137r.
[22] *Idem*, *ibidem.*

mediterrânico. Na verdade, a descrição desta igreja siciliana só tem paralelo com a observação efectuada pelo autor da antiga igreja de S. Pedro, em Roma, que o papa Júlio II manda derrubar para no mesmo local erguer o mais famoso templo da Cristandade. De todas as igrejas que evoca, estas são inequivocamente as que mais o deslumbram, e por isso o relato dirigido ao duque de Bragança é tão minucioso:

> "estiue em palermo xxij dias esperando passagem pera napoles. neste tempo procurei de ver todolos edifiçios E cousas nobres da çidade [.] depois de ver a see, moesteiros, JgreJas E paços, E muitos nobres edifiçios, fui ver ha JgreJa de monReal, que estaa leguoa E mea de palermo sobre o mar (…). esta JgreJa de monReal hee de tres naues E hee do tamanho da see de bragua. tem no meo do cruzeiro çinborio ou tribuna mui alta. tem ho coro no chão Junto do cruzeiro de fronte da capela moor. do meo das paredes pera çima hee pintada de obra moisaica destoreas do testamento velho E nouo de figuras assi bem lauradas como as da barca de sampedro de Roma. E o que fica das paredes pera baixo hee forrado de tauoas ou pranchas de perfido serradas de muitas cores E de alabrastro tam polidas E Resplandeçentes como espelhos. os piares das naues sam colunnas de Jaspes E perfidos mui altos E grossos assi polidos como Resplandeçentes como as tauoas das paredes. o coro hee de marmor ou alabastro. E as cadeiras guarneçidas de moisaico. E o pulpito do mesmo teor. sam encaixadas nas cadeiras E no pulpito per mui sotil arte tauoas de perfidos mui Resplandeçentes. o chão da JgreJa Jsso mesmo mosaico grosso de mui perfeitos lauores. o chão do coro tem lauores de muito custo prinçipalmente hum lião que estaa na entrada do coro que hee tam sotil que de pinçel se nam pode fazer de maior perfeição de grande diuersidade de cores de pedras tam moidas E bem Juntas humas com as outras que polla sotileza dellas pareçe cousa Jmpossiuel fazerse de pedras assi natural figura. andauão ahi offiçiaes que laurauão moisaico em algumas partes que cahira o antiguo E pareçia o daguora a Respeito do outro Remendo de pano grosso em fino peluto. nam me pareçe que os ofiçiaes daguora cheguão aos antiguos, por que o cardeal de santa cruz mandou fazer de moisaico em Roma a capella de santa helena que hee em sancta cruz em Jherusalem. E posto que as figuras são de muito bom debuxo, o moisaico nam vai assi assentado como o antiguo ca não hee assi Jgual, nem Resplandeçente. tem esta JgreJa em si dentro tanta perfeição E abundançia de moisaico que em italia nam haa outra semelhante. E da parte de fora hee tam mal tratada como qualquer pobre JgreJa. hee titolo de arçebispado o arçebispo de çaraguoça filho del Rei dom fernando de castela. estam hi frades de são bento obseruantes. estaa assentada sobre o mar. estão nella tres sepulturas de perfido da feição da que esta adiante de sancta maria Redonda em Roma, mas são mais polidas E claras. E em huma dellas dizem que forom sepultados os antretinhos del Rei são luis de França quando moReo tendo çerquo sobre cartaguo. (…) eu tomei a medida

> daquelle tam marauilhoso templo, do alto, comprido E ancho. E perdi a em Roma."[23]

Como foi observado por Eugenio Asensio, estas prolíferas e pormenorizadas descrições podem muito bem constituir das primeiras manifestações de crítica de arte em língua portuguesa[24].

Palermo deixa, de facto, uma marca impressiva no fidalgo de Chaves – vejam-se, a título de exemplo, as referências aos alimentos e, mais uma vez, ao património construído. De tal forma, que aproveita a ocasião para introduzir importantes informações de carácter histórico, militar e geográfico, como as relativas às batalhas de Tripoli e do Garillano:

> "hee a çidade de palermo grande. as casas são de balcoens A maneira antigua. as Ruas mal limpas E mal ordenadas tem mui bõa see E moesteiros E JgreJas de grandes edifiçios. hee em grande maneira abastada de todo genero de aves de bom preço. da abastança do pão a basta ser çezilia. vinham ali vinhos paula que sam Roxetes como os nossos E de bom guosto. os que nam são brancos são mui cubertos E de maa digestão como os daraguão. haa em palermo muitos mercadores de vniuersas partes que nella tem trato por que esta çidade E miçina dizem que são agora as prinçipaes de todo aquelle Reino. (…) haa na çidade huma fortaleza que se chama castel vecho. neste castelo estaa huma capela da mesma maneira da JgreJa de monReal assi feita de moisaico com colunas E tauoas dos mesmos perfidos E marmores da perfeição da JgreJa. na see haa outras duas sepulturas da feição E perfeição das de monReal. os paços do viso Rei são Junto do mar. A entrada da primeira sala estão dous carneiros de bronço ou metal mui grandes tam naturaes que são da perfeição do caualo de são João de latrão em Roma. ali Junto do mar estaua a artelharia que o gram capitão tomou aos françeses na batalha do guarelhano. quando cheguamos a palermo avia poucos dias que pero navrro partira de trapana com grande armada sobre tripol de berberia. E nam tardou muito que cheguou noua que dia de santiaguo que entonçes fora, ha tomara aos mouros. E nam com tampouca perda dos christãos como se então dizia. E por estas nouas o viso Rei mandou fazer grandes festas E luminarias na çidade E nas outras da Jlha."[25]

Regressando então ao relato da viagem em direcção a Roma, o fidalgo salienta que esteve oito dias em Nápoles – última paragem antes do seu verdadeiro destino.

[23] *MFC*, f. 137r a f. 138r.
[24] Cf. Eugenio Asensio, *op. cit*., pp. 7-28.
[25] *MFC*, f. 137v e f. 138r.

Também a passagem por este reino do Sul de Itália é alvo de uma atenção especial, sobretudo ao nível político e cultural – na corte do vice-rei, pelo qual é mandado chamar, o fidalgo deleita-se com a música local, sobretudo com os "cravicordios":

> "em aguosto me parti em huma caRaca de catelães pera napoles. estiue em napoles oito dias. o viso Rei por ter a enformação de mjm dalguns fidalguos de barçelona me mandou chamar E me perguntou por todolos fidalguos E musicos que el Rei leuou a çaraguoça quando foi a ser Jurado por prinçepe de castela. lembrome que me perguntou por dom João de sousa E por João Rodriguez maramor E se zombauão aJnda E perguntoume por fontes, por vasco fois, por carracão E por outros. Jsto era pella sesta. mandou vir ali todos seus cantores E tangedores os quaes me nom satisfizerom tanto como os cravicordios que erão mui singulares os quaes fazem na mesma çidade. E os mestres desta lia tem nestes cravicordios muita ventaJem aos de espanha assi çingelos como a duas cordas E fundanse em os fazer pequenos por que são mais Jguaes nas vozes."[26]

Já no que respeita à política, o viajante português destaca o facto de a corte do reino de Nápoles se encontrar em estado de alerta contra o papa Júlio II:

> "conquanto a çidade estaua com a guarnição da Jente da guerra E ambas as Rainhas mãj E filha, E o cardeal borJa sobrinho do papa alexandre que era fugido de Roma com temor do papa Jullio. E com outros prinçepes E barões de Roma."[27]

Apesar de lhe parecer "çidade de pouca Jente", a sua apreciação global de Nápoles é claramente positiva, ao ponto de afirmar o seguinte:

> "foi a que milhor me pareçeo daquellas partes tirando Roma. napoles hee fermosa çidade E assentada como lixbõa. tem assi aquelle vale E as duas costas dambalas bandas. castel nouo hee a fortaleza do E paços dos Reis. estaa assentado tam Junto do mar que daquella parte bate o mar nelle. contra a terra tem cauas mui fundas que se enchem daguoa E hee feita de pedra moida darguamassa. a porta prinçipal hee de figuras de marmore mui naturaes. as portas são de bronzo tam grossas que quando o tomou o gram capitão aos franceses, entrando todos de Rondão poserom os françeses foguo a artelharia que estaa no pateo E huum pelouro de ferro moor que huma pella de vento deu em huma das portas que aconteçeo

[26] *MFC*, f. 138r e f. 138v.
[27] *MFC*, f. 138v.

> çaRarem naquelle Jmpeto da entrada do castelo. E nam a pode passar E meteosse na porta de tal sorte que se nam pode tirar E estaa ali por memoria. o pateo hee grande E antre outros apousentamentos tem huma sala daboboda de ladrilho grandissima. o caaes estaa Junto do castelo nouo. hee mui ancho. entra tanto pollo mar que as naos se acolhem dentro na volta que faz. E estão seguras das tempestades. haa na çidade paços notauees E JgreJas. nas quaes vi algumas figuras de vultos antiguos mui naturaes em demasia. a abastança da çidade hee mui grande. haa multidão de guordos capões, gualinhas, codornizes, Rollas E outras maneiras de aves que haa viuas E mortas nas praças E tauernas. aos que nam somos acustumados ver Jsto nam he cousa de crer. dizem que haa tantas codornizes naquelle Reino que em huma çerta parte haa hum bispo que nam tem outra Renda se não a parte que lhe cabe das cordornizes que se ali tomão quando passão de africa pera Jtalia. E que são tantas que coalhão ho mar. E os caçadores tem Redes armadas Junto daguoa em esto que seJão guordas. tem a carne sem sabor como são todalas outras carnes de Jtalia que nam tem o guosto das de portugal [.] de napoles de guaeta se basteçe Roma de fruitas que sam muitas em demasia assi laranJas E limões como maçãs, peras, Romãs, pesseguos. os vinhos são greguos manJagra E dos que disse de palila. todas estas cousas são baratas E de bom preço."[28]

Novamente o seu território natal, desta feita Lisboa, funciona como referencial para o inevitável exercício de comparação.

O fascínio pelo património construído ressurge na figura do "castel nouo [que] hee a fortaleza do E paços dos Reis" e respectiva descrição pormenorizada, com o dado adicional de que, como iremos verificar em tópico próprio, todas as informações relativas à arquitectura militar italiana são preciosas para o destinatário do texto, D. Jaime de Bragança: neste particular, é bem visível como a arquitectura é, sem dúvida, uma das materializações e símbolos máximos de poder.

Também importantes referências à economia e à alimentação napolitanas, bem como à guerra ocorrida entre franceses e espanhóis no âmbito do início das *Guerras de Itália*, são fornecidas nesta passagem pelo Sul da península.

Ainda antes de entrar em Roma, o fidalgo narra a sua passagem por Cápua – "de que tanto falam os liuros" – e pelo rio Garigliano, voltando, neste último caso e agora com maior detalhe, a evocar o tema da célebre batalha do "guarelhano" ocorrida entre franceses e espanhóis em Dezembro de 1503.

[28] *MFC*, f. 138v e f. 139r.

> "De capua de puçol e do sitio do guarelhano. Faziam neste tempo mui grandes calmas em todas aquelas partes E contudo por que achei companhia me parti pera Roma E nam quis leuar o caminho da gruta de puçol. a qual gruta passa por baixo de huma serra E dura de comprido mais de huma milha. hee tão ancha que podem hir E vir duas carretas sem tocar huma na outra. dizem que luçio luculo a fez. este caminho hee A parte esquerda contra o mar vindo de napoles pera Roma. mas nos tomamos ho da mão direita por ver capua E via tam destrohida como vi Roma que cada huma pareçe que nunca ali ouve memoria de çidade. naquelles luguares que sohião ser pouoados. E tambem por ver o guarelhano onde foi a batalha do gram capitão com os franceses, o qual hee ao pee de huma aspera serra sobre a qual estaa linterno onde çipião morreo desterrado. o Rio hee fundo E estreito. E vi os luguares de huma parte E da outra onde os aRayaes estauão assentados E a torre dos gualeguos que era bem fraca pera sostentar por estar da parte dos françeses. E o luguar onde a ponte foi deitada por onde os espanhoes passaram por força contra os françeses. E via as estalagens que forão cheas de grandes Rimas domens mortos. E o porto Junto da serra onde o gram capitão foi passar E a força de seu exerçito. E hum luguar deserto de aradas, soomente aquellas pobres estalagens [.] o Rio se passa per barca E entra loguo no mar. se ali ouvesse maree tudo alaguaria. mas medio terreno non creçe nem minguoa cousa que se muito enxergue. gata se vee daquelle caminho. aquelle mar de gata hee mui abastado de pescados. E dali se mantem Roma."[29]

Em suma, ainda que de forma bastante breve, o fidalgo de Chaves apresenta como proémio ao seu texto, cujo verdadeiro objectivo é narrar a sua estadia em Itália entre 1510 e 1517, uma expressiva e plena de vivacidade narrativa de viagens. Esta "filiação" de género que propomos baseia-se no facto de tal passagem englobar boa parte dos procedimentos narrativos que caracterizam os livros de viagens medievais e dos alvores da modernidade[30], dos quais elencamos de seguida os mais característicos e definidores[31]: a articulação de dois factores ao nível da construção do discurso – o documental com o literário –, sendo que o primeiro factor, dominante, faz com que a descrição, principalmente do mundo urbano, assuma uma importância crucial, dominando sobre os aspectos narrativos, ou seja, o factor literário; o respeito por um

[29] *MFC*, f. 139r e f. 139v.

[30] Não se inclui nesta categoria os textos relativos às viagens marítimas englobadas no vasto processo dos Descobrimentos e Expansão protagonizado pelos povos europeus, muito em particular os portugueses.

[31] Trata-se de um conjunto de procedimentos narrativos, a cujo recurso comum – ainda que de forma variável e sem qualquer padrão estabelecido – pelos textos que compõem este género diversificado e multifacetado lhes garante uma forma literária autónoma no panorama da prosa da época. Cf. Sofía M. Carrizo Rueda, "Morfología y variantes del Relato de Viajes" in *Libros de viaje: Actas de las Jornadas sobre los Libros de Viaje en el Mundo Románico, celebradas en Murcia del 27 al 30 de noviembre de 1995*, Fernando Carmona Fernández y Antonia Martínez Pérez (ed.), Murcia, Universidad de Murcia, 1996, pp. 119-126.

itinerário enquanto elemento estruturante do texto e independentemente do seu objectivo e forma – trate-se, por exemplo, de um guia de peregrinação ou de uma relação de mercadores; a existência de uma ordem cronológica[32] e de uma ordem espacial[33]; a indicação dos meios de transporte e das vias (por terra, por mar ou por via fluvial) utilizadas no trajecto; a presença dos *mirabilia*[34] construídos por mão humana[35]; a ausência de uma clara separação entre geografia, história, lenda e mito[36]; a descrição do mundo visitado, o que no caso específico das *MFC* se materializa no facto de a célere narração do percurso ser por diversas vezes interrompida para descrever espaços, acontecimentos ou costumes locais dignos de atenção na perspectiva do autor[37]; a ausência de acções paralelas[38]; a narração linear e contínua[39]; o recurso à primeira

[32] No desenvolvimento do itinerário, o narrador vê-se obrigado a adoptar uma sequência temporal. Não se trata de uma absoluta dependência do tempo, como ocorre com a crónica ou a biografia. Trata-se antes de fazer recurso de um instrumento que tem por objectivo contextualizar num quadro temporal os caminhos percorridos, ou seja, que funciona como elemento legitimador da verosimilhança da história da viagem. O maior ou menor rigor da ordem cronológica depende da forma como o relato de viagem se relaciona com a realidade histórica e o universo da fábula. Assim, quanto mais fabuloso o relato se revelar, menos rigorosa é a ordem cronológica do texto, aproximando-se aquele, neste caso, da novela. A verificar-se a situação contrária — maior fidelidade à realidade histórica —, o relato estará então mais próximo da crónica.

[33] Mas é o espaço, e não o tempo, o alicerce da ordem narrativa do livro de viagens deste período. Intimamente associada ao itinerário, a ordem espacial manifesta-se nos lugares visitados e descritos, sobretudo na figura da cidade, inequivocamente, o elemento mais importante na concretização de um percurso.

[34] Consideramos que a definição de Jacques Le Goff relativamente ao termo *mirabilia* é reveladora da especificidade e complexidade deste no imaginário do homem medieval e dos primórdios da modernidade: "Em contrapartida, interrogo-me sobre se existiria no mundo muçulmano um termo que, *mutatis mutandis*, correspondesse ao que nós chamamos maravilhoso. O Ocidente medieval possuía um termo para isso. No tocante à cultura 'erudita', o termo *mirabilis* era empregado na Idade Média e tinha, aproximadamente, o mesmo sentido. (…) Naquilo que corresponde ao nosso 'maravilhoso', e onde nós vemos uma categoria – categoria do espírito ou da literatura –, viam os clérigos da Idade Média (e aqueles que deles recebiam a informação e a formação) um universo sem dúvidas, o que é muito importante, mas um universo de objectos: mais uma colecção do que uma categoria. (…) Os *mirabilia* não se limitam a coisas que o homem admira com os olhos (…), pois é todo um imaginário que se pode ordenar em volta desse apelo a um sentido, o da vista, e de uma série de imagens e de metáforas visuais." *in* Jacques Le Goff, *O Imaginário Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 46.

[35] Os viajantes falam de monumentais e grandiosas realizações humanas, que causam grande assombro e admiração, quer no viajante quer, posteriormente, no leitor. Trata-se de um património que os autores presenciaram ou de que ouviram falar, e cuja descrição provoca sempre grande expectativa nos destinatários dos relatos. É um património insólito, desconhecido e *maravilhoso* – porque relacionado com aquilo que não é observado quotidiana e familiarmente –, mas absolutamente real, pois foi visto e experimentado.

[36] Não existem fronteiras bem delimitadas, como actualmente, para diferenciar estes domínios.

[37] O relato de viagens dá a conhecer o mundo tal como este se apresenta aos olhos do protagonista da jornada. A informação transmitida e os conhecimentos veiculados constituem assim o elemento central da narrativa.

[38] Grande parte dos livros de viagens não contêm acções paralelas e entrelaçamentos. Desta forma, o narrador nunca se vê forçado a interromper o relato ou a deixar o mesmo em suspenso.

[39] A narração no livro de viagens apresenta-se, pois, como linear e contínua, protagonizada por um só personagem — individual ou colectivo —, quase sempre o narrador da história.

pessoa (predomínio do *Eu*)[40]; o privilegiar dos dados externos[41]; a apresentação de histórias intercaladas[42].

Afinal, nas suas múltiplas facetas e diversas condicionantes, o universo que envolve a narrativa de viagens, independentemente da sua dimensão e, caso não seja autónoma, da localização na obra em que porventura se insere, é uma marca definidora do autor enquanto *homo viator*. É também por isto que, mesmo quando não constitui o elemento essencial da obra, como é o caso das *MFC*, a viagem é um elemento omnipresente ao longo do texto.

Informa-nos o fidalgo no seu relato que chega a Roma "a xxbj. dias andados daguosto da sobredita era de 1510."[43] A partir daqui dá início àquele que é de facto o seu grande objectivo: informar de forma pluritemática – mas, saliente-se, sempre com especial enfoque nas questões políticas e de governação – o seu senhor, D. Jaime, 4º duque de Bragança e sobrinho do rei, do que se passa em Roma e, por extensão, em Itália. Como, aliás, o próprio afirma:

> "E feita oração me fui apousentar A çidade onde estiue sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauees que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Jlustrissima senhoria."[44]

[40] Ao nível da forma de apresentação do relato, a contínua identidade entre o protagonista e o narrador faz com que a aplicação da primeira pessoa predomine ao longo do texto. Tal premissa resulta em grande parte da ausência de acções paralelas, por sua vez decorrente do facto de o desenvolvimento narrativo destes relatos passar pela prossecução de um itinerário.

[41] Apesar do emprego quase constante da primeira pessoa, os livros de viagens privilegiam os dados externos. Dito de outro modo, o universo pessoal do viajante surge, regra geral, como consequência pelo recurso quase permanente à figura de estilo da comparação, na qual constitui, quase sempre, o principal elemento de referência (como já verificámos por diversas vezes, no caso do fidalgo de Chaves a comparação com a realidade portuguesa constitui o meio por excelência do universo pessoal do autor integrar de forma estruturante o relato da sua viagem em direcção a Roma).

[42] Os autores dos livros de viagens deste período têm por prática intercalar os seus relatos com pequenos textos de cariz lendário ou histórico. Tradicionalmente relacionadas com figuras ou acontecimentos estruturantes da memória colectiva coeva –sobretudo religiosa e militar – e, de alguma forma, associados ao itinerário em prossecução, ou seja, à ordem espacial do relato em que se inseriam, estas pequenas narrativas operavam a articulação global das componentes literária e documental da obra. No caso das *MFC*, o exemplo paradigmático é a referência à batalha do "guarelhano".

[43] *MFC*, f. 139v.

[44] *Idem*, *ibidem.*

Estas palavras do fidalgo associadas às que apresenta logo no prólogo[45] não deixam, em nossa perspectiva, quaisquer dúvidas acerca quer do seu propósito em Roma, quer de quem o enviou e com que missão, quer ainda da intenção que está, afinal, na base da redacção do seu texto. Neste ponto, afastamo-nos, pois, da tese de Eugenio Asensio: "Sin embargo, no parece haber ido a Roma como agente del Duque, sino como pretendiente a *comendas* de Cristus y prebendas otorgadas por la curia papal"[46]. Ainda que, nas páginas seguintes do seu artigo, o investigador indicie que o fidalgo estava, de facto, em Roma como agente de D. Jaime. Aproximamo-nos, ao invés, de Aníbal Pinto de Castro: "Seria este *solicitador do duque* o nosso homem? Do texto [trata-se de uma carta datada de 11 de Maio de 1517, enviada pelo rei D. Manuel ao então seu embaixador na Cúria, o futuro Bispo de Viseu, D. Miguel da Silva] parece todavia poder inferir-se que não seria ele o único agente de D. Jaime a mexer no assunto... Uma coisa é certa: a sua preocupação e finalidade principal foi informar o amo de tudo quanto se passava na Cidade Eterna."[47] De realçar que também Luís de Matos, o primeiro como assinalámos a chamar a atenção para as *MFC*, defende a tese da presença do fidalgo em Roma na qualidade de agente de D. Jaime: "Os Duques mantinham por sua vez no estrangeiro os seus agentes, sobretudo em Espanha e em Itália, que lhes enviavam regularmente os seus relatórios. António Caetano de Sousa já não pôde consultar os 'Livros das muitas cousas' em que D. Teodósio reunira as informações recebidas de Espanha, do Vaticano e de Veneza; mas na Biblioteca da Academia da História de Madrid existe ainda hoje o volume sobre política europeia e de passagem sobre história de Arte que o agente de D. Jaime em Roma redigiu ao longo dos sete anos que ali viveu."[48]

O facto de em diversos momentos do seu testemunho o autor insistir na questão da solidez e, consequentemente, da veracidade das informações que veicula só confirma a realidade destes objectivos. Um bom exemplo verifica-se logo no início do seu relato em relação aos acontecimentos italianos, quando assinala que o papa Júlio II partiu para Bolonha para tomar o estado ao duque de Ferrara:

[45] "Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue" in *MFC*, f. 136r.
[46] Eugenio Asensio, *op. cit*., pp. 9-10.
[47] Aníbal Pinto de Castro, *op. cit.*, p. 10.
[48] Luís de Matos, *op. cit*., p. 20.

> "avia dez dias que o papa Jullio segundo deste nome era partido pera bolonha com entenção de tomar o estado ao duque de ferrara genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa [.] E por que compre saber donde ou por que se esta guerra ordio, hee neçessario contar da guerra primeiro da qual me eu enformei por pessoas que forom presentes." [49]

A guerra entre o papa e o ducado de Ferrara, com especial atenção para a questão de Bolonha, constitui, pois, o primeiro tema a ser abordado pelo fidalgo na sua narrativa. No quadro desta descrição efectua um movimento de analepse, mais especificamente para o ano de 1506, para dar notícia das origens da contenda[50]. O propósito é, como já referimos, garantir as melhores condições ao destinatário do seu texto com vista à plena compreensão dos complexos conflitos coevos, ou seja, ocorridos em 1510, na Itália meridional. Ainda no âmbito deste recuo temporal, o autor aborda os acontecimentos relativos ao *Tratado de Cambrai* (1508) e à subsequente liga com o mesmo nome[51].

O relato retorna em seguida a 1510 para continuar a debater a problemática da guerra coeva entre os Estados da Igreja e o ducado de Ferrara – neste contexto, mais uma vez, o autor recua no tempo para melhor explicitar as condições em que se desenvolvia o conflito em questão –, agora aliado de França:

> "o papa o mandou chamar que viesse a Roma E o duque nam foi. E por que o ducado de ferrara hee da JgreJa, E o duque hee feudatario E obriguado apareçer E seruir em pessoa sendo chamado do papa, sua santidade ho mandou çitar em forma E lhe foi assinado termo que apareçesse em Roma per cartas fixadas na JgreJa mayor de bolonha E doutros luguares comarcãos de ferrara. E pollo duque nam apareçer ao termo, o priuou por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a execução foi contra elle com grande poder de Jente. em quanto estas cousas durauam o duque se confederou com el Rei de França o qual ho tomou em sua proteição."[52]

[49] *MFC*, f. 139v.
[50] Trata-se de um cenário muito específico das *Guerras de Itália*, no qual o pontífice Júlio II protagoniza um conflito directo com os tiranos de Perosa e de Bolonha, respectivamente *João paulo valham*, da família dos Baglioni, e *João de vinteuolla*, da influente família italiana dos Bentivoglio.
[51] A *Liga de Cambrai* surge na sequência do *Tratado de Cambrai* (1508) e consistiu numa poderosa coligação militar contra a expansionista República de Veneza, protagonizada pelos Estados Pontifícios pela mão de Júlio II, Luís XII de França, o sacro imperador Maximiliano I, Fernando II de Aragão e ainda a Inglaterra, a Hungria, Sabóia, Ferrara, Mântua e Florença. A liga acaba por se dissolver em 1510, devido à mudança de posição do papado, doravante contra a França e aliado de Veneza.
[52] *MFC*, f. 142v.

Verifica-se em seguida a primeira falha no relato, da qual o copista dá zelosamente notícia. A narrativa remete agora para o conflito entre o papa Júlio II e os cardeais cismáticos, dando conta da convocação do concílio cismático de Pisa (1511-1512) e do quinto concílio de Latrão (1512-1517), bem como do estabelecimento da *Liga Santa* (1511)[53], a qual, como o fidalgo demonstra, desempenha um papel determinante no desenvolver das *Guerras de Itália*.

Durante a sua narração dos acontecimentos relativos à disputa entre Júlio II e os cardeais cismáticos, o autor afirma, numa clara tentativa de garantir ao destinatário do seu testemunho a honestidade e transparência do mesmo, que "muitas outras Rezões vi E ouvia praticar que nam ousaria bem escreuer. ca muitos dos portacolos em que tinha escritas estas E outras muitas cousas perdi."[54]

A narrativa continua, evocando o autor diversos temas e problemáticas na sua maioria directa ou indirectamente ligadas à política papal e às disputas político-militares internacionais que então tinham lugar em solo italiano. Assim, traça um longo e expressivo retrato da batalha de Ravena e das circunstâncias daí resultantes, como o ambiente de pânico vivido em Roma após o confronto armado ou a violência extrema a que as populações civis locais estão sujeitas perante os implacáveis contingentes militares em circulação (em particular se forem compostos por tropas mercenárias). Trata-se de um retrato tão comovente em termos humanos quanto esclarecedor do ponto de vista histórico, nomeadamente no que diz respeito aos novos métodos de fazer a guerra e à utilização das novas armas nos campos de batalha. Fala igualmente da morte

[53] Após a dissolução, em 1510, da *Liga de Cambrai* estabelece-se uma aliança entre a República de Veneza e os Estados Pontifícios (1510-1511). Na sequência, depois de um ano de combates, firma-se uma nova e mais ampla aliança político-militar denominada *Liga Santa* (1511-1513), entre o papa Júlio II, Fernando II de Aragão, o sacro imperador, a República de Veneza e o rei Henrique VIII de Inglaterra contra Luís XII de França e o ducado de Ferrara. Criada por iniciativa do papado, esta liga visa essencialmente reforçar o poder político e territorial dos Estados Pontifícios e, ao mesmo tempo, afastar a presença francesa de Itália. A política expansionista dos franceses em Itália tornara-se um verdadeiro perigo para os Estados Pontifícios e para a própria Itália, ao mesmo tempo que ameaçava o equilíbrio europeu, algo que colocava em cheque as demais potências europeias. Eficaz no início, pois sai vitoriosa do primeiro ciclo de conflitos com os franceses, a liga acaba por se desmoronar a partir das suas próprias fundações, resultando em conflitos armados entre os seus membros e no estabelecimento, em 1513, da aliança franco-veneziana. Os eventos culminam três anos mais tarde na batalha do Marignan (1515), que dita o reconhecimento, ainda que temporário, da supremacia francesa na Itália setentrional. A paz é firmada em 1516, sendo o resultado o retorno ao *stato quo* de 1508. Em termos de conflitos armados propriamente ditos, o período que decorre entre 1508 e 1516 pode dividir-se em três categorias principais: as chamadas *Guerras da Liga de Cambrai* (1508-1510), as *Guerras da Liga Santa* (1510-1514) e a *Primeira Guerra Italiana de Francisco I* (1515-1516). Todos estes movimentos de aliança e contra-aliança, bem como os confrontos armados associados, inscrevem-se no quadro mais geral das *Guerras de Itália* (1494-1559).

[54] *MFC*, f. 145v.

de Pandolfo Petrucci, ditador de Siena, bem como do seu percurso político e do cenário governativo da República de Siena.

Todas estas abordagens de carácter político são sempre pontuadas por referências impressivas à sociedade, aos costumes e ao quotidiano, sobretudo romanos – dois exemplos são, por um lado, a referência específica ao trato e ao vestuário cortesão[55] ao evocar a viagem do cardeal Alfonso Petrucci a Siena, e, por outro lado, a evocação em diversos momentos do importante papel desempenhado pelas mais poderosas famílias italianas na condução política de Itália, em particular os Colona e os Orsini em relação a Roma.

A política[56] surge, desta forma, como o pano de fundo sobre o qual o autor tece um amplo retrato da realidade italiana, em particular a romana. A recolocação, em 1512, dos Médici à frente dos destinos de Florença por Júlio II é um caso paradigmático. Mas outros há, como a expulsão dos franceses de Itália protagonizada pelos suíços sob o comando do seu destemido cardeal – as festas celebradas em Roma na sequência desta vitória de Júlio II sobre os franceses constituem, afinal, um amplo fresco da vida romana coeva.

Na essência, os dois papados evocados pelo fidalgo, Júlio II (1443-1513, eleito papa em 1503) e Leão X (1475-1521, eleito papa em 1513)[57], e que correspondem ao período em que permaneceu em Itália, constituem os eixos e as matrizes em torno dos quais todo o relato se vai desenvolver, seja em termos político-militares, seja em termos culturais ou de mentalidades, de que as festas são exemplo paradigmático.

As *MFC* revelam assim uma singular consciência da importância do devir histórico enquanto fundamento e motor do desenvolvimento da sociedade humana. É a já moderna ideia da história como processo que o fidalgo veicula no seu texto. A sua abordagem aos eventos narrados e à sociedade que contactou evidencia um modo de percepção *per se* novo e até original em relação a formas historiográficas anteriores[58].

[55] Sempre comparando com Portugal, saliente-se.
[56] Os confrontos armados e as problemáticas de natureza guerreira concernentes a todos os acontecimentos político-estratégicos de que o fidalgo dá notícia no seu relato serão debatidos em capítulo próprio. Vide *Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália*.
[57] E dos quais traça um retrato impressivo, não apenas físico e psicológico, mas também no que respeita à conduta espiritual e, sobretudo, secular enquanto líderes da Cristandade.
[58] Cf. Sverre Bagge, "Medieval and renaissance historiography: Break or continuity?" in *The European Legacy*, 2: 8, Bergen, University of Bergen/Routledge, 2010, pp. 1336-1371.

Neste ponto é pertinente realçar a tese de Peter Burke que reclama que a historiografia renascentista introduz um novo conceito do passado, aquilo que nos dias de hoje se designa por "consciência histórica". Burke defende que o Renascimento criou a moderna narrativa histórica. Um fenómeno cultural que significou, afinal, um avanço fundamental no trabalho crítico com a evidência histórica, tendo dado origem à historiografia política no sentido real e moderno e, por outro lado, operado uma importante contribuição para a plena compreensão do indivíduo como agente político[59].

Tomando como instrumento de análise o pensamento de Burke, as *MFC* na qualidade de texto histórico marcadamente renascentista apresentam três novidades em oposição à historiografia de tradição medieval: em primeiro lugar revelam a história como feita e protagonizada pelo homem, eliminando as explicações religiosas que dominaram a forma de narrar medieval; depois, dão a ver a comunidade política já de acordo com o princípio do "humanismo civil", ou seja, avaliando as acções humanas de acordo com a sua importância para a cidade ou o Estado, em vez do tradicional ponto de vista da moralidade cristã (neste ponto, como iremos demonstrar na terceira e quarta partes[60], aproxima-se do pensamento de Maquiavel expresso n' *O Príncipe*); por último, na linha dos historiadores renascentistas, o fidalgo não se limita a apresentar episódios individuais dramaticamente vividos como é característico dos escritos históricos medievais, antes selecciona criteriosamente uma série de episódios que considera essenciais e demonstrativos do que se passou em Roma durante o período em que habitou na cidade, simplifica-os e unifica-os numa síntese coerente, operando desta forma uma transição narrativa da mera "representação" para o "argumento", que *per se* constitui um contributo decisivo para a já referida moderna ideia da história encarada essencialmente como um processo, um devir que tem no seu centro o homem.

O fidalgo revela, com efeito, uma postura crítica ao nível da escrita já conforme os novos tempos. Uma postura onde o realismo (e, retenha-se, o patriotismo), sobretudo das considerações políticas, toma o lugar do exemplarismo, na medida em que a moral cristã já não tem a predominância na construção do texto de carácter histórico, seja qual for a sua forma: relação, tratado, epístola, crónica, entre outros[61].

---

[59] *Idem, ibidem.*

[60] Respectivamente, *Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder* e *Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália.*

[61] Ainda que por caminhos diversos e com objectivos e resultados igualmente diferenciados, Francesco Guicciardini e Maquiavel constituem os expoentes neste processo de arranque do completo

No testemunho do viajante flaviense, particular atenção merecem igualmente a eleição de Leão X, em especial pela forma como ocorre, a batalha do Marignan, a queda de Siena à mão dos florentinos, a *Guerra de Urbino* e a conjura dos cardeais ocorrida em 1517, que tem como um dos grandes protagonistas o cardeal Alfonso Petruci, ao serviço do qual o fidalgo se encontra durante a sua estada em Roma. Estes eventos associados à nomeação de 31 novos cardeais neste mesmo ano, assumem a função narrativa de autêntico *leitmotiv* para traçar uma "radiografia" do pontífice e do seu pontificado. Naturalmente, este retrato é condicionado pela relação que o autor tem com uma das vítimas do papa, o malogrado cardeal Alfonso Petrucci.

Mas outros sucessos importantes que marcaram a intensa vida romana e italiana deste período são alvo do olhar perspicaz e arguto do fidalgo flaviense, nomeadamente as festas celebradas em Roma[62], as embaixadas de obediência ao novo papa[63], a aplicação da justiça e a violência civil, entre outros. De permeio, o autor nunca perde oportunidade para introduzir preciosas informações multitemáticas, que se intrincam umas nas outras, quais pontas soltas da complexa rede que é o quotidiano romano nos primórdios do século XVI. Assim, ora fornece dados de carácter geográfico (como os relativos ao clima de Roma), etnográfico (nomeadamente, o vestuário e a alimentação romanas) e social (as práticas das cortesãs[64] são, sem dúvida, o melhor exemplo deste domínio de análise), ora fala da vida cultural romana (o teatro, os jogos e a música), da diplomacia (como as referências a João de Faria, primeiro embaixador português na cúria papal[65], ou à chegada a Roma de D. Miguel da Silva para substituir o primeiro como embaixador português permanente na capital da Cristandade[66]) e das actividades relacionadas com o lazer (onde as referências à caça merecem particular destaque).

Igualmente tendo a cúria romana como grande referência ideológica e árbitro final dos conflitos, as *MFC* não deixam de dar voz a algumas questões internas dos reinos cristãos. Os melhores exemplos são, porventura, os casos emblemáticos da revolta do

---

desenvolvimento da moderna historiografia política. Cf. Sverre Bagge, "Medieval and renaissance historiography: Break or continuity?", *op. cit.*.

[62] Como por exemplo, por ocasião do Carnaval ou no sentido de celebrar as conquistas protagonizadas pelos portugueses além-mar.

[63] Enviada a Roma em 1513 por D. Manuel, a embaixada portuguesa liderada por Tristão da Cunha é objecto de uma incisiva descrição pelo fidalgo de Chaves.

[64] No presente estudo, a designação "cortesã" reporta ao sentido original do vocábulo, que englobava a noção central e fundadora de "dama de corte", e não ao sentido muito preciso e irreversível que o mesmo acabou por tomar na língua portuguesa.

[65] Entre Fevereiro de 1512 e Novembro de 1514.

[66] "neste tempo deu o papa ho estoque ao doutor João de faria pera el Rei de portugual. E elle se veo mandando sua alteza dom miguel a Roma por seu embaixador." in *MFC*, f. 211r.

povo húngaro contra o seu soberano[67] e da disputa mantida entre o rei D. Manuel e o clero português, enviando este último procuradores a Roma com o objectivo de reclamar das graças dadas pelo papa ao monarca[68]:

> "Como os perlados E clerizia de portugual, mandaram seus procuradores a Roma sobre as terças das JgreJas E moesteiros que o papa conçedera a el Rei pera comendadores. Tanto que tristão da cunha foi em portugual, E se manifestaram as grandes graças que o papa conçedera a el Rei, os perlados E toda a clerizia se congreguaram, cada huns em sua dioçesi. E avendo todolos do Reino conselho do que deuiam fazer, acordaram maandar procuradores a Roma pera se anularem embarguando a execução dellas."[69]

Fenómenos intrínsecos à prática política coeva e ao exercício do poder que pautam o testemunho do agente flaviense funcionando quase como base legitimadora para o mesmo são o nepotismo e a correspondente parentalização da cúria, a política estratégica de casamentos e alianças matrimoniais, as redes de interesses clientelares, os jogos de influências que marcam os meandros da vida curial e a sombra da necessidade urgente da sempre adiada guerra de cruzada contra o turco.

Por tudo isto, como iremos verificar na terceira parte do nosso estudo[70] as *MFC* impõem-se, de forma inequívoca, como um texto de poder sobre o poder. Essa é, de facto, a sua essência, génese e destino. Dito de outro modo, quer o propósito que está na origem da sua constituição quer os conteúdos que veicula, entroncam invariavelmente na problemática do poder e do seu exercício nos alvores de Quinhentos.

De salientar ainda, pela extensão que ocupa[71] e pela própria atenção conferida pelo autor, aquilo que poderemos considerar quase como um guia de peregrinação e que se apresenta como um autêntico "livro dentro do livro". Referimo-nos à longa passagem

---

[67] "Como o cardeal destriguonia se partio pera vngria. E como os vnguaros se aleuantaram contra seu Rey. O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou. E el Rei despois de ter o dinheiro que se della ouve em sua mão, fez paz com os turcos por çertos anos. E escandalizado o pouo de çessar a guerra contra os Jnfiees, E Reter el Rei o dinheiro da cruzada, se aleuantaram contra elle, dizendo que fizesse loguo a guerra, ou posesse ho dinheiro em mãos de quem elles ordenassem. foi esta contenda tanto avante que a guerra se começou antre elles tam braua que o pouoençaRou el Rei em huma çidade. E diziasse que empalaram hum grande perlado enviado a elles pollo leguado pera os apaçificar com el Rei. E que traziam capitão geral, a que obedeçiam como a Rei. E estando assi el Rei em tam extrema neçessidade escreueo ao papa dandolhe conta de sua fortuna pedindolhe que mandasse por Remedio nisto E sua santidade mandou nunçios que os poseram em paz." in *MFC*, f. 203r.

[68] Vide *MFC*, f. 201v a f. 202v.

[69] *MFC*, f. 201v.

[70] Vide *Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder.*

[71] *MFC*, fls. 185r a 200r.

dedicada à criteriosa e detalhada descrição das igrejas de Roma, tendo em conta a sequência das estações quaresmais (sempre com a devida elucidação acerca das relíquias que nelas se veneram e das indulgências que permitiam beneficiar a quem as visitar). Vejamos o exemplo tão esclarecedor quanto paradigmático do trecho relativo à primeira estação:

> "Das JgreJas onde estão as estações que são da coresma. E per todo o ano. E dos perdões E Reliquias dellas. Como hee dito, no primeiro dia da coresma hee estação A JgreJa de santa sabina, a qual hee mosteiro de são dominguos. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados, E mais tres mill anos de Jndulgençia. esta JgreJa como dito hee, hee no monte aventino que foi a primeira Região de Roma a qual fez edificar hum cleriguo Romano chamado pero ilirico no tempo do papa çelestino como se mostra em humas letras douro escritas sobre as portas da dita JgreJa, as quaes são daçipreste. neste luguar teue o papa onorio terceiro seus paços apostolicos E sua cadeira, como pollo edefiçio se vee, no ano do senhor de mil E duzentos E dezasseis ãnos. o qual onorio confirmou ha ordem dos preeguadores, a qual cousa são dominguos tinha Jmpetrada do papa Jnoçençio seu predeçessor no conçilio lateranense E per familiaridade espeçial E effeito de grande deuação ao sobredito são dominguos conçedeo a esta JgreJa pera habitação de seus frades em memoria do sobredito papa onorio. E se mostra aJnda o calix papal com a patena E corporaes, E o altar de alabastro da capela apostolica. E são nesta JgreJa sepultados o corpo de santa sabina, de são teodoro, E o de santo alexandro. no alto desta JgreJa estaa huma pedra na qual estão escritos çertos versos que dizem que hum Jmiguo de são dominguos ho quisera matar com esta pedra estando elle em oração E espedaçandosse a pedra milagrosamente o santo nam ouve lesão alguma. E pera fee disto esta pedra estaa aJnda aqui sospensa. outras muitas Reliquias haa na sobredita JgreJa. No segundo dia da coresma hee estação na JgreJa de sam Jorge E hee Jndulgençia de dez mil anos. nesta JgreJa (…)"[72].

Neste ponto é fundamental reter que, como já foi salientado por Aníbal Pinto de Castro, o autor "segue *ipsis verbis* as *Mirabilia Urbis Romae*, como, aliás, honestamente confessa"[73]:

> "Em todo tempo que estiue em Roma, todolos anos andei as JgreJas das estações. E nas mais delas estão as Reliquias postas sobre o altar em cofres ou caxas de vidro guarneçidas de prata com escritos que declaram de que membro E santo hee cada Reliquia. saluo os corpos santos que tem suas

[72] *MFC*, f. 185r.
[73] Aníbal Pinto de Castro, *op. cit.*, p. 11. Pinto de Castro dá inclusive como exemplo comparativo desta concordância entre o texto do fidalgo e a narrativa anónima das *Mirabilia Urbis Romae*, a passagem relativa à igreja de S. João de Latrão.

> ordenadas sepulturas. E posto que sempre procurei de ver E saber todalas cousas notauees pera o que, o que (sic)[74] per mjm nam alcançei me aJudei de alguns tratados Jmpressos das JgreJas e Reliquias de Roma que escreueram pessoas deuotas. o papa sam siluestre escreueo em sua canonica que avia em Roma mil E quinhentas E çinquo JgreJas das quaes a maior parte hee destrohida."[75]

A obra termina com uma brevíssima conclusão, que constitui também a descrição da viagem de regresso a Portugal, em concreto a "almeirim onde vossa Jlustrissima senhoria estaua [D. Jaime, duque de Bragança] com el Rei dom manuel seu tio, beiJar suas Reaes mãos."[76] O objectivo seria, certamente, entregar nas mãos do duque D. Jaime o resultado escrito da sua longa estadia romana ao seu serviço.

O autor indica a data da partida de Roma, bem como a via escolhida para regressar à pátria. Assinala ainda que o regresso foi bastante atribulado, tendo, por isso, sido forçado a percorrer a última etapa da sua viagem, já em terras lusas, por terra:

> "ficando as cousas neste estado eu me parti de Roma a onze dias do mes de setembro da dita era de 1517 anos. E embarquei em çiuita velha, E querendo tomar porto em valença nos ouveramos de perder por huma grande tormenta que naquella noite foi no mar E na terra que deRibou na çidade muitas casas, prinçipalmente nel graao. tomamos porto em alicante, despois em malegua, despois em calix, onde estiue alguns dias esperando passagem pera lixboa. E sendo outra vez metido no mar, nom podendo dobrar o cabo de sam viçente me sahi em sagres E vim por terra a lixboa onde Jachei a nao. E dali me vim a almeirim onde vossa Jlustrissima senhoria estaua com el Rei dom manuel seu tio, beiJar suas Reaes mãos. Deo gratias" [77].

Como já afirmámos, as *MFC* constituem a resposta a uma encomenda efectuada pelo 4º duque de Bragança, D. Jaime, pelo que têm um único e específico destinatário. Nesta medida, quer o horizonte de expectativas do público leitor *per se* (ainda que tratando-se apenas de uma única pessoa), quer as múltiplas e diversas condicionantes resultantes do tipo de relação existente entre o autor e o destinatário do texto – certamente uma relação directa e extremamente próxima; neste caso específico até de dependência –, têm uma influência decisiva na construção do texto final pelo autor.

[74] Leia-se *pera o que, per mjm.*
[75] *MFC*, f. 185v e f. 186r.
[76] *MFC*, f. 227v.
[77] *Idem, ibidem.*

Esta dimensão remete para a tese de Hans Robert Jauss, segundo a qual a perspectiva (ou pluralidade de perspectivas) com que o leitor deste período lê o texto que lhe é dirigido, determina em boa parte a concepção da própria obra[78]. Jauss relaciona a sua premissa com os textos de carácter literário, o que não é o caso do relato do fidalgo de Chaves que assume características diversas ao nível do género narrativo em que se enquadra. No entanto, consideramos pertinente a adequação da referida tese ao texto em estudo, pois a mesma baseia-se no conceito central de *horizonte de expectativas*. Um conceito que se define pelo conjunto de expectativas culturais, éticas e literárias manifestadas pelos leitores no preciso momento histórico em que a obra surge.

Jauss defende que para além da tradicionalmente aceite estética de produção e representação existe outra ainda mais determinante, pois situada a um nível profundo, que está na base dessa própria produção: uma estética de recepção e de influência. Esta estética tem por alicerces a precedente experiência literária dos leitores e, sobretudo, o seu horizonte de expectativas relativamente à obra que está para vir. Este estado mental predispõe e influencia o autor durante o próprio processo de concepção da obra. Premissa tanto mais válida no caso do fidalgo de Chaves, na medida em que, por um lado, a sua obra é dirigida a um único destinatário, precisamente o seu senhor, ou seja, alguém com quem tem uma relação de dependência, e, por outro lado, a mesma resulta de uma encomenda.

Ora, ainda que nada mais interferisse, logo à partida a elaboração do texto é profundamente condicionada por esta última qualidade. O facto de se tratar de uma encomenda marca de forma estruturante a concepção do texto desde a sua génese, ou seja, ainda enquanto mera intenção ou ideia abstracta na mente do autor. Tudo o que brotar da pena ou do pensamento organizador do autor tendo em vista a criação de um texto é sempre um produto condicionado e influenciado pela experiência literária do leitor a quem se destina e, principalmente, pelo seu horizonte de expectativas, isto é, pelas suas preferências e interesses particulares (sejam políticos, literários, militares, religiosos ou históricos) e pelo que, de facto e em última instância, deseja ter nas suas mãos.

Isto faz com que, mesmo na descrição das situações mais banais e quotidianas, o autor esteja sempre condicionado pelo espírito e pelas expectativas daquele.

[78] Cf. Hans Robert Jauss, "Literary history as a challenge to literary theory" in *Toward an Aesthetic of Reception*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1985, pp. 3-45.

Inevitavelmente, tal relação e preceitos da mesma decorrentes, acabam forçosamente por interferir e influenciar a construção final do texto. É, pois, tão importante o auditório e o que este espera como o próprio significado da mensagem veiculada pelo autor da obra.

Como sublinha Carlos García Gual, "Toda forma literaria está dirigida a un público determinado, con una intención expresiva que se adecua a los intereses y a los afanes del mismo. En cierta manera, pues, refleja los gustos y las preocupaciones de un momento y de una sociedad, aunque pretenda huir de ese momento."[79]

Em suma, o horizonte de acolhimento e as expectativas do público-leitor impõem-se como fundamentais e incontornáveis num estudo que pretenda analisar a obra nas suas possíveis ligações com a realidade histórica que pretende transmitir. No caso específico das *MFC*, esta premissa ganha pleno sentido quando, por exemplo, observamos as informações veiculadas pelo fidalgo de Chaves acerca das fortalezas que viu ou das quais ouvir falar em Itália.

No entanto, é necessário fazer uma ressalva importante: ainda que condicionado e influenciado pela experiência literária, pelo horizonte de expectativas e, enfim, pelos interesses pessoais e de condição do seu destinatário, o duque de Bragança, as *MFC* estão longe da aridez e frieza objectiva dos documentos oficiais. Com efeito, a sua vivacidade, colorido e dinamismo intrínsecos, enquanto claros reflexos de um autor apaixonado que nunca se isenta de ajuizar e avaliar o que presencia e os protagonistas das acções (vejam-se os retratos que tece de ambos os pontífices com que se depara durante a sua permanência em Roma), garantem desde logo um estilo e um tom narrativo totalmente díspares relativamente àquele tipo de registos.

Como iremos verificar mais adiante[80], o *corpus* documental oficial, onde se destacam os registos epistolográficos coevos enviados de Roma por embaixadores e demais participantes em missões oficiais, está igualmente sujeito ao princípio do horizonte de expectativas defendido por Jauss. No entanto, o resultado final, devido precisamente aos factores apontados, coloca-os em termos da natureza do conteúdo nos antípodas do testemunho do fidalgo, muito mais emotivo e pessoal. Isto porque as imagens fornecidas nesses textos oficiais são sempre condicionadas pela expectativa *a*

[79] Carlos García Gual, *Los Orígenes de la novela*, Madrid, Istmo, 1972, p. 60.
[80] *Vide* o primeiro ponto (*As embaixadas à cúria pontifícia: festa, propaganda e poder*) da *Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder.*

priori da entidade oficial que as recebe e as lê, ou seja, na maioria dos casos o rei e os seus principais representantes administrativos, como é o caso do secretário de Estado.

Da mesma forma, textos da natureza dos redigidos por Damião de Góis ou D. Jerónimo Osório acerca de acontecimentos que tiveram lugar nesse período (como a dita embaixada de Tristão da Cunha) impõem-se como produções bem diversas das *MFC*, na medida em que, não sendo coevas – ou mesmo distando poucos anos – dos acontecimentos que relatam nem tão pouco fruto de um testemunho em primeira mão por parte dos autores, acabam por recriar o acontecido com base nos dados recolhidos nas referidas missivas oficiais. Desta forma, estabelece-se uma circularidade narrativa em ambos os casos condicionada pela proximidade dos autores ao poder. Por outras palavras, as expectivas que condicionaram a feitura de uns acaba por estar presente na construção narrativa dos outros, dando-lhes assim um mesmo perfil no que respeita ao conteúdo, à mensagem transmitida, bem como ao tom e o estilo da mesma.

Ora como podemos comprovar pela leitura dos textos em questão, as *MFC* estão completamente fora deste círculo. O facto de o fidalgo ter assistido em primeira mão aos acontecimentos e redigir o seu texto em anos não muito distanciados dos eventos que narra, associado à constatação de não estar sujeito à pressão oficial de uma missiva de carácter régio (ainda que "pressionado" pelo espectro dos interesses e das expectativas do único destinatário do seu texto) e, sobretudo, ao facto de possuir um estilo muito mais livre e espontâneo, faz com que o resultado final seja completamente diferente. Daí que o texto não apresente uma estrutura fixa e rigorosamente encadeada com limites temáticos bem delimitados. Ao invés, é notória uma liberdade narrativa que permite ao autor, por exemplo, pontuar o seu testemunho com diversos pormenores antropológicos e etnográficos, os quais, por sua vez, além de dinamizarem o discurso e emprestarem um inequívoco colorido ao mesmo, humanizam o texto no seu todo, afastando-o assim da aridez tradicionalmente associada aos documentos oficiais. Em resumo, o horizonte de expectativas existe em todos os casos e condiciona sempre, só que de forma completamente diversa dadas as condições da produção dos textos, bem como a personalidade, o estilo e a vivência dos autores.

Torna-se, a este respeito, extremamente pertinente a interpretação de Jaume Aurell que salienta como a narrativa histórica tem sempre relações intrínsecas com o contexto e respectivas condições sociais e políticas em que é produzida. Tal premissa

não podia ser mais verdadeira tratando-se dos exemplos acima referidos, em particular as *MFC*[81].

No que diz respeito à classificação do género narrativo – e não género literário, pois as *MFC* não possuem qualquer traço ou intenção ficcional – o texto oriundo da pena do fidalgo de Chaves levanta algumas dificuldades, resultantes quer da sua própria natureza quer da controvérsia sempre associada à exacta definição do conceito de género do texto *per se.*

Ao nosso alcance, e dentro dos limites da nossa área de estudo, está esclarecer o primeiro aspecto. Com efeito, ao mesmo tempo que apresentam grande fluidez informativa e eclectismo de temas e situações, as *MFC* alimentam-se directamente do histórico e do factual. Isto faz com que o registo do texto se cruze com géneros tão diversos como o relato de viagens, a autobiografia, as memórias, a missiva (no sentido de carta de conteúdo político), a epístola de carácter pessoal, o diário, a crónica urbana ou de cidade[82], a relação e, por último, o relatório. Uma mistura de vários tipos de registos que, saliente-se, acontece sem sobressalto. Dito de outro modo, fruto da singularidade determinante de um serviço encomendado, as *MFC* devem essa crise de géneros precisamente à vivacidade com que os mesmos se integram no seu seio e ao extremo dinamismo pluridiscursivo daí resultante.

A haver um género será, portanto, misto e remetendo sempre para a categoria geral de história. O que, por sua vez, faz com que a intenção de verdade – expressa, por exemplo, no recurso à cópia de documentos oficiais[83] – sirva de instrumento de certificação e legitimação da mensagem transmitida. Ou seja, o índice *verdade* é determinante no texto, na medida em que constitui, afinal, o seu objecto último: dar a ver ao destinatário do texto, ainda que filtrado pelo juízo avaliador do autor, o que se passou durante os sete anos em que este permaneceu na capital da Cristandade. A verdade surge, pois, como a representação do passado, ou seja, o que segundo o fidalgo é pertinente dar a ver ao seu senhor de acordo com os interesses e preferências deste.

[81] Cf. Jaume Aurell, "El Nuevo Medievalismo y la interpretación de los textos históricos" in *Hispania*, Revista Española de Historia, Universidad de Navarra, vol. LXVI, nº 224, septiembre-diciembre, 2006, pp. 809-832.

[82] Na medida em que experimenta a narração de cenas de rua e de movimentações colectivas.

[83] Como, a título de exemplo, a carta enviada por Alberto de Carpe, embaixador do imperador Maximiliano em Roma, ao seu senhor a dar conta da embaixada de obediência ao novo pontífice, Leão X, enviada por D. Manuel (vide *MFC*, f. 179v a f. 181r); e o breve que Júlio II envia ao Rei de Castela, queixando-se da traição protagonizada pelo duque de Ferrara, pelos cardeais cismáticos e por Luís XII de França (vide *MFC*, f. 146v a f. 148r).

Ficam desta forma resolvidos os problemas de verosimilhança e até de naturalidade das *MFC*: D. Jaime irá certamente conceder-lhes inteira confiança.

Material histórico inequívoco, o conteúdo incluso no documento resultante do labor do esforçado e arguto fidalgo assume, pois, uma funcionalidade clara: criar impacto histórico, visual e emotivo no leitor. O autor pretende, assim, não apenas satisfazer a curiosidade de D. Jaime, descrever com minúcia para tornar mais nítido o poder de visualização da palavra, mas também surpreendê-lo. E é aí que as suas opiniões e avaliações qualitativas, para além do próprio colorido e da enorme vivacidade do texto, desempenham um papel essencial no conjunto da funcionalidade do mesmo. Elas constituem, afinal, um dos motores e pretextos do realismo quer dos conteúdos veiculados *per se*, quer da mensagem tomada no seu todo. As passagens relativas às batalhas de Ravena e do Marignan, bem como à queda de Siena e respectiva traição que lhe subjaz, sem esquecer a conjura dos cardeais e o daí resultante processo movido contra o cardeal Alfonso Petrucci constituem os exemplos paradigmáticos deste fenómeno – este último representa, aliás, um dos principais, se não o principal, foco gerador de tensão psicológica do relato.

Noutra vertente, o recurso à ironia, censura e até acusação, permite ao tipo de discurso utilizado ultrapassar a sua assumida função de contar factos e informar acerca de acontecimentos dignos de registo e enveredar por uma inequívoca intimidade e cumplicidade com o destinatário do texto. O que nos faz reforçar a ideia base de que a haver um género é compósito (cabendo à história identificar-se neste quadro como matricial), pois tem uma composição heterogénea: incorpora diversos temas e apresenta, em simultâneo, uma evidente interdisciplinaridade discursiva[84]. Por outras palavras, dado que as *MFC* perfazem, enfim, um espaço de confluência de vários géneros e registos discursivos, preferimos não identificá-la dentro de qualquer género bem preciso, reconhecendo-lhe uma natureza eminentemente narrativa e histórica, mas compósita na sua estruturação e na sua manifestação discursiva.

A fazer recurso da classificação proposta por Oliveira Marques[85], as *MFC* integrar-se-iam entre as duas últimas categorias: *cartas missivas* e, sobretudo,

[84] Cf. Teresa Amado, "Os géneros e o trabalho textual" in *O Género do Texto Medieval. Actas do 1.º Colóquio Organizado pela Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval (1996)*, Cristina Almeida Ribeiro e Margarida Madureira (coord.), Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 9-28.

[85] "Todos os documentos que interessam à história se podem classificar em três grandes grupos: *actos jurídicos*, *cartas missivas* e *documentos diversos* (ou *escritos*)". A. H. de Oliveira Marques,

documentos diversos (ou escritos), na medida em este último inclui "(…), memórias, relatórios (…), etc."[86]

Por tudo isto e dada sua funcionalidade, afinal, tópico bem mais importante que propriamente a definição do género, até porque em última análise está na sua base, não parecerá estranho denominar, em termos qualitativos, as *MFC* como um relato ou missiva derivado da pena de um "olheiro" [87].

Aliás, o próprio autor para isto aponta logo na abertura do seu testemunho ao definir objectivamente tratar-se de um "Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue"[88].

Tal classificação do texto nasce, por um lado, da natureza da missão que consideramos ser a do fidalgo, a qual garante à obra um carácter eminentemente historiográfico, e, por outro lado, das próprias características narrativas e discursivas que veiculam, simultaneamente, uma tonalidade e uma expressão marcadamente intimistas e devedoras de uma clara cumplicidade para com o destinatário do texto. E, de facto, quando olhado numa perspectiva distanciada, o que significa realmente o termo "Tratado" no quadro específico deste texto? O que tem implícito quer em termos de objectivos e da própria estrutura da narrativa, quer no que diz respeito ao tom e ao estilo da escrita? Noutra vertente, não será afinal a própria essência do texto de um agente com as funções de "olheiro" precisamente o carácter "misto" ao nível do género narrativo e a natureza híbrida e multifacetada no que diz respeito à forma e à abordagem temática? Isto por oposição, claro está, à indicação bem demarcada e explicita do objectivo do relato?

Pensamos que sim e que as *MFC* correspondem na íntegra a essa matriz. Seja porque a redacção apresenta um tom descritivo e um estilo quase confessional, onde o

---

"Diplomática" in *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (dir.), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984, p. 309.

[86] *Idem*, *ibidem.*

[87] O fidalgo de Chaves apresenta-se-nos de forma inequívoca como um agente de D. Jaime em Roma. No entanto, esta classificação de "agente" inscreve-se mais na função de "olheiro" do que de "espião", conceito bem mais evocativo de outro tipo de acções em termos político-militares. Assim sendo, neste passo é fundamental fazer a ressalva de que, apesar de pouco ortodoxa, preferimos a definição de "relato de um olheiro" à de "relato de espionagem". Esta problemática de carácter autoral será alvo de especial atenção na parte seguinte do nosso estudo (*Parte II – A autoria das chamadas Memórias de um Fidalgo de Chaves: um problema resolúvel?).*

[88] *MFC*, f. 136r.

juízo de valor e a opinião pessoal estão bem patentes – isto para além do dinamismo e da emoção que revela em paralelo com o rigor e a minúcia intrínsecos. Seja porque o fidalgo relata fielmente àquele que requer a comunicação o que se passa num espaço e tempo determinados, tendo em conta quer a actuação de figuras humanas específicas (que não deixa na maioria dos casos de retratar e avaliar), quer as circunstâncias e o contexto em que as mesmas se vêem envolvidas (por exemplo, a postura e a estratégia de Júlio II face aos cardeais cismáticos e ao concílio por eles invocado; ou a conduta e objectivos de Leão X na *Guerra de Urbino*, na queda de Siena e no processo de condenação dos cardeais supostamente conspirativos, em 1517, e que culmina na nomeação extremamente vantajosa para o pontífice de 31 novos cardeais). Seja ainda porque ao longo dos seus fólios nos deparamos com a selecção criteriosa dos acontecimentos a narrar e a consequente descrição dos mesmos (os quais o autor presenciou ou teve conhecimento através de testemunhas que considera fidedignas); a informação e igual descrição dos espaços visitados[89], bem como dos lugares que considera importante destacar em Roma – em particular a nível religioso –; e a referência e na maioria dos casos avaliação das figuras encontradas ou evocadas na descrição dos acontecimentos – sendo este um aspecto de importância crucial, quer na perspectiva da antropologia, da psicologia e da sociologia do texto, quer quanto à definição das reais intenções do autor ao elaborar a narrativa.

Todos estes atributos aliados ao facto de o texto possuir um único destinatário com um perfil e interesses tão singulares quanto os de D. Jaime[90], fazem do documento redigido pelo autor flaviense um notável exemplar daquilo que será modelarmente o resultado escrito do trabalho de um agente / "olheiro" em missão[91].

Daí que seja de ter em conta que muito provavelmente o autor utilizou um diário durante a sua viagem para Roma e durante o tempo que permaneceu na capital da Cristandade, no qual terá registado tudo o que lhe pareceu digno de memória ou

[89] Inclusive durante o itinerário que percorreu até chegar à *Cidade Eterna.*

[90] Como iremos verificar no terceiro capítulo (*Ao serviço de D. Jaime, Duque de Bragança*) da parte seguinte do nosso estudo (*Parte II – A autoria das chamadas Memórias de um Fidalgo de Chaves: um problema resolúvel?).*

[91] Prática certamente comum em Roma no início de Quinhentos como, aliás, Luís de Matos afirma em relação à Casa de Bragança: "Os Duques mantinham por sua vez no estrangeiro os seus agentes, sobretudo em Espanha e em Itália, que lhes enviavam regularmente os seus relatórios. António Caetano de Sousa já não pôde consultar os 'Livros das muitas cousas' em que D. Teodósio reunira as informações recebidas de Espanha, do Vaticano e de Veneza; mas na Biblioteca da Academia da História de Madrid existe ainda hoje o volume sobre política europeia e de passagem sobre história de Arte que o agente de D. Jaime em Roma redigiu ao longo dos sete anos que ali viveu." *in* Luís de Matos, *op. cit.*, p. 20.

interessar particularmente ao destinatário do seu texto. Agente enviado por alguém muito poderoso à deslumbrante mas também perigosa Itália, certamente tomou notas e registou impressões para mais tarde, já regressado à calma da sua terra natal, o ajudarem a pôr ordem nas suas recordações e, enfim, a formular um "Tratado" digno do seu senhor e, portanto, bem representativo da forma como desempenhou o serviço de que foi incumbido. O colmatar das eventuais sombras trazidas com a distância no tempo é, pois, garantido pela natural existência de um registo do tipo diarístico, que permite, em última instância, narrar convenientemente os acontecimentos passados.

O próprio, aliás, dá indício deste facto ao afirmar com algum desalento no início do seu texto, relativamente à igreja siciliana[92] de "monReal" que tanto o maravilhou, que "eu tomei a medida daquelle tam marauilhoso templo, do alto, comprido E ancho. E perdi a em Roma."[93]. O mesmo se verifica mais adiante quando, ao descrever os sucessos relativos à contenda que opôs o papa Júlio II aos cardeais cismáticos, afirma que "muitas outras Rezões vi E ouvia praticar que nam ousaria bem escreuer. ca muitos dos portacolos em que tinha escritas estas E outras muitas cousas perdi."[94] A proximidade temporal aos eventos relatados legitima igualmente a provável utilização de um diário, esse sim totalmente determinado pela funcionalidade circunstancial. É por tudo isto que a leitura da narrativa deve ser entendida como a gradual reconstrução de um universo já vivido, portanto, histórico (todo o discurso é, afinal, desenvolvido no passado narrativo). Um universo indissociável do testemunho e vivências pessoais do autor.

Neste ponto é vital indagar do tom e do estilo da escrita que distinguem as *MFC*. O fidalgo é um homem de acção, que experimenta e dá primazia ao vivido, não um escritor no pleno sentido do termo. Daí na sua escrita sobressair mais o homem interventivo nas coisas de um mundo em acelerada mudança do que o traço reflexivo do pensador – o que não deixa de constituir uma superior manifestação do humanismo e do "cenário" que o contextualiza, isto é, o Renascimento. É a emoção e a paixão que, com efeito, sobressaem do labor da sua pena, mais do que a arte e o domínio da escrita.

Se o fidalgo foi escritor, tal deve-se a uma solicitação superior, portanto de natureza hierárquica. É o que se passa com o documento em questão. Isto não significa,

[92] Mais especificamente em Palermo.
[93] *MFC*, f. 138r.
[94] *MFC*, f. 145v.

contudo, que não fosse um homem de cultura. Bem pelo contrário, como tão bem demonstra, por exemplo, a sua abordagem da música, bem como da arquitectura e da arte religiosas. Daí afinal, como já referimos, que o tom descritivo e o estilo quase confessional marquem profundamente um texto pautado pela presença do juízo de valor e da opinião pessoal.

De realçar aqui que, sendo o fidalgo autor, narrador e sujeito participante do seu texto, por mais declarações de objectividade que formule, acaba – ainda que pontualmente e de forma indelével – por interferir subjectivamente na condução da narrativa, seja seleccionando eventos, seja interpretando-os e formulando sobre eles juízos de valor. É neste ponto, aliás, que o narrador revela atitudes ideológico-afectivas (veja-se, a título de exemplo, a apreciação da relação estabelecida entre o cardeal Alfonso Petrucci e o papa Leão X, sobretudo na sua fase final). Isto, no entanto, nunca colocando em causa a objectividade do texto, que inequivocamente existe, sobretudo pela concordância histórica quer dos factos narrados quer dos dados cronológicos – compare-se, a título de exemplo, as *MFC* com as narrativas de autores coevos, em particular os historiadores Paolo Giovio (1483-1552), Francesco Guicciardini (1483-1540), considerado como o "pai" da História Moderna, e Paride de Grassi (1470-1528), sendo que este último foi mestre das cerimónias pontifícias[95].

Já Aníbal Pinto de Castro, que se debruçou aturadamente sobre o assunto, chama a atenção para esta sintonia factual e cronológica que garante às *MFC* um inegável valor histórico: "É impressionante ver a coincidência dos pormenores referidos pelo Fidalgo, tanto no aspecto factual como na precisão cronológica, com os registos documentais mais seguros da época (…)."[96]

---

[95] Cf. Francesco Guicciardini, *Dialogo e discorsi del Reggimento di Firenze*, R. Palmarocchi (a cura di), Bari, Laterza, 1932; Idem, *History of Italy*, vols. III a VII, London, printed by John Towers, 1753-1756; Idem, *Opere*, Roberto Palmarocchi (a cura di), vol. II, Milano, Rizzoli, 1941; Idem, *Storie Fiorentine dal 1378 al 1509*, Alessandro Montevecchi (a cura di), Milano, Biblioteca universale Rizzoli, 1998; Paolo Giovio, *Elogios o vidas breves de los cavalleros antiguos y modernos*, [*Elogia virorum bellica virtute illustrium veris imaginibus supposita, quae apud Musaeum spectantur*, Florence, Officina Laurentii Torrentini Ducalis Typographi, 1551], Granada, Casa de Hugo de Mena, 1568; Paride Grassi, *Il Diario di Leone X di Paride De Grassi, Maestro delle ceremonie pontificie.* Dal volumi manoscritti degli Archivi Vaticani della S. Sede, Mariano Armellini (a cura di), Roma, s. n., 1884; Idem, *Le Due Spedizioni Militari Di Giulio II: Tratte Dal Diario Di Paride Grassi Bolognese*, Bologna, BiblioBazaar, 2010. No sentido de um maior aprofundamento desta problemática *vide* igualmente Mark Phillips, *Francesco Guicciardini: The Historian's Craft*, Toronto, University of Toronto Press, 1977; T. C. Price Zimmermann, *Paolo Giovio: The Historian and the Crisis of Sixteenth-Century Italy*, Princeton, Princeton University Press, 1995.

[96] Aníbal Pinto de Castro, *op. cit.*, p. 14.

Em momento anterior do seu artigo, também acerca do valor histórico-documental da fonte, Pinto de Castro sobreleva que o "inominado 'fidalgo' se mostra excelente conhecedor das vicissitudes políticas verificadas em Siena, imediatamente após a subida do Cardeal João de Médicis ao trono de S. Pedro. Não pode deixar de causar-nos admiração a coincidência dos pormenores informativos e de perspectivas na análise dos factos verificada entre o narrador português de Quinhentos e os historiadores da vida senense, naquela mesma época, que escreveram posteriormente, como Giovani Antonio Pecci, nas *Memorie storico-critiche della città di Siena*, no século XVIII, ou, já da época moderna, como Fabrizio Winspeare, em *La congiura dei Cardinali contro Leone X*."[97]

Sendo, pois, uma fonte importante pela objectividade e o rigor que a distingue, as *MFC* possuem igualmente um valor superior pela emoção, vivacidade e espírito arguto e inquiridor do seu autor. Com efeito, contidas no texto por vezes de forma directa outras vezes indirectamente, qualidades como o espanto, a admiração e a satisfação andam de mãos dadas com a ironia, a censura, a condenação e a sátira, resultando num todo que terá seguramente agradado ao seu destinatário.

Em suma, objectivo e rigoroso nos factos e no apontar dos acontecimentos, o texto do fidalgo impõe-se igualmente pelo retrato tão expressivo quanto emotivo e afectivo que faz da vida italiana, sobretudo a romana, bem como das figuras que evoca. Um retrato nunca pautado pela frieza discursiva, antes vibrante, por vezes até apaixonado (como se nos depara na descrição de algumas batalhas e no relato das vicissitudes vividas pelo cardeal Alfonso Petrucci, protector do fidalgo em Roma).

Sendo um texto que se assume como relato com destinatário bem definido, a intencionalidade é, nessa medida, sobretudo informativa. E neste quadro o que sobressai das *MFC* ao nível do significado dos signos linguísticos é um apreciável equilíbrio entre denotação (a representação dos objectos tomados em si mesmos) e conotação (a representação de atitudes emotivas, afectivas, subjectivas para com esses mesmos objectos). Ambos estão presentes, umas vezes predominando a denotação sobre a conotação, outras registando-se o inverso. É nesta, sempre difícil de conseguir, harmonia que reside grande parte do valor histórico-cultural do testemunho do fidalgo.

[97] *Idem*, *ibidem*, p. 9. *Vide* igualmente as obras referenciadas por este autor: Fabrizio Winspeare, *La congiura dei Cardinali contro Leone X*, Firenze, Editore Olschki, 1957; Giovani Antonio Pecci, *Memorie storico-critiche delia cíttà di Siena*, [1755-1760], 4 vols., Siena, Cantagalli, 1988.

Por tudo isto, as *MFC* são uma obra perene, situada intermitentemente entre a realidade e os anseios do futuro, ou seja, nunca perdendo o sentido do real não deixa, todavia, de apelar ao sonho:

> "Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes E do que se dizia E fazia per Roma. A sesta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, antre os quaes foi criado cardeal o Jfante dom afonso filho legitimo del Rei dom manuel primeiro deste nome Rei de portugual. (…) no dia que os cardeaes nouos ouveram os barretes comeram com Sua Santidade, E os velhos pollos honrrar. era Ja quasi noite quando sahiram do paço era cousa fermosa de ver tantos cardeaes E tanta Jente tam Rica E luzida que os acompanhauam. o castelo de santo angelo E todalas torres E casas prinçipaes da çidade pareçiam arder com a multidão das luminarias E fogos que se faziam. ca todos honrrauão E festeJauão aos que seruiam E deseJauam seruir. foi cousa marauilhosa que sahidos assi Juntos do sacro paço começou de troar tam grandemente E RelampadeJar que pareçia de dia, E que o çeo se partia [.] (…) estando eu olhando estas nouas festas de tantas mudanças pompas E vaidades deste transitorio siglo"[98];

> "Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos. A quarta feira seguinte que foi o primeiro dia do mes de Julho publicaram por cardeaes os que nouamente erão feitos. E lhes deram os barretes. E loguo A sesta feira que foram tres dias do dito mes, lhes deram os capellos. neste dia assi os nouos como os velhos foram comer com mediçis que avia pouco que era viçe chançaler. E foi o convite nas casas da chançelaria. quem estas cousas vio E as bem considerar, veraa aos olhos abertos quam bulrrosas são as pompas E estado deste mundo. que maiores exemplos se podem dar aos grandes prinçepes que estas cousas que aqui escreuo. os fauores que fortuna daa nam sam destimar. vi os criados dos cardeaes presos sahirem cardeaes, E os senhores despostos. os criados alegres honrrados E aleuantados a grandes estados, E os senhores tristes E desonrrados atormentados E de todo cahidos [.] quem entenderaa estas danças. quem teraa confiança E seguridade de cousa que veJa nesta trabalhosa peregrinação. quatro bispos criados de são Jorge foram ali cardeaes, E de sena o bispo petruche, de saule dous familiares bispos. E elles estauam ençerrados como dito hee. assi que as dinidades E estados dos senhores se converteram nos criados E familiares. hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim."[99]

[98] *MFC*, f. 224r.
[99] *MFC*, f. 225v.

Como podemos verificar, o autor privilegia não apenas o que vê, mas também as particulares emoções e atitudes inerentes. E, não raras vezes, com entusiasmo, expresso particularmente nos detalhes sobre o vivido e o observado:

> "No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feuereiro da era de mil b^{c} e catorze, tomou tristão da cunha porto em çiuita velha […] o qual vinha dar obediençia a sua santidade por el Rei de portugual. E tanto que deçeo em terra se foi pera Roma com sua companhia a qual era de muitos fidalguos e escudeiros. (…) E nos dias que se deteueram sem fazer mostra da embaixada, as Jrmãas do papa E muitos grandes senhores e senhoras foram ver o pontifical que el Rei mandaua A see apostolica, ho qual guarçia de Resende secretario da embaixada que ho tinha em poder amostraua a todos. E elles ficauam maravilhados da grande Riqueza das peças polla multidão do alJofre de que erão cubertas, E de muitos Robis e pedras preçiosas que nelle hião. E pollo conseguinte foram ver o alifante que ficara fora da çidade, por ser cousa nam vista em Roma segundo se dizia do tempo de Jullio çesar, nem em toda Jtalia, senam hum que avia poucos anos que viera a lombardia, mas nam entrou em Roma nem em toda toscana. o dia que avia de ser sua entrada se foi o papa com muitos cardeaes ao Jardim do castelo de santangelo E se pos a huma Janella donde se vee toda a Rua alexandrina ataa o sacro palaçio. E por que vieram por mar entraram polla porta de sam pancraçio que hee na via de çiuita velha. E Jaa todolos prelados E patriarchas, arçebispos E bispos, E os embaixadores do emperador E dos Reis E a familia do papa E todas as dos cardeaes erão hidos ao Reçeber."[100];

> "E os embaixadores do emperador E dos Reis E das senhorias que erão estantes em Roma, E grande multidão de prelados E dinidades E de outros senhores eclesiasticos E seglares que os sahiam a Reçeber, os seguiam em singular ordenança. pareçia tam Rica E fermosa companhia ca toda Roma coRia a velos. E era Jente sem conto, mudandosse de humas Ruas As outras per trauessas E luguares donde os milhor podiam ver atee cheguar a suas pousadas. E entrando como dito hee na Rua alexandrina [,] cheguando A ponte de sancto angelo [,] onde o papa estaua, mandou Sua Santidade que se deteuesse pera ver ho que o alifante fazia. o Jndio lhe fez fazer muitas mesuras E dar bramidos E tomar aguoa na tromba E deitala aos que o papa mandaua. E deitaramlhe ducados no chão tomauaos com a tromba E dauaos ao Jndio E assi outras moedas dahi pera baixo. E de o alifante entender E fazer todo o que lhe o Jndio mandaua erão o papa E os cardeaes marauilhados. despois de lhes o papa dar licença, passaram a ponte E forão por a Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo."[101]

[100] MFC, *f. 178r* e *f. 178v.*
[101] MFC, *f. 179r.*

De salientar igualmente que por vezes o fidalgo marca o seu texto com descrições e panoramas quase visuais, fotográficos mesmo. Um exemplo paradigmático, no quadro do tema da guerra, acontece quando Francesco Maria (I) della Rovere, sobrinho do papa Júlio II, revela publicamente a traição de que foi vítima a mando do pontífice Leão X:

> "o qual [françisco maria] tomou cartas de çertos capitães que escreuiam a Roma, nas quaes vio a traição que se contrataua contra elle. E huma destas cartas era de hum capitão chamado maldonado que estaua açima de todolos outros em estima E saber da guerra a quem o duque daua grande credito, o qual trazia com sua fardage desasseis azemalas de Reposteiros E muitos caualos E facas. como o duque ouve as cartas A mão, chamou os capitães E prinçipaes guerreiros de sua oste, prinçipalmente aos espanhoes nos quaes era toda sua saude, E lhes disse como elle se posera em suas mãos tomando os por companheiros fazendosse Jguoal de cada hum delles. E que por elles E por suas bondades E fortaleza de seus animos, era Restituido a sua honrra E estado, E que aguora elles mesmos o aviam aleuantado E tramado E contratauão com seus Jmiguos de o deRibar E o darem em suas mãos. o que delles se nam esperaua por nam caber na Jente espanhol nome de tredores E de tanta Jnfamia E que Jsto poderiam bem ver por aquellas cartas que aviam sido tomadas, preguntando, se se conheçeria antre elles as letras E sinaes dellas. nam se pode entender com que confiança E ousadia o capitão maldonado confessou ser huma das cartas sua E de sua mão, pollo qual foi loguo tomado dos espanhoes E passado pollas picas dandolhe morte desonrrada E de tredor. E a Roma fugiram outros tres capitães que com elle em conserua eram."[102]

É em situações como estas que o texto do fidalgo se afasta decisivamente da secura, frieza e prudência que caracterizam os documentos oficiais, deixando vir à superfície as suas simpatias e juízos de valor sobre pessoas, facções e acontecimentos. Por outro lado, do ponto de vista operatório, emergem igualmente as suas atitudes e preferências ideológico-emocionais. O destinatário do texto não podia, de facto, ficar mais esclarecido quanto ao que se passava em Itália.

De reter, neste ponto, que o sentimento nacional do fidalgo ainda que muito presente não atinge as proporções desmesuradas e hiperbólicas, por exemplo, de Lopo de Almeida nas suas célebres *Cartas de Itália*[103]. O que só reflecte que aquele estava

[102] MFC, *f. 217v.*
[103] *Vide* Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, Rodrigues Lapa (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1935.

bem mais preparado do que este para contactar com a pujante civilização do Renascimento italiano e tudo o que ela implicava de novo e diferente.

O autor flaviense não se revela, enfim, afastado do que narra. Ele não fica impassível ao que vê ou ouve falar. Antes sente e transmite os sentimentos e as emoções daí derivadas. E sempre, nunca é demais referir na medida em que boa parte do valor e da originalidade do texto resulta daqui, sem comprometer a objectividade com que vê os acontecimentos e avalia as pessoas. E se tem de censurar ou condenar os protagonistas das acções então fá-lo sem condescendência, independentemente da sua posição social. Tal atitude podia revelar-se particularmente perigosa para o autor, sobretudo tratando-se da Roma renascentista; ainda assim arriscou revelar os seus juízos e opiniões desfavoráveis sempre que a isso se sentia impelido:

> "o papa [Júlio II] era homem mao de amansar (…) vendo o papa assentadas suas cousas se foi pera Roma E deixou por leguado em bolonha o cardeal sam vidal que era homem cruel E mui temido o qual antre as cousas que fez mandou hum dia chamar doze cidadões dos prinçipaes aos paços do papa onde elle pousaua E mandou a todos cortar as cabeças E assi mortos os mandou tirar A praça E deitar em esteiras onde estiueron grande parte do dia"[104];

> "Como o bispo petruche se foi pera o cardeal de mediçis. Jaa neste tempo o cardeal de mediçis era vindo a sua leguaçia. o bispo petruche primo com Jrmão do cardeal de sena se foi pera elle com o estamaguo cheo da treição que despois ordenou. este bispo era filho de hum Jrmão de pandolfo. E pandolfo ho criou E lhe deu o bispado de huma çidade das de sena. E quando o cardeal seu filho se foi pera Roma, pandolfo lhe deu o dito bispo por seu mestre de casa por que era Ja homem que passaua de corenta anos. E o cardeall era menos de vinte. elle mandaua E guovernaua toda a casa do cardeal. era homem soberbo de maas Repostas desamaua muito os espanhoes. E por Jsso os que eramos criados do cardeall, nam estauamos em sua graça. o que era ao contrairo com sua Reuerendissima senhoria que mais que a todalas outras nações nos fauoreçia E mostraua muito boa vontade. este naturalmente queria mal ao cardeal E a seus Jrmãos. E nam olhando que seu pai ho posera na homrra que tinha se foi pera mediçis como dito hee E ordio E fez o que se adiante diraa. aguora tornarei ao que os françeses fizeram depois que se partiram da çidade de Reuena."[105];

> "dauasse o papa a todo genero de prazer por que era musico folguaua com os musicos exçedia o modo em folguar com Jograes os quaes de contino

[104] *MFC*, f. 141r.
[105] *MFC*, f. 161v.

tinha A sua mesa. antre outros seus modos de prazeres estando hum dia em belueder com os cardeaes mançebos que sempre ho acompanhauão, tomaram mui grandes guatos como os haa naquellas partes E preguaramnos pollos coiros das costas em tauoas, de sorte que ficauão cos pees mãos E Rostros fronteiros. E mandaram trazer peças de seda da qual seda se prometiam gibões ou pelotes a quem marrando com a cabeça descuberta, dos guatos matasse algum. E alguns de pouco siso ou por dar prazer ao papa E aos cardeaes, ou pollo Jnteresse da seda se poseram ao sobredito combate. E aRemetendo de longe hião dar com as cabeças os mores guolpes que podião nos guatos E erão Reçebidos delles com os dentes E com as vnhas dos pees E das mãos com os quaes os acutilauão no Rosto E na cabeça de tal maneira que eu que era presente os vi apartar com feridas de grande palmo em comprido. E tornando a elles muitas vezes, muitas vezes erão feridos. E alguns mataram. E as empezas das sedas nom lhes tirauam as do Rosto que taes ouve ahi que nunca as perderam. a muitos nam pareçeo este Joguo onesto por ser em presença do papa e dos cardeaes."[106];

"Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice [Leão X] com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio. em estado Renda E autoridade. E ser priuados dos capelos Rendas E dinidades E com muita desonrraençerrados no castelo de santangelo cada hum apartado per si em asperas prisões. E despois esbulhados de todos seus tesouros. E em fim foram mortos per secretas maneiras. as quaes cousas contarei em breue E o mais decraradamente que poder."[107];

"Perdida a lembrança dos sobreditos benefiçios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado. ca deixando o duque dorbino todalas outras vilas E castelos nas mãos dos Jmiguos se Retraheo com sua molher E filhos E com toda a

[106] *MFC*, f. 172r e f. 172v.
[107] *MFC*, f. 176r.

> mais Roupa que pode leuar a pesaro que hee çidade forte E das prinçipaes de seu senhorio."[108]

Papas, cardeais ou bispos, ninguém é poupado ao espírito crítico e à rara capacidade de observação (bem como de comparação e até de sistematização) do fidalgo de Chaves. Mais honestidade e autenticidade não podia certamente o seu senhor esperar de tão diligente agente. Ora, este facto por si só dá bem a ver o valor e a ousadia do texto. Nos antípodas basta para garantir às *MFC* um lugar único na documentação portuguesa e até europeia.

Por estes exemplos – que, saliente-se, pela sua natureza e incisão só podiam ser veiculados por alguém que conhecia muito bem, ou seja, de experiência vivida e contacto pessoal, a realidade sobre que escrevia – podemos também averiguar da preocupação do autor pelos pequenos aspectos que revelam, afinal, a natureza e a índole moral da pessoa. Aqui é fundamental não esquecermos que nem sempre se limitou o fidalgo ao lado cruel e nefasto do que viveu em Roma. Comprovam-no bem, a título de exemplo, as suas referências às mulheres romanas, em particular as cortesãs, durante o carnaval e a quaresma:

> "hee cousa Real pera ver. dali se tornam a sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, prinçipalmente no dia dentrudo em que feneçem por aquelle ano, E se faz a festa de monte trastacho (…)"[109];

> "os que nam tem liçença pera sahir de suas casas sem faustos E aparato se vestem de mascaras pera se solazar. E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conheçidos nom lhes hee estranhado destes prazeres [.] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza

[108] *MFC*, f. 209r.
[109] *MFC*, f. 182v.

louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee. as molheres acustumam trazer na mão huma mui sotil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas aguoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia"[110];

"outros cardeaes E senhores fizeram outras envenções de mascaras Ricas E de grandes despesas, mas as dos dous sobreditos foram vantaJosas. todas se aJuntaram no sobredito campo. os quaes pareçeram tambem que era cousa de marauilha, polla diuersidade das envenções E dos grandes guastos das sedas. naquelle dia assi nas mascaras como nos caualos o cardeal de sena foi vençedor. E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma. E o que destas çeas sobeJa se daa a muitos pobres enverguonhados que vão aquella noite pollas Ruas bradando pedindo esmola que os sostenta parte da coresma. E assi feneçem as sobreditas festas das mascaras."[111];

"A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palaçio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancraçio na via de çiuita velha. nesta multidão de

[110] *MFC*, f. 183v.
[111] *MFC*, f. 184r.

> Romanas hee cousa de marauilhar os fermosos E honestos Rostros que se vem. E muito mais hee despantar a pouca pompo com que sahem de suas casas E se vão por aquelles desertos de Roma com tanta deuação buscando sua saluação. por honrradas E Ricas que seJam nom leuam consiguo homens nem donzelas que as acompanhem. aJuntanse humas vezinhas ou parentas humas com as outras, E de duas em duas Jgualmente vão fazendo suas Romarias, de sorte que nam se enxergua qual hee a maior da menor. E a esta deuação vão tantas quantas diguo que cobrem os caminhos. seus vestidos são na maneira seguinte. em luguar de mantilhas andam cubertas de pano de linho mui aluo E delguado. cobrense com hum lençol dos hombros pera baixo atado per Jentil maneira debaixo dos braços que lhes cobre todas as vestes. E por çima das cabeças hum pano ou toalha sem nenhum lauor ancha E comprida que lhes cobre os hombros E braços, E grande parte do sobredito lençol, a qual aJuntão no peito com as mãos que geralmente tem mui fermosas nas quaes nam trazem luvas nem anees. leuão os Rostos cubertos ata o meo nariz de sorte que passando a molher Junto de seu marido nam pode ser delle conheçida se se ella quiser encobrir. mas quando lhe apraz abrem seu pano, E amostram os peitos que debaixo trazem fermosos E mui descubertos [,] E finas sedas E grãs de que andam vestidas. os quaes vestidos na são de Rabos como os que se acustumam em portugual, mas compridos E Redondos quanto cobrem os pantufos ataa o chão. E sem nenhum verduguo nos Refeguos. trazem calças de piar mui finas E Justas, E nom cahidas E de grosso pano como as castelhanas. nom acustumam chapins, soomente sobre o pear huns mui baixos E bem feitos çapatinhos E pantufos. quando aconteçe coRer vento enchense os lençoes que pareçem velas, E os vestidos debaixo se mostram de maneira que vão pareçendo tam bem que nenhum outro traJo pode ser mais gentill. nenhuma filha de Romana, nam sahe fora em quanto nam hee esposada. E as que ho são, vão com suas mãis As estações, E vão diante E as mais detras vão Ricamente vestidas. E trazem soomente a toalha da cabeça em luguar de mantilha, E todolos outros vestidos descubertos. algumas senhoras de vilas E terras em quanto são moças trazem mantilhas de pano como em portugual. E então nam vão a nenhuma parte sem homens diante de si. E despois que tomão os lençoes vão soos da maneira sobredita.”[112]

O fidalgo também consegue, pois, ser íntimo e divertido. Estas últimas passagens reflectem exemplarmente como o seu texto possui um precioso colorido pautado pela frescura narrativa e o movimento.

O facto de, em variadíssimas situações, o autor chamar especificamente a atenção para o carácter presencial do seu testemunho – em fórmulas concretas e inequívocas como *eu ho vi*[113], *eu falei com muitas pessoas*[114], *fui ver*[115], *o qual eu bem*

[112] *MFC*, f. 184r a f. 185r.
[113] *MFC*, f. 157v.
[114] *MFC*, f. 167v.

conheçi[116], *a qual eu muitas vezes fui visitar*[117], *muitos mo afirmaram E ella mo disse*[118], entre outras referências – faz transparecer a sua grande preocupação em legitimar e confirmar ao destinatário a veracidade das informações que transmite. Afinal, o seu conhecimento dos acontecimentos que relata e das pessoas que referencia provém grandemente do que ouviu e viu em primeira mão[119].

Neste passo é de realçar que o autor por diversas vezes conjuga os dados lidos com as informações oriundas da sua própria observação, garantindo assim uma maior segurança ao redigido. Damos, mais uma vez, como exemplo a plena coincidência referida por Aníbal Pinto de Castro entre o texto do agente flaviense e as *Mirabilia Urbis Romae* na descrição da igreja de S. João de Latrão, aquando da narração das estações quaresmais[120]. O mesmo investigador aponta outra interessante coincidência, desta feita a propósito da igreja de S. Lourenço in Dâmaso[121].

Porque impresso em Chaves, em 1489, é provável que o fidalgo tenha lido o *Tratado de Confissom*, o qual desenvolve uma crítica implacável contra a corrupção eclesiástica ao mesmo tempo que faz o elogio do homem, seguindo, de acordo com Pina Martins, fielmente as ideias defendidas pelo humanista italiano Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494)[122].

Como já assinalámos as *MFC* são pluritemáticas. Com efeito, o autor evoca diversos temas e problemáticas ao construir o seu monumental *Tratado*. No entanto, algumas disciplinas existem às quais dedica especial atenção, a saber, a política, a guerra, a cúria, os jogos de poder (com singular observação dos actos conspirativos[123]) e as redes clientelares, a diplomacia (com, naturalmente, particular atenção para as embaixadas), o nepotismo, o quotidiano lúdico e religioso romano (em especial os jogos, as corridas de cavalos, a caça, as festas colectivas e as procissões), os costumes

---

[115] *MFC*, f. 170r.
[116] *MFC*, f. 172r.
[117] *MFC*, f. 177r.
[118] *MFC*, f. 206v.
[119] Cf. Aníbal Pinto de Castro, *op. cit.*, pp. 7-16.
[120] *Idem*, *ibidem*, p. 10-11.
[121] *Idem*, *ibidem.*
[122] Cf. José V. de Pina Martins, "Estudo introdutório: Thomas More e a Utopia" *in* Thomas Morus, *Utopia ou A melhor forma de governo*, Aires A. Nascimento e José V. de Pina Martins (ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, pp. 23-139. Sobre esta matéria ver igualmente José V. de Pina Martins, *Tratado de Confissom*, Lisboa, INCM, Portugaliae Monumenta Typographica, 1973, pp. 96-97 e 99-100.
[123] Sobretudo aquele que envolve a queda e a misteriosa morte do seu protector em Itália, o cardeal Alfonso Petrucci.

(vejam-se as impressivas passagens relativas às cortesãs), o vestuário e a alimentação, a arte, a arquitectura, o património construído da Igreja e a música. Tal pulverização e riqueza temática expressa bem o universo multifacetado da obra. A fixar é que este carácter plural e heterogéneo é ele próprio uma marca do humanismo e do Renascimento.

O fidalgo mostra, num quadro mais generalista, o quanto agitada e perigosa era a vida na Itália coeva, e muito particularmente em Roma. São diversos os exemplos de conflitos de rua e de violência civil em Roma. Revela também de forma ampla como decorria a vida aristocrática e eclesiástica na capital da Cristandade – para este facto em muito contribui a circunstância de estar ao serviço do cardeal Alfonso Petrucci, uma das figuras mais proeminentes na cúria romana. Tudo num tom e num estilo que claramente evidenciam a preocupação e a urgência em informar o seu senhor.

Aníbal Pinto de Castro classifica-o de "Bom psicólogo!"[124]. Nós, porém, vamos mais longe, porque consideramos que o seu relato a isso convida: o fidalgo era igualmente bom historiador, bom sociólogo, bom etnógrafo e bom antropólogo, tanto quanto é possível aplicar tais categorias ao momento em que vive.

Para avaliar da fiabilidade e da credibilidade documental das *MFC* enquanto fonte histórica de elevado valor temos de explorar, como a normatividade da disciplina assim o exige, as problemáticas da datação e da autoria. Pela singularidade inerente ao caso concreto das *MFC*, a questão da definição autoral será averiguada na parte seguinte do nosso estudo, especificamente dedicada a esse tema. Quanto à datação as coisas revelam-se mais simples e claras. Com efeito, as pistas fornecidas pelo autor quando combinadas com os dados que hoje dispomos, permitem concluir que a redacção do texto final não tenha acontecido antes de Julho de 1521 e em momento posterior a Dezembro do mesmo ano.

Aprofundemos estas datas que desempenham a importante função de balizas temporais. A primeira, especificamente 9 de Julho de 1521, prende-se com o facto de, já perto do final do seu relato, o autor assinalar que tomou conhecimento do falecimento do cardeal de S. Jorge – Rafael Riario, um dos envolvidos na conjura de 1517 contra Leão X – através de cartas enviadas de Itália pelos seus amigos. O falecimento ocorreu em Nápoles precisamente a 9 de Julho de 1521, o que faz pender a redacção final (seja,

[124] Aníbal Pinto de Castro, *op. cit.*, p. 15.

por exemplo, na forma de retoques ou de pequenas adições ao texto principal) das *MFC* até momento nunca anterior a esta data[125]:

> "ao tempo de minha partida ficaua Ja em sua casa, mas nam hia a consistorio. E todavia nam perdia a autoridade de seu grande estado. sendo eu curioso de saber a fim destes males, ao tempo de minha partida de Roma Roguei a alguns cortesãos meus amiguos que me escreuessem o que adiante passasse. E antre outras cousas me screueram que sam Jorge morrera em napoles onde fora fugido de Roma com presunção que lhe deram peçonha em napolles."[126]

Já a data seguinte, 13 de Dezembro de 1521, relaciona-se com o falecimento de D. Manuel, que já não é assinalada no texto e certamente o seria se o autor tivesse conhecimento da morte do rei. Até porque o relato termina de forma esclarecedora:

> "E dali me vim a almeirim onde vossa Jlustrissima senhoria estaua com el Rei dom manuel seu tio, beiJar suas Reaes mãos. Deo gratias"[127]

O autor refere-se sempre ao rei português como sendo uma figura coeva, presente, e portanto viva à data da redacção do relato[128].

Por outro lado, a comprovar igualmente que a redacção do documento se tenha efectuado apenas alguns anos após a saída do fidalgo da *Cidade Eterna* e nunca na sequência de um longo intervalo temporal – condição importante para indagar do seu valor enquanto fonte histórica fidedigna – destaca-se o facto de o autor não fazer qualquer menção a outro acontecimento marcante, que tão profundamente abalou (e traumatizou até) a Cristandade coeva: o saque de Roma ocorrido em 1527. Se nesta data o fidalgo estava vivo e teve conhecimento de tal desastre para o mundo católico, então certamente o faria representar no seu *Tratado*, caso este ainda não estivesse terminado e entregue a quem lho encomendou. Ou não estivesse em causa a integridade física e espiritual daquela que é a grande protagonista espacial não apenas do seu texto, mas também da sua jornada e, enfim, da sua longa permanência em terras italianas.

[125] Cf. Eugenio Asensio, *op. cit.*, pp. 7-28.
[126] *MFC*, f. 225v.
[127] *MFC*, f. 227v.
[128] Cf. Eugenio Asensio, *op. cit.*, pp. 7-28.

Por último, a redacção não poderia igualmente ter ocorrido depois de 20 de Setembro de 1532, ano da morte de D. Jaime, 4º Duque de Bragança, o destinatário do texto.

A datar-se a redacção, na sua versão definitiva, das *MFC* será então durante o breve período que decorre entre meados de Julho e meados do mês de Dezembro de 1521.

~

Apesar das lacunas do manuscrito e das obscuridades que continuam a impossibilitar levantar o véu da sua autoria, as *MFC* impõem-se quer pelo seu valor histórico-cultural, quer pelo facto de constituírem uma expressão inédita do diálogo cultural entre Portugal e a Itália, como tão bem deu a ver Aníbal Pinto de Castro.

Um encontro que tem a singularidade de interligar, e imiscuir até, as duas faces de Jano que marcam este período incontornável da História da Europa: por um lado, o espírito ainda medieval, na medida em que utopias como a cruzada e um determinado modo tradicionalista de conceber a comunidade humana continuam indiscutivelmente a marcar presença no quotidiano dos homens; e, por outro lado, a vigorosa e expansiva vaga cultural, social, artística, técnica, económica, religiosa e política trazida pelos novos tempos em Itália, que, com ritmos e intensidades diferenciados, vai mudar de forma irreversível a face e os destinos da Europa.

Na essência trata-se de uma atitude e uma postura novas perante a vida e o conhecimento que esta veicula. A forma como o fidalgo elabora o seu discurso já está de acordo com os atributos humanos que distinguem estes novos tempos, a saber, a curiosidade pelo novo e pelos processos que envolvem a existência do homem em comunidade, a observação e o sentido prático da vida sem nunca perder contudo a busca da sua dimensão espiritual.

Tudo numa síntese[129] onde se evidencia o facto de o determinismo religioso estar já fora da concepção mais essencial do texto. O discurso autoral não assenta já os seus alicerces sobre a condicionante mensagem divina, como acontecia na Idade Média, mas sim sobre os acontecimentos humanos que surgem agora como o motor do devir

[129] Afinal, uma reconstituição é sempre uma síntese.

histórico. Facto que, como já se destacou, traz consigo uma notável novidade cultural com implicações a todos os níveis: a consciência histórica ou, por outras palavras, a ideia de que a história deve ser entendida como processo.

Se juntarmos a isto o facto de não serem abundantes os textos portugueses coevos desta natureza, sobretudo pelo tom e o estilo utilizados pelo autor na transmissão da sua mensagem[130], então será fácil concluir estarmos perante um texto tão original quanto valioso para o conhecimento da época e das problemáticas (internas e externas à fonte) em questão.

Um singular olhar português sobre a Roma dos alvores de Quinhentos, eis como podemos definir as *MFC*. Um olhar que nos dá a ver como a Itália se tornara nestes anos de viragem o palco das grandes disputas europeias ocidentais. Disputas que visavam a hegemonia sobre a Cristandade. A Europa decidia-se realmente em Itália. E o fidalgo estava lá para dar notícia ao seu senhor dos principais eventos relacionados com esse dramático processo político-militar. Por outro lado, repercutem-se igualmente nas *MFC* quer a subversão dos valores religiosos tradicionais vivida em Roma, quer as fortes tendências de secularização do pensamento político proveniente da cúria. Fenómenos que conduzirão, afinal, à ruptura da Cristandade e à renovação da própria Igreja. Mas na sua espontaneidade e efervescência, as *MFC* constituem também um intenso depoimento sobre a sociedade em que o autor viveu durante sete anos. Um depoimento, retenha-se, a cada momento elaborado sob o prisma da crítica e da avaliação. Daí que política, poder, guerra, sociedade e moral sejam vectores transversais a todo o relato.

Em síntese, o texto nascido da pena do atento viajante flaviense é, por tudo isto, uma potente expressão daquele *furor politicus* que se vive em Roma e em Itália e de que o texto de Maquiavel é uma excelente expressão material. Sem obviamente pretender comparar os autores, somos nessa medida levados a afirmar que pressente-se nos seus emotivos fólios aquela mesma veemência e vontade, aquele mesmo ímpeto de dizer, aquela necessidade urgente de esclarecimento, para si e para o seu destinatário.

[130] Neste ponto, pensamos ser fundamental realçar que a definição dos processos de construção frásica e estilística do discurso do fidalgo de Chaves não cabe nos limites da nossa análise, até porque o nosso campo de estudos é diverso.

Por isso, as *MFC* constituem um fiel e singular testemunho português do inquieto e atormentado percurso de um continente e de uma cidade condutora de povos e nações em profunda e acelerada mudança.

Parte II – A autoria das chamadas *Memórias de um Fidalgo de Chaves*: um problema resolúvel?

1. Estado da questão

A autoria das *MFC* é uma questão que, desde o primeiro momento, constituiu um desafio para os investigadores que se debruçaram sobre este importantíssimo documento.

"Me duele abandonar a mi autor sin haberle podido asignar nombre y apellido, pero no he sabido encontrarlos"[1], declara resignado Eugenio Asensio. Já Aníbal Pinto de Castro, que dedicou a quase totalidade do seu texto à questão da autoria, faz progressos importantes na resolução do enigma, sem no entanto conseguir efectivamente levantar o véu sobre o mesmo. Ainda assim, o seu trabalho é incontornável na medida em que coloca de parte um conjunto de hipóteses até então muito credíveis, ao mesmo tempo que deixa pistas para a continuação do périplo: investigar o círculo de portugueses que então frequentavam a Universidade de Siena[2].

Seguimos essas pistas – que têm toda a pertinência dado que foi neste quadro que o fidalgo contactou com o cardeal de Siena, Alfonso Petrucci – com profundidade, mas a busca revelou-se, mais uma vez, infrutífera. Com efeito, averiguados os registos italianos coevos[3] relativos à presença de estudantes portugueses no universo académico de Siena, o enigma permanece:

> "Neste tempo se veo pera Roma o Reuerendissimo alfonso petruche cardeal de sena filho do magnifico pandolfo duque E senhor daquela antigua E mui nobre çidade. E por que estando eu em sena quando lhe o papa mandou o capello de cardeal me tinha visto na companhia de dom anRique E dom antonio dazeuedo E doutros fidalguos E portugueses muito

[1] Eugenio Asensio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), descripción de la Roma de Julio II y Léon X" in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, p. 26.
[2] Cf. Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16; Eugenio Asensio, *op. cit*., pp. 7-28.
[3] Cf. Giovanni Minnucci e Leo Košuta, *Lo Studio di Siena nei secoli XIV-XVI. Documenti e notizie biografiche*, Milano, Giuffrè Edítore, 1989.

> honrrados que naquelle tempo ali estudauão na sapiençia. me Reçebeo por seu no foro dos mais estimados familiares."[4]

Analisámos igualmente os trabalhos de António Caetano de Sousa e do Abade de Baçal com o objectivo primordial de encontrar qualquer referência a fidalgos agentes do 4º duque de Bragança em Roma no período em questão – e que, dado fundamental, coincide com o período de negociações com Roma para obtenção da autorização para converter direitos de padroado em comendas da Ordem de Cristo e de apresentação da Casa de Bragança –, mas também com resultados infrutíferos[5].

O dado mais seguro que continua a existir acerca da identidade onomástica do autor é, pois, o fornecido pelo próprio texto:

> "E no mesmo tempo que estes foram em Roma presos prenderam em frorença hum çulurgião dos grandes ditalia chamado João bautista de virçely E foi trazido a Roma A mesma prisão de torre de nona, E aguasalhado com as mesmas Jguarias de tormentos que foram dados aos outros. este çulurgiam era grande seruidor do cardeal, acompanhauao como seu propio familiar. por ser tam exçelente em seu ofiçio E muito Rico E aventaJado de sua pessoa o cardeal o fauoreçia E honrraua muito. aJnda que pareça sahir fora do proposito direi duas notauees cousas que lhe vi fazer. estando em pratica A mesa do cardeal, disse que sabia compoer hum vinho de tal maneira que faria dormir com huma taça delle çertas oras a qualquer homem que o bebesse. foi Jsto esprementado em hum moço da estrebaria E a vista dos que eramos presentes lhe deu o vinho. E despois de o beber esteue o moço mui pouco espaço sem sahir de seu sentido. E duroulhe o sono as oras que o mestre dissera. a outra estando huma tarde de verão assentados em hum poyal A porta do cardeal, cheguou hum moço muito doente a pedirnos esmola. perguntoulhe João bautista que doença era a sua. Respondeo que de dor de pedra. o mestre olhando pera mjm disse, miçer Jacobo, queres que faça huma gualantaria neste moço em guareçer em continente.[?] eu lhe Respondi que faria seruiço a deus. E fello loguo tomar E leuar a huma das camaras do apousentamento das casas debaixo, E mandou o atar a hum leito. E bem aRematado dos que hi estauão ho abrio por antre as pernas E lhe tirou a pedra do tamanho de huma noz, a qual nos veo amostrar aos que estauamos de fora. E foi Jsto feito contra vontade do moço a que nam aproueitou brados nem choros. fez loguo hum escrito pera os mordomos de hum esprital que ho Recolhessem E dous familios ho leuaram assentado

[4] *MFC*, f. 152r.

[5] Cf. António Caetano de Sousa, *História genealógica da casa real portuguesa*, tomo 5, Coimbra, Atlântida, 1946-55; Idem, *Memórias históricas e genealógicas dos grandes de Portugal*, 4ª edição, Lisboa, Arquivo Histórico de Portugal, 1933; Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança, Tomo VI – Os Fidalgos*, Bragança, Câmara Municipal de Bragança / Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal, 2000.

> em huma cadeira. di a poucos dias o moço lhe tornou a Render graças pollo bem que lhe fizera são. E sem paixão alguma, tornando ao proposito, este mestre E os outros foram mui mal tratados na prisão, sendo per continos dias mui atormentados."[6]

Como Aníbal Pinto de Castro salienta, *miçer Jacobo* (ou *Jacopo*; ambas as denominações em italiano) corresponde aos nomes portugueses *Diogo* ou *Jaime.* Será, portanto, seguindo a lógica da fonte, um destes nomes o do fidalgo de Chaves. De realçar que esta é a única referência presente na narrativa relativamente à identificação onomástica do autor.

Assim sendo, são três as informações objectivas que possuímos acerca da identidade do autor das *MFC*: como indica logo no início do seu relato, parte de Chaves, onde habita e de onde se presume ser natural, a 21 de Maio de 1510 em direcção a Roma[7]; é um criado do 4º duque de Bragança, D. Jaime, como assinala no prólogo[8]; regressa a Portugal no dia 11 de Setembro de 1517.

Neste ponto é importante explicitar um aspecto: em nenhum momento do relato surge a indicação expressa da condição social do autor. Eugenio Asensio afirma que "De sus manifestaciones se infiere que era um fidalgo por cima de los escuderos, a los que alude con leve desdén y por bajo de los magnates."[9] Partilhamos da tese do investigador espanhol, mas consideramos, no entanto, que o indício que dá – apesar de importante – não é suficiente, até por tudo o que a fonte disponibiliza. Com efeito, a fonte oferece vários indícios que evocam efectivamente a sua condição social de fidalgo. Não nos permitem, contudo, discernir da especificidade da sua nobreza. Ou seja, não nos possibilitam conhecer a sua exacta posição no quadro das redes clientelares do ducado de Bragança.

Esta informação certamente ajudaria na definição do seu perfil, pois a Casa de Bragança, como grande casa senhorial que é, regista uma grande diversidade de condições sociais, inclusive dentro do mesmo grupo, por exemplo, a nobreza, ao nível dos criados e demais servidores, bem como importantes diferenças de situações perante

---

[6] *MFC*, f. 220r e f. 220v.
[7] "Parti de chaues de minha casa a xxj dias andados de mayo, na era de mil b.^{c} E dez anos. fui a valledolid" in *MFC*, f. 136r.
[8] "Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue.", *ibidem.*
[9] Eugenio Asensio, *op. cit.*, p. 9.

a Casa e o seu chefe[10]. Neste âmbito, bons indícios temos que na juventude o autor tenha sido moço-fidalgo na hierarquia da Casa de Bragança, desenhada em pirâmide. É o próprio texto que no-lo informa:

> E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem."[11]

Como Mafalda Soares da Cunha destaca, a estrutura social da corte ducal é piramidal, estando o topo destinado aos que por nascimento se situavam logo nessa posição, e que, por isso mesmo, ingressavam normalmente como moços da câmara do guarda-roupa ou moços fidalgos, ou aos que, com situação social de origem ligada à pequena nobreza, haviam desenvolvido com êxito percursos internos à Casa[12]. A mesma investigadora assinala que na "Casa de Bragança a criadagem nobre entrava no serviço ducal mais precocemente do que os criados de condição inferior."[13] Daqui podemos então depreender que, possivelmente, o fidalgo tenha pertencido à categoria dos que, por nascimento, se situavam logo nas posições cimeiras dessa estrutura.

Mas regressemos à explicitação das pistas que a fonte fornece para concluir da condição fidalga do autor. O primeiro indício surge logo durante a viagem para Roma, quando o autor visita Barcelona:

> "cheguamos a barçelona E por que as calmas eram Ja mui grandes E eu hia maldesposto detreminei de esperar nauio pera passar a Roma. E os companheiros se forom per terra E despois os achei a todos doentes em Roma pollo trabalho do longuo caminho. muita Jente honrrada se ajuntou em barçelona pera passar a çerdenha, çezilia, napoles E a Roma. eu estiue esperando embarcação xxiiij dias. naquelles dias por ser eu portuguez muitos fidalguos da çidade me fizerom honrra E guasalhado. E alguns

[10] Sobre a composição social dos criados e demais servidores da Casa de Bragança *vide* Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, Lisboa, Editorial Estampa, 2000, pp. 48-88.
[11] *MFC*, f. 201r.
[12] Cf. Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, op. cit., pp. 48-88.
[13] *Idem, ibidem*, p. 70.

> delles hindo seruir a el Rei de napoles lhe deron enformação de mjm, pollo qual cheguando eu a napoles me mandou chamar." [14];

Ainda no âmbito da mesma deslocação, impõe-se-nos uma segunda evidência do estatuto nobre do autor. Trata-se do momento em que, já em Nápoles, é solicitado a dirigir-se à corte do vice-rei[15]:

> "em aguosto me parti em huma caRaca de catelães pera napoles. estiue em napoles oito dias. o viso Rei por ter a enformação de mjm dalguns fidalguos de barçelona me mandou chamar E me perguntou por todolos fidalguos E musicos que el Rei leuou a çaraguoça quando foi a ser Jurado por prinçepe de castela. lembrome que me perguntou por dom João de sousa E por João Rodriguez maramor E se zombauão aJnda E perguntoume por fontes, por vasco fois, por carracão E por outros."[16]

Depois, em dois momentos diferentes do texto, o nosso fidalgo evoca ter amigos cortesãos, participando inclusive numa reunião festiva com um deles:

> "E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada." [17];

> "sendo eu curioso de saber a fim destes males, ao tempo de minha partida de Roma Roguei a alguns cortesãos meus amiguos que me escreuessem o que adiante passasse. E antre outras cousas me screueram que (…)"[18]

O facto de, como já referimos, na mocidade ter servido o duque de Bragança, impõe-se igualmente como um indício importante.

Num outro plano, a forma simultaneamente profissional e vibrante como descreve os inúmeros momentos bélicos que preenchem a quase totalidade da fonte constituem outra referência inequívoca. Na verdade, só alguém de ascendência nobre e, por isso, de alguma forma já experimentado na guerra estaria em posição de efectuar

[14] *MFC*, f. 136v.
[15] Trata-se de Ramón Folc de Cardona-Anglesola (1467-1522), que foi vice-rei entre 1509 e 1522, data da sua morte.
[16] *MFC*, f. 138r.
[17] *MFC*, f. 184r.
[18] *MFC*, f. 225v.

descrições da natureza das que o fidalgo revela. Podemos mesmo afirmar que se o autor falasse do comércio como fala da guerra seria muito provavelmente mercador:

> "Da batalha de Rauena. Muitas cousas notauees diziam que aconteçerom antre os guerreiros espanhoes E françeses assi ante como despois na batalha. E por que nam hee de crer que os que se nom acharom em tam temeroso feito podessem dar çerta fee das cousas notauees E do que de feito passou escuso de escreuer as deferenças E particularidades que se diziam que muitos capitães E soldados fizerom naquella cruel batalha E passarei por Jsso por nam ser perluxo E nam ter duuida que de tam grão feito darmas vossa Jlustrissima senhoria tem sabido ho mais çerto. contudo das muitas sentenças algumas direi – E com temor de ser Reprendido –. diziasse que estando os aRaiaes A vista hum do outro, metendosse soomente em meo o sobredito Rio, mom senhor de fois capitão geeral dos françeses mandou o dia dantes da batalha hum trombeta desafiar ho viso Rei pera lhe dar batalha ao outro dia." [19]

O facto de entrar para o círculo mais íntimo e familiar do cardeal de Siena, Alfonso Petrucci, constitui mais uma prova da sua condição social:

> "Neste tempo se veo pera Roma o Reuerendissimo alfonso petruche cardeal de sena filho do magnifico pandolfo duque E senhor daquela antigua E mui nobre çidade. E por que estando eu em sena quando lhe o papa mandou o capello de cardeal me tinha visto na companhia de dom anRique E dom antonio dazeuedo E doutros fidalguos E portugueses muito honrrados que naquelle tempo ali estudauão na sapiençia. me Reçebeo por seu no foro dos mais estimados familiares."[20]

O mesmo princípio se aplica no que respeita à relação extremamente próxima que mantém com a sobrinha do papa Leão X:

> "Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa, a qual era per seus embaixadores esposada com o senhor de pombrino o qual hee gram senhor de Renda E mui gentil homem de sua pessoa E desposição de corpo. E a esposa tambem fermosa E gentil dama, com a qual eu tinha muita familiaridade, E com a senhora sua mãj. E per suas mortes perdi muitas esperanças de merçes que me tinham prometidas, as quaes nam ouve por menos perda que as que esperaua do cardeal, se nosso senhor lhe dera vida, por que o mesmo amor tinha de sua

[19] *MFC*, f. 154v.
[20] *MFC*, f. 152r.

> Reuerendissima senhoria visto per promessas E merçes que delle Reçebi. a morte desta senhora se causou da vinda de seu esposo a Roma, por que o papa os quis Reçeber E dar o anel, segundo husança de Jtalia. E çearam ambos A mesa com Sua Santidade comendo Juntos o manifico Julião com todalas outras Jrmãas E parentes que foi cousa nom acustumada dos papas por ser a çea pubrica E de tantos festeJada E de Jograes como voda. ãs Jguarias muitas, as muitas maneiras de musicas causaram muita detença. E a esposada era de desposição E Jdade delicada, os vestidos de borcado de pelo, E as muitas Joias eram pezadas. o tempo era de grandissima calma, assi que a tam Jentil E tam honrrada E festeJada noiua contra todo ordem de çerimonia apostolica se partio dali com febre pequeno daquelles que nam dão vida em Roma. E peJorando cada dia nam lhe valeram os grandes Remedios per sua saude buscados com tanta diligençia que segundo ella mesma me disse lhe dauão perlas E pedras preçiosas com outras semsaborias E vaidades pera lhe dar vida."[21]

E, como se não bastasse o já exposto, o próprio desejo do papa Leão X de "tomar" alguns criados do cardeal, entre os quais estaria o fidalgo de Chaves, faz-nos vislumbrar da sua posição na estrutura social da época:

> "ao cardeal de sena deu a vila de bolsena que era sua E a Jurdição da via de populo que hee hum dos melhores de Roma E tomoulhe çertos criados no conto dos quaes eu entrei. mas nenhum dos outros nem eu nom quisemos deixar ho seruiço do cardeal vendo que o seu paço E tenello era mui A frorentina." [22]

O facto de ter beneficiado de determinadas e extremamente preciosas mercês atesta também a inevitabilidade do seu estatuto:

> "sua Reuerendissima senhoria me tinha avido do papa despensação pera ter em comenda no abito de cristos çem mil Reis de Renda digreJas, E o breue era cometido a sua senhoria. E por que seu custume era honrrar E acreçentar seus criados, tanto que detriminou sua partida me disse o dia pera que me aperçebesse pera me fazer caualeiro E deitar ho abito. E o dia assinado de sua partida foi o em que me fez a sobredita merçe com muita solenidade E honrra. E tanto que acabou de comer mandou que caualguassemos dizendo que hia A caça. E assi Juntos com nossos carnetos, trellas E toda a outra maneira de caçadores sahimos per Roma

[21] *MFC*, f. 203r e f. 203v.
[22] *MFC*, f. 172r.

> contra a porta de sam sebastião que sera pouco menos de huma leguoa com o despouoado por dentro da çidade." [23]

Por último, consideramos que o final do seu testemunho constitui uma prova maior da sua fidalguia:

> "E vim por terra a lixboa onde Jachei a nao. E dali me vim a almeirim onde vossa Jlustrissima senhoria estaua com el Rei dom manuel seu tio, beiJar suas Reaes mãos. Deo gratias"[24].

Depois, se juntarmos a todos estes exemplos o facto de, com um notório à vontade, frequentar as cortes eclesiásticas e laicas de Roma e, sem impedimento, circular por entre os meandros da vida aristocrática romana e curial, rapidamente constatamos da sua condição de nobre. Mais ainda. A activa participação nas festividades consideradas socialmente superiores como a caça e as corridas de cavalos; a forma como descreve as embaixadas e o que lhe desperta a atenção nas mesmas; o interesse que revela pela arte, a música e a arquitectura, sobretudo a religiosa e militar; o sempre difícil acesso a documentos de chancelaria; todos estes indícios, quando combinados com uma rara capacidade de inserção social num meio tão complexo como é o da Roma do amanhecer de Quinhentos indicia cabalmente a fidalguia do esforçado viajante flaviense.

Anuladas quaisquer dúvidas relativamente ao estatuto social do nosso inominado fidalgo, avancemos no sentido de elaborar uma proposta de perfil, pois, como refere Michel Foucault, todos os textos são portadores de signos que reenviam para o autor, o que faz com que a identidade onomástica deste não seja, afinal, o mais importante para resolver, mas sim tentar esboçar o retrato deste visitante da Itália de Quinhentos e os contornos da sua identidade pessoal, enquanto participante de uma série de importantes acontecimentos históricos[25]. É que, como o seu testemunho o permite concluir, não sendo italiano ele é efectivamente uma personagem típica do ambiente difuso e socialmente misturado da gente notável da Roma do início de Quinhentos, onde o peso dos valores cortesãos é cada vez mais notório e destacado. Tentaremos identificar, isolar

[23] *MFC*, f. 218v.
[24] *MFC*, f. 227v.
[25] Cf. Michel Foucault, *O que é um autor?* Lisboa, Vega, 1992.

e unir esses signos e pistas reveladores, que reflectem a imagem que o fidalgo projecta de si próprio num relato que nunca deve ser tido como um material inerte, antes um núcleo de conteúdos extremamente vivo e dinâmico.

Um derradeiro apontamento relativamente à questão do anonimato para dizer que este, à época, é um fenómeno literário ainda relativamente frequente, até porque o texto literário, ao contrário por exemplo do texto "científico", vivia e afirmava-se muitas vezes independente do seu autor[26].

Numa determinada perspectiva de análise, a omissão do nome pode constituir *per se* um indicador textual, através do qual o fidalgo mostra como o ultrapassavam os interesses que servia. Dito de outra forma, aquilo que o motivava em Roma e o fazia correr riscos tremendos como os que correu enquanto protegido do cardeal Petrucci no trágico ano de 1517, não se tratava apenas de interesses pessoais, mas sim de alguém intimamente ligado a destinos maiores, como os do reino de Portugal. Alguém, afinal, como D. Jaime, o 4º duque de Bragança.

Assim, os silêncios de um texto – neste caso específico na forma de anonimato – podem ser mais expressivos e reveladores do que as sentenças escritas e claramente afirmadas. Ou seja, o silêncio do fidalgo em relação ao seu nome de baptismo pode remeter para uma intenção consciente e absolutamente voluntária de não dar a ver a sua identidade como agente que de facto é. Afinal, é a própria essência da sua função (actual e, caso houvesse oportunidade, futura) que fica comprometida.

Naturalmente, o manuscrito original do relato podia vir acompanhado de um frontispício onde constaria a identidade do autor, a sua efectiva condição social e até, *quiçá*, um título para o seu texto. No entanto, mesmo tomando esta hipótese como válida, não deixa de ser estranhamente revelador que ao longo de toda a narrativa – construída regra geral na 1ª pessoa e onde a figura discursiva do *Eu* assume clara importância, sobretudo porque é nela que uma matriz essencial para a própria razão de ser da obra assenta os seus mais profundos alicerces, a saber, o factor veracidade – e perante inúmeras oportunidades para o fazer, o autor não revele efectiva e objectivamente a sua identidade.

Outra hipótese, que não anula o que acabámos de dizer, seria também que o próprio D. Jaime, destinatário do texto, tenha simplesmente anulado, caso existisse, este

[26] Cf. Maria da Graça Mateus Ventura, "Introdução" in *Relação verdadeira dos trabalhos que o governador D. Fernando de Souto e certos fidalgos portugueses passaram no descobrimento da Província da Florida agora novamente feita por um fidalgo de Elvas*, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 11-55.

eventual frontispício (independentemente do seu conteúdo), para se proteger a si próprio, bem como ao seu arrojado agente, dada a ousadia e perigosidade das acusações que o mesmo desenvolve na narrativa que construiu. Outra hipótese ainda será que, devido ao facto deste seu criado ser utilizado mais do que uma vez como agente e "olheiro", revela-se do maior interesse manter o seu anonimato.

Em qualquer dos casos, será sempre inquestionável que, de facto, denota-se ao longo da obra uma tendência predominante por parte do autor do texto, que é também narrador e personagem participante, em voluntariamente ocultar-se. O que reforça a premissa já assinalada de que o *não dito* do fidalgo pode constituir por si só um dos pilares da operacionalidade do seu testemunho: este será tanto mais eficaz no seu objectivo (informar D. Jaime) quanto prevalecer o anonimato do seu criador. Dito de outro modo, o autor ausentou a sua identidade onomástica do texto porque a mesma – enquanto reveladora da sua pessoa e das pessoas a quem estaria associado – figurou na vida real, podendo esse facto revelar-se comprometedor para si próprio e, sobretudo, para o destinatário (aquele que encomendou) do seu elaborado trabalho.

Neste caso, diremos com Foucault, que a obra se assume *per se* como acontecimento, esperando sempre a leitura, sem qualquer garantia que não seja ela própria[27]. Daí que ao lermos as *MFC* possamos antever que o autor está lá mas não se mostra; que vê o que descreve, mas não se deixa ver. É igualmente possível pressentir a sua presença discreta nas festas e nas reuniões sociais onde marcam presença algumas das mais destacadas figuras da Roma coeva, ou não fosse criado do cardeal Alfonso Petrucci. Recebe informação e guarda-a para mais tarde trabalhar sobre ela. O objectivo é fazê-la chegar ao seu senhor…

2. Uma proposta de perfil

Vejamos, pois, se descortinamos um pouco da personalidade do autor das *MFC*, personagem relevante no diálogo luso-italiano que aqui nos congrega.

Como fidalgo português que é da viragem do século XV para o século XVI, certamente o seu quadro mental é devedor da mentalidade portuguesa nobre de então, em boa parte (mas não apenas, saliente-se) forjada nas armas e nos ideais de honra e

[27] Cf. Michel Foucault, *op. cit.*.

dignidade cavaleiresca. O processo histórico vivido então pelo reino isso legitimava e alimentava. É o que podemos depreender de três momentos diferentes do texto e de uma problemática abordada ao longo de quase toda a obra, a saber, a guerra.

Comecemos por este último aspecto. Com efeito, a atenção rigorosa e pormenorizada que o arquitecto das *MFC* concede ao tema da guerra nas suas múltiplas facetas ao longo de todo o seu relato evidencia uma notória preocupação em informar o destinatário do texto, sobretudo se tivermos em conta que, à época, a guerra e as suas diversas disciplinas – como por exemplo o armamento – se encontram num profundo processo de mutação. Por outro lado, o teor e a minúcia dessa informação mostra, por parte do fidalgo, um profundo conhecimento do tema em causa[28].

Já os três referidos momentos reportam à forma, poderemos dizer, deslumbrada como vive a embaixada de Tristão da Cunha:

> "No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feuereiro da era de mil b^{c} e catorze, tomou tristão da cunha porto em çiuita velha […] o qual vinha dar obediençia a sua santidade por el Rei de portugual. E tanto que deçeo em terra se foi pera Roma com sua companhia a qual era de muitos fidalguos e escudeiros. (…) E nos dias que se deteueram sem fazer mostra da embaixada, as Jrmãas do papa E muitos grandes senhores e senhoras foram ver o pontifical que el Rei mandaua A see apostolica, ho qual guarçia de Resende secretario da embaixada que ho tinha em poder amostraua a todos. E elles ficauam maravilhados da grande Riqueza das peças polla multidão do alJofre de que erão cubertas, E de muitos Robis e pedras preçiosas que nelle hião. E pollo conseguinte foram ver o alifante que ficara fora da çidade, por ser cousa nam vista em Roma segundo se dizia do tempo de Jullio çesar, nem em toda Jtalia, senam hum que avia poucos anos que viera a lombardia, mas nam entrou em Roma nem em toda toscana. o dia que avia de ser sua entrada se foi o papa com muitos cardeaes ao Jardim do castelo de santangelo E se pos a huma Janella donde se vee toda a Rua alexandrina ataa o sacro palaçio."[29];

> "E os embaixadores do emperador E dos Reis E das senhorias que erão estantes em Roma, E grande multidão de prelados E dinidades E de outros senhores eclesiasticos E seglares que os sahiam a Reçeber, os seguiam em singular ordenança. pareçia tam Rica E fermosa companhia ca toda Roma coRia a velos. E era Jente sem conto, mudandosse de humas Ruas As outras per trauessas E luguares donde os milhor podiam ver atee cheguar a suas pousadas. E entrando como dito hee na Rua alexandrina [,] cheguando A ponte de sancto angelo [,] onde o papa estaua, mandou Sua Santidade que se deteuesse pera ver ho que o alifante fazia. o Jndio lhe fez fazer muitas

[28] *Vide* a quarta parte do nosso estudo (*Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália*).
[29] *MFC*, f. 178r e f. 178v.

> mesuras E dar bramidos E tomar aguoa na tromba E deitala aos que o papa mandaua. E deitaramlhe ducados no chão tomauaos com a tromba E dauaos ao Jndio E assi outras moedas dahi pera baixo. E de o alifante entender E fazer todo o que lhe o Jndio mandaua erão o papa E os cardeaes marauilhados. despois de lhes o papa dar licença, passaram a ponte E forão por a Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo."[30]

Ao tom profundamente emotivo empregue na descrição das celebrações, e respectivos discursos clericais, vividas em Roma pela tomada de Azamor:

> "tornando contra os portugueses dizia que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros. foi de tanta eficaçia aquella preguação E tudo tam bem dito E encaxado que deçido do pulpito os cardeaes ho tomaram antre si E coRendolhe as lagrimas pollas façes o beiJauam na sua. E todos cõmummente ho louvaram muito."[31]

E ao seu discurso patriótico e exaltado proferido no quadro da descrição da vinda a Portugal e regresso a Itália do "nunçio que el Rei pedio ao papa pera dar execução a suas bulas":

> "Como o nunçio que el Rei pedio ao papa pera dar execução a suas bulas, se partio pera portugual, E de sua tornada. Conçedidas as sobreditas graças a el Rei, pedio sua alteza ao papa nunçio pera hir a portugual dar as bulas de sua santidade a execução. tinha o cardeal santiquatro hum sobrinho que fora frade da moderna Regra do beato françisco de paula. E deixara o abito, no podendo sofrer a estreita vida da ordem, por que em todo ano nom comem carne. E por que as cousas del Rei prinçipalmente passauão polas mãos do quardeal santiquatro, quis dar a este seu sobrinho este arbitre de nunçio pollas merçes que esperaua que lhe el Rei fizesse. E tanto

[30] *MFC*, f. 179r.
[31] *MFC*, f. 174v.

que tristão da cunha embarcou em çiuita velha onde o esperou a nao em que viera, o nunçio se partio per terra, o qual despois de tornado nam abonaua as cousas de portugual segundo as merçes que lhe foram feitas E grandes honrras. E cheguando a florença onde naquelle tempo era ido o papa, publicamente dizia aa mesa de sua santidade E dos cardeaes que antes queria ser escrauo em Jtalia, que senhor em portugual. antes de sua partida alguns portugueses sisudos que erão praticos nas cousas de Roma E sabiam as de portugual, estranhavam muito a sua alteza quando se dizia que consentira hir de Roma homem estranJeiro a seu Reino com taes poderes a descobrir os segredos delle. naquelle tempo tinham em Jtalia pollo Reino mais Rico, E Rei mais poderoso em diuersas partes do mundo, dizendo que abastara pera dar execução As bulas do papa hum dos portugueses estante em Roma, ou qualquer pobre Religioso de seu Reino que sua alteza teuera por bem [.] nom diziam sem causa os portugueses estas cousas E el Rei ter confiança de cada hum que o seruiriam mais fielmente que nenhum estranJeiro pois claramente se vee que outra nenhuma nação de Jentes hee tão fiel a seu Rei E A patria como nos. nem nação que com tanto amor sirua seus senhores. nem Rei, E senhores que tanto amem E fação por seus vassalos. E destas praticas avia muitas diante cardeaes E grandes senhores, sendo alguns castelhanos E portugueses presentes, altrecando porfias de Rexa antigua, aleguando os portugueses feitos passados E presentes de tantas vitorias E boas venturas a que os castelhanos nam tinhão Reposta. E que Jsto pareça a vossa senhoria fora de estilo, ho escreuo por que passaua assi em verdade. Isto se aleguaua dos feitos que os fidalguos E caualeiros faziam haa quatro dias, acustumando tomar por força darmas as mui grandes çidades aos mouros em africa com a lança no punho vestindo caçotes destopa E arneses em çima sem saber alguarismo, sem mercadeJar, sem desonestas onzenas E deseJos de acquirir fazendas alcançadas per husurarios E desonestos titolos, sem se chamarem fidalguos nam ho sendo, sem leuarem com vaidade cadeiras despaldas As JgreJas E A capela del Rei, sem aver quem acuda a tanta desordem, sem trazerem publico Rabões sem merçe, lançandosse dos escudeiros acustumados pollos velhos passados com que se faziam as sobreditas cousas, viuendo no presente tempo em suas casas com grossas Rendas E pobre despesa de familia de moços E com grande abastança de viços pera suas pessoas, E de suas molheres, de delicados manJares, de prefumes, E estrados vãos com presunções tam altiuas que cuidão dum que tem huma drama de peso de mereçimento mais que outro, se haa por desonrrado falarlhe em luguar publico. E o que menos val se tem por melhor husando das sobreditas sandiçes E desonestidades. E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem.”[32]

[32] *MFC*, f. 200v e f. 201r.

De realçar que não se trata aqui de mera fúria fanática, mas antes de um desassossego e uma inquietação – patriótica e orgulhosa, sem dúvida; mas afinal perfeitamente de acordo com os tempos, sobretudo os vividos em Portugal – resultantes do trabalho constante do bom observador, que critica mediante a comparação estabelecida entre o que vê e ouve no presente e no lugar onde está com o passado e a sua terra de origem.

O juízo negativo existe de facto, mas muito bem fundamentado por uma crítica específica e objectiva que tem por base a observação da realidade. Não estamos, pois, perante um discurso demagógico, simplista e desprovido de ideias.

Por outro lado, a forma como se mostra defensor da verdade, reporta para uma dignidade que *a priori* e *per se* deve funcionar como garantia de total confiança junto do destinatário do seu relato. Nesta medida, como já afirmámos em momento anterior do nosso estudo, a veracidade impõe-se como uma verdadeira matriz que atravessa todo o texto, não apenas por o autor o afirmar, mas por a cumprir nas múltiplas situações em que narra os acontecimentos como observador participante ou não participante. Não podemos esquecer que o conceito de credível no Renascimento devia muito ao *vivido*, ou seja, materializava-se predominantemente pela valorização da experiência e do conhecimento sensorial. Veracidade, belicismo, rigor e espírito crítico são, pois, componentes essenciais a ter em conta na elaboração do perfil do fidalgo de Chaves.

Aqui chegados, insistimos mais uma vez na premissa nuclear de que o fidalgo de Chaves é verdadeiramente um homem do seu tempo. Um tempo de viragem e de transição entre dois mundos: um que está a desvanecer-se de forma irreversível, mas que consegue ainda assim manter-se presente sob variadas formas – a Cruzada, por exemplo; e outro que já começou, apontando inexoravelmente para uma nova forma de conceber a existência humana e a vida em sociedade: a mensagem do humanista italiano Giovanni Pico della Mirandola e as suas diversificadas repercussões constitui um dos melhores exemplos[33].

Ou seja, o autor das *MFC* é alguém dotado de um espírito forjado no que já passou, mas que aponta decididamente para o futuro, para os *novos tempos*. A forma como aborda a realidade (tomada no sentido que Maquiavel lhe atribui ao elaborar o seu pensamento político, isto é, como "verdade efectiva das coisas") e a utiliza enquanto

[33] Referimo-nos especialmente à obra *De Hominis Dignitate.* Veja-se Giovanni Pico della Mirandola, *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, Lisboa, Edições 70, 1989.

condição e instrumento primordial de reflexão e crítica constitui talvez o melhor indício da modernidade da sua personalidade.

As seguintes passagens são bem demonstrativas do valor que a realidade assume na construção do seu discurso e, em última análise, da mensagem que quer transmitir ao seu senhor:

> "Da maneira do conclaui E como os cardeaes sam ençerrados. Por me nam culpar a mjm mesmo quando em algum tempo for preguntado polla maneira do conclaui, o fui ver quando o ordenauam."[34];

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio. em estado Renda E autoridade. E ser priuados dos capelos Rendas E dinidades E com muita desonrra ençerrados no castelo de santangelo cada hum apartado per si em asperas prisões. E despois esbulhados de todos seus tesouros. E em fim foram mortos per secretas maneiras. as quaes cousas contarei em breue E o mais decraradamente que poder." [35];

> "Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado. Perdida a lembrança dos sobreditos beneficios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado. ca deixando o duque dorbino todalas outras vilas E castelos nas mãos dos Jmiguos se Retraheo com sua molher E filhos E com toda a mais Roupa que pode leuar a pesaro que hee çidade forte E das prinçipaes de seu senhorio. E hee porto de mar. E vendo que nam estaua ali seguro se foi em gualees pera mantua onde seu sogro estaua com a marqueza sua molher que tam festeJada fora em Roma [.] E sendo o manifico Lourenço apoderado de toda a terra do duque, se tornou pera

[34] *MFC*, f. 170r.
[35] *MFC*, f. 176r.

> Roma chamandosse duque dorbino, E tanto ensoberueçido desta vitoria, E cheo de vãa esperança doutros estados que disse hum dia em pubrico ao seu comprador que despendesse larguamente que antes de oito meses passarem, esperaua ter oitoçentos mil ducados de Renda. diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole. E o que mais çertificaua esta sospeita de napole, que em vida do manifico Julião, elle E o cardeal daraguão tinham ordenado de hir folguar a napole E leuauão consiguo senhores de titolo, E outros Romanos, orsinos. E mosem geronimo bique embaixador del Rei de castela lhes Requereo da parte del Rei que nam fizessem tal Jornada. E senam que fossem a seu Risco. E a esta causa çessou sua Jda. presumesse dizendo pubricamente que sua Jda era pera em secreto falarem aos prinçipaes barões do Reino E avelos A sua parte E de França pera se leuantarem contra castela por que o papa com toda sua valia E parentes erão em secreto françeses, mostrando de fora ser espanhoes." [36]

Ainda que a dado momento do seu texto indicie uma leve inclinação para o tradicionalismo medieval na construção do discurso ("verdadeiramente as cousas que do çeo são ordenadas nam se podem desuiar"[37]) e embora dedique boa parte do relato[38] à descrição das igrejas de Roma, tendo em conta a sequência das estações quaresmais, o fidalgo de Chaves ao tomar a realidade como referencial e fundamento primeiro da sua reflexão e da narrativa que edifica, opera outra alteração basilar em direcção à modernidade: a substituição do tradicional determinismo religioso fundamentado na moralidade cristã no papel que desempenhou durante séculos de pedra-de-toque para seleccionar e construir o discurso narrativo.

> "A entrada do cardeal, hum Romano que era grande seu seruidor grande letrado E prinçipal çidadão me disse naquelle Jnstante çertamente sua Reuerendissima senhoria deuia ter por mao sinal E triste aguoiro achar estes bufalos A entrada de Roma de tal maneira embaraçandolhe o caminho. eu me Ry daquillo por que são homens que crem muito nestes aguoiros tendo aJnda Reliquias dos Jentios." [39]

O fidalgo de Chaves é igualmente um inequívoco cosmopolita, cujo comportamento na grande urbe, a maior e mais famosa que podia visitar, é marcado de um flagrante modernismo: ele aprecia a música, a arte e a arquitectura, mas também as

[36] *MFC*, f. 209r.
[37] *MFC*, f. 220v.
[38] *MFC*, fls. 185r a 200r.
[39] *MFC*, f. 220v e f. 221r.

festas, os jogos e as corridas de cavalos, ou seja, tudo prazeres mundanos, expressão de uma condição social, como vimos, mas também sinais de um individualismo e de um antropocentrismo cada vez mais predominantes. Por outras palavras, estamos perante alguém que em si próprio constitui um evidente sinal dos tempos, uma manifestação da transformação da sociedade, onde o indivíduo começa a assumir um outro e mais destacado papel.

Modelar a este respeito, pois que plena de observação, humor e intenção pessoal, é a descrição que faz das mulheres romanas e dos seus trajes. Uma verdadeira expressão da época:

> "neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancraçio na via de çiuita velha. nesta multidão de Romanas hee cousa de marauilhar os fermosos E honestos Rostros que se vem. E muito mais hee despantar a pouca pompo com que sahem de suas casas E se vão por aquelles desertos de Roma com tanta deuação buscando sua saluação. por honrradas E Ricas que seJam nom leuam consiguo homens nem donzelas que as acompanhem. aJuntanse humas vezinhas ou parentas humas com as outras, E de duas em duas Jgualmente vão fazendo suas Romarias, de sorte que nam se enxergua qual hee a maior da menor. E a esta deuação vão tantas quantas diguo que cobrem os caminhos. seus vestidos são na maneira seguinte. em luguar de mantilhas andam cubertas de pano de linho mui aluo E delguado. cobrense com hum lençol dos hombros pera baixo atado per Jentil maneira debaixo dos braços que lhes cobre todas as vestes. E por çima das cabeças hum pano ou toalha sem nenhum lauor ancha E comprida que lhes cobre os hombros E braços, E grande parte do sobredito lençol, a qual aJuntão no peito com as mãos que geralmente tem mui fermosas nas quaes nam trazem luvas nem anees. leuão os Rostos cubertos ata o meo nariz de sorte que passando a molher Junto de seu marido nam pode ser delle conheçida se se ella quiser encobrir. mas quando lhe apraz abrem seu pano, E amostram os peitos que debaixo trazem fermosos E mui descubertos [,] E finas sedas E grãs de que andam vestidas. os quaes vestidos na são de Rabos como os que se acustumam em portugual, mas compridos E Redondos quanto cobrem os pantufos ataa o chão. E sem nenhum verduguo nos Refeguos. trazem calças de piar mui finas E Justas, E nom cahidas E de grosso pano como as castelhanas. nom acustumam chapins, soomente sobre o pear huns mui baixos E bem feitos çapatinhos E pantufos. quando aconteçe coRer vento enchense os lençoes que pareçem velas, E os vestidos debaixo se mostram de maneira que vão pareçendo tam bem que nenhum outro traJo pode ser mais gentill. nenhuma filha de Romana, nam sahe fora em quanto nam hee esposada. E as que ho são, vão com suas mãis As estações, E vão diante E as mais detras vão Ricamente

> vestidas. E trazem soomente a toalha da cabeça em luguar de mantilha, E todolos outros vestidos descubertos. algumas senhoras de vilas E terras em quanto são moças trazem mantilhas de pano como em portugual. E então nam vão a nenhuma parte sem homens diante de si. E despois que tomão os lençoes vão soos da maneira sobredita."[40]

E o facto de não reduzir toda a gente que vê a personagens do seu país, como faz Lopo de Almeida nas suas *Cartas de Itália* [41], representa um evidente sintoma de que ao contrário deste compreende e, sobretudo, integra-se perfeitamente na sociedade e na civilização que vê e contacta durante sete anos.

Como salientámos no tópico anterior, o fidalgo de Chaves é, acima de tudo, um homem de acção, que coloca mais na experiência e na intervenção do que na arte da escrita a via para o conhecimento das coisas do mundo. E isso reflecte-se bem na emoção e entrega que empresta ao seu relato. A sua moral evidencia-se na sua intencionalidade crítica, constituindo essa combinação uma marca impressiva do seu humanismo. Veja-se o que diz ao longo de todo o seu relato de ambos os chefes da Igreja que "conheceu" estando em Roma, bem como as acusações de corrupção que dirige à cúria e a alguns dos seus membros.

É claramente um cortesão, outra das marcas da sua modernidade. E o facto de estar sob a protecção do jovem e desenvolto cardeal Alfonso Petrucci certamente lhe garantiu o acesso aos ambientes cortesãos mais preeminentes de Roma. É, aliás, sobejamente conhecida a vida nos palácios cardinalícios da Roma renascentista[42] para podermos construir um retrato certamente não muito distante do que foi a realidade experienciada pelo fidalgo na Roma de inícios do século XVI. Não é, pois, de estranhar que o seu texto ofereça um tão rico e colorido cenário da vida aristocrática e eclesiástica coeva.

É óbvio que revela ainda traços de uma evidente herança medieval. Já o reconhecemos anteriormente, nem que seja pela exaltação do espírito de Cruzada e, por exemplo, pela condenação que faz do luxo na já referida descrição da vinda a Portugal e regresso a Itália do "nunçio que el Rei pedio ao papa pera dar execução a suas bulas".

---

[40] *MFC*, f. 184v e f. 185r.
[41] Cf. Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, Rodrigues Lapa (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1935.
[42] Sobre esta temática veja-se Peter Partner, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, Los Angeles, University of California Press, 1979.

No entanto, é claro o rumo que o seu espírito cortesão e cosmopolita segue na capital da Cristandade que é, afinal, também a capital ocidental do profano e do mundano. Neste período e neste âmbito, talvez só Veneza conseguisse competir com Roma:

> "os que nam tem liçença pera sahir de suas casas sem faustos E aparato se vestem de mascaras pera se solazar. E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conheçidos nom lhes hee estranhado destes prazeres [.] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção."[43]

O fascínio, o deslumbramento e até a sedução – tão caracteristicamente renascentistas – que se pressentem nas suas palavras são disso um notável indício:

> "as molheres acustumam trazer na mão huma mui sotil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas aguoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia, o cardeal çibo sobrinho do papa fez huma mascara aquelle dia dentrudo de trinta de caualo A gineta E de adarguas, vestidos mui Ricos de çatim Roxo E branco do traJo de feez. o cardeal de sena fez outra de corenta de caualo A estardiota vestidos de çatim azul, E os capeletes da mesma seda guarneçidos douro E lanças pintadas com bandeiras de tafetaa E botas de pontilha lauradas douro, Jubões de çatim amarelo, E cada hum dos moços desporas bem vestidos em calças E gibão E bem despostos com mascaras bem naturaes. outros cardeaes E senhores fizeram outras envenções de mascaras Ricas E de grandes despesas, mas as dos dous sobreditos foram vantaJosas. todas se aJuntaram no sobredito campo. os quaes pareçeram tambem que era cousa de marauilha, polla diuersidade das envenções E dos grandes guastos das sedas. naquelle dia assi nas mascaras como nos caualos o cardeal de sena foi vençedor. E acabadas as sobreditas festas

[43] *MFC*, f. 183v.

> Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma."[44]

Pode haver expressão mais reveladora do que "da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma"? Efectivamente, julgamos que não!

É, pois, a cidade e a sociedade urbano-cosmopolita quem estrutura a mundividência humanista do fidalgo. Dito de outro modo, este privilegiar da cidade enquanto centro da vida social, política e cultural constitui a espinha-dorsal da sua presença em Itália durante sete intensos anos e uma prova cabal do seu perfil de homem do Renascimento.

Naturalmente, também o seu reconhecimento e recurso à autoridade dos Antigos atesta o quanto o seu espírito está de acordo com a época e o espaço onde vive entre 1510 e 1517:

> "De capua de puçol e do sitio do guarelhano. Faziam neste tempo mui grandes calmas em todas aquelas partes E contudo por que achei companhia me parti pera Roma E nam quis leuar o caminho da gruta de puçol. a qual gruta passa por baixo de huma serra E dura de comprido mais de huma milha. hee tão ancha que podem hir E vir duas carretas sem tocar huma na outra. dizem que luçio luculo a fez. este caminho hee A parte esquerda contra o mar vindo de napoles pera Roma. mas nos tomamos ho da mão direita por ver capua de que tanto falam os liuros E via tam destrohida como vi Roma que cada huma pareçe que nunca ali ouve memoria de çidade. naquelles luguares que sohião ser pouoados. E tambem por ver o guarelhano onde foi a batalha do gram capitão com os franceses, o qual hee ao pee de huma aspera serra sobre a qual estaa linterno onde çipião morreo desterrado. o Rio hee fundo E estreito. E vi os luguares de huma parte E da outra onde os aRayaes estauão assentados E a torre dos gualeguos que era bem fraca pera sostentar por estar da parte dos françeses. E o luguar onde a ponte foi

[44] *MFC*, f. 183v e f. 184r.

> deitada por onde os espanhoes passaram por força contra os françeses. E via as estalagens que forão cheas de grandes Rimas domens mortos. E o porto Junto da serra onde o gram capitão foi passar E a força de seu exerçito. E hum luguar deserto de aradas, soomente aquellas pobres estalagens [.] o Rio se passa per barca E entra loguo no mar. se ali ouvesse maree tudo alaguaria. mas medio terreno non creçe nem minguoa cousa que se muito enxergue. gata se vee daquelle caminho. aquelle mar de gata hee mui abastado de pescados. E dali se mantem Roma."[45].

Inclusive no que respeita a pormenores estéticos e artísticos como facilmente podemos depreender da referência que faz aos mosaicos antigos da *JgreJa de monReal*, em Palermo, na Sicília:

> "estiue em palermo xxij dias esperando passagem pera napoles. neste tempo procurei de ver todolos edifiçios E cousas nobres da çidade [.] depois de ver a see, moesteiros, JgreJas E paços, E muitos nobres edifiçios, fui ver ha JgreJa de monReal, que estaa leguoa E mea de palermo sobre o mar (…). esta JgreJa de monReal hee de tres naues E hee do tamanho da see de bragua. (…) andauão ahi offiçiaes que laurauão moisaico em algumas partes que cahira o antiguo E pareçia o daguora a Respeito do outro Remendo de pano grosso em fino peluto. nam me pareçe que os ofiçiaes daguora cheguão aos antiguos, por que o cardeal de santa cruz mandou fazer de moisaico em Roma a capella de santa helena que hee em sancta cruz em Jherusalem. E posto que as figuras são de muito bom debuxo, o moisaico nam vai assi assentado como o antiguo ca não hee assi Jgual, nem Resplandeçente. tem esta JgreJa em si dentro tanta perfeição E abundançia de moisaico que em italia nam haa outra semelhante."[46]

Se porventura não dedica grande espaço às letras da época, tal deve-se, em nosso entender, ao seu perfil e às características da sua missão em Roma – o fidalgo dava claramente destaque às artes, música e arquitectura, mas principalmente à natureza da sua missão: informar D. Jaime dos acontecimentos e das figuras preeminentes, o que passava sobretudo pela política, a guerra e os jogos de poder, mas também fornecer-lhe informações minuciosas e visuais das artes mais indissociavelmente ligadas ao poder do príncipe.

Isto não quer dizer que não tivesse convivido com os protagonistas das letras coevas em Roma. Bem pelo contrário, pois enquanto frequentador das cortes e dos palácios aristocráticos e eclesiásticos, circunstância resultante da sua condição de

[45] *MFC*, f. 139r e f. 139v.
[46] *MFC*, f. 137r a f. 138r.

protegido do cardeal Alfonso Petrucci, certamente estabeleceu esse contacto. Sigamos, neste aspecto, a proposta de Aníbal Pinto de Castro, em particular no que se refere ao apontamento efectuado por Eugenio Asensio acerca desta problemática[47]:

> "Ao traçar o perfil cultural do Fidalgo, acentuava o Prof. Asensio o seu pendor para as artes, tanto musicais como figurativas, em detrimento do seu gosto pela literatura, pois não lhe encontra curiosidade pelos humanistas de Roma, nem atracção pela *latinitas* restaurada; não lhe vê o amor das ruínas ou da arqueologia; queda-se silencioso perante autores como Bembo, Sannazzaro ou Ariosto, apenas mencionando, no círculo de escritores que brilhavam na corte pontifícia, o nome do Cardeal Bernardo de Bibiena, como 'homem sabido das cousas do mundo, antremetido gracioso e bom cortesão' e como 'bom trovador'. Convém, contudo, não esquecer que o famoso autor da *Calândria* figura entre os personagens postos no *Cortegiano* de Castiglione e portanto não andaria longe do círculo em que já então se movimentava o destinatário da obra, D. Miguel da Silva."[48]

Inequívoco é que o fidalgo de Chaves conjuga uma razoável cultura, também ela muito bem assinalada por Aníbal Pinto de Castro[49], com uma notável capacidade quer de observação quer de expressão. Ele observa atento e interessado, selecciona com critério o que deseja abordar e interpreta com destreza e rara competência. A juntar a isto destaca-se depois uma clara aptidão para conjugar de forma feliz os dados lidos com as informações provenientes da sua actividade enquanto observador arguto e perspicaz – veja-se a forma como integra os documentos oficiais de que se socorre com o seu próprio texto. O resultado é um testemunho tão dinâmico quanto atractivo, seja pelos temas que foca seja pelo tom e o estilo que utiliza no seu exercício de escrita.

O desembaraço evidente com que se integra na complexa sociedade romana e se movimenta entre as elites culturais e sociais da *Cidade Eterna* é disso mesmo prova – o melhor exemplo será porventura a rapidez e facilidade com que passa a integrar o círculo mais íntimo do Cardeal de Siena, Alfonso Petrucci:

> "Neste tempo se veo pera Roma o Reuerendissimo alfonso petruche cardeal de sena filho do magnifico pandolfo duque E senhor daquela antigua E mui nobre çidade. E por que estando eu em sena quando lhe o papa mandou o capello de cardeal me tinha visto na companhia de dom anRique E dom antonio dazeuedo E doutros fidalguos E portugueses muito

[47] Cf. Eugenio Asensio, *op. cit.*, pp. 7-28.
[48] Aníbal Pinto de Castro, *op. cit.*, pp. 10-11.
[49] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 7-28.

> honrrados que naquelle tempo ali estudauão na sapiençia. me Reçebeo por seu no foro dos mais estimados familiares.” [50]

A sua curiosidade é tão fácil de testar quanto a sua preocupação com a verdade e em garantir a confiança do destinatário do seu texto nas sentenças que profere e nas interpretações que faz. Daí, como assinalámos no tópico anterior, o recurso intenso a fórmulas presenciais que comprovam, afinal, o testemunho directo: *eu ho vi*[51], *eu falei com muitas pessoas*[52], *fui ver*[53], *o qual eu bem conheçi*[54], *a qual eu muitas vezes fui visitar*[55], *muitos mo afirmaram E ella mo disse*[56], entre outras referências.

Reconhecer que participou na já referida *festa bacanal* constitui muito provavelmente o expoente deste seu escrúpulo para com a verdade:

> “E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada.” [57]

Tudo isto, lá está, harmoniosamente combinado com uma fina ironia que abunda ao longo da narrativa.

A intencionalidade crítica que revela aproxima-o quer de Erasmo quer de Thomas More. Do primeiro, na medida em visa essencialmente os abusos de poder, as crueldades e as traições – veja-se o que afirma do papa Leão X e do bispo Raffaele Petrucci (1472-1522), primo do cardeal Alfonso Petrucci:

> “Como o bispo petruche se foi pera o cardeal de mediçis. Jaa neste tempo o cardeal de mediçis era vindo a sua leguaçia. o bispo petruche primo com Jrmão do cardeal de sena se foi pera elle com o estamaguo cheo da treição que despois ordenou. este bispo era filho de hum Jrmão de pandolfo. E pandolfo ho criou E lhe deu o bispado de huma çidade das de sena. E quando o cardeal seu filho se foi pera Roma, pandolfo lhe deu o dito bispo por seu mestre de casa por que era Ja homem que passaua de corenta anos.

[50] *MFC*, f. 152r.
[51] *MFC*, f. 157v.
[52] *MFC*, f. 167v.
[53] *MFC*, f. 170r.
[54] *MFC*, f. 172r.
[55] *MFC*, f. 177r.
[56] *MFC*, f. 206v.
[57] *MFC*, f. 184r.

> E o cardeall era menos de vinte. elle mandaua E guovernaua toda a casa do cardeal. era homem soberbo de maas Repostas desamaua muito os espanhoes. E por Jsso os que eramos criados do cardeall, nam estauamos em sua graça. o que era ao contrairo com sua Reuerendissima senhoria que mais que a todalas outras nações nos fauoreçia E mostraua muito boa vontade. este naturalmente queria mal ao cardeal E a seus Jrmãos. E nam olhando que seu pai ho posera na homrra que tinha se foi pera mediçis como dito hee E ordio E fez o que se adiante diraa."[58]

A denúncia em que o fidalgo se empenha, sobretudo dos governantes religiosos, é construída umas vezes sobre a plataforma da ironia, outras sobre a mais limpa transparência e incisão. Estilo ousado – demasiado arriscado até – dado o vértice da Igreja romana ser um dos principais alvos e também pelo facto de D. Jaime ser o único destinatário do testemunho. A Igreja estava claramente corrompida, mas nem por isso era menos célere na perseguição e na aplicação da "justiça" aos seus inimigos e acusadores. E o facto de assumir um comportamento cada vez mais secular só reafirma este estado de coisas – veja-se, a título de exemplo, o que o próprio fidalgo diz da cúria perante a necessidade de fazer face aos enormes gastos decorrentes da *Guerra de Urbino*. Talvez aí se encerre boa parte do segredo do anonimato do autor, pois não podia ser mais convicta e expressiva a sua crítica e denúncia do sanguinário e ruinoso despotismo papal.

De Thomas More na medida em que consistindo a utopia numa idealização da vida dos homens, ela pressupõe uma atitude crítica em face da realidade e uma consequente busca de possibilidades alternativas para o desencanto resultante da observação, reflexão e interpretação sobre essa mesma realidade. Daí, aliás, que o elemento utópico seja um aspecto dinamizador na estrutura das *MFC*:

> "Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes E do que se dizia E fazia per Roma. (…) estando eu olhando estas nouas festas de tantas mudanças pompas E vaidades deste transitorio siglo"[59];

> "hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim."[60];

[58] *MFC*, f. 161v.
[59] *MFC*, f. 224r.
[60] *MFC*, f. 225v.

> "E taes são as mudanças deste siglo que aquelles que tam pobres E miserauees erão subiram a estado que poderam menosprezar huma Jlustrissima senhoria." [61]

Esta vertente do seu relato constitui, aliás, um notável exemplo da sua atenção activa, bem como da sua ética e moral extremamente vivas. A espontaneidade e efervescência do labor resultante da sua pena disto são exemplarmente reveladoras. Daí também que certamente a passagem do fidalgo de Chaves por Roma não tenha sido tão prazenteira e "epicurista" como, numa abordagem superficial, podemos ser levados a pensar. De facto, entre o ambiente caótico provocado pela guerra e pela acesa disputa de poder entre as mais altas esferas curiais romanas e os mais destacados governantes laicos europeus, processo de que dá mostras de seguro conhecimento, sobressai uma vida tão acidentada quanto movimentada, fruto até da sua mente activa, da sua personalidade perscrutadora e, não temos dúvidas em o afirmar, do seu zeloso sentido de missão.

E, afinal, como não poderia o fidalgo sofrer de vicissitudes diversas quando circulou activamente – e participou enquanto protegido de um dos protagonistas cimeiros dos processos e disputas em questão – no principal teatro de operações da política internacional dos inícios do século XVI? Esse lugar efervescente chamado Itália e, mais particularmente, Roma, onde o humanismo e as ideias renascentistas ganharam literalmente vida e as decisões políticas, laicas e eclesiásticas, se converteram em processos históricos que mudaram os tempos.

Um derradeiro apontamento para um aspecto que consideramos pertinente se queremos de facto traçar uma hipótese abrangente e fiável de perfil do fidalgo: como bom cortesão e agente que de facto é, ele alia os dotes diplomáticos (se bem que não aplicados de forma oficial, pois não é oficialmente um embaixador) à arte da espionagem. Daí o considerarmos como um "olheiro" ao serviço do seu senhor. Um "olheiro" que procurava o que de mais interessante pudesse acontecer na capital da Cristandade para bem informar o duque de Bragança. É que a informação representa, de facto, poder, e D. Jaime, como homem culto e figura de proa que é do reino de Portugal, em cujo programa político interno e externo ocupa destacada posição, sabe o quanto

[61] *MFC*, f. 204r.

essa vertente nova da vida política é indispensável para a eficaz prossecução dos objectivos a atingir – seja para a sua Casa, seja para a Coroa de que chegou a ser jurado herdeiro[62], seja ainda para o reino que o viu nascer e cujos destinos a sua Casa irá conduzir num futuro não tão longínquo quanto isso.

Não é, de facto, fortuito que o fidalgo esteja ao serviço do cardeal Alfonso Petrucci, figura decisiva na eleição do papa Leão X de cujo apoio a monarquia portuguesa necessitava para a prossecução do seu projecto expansionista, como, aliás, as *MFC* eloquentemente revelam em diversos momentos. Mas também a própria Casa de Bragança, nomeadamente no que diz respeito à obtenção da autorização para converter direitos de padroado em comendas da Ordem de Cristo e de apresentação da Casa brigantina.

Da mesma forma que não é casual que se movimente com tanta destreza e facilidade nos meandros da política de Roma, como demonstra o facto de conseguir aceder a documentos oficiais que não deixa de apresentar no seu relato. Com efeito, ao lermos o seu texto conseguimos entrever que esteja presente nas circunstâncias mais relevantes e controversas da vida política e social romana, sem contudo ninguém dar por ele…

Por tudo isto, sob determinada perspectiva, a voz emotiva e plena de vivacidade, mas também tão crítica quanto interventiva, do fidalgo de Chaves constitui um símbolo paradigmático de que as relações culturais entre Portugal e a Itália na época do Renascimento foram bem mais intensas do que até há bem pouco tempo se presumiu[63].

3. Ao serviço de D. Jaime, Duque de Bragança

Como afirmámos anteriormente, uma das três informações objectivas e seguras que temos acerca da identidade do fidalgo de Chaves é que se trata de um criado de D. Jaime, 4º duque de Bragança. No entanto, desloca-se ele a Roma ao serviço do seu senhor ou por conta própria? É o seu relato fruto de uma missão e de uma encomenda

[62] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Temas e Debates, 2007.
[63] Cf. Aires Nascimento, "Portugal/Itália: relações culturais de excelência" in *Estudos Italianos em Portugal*, Schepisi G. (dir.), Nova Série nº 3, Lisboa, Instituto Italiano de Cultura em Portugal, 2008 pp. 153-178.

ou apenas uma forma de agraciar o seu senhor depois de, por si só, ter estado sete anos na capital da Cristandade em busca de mercês e benefícios? Analisada a fonte, consideramos a hipótese de o fidalgo de Chaves se ter deslocado a Roma ao serviço do seu senhor como a mais plausível. Vamos, pois, assumir que se trata efectivamente de um agente em missão, como, aliás, já defendemos em momento anterior[64].

Segundo Aníbal Pinto de Castro "Não é de excluir a hipótese de o texto escrito ter surgido na sequência de qualquer pedido explícito do Duque." Pela nossa parte, após aturada reflexão sobre o documento e o contexto então vivido pela Casa de Bragança, quer em relação a Roma, quer no que diz respeito à própria política internacional do reino de Portugal, quer ainda pelo posicionamento da Casa no quadro dos jogos de poder vividos então no reino ao nível interno, consideramos que esta é, de facto, *a hipótese* para o porquê do nascimento das *MFC*.

O facto de o estilo e o tom do texto se revestirem de uma razoável informalidade não anula esta premissa, pois o duque de Bragança pode muito bem ter encomendado um relato com base no juízo criterioso e nos dotes de excelente observador do seu enviado (o qual, por sua vez, pode já ter desempenhado missões semelhantes em diversas ocasiões). Ou seja, este é livre de compor o texto e escolher as problemáticas a focar como melhor lhe aprouver. Não existe, pois, a obrigatoriedade de seguir um questionário e uma ordem temática rigorosas. Naturalmente, o factor confiança por parte daquele que encomenda a missão assume aqui uma importância crucial. Para além dos já referidos tom e o estilo com que narra os acontecimentos ao seu senhor, a própria forma como a ele se dirige em diversos momentos do relato indiciam um trabalho em progresso:

> "Da batalha de Rauena. Muitas cousas notauees diziam que aconteçerom antre os guerreiros espanhoes E françeses assi ante como despois na batalha. E por que nam hee de crer que os que se nom acharom em tam temeroso feito podessem dar çerta fee das cousas notauees E do que de feito passou escuso de escreuer as deferenças E particularidades que se diziam que muitos capitães E soldados fizerom naquella cruel batalha E passarei por Jsso por nam ser perluxo E nam ter duuida que de tam grão feito darmas vossa Jlustrissima senhoria tem sabido ho mais çerto. contudo das muitas sentenças algumas direi – E com temor de ser Reprendido –. diziasse que estando os aRaiaes A vista hum do outro, metendosse soomente em meo o sobredito Rio, mom senhor de fois capitão geeral dos

[64] Vide *Parte I – Singularidades de um documento quinhentista*.

> françeses mandou o dia dantes da batalha hum trombeta desafiar ho viso Rei pera lhe dar batalha ao outro dia (…).”[65];

> “Da maneira do conclaui E como os cardeaes sam ençerrados. Por me nam culpar a mjm mesmo quando em algum tempo for preguntado polla maneira do conclaui, o fui ver quando o ordenauam.[66]

A mais evidente indicação surge, em nossa perspectiva, imediatamente após a sua entrada em Roma:

> “E feita oração me fui apousentar A çidade onde estiue sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauees que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Jlustrissima senhoria.”[67]

Particularmente reveladoras da preocupação por parte do autor em corresponder convenientemente à solicitude do seu senhor são as seguintes passagens:

> “o cardeal de sena que mui grande deseJo tinha de vossa Jlustrissima senhoria ter por amiguo contaua em seus convites E banquetes aos outros cardeaes E senhores o estado Real de vossa senhoria E suas vitorias da maneira que o eu tinha enformado. E sem duuida nam Reçebeo vossa senhoria pequena memoria pera em sua morte por que sempre o teuera por grande amiguo mas a sua desastrada ventura atalhou a Jsso E por que neste tempo se começou a tratar sua morte E aperdição dos outros cardeaes ha contarei breue E verdadeiramente. E posto que vossa Jlustrissima senhoria de todas estas cousas larguamente seJa sabedor, nom quero deixar a Reposta que o papa mandou a el Rei, pera os que destes fermosos feitos nom tiuerem notiçia.”[68];

> “Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice [Leão X] com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei [D. Manuel de Portugal]. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra

[65] *MFC*, f. 154v.
[66] *MFC*, f. 170r.
[67] *MFC*, f. 139v.
[68] *MFC*, f. 174r.

> perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio. em estado Renda E autoridade. E ser priuados dos capelos Rendas E dinidades E com muita desonrraençerrados no castelo de santangelo cada hum apartado per si em asperas prisões. E despois esbulhados de todos seus tesouros. E em fim foram mortos per secretas maneiras. as quaes cousas contarei em breue E o mais decraradamente que poder."[69];

> "Aguora direi a Vossa Jlustrissima Senhoria a Rezão por que o duque nam foi aJudado E socorrido dos exerçitos do papa E del Rei dom fernando.[70];

> "sabendo o cardeal que seus criados erão metidos em prisões, nam sei que Juizo foi o seu E dos que o aconselharam que deram credito a seguranças E profertas do papa pera se vir outra vez meter em Roma."[71]

Como destacámos em momento anterior[72], estas palavras do fidalgo associadas às que o mesmo apresenta logo no prólogo apontam inequivocamente para a autêntica natureza do propósito que conduz a sua acção em Roma e que tem a sua derradeira expressão no testemunho que elabora após o seu regresso a Portugal:

> "Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue" [73]

Por outro lado, se associarmos estas expressivas manifestações de um agente em serviço à já apontada preocupação primordial em garantir que o destinatário do texto tenha toda a confiança no que lhe é transmitido, ou seja, na veracidade do texto, sobretudo mediante o insistente recurso a fórmulas presenciais, concluímos que o fidalgo não poderia estar em Itália apenas por iniciativa e interesse próprios:

---

[69] *MFC*, f. 176r.
[70] *MFC*, f. 210v.
[71] *MFC*, f. 220v.
[72] Vide *Parte I – Singularidades de um documento quinhentista.*
[73] *MFC*, f. 136r.

> "cheguei a Roma a xxbj. dias andados daguosto da sobredita era de 1510. E entrei polla porta latina que vai pera a via de napoles. Aa parte de dentro hee o luguar onde são João evangelista foi metido na tina do azeite e ali estaa feita huma charola de quatro colunas com hum altar. E da tina em que são João foi metido tomou aquelle nome porta latina segundo maos estoreadores. mãs nam hee assi. por que antiguamente tinha aquelle nome dos Reis latinos que erão daquella banda. daquella parte ata o pouoado se atrauessa o deserto onde sohia ser a pouoação da grande Roma."[74];

> "diziasse çertificadamente que moRerom dos françeses na batalha passante de quinze mil. E dos espanhoes menos de çinco mil."[75];

> "E por que compre saber donde ou por que se esta guerra ordio, hee neçessario contar da guerra primeiro da qual me eu enformei por pessoas que forom presentes."[76];

> "Jsto nam no escreuo por verdadeiro porem abertamente se dizia em Roma ser Jsto assi"[77].

A sua acção visava necessariamente algo mais do que obter "*comendas* de Cristus y prebendas otorgadas por la curia papal"[78], como podemos indagar de certas preocupações, como as críticas abertas ao papado e à acção da cúria, bem como a atenção atribuída às celebrações em Roma pela conquista de Azamor reveladas no seu testemunho, e que indiciam o objectivo de corresponder às diligências de uma outra figura, a que encomendou o texto e cujos interesses, sobretudo políticos, eram bastante mais amplos que os do próprio autor.

Neste quadro é de reter que a relação do viajante flaviense com o cardeal Alfonso Petrucci em Itália (e apenas circunscrita a este território) em nada impede o cumprimento de uma missão maior a mando de uma figura portuguesa de elevado estatuto no reino de origem e sob cuja alçada e serviço se encontra desde há muito, como aliás o próprio confessa:

> E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por

[74] *MFC*, f. 139v.
[75] *MFC*, f. 155v.
[76] *MFC*, f. 139v.
[77] *MFC*, f. 165r.
[78] Eugenio Asensio, *op. cit*., pp. 9-10.

> que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem."[79]

Bem pelo contrário, pois o facto de entrar para o círculo familiar do cardeal de Siena garantiu-lhe uma série de privilégios, tais como o acesso a documentos oficiais, a obtenção de informações de primeira linha e da maior actualidade relativas à política internacional em Itália, em particular a que passava pela cúria, o contacto e fácil circulação nas principais cortes aristocráticas e eclesiásticas romanas, e a convivência com as mais altas elites culturais, religiosas e políticas, em particular os humanistas que então habitavam na capital da Cristandade:

> "E por que estando eu em sena quando lhe o papa mandou o capello de cardeal me tinha visto na companhia de dom anRique E dom antonio dazeuedo E doutros fidalguos E portugueses muito honrrados que naquelle tempo ali estudauão na sapiençia. me Reçebeo por seu no foro dos mais estimados familiares."[80];

> "Dos letrados que o papa [Júlio II] tomou em sua aJuda contra os cardeaes çismaticos. Vendosse o papa em tanta aflição com as guerras E com a çisma pera prouer E atalbar a tudo, tendo prouido nos capitaens da guerra, buscou pera sua saluação capitães das sagradas letras. E forom tres frades de tres ordens os maiores letrados que avia em Jtalia em teologia, scilicet, o geral da ordem de são dominguos, E frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho, estes ambos erão Jtalianos, frei guomez portuguez chamado o lixbonense da ordem de sam françisco craustal que era catedratico de teologia na çidade de pauia E mais exçelente teologuo de todolos de Jtalia, o qual tinha quinhentos ducados de Renda. (…) E era visitado de todolos portugueses honrrados que em Roma avia. elle os Reçebia com muita humildade E mostraua grande alegria em os ver. pareçeome na Jdade no Rosto e na estatura do corpo com afonso valente o velho quando vossa Jlustrissima senhoria ho vio nos seus derradeiros dias. (…) E vindo a Roma sua Santidade lhe deu o dito arçebispado pera prinçipio de cardeall. mas nosso senhor lhe quis dar outras maiores dignidades E nam hee pera duuidar ser assi, por que sua vida E custumes foram santos E virtuosos. E tanto fruito fez na sancta madre JgreJa que se dizia çertamente ser este o prinçipal dos modernos teologuos de Jtalia. adoeçeo de febres E em poucos dias morreo. foi enterrado em sam pedro de montoro que hee moesteiro de françiscos obseruantes que mandou fazer a Rainha dona Jsabel de castela onde o prinçepe dos apostolos foi cruçificado. foi

[79] *MFC*, f. 201r.
[80] *MFC*, f. 152r.

> acompanhado de grande multidão de Religiosos E da familia do papa E dos cardeaes E de todos seus perlados por que assi foy ordenado por Sua Santidade que de sua morte Reçebeo muito sentimento por lhe faltar o prinçipal defensor contra as acusações que os cardeaes çismaticos contra elle punhão. esta tam honrrada fim ouue o nosso natural frei guomez de lixboa sobre todolos de Jtalia. E mais exçelente mestre em teologia."[81];

> "Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa [Leão X] filha da senhora condesinha sua Jrmãa, a qual era per seus embaixadores esposada com o senhor de pombrino o qual hee gram senhor de Renda E mui gentil homem de sua pessoa E desposição de corpo. E a esposa tambem fermosa E gentil dama, com a qual eu tinha muita familiaridade, E com a senhora sua mãj. E per suas mortes perdi muitas esperanças de merçes que me tinham prometidas, as quaes nam ouve por menos perda que as que esperaua do cardeal, se nosso senhor lhe dera vida, por que o mesmo amor tinha de sua Reuerendissima senhoria visto per promessas E merçes que delle Reçebi. a morte desta senhora se causou da vinda de seu esposo a Roma, (…) o tempo era de grandissima calma, assi que a tam Jentil E tam honrrada E festeJada noiua contra todo ordem de çerimonia apostolica se partio dali com febre pequeno daquelles que nam dão vida em Roma. E peJorando cada dia nam lhe valeram os grandes Remedios per sua saude buscados com tanta diligençia que segundo ella mesma me disse lhe dauão perlas E pedras preçiosas com outras semsaborias E vaidades pera lhe dar vida."[82];

> "E cheguando a seus paços hindo eu adiante delle per huma sala me pos a mão no ombro E me perguntou que se dizia de sua vinda a Roma. eu lhe Respondi que o pareçer de todos os que deseJauão seu seruiço, era que sua Reuerendissima senhoria [o cardeal Alfonso petrucci] avia feito grande erro em vir a Roma."[83]

Poderia haver melhor porta de acesso aos meandros e aos bastidores da cúria romana? Julgamos que não. Certamente, aliás, o duque de Bragança terá ficado bastante satisfeito com esta entrada do fidalgo de Chaves ao serviço do cardeal Alfonso Petrucci:

> "o cardeal de sena que mui grande deseJo tinha de vossa Jlustrissima senhoria ter por amiguo contaua em seus convites E banquetes aos outros cardeaes E senhores o estado Real de vossa senhoria E suas vitorias da maneira que o eu tinha enformado. E sem duuida nam Reçebeo vossa senhoria pequena memoria pera em sua morte por que sempre o teuera por grande amiguo mas a sua desastrada ventura atalhou a Jsso E por que neste

[81] *MFC*, f. 160r e f. 160v.
[82] *MFC*, f. 203r e f. 203v.
[83] *MFC*, f. 221r.

> tempo se começou a tratar sua morte E aperdição dos outros cardeaes ha contarei breue E verdadeiramente. E posto que vossa Jlustrissima senhoria de todas estas cousas larguamente seJa sabedor, nom quero deixar a Reposta que o papa mandou a el Rei, pera os que destes fermosos feitos nom tiuerem notiçia."[84]

Apresentadas que são, com base nos dados do próprio texto, as nossas razões para a necessária constatação de que as *MFC* são, de facto, fruto de uma encomenda feita por terceiros ao autor, consideramos fundamental, como passo seguinte e sem o qual essas mesmas razões correm o risco de não ficarem solidamente fundamentadas e enfim legitimadas, definir as matrizes do porquê do interesse da figura encomendante: D. Jaime, o 4º duque de Bragança.

Comecemos pela data em que o autor regressa a Portugal – "a onze dias do mes de setembro da dita era de 1517" –, que, segundo pensamos, não se afigura casual. Com efeito, esta enquadra-se perfeitamente no calendário associado aos interesses de D. Jaime e da sua Casa na *Cidade Eterna*.

Aprofundemos este aspecto. A Casa de Bragança mantinha à época negociações com Roma com vista à obtenção da autorização para converter direitos de padroado em comendas da Ordem de Cristo e de apresentação da Casa. Em meados do segundo decénio do século XVI, D. Jaime requereu a D. Manuel e a Roma que os bens e as rendas de quinze das igrejas, à sua escolha, sobre as quais detinha direitos de padroado fossem autorizados a transformar-se em comendas da Ordem de Cristo[85]. Segundo Mafalda Soares da Cunha, o duque "fundamentou o pedido de mercê na necessidade de pagar serviços aos criados da Casa, assunto particularmente urgente após a sua participação na conquista de Azamor em 1513."[86] Este processo de conversão dos direitos de padroado em direitos de apresentação em comendas de uma ordem religioso-militar e, consequentemente, nos respectivos hábitos, garantia à Casa de Bragança toda uma série de proveitos e benefícios não apenas financeiros mas também de ordem política, nomeadamente o facto de reduzir os índices de conflitualidade institucional da Casa, em particular com a Igreja[87].

---

[84] *MFC*, f. 174r.
[85] Cf. Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, op. cit., pp. 312-332.
[86] *Idem, ibidem*, p. 312.
[87] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 312-332.

A própria Coroa agiu no sentido de apoiar a pretensão do duque D. Jaime junto de Roma de que resultou a anuência do papa Leão X, expressa na emissão da bula de 1517. É o que podemos confirmar pela leitura da missiva datada de 11 de Maio de 1517, enviada por D. Manuel ao seu embaixador na cúria romana, o futuro Bispo de Viseu, D. Miguel da Silva, e na qual o monarca recomenda ao seu embaixador na *Cidade Eterna* o maior empenho e critério em patrocinar junto do papa a pretensão de D. Jaime:

> "Dom miguel, nós elRey vos emviamos muito saudar: por o duque de bragança meu muyto amado e presado sobrinho ser a nós tam chegado como he em parentesquo, e por as calidades que ha era sua pesoa, pera em toda cousa deuermos folgar de lhe fazer merce, e asy mesmo porque nos servimos delle e aveemos de seruir em cousas, pera que contynuadamente elle ha d aver mester muitas pesoas, e sua fazemda pella ventura nom abasta pera tanto que sem outras ajudas as posa salisfazer, como elle deseja, elle nos pedio por mercê que por milhor o poder fazer e delle sermos milhor servido, quisesemos emviar sopricar ao santo padre que de igrejas suas de seus padroados elle podese prouer allgumas pesoas atee xv igrejas com o abito da ordem de christos, a saber, aquelas que elle nos apresentase e a que nós ouuesemos por bem mandar lançar o abito da dita ordem, pera com elle as poderem ter e pesuyr as rendas delas em encomemdas, ficando mantença onesta aos Reitores. E porque nós folgaryamos muito de ysto se fazer, asy por o duque ser ajudado a poder teer pesoas, com que milhor nos posa seruir, vos encomemdamos que de nosa parte façaes esta sopricaçam ao santo padre, fazendo lhe esta Rellaçam que acima dizemos, e pedimdo lhe muito por mercê que ysto queyra asy comceder e outorgar ao dito duque meu sobrinho atee as ditas xv igrejas de seu padroado, que elle posa dar ás pesoas, que nós quysermos prouer do dito abito pera com elle as terem, e averem as Remdas dellas em emcomendas, ficando mantença onesta aos Reitores, como dito he; as quaes pesoas sua santidade confie de nós que seram taes, que bem posam seruir a noso senhor quando cumprir na gueerra dos mouros; e quando pella ventura se nom podese fazer sem anexaçam á ordem entam seja, e venha com clausulla que em vida daqueles a que prouermos do abito pera averem as ditas igrejas fiquem anexadas á dita hordem; E pera yso asy sopricardes e Requererdes a sua santidade vos emviamos pera sua santidade com esta nosa carta de crença, por vertude da qual lho fallarês. Muito vos encomendamos que trabalhees quanto posyuel vos for por ysto acabar, e de nos emviardes as prouisões diso com os primeiros recados, porque asy nos prazerá o fazerdes, como se o negocio fose proprio noso; e se pera esta expidiçam comvier ao solicitador do duque, que ysto vos ha de Requerer e lembrar, emprestardes quinhentos ou seiscentos ducados do dinheiro noso que la tendes, enprestay os cobrando asynado, e tod aquela pesoa a que ho duque vos spreuer que os entreguês, o qual nos emviarês

> pera cá os mandarmos Recadar do dito duque, e encomendamos vos que tomes diso grande e especial cuidado. Sprita…"[88]

Preciosa, neste mesmo registo epistolográfico, é a referência ao *solicitador do duque*. Um apontamento que faz de imediato recordar a questão nuclear levantada por Aníbal Pinto de Castro acerca da mesma passagem: será este solicitador do duque o autor das *MFC*? Como destaca o mesmo investigador, da leitura atenta da missiva parece transparecer que não seria ele o único agente de D. Jaime em Roma a tratar de tão importante questão[89]. No entanto, para nós é plausível ir mais longe e avançar a hipótese de que se não é ele o inominado fidalgo de Chaves então muito provavelmente será um dos restantes agentes da Casa brigantina em Roma que a correspondência deixa inferir do seu conteúdo.

Estamos, pois, perante um passo decisivo para a validação da hipótese de o fidalgo se encontrar em Roma, entre 1510 e 1517, ao serviço do seu senhor, D. Jaime de Bragança, e, em consequência, de as *MFC* resultarem de uma encomenda específica deste último ao seu criado flaviense. Por outro lado, confirma-se assim que o 4º duque de Bragança possuía agentes em Roma no período em questão, e que a sua presença, entre outras possíveis missões, coincide com o período de negociações com Roma para a dita obtenção da autorização para converter direitos de padroado em comendas da Ordem de Cristo.

De realçar que também Luís de Matos defendia a existência de uma rede de agentes da Casa de Bragança em Itália por esta altura, bem como a tese da presença do fidalgo em Roma na qualidade de agente de D. Jaime: "Os Duques mantinham por sua vez no estrangeiro os seus agentes, sobretudo em Espanha e em Itália, que lhes enviavam regularmente os seus relatórios. António Caetano de Sousa já não pôde consultar os 'Livros das muitas cousas' em que D. Teodósio reunira as informações recebidas de Espanha, do Vaticano e de Veneza; mas na Biblioteca da Academia da História de Madrid existe ainda hoje o volume sobre política europeia e de passagem

[88] "Cartas de crença e despachos para D. Miguel da Silva (1517 – Maio 11?)" in *Corpo Diplomatico Portuguez: Contendo os Actos e Relações Politicas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potencias do Mundo Desde o Século XVI Até os Nossos Dias*, vol. I, Luís Augusto Rebelo da Silva (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1862, pp. 432-433.
[89] Cf. Aníbal Pinto de Castro, *op. cit.*, pp. 7-16.

sobre história de Arte que o agente de D. Jaime em Roma redigiu ao longo dos sete anos que ali viveu."[90]

Noutra vertente, se o fidalgo estivesse em Roma apenas em busca de benefício próprio porquê dirigir-se ao duque de Bragança assim que chega a Portugal? Porque não se dirigiu em primeiro lugar à terra onde vivia, natural destino depois de tão longa e demorada jornada? A condição de criado não justifica certamente tal decisão. Não será porque tinha de dar satisfação imediata do seu regresso e da missão que desenvolveu em terras italianas enquanto "olheiro"? Julgamos efectivamente que sim: a tão grande urgência do contacto com o seu senhor decorre certamente do que lhe queria transmitir em pessoa nesse ano tão decisivo para as ambições da Casa brigantina – ambições que dependiam da decisão do vértice da cúria romana. Algo precioso e que não podia com certeza esperar por um regresso calmo ao seu país natal:

> "eu me parti de Roma a onze dias do mes de setembro da dita era de 1517 anos. E embarquei em çiuita velha, E querendo tomar porto em valença nos ouveramos de perder por huma grande tormenta que naquella noite foi no mar E na terra que deRibou na çidade muitas casas, prinçipalmente nel graao. tomamos porto em alicante, despois em malegua, despois em calix, onde estiue alguns dias esperando passagem pera lixboa. E sendo outra vez metido no mar, nom podendo dobrar o cabo de sam viçente me sahi em sagres E vim por terra a lixboa onde Jachei a nao. E dali me vim a almeirim onde vossa Jlustrissima senhoria estaua com el Rei dom manuel seu tio, beiJar suas Reaes mãos. Deo gratias"[91]

Tudo isto leva-nos a levantar outra hipótese pertinente (igualmente no sentido de confirmar aquela): não terá o fidalgo de Chaves regressado a Portugal em 1517, porque foi esse precisamente o ano em que a negociação entre a Casa de Bragança e o pontificado chegou ao seu termo? Não estaria a sua missão concluída? Se nada existe no texto, em particular nas passagens que de alguma forma abordam a questão da sua saída de Itália, que valide cabalmente tal conjectura, também nada se regista que a inviabilize, mesmo que superficialmente:

[90] Luís de Matos, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, Conferência proferida no Paço Ducal de Vila Viçosa, em 15 de Outubro de 1955, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956, p. 20.
[91] *MFC*, f. 227v.

> "mas a mjm senhor caro me custou aquella Jornada por que ali adoeçi com o sereno da manham de corrimentos que me pararam tal que quando parti de Roma nam ouve homem que tiuesse esperança que sahisse viuo do mar."[92];

> "ao tempo de minha partida que foi aos xj dias do mes de setembro da dita era de 1517, as cousas do cardeal ficauam em tal estado. tanto que fui em portugual me screueram que moRera daquella Jnfirmidade çertificando ser peçonha."[93];

> "sendo eu curioso de saber a fim destes males, ao tempo de minha partida de Roma Roguei a alguns cortesãos meus amiguos que me escreuessem o que adiante passasse. E antre outras cousas me screueram que sam Jorge morrera em napoles onde fora fugido de Roma com presunção que lhe deram peçonha em napolles."[94];

> "ficando as cousas neste estado eu me parti de Roma a onze dias do mes de setembro da dita era de 1517 anos. E embarquei em çiuita velha, E querendo tomar porto em valença nos ouveramos de perder por huma grande tormenta que naquella noite foi no mar E na terra que deRibou na çidade muitas casas, prinçipalmente nel graao. tomamos porto em alicante, despois em malegua, despois em calix, onde estiue alguns dias esperando passagem pera lixboa. E sendo outra vez metido no mar, nom podendo dobrar o cabo de sam viçente me sahi em sagres E vim por terra a lixboa onde Jachei a nao. E dali me vim a almeirim onde vossa Jlustrissima senhoria estaua com el Rei dom manuel seu tio, beiJar suas Reaes mãos. Deo gratias"[95].

De facto, nesta perspectiva, as informações que precisava de fornecer sobre Roma e a cúria não necessitavam de passar desta data. Por outro lado, num relato com um tom tão próximo, intimista até, relativamente ao destinatário do texto, é de estranhar que nada diga sobre a necessidade súbita de retornar a Portugal.

A prisão do cardeal Alfonso Petrucci[96], em 17 de Maio de 1517, não é razão para tal regresso, na medida em que o fidalgo já se encontrava em Itália quando entrou ao

[92] *MFC*, f. 208v.
[93] *MFC*, f. 225r.
[94] *MFC*, f. 225v.
[95] *MFC*, f. 227v.
[96] A notícia da sua morte, datada de 4 de Julho de 1517, é assinalada na correspondência que sobreviveu do embaixador veneziano Marco Minio. Sobre esta temática veja-se Fabrizio Winspeare, *La congiura dei Cardinali contro Leone X*, Firenze, Editore Olschki, 1957; Maurizio Gattoni, *Leone X e la geo-politica dello stato pontifico (1513–1521)*, Città del Vaticano, Archivio Segreto Vaticano, 2000; Idem, *Pandolfo Petrucci e la politica estera della Repubblica di Siena, 1487-1512*, Siena, Cantagalli, 1997.

seu serviço – a relação entre ambos decorre, pois, de um processo exterior ao que o levou a Roma inicialmente. O mesmo se aplica às mercês recebidas da mão do malogrado clérigo, até porque na passagem do texto relativa a essa circunstância nenhuma relação é efectuada entre a sua saída de Itália e a recepção de tais benefícios. Mais ainda. Como podemos observar pelas referências temporais apresentadas na seguinte passagem das *MFC*, o intervalo de tempo que decorre entre ambas as situações – cerca de quatro meses – faz com que uma não resulte necessariamente da outra:

> "E finalmente sendo avisado que se ordia de o prenderem tomou por Remedio sahirse outra vez de Roma. sua Reuerendissima senhoria me tinha avido do papa despensação pera ter em comenda no abito de cristos çem mil Reis de Renda digreJas, E o breue era cometido a sua senhoria. E por que seu custume era honrrar E acreçentar seus criados, tanto que detriminou sua partida me disse o dia pera que me aperçebesse pera me fazer caualeiro E deitar ho abito. E o dia assinado de sua partida foi o em que me fez a sobredita merçe com muita solenidade E honrra."[97]

Em suma, de facto, não há nenhuma razão inquestionável no texto para o regresso ao reino natal acontecer nesta data, daí a hipótese de tal se dever ao cessar das negociações da Casa de Bragança com a cúria ganhar considerável relevância.

Mas outra faceta existe em relação ao possível interesse de D. Jaime em enviar um criado a Roma, na qualidade de agente, de cujo labor nasce um documento "encomendado" com as características singulares das *MFC*. Trata-se do perfil humanista e aristocrático do próprio D. Jaime enquanto 4º duque de Bragança e vértice da segunda maior Casa aristocrática do reino de Portugal.

Comecemos pelo perfil do homem de governo. A preocupação do 4º duque de Bragança pela consolidação e crescimento do poder da sua Casa é central. Dissolvida e com todos os seus bens confiscados pela Coroa aquando do processo que opôs D. João II ao então 3º duque, D. Fernando, justiçado em 1483 por aquele após acusação de lesa-majestade e traição, a Casa de Bragança conhece em D. Jaime o grande protagonista do seu reerguer das cinzas[98]. A Casa brigantina vê o início do século XVI, no quadro mais

[97] *MFC*, f. 218v.
[98] Cf. A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão (dir.), *Nova História de Portugal. Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. V, João José Alves Dias (coord.), Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 701-705; João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.*..., op. cit., pp. 21-116; Luís Adão da Fonseca, *D. João II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, pp. 31-121.

largo da ascensão de D. Manuel ao trono português, como um momento fundamental para a sua reemergência. O poder perdido tinha agora de ser recuperado, consolidado e a seu tempo aumentado. Tudo isto passava pela forma como o 4º duque conduziria os destinos da Casa.

D. Jaime nascera em 1479 e pela morte violenta de seu pai foi enviado pela mãe, Isabel de Viseu (1459-1521), com apenas quatro anos de idade, juntamente com o seu irmão, D. Dinis, para a corte da vizinha Castela para que não corresse nenhum risco de perseguição. Ainda em terras castelhanas assiste à forma determinada como o seu tio, o rei D. Manuel, em 1496, ou seja logo após subir ao trono, restaura a Casa ducal, reposicionando-a no vértice da hierarquia social e atribuindo-lhe sinais inequívocos de primeira linhagem do reino depois da régia, nomeadamente ao restabelecê-la em todas as suas prerrogativas, graças e privilégios.

É necessário sublinhar que a acção restauradora de D. Manuel relativamente à casa abatida por D. João II, é devida, por um lado, ao empenho e determinação familiar, ou seja, ao facto de considerar D. Jaime o seu sucessor natural; e, por outro lado, por reconhecer a vantagem de poder contar com tal apoio quer ao seu governo em geral, quer à sua arrojada política ultramarina – com efeito, é à Casa brigantina que o *Venturoso* vai recrutar muitos dos seus mais confiantes e competentes colaboradores[99]. Recentemente coroado rei, D. Manuel necessitava politicamente da restauração da Casa de Bragança, pois só uma segunda grande casa nobiliárquica contrabalançaria em termos políticos e mesmo dinásticos a figura de D. Jorge, filho ilegítimo de D. João II. Só assim o novo rei conseguiria obter o equilíbrio político de que tanto necessitava para governar com segurança e sem receios de perder poder ou até mesmo o trono. O sobrinho e a respectiva Casa dissolvida pelo seu antecessor materializavam de forma ideal esse contrapeso que urgia em ganhar, até porque D. Jaime ficaria sempre em dívida para com o tio por lhe ter devolvido todo o seu estado. Com toda a certeza a sua fidelidade nunca estaria em causa, como sublinha João Paulo Costa[100]:

> "Desde que subira ao trono, D. Manuel não fizera jurar de imediato um herdeiro, mas D. Jaime era, por então, o seu sucessor natural, sendo o neto mais velho do infante D. Fernando, por via legítima. Mais tarde, em 1502, antes do nascimento do príncipe D. João, D. Manuel afirmava numa carta

[99] Cf. Manuel Inácio Pestana, *A Casa de Bragança: Um Sereníssimo Estado Dentro do Estado*, Sep. *Revista de História*, Centro de História da Universidade do Porto, vol. VIII, 1988, Porto, s.n., 1988.
[100] João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.*…, op. cit., pp. 106-116.

> para o papa que 'não temos outro herdeiro salvo o dito duque meu sobrinho que à sucessão destes reinos é mais chegado e a que direitamente vêem se filhos Nosso Senhor nos não der'. Nesta matéria, o monarca seguia as normas institucionais, e talvez mesmo a voz do sangue, ignorando também neste aspecto o testamento de D. João II, que defendia D. Jorge como o herdeiro de D. Manuel enquanto este não tivesse filhos."[101]

Ainda antes do final de Abril de 1496, ano em que regressa a Portugal, D. Jaime era já duque de Bragança, recebendo os títulos e castelos que haviam pertencido ao seu malogrado pai. O processo liderado por D. Manuel de completar a restauração da Casa de Bragança só termina em 1510, o ano em que o fidalgo parte para Roma, quando o 4º duque brigantino passa a ser também o 8º conde de Ourém.

Por aqui podemos verificar como o processo de restauração patrimonial e de reabilitação social da Casa brigantina não foi tão fácil e célere como isso, envolvendo, ao invés, complexas e delicadas medidas políticas e administrativas, sobretudo devido ao facto de parte das terras confiscadas terem sido concedidas por D. João II a outros elementos nobres do reino. Recuperar tais senhorios para devolver aos antigos proprietários envolvia, pois, tacto e paciência. E sem dúvida que quer D. Manuel quer D. Jaime tiveram as qualidades necessárias para tão árdua e sensível tarefa, nem que fosse porque logo na origem o regresso e reabilitação dos proscritos significava avançar claramente contra a vontade expressa do rei anterior[102].

Como Maria de Lurdes Rosa enfatiza[103], a figura de D. Jaime situa-se nos antípodas da imagem que dela veicularam determinadas correntes literárias e historiográficas, quer em termos culturais quer no que diz respeito ao universo político-governativo da sua Casa e do reino, enquanto destacado conselheiro do monarca.

Com efeito, a leitura que via em D. Jaime o paradigma de um mundo ultrapassado e o grande símbolo de uma nobreza decadente e tradicionalista que em tudo impedia o desenvolvimento do reino, não passa de um exercício de interpretação tão simplista quanto redutor.

Ao classificarem o duque como um dos melhores expoentes do obscuro reinado manuelino – por oposição, claro está, ao reinado superior e benfazejo de D. João II –,

---

[101] *Idem, ibidem*, pp. 128-129.
[102] *Idem, ibidem*, pp. 106-116.
[103] Cf. Maria de Lurdes Rosa, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça" in *O Tempo de Vasco da Gama*, Diogo Ramada Curto (dir.), Lisboa, CNCDP e Difel, 1998, pp. 319-332.

tais interpretações colocaram na sombra inúmeros indícios que apontam num sentido contrário: D. Jaime era um homem de grande cultura, em grande medida adquirida durante o seu exílio castelhano, um cortesão perfeitamente de acordo com os novos tempos e um político e governante extremamente competente. Alguém, enfim, que aprendeu "na pele" o valor da prudência política, do *saber esperar* nesse universo tão complexo e instável que era o jogo do poder. É óbvio que evidenciava, também, traços de uma mentalidade mais arcaizante. Mas é um fraco exercício de hermenêutica concebê-lo apenas como uma figura eternamente melancólica e fanática, associada a um clero intolerante, inflexível e também ele fanático.

D. Jaime, de facto, teve a sagacidade e a coragem política para reerguer e elevar à absoluta preeminência uma Casa que já fora dissolvida uma vez, com todos os riscos e inimizades coevas que isso implica. O seu padrão de conduta face aos sectores inimigos, fossem originários da alta nobreza a que pertencia ou de outros grupos de poder, como os conselheiros régios, pautou-se pela paciente edificação de um poder sólido e capaz de se alimentar por si próprio. Como salienta Mafalda Soares da Cunha, o percurso então vivido pela Casa revela, num primeiro momento, objectivos e condutas diversificadas sempre no sentido da acumulação de recursos e de poder "através do aproveitamento, ou até mesmo da criação, de conjunturas geradoras dessas mesmas possibilidades"[104] – um exemplo paradigmático é o recurso constante à aquisição de instrumentos de poder, nomeadamente culturais, dos quais as *MFC* constituem uma prova cabal. E numa segunda fase, evidencia uma estratégia de consolidação e manutenção das posições sociais e políticas entretanto adquiridas. Também aqui, aliás, poderíamos incluir a encomenda de um texto como as *MFC* ou uma missão como a eventualmente protagonizada pelo fidalgo de Chaves em Roma ao serviço da Casa ducal. A alteração do contexto histórico e dos equilíbrios internos do reino e da Europa parece não ter deixado aos duques margens para outro tipo de comportamentos[105].

A imperiosa necessidade de legitimação, reforço e consolidação do seu próprio poder enquanto destacado centro político e segunda grande casa senhorial após a real – como a própria divisa indica: "*Depois de vós, nós*" [106]– obrigava, pois, o 4º duque de Bragança (e os seus descendentes) a construir um património cultural e simbólico que

[104] Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, op. cit., p. 13.
[105] Cf. Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, op. cit., pp. 13-44.
[106] De alguma forma, a divisa da Casa deixa já antever o decisivo papel político que a mesma protagonizará a partir do século XVII, enquanto casa real portuguesa.

resultasse numa identidade magnificente, a qual, por sua vez, elevasse a Casa ducal a uma posição de indiscutível preeminência. Necessidade tanto maior quanto a evidência de que a Casa tinha de conceder uma permanente atenção à evolução e à força dos contextos políticos, sociais e simbólicos, sob o risco de cavar um abismo para com a Coroa e demais poderes senhoriais concorrentes. Havia, pois, que investir na cultura e na informação, ou seja, no vocabulário e na simbólica do poder. Inscrever-se-ão certamente neste contexto as *MFC* e a missão do fidalgo de Chaves em Roma. Até porque a preservação desse estatuto de preeminência política e social que a Casa entretanto recuperara – e de que a importância política do duque de Bragança na construção dos processos de decisão política da monarquia era exemplo maior – implicava um contínuo exercício de afirmação do poder da mesma, quer enquanto pólo da grande política do reino quer, sobretudo, na qualidade de paradigma de construção e exercício do poder característicos de uma casa nobre moderna[107].

Mas outros exemplos – obrigatórios de destacar – existem do protagonismo de D. Jaime e por extensão da Casa brigantina enquanto segunda maior casa aristocrática portuguesa da época moderna a ter em conta neste processo. Vejamos esta perspectiva mais em pormenor.

O primeiro reside no facto essencial de D. Jaime ter sido nomeado herdeiro da coroa portuguesa por duas vezes. A primeira, em 1498, quando D. Manuel, ainda sem filhos, se ausentou para Castela para ser jurado sucessor daquele reino. Trata-se de uma distinção que tinha por base o facto de D. Jaime ser o primeiro parente do rei e, portanto, o mais próximo à sucessão do reino. A segunda ocasião durante o curto intervalo de tempo registado entre a morte de D. Miguel da Paz (1498-1500), em Julho de 1500, e o nascimento do príncipe D. João (1502-1557)[108], em Junho de 1502[109]. Depois, o direito de poder conferir nobreza, uma prerrogativa que anteriormente era exclusiva do rei e apenas compartilhada com os infantes. Naturalmente, este direito confere vantagens políticas e sociais decisivas para a Casa brigantina, em particular no que diz respeito ao desenvolvimento e consolidação das suas redes clientelares[110]. Em seguida, a capacidade de estabelecer uma rede de contactos e agentes no exterior do

[107] Cf. Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, op. cit., pp. 13-44.
[108] Futuro D. João III de Portugal.
[109] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III (1502-1557)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, pp. 14-25.
[110] Cf. Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, op. cit., pp. 48-88.

reino, sobretudo em Espanha e Itália, e da qual terá feito parte o fidalgo de Chaves[111], que mantém o duque informado dos meandros da política europeia. Por fim, a capacidade bélica que tem como expoente máximo o comando pelo duque, por atribuição real, da grande armada, constituída por aproximadamente 400 velas, cerca de 18 000 homens de pé e 2500 a cavalo, que partiu para conquistar Azamor[112] em Agosto de 1513. Depois da tentativa falhada de 1508, a conquista desta praça marroquina pelo duque reveste-se de uma grande importância material e simbólica, quer para a Casa de Bragança quer para a monarquia, que viu desta forma aumentada a sua visibilidade política e imperial, em particular na capital da Cristandade[113].

Aqui é importante realçar, mais uma vez, a argumentação de Maria de Lurdes Rosa, no sentido de mostrar a clarividência política de D. Jaime e a sua profunda tomada de consciência daquela que é efectivamente a realidade do reino de Portugal e do ultramar: apesar de tudo o que antes e depois envolve a expedição, nomeadamente a celebração poética e teatral dos feitos do duque, dar a ver o fundo de exaltação cruzadística da mesma (em particular em Roma, como o fidalgo demonstra), o facto é que pouco depois de consumada a conquista, o seu grande protagonista – em carta datada de Setembro de 1513 que tem como destinatário o monarca – coloca em causa a manutenção futura da praça dadas as efectivas condições da mesma, revelando um grande sentido de governação e de tacto político e ao mesmo tempo retirando de cima dos seus ombros a capa de herói que lhe vinha sendo atribuída.

O mesmo duque, dezasseis anos mais tarde, dirigindo-se desta feita a D. João III, é ainda mais objectivo e incisivo relativamente à complexa e controversa questão da impossibilidade de Portugal manter as praças norte-africanas, sobretudo devido à inequívoca falta de meios humanos e financeiros para tal. Em missiva de Fevereiro de 1529, ano em que D. João III ordenava uma minuciosa e sistemática inspecção às praças marroquinas de Ceuta a Safim sob a direcção do arquitecto João de Castilho, D. Jaime, com base na sua longa experiência e visão política, aconselha o rei a uma profunda

[111] Cf. Luís de Matos, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, op. cit.; e Maria de Lurdes Rosa, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça", *op. cit*., pp. 319-332.

[112] Esta acção militar é por vezes apontada como decorrente unicamente do facto de D. Jaime ter assassinado pouco antes a sua esposa, sob o pretexto de que esta o atraiçoara. Ou seja, é vista apenas como um acto de expiação por parte do duque, na medida em que a nomeação real para o cargo teria sido inteiramente condicionada pelo assassínio da duquesa. No entanto, sabemos que D. Manuel I escolhera D. Jaime para capitanear a armada e o assalto militar muito antes do crime ter lugar. O que, por sua vez, não quer dizer que ela não viesse a revestir, também, um acto de expiação. Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.…*, op. cit., pp. 242-244.

[113] Cf. Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, op. cit., pp. 252-260.

reorganização da presença portuguesa, que devia passar, segundo o duque, por um abandono de algumas e a conservação de poucas praças no Norte de África. Tratava-se, com alguns anos de antecedência, do vislumbre de uma das mais difíceis decisões políticas do reinado de D. João III: o abandono das praças de África[114].

Neste registo epistolográfico, onde o duque de forma corajosa (pois fá-lo sem receios e reservas) dá conta ao seu rei da realidade da situação já praticamente insustentável no Norte de África, critica também "o modelo do capitão heróico e cavaleiresco, que pratica proezas temerárias, mas que põe em perigo os seus homens e a praça que tinha por missão manter."[115] Esta capacidade já tão moderna de ver a "verdade efectiva das coisas" colocando em causa o seu próprio protagonismo, interessa-nos sobejamente, pois dá a ver o elevado valor que decerto D. Jaime atribuía à posse de informação credível e fiável o que, por sua vez, remete para a validação da hipótese de as *MFC* serem fruto de uma encomenda e do trabalho de um agente da Casa de Bragança em missão na capital da Cristandade. Sem dúvida que para o 4º duque de Bragança, informação constituía, de facto, poder.

Isto sem esquecer alguns exemplos mais circunstanciais, mas simbolicamente reveladores do poder e protagonismo verdadeiramente únicos detidos por D. Jaime e a sua Casa, como é o facto de o duque de Bragança ter "precedência sobre todos os outros nobres nos actos e funções públicas, como sucedeu em 1499, no juramento do primogénito de D. Manuel, em que teve o primeiro lugar à direita do rei e jurou sobre os Evangelhos em primeiro lugar, antes de D. Jorge, duque de Coimbra (1481-1550), filho bastardo de D. João II."[116] Outro exemplo resultante do direito de precedência, reside no facto de ter sido D. Jaime num ambiente faustoso e solene a levar o príncipe D. João (futuro D. João III) à pia baptismal para concretizar o seu baptizado. Como salienta Ana Isabel Buescu, ao escolher o seu sobrinho para levar o seu filho e herdeiro a receber o sacramento do baptismo, D. Manuel distinguia de forma exemplar o titular da Casa brigantina[117].

Coube a D. Jaime por duas vezes receber a rainha de Portugal: a primeira na vila alentejana de Moura, em 1500, quando recebeu a segunda mulher de D. Manuel, Maria de Aragão e Castela (1482-1517), infanta de Espanha; a segunda vez, dezoito anos

[114] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III.*..., op. cit., pp. 256-257.
[115] Maria de Lurdes Rosa, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça", *op. cit*., p. 329.
[116] Ana Isabel Buescu, *D. João III.*..., op. cit., p. 22.
[117] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III.*..., op. cit..

depois, a 23 de Novembro de 1518, quando junto do ribeiro de Sever, que demarcava os reinos de Castela e Portugal, recebeu a futura rainha D. Leonor Habsburgo (1498-1558), infanta de Espanha e irmã do imperador Carlos V, terceira mulher de D. Manuel.

Em 1521, no âmbito das cerimónias fúnebres do seu tio, D. Jaime de Bragança é um dos grandes que leva em ombros o caixão do monarca para fora da câmara régia. Pouco antes, no momento em que dita a sua última vontade, D. Manuel só menciona especificamente uma pessoa a quem pede que aconselhe sempre o príncipe: trata-se do seu sobrinho, D. Jaime[118].

Por último, é de salientar que D. Jaime após o falecimento de D. Manuel manteve-se como senhor da maior casa senhorial após a casa real e voltou a desempenhar um papel político de grande destaque. Com efeito, o jovem soberano ouvia-o em conselho como aconteceu em relação à melindrosa questão do seu casamento e no delicado caso das ilhas de Maluco, que opôs D. João III ao imperador do Sacro Império Romano-Germânico Carlos V (1500-1558).

Tudo isto não deixa dúvidas de que D. Jaime era, de facto, uma das figuras de maior peso político no reino de Portugal e no conselho régio. Voltando às *MFC*, a obra do fidalgo de Chaves é a todos os níveis expressiva da estratégia política da Casa que serve e que se pode resumir na busca de distinção e distanciação face ao conjunto da nobreza e de todos os que se podem opor à ascensão da Casa. Ou seja, é reveladora das suas formas de articulação com o centro e de disputa do poder.

Por outras palavras, a própria existência das *MFC* constitui um elemento de afirmação da alteridade da Casa de Bragança e, simultaneamente, uma prova de que a cultura e a informação fruto da observação e da experiência pessoal de membros ligados à mesma representavam, afinal, enquanto atributo do poder, outro recurso simbólico ao serviço da sua preeminência.

Por último, na sua estreita ligação com D. Jaime e a Casa ducal brigantina, as *MFC* e a acção do fidalgo de Chaves assumem um profundo significado político: em primeiro lugar, na medida em que revelam a dimensão das ligações e, especialmente, das extensões políticas "tentaculares" da Casa; depois, porque constituem uma preciosa pista sobre o tipo de ligações que a casa ducal brigantina estabeleceu com os principais centros e agentes de decisão política; e, finalmente, dado que dão a ver a multiplicidade de interesses sociais e sobretudo políticos que a Casa teria e procuraria quer no espaço

[118] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.*…, op. cit., pp. 350-353.

físico do reino, quer na própria Europa, com particular atenção para a vizinha Espanha, em particular Castela, à qual uniam, também, estreitos laços familiares.

Em suma, tudo isto torna as *MFC* um precioso texto de poder sobre o poder. Elas fazem, efectivamente, parte das fontes do poder material e simbólico dos Bragança, actuando nessa medida como um instrumento de poder. Dito de outro modo, na qualidade de signo resultante da política de mecenato artístico e cultural que D. Jaime promoveu visando a projecção da sua Casa, elas permitem uma vantagem simbólica, cujas implicações resultam num inequívoco ganho político. É a assunção do texto como arma e linguagem privilegiada na luta e na afirmação política[119]. É, enfim, a elevação efectiva da cultura a assunto de Estado e, por isso, ao ingresso no criterioso grupo das prioridades políticas. Daí que qualquer tentativa de análise do trabalho do fidalgo de Chaves tenha necessariamente de passar por D. Jaime e a Casa de Bragança. Não é possível falar de um sem evocar o universo de poder do outro.

Regressando à questão original há que indagar do perfil cultural e humanista de D. Jaime. Como o provam as iniciativas que patrocinou ao longo da vida – a criação de uma biblioteca; a construção de um paço ducal e outros edifícios de nomeada; o apoio mecenático a escritores, músicos, pintores ou arquitectos; bem como as encomendas e dedicatórias de obras; os cerimoniais religiosos[120]; e outras acções e empresas em que participou activamente, como a renovação de fortalezas no reino[121] –, o 4º duque de Bragança revela-se um típico homem do Renascimento. Curioso pelo que o rodeia, sobretudo o novo e original, é alguém que procura informar-se o melhor que pode sobre as temáticas que o cativam: música, literatura, história, arquitectura, técnica e ciência, guerra e, enfim, política.

Tal é certamente devedor do facto de ter sido educado em Castela, onde esteve até ao fim da adolescência e contactou com figuras de proa do humanismo italiano, como Pedro Mártir de Anghiera (1457-1526), trazido de Itália pelo Conde de Tendilha para a corte dos Reis Católicos, de quem foi um dos primeiros discípulos. Com efeito, a primeira educação literária recebeu-a D. Jaime na corte dos reis Católicos, a par de

[119] Cf. Mafalda Soares da Cunha, *Linhagem, parentesco e poder: a Casa de Bragança (1384-1483)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1990, pp. 5-15; Idem, "Nobreza, rivalidade e clientelismo na primeira metade do século XVI. Algumas reflexões" in *Penélope*, 29, 2003, pp. 33-48.
[120] Cf. Maria de Lurdes Rosa, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça", *op. cit*., pp. 319-332.
[121] *Vide* o quarto ponto da Parte IV (*O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália*) do presente estudo.

outros jovens da nobreza espanhola. É que os tempos que então corriam, os primórdios do século XVI, eram marcados por profundas e aceleradas transformações em todas as áreas da vida humana, que impunham necessariamente que na formação da nobreza, a par da tradicional vocação guerreira, se estimulasse agora uma nova vertente: a sua formação literária, juntando as *letras* às *armas*.

Na verdade, a nobreza estava a sofrer um claro processo de renovação. Agora, a sua função social dominante – com todo o prestígio simbólico que lhe é intrínseco e que provém da tradição –, as armas, debate-se com a irreversível concorrência das *letras.* A cultura, antes monopólio da Igreja, torna-se um bem fundamental para o nobre que, afinal, é também um cortesão. E a Itália é, nesta matéria, o farol que ilumina toda a nobreza da Cristandade. A corte, apesar de todos os significativos passos dados pelas cortes medievais, passa a desempenhar, por isso, um papel que era quase exclusivo do mosteiro. O príncipe, o conde e o duque europeus olham, por exemplo, para a corte de Ferrara, onde Ariosto brilha alto, e não têm dúvidas quanto ao rumo a seguir em relação à educação dos seus delfins. A publicação da obra *A Civilidade Pueril* (1530) do incansável Erasmo constitui apenas um pequeno indício de um amplo movimento de renovação no que respeita a valores e comportamentos sociais[122].

Esta educação humanista recebida por D. Jaime foi certamente decisiva para toda a sua conduta social e política posterior, bem como para o vasto processo de reemergência da Casa brigantina que o duque liderou. O maior emblema deste processo será talvez a própria corte da Casa de Bragança, espaço privilegiado de poder e cultura e, sobretudo, notável símbolo do estabelecimento no reino de Portugal de uma mentalidade já com inequívocas marcas de modernidade. Naturalmente, tal não é sinónimo de um corte abrupto com as formas culturais anteriores, de que aliás, o duque e a sua Casa são sem dúvida devedores. A tese de António José Saraiva, tendo o caso de Gil Vicente como referência para este período de transição assim o demonstra[123]: a mundividência medieval é algo enraizado nesta sociedade de charneira, pelo que é impossível que as novas práticas e orientações culturais se manifestem sem o peso da herança dos séculos anteriores. Daqui decorre uma coexistência de estilos, modelos e gostos, inclusivamente no espaço da corte, régia e aristocrática, espaço privilegiado de implantação do novo e original. Na arte portuguesa, o chamado estilo manuelino

[122] Cf. Desidério Erasmo, *A Civilidade Pueril*, Lisboa, Editorial Estampa, 1978.
[123] Cf. António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, vol. II, Lisboa, Jornal do Fôro, 1953.

representará porventura a materialização máxima desta concomitância de estados; já na literatura e no teatro esse "direito" caberá a Gil Vicente.

Luís de Matos[124] demonstra bem o papel pioneiro e até vanguardista desempenhado pela corte de Vila Viçosa no panorama cultural do reino português nos alvores do século XVI – a própria existência de um observatório astronómico assim o confirma. Espaço de confluência de saberes, a corte de D. Jaime polarizava e simultaneamente irradiava cultura, contribuindo para a distinção de segunda casa nobre mais poderosa do reino. A sociedade áulica era agora indissociável da cultura, que, plena de significado simbólico a nível político, funcionava em paralelo como componente essencial da "mostrança" da imagem do seu poder. Entende-se, pois, que D. Jaime mantivesse uma verdadeira corte de humanistas, poetas, arquitectos e artistas em pleno Alentejo.

Apesar de os dados existentes sobre a livraria quinhentista da Casa de Bragança remeterem apenas para o período do 5º duque da Casa de Bragança, D. Teodósio (1510-1563), filho de D. Jaime e de D. Leonor de Mendoza (Medina Sidonia), é possível a partir dos mesmos e quando combinados com o que sabemos acerca da personalidade e dos gostos do 4º duque vislumbrar como muito provavelmente seria o núcleo original da livraria da corte brigantina nos tempos de D. Jaime, afinal, o seu fundador e o primeiro grande impulsionador das riquezas bibliográficas que virá a conter, um dos principais ícones do humanismo e do Renascimento em Portugal[125].

Ana Isabel Buescu salienta alguns traços dominantes desta livraria no período de D. Teodósio I de Bragança, que podemos fazer recuar até D. Jaime, pelo menos em parte: trata-se de uma livraria com o horizonte de um espaço europeu e extra-europeu; é muito actualizada e aberta aos vários rumos da cultura europeia, nomeadamente ao mundo do humanismo, da polémica religiosa e da ciência; inscreve-se numa dinâmica ibérica e europeia no que respeita à aquisição e circulação do livro; apresenta-se como uma livraria de transição, em termos ideológicos (livros defesos, Erasmo, etc.)[126]. Pela sua dimensão e especificidade de muitos dos seus conteúdos à época de D. Teodósio, já no tempo do seu fundador deveria constituir um pólo de congregação e irradiação de

[124] Cf. Luís de Matos, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento,* op. cit..
[125] *Vide* texto original da comunicação proferida por Ana Isabel Buescu, em Maio de 2012, intitulada "Livros italianos na grande livraria dos duques de Bragança na primeira metade do século XVI: geografia, cultura e poder", no âmbito do *2º Ciclo de Conferências Relações luso-italianas nas épocas medieval e moderna* (FCSH-CHAM/UNL).
[126] *Idem, ibidem.*

cultura emblemático a nível do próprio reino. Nessa medida, dá a ver a motivação cultural do progenitor de D. Teodósio. O testamento de D. Teodósio (†1563) revela bem a importância patrimonial que o mesmo atribuía à livraria fundada pelo seu pai; uma importância reveladora de uma preocupação que parece claramente vir de trás: "Deixo a minha Livraria e todos os livros que tiver ao Duque de Barcelos, meu filho, para que ande em morgado, e não dará ele nem os seus sucessores da dita Livraria nenhuns livros, sem comprarem outros como eles, que metam na dita Livraria"[127].

Reorganizar uma Casa desmantelada, sobretudo com o prestígio e a dimensão que a de Bragança atingira, leva o seu tempo e envolve múltiplos meios e facetas. À época certamente que D. Jaime tinha a plena noção do quão importante seria a questão cultural para a recuperação da distinção da Casa brigantina. Isto, claro está, para além das suas próprias convicções pessoais que apontavam para o mundo do humanismo e que são largamente devedoras da educação "italiana" de que desfrutou em Castela. Também em Lisboa contactou com outro humanista italiano, Cataldo Parísio, que em 1486 trocara a Universidade de Bolonha pela corte do rei de Portugal, com quem o irmão, D. Dinis, terá lições, bem como mais tarde os seus filhos e os filhos do seu tio, D. Álvaro (c. 1440-1504).

O gosto de D. Jaime pelo humanismo fixava-se, portanto, bem no âmago da sua Casa para não mais a abandonar. Comprovam-no além do mecenatismo a muito provável implantação do ensino literário e científico no paço Ducal, bem como a presença de alguns dos mais destacados professores portugueses e estrangeiros, como por exemplo Diogo Sigeu, que ensinavam as humanidades clássicas do *trivium*, mas também, pelo menos desde 1530, as matérias científicas do *quadrivium*[128]. Luís de Matos refere a presença de médicos e juristas; homens de letras protegidos pelo duque; tradutores e homens de ciência; cantores e instrumentistas; arquitectos e geómetras; estudiosos de cosmografia, astronomia, cartografia e de marinharia, campos que despertavam no duque grande paixão e entrega; bem como de mestres que tinham a seu cargo o ensino dos Duques, de seus irmãos e dos moços fidalgos. Todos eles, naturalmente, ao serviço do Paço.

[127] Citado em *idem*, *ibidem*. Cf. António Caetano de Sousa, *História genealógica da casa real portuguesa*, tomo 5 (p. 573) e tomo VI (pp. 78 e 85), *op. cit*..
[128] Cf. Maria de Lurdes Rosa, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça", *op. cit*., pp. 319-332.

Melómano no pleno sentido do termo, grande promotor de publicações e traduções, bem como conhecedor da marinharia, D. Jaime chega a enviar um aprofundado parecer a D. João III sobre a delicada questão das ilhas de Maluco.

É, pois, indubitável que no Paço de Vila Viçosa se viveu intensa e profundamente o Renascimento e o humanismo nas suas mais diversas disciplinas. E sempre tendo por pano de fundo o afã de uma corte politicamente empenhada nas questões gerais do reino. Não é difícil imaginarmos cortesãos, correios e agentes entrando e saindo do Paço, que à época constituía a mais importante e culta corte renascentista de Portugal a seguir à corte régia, funcionando como uma verdadeira ponte entre esta última e a cortes imperial e pontifícia[129]. Como salienta Maria de Lurdes Rosa, "o fausto que a corte de Bragança alcançará sob os governos do seu filho e neto, épocas cimeiras da sua existência cultural e política, teve sem dúvida no período de D. Jaime as mais seguras bases."[130]

Também a importância central atribuída a Roma por D. Jaime ao longo de toda a sua vida constitui um precioso indicador dos interesses culturais do 4º duque brigantino. Uma importância religiosa, cultural, militar e política, da qual, em última análise, as *MFC* são um exemplo eloquente. Roma e a cúria pontifícia constituíam o centro nevrálgico da Cristandade. Daí a já referida necessidade de assegurar uma rede de agentes e contactos ao serviço dos interesses da Casa ducal, dos quais o fidalgo de Chaves constituirá apenas um exemplo.

A conjuntura interna de Portugal, mas também do resto da Península Ibérica e até da própria Europa que vivia então um período de profunda e acelerada mutação política, cultural, económica e militar, tornava à época indispensável a D. Jaime manter-se o mais bem informado possível dos meandros da política europeia, em particular ao nível das decisões que passavam pela cúria romana e das quais, como já vimos, tinha particular interesse na segunda década da centúria de Quinhentos.

Roma constituía à época o centro de todo um sistema informativo entre o Extremo e Médio Oriente e a Europa; estado de coisas que se reveste de particular interesse para Portugal dadas as suas ambições orientais e o inevitável choque com os

[129] Cf. Luís de Matos, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, op. cit., p. 33.
[130] Maria de Lurdes Rosa, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça", *op. cit*., p. 330.

interesses turcos na região[131]. O turco estendia cada vez mais o seu poder tentacular à Europa ocidental. Era uma realidade insofismável e para a qual D. Jaime estava certamente muito atento. Noutra vertente, e geograficamente oposta, a sua estratégia militar ameaçava em particular o império português no Oriente.

Perante tal contexto internacional, D. Jaime estaria de olhos postos em Roma. Afinal, o que aí se decidia em termos políticos, militares e económicos, acabava por se repercutir naquilo que era o centro de interesses da política externa portuguesa. Por outro lado, como já referimos, existiam à época interesses políticos específicos da Casa de Bragança a ser decididos em Roma. Era, pois, indispensável estar a par de tudo o que aí se passava, sobretudo ao nível do tipo de informações que extravasa o âmbito das missivas oficiais. A D. Jaime interessaria, pois, saber aspectos mais íntimos que escapam à própria natureza do documento de Estado. Ou seja, informações do tipo das veiculadas nas *MFC*.

A sua acção por outras vias (por exemplo, a dos seus contactos e agentes estabelecidos na capital da Cristandade, entre os quais se contaria certamente o fidalgo de Chaves) teria, pois, de acompanhar a intervenção diplomática oficial desenvolvida por D. Manuel em Itália, onde o maior destaque vai sem dúvida para a cúria romana. No difícil e complexo amanhecer de Quinhentos europeu, a cúria romana afirmava-se cada vez mais como centro privilegiado de informação universal[132]. As embaixadas e outras acções diplomáticas descritas pelo fidalgo de Chaves no seu relato disso dão conta. Nas palavras esclarecedoras de Yves Renouard, "Roma era o centro postal internacional mais activo de Itália e, sem dúvida, da Europa: as novas políticas militares, comerciais, espirituais aí convergiam e daí partiam por todas as vias. A Cidade Eterna era o centro mais bem informado das novas de toda a Cristandade, e aquele donde elas eram difundidas em todas as direcções."[133]

---

[131] Cf. Maria Augusta Lima Cruz, *Contribuição Para o Estudo dos Correios Entre Portugal e Roma no Século XVI*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, 1, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian (Centro Cultural Português), 1969, pp. 463-467.

[132] Cf. Maria Augusta Lima Cruz e António Manuel Lázaro, "A Linguagem Criptográfica na Correspondência Diplomática Portuguesa de D. Miguel da Silva e de Pero Correia: Origens e Significado" in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento, Lisboa, 2004*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, pp. 601-620.

[133] Citado em *idem*, *ibidem*, p. 602.

Não é pois de estranhar que D. Jaime acompanhe a tendência geral europeia coeva de optar por representações diplomáticas permanentes em Roma[134], com acções informativas paralelas, de que o estabelecimento de redes de agentes e contactos, sobretudo em Espanha e Itália, são talvez o melhor exemplo. Aliás, os próprios soberanos europeus fomentavam, para além das missões dos embaixadores oficiais e em permanência, o recurso a missões paralelas e extraordinárias que tinham por principal objectivo a obtenção no terreno de informação realmente válida, sobretudo em termos do que se passava nos bastidores da política. Falamos, pois, do importante papel desempenhado pelos "olheiros" – onde, como já referimos, incluímos o fidalgo de Chaves – e que funciona não raras vezes como um genuíno acto de espionagem, na incisiva caracterização recentemente proposta por Paolo Preto[135]. As informações resultantes da arriscada (porque não beneficia da protecção e da imunidade que o cargo dito oficial garante logo à partida) actividade dos "olheiros" são de natureza diferente das oficiais. Predominantemente espontâneas, genuínas e emocionais derivam da opinião pessoal que não se vê constrangida pelos ditames oficiais. São por isso mais reais e menos frias, até porque não são preparadas de antemão.

Nelas os autores podem dizer o que *sentem* e não o que *devem* e *podem* dizer nos documentos oficiais. Podem afirmar o que realmente pensam e julgam das pessoas e acontecimentos evocados. Podem, enfim, apresentar a sua *autêntica opinião* e não o que *convém.* Neste ponto, saliente-se, as *MFC* são simplesmente paradigmáticas.

Naturalmente, que esta actividade "marginal" envolve riscos acrescidos como os corridos pelo fidalgo de Chaves ao colocar-se ao serviço do cardeal Alfonso Petrucci e, sobretudo, ao apresentar ao destinatário do seu texto considerações da natureza das que apresenta acerca da cúria e dos papas com que contactou. A capacidade de *justiçar* da igreja romana tinha os tentáculos bastante amplos, como o fidalgo teve oportunidade de verificar por diversas ocasiões durante a sua longa estada em Roma.

Neste ponto é importante evocar o pensamento de Pedro Cardim que destaca a capacidade da Casa de Bragança em desenvolver neste período os dispositivos

[134] Para um maior aprofundamento desta temática *vide* Pedro Almeida Cardim, "A Diplomacia Portuguesa no Tempo de D. João III: Entre o Império e a Reputação" in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento*, Lisboa, 2004, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, pp. 627-660.

[135] Paolo Preto, *I servizi segreti di Venezia. Spionaggio e controspionaggio ai tempi della Serenissima*, Milano, Il Saggiatore, 2010, pp. 185-234. Fundamentais para o conhecimento aprofundado da temática da espionagem nesta época são as pp. 41-86, 247-260 e 301-380. Para o caso específico do fidalgo de Chaves veja-se na mesma obra as pp. 433-446.

administrativos e as condições necessárias, à semelhança da Casa real, para desenvolver relações intensas a um nível muito mais amplo do que até aí se tinha tentado. Até porque o século XVI é a centúria que vê despoletar os primeiros príncipes seculares com capacidade de implementar e executar estratégias políticas de projecção mundial[136].

~

Traçados que estão os perfis do autor das *MFC* e do destinatário do seu relato, D. Jaime, 4º duque de Bragança, e tendo em conta os diversos indícios apresentados no próprio texto, julgamos estar em condições de validar a hipótese apresentada de o fidalgo de Chaves se ter deslocado a Roma em 1510 e aí permanecido até 1517 ao serviço do duque de Bragança. Missão da qual resultaria um documento encomendado, ou seja, as *MFC*.

Pelas suas características intrínsecas e tendo em conta o perfil do seu autor, as *MFC* parecem especialmente dirigidas a alguém que reúne as características em cima apresentadas para o duque D. Jaime. O intenso desejo de saber deste último, aliado às questões políticas e governativas em que está envolvido, transformam as *MFC* num texto que parece ter sido concebido logo na sua génese a pensar no duque brigantino.

O seu conteúdo sugere, de facto, que a redacção foi feita a pensar em alguém como D. Jaime: uma figura de destacada preeminência política e, por isso mesmo, particularmente atenta aos projectos e anseios de governantes e governados, bem como ao comportamento político, militar e religioso de indivíduos com efectivo poder de liderança, sobretudo quando o pano de fundo é um espaço tão complexo como a Itália e muito particularmente a Roma dos inícios do século XVI. Uma figura, enfim, que deseja saber o mais objectivamente possível em que medida se estabelecem os jogos de poder e a capacidade de pressão, de influência ou mesmo de intervenção, dentro e à margem do poder político dominante, neste teatro eminentemente religioso e político-militar.

E D. Jaime é, de facto, alguém extremamente interessado em compreender opções governativas e condicionantes do devir europeu coevo, sobretudo italiano e

[136] Cf. Pedro Almeida Cardim, "A Diplomacia Portuguesa no Tempo de D. João III: Entre o Império e a Reputação", *op. cit.*.

romano, para estar bem preparado, em diversos campos de acção e face a novas conjunturas, nacionais e europeias, para avaliar e discutir soluções políticas e até militares com legitimidade e segurança de parecer. Ou seja, para em bases realmente sólidas maximizar a intervenção da sua Casa no país e no continente em profunda mudança que são os seus.

Mas também as informações contidas na fonte acerca dos costumes, da cultura e do quotidiano em Roma podem interessar a uma figura cosmopolita e culturalmente preparada como é D. Jaime. Tudo o que envolve as *MFC* e o seu autor, parece articular-se, pois, com o 4º duque de Bragança e no seu perfil humanista. Até porque o lugar que detém no quadro político geral do reino não é um dado absoluto e intemporal, antes inseguro e periclitante. Ele vive num tempo de mudanças rápidas que faz com que o futuro seja sempre incerto, pelo que garantir a manutenção da posição decisória preeminente que já ocupa num Portugal que se está claramente a redefinir face à restante Europa – de país periférico passa a estar no centro das grandes correntes do comércio internacional e da política europeia; é um dos grandes protagonistas da recente e inédita passagem para uma economia mundo – pode necessariamente passar por enviar um agente ao coração político, religioso e cultural da Cristandade.

A própria recomposição da sua Casa ducal e a afirmação da mesma como chave para o equilíbrio dos poderes políticos num reino em viragem – afinal é isso que D. Manuel espera dela ao reerguê-la – passa necessariamente por iniciativas desta natureza.

Por outro lado, conhecer o complexo exemplo político vivido na península itálica é um passo importante para compreender os meandros das movimentações conspirativas que grassam nas cortes italianas e são cada vez mais uma característica dos novos tempos. É apreender também o novo rumo de uma Europa imersa no sistema internacional de Estados, do qual a pedra-de-toque começa a ser os conflitos, as alianças e as contra-alianças quase constantes, sendo a capital de tal processo a eterna Roma.

A informação impõe-se mais do que nunca como poder. E é precisamente isso que o fidalgo de Chaves veicula no extraordinário testemunho ao seu senhor, um homem de corte e, por isso, de poder, que está bem perto do rei de Portugal e que nessa condição tem toda a vantagem em estar muito bem informado sobre o que se passa no coração da Cristandade.

A questão do agente com funções de "olheiro" revela-se assim essencial, na medida em que representa os olhos de D. Jaime onde ele não pode estar. No fundo, trata-se apenas de enviar alguém para "olhar" e descrever, mantendo assim o seu senhor a par das grandes questões. Não é nenhum projecto conspirativo, apenas a necessidade de D. Jaime se manter informado devido à posição social que ocupa, aos interesses específicos da sua preeminente Casa aristocrática e à função que desempenha como conselheiro do rei nos assuntos directamente relacionados com a condução dos destinos de Portugal, uma nação já essencialmente intercontinental neste início de século.

Quanto ao fidalgo, não podemos esquecer que enquanto agente em missão não representa o reino. Representa apenas um senhor, ainda que sendo um dos principais. Assim, tem de agir com cautela e secretismo, residindo provavelmente aí, como já referimos, o seu anonimato. A sua acção não é "oficial", pelo que não beneficia das imunidades e amnistias atribuídas aos embaixadores oficiais, figuras que vivem no estrangeiro como se estivessem no seu próprio país, ao abrigo das suas leis.

Concluindo, independentemente da ausência da identidade onomástica do autor e tendo sempre em mente a hipótese válida de estarmos perante o fruto do trabalho de um agente em missão ao serviço do 4º duque de Bragança, é crucial salientar que o inominado fidalgo de Chaves, tal como Aníbal Pinto de Pinto tão sabiamente destacou[137], representa uma das mais emblemáticas e expressivas vozes que promoveram o diálogo cultural luso-italiano no início do século XVI. Nessa medida, o seu testemunho constitui uma prova inequívoca e essencial quer dos contactos portugueses com a Itália, quer da presença da cultura do humanismo renascentista de matriz italiana no Portugal de Quinhentos[138].

[137] Cf. Aníbal Pinto de Castro, *op. cit.*, pp. 7-16.
[138] *Vide* texto original da já referida comunicação proferida por Ana Isabel Buescu, em Maio de 2012, intitulada "Livros italianos na grande livraria dos duques de Bragança na primeira metade do século XVI: geografia, cultura e poder", no âmbito do *2º Ciclo de Conferências Relações luso-italianas nas épocas medieval e moderna* (FCSH-CHAM/UNL).

Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder

As *MFC* apresentam ao seu único destinatário, D. Jaime de Bragança, um retrato da Europa composto por um caleidoscópio de visões e perspectivas. Ao elaborar este vasto e complexo retrato, o autor constantemente opera um exercício narrativo que navega entre a descrição, nomeadamente das características ou traços distintivos seja dos factos, dos lugares, das paisagens, ou das pessoas, e a composição desses mesmos elementos. O resultado é um todo final, organizado e estruturado, resultante da disposição combinatória das partes componentes que se revelam sempre interactivas entre si, ora influenciam-se ora determinando-se.

O esboço que traça da Europa e em particular de Roma, revela-nos como o fidalgo de Chaves se interessou vivamente por ambas, muito especialmente a cidade dos papas. Dito de outro modo, indica-nos o modo como se deixou surpreender (às vezes no sentido de ficar maravilhado e positivamente espantado, outras no sentido do choque e da indignação) por tudo aquilo que Roma, e através dela a Europa, tinha para oferecer de novo e diverso relativamente ao quotidiano da sua terra natal. Estamos, por isso, perante visões não isentas de crítica social e política, sempre preocupadas com a moralidade dos líderes políticos e sobretudo religiosos, e denunciadoras do crime e da injustiça (na perspectiva do autor, saliente-se) que então caminhavam de mãos dadas com o esplendor multicultural, o fausto e a riqueza próprios do quotidiano que distinguia a vida em Roma no início do século XVI, em particular quando comparada com a restante Europa, inclusive a cosmopolita Lisboa de então.

Pensamos que esta atitude tem muito a ver quer com os ventos de mudança que caracterizam este período, quer com a rara capacidade de observação e avaliação do autor, que, incumbido de uma missão, nunca deixou todavia apagar ou sequer camuflar a sua opinião sincera sobre os factos vividos ou de que teve conhecimento – veja-se o

retrato, sobretudo psicológico, que traça de ambos os papas, Júlio II (1443-1513)[1] e Leão X (1475-1521)[2], que lideraram Roma aquando da sua estada na *Cidade Eterna*.

Reflectindo sobre a estruturação interna da obra, um eixo sobressai como transversal a todo o desenvolvimento discurso. Trata-se do poder nas suas múltiplas expressões e evidências, com particular destaque para as embaixadas à cúria pontifícia (onde a festa, o poder e a propaganda são núcleos estruturantes), o novo modelo do príncipe que marca o início do Estado moderno e a própria cúria romana com todo o seu pragmatismo e uma ampla rede de cumplicidades e de poderes em exercício.

Com efeito, as *MFC* são um texto transnacional, de poder sobre o poder. *De poder* na medida em que têm na base da sua concepção uma intenção de poder, ou seja, a sua feitura deriva de um desejo (nunca referenciado, porém claro, dadas as circunstâncias em que o texto é elaborado, o seu conteúdo e ainda o contexto político em que se move o destinatário e solicitador do mesmo) de possuir e utilizar como instrumento de poder um texto com estas características. *Sobre o poder*, pois tudo o que o fidalgo transmite ao seu público leitor deriva e remete invariavelmente para leituras relativas ao fenómeno do poder no início de Quinhentos, seja tendo em mente Portugal, a Itália ou mesmo o amplo quadro da Europa.

A guerra, a festa, a violência civil, a economia, a diplomacia, os novos tipos de armamento e a consequente alteração da natureza da guerra, as famílias (a vingança), os costumes (por exemplo, o poder detido pelas cortesãs[3] de Roma), o casamento, o clientelismo e o nepotismo, o suborno e a corrupção sempre constantes nos círculos sociais superiores (nomeadamente entre os cardeais, os embaixadores e o próprio papa), a arbitragem de conflitos, o domínio e o controlo dos principais focos de sapiência teológica; enfim, toda uma multiplicidade de tópicos de importância variada (directamente inter-relacionados ou não) surge nas *MFC* com o propósito tácito de mostrar o poder e os seus tentáculos multiformes (as suas representações, as relações que estabelece e das quais se alimenta quer para se manter e consolidar, quer para se

[1] Júlio II, nascido *Giuliano della Rovere*, foi Papa de 1503 até à data da sua morte. Frade franciscano e sobrinho do papa Sisto IV (1414-1484), foi nomeado cardeal em 1471, pouco depois de o seu tio ascender ao pontificado. Ficou conhecido como "o Papa guerreiro" ou "o Papa terrível".

[2] Leão X, nascido *Giovanni di Lorenzo de Médici*, foi Papa de 1513 até à data da sua morte. Segundo filho de Lourenço, o *Magnífico* (1449-1492) foi nomeado cardeal com apenas 16 anos.

[3] No presente estudo, a designação "cortesã" reporta ao sentido original do vocábulo, que englobava a noção central e fundadora de "dama de corte", e não ao sentido muito preciso e irreversível que o mesmo acabou por tomar na língua portuguesa.

expandir; as formas de exercício que o materializam seja nos círculos privados, seja no domínio público) em Roma e em Itália.

Invoquemos alguns destes tópicos com um pouco mais de detalhe. Exemplos paradigmáticos nas *MFC* da guerra na sua relação fundadora com o poder são, sempre no quadro das *Guerras de Itália*, a partida do papa Júlio II para Bolonha com o objectivo de tomar o Estado ao duque de Ferrara (1510), a nova liga que o pontífice estabelece com Castela contra o mesmo duque (1511), a batalha de Ravena (1512), a devolução de Florença aos Médici (1512) e a devolução de Milão ao respectivo duque (1512), a batalha do viso-Rei com os venezianos a caminho de Nápoles (1513), a batalha de Marignan (1515) e a conquista de Milão pelos franceses (1515), a segunda *guerra dorbino* (1517) em que o duque Francisco Maria obtém um conjunto de vitórias consecutivas contra Leão X[4].

No que respeita à festa temos, por um lado, a festa *institucional*, de que são bons exemplos o momento em que Júlio II sai de Roma com a corte (mas sem exército) e entra em Perosa, recebendo as chaves da cidade; a embaixada de Bolonha ao mesmo papa, igualmente com o objectivo de entregar as chaves da cidade; a coroação de Leão X como novo pontífice; a entrada em Roma do Duque de Termenes para assumir o cargo de capitão da Igreja; o casamento "do magnífico Juliam com a irmã do duque de Sabóia"; os festejos pela nomeação dos novos cardeais por parte de Leão X; bem como as diversas embaixadas de obediência ao mesmo pontífice. Por outro lado, surge-nos a festa, podemos dizer que *informal*, onde a representação e o exercício do poder não estão por isso menos presentes, bem pelo contrário. Exemplos notórios são as festas das máscaras em Roma; a festa pela conquista de Azamor por D. Jaime, duque de Bragança; os diversos festejos ocorridos por ocasião do entrudo; os eventos festivos que marcaram a recepção a Leão X em Florença, bem como a chegada da marquesa de Mântua a Roma; e também os múltiplos banquetes e os jogos de carácter diverso, de que são exemplo os jogos de canas e as corridas de cavalos, que faziam parte do dia-a-dia romano.

A violência civil revela-se, sobretudo, em dois momentos: o primeiro quando, na sequência da morte de Júlio II, em Fevereiro de 1513, se verificam diversos tumultos em Roma; e o segundo, já durante o pontificado de Leão X, no momento em que surge

[4] Todos estes sucessos serão abordados aprofundadamente na *Parte IV*, especificamente dedicada à relação entre o poder e a guerra nas *MFC*.

uma grave crise em Roma entre espanhóis e os habitantes locais, destacando-se no crescendo deste conflito o papel desempenhado pelas grandes famílias romanas, nomeadamente os "orsinos" e os "coluneses".

Nas *MFC*, o poder na perspectiva do económico revela-se em diversos momentos importantes, como sucede aquando do negócio das Salinas entre Júlio II e a cidade de Ferrara; na preocupação de Leão X em encontrar formas eficazes para obter dinheiro para a condução da guerra (como o ataque inquisitorial aos cristãos-novos de Roma, os pedidos de cruzada internacional contra os turcos como forma de obter dividendos, as medidas tomadas relativamente à venda do pão vindo da Sicília); no sempre crucial pagamento do soldo, em particular aos mercenários; na investidura de novos cardeais (mediante a compra dos capelos); na repartição dos bens dos cardeais acusados de traição; nas diversas negociações com vista ao pagamento de resgates pelos mesmos.

Em suma, na narrativa do nosso fidalgo verifica-se a existência de todo um conjunto de dispositivos formais e de práticas informais de negócios inerentes à própria organização e aplicação do poder em Roma, e em particular do poder papal. Comportamentos de poder, enfim, que implicam necessariamente programas e estratégias conscientes direccionados pela cúria e os seus protagonistas à prossecução de metas que visam a acumulação de recursos económicos e financeiros indispensáveis à manutenção do poder político e militar adquirido; os quais tendem a esgotar-se em guerras longas e onerosas como a que opôs Leão X e Francisco Maria (I) della Rovere (1490-1538)[5].

A acção de Leão X e dos seus sequazes neste quadro inclui mesmo, como podemos verificar pelos exemplos nomeados, a incorporação e assimilação de novos instrumentos de organização da economia papal e romana, bem como a criação de conjunturas geradoras dessas mesmas possibilidades. Exemplos paradigmáticos desta última circunstância são o referido ataque inquisitorial aos cristãos-novos de Roma, as medidas tomadas relativamente à venda do pão vindo da Sicília; a compra dos capelos pelos novos cardeais a serem investidos; as negociações conjunturais com vista ao pagamento de resgates pelos familiares dos cardeais acusados de traição.

[5] Duque de Urbino entre 1508 e 1516, ano em que, excomungado por Leão X, perde o poder para o sobrinho do pontífice, Lourenço (II) de Médici, que invade o ducado à frente de um exército composto essencialmente pelas forças papais.

Nas *MFC* a diplomacia desempenha um papel determinante, sobretudo no estabelecimento e definição das relações de poder entre os protagonistas internacionais, em particular o papado, o imperador e os príncipes envolvidos, como o de França e de Aragão. Notáveis exemplos ocorrem quando o duque de Ferrara tenta a reconciliação com o papado; no desenvolvimento das negociações entre o cardeal de Sena, Carlos V e Leão X, no sentido de restabelecer as boas relações entre o papa e a família Petruche; e, também, no desfecho do conflito bélico ocorrido entre Leão X e Francisco Maria.

Sempre no quadro das *Guerras de Itália* são diversas as referências à forma determinante como toda uma nova forma de fazer a guerra (novas armas, formas inovadoras de construir fortalezas e corpos militares inéditos, onde a infantaria e a artilharia, em detrimento da cavalaria pesada, merecem o grande destaque no sentido do estabelecimento de uma nova e incontestável supremacia bélica) e de armar os exércitos influi na obtenção, manutenção e consolidação do poder efectivo – vejam-se as batalhas de Ravena e do Marignan. Informações que, como é evidente, seriam sempre do interesse do duque de Bragança.

O fenómeno político e social da oligarquia está também bem presente nas *MFC*. De facto, o poder das grandes famílias, sobretudo quando o *leitmotiv* da acção é a vingança, é um dado tão incontornável quanto essencial na exposição. São diversas as passagens do texto relativas a este fenómeno, nomeadamente no quadro da morte de Júlio II, no âmbito da grande batalha de Ravena, sempre que se registam casamentos com declarado fundo político, e também ao nível das relações entre as grandes famílias romanas e a Igreja. Isto sem esquecer, claro está, as múltiplas referências ao programa estratégico de crescimento e da tomada de poder pela Casa Médici protagonizado por Leão X, que nunca deixou de direccionar a sua acção desde a ascensão ao pontificado neste sentido.

Já o poder proporcionado por dispositivos associados aos costumes revela-se indiscutivelmente nas referências às cortesãs romanas.

Como já foi referido, o poder pelo matrimónio é algo que o fidalgo também não negligencia na sua fina observação da sociedade romana. A referência aos casamentos da família Petrucci e da família Médici, neste último caso com grande destaque para o matrimónio do "manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya"[6], é paradigmática

[6] *MFC*, f. 203v.

da intenção do autor em denunciar a existência em Roma (e em Itália) de uma política estratégica de casamentos, em particular por parte de Leão X com vista ao aumento de poder da Casa Médici[7]. Com efeito, segundo o fidalgo, um dos instrumentos utilizados pelo pontífice para garantir, de facto, um estatuto social e político ímpar para a Casa Médici, não apenas no contexto italiano, mas também no europeu, é precisamente o jogo de alianças matrimoniais e dos privilégios daí resultantes. Também por esta via, as *MFC* registam o nepotismo que grassa na cúria romana, e são ao mesmo tempo o testemunho de como se gizavam redes de interesses e clientelares através das alianças matrimoniais, estratégia comum nas dinâmicas aristocráticas.

Ainda no campo da relação entre nepotismo e o acrescentamento do poder, a narrativa do fidalgo de Chaves contém muitíssimos outros preciosos exemplos, bastando salientar por agora as referências ao favorecimento financeiro dos familiares do papa Júlio II, a parentalização da cúria e dos principais cargos dos Estados Pontifícios, nomeadamente o de Capitão Geral da Igreja, sobretudo com Leão X, que chega ao ponto de repartir os bens dos cardeais acusados de traição pelos familiares.

O que afirmamos para o nepotismo vale igualmente para o clientelismo que, na verdade, decorre quase sempre em paralelo com o primeiro fenómeno. Sempre arguto em identificar casos concretos da política de clientelismo que grassa na cúria romana, o fidalgo refere quer os favoritos do papa Júlio II, quer os de Leão X, em particular o bispo Petruche que este pontífice faz cardeal e tirano de Sena.

A aquisição do poder mediante acções de suborno e corrupção, activa e passiva, é um fenómeno transversal a todo o texto e está presente em praticamente todos os fenómenos descritos relacionados com a política europeia, italiana e, mais especificamente, romana. Estamos, pois, neste caso, perante um tema estruturante do retrato que o fidalgo pretende edificar para o destinatário da sua narrativa. Um exemplo basta, porque paradigmático e revelador em absoluto: a forma como o cardeal Giovanni

[7] "Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya. Tratauasse do manifico Julião com a Jrmãa do duque de saboya. E muito se afirmaua que o papa dera ao duque em partido duzentos mil cruzados pera desempenhar hum estado que por aquelle dinheiro tinha apenhado. E emquanto os tratos andauam no terçeiro ano de seu pontificado em dia de são pero que foi na era de 1515 foi dado na JgreJa de sam pero o bastão de capitão da JgreJa ao dito manifico Juliam dizendosse missa papal, a qual foi cometida ao cardeal sam Jorge. E elle em presença de todolos cardeaes lhe deu ho bastão. (…) acabado o ofiçio sahio o manifico da JgreJa acompanhado de todolos senhores E grandes homens que se então acharam em Roma, assi de coluneses como orsinos E muita outra Jente Ricamente vestida. diante delle hiam duas bandeiras, scilicet, a bandeira da JgreJa que leuaua o senhor de pombrino em suas proprias mãos, E a das armas dos mediçis que leuaua hum grande senhor lombardo parente do duque de ferrara." in *MFC*, f. 203v.

di Lorenzo de Médici (futuro Leão X) ascendeu ao pontificado a 19 de Março de 1513. Nesta descrição, o fidalgo revela a essência do *modus operandi* que caracteriza o quotidiano político, ou melhor dizendo "temporal", da cúria romana, seja no que respeita aos multifacetados jogos de influências praticados, seja em termos das (micro) relações de poder estabelecidas ao longo de toda a hierarquia curial (quer no sentido vertical, ascendente ou descendente, quer na horizontalidade *per se*)[8].

O poder através da arbitragem de conflitos, que o papado detém desde a Idade Média longínqua, mas que tende gradualmente a perder apesar de todos os esforços em contrário, surge, a título de exemplo, na descrição da intervenção de Leão X para pôr cobro à guerra civil que devasta o reino da Hungria:

> "Como o cardeal destriguonia se partio pera vngria. E como os vnguaros se aleuantaram contra seu Rey. O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou. E el Rei despois de ter o dinheiro que se della ouve em sua mão, fez paz com os turcos por çertos anos. E escandalizado o pouo de çessar a guerra contra os Jnfiees, E Reter el Rei o dinheiro da cruzada, se aleuantaram contra elle, dizendo que fizesse loguo a guerra, ou posesse ho dinheiro em mãos de quem elles ordenassem. foi esta contenda tanto avante que a guerra se começou antre elles tam braua que o pouoençaRou el Rei em huma çidade. E diziasse que empalaram hum grande perlado enviado a elles pollo leguado pera os apaçificar com el Rei. E que traziam capitão geral, a que obedeçiam como a Rei. E estando assi el Rei em tam extrema neçessidade escreueo ao papa dandolhe conta de sua fortuna pedindolhe que mandasse por Remedio nisto E sua santidade mandou nunçios que os poseram em paz."[9]

Uma derradeira palavra para a relação entre o poder e o saber nas *MFC*, ou seja, entre a prática do poder e o controlo dos principais focos de sapiência teológica. Com

[8] Micro-relações de poder no sentido que Michel Foucault lhes atribuiu. Para o filósofo francês, o que distingue realmente o poder é o facto de circular, de estar presente em todas as actividades humanas através das chamadas micropráticas e microrelações do poder. Cf. Michel Foucault, *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 2007; Idem, *Vigiar e Punir*, S. Paulo, Editora Vozes, 2002.
[9] *MFC*, f. 203r.

efeito, no quadro do quinto Concílio de Latrão (1512-1517)[10], o autor revela como o papa Júlio II tenta reconquistar o controlo da Igreja católica fazendo recurso "Dos letrados (…) contra os cardeaes çismaticos":

> "Vendosse o papa em tanta aflição com as guerras E com a çisma pera prouer E atalbar a tudo, tendo prouido nos capitaens da guerra, buscou pera sua saluação capitães das sagradas letras. E forom tres frades de tres ordens os maiores letrados que avia em Jtalia em teologia, scilicet, o geral da ordem de são dominguos, E frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho, estes ambos erão Jtalianos, frei guomez portuguez chamado o lixbonense da ordem de sam françisco craustal que era catedratico de teologia na çidade de pauia E mais exçelente teologuo de todolos de Jtalia, o qual tinha quinhentos ducados de Renda."[11]

Um inequívoco acto *de poder*, materializado no controlo e utilização do saber intelectual, com vista à retoma e consolidação *do poder*.

Naturalmente, não podemos deixar de destacar aqui a referência a "frei guomez portuguez chamado o lixbonense". O fidalgo assinala neste importante passo do seu texto, por um lado, a contribuição de um dos mais destacados teólogos portugueses coevos para a resolução de um cisma que fazia perigar, mais uma vez, o prestígio externo e a própria ordem interna da Igreja, acontecimento tanto mais importante quanto o facto de a sombra do *Grande Cisma do Ocidente* (1378-1417) ainda pairar sobre todos em Roma nestes anos conturbados e de crise religiosa para o papado; por outro lado, o prestígio de uma das principais figuras da teologia portuguesa de então e que residia precisamente em Itália, na cidade de Pavia. O retrato que elabora reveste-se de um importante grau de pormenor o que indicia quer a admiração que nutria pelo célebre teólogo, quer a importância que atribuía aos humanistas, em particular os de origem portuguesa que estavam em Itália, quer ainda o conhecimento efectivo da crise que grassava na Igreja romana coeva:

[10] O Concílio de Latrão V foi o maior dos concílios ecuménicos medievais. Convocado pelo papa Júlio II e continuado por Leão X visava entre outros objectivos rejeitar o cismático concílio de Pisa (1409-1411) e estabelecer a Reforma da Igreja.
[11] *MFC*, f. 160r.

“frei guomez portuguez chamado o lixbonense da ordem de sam françisco craustal que era catedratico de teologia na çidade de pauia E mais exçelente teologuo de todolos de Jtalia, o qual tinha quinhentos ducados de Renda. foi Requerido del Rei de França E dos cardeaes pera sua aJuda dos quaes se escusou. depois sendo chamado do papa veo a Roma no começo do mes de Junho [de 1512]. foi apousentado no burguo onde era prouido de todalas cousas neçessarias, E era visitado de todolos portugueses honrrados que em Roma avia. elle os Reçebia com muita humildade E mostraua grande alegria em os ver. pareçeome na Jdade no Rosto e na estatura do corpo com afonso valente o velho quando vossa Jlustrissima senhoria ho vio nos seus derradeiros dias. avia mais de corenta anos que estaua em Jtalia E falaua tam lindo portuguez como se nunca sahira de lixboa. afirmauasse que tinha feito passante de seisçentos disçipulos mestres agraduados em teologia. E por que naquelles dias os françeses E os cardeaes da çisma se foram fugidos a França, E por que os veranos de Roma são perigosos, mormente aos estrangeiros, pedio liçenca ao papa pera hir em Romaria a nossa senhora de loreto com entenção de se tornar a sua casa. E hindo seu caminho o papa mandou tras elle pera lhe dar ho arçebispado de nazaree que vagara [.] o padre nam quis tornar dizendo que nam queria mais do que tinha mandandosse escusar o mais honestamente que pode. o papa mandou outro coReo mandandolhe que todavia tornasse, E elle obedeçeo. E vindo a Roma sua Santidade lhe deu o dito arçebispado pera prinçipio de cardeall. mas nosso senhor lhe quis dar outras maiores dignidades E nam hee pera duuidar ser assi, por que sua vida E custumes foram santos E virtuosos. E tanto fruito fez na sancta madre JgreJa que se dizia çertamente ser este o prinçipal dos modernos teologuos de Jtalia. adoeçeo de febres E em poucos dias morreo. foi enterrado em sam pedro de montoro que hee moesteiro de françiscos obseruantes que mandou fazer a Rainha dona Jsabel de castela onde o prinçepe dos apostolos foi cruçificado. foi acompanhado de grande multidão de Religiosos E da familia do papa E dos cardeaes E de todos seus perlados por que assi foy ordenado por Sua Santidade que de sua morte Reçebeo muito sentimento por lhe faltar o prinçipal defensor contra as

> acusações que os cardeaes çismaticos contra elle punhão. esta tam honrrada fim ouue o nosso natural frei guomez de lixboa sobre todolos de Jtalia. E mais exçelente mestre em teologia."[12]

Como se pode deduzir da seguinte afirmação, inclusa na passagem apresentada em cima, "E era visitado de todolos portugueses honrrados que em Roma avia. elle os Reçebia com muita humildade E mostraua grande alegria em os ver."[13], é de ter em conta que o fidalgo se movimentava muito provavelmente nos mais elevados círculos sociais portugueses em Roma. E certamente não apenas nestes, pois, como em diversos momentos a fonte revela, o facto de ser um criado próximo do cardeal de Sena abria-lhe muitas portas socialmente proeminentes na Cidade Eterna.

Por sua vez, a afirmação "pareçeome na Jdade no Rosto e na estatura do corpo com afonso valente o velho quando vossa Jlustrissima senhoria ho vio nos seus derradeiros dias."[14], não deixa dúvidas quanto ao facto de o fidalgo de Chaves ter conhecido pessoalmente Frei Gomes de Lisboa (c. 1440/50-1513)[15] e, por indexação, muito possivelmente ter contactado de forma directa com outros teólogos e humanistas proeminentes em solo italiano. É bastante objectivo o perfil que traça do teólogo decano, para além de fornecer informações preciosas a propósito da sua cultura teológica e das suas qualidades docentes: "afirmauasse que tinha feito passante de seisçentos disçipulos mestres agraduados em teologia."[16] Neste ponto é igualmente relevante a afirmação de que "Vendosse o papa em tanta aflição (…), buscou pera sua saluação capitães das sagradas letras. E forom tres frades de tres ordens os maiores letrados que avia em Jtalia em teologia, scilicet (…) frei guomez portuguez chamado o lixbonense da ordem de sam françisco craustal que era catedratico de teologia na çidade de pauia E mais exçelente teologuo de todolos de Jtalia"[17]. Estas informações, relativas afinal à importância que Frei Gomes alcançou em Itália como docente e, sobretudo, enquanto teólogo, especialmente durante o Concílio de Latrão V, são confirmadas por

[12] *MFC*, f. 160r e f. 160v.
[13] *Ibidem.*
[14] *Ibidem.*
[15] Também conhecido por Frater Gometius de Ulyxbona, Gometius Lusitanus, Gometius Hispanus e Gometius Portugalensis. Doutor em Artes e Mestre em Teologia, Frei Gomes de Lisboa era docente de teologia na cidade de Pavia. Sobre a vida e obras de Frei Gomes de Lisboa veja-se o estudo de A. Moreira de Sá, *Humanistas portugueses em Itália: subsídios para o estudo de Frei Gomes de Lisboa, dos dois Luíses Teixeiras, de João de Barros e de Henrique Caiado*, Lisboa, INCM, 1984.
[16] *MFC*, f. 160v.
[17] *Ibidem.*

diversos autores coevos, nomeadamente Bartolomeu de Bellatis, Tomás Radini-Tedeschi, Jacobo de Marcepallu, Paulo Ricci (que conheceu Erasmo), Frei Vicente Bodi e o seu compatriota e contemporâneo em Itália Henrique Caiado, o que só destaca a credibilidade e idoneidade do autor das *MFC*[18].

Dito de outra forma, tudo indica que o autor das *MFC* frequentou os círculos sociais mais destacados de Roma. Assim, quando fala das elites culturais e políticas de Roma, bem como dos eventos em que se encontram de alguma forma envolvidas, fala com conhecimento de causa e uma sustentabilidade legitimada pelo facto de ter contactado directamente com tais figuras, ou pelo menos através de alguém muito próximo das mesmas. Um dado crucial para a identificação e definição das movimentações sociais, e respectiva natureza, presentes no relato do fidalgo português.

Na sua multiplicidade temática, as *MFC* são, em suma, o espelho de uma época e uma fonte preciosíssima e, pensamos, sem paralelo, no que diz respeito a fontes portuguesas, para a compreensão das movimentações de poder que ocorriam em Roma e, por extensão, na Europa, naquele período.

O período de viragem entre Quatrocentos e Quinhentos assistiu a um triplo processo de deslocação dos poderes. Em primeiro lugar, devido ao vasto e complexo movimento de transcontinentalização da civilização europeia, cujos efeitos, circunstanciais no início, rapidamente passaram a influir no equilíbrio de poderes no seio do próprio continente europeu. Depois, verificou-se uma inequívoca aceleração do processo de centralização do poder nos Estados mais importantes da Cristandade de então. E, por último, o Turco impôs o seu poderio na porta oriental da Europa, de que a conquista de Constantinopla em 1453 foi uma decisiva etapa, numa dinâmica de crescimento imperial que condicionou fortemente a história da Europa no século XVI. Todas as faces deste processo acabam, de alguma maneira, por ter em Itália um cenário de materialização: nas guerras de Itália erguem-se as principais potências da nova era que se avizinha, acabando por caber à Espanha o papel de grande vencedor da contenda e de protagonista incontestado do poder europeu e mundial (muito devido às tentativas falhadas por parte da França para se impor em Itália); por outro lado, diversas monarquias nacionais, como por exemplo a própria França, apesar dos desaires italianos face à Espanha, e Portugal (cuja embaixada de 1514 é um bom reflexo) exibem em solo

[18] Cf. A. Moreira de Sá, *Humanistas portugueses em Itália.…*, op. cit.; e António de Portugal de Faria, *Portugal e Itália*, Milano, Typ. Raphael GiustiLeorne, 1905.

itálico os primeiros alvores do seu projecto centralizador a caminho de um Estado absoluto; depois, é em Roma, através das embaixadas ao papa, que se vai mostrar, num claro exemplo de representação propagandística de poder, o que se descobriu e conquistou no novo mundo; e, finalmente, é em Itália que se luta para edificar ligas realmente eficientes e duradouras para fazer face ao perigo turco que, sem conhecer (ainda) a derrota, ameaça de forma muito séria as fronteiras da Cristandade a Oriente.

Por outras palavras, ao mesmo tempo que rompe as fronteiras do mundo conhecido, a Europa vive intensamente no seu interior a definição muito pouco pacífica dos caminhos a seguir, sejam políticos e religiosos, sejam culturais, artísticos, económicos ou sociais[19].

As *MFC* reflectem de forma intensa este complexo, vasto e multifacetado cenário. Com efeito, atento às movimentações na cúria romana e na Itália em geral enquanto palco de conflitos internacionais entre as mais fortes e ambiciosas nações da Cristandade ocidental, o anónimo fidalgo faz emergir no seu relato diversas representações directa ou indirectamente relacionadas com o poder, seja relativamente à sua promoção, consolidação ou mesmo aplicação, inclusive nos mais adversos contextos, de que é exemplo a reacção do papa Leão X às derrotas sucessivas com Francisco Maria, duque de Urbino, que em 1517 à frente de uma vasta hoste, composta sobretudo por forças estrangeiras, em particular espanholas e alemãs, devasta extensos territórios da Igreja[20].

Efectivamente, do poder em íntima associação com o exercício da guerra, onde se destaca a sorte da Europa a ser decidida em solo itálico no quadro das *Guerras de Itália*, às embaixadas à cúria pontifícia, onde a festa nas suas mais diversas expressões surge sempre de mãos dadas com o poder[21], passando pela promoção do novo modelo do príncipe que anuncia com as suas opções e acções políticas os primórdios do Estado moderno[22], bem como pela própria cúria pontifícia enquanto privilegiado cenário de um intenso jogo de cumplicidades e, em simultâneo, de acções tão frias quanto sinistras e pragmáticas (sempre com vista à aproximação das fontes de poder ou à própria

[19] Cf. Jorge Borges de Macedo, *História Diplomática portuguesa, constantes e linhas de força*, Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, 1978, pp. 52 e ss.
[20] Cf. *MFC*, f. 216v a f. 218r; bem como f. 227r e f. 227v.
[21] Nomeadamente na forma de propaganda da entidade política e social que a promove.
[22] Veja-se a forma como D. Manuel é referenciado ao longo do texto, em particular no contexto das negociações com o papado na sequência da embaixada de Tristão da Cunha.

obtenção do poder supremo)[23], várias são as evidências de poder que ressaltam nos muitos fólios do perspicaz fidalgo de Chaves.

Estes são, podemos dizer, os quatro grandes campos das *MFC* onde o fenómeno do poder, enquanto realização da vontade humana e capacidade de tomar e pôr em prática decisões, mesmo com a resistência de outros, reserva para si protagonismo absoluto.

Isto independentemente de, como assinalámos anteriormente, a questão do poder estar presente ao longo de toda a narrativa do fidalgo de Chaves, revelando-se em "subtemas" que, numa primeira visão, não se encontram incluídos nestes principais painéis de análise, nomeadamente e a título de exemplo, a já referida violência civil, os processos económicos e diplomáticos, os costumes e até mesmo a arbitragem de conflitos internos às próprias nações da Cristandade. Afinal, o poder funciona sempre como uma variável social independente, isto é, como uma força encontrada em todos os sectores da sociedade. Como Thomas Hobbes (1588-1679) salientará no século seguinte e Max Weber (1864-1920) bem mais tarde, a problemática do poder não se restringe ao campo institucional, dito estatal. É antes um fenómeno bem mais amplo e complexo, na medida em que abarca vários tipos ou formas e permeia muitas outras actividades da vida quotidiana que não exactamente a política no seu sentido mais estrito. Com efeito, o poder expressa-se quer nas diversas relações sociais, quer em todas as dimensões da vida social. Onde estas relações existem, existem relações de poder e, consequentemente, relações políticas, as quais, por sua vez, se materializam em diversas formas de poder[24]. Michel Foucault (1926-1984) ao efectuar uma genealogia do poder, salienta que este não se exerce na sociedade apenas através do Estado e das autoridades formalmente constituídas, mas das mais diversas maneiras, em níveis distintos e variados, e sempre numa multiplicidade de sentidos[25]. Basta atendermos ao que Pierre Bourdieu nos diz acerca da força que o símbolo exerce sobre os indivíduos e grupos[26], e que está presente de forma transversal nas diversas embaixadas de obediência ao papa, muito em particular na embaixada enviada por D. Manuel a Leão X e liderada por

[23] Das quais os melhores exemplos são inequivocamente as supostas conjuras dos cardeais contra Júlio II e Leão X.
[24] Cf. Max Weber, *Conceitos básicos de sociologia*, São Paulo, Centauro, 2002; Idem, *Três tipos de poder e outros escritos*, Lisboa, Tribuna da História, 2005; Thomas Hobbes, *Leviatã*, Lisboa, INCM, 1995.
[25] Cf. Michel Foucault, *Microfísica do Poder*, op. cit.; Idem, *Vigiar e Punir*, op. cit..
[26] Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

Tristão da Cunha. É toda uma dialéctica, enfim, que funda e sustenta a existência humana em comunidade e que está bem patente nas *MFC*.

Em suma, embora dediquemos no nosso estudo um olhar mais aprofundado aos quatro tópicos que consideramos preeminentes relativamente à questão do poder (e onde o recurso a Maquiavel será um passo metodológico central[27]), nunca deixaremos contudo de assinalar marcas e representações deste fenómeno sempre que surgirem noutros quadros temáticos da fonte. Ainda que de forma diferenciada, esta será, assim, uma problemática sempre presente ao longo do estudo que nos propomos realizar.

O poder como estratégia, conflito e instrumentalização das instituições surge em diversos momentos das *MFC*; e sempre no quadro da definição avançada por Bertrand Russell (1872-1970)[28], ou seja, como produção de efeitos desejados. Assim, conquistar o poder, conservá-lo, exercê-lo e ainda defendê-lo são premissas que se espalham ao longo dos acontecimentos narrados pelo fidalgo e se pressentem mesmo nas suas opiniões e juízos de valor.

Como já assinalámos, os sistemas de poder estão em transmutação na viragem do século XV para o século XVI e sempre em associação com a transformação quer da própria estrutura social, quer das formas de organização governamental coevas. O texto do fidalgo de Chaves revela-nos este cenário, tendo sempre por pano de fundo duas inovações inequívocas e profundamente interligadas no plano político e institucional: a definição (decisiva e irreversível) da supremacia das grandes monarquias europeias; e o crepúsculo da supremacia do papado no quadro geral da definição dos grandes poderes políticos e temporais do ocidente europeu, ou seja, o encerrar do sonho da *respublica*

[27] Os acontecimentos narrados nas *MFC* ocorrem precisamente nos anos da escrita d'*O Príncipe*. Isto é, juntamente com os dados herdados da História antiga, sobretudo romana, e do passado italiano recente, correspondem à própria matéria que serve de base a Maquiavel para escrever o texto. Podemos pois dizer que, sem qualquer juízo de carácter moral (erro em que caíram inúmeros estudiosos do politólogo florentino), o que acontece nas *MFC* é verdadeiramente maquiavélico, pois não é algo que acontece posteriormente à saída da obra (sendo de ter aqui em conta que *O Príncipe* é um texto atemporal, como a evolução dos séculos seguintes – até aos nossos dias – tão bem o demonstraram). Ao invés, corresponde à própria matéria-prima que inspira e da qual a obra é feita. Dito de outro modo, quando Maquiavel escreve tem estes acontecimentos a decorrer contemporaneamente em solo italiano em mente como referencial político e de actuação. Como refere Diogo Pires Aurélio: "Manifestamente, o político, em particular o político no horizonte do estado moderno, não se deixa pensar adequadamente fora da moldura desenhada por Maquiavel. E, no interior dessa moldura, o que se vislumbra é uma superfície rasa, sem profundidade moral ou metafísica, subalternizando por isso as questões do bom regime e do bom governante, superfície sobre a qual se desenrolam unicamente jogos de poder e se recortam sombras de poderosos, numa representação em que a verdade se enuncia sob a forma da simulação, ou se inibe estrategicamente sob a forma do segredo, e o ser se confunde com o ser percebido. Maquiavelismo, em suma." *in* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, Diogo Pires Aurélio (ed.), Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008, p. 49.

[28] Cf. Bertrand Russell, *O poder: uma nova análise social*, Lisboa, Fragmentos, 1993.

christiana (para o qual contribuiu largamente essa mesma supremacia das monarquias na forma de uma acentuação sem precedentes do seu controlo sobre as igrejas nacionais) que culminará no fim da unidade religiosa da Europa ocidental com o nascimento da Reforma Protestante[29].

Pelas palavras em tom de desabafo e lamentação do fidalgo apercebemo-nos que, paradoxalmente, para o homem europeu daquela época, a acção divina no mundo parece não ter sentido. O desespero de um destino incerto e pouco sorridente atormenta os espíritos. Por sua vez, eles próprios revelam no comportamento que adoptam uns para com os outros, estarem pouco preocupados com a salvação da alma:

> "Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos. A quarta feira seguinte que foi o primeiro dia do mes de Julho publicaram por cardeaes os que nouamente erão feitos. E lhes deram os barretes. E loguo A sesta feira que foram tres dias do dito mes, lhes deram os capellos. neste dia assi os nouos como os velhos foram comer com mediçis que avia pouco que era viçe chançaler. E foi o convite nas casas da chançelaria. quem estas cousas vio E as bem considerar, veraa aos olhos abertos quam bulrrosas são as pompas E estado deste mundo. que maiores exemplos se podem dar aos grandes prinçepes que estas cousas que aqui escreuo. os fauores que fortuna daa nam sam destimar. vi os criados dos cardeaes presos sahirem cardeaes, E os senhores despostos. os criados alegres honrrados E aleuantados a grandes estados, E os senhores tristes E desonrrados atormentados E de todo cahidos [.] quem entenderaa estas danças. quem teraa confiança E seguridade de cousa que veJa nesta trabalhosa peregrinação. quatro bispos criados de são Jorge foram ali cardeaes, E de sena o bispo petruche, de saule dous familiares bispos. E elles estauam ençerrados como dito hee. assi que as dinidades E estados dos senhores se converteram nos criados E familiares. hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante.

[29] Cf. António Pedro Barbas Homem, *A Lei da Liberdade, vol. I: Introdução Histórica ao Pensamento Jurídico - Épocas Medieval e Moderna*, Cascais, Principia, 2001; Jean Touchard, *História das ideias políticas, vol. I: Idade Média*, Mem Martins, Europa-América, 1991; Idem, *História das ideias políticas, vol. 2: Do Renascimento ao Iluminismo*, Mem Martins, Europa-América, 1991; Walter Theimer, *História das Ideias Políticas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977.

gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim."[30]

Vários são os exemplos desta natureza que o fidalgo fornece no seu texto e que, de alguma forma, encontram eco nas palavras coevas de Maquiavel: "Todos os homens são maus, estando dispostos a agir com perversidade sempre que haja ocasião. Se esta malvadez se oculta durante um certo tempo, isso deve-se a alguma causa desconhecida, que a experiência ainda não desvelou; mas o tempo – conhecido justamente como o pai da verdade – vai manifestá-la."[31]

O fidalgo vive num período de viragem civilizacional e como é característico a este tipo, extremamente raro, de cenários (no tempo e no espaço), a existência dos protagonistas coevos surge muitas vezes como sem sentido ou até assombrada por um qualquer *fatum*. Este é precisamente um dos traços de define a "mudança": algo se perdeu e desconhece-se o que virá; de permeio, o tempo presente apresenta-se como algo novo, diferente e recém-conquistado, mas essencialmente indefinido. É isto que se pressente no discurso do fidalgo ao longo das suas *Memórias*, e que em nossa perspectiva tem, em boa parte, por base mudanças estruturais nas formas como então o poder se define e se pratica, sobretudo naqueles domínios que mais manifestamente tocam o ser humano no seu dia-a-dia e que no período em questão (1510-1517), em Itália e mais especificamente em Roma, são a guerra, nas suas múltiplas expressões e consequências, a corrupção das instituições que por definição não se deviam deixar corromper, falamos da Igreja e em particular da instituição do papado, dos monarcas e grandes senhores seculares (e respectivas clientelas) que cada vez mais sedentos de poder não olham a meios para atingir os seus fins e cuja acção visa tudo menos o bem comum. Mudanças estruturais que nada mais são do que materializações de um processo mais vasto, complexo e profundo consubstanciado nas duas inovações, interligadas, em cima apontadas: o estabelecimento decisivo da supremacia das grandes monarquias europeias e o fim da hegemonia do papado no quadro político geral da Europa ocidental.

[30] *MFC*, f. 225v.
[31] Nicolau Maquiavel, *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, São Paulo, Martins Fontes, 2007, [capítulo 3] p. 29.

Dito de outro modo, a par de uma explosiva vivacidade cultural e social própria dos tempos de mudança que se vivem nestes anos pioneiros do século XVI, em particular em Roma, surge um quadro mais negro ditado pelas exigências da política e da prática do poder da época, ambos em profunda transmutação.

Assim, em contextos diversos e subordinado a temáticas diferenciadas, o fidalgo dá-nos a ver o modo como se constitui o poder (que neste caso significa toda uma constelação de poderes diversos ainda que muitas vezes intimamente ligados entre si) em Itália e em Roma no raiar de Quinhentos; se pelo exercício da força (como nas *Guerras de Itália*), se através da persuasão (como nos apelos falaciosos de Leão X ao cardeal de Sena com o duplo objectivo de, por um lado, o aprisionar e confiscar todos os seus bens e, por outro lado, de mudar a governação de Sena, até aí nas mãos do irmão do cardeal, para alguém do seu círculo de influência), se pela propaganda ideológica mediante o recurso a toda uma panóplia de formas de representação simbólica do poder (de que a embaixada portuguesa a Leão X constitui o exemplo exponencial), ou ainda se pela autoridade reconhecida (como é o caso dos apelos de Júlio II aos cardeais cismáticos com o objectivo de evitar uma nova crise institucional na Igreja católica).

Fornece-nos igualmente bons exemplos, muitas vezes não de forma directa mas claramente presente nas entrelinhas do seu discurso, dos modos de exercício desse poder (o grau de coacção ou de influência livremente aceite); dos seus níveis de influência e de acção; das suas dimensões e do seu campo de exercício; do grau de legitimidade ou de ilegitimidade; das estratégias e tácticas escolhidas para a sua aplicação; das relações, tensões e conflitos que resultam quer do exercício do poder quer das relações ou da oposição entre vários poderes; dos protagonistas; dos agrupamentos de diversos poderes que se aliam ou se aceitam numa constelação opressiva (como as ligas ou coligações internacionais no quadro das *Guerras de Itália*); e, finalmente, de um modo geral, dos seus meios de exercício.

Através do seu olhar arguto e incisivo apercebemo-nos como, de modo geral, o poder exercido por vezes cria a sua própria estrutura e se organiza para ser aplicado e perdurar: a forma, a título de exemplo, como Leão X lida com a suposta conjura dos cardeais e as soluções que prefigura com o propósito não só de manter, mas também de reforçar, sobretudo economicamente, o seu poder.

Por último, a sua pena desenvolta revela-nos como os principais poderes institucionalizados são o poder militar, o poder religioso, o poder económico e o poder,

enfim, das elites sociais e sobretudo políticas. Isto sem nunca esquecermos o que referimos anteriormente: que estamos perante um tempo e um espaço extremamente complexos, onde se exercem múltiplas forças, dando consequentemente origem a tipos muito variados de poderes, directamente ou indirectamente interligados quer na horizontal quer no sentido vertical (sendo o melhor exemplo, o poder do papa, enquanto poder de carácter superior, que vigia o poder sujeito, porque abaixo hierarquicamente na estrutura da instituição que integra, dos cardeais).

Em suma, as *MFC* revelam em não raros momentos a natureza e os principais elementos definidores do conceito de poder, mais uma vez salientamos, em transformação, no período em que habitou em Itália. E sempre tendo como pano de fundo a noção central (ainda rudimentar, saliente-se) de que o poder temporal supremo é o do Estado, ou seja, no sentido daquele grande poder político que em princípio deve submeter todos os outros (inclui-se aqui o Estado papal que, na sua singularidade, concilia no seu âmago a vertente espiritual com a vertente temporal, não sem conflitos, contradições e actos condenatórios à luz da moral vigente no quadro ético-religioso coevo e da qual o juízo do fidalgo é um excelente exemplo).

De destacar aqui a forma extremamente perspicaz e eficaz como o fidalgo retrata o carácter híbrido da definição e da natureza do poder papal: moderno porque materializa uma ideia abstracta que permanece de forma constante e inquestionável no tempo e no espaço, independentemente de quem ocupa a instituição, mas ainda irremediavelmente feudal porque ainda apresenta laivos, objectivos e inequívocos, de alguma dependência de carácter pessoal, sobretudo em Leão X, e que se reflectem em última análise numa forte política de nepotismo e do estabelecimento de redes clientelares com vista à manutenção e consolidação sempre crescente quer do poder pessoal, quer, sobretudo, do poder da casa/linhagem de onde provém. Ou seja, o destinatário do texto, D. Jaime, pode ver e avaliar de forma clara e objectiva como o poder político dos papas deste período é tão singular quanto tentacular nas suas consequências e reflexos, pois reveste-se de um carácter simultaneamente pessoal e institucional.

Na base de tudo isto destaca-se a presença de duas ideias que são transversais às *MFC*. A primeira congrega-se na presença efectiva de uma perspectiva moralista pelo autor, decorrente certamente do estoicismo medieval e renascentista, que aponta para a presença dos conceitos de virtude e de vida virtuosa como nucleares na sua avaliação da

sociedade, em particular os elementos superiores, isto é, os governantes, os protagonistas e detentores das diversas constelações de poder; e que, em última instância, se exprime na exigência de um percurso virtuoso e exemplar por parte destes – o expoente desta visão de uma sociedade política fundada na virtude reside, pois, na premissa de que a consciência do príncipe cristão (temporal ou espiritual) é inseparável da sua actuação política. A segunda remete para a definição da cidade quer como comunidade natural (no sentido aristotélico) e modo específico da vida social do homem (é o tema da sociabilidade natural do homem como elemento legitimador da existência da própria sociedade e do poder que dela emana e que ela pratica nos seus diversos planos e sectores), quer como grande centro de poder da época e, ao mesmo tempo, fundamento desse mesmo poder (a cidade enquanto causa e sujeito do poder). Naturalmente, Roma é o avatar desta segunda ideia.

1. As embaixadas à cúria pontifícia: festa, propaganda e poder

As representações do poder revelam-se ao longo de todo o extenso e singular documento redigido pelo fidalgo de Chaves. No entanto, um momento existe em que o "mostrar" o poder surge com rara intensidade; falamos das embaixadas à cúria pontifícia, em particular as de obediência ao papa. Como é de prever, o autor dá especial atenção à missiva de Portugal, chegando mesmo a incluir a carta que Alberto de Carpi, embaixador em Roma do Sacro Imperador Romano-Germânico Maximiliano I de Habsburgo (1459-1519)[32], escreveu ao seu senhor, relatando-lhe detalhadamente a embaixada de Tristão da Cunha[33].

Na perspectiva do fidalgo, a embaixada portuguesa todas ultrapassou em luxo, dignidade e poder. Outras embaixadas de obediência ao papa merecedoras de um olhar atento por parte do autor foram a dos maronitas[34] e a do rei da Polónia. Evocou também,

[32] Filho do imperador Frederico III (1415-1493) e da imperatriz D. Leonor de Portugal (1434-1467).
[33] Este mesmo registo epistolográfico é incluído por Damião de Góis no capítulo LVII da 3ª Parte da sua *Crónica do felicissimo rei D. Manuel.* Cf. Damião de Góis, *Crónica do felicissimo rei D. Manue*l, Joaquim de Carvalho e David Lopes (ed.), Vol. III, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, pp. 190-193.
[34] A Igreja maronita é uma Igreja católica oriental *sui juris*, ou seja, uma Igreja em plena comunhão com a Sé Apostólica que reconhece a autoridade do Papa, o Sumo Pontífice da Igreja católica. Esta plena comunhão foi reafirmada em 1182. Detentora de ritual próprio (pertencente à tradição litúrgica de Antioquia, que prevê a celebração da missa em língua aramaica e em língua siríaca), a Igreja maronita foi fundada por São Maron, também conhecido como St. Maroun, um monge sírico-cristão do século V.

ainda que sem detalhe mas de forma cheia de significado, a entrada do cardeal Gurgensis em Roma para dar obediência ao papa da parte do imperador Maximiliano I, bem como o encontro entre o rei de França Francisco I (1494-1547) e Leão X, no qual o primeiro deu obediência ao pontífice. Finalmente, para além destas, referiu – limitando-se à mera nomeação – as embaixadas de Florença, Sena, Sabóia: "Os que neste tempo deram obediençia ao papa foi o primeiro portugual, E florença, sena, saboia, o emperador, el Rei de polonia E o deRadeiro el Rei de França per si mesmo em bolonha depois de tomar milão E o duque."[35]

Porque igualmente inscritas no âmbito da festa, do poder e da propaganda ideológica – ainda que não se incluam no quadro das embaixadas de obediência ao novo papa –, beneficiam também de uma especial atenção a delegação do cardeal húngaro de Strigonia[36] e a entrada em Roma do duque de Termenes com o objectivo de assumir o cargo de capitão-geral da Igreja. Ambos eventos inequivocamente marcantes ao nível do cerimonial e da representação pública do poder na *Cidade Eterna* no início do século XVI.

a) A embaixada de Portugal a Leão X

A embaixada de obediência ao papa enviada por D. Manuel (1469-1521) em 1513 e que desfilou nas ruas de Roma no dia 12 de Março do ano seguinte, foi estudada em pormenor por investigadores como o marquês de Resende, Salvatore de Ciutiis, Banha de Andrade, William Roscoe, Silvio Bedini ou António Camões Gouveia[37], com base num diversificado *corpus* documental onde se destacam, por um lado, os registos

[35] *MFC*, f. 204r.

[36] Strigonia ou Esztergom é uma cidade húngara do condado de Komárom-Esztergom, situada a 50 km da capital Budapeste, que se destacou no combate aos turcos otomanos, em particular nos séculos XV-XVI. Desde a fundação do reino da Húngria que Strigonia se converteu na residência do arcebispo de Esztergom, o mais alto cargo da hierarquia da igreja Católica no país.

[37] Cf. António Alberto Banha de Andrade, *História de um fidalgo quinhentista português, Tristão da Cunha*, Lisboa, Instituto de História Infante Dom Henrique, 1974; Idem, *Mundos novos do mundo: panorama de difusão pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972; António Camões Gouveia, "De Lisboa a Roma para mostrar a Índia" in *Noesis*, Lisboa, 1992, nºs 22, pp. 24-27; Marquês de Resende, "Embaixada de el-rei D. Manuel ao papa Leão X" in *O Panorama*, Lisboa, 1854, vol. XI (3º da 3ª série), pp. 219-222, 253-255, 261-263, 271-272, 274-275; Salvatore de Ciutiis, *Une ambassade portugaise à Rome au XVIe siècle*, Naples, Typographique Michele D'Auria, 1899; Silvio A. Bedini, *The Pope's Elephant: Aspects of Portugal*, Manchester and Lisbon, Carcanet in association with the Calouste Gulbenkian Foundation and the Discoveries Commission, 1997; William Roscoe, *Life and Pontificate of Leo X*, 4 vols., London, Ed. Thomas Roscoe, 1846.

epistolográficos coevos enviados de Roma por embaixadores e participantes na embaixada[38] (referimo-nos essencialmente à missiva do embaixador português João de Faria enviada para o reino apenas 6 dias após o desfile da embaixada, dia 18 de Março, e às correspondências de Nicolau de Faria, enviada precisamente no mesmo dia da do embaixador, e Tristão da Cunha, enviada para Lisboa, para o Secretário de Estado António Carneiro, um mês decorrido sobre o desfile)[39]; e, por outro lado, os textos de Damião de Góis (1502-1574) e D. Jerónimo Osório (1506-1580), sendo que o primeiro se baseia grandemente nas referidas missivas.

Ora, as ditas correspondências lusas, ainda que coevas, constituem na essência textos oficiais enviados por participantes na própria embaixada, pelo que, de alguma forma, a imagem nelas fornecida é sempre condicionada pela expectativa *a priori* da entidade oficial que as recebe e as lê, ou seja, na grande maioria dos casos o rei e os seus principais representantes administrativos, como é o caso do secretário de Estado[40].

Já o texto de Damião de Góis, que data de 1566, assim como a narrativa de D. Jerónimo Osório, datada de 1571[41], ou até a do humanista e prelado italiano Paolo

[38] Cf. "Carta do Doutor João de Faria a el-Rei, 1514 - Março 18." in *Corpo Diplomatico Portuguez: Contendo os Actos e Relações Politicas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potencias do Mundo Desde o Século XVI Até os Nossos Dias*, vol. I, Luís Augusto Rebelo da Silva (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1983, pp. 234-238; *Ibidem*, "Carta de Nicolao de Faria e el-Rei. 1514 - Março 18.", pp. 238-242; *Ibidem* "Carta de Tristão da Cunha ao secretario de estado. 1514 - Abril 11.", pp. 242-243.

[39] "O doutor João de Faria foi o primeiro embaixador português junto do Papado (23 Fev. 1512 a Nov. 1514). A sua carta dá conta ao Rei da organização do desfile e da afluência de gente para o observar. Por seu turno, Nicolau de Faria, estribeiro-pequeno do Rei, que teve por especial função acompanhar e zelar pelo elefante, dedica a maior parte do seu relato à dificuldade que foi conduzir o animal desde o desembarque até Roma, perante a multidão que afluía para o ver. A 11 de Abril Tristão da Cunha faz um balanço da importância da embaixada e queixa-se das despesas que ela lhe vem custando, referência a que Garcia de Resende voltará a fazer menção numa das raras alusões à ida a Roma." *in* António Camões Gouveia, "De Lisboa a Roma para mostrar a Índia"…, *op. cit.*, p. 24.

[40] Cf. Hans Robert Jauss, "Literary history as a challenge to literary theory" in *Toward an Aesthetic of Reception*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1985, pp. 3-45. Segundo Hans Robert Jauss, as perspectivas de recepção de um texto determinam, num período cronológico onde se inclui o final da Idade Média, a concepção do próprio texto. A tese deste investigador baseia-se no conceito central de *horizonte de expectativas*, que se define pelo conjunto de expectativas culturais, políticas, éticas e literárias manifestadas pelos leitores no preciso momento histórico em que o texto surge. Jauss defende que, para além da tradicionalmente aceite estética de produção e representação, existe outra ainda mais determinante, pois, situada a um nível profundo, está na base dessa própria produção: uma estética de recepção e influência. Esta estética tem por alicerces a precedente experiência do público leitor e, sobretudo, o seu horizonte de expectativas relativamente ao texto que está para vir. Este estado mental predispõe e influencia o autor durante o próprio processo de concepção do texto.

[41] Cf. D. Jerónimo Osório, *Da vida e feitos de El-Rei Dom Manuel* [*De rebvs Emmanvelis regis Lvsitaniae invictissimi virtvte et avspicio gestis libri dvodecim*, Lx., António Gonçalves, 1571], Porto, Civilização, 1944, vol. II, Livro IX, pp. 127-131.

Giovio[42] (1483-1552), que escreveu igualmente sobre a embaixada, sendo o seu texto de 1551, são produções – ao contrário da do Fidalgo de Chaves – não coevas dos acontecimentos que relatam nem tão pouco fruto de um testemunho em primeira mão por parte dos autores. Como assinala António Camões Gouveia: "Os textos de Damião de Góis, de 1566, de D. Jerónimo Osório, de 1571, ou, mesmo, de Paulo Jóvio, de 1551, são já relatos do acontecido, produções distanciadas algumas dezenas de anos do momento do desfile. Participantes de um tempo que não o de ontem, constituem-se como registos da memória, são história da embaixada que recriam. Baseiam-se, mais ou menos, nos dados recolhidos nos documentos momentâneos. Porque impressos, porque assinados por 'autores' e, também, porque próximos do poder, são eles que acabam por transmitir a embaixada fazendo-a coincidir com a imagem que criam. Damião de Góis escreve sobre as cartas dos participantes da embaixada, sobretudo aquela de João de Faria e extracta, mesmo, a epístola do embaixador do Imperador. Já D. Jerónimo Osório usa dados, possivelmente recolhidos em Góis, mas não denota uma leitura directa da documentação."[43]

O facto de o Fidalgo ter assistido em primeira mão aos acontecimentos e redigir o seu texto em anos não muito distanciados dos eventos que narra, associado à constatação de não estar sujeito à pressão oficial de uma missiva de carácter régio (ainda que o seu texto se dirija especificamente ao 4º duque de Bragança, certamente por solicitação deste) constitui um poderoso argumento na determinação do elevado valor histórico-cultural das suas *Memórias*, sobretudo relativamente aos prestigiados relatos anteriormente assinalados.

Mesmo que redigidas alguns anos após os acontecimentos, não se trata de um hiato de décadas como acontece com os autores indicados. Comprova-o o facto de o texto do Fidalgo não fazer referência a acontecimentos determinantes – e que tão profundamente abalaram as sociedades que a eles assistiram – para o próprio sentido lógico do discurso utilizado, nomeadamente, o falecimento de D. Manuel (a quem o Fidalgo se refere sempre como sendo uma figura coeva, e portanto viva, à data da redacção do relato) ocorrido a 13 de Dezembro de 1521; o famosíssimo e brutal saque de Roma de 1527 – que deixou marcas em toda a produção cultural posterior e que

[42] Cf. Paolo Giovio, *Elogios o vidas breves de los cavaleros* [*Elogia virorum bellica virtute illustrium veris imaginibus supposita, quae apud Musaeum spectantur*, Florence, Officina Laurentii Torrentini Ducalis Typographi, 1551, Trad. de Baeça], Granada, Aleigo de Mena, 1568.
[43] António Camões Gouveia, "De Lisboa a Roma para mostrar a Índia"…, *op. cit*., p. 24.

certamente marcaria presença no texto do Fidalgo caso a redacção fosse posterior a essa data, pois trata-se precisamente de Roma, afinal a grande protagonista do texto –; ou até mesmo a morte do destinatário do texto e senhor do autor, D. Jaime, 4º Duque de Bragança, falecido a 20 de Setembro de 1532. Se tais funestos acontecimentos fossem contemporâneos da redacção da obra, não seria legítimo esperar que viessem registados num documento com a natureza do relato do Fidalgo de Chaves? Constituem, portanto, provas inequívocas de que a redacção da obra – na sua forma final, pois a elaboração de versões preparatórias ou até mesmo de blocos temáticos específicos ocorreu certamente antes – é anterior às datas mencionadas.

Já Eugenio Asensio havia chamado a atenção para o aspecto nuclear da datação da redacção das *MFC* com base num pormenor incluso no próprio texto, já muito perto do final: a data do falecimento do cardeal S. Jorge, à qual o Fidalgo teve acesso através de correspondência enviada por amigos seus de Itália: "Es probable que empezó poco después a redactar sus memorias y que las concluyó antes de la muerte de D. Manuel no aludida en ellas. Pero 3 folios antes del final nos comunica que por cartas de sus amigos de Italia ha sabido que el cardenal de S. Jorge, Rafael Riario – uno de los condenados a muerte y rescatados mediante cuantiosos caudales – ha fallecido en Nápoles. El fallecimiento ocurrió el 9 de julio de 1521, lo que nos hace retrasar hasta fines de 1521 las adiciones o retoques, acaso la definitiva refundición de alguna sección."[44]

A datar-se a redacção, na sua versão definitiva, das *MFC* será então entre finais de Julho e inícios do mês de Dezembro de 1521.

Em síntese, cruzando as diversas fontes existentes, exímios investigadores reconstituíram a embaixada, determinando quem nela participou, que percurso desenvolveu até Itália e, mais especificamente, até Roma. Tudo no sentido de "refazer o cortejo tal como ele se apresentou aos olhos dos espectadores nas ruas de Roma."[45] No entanto, nenhum destes autores levou em conta o texto do Fidalgo de Chaves, que na qualidade de testemunho presencial, em primeira mão, e beneficiando por isso de toda a genuinidade de quem vê e ouve por si próprio – ou seja, beneficiando da isenção da filtragem sempre existente nas contribuições, escritas ou orais, de terceiros –, impõe-se como uma importante referência para compreender o autêntico alcance, quer ao nível do

[44] Eugenio Asensio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), descripción de la Roma de Julio II y Léon X" in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, p. 27.
[45] António Camões Gouveia, "De Lisboa a Roma para mostrar a Índia"…, *op. cit*., p. 24.

significado quer em relação aos objectivos, da embaixada liderada por Tristão da Cunha (c. 1460-1540)[46] em 1514.

Por tudo isto, e dado que as referidas fontes já foram profundamente exploradas, a nossa análise incidirá especificamente sobre a descrição do Fidalgo de Chaves, inédita em termos de hermenêutica, e o que esta tem de singular, sobretudo enquanto veículo ou expressão de uma determinada representação do poder.

Logo no início do capítulo, o fidalgo presenteia-nos com uma referência breve, mas reveladora, a D. Jaime, 4º duque de Bragança, ao assinalar que a nau utilizada para a embaixada por Tristão da Cunha era aquela que o seu senhor utilizara para ir conquistar Azamor: "No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feuereiro da era de mil b^{c} e catorze, tomou tristão da cunha porto em çiuita velha com huma grossa nao a qual se dizia ser a em que vossa ilustrissima senhoria passara a africa."[47] Com efeito, através desta pequena introdução à larga descrição que se segue, o autor opera uma ligação fundamental que não surge nas restantes descrições, mais ou menos coevas, da mesma embaixada: a do seu senhor, o verdadeiro e único público-alvo do seu texto, a um dos momentos mais altos da sua estadia em Roma, pois que reflecte toda a grandeza do reino de Portugal.

A própria nau assume aqui um singular protagonismo pelo seu carácter áugure da notoriedade militar e expansionista (em particular no que diz respeito à fé cristã) de Portugal, pois, afinal, foi através dela que os portugueses passaram a África à conquista de uma das principais praças do Islão marroquino, facto, aliás, sobejamente festejado e elogiado pelo novo pontífice em Roma, como a própria fonte indica[48]. Pormenor importante e particularmente revelador no contexto da descrição da embaixada do rei português ao novo pontífice, pois esta não se efectua através duma qualquer embarcação. Antes utiliza um meio marcado pelo simbolismo militar e político, isto é, pelo poder. Símbolo tanto mais forte, tratando-se da embarcação de "vossa ilustrissima senhoria", precisamente D. Jaime, nunca é demais salientar, o destinatário singular deste relato.

O fidalgo não se detém grandemente sobre a chegada da delegação a Itália e as condições em que a mesma ocorre:

[46] Cavaleiro do conselho de D. Manuel I, explorador, comandante naval e embaixador. Cf. António Alberto Banha de Andrade, *História de um fidalgo quinhentista português, Tristão da Cunha*, op. cit..
[47] *MFC*, f. 178r.
[48] "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor." in *MFC*, f. 173v e f. 174r.

> "No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feuereiro da era de mil b^{c} e catorze, tomou tristão da cunha porto em çiuita velha […] o qual vinha dar obediençia a sua santidade por el Rei de portugual. E tanto que deçeo em terra se foi pera Roma com sua companhia a qual era de muitos fidalguos e escudeiros. E o senhor marco antonio coluna lhe deu por pousadas as casas de sancto apostolo que são huns grandes paços que o papa Jullio fez sendo cardeal. E vieram a Roma como neguoçiantes sem Reçebimento soomente dalguns portugueses."[49]

Antes aponta a sua preocupação para o facto de a delegação envolver uma enorme expectativa entre os senhores romanos:

> "E nos dias que se deteueram sem fazer mostra da embaixada, as Jrmãas do papa E muitos grandes senhores e senhoras foram ver o pontifical que el Rei mandaua A see apostolica, ho qual guarçia de Resende secretario da embaixada que ho tinha em poder amostraua a todos. E elles ficauam maravilhados da grande Riqueza das peças polla multidão do alJofre de que erão cubertas, E de muitos Robis e pedras preçiosas que nelle hião. E pollo conseguinte foram ver o alifante que ficara fora da çidade, por ser cousa nam vista em Roma segundo se dizia do tempo de Jullio çesar, nem em toda Jtalia, senam hum que avia poucos anos que viera a lombardia."[50]

De tal forma, que a embaixada faz a sua entrada solene no primeiro domingo da Quaresma, época litúrgica muito especial no quadro das efemérides cristãs e, em particular, romanas[51].

Ainda antes de começar a descrição da comitiva solene realça a diversidade e o primor selectivo da assistência:

> "E por que vieram por mar entraram polla porta de sam pancraçio que hee na via de çiuita velha. E Jaa todolos prelados E patriarchas, arçebispos E bispos, E os embaixadores do emperador E dos Reis E a familia do papa E todas as dos cardeaes erão hidos ao Reçeber."[52]

Em seguida, o autor narra a entrada da embaixada num discurso com um cunho muito pessoal, fruto da pena de quem presenciou o acontecimento por si mesmo, onde a

[49] *MFC*, f. 178r.
[50] *Ibidem*.
[51] Cf. Damião de Góis, *Crónica do felicissimo rei D. Manuel*, vol. III, *op. cit*., p. 185.
[52] *MFC*, f. 178r e f. 178v.

ordem e a organização (atribuídas pelo mestre de cerimónias) constituem a pedra-de-toque do discurso:

> "entraram pollo burguo na ordenança acostumada dos embaixadores que vão dar obediençia. o qual aJuntamento hee Real cousa pera ver. E sobre tudo a ordem que leuam, que cada hum vem em seu luguar de dous em dous sem aver nenhum desmando, de maneira que os que estão assentados polas Ruas As portas nom Reçebem de tanta multidão nenhum empacho. E todos vem A sua vontade, assi os que vão caualguando como os que ficam."[53]

Com especial enfoque na estrutura social da embaixada, que se reflecte na ordem protocolar das precedências, o fidalgo descreve o esplendor e o colorido do cortejo que atravessa a urbe em direcção ao castelo de Santo Ângelo, em cuja janela o papa assiste ao desfile:

> "o dia que avia de ser sua entrada se foi o papa com muitos cardeaes ao Jardim do castelo de santangelo E se pos a huma Janella donde se vee toda a Rua alexandrina ataa o sacro palaçio."[54]

Em primeiro lugar surgem os portugueses, mais especificamente os escudeiros:

> "entrados na Rua alexandrina passando adiante as familias sobreditas, apareçiam os portugueses E vinhão corenta escudeiros de pelotes de veludo negro [,] carapuças E espadas com bainhas do mesmo veludo, E as guarnições douradas. çintas E teçidos com guarnições de prata aniladas. E pareçia honrrada companhia. aos pescoços leuauam colares douro de anchura de tres dedos E de obra Romana E todos de huma feição. os borzequis que leuauão hiam tam Justos que os Jtalianos se espantauão de como os podiam calçar. E diziam que erão bem ao contrairo dos que trazião os vnguaros."[55]

Pormenor precioso este da comparação com a forma de trajar dos húngaros, num claro registo de avaliação do *Outro* europeu.

[53] *MFC*, f. 178v.
[54] *MFC*, f. 178r.
[55] *MFC*, f. 178v.

Após referenciar o brilhantismo e o fulgor do cortejo trazidos pelos músicos da embaixada e do papa – "vinhão as trombetas E charamelas que preçediam as do papa, vestidos de grãa vermelha E carapuças de veludo negro."[56] –, o autor avança com a apresentação do índio e da onça, dois dos mais notáveis exemplos do exotismo da embaixada: "E o Jndio com a onça nas ancas do caualo vestido de seda."[57]

Dando continuidade à apresentação, concentra-se depois nos fidalgos que surgem ricamente trajados:

> "E portugual Rei darmas vestido de borcado E os fidalguos que erão bõa copia, em mulas de mui Ricas guarniçoens, E de suas pessoas mui Ricamente vestidos, E guarnidos de muitos firmaes de pedras de grande estima E colares mui Ricos em demasia, çintos, espadas, E punhaes de ouro de mui custosos lauores. Respondendo todalas peças que leuauão humas com as outras."[58]

Começa, então, a individualizar numa clara tentativa de elevar a representatividade social e política dos embaixadores portugueses e, consequentemente, da embaixada no seu todo. Primeiro, a referência a Garcia de Resende, secretário da delegação que, entre outros atributos distintivos da sua condição superlativa, traz em redor de si doze moços "bem atauiados":

> "guarçia de Resende do teor dos outros, E por ser secretario da embaixada vinha soo, no luguar que lhe foi dado pollo mestre das çerimonias. E pareçia vindo mui bem, por que vinha de sua pessoa Ricamente vestido E trazia hum mui bem obrado colar guarneçido de pedras E perlas de muito valor. E doze moços em torno de si bem atauiados."[59]

Como que num interlúdio da apresentação da classe nobre da embaixada, evoca de forma ímpar ao nível da importância atribuída a principal fonte de exotismo de toda a embaixada, o elefante Hanno, em cujo dorso num cofre de luxo e riqueza sem igual está contido o pontifical, a outra grande oferenda ao novo pontífice:

[56] *Ibidem.*
[57] *Ibidem.*
[58] *Ibidem.*
[59] *Ibidem.*

> "vinha mais o alifante com albardilha de borcado sobre o qual hia hum cofre grande de çetim cremesim com lauores de crauação dourada no qual vinha metido o pontifical E ornamentos. E o dito cofre vinha cuberto de hum Reposteiro de borcado bandado de quartapisas de veludo cremesim que aRastraua pollo chão. E o alifante trazia as armas del Rei Ricamente brosladas na testa. ao pescoço huma grande campainha de prata. E o Jndio que ho guovernaua vestido de seda com hum bastão na mão guarneçido de prata."[60]

Destaque especial também para o índio, outro elemento exótico que reflecte o poderio português além-mar. Afinal, é ele quem conduz o surpreendente animal, que a todos pasma de espanto.

Junto do elefante vem Nicolau de Faria, guarda do mesmo, e nivelado, pela sua apresentação exímia, aos demais fidalgos:

> "E vinha Junto do alifante nicolao de faria estribeiro pequeno del Rei em hum ginete Ruço pombo com hum Jaez Rico. E elle de sua pessoa vestido como os fidalguos."[61]

Retomando o elemento nobre da delegação, eis que surgem os embaixadores, discriminados individualmente de acordo com o seu estatuto:

> "atraz dos sobreditos vinhão os embaixadores, scilicet, tristão da cunha em meo de João de faria estante Em Roma E dioguo pacheco orador. o qual tristão da cunha vinha em hum ginete Ruço pombo mui bem aJaezado E elle com huma opa de borcado de pelo que lhe aRastraua pollo chão E hum sombreirete forrado ou cuberto de veludo negro E de grossas perlas que foram dalguns estimadas em quinze mil ducados. E os ditos doutores João de faria E dioguo pacheco Ricamente vestidos E encavalguados."[62]

Mais uma vez, o que impressiona sobremaneira o fidalgo é o esplendor e a riqueza ostentados pelos membros do cortejo, neste caso específico, Tristão da Cunha,

[60] *MFC*, f. 178v e f. 179r.
[61] *MFC*, f. 179r.
[62] *Ibidem.*

embaixador da delegação, João de Faria, embaixador em Roma[63], e Diogo Pacheco, orador da embaixada e responsável pela comunicação oficial.

Em seguida, num modo de apresentação generalista e anónimo que garante, por isso, um maior destaque à componente lusa, surgem "os embaixadores do emperador E dos Reis E das senhorias que erão estantes em Roma, E grande multidão de prelados E dinidades E de outros senhores eclesiasticos E seglares que os sahiam a Reçeber, os seguiam em singular ordenança. pareçia tam Rica E fermosa companhia ca toda Roma coRia a velos."[64]

Finalmente, eis a referência ao povo, a base da pirâmide social, sempre enquanto espectador, mas cuja presença é naturalmente indispensável para garantir o pleno sucesso da embaixada: "E era Jente sem conto, mudandosse de humas Ruas As outras per trauessas E luguares donde os milhor podiam ver atee cheguar a suas pousadas."[65]

Normalmente, atribuiríamos ao facto de um português que em Roma assiste a várias embaixadas ao papa no início do século XVI e considera incontestavelmente superior a delegação do seu próprio país, uma expressão de exagerado patriotismo, ainda assim compreensível à época. No entanto, no caso da embaixada de obediência ao papa enviada por D. Manuel I e liderada por Tristão da Cunha, o favorecimento é, de facto, genuíno e justificado, pois esta embaixada foi, sem qualquer sombra de dúvida, superior (e, por isso, única) em grandeza, fausto, novidade e impacto relativamente a todas as outras delegações enviadas então ao novo pontífice.

Contudo, isto não acontece por mero capricho das Parcas. O cortejo da embaixada do rei de Portugal que desfilou por Roma teve eco pela Europa e, sobretudo, pela Itália. Seja na figura de cartas de embaixadores[66], seja através das produções culturais de humanistas que ficaram profundamente marcados pelo sucedido – em particular poemas e xilogravuras –, toda uma vasta e heterogénea herança foi deixada à Cristandade, constituindo a prova inequívoca do carácter excepcional da delegação: "Paralelamente dava-se notícia do acontecimento a toda a cristandade. Fizeram-no os poetas romanos, louvando D. Manuel ou o elefante, em epístolas latinas enviadas aos seus correspondentes estrangeiros. Fizeram-no os embaixadores dos diferentes reinos e

[63] João de Faria foi o primeiro embaixador português na cúria papal, entre Fevereiro de 1512 e Novembro de 1514.
[64] *Ibidem.*
[65] *Ibidem.*
[66] Nomeadamente Lippomano, embaixador veneziano, e Alberto de Carpi, embaixador do imperador Maximiliano.

senhorios, como foi o caso do enviado do Imperador Maximiliano do qual conhecemos o texto. Ainda em 1514 Aurelius Serenus, que terá assistido ao desfile deixa as suas impressões no *Theatrum capitolinum magnifico*, pondo o acento no exótico elefante, e Marino Sanuto não deixa de anotar no seu *Diarii* valorações da riqueza que de Portugal tinha chegado a Roma."[67]

Através desta sumptuosa embaixada ao papa Leão X, o rei português afirmava-se como um dos mais poderosos soberanos do mundo. Foi este propósito propagandístico o principal objectivo da delegação e foi exactamente isto que o fidalgo de Chaves tão bem transmitiu no seu relato: a construção viva de uma imagem e de uma simbólica de poder, perante os olhos e os ouvidos espantados (no sentido da *mirabilia* medieval) dos representantes de toda a Europa naquela que era a capital espiritual, política e cultural da cristandade da viragem de Quatrocentos para Quinhentos:

> "E nos dias que se deteueram sem fazer mostra da embaixada, as Jrmãas do papa E muitos grandes senhores e senhoras foram ver o pontifical que el Rei mandaua A see apostolica, ho qual guarçia de Resende secretario da embaixada que ho tinha em poder amostraua a todos. E elles ficauam maravilhados da grande Riqueza das peças polla multidão do alJofre de que erão cubertas, E de muitos Robis e pedras preçiosas que nelle hião. E pollo conseguinte foram ver o alifante que ficara fora da çidade, por ser cousa nam vista em Roma segundo se dizia do tempo de Jullio çesar, nem em toda Jtalia, senam hum que avia poucos anos que viera a lombardia, mas nam entrou em Roma nem em toda toscana. o dia que avia de ser sua entrada se foi o papa com muitos cardeaes ao Jardim do castelo de santangelo E se pos a huma Janella donde se vee toda a Rua alexandrina ataa o sacro palaçio. E por que vieram por mar entraram polla porta de sam pancraçio que hee na via de çiuita velha. E Jaa todolos prelados E patriarchas, arçebispos E bispos, E os embaixadores do emperador E dos Reis E a familia do papa E todas as dos cardeaes erão hidos ao Reçeber."[68]

A embaixada portuguesa possui uma função política e social bem definida, tem uma morfologia, uma hierarquização dos seus elementos. No todo, bem como nas suas diversas partes, ela comunica através de várias linguagens: o gesto, o vestuário, o som, os comportamentos (humanos e animais; veja-se quando o elefante Hanno molha os circundantes para regozijo da assistência). E o grau de leitura está de acordo com os vários públicos que a ela assistem nas ruas de Roma:

[67] António Camões Gouveia, "De Lisboa a Roma para mostrar a Índia"…, *op. cit.*, p. 24.
[68] *MFC*, f. 178r e f. 178v.

> "E os embaixadores do emperador E dos Reis E das senhorias que erão estantes em Roma, E grande multidão de prelados E dinidades E de outros senhores eclesiasticos E seglares que os sahiam a Reçeber, os seguiam em singular ordenança. pareçia tam Rica E fermosa companhia ca toda Roma coRia a velos. E era Jente sem conto, mudandosse de humas Ruas As outras per trauessas E luguares donde os milhor podiam ver atee cheguar a suas pousadas. E entrando como dito hee na Rua alexandrina [,] cheguando A ponte de sancto angelo [,] onde o papa estaua, mandou Sua Santidade que se deteuesse pera ver ho que o alifante fazia. o Jndio lhe fez fazer muitas mesuras E dar bramidos E tomar aguoa na tromba E deitala aos que o papa mandaua. E deitaramlhe ducados no chão tomauaos com a tromba E dauaos ao Jndio E assi outras moedas dahi pera baixo. E de o alifante entender E fazer todo o que lhe o Jndio mandaua erão o papa E os cardeaes marauilhados. despois de lhes o papa dar licença, passaram a ponte E forão por a Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo."[69]

É reveladora a preocupação do fidalgo em fazer um relato quase visual, tal o grau de pormenor, da embaixada que desfilou por Roma a 12 de Março de 1514, chegando ao ponto de transcrever a versão portuguesa da "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador."[70] Aníbal Pinto de Castro destaca que, no seu todo, apesar de apresentar "uma formulação mais arcaizante e literal", a "versão do Fidalgo não diverge substancialmente daquela que Damião de Góis inclui no capítulo LVII da 3ª Parte da *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* (depois copiada por D. António Caetano de Sousa nas Provas da História Genealógica), nem da de D. Jerónimo Osório no *De Rebus Emmanuelis Gestis*."[71]

Como seria de esperar de uma missiva dirigida ao Sacro Imperador Romano-Germânico, a carta de Alberto de Carpi é plena de minúcia e detalhe:

> "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador. Mui sacratissimo E Jnuençiuel çesar. nam haa muitos dias que são vindos nesta çidade de Roma embaixadores do mui serenissimo Rei de portugual, com carreguo segundo custume de fazer obediençia ao nosso mui sancto padre leon. a entrada foi fermosa pera ver. erão tres embaixadores. huum da ordem dos baroens que tinha o primeiro luguar. outro doutor E homem eclesiastico

[69] *MFC*, f. 179r.
[70] *MFC*, f. 179v.
[71] Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, p. 10.

constituido nas pequenas ordens [.] o terçeiro caualeiro da ordem da caualaria de Jesu christo de portugual. os quaes traziam companhia mui Rica E prospera. primeiramente vinhão diante seis trombetas E despois hum Jndio negro sobre hum fermoso caualo ornado de huma sella da Jndia, o qual trazia atras si sobre as ancas do cauallo hua besta semelhauel ao lião pardo, mas de corpo mais graçioso E de muitas E desvairadas cores. a este seguia um alifante bem ornamentado o qual trazia em çima de si hum cofre com alguns preçiosos dões que o muito serenissimo E muito christianissimo prinçepe enviaua aos muito santos padres são pero E são paulo, E nomeadamente ao nosso santo padre papa. o cofre era cuberto de hum pano teçido douro com as armas Reaes que nam tam soomente cobriam ho cofre mas toda a grão besta E grandura do alifante. E ençima hum outro Jndio vestido de huma Roupa de ouro E seda, A palaura do qual a dita besta obedeçia. esta besta hia mansamente E despaço. E loguo despois della seguiam algumas azemalas mui fermosas. E então os seruidores dos embaixadores todos honestamente vestidos. E então vinha a ordem dos nobres que erão açerqua de çincoenta em numero. todos com manificos E eleguantes ornamentos com cadeas douro nom menos de peso que de mostra antre os quaes os mais grandes Reluziam de perlas E pedras [.] E antre todos os outros, o filho do primeiro embaixador. os quaes seguiam o Rei darmas do dito Rei vestido de huma Roupa de pano de ouro com armas de Rei coroadas çercadas em torno de mui fermosas perlas E RubiJs. então vinhão os embaixadores vestidos mui manificamente. o primeiro da leguaçia trazia hum mui Rico chapeo de singulares perlas. non diguo somente ornado, mas todo cuberto. E despois dos embaixadores vinha muita Jente de conselho de graue E honrrada presença. E em fim toda a turba dos familiares. o papa com muitos cardeaes se foi ao castelo de sancto angelo por ver passar os embaixadores sobre a ponte adriana. todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho. nem Jamais Roma em o tempo passado quando ella possuia muitas cousas, como quer que a ella viessem muitos alifantes de etiopia E africa, nom veo nenhum das Jndias. E quando o alifante veo diante da Janella onde o papa estaua, amoestado de seu Reitor fez Reuerençia ao papa E abaixou os giolhos. despois foi assinado dia no qual os ditos embaixadores fizeram obediençia na maneira acustumada fazendo huma oração muito prudente E dina de prinçepe christão. E despois em outro assinado dia offereçeram ao papa que estaua acompanhado de todolos cardeaes, dões nom menos virtuosos que Religiosos, dandolhe primeiro algumas letras do glorioso Rei que continhão em poucas palauras esta sentença. como elle queria dar as primiçias das cousas da Jndia E etiopia ao nosso mui piadoso saluador E a seus santos apostolos sam pero E sam paulo E a seu viguairo na terra, pedindo a sua santidade humildosamente açeitasse seus pequenos dões com aquella benina vontade com que lhos apresentaua E daua com mui deuota afeição. os dões erão as sagradas vestiduras pera os ministros E cleriguos pera seruir a toda maneira de sacrifiçios, scilicet, tanto ao ofiçio da missa como ao das vesporas, as quaes chamam tunicas almaticas, E casula, E assi os ornamentos do altar. todas estas vestiduras erão teçidas douro E tam cubertas de perlas que em poucos luguares se podia ver o ouro. E erão as perlas postas e metidas por artefiçio admirauel

per alguns antrelaçados A maneira de huma Romana. o qual artefiçio era cousa prazenteira de ver, por que a obra era marauilhosa, sumtuosa E manifica. E em luguares era como pintada douro E de seda a façe de nosso senhor, E dos santos distintamente ornados de muitas pedras preçiosas a que nos chamamos escrauonetas E RobJs, nom contra feitas nem polidas, mas Rudes e çimpres como ellas são tiradas de seus luguares sem nenhum afeitamento, mas com sua çimpreza, Resprandor E natural qual se deue As cousas diuinas. que direi mais, por tudo comprender em palaura. a materia era preçiosa mas a obra sobrepoJaua aa materia, a qual era polla singular Religião E deuação deste prinçepe dada. hame mui fortemente mouido a escreuer estas cousas polla ventura mais longuamente E com mais palauras que as orelhas mui acupadas de vossa magestade nom deuem sofrer. mas eu ho fiz a fim que nada nam passasse sem ho saber vossa magestade. E nam hee de poer em silençio que haa estendido E engrandeçido nossa Religião com grande gloria atee os guaramantes E Jndios. E que assi tanto honrrauam por sua larguesa E liberalidade. o dõ foi mui agradauel ao nosso mui santo padre E aos Reuerendos cardeaes, E a todas as ordens dos prelados, E a todo o pouo Romano. o dito Rei foi muito louuado da mui sacratissima boca do papa per palauras mui honrradas em consistorio pubrico Respondendo aos embaixadores de sua magestade, espeçialmente quando açeitaua seus doens [.] E cada hum per todos era altamente louuado E prezado. os dões estimados desvairadamente, scilicet, per alguns em quinhentos mil ducados, per outros em quatroçentos mil, E segundo outros em duzentos E çincoenta mil ao menos. todavia as perlas nam são de tamanha grandura mas em multidão E em numero mais que Jnfinitas. E assi as perlas nam são de grande preço, mas nom são pera desprezar. como quer que seJa hiam muitas. çerto nam ouve assi Ricos nem assi fermosos ornamentos nem tam preçiosos a meu crer, Jamais papa na JgreJa de deus de Roma. eu fui diante dos ditos embaixadores assi como hee husança E custume da corte. E despois os visitei por ser assi a maneira de saluar os embaixadores dos Reis na sua primeira vinda pollos embaixadores estantes em Roma. eu lhe ofereçi toda minha aJuda em nome de vossa magestade ao seruiço do seu mui serenissimo Rei em todo o que elles ouvessem mester de vossa magestade, a qual cousa lhe foi mui agradauel. E antre as outras cousas disseram que seu Rei com nenhuma cousa folguaua tanto como ser conJunto per linha de parentesco a vossa magestade. o mesmo dia que elles ofereçeram o alifante E todolos outros doens ao nosso mui santo padre, hum messaJeiro E orador dalguns pouos christãos que guardão E conseruam a fee da JgreJa catolica que moram Junto de Jerusalem que se chamam maronitas habitantes nas montanhas de suria. despois de ter dadas cartas dos ditos pouos ao nosso mui santo padre, fez E deu obediençia com muita humildade pedindo pollos ditos pouos confirmação de hum arçebispo que tinhão elegido, por que polla distançia dos luguares nom guardauam a maneira da JgreJa catolica, mas polla diligençia E estatuto dos frades da obseruançia de são françisco que moram em suas terras açeitaram de çincoenta anos pera qua a fee da JgreJa catolica E se someteram A obediençia do nosso santissimo papa. bem valha E viua longuamente vossa mui sagrada magestade na bõa graça na qual mui

humildosamente me Recomendo. de Roma a xxviij dias de março de 1514 anos."[72]

De destacar neste ponto que, para sustentar a legitimidade da sua representação da embaixada, e à semelhança da argumentação de carácter jurídico, a argumentação do fidalgo baseia-se no recurso ao documento como prova e, consequentemente, como meio superior de demonstração. Reside aqui, em nossa perspectiva, a justificação para a inclusão no texto da missiva do embaixador do imperador Maximiliano I. Desta forma, o fidalgo complementa de forma objectiva o seu discurso, cuja natureza é sempre do foro subjectivo e, por isso, eventualmente questionável. Eventuais imprecisões e perplexidades surgidas na narrativa directa dos sucessos, ou seja, a do próprio fidalgo, ficam assim clarificadas e solucionadas, visto que estes dois géneros de argumentação quando combinados reforçam e, enfim, legitimam a informação contida no primeiro. Desta forma, o destinatário do texto não terá qualquer dúvida sobre a veracidade dos factos[73].

Como salienta Eugenio Asensio, o fidalgo "pinta con lujo de pormenores el desfile de la embajada de Tristão da Cunha con Garcia de Resende y el elefante: el cuadro ha sido mil veces evocado y ha saltado a escritores modernos como Oliveira Martins y D. Juan Valera que le plagia en su novela *Morsamor*."[74] Já Aníbal Pinto de Castro, por sua vez, havia notado que a versão do fidalgo acerca da embaixada de Tristão da Cunha apresenta uma "minúcia [que] ultrapassa por vezes a do próprio Garcia de Resende, mesmo sem ter em conta a transcrição da carta do Embaixador De Carpe"[75].

A embaixada de 1514 foi também fundamental ao contribuir de forma decisiva para a divulgação da gesta dos portugueses nos oceanos do mundo e para o despertar o interesse das restantes nações europeias pelas navegações lusas. Com efeito, através dos seus diversificados elementos animais, humanos e materiais, a embaixada traz à vida europeia o espanto das realidades extra-europeias proporcionada pelos descobrimentos marítimos portugueses. Veja-se a seguinte passagem da carta do embaixador do Imperador:

[72] *MFC*, f. 179v a f. 181r.
[73] Cf. Luís de Sousa Rebelo, *A concepção do poder em Fernão Lopes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991, p. 52.
[74] Eugenio Asensio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517)…", *op. cit.*, p. 17.
[75] Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano…", *op. cit.*, p. 13.

> "primeiramente vinhão diante seis trombetas E despois hum Jndio negro sobre hum fermoso caualo ornado de huma sella da Jndia, o qual trazia atras si sobre as ancas do cauallo hua besta semelhauel ao lião pardo, mas de corpo mais graçioso E de muitas E desvairadas cores. a este seguia um alifante bem ornamentado o qual trazia em çima de si hum cofre com alguns preçiosos dões que o muito serenissimo E muito christianissimo prinçepe enviaua aos muito santos padres são pero E são paulo, E nomeadamente ao nosso santo padre papa. o cofre era cuberto de hum pano teçido douro com as armas Reaes que nam tam soomente cobriam ho cofre mas toda a grão besta E grandura do alifante. Eençima hum outro Jndio vestido de huma Roupa de ouro E seda, A palaura do qual a dita besta obedeçia. esta besta hia mansamente E despaço. E loguo despois della seguiam algumas azemalas mui fermosas. […][76]

No entanto, mais revelador ainda é outro trecho da mesma missiva, pois assinala claramente a heterogeneidade fronteiriça do público que assistia a tão raro desfile e que, não será errado depreender, fará passar a mensagem acerca do mesmo para os mais diversos destinos europeus:

> "todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho. nem Jamais Roma em o tempo passado quando ella possuia muitas cousas, como quer que a ella viessem muitos alifantes de etiopia E africa, nom veo nenhum das Jndias."[77]

Assim, ao mesmo tempo que o duque de Ferrara mantinha em Lisboa o activo e célebre agente Cantino, cuja actividade proporcionou ao duque o planisfério que revelava o mundo tal como era conhecido dos portugueses em 1502, e ao mesmo tempo que em Itália eram publicadas obras fundamentais sobre as navegações portuguesas coevas, a embaixada liderada por Tristão da Cunha dava origem a diversas correspondências enviadas de Roma, das quais são bom exemplo a já referida missiva para o imperador Maximiliano I e a carta para a marquesa de Mântua, onde são relatados ao pormenor os episódios do elefante e as suas habilidades. Como refere João

[76] *MFC*, f. 179v e f. 180r.
[77] *MFC*, f. 180r.

Paulo Oliveira e Costa, "é fácil de presumir que muitos outros relatos semelhantes se disseminaram então por Itália" [78].

A embaixada tem sobretudo um carácter exótico, ou seja, transcontinental e é nisso, essencialmente, que difere e se distancia (em superioridade) de todas as outras que em Roma desfilaram perante o novo pontífice. É o desfile dos viajantes – e dos propagadores da fé cristã – na cidade eterna, trazendo consigo as maravilhas encontradas nas regiões recém-descobertas para a Cristandade. Esta é a marca matricial da embaixada de Tristão da Cunha, pelo que todos os elementos que a compõem têm sempre inerente a conotação do longínquo, e por isso sedutor, mundo além-mar:

> "di a poucos dias foram dar sua obediençia, E o doutor dioguo pacheco fez huma mui louuada oração. E ao tempo que os da embaixada hião beiJar o pee ao papa, por que muitos daquelles escudeiros erão negros E crespos E outros trosquiados E nam assi aluos como são os Jtalianos [,] o cardeal daraguão se cheguou ao de sena E a outros E disselhes, pareçeme que nam acostumam estes estar A sombra, E por que fazem os feitos que se delles diz, trazem estas cores. os outros se Riam. comtudo louuauamnos por ser Jente que tantas maravilhas faziam pollo mundo. E assi ho acustumauam dizer em suas mesas E banquetes. E os preeguadores prinçipalmente frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho dizia em suas preguações que nam queria alcançar mais bem aventurança neste mundo que ser natural portuguez."[79]

É precisamente deste carácter exótico que sobreleva a sua singularidade e a plenitude da sua função propagandística e de símbolo e instrumento de poder, pois o mesmo está intimamente associado à construção da imagem de D. Manuel enquanto príncipe cristão todo-poderoso, rodeado do exotismo do mundo, a quem os mais distantes monarcas prestam vassalagem: "era el Rei nosso senhor sobre todolos outros tido em maior veneração de catolico E christianissimo"[80]. O mesmo se pode depreender da seguinte passagem do registo epistolográfico que o embaixador De Carpi enviou para o seu senhor, o imperador Maximiliano I:

---

[78] João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p. 299.
[79] *MFC*, f. 179r e f. 179v.
[80] *MFC*, f. 179v.

> "a materia era preçiosa mas a obra sobrepoJaua aa materia, a qual era polla singular Religião E deuação deste prinçepe dada. hame mui fortemente mouido a escreuer estas cousas polla ventura mais longuamente E com mais palauras que as orelhas mui acupadas de vossa magestade nom deuem sofrer. mas eu ho fiz a fim que nada nam passasse sem ho saber vossa magestade. E nam hee de poer em silençio que haa estendido E engrandeçido nossa Religião com grande gloria atee os guaramantes E Jndios. E que assi tanto honrrauam por sua larguesa E liberalidade."[81]

Por tudo isto, a embaixada portuguesa transcende a própria ideia tida até então de embaixada de obediência ao papa, pois nem a delegação enviada pelo mesmo D. Manuel a Júlio II, em 1505, apresentava tal fausto, esplendor, exotismo ou mesmo intenção política: "diziam geralmente os velhos que esta era a mais honrrada E Rica embaixada que se acordauam entrar em Roma."[82] Apesar de, como refere Asensio, Roma constituir então "un paraiso para los aficionados a ceremonias religiosas y desfiles de exóticas embajadas que venían a prestar obediencia al nuevo Pontífice"[83], a delegação que percorre agora as ruas da urbe é algo completamente novo e surpreendente, a comprová-lo está, como já referimos, a sua ressonância e a herança que deixou na cultura e na arte.

Através da progressiva elevação da imagem de optimismo, prosperidade e poder do rei – optimismo e poderoso pelas suas vitórias militares e religiosas; próspero pelos dividendos que retira diariamente do comércio que mantém com povos longínquos e que se materializam na proliferação de manifestações de riqueza como a da embaixada em questão –, e do desfilar do maior e mais exótico cortejo que alguma vez percorreu Roma desde os gloriosos mas distantes tempos dos Césares (que revela, entre outros aspectos, uma excepcional capacidade organizativa e logística), a embaixada de Tristão da Cunha reflecte, enfim, as ambições políticas – podemos mesmo afirmar imperiais[84] – do projecto régio português. Afinal, o exotismo não se limita ao elemento animal materializado no elefante, na onça e demais animais presentes no desfile; estende-se igualmente ao precioso elemento humano, seja na figura do *mahout*[85] indiano que conduz o elefante, seja pelo "Jndio negro sobre hum fermoso caualo ornado de huma

[81] *MFC*, f. 180v.
[82] *MFC*, f. 179r.
[83] Eugenio Asensio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves…", *op. cit.*, p. 16.
[84] Cf. Luís Filipe Thomaz, "L'Idée Impériale Manuéline" in *La Découverte, le Portugal et L'Europe. Actes du Colloque*, Jean Aubin (ed.), Paris, Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 35-103.
[85] Tratador.

sella da Jndia, o qual trazia atras si sobre as ancas do cauallo hua besta semelhauel ao lião pardo, mas de corpo mais graçioso E de muitas E desvairadas cores"[86], seja ainda através dos escudeiros negros que integram a embaixada e que são alvo de um comentário irónico mas carregado de preconceito por parte do cardeal aragonês[87]. Tudo pretende reflectir, em síntese, a indiscutibilidade do poder régio de D. Manuel I:

> "era el Rei nosso senhor sobre todolos outros tido em maior veneração de catolico E christianissimo E bem aventurado em todas suas cousas como se amostraua pollas continuas festas que se em Roma faziam das victorias que lhe nosso senhor daua contra os Jnfiees, assi em africa como na Jndia [,] enRiqueçendo os seus E acreçentando seu estado E poderio [.]"[88]

Por outro lado, visando as demais potências europeias, em particular as emergentes (a França e a Espanha), a embaixada de 1514 possui uma grande importância institucional na medida em que dá a ver uma nova imagem (extremamente íntima, estreita e sólida, como as benesses do papa o comprovarão) da relação entre o poder político português e o poder religioso e temporal da Santa Sé. Daí que, com uma profunda conotação política, se destine a um público que não é só o das ruas de Roma mas também o dos embaixadores, agentes, mercadores e nobres estrangeiros:

> "E pera que vossa Jlustrissima senhoria veJa como as cousas de portugual erão de todos manificadas, pus aqui o trelado da carta que o senhor de carpe mandou ao emperador maximiliano sendo seu embaixador em Roma [,] no qual Vossa Senhoria veraa larguamente a maneira E louvor da embaixada E a estima dos presentes."[89]

Quer o elefante "Hanno" quer o rinoceronte "Ganda", ambos estudados por Silvio Bedini, surgem como pertinentes no âmbito do nosso estudo pelo movimento de elevada produção cultural a que deram origem. Uma produção de tal modo intensa que provoca repercussões por toda a Europa, contribuindo grandemente para a construção da

[86] *MFC*, f. 179v e f. 180r.
[87] "Por que muitos daquelles escudeiros erão negros E crespos E outros trosquiados E nam assi aluos como são os Jtalianos [,] o cardeal daraguão se cheguou ao de sena E a outros E disselhes, pareçeme que nam acostumam estes estar A sombra, E por que fazem os feitos que se delles diz, trazem estas cores. os outros se Riam." in *MFC*, f. 179r.
[88] *MFC*, f. 179v.
[89] *Ibidem.*

imagem que os europeus tinham, por um lado, de Portugal e da gesta expansionista, por outro lado, do seu rei D. Manuel I, um soberano cujo nome ultrapassou fronteiras de uma forma sem precedentes e sem continuação no futuro, pois não mais um monarca português viu o seu nome tão divulgado, e de forma tão positiva, fora dos limites do quadro da nacionalidade.

O fidalgo realça o facto de o elefante causar o espanto de todos por "ser cousa nam vista em Roma segundo se dizia do tempo de Jullio çesar, nem em toda Jtalia, senam hum que avia poucos anos que viera a lombardia, mas nam entrou em Roma nem em toda toscana"[90]. Por isso a ele se dirigiam "as Jrmãas do papa E muitos grandes senhores e senhoras (…) o papa com muitos cardeaes (…) E Jaa todolos prelados E patriarchas, arçebispos E bispos, E os embaixadores do emperador E dos Reis E a familia do papa E todas as dos cardeaes"[91].

E, reforçando a imagem de poder de D. Manuel, associa de forma directa o monarca português, por um lado, à imponência (num certo sentido, militar) do paquiderme, e por outro lado, à riqueza que o mesmo traz consigo e que revela toda a prosperidade do soberano e do seu reino: "vinha mais o alifante com albardilha de borcado sobre o qual hia hum cofre grande de çetim cremesim com lauores de crauação dourada no qual vinha metido o pontifical E ornamentos. E o dito cofre vinha cuberto de hum Reposteiro de borcado bandado de quartapisas de veludo cremesim que aRastraua pollo chão. E o alifante trazia as armas del Rei Ricamente brosladas na testa. ao pescoço huma grande campainha de prata. E o Jndio que ho guovernaua vestido de seda com hum bastão na mão guarneçido de prata."[92] Não é fortuito o facto de o espantoso animal apresentar na testa as armas reais de Portugal.

O deleite do novo pontífice para com tão singular animal, a que deu o nome de Hanno – *Annone* em italiano – e tomou durante quase três anos como mascote, é sinónimo de "conquista" da capital espiritual e cultural da Cristandade. O sucesso do elefante é o sucesso de D. Manuel e de Portugal junto da Santa Sé e perante a Europa. Roma rende-se ao maravilhoso longínquo, agora próximo pela acção dos navegadores portugueses:

[90] *MFC*, f. 178r.
[91] *MFC*, f. 178r e f. 178v.
[92] *MFC*, f. 178v e f. 179r.

> "E entrando como dito hee na Rua alexandrina [,] cheguando A ponte de sancto angelo [,] onde o papa estaua, mandou Sua Santidade que se deteuesse pera ver ho que o alifante fazia. o Jndio lhe fez fazer muitas mesuras E dar bramidos E tomar aguoa na tromba E deitala aos que o papa mandaua. E deitaramlhe ducados no chão tomauaos com a tromba E dauaos ao Jndio E assi outras moedas dahi pera baixo. E de o alifante entender E fazer todo o que lhe o Jndio mandaua erão o papa E os cardeaes marauilhados. despois de lhes o papa dar licença, passaram a ponte E forão por a Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo. E cheguando ao campo de frol tomaram a via de Roma a velha onde eram as ditas suas pousadas. E cheguados a ellas se despediram daquelles senhores que os acompanhauam."[93]

Nos primeiros momentos da sua presença em Roma, o elefante foi mantido nos jardins papais do palácio de Belvedere, passando depois para um edifício propositadamente construído para o efeito, situado entre a Praça de São Pedro e o corredor que ligava o Palácio Apostólico ao Castelo de Santo Ângelo (posteriormente e durante algum tempo, este espaço denominar-se-ia *Borgo dell'Elefante*).

Em pouco tempo, o elefante tornou-se num favorito da corte papal, entretendo e participando em procissões. O seu impacto em Roma foi tal que se tornou tema nas artes e nas letras ao longo dos séculos seguintes. Foi, sem dúvida, o elemento da embaixada que mais impressionou a multidão de Roma e a corte de Leão X. Mais, inclusive, do que o fausto dos embaixadores ou as restantes oferendas, em particular os tesouros. A carta de agradecimento de Leão X a D. Manuel, datada de 11 de Maio de 1514, pela embaixada é a melhor prova deste facto. Nela, o pontífice revela o seu agrado, bem como o da sua corte e do povo romano, pela extraordinária delegação e, em particular, pelo elefante, notável testemunho das ricas terras longínquas ganhas pelos portugueses para a comunidade cristã:

> "(…) Mas foi o elefante que provocou o maior espanto em toda a gente, pelas memórias que evocava do passado antigo, dado que a chegada de bestas semelhantes era bastante comum nos dias da Roma Antiga. Embora não mais tivessem sido vistos nos séculos que se lhe seguiram, durante os quais a nossa cidade perdeu o seu esplendor. A docilidade de Anone é maravilhosa, porque obedece a todos os sinais do treinador. Ficamos quase tentados a acreditar nas afirmações dos idólatras que pretendiam existirem afinidades entre estes animais e o ser humano. A visão deste quadrúpede

[93] *MFC*, f. 179r.

> proporciona-nos grande divertimento e tornou-se objecto de extraordinária maravilha para o nosso povo."[94]

De reter nesta missiva papal, por um lado, a apresentação do elefante Hanno como símbolo do retorno a uma idade de ouro, a idade do império romano; por outro lado, a referência ao animal enquanto materialização (pode ler-se também "desmistificação") de um conceito apenas conhecido por intermédio de terceiros, seja através de relatos ou de representações iconográficas (trata-se das representações puramente medievais, que ficam assim ultrapassadas no seu sentido último de tentativa de ordenação de um mundo que, tido fora das fronteiras da Cristandade, nada mais era do que um anti-mundo, ou seja, um cenário caótico e desordenado, completamente hostil à existência humana)[95].

Marcantonio Casanova, Janus Vitalis Panormitanus, Joachim Cipellus, B. Blosio, Pietro Curzio, Lancellotus Politus, D. Dardanus, Camillo Portio, Evangelista Fausto Maddaleni de' Capodiferro, Giovanni Capitone Aretino, Bartolomé de Torres Naharro, Aurelio Sereno, Alberto de Carpi (embaixador do imperador Maximiliano), Paulo Giovio (biógrafo do papa), Lippomano (embaixador de Veneza), Fabronio, (igualmente biógrafo papal), Paride de Grassi (mestre-de-cerimónias na corte de Leão X), Jacopo Sadoleto, Sanuto, Giampietro Piero Valeriano, Polidoro di Albrizzi, Sebastião Branca Tedallini, J. Cipellus e B. Blosio foram alguns dos prestigiados escritores coevos, que, da política à poesia, comemoraram a missão de obediência portuguesa bem como a chegada a Roma do elefante Hanno[96]. Vieram então à luz poemas e escritos diversos, quer dedicados a Hanno quer celebrando o rei D. Manuel e a gesta portuguesa além-mar.

O próprio Leão X redigiria um epitáfio para colocar no memorial ao elefante Hanno concebido, a seu pedido, por Rafael Sanzio (1483-1520), ícone do Renascimento

---

[94] *In* Silvio A. Bedini, *The Pope's Elephant*…, op. cit., pp. 56-57. É notória a influência de Plínio, *o Velho* e também de Isidoro de Sevilha nesta referência às capacidades extraordinárias dos elefantes: ""Los elefantes están dotados de una gran inteligencia y memoria." *in* San Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, vol. II (liber XII: *De animalibus*), Jose Oroz Reta y Manuel A. Marcos Casquero (ed.), Editorial Católica, Madrid, 1983, p. 73; Cf. Pliny, *Natural History*, books VIII-XI, vol. III, Harvard University Press, 1958-1962.

[95] Cf. Helena Barbas, "Monstros: o rinoceronte e o elefante. Da ficção dos bestiários à realidade testemunhal" in *Actas do V Encontro Luso-Alemão*, Colónia e Lisboa, Universität zu Köln and Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2000, pp. 105-106

[96] Cf. Silvio A. Bedini, *The Pope's Elephant*…, op. cit., pp. 59-63 e 238-240.

italiano e artista de eleição do pontífice. O memorial foi colocado na parede à entrada do Vaticano encontrando-se hoje perdido (ver figura 16).

No texto pode ler-se:

"D. M.

MONTE SVB HOC ELEPHAS INGENTI CONEGOR INGENS

QUEM REX EMANVEL, DEVICTO ORIENTE, LEONI

CAPTIVVM MISIT DECIMO; QVEM ROMVLA PVBES

MIRATA EST ANIMAL, NON LONGO TEMPORE VISVM

VIDIT. ET HVMANOS IN BRVTO PECTORE SENSVS

INVIDIT LATII SED MIHI PARCA BEATI,

NEC PASSA EST TENEROS DOMINOS EMVLARIER ANNOS

AT QVAE SORS RAPVIT NATVRAE DELITA NOSTRAE

TEMPORA, VOS, SVPERI MAGNO ACCVMVLATE LEONI.

VIXIT ANNOS VII

OBIIT ANGINIE MORBO

ALTITVDO ERAT PALM XII

IO. BAPTISTA BRANCONIVS AQVILANVS

A CVBICVLO ET ELEPHANTIS CURAE PRAEFEC

POSVIT

M. D. XVIII. IVNII

LEONIS X. PONT. ANNO QVARTO

RAPHAEL VRBINAS QVOD NATVRA ABSTVLERAT

ARTE RESTITVIT"[97]

[97] "Sob esta grande colina jaz enterrado
Poderoso elefante que El-Rei Manuel,
Tendo conquistado o Oriente
Enviou cativo ao Papa Leão X,

Igualmente inspirado no precoce desaparecimento do elefante, o escritor Pietro Aretino (1492-1556) redigiu um panfleto intitulado *A Última Vontade e Testamento do Elefante Hanno*, onde satirizava os protagonistas políticos e religiosos de então, incluindo o próprio Leão X seu protector e admirador. Foi imediato o sucesso do escrito, que em muito contribuiu para o cognome atribuído a Aretino de *O Flagelo dos Príncipes.*

Paolo Giovio (1483-1552) na sua célebre obra dedicada aos varões ilustres, precisamente no capítulo relativo a Tristão da Cunha, apresentará o elefante como notável expressão do poderio de D. Manuel e grande protagonista de um ambiente único em Roma:

> "Com estas honrradas canas, y fresca y verde vegez, vestido de vna ropa recamada de ricas perlas, reluziente con mucha noble pedreria, adereçado mas luzida y superbamente que nadie puede dezir, vi à Tristan de Acuña, embaixador de don Manuel Rey de Portugal, quando trayendo delante vn Elephante, entro en Roma por la puerta de Sant Sebastian ostentando los tropheos de la victoria dela India, y trayendo presentes al Papa Leon, para dar le el para bien del Pontificado que la diuina prouidencia para felicidad de aquel siglo le auia dado, y dar le religiosamente la obediencia, como a principe de la religion electo legitimamente. (…) Pero el Elephante, que venia adereçado con vnas cubiertas doradas, y con vna silla alta en que venian vnos Indios, conuertio en si los ojos del pueblo, que se marauillaua. Porque el Elephante tendiendo la trompa, sin hazer mal a nadie, yua jugando, y haziendo mudanças segun las consonancias que vnas flautas hazian. Marauillaron se los Romanos, y pueblos de la Campaña, de que vna tan gran bestia, tuuiesse ingenio tan docil, y sentido tan proximo al humano.

Que o povo romano maravilhou,
Uma besta não vista há muito tempo.
E no meu bruto seio perceberam sentimentos humanos.
O destino invejou a minha residência na bendita Latium
E não teve a paciência de me deixar servir o meu senhor três anos completos.
Mas eu desejo, ó deuses, que o tempo que a Natureza me deu,
E o Destino me arrebatou,
O acrescentem à vida do grande Leão.
Ele viveu sete anos
Ele morreu de angina
Ele media doze palmos de altura.
Giovanni Battista Branconio dell'Aquila,
Camarlengo privado do Papa
E provoste da guarda do elefante,
Eregiu este em 1516, a 8 de Junho,
No quarto ano do pontificado de Leão X
O que a Natureza arrebatou,
Rafael de Urbino com a sua arte restaurou."

> Por que obedecia las bozes del maestro, que con vna vara de hierro le mandaua, y sabia con cierto meneo, hazer reuerencia al Papa, y a los hombres de habito principal, y jugar con los mochachos, que se le ponian al derredor. Pero este Elephãte, que era deleyte y alegria publica, no biuio dos años (o fue del ayre Romano, o de comer viandas differentes que solia) y assi vaziandose de camaras, murio en pocos dias. Sintio el pueblo su muerte, como si muriera vn principal ciudadano, viendo que el alegria publica, que tanto honrraua la fama y autoridad de la corte, se auia acabado con la temprana muerte deste animal, que de ordinario suele biuir mucho. Por esto el Papa Leon, pessando le de su muerte, mando lo pintar al biuo, con su misma proporcion, cabo la torre del palacio, para con la pintura, mitigar el desseo del pueblo (…)." [98]

Mas muito depois da sua morte, o elefante Hanno continuou a despertar emotivas recordações por parte dos artistas europeus. É o caso de Malespini Pasquale que num poema célebre imortaliza o momento em que o elefante se prostrou perante o pontífice:

> "Uno alfante vivo et naturale
> al padre santo il re portogallese
> mandato ha in dono come liberale,
> magnanimo, gentil, dotto e cortese:
> tam c'hoggi il nome suo fato immortale
> chiaro risuona per ogni paese;
> et si regna felice nel suo stato.
> Como vera virtufal'huom beato.
> A belvedere inanzi al gran pastore
> condotto il lionfante accostumato
> balló com tanta gratia et tanto amore,
> che meglio appena havrebbe un huom ballato:
> et poi col suo trombon tanto rumore
> fece, che'l luogo tutto hebbe intronato
> si stese in terra con la schiena; et poi
> drizzo sú riverente al papa, e ai suoi."[99]

[98] Paolo Giovio, *Elogios o vidas breves de los cavaleros…*, op. cit., p. 127.
[99] Malespini Pasquale citado por José de Castro, *Portugal em Roma*, vol. I, Lisboa, União Gráfica, 1939, pp. 172-173.

Hanno foi inspiração na pintura e na escultura dos grandes artistas de Quinhentos. Rafael Sanzio pintou-o e utilizou-o largamente como tema. Também Giovanni Barili, mestre das madeiras para a basílica de São Pedro, elaborou uma reprodução sua, a única actualmente conhecida, num dos entalhamentos de uma das portas do Vaticano[100]. Giulio Romano, Giovanni da Udine, Francisco de Holanda, Maarten van Meemerskerck são exemplos de outros artistas "subjugados" ao fascínio do elefante branco, em cujas representações se recorreu aos mais diversos meios: fresco, óleo, aguarela, gesso, lápis, tinta, mármore, entalhe.

Vejamos algumas representações iconográficas paradigmáticas, coevas ou dos anos imediatamente a seguir à chegada de Hanno a Roma:



Figura 1. *A Criação do reino dos animais, onde é marcante a presença do elefante e do rinoceronte. Fresco de cerca de 1515-17 atribuído a Giovanni da Udine (1487-1564) a partir de um desenho de Rafael. Terza Loggia de Rafael Sanzio, Palácio Apostólico, Vaticano, Roma.*

[100] Cf. António Camões Gouveia, "De Lisboa a Roma para mostrar a Índia"… *op. cit*., p. 25.

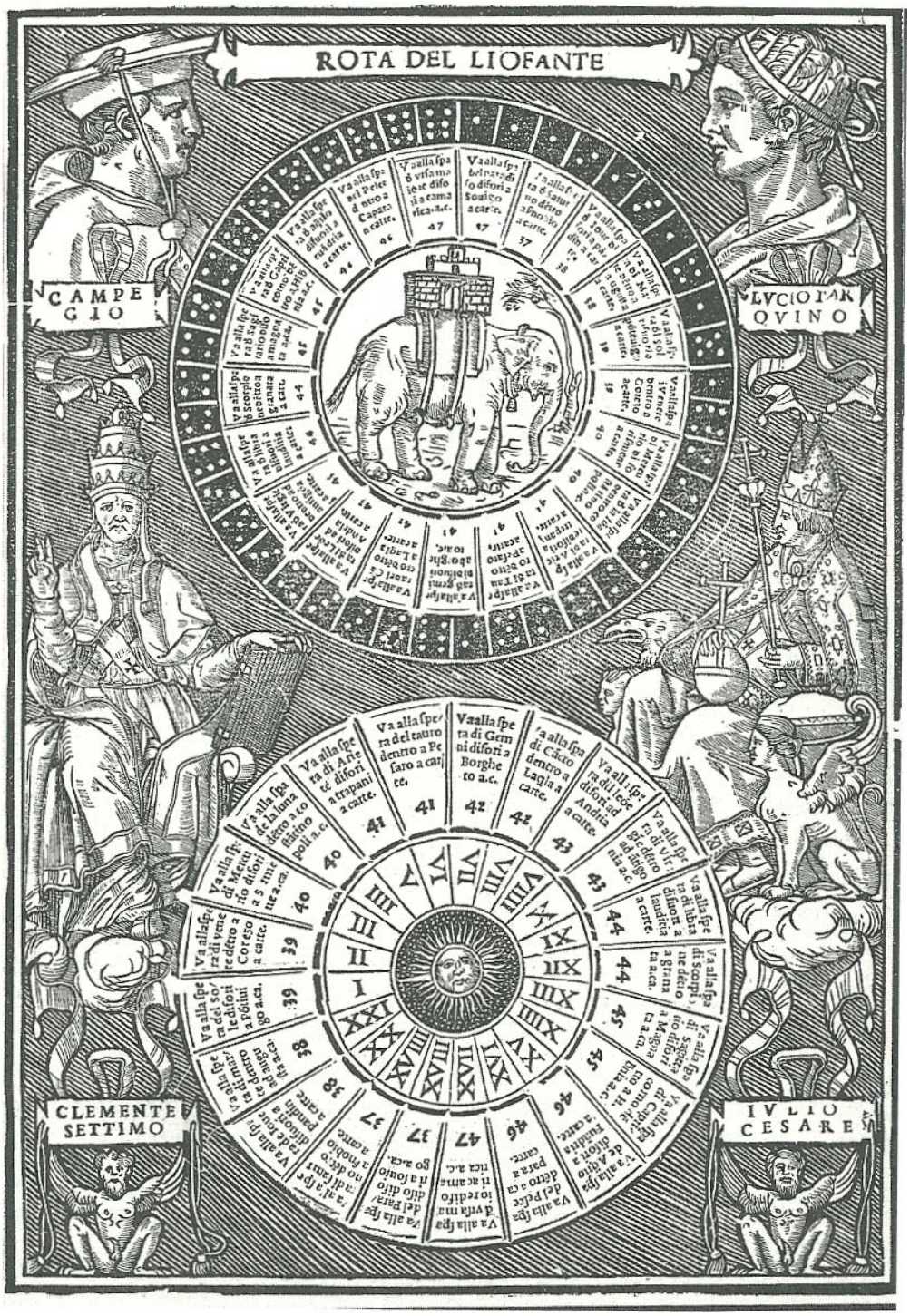


Figura 2. *"A roda do elefante". Representação de Hanno numa página do horóscopo do Papa Clemente VII, in* Triompho di Fortuna*, um volume de horóscopos da família Médici, da autoria do matemático de Ferrara, Sigismondo Fanti. Veneza, 1526.*



Figura 3. *Maiólica*[101] *de 1516, anónima (Victoria and Albert Museum, London), representando uma procissão papal, onde se destacam Leão X na sua* sedia gestatoria *e o elefante Hanno que o precede. Rodeado por cardeais e cortesãos a cavalo, bem como por músicos e membros da guarda suíça a pé, o pontífice abençoa a população com uma mão e segura uma rosa na outra.*

[101] Designação atribuída à faiança italiana do Renascimento.



Figura 4. *Pormenor com o elefante Hanno de um fresco existente numa abóbada da Terza Loggia de Rafael Sanzio (Palácio Apostólico, Vaticano, Roma). O fresco em causa é atribuído a Giovanni da Udine a partir de um desenho de Rafael (c.1515-17).*

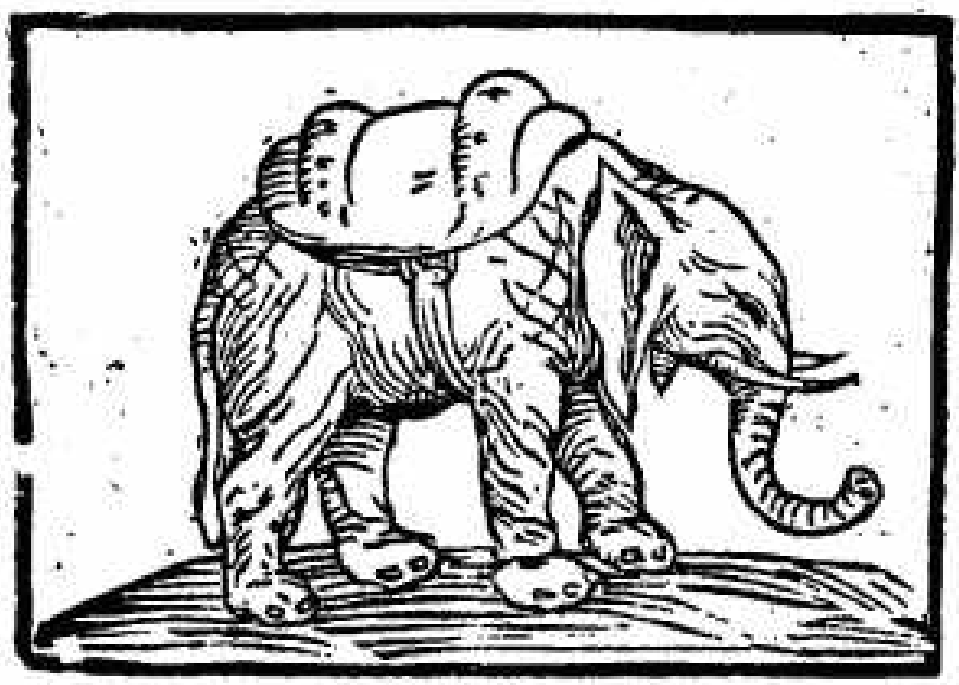


Figura 5. *Logo em 1514 Hanno é representado de forma gráfica através de uma gravura que surge na capa do panfleto intitulado* Natura, Intellecto & Costumi de lo Elephante*, da autoria de Philomathes (Roma).*

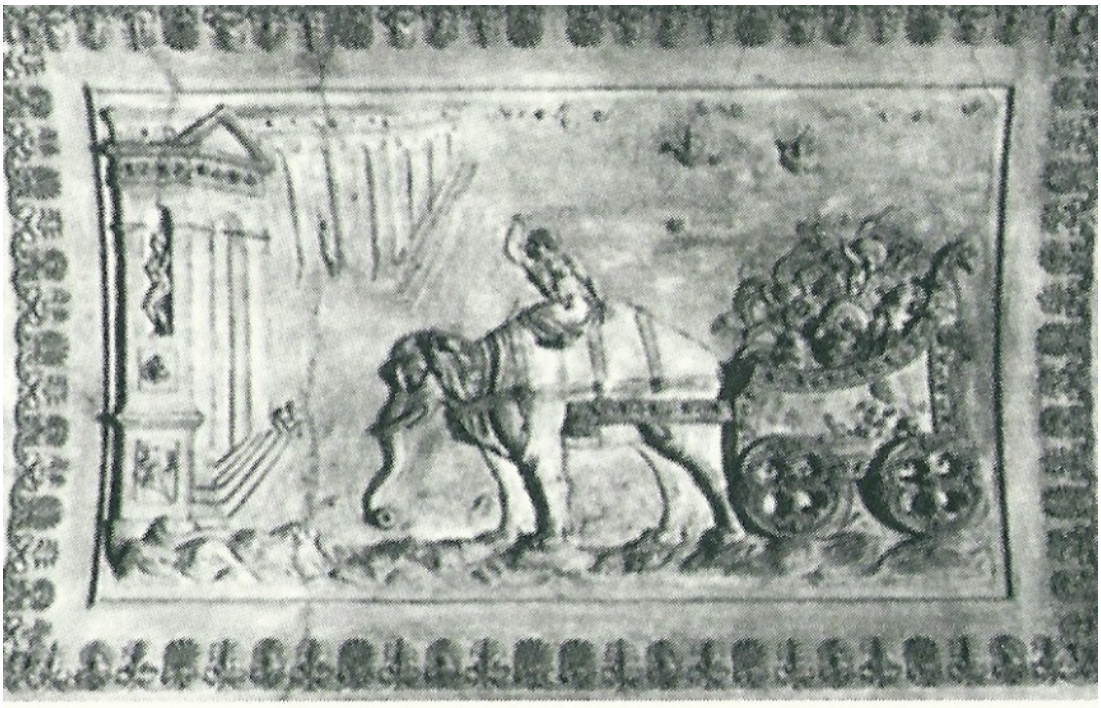


Figura 6. *Relevo em estuque com Hanno, segundo desenho de Giovanni da Udine (Roma, Átrio do Palácio Baldassini, c. 1515-1520).*

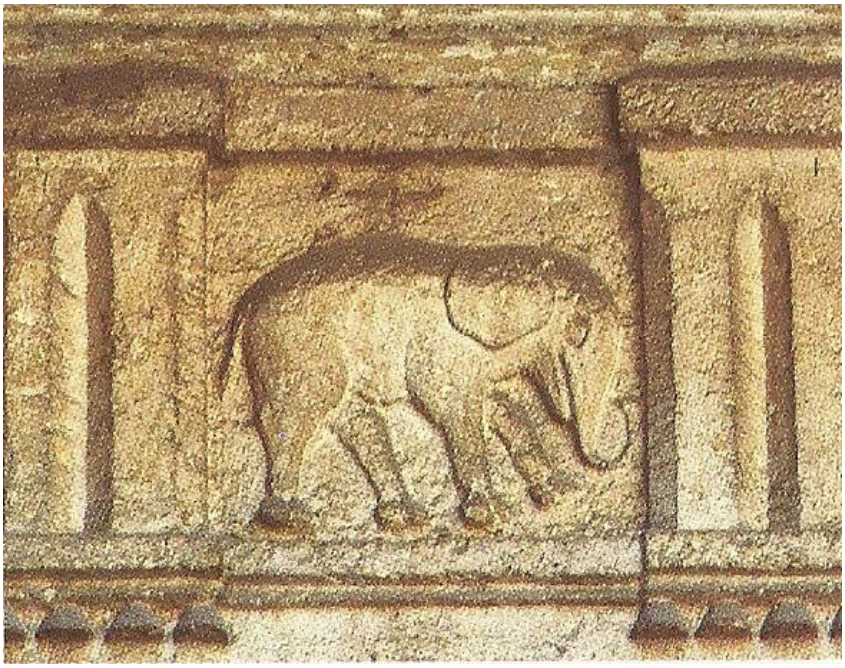


Figura 7. *Friso com o elefante Hanno (Roma, Pátio do Palácio Baldassini, 1514-1525).*



a) b)

Figura 8. a) *Entalhamentos da Porta das Estâncias de Rafael (Vaticano, Roma), da autoria de Giovanni Barili (1514);* b) *Pormenor do entalhe da Porta, onde podemos ver Hanno transportando o sexagenário Abade de Gaeta Cósimo Barrabal, um poeta com pretensões a rivalizar com Petrarca. Na verdade, Hanno acabou por ficar ligado a esta figura da Roma do início de Quinhentos.*

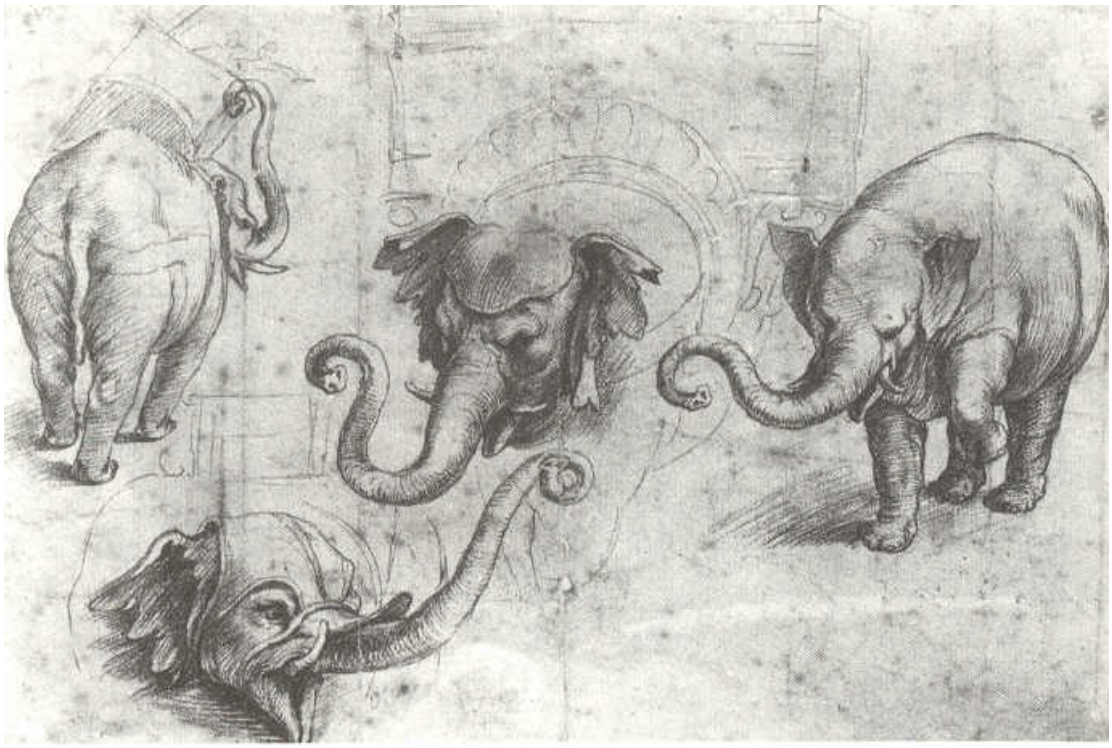


Figura 9. *Quatro esboços de Hanno extraídos de situações reais. Estas representações foram largamente copiadas por outros artistas. Inicialmente atribuído a Rafael, o desenho é hoje considerado da autoria de Giulio Romano (Department of Western Art, Ashmolean Museum, Oxford University).*



Figura 10. *Retrato seiscentista, anónimo, de Tristão da Cunha com o elefante Hanno por detrás (in* Elogia virorum bellica virtute illustrium veris imaginibus supposita, quae apud Musaeum spectantur*, de Paolo Giovio, edição publicada em Basileia em 1575). De salientar, igualmente, o chapéu decorado com pérolas e outras gemas usado no cortejo de 1514, bem como o colar de pedras preciosas. O texto que acompanha a imagem refere o seguinte: "Com estas honrradas canas, y fresca y verde vegez, vestido de vna ropa recamada de ricas perlas, reluziente con mucha noble pedreria, adereçado mas luzida y superbamente que nadie puede dezir, vi à Tristan de Acuña, embaixador de don Manuel Rey de Portugal, quando trayendo delante vn Elephante, entro en Roma por la puerta de Sant Sebastian ostentando los tropheos de la victoria dela India, y trayendo presentes al Papa Leon, para dar le el para bien del Pontificado que la diuina prouidencia para felicidad de aquel siglo le auia dado, y dar le religiosamente la obediencia, como a principe de la religion electo legitimamente."* [102]

[102] Paolo Giovio, *Elogios o vidas breves de los cavaleros…*, op. cit., p. 127.

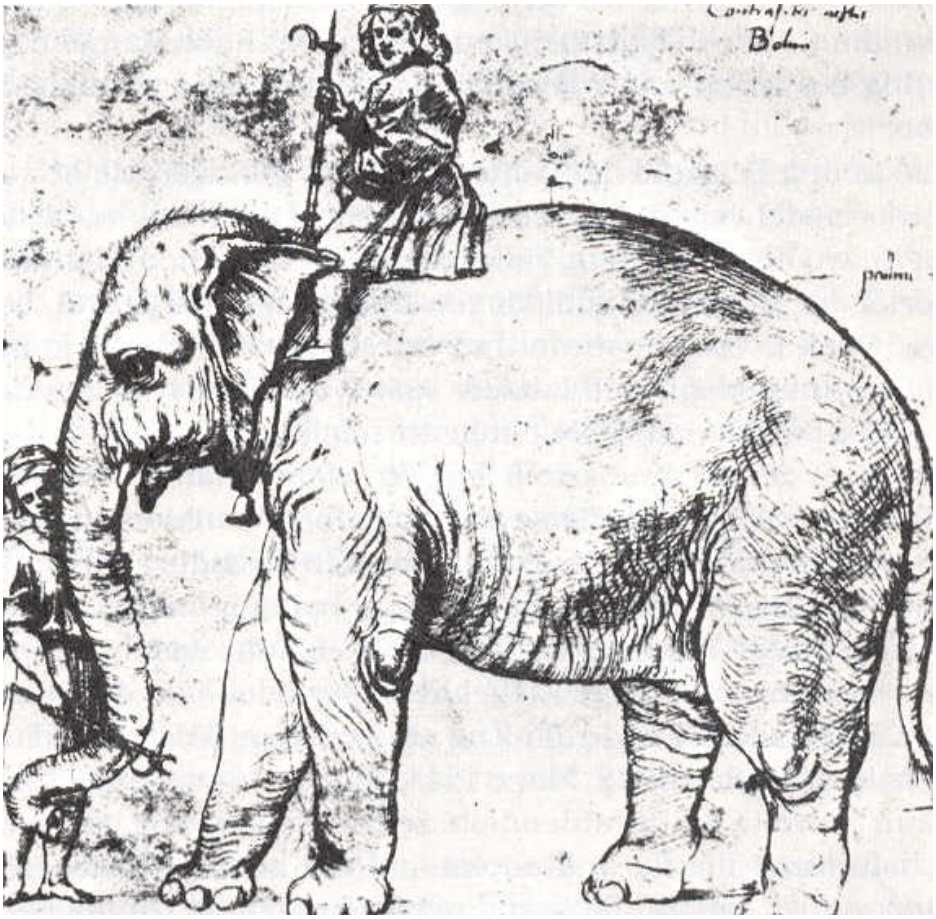


Figura 11. *Hanno com o seu cornaca montado (c.1514-16). Destaque também para o guia sarraceno que segura na tromba de Hanno. Entre Rafael e Giulio Romano, as opiniões dos especialistas dividem-se quanto à autoria (Preussischer Kulturbesitz Kupferstichkabinett, Staatliche Museen zu Berlin).*

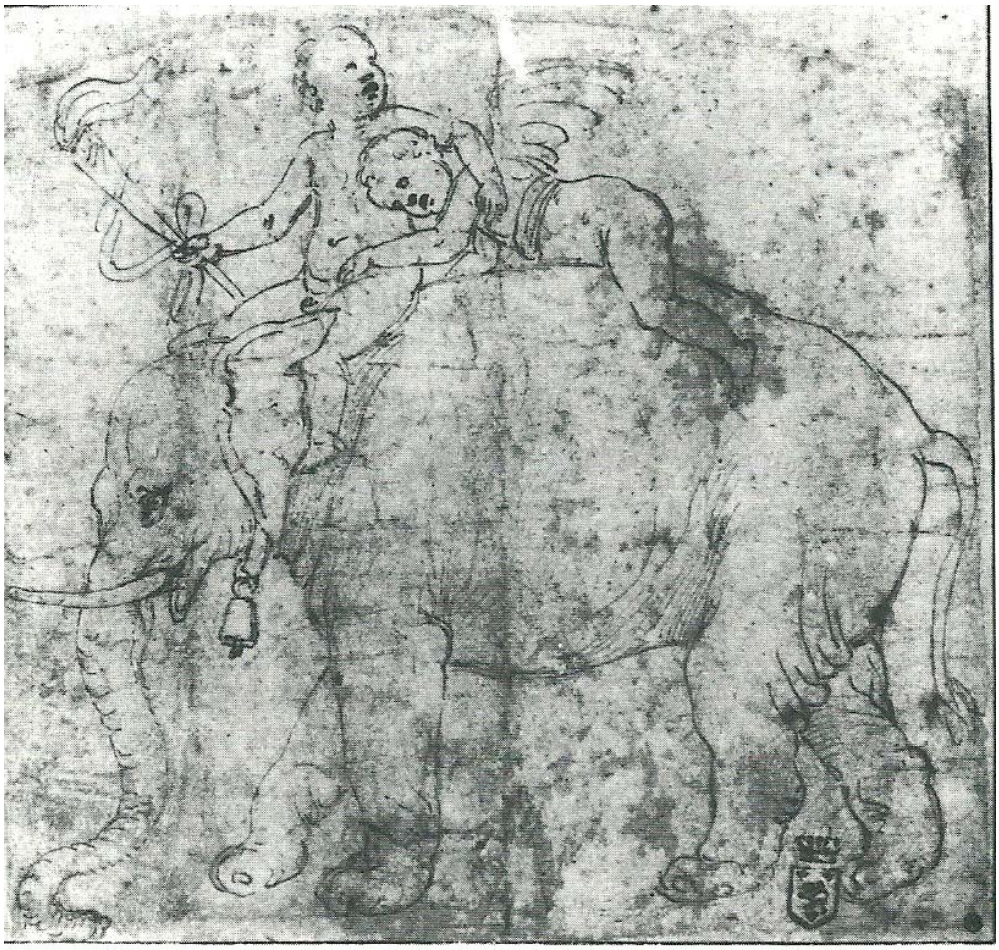


Figura 12. *Representação do elefante Hanno carregando dois* putti[103] *no dorso. Desenho de Giulio Romano, (c. 1514-16). Colecção privada.*

[103] *Putto* (*putti*, no plural) é um termo que no campo das artes se refere a um menino nu, quase sempre de sexo masculino e representado frequentemente com asas.



Figura 13. *Representação caricatural do início de Seiscentos, anónima, que retrata o poeta Barrabal como um burro montado no dorso do elefante Hanno. Tal xilogravura pode ter as suas origens numa célebre narrativa popular, que conta como o poeta Barrabal, no dia da sua consagração em Roma, quando atravessava a Ponte Sant'Angelo no dorso de Hanno em direcção a Campidoglio, foi derrubado pelo animal que o considerou demasiado vaidoso. Segundo a mesma narrativa, após atirar o poeta ao chão, Hanno regressou condignamente ao seu estábulo perante o regozijo de todos quanto assistiam ao evento. O facto foi objecto de caricatura e sátira pública por parte de figuras como Pasquino, Pedro Aretino e o próprio Maquiavel. Alargando a perspectiva, podemos ver nesta representação caricatural do elefante Hanno uma sátira incisiva à cúria romana e aos poderes coevos.*



Figura 14. *Representação anónima do elefante Hanno com o seu mahout (século XVII). Musée des Beaux-Arts, Angers.*

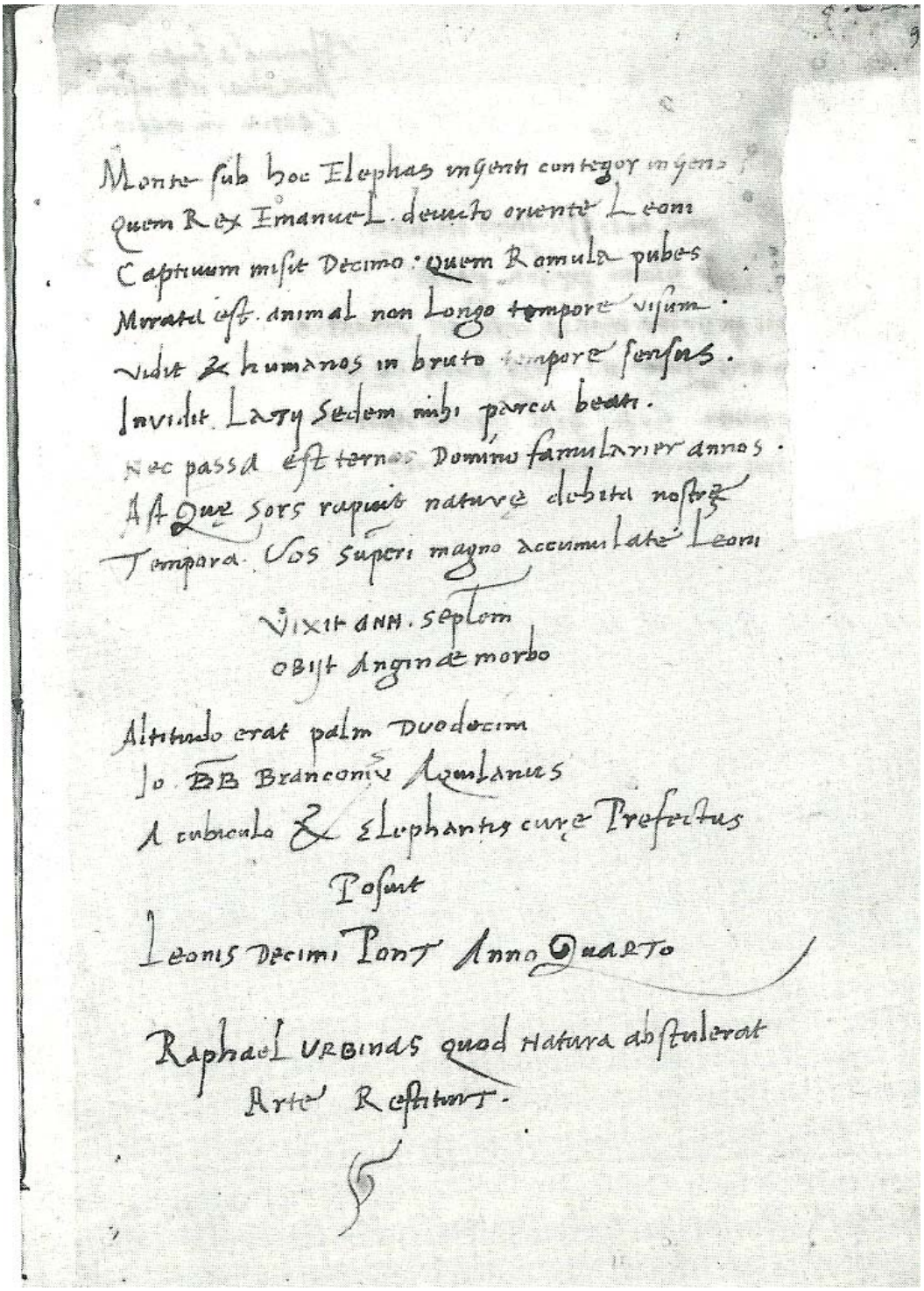


Figura 15. *Manuscrito do epitáfio de Hanno no* Cod. Ottob. lat. 2967, fol. 94r, *de autor desconhecido (Biblioteca Apostolica Vaticana).*

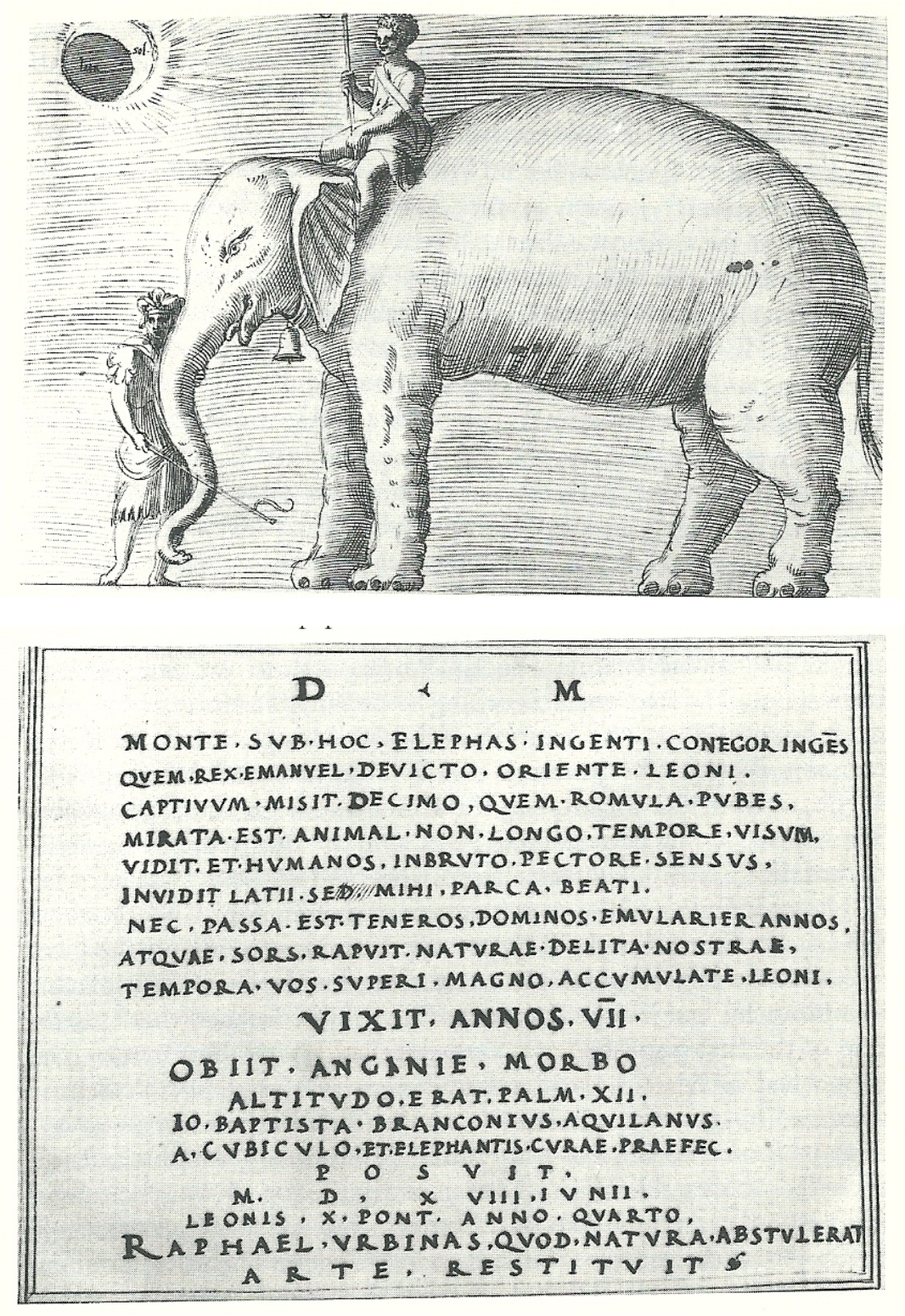


Figura 16. *Fresco memorial de Hanno criado por Rafael e para o qual o próprio pontífice compôs o epitáfio, que o humanista e pintor português Francisco de Holanda (c.1517-1585) reproduziu no seu caderno de anotações cerca de 1538-1540, durante a sua passagem por Roma (Biblioteca del Real Monasterio San Lorenzo, El Escorial, Madrid).*

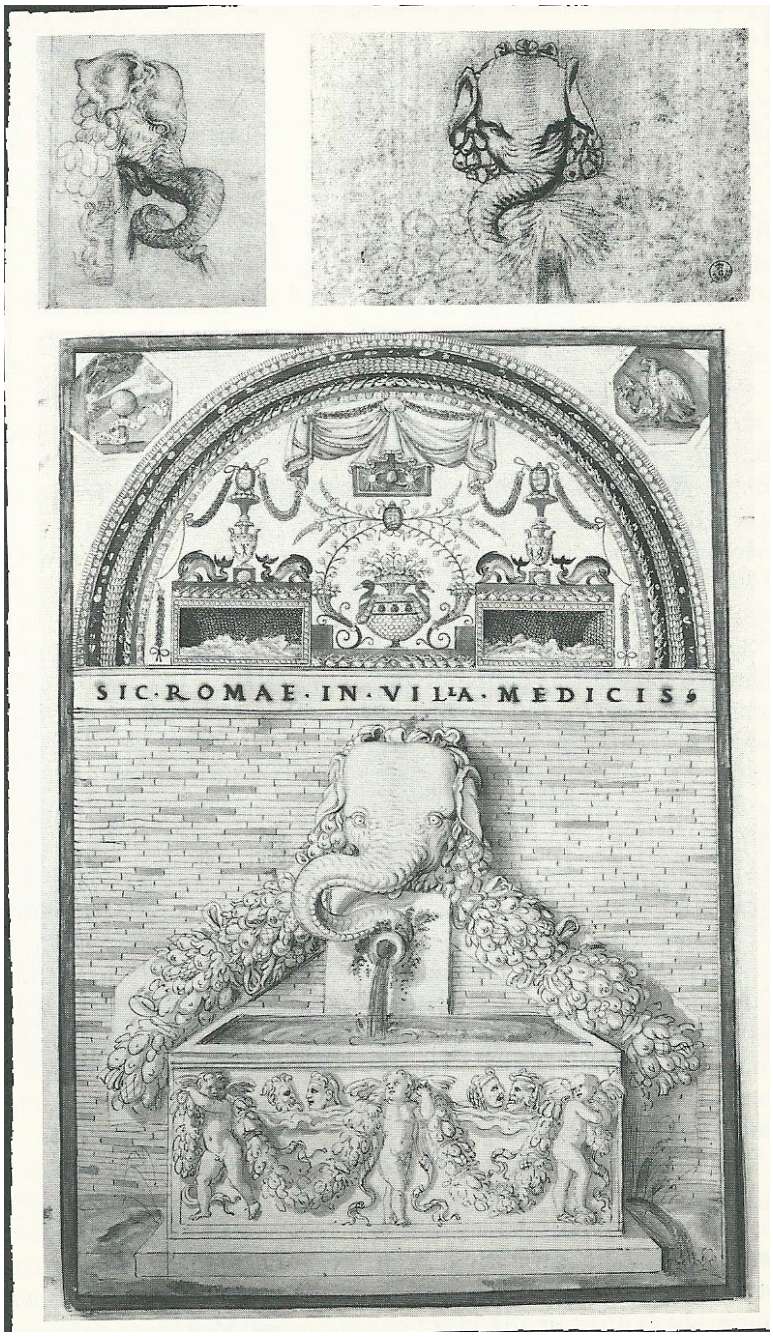


Figura 17. *Três perspectivas da fonte do elefante no jardim de Villa Madama, em Roma, da autoria de Giovanni da Udine. O desenho do canto superior esquerdo é de Maarten van Meemerskerck, elaborado durante uma visita do artista a Roma no início do século XVI (Preussischer Kulturbesitz Kupferstichkabinett, Staatliche Museen zu Berlin); a representação do canto superior direito é do próprio Giovanni da Udine (Galleria degli Uffizi, Florença); a imagem inferior é um desenho de Francisco de Holanda, feito durante a sua permanência temporária em Roma entre 1538 e 1540 (Biblioteca del Real Monasterio San Lorenzo, El Escorial, Madrid).*

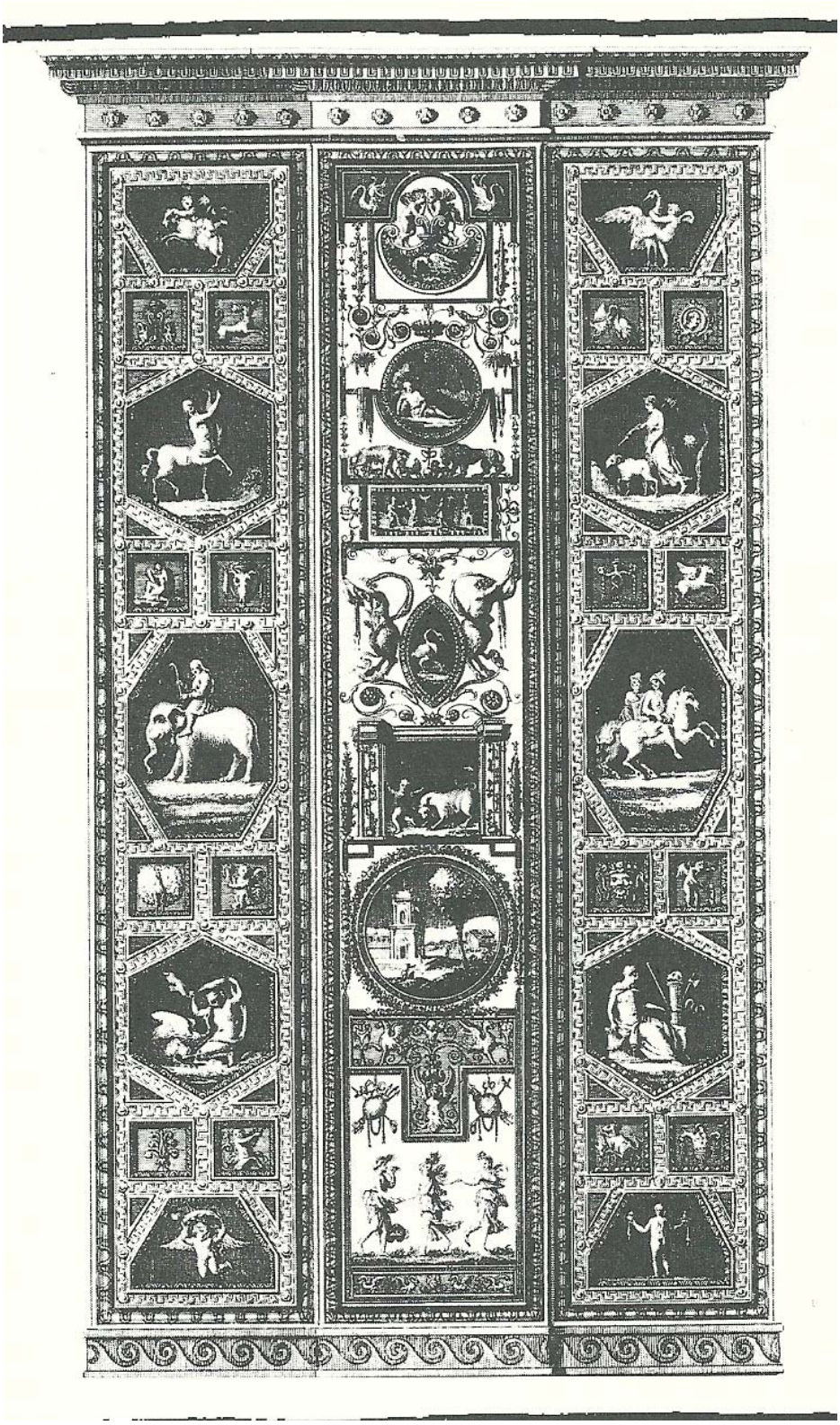


Figura 18. *Painel decorativo em três partes na Loggie de Raffaello, e que apresenta Hanno num medalhão. Desenho atribuído a Rafael e execução atribuída a Giovanni da Udine. In* Ornatti delle Loggie del Vaticano*, de Carlo Lasinio (Roma, início do século XIX*).



Figura 19. *Desenho de Hanno com o poeta Barrabal no dorso caminhando do Vaticano para Campidoglio. Artista desconhecido (século XVI), in* Cod. Barb. lat. 4410, fol. 32. *A legenda escrita em italiano afirma que o desenho foi elaborado a partir de uma representação existente no palácio do Vaticano – muito provavelmente a apresentada anteriormente e que surge nos entalhamentos da Porta das Estâncias de Rafael –, a qual vem referenciada na obra* Elogia *de Giovio.*

Como podemos verificar, a proliferação de representações do elefante Hanno exprime o sucesso da projecção do paquiderme no imaginário dos artistas que aí encontraram um símbolo extraordinário de uma época e do seu espírito. Podemos, pois, afirmar que o elefante (ou mais especificamente a sua projecção mental) encerra em si os elementos definidores da embaixada no seu todo: festa, espectáculo, propaganda ideológica e poder.

Mas o fidalgo de Chaves dá também notícia, ainda no quadro da embaixada de obediência a Leão X, do envio a Roma por D. Manuel de uma segunda delegação diplomática, onde merecia grande destaque o famoso rinoceronte indiano[104] oferecido pelo rei de Cambaia, em 1514, a Afonso de Albuquerque (1453-1515), então governador do Estado Português da Índia[105].

Infelizmente, o papa nunca chegou a ver o exótico animal vivo, pois a embarcação que o transportava naufragou na costa italiana, em 1516[106]:

> "el Rei de França foi loguo hi (…) E chegou a marselha a tempo que vio a nao del Rei de portugual em que mandaua ao papa o Roinaçerom com outras Ricas Joias, o qual Ja a Rainha sua molher fora ver. diziasse que esta fora a causa por que se a nao perdeo esperando mais do que convinha pera segura naueguação, por que se meteo muito o Jnverno E naveguando pera Roma perdeosse com tempestade atraves das Jlhas deRadeiras. da Riqueza que leuaua se fala muito em Roma. E muitos foram desta perda tristes polla parte dos presentes que esperauam."[107]

Pelas palavras do autor podemos vislumbrar a enorme expectativa que rodeava a chegada desta nau a Roma. Tal suspense tem, sem dúvida, o seu fundo no facto de a embaixada anterior ter tido um impacto na população de Roma sem precedentes. Desde os longínquos tempos do Império romano que a cidade eterna não assistia à apresentação de tão estranhos e bizarros animais pelas suas buliçosas ruas. Até o

[104] Conhecido por "Ganda".
[105] Em 1514, Afonso de Albuquerque enviou embaixadores ao Sultão Muzafar II de Cambaia, pedindo autorização para a construção de uma fortaleza em Diu. A missão não teve sucesso, contudo registou-se a tradicional troca diplomática de oferendas, a qual incluiu um rinoceronte indiano. Albuquerque decidiu enviar o rinoceronte ao Rei D. Manuel I (chegou a Lisboa no dia 20 de Maio de 1515), que por sua vez o enviou como presente ao Papa Leão X. Cf. Silvio A. Bedini, *The Pope's Elephant…*, op. cit., p. 112.
[106] Viu-o, posteriormente, mas empalhado, o que ainda assim lhe causou grande espanto, nas palavras do embaixador D. Miguel da Silva.
[107] *MFC*, f. 211v.

poderoso rei de França – que vinha da campanha pela conquista do ducado de Milão, em Setembro de 1515, contra a Liga Santa promovida por Leão X (batalha de Marignano) – deslocou-se rapidamente a Marselha para ver o animal que o soberano português enviava ao papa. Isto para além de, como o autor indica, todo um manancial de "outras Ricas Joias" que compunha as oferendas ao pontífice.

Certamente inspirada no monumental sucesso da antecessora embaixada zoológica a Leão X, esta segunda delegação visava, sem dúvida, num subsequente movimento diplomático, intensificar os esforços para a concretização satisfatória de um ambicioso e solidamente programado projecto político internacional, cujo ponto-chave – atingidos plenamente os anteriores objectivos de 1514 – residia agora em "pressionar" o papado a tomar uma decisão em favor de Portugal na sensível questão da posse das ilhas de Maluco e da demarcação das zonas de influência no Extremo-Oriente e no oceano Pacífico.

Por outras palavras, estamos sobretudo perante uma tentativa diplomática do monarca português de desenvolver pressões políticas no Vaticano, pois, apesar de todas as vicissitudes provocadas pelo desenvolvimento das *Guerras de Itália*, o papado continua à época a representar a autoridade supra-nacional na *Republica Christiana* e, consequentemente, a assumir a figura de árbitro nas grandes contendas geopolíticas de então entre as principais nações cristãs, como por exemplo relativamente à partilha do mundo entre Portugal e Castela-Aragão.

A partir do momento em que o castelhano Vasco Nuñez de Balboa (1475-1519) avistou o *Mar del Sur*, mais tarde baptizado de oceano Pacífico, atravessando o istmo do Panamá (Setembro/Outubro de 1513), a corte portuguesa ficou consciente de que a sua posição de potência europeia dominante no outro lado do globo estava comprometida. Em simultâneo, chegado o final do ano da coroação do novo papa, a corte romana estava sensibilizada para esta delicada questão da contenda entre portugueses e espanhóis em tão longínquas paragens. O problema residia em que os castelhanos tinham agora uma rota potencial, alternativa à portuguesa, para atingirem as ilhas das especiarias, bem como a China.

Não querendo perder a oportunidade de garantir o favoritismo do novo pontífice nesta contenda, D. Manuel aproveitou todo o recente apoio publicamente demonstrado pela cúria para enviar uma nova embaixada, agora centrada na oferenda de uma figura

mítica medieval – o rinoceronte –, que para mais era vista como o inimigo mortal do elefante já estante em Roma.

O soberano português visava assim, surpreendendo politicamente o poderoso país vizinho, fazer pender para o lado de Portugal a balança de uma disputa diplomática que se revelava da máxima importância geoestratégica, pois estava em causa consumar um feito diplomático equivalente ao Tratado de Tordesilhas, desta feita para a extremidade oriental do continente asiático e para o oceano Pacífico, através da demarcação de um meridiano entre as zonas de influência portuguesa e espanhola. O propósito último seria, pois, assegurar o domínio incontestável das ilhas das especiarias situadas para além de Malaca, as Molucas, e possibilitar o acesso livre às costas de Cataio e de Cipango, estabelecendo, na sequência, estratégicos entrepostos comerciais – e se possível militares – nestas paragens mais distantes do mundo. Seria a concretização de uma parte importante das já referidas ambições imperiais manuelinas[108].

Apesar de Roma não ter assistido à entrada do "Roinaçerom" no seu espaço, esta oferenda não deixou de ter impacto na cultura europeia da época. Com efeito, tal evento proporcionou a circulação de um largo número de notícias, constituindo o ponto alto deste fenómeno de divulgação cultural o célebre desenho de Dürer (1471-1528)[109]. Mostrando um animal nunca visto na Europa desde a Roma dos Césares, a imagem criada pelo gravador, pintor e ilustrador alemão, foi largamente reproduzida e divulgada por toda a Europa. De salientar que o desenho vinha acompanhado de uma extensa legenda, indicando a primeira linha que o animal fora oferecido ao rei de Portugal. Era, pois, através deste poderoso monarca, a quem reis distantes faziam oferendas tão raras quanto ricas e exóticas, que a Cristandade acedia às estranhas maravilhas naturais do mundo que por esta altura sucessivamente se revelavam aos europeus[110].

Após chegar a Lisboa, o animal foi examinado por curiosos e estudiosos, tendo sido enviadas para toda a Europa cartas pessoais com descrições da fantástica criatura que acabava de pisar solo europeu. Emblemáticas são duas missivas enviadas poucas semanas após a chegada do animal à capital portuguesa. Uma da autoria de Valentim Fernandes (14[??] -c.1518), membro da comunidade germânica em Lisboa, enviada

[108] Cf. Luís Filipe Thomaz, "L'Idée Impériale Manuéline", *op. cit.*, pp. 35-103.
[109] Em 1512, Dürer ascendeu ao cargo de pintor de corte de Maximiliano I. Perfeitamente imbuído do espírito humanista do Renascimento, contactou com diversos pintores e homens de letras, nomeadamente Erasmo de Roterdão.
[110] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.*…, op. cit., p. 316.

para um anónimo mercador de Nuremberga; e outra igualmente enviada para um desconhecido mercador de Nuremberga, que inclui uma descrição do rinoceronte e um esboço do mesmo, e que acabou por chegar às mãos do artista alemão Albert Dürer. Nesta última destaca-se a seguinte passagem, parte da qual Dürer irá reproduzir no topo da sua célebre xilogravura:

> "No primeiro de Maio de 151… [ano ilegível] foi enviado ao nosso rei de Portugal vinda das Índias Orientais para Lisboa, um animal vivo chamado rinoceronte. Por forma a dar-lhe uma ideia da estranheza desta besta, envio-lhe um esboço. Tem a cor de um sapo, é extremamente massivo e está coberto de conchas/escamas. Tema forma de um elefante, mas é mais baixo nalgumas partes, e é o inimigo mortal daquele. Na parte inferior do focinho traz um corno que é forte e afiado, o qual aguça nas pedras quando se aproxima de um elefante para lutar com ele. Nesta situação, corre em direcção ao elefante, colocando a cabeça para baixo na frente das patas e apontando para onde aquele tem a pele menos protegida, podendo assim ser fendida. O elefante tem muito medo do rinoceronte, porque este, para além de estar bem protegido, ser muito ágil e malicioso, quase sempre o fere. O animal é chamado *Rhynoceros* em grego e latim, e *Ganda* na Índia."[111]

A mais antiga representação europeia do rinoceronte Ganda[112] ilustra o *poemetto* atribuído ao médico e poeta florentino Giovanni Giacomo Penni (século XVI), publicado em Roma em 13 de Julho de 1515, ou seja, cerca de oito semanas após a chegada do exótico animal a Lisboa. O frontispício desta obra apresenta como título *Forma & Natura & Costumi de lo Rinocerothe stato condutto importogallo dal Capitanio de larmata del Re & altre belle cose condutte dalle insule nouamente trouate*.

[111] Cf. Silvio A. Bedini, *The Pope's Elephant*…, op. cit., pp. 119-121.
[112] Dada a tragédia, e ao contrário do elefante enviado por D. Manuel na primeira delegação, o rinoceronte nunca conheceu outra designação para além da originalmente atribuída pelos nativos da sua região natal: Ganda.



Figura 20. *Xilogravura do poemetto atribuído a Giovanni Giacomo Penni (Biblioteca Colombina, Catedral de Sevilha).*

O próprio Dürer, que nunca chegou a ver o animal, fez dois desenhos do rinoceronte em Nuremberga a partir de um rascunho e de uma descrição por escrito, ambos anónimos e integrantes da já referida correspondência enviada de Lisboa. Foi o segundo desenho (figura 22) que deu origem à célebre gravação do "*Rinoceronte de Dürer"*.



Figura 21. *Primeiro desenho de Dürer do rinoceronte de Lisboa (1515). Na legenda afirma-se erroneamente que a chegada do rinoceronte a Lisboa aconteceu em 1513. Museu Britânico, Londres.*

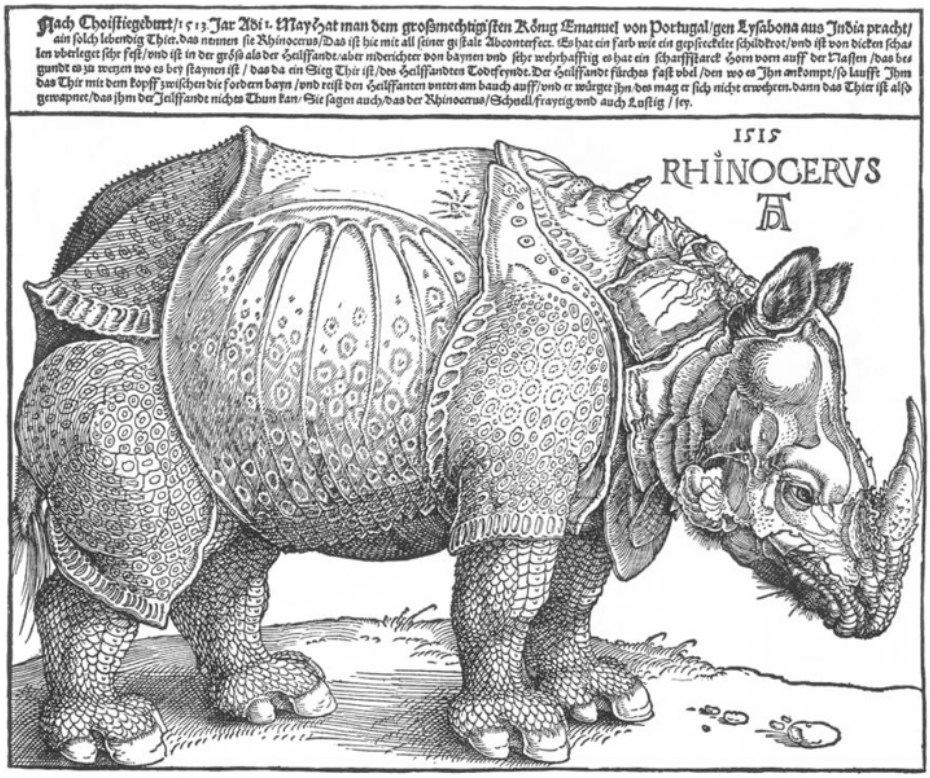


Figura 22. *Rinoceronte de Dürer (Nuremberga, xilogravura de 1515). Museu Britânico, Londres.*

Como já referimos, apesar das imperfeições anatómicas, o desenho de Dürer "fez escola", tendo sido considerado como uma autêntica representação de um rinoceronte até ao século XVIII. Enquanto representação de um animal, esta imagem de Dürer foi inequivocamente uma das mais influentes na História da Arte.

Uma segunda gravura do rinoceronte enviado por D. Manuel I a Leão X foi criada pelo pintor alemão Hans Burgkmair, o velho (1473-1531), em 1515, em Augsburg, sendo portanto contemporânea da imagem de Dürer. Burgkmair mantinha correspondência com comerciantes de Lisboa e de Nuremberga, pelo que a origem da sua gravura, tal como a de Dürer, pode residir numa missiva enviada de Lisboa para a Alemanha pouco tempo após a chegada do animal. Contudo não existem certezas quanto a esta questão. Outra hipótese é que ele próprio tenha visto o animal em Lisboa[113]. Como podemos verificar na ilustração em baixo, a imagem por ele criada está bem mais próxima do animal real que a de Dürer; no entanto será a deste último, mais fantasiosa e poderosa em termos visuais, que conhecerá a fama na posteridade através de uma larga circulação e divulgação por toda a Europa. O facto de apenas uma cópia da imagem Burgkmair ter sobrevivido revela como se eclipsou em popularidade relativamente à de Dürer.

[113] Cf. Silvio A. Bedini, *The Pope's Elephant*…, op. cit., p. 121.

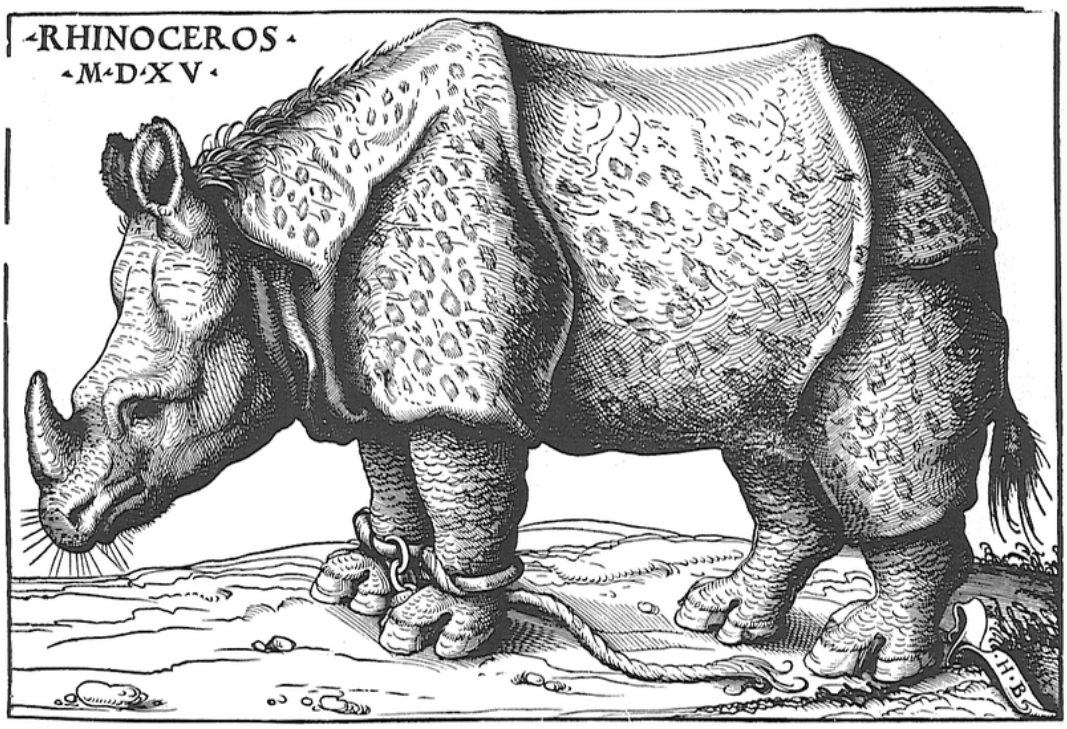


Figura 23. *Rinoceronte de Burgkmair (xilogravura de 1515). Graphische Sammlung Albertina, Viena.*

Outra imagem célebre do rinoceronte enviado a Leão X foi a criada por David Kandel (1520-1592). Este artista renascentista claramente reproduziu a imagem de Dürer. A sua xilogravura, intitulada "Rhinoceros", foi especialmente concebida para integrar a “Cosmographia” (1544) do matemático e geógrafo alemão Sebastian Münster (1489-1552).

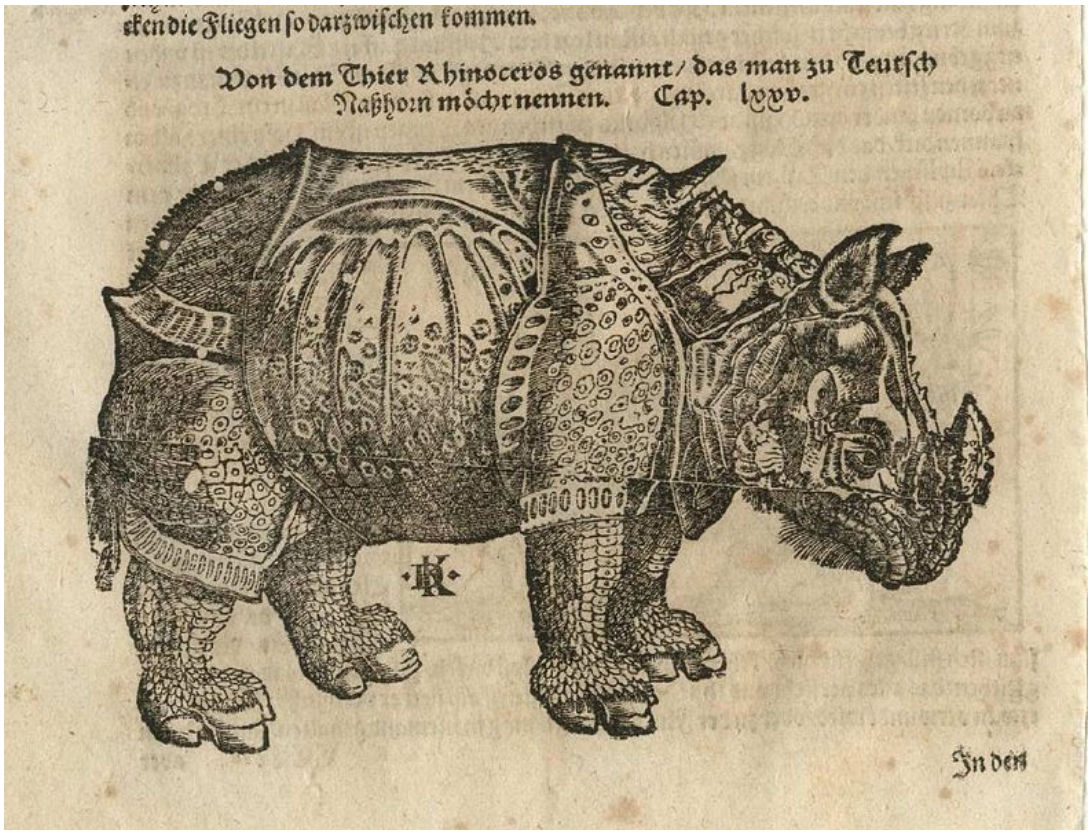


Figura 24. *Xilogravura intitulada* Rhinoceros *da autoria de David Kandel. Impressa na obra* Cosmographia *de Sebastian Münster (1544). Colecção privada.*

Em suma, tal como Hanno, também o rinoceronte Ganda deixou uma marca proeminente nas artes, pelo menos até cerca de 1579, ano em que a espécie foi novamente avistada na Europa com a chegada de um segundo rinoceronte da Índia à corte de Filipe II de Espanha. É que se o elefante era um animal impressionante, o rinoceronte vai mais além, quer em raridade, quer enquanto *mirabilia*[114].

Vejamos outras representações iconográficas particularmente demonstrativas do impacto causado pela chegada do animal no imaginário europeu coevo:

[114] Consideramos que a definição de Jacques Le Goff relativamente ao termo *mirabilia* é reveladora da especificidade e complexidade deste: "Em contrapartida, interrogo-me sobre se existiria no mundo muçulmano um termo que, *mutatis mutandis*, correspondesse ao que nós chamamos maravilhoso. O Ocidente medieval possuía um termo para isso. No tocante à cultura 'erudita', o termo *mirabilis* era empregado na Idade Média e tinha, aproximadamente, o mesmo sentido. (…) Naquilo que corresponde ao nosso 'maravilhoso', e onde nós vemos uma categoria – categoria do espírito ou da literatura –, viam os clérigos da Idade Média (e aqueles que deles recebiam a informação e a formação) um universo sem dúvidas, o que é muito importante, mas um universo de objectos: mais uma colecção do que uma categoria. (…) Os *mirabilia* não se limitam a coisas que o homem admira com os olhos (…), pois é todo um imaginário que se pode ordenar em volta desse apelo a um sentido, o da vista, e de uma série de imagens e de metáforas visuais." *in* Jacques Le Goff, *O Imaginário Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 46.

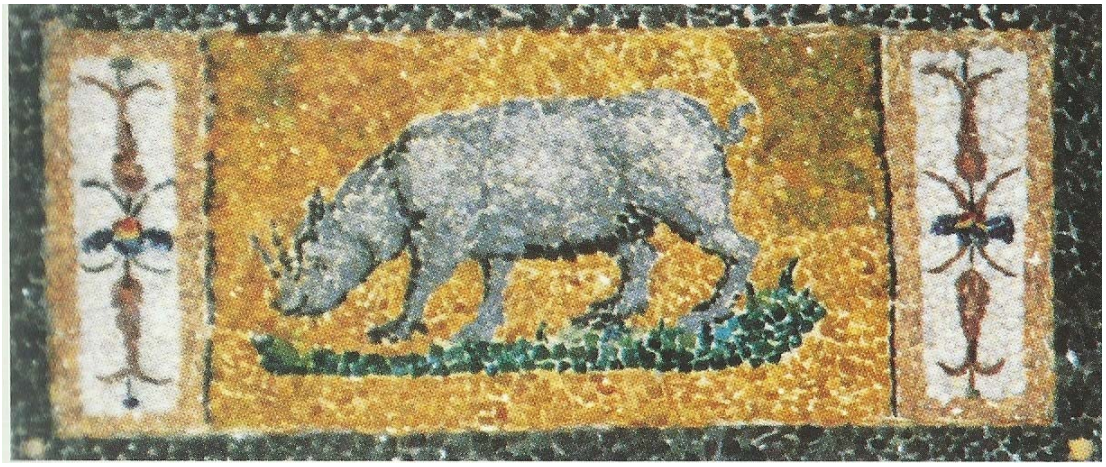


Figura 25. *Mosaico com o rinoceronte existente na* Casina *de Pio IV, também conhecida como* Villa Pia, *um edifício que está localizado dentro do Vaticano.*



Figura 26. *Rinoceronte atribuído ao pintor e arquitecto renascentista alemão Albrecht Altdorfer (c.1480-1538). O desenho surge na parte inferior de uma página do livro de orações do imperador Maximiliano I. São claras as influências de Dürer. Bibliothèque Municipale de Besançon.*



Figura 27. *Pintura do artista italiano Francesco Granacci (1469-1543) intitulada "José apresenta o pai e os irmãos ao faraó" e encomendada em 1517 para o Palácio Borgherini em Florença. A imagem inclui, ao fundo do lado direito, o rinoceronte de Lisboa. Galleria degli Uffizi, Florença.*



Figura 28. *Pormenor do rinoceronte com o seu tratador na pintura de Francesco Granacci.*



Figura 29. *Pormenor com um rinoceronte de um fresco existente numa abóbada da Terza Loggia de Rafael Sanzio (Palácio Apostólico, Vaticano, Roma). O fresco em causa é atribuído a Giovanni da Udine a partir de um desenho de Rafael (c.1515-17).*

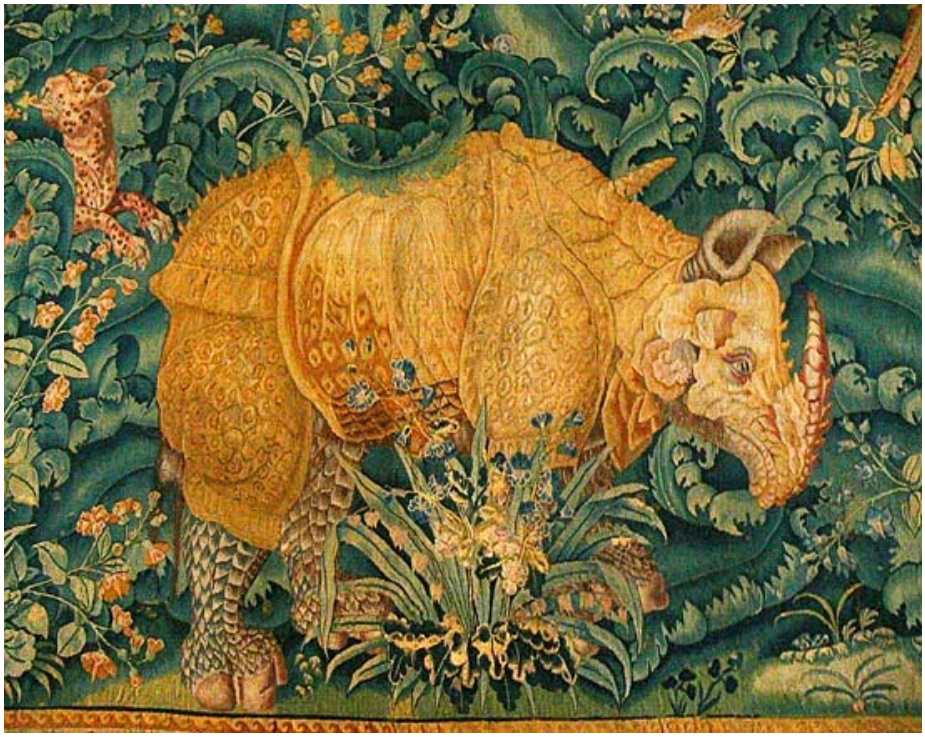


Figura 30. *O rinoceronte Ganda numa tapeçaria do castelo de Kronborg, na Dinamarca (c. 1550).*

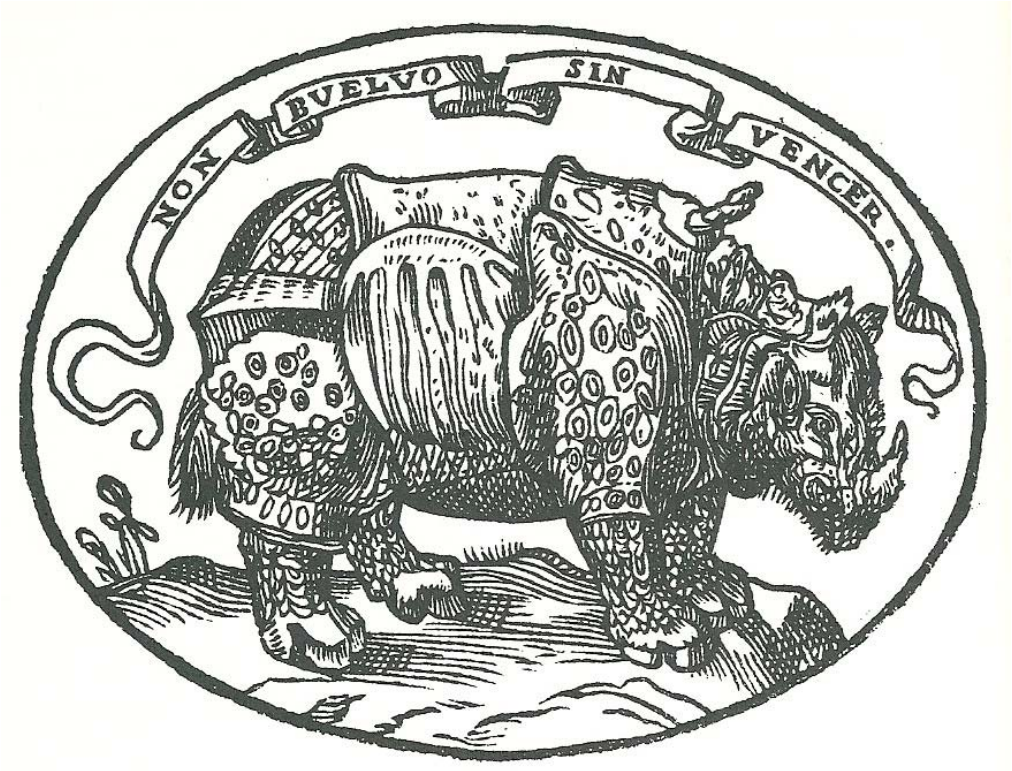


Figura 31. *Alessandro de Médici (1510-1537), chamado "O mouro", duque de Penne*[115] *e de Florença (desde 1532), adoptou como emblema, em Junho de 1536, um rinoceronte claramente baseado na gravação de Dürer, com o lema* "Non buelvo sin vencer". *Alessandro foi o último representante da dinastia Médici a governar em Florença e o primeiro duque hereditário da mesma cidade. Desenho retirado da obra* Dialogo dell'impresse militari et amorosi*…, de Paolo Giovio (Veneza, 1557).*

[115] Um municipio do centro de Itália, pertencente à provincia de Pescara, na região de Abruzos. Situa-se a cerca de 50 Km de Áquila, a capital da região.

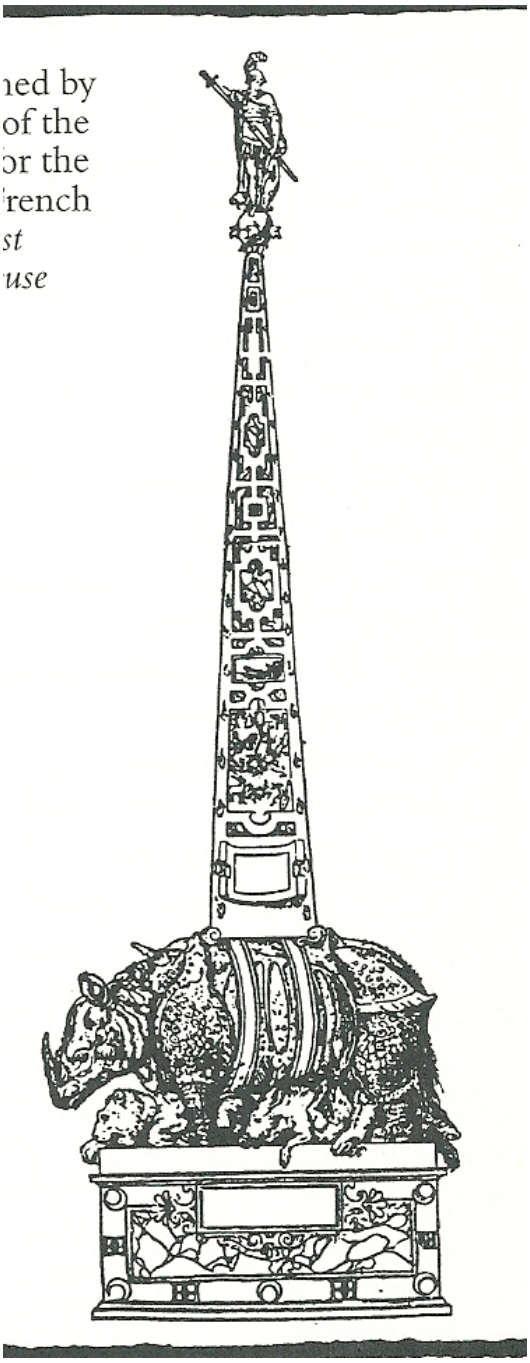


Figura 32. *Obelisco do rinoceronte erguido em frente da igreja do Santo Sepulcro em Paris, para a entrada triunfal na cidade do rei francês Henrique II em 1549. Desenho de Jean Goujon incluído na obra* C'est l' ordre que à tenu a la nouvelle et joyeuse entrée… *(Paris, 1549)*

Apesar de distante no tempo, aquele que é o texto mais lido na Idade Média a seguir à Bíblia, as *Etimologias* (627-630), de Santo Isidoro de Sevilha (560-636), constituem inequivocamente a grande causa para o espanto provocado pelo rinoceronte trazido pelos portugueses para a Europa renascentista. Com efeito, o texto isidoriano foi determinante para o estabelecimento e divulgação da projecção mental que neste período predominava relativamente ao animal, pois nada de semelhante tocava o solo da Cristandade desde os tempos do império romano. A única referência segura que existia

era, de facto, a monumental compilação do doutor da Igreja, que influenciou largamente toda a produção intelectual vindoura e que também foi profusamente lida durante o Renascimento como o atestam as, pelo menos, dez edições impressas entre 1470 e 1530. Acerca do rinoceronte, Isidoro afirma que "Griego es el nombre del rinoceronte, que en latín viene a significar 'un cuerno en la nariz'. Se le conoce también como *monóceros*, es decir, 'unicornio', precisamente porque está dotado en medio de la frente de un solo cuerno de unos quatro pies de longitud, y tan afilado y fuerte que lanza por alto o perfora cualquier cosa que acometa. Es frecuente que trabe combate con los elefantes, a quienes derriba infiriéndoles una herida en el vientre. Es tan enorme la fuerza que tiene, que no se deja capturar por la valentía de cazador alguno (…)"[116]. De salientar nesta passagem a referência ao conflito natural entre elefante e rinoceronte, que marca o imaginário renascentista, como aliás podemos comprovar no afinal falhado combate entre ambos promovido por D. Manuel em Lisboa.

Na tese de Isidoro, e consequentemente no imaginário medieval e tardo-medieval, é tão clara como determinante a influência de outra *autorictas*, desta feita do mundo clássico, a saber de Plínio, *o Velho* (23-79). De facto, na sua *Naturalis Historia* (séc. I), Plínio, *o Velho* descreve pormenorizadamente o elefante e o rinoceronte, estabelecendo como essencial a relação directa entre as características excepcionais e "monstruosas" destes animais com a localização geográfica dos mesmos, isto é, os lugares da periferia do mundo conhecido, em particular a Índia e África[117]. Tese confirmada pelas viagens de exploração dos portugueses e, sobretudo, pelo espólio resultante dessas viagens, neste caso específico e emblemático, o elefante e o rinoceronte indianos.

Por outro lado, como podemos depreender da observação das gravuras anteriormente apresentadas, esta definição tem uma clara materialização nas imagens do animal concebidas pelos artistas do Renascimento, em particular nas criadas por Dürer, que dá particular realce ao aspecto combativo e bélico (atente-se nas placas que formam a "armadura") do animal, o que atesta a influência que nos mesmos exercia a tese do célebre teólogo medieval. Outra prova desta influência reside no assumir como inequívoco e "natural" o confronto já assinalado com o elefante. Paolo Giovio dirá que:

[116] San Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, op. cit., p. 71.
[117] Cf. Pliny, *Natural History*, op. cit..

“El rey don Manuel, queriendo estender la fama de que auia sujetado la India, tuuo por digno de su fama, acrecentar el presente com nueua liberalidad, y fue que embio al Papa, vn Vnicornio, que siendo sacado a tierra en la costa de Narbona, fue vn insigne espectaculo à los Frãceses. Este animal era de alto vn poco menor que el elephante, pero de largo era casi su ygual, y de la forma de nuestros Bufalos. Por que tenia vnas vñas partidas, y vn cuero de vn color de box doblado y de impenetrable dureza, que le sirue de coraça. Su arma es vn cuerno de largura de vn pie, que le sale arriba de las narizes, con el quale hiere por la barriga, y passa al Elephante su mortal y particular enemigo, si puede escapar de su trompa. Por que el elephante, asiendo le por la garganta lo ahoga con la trompa en vn momento. Por que en la batalla, el vnicornio, o vence o muere. Mas esta bestia de fiereza estraña, que se auia de echar al elephante en la plaça del Amphiteatro para que viessemos vna batalla estraña, ahogo se enla mar. Por que el nauio en que venia, dio al traues en la ribera de Genoua, y anegose. Fue mayor la lastima de todos, por que passa anado el rio Ganges, y el rio Indo, rios profundissimos de su tierra. (…) Estos dos animales, estan al biuo pintados en vna sala de mi Museo, con estos versos que significan la naturaleza de cada vno.

Yo soy aquel animal

Vnicornio que traydo

Fuy dela tierra Oriental

Que del sol esclarecido

Es la salida y portal

Enla flota vine yo

Y en las naues atreuidas

De España que descubrio

Tierras nunca conocidas

Do nueuo sol visito.

Mi esfuerço y poder pujante

Conocio Roma sin pena

Quando su pueblo delante

Me puso en medio el arena

Vn poderoso elephante."[118]

Por outras palavras, apesar de frustrada a missão, o envio do rinoceronte pelo monarca português acabou por, mediante caminhos diferenciados, concretizar uma parte importante dos objectivos diplomáticos que presidiram à elaboração da mesma, ou seja, a divulgação dos feitos dos portugueses, da grandeza do seu poder territorial e do seu incontestável domínio da tão ambicionada Índia e respectivos tesouros. Neste sentido, a coerência programática do projecto diplomático manuelino para com a Roma de Leão X surtiu pleno efeito.

Disso nos dão conta as *MFC*, pois como podemos observar no testemunho do fidalgo, além de impressionarem largamente a imaginação romana e europeia, o envio da primeira embaixada e o impacto causado pelo protagonista da segunda delegação, o rinoceronte Ganda, acabam por funcionar plenamente enquanto quadro vivo ideal que se oferece a Roma e à Europa cristã como espelho da majestade do soberano português. Noutro sentido, aliás, o falhanço relativo da segunda delegação contribui ele próprio para o sucesso da mesma em termos de enriquecimento de um imaginário (relacionado com o rinoceronte) já de si profícuo.

Através de ambos os movimentos diplomáticos, D. Manuel mostra a Roma o seu poderio, em especial o que lhe advinha do domínio do Oriente. Teatralização do poder real? Sem dúvida! Mas com um alcance sem precedentes ao nível dos resultados, pois ambos os cortejos régios, sobretudo o de Tristão da Cunha da 1514, apresentam, além dos atributos do rei de Portugal, os símbolos do seu projecto imperial. Assim, as delegações manuelinas constituem-se igualmente em teatralização de Tordesilhas, pois impõem-se – pelo seu impacto na sociedade, nos meandros políticos, na cultura e também inclusivamente no quotidiano – como o equivalente físico, isto é, vivo, da

[118] Paolo Giovio, *Elogios o vidas breves de los cavaleros…*, op. cit., pp. 127-128.

majestade de um monarca europeu que é agora também senhor das longínquas paragens orientais com tudo o que isso implica, em particular a navegação e, sobretudo, o comércio com esses oníricos espaços: a Etiópia, a Arábia, a Pérsia e, acima de todos, a Índia, cujos ícones da sua exótica e exuberante fauna a Europa tem agora oportunidade de ver.

Em suma, por tudo o que atrás fica dito, a embaixada de Tristão da Cunha assemelha-se a um monumental triunfo do rei português e do povo que lidera. Uma notável ostentação simbólica de poder, que, à época, assumia um carácter global – passe o anacronismo –, visto que envolvia os mais longínquos lugares do mundo, recentemente reequacionado pelas navegações de portugueses e castelhanos.

A grandiosidade que exprime, o espírito que lhe subjaz e a magnificência régia que propagandeia ao mesmo tempo que simbolizam e veiculam uma sólida imagem de poder, estão perfeitamente de acordo com o espírito humanista e renascentista que caracteriza a Itália e em particular a Roma de então; mesmo apesar dos sangrentos conflitos que à época devastam o solo itálico. O rei português dá-se em espectáculo e à boa maneira da Roma renascentista, o espectáculo é muito bem acolhido.

Isto mesmo, a título de remate, podemos observar na ambição dos próprios objectivos da embaixada de 1514 e na satisfatória resposta aos mesmos dada pelo novo pontífice. Vejamos! A embaixada de Tristão da Cunha possuía vários objectivos, religiosos e sobretudo políticos, nomeadamente, a prossecução das sessões suspensas do Concílio de Latrão (1512-1517), onde era debatida a questão estrutural da Reforma da Igreja; que fosse estabelecida uma liga defensiva e ofensiva dos reis cristãos para fazer face ao imparável avanço turco, que ameaçava agora declaradamente a Europa ocidental, ou seja, o coração da Cristandade; que o pontífice autorizasse a realização de uma colecta temporária em determinados rendimentos do clero secular e religioso[119], com o propósito de financiar as actividades na Ásia e em África; e, finalmente, a concessão "das muitas e mui importantes graças especiaes em cujo complexo está envolvido e amplificado o padroado das igrejas do Ultramar, que elle [D. Manuel] então pediu que fosse incorporado á ordem de Christo"[120].

[119] Cf. António Alberto Banha de Andrade, *História de um fidalgo quinhentista português, Tristão da Cunha*, op. cit., p. 125.
[120] Marquês de Resende, "Embaixada de el-rei D. Manuel ao papa Leão X", *op. cit*., p. 219.

No geral, estes objectivos foram concretizados (à data da entrada de Tristão da Cunha na Cidade Eterna, os dois primeiros propósitos perderam validade), revelando-se a embaixada um sucesso, o qual, por sua vez, determinou certamente o envio da segunda delegação, que tinha na figura do rinoceronte o grande protagonista e a principal oferenda ao pontífice.

Tal sucesso – expresso no testemunho do autor: "tendo tristão da cunha os neguoçios acabados como compria a seruiço del Rei partiosse de Roma na fim de maio. E atee embarcar suas cousas foram prosperas."[121]; "Conçedidas as sobreditas graças a el Rei, pedio sua alteza ao papa nunçio pera hir a portugual dar as bulas de sua santidade a execução."[122] – tomou forma nas respostas favoráveis de Leão X através de um conjunto de bulas e breves datados de entre 29 de Abril de 1514 e 30 de Janeiro do ano seguinte[123].

Observemos um pouco em detalhe. A 29 de Abril o papa começa por retribuir as oferendas de D. Manuel, assinando uma bula na qual contribui para o combate português contra os infiéis em África. Um combate que visa a dilatação e exaltação da fé cristã, a qual agora se pode igualmente pregar nas distantes terras orientais através do lançamento das terças nos frutos e rendas dos Mosteiros e Igrejas de Portugal: "certis decimarum partibus, *tertiis* nuncupatis, in Portugalliae, Algarbiorumque Regnis, caeterisque Provinciis, Insulis et locis tibi subjectis."[124] Renda esta destinada à instituição de comendas da Ordem de Cristo: "E foram conçedidas do papa a el Rei no habito de Jesu christo as terças de todalas JgreJas de portugual, E todolos mosteiros nom sendo consistoreaes, que os podesse dar a caualeiros com o dito abito de christo sendo solteiros E casados."[125] Esta bula apresentava, contudo, uma limitação que não invalidava de todo o sucesso político e económico da mesma: a concessão valia enquanto durasse o conflito bélico em África, com os reis de Fez e Marrocos.

Em 11 de Maio de 1514, o papa oferece a Rosa de Ouro ao monarca[126] (D. Manuel já havia recebido uma de Júlio II, em 1506), que neste ano era também ambicionada pelo sacro imperador Maximiliano: "sua estada [de Tristão da Cunha] foi

[121] *MFC*, f. 200v.
[122] *MFC*, f. 200v.
[123] Cf. *Corpo Diplomatico Portuguez*…, op. cit., pp. 244-310.
[124] Cf. "Bulla do Papa Leão X dirigida a el-Rei. 1514 – Abril 29", *ibidem*, pp. 244-248.
[125] *MFC*, f. 200r.
[126] Cf. "Breve do Papa Leão X dirigido a el-Rei. 1514 – Maio 11" in *Corpo Diplomatico Portuguez.*…, op. cit., pp. 252-253.

em Roma tres meses, por que foi neçessario mandar a el Rei avisos dos neguoçios a que viera, E esperar de sua alteza Reposta. no qual tempo lhe foi dada a Rosa pera el Rei."[127] Ainda que de valor material exíguo, a peça revestia-se de enorme significado simbólico, pois além de se tratar de um costume ancestral, premiava um Príncipe cristão que tivesse manifestado particular devoção, sobretudo no que dizia respeito à expansão da fé, à causa da Igreja Romana.

Em bula de 7 de Junho[128], Leão X confirma o direito de Padroado espiritual de toda a Igreja e mais benefícios de todas as terras do Ultramar, concedido pelos predecessores aos reis de Portugal, por incorporação na Ordem de Cristo. Em bula de 14 de Setembro, o pontífice concede indulgências aos participantes da expansão[129]. Numa quarta bula, de 3 de Novembro, confirma a doação e concessão de Nicolau V, Calisto III e Sisto IV (transcrevendo inclusive as respectivas bulas dos dois últimos) de todas as terras e províncias conquistadas e por conquistar, não apenas na Índia mas também em terras desconhecidas[130].

Outra graça atribuída pelo novo pontífice foi a constituição do Bispado do Funchal[131], a 12 de Junho de 1514, que, como António Banha de Andrade salienta, "parecendo à primeira vista um assunto estritamente eclesiástico, não deixa de provocar profundas repercussões no revigoramento do Estado Português"[132], dado o avançado estado de desenvolvimento da Madeira, com particular incidência para a cidade do Funchal.

Leão X ofereceu ainda a D. Manuel um volume iluminado, provavelmente um *Livro de* Horas, bem como uma suposta chaminé de mármore branco da autoria de Miguel Ângelo, que terá inicialmente sido montada no Palácio de Almeirim onde perdurou até ao terramoto. Mas o auge das benesses de Leão X ao rei português acontece quando a 30 de Janeiro de 1515[133] atribui a D. Manuel os prestigiados *Gladius et Pileus* (espada papal e barrete ducal), que constituem à época a mais alta condecoração que um príncipe cristão podia receber do papado, "como símbolos do

[127] *MFC*, f. 200r.
[128] Cf. "Bulla do Papa Leão X dirigida a el-Rei. 1514 – Junho 7" in *Corpo Diplomatico Portuguez…*, op. cit., pp. 254 ss.
[129] Cf. "Bulla do Papa Leão X. 1514 – Setembro 14.", *ibidem*, pp. 269-271.
[130] Cf. "Bulla do Papa Leão X dirigida a el-Rei. 1514 – Novembro 3", *ibidem*, pp. 275-298
[131] Cf. "Bulla do Papa Leão X. 1514 – Junho 12", *ibidem*, pp. 257-260.
[132] Cf. António Alberto Banha de Andrade, *História de um fidalgo quinhentista português, Tristão da Cunha*, op.cit., p. 129.
[133] "Breve do Papa Leão X dirigido a el-Rei. 1515 – Janeiro 30." in *Corpo Diplomatico Portuguez…*, op. cit., pp. 309-310.

poder real de campeão da fé na República cristã"[134]. Nunca atribuída a um rei português, o grande valor desta distinção residia não na "materia" mas antes no "mysterio", como assinalava o próprio pontífice. Dado Tristão da Cunha já ter regressado ao reino, coube a João de Faria ser o portador da distinta oferenda papal[135]: "neste tempo deu o papa ho estoque ao doutor João de faria pera el Rei de portugual. E elle se veo mandando sua alteza dom miguel a Roma por seu embaixador."[136] Sempre perspicaz, o fidalgo de Chaves não deixa de assinalar este prémio absolutamente único no quadro das benesses atribuídas pelo Vaticano aos príncipes cristãos. Da mesma forma, aliás, que não deixou escapar um singelo pormenor como foi o da forma como Leão X premiou financeiramente cada um dos dignitários logo no dia da apresentação formal da delegação portuguesa em consistório público:

> "as embaixadas semelhantes se dão em consistorio pubrico. ao dia seguinte foram apresentar seus dões a Sua Santidade. E a guarçia de Resende que tinha caReguo dos ornamentos mandou dar quinhentos ducados. E aos seus moços que os leuaram E os estendiam çem ducados. a nicolao de faria polla cabrestaJa do alifante mandou dar trezentos ducados. E despois lhes conçedeo Reseruas que creo que nam vieram a efeito. E assi conçedeo Reseruas a guarçia de saa E a outros pera averem benefiçios E os poderem ter com o habito de christãos."[137]

Uma derradeira palavra para o facto de que a referência à embaixada portuguesa de 1514 constitui o segundo – e mais importante – grande momento em que as *MFC* remetem directamente para o processo dos Descobrimentos e da expansão portuguesa no mundo, sendo que o primeiro momento reside na referência às festas pela conquista de Azamor.

b) <u>A embaixada dos maronitas</u>

[134] Cf. António Alberto Banha de Andrade, *História de um fidalgo quinhentista português, Tristão da Cunha*, op.cit., p. 129.
[135] Cf. "Lembrança de quando El-Rei recebeu a cruzada e a rosa benta que trouxe Tristão da Cunha, e a cerimónia de como a recebeu" in *Relações de Pero de Alcáçova Carneiro Conde da Idanha do Tempo Que Ele e Seu Pai, António Carneiro Serviram de Secretários: 1515 a 1568*, Ernesto de Campos de Andrada (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1937, pp. 196-197.
[136] *MFC*, f. 211r.
[137] *MFC*, f. 179v.

Outra importante embaixada referenciada pelo fidalgo é a dos maronitas, relativamente à qual assume uma posição imparcial, notando-se que foi claramente seduzido pela modéstia e honestidade da delegação:

> "Da maneira da embaixada dos maronitas. Este embaixador dos maronitas açima dito trazia consiguo dous companheiros. era cleriguo E homem de idade vestia panos azues A maneira dos de sancto eloi. os companheiros eram mançebos E religiosos. seus vestidos erão de frades de são bento. sua linguoa mui escurissima. seu Rezar era caldeu [.] erão tam grandes cleriguos que tocandolhes em algum verso do salteiro ou ponto de briuia sem detença ho mostrauam. Jsto vi eu algumas vezes por que françisco Jusarte tinha hum sobrinho que entendia bem caldeu, ebraico, E greguo E destas linguoas era bom gramatico E escriuão. E tambem entendia alguma cousa darauiguo. E era singular latino o qual praticando com estes maronitas que ho muitas vezes vinhão visitar, amostrauam ser bõos eclesiasticos por que continuamente acodiam ao que lho mançebo perguntaua. diziam que tinhão patriarca o qual mandaua por elles obediençia ao papa E se sometia A JgreJa Romana. E que aviam escapado de nam serem tomados dos Jnfiees com grande periguo E trabalho. o cardeal de santa cruz os Recolheo em sua casa, E lhes fazia honrra dandolhes todo o neçessario. estiueram em Roma quasi hum ano E em fim o embaixador com hum dos companheiros se foram pera sua terra. E o mais mançebo ficou em Roma pera aprender a linguoa latina, ao qual o papa mandaua ensinar com muita diligençia."[138]

Toda a informação de que necessitamos para criar uma imagem mental o mais rigorosa possível desta delegação é proporcionada pelo fidalgo em poucas palavras. Assim, a embaixada é composta por três elementos apenas: um embaixador e dois companheiros. Do personagem central, o embaixador propriamente dito, é-nos apontado o estatuto social ("cleriguo"), a idade ("homem de idade") e o traje ("vestia panos azues A maneira dos de sancto eloi"). A mesma informação é fornecida relativamente aos restantes membros da delegação: "os companheiros eram mançebos E religiosos. seus vestidos erão de frades de são bento". Pormenor particularmente rico reside na forma como adjectiva a língua utilizada por estes "estranhos" cristãos: "sua linguoa mui escurissima. seu Rezar era caldeu". Não deixa, no entanto, de elogiar e elevar as suas capacidades teológicas: "erão tam grandes cleriguos que tocandolhes em algum verso do salteiro ou ponto de briuia sem detença ho mostrauam." É inequívoca neste ponto a sua preocupação relativamente à verdade dos factos descritos – claramente denunciada pela garantia do "Jsto vi eu" –, a qual reforça recorrendo a uma figura que lhe é familiar

[138] *MFC*, f. 181r e f. 181v.

e de reconhecidas capacidades linguísticas: “Jsto vi eu algumas vezes por que françisco Jusarte tinha hum sobrinho que entendia bem caldeu, ebraico, E greguo E destas linguoas era bom gramatico E escriuão. E tambem entendia alguma cousa darauiguo. E era singular latino o qual praticando com estes maronitas que ho muitas vezes vinhão visitar, amostrauam ser bõos eclesiasticos por que continuamente acodiam ao que lho mançebo perguntaua.” Tudo no sentido de revelar o quão “bõos eclesiásticos” eram estes maronitas “que continuamente acodiam ao que lho mançebo perguntaua”. Ainda que de forma indirecta, este breve trecho indicia como o fidalgo teve certamente oportunidade de conviver com os letrados do tempo que passavam então por Roma. E dúvidas também não deixa relativamente ao objectivo desta embaixada oriental: “diziam que tinhão patriarca o qual mandaua por elles obediençia ao papa E se sometia A JgreJa Romana.”

Verdadeiramente meritórios eram os esforços pela fé do embaixador maronita e respectivos companheiros, pois “aviam escapado de nam serem tomados dos Jnfiees com grande periguo E trabalho. (…) estiueram em Roma quasi hum ano E em fim o embaixador com hum dos companheiros se foram pera sua terra. E o mais mançebo ficou em Roma pera aprender a linguoa latina, ao qual o papa mandaua ensinar com muita diligençia.” Sendo-lhes, por isso, devido todo o favor e reconhecimento da Cristandade, o que acontece pela mão do Cardeal de Santa Cruz e do próprio pontífice: “o cardeal de santa cruz os Recolheo em sua casa, E lhes fazia honrra dandolhes todo o neçessario. (…) E o mais mançebo ficou em Roma pera aprender a linguoa latina, ao qual o papa mandaua ensinar com muita diligencia.”

Por esta passagem das *MFC* relativa à embaixada de obediência ao novo pontífice enviada pelos maronitas, podemos verificar sem restrições o gosto e a preocupação do autor em obter uma imagem o mais certa possível do que pretende transmitir através da sua escrita. Zeloso na missão a cumprir para o seu senhor, não deixa, porém, de fazer sobressair o prazer pessoal pela narração daquilo a que assiste, ou de que recebe testemunho, e que de alguma forma o marca mais profunda e intimamente. Noutra vertente, é igualmente conclusivo que nunca deixa passar em silêncio a sua opinião pelos factos ou acontecimentos descritos, seja ela veiculada com maior ou menor imparcialidade e simpatia.

A existência desta embaixada dos maronitas marca presença na própria carta do embaixador De Carpi ao imperador Maximiliano relativa à embaixada liderada por Tristão da Cunha[139]:

> "o mesmo dia que elles ofereçeram o alifante E todolos outros doens ao nosso mui santo padre, hum messaJeiro E orador dalguns pouos christãos que guardão E conseruam a fee da JgreJa catolica que moram Junto de Jerusalem que se chamam maronitas habitantes nas montanhas de suria, despois de ter dadas cartas dos ditos pouos ao nosso mui santo padre, fez E deu obediençia com muita humildade pedindo pollos ditos pouos confirmação de hum arçebispo que tinhão elegido, por que polla distançia dos luguares nom guardauam a maneira da JgreJa catolica, mas polla diligençia E estatuto dos frades da obseruançia de são françisco que moram em suas terras açeitaram de çincoenta anos pera qua a fee da JgreJa catolica E se someteram A obediençia do nosso santissimo papa. bem valha E viua longuamente vossa mui sagrada magestade na bõa graça na qual mui humildosamente me Recomendo. de Roma a xxviij dias de março de 1514 anos."[140]

De salientar que também aqui é notória a referência à "muita humildade", no sentido positivo e por isso de enaltecer, quer da delegação em si quer da forma como agem os seus membros perante a cúria e o sumo pontífice. De reter é que neste pequeno trecho da missiva do embaixador estão incluídas informações – nomeadamente de carácter geográfico[141] e relativamente aos objectivos da delegação e à orientação da prática religiosa maronita[142] – que complementam as do próprio autor no sentido de uma plena compreensão do parte do destinatário do texto quer da natureza desta embaixada, quer da natureza da ancestral Igreja maronita *per se*.

Mas, em nossa perspectiva, a verdadeira pedra-de-toque relativamente à embaixada maronita é dada por uma singela afirmação do autor, onde considera, num tom absolutamente pessoal, como "Mui deferentes foram os sobreditos dous embaixadores que em hum tempo vieram dar obediençia ao nosso santo padre [.] hum

---

[139] "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador." in *MFC*, f. 181r.
[140] *Ibidem.*
[141] "dalguns pouos christãos que guardão E conseruam a fee da JgreJa catolica que moram Junto de Jerusalem que se chamam maronitas habitantes nas montanhas de suria".
[142] "despois de ter dadas cartas dos ditos pouos ao nosso mui santo padre, fez E deu obediençia com muita humildade pedindo pollos ditos pouos confirmação de hum arçebispo que tinhão elegido, por que polla distançia dos luguares nom guardauam a maneira da JgreJa catolica, mas polla diligençia E estatuto dos frades da obseruançia de são françisco que moram em suas terras açeitaram de çincoenta anos pera qua a fee da JgreJa catolica E se someteram A obediençia do nosso santissimo papa."

de ponente E outro de leuante. hum poderoso E Rico, outro pobre E sem pompa. o Rico a pedir, E o pobre a dar E acreçentar a santa madre JgreJa."[143]

É neste exíguo registo, pleno de conteúdo informativo, que brota a ética e a moral mais profundamente religiosa do autor ao comparar a embaixadas maronita, pobre e modesta, com a do seu próprio país, rica e pomposa. O nuclear da crítica aqui presente, claramente denunciadora de uma postura e de um alinhamento espiritual e político (em termos de avaliação da cúria) por porte do autor, reside na constatação de que a delegação rica pede, ao passo que a pobre dá e acrescenta a Cristandade. Estamos, pois, perante uma visão que, pela sua singularidade e ousadia, nos permite mergulhar nos meandros do conflito interno que à época atravessava e fendia a Igreja romana.

Noutra perspectiva, vislumbra-se aqui o espírito crítico do autor, perfeitamente de acordo com a época em que vive, que não hesita em apontar o dedo à embaixada do seu país – a mesma que pouco antes enalteceu e sobre a qual registou o encantamento geral provocado pelos seus exóticos e faustosos elementos –, que de certa forma "acusa" de ostentatória e, consequentemente, talvez um pouco superficial em termos de intensidade espiritual quando comparada com outra, muito mais modesta mas por isso mesmo superior em termos de entrega e devoção religiosas. Este espírito crítico revela ainda que o autor sobrepõe a ética, a moral e, enfim, a própria espiritualidade à devoção (e parcialidade) pela pátria, facto singular no período em questão, sobretudo tratando-se da nação portuguesa.

Ainda numa derradeira leitura, talvez um pouco mais audaciosa e arriscada, esta pequena frase revela que o seu destinatário só podia, de facto, ser alguém em quem o autor confiasse plenamente, pois são evidentes as consequências nefastas que da mesma podiam resultar se chegassem às mãos "erradas". Arriscamos mesmo afirmar que são estas palavras que nos permitem colocar o fidalgo de Chaves (e inevitavelmente o seu destinatário, pois é notório o carácter de "confirmação" de uma reflexão ou mesmo de uma opinião prévias emitidas por terceiros, neste caso, inequivocamente, quem "encomendou" o texto), enquanto crítico de certas práticas da Igreja, ao lado de Erasmo e das reformas da Igreja católica por si reivindicadas, tão contrárias, afinal, ao conflito com carácter de ruptura promovido, pouco mais tarde, por Martinho Lutero[144].

[143] *MFC*, f. 181v.
[144] Cf. A. G. Dickens, Whitney R. D. Jones, *Erasmo el Reformador*, Madrid, Acento, 2002; Marcel Bataillon, *Erasme et la Cour de Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1927; Idem, *Erasmo y el*

Por último, torna-se-nos manifesto que, ao lermos a passagem das *MFC* relativa à embaixada de obediência ao novo papa por parte dos maronitas, estamos perante uma prova irrefutável de que se combinam no autor e no seu texto história, religião, política e moral. Facto que a ambos eleva no seio do universo cultural português da época.

c) A embaixada do rei da Polónia

A referência à embaixada de obediência ao novo pontífice em representação da Polónia nas *MFC* reveste-se de uma singularidade notória: o autor utiliza-a a cada momento como referencial comparativo com a embaixada liderada por Tristão da Cunha. Isto é, fazendo recurso do método da comparação, o fidalgo reforça a imagem e a legitimidade da política externa do rei português e, sobretudo, da representação do seu poder em Roma.

Noutra vertente, apesar de sair sempre diminuída pela impiedosa comparação com a embaixada portuguesa, a delegação polaca inscreve-se igualmente numa marca do tempo (os alvores do século XVI) e do espaço (Roma e a cúria papal): a festa diplomática de mãos dadas com o poder a que se dirige e que pretende "tocar", por via da propaganda ideológica veiculada pela entidade política e social que a promove:

> "Da embaixada E obediençia que el Rei de polonia mandou ao papa. Neste tempo cheguaram a Roma embaixadores del Rei de polonia, a dar obediençia ao papa. os prinçipaes eram hum nobre de seu Reino, E huum bispo mui honrrado E de grande grauidade."[145]

Se a delegação maronita, pela sua modéstia e exiguidade de recursos, não obtém os dividendos do papado que, por exemplo, a portuguesa recebe em grande parte devido ao fausto que ostenta, às oferendas que transporta e, em última análise, ao impacto que causa – pelo exótico e festivo – na cúria entre italianos e representantes das outras nações europeias, mas beneficia claramente da simpatia do autor, já a delegação oriunda do centro-norte da Europa é alvo de uma crítica impiedosa. De imediato, no absoluto

---

Erasmismo, Barcelona, Editorial Crítica, 1983; Idem, *Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México, Fondo de Cultura Económica, 1996.

[145] *MFC*, f. 202v.

inverso do que se passa com a avaliação da embaixada do levante, surgem dois atributos negativos: a pobreza disfarçada de riqueza e a falta de argumentos do bispo/embaixador polaco que se limita a solicitar ao seu rei que imite o soberano português nos pedidos ao papa. À pobreza de facto, materializada por uma total ausência de esplendor e fausto, associa-se a pobreza de espírito e uma tão profunda quanto chocante ausência de originalidade. Refere-se este aspecto, sobretudo, ao facto de a delegação da Polónia nada trazer de exótico para Roma, o centro do mundo, o lugar por excelência da troca e avaliação de olhares entre europeus; falha crucial precisamente no tópico que mais distingue a missiva lusa:

> "traziam vinte de caualo vestidos ao seu custume de estreitas Roupas. dous prinçipaes traziam grossas cadeas douro de fuzijs sem nenhum primor que deçiam do ombro por debaixo do braço, E tornauam dar volta sobre os peitos. E senam erão contrafeitos como as mais vezes se acustumam em semelhantes tempos, nom deção cada hum delles de mil E b^{c} cruzados. os escudeiros eram vestidos tam onestos que esta embaixada foi sumida da de portugual como pequeno Reguato em grão Rio."[146]

A postura do autor enquanto crítico da embaixada representante da Polónia é, pois, extremamente negativista, chegando mesmo ao ponto de recorrer ao sarcasmo para veicular o seu ponto de vista: "E senam erão contrafeitos como as mais vezes se acustumam em semelhantes tempos". Para além de representar uma marca do tempo – sendo uma primeira leitura, directa, a de que neste período, devido a uma possível escassez de metais preciosos, embora não só, era prática corrente a imitação de jóias – esta expressão encerra uma carga, ainda que indirecta, de enaltecimento da delegação portuguesa, pois esta não traz consigo para a capital espiritual e política da Cristandade artigos fingidos, apenas peças genuínas de raro valor.

Mas, em nossa opinião, a principal questão a reter nesta referência à delegação diplomática da Polónia reside na sugestão do bispo embaixador ao seu rei e na subsequente resposta deste. Ambos, sugestão e resposta, constituem mais um exemplo de exaltação propagandística da imagem da embaixada portuguesa e, consequentemente, do poder do reino de Portugal e de D. Manuel por parte do fidalgo. Vejamos como. O fidalgo refere que "dada sua obediençia os leiguos se foram pera

[146] *MFC*, f. 202v.

polonia, E o bispo ficou Residente em curia, o qual vendo que o papa conçedera as JgreJas de portugual a el Rei no abito de christus pera os caualeiros fazerem guerra aos mouros em africa [,] posto que era perlado, por fazer o que a seu ofiçio E carguo tocaua, escreueo a el Rei dandolhe conta disso, E que deuia pedir as de seu Reino pera os seus caualeiros, pois a elle convinha com mais Justa causa pedir a dita graça pois tinha os Jmiguos As portas demarcando E confinando com elles, E el Rei de portugual os hia buscar Alem do mar."[147] Por outras palavras, o bispo polaco defende que o seu rei tem mais direito a este específico benefício papal do que o soberano português, pois "a elle convinha com mais Justa causa", dado que "tinha os Jmiguos As portas demarcando E confinando com elles, E el Rei de portugual os hia buscar Alem do mar."[148]

No entanto, mediante a resposta do próprio soberano da Europa Central, verificamos que, na verdade, o que o autor procura é evocar a questão nuclear da *guerra justa* com o propósito de legitimar a petição de D. Manuel: os portugueses vão, por vontade e esforço próprios, combater o infiel longe, em sua própria "casa", levando a fé cristã a domínios até então vedados aos europeus, após terem expulso do seu território ibérico qualquer presença islâmica. Fica assim justificada a petição ao papa para novas contribuições com o objectivo de suportar o custo das campanhas militares além-mar, extremamente onerosas dada a distância e as condições em que se efectuam. Se o rei da Polónia tem o inimigo às portas, então não se justifica que solicite tais concessões ao Sumo Pontífice. Dito de outra forma, o comportamento do rei da Polónia ao pedir benefício papal não é válido, podendo mesmo ser sancionado por instâncias superiores, leiam-se divinas, para resolver uma guerra nos limites do território que lhe é natural, ou seja uma guerra com características de certo modo "internas" e que, por isso mesmo, se apresenta *a priori* como sendo da sua "obrigação". Uma guerra, enfim, que deve resolver por seu próprio esforço e custo, dado que se reveste de um carácter quase "pessoal", que na prática não envolve o autêntico esforço de toda uma nação no sentido de expandir a fé cristã:

> "Respondeolhe el Rei que hum Rei dos seus antepassados hindo com grande oste contra os tartaros fora delles vençido E desbaratado, morrendo de seu exerçito mais de trinta mill guerreiros. E que elle escapara E viera a seu Reino çingido de cordas desparto, E que cria que toda esta maa ventura lhe

[147] *Ibidem.*
[148] *Ibidem.*

> viera por que metera as mãos nos tesouros da JgreJa de que de seus ornamentos leuara muita prata E ouro. E em satisfação destes tesouros mandara fazer as mais prinçipaes JgreJas que aguora avia em seu Reino. E que dahi em diante, sempre a guerra se mantiuera contra os Jnfiees avendo contra elles muitas vitorias sem outro algum Rei seu anteçessor meter mais a mão nas cousas da JgreJa. E que assi esperaua elle que nosso senhor o aJudaria sempre E aos que despois delle viessem. foi esta Reposta sabida per toda a corte E mui louvada de todos."[149]

Já as campanhas desenvolvidas por Portugal situam-se nos antípodas desta guerra "fronteiriça" – seja ao nível das características, seja em termos das condições em que se realizam e da própria geografia: precisamente o "Alem do mar" –, assumindo consequentemente um carácter inteiramente diverso, visto que o que está em jogo não é a libertação do território base do reino, mas antes a conquista de território novo, virgem em termos de propagação da mensagem cristã. Por tudo isto, torna-se legítimo a Portugal, e não à Polónia, recorrer ao apoio e ao reconhecimento especiais da Santa Sé.

Por outro lado, esta passagem relativa à resposta do monarca polaco à petição do seu bispo veicula quer um importante *exemplum* de comportamento para com a Igreja e os seus bens, quer uma clara advertência moral: a "maa ventura" do antepassado do rei polaco apenas acontece "por que metera as mãos nos tesouros da JgreJa de que de seus ornamentos leuara muita prata E ouro"; residindo a solução para tamanho pecado em mandar "fazer as mais prinçipaes JgreJas que aguora avia em seu Reino." O resultado foi o perdão e a consequente recompensa divina: "dahi em diante, sempre a guerra se mantiuera contra os Jnfiees avendo contra elles muitas vitorias sem outro algum Rei seu anteçessor meter mais a mão nas cousas da JgreJa." Na sequência desta dialéctica poder terreno-poder divino/pecado-redenção, esperava o soberano "que nosso senhor o aJudaria sempre E aos que despois delle viessem. foi esta Reposta sabida per toda a corte E mui louvada de todos."[150] Daí que a sua resposta ao bispo embaixador tenha sido "sabida per toda a corte E mui louvada de todos."[151]

Portugal nunca tinha tido este tipo de castigo divino, pelo que a sua acção junto da cúria era, de facto, legítima.

[149] *Ibidem*.
[150] *Ibidem*.
[151] *MFC*, f. 202v.

d) Papado e Império no século XVI: a entrada do cardeal Gurgensis em Roma

A entrada do cardeal Gurgensis em Roma para dar obediência ao papa da parte do imperador Maximiliano I constitui igualmente um momento importante do texto do fidalgo de Chaves, mas mais pela exiguidade de informações do que por qualquer outra razão:

> "Como gurgensis tornou a Roma em abito de cardeal. Neste tempo tornou gurgensis a Roma em abito de cardeal, E deu obediençia ao papa pollo emperador. veo bem acompanhado, E os seus chãamente vestidos nam muito finos. esteue em Roma alguns meses, E tornousse pera alemanha."[152]

Tal como em relação à embaixada da Polónia, o autor volta a referir a modéstia da delegação, elemento tanto mais grave visto tratar-se da delegação de obediência por parte do sacro imperador, o que reporta invariavelmente para a exuberância da embaixada portuguesa: "veo bem acompanhado, E os seus chãamente vestidos nam muito finos."[153] Parca de informação, esta breve passagem tem apenas duas leituras: o fidalgo não desejou descrever a embaixada como ela realmente se apresentou (e muito menos entrar em pormenores), para, dessa forma, enaltecer ainda mais a delegação portuguesa perante o destinatário do seu texto; ou, noutra vertente, a embaixada era de facto exígua e sem nenhum ponto de interesse.

Na primeira hipótese temos uma intenção deliberada por parte do autor em transformar a realidade dos factos, através do método da omissão, em seu proveito e de acordo com um plano narrativo/ideológico pré-estabelecido; já na segunda, o autor segue o que realmente se passou, limitando-se a apontar o que presenciou ou acerca do qual ouviu falar. Apesar de a primeira hipótese constituir, à primeira vista, a mais correcta, devido até ao facto de nesse mesmo ano de 1514 o imperador Maximiliano se encontrar na expectativa de receber a Rosa de Ouro por parte do papa, donde decorre que fosse muito natural e nada estranho ter despendido meios e fortuna na apresentação de uma delegação condigna do seu estatuto imperial, sobretudo tratando-se de uma cidade e de um território que desejava controlar; o facto é que, na realidade, as relações

[152] *MFC*, f. 204r.
[153] *Ibidem.*

entre o império e o papado revestiam-se de uma forte tensão não mascarada pelo envio de delegações faustosas a Roma por parte da instituição imperial.

Observemos o cenário um pouco mais em pormenor. Nos séculos imediatamente anteriores, o Sacro Império Romano-Germânico e o papado constituíram, inequivocamente, as duas entidades mais fortes e supremas no plano institucional. No entanto, a época de viragem de que tratam as *MFC* reveste-se de características perfeitamente singulares e até únicas em relação a esse mundo medieval já em grande medida ultrapassado (ainda que sejam na sua grande maioria decorrentes de processos iniciados durante este período)[154], que exigiam uma ampla adaptação de ambas as instituições. No entanto, a capacidade de adaptação não foi igual ou sequer semelhante. Apesar de todas as vicissitudes[155], onde merece grande destaque o *Cisma do Ocidente* (1378-1417) que culminou com a transferência da sede papal para Avinhão, o papado ajustou-se melhor do que o império às necessidades e ideias dos novos tempos. Para tal em muito contribuíram três elementos nucleares: em primeiro lugar, a existência de um secretariado e de uma administração de carácter permanente; depois, a solidez de uma ampla estrutura/organização hierárquica (porque, em maior ou menor grau, conseguia abarcar toda a Cristandade), que, melhor ou pior, funcionava sempre, ou seja, independentemente da capacidade, não raras vezes debilidade, do papa em título; finalmente, mas não menos importante, a fidelidade e devoção intrínsecas de milhões de seres humanos – os cristãos – que inabalavelmente apoiavam e obedeciam ao papa e à cúria.

No pólo oposto, o império enfrentou dificuldades muito superiores para fazer face à nova era e, em particular, às ideias e transformações que a distinguiam. Não beneficiando, nem pouco mais ou menos, de uma rede administrativa e secretarial semelhante à do papado – a Dieta Imperial[156], isto é, o conselho oficial do império

[154] Como assinala Jean Delumeau é profundamente errónea a ideia de que "um corte brutal terá separado um tempo de trevas de uma época de luz" *in* Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Lisboa, Edições 70, 2004, p. 9. A história é contínua como tão bem salienta António José Saraiva: "Não que novas e miraculosas entidades tivessem descido ao palco ou mudado a substância das coisas. Na verdade, nenhum dos factos que apontamos pode considerar-se sem precedentes. (…) O renascimento é o resultado de um processo histórico iniciado no seio do mundo feudal. (…) Seria, pois, um erro pensar que o Renascimento é uma irrupção miraculosa de forças nascidas do nada; e seria um erro também considerá-la como uma entidade feita, uniforme, acabada, independente do espaço e do tempo" *in* António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, vol. II, Lisboa, Jornal do Fôro, 1953, pp. 16-17.

[155] Diversas das quais iremos abordar neste estudo e que estão perfeitamente retratadas nas *MFC*.

[156] Dividida em três Estados, englobando o primeiro os sete Eleitores – este é inequivocamente o Estado mais importante, dado que eram os Eleitores quem escolhia cada novo imperador –, o segundo os príncipes e o terceiro, já no último quartel do século XV, as cidades imperiais.

(*Reichstag*) constituía um organismo pesado, burocrático, fracturado internamente em grupos cujos conflitos minavam o bom funcionamento e consequentemente a actuação final, extremamente dispendioso e, sobretudo, indefinido em termos de objectivos e estratégias, o que fazia com que apenas muito raramente as resoluções aí tomadas tivessem uma aplicabilidade e uma concretização práticas; bem longe portanto da forma de actuar e, sobretudo, dos resultados alcançados pela cúria papal –, a acção do imperador era bastante mais limitada, quer em termos de influência quer, sobretudo, no que respeitava aos resultados obtidos. O que daí emanava era um poder efectivo e o seu consequente exercício bem mais fracos, aspecto reforçado pelo facto de a forma de ligação hierárquica com os seus súbditos assumir um carácter ainda marcadamente feudal, ou seja, efectuar-se num sistema empobrecido e em queda na viragem do século XV para o século XVI. A própria unidade do império era bem dúbia, dado, por exemplo, o crescente número de príncipes poderosos (cuja actuação apontava cada vez mais na direcção de um absolutismo crescente expresso nos progressos da *Landeshoheit* ou soberania territorial dos príncipes), de que o Eleitor de Brandeburgo e o duque da Baviera constituem notáveis exemplos.

Por outro lado, o próprio império assemelhava-se a uma imensa manta de retalhos, cujas várias centenas de partes constitutivas estavam longe de conviver e, acima de tudo, pensar de forma coerente e harmoniosa. Entre estados semiautónomos, cidades livres, bispados principescos e poderosos condados, fluía uma autoridade e um poder centrais irremediavelmente difusos e de alguma forma débeis em termos de aplicação quotidiana. Depois existiam ainda um conjunto de agravantes de "menores" dimensões que, reunidas às dificuldades citadas anteriormente, prefiguravam um todo tão complexo e monumental quanto caótico e inoperativo. Falamos, por exemplo, da resistência provocada pelo contínuo estabelecimento de ligas internas, de que a Liga Suábia, fundada em 1488, constitui o melhor exemplo; bem como do problema da disponibilização de recursos financeiros, sempre insuficientes para fazer face às exigências administrativas e da existência própria de uma corte imperial. Apesar de Maximiliano ter combatido tudo isto e conseguido até alguns progressos no sentido de uma mudança mais de acordo com os tempos coevos, nomeadamente no apoio aos letrados e no fomento de uma economia mais virada para o universo comercial e financeiro, onde se destacam cidades alemãs como Colónia e Frankfurt, o facto é que o

império continuava a não libertar-se de traços aristocráticos típicos do passado[157] como, aliás, o próprio insucesso final da Dieta de Worms (1495) demonstra (expresso, enfim, na ineficácia de medidas como a Paz Perpétua, a criação de uma Câmara de Justiça Imperial, a criação da Chancelaria e da Câmara áulicas, e o estabelecimento do Soldo Comum, que no seu conjunto não conseguiram garantir a ordem interna como se pretendia aquando da criação da Dieta)[158].

O imperador continuava, assim, a não poder ombrear com o papado vendo, afinal, neste último, e apesar de todas as transmutações próprias da época, o grande adversário político da instituição imperial, agora expressa sobretudo no domínio da família dos Habsburgos, cuja importância no Ocidente passará a resultar não tanto da coroa imperial, que deixará, na essência, de conferir qualquer poder efectivo, mas antes da lenta e paciente constituição de uma poderosa "fortaleza" dinástica em torno dos ducados da Áustria e de Estíria[159], tal como havia sido nos séculos medievais[160] (os "novos" inimigos, a França e os Turcos, mais do que adversários políticos são inimigos de guerra, ou seja, até 1527, significam um litígio de características diferentes do mantido com Roma). Com a agravante de, neste período, o império se encontrar envolvido nos terríveis conflitos militares que devastam Itália, sempre com vista à obtenção de um poderio e uma influência tais que a balança do poder na Europa viesse a pender decisivamente em favor da casa Habsburgo – afinal, a Itália, pelo menos formalmente e em teoria, fazia parte do Sacro Império, pelo que a manutenção da sua posse era um dado incontornável para o estabelecimento de uma hegemonia na Europa cristã. Finalmente, um derradeiro argumento impõe-se: a Itália incluía a Santa Sé e a sua sede, Roma; dominá-las significava dominar o centro espiritual e cultural da Europa, argumento de peso se pensarmos nos milhões de fiéis devotos a Roma. Naturalmente, também aqui o choque entre o império e o papado é inevitável e tremendo, tanto mais que, à época, esta última instituição tende cada vez mais a tornar-se um Estado italiano

[157] Green resume a imagem do império neste período de forma particularmente feliz: "(…) o império não chegou a entender-se com a nova era e havia de permanecer para sempre como um fantasma medieval disfarçado de moderno" *in* V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, Lisboa, Dom Quixote, 1991, p. 119.
[158] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 113-121.
[159] Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, op. cit., p. 23.
[160] Cf., André Corvisier, *História Universal – O Mundo Moderno*, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977; John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 2000; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit..

entre vários outros[161], desejando nessa medida, acima de tudo, expandir territorialmente os seus domínios bem como o seu poder temporal.

Por tudo isto, somos levados a considerar a segunda hipótese como a mais provável e plausível: o império e o papado continuavam a digladiar-se politicamente no plano internacional disputando um lugar de primazia na Cristandade que, neste período, ironicamente, começava já a tornar-se irremediavelmente efémero para ambos dada a ascensão das diversas monarquias nacionais com particular realce para a emergência de duas potências: a Espanha e a França (a Inglaterra impor-se-á um pouco mais tarde). O cenário das grandes disputas internacionais pelo domínio da Europa Ocidental e da Cristandade tinha mudado para não mais regressar ao passado, e o palco onde essas mutações estavam a tomar formar e a concretizarem-se em definitivo não era senão o solo italiano e mais especificamente Roma. Daí que o imperador não apostasse no envio de uma delegação rica e faustosa de obediência ao novo papa, precisamente um pontífice que surge, contra todas as expectativas e espectros conjunturais da época, na linha de um inequívoco revigoramento da corte papal e de um surpreendente desenvolvimento da cidade de Roma que, desde os tempos dos Césares, não centrava em si tamanho fulgor cultural, político, social, artístico/arquitectónico e até económico – paradoxalmente a dimensão espiritual é a mais controversa e a menos revolucionária, como o surgimento da Reforma protestante irá confirmar. Por outro lado, é natural que o imperador não apresentasse uma excepcional embaixada em Roma, pois isso, mais do que obediência, significaria submissão. Ora, mostrar-se submisso, solicitador de benesses ou devedor do papado (de certa forma, e apenas nestes dois últimos aspectos, como D. Manuel o fez ao enviar a sua embaixada) era certamente a última coisa que Maximiliano quereria. É este conflito latente e de alguma forma terminal que o breve trecho do fidalgo encerra nas suas entrelinhas.

e) <u>Um momento controverso: Francisco I perante Leão X</u>

O relato do voto de obediência do rei de França, ocorrido no ano de 1516, ao novo papa por parte do fidalgo de Chaves, ainda que muito breve, reveste-se de

[161] Noção geopolítica que transcende os limites conceptuais envolvidos na definição dos Estados Pontifícios de então.

características perfeitamente singulares quando comparado com a narrativa respeitante às restantes delegações. Em primeiro lugar porque se insere na construção de um determinado retrato psicológico de Leão X que o autor constrói ao longo de boa parte da obra. Depois, porque informa acerca de traços fundamentais da sua política externa (o que, naturalmente, remete para a primeira questão), em particular no que se refere à sua relação com a França[162].

Vejamos mais em detalhe. A passagem em questão aponta para uma obediência dada em presença pelo próprio soberano francês, o que no contexto das *MFC* ganha toda uma nova expressão que aponta na direcção de uma íntima cumplicidade sobretudo ao nível temporal (leia-se política e militar num quadro geoestratégico mais vasto), entre Leão X e Francisco I (1494-1547): "Como o papa se vio em bolonha com el Rei de França (…) Avendo el Rei de França em seu poder paçifico o ducado de milão conçertaram elle E o papa de se verem ambos em bolonha. (…) E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer. o papa disse missa pontifical, E el Rei lhe deu em pessoa a obediençia. E despois de assentar seus feitos E liguas, passados tres dias el Rei se tornou pera milão, onde dizem que esteue alguns dias festeJando as damas da çidade."[163] Com efeito, não se fazendo representar, mas surgindo *in persona*, gera-se uma maior intimidade e estreiteza de laços – no sentido de cumplicidade – entre as partes em presença: "el Rei lhe deu em pessoa a obediençia."[164]

Noutra vertente, esta passagem revela toda uma informalidade existente entre os dois líderes – expressa quer na ausência de uma autêntica embaixada ao sumo pontífice, quer no incumprimento de um calendário oficialmente estabelecido para este efeito, quer ainda no próprio espaço utilizado para o encontro e efectivação do acto de obediência, Bolonha –, que rompe com aspectos do protocolo relativo à recepção papal e da cúria no seu conjunto às embaixadas de obediência, nomeadamente, a audiência concedida pelo papa aos embaixadores, após o desfile do cortejo, na presença do colégio cardinalício, dos diplomatas permanentes e outras figuras de referência necessária; sendo que é nesta audiência solene que é lida e entregue nas mãos do pontífice a carta de crença e obediência, fazendo então um dos membros da embaixada,

[162] Em capítulo próprio iremos explorar mais profundamente quer a construção do retrato psicológico de Leão X veiculado pelo autor, quer a forma como as *MFC* sugerem uma relação de proximidade e até de cumplicidade entre o pontífice e Francisco I.
[163] *MFC*, f. 211r e f. 211v.
[164] *Ibidem*.

habitualmente o orador responsável pela comunicação oficial, um discurso de circunstância, ao qual o papa responde.

Daqui resulta uma questão tão imediata quanto incontornável: qual era, de facto, a posição do papa relativamente à França? A resposta é fornecida ao longo de grande parte das *MFC* e, de certo modo, entronca na visão do autor acerca do carácter e da personalidade do novo pontífice[165]. No entanto, um dado podemos já avançar graças a este pequeno trecho: Leão X – ao contrário do seu antecessor, mais duro, objectivo e definido; mas nem por isso mais pragmático e eficaz – joga no tabuleiro da política externa europeia, neste período maioritariamente centrada no palco italiano conforme as tendências predominantes. Isto é, apesar das posições oficiais do papado normalmente favoráveis a Espanha e ao Imperador[166], ele não deixa de assumir compromissos com facções adversárias sempre que isso lhe traz vantagem. É precisamente o caso do encontro em Bolonha após a Batalha do Marignan, em 1515.

Este encontro, da ordem do factual e por isso inquestionável, é utilizado pelo fidalgo para legitimar a sua controversa tese de que, apesar de todas as aparências – expressas sobretudo nas já referidas posições oficias assumidas pelo papado – apontarem no sentido inverso, existe de facto, e para escândalo do autor, uma aliança entre a França e Leão X. O próprio vocabulário utilizado na pequena passagem em questão fundamenta e legitima esta interpretação, ao indiciar a existência de laços estreitos e inequivocamente cúmplices entre ambos: "Como o papa se vio em bolonha com el Rei de França"; "conçertaram elle E o papa de se verem ambos em Bolonha"; "E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer."[167]

Com efeito, o fidalgo insiste em diversos momentos do seu texto nesta questão crucial, em particular em termos de política externa da França e do papado, de que desde o início do seu pontificado Leão X se revela simpatizante da causa da flor-de-lis e dos interesses francófonos em Itália:

[165] A qual, como já assinalámos, iremos aprofundar mais adiante em capítulo próprio.
[166] "Naquelle tempo tinham feita ligua, scilicet, de huma parte o papa E el Rei de castela E o de Jnglaterra, o duque de milão E a senhoria de sena. E da outra parte era el Rei de França, venezeanos, E o duque de ferrara. E desta maneira estauão postos em armas huns contra os outros. E todo o feito era sobre o ducado de milão que el Rei de França queria pera si." in *MFC*, f. 209r e f. 209v.
[167] *Ibidem*.

> "Da causa por que o duque E soiços nam foram aJudados dos exerçitos do papa E del Rey de castella. Aguora direi a Vossa Jlustrissima Senhoria a Rezão por que o duque nam foi aJudado E socorrido dos exerçitos do papa E del Rei dom fernando. tinha o duque feito ligua com o papa, el Rei de castela E com os soiços. E tanto que a noua foi çerta que el Rei de França passaua a Jtalia, os soiços moueram de sua terra como hee dito em aJuda do duque, E o viso Rei se partio de napole, E o manifico Lourenço capitão da JgreJa com a Jente do papa que era muita. E estes exerçitos que assi hião em aJuda do duque de milão eram acordados de se aJuntarem com elle a çerto dia, E Juntos dar batalha a el Rei de França. mas Jndo o viso Rei a via de milão, E Jsso mesmo a Jente do papa, a poucas milhas huns dos outros, desque entraram em lombardia tendo os espanhoes feita huma ponte de madeira E barcas no Rio do poo, foy tomado hum correo que hia pera el Rei de França com cartas do manifico Lourenço capitão da JgreJa dandolhe aviso do dia em que os espanhoes aviam de passar o dito Rio, que entonçes seria tempo pera vir dar nelles. E que elle faria ho mesmo. E que tendo os espanhoes mortos E desbaratados, hiriam fazer ho mesmo aos soiços, E tomariam ho duque As mãos. o viso Rei vendo estas cartas, temeo E nam quis passar o Rio, E mandou cortar a ponte. E em quanto se Jsto passaua se deu a batalha. E por esta maldade se nam acharam nella os dous exerçitos E o duque foi perdido. E assi sem fazer nada se tornaram atras. o viso Rei pera napole E o manifico Lourenço pera Roma. E disto ser assi, E o papa ser frances, o vimos nas cousas que se loguo seguiram. em quanto o exerçito do viso Rei hia pera napole polla marca dancona, foi o viso Rei a Roma com poucos companheiros. E viosse com o papa em secreto. sua estada em Roma foram tres dias andando vendo a çidade Rebuçado em ancas doutro, mui tachado dos seus por nam castiguar a traição cometida contra elle [.] ca seus capitães lhe diziam que deesse na Jente do papa, E fizesse delles o que delles tinham ordenado por que ho poderiam fazer mui a sua honrra. E despois hir aJudar ao duque [.] E disto vi eu queixar muito a gonçalo barreto que veo com elle a Roma, E se achara presente a todo o sobredito."[168]

Segundo o fidalgo, a traição do papa à liga italiana é inequívoca e os autores coevos confirmam-no[169]. O mesmo podemos verificar, por exemplo, numa missiva do rei espanhol ao imperador: "Parece que sua Santidade tem estado a fazer jogo duplo. Todo o seu zelo em expulsar os franceses da Itália mais não é do que uma máscara."[170] E, com efeito, é pelos seus movimentos políticos de bastidores que o exército romano e florentino não entram na batalha, ditando assim a perdição dos suíços que enfrentam sozinhos a poderosa facção franco-veneziana:

---

[168] *MFC*, f. 210v e f. 211r.

[169] Cf. Francesco Guicciardini, *Storia d'Italia*, 3 vols., Edizione originale 1540, Milano, Garzanti Editore, 2006; Giovani Antonio Pecci, *Memorie storico-critiche delia cíttà di Siena*, edizione originale Siena 1755-1760, Siena, Cantagalli, 1988.

[170] Gustav Adolph Bergenroth (ed.), *Calendar of Letters, Despatches, and State Papers, relating to the negotiations between England and Spain, preserved in the Archives at Simancas and elsewhere*, vol. II, London, HMSO, 1862-1868, p. 240.

> "foy tomado hum correo que hia pera el Rei de França com cartas do manifico Lourenço capitão da JgreJa dandolhe aviso do dia em que os espanhoes aviam de passar o dito Rio, que entonçes seria tempo pera vir dar nelles. E que elle faria ho mesmo. E que tendo os espanhoes mortos E desbaratados, hiriam fazer ho mesmo aos soiços, E tomariam ho duque As mãos. o viso Rei vendo estas cartas, temeo E nam quis passar o Rio, E mandou cortar a ponte. E em quanto se Jsto passaua se deu a batalha. E por esta maldade se nam acharam nella os dous exerçitos E o duque foi perdido. E assi sem fazer nada se tornaram atras. o viso Rei pera napole E o manifico Lourenço pera Roma."[171]

A avaliação por parte do servidor de D. Jaime relativamente quer a Leão X quer ao monarca francês não é favorável, antes pelo contrário, como se pode verificar ao longo de todo o seu texto. O fidalgo é sobretudo impiedoso no que respeita às consequências morais e éticas desta relação (e, sobretudo, da simpatia e favorecimento que lhe são inerentes) que, na sua perspectiva, o papa nunca assume abertamente, antes mascara e dissimula, dando assim a ver o seu verdadeiro carácter e total falhanço enquanto herdeiro da cadeira de S. Pedro. A construção do retrato psicológico que fornece do pontífice tem nesta relação boa parte das suas origens[172].

A vitória do jovem e ambicioso Francisco I na sangrenta batalha de Marignan a 13 e 14 de Setembro de 1515[173] sobre as forças suíças que defendiam Maximiliano Sforza (1493-1530), duque de Milão, e que resultou na conquista do respectivo ducado, está na base quer do prestígio conquistado pelo soberano francês em solo italiano, quer da obtenção de algo que os seus antecessores Carlos VIII e Luís XI sempre falharam em alcançar: impor ao papa, por concordata, a organização da igreja francesa, algo que perdurou até à Revolução Francesa. O rei de França reservou desta forma para si o valioso direito de nomear os novos elementos quando vagassem as sés e abadias francesas; em troca, o papa obtinha o direito de receber anatas dos prelados nomeados. Trata-se da célebre *Concordata de Bolonha*, assinada no ano seguinte, que fez aumentar o poder da coroa sobre a Igreja de França ao conceder ao monarca francês o direito de

[171] *MFC*, f. 211r.
[172] Mais uma vez salientamos que, em capítulo próprio, iremos explorar com maior detalhe a temática do retrato de Leão X fornecido pelo fidalgo de Chaves, e para o qual contribui largamente a hipótese desta postura de simpatia e favorecimento por parte do pontífice para com o partido francês.
[173] A Batalha de Marignano, que teve lugar a 13 e 14 de Setembro de 1515 a 16 kms a sudeste de Milão, num lugar hoje denominado Melegnano, constituiu um dos momentos altos das *Guerras de Itália* (1494-1559).

indicar os bispos e outras autoridades eclesiásticas. Desta forma, a Concordata confirma a tendência separatista da igreja católica da França em relação a Roma e ao Papa, ao mesmo tempo que reforça a ideia de que a Igreja francesa tinha, de alguma forma, uma posição privilegiada em relação à cúria romana. Pode dizer-se que residem aqui as origens mais antigas do galicanismo, ou seja, da subordinação da Igreja de França ao rei. Ainda na sequência dessa vitória, o pontífice cede à França as povoações de Viterbo, Parma e Placência[174].

Ainda em 1516, em Friburgo, Francisco I assina a *Paz Perpétua* com os suíços reforçando assim a sua imagem europeia de prestígio, algo que dada a sua juventude e recente ascensão ao trono ainda não tinha conseguido.

Para levar a cabo tamanha façanha militar, dado que os suíços eram considerados praticamente invencíveis, estatuto que mais tarde será detido pelos *tercios* espanhóis, unidade militar de elite criada pelos Habsburgos, Francisco I assegurou (leia-se "comprou") a neutralidade de Henrique VIII de Inglaterra (1491-1547) e estabeleceu uma aliança com Veneza, ao mesmo tempo que contratou os serviços de cerca de 20 000 mercenários alemães, a juntar aos seus cerca de 13 000 soldados. O monarca francês tentou também garantir a neutralidade de Maximiliano I e a de Fernando II de Aragão (1452-1516) – então regente da coroa castelhana dada a incapacidade da filha Joana I de Castela, *a Louca* (1479-1555)[175], após a morte do marido, Filipe I, *o Belo* (1478-1506)[176] –, mas falhou neste intento[177].

O que as palavras do fidalgo nos indicam é que, apesar das aparências, Francisco I após a sua vitória militar da qual resultou a tomada do ducado de Milão não impôs ao papa, ou seja, contra a absoluta vontade deste, a Concordata. Na verdade, as suas palavras apontam no sentido de uma cumplicidade e de uma cedência sem contradição

[174] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, Barcelona, Editorial Crítica, 1985; André Corvisier, *História Universal – O Mundo Moderno*, op. cit., pp. 27-114; Edward McNall Burns, *História da Civilização Ocidental*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, pp. 91-195; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, Barcelona, Labor, 1969; João Ameal, *História da Europa (1495-1700) - De Vasco da Gama à Paz de Ryswick*, vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1983, pp. 11-125.

[175] Mãe do futuro imperador Carlos V.

[176] Filho do imperador Maximiliano I.

[177] Cf. Euan Cameron (coord.), *O século XVI*, Porto, Fio da Palavra Editores, 2009; Jean Carpentier e François Lebrun, *História da Europa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2002; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit.; John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, op. cit., pp. 23-142; Idem, *A Europa Durante o Renascimento: 1480-1520*, op. cit., 1983.

por parte de Leão X (o que não é de estranhar pois, na verdade, o papa limitou-se a confirmar um procedimento que já se fazia desde há muito).

Estamos, pois, perante uma leitura original e objectiva de tão importante acontecimento no quadro da história da Europa, em particular do Renascimento: "conçertaram elle E o papa de se verem ambos em Bolonha"; "E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer."[178] Uma leitura que, em última análise, certamente mereceria um olhar atento por parte do destinatário deste minucioso relato, D. Jaime de Bragança.

Como assinalámos anteriormente, o autor fala de um encontro e não de uma embaixada de obediência propriamente dita. Ora no quadro da definição da constelação de poderes que permanentemente assediam a Santa Sé, no qual Portugal está incluído, isto reveste-se de um interesse especial. Com efeito, este "encontro" faz-nos mergulhar nos meandros mais complexos e obscuros da política externa que marcou as *Guerras de Itália*, pautada por uma sucessão de tratados e alianças que se desfaziam tão rapidamente como nasciam.

Francisco I era inimigo de Espanha e do Sacro Império, ambos aliados do papado. Por outro lado, a relação da Espanha com o papa não se limitava à mera aliança conjuntural, tão característica das *Guerras de Itália*; constituía antes o grande alicerce político-militar da instituição espiritual e temporal que este último representava. Basta "percorrer" as ruas da Roma dos alvores de Quinhentos para vislumbrar esse facto. A cidade está pejada de espanhóis e alemães que interferem em todos os grandes acontecimentos da cidade, da economia à vida social, passando pelo garantir do funcionamento das milícias urbanas e especificamente papais. As *MFC*, como iremos verificar, revelam isso mesmo em diversos momentos:

> "Como os Romanos acordauão de poer A espada os espanhoes de Roma. (…) sem perdoar a nenhum estado, dizendo que nam era de comportar serem mandados E guovernados por elles E tam maltratados que em sua propia terra E çidade os feriam E matauão."[179]; "fala que o duque de tracto fez aos Romanos (…) quero saber de voos que Romanos se poderão aJuntar que peleJem contra os espanhoes, E quantos espanhoes avera em Roma pera

[178] *MFC*, f. 211r.
[179] *MFC*, f. 215v.

> tomar armas. foilhe Respondido que se aJuntarião vinte mil Romanos E que os espanhoes poderiam ser seis mil."[180]

Assim, para se dar este encontro representado de forma tão cúmplice e até afável pelo fidalgo, o papa tinha de ter boas relações com a França, o que contraria toda a postura do Vaticano que está oficialmente do lado da Espanha, arqui-inimiga de França. E, de facto, essa "simpatia" existia, como comprova o casamento que o pontífice promoveu entre o irmão Giuliano com a tia do jovem Francisco I, em Fevereiro de 1515, poucos meses antes da Batalha de Marignan[181]. Por outro lado, a França sempre manteve Florença na órbita da sua influência, surgindo esta última como a vizinha dos Estados Pontifícios tradicionalmente "obrigada" a aliar-se à França. E mesmo após 1512, quando a derrotada Florença vê os espanhóis imporem o fim da República e ditar o regresso dos Médici, estes, já na qualidade de novos governantes supremos da cidade e do seu território, ficam do lado francês nas contendas internacionais em solo italiano.

A França tinha, pois, em Leão X um aliado importante – quando esteve cativo dos franceses, não muito antes de ser eleito papa, o então cardeal Giovanni Médici não foi por eles maltratado. Afinal, quando Francisco I entrou em Itália, ao contrário do que se passou com os seus predecessores Carlos VIII (1470-1498) e Luís XII (1462-1515) e apesar da sua juventude e do desejo ardente de conquistar o respeito militar na Europa, ele busca algo que vai para além da glória na guerra. Com efeito, interessava sobretudo eliminar as pretensões imperiais e espanholas em solo itálico. Daí que este se transformasse no palco central do que era agora abertamente o conflito Habsburgo-Valois. Por outras palavras, se ao nível interno a política do jovem monarca aponta para a salvaguarda e alargamento da autoridade régia, já no quadro externo a sua política assenta sobretudo numa política de poder, ou seja, na necessidade de impedir que qualquer potência ou grupo de potências dominasse a Europa cristã. Para tal necessitava de dominar a Itália. O que só seria possível tendo o papado do seu lado.

Tal como Júlio II, também Leão X, em teoria pelo menos, era contra a presença estrangeira em Itália, em particular francesa. As regras do jogo, na sequência do papado anterior, era para aí que apontavam. Mas a verdade era que Leão X estava ligado a França por laços políticos e familiares, e desde muito cedo que o novo pontífice – como

[180] *MFC*, f. 216r.
[181] Cf. Herbert M. Vaughan, *The Medici Popes*, New York, G.P. Putnam's Sons, 1908.

o fidalgo revela em variadíssimos momentos do seu texto – mostra colocar os interesses da sua linhagem e o engrandecimento contínuo da sua estirpe, acima de qualquer outro propósito, incluindo espiritual. Fundamentam esta conclusão as tentativas de aproximação promovidas por Leão X entre a casa Médici e a casa real francesa através de um sempre eficaz instrumento de poder: o parentesco pelo matrimónio[182]; neste caso, como já foi referido, entre o seu irmão Giuliano e a tia do jovem Francisco I. Não era, pois possível que Leão X fosse contrário a França; aliás, logo após a ascensão ao trono de Francisco, Leão X escreveu a felicitá-lo e a garantir-lhe a sua total confiança nas boas intenções do novo líder da França relativamente à Santa Sé; em simultâneo, e não deixando fugir tão excelente oportunidade, solicitou-lhe que concedesse ao seu irmão, o cardeal Giuliano, o arcebispado de Narbonne, pedido ao qual o novo soberano acedeu.

Leão X alinhou, de facto, com os inimigos de Francisco antes da batalha no sentido de oferecer resistência ao invasor francês, mas sempre de forma discreta e cautelosa, nunca dando azo a ofender abertamente o rei francês e precavendo sempre uma possível vitória deste último, o que veio de facto a acontecer. E, na realidade, resolvido o conflito, rapidamente o pontífice fez as "pazes" com o Valois[183], tentando sempre obter favores para os seus parentes, em particular o seu irmão Giuliano que já tinha recebido um arcebispado do rei francês[184]. As ambições dinásticas de Leão X revelavam-se de forma aberta precisamente neste encontro narrado de forma tão eloquente pelo fidalgo de Chaves.

Por outro lado, o novo pontífice desejava utilizar a presença francesa em Itália para refrear ao máximo as ambições não veladas do ainda arquiduque Carlos, quando este ascendesse ao trono espanhol e eventualmente ao império, o que veio a acontecer no primeiro caso logo em Março do ano seguinte e no segundo caso em 1519[185].

---

[182] Cf. *Ibidem*.

[183] Sempre astucioso, Leão X tomou diligências para uma conciliação com Francisco I caso a necessidade surgisse. Afinal, ninguém conhecia o desenlace do conflito, até porque os temíveis mercenários suíços estavam do lado da liga anti-francesa. Conhecido o resultado da batalha, não perdeu tempo a enviar um dos seus mais fiéis e confidenciais servidores, Lodovico Canossa, a oferecer a sua aliança ao vencedor. Por sua vez, Francisco I não se revelou nada relutante em aceitar esta aliança, pois sabia, pelo exemplo do seu antecessor Luís XII, que mesmo quando o poder temporal do papa está aniquilado o seu poder espiritual, expresso na devoção e no poder de conduzir milhões de fiéis em toda a Europa, representa um argumento a não subestimar. Por outro lado, a última coisa que desejava era o lançamento de qualquer interdito eclesiástico por parte de Leão X. Nessa medida, recebeu muito bem o enviado papal e sugeriu que se encontrassem ambos pessoalmente, algo que o papa de imediato aceitou. Bolonha foi apontada como o local para o encontro.

[184] Cf. D. P. Kidder, *Life And Times Of Leo The Tenth (1850)*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2010.

[185] Cf. William Roscoe, *Life and Pontificate of Leo X*, vol. III, op. cit..

Outro exemplo da volatilidade das posições políticas de Leão X e da forma flexível e de conveniência como perspectiva o exercício do poder – no seu caso e como iremos verificar, sempre no sentido do nepotismo – regista-se aquando do momento em que toma conhecimento da morte de Fernando II de Aragão, o que lhe deixou o caminho aberto para tomar a cidade de Sena:

> "veo noua ao papa que el Rei dom fernando era faleçido. muito se afirmaua que quando Sua Santidade a ouvira, aleuantando as mãos ao çeo disse, aguora hee morto o maior amiguo que tinha. E sem mais fazer detença mudando o primeiro proposito se partio de florença, E a grandes Jornadas se veo a Roma. E loguo pos em obra a detriminação que tinha da destrohição do cardeal de sena E de seu Jrmão, mandando seus capitães com toda a Jente de guerra que se podesse fazer, deitar fora de sena ho cardeal E seus Jrmãos E todolos de seu bando, E meter e apoderar da çidade ao bispo petruche."[186]

Em suma, também o encontro entre Leão X e Francisco I narrado pelo fidalgo de Chaves se inscreve no âmbito das representações de poder em Itália no início de Quinhentos. Mais do que nunca, neste acto peculiar de obediência vislumbramos a festa (apesar de o fidalgo não o referir, o encontro envolveu um cerimonial festivo, ainda que limitado e algo simulado, na medida em que envolveu subornos, sobretudo quando comparado com os eventos diplomáticos ocorridos em Roma), a propaganda e os grandes poderes da época de mãos dadas. Apesar de sucinto, se enquadrado no restante da obra, o trecho do fidalgo relativo ao encontro entre o rei de França e Leão X, no qual o primeiro deu obediência ao pontífice, torna-se bastante elucidativo da verdadeira natureza da relação existente entre os dois líderes. Informações certamente preciosas para alguém na posição de D. Jaime, o destinatário do texto.

f) A delegação do cardeal húngaro de *Strigonia* a Roma

Ao falar da delegação húngara que deu entrada em Roma – à qual o fidalgo assistiu – e em particular do seu líder, o cardeal de Strigonia, o autor das *MFC* revela, acima de tudo, uma enorme reverência pelo facto de tratar-se de um *cardeal de guerra*,

[186] *MFC*, f. 211v.

ou seja, de um alto dignitário da Igreja Católica que, por habitar nos limites fronteiriços da Cristandade, assume pessoalmente as tarefas guerreiras contra os principais inimigos da fé, à época, e no quadro específico das *MFC*, os turcos otomanos: "Da vinda do cardeal de striguonia vngaro a Roma. Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo."[187] De salientar os apontamentos do autor, em primeiro lugar, relativamente à "muita autoridade" do cardeal e, em segundo lugar, ao facto de manter a guerra (leia-se santa) à "sua custa" contra os turcos.

A posição de fronteira ocupada por este cardeal e as consequências daí decorrentes em termos do contacto directo e quotidiano das populações locais, em particular dos militares, com os turcos; aliadas à força de todo um imaginário lentamente construído mas permanentemente enriquecido pela Cristandade ocidental, quer em relação ao inimigo turco – que à época ainda não conhece a derrota –, quer relativamente à própria adversidade – e respectiva carga lendária – da geografia da Europa dos Balcãs, alimentavam uma imagem e uma simbólica de poder partilhada pelos europeus ocidentais em relação aos "irmãos de fé orientais" tão singular quanto intensa e sólida: "E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo." [188]

Toda esta expressão, afinal, constitui uma inequívoca representação de poder intimamente relacionada com a prática da guerra[189] e fortalecida em grande parte por uma mensagem que não está expressa mas que se pode ler nas entrelinhas, relativamente à vivência quotidiana da guerra e à violência extrema daí decorrente (real e imaginária, por exemplo, em relação a determinadas práticas de tortura protagonizadas pelos turcos).

A descrição do início da delegação oriunda da Húngria reporta, assim, inteiramente à guerra contra o inimigo da fé cristã. É, pois, bastante precisa a marca de poder com que nos deparamos aqui. Nada da informação fornecida pelo fidalgo sai fora

[187] *MFC*, f. 164r.
[188] *Ibidem.*
[189] Elemento que será determinante na avaliação do *Outro* europeu habitante desta sensível e periclitante região fronteiriça, e que analisaremos em capítulo próprio.

do âmbito guerreiro. Inclusive a longa descrição do vestuário tem sempre como referencial o turco, ou seja, o inimigo e a guerra:

> "E os mais vestidos de sedas vestense como turcos, as Roupas que seruem em luguar de pelotes, scilicet, trazem çingidas. são como mongys muito estreitos sobidos no pescoço E longuos quasi pollo calcanhar E de mui pouca faldra. Jsso mesmo as manguas compridas E muito estreitas E apanhadas nos braços A maneira de Recramos. abotoanse com brochas de prata mui larguas que tomam quasi o peito todo. E em huma das manguas trazem guarnições do mesmo teor de prata. E os mais nobres E Ricos dalJofre E perlas. as sedas que vestem são pedradas com Rosas douro como de vestimentas digreJa. as Roupas que seruem de capas são do mesmo teor das çingidas soomente capelos muito pequenos E chãos. as manguas são tambem estreitas E longuas. as ombreiras cheguão quasi ao cotouelo por onde tiram as manguas preguadas, trazem os cabelos torçidos como egitanos. E os mais louros, as barbas de deferentes maneiras [.] trazem botas de pontilha de muitas solas cahidas pera baixo preguadas como as manguas. E delles as trazem pintadas douro pelle. E por que sua vinda foi na entrada do Jnuerno todos traziam forros de pelles de que em sua terra dizem que haa muita abastança. E assi trazem forros na cabeça como no corpo. esta maneira de vestir hee assi nos de pee como nos de caualo." [190]

O mesmo se passa com a evocação, plena de simbolismo guerreiro, do cavalo nesta passagem da fonte: "seus caualos são antre ginetes E quartaos E quasi todos brancos com as ventãs fendidas E todos castrados. trazianos aJaezados de prata de gentis envenções. caualguauão A estardiota. os freos são de tão estranha maneira que ho nam saberei decrarar em escrito tanta deferença tem dos nossos. trazem esporas de muitos açicates que sam quasi de cardeaes. E em todalas outras partes Jsto era quando o cardeal caualguaua que o esperauão, ou cavalguando a algum neguoçio seu. tem por custume quando caualguão leuar capas de feltro atadas aos arções dianteiros per sol E per chuua. E nos mesmos arções trazem huns atabaletes que costumam tocar pera animar seus caualos na guerra. alguns erão bem ensinados. E os mais pareçiam homens de fera criança. E trazem todos bandeiras nas lamças quando andam caminho."[191] De salientar também aqui o elemento musical, mais uma vez relacionado com a prática da guerra, expresso na utilização, a cavalo saliente-se, de um pequeno tambor com funções

[190] *MFC*, f. 164r e f. 164v.
[191] *MFC*, f. 164v.

claramente marciais: "E nos mesmos arções trazem huns atabaletes que costumam tocar pera animar seus caualos na guerra." [192]

Por tudo isto, e dado o inflamado espírito guerreiro do nosso fidalgo, plenamente de acordo com o enquadramento político e ideológico, quer português quer europeu Ocidental, de cruzada, leia-se Guerra Santa, contra o turco que perigosamente assolava a Europa Sul e de Leste (elemento psicológico tanto mais importante e marcante quanto o facto do turco nunca ter sido derrotado, antes ter protagonizado uma sempre impetuosa e já longa, e por isso angustiante para os cristãos, invasão dos territórios dos seguidores de Cristo, sejam católicos ou ortodoxos), não é de estranhar que a embaixada deste cardeal de Strigonia fosse considerada pelo fidalgo como a mais notável de todas as que presenciou, à excepção, naturalmente, da portuguesa: "a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas nações que em todo tempo que estiue em Roma vi. tirando a embaixada de portugual." [193]

Um derradeiro pormenor a destacar nesta passagem do relato, no âmbito do levantamento das evidências de poder presentes na fonte, reside na ausência clara de fronteira entre o universo da religiosidade – aqui personificada na figura do velho cardeal de Strigonia – e o universo da guerra aberta e inequívoca. Por outras palavras, este cardeal é um autêntico paradigma da simbiose entre a Igreja católica, e em particular da sua cúpula hierárquica, e a prática da guerra na viragem do século XV para o século XVI, designadamente no que reporta à guerra ao turco otomano. Naturalmente, as *Guerras de Itália*[194] constituem outro domínio onde esta interacção é evidente[195].

Este aspecto é de importância central na análise das manifestações de poder que integram as *MFC*, pois o agente de D. Jaime não revela o menor espanto no facto de um cardeal, ou seja, um dos elementos cimeiros da pirâmide católica, exercer, inclusivamente à sua custa, ou seja, com uma enorme margem de manobra em termos decisórios, pois afinal é ele – como o fidalgo faz questão de indicar – quem custeia o conflito, a liderança num processo de luta armada. Tal ausência de surpresa indicia que estamos perante não apenas uma prática comum na época e no cenário específico da

[192] *Ibidem.*
[193] *Ibidem.*
[194] Um conjunto de oito conflitos ocorridos entre 1494-1559.
[195] Cf. Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, Cambridge, Cambridge University Press, 1921; Thomas F. Arnold, *The Renaissance at War*, Smithsonian History of Warfare, John Keegan (ed.), London, Cassell & Co, 2002.

Igreja católica, mas sobretudo um fenómeno que muito possivelmente era valorizado em termos de simbólica de poder por parte dos Estados Pontifícios, enquanto emissor de uma determinada mensagem, e a população em geral, enquanto grande receptor das consequências de tal comportamento político-religioso.

Com efeito, raramente o esbatimento ou a fragilidade da linha que separa o espiritual e o temporal neste período surge de forma tão inquestionável: "hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo." [196] Como podemos verificar, o cardeal de Strigonia apresenta-se como um verdadeiro chefe de guerra, um *condottiero*[197] em plenitude, cujo poder, total e ilimitado, não se limita sequer a um posto fronteiriço, antes a um conjunto de fortalezas, ou seja, a toda a extensão de uma marca de guerra, na melhor definição medieval.

A consciência da inexistência desta separação, que atingiu o clímax com o papa Júlio II, constituirá afinal um dos principais argumentos de Martinho Lutero (1483-1546) na acusação que desenvolve contra a Igreja romana e a sua alegada decadência e desvio daquilo que deve de facto constituir o caminho dos representantes de Cristo na terra – muito em particular do seu vigário –; daí que apontá-la seja crucial em qualquer tentativa de definição da prática do poder na Roma do início de Quinhentos[198]. Também Erasmo de Roterdão (1466-1536) – partindo do princípio, tradicionalmente aceite, de que o humanista cristão é o autor da obra[199] – no diálogo satírico intitulado *Julius Exclusus* efectua uma forte crítica à mundanização da cúria de Roma, através do diálogo mantido por Júlio II, precisamente o "pontífice guerreiro", às portas do céu com S. Pedro, estando este surpreendido pela aparência mundana do seu sucessor.

Esta embaixada não deixa igualmente de constituir um importante elemento de propaganda a favor do papado que desta forma revela, mediante a já referida ausência de fronteira entre o espiritual e o temporal – neste caso numa das suas facetas mais complexas e controversas em relação à prática religiosa: a guerra –, à população de

[196] *MFC*, f. 164r.
[197] *Vide* "O *Condottiero*" por Michael Mallett. In *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 37-58.
[198] Cf., Jean Delumeau, *La Reforma*, Barcelona, Editorial Labor, 1977.
[199] Apesar de ter negado a sua publicação (anónima), em 1517, Erasmo nunca negou ter escrito *Julius exclusus.*

Roma e, enfim, através dos embaixadores e inúmeros visitantes da urbe eterna, a toda a população da Cristandade ocidental, como o líder da Igreja católica, através de um dos seus mais leais e esforçados servidores, exerce um combate activo e sem restrições contra o grande inimigo da verdadeira fé, o turco, e que constitui simultaneamente uma ameaça tão próxima quanto real, como o comprovam as recentes, sucessivas e brutais vitórias em solo cristão.

Finalmente, é fundamental não esquecer a importante contribuição desta delegação para o reforço do ambiente festivo e de fausto que caracteriza o quotidiano romano coevo. Falamos de reforço e não de ruptura na vida da urbe, pois Roma não tem de facto, neste período, um quotidiano monótono e isento de eventos distintivos. Pelo contrário, a cidade situa-se, com Júlio II e sobretudo com Leão X, nos antípodas de uma existência monótona ou rotineira. No período em que o fidalgo de Chaves habita na cidade (1510-1517), tudo se passa e tudo reverte, de uma forma ou de outra, para Roma, como tão bem o comprovam as embaixadas e delegações de obediência ao papa. Isto a juntar ao ambiente festivo (vejam-se o Carnaval, as procissões e os desfiles) e extremamente vivo do ponto de vista cultural da cidade (vejam-se o teatro e as inúmeras construções arquitectónicas promovidas pelos papas e executadas pelos grandes artistas coevos).

Falamos, pois de "reforço" – um notável reforço no caso específico desta delegação e da embaixada de Tristão da Cunha – na medida em que vislumbrar cavaleiros da Cristandade vestidos à maneira turca é, sem dúvida, um elemento fortemente festivo e de admiração geral. Trata-se de trazer a guerra de fronteira e a cruzada contra o infiel para a própria capital da Cristandade.

Os romanos vislumbram desta forma o diferente, o excêntrico, o bizarro de paragens longínquas e sedutoramente perigosas. De alguma forma, estamos perante o regresso do *panem et circenses*.

g) O duque de Tremaines, novo capitão-geral da Igreja

Ainda que não enquadrada na temática específica da embaixada, de obediência ou subordinada a qualquer outro propósito ao papa, a narração pelo fidalgo da entrada em Roma do duque de Termenes com o objectivo de assumir o cargo de capitão-geral

da Igreja revela-se de singular importância ao nível da representação do poder, do cerimonial festivo de investidura de um cargo público em Roma e, consequentemente, da veiculação propagandística de toda uma ideologia de carácter político. Impõe-se, por isso, a sua análise neste passo do nosso estudo:

> "Como foi o carguo de capitão da JgreJa dado ao duque de termenes E de sua morte. Em quanto estas cousas passauão veo noua ao papa que era aportada grande armada em napole com muita Jente de pee E de caualo que el Rei dom fernando de castela em sua ajuda E da JgreJa Romana mandaua. E di a poucos dias entrou em Roma o duque de termenes que fora chamado pera ser capitão da JgreJa, E vinha Reçeber a bandeira E ho bastam. Por que nos capitolos dantre el Rei E o papa quis el Rei que o duque dorbino nom fosse capitão. o dia que o duque de termenes Reçebeo o bastam se diss[e] a missa papal em sampedro E o cardeal sam Jorge a quem este carreguo tocaua por ser camaralenguo da see apostolica lhe deu a benção ho bastão E a bandeira acabado o ofiçio E o duque que sahio da JgreJa primeiro que os cardeaes acompanhado de muitos senhores E outros muitos cortezãos, caualguou em hum caualo mui grande E fermoso. seu vestido era de borcado. leuaua ho bastão na mão E seu alferez a bandeira E em muita ordenança atrauessaram a moor parte da çidade atee cheguar a sua pousada. era homem de Jentil peça E amostraua bem em seu aspeito ser mereçedor da honrra E carreguo que lhe era dado. o papa nestes dias se foi de Roma a solazarse aos luguares Junto do mar. o duque antes de partir de Roma adoeçeo de febres E assi doente se partio pera bolonha. E nom tardou que veo noua que era morto. alguns murmurauão que o duque dorbino lhe fizera dar peçonha avendo por JnJuria ser tirada a elle a capitania E estoutro açeptalla. a causa por que se partio o duque de Roma assi doente foi ser avisado que o viso Rei dom Reimon de cardona era partido de napoles pera se hir aJuntar com elle."[200]

Num primeiro momento, esta passagem reenvia para dois elementos centrais ao nível da simbologia do poder na estrutura político-militar da cúria pontifícia: a bandeira e o bastão de marechal do capitão-geral da Igreja. Com efeito, era tradição que o capitão-geral da Igreja ostentasse um bastão, abençoado pelo papa anualmente, enquanto símbolo supremo do seu comando e do poder e representatividade que envolvia o cargo em si. Afinal, trata-se do comandante supremo do exército pontifício, bem como de um cargo que o papado tradicionalmente remeteu para a imagem referencial de Carlos Magno (742-814), aquele que foi sempre considerado o primeiro capitão-geral da Igreja, nomeado pelo papa Leão III (c. 750-816). Já a bandeira constitui

[200] *MFC*, f. 149r e f. 149v.

a expressão gráfica maior dos Estados da Igreja. É a sua suprema manifestação em termos iconográficos e pictóricos[201]. Na essência, o elemento físico inequívoco que os súbitos deviam de imediato reconhecer e seguir.

De assinalar, pelo realce atribuído na própria redacção, que estes são os dois elementos materiais que o fidalgo considera mais significativos enquanto símbolos quer do cargo *per se*, quer do prestígio e, sobretudo, do poder a ele associados. De tal forma que, como podemos verificar pela análise da fonte, a sua recepção envolve um ritual religioso – de carácter público – específico, onde o momento chave consiste na bênção dada pela cardeal S. Jorge à investidura (no papel de "camaralenguo da see apostolica"), bem como na entrega pelo mesmo do referido bastão e da bandeira: "o dia que o duque de termenes Reçebeo o bastam se diss[e] a missa papal em sampedro E o cardeal sam Jorge a quem este carreguo tocaua por ser camaralenguo da see apostolica lhe deu a benção ho bastão E a bandeira acabado o ofiçio"[202]

Terminado o ofício, o duque deixa o templo, sendo de destacar neste passo a regra do cerimonial envolvido: o duque avança primeiro que os cardeais, acompanhado de outros senhores e cortesãos, bem como do alferes que transporta a bandeira. Em seguida, desloca-se pela cidade, "em muita ordenança", numa clara demonstração de poder e ostentação, tendo o autor o cuidado de assinalar que "caualguou em hum caualo mui grande E fermoso". Este apontamento, aliado à referência ao vestuário rico e distinto que apresenta ("seu vestido era de borcado"), indica a preocupação do fidalgo em dar a ver toda a magnificência do cerimonial com o propósito último de realçar a importância do cargo de capitão-geral da Igreja – uma autêntica referência no seu quadro mental relativamente à hierarquia social da corte papal: "era homem de Jentil peça E amostraua bem em seu aspeito ser mereçedor da honrra E carreguo que lhe era dado". Uma derradeira referência nesta passagem à relação de carácter psicológico efectuada pelo autor entre o cargo e o aspecto de quem o vai ocupar, como se a figura destinada a assumir tal função deva necessariamente responder, *a priori*, a determinados requisitos físicos e comportamentais, inequivocamente cortesãos.

Por outro lado, também a questão do exercício da propaganda por parte da cúria se manifesta neste extracto. Com efeito, esta tomada de posse de um cargo importante

[201] Até 1808 a bandeira dos Estados Papais consistia em duas barras verticais, sendo a primeira de cor vermelha e a segunda amarela.
[202] *MFC*, f. 149r.

da igreja é claramente utilizada para fins propagandísticos por parte da cúria, ou não tivesse o duque, imediatamente após receber o bastão e a bandeira, devidamente benzidos, de atravessar a maior parte de Roma em desfile ordenado, num claro exercício de ostentação de poder e de propaganda institucional por parte da Igreja romana: "acabado o ofiçio E o duque que sahio da JgreJa primeiro que os cardeaes acompanhado de muitos senhores E outros muitos cortezãos, caualguou em hum caualo mui grande E fermoso. seu vestido era de borcado. leuaua ho bastão na mão E seu alferez a bandeira E em muita ordenança atrauessaram a moor parte da çidade atee cheguar a sua pousada"[203]. A população de Roma pode, desta forma, assistir de perto ao exercício ritual do poder papal e – aspecto crucial – confirmar em primeira mão o pleno funcionamento das instituições e dos mecanismos políticos da cúria. E sempre num ambiente categorizado algures entre o comemorativo (leia-se festivo) e a seriedade ritualística que sempre envolve as tomadas de posse da Roma quinhentista.

Outro aspecto importante nesta passagem consiste no momento em que o autor assinala que o rei de Castela, D. Fernando V (1452-1516)[204], fez valer a sua vontade junto do papa Júlio II para que o duque de Urbino[205] não fosse eleito capitão-geral da Igreja: "Por que nos capitolos dantre el Rei E o papa quis el Rei que o duque dorbino nom fosse capitão"[206].

Daqui podemos depreender que para o fidalgo português o papa não tinha poder efectivo e concreto para contrariar o rei de Castela, de tal forma que numa matéria puramente italiana e mais especificamente do foro dos Estados Pontifícios, o rei de Castela consegue sem contrariedade fazer valer as suas opções políticas. Premissa tanto mais válida quanto a figura em questão tratar-se de um sobrinho do papa, elemento

[203] *MFC*, f. 149r.
[204] Também Fernando II de Aragão ou Fernando, o *Católico*.
[205] Francesco Maria (I) della Rovere (1490-1538) foi duque de Urbino e Sora. Destacado *condottiero* do Renascimento italiano, teve durante a juventude uma educação cuidada sob a orientação do humanista Ludovico Odasio. Em 1509, tal como o seu pai antes dele, Giovanni della Rovere, e igualmente por nomeação do papa Júlio II, tornou-se capitão-geral da Igreja – cargo que lhe permitiu destacar-se na luta contra Ferrara e Veneza. Em 1512, após o falecimento do Senhor de Pesaro, Giovanni Sforza ou Costanzo II Sforza (1466-1510), e dada a inexistência de herdeiros, Francesco Maria recebeu igualmente a *signoria* de Pesaro. Na sequência da morte do papa Júlio II, seu tio, e da eleição de Leão X perde a posição privilegiada que detinha até então, nomeadamente o cargo de capitão-geral da Igreja, um ano após o falecimento do tio, e o ducado de Urbino, que em 1516 passa para Lorenzo de Médicis (1492-1519), sobrinho de Leão X, o qual, no mesmo ano, ascende também a capitão-geral da Igreja. Nicolau Maquiavel (1469-1527) dedica a Lorenzo de Médicis a obra *O Príncipe* (redigida em 1513 e publicada pela primeira vez – postumamente - em 1532). Apenas em 1521, com a morte do papa, Francesco Maria irá recuperar o ducado.
[206] *MFC*, f. 149r.

decisivo num período e num contexto onde o nepotismo é uma prática assumida e vigente.

A visão do autor para com o papado neste período não é, pois, sinónimo de força política incontestável, antes um poder que vacila consoante as pressões "superiores" a que está sujeito, ou seja, neste caso específico, consoante as pressões exercidas pelos principais monarcas europeus ocidentais.

~

Na essência, as embaixadas à cúria pontifícia nos alvores de Quinhentos constituem um espelho das cortes e dos monarcas que as projectam e enviam. E, nessa medida, acabam por espelhar mais ou menos fielmente a política externa e as intenções destes no quadro da geoestratégia da Europa. A forma como são projectadas e postas em prática aliada à sua semântica geral e à sua simbólica final fazem delas, pois, a um tempo, um poderoso instrumento do poder que pretendem representar.

E se no século XV as embaixadas à cúria romana, nomeadamente as de obediência, constituíam uma forma solene de vassalagem dos príncipes ao papa, a partir dos inícios do século XVI passou-se a acrescentar a esta função a de extraordinário e eloquente meio de divulgação e propaganda ideológica. A embaixada era o príncipe. Pelo que, quanto mais monumental, rica, faustosa e impressionante fosse, mais este era invejado, temido e respeitado pelos pares, pela cúria e, superior objectivo de quem a enviava, pelo detentor da cátedra de S. Pedro.

Noutra vertente, não menos importante, as embaixadas à cúria veiculavam uma intensa troca de informações sobre a situação política na Europa e, acima de tudo, sobre as pretensões das Coroas que perfaziam a Cristandade.

Outra perspectiva ainda faz-nos vislumbrar o enriquecimento cultural proporcionado por estas embaixadas, merecendo aqui grande destaque o caso português com a delegação liderada por Tristão da Cunha. Com efeito, as embaixadas mostravam o povo que as protagonizava, bem como as suas particularidades culturais e etnográficas. O que já de si era de extremo valor numa época onde se começava a olhar o diferente com uma genuína curiosidade, liberta dos condicionalismos religiosos normalmente impostos até aí. Mas quando surgem embaixadas como a portuguesa, que

traz consigo algo mais que o traço europeu, seja do Ocidente ou de Leste, então a dimensão cultural destes eventos diplomáticos e políticos como que faz explodir os limites inicialmente pensados para os mesmos. Falamos do elemento exótico, verdadeira marca distintiva numa embaixada e que atingiu um expoente no caso da delegação portuguesa, como aliás o confirma o rasto que deixou nas artes, na sociedade e na cultura quer de Quinhentos, quer dos séculos seguintes. Afinal, o cortejo português é excepcional porque rico, mas sobretudo porque superlativamente exótico. Sendo que o exotismo se insere perfeitamente no gosto que distingue a apreciação e a festa renascentista. Em suma, é, como já assinalámos, o elemento exótico, ou seja, as amostras do mundo novo que então se desbravava e conquistava, que D. Manuel envia a Roma que vai impressionar a imaginação romana e europeia e deixar uma marca que nunca se extinguirá.

Assim, se as embaixadas à cúria representam de alguma forma um desfile da grandiosidade régia de quem as envia, na medida que cada reino suporta ou que os condicionalismos políticos conjunturais permitem, elas actuam, sobretudo, como parte fundamental da encenação do teatro do poder. Daí que associem sempre, intimamente, poder espiritual/religião e poder temporal/poder régio. E daí que, no caso da embaixada portuguesa, toda a cerimónia seja de inspiração universal e imperialista, de alguma forma camuflando uma deliberada intenção política e, consequentemente de poder (claramente expressa, num segundo momento, nos *desiderata* de D. Manuel apresentados ao papa, uns de ordem genérica, como a continuação do concílio lateranense, a reforma da Igreja e a guerra contra os turcos; outros de índole especificamente nacional, aos quais Leão X retribuiu de forma bastante satisfatória como revela toda uma impressionante série de documentos pontifícios relacionados com a embaixada de 1514 e dela resultantes).

Exemplo maior da propaganda régia de D. Manuel, o luxo da embaixada enviada a Roma pelo monarca é tanto mais significativo da sua importância política quanto o facto de se realizar num momento de crise financeira para o reino. Como salienta Oliveira Marques, relativamente ao final do século XV e início do século XVI, apesar dos bons resultados das receitas públicas, as enormes despesas com a política externa e com o armamento, o custo dos matrimónios da família real e das tenças à nobreza (era sempre crescente a dotação da família real e os subsídios anuais aos vassalos da Coroa através dos dinheiros públicos), tudo isto associado às novas despesas que resultavam

dos progressos da administração "rapidamente transmutaram esse saldo optimista em *deficit* quase permanente"[207]. Assim, "se a expansão comercial e agrária, assim como o aumento demográfico e uma administração mais eficiente depois de 1481 causaram um aumento substancial das receitas públicas (…), as despesas cresceram igualmente e num ritmo ainda mais acelerado."[208] Podem faltar números precisos para a primeira metade do século XVI, "mas o aumento dos empréstimos contraídos pelo Estado e da dívida pública (tanto consolidada quanto flutuante) eram prova evidente dos problemas com que se debatia o Tesouro."[209]

Disto nos dão conta as passagens das *MFC* relativas às embaixadas à corte papal. Um outro pormenor importante reside no facto de, no quadro da embaixada de 1514, o autor não fazer qualquer menção a uma delegação do Congo a prestar obediência ao papa, em nome do seu rei, integrada na missiva portuguesa. Esta omissão pode contribuir para solucionar uma controvérsia já com longa data, ao integrar-se na corrente que defende que esta embaixada nunca existiu, onde merece particular destaque a avaliação do padre António Brásio[210]. Certamente que a ter acontecido, o fidalgo não deixaria de assinalar tão exótico acontecimento na vida da cúria e de Roma, sobretudo se integrado na delegação de Tristão da Cunha. Mais uma vez, portanto, o *argumentum ex silentio* de um documento coevo pode revelar-se carregado de força demonstrativa, sendo por isso decisivo na resolução de uma contenda historiográfica.

Por tudo o que atrás fica dito, torna-se claro o porquê da pertinência das *MFC* no sentido de explicitar em que medida as embaixadas à cúria pontifícia, de obediência e não só, prefiguram uma íntima relação de três atributos, a saber, a festa, o poder e a propaganda ideológica, os quais, por sua vez, constituem, em última análise, uma trindade intrínseca à política que marcou e distinguiu a aurora de Quinhentos em Itália e na Europa.

2. O novo modelo do príncipe ou os primórdios do Estado moderno

[207] A. H. de Oliveira Marques (dir.), *Nova História de Portugal - do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. V, João José Alves Dias (coord.), Lisboa, Editorial Presença, 1998, p. 251.
[208] *Ibidem.*
[209] *Ibidem.*
[210] Cf. Pe. António Duarte Brásio, *Embaixada do Congo a Roma em 1514*, Sep. *Studia*, 32, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1971.

O conceito de príncipe surge nas *MFC* associado a duas vertentes principais. A primeira, excepção feita às referências a D. Manuel de Portugal e ao rei da Hungria, apresenta-se intimamente associada à realidade italiana e, consequentemente, ao desenvolvimento coevo das *Guerras de Itália.* A segunda, por sua vez, inscreve-se sempre no âmbito da política externa[211] de algumas nações europeias ocidentais transalpinas, em particular Portugal.

Ambas as vertentes, nos limites dos enquadramentos teóricos que têm por base, permitem, em nossa opinião, avançar a hipótese de que as *MFC* evocam já um novo modelo de príncipe, ou seja, o príncipe tradicionalmente classificado de "príncipe do Renascimento", e que, por isso mesmo, indicia a aurora do Estado moderno[212]. De reter é que este novo modelo parece fazer perfilar dois tipos de príncipe: o especificamente italiano[213], que, por sua vez, apresenta algumas variantes relativas à própria definição de soberano, podendo evocar títulos como duque, conde, marquês ou tirano; e o europeu ocidental transalpino, onde se inclui, Portugal, Espanha e França. Naturalmente, a

[211] Ou seja, nada nas *MFC* indicia novas práticas dos príncipes coevos do autor ao nível da governação e da política interna. Assim, temas como o aumento da máquina administrativa central, o lançamento de novas leis ou a implantação de um sistema tributário alargado a todo o território nacional, não beneficiam de qualquer referência.

[212] Quando falamos aqui de "Estado moderno" (e, consequentemente, de conceitos como "nação", "consciência nacional" ou até mesmo "absolutismo"), não nos referimos naturalmente ao conceito que a mesma designação implicou após a revolução Francesa. Referimo-nos antes às unidades políticas europeias da viragem do século XV para o século XVI, que, como tal, estão ainda muito longe do sentido que virão a assumir os verdadeiros Estados Nacionais, realmente centralizados, do mundo contemporâneo (no caso específico do conceito de "absolutismo", do final do século XVI em diante). No entanto, as características singulares destas incipientes unidades políticas – já detentoras, contudo, de uma certa uniformidade a alguns níveis, como o território; a população (etnia); em alguns casos (como Portugal) a língua; uma pioneira organização administrativa estatal; um rudimentar, mas inequívoco (como comprova a Revolução portuguesa de 1383-85), espírito pátrio (ainda assim inquestionavelmente mais ligado à figura do príncipe do que à "nação" em si); a tentativa por parte do aparelho governativo de impor, quando possível, a todo o território nacional uma política fiscal uniforme; entre diversos outros elementos – fazem com que, enquanto figuras políticas diferenciadas (relativamente a outras com a mesma base civilizacional, neste caso a Europa ocidental e central), contenham já alguns gérmenes fundamentais das entidades que irão vingar do século XVII em diante. Para um maior aprofundamento da análise relativa à "confusão" semântica que muitas vezes se estabelece entre estas duas designações de "Estados nacionais" *vide* Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit.; António Manuel Hespanha, *História das Instituições. Épocas Medieval e Moderna*, Coimbra, Almedina, 1982; Idem, *Poder e Instituições na Europa no Antigo Regime*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984; Joaquim Romero Magalhães, *O Algarve Económico 1600-1773*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993; Maria Helena da Cruz Coelho e Joaquim Romero Magalhães, *O Poder Concelhio. Das origens às Cortes Constituintes. Notas de História Social*, Coimbra, Centro de Estudos de Formação Autárquica, 1986; Nuno Gonçalo Monteiro, *Elites e poder: entre o Antigo Regime e o Liberalismo*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003; *Idem*, "Elites locais e mobilidade social em Portugal nos finais do Antigo Regime" in *Análise Social*, vol. XXXII (141), 1997 (2°), pp. 335-368; Pedro Cardim, "Politics and Power Relations in Portugal (Sixteenth-Eighteenth Centuries)" Sep. *Parliaments, Estates and Representation*, 13 vol., nº 2, 1993, pp. 95-108.

[213] Deve incluir-se aqui – pela especificidade e singularidade que assume no contexto político internacional europeu e no seio da própria Itália, e que o integra de forma inequívoca na categoria dos príncipes temporais – o papa enquanto chefe temporal dos Estados Pontifícios.

Alemanha surge representada na figura do imperador, que remete para uma instituição de carácter supranacional e, nessa medida, ainda estritamente medieval[214], e não na figura dos príncipes alemães – bem mais próximos, na essência e apesar de toda uma paleta de diferenças, do modelo italiano. Dois tipos, portanto, com várias semelhanças, pois o fundo civilizacional é o mesmo, mas estruturalmente diferentes, como podemos concluir da observação das *MFC*.

Antes de tudo, devemos salientar que não apenas relativamente à época no seu todo, como já indicámos anteriormente com recurso a Jean Delumeau[215] e António José Saraiva[216], mas também no caso concreto dos príncipes, é simplista e redutor o recurso à tradicional noção de corte ou ruptura entre uma Idade Média conotada como um período de trevas e uma fase seguinte, a Idade Moderna, já inteiramente diversa, tendo pelo meio, qual ponte purificadora, o Renascimento. A interpretação oitocentista de Jacob Burckhardt sobre o Renascimento, e portanto também sobre a época medieval, apesar da sua inegável importância, deixou há muito, como sabemos, de ser operatório. Como assinala Jacques Le Goff, "Esse período de transição, a que a época das Luzes chamaria *Dark Ages* – o Tempo das Trevas –, foi desde as origens definido pela expressão 'Idade Média' — um conceito pejorativo – como um período, se não negativo, pelo menos inferior ao que se lhe seguiu. […] Esta definição cronológica e pejorativa da Idade Média tem sido, de há decénios a esta parte e, principalmente, nos anos mais recentes, atacada pelos dois extremos. […] A oposição Idade Média/Renascimento é contestada em muitos aspectos. […] O passado respinga, sem dúvida, quando pretendemos sujeitá-lo e domá-lo com periodizações. Certas divisões são, contudo, mais destituídas de fundamento que outras para assinalar a mudança. Aquela a que se deu o nome de Renascimento não me parece pertinente. A maioria dos sinais característicos por meio dos quais se tem pretendido reconhecê-la surgiu muito antes da época em que a situamos (séculos XV-XVI)."[217] É, pois, fundamental ter presente a fragilidade e a fraca operatividade das grandes classificações e periodizações estanques, como é precisamente o caso da relativa ao mundo medieval *versus* Renascimento/Idade Moderna. A fazer recurso de tais classificações e periodizações que seja apenas no sentido de facilitar a localização dos acontecimentos evocados; tendo, no entanto,

[214] Apesar de todas as inovações introduzidas, nomeadamente, por Maximiliano I e referenciadas no tópico anterior deste mesmo capítulo.
[215] Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, op. cit., p. 9.
[216] Cf. António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, op. cit., pp. 16-17.
[217] Jacques Le Goff, *O Imaginário Medieval*, op. cit., p. 20.

sempre a consciência de que não se trata de períodos, culturas ou sociedades rigidamente demarcadas no tempo. Como refere Le Goff, o que se designa tradicionalmente por Renascimento começou bem mais cedo do que se considera; por outro lado, a Idade Média não terminou com a queda de Constantinopla (1453) ou com as viagens pioneiras de Colombo (1492) e de Vasco da Gama (1497-1498). A *continuidade* é, mais do que nunca, um dado irrefutável e operatório para qualquer tentativa sólida de hermenêutica histórica, em particular tratando-se do campo político e, neste caso específico, da questão singular da monarquia na viragem do século XV para o século XVI.

Assim, de reter é que se existiu de facto um modelo dito "original" de príncipe neste período, tal aconteceu sempre na sequência ou, se quisermos, como culminar ou apogeu de um processo iniciado e ensaiado anteriormente, e que, no caso português, ao nível político, remete invariavelmente para D. João II, e em termos culturais até para D. Duarte e D. João I, ou seja, para os primórdios da dinastia de Avis[218].

Estabelecida esta base, que consideramos fundamental, podemos então procurar interpelar as *MFC* enquanto testemunho da existência de um "modelo de príncipe renascentista".

Não sendo consideráveis em número as referências aos príncipes nas *MFC*, e sempre no quadro anteriormente assinalado, não deixamos contudo de estar perante alusões que consideramos marcantes (em particular em relação ao papa, enquanto príncipe temporal dos Estados Pontifícios) quanto à identificação de um comportamento de alguma forma inédito – pelo menos na forma determinada, constante e coerente como passa a registar-se –, e em termos do grau de preocupação política que este mesmo comportamento apresenta na sua génese, e que o torna, enfim, de algum modo padronizável.

Como realçámos no início deste tópico, em boa parte, o conceito de príncipe revela-se nas *MFC* em estreita ligação com a conturbada realidade política italiana coeva e, consequentemente, com o desenvolvimento das *Guerras de Itália.*

[218] Cf. António Resende de Oliveira "'Mais de pedras que de livros': D. Afonso, 4º Conde de Ourém, e a cultura nobiliárquica do seu tempo" in *Actas do Congresso Histórico, D. Afonso, 4º Conde de Ourém, e a sua época*, Carlos Ascenso André (coord.), Ourém, Câmara Municipal de Ourém, 2004, pp. 293-310; João Gouveia Monteiro, "Orientações da cultura da corte na primeira metade do século XV (a literatura dos Príncipes de Avis)" in *Vértice*, 2ª série, nº 5, Agosto de 1988, Lisboa, pp. 89-103; Rita Costa Gomes, *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, Lisboa, Difel, 1995, em especial o capítulo V, pp. 295-325.

Assim, logo após a sua chegada a Roma, em 1510, o fidalgo refere que "avia dez dias que o papa Jullio segundo deste nome era partido pera bolonha com entenção de tomar o estado ao duque de ferrara genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa (…)."[219] Apesar de muito breve, esta passagem indicia desde logo dados essenciais: o papa Júlio II apresenta-se, pelo seu comportamento político e militar, como um príncipe secular renascentista, sobretudo quando a Itália é o pano de fundo da acção. O facto de ser conhecido como o *papa guerreiro* ou *Il Papa Terribile*, precisamente por este tipo de iniciativas terem marcado o seu pontificado, bem mais do que a sua acção enquanto condutor espiritual da Igreja de Roma, torna ainda mais justificada a sua integração nesta categoria.

Na verdade, esta breve referência à sua intenção *política* e profundamente *temporal* de ampliar os territórios da Igreja, mediante a anexação do rico ducado de Ferrara com o qual faz fronteira a Norte (ver fig. 1), congrega toda a linha mestra de actuação de Giuliano della Rovere (1443-1513), enquanto sumo-sacerdote da Igreja católica.

[219] *MFC*, f. 139v.



Figura 33. *Fronteiras políticas de Itália em 1494 (início das* Guerras de Itália*).*

Um pouco mais adiante, com o propósito de bem fundamentar o seu relato, o fidalgo evoca o passado recente e apresenta a razão para tal investida por parte do papa. Trata-se efectivamente de uma causa recente (uma disputa entre salinas), mas que reporta à primeira guerra entre o papado e Ferrara – um conflito precisamente designado *Guerra do Sal*[220]:

[220] Também conhecido como *Guerra de Ferrara*, este conflito militar teve início em 1482, envolvendo Ercole I d'Este (1431-1505), então duque de Ferrara (pai de Alfonso I d'Este, o protagonista da contenda com Júlio II narrada pelo fidalgo de Chaves), e o papa Sisto IV (1414-1484; tio de Giuliano della Rovere, precisamente o futuro Júlio II), que à época se encontrava aliado aos venezianos. Ercole I d'Este, por sua vez, tinha como aliados Federico da Montefeltro, duque de Urbino (1422-1482), Ferdinando de Nápoles (1423-1494), também conhecido como *Don Ferrante*, e Ludovico Sforza, *il Moro* (1452-1508), de Milão, além de duas outras cidades igualmente ameaçadas por Veneza: Mântua e Bolonha. A guerra terminou com o *Tratado de Bagnolo*, assinado a 7 de Agosto de 1484, tendo o então duque de Ferrara conseguido evitar a anexação do ducado aos Estados Pontifícios.

> "E aguora direi a causa por que o papa se moueo contra o duque de ferrara. tinha o duque de ferrara humas salinas E o papa tinha outras em Ruxa [,] hum dos luguares que guanhou aos venezeanos [.] sobre estas salinas ouve desauença antre elles E vierom a tanto Rompimento que Ja o duque se nam fiaua no papa E se temia delle. o papa o mandou chamar que viesse a Roma E o duque nam foi. E por que o ducado de ferrara hee da JgreJa, E o duque hee feudatario E obriguado apareçer E seruir em pessoa sendo chamado do papa, sua santidade ho mandou çitar em forma E lhe foi assinado termo que apareçesse em Roma per cartas fixadas na JgreJa mayor de bolonha E doutros luguares comarcãos de ferrara. E pollo duque nam apareçer ao termo, o priuou por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a execução foi contra elle com grande poder de Jente. em quanto estas cousas durauam o duque se confederou com el Rei de França o qual ho tomou em sua proteição."[221]

Como podemos depreender deste trecho, mais secular e de acordo com a forma de fazer política na Itália da aurora de Quinhentos não podia ser a conduta estadista de Júlio II.

Formalmente, o ducado de Ferrara faz parte dos territórios da Igreja, como o próprio fidalgo nos indica: "E por que o ducado de ferrara hee da JgreJa, E o duque hee feudatario E obriguado apareçer E seruir em pessoa sendo chamado do papa"[222]. No entanto, o seu duque, Afonso I d'Este[223] (1476-1534), ao recusar-se a aderir à paz acordada entre o Papado e Veneza – numa reviravolta política contra a França paradigmática das *Guerras de Itália* e da forma de actuação quer dos governantes itálicos, quer dos governantes estrangeiros que tinham interesses políticos e geo-estratégicos nesta península –, torna-se um alvo das ambições expansionistas de Júlio II. O culminar do litígio acontece em 1510, ano da chegada do fidalgo a Roma, quando este papa excomunga e priva dos seus bens Afonso I d'Este: "o priuou por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a execução foi contra elle com grande poder de Jente."[224]

Assim, a razão – de natureza económica – avançada pelo fidalgo para a contenda entre o duque de Ferrara e o papa é apenas uma razão conjuntural que se inscreve no quadro de uma causa maior, do foro político, e que engloba diversas nações e potentados italianos e europeus. Cenário que, aliás, o fidalgo não deixa de transmitir

[221] *MFC*, f. 142v.
[222] *MFC*, f. 142v.
[223] Duque de Ferrara, senhor de Rovigo e duque de Módena e de Reggio, de 1505 a 1520 e depois, de 1527 a 1534.
[224] *MFC*, f. 142v.

ainda na mesma passagem: "em quanto estas cousas durauam o duque se confederou com el Rei de França o qual ho tomou em sua proteição."[225] O fidalgo refere-se aqui ao facto de Afonso I d'Este ter combatido a Liga Santa ao lado da França e de ter participado de forma decisiva na batalha de Ravena, em Abril de 1512, apoderando-se da mesma cidade.

Trata-se, pois, de um misto de consolidação (porque, como dissemos, o ducado de Ferrara pertence formalmente à Igreja) e ampliação territorial (porque na prática o ducado está fora do controle de Roma) por parte de Júlio II. Uma acção emblemática do vasto e complexo processo que constituíram as *Guerras de Itália* e que se inscreve plenamente no espírito político definidor do príncipe do Renascimento segundo Maquiavel, que assenta na premissa de que o Estado (neste caso, o Estado Pontifício) é potência na medida em que se impõe e se auto-preserva de forma activa pelo recurso ao uso da força. Por outras palavras, estamos perante uma concepção da política que tem por base a ideia de que a violência é a condição natural do homem, bem como o elemento e o meio nos quais se verifica a sobrevivência última dos Estados[226]. Premissa que tem, como demonstra o fidalgo de Chaves, um notável e paradigmático exemplo quer na prática política de Júlio II, quer, em última instância, no cenário da Itália dos alvores de Quinhentos.

De facto, como bom príncipe na linha defendida pelo pensador florentino, Júlio II é por diversas vezes evocado na obra *O Príncipe*, nomeadamente em relação à conflituosidade com Ferrara: "E debaterei como se podem governar e manter estes principados (…). Nós temos em Itália, por exemplo, o duque de Ferrara que não resistiu aos assaltos (…) do papa Júlio II no ano dez, por outros motivos senão o ser antigo naquele domínio. Porque o príncipe natural tem menos motivos e menos necessidade de ofender, pelo que é forçosamente mais amado. E, se não se fizer odiar por vícios extraordinários, é lógico que seja naturalmente benquisto dos seus."[227] O que revela, por outro lado, que *O Príncipe* tem por base a vida e o tempo contemporâneos de Maquiavel, o que inclui o período e os sucessos de que tratam as *MFC*. O que interessa

[225] *MFC*, f. 142v.
[226] Cf. Diogo Pires Aurélio, "Introdução" in *O Príncipe*, op. cit., pp. 11-106; Nicolai Rubinstein, "Italian Political thought, 1450-1530" in *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, pp. 30-65; Quentin Skinner, "La révolution machiavélienne" in *Machiavel*, Paris, Seuil, 1989, pp. 61-77; Sebastian De Grazia, "Patria e Stato" in *Machiavelli all'inferno*, Rome-Bari, Laterza, 1990, pp. 192-200.
[227] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo II, pp. 115-116.

a Maquiavel são, afinal, as questões prementes com que os governantes do seu tempo e do seu espaço – a Itália – se defrontam na sua acção política quotidiana.

Afonso I d'Este, digno descendente da casa a que pertencia, desde cedo se revelou um típico senhor italiano: ambicioso e calculista, perfeitamente de acordo com o tempo e o espaço em que vivia, a Itália dos alvores de Quinhentos, o que remete igualmente para o quadro definidor do novo modelo de príncipe coevo. Aprofundemos um pouco o seu percurso.

Ainda adolescente Afonso I d'Este teve um primeiro casamento (1491) com Anna di Galeazzo Maria Sforza, filha de Galleazzo I Sforza, duque de Milão, que faleceu onze anos mais tarde. Em 1505, após a morte do pai[228], Afonso tomou seu lugar para logo no ano seguinte reprimir a conjura dos irmãos Ferrante e Giulio d'Este, naquela que é uma contenda paradigmática do cenário político italiano da viragem do século XV para o século XVI. Ainda no mesmo ano, Afonso I volta a contrair matrimónio, desta feita com Lucrécia Bórgia (1480-1519), filha do cardeal Rodrigo Bórgia, futuro papa Alexandre VI, como aliás o fidalgo refere no seu texto: "duque de ferrara genrro do papa alexandre". Mais uma vez, o duque de Ferrara volta a mostrar a sua rara capacidade para manobrar com sucesso nos meandros da política de casamentos italiana coeva, conseguindo uma preciosa ligação a outro importante partido político: a casa Bórgia, um verdadeiro avatar no cenário político italiano da tese maquiavélica apresentada n' *O Príncipe*[229]. Afinal, apesar das suas célebres qualidades de governação[230], Lucrécia Bórgia não deixava contudo de ser um instrumento da política familiar dos d'Este, como já havia sido da sua própria casa, os Bórgia.

Verdadeiramente distinta era a corte edificada pelo casal em Ferrara, na qual reunia artistas e homens de letras, como Pietro Bembo (1470-1547) e Ludovico Ariosto (1474-1533), tendo mesmo Afonso sido protector deste último.

[228] Hércules I d'Este (1431-1505).
[229] César Bórgia (1475-1507), elevado a duque Valentino em 1498 pelo rei Luís XII de França, que desejava um papa aliado, era considerado por Maquiavel o axioma do bom governante e da habilidade política. César tentou com o apoio do papa, seu pai, construir um principado na Romana, em 1501. Projecto ousado que lhe emprestou a fama de calculista, violento, implacável e determinado na acção política. Daí ter constituído o modelo para a mais famosa obra do pensador florentino.
[230] Em 1501, por motivo de ausência no reino de Nápoles, o papa Alexandre VI, pai de Lucrécia, chegou a confiar-lhe a administração da Santa Sé, num acto absolutamente inédito que deixou toda a Europa surpreendida, em particular o Colégio dos Cardeais.

Em 1508 participou ao lado do papa Júlio II e seus aliados na Liga de Cambrai[231] contra Veneza, que terminou com a derrota desta última na batalha de Agnadello, em 14 de Maio do ano seguinte, frente aos franceses. Contudo, já não acompanhou o papado nos sucessos seguintes. Ao invés, colocou-se ao lado da França contra o papa, pelo que foi excomungado. Com efeito, os recentes sucessos militares da França e a consequente consolidação da sua presença em Itália preocuparam o papa guerreiro, que, na sequência, decide em 1510 estabelecer a paz com a república de Veneza e aliar-se a esta contra a França, numa inversão política, que culmina com a formação da Liga Santa[232], em 1511, contra o reino da flor-de-lis. Afonso optou pelo partido francês.

Fazendo recurso a cópias de documentos oficiais da chancelaria pontifícia, a que inequivocamente tinha acesso, o fidalgo transcreve o breve que Júlio II envia ao Rei de Castela queixando-se da traição protagonizada pelo duque de Ferrara, pelos cardeais cismáticos e, enfim, por Luís XII de França, que surge inequivocamente como o grande conspirador, e propondo-lhe, na sequência, o estabelecimento de uma liga contra o soberano francês:

> "Como o papa foi são E da ligua que fez. Tornando o papa a cobrar vida foi todo posto em paz E sendo convaleçido foi dizer missa a nossa senhora do populo onde se publicou ligua, scilicet, sua santidade com el Rei de castela, venezeanos, E seneses. foi feita esta ligua em presença do papa E dos cardeaes E dos perlados E dos senhores Romanos E dos embaixadores del Rei E das ditas senhorias que pera Jsso tinhão seus abastantes poderes. Os nunçios erão Ja partidos. E por que a prinçipal saude do papa era em el rei

[231] A Liga de Cambrai surge na sequência do Tratado de Cambrai (1508) e consistiu numa poderosa coligação militar entre Luís XII de França, o sacro imperador Maximiliano I, Fernando II de Aragão, os Estados Pontifícios pela mão de Júlio II e ainda a Inglaterra, a Hungria, Sabóia, Ferrara, Mântua e Florença.

[232] Uma aliança político-militar (1511-1512) estabelecida entre o papa Júlio II, Fernando II de Aragão, o sacro imperador, a República de Veneza e o rei Henrique VIII de Inglaterra contra Luís XII de França. Criada por iniciativa do papado, esta liga visava reforçar os Estados Pontifícios e, sobretudo, afastar a presença francesa de Itália. A política expansionista dos franceses em Itália tornara-se um verdadeiro perigo para os Estados Pontifícios e para a própria Itália, ao mesmo tempo que ameaçava o equilíbrio europeu, algo que colocava em cheque as demais potências europeias. Eficaz no início, pois acaba por sair vitoriosa do primeiro ciclo de conflitos com os franceses, a liga acaba por se desmoronar a partir das suas próprias fundações, resultando em conflitos armados entre os seus membros. Assim, em 1512, a república de Veneza passa para o partido francês, culminando os eventos três anos mais tarde na batalha do Marignan (1515), que ditam o fim da liga e o reconhecimento (ainda que temporário) da supremacia de Luís XII de França na Itália setentrional. Todos estes movimentos de aliança e contra-aliança, bem como os confrontos armados associados, inscrevem-se nas chamadas *Guerras da Liga de Cambrai* (1508-1516), um conflito maior que, por sua vez, constitui parte integrante do quadro mais geral das *Guerras de Itália*.

de castela, polla ligua que tinhão feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. Cristianissimo em cristo. filho nosso saude E apostolica benção. o anno passado como alfonso estense que era duque de ferrara se ouvesse ensoberueçido E alçado os cornos contra nos E contra a santa see apostolica cuJo feudatario E vassalo hee, E depois menosprezando nossas munições ho priuassemos consistorialmente do dito ducado nem por Jsso deesse nenhum sinal de obediençia, acordamos de hir a bolonha pera que daquella çidade mais cheguada trouxessemos ao dito alfonso a verdadeira e deuida obediençia, ou liurassemos tam exçelente çidade nossa de sua tirania. pera o qual vossa catolica magestade avendo sido por noos Requerido mandou em nossa aJuda trezentas lanças grossas. tambem mandamos aos veneraues Jrmãos nossos cardeaes da sancta JgreJa de Roma que pera Recuperação de tam grande çidade fossem connosco E nos acompanhassem ou seguissem. o qual quasi todos obediente E prontamente fizerom. por que seguindonos pollas çidades da sancta JgreJa Romana entraron connosco em bolonha. a fora çinco cardeaes os quaes tendo mao pensamento em seus corações forom por outro caminho a florença. E como quer que forom por nossa parte assi por nunçios como por letras Requeridos que viessem a noos E estiuessem presentes Juntamente com os outros cardeaes As deliberações das cousas pertencentes A dignidade da sancta see apostolica, nam vieram, mas foram a grande pressa E furtiuamente (a maneira de dizer) a pauia E dahi a milão. E posto que sua entenção E mao animo se poderon conheçer per muitos Jndiçios. contodo Jamaes forom por nos culpados. nem por escrito nem por palaura. por que nunca cuidamos que aviam de ser tam minguados de conselho que tiuessem pensamento de se apartar de sua cabeça nem Rasguar a vestidura do senhor Jndiuisible E sem custura, E trazer ha cisma tam dannosa na JgreJa de deus. que por çerto aviam sido de noos benigna E honrradamente tratados E polla maior parte acreçentados. mas a todo se atreue a audaçia E çegua E abominauel cobiça. atreueronse com propria temeridade nam tendo pera Jsso nenhuma faculdade conuocar conçilio geral. nem em luguar nem tempo conveniente E çitaram a noos pera elle. E neste chamamento husaram de desaverguonhada maneira, por quanto afirmaram ter poder de tres cardeaes os quaes derom pera Jsso nem poder nem consentimento. Jnçitados segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos

> E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violençia. os cardeaes çismaticos vrdem de envoluer toda a cristaam Religião de errores, as quaes cousas avemos visto por cartas de nosso nunçio E ouvido a vosso embaixador que estaa em nossa corte ser vos mui graues E molestas. portanto filho charissimo E mui verdadeiro aleuantaiuos pera defender a vossa sancta madre a JgreJa. destrohi os conçelhos dos çismaticos. dous por naçimento são subditos de vossa magestade. por que por Jsto conseguireis nom menos louuor que pollas outras exçelentissimas cousas por vos feitas polla exaltação da fee catolica. vossa magestade sabera de nosso charo filho guilhelmo caçador auditor de cousas do sacro palaçio nosso capelão noos aver conuocado conçilio geral em sam João de latrão com deseJo de concluir ha expedição contra os maluados turcos E outros Jmiguos da fee cristaam. ao qual Roguamos E exortamos em nosso senhor queiraes prosseguir com aquelle zelo que aveis aborreçido a çisma. E amoesteis E Jnduzaes a nosso amado filho francisco cardeal de toledo E aos outros prelados desses Reinos catolicos pera que venhão a este conçilio que sera tam saudauel a toda a Reepublica cristã. E lhes deis liure liçença E segura passagem. sobre o qual falara a todo muito mais com vossa magestade o dito guilhelmo ao quall vos apraz a dar fee. dada em Roma em sam pedro sub annulo piscatoris. vltimo de Junho mil E b^{c} E onze [,] ano octauo de nosso pontificado."[233]

De salientar que, de todos os "acusados" por Júlio II nesta correspondência, os turcos são os menos culpados, pois sendo "Jmiguos da fee cristaam" agem de acordo com a sua própria crença e natureza, não realizando, pois, um acto de traição, ao invés do duque de Ferrara, dos cardeais e do monarca francês, todos cristãos e com responsabilidades acrescidas pela própria natureza dos cargos que ocupam, sobretudo estas duas últimas entidades.

Na sequência, o autor apresenta a resposta satisfatória de Fernando II de Aragão, então regente da coroa castelhana:

[233] *MFC*, f. 146v a f. 148r.

> "Reposta del Rei de castella a qual Representou dom valeriano de villa que era bispo douedo, em presença del Rei E de sua corte. Do que sua alteza Responde ao breue de nosso mui santo padre E a vossa embaixada Reuerendo senhor nunçio hee que sua Alteza tem communicado este negoçio com muitos perlados E grandes destes Reinos E que sua Alteza por si E em nome da serenissima Rainha de castela sua filha muito chara, E de todos seus vassalos E subditos. E vniversalmente de todos Reinos E senhorios beijão as mãos de sua santidade pollo cuidado E diligençia que tem E haa tido do boom Regimento E guovernação E Reformação da sancta JgreJa a elle encomendada E pollo deseJo com que sempre procura a paz E vnidade da cristaam Religião hee mui contente por si E por ela E por seus Reinos E senhorios de mandar ao conçilio lataranense que sua santidade conuoca os prelados E pessoas que lhe pareçerem convinhauees. E assi mesmo hee prestes E aparelhado como catolico E obediente filho da santa madre JgreJa Romana de poer por ella E por sua defensão E amparo sua Real pessoa E estado com as de seus naturaes E subditos trabalhando quanto possiuel lhe for que a JgreJa nom seJa diuidida nem laçerada nem destrohida de seu patrimonio. E lhe apraz E hee contente como Ja ho tem começado de tomar as armas por ella pera Jsso, E pera que o geral conçilio aguora por sua Santidade convocado se çelebre quieta E santamente sem çisma E sem escandalo. o qual nosso senhor queira encaminhar a seu santo seruiço E ao bem comum da Religião cristaam por que despois de çelebrado aJa efeito a expedição E Justa guerra contra os Jnfiees que por sua magestade hee E haa sido tam desejada. E fora em obra por sua parte posta se estes Jmpedimentos E presentes calamidades nam ho empediram E estoruaram. E acabando o bispo, o nunçio pos os giolhos em terra alçando as mãos ao senhor, dando graças e louuores a deus por aver achado em sua alteza tam catolica Reposta tanta afeição E deuação Aa santa JgreJa Romana nossa mãj em nome da qual lhe daua graças E lhe pedia que lhe quisesse dar as mãos por Jsso E sua alteza ho mandou aleuantar E o dito bispo fez hum deuoto sermão em fauor da fee E vnidade da JgreJa, louuando ao santo padre na conuocação do conçilio ao qual outro nenhum prelado de castela foi senam o bispo de burguos que morreo dhi a poucos dias despois que cheguou."[234]

Toda esta capacidade de manobra, sagacidade e, acima de tudo, pragmatismo político verdadeiramente amoral mas eficaz (pois as alianças estabelecidas simplesmente deixavam de ser respeitadas quando já não se revelavam proveitosas por esta ou aquela razão para uma ou mais partes, materializando afinal a tese vindoura de Maquiavel, precisamente baseada na experiência resultante do testemunho destes eventos) do papa e do duque de Ferrara são, afinal, características distintivas do modelo de príncipe que caracteriza os tempos renascentistas. Um modelo, como iremos verificar, reforçado do ponto de vista teórico pelas visões de Maquiavel e de outros

[234] *MFC*, f. 148v e f. 149r.

pensadores seus contemporâneos como Francesco Guicciardini (1483-1540)[235], que privilegiavam a perspectiva realista na prática da política, abrindo assim caminho ao moderno discurso político, em fractura com o modelo ético-religioso de matriz aristotélica medieval.

Neste âmbito podemos evocar, por exemplo, a questão do respeito pela palavra dada. Segundo Maquiavel – que, inequivocamente mais interessado na preservação do poder por todos os meios do que na sua legitimidade efectiva, defende, directamente contra as teorias políticas medievais, que é fulcral colocar de parte a noção de poder ilegítimo, pois o que conta realmente é assumir que o poder pertence de facto a quem o souber conquistar e manter (ou seja, a quem tiver a virtude necessária para), sendo, pois, que, nesta perspectiva, a força cria o direito e a autêntica finalidade da política reside inevitavelmente na acção de adquirir, conservar e aumentar o poder num mundo por natureza instável e em permanente mutação (como um "rio") –, "vê-se pela experiência do nosso tempo, terem feito grandes coisas aqueles príncipes que tiveram em pouca conta a palavra dada e que souberam, com a astúcia, dar a volta aos cérebros dos homens; e no fim superaram aqueles que se fundaram na sinceridade."[236] Afinal, "(…) Um príncipe, e mormente um príncipe novo, não pode observar todas aquelas coisas pelas quais os homens são chamados de bons, estando amiúde necessitado, para manter o estado, de actuar contra a palavra dada, contra a caridade, contra a humanidade, contra a religião. E por isso é preciso que ele tenha um ânimo disposto a voltar-se consoante os ventos da fortuna e a variação das coisas lhe mandam; e, tal como acima se disse, não se afastar do bem, se puder, mas saber entrar no mal, se necessário."[237]

E de facto, notável exemplo, Júlio II demonstrou por diversas vezes (sobretudo ao nível das suas relações com a França e Veneza) que quando os tratados internacionais já não correspondem aos interesses do Estado Pontifício simplesmente nega-se que continuem a ser vinculativos. Poderemos ver nesta condição política extremamente realista que tudo deve à razão – uma razão sem obstáculos ou impedimentos éticos, apenas plena de lucidez instrumental ou técnica – e nada aos cânones morais, o reclamar da tese do florentino pela própria realidade e respectiva

[235] Francesco Guicciardini defendia que a ideia medieval da subordinação política à teologia simplesmente se apresenta como algo estranho à realidade, sendo por isso em nada concernente com os pragmáticos ditames que a mesma faz urgir no dia-a-dia da vida de uma nação.
[236] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XVIII, p. 195.
[237] *Idem*, *ibidem*, capítulo XVIII, p. 197.

praxis política italiana, e, consequentemente, o nascimento de uma, atrevemo-nos a dizer, "pioneira" noção de *Razão de Estado*: a de Maquiavel[238].

Com efeito, no momento em que estabelece uma clara fronteira entre a política e a moral, relegando aquela para o quadro instrumental e pragmático das puras relações de poder, Maquiavel coloca, pela primeira vez, a Europa do dealbar de Quinhentos face à "razão de Estado", fazendo doravante pressentir em cada acto político de governação um novo paradigma: os fins justificam os meios. Não se trata apenas de um passo original do pensamento político, mas antes de um momento genuinamente revolucionário e fundador – que em absoluto não anula o princípio da continuidade histórica anteriormente assinalado, dado que podem encontrar-se as suas raízes nas doutrinas medievais da *ratio status* e da *necessitas*[239]; no entanto, na linha do pensamento de Antonio Maravall[240], que alerta sempre para a necessidade de ter em conta o herdado e as muitas e incontornáveis sobrevivências medievais na política do Renascimento, estamos inequivocamente com Maquiavel perante um novo perfil de conjunto, cuja base, aspecto fundamental, é um novo cenário (já de características modernas ou, se preferirmos, *não* medievais) que *per se* torna urgentes e necessárias novas pressuposições teóricas; dito de outra forma, estamos perante uma figura nova ainda que desenhada com esses mesmos traços herdados, sendo isso, em definitivo, o que conta realmente, pois, em última instância, é precisamente o que deriva do antecedente e que é vivido na única e exacta situação histórica pelos homens do tempo que é novidade e de alguma forma de ruptura –, que antecede em várias e decisivas décadas aquele que é considerado o primeiro tratado sobre a razão de Estado, da autoria de Giovanni Botero, e que saiu à estampa em 1589. Elemento decisivamente legitimador da conquista do florentino é precisamente o facto de este último ser dirigido

[238] Posteriormente, já em plena Contra-Reforma, irão surgir ataques sistemáticos à razão de estado de Maquiavel com base na teorização de uma *verdadeira razão de estado*, compatível com a religião vigente e, nessa medida, absolutamente oposta ao pensamento do florentino. No entanto, o que se verifica é que todas estas tentativas de refutação acabam, na essência, por seguir Maquiavel mediante a adaptação das suas teses. Jean Bodin (1530-1596), a quem se ficou a dever o conceito moderno de soberania – *Les six livres de la republique* (1576) – é um exemplo maior. A razão de tal inevitabilidade reside precisamente no pilar da tese maquiavélica: a realidade da política. Por outras palavras, o florentino abriu com o seu texto um caminho que não mais será possível fechar, como comprova a relação entre a vida e a obra *O Anti-Maquiavel* (1741) de Frederico da Prússia. Neste texto, que constitui a principal contestação do maquiavelismo no século XVIII, Frederico II, o *Grande* (1712-1786) refuta e renega *O Príncipe* capítulo a capítulo. Porém, devido invariavelmente à realidade do cenário político Setecentista, no seu modo de agir acaba por inevitavelmente o seguir. Cf. Frederico da Prússia, *O Anti-Maquiavel*, Lisboa, Guimarães Editores, 2000.

[239] Cf. Michel Senellart, *Machiavélisme et raison d'Etat*, Paris, Presses Universitaires de France, 1989.

[240] Cf. Jose Antonio Maravall, "Introducción: Estado y Renacimiento" in *Estado moderno y mentalidad social*, vol. I, Madrid, Alianza Editorial, 1997, pp. 13-32.

contra a sua tese, fazendo-se com que durante cerca de um século, tenham coexistido, digladiando-se sem tréguas, ambas as concepções de razão de Estado.

Por sua vez, no discurso de Júlio II apresentado pelo fidalgo, o monarca francês revela ser, recorrendo à fórmula que o inglês John Cork utilizará cerca de meio século mais tarde, "imperador no seu próprio reino"[241] e não depender de absolutamente ninguém. Significa isto que rejeita a hierarquia feudal assente no princípio de uma sociedade rigidamente ordenada, que estabelecia a aceitação de relações e laços de dependência vertical entre soberanos e vassalos. Dito de outro modo, a acção do monarca francês confirma um sinal dos tempos: por um lado, o fim do ideal de unidade europeia realizada sob duas figuras tutelares cuja autoridade se deveria sobrepor acima de tudo e de todos: o papado e o império; e, por outro lado, a irreversível adopção de um comportamento político original por parte dos príncipes que, decididamente, como que numa ânsia de libertação do sistema tradicional, já não se apresentam, no sentido feudal do termo, como um *primus inter pares*, ao invés como um soberano independente, ou pelo menos que o deseja ser por todas as vias possíveis – e reside aqui a inevitável ligação à tese *realista* de Maquiavel, a qual, por sua vez, numa dialéctica original em termos de teorização política, bebe o seu fundamento precisamente nesta realidade dos novos tempos, que privilegia o agir de acordo com as suas próprias capacidades e recursos pessoais (leia-se nacionais) disponíveis[242], do que com base no que, de forma inata, os seus tradicionais superiores lhe permitem no quadro de uma cristalizada hierarquia social.

Em suma, estamos perante um soberano que, céptico em relação à herança e aos tácitos costumes tradicionais, assume o quotidiano de governo e os desafios dele decorrentes com um espírito e uma vontade indiscutivelmente novas e diferentes das que marcaram os seus antecessores medievais. Esta mesma abertura à mudança quanto à atitude e ao modo de actuar perante os desafios colocados pelo jogo da realidade política e da governação podemos encontrar, nomeadamente através do testemunho do fidalgo de Chaves, em Fernando de Castela e Aragão e em D. Manuel de Portugal. Portanto, um fenómeno sem precedentes históricos na Europa pós-Império romano, que marca e torna distinto o novo modelo do príncipe. Noutra vertente, a inscrição deste

[241] Citado em Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, op. cit., p.28.
[242] Cf. John Law, "O príncipe renascentista" in *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 19-36. D. Manuel I é, como veremos a seguir, um notável, se não mesmo o melhor, exemplo coevo desta premissa.

comportamento no discurso político que se verifica com Maquiavel é algo inédito, ou seja, trata-se pela primeira vez da questão da sua legitimação pelo discurso.

Por outras palavras, torna-se assim legítima e inquestionável a contribuição e influência da sua complexa figura na passagem evolutiva do Estado medieval pluralista para o Estado moderno, tendencialmente centralizado, administrativo e burocrático. Aspectos que, aliás, começam por tornar-se materialmente visíveis precisamente no quadro inovador da actuação política do príncipe do Renascimento, na medida em que se apresentam como avatares desse espírito inconformista e ansioso pela renovação e rejeição da ordem tradicional, já apenas simbolicamente encabeçada pelo papado e o império.

É o que nos transmite o fidalgo de forma expressiva e consistente com a realidade: "El Rei de França quisera paz com o papa. E Sua Santidade lhe metia no contrato que lhe entreguasse em suas mãos os cardeaes çismaticos pera fazer delles sua vontade, prinçipalmente santa cruz de que estaua mais escandalizado polla muita honrra E merçe que lhe sempre fizera. el Rei nam consentio nesta semelhante paz. a desavença ficou antre elles como dantes atee morte dambos"[243].

Antes do século XIV, era quase impensável um monarca arriscar uma desavença "atee morte" com o papa. Libertar-se de quaisquer laços de dependência com o papado poderia significar um isolamento irremediável.

Por outro lado, como referenciámos anteriormente, da disputa pela supremacia total que caracterizou a relação entre as duas entidades supremas dos séculos medievais (papado e império), e apesar dos momentos periclitantes que constituem o grande interregno de 1250 a 1273 em que não havia imperador, o exílio dos papas em Avinhão (1309-1377), o *Grande Cisma do Ocidente*, a crise conciliar (concilio de Pisa, 1409, de Constança, 1414-1418, e de Basileia, 1431-1449), o pontífice sai em melhor posição para o futuro. Tal pode ler-se na passagem relativa ao regresso a Roma do cardeal Gurgensis para dar obediência ao papa pelo imperador: "Como gurgensis tornou a Roma em abito de cardeal. Neste tempo tornou gurgensis a Roma em abito de cardeal, E deu obediençia ao papa pollo emperador. veo bem acompanhado, E os seus chãamente vestidos nam muito finos. esteue em Roma alguns meses, E tornousse pera

[243] *MFC*, f. 165v.

alemanha."[244] A própria exiguidade da embaixada de obediência do imperador de alguma forma reflecte o cenário de relações pautadas por alguma tensão entre o papado e o império.

Logo após chegar a Roma e referir a saída do papa Júlio II para Bolonha com o propósito de conquistar o ducado de Ferrara, o autor das *MFC* salienta "por que compre saber donde ou por que se esta guerra ordio, hee neçessario contar da guerra primeiro da qual me eu enformei por pessoas que forom presentes."[245] Para tal recua cronologicamente até 1506 e apresenta um contexto muito específico das *Guerras de Itália* (neste caso, anterior mesmo ao Tratado de Cambrai [1508] e às subsequentes *Guerras da Liga de Cambrai* [1508-1516]), no qual o papa Júlio II vive um confronto com Perosa e também com Bolonha, mas com a particularidade de ser então aliado dos franceses – precisamente os seus arqui-inimigos aquando da chegada do fidalgo a Roma, em 1510 – e ter estabelecido com estes um acordo, nos termos do qual obtém o controlo de Bolonha mediante a concessão do saque da cidade:

> "sendo occupadas per tiranos parte das terras da JgreJa, scilicet, perosa per João paulo valham. bolonha per miçer João de vinteuolla que a senhoreaua, a vaqueta como Rei. partiosse o papa Jullio com a corte sem exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano. tanto que o papa partio de Roma leuando a via de loreto que hee na marca dancona, abalarom os françeses que estauão em lombardia caminho de bolonha." [246]

Estamos, assim, perante outra importante referência quer ao comportamento político do papa, que mais uma vez actua como um genuíno príncipe secular, quer à complexa figura do tirano em Itália no despertar do século XVI.

Especificamente em relação a Júlio II, deparamo-nos aqui, por um lado, com a noção de "piedosa crueldade" tão pragmaticamente defendida por Maquiavel no quadro de actuação do príncipe na viragem de Quatrocentos para Quinhentos, por outro lado, com uma performance política por parte do chefe da Igreja que, pelo calculismo

[244] *MFC*, f. 204r.
[245] *MFC*, f. 139v.
[246] *Idem, ibidem.*

extremo, se revê completamente nas máximas do florentino e que devolve o político, e por indexação o ser humano em geral, para a sua mais crua e arquétipa essência[247].

A realidade política e a mudança constante a ela associada gera inevitavelmente inimigos, defende Maquiavel e é o que podemos deduzir pelas palavras do fidalgo relativamente a Júlio II. Assim, o pontífice vê-se condicionado a recorrer a tudo o que tem à sua disposição para triunfar, inclusive o pacto, sempre momentâneo e de algum modo efémero, com os estrangeiros que considera bárbaros e em última instância deseja, como fim último da sua acção política e guerreira, expulsar de Itália – "por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa"[248] –; e a utilização da crueldade com vista a um fim superior, tornando-se esta assim piedosa e justificada porque necessária: "que lha daua a saco mano"[249].

Com efeito, o papa não tem escrúpulos em deixar a população civil de uma grande cidade italiana – que devia representar e defender como pastor da Igreja Católica e herdeiro da cátedra do apóstolo S. Pedro – entregue a si própria, correndo o risco de ser vítima do saque estrangeiro, um dos maiores terrores (e uma das principais consequências com reflexo a todos os níveis da existência humana) que devastou e marcou, física e psicologicamente, de forma profunda o povo italiano coevo: "E a este tempo Ja os françeses tinhão posto çerco sobre bolonha que se defendia mui Rijamente. sem aver na çidade medo de serem entrados pellos françeses non lhes vindo outro socorro os quaes elles tinhão por çerto com a vinda do papa." [250]

Poucos anos mais tarde, em 1510-1511, o mesmo Júlio II defronta de forma encarniçada os franceses com quem estabeleceu aliança em 1506 e, de forma oficial com o *Tratado de Cambrai*, em 1508, sendo que, ironicamente, ao lado das tropas francesas pela reconquista da mesma martirizada Bolonha lutam agora os descendentes de *João de vinteuolla*[251] – Hermes Bentivoglio (1475-1513) e Annibale II Bentivoglio (1469-1540), o qual conseguirá governar Bolonha mas apenas por um ano, entre 1511 e 1512, sendo destituído após a saída dos franceses do senhorio e graças a uma conspiração protagonizada por outras importantes famílias locais inimigas dos

[247] Cf. Diogo Pires Aurélio, "Introdução" in *O Príncipe*, op. cit..
[248] *MFC*, f. 139v.
[249] *Idem, ibidem.*
[250] *MFC*, f. 140r.
[251] João II Bentigoglio (1443-1508), um típico *signori* italiano da viragem dos século XV para o século XVI, que governou o senhorio de Bolonha como tirano entre 1463 e 1506, ano em que foi expulso pelo papa Júlio II aliado com os franceses.

Bentivoglio, como os Ghisilieri e os Canetoli –, precisamente o tirano que o papa excomungou e expulsou da cidade com toda a sua família, em 1506:

> "E vindo o papa pera bolonha os françeses fizerom a mesma viagem E cheguarom a modona. vinha por capitão dos françeses João Jaques de tribuçio. E vinha por capitão da JgreJa João maria duque dorbino sobrinho do papa. no campo dos françeses vinhão os filhos de miçer João de vintevolha [.] ambos estes dous exerçitos andarom muito tempo por aquella comarca sem se afrontarem. o papa estaua cos cardeaes E com toda a çidade se ajuntaram com sua Jente nesta noite E derom nos paços do papa cuidando que tinham hi o leguado E entrarom dentro E A porta de sua camara nom acharom outra Resistençia senão seis espanhoes que por defender a porta forom ali todos mortos. mas elles nam sabião que o cardeal era hido fazendo de suas pessoas marauilhas prinçipalmente hum que se chamaua moutouro. E entrados os Jmiguos na camara meterom todo a saco mano E dahi se forom A porta da çidade E quebraromnas com machados E artefiçios E loguo mandarom Recado aos vintevolhas que viessem E com este Recado o campo dos françeses abalou sem achar outro Jmpedimento no caminho (…) Cheguarom os françeses A porta da çidade. E temendo que fosse trato dobrez nom quiserom os vintevolhas entrar E mandarom diante duzentos de caualo que fossem correndo pollas Ruas bradando França França. segua sega pera descobrir alguma traição se a ouvesse. E Jsto era na madruguada. E tornados aos vintevolhas dizendo que tudo estaua seguro, entrarom miçer anibal, E miçer hermes E andarom com grande guolpe de Jente polla çidade E sahião a elles as velhas aos beijar por que quando elles entrarom era Ja dia craro. E dahi a espaço de duas oras entrou o exerçito dos françeses com grandes estrondos E assenhorearonsse da çidade."[252]

Daí que Maquiavel admire, apesar de o detestar, este singular pontífice que compara satisfatoriamente, à luz das suas ideias, a um príncipe temporal:

> "O príncipe que se apoia totalmente na fortuna, assim que ela muda, arruína-se. Creio também que seja bem-sucedido aquele cujo modo de proceder condiz com a qualidade dos tempos e, de modo semelhante, que seja mal-sucedido aquele de cujo proceder os tempos discordam. O papa Júlio II procedeu em todas as suas acções impetuosamente e encontrou os tempos e as coisas tão conformes a esse seu modo de proceder que sempre surtiu um fim feliz. Considere-se a primeira empresa que ele fez, a de Bolonha, vivia ainda *messer* João Bentivogli."[253]

[252] *MFC*, f. 142v e f. 143r.
[253] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XXV, pp. 232-233. Esta "primeira empresa que ele [Júlio II] fez, a de Bolonha" é precisamente a referida pelo fidalgo no recuo temporal que efectua a 1506, por forma a melhor explicar o conflito entre o papa e o duque de Ferrara com que se depara quando chega a Roma, em 1510.

Júlio II – tal como Leão X, noutra vertente, segundo a perspectiva do fidalgo de Chaves – responde eficazmente à polimorfia dos tempos que, de facto, caracteriza a realidade do Renascimento, em particular a italiana e romana, na medida em que corresponde ao modelo evocado por Maquiavel como indispensável ao político de entidade proteiforme, a qual assenta na combinação entre homem e besta, sendo que na parte relativa a esta última o político tem de ser leão e também raposa. Este misto de ambivalência e de flexibilidade constitui, afinal, a virtude excepcional - verdadeira virtude política - que Maquiavel aponta como indispensável para a feliz prossecução daquela que é, enfim, a autêntica e única meta do político, seja enquanto líder de uma entidade temporal ou espiritual: a conquista e manutenção do Estado. As variantes condicionais, ou seja, se é piedoso ou cruel, simulador ou dissimulador, interessam apenas na medida em que contribuem para esse fim[254] e permitem apreender com pleno discernimento a "verdade efectiva das coisas".

Apesar do seu proclamado objectivo de afastar os estrangeiros de Itália, o papa não hesitou, logo num primeiro momento (veja-se também e sobretudo a facção papal no tratado da Liga de Cambrai, em 1508, que o próprio fidalgo não deixa de referir[255]), em recorrer precisamente àqueles que de entre todos os estrangeiros considera os seus principais adversários, os franceses, para manter ordem nos territórios da Igreja (como é o caso de Bolonha) e subjugar senhores locais que se rebelavam contra a autoridade teoricamente soberana do papado nesses mesmos territórios. Em conformidade com a vindoura tese de Nicolau Maquiavel para o príncipe secular, o recurso à violência como forma de consolidação de poder é, pois, um instrumento político utilizado sem escrúpulos pelo papado. E a segurança com que o faz é tal que lhe permite deslocar-se sem exército, apenas com a corte.

Regressando à citada passagem do fidalgo ("sendo occupadas per tiranos parte das terras da JgreJa, scilicet, perosa per João paulo valham. bolonha per miçer João de vinteuolla que a senhoreaua, a vaqueta como Rei."[256]) relativa aos tiranos de Perosa e Bolonha, deparamo-nos com importantes apontamentos acerca desta singular figura

[254] Cf. Diogo Pires Aurélio, "Introdução" in *O Príncipe*, op. cit..
[255] "tanto que o papa foi em Roma começou de trauar ligua contra os venezeanos E conçertousse com el Rei dom Fernando de castella E com o emperador maximiniano E com el Rei luis de França E com o duque hercule de ferrara. por que assi ao papa como a todos estes tinhão os venezeanos tomadas e occupadas muitas çidades E terras." in *MFC*, f. 141r e f. 141v.
[256] *MFC*, f. 139v.

social dos primórdios de Quinhentos em Itália, sobretudo se analisada na perspectiva da sua relação com o líder da Cristandade, a quem, neste caso concreto, deviam obediência na medida em que, apesar de formalmente não serem seus vicários, desempenhavam na prática essa função ao conduzirem a governação de senhorios pertencentes aos Estados Papais.

Logo num primeiro momento, em relação a *João paulo valham*, o fidalgo destaca a forma submissa, pode mesmo dizer-se feudal, como este tirano se sujeita à autoridade papal:

> "partiosse o papa Jullio com a corte sem exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano. tanto que o papa partio de Roma leuando a via de loreto que hee na marca dancona, abalarom os françeses que estauão em lombardia caminho de bolonha. o que fez aos tiranos que João paulo velham veo çertas milhas de perosa Reçeber ho papa E lhe entreguou as chaues da çidade de perosa E dous filhos em aRefens. o papa entrou na çidade E tornoulha a entreguar E dahi por diante se seruio do dito João paulo na guerra de capitão de Jente darmas o qual foi sempre bom E leal seruidor atee morte. seguindo o papa seu caminho foi ter a sancta maria de loreto."[257]

Famoso *condottiero* italiano, *João paulo valham* – Gian Paolo Baglioni (c. 1470-1520) – foi tirano de Perugia (*Perosa*), uma cidade da região de Umbria, pertencente aos Estados Pontíficios. No final do século XV e inícios do século XVI a cidade foi disputada de forma extremamente violenta pelas famílias Oddi e Baglioni, terminando a contenda na vitória desta última. Apesar de não terem legitimação legal para a detenção do poder e governo da cidade, os Baglioni liderados por Gian Paolo desafiaram todas as restantes autoridades, inclusive o senhor de quem informalmente (dado que, como já se assinalou, na prática quotidiana desempenhavam as respectivas funções governativas) eram vicários: o papa.

No entanto, após um período de governo praticamente independente, mas tão ilegal – pois a cidade pertencia formalmente aos Estados Papais – quanto cruel, o tirano de Perugia submete-se, em 1506, à autoridade do papa Júlio II, determinado a tomar pela força as rédeas do poder nesta cidade e em Bolonha, onde tal efectivamente se

[257] *MFC*, f. 140r.

verificará. É precisamente este episódio que o fidalgo narra no seu texto. Durante as *Guerras da Liga de Cambrai*, Gian Paolo Baglioni lutará sempre ao lado do papa contra as tropas francesas, como o fidalgo refere. Mais tarde, em 1520, o papa Leão X, que considera Gian Paolo cruel e extremamente ambicioso, convence-o a ir a Roma e manda-o executar por decapitação.

Naturalmente, Júlio II não parece muito interessado na forma cruel e devastadora como Gian Paolo governa Perusia, à época uma cidade conhecida pelo crime e a violência que a devastam, mas antes pelo facto de o tirano e a sua família governarem de forma praticamente independente, por isso ilegal, e demasiado ambiciosa, um senhorio que é oficialmente da Igreja.

Em relação ao segundo tirano evocado, *João de vinteuolla*, da importante família dos Bentivoglio, o fidalgo de Chaves assinala que governa Bolonha "como Rei", o que naturalmente desperta a ira de Júlio II, pois tal como Perosa, que faz parte da região papal de Umbria, também Bolonha faz parte dos Estados Pontifícios (ver figura 33).

Júlio II, além de não permitir veleidades independentistas dos *signori* que estavam à frente das cidades-estado que integravam as regiões dos Estados Papais (no caso de Bolonha esta situação era tanto mais gritante que a família dominante, os Bentigoglio, governava a cidade de forma praticamente independente desde 1439, tentando repetidamente consolidar o seu poder efectivo sobre o governo do senhorio), aspirava a dominar estas cidades e territórios circundantes de forma directa e sem intermediários, como foi o caso de Bolonha, a maior e mais importante urbe da região da *Romagna*, por sua vez uma das mais importantes dos Estados Pontifícios. Nessa medida, como já assinalámos, não tem escrúpulos em aliar-se aos estrangeiros para atingir os seus intentos. Lido de outra forma, o pontífice não concebe obstáculos políticos ou morais, e menos ainda espirituais, em subordinar a política interna dos Estados Pontifícios à política externa que envolve toda a Itália e a própria Europa, com todas as nefastas consequências daí decorrentes para a população itálica e inclusive dos Estados Papais.

O que sobressai do texto do fidalgo é uma certa despreocupação do papado relativamente às populações que estavam sob a alçada dos tiranos e da sua conduta mais ou menos violenta, desde que os interesses da Igreja ficassem salvaguardados. Assim, quer *João paulo valham* quer *João de vinteuolla* governavam os senhorios da Igreja sem autorização formal desta e sem qualquer respeito pela sua autoridade tutelar estabelecida *a priori* como oficial, não desempenhando consequentemente de forma

legal e legítima os seus deveres de pretensos governantes. Só o poderiam fazer se fossem oficialmente reconhecidos como senhores vicários papais, o que acaba por acontecer com o primeiro deles. Mais grave ainda, apresentavam tendências cada vez mais independentistas relativamente ao centro romano, como é assinalado em relação ao tirano de Bolonha ("bolonha per miçer João de vinteuolla que a senhoreaua, a vaqueta como Rei"). Se o segundo por não responder satisfatoriamente ao papa é excomungado e, num segundo momento, retirado do poder através do recurso à força armada, já o primeiro, na medida em que se submete incondicionalmente à autoridade do pontífice e ainda se compromete a combater ao lado dos exércitos papais nas guerras presentes e vindouras, pode assumir oficial e legalmente o ofício de vicário papal, o mesmo é dizer que pode retornar à sua governação de tirano com tudo o que isso implica. Por outras palavras, altera-se a relação formal, oficializa-se o *statu quo,* mas as práticas quotidianas de governação e de manutenção da ordem relativamente à população da cidade não ficam em causa, podendo por isso manter-se inalteradas.

Mais ainda. No caso de Bolonha, o papa não tem sequer em conta a possibilidade (mesmo que secundária, pois certamente que, como o fidalgo refere, o primeiro desejo do tirano é salvaguardar a sua posição e regressar posteriormente com o mesmo título) de o tirano sair da cidade com o propósito de salvaguardar a população:

> "E a este tempo Ja os françeses tinhão posto çerco sobre bolonha que se defendia mui Rijamente. sem aver na çidade medo de serem entrados pellos françeses non lhes vindo outro socorro os quaes elles tinhão por çerto com a vinda do papa. tendo Jsto miçer João de vintevolha fez huma largua arengua aos da çidade na qual concordio per derradeiro que posto que elle tinha por çerto que as vontades dos bolonheses erão conformes pera o aJudar a defender. E que na çidade avia tanta E boa Jente que se defenderia do papa e dos françeses. porem que pois Jsto nam podia ser sem dano de muitos que elle escolhia por milhor esta contenda se partir antes com seu dano que dos çidadões de bolonha. E que por tanto elle se queria partir da çidade dizendolhes que tanto que elle fosse fora se entreguassem ao papa [.] estas abastanças fez elle com esperança de tornar a seu estado tanto que o papa se fosse pera Roma. mas nam lhe aconteçeo assi. ordenado per elle o sobredito na mesma noite se sahio da çidade con toda sua fazenda molher E filhos E se foi a milão. no dia seguinte partirom per mandado da çidade tres çidadões prinçipaes con cartas de crença E con as chaues da çidade pera o papa E acharamno aJnda em loreto E deronlhe sua embaixada dizendo que miçer João de vintevolha era Ja fora E por que a çidade tinha deliberado de se entreguar a sua santidade lhe mandauão as chaues. o papa lho aguardeçeo muito E disse que elle nam podia açeitar as chaues nem a entregua da çidade atee ser passado o termo que derom aos françeses pera a tomarem por que tinha contratado con elles que tomandoa dentro em çerto termo lha daua a

saco. E que se ora elle a tomasse durando o termo nam compria con os françeses E seria neçessario paguarlhes o soldo."[258]

Não desejando alterar o acordo que tinha com os franceses, o papa deixa a população dependente de si própria, facto que desperta uma fina ironia no discurso do fidalgo: "E que elle averia grande prazer de se elles poderem defender atee se passar o termo [.] os embaixadores lhe afirmaram que se defenderiam E que sua santidade podia hir suas Jornadas contadas E cheguar a bolonha sahido o termo que era dado aos françeses. por que en tanto sem acha que dos françeses podia Reçeber a çidade em seu seruiço. E tornados os embaixadores, o papa fez o que avi[a]m conçertado. em quanto Jsto assi passaua E o termo durou os françeses teuerom sempre seu campo sobre a çidade"[259]

E apesar de os habitantes da cidade o receberem em festa, o seu ressentimento para com *João de vinteuolla* é tal que, para além de toda uma destruição patrimonial, deixa como legado um cardeal cuja crueldade ultrapassa em muito a daquele, antes rivaliza com a do tirano de *perosa*, o qual o papa paradoxalmente mantém e confirma no seu título. O resultado é mais repressão sobre a cidade:

"dahi a tres ou quatro dias cheguou o papa, E foi mui bem Reçebido E festeJado. E satisfeitos os françeses se forom. muitos nobres da çidade que eram da parte dos vintevolhas fugirom desque o papa foy entrado com medo delle. miçer João vintevolha tendo perdida a esperança de sua tornada por que o papa era homem mao de amansar se finou de noJo em milam. E o papa antre outras Justiças que mandou fazer, mandou deRibar os paços de miçer João que erão os melhores de toda lombardia em grandeza e fermosura. quando sua molher madona branca soube a noua da destrohição de seus paços pasmou E çeRadas as mãos E os dentes esteue assi ata que espirou [.] deixou quatro filhos, scilicet, o mais velho se chamaua miçer anibal o protonotairo, E miçer alexandro E miçer hermes [.] dizem que tinha de filhos E filhas bastardos xxij. vendo o papa assentadas suas cousas se foi pera Roma E deixou por leguado em bolonha o cardeal sam vidal que era homem cruel E mui temido o qual antre as cousas que fez mandou hum dia chamar doze cidadões dos prinçipaes aos paços do papa onde elle pousaua E mandou a todos cortar as cabeças E assi mortos os mandou tirar A praça E deitar em esteiras onde estiueron grande parte do dia por que se temia delles por serem da parte dos vintevolhas. outro dia avendo hum homem a Roido com outro por que ho ferio se acolheo a hum mosteiro de frades obseruantes de são frrançisco. E Jndo o meirinho pera ho prender na JgreJa a qual laa nem em Roma nam val a ninguem hum frade sobio os sinos E Repicou hum

[258] *MFC*, f. 140r e f. 140v.
[259] *MFC*, f. 140r e f. 140v.

> A maneira de a Roido, pollo qual o leguado con temor do ajuntamento da çidade quis punir aquella sandiçe E mandou que viessem per ante elle dous frades daquelle moesteiro E darlhe conta como se aquillo fizera. E elles por mais grauidade mandaram ho guardião acompanhado doutros frades E tanto que cheguaron onde o cardeal estaua forom tomados E leuados A praça E em presença de todo o pouo derom a cada hum tres tratos de polee tam cruees que morreo disso o guardião E outros dous."[260]

De assinalar também aqui a adjectivação, mais uma vez carregada de ironia, do fidalgo relativamente a Júlio II ("o papa era homem mao de amansar") e que reporta inevitavelmente para a caracterização do comportamento do príncipe da Cristandade como predominantemente secular e contrário àquele que, por definição, constitui a sua essência e primeira referência: o espiritual.

Percorrendo toda esta tensa relação de poderes entre a figura do tirano e o pontífice romano – todos eles, afinal, príncipes italianos do Renascimento – o agente do duque de Bragança dá aqui a ver de forma bem clara a complexidade e singularidade que caracterizam o quadro político-social (ao nível da categorização e definição da figura do soberano) e territorial italiano.

No final do século XV, na sequência de uma cada vez maior concentração do poder nalgumas famílias urbanas, assiste-se em Itália ao culminar de um processo que impõe a autocracia como o quadro governativo preponderante em detrimento da República. O próprio pensamento político humanista, cada vez mais intimamente ligado à corte dos triunfantes *signori*, inicialmente claro defensor da república e da componente cívica e de cidadania, acaba por alinhar com os novos tempos e a inevitabilidade da realidade política, fazendo o elogio áulico e promovendo do ponto de vista teórico a monarquia[261].

No entanto, neste mesmo período, que corresponde ao momento em que as maiores potências europeias começam a lutar entre si pelo predomínio do solo italiano, torna-se por demais evidente o contraste entre os soberanos transalpinos, à excepção da Alemanha, solidamente consolidados e legitimados após séculos de uma complexa e muitas vezes difícil, plena de avanços e recuos, mas sempre progressiva, evolução da instituição monárquica no seu país de origem, e a precária e muitas vezes questionável do ponto de vista da legitimidade posição dos príncipes e dos Estados italianos. Na

[260] *MFC*, f. 141r.
[261] Cf. Ana Isabel Buescu, *Imagens do príncipe: Discurso normativo e representação (1525-49)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996.

verdade, a diferença é tão acentuada que será precisamente o príncipe estrangeiro a fornecer o modelo a seguir pelos senhores italianos, bem como a estabelecer a imagem definitiva do soberano moderno (excepção feita ao tópico da corte e respectivo mecenato), enquanto centro e ponto de equilíbrio de uma constelação de instituições e poderes de carácter nacional, ou seja, do Estado[262].

Isto porque, em grande parte, a evolução da rígida e estratificada pirâmide feudal não funcionou da mesma forma em Itália que no resto da Europa ocidental[263]. A individualização que marcou as artes e a cultura humanista teve o seu necessário equivalente na política o que resultou num processo evolutivo de unificação regional (Ducado de Milão, Veneza, Estados Pontifícios e Florença) e não, como em Espanha, França ou Inglaterra num claro processo de unificação nacional. Com efeito, o principado italiano tem as suas origens nas comunas, nas senhorias e nas oligarquias citadinas localmente dominantes, consideradas como o alicerce sobre o qual se articula e desenvolve a história do principado, que devido a esse mesmo alicerce carece de solidez e firmeza ao nível da transmissão sucessória e legítima do poder (até porque a linhagem dos reis não é oriunda da fundação secular da nação como no caso da restante Europa ocidental) e vê ao invés ser cada vez menor a distância entre a família do senhor em título e as restantes famílias poderosas do território que se quer autónomo e soberano, mas que nunca efectivamente o é. As cidades, poderosas e engrandecidas, competem antagonicamente e tentam anular-se umas às outras num processo de luta política e armada diametralmente oposto ao seguido nas referidas nações estrangeiras. Mais ainda, pela sua própria natureza individualista e conquistadora, não permitem estabelecer qualquer compromisso ou acordo político que passe para além dos seus muros ou dos limites do seu território de influência, seja o pano de fundo a República ou o principado. Tal cenário resulta na inevitável inexistência de um apoio realmente seguro no mundo urbano, precisamente o principal pilar de apoio das referidas monarquias, em particular Portugal, sempre cioso da liberdade obtida, mas entretanto perdida, com os movimentos comunais e republicano. Assim, se não se pode ainda falar de consciência nacional plena para a Europa ocidental transalpina nos alvores de Quinhentos, menos ainda faz qualquer sentido evocá-lo em relação à Itália.

[262] Cf. Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, Lisboa, Bertrand / Instituto de Cultura Italiana em Portugal, 1984.
[263] Mais uma vez há que referir o caso excepcional da Alemanha.

Noutra vertente, o soberano italiano, (individual ou na sua figura colectiva que é a família, como é exemplo o caso emblemático dos Médici) em busca de legitimidade (nomeadamente através da concessão de títulos de carácter medieval), está quase sempre subordinado ao Império, a instituição supranacional medieval contra a qual as nações europeias sempre lutaram em busca de emancipação. Desta forma, como salienta Giuseppe Galasso, no principado italiano, o conde, o marquês ou o duque são sempre detentores de uma autoridade que invariavelmente os liga à antiga estrutura feudal do reino itálico e, através deste, ao Sacro Império Romano-Germânico[264]. Na essência, e aqui divergimos do referido investigador, este apelo à autoridade imperial no sentido de um reconhecimento "oficial" aos olhos dos seus pares italianos não é mais do que o reconhecimento da impossibilidade efectiva de o soberano italiano se constituir como entidade política de carácter nacional (e não apenas regional), autónoma e independente, com recursos próprios a que recorrer para implementar sólida e legitimamente a sua soberania incontestada. Afinal, ainda que plenos de autoridade, por vezes absoluta, no seu território, os soberanos italianos não eliminaram do seu perfil os traços religiosos e feudais do príncipe medieval, nomeadamente o facto de constituem o vértice de uma hierarquia de vassalos e não uma instituição verdadeiramente impessoal, legitima e externa aos grupos sociais do território, os quais acabam por coexistir com aqueles de carácter já moderno. A especificidade social dos novos *signori* é, assim, determinante no estabelecimento das suas limitações políticas. O fidalgo oferece-nos um excelente exemplo quando narra o episódio em que o cardeal Alfonso Petruche recorre à autoridade de Carlos de Habsburgo (1500-1558) – rei de Espanha (como Carlos I) e de Nápoles e da Sicilia (como Carlos IV) desde 14 de Março de 1516 e futuro imperador do Sacro-Império a partir de 1519 –, para obter a devolução do Estado de Siena à família Petruche contra os intentos do papa Leão X:

> "tanto que o cardeal foi em Janaçano fingindo que hia a caçar E a solazarse como muitas vezes fazia, deixando a maior parte dos seus em Roma com a ordenança de casa como se fosse presente [.] dahi a mui poucos dias se foi a napole falar com o viso Rei E com seu Jrmão. E conçertadas suas cousas mandaram messageiros a el Rei carlo que entonçes estaua em frandes. E nouamente era aleuantado por Rei de castela E daraguão per morte del Rei dom fernando seu avoo, contandolhe os agrauos E forças que lhes o papa tinha feito, E assy a obriguação em que sua magestade era de os emparar E defender contra todos os que lhe mal quisessem fazer conseruandoos em seu

[264] *Idem, ibidem.*

> estado assi E na maneira que ho dantes tinham. E como fizera ao mesmo papa em frorença por mandado del Rei dom fernando."[265]

Ainda que carregada de efeitos práticos a legitimidade, de base titular, fornecida pelo Império representa, em suma, o princípio e simultaneamente o fim – no sentido dos limites que impõe à progressão política – do soberano italiano. O mesmo se passou com a Alemanha: apesar de toda a autonomia e independência que tiveram de facto na prática, a verdade é que nunca nenhum dos principados conseguiu ir além do Estado regional. O resultado final no século XVI na Itália setentrional e central é, pois, um perfil político de uma constelação de Estados, institucionalizados como principados ou mantendo um regime republicano de cariz oligárquica, cujo poder e força são de carácter regional. Com o passar dos decénios, no principado, a figura do soberano evolui para a plataforma taxinómica do senhor legítimo e absoluto dos próprios domínios por graça de Deus e por direito hereditário. Acaba, assim, por acontecer o tão desejado, mas nunca conseguido na viragem do século XV para o XVI, alinhamento da figura do príncipe italiano com a posição dos monarcas europeus.

Por tudo isto, na linha do pensamento de John Law[266], não é sensato exagerar nem a eficiência, nem a solidez e a competência do Estado do Renascimento em Itália. Casos como o da família Médicis que, durante o seu apogeu de poder nunca viram a sua hegemonia confirmada por nenhum título explícito (tal aconteceu apenas em 1532, ano em que o Sacro Império promoveu a família ao principado, com a singularidade de que os Médici foram os últimos entre os senhores italianos a atingir tal dignidade), enquadram-se de uma forma ou de outra na categoria da "tirania velada", como é igualmente o caso dos Bentivoglio de Bolonha. Pelo que, quando falamos dos príncipe italiano dos alvores de Quinhentos devemos sobretudo atender à figura singular de um senhor que na prática é um *primus inter pares*, na medida em que na essência o seu poder não corresponde a uma soberania jurisdicional plena, antes assenta na força de uma família que, em termos políticos e económicos, nada mais faz do que partilhar o poder com outras igualmente poderosas, de tal forma, que ambicionam – e não raras vezes conseguem – o título e a posição então ocupadas por aquela.

[265] *MFC*, f. 214r e f. 214v.
[266] Cf. John Law, "O príncipe renascentista" in *O Homem Renascentista*, op. cit..

Interessante é o facto de estes senhores italianos do Renascimento constituírem, devido à sua ascensão política em direcção à autoridade absoluta e sobretudo à forma como ascendem, uma impressionante personificação do deus romano Janus: por um lado, fazem recurso da autoridade imperial, ou seja, medieval, para legitimar o seu poder face aos seus concorrentes e congéneres, alinhando nessa medida com a sua lógica (medieval, portanto); por outro lado, ao ascenderem meteoricamente confrontam e ultrapassam as figuras sociais que estão acima de si antes de atingirem o topo, rejeitando e reagindo dessa forma, mesmo violentamente, contra a rigidez e o carácter fixo da hierarquia feudal tradicional. Exemplos maiores deste cenário nas *MFC* são a ascensão de Pandolfo Petruche em Siena e a rebeldia de Francisco Maria contra o papa, ambas expressões claras da recusa do conceito medieval de autoridade.

A inconsistência dos Estados italianos do Renascimento enquanto poderes que ambicionam a algo mais que o poder regional, mesmo que absoluto, verifica-se igualmente no facto de nenhum principado ter tentado estabelecer uma concordata, como fizeram os franceses e num caso mais radical os ingleses, com o papado com vista ao controlo do clero e do seu rendimento na circunscrição do seu território. Também a força da velha nobreza, expressa em inúmeras imunidades, limitou a ascensão do soberano italiano. Por último, o já referido carácter breve, turbulento e por vezes efémero da ascensão do príncipe italiano reflecte bem a sua falta de consistência política, algo fundamental para tornar o governo de um Estado realmente duradouro. Quando o príncipe morria, simplesmente desagrega-se a administração e o governo entretanto montados; tal aconteceu, por exemplo, na poderosa Milão. A sua autoridade não é, pois, total e plena, nomeadamente no tempo; antes remete para a pessoalidade das relações feudais, adversa à impessoalidade institucional que serve de base ao nascimento do Estado moderno.

Uma corte faustosa que se destaca ao nível do mecenato e da prática da propaganda política – e determinante enquanto modelo sobretudo cultural e identitário, neste caso numa paradoxal inversão de posições, para a restante Europa ocidental –, exércitos tendencialmente profissionais, uma política fiscal eficaz e uma economia sólida fruto de um mundo urbano em momento exponencial da sua existência, não chegam, como o fidalgo de Chaves mostra nas suas referências e observações, mesmo que breves, para colocar o príncipe italiano do Renascimento no mesmo patamar que os outros príncipes europeus, sendo, contudo inequívoco que partilha de diversos

elementos semelhantes, por vezes até como referência a seguir, como é o referido caso das cortes italianas nos campos cultural e artístico.

A afirmação do fidalgo de Chaves, "bolonha per miçer João de vinteuolla que a senhoreaua, a vaqueta como Rei"[267] espelha, pois, a inexistência de uma clara linha de demarcação em Itália, ao contrário do que se passa na restante Europa ocidental, entre os títulos de soberano – rei ou príncipe – e tirano, sendo que este surge de várias formas, nomeadamente duque, marquês e conde, entre outros títulos de cariz feudal.

Esta "promiscuidade" semântica, especificamente italiana, entre ambos os títulos, referenciada pelo fidalgo, encontra eco em Maquiavel, para quem apanágio do tirano é o domínio pessoal e não o governo segundo a noção medieval (derivada do pensamento platónico, e em tudo oposta aquela). O pensador florentino, seguindo a realidade do seu tempo e do seu país, inverte assim a concepção tradicional de governo e, consequentemente, a de poder a ele associado: governar "não é outra coisa que ter os súbditos de tal modo que não te possam ou devam ofender, o que se faz precavendo-se em tudo, tirando-lhes todos os meios de te prejudicarem, ou benefeciando-os de modo a que não seja razoável quererem mudar a fortuna."[268] Por outras palavras, Maquiavel acaba por abolir a distinção entre "governo" e domínio do povo por motivos e fins pessoais, atributo tradicionalmente aceite como próprio do tirano.

O facto de neste período em Itália estas categorias se confundirem impossibilita, igualmente, uma taxinomia equivalente à existente no resto da Europa ocidental (excepção feita à Alemanha) para as mesmas, aqui claramente distintas. Tal deve-se, em grande medida, à combinação única da acção e do perfil absolutamente singulares dos senhores "tiranos" itálicos com a própria especificidade evolutiva do quadro político italiano, ou seja, a passagem de uma sociedade feudal ao regime comunal, depois à senhoria e por fim ao principado.

No panorama político e militar da Itália coeva, o tirano é uma figura social cuja política visa quase sempre a ascensão social, inclusivamente pretendendo os títulos de príncipe ou mesmo rei, mas sem contudo ofender, pelo menos declarada e ostensivamente, até porque, em última análise, necessita do seu apoio[269], o substrato

[267] *MFC*, f. 139v.
[268] Niccolò Machiavelli , *Discorsi sopra la prima deca di Tito Lívio*, Milano, Rizzoli, 1984, II, 23, p. 73.
[269] A sociedade civil italiana, sobretudo urbana, reivindicou sempre para si, até como parte da sua tradição de participação cívica, a necessidade imperiosa de reconhecimento do senhor a quem estava sujeita. Cf. Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, op. cit..

popular, sobre cujo reconhecimento – ainda que de alguma forma breve – alicerçava grande parte da sua posição de proeminência, (o que reflecte também o carácter extremamente volátil do povo italiano neste período e a total ausência de um qualquer espírito pátrio, mesmo que incipiente, à semelhança do que começava a registar-se na Europa transalpina; o fidalgo de Chaves dá-nos um excelente retrato deste estado de coisas na passagem relativa ao momento em "que o bispo petruche foi cardeal E tirano de sena"[270]:

> "Como o manifico burges se sahio de sena, E o bispo entrou na çidade E se apoderou della. O manifico burges nam esperando ver as bandeiras dos Jmiguos sabendo que çercauão a çidade se sahio acompanhado de muitos de caualo E de pee, E leuou consiguo todos seus tesouros E a fabio seu Jrmão menor, deixando sua molher E filhos na çidade [(] Ó trabalhosa vida dos tiranos) [.] Jsto fez assi temendo que os mesmos seus naturaes çidadões ho dessem nas mãos dos Jmiguos por que o bispo tinha muitos de sua parte na çidade. E o custume do pouo ditalia hee fauoreçer a quem vençe, sem aver Respeito senam saluar as vidas E fazendas, defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada (sic)[271] por dinheiro, guardando de meter a Risco suas pessoas. o bispo cheguou com seu exerçito a sena, ao qual abriram as portas da çidade. E entrando sem contradição alguma, se apoderou da casa de senhoria, E pos capitão de sua mão hum seu filho de pequena Jdade. E deitou a molher E os filhos do manifico burges fora das suas proprias casas por serem fortes E paços E fortaleza, as quaes o manifico pandolfo fez a seu modo. E apoderado da çidade lançando fora todolos da parte do cardeal E do manifico burgues, ficou absolutamente senhor. E começando husar das crueldades acustumadas dos tiranos tendo dado seguro a dous nobres çidadãos ambos Jrmãos chamados dalcunha valentes, que andauão desterrados com temor do manifico pandolfo E de seus filhos, ca erão seus Jmiguos E parte contraira. em sua mesma casa os fez matar nesta maneira, crendo estes que lhes era o bispo verdadeiro amiguo por ser Jmiguo do manifico burgues, E o aver lançado da çidade. sendo delle chamados com grandes profertas, se vieram meter em suas mãos ofreçendosse ao bispo, E o bispo a eles [.] despois de passados alguns dias o bispo mandou ao capitão de sua guarda que quando lhe por algum destes dous Jrmãos mandasse dizer que fizesse ho que lhe tinha mandado, sem detença o matasse."[272]

Por outro lado, trata-se de uma figura social que prolifera e cujo poderio económico, político e militar faz com que mesmo os principais príncipes europeus os respeitem e receiem, de tal forma que não raras vezes ora a eles se aliem – inclusive mediante estratégias de investimento matrimonial – ora com eles entrem em conflito aberto, como é o caso aqui retratado entre os franceses e o tirano de Bolonha, território,

[270] *MFC*, f. 222r.
[271] Leia-se *assoldada por dinheiro.*
[272] *MFC*, f. 212r e f. 212v.

como se disse, formalmente sujeito aos Estados Pontifícios. A sua figura é, pois, fundamental na constituição do que as *MFC* indiciam acerca do modelo de príncipe coevo, em particular o italiano (e neste caso específico, por contraste, o europeu ocidental transalpino) que chega mesmo a envolver a instituição papal:

> "Como o cardeal mediçis veo a Roma, E das maneiras que teue pera ser papa. Como o papa Jullio se finou sendo mediçis avisado se veo a Roma sem fazer detença como acustumam os que naquellas se querem fazer senhores per força, ou por mais çerto falar tiranos. ca Juntamente com senhorio alcanção temor de ser mortos cada dia. cheguou a Roma quando se fazião as enxequias do papa que hee o tempo em que todolos cardeaes vaçilão E trabalhão por alcançar o summo pontificado."[273]

Um notável exemplo apresentado pelo fidalgo de Chaves nas suas memórias da assinalada "mestiçagem" semântica em Itália das concepções de tirano e governo (no sentido medieval, ou seja, derivado da noção de Platão), e que encontra repercussão nas teses de Maquiavel, que segue atentamente a realidade do seu tempo e do seu território natal, é o do percurso do "magnifico pandolfo". Noutro plano, esta passagem das *MFC* traduz igualmente de forma bastante clara a importância e o papel do senhor italiano, tido por tirano, que, dotado de um título medieval – neste caso, de duque –, consegue pelo poderio económico, em particular graças ao comércio, actividade em franca expansão à época, impor-se na direcção e na consolidação de um Estado:

> "era seu pai [do cardeal de sena, ou seja, o 'magnifico pandolfo duque E senhor daquela antigua E mui nobre çidade.'] de antigua e mui nobre geração dos pandolfos E nam dos mais Ricos çidadões no começo de sua vida. mantinhasse por sua Jndustria de tratos de mercadorias como todos geeralmente acustumam. era homem de mui grande saber E animo que se soube fazer duque E senhor daquella senhoria absoluto sob cor de companheiro. Reçebeo grandes trabalhos E afrontas prinçipalmente do duque valentino filho do papa alexandre que o deitou fora de sena. E depois de morto o duque ho mandarom vir os çidadões da çidade. E dali em diante ho tiuerom em mais estima por que se nam sabiam sem elle guovernar sendo ausente. honrraua muito os estrangeiros E sobre todos os estudantes portugueses que naquelles estudos da sapiençia avia mais que doutras nações. com todolos Reis tinha Jnteligençia prinçipalmente com el Rey dom fernando de castela. E co papa Jullio com os quaes tinha feito ligua como dito hee. no fim de seus dias erão suas cousas assi prosperas que hum dos

[273] *MFC*, f. 170r.

> filhos deixou cardeal. E o outro duque em seu luguar. E as filhas casadas com prinçipaes çidadões. E muitas vilas E castelos E possissões de seu patrimonio."[274]

Aparte a referência ao facto de a maioria dos estudantes estrangeiros em Siena serem portugueses, o ponto central desta passagem reside precisamente na possibilidade de uma ascensão na pirâmide social sem equivalente no mundo feudal, residindo precisamente aí um traço inovador no que diz respeito ao príncipe italiano do Renascimento, não raras vezes detentor do seu Estado por essa via de alguma forma inédita e sem precedentes. Noutra vertente, podemos ainda detectar nesta passagem um claro sinal da já referida rejeição e despeito pela forma de organização social feudal por parte dos multifacetados e triunfantes *signori* italianos do Renascimento.

Sinónimo da prática comercial, o lucro era por isso repudiado pela classe nobre medieval. No entanto, a tendência foi-se invertendo, sobretudo a partir da centúria de Duzentos, momento em que o mundo urbano recuperou uma dinâmica crucial no quadro da economia europeia. É o que nos diz o fidalgo, que refere especificamente a generalização desta prática: "mantinhasse por sua Jndustria de tratos de mercadorias como todos geeralmente acustumam. era homem de mui grande saber E animo que se soube fazer duque E senhor daquella senhoria absoluto sob cor de companheiro."

Por outro lado, como o fidalgo refere nas suas memórias, Pandolfo Petrucci (1452-1512) de Siena "se soube fazer duque E senhor daquella senhoria absoluto", ou seja, estamos perante uma noção de tirano evocadora quer de uma determinada forma de ascensão ao poder, quer de um *modus operandi* específico da prática da governação. Ambas as vertentes perfeitamente enquadradas com a referida inversão da concepção tradicional de governo (e de poder) por Maquiavel, a qual visa, como já se disse, a abolição da distinção entre "governo", no sentido tradicional, e domínio do povo por motivos e fins pessoais, enquanto atributo definidor da figura política do tirano.

Assim, a concepção de "tirano" no quadro da Itália coeva, que o fidalgo de Chaves observa e experiencia atentamente, não assume no texto a conotação negativa tradicionalmente atribuída a esta figura do poder quer pelo mundo medieval, e que deriva, pela mão das *autorictas* da Igreja como S. Tomás de Aquino, do pensamento clássico, em particular de Aristóteles, quer pelo mundo contemporâneo (bem próxima,

[274] *MFC*, f. 153v.

aliás, dos conceitos de despotismo e ditadura). Antes assume a concepção que, de facto, predomina nesse espaço e nesse tempo específicos, os quais são, afinal, a matéria do texto do fidalgo. Por outras palavras, ao invés, o tirano surge com um líder que governa com poder ilimitado, que usufrui, portanto, plena e totalmente do espaço e do bem público como se fosse privado, sem contudo nunca perder de vista, mesmo que momentaneamente, a satisfação e as expectativas do povo habitante do território que domina: "Reçebeo grandes trabalhos E afrontas prinçipalmente do duque valentino filho do papa alexandre que o deitou fora de sena. E depois de morto o duque ho mandarom vir os çidadões da çidade. E dali em diante ho tiuerom em mais estima por que se nam sabiam sem elle guovernar sendo ausente. honrraua muito os estrangeiros".

Com efeito, seguindo a principal historiografia italiana coeva[275] apercebemo-nos que o fidalgo não se afasta da realidade. Antes verifica-se uma concordância de dados quer ao nível factual, quer em termos cronológicos. O percurso realizado na realidade por Pandolfo enquadra-se, pois, na descrição do fidalgo e na sua classificação de "tirano".

Por simpatizar com a facção política dos Noveschi, Pandolfo foi exilado pelos então governantes de Siena. No entanto, quando esta facção readquiriu posição e influência política, Pandolfo tornou-se seu líder acabando por regressar à sua cidade natal em 1487. É promovido a capitão da guarda da cidade, em 1495, assumindo dois anos depois, após a morte do irmão Jacopo, os importantes negócios deste em Siena, bem como a sua vasta fortuna. Dá então início a uma ascensão vertiginosa até ao poder total sobre a cidade. Em breve casa com Aurélia Borghese, filha do poderoso Niccolò Borghese, o qual auxilia Pandolfo a garantir uma série de cargos públicos. Pandolfo utiliza então o seu novo poder e a vasta influência política recentemente adquirida quer para vender cargos públicos, quer para ceder posições chave na administração da cidade a homens da sua confiança. Tal estratégia permitiu-lhe tornar-se o homem mais poderoso de Siena, algo que acabou por desagradar ao sogro e a todo um conjunto de inimigos ganhos nesta ascensão meteórica, que decidiram afastá-lo definitivamente de cena. Contudo, o pai de Alfonso Petruce acaba por descobrir a conspiração, eliminando

[275] Cf. Francesco Guicciardini, *Storia d'Italia*, op. cit.; Paolo Giovio, "Pandulpho Petruchi tirano de Sena" in *Elogios o vidas breves de los cavaleros…*, op. cit., pp. 147-149.

na sequência todos os adversários, incluindo o próprio sogro, em 1500. Torna-se, assim, governador absoluto de Siena[276].

Todavia, apesar do seu governo totalitário e no sentido de consolidar o seu poder sobre bases realmente sólidas, Pandolfo teve o cuidado de tudo fazer para garantir o apoio do povo de Siena. Assim, desenvolveu quer a economia da cidade, quer uma forte política de apoio às artes, o que permitiu transformar Siena num farol cultural e num expoente económico no quadro de toda a Itália. Por outro lado, evitou uma guerra aberta com Florença, com quem Siena mantinha um conflito há quase um século pelo controle de Montepulciano, iniciativa que muito agradou aos habitantes da cidade, que em definitivo confiavam na sua governação e apoiavam a sua posição de tirano de Siena.

A questão da satisfação e aceitação popular é tanto mais importante que o fidalgo, perto do final do seu texto, no quadro da luta entre Lorenzo de Médicis e Francesco Maria (I) della Rovere, destaca a forma algo insólita como a população do ducado de Urbino rejeita a presença dos florentinos colocando-se voluntariamente na mão do *condottiero* seu anterior duque: "tanto erão Ja os frorentins malquistos do ducado dorbino polla sobegidão de sua tirania que sem muita contenda sentreguarão ao seu propio duque as mais das vilas E fortalezas"[277]. A este propósito é pertinente evocar mais uma vez Maquiavel, que no âmbito da questão de se é preferível que o príncipe seja amado ou temido pelos seus súbditos – tema caro a todo o discurso político e à tratadística medieval - salienta que dada a dificuldade em conciliar as duas coisas é muito mais seguro ser temido que amado quando é necessário renunciar a uma das duas coisas, sendo que em todo este processo o verdadeiramente essencial reside na necessidade de nunca confundir o temor com o ódio, pois o príncipe não consegue manter-se se for odiado pelo povo[278]. Outra consequência lógica do processo de secularização do poder, que implica inevitavelmente a separação entre política e moral, eixo crucial do discurso político tradicional, e mais um sinal claro de que, como o pensador florentino defendia, a política "real", portanto nua e crua, possui uma ética e uma lógica próprias, pelo que as normas universais de conduta simplesmente a ela não se aplicam, devendo consequentemente o político passar a reclamar-se mais da razão e menos dos cânones morais.

---

[276] Cf. Maurizio Gattoni, *Pandolfo Petrucci e la politica estera della Repubblica di Siena, 1487-1512*, Siena, Cantagalli, 1997.
[277] *MFC*, f. 217r.
[278] *Vide* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XVII, pp. 191-194.

Como referimos anteriormente, o tirano é alguém que, por várias razões, ombreia com os príncipes e reis precisamente porque se comporta (ou aspira a) como tal. Estes mantêm relações com ele, e de alguma forma necessitam daquilo que ele representa, para a prossecução dos seus fins políticos, o que não deve ser confundido com a antiga relação entre o rei e o nobre feudal, cujos objectivos políticos eram bem diversos: "com todolos Reis tinha Jnteligençia prinçipalmente com el Rey dom fernando de castela. E co papa Jullio com os quaes tinha feito ligua como dito hee."

Feitos os devidos balanços, o que o tirano pretende não é, afinal, muito diferente do que pretende o príncipe ou o rei: "no fim de seus dias erão suas cousas assi prosperas que hum dos filhos deixou cardeal. E o outro duque em seu luguar. E as filhas casadas com prinçipaes çidadões. E muitas vilas E castelos E possissões de seu patrimonio." Sobretudo se tivermos em conta que também aqui entram em jogo os conceitos centrais de linhagem, casa e hereditariedade[279].

Um último apontamento nesta passagem para a manifestação clara da volatilidade da política italiana e, enfim, para o repudiar da hierarquia e da forma de ascensão feudal. Pandolfo ascende ao poder absoluto em Siena num tipo de percurso e de movimentações que não tinha lugar, pelo menos formalmente, no quadro da mobilidade social característica do feudalismo. Só assim se compreende como de aliado dos franceses e inimigo de Espanha e do papa Alexandre – "Reçebeo grandes trabalhos E afrontas prinçipalmente do duque valentino filho do papa alexandre que o deitou fora de sena." – passe a aliado de Júlio II e dos espanhóis e inimigo de França. Um caminho que lhe permitiu passar do anonimato a um dos homens mais importantes de Itália, sobretudo com a morte do seu inimigo César Bórgia, duque Valentino, em 1507, e deixar após a morte um filho cardeal e outro na condução dos destinos da sua cidade natal. Toda uma ascensão política e social – num processo que se pode considerar um verdadeiro sinal dos tempos – que tem por principal suporte o poderio económico proveniente dos negócios de natureza comercial: "mantinhasse por sua Jndustria de tratos de mercadorias como todos geeralmente acustumam".

[279] Acerca destes conceitos *vide* Bernardo de Vasconcelos e Sousa, *Os Pimentéis: percursos de uma linhagem da nobreza medieval portuguesa séculos XIII-IV*, Lisboa, INCM, 2000; e Nuno Gonçalo Monteiro, "Poder senhorial, estatuto nobiliárquico e aristocracia" in *História de Portugal*, José Mattoso (dir.), vol. IV - *O Antigo Regime* (1620-1807), A. M. Hespanha (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 333-379.

O percurso de Pandolfo Petruche constitui, pois, um espelho fiel das movimentações políticas em Itália na transição do século XV para o século XVI e, sobretudo, da forma de alguma maneira original de organização e ascensão social deste complexo espaço europeu.

Outra passagem das *MFC* que reflecte tais movimentações é a relativa à disputa entre o *manifico Lourenço* e o *duque dorbino*, acabando aquele por tomar o ducado a este último num processo que segue fielmente os cânones de Maquiavel relativamente à eficácia necessária para obter um Estado. Neste caso o verdadeiro protagonista da acção é o papa Leão X, que tudo faz para aumentar as dignidades e o poder efectivo da sua casa, os Médici:

> "Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado. Perdida a lembrança dos sobreditos beneficios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado. ca deixando o duque dorbino todalas outras vilas E castelos nas mãos dos Jmiguos se Retraheo com sua molher E filhos E com toda a mais Roupa que pode leuar a pesaro que hee çidade forte E das prinçipaes de seu senhorio. E hee porto de mar. E vendo que nam estaua ali seguro se foi em gualees pera mantua onde seu sogro estaua com a marqueza sua molher que tam festeJada fora em Roma [.] E sendo o manifico Lourenço apoderado de toda a terra do duque, se tornou pera Roma chamandosse duque dorbino, E tanto ensoberueçido desta vitoria, E cheo de vãa esperança doutros estados que disse hum dia em pubrico ao seu comprador que despendesse larguamente que antes de oito meses passarem, esperaua ter oitoçentos mil ducados de Renda. diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole. E o que mais çertificaua esta sospeita de napole, que em vida do manifico Julião, elle E o cardeal daraguão tinham ordenado de hir folguar a napole E leuauão consiguo senhores de titolo, E outros Romanos, orsinos. E mosem geronimo bique embaixador del Rei de castela lhes Requereo da parte del Rei que nam fizessem tal Jornada. E senam que fossem a seu Risco. E a esta causa çessou sua Jda. presumesse dizendo pubricamente que sua Jda era pera em secreto falarem aos prinçipaes barões do Reino E avelos A sua parte E de frança pera se leuantarem contra castela por que o papa com toda sua valia E parentes erão em secreto françeses, mostrando de fora ser espanhoes. E o cardeal daraguão Jsso mesmo franças por ser parente mui cheguado do

> duque fernando de calabria que anda preso em castela, ao qual elles dizem que o Reino de napole pertence."[280]

Eis que a instituição religiosa surge como um perfeito instrumento para a prática da política. Não é, pois, de estranhar que Maquiavel saliente que a sua obra resulta da "longa experiência das coisas modernas"[281], cabendo-nos a nós lê-la tendo sempre bem presente a Itália do seu tempo.

A acção de Leão X, conhecido como amante das artes e da cultura, eleva-se aqui ao mais alto patamar da maquiavélica correcta actuação por parte de um príncipe secular: "Perdida a lembrança dos sobreditos benefiçios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado."[282] O fidalgo revela-nos assim a política italiana, sobretudo a dos príncipes (inclui-se aqui, muito especialmente, os príncipes da Igreja) e *signori*, como ela era de facto exercida, ou seja, como a própria matéria-prima que serviu de base à elaboração de *O Príncipe*.

Na linha do politólogo florentino e apesar de não se escusar a emitir juízos de valor sobre as condutas em causa, ele dá a ver ao destinatário do seu texto o cenário político italiano em toda a sua crueza, sem metafísica e ideias abstractas, antes incorporando na sua forma de narrar todo o *furor politicus* que atravessa a Itália coeva. O resultado é um testemunho que espelha a realidade política italiana como ela realmente é – pelo menos de acordo com o prisma do fidalgo –, independentemente dos juízos de índole moralista ou religiosa: a "verdade efectiva das coisas". São os jogos de poder que o autor faz desfilar perante o nosso olhar. Jogos onde vislumbramos influências diversas e os diversos maniqueísmos dos poderosos que ora simulam ora dissimulam à boa maneira maquiavélica. De tal forma que chega mesmo ao ponto de, um pouco "à maneira" de Maquiavel, fazer sugestões aos príncipes do seu tempo:

[280] *MFC*, f. 209r.
[281] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., Prólogo, p. 109.
[282] *MFC*, f. 209r.

> "Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos. A quarta feira seguinte que foi o primeiro dia do mes de Julho publicaram por cardeaes os que nouamente erão feitos. E lhes deram os barretes. E loguo A sesta feira que foram tres dias do dito mes, lhes deram os capellos. neste dia assi os nouos como os velhos foram comer com mediçis que avia pouco que era viçe chançaler. E foi o convite nas casas da chançelaria. quem estas cousas vio E as bem considerar, veraa aos olhos abertos quam bulrrosas são as pompas E estado deste mundo. que maiores exemplos se podem dar aos grandes prinçepes que estas cousas que aqui escreuo. os fauores que fortuna daa nam sam destimar. vi os criados dos cardeaes presos sahirem cardeaes, E os senhores despostos. os criados alegres honrrados E aleuantados a grandes estados, E os senhores tristes E desonrrados atormentados E de todo cahidos [.] quem entenderaa estas danças. quem teraa confiança E seguridade de cousa que veJa nesta trabalhosa peregrinação. quatro bispos criados de são Jorge foram ali cardeaes, E de sena o bispo petruche, de saule dous familiares bispos. E elles estauamençerrados como dito hee. assi que as dinidades E estados dos senhores se converteram nos criados E familiares. hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim."[283]

O mesmo tipo de acção política, ao mesmo tempo sinistra e plena de pragmatismo, está presente na ocupação de Bolonha por Francisco I de França e na cumplicidade com Leão X:

> "Avendo el Rei de França em seu poder paçifico o ducado de milão conçertaram elle E o papa de se verem ambos em bolonha. (…) E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer. o papa disse missa pontifical, E el Rei lhe deu em pessoa a obediençia. E despois de assentar seus feitos E liguas, passados tres dias el Rei se tornou pera milão, onde dizem que esteue alguns dias festeJando as damas da çidade. dizem que se desonestaua muito com ellas, E que em hum dia tinhão os cidadões ordenado de ho matar. E sendo avisado cortor (sic)[284] as cabeças a trinta dos prinçipaes. pollas cousas presentes E passadas E quando se por mais çerta tinha sua estada [,] deixando todo seu exerçito na çidade, se foi pollas postas (sic)[285] com corenta companheiros pera França E chegou a marselha a tempo que vio a nao del Rei de portugual em que mandaua ao papa o Roinaçerom com outras Ricas Joias"[286].

[283] *MFC*, f. 225v.
[284] Leia-se *cortou.*
[285] Leia-se *costas.*
[286] *MFC*, f. 211r e f. 211v.

Como podemos verificar Francisco I, guiado pela necessidade circunstancial, executa o necessário para consolidar um Estado há pouco conquistado, sem ter em conta quer a imoralidade do acto quer o grau de violência que o mesmo envolve.

Neste passo, uma questão se levanta: estamos perante a genuína face do mal ou trata-se apenas de mais uma configuração do exercício do poder na explosiva Itália da aurora de Quinhentista? O fidalgo não julga ninguém aqui, pelo menos declaradamente. Limita-se antes a representar o lado melindroso da realidade itálica e em particular a que envolve a Igreja. Podemos mesmo, em vários momentos, antever no seu texto algumas das críticas de Lutero que irão abalar a Igreja Católica pelos fundamentos causando a ruptura definitiva da Cristandade.

Consideramos, por tudo isto, que este modo de olhar a política italiana pelo fidalgo na sua transmissão de informações ao duque de Bragança constitui um indicador inequívoco da entrada na modernidade, quer pelo narrado em si, quer pela forma como tal narração é feita e que implica uma determinada postura do autor que é também narrador. Tal como Maquiavel, naturalmente à sua devida escala e na medida do seu propósito específico, ele ousa olhar de frente aquela linha sensível da realidade onde o mal e o bem se tocam e misturam, desocultando, enfim, o verdadeiro espírito que determina o agir político em Itália nos primeiros anos do século XVI.

No âmbito da descrição da guerra entre o papa Leão X e o duque de Urbino, Francesco Maria (I) della Rovere, o fidalgo volta a evocar a problemática da actuação (pragmática) do pontífice como príncipe laico:

> "tanta Jente perdeo o papa E em tal estremo se vio o leguado que foi forçado as forcas (sic)[287] da guerra mudarense em partidos E manhas nom liçitas, os quaes tratos se começaram a fazer com o embaixador de castela Jeronimo bique prometendolhe o papa que lhe faria hum Jrmão cardeal com tanto que elle fizesse que os espanhoes que erão com françisco maria ho deixassem. açeitando o embaixador este partido pera mais breue espedição de seus neguoçios contrataua com alguns dos capitães espanhoes que dessem françisco maria nas mãos do papa"[288];

> "Como se o papa sentia afligido por suas cousas nom serem prosperas. Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa era mui afligido polla muita Jente que se perdera de seu exerçito E polla grande soma de dinheiro que guastaua. E sobretudo

[287] Leia-se *as forças.*
[288] *MFC*, f. 217v.

ser françisco maria senhor do campo o qual nam se tendo por contente de aver cobrado de nouo seu estado se foi fazer guerra a perosa E As terras da JgreJa."[289];

"Como françisco maria seguindo sua ventura foi assentar seu exerçito nos confins de sena E frorença. E da maneira que o papa teue pera se os espanhoes apartar delle. Era tam avante françisco maria com suas vitorias que depois de cobrado seu estado se veo assentar nos confins de sena E de frorença com entenção de meter huma destas çidades a saco por que ambas estauam da mão do papa com senhos cardeaes leguados dentro. (…) E vendosse o papa em tal estremo, sendo mosembique medianeiro, acabou com el Rei carlo que mandasse sob grandes penas aos espanhoes que erão com o duque que se fossem pera o Reino de napole. ca ao tempo de minha partida ficauão em Roma dous capitães espanhoes que vieram per mandado do embaixador sob cor de tratar pazes antre o papa E o duque. E foy a fim destes neguoçios que os espanhoes per espeçial mandado del Rei carlo se foram pera o Reino de napole. E por estas cousas mal E deslealmente feitas alcançou mosembique que seu Jrmão fosse cardeal."[290]

Como podemos observar, perante a adversidade nos resultados da guerra e, consequentemente, nas finanças da cúria, o pontífice não hesita em fazer mão de "manhas nom licitas", isto é, métodos que na sua génese constituem uma verdadeira antítese de tudo o que se poderá antever como o correcto procedimento do chefe da Igreja católica. E o resultado é claro: através de "cousas mal E deslealmente feitas" – leia-se práticas políticas amorais e sem qualquer correlação com o estatuto e, sobretudo, o dever espiritual concernentes ao vigário de Cristo na terra – consegue levar adiante os seus intentos e manter o seu Estado. A concepção da política de Maquiavel, estranha aos princípios fundadores da moral cristã fundamental da teoria de Estado medieval, não podia ter sido mais pertinente e actual[291].

Fundamental é reter que a imagem que o fidalgo constrói de ambos os papas que conheceu em Roma apresenta uma dupla índole: por um lado, encara-os como líderes espirituais da Igreja católica sediada em Roma; por outro lado, analisa-os, porque assim os concebe, como príncipes temporais dos Estados Pontifícios, ou seja, como príncipes nivelados com os demais príncipes da Cristandade, seja o rei de França, o rei de Portugal ou de Castela, cuja política interna e, sobretudo, externa, se enquadra numa

[289] *MFC*, f. 218r.
[290] *MFC*, f. 227r e f. 227v.
[291] É, aliás, por isso que, apesar de terem existido teses anteriores ou contemporâneas de Maquiavel pautadas pela importância do realismo político, de que são exemplo as *Mémories* de Philipe de Commynes (1447–c. 1511), a *Monarchie de France* de Claude de Seyssel (c. 1450-1520), a *De Regnandi peritia* de Agostinho Nifo (1463-1546), inspirada no manuscrito de *Il Principe*, e a vasta produção histórica de Guicciardini, a obra do florentino é, de facto, única e revolucionária, constituindo a porta de abertura ao pensamento dos filósofos políticos modernos como Hobbes e Spinoza e antevendo o Estado racional futuramente definido por Hegel. Cf. Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994.

linha de actuação que visa a centralização interna, a expansão territorial externa e a consolidação do poder enquanto "monarquia", ou seja, do poder de natureza monárquica, no sentido da dupla classificação tripartida dos regimes proveniente de Aristóteles (que tem origem em Hérodoto) e S. Tomás de Aquino[292].

Enfim, ontologicamente, as *Guerras de Itália* representam a própria faceta original dos príncipes do Renascimento e que alinha perfeitamente com as premissas do bom governante – ou seja, o governante eficaz de Maquiavel -, ou não se baseasse este nas acções daqueles para elaborar o seu tratado. Por outras palavras, independentemente de se tratar ou não de solo da Igreja, ou seja, solo sagrado, o príncipe europeu de então não hesita em munir-se de todo um diversificado conjunto de instrumentos políticos, em particular o uso da violência e da conspiração (falamos da participação na tentativa de cisma contra Júlio II, referenciada no breve deste a Fernando, *o Católico*), para conquistar esse território e ampliar assim os seus domínios e a sua influência:

> "Jnçitados [os cardeais cismáticos] segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França

[292] Cf. Martim de Albuquerque, *O poder político no Renascimento português*, [Texto policopiado], Dissertação de Doutoramento apresentada no Curso Complementar de Ciências Jurídicas da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1965; sobretudo em relação às questões da origem e da forma do poder.

> que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violençia."[293]

Esta maleabilidade na acção tendo sempre em vista um fim político bem definido e previamente programado, não surge antes do príncipe do Renascimento como prática geral e consensualmente admitida, quase tácita. Pode surgir pontualmente, mas nunca com a constância e o pragmatismo que se verifica, sobretudo em Itália, entre o século XIV e o século XVI, de tal forma que se torna possível estabelecer um padrão de comportamento político - nos antípodas do defendido no tratadismo escolástico e cristão – face à "verità effetuale della cosa". O tom da preocupação política foge, pois, do abstracto para se instalar no campo da verdade e, consequentemtente, da acção (em termos da eficácia dos efeitos) a desenvolver face aos desafios colocados por aquela.

O príncipe no texto do fidalgo apresenta-se não como o príncipe bom, grande e excelente pelas suas virtudes proclamado nos *espelhos de príncipes*, onde se pretendia estabelecer o modelo do perfeito príncipe cristão, ou seja, o "uomo virtuoso"; mas antes como o príncipe de Maquiavel: profundamente sábio, realista e flexível (de acordo com as duas naturezas que deve apresentar e das quais deve fazer recurso sem peias: meio-homem meio-besta; e, nesta última, meio-leão meio raposa), capaz de ser pragmático e técnico (leia-se amoral) sempre que a realidade assim o exigir, traduzindo-se tal comportamento numa perfeita capacidade de comandar e fazer-se obedecer. Perante a "verità effetuale", o soberano tem de ser neutro face aos valores éticos fazendo avançar uma atitude de força, como o leão, ou de prudência e astúcia, como a raposa, ainda que tal implique, como já verificámos, violar a fé jurada e a palavra dada. Estamos, pois perante um príncipe diferente, capaz de trazer à consciência e, enfim, usar a plenitude dos seus instintos humanos e animais transformados agora em perfeita arte política[294].

Na descrição do autor relativa à forma como o imperador Maximiliano entrou em Itália para combater os franceses após a sua conquista de Milão, encontramos a referência à importante questão do recurso dos monarcas do Renascimento a exércitos profissionais, cada vez mais com carácter permanente, como factor determinante quer

[293] *MFC*, f. 147v e f. 148r.
[294] Cf. Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, op. cit..

no processo de centralização interna, quer na concretização das estratégias políticas externas:

> "Como o emperador maximiliano veo a Jtalia pera Recobrar milão, E se tornou sem fazer nada. Neste tempo veo o emperador maximiliano a Jtalia com grandissimo exerçito pera Recobrar milão, E deitar os françeses fora de toda Jtalia. o estrondo com que veo era grande. E segundo se afirma em Roma os françeses se punhão em fugir. E fora assi se o emperador sem parar seguira suas Jornadas atee cheguar a milão. mas tanto que deçeo a Jtalia se assentou em verona que estaua por elle, E per seu mandado ha guardauão quatro mil espanhoes. E nesta detença os françeses cobraram conselho E animo, E se meteram todos na çidade de milão onde se fizeram fortes, E Reuoltaram com cartas E falsas promessas E tratos como tem de custume aos capitães alemães, de maneira que nam quiseram passar adiante sem lhes o emperador primeiro paguar ho soldo que lhes deuiam E pediam, o que elle nam pode fazer por falta de dinheiro E forçado de extrema neçessidade se tornou pera alemanha sem aver efeito sua empresa."[295]

Apesar de o soldado profissional (não confundir aqui com o mercenário) ser extremamente dotado e experimentado na sua actividade, dois inconvenientes – o segundo decorrente do primeiro – surgem associados à sua figura: em primeiro lugar, a forte dependência do pagamento do soldo; depois, a ausência de um sentimento realmente pátrio quando as circunstâncias envolvem o não pagamento atempado do soldo. Esta ausência revela como neste período ainda estamos apenas nos remotos primórdios do desenvolvimento de uma qualquer forma de consciência nacional, pelo menos ao nível militar e, sobretudo, no caso alemão e italiano devido ao próprio facto de não existir uma unidade nacional institucional, ou seja, um Estado.

Ambos os estados podem revelar-se fatais em determinadas situações de conflito armado onde o "sentimento" do soldado relativamente à causa por que luta, e para lá de todas as condições adversas, é o que faz ditar a sorte da contenda. São precisamente estes dois grandes riscos, intimamente associados, que se destacam neste trecho do discurso do fidalgo de Chaves, em especial, naturalmente, o relacionado com o pagamento do soldo[296]: "E nesta detença os françeses (…) Reuoltaram com cartas E falsas promessas E tratos como tem de custume aos capitães alemães, de maneira que nam quiseram passar adiante sem lhes o emperador primeiro paguar ho soldo que lhes

[295] *MFC*, f. 213r e f. 213v.
[296] Como analisaremos em capítulo especificamente dedicado à imagem do *Outro* nas *MFC*, o facto de tal circunstância envolver soldados de origem alemã não é fortuito.

deuiam E pediam, o que elle nam pode fazer por falta de dinheiro E forçado de extrema neçessidade se tornou pera alemanha sem aver efeito sua empresa."[297]

Um pouco mais à frente na fonte encontramos outra importante referência à questão do soldo dos corpos militares contratados enquanto elemento decisório dos conflitos bélicos e, consequentemente, dos conflitos políticos. Neste caso específico, a situação remete para a importante figura do mercenário, cujo recurso na composição de exércitos ditos "nacionais" e permanentes constitui outro dos elementos definidores dos príncipes do Renascimento:

> "Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo. Loguo o manifico Lourenço se partio de Roma pollas postas leuando consiguo o senhor Renço E o senhor troilhos sabelo com outros capitães prinçipaes Romanos. E foisse a florença onde em breue tempo aJuntou grande exerçito E se foi a via dorbino, a Rezão por que françisco maria dorbim pode aJuntar Jente, por Reçeo da vinda do emperador em Jtalia. ca estauão em verona quatro mil espanhoes que ha guardauão dos françeses E venezeanos por mandado do emperador, os quaes eram tam sabedores da guerra que todalas vezes que se pero nauarro capitão da Jente françesa afrontou com elles, o maltrataram. E em hum combate que lhes deu ho escalauraram, E correram com elle, pollo qual elle disse que avia dentro muitos pedros navarros. E conçertandosse o emperador com venezeanos lhes deu liçença por nam aver mester guarnição em verona. E sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leuou consiguo dandolhes escala franca em todolos luguares de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos, de sorte que criou em breues dias mais de doze mil guerreiros com que entrou no ducado. E Jndo as cousas A largua, aJuntou mais de trinta mil homens em seu exerçito."[298]

Desta feita, o contexto é novamente o desenvolvimento da "segunda guerra dorbino", entre Lorenzo de Médicis e Francesco Maria (I) della Rovere. Sendo que, "sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leuou consiguo dandolhes escala franca em todolos luguares de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos". Desta forma conseguiu o duque de Urbino constituir um poderoso exército que devastará durante algum tempo os

[297] *MFC*, f. 213v.
[298] *MFC*, f. 216v.

territórios da Igreja, para desgraça das populações locais, que assim vêem as suas propriedades a saque e as suas vidas em risco às mãos de mercenários na sua maioria estrangeiros, e grande lamento de Leão X, que surge neste contexto como um verdadeiro príncipe secular, em ambiciosa e desregrada luta pelo poder temporal, tal como o seu antecessor, Júlio II, o papa *Guerreiro,* já havia sido:

> "Como se o papa sentia afligido por suas cousas nom serem prosperas. Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa era mui afligido polla muita Jente que se perdera de seu exerçito E polla grande soma de dinheiro que guastaua. E sobretudo ser françisco maria senhor do campo o qual nam se tendo por contente de aver cobrado de nouo seu estado se foi fazer guerra a perosa E As terras da JgreJa. E çercou a çidade de perosa, E destrohio seus campos E as quintãs E herdades de toda a terra. E lhe deram os perosinos por conçerto quinze mil ducados [.] de perosa se foi a ancona. E entrou na çidade, a qual hee da JgreJa. E Roubou della E de seus termos o que lhe aprouue. despois se veo cheguando tanto a Roma que mil E duzentos albaneses ou estradiotes cavalos ligeiros que consiguo trazia correram os campos de viterbo, E a çidade de orbieto com outras çidades E vilas da JgreJa."[299]

Maquiavel aponta estes inconvenientes na sua utilização, que desaconselha vivamente em prol de milícias próprias, ou seja, constituídas por cidadãos do próprio Estado em questão:

> "As [armas] mercenárias e auxiliares são inúteis e perigosas; e, se alguém tem o seu estado fundado sobre armas mercenárias, nunca estará firme nem seguro, porque elas são desunidas, ambiciosas, sem disciplina, infiéis, galhardas entre os amigos e vis entre os inimigos: não temem a Deus, não são fiéis aos homens; e adia-se a ruína só enquanto se adia o ataque; e na paz é-se espoliado por elas, na guerra pelos inimigos. O motivo disto é que não têm outro amor nem outro motivo que as mantenha em campo a não ser um pouco de estipêndio, o qual não é suficiente para fazer com que elas queiram morrer por ti. Querem realmente ser teus soldados enquanto tu não fazes guerra, mas, assim que a guerra vem, querem ou fugir ou pôr-se a andar, coisa que deverei ter pouca dificuldade em provar, visto que agora a ruína de Itália não é causada senão por ele ter estado, pelo espaço de muitos anos, toda assente sobre as armas mercenárias. Elas fizeram outrora, através de alguns, certo progresso, e entre si pareciam galhardas; mas quando veio o forasteiro mostraram aquilo que eram. (…) Eu quero demonstrar melhor a infelicidade destas armas. Os capitães Mercenários, ou são homens

[299] *MFC*, f. 218r.

> excelentes, ou não: se eles são, não te podes fiar neles, porque hão-de sempre aspirar à sua própria grandeza, seja oprimindo-te a ti, que és patrão deles, seja oprimindo outros à margem da tua intenção; mas se o capitão não é virtuoso, de ordinário arruína-te. (…) as armas mercenárias nunca fazem senão estragos; e com mais dificuldade se rende à obediência a um seu cidadão uma república armada com armas próprias do que uma armada com armas externas. (…) Porque destas armas só nascem as lentas, tardias e débeis aquisições e as súbitas e miraculosas perdas."[300]

O florentino refere especificamente o erro que Júlio II fez ao utilizar exércitos mercenários na campanha contra Ferrara[301]. Estas revelavam-se amiúde incompetentes no desempenho da sua actividade, apresentando-se na maioria das situações inteiramente subordinadas à "ideologia" do soldo, sua única real motivação como demonstravam os acontecimentos coevos (opinião igualmente partilhada por Guicciardini). Assim, conclui "que, sem ter armas próprias nenhum principado está seguro; está, sim, totalmente vinculado à fortuna, não tendo virtude que afiançadamente o defenda na adversidade (…). E as armas próprias são aquelas que são compostas ou de súbitos, ou de cidadãos, ou de criados teus; todas as outras são ou mercenárias ou auxiliares."[302]

Efectivamente, para Maquiavel – que não considerava possível manter a independência das instituições de um Estado sem o recurso a uma força militar que, simultaneamente, defendesse os cidadãos e não constituísse, como as forças mercenárias, uma ameaça sempre presente para o poder do próprio Estado – o nascimento de um Estado italiano só era, de facto, viável mediante a organização de uma milícia nacional, tal como começava a acontecer em boa parte da Europa ocidental através da lenta mas progressiva implementação do Estado centralizado, nomeadamente em França, Inglaterra, Portugal e Espanha, cujos famosos *tercios* iriam algumas décadas mais tarde suplantar os próprios suíços na arte de fazer a guerra com a infantaria.

Também o compatriota de Maquiavel Leonardo Bruni (1369-1444), no seu elogio da cidade de Florença[303], de 1403, portanto, mais de um século antes, exortava os florentinos a integrarem-se no exército da cidade e a não confiarem a sua defesa a tropas

[300] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XII, pp. 169-170.
[301] Cf. *Idem, ibidem*, capítulo XIII, p. 175.
[302] *Idem, ibidem*, capítulo XIII, pp. 178-179.
[303] Cf. Leonardo Bruni, *Laudatio florentine urbis*, [1403], S. U. Baldassarri (a cura di), Firenze, Sismel-Edizioni del Galluzzo, 2000.

mercenárias. Tal era, na sua perspectiva, a condição para um governo realmente livre e independente de poderes exteriores.

A rejeição do recurso às companhias mercenárias – as *condotte* –, italianas ou estrangeiras, constituía, de facto, uma questão política secundada por muitos humanistas italianos que viam na sua acção, por um lado, uma forte ameaça às liberdades civis e, por outro lado, um travão quer ao desenvolvimento das defesas naturais de cada Estado, quer ao florescimento do espírito cívico dos cidadãos. Faziam recuperar, desta forma, o ideal clássico do cidadão em armas. Até porque já Aristóteles e Platão, bem como Petrarca, que rejeitava sobretudo os mercenários estrangeiros, haviam condenado os mercenários[304].

No entanto, como o fildalgo de Chaves demontra em vários momentos do seu texto, o receio mais importante residia na inegável devastação que uma companhia mercenária fazia no território, fosse em mera deslocação, em campanha ou até mesmo quando estacionada. De tal forma, que o perigo da revolta popular eram bem presente para os governantes sempre que os mercenários estavam em trânsito. O saque, a rapina e a escassez alimentar daí resultantes eram bem reais para as populações italianas.

Contudo, e apesar da tendência cada vez mais forte para a constituição de milícias nacionais – da qual Veneza, no conturbado palco italiano, constitui um excelente exemplo, pois foi o primeiro Estado no século XV a tentar edificar uma força própria – a sua utilização recorrente pelos príncipes do Renascimento, em particular os italianos no quadro da convulsa história do seu território natal, nestes séculos de viragem é um dado inequívo e, consequentemente, um elemento distintivo da sua acção política e da sua própria definição enquanto soberano.

Outro dos principais elementos definidores do príncipe do Renascimento é a sua acção estratégica no sentido de uma cada vez maior centralização, nomeadamente através do impulsionamento de um consensual espírito de lealdade entre os seus súbditos, ou seja, do incremento de uma devoção e de uma obediência a uma ideia abstracta já completamente diversa da dependência física e real, porque concreta e relacionada com o agora e com o "em presença", do vassalo para com o senhor feudal. Um espírito pátrio cada vez mais firme, que seja um espelho, por um lado, da necessidade tácita – legitimada pelo consenso – de uma autoridade suprema e, por outro

[304] Cf. Michael Mallett, "O *Condottiero*" in *O Homem Renascentista*, op. cit., pp. 39-57.

lado, da aceitação generalizada da ideia de que esta autoridade deve ser objecto da lealdade básica dos seus súbditos, unidos assim numa unidade/entidade política e geográfica bem definida e perfeitamente identificada, isto é única, num processo mental profundo reforçado por todo um equipamento simbólico como seja a bandeira e demais símbolos ditos "nacionais" veiculado precisamente por essa entidade superlativa – o Estado – materializado na figura régia. Afinal, os poderes institucionalizam-se quando, numa sociedade, são aceites, admitidos ou reconhecidos[305].

No entanto, nos anos de viragem do século XV para o século XVI este intento de poder estava ainda em formação, isto é, longe da plenitude que irá atingir com o advento mais tardio do Estado absoluto, sendo pois possível encontrar resquícios das práticas feudais no sentido de uma subalternização do príncipe para com o papa ou o imperador, as já referidas duas entidades supremas do universo medieval, expressa na solicitação aberta e inequívoca de auxílio político com vista ao apaziguamento de uma revolta civil, portanto, interna do reino. As *MFC* indiciam-nos tal circunstância na alusão à crise interna vivida pelo soberano da Hungria que, num movimento político tipicamente medieval, recorre ao apoio e arbitragem do papa – atributos já completamente em decadência por esta altura, como o prova a acção dos principais monarcas cristãos que em pouco ou nada dependem do Vaticano para a prossecução dos seus objectivos políticos, sobretudo ao nível interno[306] – para pacificar o seu povo e assim solucionar uma contenda, cujo desfecho, na realidade, e em particular tendo em conta o quadro cronológico em questão, apenas da sua acção e capacidade governativa devia depender:

> "Como o cardeal destriguonia se partio pera vngria. E como os vnguaros se aleuantaram contra seu Rey. O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou. E el Rei despois de ter o dinheiro que se della ouve em sua mão, fez paz com os turcos por çertos anos. E escandalizado o pouo de çessar a guerra contra os Jnfiees, E Reter el Rei o dinheiro da cruzada, se aleuantaram contra elle, dizendo que fizesse loguo a guerra, ou posesse ho dinheiro em mãos de quem elles ordenassem. foi esta contenda tanto avante

[305] Cf. António Pedro Barbas Homem, *A Lei da Liberdade, vol. I: Introdução Histórica ao Pensamento Jurídico - Épocas Medieval e Moderna*, op. cit..

[306] O canto do cisne deste tipo de "dependência", em termos de política externa, poder-se-á considerar expresso no próprio desenvolvimento do Tratado de Tordesilhas (1494) e, algumas décadas mais tarde, na sequência da "questão das Molucas", do Tratado de Saragoça (1529), os quais ocorrem precisamente num contexto internacional de transição entre a hegemonia do papado enquanto poder universalista e a afirmação do poder secular dos príncipes nacionais.

> que a guerra se começou antre elles tam braua que o pouoençaRou el Rei em huma çidade. E diziasse que empalaram hum grande perlado enviado a elles pollo leguado pera os apaçificar com el Rei. E que traziam capitão geral, a que obedeçiam como a Rei. E estando assi el Rei em tam extrema neçessidade escreueo ao papa dandolhe conta de sua fortuna pedindolhe que mandasse por Remedio nisto E sua santidade mandou nunçios que os poseram em paz."[307]

Na medida em que, num tão amplo quadro descritivo relativamente à política europeia, esta é a única referência do texto a tal cenário, podemos concluir como, de facto, sendo atributo do príncipe do Renascimento presente nas *MFC* precisamente a não dependência dos monarcas relativamente ao papado para solucionar questões internas de carácter laico e secular. Já a não dependência quanto à política externa está, por sua vez, claramente patente nas acções dos reis franceses evocados no texto, a saber Luís XII e Francisco I. Isto apesar das embaixadas de obediência, que neste período assumem, como se destacou anteriormente, sobretudo um carácter propagandístico da ideologia régia promovida pelo monarca que envia a delegação, inscrevendo-se pois esta acção diplomática mais num quadro de representação simbólica do poder do que de qualquer sujeição efectiva ao papado. Isto é particularmente evidente em relação ao rei português D. Manuel I.

O exercício do poder político na Europa da viragem do século XV para o século XVI fundamentou-se, pois, na cada vez mais indiscutível autoridade dos monarcas. Isto apesar de, como assinala Alberto Tenenti, a homogeneidade nacional, no sentido da existência de solidariedades políticas profundas, constituir ainda mais a excepção do que propriamente a regra, até porque a grande massa populacional continua preferencialmente ligada às realidades regionais, por vezes até locais. Por outras palavras, é neste período que se consolidam (e não despoletam, pois esse despoletar aconteceu anteriormente, em plena Idade Média com a referida ascensão das cidades, o surto de um comércio florescente, a revivescência dos estudos de direito romano[308] –

[307] *MFC*, f. 203r.

[308] O papel desempenhado pela recuperação efectiva do direito romano imperial por parte dos juristas e dos humanistas no processo de crescimento das ambições régias é de uma importância incontornável, sobretudo, na medida em que constitui uma das principais "armas" utilizadas nos confrontos com as autonomias, as imunidades e os privilégios feudais não apenas da nobreza como também dos eclesiásticos. As jurisdições privadas e os particularismos senhoriais chocavam ainda, quotidiana e inevitavelmente, com o cada vez mais sólido e coerente processo de centralização régia, bem como com o protagonismo do mundo urbano e a consequente reorganização social (e, enfim, a transformação dos sistemas de poder resultante desta última).

com o consequente impulso no crescimento dos interesses seculares –, o aristotelismo da filosofia escolática, o incremento geral dos interesses intelectuais possibilitado pelo aparecimento das universidades e o trabalho marcante de toda uma linha de reformadores, entre diversos outros factores), lentamente e em continuidade com o herdado dos séculos anteriores, isto é, em convivência com as sobrevivências políticas medievais com as quais coexistem em maior ou menor tensão, os alicerces[309] de uma nova lógica de poder que irá vingar em pleno na Europa ocidental cerca de duzentos anos mais tarde.

O fidalgo português de Quinhentos movimenta-se assim num período que assiste a um lento, mas irreversivelmente progressivo, predomínio da ideia centralizadora e, enfim, tendencialmente absoluta do Estado. Um processo político onde ainda está bem presente a sobrevivência de uma concepção contratual da autoridade, mediante a qual o príncipe é legítimo na medida em que respeita as premissas básicas do direito natural que subjaz à sociedade da qual é o vértice, mas já irremediavelmente moderno (ou pré-moderno) pela própria novidade quer do contexto circunstancial, quer das exigências e desafios deste decorrentes. Novas exigências e novos desafios, nomeadamente financeiros, militares e, consequentemente, administrativos e burocráticos evocadores, portanto, de medidas governativas que, dado o novo placo onde decorre o teatro da política coeva, em pouco ou nada se enquadram na tradicional constelação de mecanismos de acção medieval, os quais tornam-se assim irremediavelmente anacrónicos. Novas exigências e novos desafios, cuja urgência, em última análise, favorece um sentido mais centralizado e centralizador dos assuntos públicos e de Estado, isto é, da acção régia. Contudo, como já dissemos, não se deve ver neste amadurecimento do processo de centralização régia decorrente das circunstâncias políticas originais da Europa ocidental dos alvores de Quinhentos, o omnisciente, omnipresente e omnipotente controlo da nação por parte da figura régia como acontecerá, de facto, em Setecentos[310].

As *MFC*, mesmo em relação à cúria romana, não nos fornecem informações directas e realmente sólidas relativamente à política interna dos reinos europeus, inclusivamente italianos; no entanto, pela actuação externa, em particular portuguesa e pontifícia, podemos pressentir uma força e uma solidez de afirmação por parte dos

[309] Inclusive em Itália, se bem que, como já vimos, com características e variantes muito próprias.
[310] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit..

príncipes (incluímos aqui os príncipes da Igreja) que é nova relativamente aos séculos anteriores. Ora perante tal conduta ao nível externo, onde merece particular destaque a frontalidade e até "despreocupação" com que enfrentam o poder papal e imperial, claramente tidos como meros poderes entre outros no xadrez da política internacional, só podemos vislumbrar algo semelhante ao nível interno. Até porque o poder externo só se revela com o grau de força com que surge nas *MFC* quando está realmente apoiado por uma eficiente estrutura ao nível interno, em particular em termos administrativos, o que por sua vez indicia, mesmo que muito lentamente, o surgir de um novo paradigma de poder.

Nesta medida, ainda que indirectamente, as *MFC* revelam-nos, de facto, a erosão do velho mundo das monarquias corporativas e, na outra extremidade da balança, a modernização dos respectivos sistemas estaduais e governativos. Ambos expressos, em última análise, na forma de representação do rei perante os outros reinos, e na forma como os outros reinos vêm o rei, processo onde merece particular destaque D. Manuel I.

Esta forma "nova", que deve ler-se como um *culminar*, dos príncipes europeus encararem as duas instituições universais da Idade Média e que está bem patente nas *MFC*, constitui, pois, uma marca clara dos novos tempos e do modelo original de príncipe que nos alvores de Quinhentos encabeçeia as monarquias nacionais do ocidente europeu.

Por sua vez, o facto de a Igreja de Roma praticar uma política preponderantemente de cariz secular, expressa nas ligas que promove e despromove e nos conflitos armados que incentiva e não raras vezes lidera, apenas fazia com que os príncipes tivessem cada vez menos pudor em levar vantagem sobre os seus desígnios, em particular os políticos. Afinal, o pano de fundo não era, de facto, a espiritualidade, mas sim o meio em que os governos se movimentavam mais à vontade, o temporal, e que desde há muito defendiam como exclusivamente seu. Assim, a pureza doutrinária e a reforma cultual e disciplinar da Cristandade perdia terreno com estes pontífices para a política dos homens e os assuntos terrenos, facto que acabava por constituir um incentivo aos príncipes para fugirem à alçada do papado que cada vez mais consideravam como invasora de um domínio de actuação que era, afinal, o seu por direito. Esta posição, na qual D.Manuel de Portugal se integra, tornou-se cada vez mais

forte, em especial depois da *Questão das Investiduras* e do movimento do *publicismo*[311].

Com efeito, o conflito inicial entre o imperador e o papa acerca da nomeação dos bispos foi crucial para o pensamento e a prática política, pois os efeitos daí resultantes ultrapassaram em muito os limites da temática original. Assim, a questão em breve passou a ser vista como uma contenda entre o papado e o Estado secular da Europa cristã, até porque acabou por envolver os monarcas inglês e francês. Dito de outro modo, o que começou por ser uma luta que pretendia, afinal, definir quem devia dominar a Cristandade, se o imperador ou o papa, transformou-se numa luta entre a cúria e as monarquias temporais sobre o alcance (leia-se jurisdição) e a definição exactas da actividade e da autoridade eclesiástica. Pelo meio, instaurou-se uma clara depreciação na consciência pública quer da autoridade papal, quer, sobretudo, da autoridade imperial.

Ambas as partes, papado e império, utilizaram argumentos baseados na derivação da autoridade do povo, acusando-se mutuamente de não terem por fundamento das suas posições a vontade pública. Um dos aspectos para o qual o poder papal reivindicava liberdade de acção era o direito de depor os príncipes. No final, depois da Concordata de Worms, em 1122, pode dizer-se que o papado saiu vencedor e reconhecido como instituição suprema, inclusive no campo político. Mas as coisas não mais seriam as mesmas, por um lado, em termos da imagem que os cristãos tinham das duas autoridades supremas medievais, o papado e o império, por outro lado, nas relações entre o papado e os príncipes e governos nacionais, que cada vez menos toleravam as intromissões da Igreja de Roma nas suas questões de governo nacional. [312]

Por sua vez, o movimento do *publicismo* (1296) veio contribuir de forma decisiva, em termos de resultados, para toda esta linha de oposição entre os governos laicos e a supremacia da Igreja nos assuntos temporais. Semelhante na essência à *Questão das Investiduras*, o *publicismo* apenas na aparência faz opor ao papado unicamente o sentimento nacional. Na verdade, o que está em jogo é a oposição clara e

[311] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit.; Jean Carpentier e François Lebrun, *História da Europa*, op. cit.; Jean-Michel Salmann, *Géopolitique du XVI^e siècle: 1498-1618*, Paris, Seuil, 2003; Michel Morineau, *O Século XVI - 1492-1610*, Lisboa, D. Quixote, 1980; Ruggiero Romano y Alberto Tenenti, *Los fundamentos del mundo moderno. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*, Historia Universal Siglo XXI, vol. XII, Madrid, Ediciones Castilla, 1971; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit..

[312] Cf. Walter Theimer, *História das Ideias Políticas*, op. cit..

irreversível entre a ideia de Estado, enquanto instituição suprema nacional chefiada pela figura do rei, e os desígnios papais. O que está em jogo é, pois, a soberania nacional e a não sujeição a qualquer entidade exterior à nação. A contenda foi tanto mais acesa que culminou com o *cativeiro babilónico da igreja católica* em Avinhão e com uma evidente redução da autoridade e influência papais.

A Igreja não deixou de reagir perante este estado de coisas. Os pontífices que lentamente se tinham tornado líderes absolutos da Igreja, conseguindo inclusive e apesar de todas as dificuldades abafar o movimento conciliar que marcou profundamente a primeira metade do século XV e que, na essência, defendia princípios tão revolucionários como o facto de um concílio, que podia ser convocado por um rei, constituir um organismo superior ao papa e com competência para o julgar ou até convocar um novo conclave, reforçaram então a reivindicação dos direitos papais à soberania universal.

Mas as tão difíceis e morosas alterações do quadro mental estavam feitas e eram de alguma forma irreversíveis. A política tornara-se algo eminentemente pragmático, totalmente relacionada com a realidade específica de cada nação. Daí que o *publicismo*, da mesma forma que a *questão das investiduras*, seja uma espécie de antecâmara longínqua do advento do Estado nacional soberano. Anuncia-se o absolutismo, em que o Estado é o rei, independentemente dos senhores feudais, que eram ainda poderosos e de entidades que se autoproclamavam supremas como o império e o papado. O caminho da modernidade estava traçado.

O corpo jurídico dos príncipes passou a ter como alvo quer o direito do papa ao poder sobre o Estado laico, quer inclusivamente o seu direito ao poder sobre a Igreja. Um dos seus argumentos base residia em que em nenhum ponto dos Evangelhos se referia a autoridade do espiritual sobre o campo do temporal. Por outro lado, defendia que a orientação da Igreja devia abranger outras figuras para além do papa, nomeadamente, os bispos[313]. Neste ponto foi decisiva a contribuição de um conjunto de homens profundamente reformadores no quadro político-eclesiástico do seu tempo, em particular o dominicano publicista João de Paris (c.1255-1306) e o jurista e teólogo Marsílio de Pádua (c.1280-1343).

[313] Cf. *Idem, ibidem*.

Resoluto opositor do papa, o primeiro proclamava que o pontífice não só não devia ter quaisquer direitos à soberania sobre toda a Cristandade, como também não devia ter domínio absoluto dentro da própria Igreja católica. Marsílio de Pádua, por seu turno, proclamava que a Igreja é apenas responsável pela salvação do homem no outro mundo, estando os assuntos seculares desta vida destinados ao Estado que congrega em si a aplicação da justiça humana. Segundo a sua tese, o governo é o único poder no Estado, podendo nessa medida inclusivamente destituir o pontífice. Defendia igualmente a teoria conciliar: são os concílios eleitos que devem governar a Igreja e não o papa. Rejeitava assim o absolutismo papal. O seu pensamento tem origem na tese de Aristóteles, segundo a qual o Estado se apresenta como uma comunidade perfeita no seio da qual cada ser humano pode-se realizar. Neste quadro, é o princípio da soberania popular que fica definido de forma inequívoca. Sendo o Estado concebido como produto humano está, pois, fora de quaisquer premissas teológicas. A lei, inspirada num ideal de justiça, é suprema e resulta da actividade da comunidade dos cidadãos. É, portanto, exclusivamente civil e secular. O sujeito civil impõe-se assim como única entidade que pode estabelecer e definir o que é justo e o que não é justo. A Igreja vê-se, em absoluto, relegada para o domínio puramente espiritual, cabendo-lhe exclusivamente a instrução dos crentes e o cuidar da salvação da alma depois da morte e nunca neste mundo; função que por definição deve caber ao Estado.

Ambos os teólogos tinham em comum o conceito fundador de que, sendo o papa eleito, também pode ser destituído, cabendo essa funcionalidade ao concílio, cujo governo deve caber aos colégios eclesiásticos eleitos. Mas se esta ideia comum não vingou perante a resistência papal, já a segunda saiu, com o tempo, irremediavelmente vitoriosa: a soberania do Estado nacional. É a entidade absolutamente secular que deve governar a nação, não existindo qualquer casualidade que faça com que tenha de se submeter a uma entidade superior de carácter universal, seja o papa, seja o imperador. Isto é particularmente veemente em João de Paris que rejeitou toda e qualquer forma de governo supranacional, quer na forma eclesiástica quer na vertente imperial – duas pretensões por parte dos franceses claramente expressas no texto do fidalgo.

Estes pensadores – que podemos justamente considerar reformadores na medida em que em muitos aspectos anunciam a mudança protagonizada por Martinho Lutero no século XVI –, contra a ordem política e social enraizada na ideia de um papado

teocrático, representam enfim uma tomada de consciência progressiva por parte do pensamento político medieval acerca dos problemas da soberania e do Estado.

Por sua vez, a soberania popular defendida por Marsílio de Pádua, apoiado nas ideias de Aristóteles e S. Tomás[314], constitui uma marca dos novos tempos segundo a qual o príncipe deve governar em função do bem comum, de acordo com a vontade dos súbditos, sendo que o povo, a *universitas civium*, constitui a fonte de autoridade política, podendo mesmo, excepcionalmente, depor o príncipe. Marsílio apoia-se nas qualidades do bom rei, do príncipe perfeito, que o distinguem do tirano que governa contra a vontade do povo, promulgadas na tradição tratadística dos *Specula Principis*.

Outros pensadores medievais e tardo-medievais que ousaram fazer frente ao poder pontifício e cuja acção emancipadora, ainda que limitada ao território natal, foi crucial para os processos vividos no século XVI foram Guilherme de Occam (1270-1347), os "pré-reformadores" João Wycliffe (c. 1320-1384), o boémio João Huss (c. 1370-1415) e, se bem que numa linha diferente, Savonarola (1452-1498).

Todos eles tiveram a atenção de vastas audiências o que constitui sinal inequívoco da abertura e da sensibilidade dos espíritos para a mudança que se avizinha no seio da cristandade e que irá surgir pela voz inflamada de Martinho Lutero. Com efeito, o sucesso destas ideias opositoras quer do papado quer do império, ou seja, das instituições universais da Idade Média, reside precisamente no facto de se enquadrarem nas expectativas generalizadas dos fiéis. Ainda que não tenham conseguido efectuar uma mudança efectiva no seu tempo, os seus promulgadores em muito contribuíram para a tempestade reformadora que nos primórdios do século XVI irá abalar pelas fundações o poder papal.

Naturalmente, surgiram também vozes contestatárias em relação às propostas reformadoras destes homens vanguardistas. Agostinho Triunfo e Álvaro Pelayo (1334-1352) são dois bons exemplos. Ambos defendiam a teocracia pontifica, segundo a qual o papa recebe directamente de Deus a *plenitudo potestatis*, atributo que lhe permite

[314] A obra de S. Tomás de Aquino é um marco no pensamento político medieval, na medida em que adapta o aristotelismo ao seu tempo, fazendo deste o sólido suporte à sua defesa da monarquia, bem como à definição do ofício de rei: o primado do bem comum é o fim supremo do estado e o grande critério do poder monárquico. Na sua perspectiva, a salvação da alma é do foro espiritual, ao passo que as questões civis remetem para o poder secular. Daí a reserva que apresenta relativamente às relações entre os poderes espiritual e temporal, e que culmina na libertação por parte da política e do poder civil de toda a dependência teológica. Cf. Martim de Albuquerque, *O poder político no Renascimento português*, op. cit.; Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, op. cit..

exercer autoridade sobre todos os domínios da existência humana. Neste quadro, os poderes temporal e espiritual ficam incondicionalmente sob a alçada da Igreja – sem necessidade sequer da mediação do imperador que surge apenas como um mero agente da Igreja –, tendo os príncipes que obedecer ao papa para verem legitimados os seus próprios desígnios de governo. O Estado via-se assim integrado na Igreja, o temporal no espiritual. Naturalmente, estes autores e as suas teses eram já anacrónicos, sendo os seus esforços incapazes de suster a onda de reforma e contestação que conduziria inevitavelmente à emancipação e até supremacia do Estado e do poder secular dos príncipes sobre o papado, que cada vez mais via a sua esfera de influência exclusivamente relegada para o domínio espiritual, exceptuando naturalmente os seus próprios territórios subitamente alargados e reforçados por uma série de papas empreendedores onde merecem especial destaque Alexandre VI (1431-1503)[315] e Júlio II; cuja eficácia e sucesso na empresa de expansão dos Estados Pontifícios o próprio Maquiavel reconhece e saúda[316].

À acção destes reformadores temos de juntar o nome de Erasmo de Roterdão, que apresenta uma concepção do homem mais optimista e, simultaneamente, uma visão mais serena do governo e de um mundo não tão decadente como o de Maquiavel; e cujo pensamento político acerca do Estado, da sociedade e da prática da guerra está, enfim, no pólo oposto ao do florentino, até porque tem por base imperativos morais e religiosos, precisamente aquilo com que este rompe. Mas também Thomas More[317], cujo racionalismo realista de forma aparentemente paradoxal culmina na utopia e no plano de uma república ideal assente nos príncipios da moral tradicional. E, enfim, Maquiavel, sendo que este último elevou o pensamento político a um grau de secularização e exaltação do Estado sem precedentes, tendo por base uma concepção geral da existência humana bem diferente das apresentadas por aqueles – ambas idealistas e imbuídas de neoplatonismo, seja ao nível político, seja em termos da visão social e religiosa do homem –, na medida em que se pauta completamente pelo realismo

[315] Papa entre 1492 e a data da sua morte, 1503.
[316] Cf. J. H. Burns (ed.), *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991; Jean Touchard, *História das ideias políticas, vol. 1: Idade Média*, op. cit.; Idem, *História das ideias políticas, vol. 2: Do Renascimento ao Iluminismo*, op. cit.; Quentin Skinner, *The Foundations of Modern Political Thought, Vol. 1: The Renaissance*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.
[317] O seu racionalismo, bem como o realismo que subjaz à crítica que opera da sua época, em particular ao nível dos costumes e da corrupção, situa-o próximo do pensamento de Maquiavel; mas, por outro lado, o idealismo que pauta a sua obra puxa-o para o lado de Erasmo. A sua *Utopia* é publicada em 1516, portanto na mesma altura que a *Institutio Principis Christiani* de Erasmo, e bem perto da redacção de *O Príncipe* de Maquiavel.

e pela “verdade efectiva das coisas”, expressa, por exemplo, na devastação que assolava a Itália na sequência das guerras aí desenvolvidas pelas potências estrangeiras em conluio com os Estados italianos, em particular o Estado Pontíficio.

Nas suas ideias todos de alguma forma foram precursores das mudanças que no século XVI iriam transformar profundamente a Cristandade. Mudanças cuja consequência última foi a evidência material de que o poder supremo da Igreja simplesmente se tornara anacrónico perante as realidades e novidades históricas que, em todas as esferas da vida humana, se sucediam na viragem do século XV para o século XVI a um ritmo frenético.

De todo este amplo movimento do pensamento político europeu ocidental resultou, pois, um suporte intelectual suficientemente sólido, coerente e estruturado que permitiu aos príncipes assumir uma reacção contra as prepotências do poder eclesiástico nas esferas de acção seculares e laicas. O reflexo material desta reacção é precisamente o progresso irreversível da ideia nacional e o incremento da centralização do poder régio com o consequente desenvolvimento da máquina estatal, sobretudo ao nível administrativo, burocrático, militar e financeiro. É o anunciado fim do universalismo medieval.

Por tudo isto, não é, pois, de estranhar que logo em Trezentos, o Estado comece a apresentar-se como uma legítima fonte de unidade e de ordem, em oposição à instabilidade resultante do conflito de poderes entre o papado e o império. Processo que ganha força nos séculos XIV e XV impulsionado com o movimento generalizado de ascensão dos reinos nacionais.

Em paralelo com estas movimentações do pensamento político, determinantes para a definição do comportamento dos príncipes do Renascimento, não podemos deixar de evocar, por um lado, a já referida transição decisiva no quadro mental da sujeição de carácter pessoal a um senhor directo e, por isso, concreto e bem presente no dia-a-dia, para a sujeição voluntária ao “distante e impessoal” Estado encabeçado pelo rei, ou seja, para a sujeição a uma ideia, uma abstracção; e, por outro lado, o papel nuclear das cidades, que surgem afinal como o outro grande arauto da elevação do Estado soberano e da supremacia régia.

Comecemos pelo primeiro aspecto. As ideias políticas do feudalismo baseavam-se fundamentalmente num princípio arquétipo: as relações pessoais. Com efeito, todas

as relações de poder e de carácter político registavam-se numa estrutura hierárquica muito bem definida, entre pessoas específicas, dotadas de estatutos e/ou funções específicas na sociedade, no quadro de um sistema político-social profundamente hierarquizado. Tais relações terminavam com o falecimento de uma das partes, tendo de ser renovadas pelos descendentes ou herdeiros para serem restabelecidas. É este o alicerce do contrato feudal. Trata-se, pois, de uma relação política (leia-se de poder) e humana (leia-se social) exclusivamente baseada numa base pessoal.

Isto, associado a uma organização administrativa rudimentar, pluralista e descentralizada, bem como à ausência de um corpo militar de carácter permanente e à ausência de uma política fiscal realmente ampla a todo o território da nação, resultava em duas realidades incontornáveis para qualquer monarca: em primeiro lugar a ausência de qualquer sentimento que se assemelhe a um espírito nacional, ainda que superficial; em segundo lugar, a existência de um "Estado", se assim lhe podemos chamar neste período ainda tão incipiente para tal conceito, profundamente descentralizado com todas as consequências daí resultantes para o acerbamento do aspecto imediatamente anterior.

O único todo institucionalmente superior a que a pessoa prestava devoção e fidelidade era a Igreja e sempre na figura próxima do pároco, que em última instância representava o bispo e o papa, ou seja, a Igreja como um todo uno. No âmbito secular as coisas não se passavam de todo assim. Existia apenas a relação directa com o senhor que estava perto e que conhecia e via muitas vezes. Prestar serviço ou lealdade a alguém distante, que se desconhecia por completo simplesmente não se enquadrava no quadro mental do feudalismo. O Estado e o rei eram figuras impessoais e distantes. E, por isso mesmo, vagas e difusas. Conceitos, enfim, muito difíceis de compreender para o homem do campo, que ocupava a maioria do substrato social coevo.

As relações de dependência pessoal, o ser um homem de outro homem, como afirmou Marc Bloch[318], conduz necessariamente à necessidade de vassalagem e a uma hierarquia do poder antagónica para com a noção de Estado centralizado, pois o que imperava era o desmembramento dos poderes sobre os homens entre si, quer no sentido vertical, quer no sentido horizontal. Assim, apesar da persistência da vaga noção de uma autoridade pública superior – mas apenas teoricamente, pois na realidade era algo tão difuso quanto ineficaz em termos de genuína capacidade de se impor no real teatro da

[318] Cf. Marc Bloch, *A Sociedade Feudal*, Lisboa, Edições 70, 1997.

vida, como comprova o facto de ser facilmente desafiável por qualquer suserano – à multiplicidade dos pequenos poderes existentes e que marcavam as relações sociais e políticas, a feudalidade coincidiu com a existência de um Estado enfraquecido e incapaz de se impor política e militarmente, sendo o exemplo acabado o facto de a justiça ser exercida por cada senhor nos limites do seu território senhorial. Vivia-se numa sociedade dominada pela força e pelo poder senhoriais. Neste quadro, fruto de uma profunda dificuldade em separar a imagem concreta do chefe da ideia abstracta do poder, o exercício de uma verdadeira autoridade implicava a necessidade de um contacto directo com os homens.

Em suma, o homem nascia com uma relativa liberdade, mas a troco de protecção ou qualquer outro benefício estabelecia um contrato com alguém imediatamente superior na hierarquia social – muito bem definida – da época. Tal contrato, de índole maioritariamente local, estabelecia os deveres de ambas as partes envolvidas. Esta forma de organização social atravessava toda a sociedade da base até ao rei que era apenas um *primus inter pares.* Dito de outro modo, a sociedade estava espartilhada em pequenas "cortes" (o palácio, a torre ou o solar do senhor) e pequenas unidades centralizadas. Por outro lado, o facto de não existir um poder central forte que coordenasse todos estes pequenos centralismos fazia com que os conflitos internos no seio da nação constituíssem a ordem do dia. Aspecto reforçado pela implantação da estrutura linhagística, ou seja, da transmissão vertical e agnática do património que fazia com que os filhos segundos tivessem de tentar a sorte em qualquer outro lado que não o território onde tinham nascido. O privilegiar da linha paterna e da progenitura teve, pois, nefastas consequências sociais e era um importante factor de desestabilização da ordem interna[319].

Com o aproximar do final do mundo medieval este sistema foi-se esbatendo em paralelo com um reforço do governo central, que lentamente começou a impor-se cada vez mais aos senhores do reino. Tal cenário fez com que a impessoalidade entrasse no domínio das relações sociais, sobretudo no mundo urbano e especialmente em Itália. O princípio passou então a ser o de que o homem passa e a instituição (leia-se o Estado) fica. Desta transmutação social – que, retenha-se, não faz a nobreza entrar em decadência ou perder o essencial do seu poder – destacam-se duas figuras: o rei e a burguesia, ou seja, o mundo urbano.

[319] Cf. *Idem, ibidem.*

Os reis passaram então a aumentar cada vez mais o seu poder e a alargar a esfera de influência régia a todo o reino e sempre que possível para lá das suas fronteiras. O Estado representado pelo príncipe impôs-se, ainda que com muitas dificuldades e de forma descontinuada em termos geográficos e até cronológicos, e não mais perdeu terreno para a ordem feudal. O mundo dos senhores transferia-se cada vez mais do solar para a corte régia e para a cidade, com todas as consequências sociais e políticas daí decorrentes nos séculos seguintes.

A arbitrariedade feudal chegava ao fim e o mundo jurídico régio (na maioria dos casos de origem burguesa) começava a controlar a nação do ponto de vista administrativo. Esta, na sequência, dava os primeiros passos realmente importantes no sentido de pensar-se como um todo, uma unidade encabeçada por um Estado materializado na figura do rei. A centralização do poder chegara para ficar, ainda que com a oposição dos suseranos e das próprias cortes. Os reis elevaram-se agora acima da relação estritamente directa e concreta, baseada na exclusividade contratual do frente a frente, que distinguia o mundo feudal, e que resultava na incapacidade de conceber o vínculo político impessoal e abstracto. Era a mentalidade que se modificava, ou seja, de longe o mais difícil e complexo de todos os processos de mutação história. O indivíduo começava, finalmente, a voltar a subordinar-se ao poder público como acontecera na Grécia e na Roma Antigas.

A ascensão das finanças régias ao permitirem estabelecer uma organização administrativa central cada vez mais sólida e eficaz, implantar políticas fiscais amplas e criar corpos militares permanentes (muitas vezes com recurso ao serviço de mercenários), conduziram à progressiva autonomia do rei face aos senhores. Tarefa facilitada pelo precioso auxílio do mundo urbano e da sua próspera burguesia que passava a dominar os meios de criação e circulação de riqueza, fazendo com que o protagonismo económico e financeiro passasse do campo para a cidade. O sistema da troca de géneros era suplantado pela economia da moeda. A agricultura deixava a proeminência para a indústria e o comércio. Uma burguesia, enfim, que via no auxílio ao rei a melhor ponte para a luta contra o seu principal inimigo: a nobreza terra-tenente. E o rei retribuía com os forais, verdadeiros símbolos da protecção real, e a distribuição de cargos na ascendente administração pública.

O mundo urbano tornava-se então figura central em toda esta mutação social e, sobretudo, mental. A cidade evocava a liberdade e a vontade do povo[320]. Daí que, no seu elogio da cidade de Florença[321], de 1403, e ainda que num quadro de apologia à república, Leonardo Bruni (1369-1444) louvasse a plenitude e a perfeição que a cidade tinha alcançado graças à harmonia que reinava entre os seus cidadãos. Esta harmonia era o resultado da existência de liberdade, conceito fundamental em que concordavam todos os humanistas cívicos. Entendia-se a liberdade, antes de mais, como um governo independente de poderes exteriores e participativo em termos de cidadãos livres que constituíam a sociedade (cidade). Esta liberdade tinha de ser defendida, pelo que Bruno exortava os florentinos, por exemplo, a integrarem-se no exército da cidade e a não confiarem a sua defesa a tropas mercenárias[322].

A ideia de que a autoridade e o poder, em última análise, provêm do povo (em liberdade, portanto, sobretudo o povo da cidade) tornou-se o ponto central da relação contratual com o rei, passando este a ser a voz do povo e não já a Igreja como acontecia no coração da Idade Média.

A proeminência dos centros urbanos enquanto espaço de poder e centro de poder, torna-se assim indiscutível com a chegada de Quatrocentos e sobretudo Quinhentos, culminando um processo que vem do século XII, época em que a Europa é, pode dizer-se, "invadida" por uma *consciência urbana*[323] – neste ponto é fundamental termos em conta que "antes do ano 1300 estavam já presentes (muito especialmente nas

---

[320] Cf. Fernand Braudel, *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*, 3 vols., Lisboa, Teorema, 1992. Sobretudo o volume inaugural da trilogia, *As Estruturas do Quotidiano*: "As suas cidades [do Ocidente] atingiram um brilho que não se encontra noutros sítios. Foram elas que fizeram a grandeza do pequeno continente (…). As suas cidades encontram-se sob o signo de uma liberdade sem igual; desenvolveram-se como universos autónomos e segundo as suas próprias tendências; talharam o Estado territorial, lento na sua instauração, que só conseguirá crescer com a sua ajuda desinteressada e que, aliás, nunca será mais do que a cópia ampliada (…). A partir desta liberdade, os grandes centros e outras cidades por eles influenciadas, a que servem de exemplo, construíram uma civilização original, difundiram técnicas novas ou renovadas, ou redescobertas ao cabo de séculos, mas pouco importa! Foi-lhes dado levar até ao fim experiências bastante raras, políticas, sociais, económicas.", pp. 449 e 451.

[321] Cf. Leonardo Bruni, *Laudatio florentine urbis*, [1403], op. cit..

[322] Cf. Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, op. cit..

[323] Cf. Jacques Le Goff, "Le peuplement urbain" in *Histoire de la France Urbaine – La ville médiéval*, vol. II, Georges Duby (dir.), Seuil, Paris, 1980, pp. 190-197; *Idem*, "La ville et les dehors: les murailles", *ibidem*, pp. 198-219; *Idem*, "La fonction économique", *ibidem*, pp. 241-261; *Idem*, "Le temps et l'espace urbains", *ibidem*, pp. 367-370; *Idem*, "La ville comme représentation: l' imaginaire urbain", *ibidem*, pp. 392-396; *Idem*, "O renascimento urbano" in *A Civilização do Ocidente Medieval*, vol. I, 2ª edição, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, pp. 102-109; Jacques Rossiaud, "Citadins et ruraux" in *Histoire de la France Urbaine…*, op. cit., pp. 608-611; Paul Zumthor, *La Medida del Mundo – Representatión del espacio en la Edad Media*, Madrid, Cátedra, 1994.

cidades) tantos dos elementos do que constitui o movimento do Renascimento"[324], sendo um bom exemplo a decoração do púlpito do Baptistério de Pisa por Nicola Pisano em 1260[325].

As cidades com o seu florescente dinamismo económico e social romperam então com os rígidos quadros de uma sociedade predominantemente rural e tornaram-se, em simultâneo, os principais centros de onde brotavam os avanços culturais da época (o grande mecenato artístico tem uma proveniência marcadamente urbana). O despertar intelectual do século XII teve, aliás, como base as escolas urbanas.

As cidades surgem, assim, como entidades perfeitamente individualizadas, possuidoras de uma história, uma memória, uma linguagem e um corpo jurídico próprios – do qual o foral enquanto elemento fornecedor de legitimidade jurídica é a grande expressão, em particular em Portugal. Entidades detentoras, enfim, de uma "alma", que garante identificação e individualidade às diversas gerações que por ela vão passando. Algo tão intensamente etéreo quanto palpável em termos físicos, seja no traçado das ruas, nos marcos dos edifícios principais ou até nas ruínas que falam da sua glória passada. Com o aproximar dos anos renascentistas, esta "alma" fornece cada vez mais aos habitantes o tão precioso sentimento de pertença e faz com que a cidade seja o espaço de poder mais importante, mesmo em relação ao reino e ao império (vejam-se os casos emblemáticos de Roma, Jerusalém e Constantinopla), aos quais fornece sempre a capital, isto é, o coração e o cérebro. Algumas cidades dos Países Baixos, do vale do Reno e, sobretudo, do Norte e Centro da Itália[326] constituem o paradigma desta mutação arquétipa na organização da vida da Europa ocidental.

Ao longo de todo o texto do fidalgo, à parte a figura omnipresente de Roma, sente-se, aliás, a presença desta consciência – em particular enquanto elemento estruturantes da realidade do mundo – relativamente à Europa no seu todo e em

[324] Cf. Paul Johnson, *O Renascimento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 10.

[325] No início do século XIV destacam-se, naturalmente, as figuras de Dante Alighieri (1265-1321), Giovanni Boccaccio (1313-1375) e Francesco Petrarca (1304-1374). Relativamente a Dante, sempre mais controverso, há que salientar que, se era um homem medieval pelo universalismo imperial que defendia, era também um homem do Renascimento, quer pela posição muito crítica relativamente à Igreja, quer sobretudo pela natureza da sua obra prenhe do espírito crítico dos novos tempos que se anunciavam. Por outro lado, Dante não apenas elevou a língua italiana a patamares nunca conseguidos, num exercício exemplar de consagração do vernáculo tipicamente renascentista, como constitui *per se* uma das marcas mais distintivas do Renascimento: o feito criativo fruto do génio individual.

[326] O dominicano Ptolomeu de Lucca (1238-1326), discípulo de Tomás de Aquino escreveria na obra *De regimine Principum* (iniciada pelo seu mestre) que a cidade-estado é o espaço privilegiado onde todas as possibilidades humanas se realizariam. Cf. Chiara Continisio, Cesare Mozzarelli (a cura di), *Repubblica e virtù: pensiero politico e monarchia cattolica fra 16. e 17. Secolo*, Roma, Bulzoni, 1995.

particular em relação a Itália, cujas cidades assumem, de facto, um grande protagonismo. Uma consciência que, saliente-se, determina claramente a forma de o autor pensar e, sobretudo, dar a ver o mundo com que se depara.

É precisamente porque existe a cidade – coisa pública, *res publica* –, que se impõe a urgência e a permanência do poder. A necessidade deste é a própria condição da conservação da sociedade (leia-se cidade). Neste sentido, o poder político deve ser exercido por instituições de carácter público e não privado, como acontecia nos tempos senhoriais. Dito de outro modo, já não está em causa um poder puramente pessoal, mas antes um poder institucional e, por isso, impessoal, que fica quando a pessoa que o detém (no sentido de ocupa) momentaneamente passa.

Ambos, a impessoalidade das relações políticas e a explosão do mundo urbano e, em particular de numa nova classe, estão na base do esforço de centralização régia que teve lugar por quase toda a Europa ocidental. A Inglaterra, a França, a Espanha[327] e Portugal, a título de exemplo, viram nascer sob os desígnios do cada vez maior centralismo régio Estados nacionais poderosos, pelo menos o suficiente para cada um à sua maneira fazer espalhar a sua influência para lá das suas fronteiras. A integração no império, a política papal e o facto de diversas das suas cidades (e respectivas especificidades sociais) ascenderem a Repúblicas[328], para em seguida se transformarem em senhorias e depois em principados, sempre em conflito entre si por uma hegemonia nunca plenamente conseguida, fizeram com que a Itália nunca conhecesse um poder nacional unificado e, assim, ficasse de fora deste lote de nações e se tornasse a apetecível presa de vários deles. No entanto, a sua unidade e identidade, excepto política, nunca estiveram em causa; pelo contrário, é precisamente nesta época, sobretudo pela via cultural e artística, mas também graças à explosão do capitalismo comercial urbano, que a unidade e a identidade italianas são proclamadas bem alto. Isto

[327] Castela e Aragão ficaram unidos em 1479 como resultado último de um casamento dinástico, enquanto o reino muçulmano de Granada era incorporado em 1492 e Navarra anexada em 1512. Nascia, assim, a Espanha.

[328] No norte de Itália, no século XIV, surgiram formas de autogoverno republicanas e inicialmente semidemocráticas (as comunas), que foram lentamente substituídas por uma série de oligarquias hereditárias. Era o caso da família Della Scala em Verona, dos Visconti em Milão, dos Petruche em Siena e dos Médici em Florença. Apesar de algumas destas cidades terem resistido ao governo dos senhores e chegado a ser grandes repúblicas do Renascimento – como Veneza, Florença, Siena e Lucca - a maioria delas contudo acabou por ser governada por oligarquias.

sem esquecer o "grito" patriótico de Maquiavel[329] claramente exposto no último capítulo d' *O Príncipe*:

> "Exortação para encabeçar a Itália e libertá-la dos bárbaros. (…) Parece-me concorrerem tantas coisas a favor de um príncipe novo que eu nem sei se alguma vez houve tempo mais apto para tal. Vê-se também toda ela pronta e disposta a seguir uma bandeira, assim haja aqui alguém que a empunhe. (…) Não se deve, pois, deixar passar esta ocasião, a fim de que a Itália veja, depois de tanto tempo, aparecer um seu redentor. Nem posso exprimir com que amor ele seria recebido em todas aquelas províncias que têm padecido com estes aluviões estrangeiros, com que sede de vingança, com que obstinada fé, com que piedade, com que lágrimas. Que portas se lhe fechariam? Que povos lhe negariam a obediência? Que inveja se lhe oporia? Que italiano lhe negaria o obséquio? A todos cheira mal este bárbaro domínio."[330]

Por outro lado, vários dos principados italianos apresentaram igualmente esforços de centralização expressos nomeadamente no estabelecimento de aparelhos administrativos eficazes (um dos melhores exemplos são precisamente os Estados Pontifícios).

Segundo Maquiavel, apenas uma soberania absoluta poderia transformar a Itália num Estado nacional forte, à semelhança da Espanha ou da França, aquela que considera o melhor exemplo. A explosiva realidade política e moral italiana exigia métodos não convencionais para um príncipe que se quisesse de facto impor a todo o território. Se ninguém em solo itálico apresentava quaisquer laivos de escrúpulos e de moralidade na sua actuação política porque os deveria ter o príncipe? Assim, Maquiavel antepõe o poder ao direito ao mesmo tempo que separa radicalmente a cidade de Deus da cidade dos Homens, ficando esta última apenas subordinada aos ditames da razão humana. Um movimento radical que despe a política de toda a carga metafísica que a acompanhava desde há séculos. O objectivo final justifica os meios, o que faz com que o príncipe tenha de actuar, se necessário, de forma amoral[331]. Até porque na essência os homens são maus (esta visão pessimista do homem é, aliás, coincidente com a que o fidalgo de Chaves apresenta no seu texto pela sua estada em Roma). Dada, pois, a

[329] Cf. Sebastian De Grazia, "Patria e Stato" in *Machiavelli all'inferno*, op. cit., pp. 192-200.
[330] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XXVI, pp. 235-239.
[331] Cf. Quentin Skinner, "The age of princes" in *The Foundations of Modern Political Thought, Vol. 1: The Renaissance*, op. cit., pp. 113-138; Sebastian De Grazia, "Il 'perfetto e vero fine'" in *Machiavelli all'inferno*, op. cit., pp. 192-235.

inconstância do homem é sempre melhor para o príncipe ser temido que amado. Ele tem de ser simultaneamente raposa e leão, adequando-se sempre às circunstâncias políticas. Com Maquiavel atinge-se, assim, a plenitude quer da defesa das tendências centralizadoras, quer da secularização da política que glosa que o Estado, sendo uma organização de força, deve ser a instituição suprema. A soberania deve ser a sua principal característica e D. Manuel, como veremos a seguir regressando ao caso português, enquadra-se bem nestes parâmetros do politólogo florentino. Arriscamo-nos mesmo a afirmar, sublinhando o lado político subtil e até ardiloso – Joaquim Romero Magalhães dirá "manhoso"[332] –, mas sempre eficaz e de grande visão e alcance, do monarca português, que ele congrega todas as qualidades para ser o protótipo do bom aluno de Maquiavel, provavelmente melhor até que Francisco I, um dos príncipes predilectos do florentino.

No início do presente tópico salientámos o facto de D. Manuel de Portugal constituir uma excepção relativamente à primeira das principais vertentes em que se materializa o (novo) conceito de príncipe nas *MFC*; a saber, a estreita ligação à realidade política italiana e às *Guerras de Itália.* Com efeito, o fidalgo de Chaves evoca por diversas vezes o soberano português mas quase sempre em contextos que de alguma forma remetem para o processo dos Descobrimentos e da expansão portuguesa. Assim, destacam-se as referências à embaixada portuguesa de 1514, que englobam claramente a grande maioria das referências ao soberano luso, a evocação das festas celebradas em Roma pela conquista de Azamor pelo duque D. Jaime e a troca de missivas entre o papa e D. Manuel no mesmo quadro temático[333].

Em ambos os casos o que sobressai da narrativa é o perfil de um príncipe ousado, centralizador, poderoso, conquistador, descobridor, rico e divulgador; ou seja, um príncipe em conformidade com os "novos" tempos coevos, tempos plenos de vivacidade, descoberta, conflituosidade armada e incremento a um nível sem precedentes da circulação da informação. Tempos, enfim, onde os assuntos seculares sobressaem inevitavelmente para primeiro plano nas preocupações dos governantes, inclusive os da Igreja.

---

[332] Cf. Joaquim Romero Magalhães, "Os régios protagonistas do poder" in *História de Portugal*, José Mattoso (dir.), vol. III – *No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, Joaquim Romero Magalhães (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 513-581.

[333] O fidalgo transcreve a versão portuguesa do breve *Saepe egimus*, de 18 de Janeiro de 1514, no qual Leão X felicita D. Manuel pela tomada de Azamor, in *MFC*, f. 174v a f. 176r. Cf. *Corpo Diplomatico Portuguez…*, op. cit., pp. 214-216.

A questão da *embaixada* enquanto exemplo maior da política externa de um príncipe do Renascimento já foi dada no ponto anterior[334]. Todavia, não é demais salientar: D. Manuel dá-se em espectáculo em Roma[335], personificando dois dos principais atributos do príncipe do Renascimento; a saber, a propaganda ideológica e a representação simbólica régia do poder. E, de facto, é precisamente isto que as *MFC* transmitem relativamente ao monarca português, permitindo consequentemente o seu enquadramento numa tentativa de definição de um modelo de príncipe que, oriundo de toda uma tradição medieval, apresenta contudo traços originais e até por vezes inéditos, de alguma forma anunciadores duma nova era da liderança régia e da governação dos Estados.

Extraordinária de vivacidade e de apelos aos sentidos, a embaixada espelha a vida da corte de Portugal. Assim, numa sintonia perfeita com o espaço por excelência da governação de D. Manuel, ela está igualmente repleta de "mostranças" ao nível dos gestos, do vestuário, da sumptuosidade, da teatralidade e, enfim, dos atributos; veiculando, nessa medida, todo um conjunto de rituais carregados de expressividade que nada mais são que elementos fundadores da construção de uma nova imagem de poder por D. Manuel I[336]. Daí que nada nesta embaixada, como podemos verificar pela descrição e pelo julgamento do fidalgo de Chaves acerca do impacto provocado pela mesma nos públicos presentes e ausentes (que, de imediato, são devidamente informados pelos seus representantes, como é o caso do embaixador Alberto de Carpi) surja por acaso. Ao invés, todos os pormenores, grandes ou pequenos, integram-se num programa de propaganda ideológica solidamente reflectido e preparado e que visa, em última instância, a transmissão da referida nova imagem de poder.

Por tudo isto, D. Manuel torna evidente aos sentidos dos diversos públicos que assistem à embaixada a imensidão e grandiosidade do seu poder. Estamos, pois, perante uma característica estrutural da mentalidade renascentista e em particular do modelo de príncipe coevo: o mostrar-se, o dar-se a ver em toda a plenitude do seu poder[337]. D.

---

[334] Ver ponto 1 *(As embaixadas à cúria pontifícia: festa, propaganda e poder)* desta mesma parte III.

[335] Cf. Ana Maria Alves, *Iconologia do poder real no período manuelino: à procura de uma linguagem perdida*, Lisboa, INCM, 1985.

[336] Cf. Michele Pastoreau, "L'État et son image emblématique" in *Culture et idéologie dans la Ideologie Genèse de l'Etat moderna: Actes de la ronde tabela organisée par le Centre National de la Recherche Scientifique et l'École Française de Roma, Roma, 15-17 Octobre 1984*, Roma, École Française de Rome, 1985, pp. 145-163.

[337] Cf. Cesare Mozzarelli, "Principe, corte e governo tra '500 e '700" in *Culture et idéologie dans la Ideologie Genèse de l'Etat moderna: Actes de la ronde tabela organisée par le Centre National de la Recherche Scientifique et l'École Française de Roma*, Roma, 15-17 Octobre 1984, Roma, École Française

Manuel faz isso sempre que pode em Portugal e fá-lo, com a embaixada de 1514, com grande sucesso e eficácia no coração da Cristandade e tendo a Europa por objectivo último. Lucien Febvre já o havia assinalado, defendendo que a Renascença se caracteriza por uma vontade firme de exteriorizar e de materializar qualidades. Um processo novo que tem por base uma sociedade para quem não é suficiente tornar as qualidades simplesmente visíveis. Estas devem, acima de tudo, ser captadas por todos os sentidos humanos: "Homens de ar livre, vendo, mas cheirando também, aspirando, apalpando, sorvendo a natureza por todos os sentidos."[338]

Um dos aspectos que mais sobressai da apresentação manuelina em Roma e de tudo o que daí decorre (por exemplo, as solicitações ao papa) é o papel central atribuído de forma sem precedentes em Portugal à representação régia e à simbólica do poder (na linha da tese defendida por Pierre Bourdieu[339]) – ambas enquadradas num quadro mais geral de inédita propaganda ideológica régia.

Com efeito, D. Manuel estabelece em relação aos seus antecessores, mesmo a D. João II, cuja política em parte continua, um novo projecto de imagem do poder. Ele constrói, portanto, uma nova imagem régia, a *sua*, plenamente dentro do espírito de Maquiavel e bem à medida do seu projecto imperial. Em Roma e na Europa, como o fidalgo de Chaves nos mostra, através da sua monumental embaixada ao papa e em Portugal através, nomeadamente, de toda uma acção "gráfica" e iconográfica expressa quer nas obras públicas – donde o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém em Lisboa e as obras em Tomar e Évora são o melhor exemplo –, quer nas diversas produções culturais, nomeadamente a letra e as iluminuras, por um lado, dos forais manuelinos, por outro lado das *Ordenações* e da *Leitura Nova*[340]. Como refere Ana

---

de Rome, 1985, pp. 367-379; Michele Pastoreau, "L'État et son image emblématique", *ibidem*, pp. 145-163.

[338] Cf. Lucien Febvre, *O Problema da Descrença no Século XVI: a Religião de Rabelais*, Lisboa, Ed. Inicio, 1971, p. 470.

[339] "É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os 'sistemas simbólicos' cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação (…)." Estamos, portanto, perante "o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos 'sistemas simbólicos' em forma de uma 'illocutionary force' mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos (…). O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder (…)." *in* Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, op. cit., pp. 11 e 14.

[340] Cf. Ana Maria Alves, *Iconologia do poder real no período manuelino: à procura de uma linguagem perdida*, op. cit..

Maria Alves, "pequenos mas decisivos palcos nos quais se constrói uma imagem do rei" [341].

A "actuação" em Roma de D. Manuel, tão detalhadamente relatada nas *MFC*, deve, assim, ser enquadrada num conjunto mais vasto de medidas e num quadro de dispositivos diversos – nomeadamente no que respeita aos rituais e cerimónias, do estabelecimento de uma iconografia própria e do desenvolvimento de práticas simbólicas e de representação do poder intimamente associadas à dinâmica governativa específica deste príncipe –, todos direccionados para a afirmação ideológica do Estado português através da elevação progressiva da figura do rei, processo que visa o absolutismo régio e que irá consolidar-se com D. João III, agora e cada vez mais, sem dúvida, o grande protagonista (a par da sua corte, na medida em que é o espaço por definição onde se projecta e desenvolve a sua inovadora acção governativa) do universo da política nacional e respectivos avatares internacionais.

Paolo Giovio, biógrafo do papa Leão X, quando fala de D. Manuel na sua obra dedicada aos varões ilustres, fá-lo inequivocamente num quadro apologético da liberalidade e da magnanimidade do rei português, ou seja, num quadro positivo de construção de uma imagem de poder. Uma prova maior de que as acções propagandísticas e de representação simbólica de poder por parte do soberano português surtiram efeito:

> "El rey don Manuel, queriendo estender la fama de que auia sujetado la India, tuuo por digno de su fama, acrecentar el presente com nueua liberalidad, y fue que embio al Papa, vn Vnicornio, que siendo sacado a tierra en la costa de Narbona, fue vn insigne espectaculo à los Frãceses. Este animal era de alto vn poco menor que el elephante, pero de largo era casi su ygual, y de la forma de nuestros Bufalos. (…) Estos dos animales, estan al biuo pintados en vna sala de mi Museo, con estos versos que significan la naturaleza de cada vno.
>
> Yo soy aquel animal

[341] *Idem, ibidem*, p. 77.

Vnicornio que traydo

Fuy dela tierra Oriental

Que del sol esclarecido

Es la salida y portal

Enla flota vine yo

Y en las naues atreuidas

De España que descubrio

Tierras nunca conocidas

Do nueuo sol visito.

Mi esfuerço y poder pujante

Conocio Roma sin pena

Quando su pueblo delante

Me puso en medio el arena

Vn poderoso elephante."[342]

No início do século XVI, Portugal assume uma nova posição política face à Europa e ao mundo recentemente descoberto. Uma posição que não tem paralelo no anterior contexto medieval. E o rei acompanha essa mutação (em particular ao nível cultural e artístico) fazendo-se representar nos principais palcos de poder europeus com uma expressiva imagem de poder, cuja funcionalidade maior é actuar como instrumento de legitimação desse mesmo poder de onde emana. Esta evolução da imagem régia portuguesa e do seu vasto poder (que culmina no estabelecimento de todo um imaginário do poder real na mentalidade coeva nacional), que consiste na representação do soberano com os seus atributos e símbolos, constitui uma inequívoca expressão da emergência evolutiva do projecto centralizador régio que começa a instalar-se em Portugal (ainda que lentamente e face a diversas resistências, algumas das quais não

[342] Paolo Giovio, *Elogios o vidas breves de los cavaleros*, op. cit., pp. 127-128.

consegue por agora ultrapassar, nomeadamente a incipiência do aparelho de Estado e a existência dos direitos e privilégios particulares, quer da nobreza quer da Igreja).

Em Roma, Portugal passa de pequeno país periférico a centro das grandes correntes do comércio internacional e da política europeia. A economia-mundo é uma realidade cada vez mais presente, como os Venezianos nunca se cansam de sentir e queixar, e o rei de Portugal está bem no seu centro, operando uma deslocação imagética radical relativamente aos seus antepassados medievais. É precisamente isto, esta carga de novidade e de projecto político inédito, que a voz do fidalgo nos transmite pelas passagens que vimos (e que – ainda que de formas e em medidas muito diversas, e no quadro específico de cada contexto territorial ao nível de toda uma nova mentalidade marcada por um inequívoco espírito de mudança, ousadia, individualismo e inconformismo com o passado medieval herdado – é extensiva a outros príncipes coevos).

A dimensão das festas celebradas em Roma pela tomada de Azamor, a pregação apresentada no dia seguinte na missa celebrada em favor do mesmo feito militar, bem como a consequente emoção despoletada entre os todos os notáveis presentes – tudo escrupulosamente registado pelo fidalgo –, constituem, igualmente, um bom reflexo da imagem do soberano português na capital da Cristandade:

> "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima senhoria [D. Jaime, duque de Bragança] tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria. ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pero o qual trouxe todos os Reis de portugual, E os feitos de cada hum contra os Jnfiees. ca mui bem ho tinha sabido. E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[rra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antigua çidade. E tornandosse aos embaixadores dos Reis, bradaua E dizia que tomassem os Reis christãos

> exemplo (…) [pois] na fee delles [dos portugueses] E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros. foi de tanta eficaçia aquella preguação E tudo tam bem dito E encaxado que deçido do pulpito os cardeaes ho tomaram antre si E coRendolhe as lagrimas pollas façes o beiJauam na sua. E todos cõmummente ho louvaram muito. E tornado o papa a seus paços fizeramse as mesmas luminarias E alegrias da noite passada."[343]

Trata-se, como podemos depreender do texto, de uma imagem evocadora de um príncipe cristão voltado para o exterior, para o mundo por descobrir, e sempre na senda da expansão global da fé cristã. Um "autêntico" príncipe cristão, porque moral e espiritualmente superior e irrepreensível, dado que não se envolve em querelas militares contra outros príncipes do mesmo credo, como acontece à época em Itália, antes pelo exemplo da sua virtude apresenta o caminho a tomar contra o grande perigo que assola a cristandade e em particular a Itália: o turco.

A resposta[344] do papa "lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade dazamor" reforça a imagem de prestígio detida pelo rei português em Itália; um

[343] *MFC*, f. 173 v a f. 174v.

[344] "Muito amado em christo filho nosso. saude E apostolica benção [.] muitas vezes temos dado graças a deus todo poderoso, E como se deue esperar aJnda lhas daremos no por vir por que hee sua santa fee por elle soo limpamente honrrada com tantos danos do mui cruel mafoma despedaçada E Reçebidas tantas JnJurias firme e saudavel defensão quis poer na virtude de tua magestade E grandeza de teu animo per meo da qual nom soomente em que maneira desviemos os periguos, mas aJnda como daqui avante os Jmiguos de christo noos os espantemos nos hee dado poder. E posto que atee qui de teus feitos sempre nam podessemos deixar de nos maravilhar sendo Jlustres per amiudadas vitorias, Regiões Jnfindas E nobreza de Jente vençidas, vendo que per toda aquella habitação da Redondeza da terra que contra o oriente E meo dia se estende, todas aquellas regiões per espaços quasi sem medida, todos os mares, portos, Jlhas, prayas, de pendões de christo nosso deus per lembranças sem conto. E polla diligençia de teus cavaleiros E capitães estem cheas E per tua virtude nelle deuam crer. contudo tua deRadeira carta escrito no deRadeiro dia de setembro que aguora passou, polla Jmmizade daquellas nações, convem a saber dos de fez E de marrocos, por que Ja estes grande parte despanha E alguma tambem ditalia tomaram, E o templo de são pero em vaticano prinçipal assento da Religião cruelmente destrohiram, no que nos fazia saber que padeçiam aguora aquelles barbaros a pena que çedo hão maior de padeçer de tantas maldades em desonrra de nossa fee cometidas, singular prazer contentamento E alegria nos trouxe.

príncipe, como se referiu, não já virado para as suas próprias fronteiras e questões exclusivamente internas, mas antes voltado para as "Regiões Jnfindas" do planeta em processo de desbravar, por si só um claro sinal dos novos tempos em curso. Um príncipe cujos feitos "sempre nam podessemos deixar de nos maravilhar sendo Jlustres per amiudadas vitorias, Regiões Jnfindas E nobreza de Jente vençidas, vendo que per toda aquella habitação da Redondeza da terra que contra o oriente E meo dia se estende, todas aquellas regiões per espaços quasi sem medida, todos os mares, portos, Jlhas, prayas, de pendões de christo nosso deus per lembranças sem conto."[345]

Um príncipe, enfim, cuja virtude e corpo foram toldados e ungidos para a vitória pelo próprio Deus: "E çerta esperança temos que todalas cousas te soçederão segundo teus deseJos. mas muito maiores graças aJnda damos a deus que por ti nos daa sinaes mui çertos de ter comnosco pera melhores cousas dada sua vontade, por que querendote

---

E aJnda pollo amor de pai que a tua magestade temos foi maior prazer seres tu o que vinguaste sam pedro E a maltratada Religião christãa. o que assi como a tua fama foi causa de muita honrra assi tambem a noos deu grande contentamento, pollo qual loguo chamado todo o colegio de nossos honrrados Jrmãos, tua carta abertamente mandamos ler. E o prazer que tinhamos Reçebido com elles cõmmunicamos. E despois de connosco Juntamente a grandeza de teu animo E grande amor de deus com muita Rezão terem louuado, E alegrandosse com teu bem E do duque de braguança teu sobrinho barão muito esforçado, pollas çidades dazamor E dalmedina E outras muitas serem tomadas E grandissimas vitorias alcançadas, noos de conforme consentimento dos mesmos nossos Jrmãos, ordenamos em teu nome por toda a çidade proçissão a sancto agustinho onde noos mesmo acompanhandonos todo o colegio do senado fomos E despois de dita solenemente missa E feita huma copiosa oração de teus grandissimos merecimentos, demos graças a deus nom somente por nos ter dado por ti tantos E tam grandes benefiçios, mas tambem por criar em noos çerta esperança de alcançar cada dia maior vitoria por tua parte, E de Recuperar sua santissima fee, pollo qual muito amado em christo filho aJnda que de nossa amoestação te veJamos ter pouca neçessidade, comtudo de todo coração te amoestamos que trabalhes de hir avante pollo caminho Ja começado ao cume da gloria. E aJas por çerto que te estão aparelhadas muitas honrras. E açerca dos homens memoria de tuas virtudes sempiterna. aJnda que pequenos seJão estes premios pera os que te deus todo poderoso naquella çelestial e Jmmortal bem aventurança ordenou. E noos amoestandote claramente conheçemos açerca de ti ser o Juizo de deus, por que a quem conçedeo elle ho que a ti, que tendo as mãos de todo limpas de sangue christão, que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses. sem embarguo disto cada dia tuas armas trazem consiguo grande gloria E nenhuma malquerença, a qual honrra E ornamento a ti dada da graça do Rei çelestial, atee teus derradeiros dias conseguiras segundo confiamos se nam te moueres. todo o outro louuor ficara abaixo desta tua virtude E amor de deus. E por tanto em nos escreueres que tens vontade de trazeres o Reino de feez E maRocos da çuJa E sobeJa de nação de mafamede ao conheçimento da verdade, çertamente muito te louvamos esta tua vontade. E çerta esperança temos que todalas cousas te soçederão segundo teus deseJos. mas muito maiores graças aJnda damos a deus que por ti nos daa sinaes mui çertos de ter comnosco pera melhores cousas dada sua vontade, por que querendote elle, te vngio de virtude E pos teu caminho sem Reprensão. E ensinou tuas mãos pera combate. E pos teus braços assi como arco darame. E claramente nos mostrou ser per todolos pouos fiees sua saude desejada, por que em fim, em algum tempo dando cabo a nossos continos danos possamos cuidar em acreçentamento da fee E honrra do nome cristão, pollo qual noos em nenhuma cousa nem de dia nem de noite cuidamos em nosso coração senão em que maneira faça paz antre os Reis christãos, E possamos mudar as armas contra o herege mafomede. E assi como em tua virtude E amor de deus muito grande esperança posemos de se huma cousa E outra fazer. E assi tambem a deus humildosamente pedimos que por sua piedade nos de sahida a este nosso desejo pera que da aJuda E poder de tua magestade nos possamos aproueitar muito mais çedo pera fazer muito grandes E muito santas cousas. escrita em canJo. diocese de castro a xviij dj[as] de Janeiro do ano do senhor 1514." in *MFC*, f. 174v a f. 176r.

[345] *MFC*, f. 175r.

elle, te vngio de virtude E pos teu caminho sem Reprensão. E ensinou tuas mãos pera combate. E pos teus braços assi como arco darame." [346] Daí ser apontado como o líder lógico e natural dos príncipes cristãos na urgente demanda bélica contra o turco infiel.

Uma imagem na melhor tradição dos *Espelhos de Principes*[347], passados e por redigir, numa missiva classificada pelo autor como "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei."[348]

Aquando da apresentação da carta que Alberto de Carpi, embaixador em Roma do Sacro Imperador Romano-Germânico Maximiliano I de Habsburgo, envia ao seu senhor, relatando-lhe detalhadamente a embaixada de Tristão da Cunha, o fidalgo não tem dúvidas em afirmar que "era el Rei nosso senhor sobre todolos outros tido em maior veneração de catolico E christianissimo E bem aventurado em todas suas cousas como se amostraua pollas continuas festas que se em Roma faziam das victorias que lhe nosso senhor daua contra os Jnfiees, assi em africa como na Jndia [,] enRiqueçendo os seus E acreçentando seu estado E poderio [.] E pera que vossa Jlustrissima senhoria veJa como as cousas de portugual erão de todos manificadas, pus aqui o trelado da carta que o senhor de carpe mandou ao emperador maximiliano sendo seu embaixador em Roma [,] no qual Vossa Senhoria veraa larguamente a maneira E louvor da embaixada E a estima dos presentes."[349]

D. Manuel era um príncipe "para fora" e o resultado era que "as cousas de portugual erão de todos manificadas". As suas acções visavam "os Jnfiees, assi em africa como na Jndia [,] enRiqueçendo os seus E acreçentando seu estado E poderio".

E a prova estava em Roma quer nas festas em seu nome, quer na embaixada que enviou e que "diziam geralmente os velhos que esta era a mais honrrada E Rica embaixada que se acordauam entrar em Roma."[350]

---

[346] *MFC*, f. 175v.
[347] Sobre a evolução dos *Specula Principis* e a sua importância no final da Idade Média e inícios da era Moderna *vide* Ana Isabel Buescu, *Imagens do príncipe: Discurso normativo e representação (1525-49)*, op. cit.; Idem, *O modelo do príncipe cristão: uma tradução quinhentista inédita*, Sep. *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Universidade de Oxford, 1 a 8 de Setembro de 1996, Oxford-Coimbra, 1998; João Gouveia Monteiro, "Orientações da cultura da corte na primeira metade do século XV (a literatura dos Príncipes de Avis)", *op. cit.*; Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, op. cit..
[348] *MFC*, f. 176r.
[349] *MFC*, f. 179v.
[350] *MFC*, f. 179r.

E foi, de facto, como poderoso, rico e magnânimo, que D. Manuel ficou registado na memória de todos aqueles que assistiram ou ouviram falar da embaixada.

A monumental delegação que chegou a Roma congregava na sua linguagem e simbolismo específicos todo o projecto régio, nacional e internacional. Oportunidade diplomática verdadeiramente única, a embaixada chefiada por Tristão da Cunha foi explorada conscientemente até às últimas consequências no sentido de transmitir uma mensagem clara e inequívoca a todos os que com ela se deparassem ou dela ouvissem falar: tal como no Norte de África (onde o duque de Bragança conquistara Azamor) ou na Índia (onde Afonso de Albuquerque implantava solidamente o poder luso), o rei português estava presente em Roma com todos os atributos do seu vasto poder e todo o colorido cultural da sua corte. E, com efeito, a embaixada era, em toda a sua extensão, a sua corte, pois, reflectia quer os trabalhos de centralização e controle régios (nomeadamente através da uniformização legislativa), quer a manutenção da paz nas suas fronteiras graças a uma aturada vigilância com a poderosa vizinha Castela, que impedia por outro lado, a hegemonia sempre perseguida pelos Reis Católicos[351], quer ainda o mundo cosmopolita e multicultural que caracterizava e distinguia Lisboa, a capital do reino onde constantemente chegavam homens, animais e riquezas várias, em particular as especiarias, provenientes dos confins do mundo. Para maximizar todo este cenário, o destinatário era um papa humanista, fascinado pelo exótico e promotor das novidades culturais e artísticas que marcavam de forma original estes tempos tão conturbados do ponto de vista político.

É, por tudo isto, que a embaixada, como vimos no ponto anterior, constitui acima de tudo um acto de poder. Ela representa o poder português no mundo e dá a ver o rosto imperial – no sentido literal do termo – do seu soberano. É esta imagem, apresentada publicamente em Roma, que D. Manuel pretendia – e conseguiu – difundir no universo da *Respublica Christiana*. É o que podemos ler nas seguintes palavras do fidalgo: "naquelle tempo tinham em Jtalia pollo Reino mais Rico, E Rei mais poderoso em diuersas partes do mundo"[352].

O poder, o exotismo e a civilização. Atributos que desfilam de mãos dadas pela capital política, religiosa e cultural da Europa. Mais do que um grande momento de

[351] Cf. Joaquim Romero Magalhães, "Os régios protagonistas do poder" in *História de Portugal*…, op. cit., pp. 513-581.
[352] *MFC*, f. 200v.

propaganda ideológica, estamos perante um paradigma da representação pública do poder e um traço inequivocamente definidor do novo modelo do príncipe – um soberano que, depois de assegurar a estabilidade interna, se quer necessariamente externo, como podemos pressentir nas palavras atribuídas ao chefe da embaixada de obediência enviada a Roma pelo rei da Polónia:

> "vendo que o papa conçedera as JgreJas de portugual a el Rei no abito de christus pera os caualeiros fazerem guerra aos mouros em africa [,] posto que era perlado, por fazer o que a seu ofiçio E carguo tocaua, escreueo a el Rei dandolhe conta disso, E que deuia pedir as de seu Reino pera os seus caualeiros, pois a elle convinha com mais Justa causa pedir a dita graça pois tinha os Jmiguos As portas demarcando E confinando com elles, E el Rei de portugual os hia buscar Alem do mar."[353]

Um príncipe enfim que, na pragmática linha de eficácia de Maquiavel, conquista, amplia e mantém exemplarmente o poder, mas mantendo sempre sabiamente a neutralidade nos conflitos europeus – onde o tópico chave foi o nunca deixar-se resvalar para posições políticas castelhanas. Tudo isto tendo por base, verdadeira chave de ouro ao nível da política externa, uma saudável convivência com o papado (bastante conflituoso em termos político-militares, saliente-se), que em nenhum momento se confundiu com subordinação à cúria romana[354] – e aqui o rei português inscreve-se no que foi dito anteriormente para os soberanos franceses, Luís XII e Francisco I.

É, pois, natural que o fidalgo comente o prestígio e a "luz" irradiante que o seu rei espalhava pela urbe eterna e, consequentemente, para toda a Europa cristã, como se pode verificar pelas palavras inscritas na "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador":

> "o muito serenissimo E muito christianissimo prinçepe (…) o Rei darmas do dito Rei vestido de huma Roupa de pano de ouro com armas de Rei coroadas çercadas em torno de mui fermosas perlas E RubiJs. (…) todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho. nem Jamais Roma em o tempo passado quando ella possuia muitas cousas, como quer que a ella viessem muitos alifantes de etiopia E africa, nom veo nenhum das

[353] *MFC*, f. 202v.
[354] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.*…, op. cit..

> Jndias. que direi mais, por tudo comprender em palaura. a materia era preçiosa mas a obra sobrepoJaua aa materia, a qual era polla singular Religião E deuação deste prinçepe dada. hame mui fortemente mouido a escreuer estas cousas polla ventura mais longuamente E com mais palauras que as orelhas mui acupadas de vossa magestade nom deuem sofrer. mas eu ho fiz a fim que nada nam passasse sem ho saber vossa magestade. E nam hee de poer em silençio que haa estendido E engrandeçido nossa Religião com grande gloria atee os guaramantes E Jndios. E que assi tanto honrrauam por sua larguesa E liberalidade. (…) o dito Rei foi muito louuado da mui sacratissima boca do papa per palauras mui honrradas em consistorio pubrico Respondendo aos embaixadores de sua magestade, espeçialmente quando açeitaua seus doens [.] eu fui diante dos ditos embaixadores assi como hee husança E custume da corte. E despois os visitei por ser assi a maneira de saluar os embaixadores dos Reis na sua primeira vinda pollos embaixadores estantes em Roma. eu lhe ofereçi toda minha aJuda em nome de vossa magestade ao seruiço do seu mui serenissimo Rei em todo o que elles ouvessem mester de vossa magestade, a qual cousa lhe foi mui agradauel. E antre as outras cousas disseram que seu Rei com nenhuma cousa folguaua tanto como ser conJunto per linha de parentesco a vossa magestade."[355]

Os resultados estiveram à vista durante o restante tempo que Tristão da Cunha esteve em Roma:

> "Neste tempo da coresma esteue tristão da cunha em Roma E foi visitado do manifico Julião E do manifico lourenço, E doutros muitos senhores. E nesta coresma foi visitado do cardeal santa cruz, E dagustim nichi. E o banquete foi em hum Jardim que tem em transtibre a beira do Rio, em humas casas tam singulares que são bem mereçedoras da Ribeira de lixboa. o banquete foi dos comprimentos que nelles acustumam. E em cabo do Jantar se Representou huma comedia em louvor del Rey de portugual, de muitas gentilezas com todolos Reis que lhe são soJeitos E tributarios. sua estada foi em Roma tres meses, por que foi neçessario mandar a el Rei avisos dos neguoçios a que viera, E esperar de sua alteza Reposta. no qual tempo lhe foi dada a Rosa pera el Rei. E foram conçedidas do papa a el Rei no habito de Jesu christo as terças de todalas JgreJas de portugual, E todolos mosteiros nom sendo consistoreaes, que os podesse dar a caualeiros com o dito abito de christo sendo solteiros E casados. (…) tendo tristão da cunha os neguoçios acabados como compria a seruiço del Rei partiosse de Roma na fim de maio. E atee embarcar suas cousas foram prosperas."[356]

[355] *MFC*, f. 180r a f. 181r.
[356] *MFC*, f. 200r e f. 200v.

A índole das relações de D. Manuel com o papado está plenamente exposta na embaixada de 1514 em si e nos vários objectivos, religiosos e sobretudo políticos, que nortearam a constituição da mesma, a saber, a continuação das sessões suspensas do Concílio de Latrão, onde era debatida a questão estrutural da reforma da Igreja; o estabelecimento uma liga defensiva e ofensiva dos reis cristãos para fazer face ao imparável avanço turco; a autorização papal para a realização de uma colecta temporária em determinados rendimentos do clero secular e religioso, com o propósito de financiar as actividades na Ásia e em África; e, por último, a concessão "das muitas e mui importantes graças especiaes em cujo complexo está envolvido e amplificado o padroado das igrejas do Ultramar, que elle [D. Manuel] então pediu que fosse incorporado á ordem de Christo"[357].

Os dois primeiros objectivos inscrevem-se pois no âmbito de uma petição mais geral dos príncipes cristãos que pretendiam repudiar o perigo turco e dar continuidade a um concílio em que se procedesse à reforma da Igreja. Já os dois objectivos seguintes, ainda que englobados na política externa, referem-se a assuntos exclusivos de Portugal.

Procurando enunciar muito resumidamente as linhas gerais da acção governativa de D.Manuel[358], no sentido de sustentar a imagem do monarca e da sua política veiculada pelo fidalgo de Chaves, começamos por destacar como ponto nuclear que a sua actuação política pauta-se por um realismo que se revê completamente, por um lado, nas máximas maquiavélicas e, por outro lado, no próprio espírito da renascença, em particular ao nível do individualismo político. Tal podemos verificar com toda a clareza nas preocupações de índole política, nas opções de governo e, sobretudo, na promoção de uma mudança de fundo que envolve todas as facetas, internas e externas, do reino. Uma mudança que não resulta já de debates e programas teórico-abstractos, mas antes de toda uma original e ousada geoestratégia política profundamente enraizada na realidade da época e que visava o estabelecimento de um império ultramarino por Portugal, que por sua vez conduziria a Cristandade a uma nova era.

A fortuna, no sentido que lhe atribui o revolucionário pensador florentino, sorriu desde cedo a D. Manuel, mas ele soube na perfeição agarrar o poder que não era suposto ser seu, consolidá-lo e até aumentá-lo gradualmente até um ponto sem precedentes na

[357] Marquês de Resende, "Embaixada de el-rei D. Manuel ao papa Leão X", *op. cit.*, p. 219.
[358] Para a plena compreensão da amplitude e alcance da política e das opções governativas, internas e externas, de D. Manuel *vide* João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I*…, op. cit.; e bibliografia inclusa.

história da monarquia portuguesa. Quer ao nível interno quer no quadro da política externa, o seu reinado foi, de facto, reformista e "inovadoramente renascentista". Um bom exemplo do seu pragmatismo governativo e da forma como se adequa plenamente à realidade do seu tempo reside no facto de, apesar de toda a sua devoção sincera, não se ter contido em usar a Igreja como instrumento de poder[359] – o que mostra igualmente como foi um notável príncipe do Renascimento, nomeadamente nos parâmetros definidos por Maquiavel.

No "pólo oposto", revelando a abertura de espírito e a sua rara capacidade de manobra política, D. Manuel respeitou igualmente os cânones medievais do bom governante inscritos nas teses de S. Tomás de Aquino (1225-1274) e do seu tomismo – por sua vez baseados no legado aristotélico –, e na linha das quais o pensamento político do final da Idade Média aponta o caminho do direito e da lei natural: quem detém o poder fá-lo em nome do povo. Segundo esta concepção, esta é a condição fundamental para um governo ser considerado legítimo. Caso não respeite esta lei natural torna-se um tirano e como tal deve ser combatido e até deposto. Tal concepção paternalista da realeza, associada a uma ideia patriarcal (que encara o poder como uma manifestação de um poder familiar, nomeadamente através do conceito de casa, de governo da casa e de casa régia) e patrimonial do poder (segundo a qual, o rei, pleno de liberalidade e magnificência, dá – e pode tirar – património consoante a sua vontade), está na base do poder de D. Manuel como podemos verificar pela observação da própria documentação manuelina, nomeadamente na introdução ao novo foral de Lisboa[360], no prólogo das *Ordenações*[361] e no fólio de abertura de um dos volumes da *Leitura Nova*[362].

---

[359] No seu estudo sobre os bispos de Portugal e do império de 1495 a 1777, José Pedro Paiva revela o papel decisivo desempenhado por D. Manuel I na afirmação da autonomia da coroa portuguesa em relação a Roma ao nível da nomeação dos prelados portugueses. Cf. José Pedro Paiva, *Os Bispos de Portugal e do Império: 1495-1777*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2006.

[360] "Como ofício de rei não é outra cousa senão reger bem e governar seus súbditos em justiça e igualdade, a qual não é somente dar a cada um o que seu for, mas ainda não deixar adquirir nem levar nem tomar a ninguém senão o que a cada um direitamente pertence." Citado em João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.…*, op. cit., p. 188.

[361] "E assi o bom Rey deve seer sempre hum e igual a todos, em retribuir a cada huum segundo seus merecimentos: e assi como a justiça he virtude nom pera si, mas pera outrem, por aproveitar soomente áqueles a quem se faz dandolhes o seu e fazendo-os bem viver, os bons com premios, os maus com temor da pena donde resulta paz e asseguyro (…); assi deve fazer o bom principe pois que per Deos foi dado principalmente nom pera si nem seu particular proveito, mas pera bem governar seo povo e aproveitar a seus subditos como a proprios filhos." in *Ordenações Manuelinas*, Livro I, edição fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, 1797, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

[362] "A quantos isto a perpétua memória feito virem, fazemos saber que assim como o próprio e principal cuidado dos que têm algum cargo deve ser trabalhar como as cousas que lhes são encarregadas sejam

Verdadeiros ícones da política centralizadora, reformadora e, enfim, indiciadora do espírito modernista de D. Manuel, estes documentos radicam ao mesmo tempo a concepção manuelina da realeza num forte espírito medieval, de acordo portanto com o pensamento político tradicional acerca do ofício do rei e do seu quadro de virtudes, tal como é exposto nos *Specula Principis*.

D. Manuel, como salienta João Paulo Oliveira e Costa foi notavelmente empreendedor, quer enquanto duque de Beja, quer depois, e sobretudo, como rei. Assim, ainda que em muitos aspectos na linha do seu antecessor, apresentou desde cedo um projecto político próprio[363] em cuja aplicação interveio a fundo, mesmo nos mais pequenos pormenores, nunca actuando como um soberano que se limita a "mandar fazer" – as obras arquitectónicas de grande vulto executadas no reino, em particular em Lisboa, Coimbra, Évora e Tomar são disso um excelente exemplo. Nessa medida, apesar de ser rei de uma nação periférica no quadro do complexo jogo de poderes da Europa, esteve sempre muito atento à conjuntura europeia e em particular à ibérica onde assumiu por diversas vezes grande protagonismo. Assim, no contexto externo, com especial atenção para a tensa moldura mediterrânica, soube intervir e fazer-se respeitar – e não raras vezes temer – por toda a Cristandade, em particular pelos mais directos "adversários".

Foi, enfim, "o primeiro rei de todos os tempos a ter súbditos a actuar em seu nome por quatro continentes"[364], cuja política ultramarina visou a hegemonia marítima em dois oceanos e a criação efectiva de um império com um brutal impacto político, cultural e económico, quer no velho continente quer nos continentes de chegada, (excepção feita à América).

E se, no quadro externo, o espírito ainda medieval se revelava na sua "obsessão sonhadora e quimérica" pela Grande Cruzada contra o infiel e a conquista subsequente de Jerusalém, com base num espírito messiânico em torno da figura régia, é crucial não perder de vista que todas as acções em prol destes objectivos decorriam num cenário eminentemente moderno ou pelo menos pré-moderno. A própria política que está na

---

postas no mais próspero e melhorado estado que ser possa. Assim, tanto mais cabe isto nós reis e príncipes fazê-lo quanto com mais excelente preeminência são por Deus postos na Terra para bem dela e de seus vassalos e para toda execução e exemplo de virtude." Citado em João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.*…, op. cit., p. 188.

[363] O que faz com que a sua política seja, na essência, um misto exemplarmente prudente e inteligente (e ao mesmo tempo paradoxalmente ousado) de continuidade e de mudança relativamente à acção governativa protagonizada por D. João II.

[364] João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.*…, op. cit., p. 30.

base do projecto e, afinal, da ideologia imperial[365] do monarca assenta em bases modernas, como sejam o trato económico, onde se destaca a forte intervenção da coroa no controlo do comércio ultramarino, o programa estratégico de casamentos da sua pessoa e das principais figuras do reino, o recurso ao melhor armamento náutico e às mais avançadas técnicas de construção naval e de navegação oceânica, as opções e as operações diplomáticas, os veículos de propaganda ideológica régia e de representação simbólica do poder imperial escolhidos – veja-se a embaixada a Roma de 1514 – entre diversos outros factores demonstrativos de um claro espírito renascentista por parte do industrioso príncipe português.

Já no que se refere à acção governativa interna, a sua rara dinâmica política eleva-o como um monarca sistematicamente centralizador e reformador (leia-se, por indexação, inovador e uniformizador). Também neste âmbito estamos clara e inequivocamente perante um príncipe renascentista.

Do vastíssimo painel de medidas que ordenou podemos destacar algumas num sentido meramente emblemático. Procedeu, nomeadamente, à reforma dos forais (que visava reformar a vida administrativa do reino e uniformizar, tanto quanto possível, os sistemas fiscais que regulavam a vida dos concelhos). Ainda ao nível da reorganização administrativa do país deu início àquela que é uma das mais monumentais produções documentais manuelinas: a *Leitura Nova*. Procedeu igualmente à reforma das *Ordenações*, numa tentativa de uniformização de práticas antigas e renovação da legislação recente (além das *Ordenações* publicou igualmente todo um importante conjunto de séries de regimentos, como o da Casa da Mina e Índia, ou as ordenações da Fazenda). Investiu numa política de centralização de instituições pias expressa, por exemplo, na construção do grande Hospital de Todos-os-Santos em Lisboa. Promoveu uma política de apaziguamento social expressa, sobretudo, numa nova abordagem das relações com a nobreza – restaurou o poder dos seus parentes, sem nunca afectar a imagem de D. João II, onde merece especial destaque a restauração da casa de Bragança, que permitiu, entre outras coisas, evitar um eventual descontentamento que prejudicasse a sua autoridade e obter, ao invés, o apaziguamento geral da sociedade portuguesa. Reorganizou a nobreza titular de sangue real, consolidando assim a sua autoridade numa nobreza titular que lhe era fiel quer pelos laços familiares quer graças

[365] Para aprofundar o tema do projecto imperial manuelino *vide* o marcante estudo já referenciado de Luís Filipe Thomaz.

às mercês recebidas. Construiu um dos grandes ícones da afirmação da sua política centralizadora e modernista: a Sala dos Brasões em Sintra.

Se gastou enormes quantias na assistência, na reforma administrativa, na arte, na renovação urbanística e arquitectónica, nos seus projectos militares quase sempre de carácter internacional, bem como no desenvolvimento absolutamente inédito de um programa de propaganda ideológica onde a simbólica real e a representação do poder régio constituíam as pedras-de-toque, nunca o fez, contudo, mediante o aumento dos impostos sobre a população[366]. Antes recorreu à dívida pública, o que o enquadra no princípio defendido por Maquiavel de que o príncipe e a sua acção política devem ser aquilo que parece, pois, são os efeitos produzidos e a eficácia das opções efectuadas e dos meios utilizados o que realmente conta e, no final, espelha o sucesso (ou insucesso) da dinâmica governativa[367].

Promoveu a reestruturação de Lisboa à luz de um conceito urbanístico de carácter decididamente modernista e que, à época, era aplicado noutras cidades europeias, nomeadamente em Roma; dotando, assim, a cidade de uma funcionalidade e uma imagem dignas de uma genuína capital perfeitamente enquadrada com os novos tempos e o que estes exigem em termos de imagem e de eficácia governativa (aqui a imagem de marca será sempre a construção do novo mosteiro de Belém). Deu início à efectiva sedentarização da corte - um dos sinais de modernidade que, de facto, marcam o seu reinado –, a qual apresenta cada vez mais dinâmicas próprias de uma corte renascentista, nomeadamente ao nível do profano, do cosmopolitismo e do exótico ultramarino. Por outro lado, deslocou num acto de grande simbolismo o poder civil para

[366] Apenas uma vez, nas cortes de 1502, D. Manuel solicitou uma contribuição especial dos povos para o desenvolvimento da acção guerreira em Marrocos.

[367] Dito de outro modo, são os efeitos e essa mesma eficácia o resíduo que fica na imaginação dos súbditos. E são sempre estes últimos, em síntese, que vendo e sentindo a acção governativa do príncipe, acabam por qualificar a mesma, atribuindo-lhe uma boa ou má índole. D. Manuel sabe isto muito bem, como demonstra a sua iniciativa diplomática (leia-se simbólica e propagandística) exemplarmente planeada e enviada a Roma em 1514, e da qual o fidalgo dá um notável registo precisamente ao nível dos efeitos e da eficácia projectados nos vários públicos destinatários dessa acção política. Como podemos depreender da forma como a sua política interna evoluiu, D. Manuel sempre soube que para assegurar a estabilidade era fundamental determinar a forma como era visto pelos seus súbditos. Não perder as boas graças quer do povo quer da nobreza constituiu, pois, uma prioridade sempre presente no seu governo (a forma como controlou a nobreza do país e o modo como nunca sacrificou o povo com impostos são verdadeiramente exemplares desta postura política). No seu texto, Maquiavel dá como exemplo o rei de França, mas podia perfeitamente recorrer-se de D. Manuel, pois este apresenta-se como um príncipe que actua, de facto, para produzir efeitos, ou seja, um perfeito príncipe do Renascimento: "O actual rei de França fez tantas guerras sem estabelecer nenhum imposto extraordinário aos seus, apenas porque às despesas supérfluas administrou a sua longa parcimónia." *in* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XVI, p. 188.

mais perto do rio e da população de Lisboa, e sobretudo para próximo de vários pólos fundamentais da administração central, em particular os relativos à acção ultramarina.

Desenvolveu sempre uma política de casamentos favorável aos interesses do reino, em particular aqueles em que foi protagonista. Num espírito claramente modernizador e perfeitamente integrado na Europa do Renascimento, determinou nas cortes de 1498 que os físicos não passassem receitas em latim, promovendo assim, na linha do que se passava no resto do velho continente, o desenvolvimento e afirmação do vernáculo em particular através da difusão do texto impresso. D. Manuel I apoiou, ainda, a fundo a iniciativa da irmã, a rainha D. Leonor (1458-1525), de fomentar o projecto de estabelecimento de um novo tipo de instituição assistencial: as Misericórdias[368]. A sua acção no fomento das artes e da cultura foi de tal forma activa e importante que emprestou o seu nome a um estilo arquitectónico — o manuelino.

Muito mais haveria a salientar da acção governativa interna de D. Manuel. No entanto, consideramos que o anteriormente exposto revela como o monarca não se limitou a receber passiva e comodamente o legado de D. João II. Antes, impôs-se, na linha do que caracteriza o espírito do príncipe do Renascimento, através de um programa próprio extremamente dinâmico e excepcionalmente reformador e inovador em múltiplas vertentes. O que não o impediu de ser igualmente um zeloso e activo continuador da política centralizadora promovida pelos seus antecessores, em particular D. João II.

Em suma, os seus estratagemas de governação, em todas as frentes, como que nos fazem antecipar em algumas décadas o conceito de *razão de Estado* avançado por João Botero (1540-1617)[369]:

> "O que é a razão de Estado. Estado é um domínio firme sobre povos e razão de Estado é o conhecimento de meios adequados a fundar, conservar e ampliar um domínio deste género. Na verdade, embora, falando em absoluto, ela abranja as três partes supracitadas, parece contudo dizer mais estreitamente respeito à conservação do que às outras, e das outras, mais à ampliação do que à fundação."[370]

[368] Iniciativa precursora em toda a Europa, a rede Misericórdias chegou até aos nossos dias. O papel de D. Manuel destaca-se sobretudo no incentivo a muitas cidades e vilas do reino a fundarem as suas próprias Misericórdias.
[369] Embora, saliente-se, não lhe pertença a primeira formulação do conceito.
[370] João Botero, *Da Razão de Estado* [1589], Luís Reis Torgal e Raffaela Longobardi Ralha (ed.), Coimbra, INIC, 1992, Liv. I, p. 5.

Com efeito, a política promovida no quotidiano pelos príncipes da aurora da modernidade, em particular a de D. Manuel, acaba por justificar o modo como esta premissa constitui um dos elementos definidores do Estado moderno: os Estados tem as suas próprias regras mas o enfrentar quotidiano de vicissitudes várias, incontroláveis e de certo modo imprevisíveis, obriga a que tenham de fazer opções e adaptar-se da melhor forma que puderem e que as suas forças internas permitam[371]. É, pois, *esta razão de Estado* que deve determinar o comportamento dos príncipes, onde se incluem os papas coevos, se quiserem ser bem sucedidos na sua governação, ou seja, na conquista, manutenção e ampliação do seu poder. Eles têm, pois de seguir as leis da realidade, que são diferentes das da religião ou da moral, como tão bem o demonstram Maquiavel e inclusive o seu contemporâneo Francesco Guicciardini[372].

No entanto, um princípio devemos reter, em especial quando falamos de D. Manuel, como a sua acção governativa externa o demonstra: "a Igreja não foi tanto esmagada, mas mais adaptada ao novo Estado nacional; se o Estado não está mais, verdadeiramente, na Igreja, a Igreja permanece claramente no Estado."[373]

Em suma, D. Manuel dividiu a sua ampla e vigorosa acção governativa em duas frentes, uma interna e outra externa, todas envolvendo um respeito pelos príncipios medievais do bom governante, mas todas, igualmente, tendo por pano de fundo uma época e um cenário de transição, cujas rápidas e complexas mutações faziam com que os velhos paradigmas da sociedade medieval dessem irremediavelmente lugar a outros tendencialmente modernos. Dito de outro modo, D. Manuel governou num tempo novo que, por sua vez, exigiu medidas originais e inovadoramente dinâmicas, as quais já não se enquadravam de todo na forma antiga – real e quotidiana, portanto – de governar. Basta olharmos para o cosmopolitismo e exotismo ultramarino da corte manuelina para percebermos que o monarca governou numa nova era e segundo as exigências dessa mesma nova era.

Apesar de todo este quadro de "primeira modernidade" inequívoca é, contudo, fundamental não esquecer que, se a acção governativa de D. Manuel apontou sempre no

[371] Cf. Quentin Skinner, "The age of princes" in *The Foundations of Modern Political Thought, Vol. 1: The Renaissance*, op. cit., pp. 113-138.
[372] Cf. Nicolai Rubinstein, "Italian Political thought, 1450-1530" in *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, op. cit.; Sebastian De Grazia, "Il 'perfetto e vero fine'" in *Machiavelli all'inferno*, op. cit., pp. 192-235.
[373] René Fédou, *L'État au Moyen Age*, Paris, PUF, 1971, pp. 84-85.

sentido do reforço do poder central, não conseguiu contudo granjear um poder absoluto e incontestado (processo característico, aliás, dos príncipes europeus do Renascimento), como sabemos e nos mostra exemplarmente o fidalgo de Chaves:

> "Como os perlados E clerizia de portugual, mandaram seus procuradores a Roma sobre as terças das JgreJas E moesteiros que o papa conçedera a el Rei pera comendadores. Tanto que tristão da cunha foi em portugual, E se manifestaram as grandes graças que o papa conçedera a el Rei, os perlados E toda a clerizia se congreguaram, cada huns em sua dioçesi. E avendo todolos do Reino conselho do que deuiam fazer, acordaram maandar procuradores a Roma pera se anularem embarguando a execução dellas. E prinçipalmente foram de quatro perlazias discubertos procuradores. diguo descubertos por que alguns ouve que por comprazer a el Rei, fingiram nam entender nisso, scilicet, de bragua foi o coniguo françisco fernandez, E de lixboa o protonotairo João fernandez, E o coniguo João amado, E de coimbra os coniguos mannel de figueiredo, E João baixo, E de lameguo o coniguo pero lopez. E todos estes aviam estado muito tempo em Roma, E sabiam bem a pratica da corte. E alguns erão criados do cardeal de portugual, os quaes tanto que cheguaram a Roma, tomaram por valedor ao cardeal de bolonha chamado archilis, E por sobrenome grasis, o qual fora capelão do cardeal de portugual que ho fez auditor da Rota. E o papa Jullio por seus mereçimentos E letras ho fez cardeal, em bolonha como Ja dito hee. E Recordandosse da criação E honrra que Reçebera do cardeal de portugual (que ho fez auditor da Rota) tinha naturalmente grande amor aos portugueses prinçipalmente aos parentes E familiares do dito cardeal os quaes aguasalhaua em sua casa E os fauoreçia muito. E a esta causa os procuradores se encomendaram a elle. E tomando caReguo delles prinçipalmente por lho pedir assi dom martinho arçebispo de lixboa Jrmão do cardeal, os quaes apresentou ao papa E fez que sua santidade os ouvio E assi os cardeaes. E posto em tal fio o neguoçio que as Rezões dos procuradores eram ouvidas em todalas partes. E antre muitas cousas que aleguauam, diziam que era forte cousa conçeder Sua Santidade a el Rei a terça parte da Renda dos benefiçios de todo portugual que os cleriguos tinham E possuiam em suas vidas, de que Sua Santidade E seus anteçessores tinhão leuado de composições, confirmações, E bulas, grandissima soma de cruzados. E que aguora de nouo dessem as terças das ditas JgreJas a cavaleiros E homens leiguos que estiuessem com elles A Repartição dos dizimos. daução o papa E cardeaes em Reposta que estas terças nam foram conçedidas por mais tempo que emquanto el Rei tomasse ho Reino de feez. Respondiam os procuradores que aJnda que toda a espanha se aJuntasse, nom eram todolos moradores della poderosos pera conquistar ho Reino de feez em muitos anos. E que sendo caso que ho tomassem, muito menos poderosos eram pera o pouoar E sostentar sendo os cristãos Repartidos em diversas pouoações, a tanta multidão de alarues que habitam pollos campos E desertos. assi que era forçado ficarem as terças pera sempre. era contra elles o doutor João de faria, que ficou com titolo de embaixador despois de partido tristão da cunha. mas o cardeal graxis os fauoreçia E punha adiante

> quanto podia. E nam hee duuida que despois que estes procuradores enformaram aos cardeaes E outros senhores, que muito çessaram as praticas do louuor das cousas de portugual, que dantes tam açesas E sublimadas E continuas erão. a lide era antre elles mui trauada. o embaixador trabalhaua por conseruar ho alcançado, E os cleriguos pollo anular. E nam faleçiam dambalas partes agudas E honestas Rezões E conselhos de exçelentissimos letrados E quando mais se estas perfias afinauam, el Rei atalhou a Jsso avendo por seu seruiço alarguar as terças das JgreJas, E tambem os mosteiros que lhe eram conçedidos pera em comendas. E Jsto feito Sua Santidade lhe tornou a conçeder tantas JgreJas pera comendadores que montassem vinte mil cruzados de Renda, vaguando per obito dos que as possuiam. das quaes JgreJas el Rei mandou tomar posse per todo o Reino, scilicet, das que mais Rendiam, contando segundo valor de seus aRendamentos, dando a cada hum viguairo ou Reitor çerta Renda apartada com que a curasse. E vaguando ficasse pera sempre comenda da ordem de christus, E el Rei a desse a seus comendadores. os perlados E clerezia tiueram por bem de fazer seruiço a sua alteza de çento E çincoenta E tres mil cruzados paguos em tres annos de suas Rendas pera aJuda dos guastos que tinha feitos. E Alem disto conçedeo Sua Santidade a sua alteza cruzada contra mouros de grandissimas Jndulgençias E priuilegios."[374]

Com efeito, nesta passagem podemos ver como o fidalgo está muito atento ao que se passa em termos de diplomacia e realidade portuguesa. Tanto assim que não se coíbe de mostrar no minucioso relato que dirige ao seu senhor, precisamente o sobrinho do rei de Portugal e sucessor deste no caso de não existir descendência directa, é necessário sublinhá-lo, as forças resistentes ao poderio crescente de D. Manuel, bem como a forma ampla e convicta como argumentam perante a própria cúria romana:

> "E posto em tal fio o neguoçio que as Rezões dos procuradores eram ouvidas em todalas partes. E antre muitas cousas que aleguauam, diziam que era forte cousa conçeder Sua Santidade a el Rei a terça parte da Renda dos beneficios de todo portugual que os cleriguos tinham E possuiam em suas vidas (…) dauão o papa E cardeaes em Reposta que estas terças nam foram conçedidas por mais tempo que emquanto el Rei tomasse ho Reino de feez. Respondiam os procuradores que aJnda que toda a espanha se aJuntasse, nom eram todolos moradores della poderosos pera conquistar ho Reino de feez em muitos anos. E que sendo caso que ho tomassem, muito menos poderosos eram pera o pouoar E sostentar sendo os cristãos Repartidos em diversas pouoações, a tanta multidão de alarues que habitam pollos campos E desertos. assi que era forçado ficarem as terças pera sempre."[375]

[374] *MFC*, f. 201v a f. 202v.

[375] *MFC*, f. 202r.

Uma mostra preciosa do seu espírito de isenção e da sua capacidade de avaliar a política da época, em particular a que se relaciona com o seu país de origem.

Por outro lado, este confronto entre o rei português, ladeado pelo sumo pontífice, e o clero nacional relatado pelo fidalgo e inscrito no âmbito da tentativa do monarca em obter parte das rendas da Igreja para a guerra em Marrocos revela, em última análise, que certamente existiram resistências anteriores por parte do clero nacional à política centralizadora do antigo duque de Beja. Com efeito, todo o processo começa a 17 de Setembro de 1506, com a obtenção por D. Manuel do breve *Exponis nobis nuper*, enviado por Júlio II, então pontífice, que lhe atribuía a terça das rendas eclesiásticas durante dois anos. Tal concessão foi renovada, a 29 de Abril de 1514, pelo novo papa, Leão X, com a da bula *Providium universalis*, que contribuía, de facto, para a acção guerreira portuguesa em África através do lançamento das terças nos frutos e rendas dos Mosteiros e Igrejas de Portugal: "certis decimarum partibus, *tertiis* nuncupatis, in Portugalliae, Algarbiorumque Regnis, caeterisque Provinciis, Insulis et locis tibi subjectis."[376] Como, aliás, o fidalgo não deixa de relatar: "E foram conçedidas do papa a el Rei no habito de Jesu christo as terças de todalas JgreJas de portugual, E todolos mosteiros nom sendo consistoreaes, que os podesse dar a caualeiros com o dito abito de christo sendo solteiros E casados."[377] No entanto, a afirmação feita então pelo pontífice, num claro reconhecimento da existência de conflitos em curso, de que não eram admitidas apelações para esta decisão[378] indica claramente a ocorrência de uma linha de contestações entre o privilégio concedido por Júlio II, em 1506, e a presente bula.

Um quadro de oposição não pontual expresso, enfim, na forma muito clara como o fidalgo mostra a força e a tenacidade da contestação por parte do clero português: "os perlados E toda a clerizia se congreguaram, cada huns em sua dioçesi. E avendo todolos do Reino conselho do que deuiam fazer, acordaram maandar procuradores a Roma pera se anularem embarguando a execução dellas."[379] E que está plenamente de acordo com o conhecimento veiculado pela actual investigação acerca destes acontecimentos: "Desta vez os dignitários da Igreja portuguesa enfrentaram tenazmente a ordem papal, o que obrigou Leão X a emitir três documentos do mesmo teor, tendo as autoridades eclesiásticas cedido só então. Todavia, perante as dificuldades levantadas, D. Manuel I

[376] Cf. "Bulla do Papa Leão X dirigida a el-Rei. 1514 – Abril 29" in *Corpo Diplomatico Portuguez…*, op. cit., pp. 244-248.
[377] *MFC*, f. 200r e f. 200v.
[378] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.…*, op. cit., p. 191.
[379] *MFC*, f. 200r.

preferiu negociar, e a 11 de Janeiro de 1516 (21 meses depois da emissão da primeira bula) desistia da terça, para evitar 'escândalo e desassossego. (…) Neste conflito com o clero, o monarca optou pois por uma política pragmática.'"[380] É o que nos indica o fidalgo:

> "a lide era antre elles mui trauada. o embaixador trabalhaua por conseruar ho alcançado, E os cleriguos pollo anular. E nam faleçiam dambalas partes agudas E honestas Rezões E conselhos de exçelentissimos letrados E quando mais se estas perfias afinauam, el Rei atalhou a Jsso avendo por seu seruiço alarguar as terças das JgreJas, E tambem os mosteiros que lhe eram conçedidos pera em comendas. E Jsto feito Sua Santidade lhe tornou a conçeder tantas JgreJas pera comendadores que montassem vinte mil cruzados de Renda, vaguando per obito dos que as possuiam. das quaes JgreJas el Rei mandou tomar posse per todo o Reino, scilicet, das que mais Rendiam, contando segundo valor de seus aRendamentos, dando a cada hum viguairo ou Reitor çerta Renda apartada com que a curasse. E vaguando ficasse pera sempre comenda da ordem de christus, E el Rei a desse a seus comendadores. os perlados E clerezia tiueram por bem de fazer seruiço a sua alteza de çento E çincoenta E tres mil cruzados paguos em tres annos de suas Rendas pera aJuda dos guastos que tinha feitos."[381]

Aliás, a força da contestação é tanto mais forte que, como nos diz o autor, a própria cúria alterou a imagem que tinha de Portugal: "E nam hee duuida que despois que estes procuradores enformaram aos cardeaes E outros senhores, que muito çessaram as praticas do louuor das cousas de portugual, que dantes tam açesas E sublimadas E continuas erão."[382] Não se pode, pois, ainda falar de triunfo total e pleno em termos de centralização interna em Portugal[383]. O que é possível, de facto, é avançar a ideia da vitória da implantação da coroa enquanto poder centralizado, verdadeiramente institucional e impessoal, sobre a anarquia medieval e respectiva pulverização de poderes. Algo iniciado com D. João II mas plenamente posto em prática com o *Venturoso*.

D. Manuel apresenta-se desde o início do seu reinado e devido aos sucessos quase constantes do seu governo envolvido por uma aura messiânica que o faz surgir como *O Escolhido*. Por outras palavras, a forma como ascendera ao trono aliada quer

[380] João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.*…, op. cit., p. 191.
[381] *MFC*, f. 202v.
[382] *MFC*, f. 202r.
[383] Cf. Luís Miguel Duarte, "O Estado manuelino: a onça e o elefante" in *O Tempo de Vasco da Gama*, Diogo Ramada Curto (dir.), Lisboa, CNCDP e Difel, 1998, pp. 189-203.

aos excelentes resultados das acções realizadas no vasto processo de Descoberta e Expansão portuguesa no além-mar, quer às correntes milenaristas que caracterizavam ainda o crepúsculo de Quatrocentos, em particular na Península Ibérica, fizeram com que a figura do *Venturoso* fosse gradualmente "preenchida" por um forte espírito de messianismo, expresso em última análise na forma singular como os ideólogos coevos o viam, isto é, não como o *Afortunado*, mas antes como o *Escolhido*[384].

Ainda neste quadro psicológico de que Deus o escolhera para a realização de feitos extraordinários, é fundamental não esquecer que D. Manuel fora educado no ambiente da Ordem de São Francisco, o que certamente favoreceu bastante que no futuro o monarca se deixasse seduzir por estas "ideias messiânicas, que condicionaram, indiscutivelmente, a sua política ultramarina, bem como a propaganda que fez publicar em várias cidades europeias."[385]

Naturalmente, esta ideia de messianismo em D. Manuel está intimamente associada ao projecto imperial do monarca, como tão bem salientou Luís Filipe Thomaz: "Le messianisme imperial. L'idée impériale manuéline représente une sorte de grande synthèse de tous les projets de croisade, mythes, aspirations et utopies du Moyen Age finissant. Son originalité ne réside nullement dans les éléments dont elle se compose mais plutôt dans leur agencement en ensemble vaste, simple et assez cohérent. C'est là aussi que se trouve la 'modernité' du projet, par ailleurs très médiéval encore: médiéval de par sa conception du pouvoir, son obsession de Jerúsalem, son messianisme de teint joachimite, mais déjà moderne de par sa stratégie qui se déploie à une échelle quasi-planétaire."[386]

É nesta medida que, de certa forma, o príncipe português se enquadra na doutrina do alemão Kantorowicz, (1895-1963)[387] dos "dois corpos do rei". Dito de outro modo, o rei não possui apenas o corpo físico e natural (e, por isso, finito e sujeito a imperfeições, tal como acontece com todos os seres humanos). Ele possui também, e sobretudo, um "corpo místico" ou "político"[388], essencialmente perfeito na medida em

[384] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I…*, op. cit..
[385] *Idem*, *ibidem*, p. 257.
[386] Luís Filipe Thomaz, "L'Idée Impériale Manuéline", *op. cit*., p. 91.
[387] *Vide* Ernst H. Kantorowicz, *The King's Two Bodies: A Study in Mediaeval Political Theology*, William Chester Jordan (ed.), Princeton, Princeton University Press, 1997.
[388] *Vide* Giorgio Agamben, "Corpo soberano e corpo sagrado" in *O poder soberano e a vida nua - Homo Sacer*, Lisboa, Presença, 1998, pp. 91 e ss.

que está directamente ligado ao divino, ou seja, às figuras superiores de Cristo e consequentemente de Deus.

Este segundo corpo é o corpo político, isto é, público; e transcende e predomina sobre o primeiro, privado e finito, na medida em que lhe é inerente o poder da *veritas*, da decisão, da legitimidade. Ao ser dotado de uma mistificação dogmática torna-se indiscutível e eterno. Assim, enquanto o primeiro morre e desaparece, porque é finito e natural; o segundo transfere-se para outro homem, numa contínua e eterna migração da alma (leia-se a alma política, da esfera do que é eminentemente público). Será, afinal, a hereditariedade da monarquia absolutista: "*Os Dois Corpos do Rei* ocupa-se, pelo contrário, exclusivamente do outro aspecto mais inócuo que, na definição de Jean Bodin (1530–1596), importante teórico do absolutismo, caracteriza a soberania (*puissance absolue e perpétuelle*), e, portanto, a sua natureza perpétua, para a qual a *dignitas* real sobrevive à pessoa física do seu portador (*Le roi ne meurt jamais*)."[389]

O rei surge assim "desumanizado" do ponto de vista das imperfeições inerentes à condição humana e, por isso, passível de ser elevado ao estado da graça ou do Criador, ou seja, a um patamar superior relativamente aos demais seres humanos, precisamente porque dotado de centelha divina. Com base nesta condição que o diviniza, legitima-se e fundamenta-se assim, no plano teórico e teológico, a proeminência do monarca. O absolutismo partirá em boa parte desta base teórica fundadora. O rei que governa por direito divino, sendo por isso o seu poder pleno, total, incontestável e realmente absoluto.

Em última análise, a doutrina dos dois corpos do rei conduz à perfeita distinção entre o cargo e quem o exerce, entre a instituição e quem, momentaneamente, a ocupa (identificação). Esta premissa fundadora constitui a nosso ver a outra face de Janus relativamente à definição do príncipe do Renascimento – ou da Baixa Idade Média ou da era pré-Moderna, consoante a "classificação" por que se optar. Dito de outro modo, constitui como que o contra-peso ao resultante da "primeira" face: a proveniente do amplo processo cuja expressão maior foram a *Questão das Investiduras* e o movimento do *publicismo*, e que tinha por ideia central a separação total entre poder temporal e poder espiritual pela Igreja no desempenho da sua actividade entre os homens. Este alicerce teórico "bicéfalo" está, em nosso ver, na base da passagem da Idade Média para a Renascença ao nível da teoria política relacionada com os fundamentos e os destinos

[389] *Idem, ibidem*, p. 92.

que a monarquia secular deve assumir. Em síntese, é assim que o nacionalismo régio do início dos tempos modernos vence o universalismo medieval baseado no papado e no império[390].

Noutra vertente de análise, se D. Manuel se mostra pelo conjunto do alcançado durante o seu governo um notável "aluno" de práticas governativas que viriam a ser codificadas por Maquiavel, a sua figura também se enquadra plenamente no quadro de virtudes veiculada pelos *Specula Principis*, quer de tradição medieval[391], quer Seiscentistas. Com efeito, embora sofram um poderoso revés com a obra de Maquiavel também ela, afinal, um *Espelho de Príncipes* que, através do realismo veiculado pela prática política, impõe à literatura política uma ruptura no tradicional quadro uno de representação do perfeito governante, a verdade é que os *Specula Principis* nada perdem da sua força e validade nos decénios seguintes. O discurso aristotélico-tomista-cristão proveniente da Idade Média mantém, pois, a sua vitalidade nos séculos XVI e XVII, no quadro de uma "política católica", apesar da ruptura instaurada por Maquiavel.

Dito de outro modo, embora os deveres do príncipe e o exercício do poder e da própria governação pela sua pessoa sejam apresentados na obra do florentino numa perspectiva inteiramente diferente e oposta à veiculada pelo discurso normativo dos tradicionais *Specula Principis*, e se bem que o texto de Maquiavel tenha conhecido um notável sucesso e uma tremenda divulgação, este género literário de carácter político, moral e pedagógico que tem o príncipe e a realeza por objecto, não desapareceu ou perdeu sequer vitalidade. Ao invés, multiplica-se a partir do século XVI, continuando a celebrar e a prescrever toda uma constelação de virtudes necessárias ao ofício de rei e a determinar a imagem do perfeito governante, aquela que, de facto, deve ser seguida pelo

[390] Cf. J. H. Burns (ed.), "Introduction" in *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, op. cit., pp. 1-29; Quentin Skinner, "The age of princes" in *The Foundations of Modern Political Thought, Vol. 1: The Renaissance*, op. cit., pp. 113-138.

[391] A codificação da imagem ideal do governante apresentada nestes textos tem por base uma concepção organicista da sociedade e do poder, mediante a qual o rei é a cabeça e consequentemente o vértice da mesma. Partindo desta premissa fundadora torna-se claro que só um soberano virtuoso pode tornar virtuosa a nação que representa e comanda, o que por sua vez faz com que o quadro de virtudes proposto para o príncipe e, em última análise, para o bom desempenho do ofício régio assuma um alcance político e ideológico incontornável. Segundo esta concepção organicista, a tarefa de governar surge como um esforço conjunto, ou seja, orgânico, dos vários elementos do aparelho governativo, a saber, o príncipe, os seus ministros e oficiais, os tribunais e conselhos. A semelhança desta forma de governação e respectivo exercício do poder com o funcionamento do corpo humano está em que, tal como com os órgãos deste último, os órgãos de governo têm cada um uma função natural e orgânica a desempenhar: o príncipe é o centro organizador, a cabeça do reino que coordena a funcionalidade e operacionalidade dos restantes órgãos e membros considerados como prolongamentos do seu corpo e mediante os quais instrumentaliza e executa a sua política. Cf. Joaquim Romero Magalhães, "As estruturas políticas de unificação" in *História de Portugal*…, op. cit., pp. 61-113.

mundo que se considera cristão e católico. O melhor exemplo é a *Institutio Principis Christiani* (c. 1516) de Erasmo – texto dedicado a Carlos V e cuja origem prende-se ao secular legado da tradição medieval dos *Specula Principis* –, que se constitui em paradigma para os séculos seguintes, enquanto texto que orienta e preceitua as regras de conduta do governante cristão. De facto, a obra de Erasmo, veicula de forma impressiva todo um horizonte de virtudes morais e práticas imprescindíveis ao bom governo e, simultaneamente, uma feição normativa e pedagógica essencial, assegurando assim a revitalização de um género literário que tem por objecto último o modelo do príncipe cristão e as virtudes nucleares para o ofício régio numa perspectiva moral e cristã, antagónica pois à proposta de Maquiavel que separa a arte política da moral[392]. Curiosamente, a orientação do Estado moderno e a realidade da prática política dos séculos seguintes irão seguir o modelo maquiavélico (inclusive em termos teóricos, como a obra de Jean Bodin mostrará na sua tese acerca da soberania e do Estado).

A governação de D. Manuel, partindo de uma comparação, por exemplo, com a realidade italiana, como tão bem nos mostram as *MFC*, constitui uma prova bastante válida para a defesa da premissa de que as particularidades nacionais e até regionais são determinantes na formulação de um modelo do príncipe do Renascimento. Por outras palavras, este modelo tem variantes, nomeadamente geográficas (territoriais) e sociais, pois o príncipe de Portugal, de Espanha ou de França nada têm a ver, a título de exemplo, com o italiano (na maioria das vezes um *signori* sem uma sucessão dinástica legitimamente assegurada), no quadro daquilo que é tido como o príncipe legítimo na grande maioria das nações da Europa transalpina. Por sua vez, o príncipe de França em muitos aspectos difere do português, na medida em que a principal marca de originalidade deste último, e que condiciona toda a sua governação, quer interna quer, sobretudo, externa, deriva do quadro da Expansão ultramarina especificamente portuguesa. Estas variantes fazem, pois, com que um determinado comportamento seja considerado como fazendo parte desse modelo de príncipe do Renascimento num determinado contexto geográfico e noutro não. Mais ainda, estas variantes são, enfim, condição estruturante da própria definição de um "modelo" do príncipe do Renascimento.

[392] Cf. Ana Isabel Buescu, *Imagens do príncipe: Discurso normativo e representação (1525-49)*, op. cit.; Idem, *O modelo do príncipe cristão: uma tradução quinhentista inédita*, op. cit.; Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, op. cit..

No entanto, as *MFC* mostram-nos também que, apesar do anteriomente referido, um elemento existe que subjaz a todos os príncipes[393] e que permite estabelecer o necessário padrão para se poder efectivamente falar de um "modelo de príncipe do Renascimento": a atenção e preocupação tendencialmente "individualista" prestada à realidade dos acontecimentos – e não já a ideias abstractas e metafísicas – como motor da acção política. A primeira parte de tal elemento, o individualismo, está presente em todas as áreas da actividade humana, em particular a política, a economia e a cultura; e entronca profundamente no próprio espírito da época a que assiste, na exacta medida em que é causa e consequência do mesmo: o Renascimento. Já a segunda parte, a realidade "efectiva" dos acontecimentos, reporta directamente para o pensamento político de Maquiavel e revela como o fidalgo de Chaves está atento aos processos que o rodeiam, independentemente da sua natureza ser política, cultural, militar ou simplesmente religiosa. O seu extenso relato e as visões que veicula apresentam-se ambos bem fundamentados pelo arguto recurso à realidade sua contemporânea, em particular a italiana e romana, a qual que envolve alguns dos principais príncipes da Europa ocidental, nomeadamente D. Manuel I.

Outro indicador, desta feita indirecto, de como a governação de D. Manuel, extremamente atenta e correspondente à realidade dos acontecimentos, está de acordo com o espírito da sua época reside na obra *De Republica Gubernanda per Regem* (1496), da autoria de Diogo Lopes Rebelo, que fora mestre do então duque de Beja, publicada no âmbito da conjuntura da subida ao trono de D. Manuel I e com uma clara função legitimadora do novo monarca.

Integrante do género dos *Specula Principis*, este texto versa sobre o bom governo da república por um príncipe virtuoso – o qual, devido à transmissão directa do poder, situa-se perto de Deus (pensamento que espelha a tendência evolutiva da política europeia no sentido da afirmação do poder absoluto dos reis) –, estando nessa medida, e devido à forma de argumentação que o caracteriza, ainda vinculado à tradição medieval do pensamento político. No entanto, se adoptarmos outro ângulo de abordagem na leitura desta mesma obra, notamos que o seu conteúdo manifesta já uma característica que irá definir os tratados renascentistas de Quinhentos: uma tendência crescente para uma leitura crítica dos problemas políticos e sociais que marcam o quotidiano da vida em sociedade. Este pendor para a realidade e para a análise crítica da mesma está

[393] Naturalmente, referimo-nos aqui aos príncipes evocados na fonte.

associada à importância cada vez maior atribuída na sociedade humanista e, enfim, renascentista, à observação empírica dos fenómenos e a experiência do real[394]. Trata-se, pois, de um sinal dos tempos, tal como a própria acção governativa de D. Manuel, ela própria um espelho deste devir. A guerra justa e a questão dos judeus em Portugal, problemas evocados precisamente na obra de Diogo Lopes Rebelo, constituem dois bons exemplos do carácter pragmático da política manuelina e da forma como o seu governo, ainda que fortemente condicionado pela singularidade da nossa realidade histórica na viragem do século XV para o século XVI, não é alheio às novas concepções da política, do direito, do Estado e, enfim, do modelo de governante desenvolvido no humanismo e no pensamento político renascentista, em particular, como salientámos não raras vezes, de Maquiavel.

Nesta perspectiva, a governação de D. Manuel reflecte o quadro mais geral do príncipe europeu do Renascimento na medida em que a concepção teocêntrica medieval da governação e da própria existência régia começa efectivamente nesta época a dar lugar à visão antropocêntrica do ofício régio e da própria figura do soberano, sem contudo que a ortodoxia religiosa seja posta em causa, ou seja, pesados os pratos da balança política e social o príncipe saiu da Igreja, mas a igreja não saiu do príncipe para sua grande fortuna nos dois séculos seguintes[395]. A *Institutio Principis Christiani* de Erasmo, no domínio teórico, e as leis que regulam a vida do Estado, a escolha dos conselheiros mediante não já o grau de ascese destes mas sim o grau de conhecimentos práticos que possuem e que se reflectem no sucesso da governação espelha isto mesmo.

Por conseguinte, e como o fidalgo de Chaves demonstra com grande perspicácia no seu testemunho, D. Manuel dá bem a ver como o príncipe do Renascimento é agora um homem mais social, culto, cosmopolita (e até requintado) e eminentemente político – no sentido do governante prático e pragmático, atento aos problemas concretos e aos desafios quotidianos associados ao acto de governação régia –, personificando de alguma forma o perfeito ponto de equilíbrio e simbiose entre a tradição medieval, expressa nomeadamente nos *Espelhos de Príncipes*, e a modernidade, veiculada de forma fundadora no singular e revolucionário *Specula Principis* que é *O Príncipe* de

[394] Cf. Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, op. cit..

[395] Cf. J. H. Burns (ed.), "Introduction" in *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, op. cit.; Nicolai Rubinstein, "Italian Political thought, 1450-1530" in *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, op. cit.; Quentin Skinner, "The age of princes" in *The Foundations of Modern Political Thought, Vol. 1: The Renaissance*, op. cit..

Maquiavel[396]. Atributos intimamente ligados ao despoletar renascentista quer do ideal de cortesão, quer da importância da corte e das práticas sociais, políticas e culturais a ela agora associadas[397].

~

Quando iniciámos este ponto do nosso estudo, diversas questões se levantaram de imediato: o que caracteriza e distingue o príncipe nos primórdios do século XVI? O que faz dele "um novo modelo de príncipe", sobretudo em relação ao mundo feudal? Têm as *MFC* vestígios destes elementos inovadores? E em que contexto são veiculados? Analisando as informações fornecidas pelo fidalgo insere-se D. Manuel I neste quadro?

A bibliografia sobre o tema em geral é infindável e os caminhos de análise propostos pelos estudiosos também não são escassos. No entanto, pensamos que as informações contidas nas *MFC* de alguma forma respondem às questões levantadas.

Noutra vertente, o brevíssimo resumo apresentado acerca do percurso de D. Manuel conjugado com o que nos diz o fidalgo de Chaves no seu relato sobre o ocorrido na capital da Cristandade, ajuda-nos a compreender que se porventura existiu um novo modelo de príncipe que se possa considerar "renascentista" – nós preferimos o conceito de "transição entre o mundo medieval que está a findar e a modernidade que entretanto já começou" – então D. Manuel sem dúvida que faz parte dele, podendo mesmo considerar-se um dos seus ícones, quer relativamente à sua própria acção interna (não construiu mas, em definitivo, lançou as bases do Estado moderno em Portugal) e externa (expandiu de tal forma a presença portuguesa no mundo e manobrou com tal destreza nos complexos meandros diplomáticos do seu tempo, que conseguiu colocar o nome de Portugal no centro das atenções políticas e culturais de então), quer em termos de enquadramento em diversos dos princípios que o principal e grande revolucionário teórico político de então, anunciador precisamente da modernidade na política, Nicolau Maquiavel, considerava apanágio do "bom" príncipe.

Sustentado pela nova realidade urbana que faz com que a agricultura vá perdendo de forma lenta mas inexorável o seu ancestral protagonismo na condução das nações do ocidente europeu; a força de uma nova classe em ascensão; inovadoras e

[396] Cf. Quentin Skinner, "La révolution machiavélienne" in *Machiavel*, op. cit..
[397] Cf. Cesare Mozzarelli, "Principe, corte e governo tra '500 e '700", *op. cit*..

inéditas formas de fazer política – onde a imprensa e a propaganda serão instrumentos cruciais –, administrar o reino e de fazer a guerra; um método revolucionário e irreversível de fazer movimentar a economia (o capitalismo nascente nas suas mais diversas facetas, das quais a banca e as novas práticas comerciais são dois dos melhores exemplos); e sobretudo pela explosão dos limites geográficos do mundo conhecido para novas e longínquas paragens plenas de potencialidades e oportunidades ao nível económico e da expansão da fé cristã; o desejo de poder dos príncipes do Renascimento, em particular D. Manuel, não mais podia ser sustido pelo pluralismo feudal dos suseranos e pela rígida cristalização de uma sociedade que se tornava ultrapassada e, enfim, anacrónica.

A própria geografia política europeia ocidental dos séculos XV e inícios do século XVI revela um progressivo afastamento, em termos abstractos, ou seja, enquanto ideia ou teoria, da organização de tipo medieval que tinha caracterizado as estruturas feudais. Agora as fronteiras nacionais estavam cada vez mais demarcadas e de alguma forma cristalizadas e eram cada vez mais presentes na mente do súbdito (a par da instituição real), em substituição dos velhos e facilmente mutáveis limites territoriais senhoriais. A impessoalidade que marca agora as relações sociais e sobretudo políticas também chegara aos limites físicos da terra. A França e a Espanha são, porventura, o melhor exemplo desta transformação.

Urgia, pois, no mundo real, a materialização da noção de Estado e de soberania que os pensadores políticos teorizavam, como por exemplo Maquiavel e a sua doutrina dos príncipes absolutos que, é importante não esquecer, fazia avançar em paralelo com a teoria da república apresentada nos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. Os seus primórdios surgem, assim, na viragem de Quatrocentos para Quinhentos, como aliás como podemos verificar nas referências às monarquias europeias, Estados Pontifícios incluídos, do fidalgo de Chaves. Como vimos, o reinado de D. Manuel, quer ao nível interno quer em termos de política externa, e com todas as particularidades inerentes à especificidade – sobretudo geográfica e dimensional – de um país como Portugal, é disso bom exemplo.

Em resumo, este momento governativo e político de viragem, tradicionalmente evocado como sendo dos príncipes do Renascimento, situa-se a meio do caminho que vai dos velhos reinos medievais às monarquias absolutas. A sua essência reside no facto de em grande parte assentar sobre a lenta dissolução do velho mundo feudal estratificado de base agrária, cujo poder assumia uma clara faceta pluralista e

descentralizada, devida sobretudo a transformações lentas mas profundas a vários níveis: económico, político, militar, social, cultural, artístico e até religioso. O progresso do comércio[398] e das indústrias manufactureiras trazem o cenário urbano para o primeiro plano e fazem surgir um novo grupo social não classificável já segundo os velhos padrões da pirâmide social feudal. Tudo alicerçado no protagonismo cada vez mais indisputado da figura régia. Uma figura que traz consigo uma nova política fundamentada em novos pressupostos teóricos e na implantação de um aparelho administrativo de governo tendencialmente centralizado, cuja consequência maior é garantir cada vez mais riqueza e concentração de poder supremo ao monarca, que já não é apenas um *primus inter pares*, antes a cabeça efectiva da república, a quem, de alguma forma, tudo e todos estão cada vez mais subordinados Com efeito, de Portugal à França, passando pela Espanha ou pela Inglaterra[399] um padrão comum caracterizava o governo dos príncipes deste período conturbado, designadamente o propósito de estender a sua autoridade efectiva a todo o território nacional (e a mais se possível) através da implantação de um aparelho administrativo e burocrático eficaz, do desenvolvimento de uma política fiscal igualmente alargada a todo o território nacional, do estabelecimento cada vez mais sedentário de uma corte que legitimasse (por várias formas, nomeadamente a cultural, artística e comportamental) a sua posição de cabeça do reino, da criação de um exército profissional permanente que sirva de garante da efectividade do seu poder político e, enfim, da promoção de uma consciência pátria baseada na adesão incondicional e coesa a uma ideia abstracta, materializada numa instituição primordial: o Estado (oficial e impessoal), e não já a uma figura pessoal ou chefe directo como acontecia na sociedade de tipo feudal. Falamos da emergência de um Estado sinónimo de prestígio e autoridade resultantes da coordenada e eficaz operacionalidade das estáveis e relativamente permanentes instituições políticas impessoais que o

[398] E cujo culminar será o aparecimento do capitalismo e do seu mais poderoso avatar: o fenómeno global que se denominou "economia do mundo". Cf. Fernand Braudel, *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*, op. cit.. Em particular o segundo volume: *Os Jogos das Trocas*.

[399] A Alemanha e a Itália são casos à parte no sentido macro, ou seja no sentido de grande nação em construção, mas enquadram-se perfeitamente neste princípio em termos micro-geográficos, ou seja, enquanto conjunto de pequenos estados mais ou menos soberanos, no seio de cada qual o tirano ou o príncipe tentava implantar um sistema político e de governo mais ou menos semelhante, portanto à sua escala, às nações referidas inicialmente e que acabavam por funcionar como referente político ao nível do *modus operandi* administrativo, fiscal e até militar. E se os príncipes alemães têm em si uma grande carga de hereditariedade e de transmissão de poder por linha linhagística e de parentesco, o mesmo já não se passa em Itália, onde, ao invés, de Milão a Florença passando por Modena e Ferrara, inúmeros são os casos, de senhores tirânicos – vindos não raras vezes do nada - que ascendiam ao domínio graças ao poderio económico e, sobretudo, militar. Exemplos maiores são os condottieri e o caso paradigmático de Pandolfo Petruche de Siena, um senhor surgido de uma casa em nada aparentada com linhagens reais.

compõem, ou seja, instituições capazes de sobreviver às alterações da liderança e às flutuações dos vários corpos administrativos, instituições que permitam um certo grau de especialização nas questões políticas, aumentando assim a eficiência do processo político, instituições enfim que fortaleçam o sentimento de identidade política do grupo. Um Estado, pois, decorrente de uma continuidade da própria nação, enquanto unidade política persistente e estável, no espaço e no tempo.

Os governantes do Renascimento eram, como apontou Maquiavel, dirigentes autónomos com um notável grau de independência em relação às duas grandes instituições medievais – o papado e o império – que confiavam nas suas qualidades pessoais e nas qualidades e capacidades do aparelho governativo que reuniam em torno de si, e que não hesitavam em recorrer quer à propaganda ideológica, quer se necessário à violência para legitimar os seus cargos de natureza dinástica e concretizar as suas opções políticas internas e externas, sobretudo quando relativas à consolidação ou expansão do território nacional. O reforço das monarquias renascentistas relativamente ao sistema governativo e monárquico imediatamente anterior era, pois, algo bem real e definível. Ainda que longe da plenitude dos séculos XVII e XVIII franceses, já existem laivos indesmentíveis da construção de um Estado soberano, ou seja da construção de um conceito de soberania que, ao nível externo, implica a independência perante toda e qualquer potência estrangeira e, no quadro interno, a autoridade absoluta e indiscutível sobre todos os que habitam nos limites formais das fronteiras da nação, isto é, o *imperium* sobre o território e a população, o que, por sua vez, evoca um estado de superioridade, directo ou indirecto, em termos de poder político sobre os diversos grupos que compõem o corpo social.

Passamos assim, muito lentamente e sempre numa lógica de continuidade[400], de um Estado de poder ascendente, o distintivo do quadro puramente medieval, aquele em que o poder emana do povo e o governante é apenas o representante daqueles, o que permite àquele povo um legítimo direito de resistência sobre este, beneficiando por conseguinte de um certo grau – pelo menos teórico – de liberdade política; para um sistema de poder descendente, no quadro do qual a figura do governante – o rei – surge cada vez mais como uma entidade suprema e até divina, pois se concebe que o poder é directamente concedido por Deus ao governantes, ou seja, uma autoridade sobrenatural que, nessa medida, não pode ser questionada ou contrariada. Neste cenário não há,

[400] Cf. Jose Antonio Maravall, "Introducción: Estado y Renacimiento" in *Estado moderno y mentalidad social*, op. cit, pp. 13-32.

naturalmente, qualquer grau de liberdade política para os restantes indivíduos que compõem o tecido social do reino, até porque o Estado, como Luís XIV (1638-1715) de França emblematicamente salientou, é o próprio rei. Nesta taxinomia dicotómica geral, o príncipe do Renascimento estará no meio do percurso como diversas passagens das *MFC* nos indiciam.

Ao contrário do que defende John Law[401] para a realidade italiana, as mudanças que se podem distinguir neste período relativamente à figura do príncipe na Europa ocidental não são de superfície mas de essência, estruturais e estruturantes, pois é aqui que o absolutismo vitorioso do futuro tem as suas mais genuínas e importantes bases. Para entendermos isto é determinante uma leitura no tempo longo braudeliano.

Nesta continuidade momentos há que são fundamentais porque fundadores da consolidação e solidez do paradigma que vem a seguir e que desta forma começa aqui. Com efeito, para "vislumbrarmos" e sentirmos a alteração profunda temos de olhar para alguns séculos atrás e não apenas décadas ou até uma centúria, onde as mudanças naturalmente não sobressaem em toda a sua amplitude. E trata-se, de facto, de mudanças baseadas em opções deliberadas e sólidos programas de longo curso, como podemos verificar com D. Manuel I de Portugal e como Jose Antonio Maravall tão bem salienta no epílogo do seu monumental estudo sobre o Estado Moderno[402].

3. A cúria pontifícia: pragmatismo, cumplicidades e poderes

Quer no primeiro[403] e, sobretudo, segundo[404] pontos desta mesma *Parte III*[405] do nosso texto, quer na *Parte IV*[406], muito é dito acerca da forma de actuação, sobretudo temporal, dos líderes da Igreja católica durante os anos em que o fidalgo de Chaves permaneceu em Itália. Com efeito, a cúria pontifícia e os seus expoentes máximos – papas e cardeais – pautaram-se em finais do século XV e inícios do século XVI por um secularismo sem precedentes, especialmente no que respeita ao horizonte político, que, paradoxalmente, acaba por englobar de forma substancial o universo militar.

[401] Cf. John Law, "O príncipe renascentista" in *O Homem Renascentista*, op. cit..
[402] Cf. Jose Antonio Maravall, "Epílogo: La época de la revolución estatal" in *Estado moderno y mentalidad social*, vol. II, op. cit., pp. 587-592.
[403] *1. As embaixadas à cúria pontifícia: festa, propaganda e poder.*
[404] *2. O novo modelo do príncipe ou os primórdios do Estado moderno.*
[405] *Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder.*
[406] *Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália.*

Disso dá conta o fidalgo nas suas memórias, que abarcam temporalmente parcelas fundamentais de dois dos pontificados mais controversos do Renascimento. Assim, apesar de diversos e importantes apontamentos acerca de importantes figuras laicas, a preeminência e a quase totalidade do juízo crítico e da observação sagaz que elabora giram em torno da conduta de Júlio II e Leão X, bem como dos seus mais próximos sequazes clericais, em particular os cardeais. O pano de fundo é, regra geral, a cúria pontifícia, um espaço de poder e de redes de influências sem igual na Itália do nascer quinhentista.

São os grandes protagonistas da cúria romana que importam, de facto, ao autor. É a eles que dirige a sua atenção criteriosa e avaliadora, no sentido de transmitir uma imagem o mais fidedigna possível – que não pode nunca, portanto, ser isenta de julgamento e de apreciação – da corte do vértice da Igreja católica ao seu senhor, o 4º duque de Bragança. E porque estamos perante um testemunho elaborado a pensar na satisfação da curiosidade e dos requisitos informativos de um único leitor[407], certamente ávido de notícias acerca de Itália e em particular de Roma e das suas mais notáveis figuras, é fundamental ter em mente que o conteúdo do presente tópico não se esgota, pois, nos limites físicos do mesmo. Ao invés, encontra-se presente, nos mais variados aspectos, ao longo dos capítulos anteriores e seguintes.

a) A política e o poder como sinónimos de realismo, determinação e violência

Realismo, determinação e violência como principais alicerces de uma prática política constante e da busca permanente de poder nas suas mais variadas formas são, podemos afirmar, os atributos que o fidalgo mais evoca na imagem que veicula da cúria dos vigários de Cristo. E nisto, saliente-se, está perfeitamente sintonizado com o pensamento político coevo mais "fracturante", se assim podemos dizê-lo[408], ao qual não teve acesso porque ainda não se encontrava publicado. O que indicia, afinal, um alinhar dos espíritos, ou seja, que o que refere era inegável, pelo menos para as mentes mais atentas e isentas:

[407] Tratando-se de um texto encomendado, então certamente envolve critérios e preceitos de construção narrativa, em particular ao nível temático e das problemáticas a observar.
[408] Sobretudo Nicolau Maquiavel e Francesco Guicciardini.

> "avia dez dias que o papa Jullio segundo deste nome era partido pera bolonha com entenção de tomar o estado ao duque de ferrara genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa"[409].

Se, partindo da imagem transmitida pelo fidalgo, pudéssemos resumir numa única palavra a cúria pontifícia deste período, seria, sem dúvida, "pragmatismo"; valendo esta classificação quer para o pontificado de Júlio II, quer para o de Leão X, pois, ainda que por vias e formas de expressão diferenciadas, o resultado final da acção política de ambos é o mesmo: aumentar o património territorial e, sobretudo, o poder político dos Estados Pontifícios (se bem que o papa Médici tenha colocado variadíssimas vezes os interesses familiares à frente dos da Igreja que encabeçava)[410]. Vejamos o relato do fidalgo:

> "E por que compre saber donde ou por que se esta guerra ordio, hee neçessario contar da guerra primeiro da qual me eu enformei por pessoas que forom presentes. sendo occupadas per tiranos parte das terras da JgreJa, scilicet, perosa per João paulo valham. bolonha per miçer João de vinteuolla que a senhoreaua, a vaqueta como Rei. partiosse o papa Jullio com a corte sem exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano. tanto que o papa partio de Roma leuando a via de loreto que hee na marca dancona, abalarom os françeses que estauão em lombardia caminho de bolonha. o que fez aos tiranos que João paulo velham veo çertas milhas de perosa Reçeber ho papa E lhe entreguou as chaues da çidade de perosa E dous filhos em aRefens. o papa entrou na çidade E tornoulha a entreguar E dahi por diante se seruio do dito João paulo na guerra de capitão de Jente darmas o qual foi sempre bom E leal seruidor atee morte. seguindo o papa seu caminho foi ter a sancta maria de loreto. E a este tempo Ja os françeses tinhão posto çerco sobre bolonha que se defendia mui Rijamente. sem aver na çidade medo de serem entrados pellos françeses non lhes vindo outro socorro os quaes elles tinhão por çerto com a vinda do papa. tendo Jsto miçer João de vintevolha fez huma largua arengua aos da çidade na qual concordio per derradeiro que posto que elle tinha por çerto que as vontades dos bolonheses erão conformes pera o aJudar a defender. E que na çidade avia tanta E boa Jente que se defenderia do papa e dos françeses. porem que pois Jsto nam podia ser sem dano de muitos que elle escolhia por milhor esta contenda se partir antes com seu dano que dos çidadões de bolonha. E que por tanto elle se queria

[409] *MFC*, f. 139v.
[410] Cf. Nelson Hubert Minnich, "The Images of Julius II in the Acta of the Councils of Pisa-Milan-Asti-Lyons (1511-12) and Lateran V (1512-17)" in *Giulio II: papa, politico, mecenate*, Savona, Fortezza del Priamar, Sala della Sibilla, 25-26-27 marzo 2004, Atti del Convegno, Giovanna Rotondi Terminiello and Giulio Nepi (ed.), Genova, De Ferrari & Devega Editoria, 2005, pp. 79-90.

partir da çidade dizendolhes que tanto que elle fosse fora se entreguassem ao papa [.] estas abastanças fez elle com esperança de tornar a seu estado tanto que o papa se fosse pera Roma. mas nam lhe aconteçeo assi. ordenado per elle o sobredito na mesma noite se sahio da çidade con toda sua fazenda molher E filhos E se foi a milão. no dia seguinte partirom per mandado da çidade tres çidadões prinçipaes con cartas de crença E con as chaues da çidade pera o papa E acharamno aJnda em loreto E deronlhe sua embaixada dizendo que miçer João de vintevolha era Ja fora E por que a çidade tinha deliberado de se entreguar a sua santidade lhe mandauão as chaues. o papa lho aguardeçeo muito E disse que elle nam podia açeitar as chaues nem a entregua da çidade atee ser passado o termo que derom aos françeses pera a tomarem por que tinha contratado con elles que tomandoa dentro em çerto termo lha daua a saco. E que se ora elle a tomasse durando o termo nam compria con os françeses E seria neçessario paguarlhes o soldo. E que elle averia grande prazer de se elles poderem defender atee se passar o termo [.] os embaixadores lhe afirmaram que se defenderiam E que sua santidade podia hir suas Jornadas contadas E cheguar a bolonha sahido o termo que era dado aos françeses. por que en tanto sem acha que dos françeses podia Reçeber a çidade em seu seruiço. E tornados os embaixadores, o papa fez o que avi[a]m conçertado. em quanto Jsto assi passaua E o termo durou os françeses teuerom sempre seu campo sobre a çidade, scilicet, de huma soo banda por que a çidade hee mui grande pera ser toda çercada que nam bastaua a Jsso muitos exerçitos E ha combatiam mui ameude atee que no derradeiro dia do termo em que esperauão poer todas suas vltimas forças pera a entrar os da çidade tomaram hum sotil conselho pera os vençer. estaua o aRaial assentado Junto com hum Rio que entraua na çidade que se chama Rem, o qual entra per humas portas do muro que tem humas grossas grades de ferro. E polla porta nam pode entrar mais aguoa na çidade que a que cabe pollo canal do Rio. E alem das grades tem da parte de dentro humas portas dalçapõe de dentro de ferro as quaes portas no derradeiro dia do termo A tarde vindo o Rio creçido as deixaram os da çidade cahir E tapando a entrada do Rio Represou tanto atras que esprayou E se soltou pollo aRayal dos françeses que estaua mais baixo de maneira que lhe alaguou a artelharia E os desordenou de tal sorte que os da çidade que estauão aperçebidos sahiram a eles E tomaram os prinçipaes E leuaromnos A çidade onde os aguasalharam honrradamente, nam como catiuos mas como ospedes E amiguos. ao outro dia em que Ja o termo era sahido, abriram as portas da çidade aos que queriam entrar da Jente conheçida E honrrada E mandaromnos apousentar como amiguos [.] dahi a tres ou quatro dias cheguou o papa, E foi mui bem Reçebido E festeJado. E satisfeitos os françeses se forom. muitos nobres da çidade que eram da parte dos vintevolhas fugirom desque o papa foy entrado com medo delle. miçer João vintevolha tendo perdida a esperança de sua tornada por que o papa era homem mao de amansar se finou de noJo em milam. E o papa antre outras Justiças que mandou fazer, mandou deRibar os paços de miçer João que erão os melhores de toda lombardia em grandeza e fermosura. quando sua molher madona branca soube a noua da destrohição de seus paços pasmou E çeRadas as mãos E os dentes esteue assi ata que espirou [.] deixou quatro filhos, scilicet, o mais velho se chamaua miçer anibal o protonotairo, E miçer alexandro E miçer hermes

> [.] dizem que tinha de filhos E filhas bastardos xxij. vendo o papa assentadas suas cousas se foi pera Roma E deixou por leguado em bolonha o cardeal sam vidal que era homem cruel E mui temido"[411].

A guerra surge, naturalmente, como a via privilegiada para a prossecução de tal objectivo, inclusive com Leão X, cuja acção, não sendo tão abertamente agressiva e violenta como a de Júlio II, nem por isso, como o fidalgo salienta, deixa de envolver o recurso à via militar e ao acto dito "guerreiro" para concretizar os seus intentos. A *Guerra de Urbino* (1516-1517) constitui, porventura, a prova maior deste facto:

> "Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado. Perdida a lembrança dos sobreditos beneficios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado. ca deixando o duque dorbino todalas outras vilas E castelos nas mãos dos Jmiguos se Retraheo com sua molher E filhos E com toda a mais Roupa que pode leuar a pesaro que hee çidade forte E das prinçipaes de seu senhorio. E hee porto de mar. E vendo que nam estaua ali seguro se foi em gualees pera mantua onde seu sogro estaua com a marqueza sua molher que tam festeJada fora em Roma [.] E sendo o manifico Lourenço apoderado de toda a terra do duque, se tornou pera Roma chamandosse duque dorbino, E tanto ensoberueçido desta vitoria, E cheo de vãa esperança doutros estados que disse hum dia em pubrico ao seu comprador que despendesse larguamente que antes de oito meses passarem, esperaua ter oitoçentos mil ducados de Renda. diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole. E o que mais çertificaua esta sospeita de napole, que em vida do manifico Julião, elle E o cardeal daraguão tinham ordenado de hir folguar a napole E leuauão consiguo senhores de titolo, E outros Romanos, orsinos. E mosem geronimo bique embaixador del Rei de castela lhes Requereo da parte del Rei que nam fizessem tal Jornada. E senam que fossem a seu Risco. E a esta causa çessou sua Jda. presumesse dizendo pubricamente que sua Jda era pera em secreto falarem aos prinçipaes barões do Reino E avelos A sua parte E de França pera se leuantarem contra castela por que o papa com toda sua valia E parentes erão em secreto françeses, mostrando de fora ser espanhoes. E o cardeal daraguão Jsso mesmo franças por ser parente mui cheguado do duque fernando de calabria que anda preso em castela, ao qual elles dizem que o Reino de napole pertence."[412]

[411] *MFC*, f. 139v a f. 141r.
[412] *MFC*, f. 209r.

Na essência, o pragmatismo da cúria romana materializa-se na relação dinâmica entre a busca de "hegemonia" e a obtenção de um "equilíbrio de poder", dependendo sempre a preponderância de uma ou outra circunstância do cenário político-militar em Itália. Quando este é favorável aos Estados da Igreja, o papado visa a hegemonia política sobre a Itália e a Cristandade; quando, ao invés, os "pratos da balança" pendem para o lado opositor, então o papado procura conseguir, mesmo que desesperadamente, um "equilíbrio de poder" que favoreça a sua salvaguarda.

O fidalgo apresenta três notáveis exemplos de situações político-militares críticas vividas pelo papado, em que a busca pelo "equilíbrio de poder" surge como a grande prioridade na acção da cúria: em primeiro lugar, na sequência da convocação do concílio de Pisa pelos cardeais cismáticos, a formação da *Santa Liga*, em 1511, por iniciativa de Júlio II, que acaba por isolar a França e aquele grupo de cardeais; depois, a forma como, após a derrota no confronto armado de Ravena, o mesmo papa recorre aos suíços para conseguir eliminar a ameaça francesa que pairava sobre Roma; e, finalmente, quando, no quadro da "segunda guerra dorbino", após os desastres bélicos consecutivos contra as hostes mercenárias do duque Francisco Maria (I) della Rovere, o papa Leão X recorre ao suborno e à simonia com o embaixador de Castela "geronimo bique".

Já o cenário da prossecução da hegemonia materializa-se na acção do papa Júlio II após a vitória sobre Veneza no quadro do estabelecimento da *Liga de Cambrai* (1508). Com efeito, na sequência da dissolução, em 1510, da *Liga de Cambrai* estabelece-se uma aliança, desta feita entre a derrotada República de Veneza e os Estados Pontifícios (1510-1511), a qual, por sua vez, culmina no estabelecimento de uma nova e mais ampla coligação político-militar denominada *Liga Santa* (1511-1513), entre o papa Júlio II, Fernando II de Aragão, o sacro imperador, a República de Veneza e o rei Henrique VIII de Inglaterra contra Luís XII de França e o ducado de Ferrara. Criada por iniciativa do papado e tendo por suporte a situação favorável resultante da *Liga de Cambrai*, esta coligação internacional visa essencialmente reforçar o poder

político e territorial dos Estados Pontifícios e, ao mesmo tempo, afastar a presença francesa de Itália[413]:

> "Como o papa foi são E da ligua que fez. Tornando o papa a cobrar vida foi todo posto em paz E sendo convaleçido foi dizer missa a nossa senhora do populo onde se publicou ligua, scilicet, sua santidade com el Rei de castela, venezeanos, E seneses. foi feita esta ligua em presença do papa E dos cardeaes E dos perlados E dos senhores Romanos E dos embaixadores del Rei E das ditas senhorias que pera Jsso tinhão seus abastantes poderes."[414]

Mas revela-se também na forma resoluta como o papa Júlio II reloca os Médici à frente dos destinos da República de Florença em 1512:

> "Como o leguado E o viso Rei se aJuntaram E meterom a saco ha villa de prado. El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguarem dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença." [415]

Por outras palavras, esta relação dinâmica que condicionou quase totalmente a política e a acção do vértice da Igreja nos alvores de Quinhentos tem a sua máxima expressão na combinação do desejo do papado em impedir a dominação transnacional por parte das potências estrangeiras presentes em Itália neste período (que atinge o apogeu com o irredutível propósito de Júlio II em expulsar os franceses – leia-se "bárbaros" – do solo itálico) com a tentação ainda mais forte de dominação para lá das fronteiras herdadas dos seus próprios territórios. Um ousado e não raras vezes arriscado movimento político-militar de carácter pendular que define, afinal, o essencial do projecto e da estratégia política dos Estados Pontifícios neste período e que pode ser

[413] Cf. Christine Shaw, "Cardinal Giuliano della Rovere: The man, the politician, the prince of the church" in *Giulio II: papa, politico, mecenate*, Savona, Fortezza del Priamar, Sala della Sibilla, 25-26-27 marzo 2004, Atti del Convegno, Giovanna Rotondi Terminiello and Giulio Nepi (ed.), Genova, De Ferrari & Devega Editoria, 2005, pp. 37-45; Idem, *Italy and the European powers: the impact of war, 1500-1530*, Boston, Brill, 2006; Idem, *Julius II: The Warrior Pope*, Oxford, Blackwell Publishers, 1996.
[414] *MFC*, f. 146v.
[415] *MFC*, f. 163r.

clara e objectivamente encontrado na descrição que o arquitecto das *MFC* opera da cúria romana sob ambos os pontificados em questão.

O fidalgo revela uma Itália fervilhante seja em termos políticos, religiosos, culturais ou sociais. No entanto, mostra também que este mesmo espaço é extremamente violento e perigoso, podendo, a cada momento, o risco e a ameaça surgirem de qualquer lado e sem escrúpulos por alianças ou tratados firmados[416].

Um mundo onde, afinal, apenas os dotados de *virtù*[417] – fazendo recurso ao consagrado conceito do *humanismo cívico* e, também, ao pensamento político de Maquiavel – sobrevivem. Num ambiente assim, a sociedade triunfante era, por definição, a militarmente forte e ousada. Ora, conforme demonstra o fidalgo nos fólios que redigiu e de acordo, afinal sem o conhecer, com os melhores ensinamentos do politólogo florentino, a cúria nos tempos de Júlio II e Leão X, apesar de todas as vicissitudes, soube de forma exemplar preservar-se e até acrescentar o seu estado. E, em grande medida, devido precisamente à *virtù* destes papas e dos seus mais fiéis cardeais – no sentido que Maquiavel lhe virá a atribuir. Uma *virtù* que, a cada momento, sustenta a já assinalada relação dinâmica entre busca de "hegemonia" e procura de um "equilíbrio de poder".

É precisamente o que podemos identificar na acção de Júlio II contra os cardeais cismáticos ao promover uma *Santa Liga* e ao convocar o concílio de São João de Latrão:

> "Como se começou o concilio. Na primeira segunda feira do mes de maio seguinte o papa começou ho conçilio em sam João de latrão que hee cabeça de todalas JgreJas do mundo. (…) Dos letrados que o papa tomou em sua aJuda contra os cardeaes çismaticos. Vendosse o papa em tanta aflição com as guerras E com a çisma pera prouer E atalbar a tudo, tendo prouido nos capitaens da guerra, buscou pera sua saluação capitães das sagradas letras. E forom tres frades de tres ordens os maiores letrados que

[416] Aníbal Pinto de Castro fornece uma eloquente caracterização desta Itália: "Agitada e perigosa corria então a vida na Península Itálica e particularmente nos Estados da Igreja. Dividida entre as desencontradas influências da Alemanha, da Espanha, da França e da Cúria Romana, a Itália transformara-se em agitado palco de guerras, traições e misérias morais, mal escondidas pelo esplendor da vida cultural, pela peregrina beleza das artes e pelo brilho da literatura, numa sociedade que conseguia conciliar sem dificuldades de maior os horrores da guerra, as sombras do crime e as frequentes cenas de tragédia com os prazeres mundanais marcados de flagrante modernismo (…)." *In* Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano…", *op. cit.*, p. 12.

[417] De salientar que, segundo Hans Baron, o conceito de *virtù* na política italiana é anterior ao pensamento de Maquiavel. Cf. Hans Baron, *The Crisis of the Early Italian Renaissance*, Princeton, Princeton University Press, 1966.

> avia em Jtalia em teologia, scilicet, o geral da ordem de são dominguos, E frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho, estes ambos erão Jtalianos, frei guomez portuguez chamado o lixbonense da ordem de sam françisco craustal que era catedratico de teologia na çidade de pauia E mais exçelente teologuo de todolos de Jtalia, o qual tinha quinhentos ducados de Renda. foi Requerido del Rei de França E dos cardeaes pera sua aJuda dos quaes se escusou. depois sendo chamado do papa veo a Roma no começo do mes de Junho. foi apousentado no burguo onde era prouido de todalas cousas neçessarias, E era visitado de todolos portugueses honrrados que em Roma avia."[418]

E, da mesma forma, é o que revelam as movimentações de Leão X quer em relação à suposta conjura dos cardeais em 1517, em particular quando culminam na lucrativa nomeação de um largo conjunto de novos cardeais, todos eles, doravante, devedores do papa que os nomeou, quer no que respeita à dispendiosa manutenção financeira da *Guerra de Urbino* contra o duque Francisco Maria (I) della Rovere, igualmente em 1517, e à mudança de sentido da sorte da mesma.

Não é, pois, por acaso que ambos os líderes da Igreja se apresentem no texto construído pelo Fidalgo, bem como nas representações que deles fazem a historiografía coeva e contemporânea, como perfeitos príncipes seculares. E, nessa medida, não devem ser pensados fora da "moldura" política desenhada por Maquiavel – onde os jogos de poder, logo de influências e cumplicidades, constituem a pedra-de-toque de toda a acção política – nem ausentes do horizonte do Estado do início da modernidade. Afinal, os meios que usam e o desejo de dominação que os conduz na prática de governo dos Estados da Igreja são os do universo secular e profano coevo: veja-se a forma desprendida como Júlio II faz mão dos tratados internacionais ou o modo sinistro como, segundo o fidalgo, Leão X acede ao pontificado.

O que ambos os pontífices fazem, na essência, é aproveitar todas as ocasiões – inclusive quando são desfavoráveis – para se fortalecerem no interior do seu campo de influência. É o que, a título de exemplo, Leão X faz após a batalha do Marignan no encontro que tem com Francisco I de França em Bolonha: à época o rei francês é o grande vencedor militar em Itália e nessa medida é quem dita os termos das conquistas militares a realizar na Península seja por quem for; no entanto, o pontífice acaba por conseguir o seu beneplácito para a conquista de Siena e do ducado de Urbino:

[418] *MFC*, f. 160r e f. 159v.

> "Como o papa se vio em bolonha com el Rei de França E dos manifestos menosprezos que fez ao cardeal de sena E a seu Jrmão. Avendo el Rei de França em seu poder paçifico o ducado de milão conçertaram elle E o papa de se verem ambos em bolonha. E por que o caminho direito pera hir de Roma a bolonha hee por sena, o cardeal E o manifico burges seu Jrmão pediram a sua santidade que fosse seu ospede em quanto passasse a terra de sena, a qual graça Sua Santidade lhes conçedeo. E tendo feitos mui grandes guastos em bolsena E em todolos luguares da senhoria per onde avia de passar, E aparelhados mui custosos banquetes, o papa fez seu caminho per outra parte sem aproueitar Roguos nem suplicações que lhe o cardeal E seu Jrmão fizeram pedindolhe que lhes nam fizesse tam grande desfauor E JnJuria. E no que o papa contra elles obrou, amostrou que Ja neste tempo sua vontade era acabar de os destrohir E matar [,] que a desordenada cobiça dos florentins nam deu luguar que fosse dissimulada huma tam gram treição cometida assi descuberta contra o cardeal que fora a prinçipal vooz pera elle sobir ao summo pontificado. com tudo Jsto o cardeal acompanhou Sua Santidade atee bolonha sem fazer nenhuma mostrança dagrauo. E verdadeiramente o amor que tinha ao papa, o fazia ser sem sospeita do que se contra elle ordia. E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer. o papa disse missa pontifical, E el Rei lhe deu em pessoa a obediençia. E despois de assentar seus feitos E liguas, passados tres dias el Rei se tornou pera milão"[419].

A cúria romana – paradoxalmente dada a sua natureza de sede espiritual – surge, assim, como uma pura materialização das teses fixadas por Maquiavel, pois no seu seio e, sobretudo, pela mão dos seus exponentes máximos, dá a ver toda a ambiguidade dos fundamentos da ordem política então vigente em Itália. Uma ambiguidade que tem como símbolo maior a associação entre a prática da política e o mal, a qual, por sua vez, se materializa na corrupção que marca o governo pontifico e dos cardeais, bem como na decadência espiritual da própria instituição curial expressa na prática constante e abusiva da simonia, do nepotismo, do uso das indulgências e na utilização para interesse próprio dos benefícios e das rendas associadas às funções religiosas. Afinal, tudo práticas individuais imorais protagonizadas precisamente por aqueles que as deviam expurgar, com a agravante de ocorrerem de forma absoluta no principal espaço onde deveriam ser condenadas.

A *verità effettuale della cosa* na cúria, ou seja, o resultado da acção e da conduta das suas figuras proeminentes, representa o lado mais condenável da implacável

[419] *MFC*, f. 211r.

realidade que é a prática política em Itália, em particular na capital da Cristandade. O espaço por definição onde o espiritual, a moral e a ética deviam vir sempre em primeiro lugar, mas onde ao invés na maioria das vezes nem sequer é tido em conta. Por tudo isto, o fidalgo mostra como aquelas que virão a constituir as traves-mestra do pensamento político expresso n' *O príncipe* de Maquiavel atravessam a cúria romana desta época. Os seus princípios fundadores revêem-se de facto no espírito que subjaz às principais decisões políticas tomadas na corte pontifícia.

Não podemos, pois, concordar com Eugenio Asensio quando afirma que o fidalgo "Penetra en Roma el mismo año que Lutero, pero su cristianismo no contiene interrogaciones dogmáticas ni fermentos de rebeldía moral. Rara vez descubrimos en su obra un discreto lamento por la corrupción de ciertos prelados y cardenales, o una crítica del Papa y los abusos curiales. No censura – como Erasmo, si Erasmo es el autor del *Julius exclusus* – el escándalo de un pontífice guerrero. Más bien admira la tenacidad con que Julio II batalla para recobrar los territorios usurpados a la Santa Sede."[420]

Com efeito, o fidalgo não faz o mesmo tipo de observações de Lutero, nem o poderia fazer, quer pela sua formação secular, quer pela natureza da relação estabelecida com o cardeal Alfonso Petruche, quer ainda pelo objectivo e condições com que habita em Roma. É uma comparação que simplesmente não se pode fazer, nem que seja pela própria divergência de personalidades e vivências. O próprio Asensio acaba por referir isto mesmo na página seguinte do seu texto: "Las reliquias, que para um cristiano de hoy se sitúan en la periferia de la religiosidad, ocupaban un lugar central en el fervor de la época. Eran estimadas no como objetos venerados y suscitadores de piedad, sino como cosas dotadas de poderes mágicos que prestigiaban al templo que las poseía. La más portentosa lista de reliquias redactada por nuestro autor es la de San Juan de Letran, que a un lector moderno no avisado le parecería fabricada por un satírico luterano."[421]

No entanto, sem dúvida que a crítica está bem presente, sobretudo aos papas e à cúria. Variadíssimas são as circunstâncias em que Júlio II, Leão X, diversos cardeais e outras figuras da cúria são alvo de juízo crítico e olhar avaliador por parte do agente de D. Jaime. Por vezes mesmo de forma implacável:

[420] Eugenio Asensio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517)…", *op. cit.*, p. 12.
[421] *Idem, ibidem*, p. 13.

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice [Leão X] com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees."[422];

Neste sentido, aquilo que o insigne investigador espanhol classifica de "equívoca tolerancia"[423] nós consideramos uma crítica tão objectiva e incisiva (ainda que por vezes através da ironia e da sátira) à cúria e ao sentido do religioso e do correcto comportamento cristão por parte dos seus principais legados:

> "nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte."[424];

> "muito me encolho polla onestidade da Religião christã. ca muito poderia dizer segundo os mui grandes desmandos de todolos estados. destes aqueçimentos haa muitos, E todos os mais A custa do patrimonio de cristo. a elle aprouvesse que estes males escusassem outros nefandos E pestelençiaes que de toda Jtalia hee iscada E mui coRuta."[425]

Uma crítica que, na primeira citação, tem por base o melhor dos suportes avaliadores: a comparação. Isto é, quando refere "o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto" pressente-se que o fidalgo está a incluir de forma implícita nesta categoria espacial Portugal e a sua corte régia. E certamente não está no seu quadrante mental criticar o seu reino de origem, em relação à problemática dos costumes experienciados na capital do mesmo. Em particular tratando-

[422] *MFC*, f. 176r.
[423] Eugenio Asensio, "Memórias de um fidalgo de Chaves (1510-1517)…", *op. cit.*, p. 18.
[424] *MFC*, f. 183v.
[425] *MFC*, f. 206v.

se de um texto que tem como único destinatário uma das figuras mais proeminentes da sua corte.

O mesmo acontece quando acusa – em relação à sociedade nobre italiana e muito especificamente à corte romana – uma atitude de vida hedonista[426], ou seja, quase exclusivamente voltada para a busca egoísta dos prazeres materiais:

> "E destas praticas avia muitas diante cardeaes E grandes senhores, sendo alguns castelhanos E portugueses presentes, altrecando porfias de Rexa antigua, aleguando os portugueses feitos passados E presentes de tantas vitorias E boas venturas a que os castelhanos nam tinhão Reposta. E que Jsto pareça a vossa senhoria fora de estilo, ho escreuo por que passaua assi em verdade. Isto se aleguaua dos feitos que os fidalguos E caualeiros faziam haa quatro dias, acustumando tomar por força darmas as mui grandes çidades aos mouros em africa com a lança no punho vestindo caçotes destopa E arneses em çima sem saber alguarismo, sem mercadeJar, sem desonestas onzenas E deseJos de acquirir fazendas alcançadas per husurarios E desonestos titolos, sem se chamarem fidalguos nam ho sendo, sem leuarem com vaidade cadeiras despaldas As JgreJas E A capela del Rei, sem aver quem acuda a tanta desordem, sem trazerem publico Rabões sem merçe, lançandosse dos escudeiros acustumados pollos velhos passados com que se faziam as sobreditas cousas, viuendo no presente tempo em suas casas com grossas Rendas E pobre despesa de familia de moços E com grande abastança de viços pera suas pessoas, E de suas molheres, de delicados manJares, de prefumes, E estrados vãos com presunções tam altiuas que cuidão dum que tem huma drama de peso de mereçimento mais que outro, se haa por desonrrado falarlhe em luguar publico. E o que menos val se tem por melhor husando das sobreditas sandiçes E desonestidades. E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem."[427]

Na viragem do século XV para o século XVI, o exercício do poder político em Roma fundamentou-se na crescente premissa da indiscutível autoridade dos papas. Ambos os vigários de Cristo cujo pontificado o fidalgo acompanhou em Itália contribuíram de forma importante para este estado de coisas. A consequência mais evidente e extremada foi a crescente secularização da vida política e religiosa da cúria,

[426] O significado original do conceito de hedonismo é inequivocamente outro. Aqui pretende-se o sentido pejorativo que, após o iluminismo, lhe foi atribuído, ou seja, de decadência, sobretudo moral.
[427] *MFC*, f. 201r.

que tinha nas aspirações temporais do Estado Papal o grande símbolo material. Júlio II e Leão X, ainda que por caminhos diversos, estabeleceram, na continuidade de papas como Sisto IV (1414-1484, foi eleito papa em 1471) e Alexandre VI (1431-1503, foi eleito papa em 1492), um modelo realista de poder político na cúria que apontava para a preservação e, sempre que possível, aumento do poder por todos os meios. Era este modelo que funcionava internamente e para o exterior, em particular para a relação com os Estados seculares italianos e estrangeiros presentes ou com interesses em Itália. O pensamento de Maquiavel expresso n' *O Príncipe* materializava-se, de forma exemplar, no coração da Cristandade.

Júlio II deu forma a esta conduta sobretudo por via da guerra e do manuseamento livre e sem escrúpulos da diplomacia internacional: o pontífice usava as alianças e acordos internacionais consoante as necessidades específicas e conjunturais dos Estados Pontifícios. Tal capacidade de manobra revela um pragmatismo político amoral mas muito eficaz:

> "tanto que o papa foi em Roma começou de trauar ligua contra os venezeanos E conçertousse com el Rei dom Fernando de castella E com o emperador maximiniano E com el Rei luis de França E com o duque hercule (sic)[428] de ferrara. por que assi ao papa como a todos estes tinhão os venezeanos tomadas e occupadas muitas çidades E terras. chegado o tempo de ajuntarem em Jtalia todolos exerçitos deles veo o emperador em pessoa E todos ho seguião. nesta guerra cobrou el Rei de França, crema, craemona, brexa E berguamo que são populosas çidades, alem doutras vilas E castelos. el Rei dom fernando cobrou outros luguares que lhe tinhão tomados do Reino de napole. o papa cobrou Rauena E ariuniue E furle E facuça E brigiguela E Reixa, E outros luguares. (…) acabadas estas cousas naçerom outras por onde se a dita liga desfez. E começousse a guerra segunda que foi no tempo que eu cheguei a Roma."[429]

O momento em que após a derrota na batalha de Ravena, o pontífice envia à Suíça o cardeal Matthäeus Schiner para recrutar mercenários é emblemático do

[428] O autor confunde aqui o duque de Ferrara coevo, Alfonso I d'Este (1476-1534), que governou entre 1505 e 1534, com o duque anterior, mais precisamente o pai deste último, Ercole I d'Este (1431-1505), que conduziu os destinos do ducado entre 1471 e 1505, data da sua morte. O erro deve-se certamente a uma falha do copista ou uma simples desatenção do autor, pois todas as restantes menções ao duque de Ferrara Alfonso I d'Este efectuadas nas *MFC* surgem sempre correctas, quer em termos cronológicos quer em termos de rigor quanto aos acontecimentos citados.
[429] *MFC*, f. 141r a f. 142v.

pragmatismo que caracterizou todo o seu pontificado e da forma como lida com a "realidade" do seu tempo. Os resultados de tal iniciativa política são esclarecedores:

> "E por que o papa nam çessaua em buscar maneiras pera deitar os françeses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio a sua terra polla mais Jente que podesse trazer."[430];

> "foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, neguoçeou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha. E nam se contentauam os soiços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente."[431]

Não revelando escrúpulos relativamente às populações civis do Norte e Centro de Itália que iriam sofrer às mãos da temível infantaria suíça, nem mostrando qualquer pudor espiritual como seria dever papal em tal circunstância, o *papa guerreiro* mostra que a Igreja, tal como qualquer Estado secular, pode ser politicamente considerado uma potência na medida em que, através da utilização activa e plena da força, se resguarda, preserva e até sobrepõe aos demais que lhe fazem frente[432]. Se a violência é condição natural do quotidiano secular, então o papado fá-la ingressar de modo manifesto no seio do mundo espiritual de cujos limites por definição deveria estar ausente. O argumento base é inequívoco: a sobrevivência, num primeiro plano, e depois a consolidação e expansão do Estado Pontifício[433]. Se a acção política de Leão X deixa por momentos algumas dúvidas acerca do seu real objectivo e dos meios através dos quais o pretende concretizar, já Júlio II não proporciona qualquer hesitação quanto aos seus propósitos políticos:

---

[430] *MFC*, f. 158v e f. 159r.
[431] *MFC*, f. 162r.
[432] Cf. Diogo Pires Aurélio, "Introdução" in *O Príncipe*, op. cit., pp. 11-106; Nicolai Rubinstein, "Italian Political thought, 1450-1530" in *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, op. cit..
[433] Cf. Ennio Innocenti, *Storia del potere temporale dei papi*, Napoli, Grafite, 2001; Nelson Hubert Minnich, "Papacy and Papal States" in *Europe 1450 to 1789: Encyclopedia of the Early Modern World*, Jonathan Dewald (ed.), vol. IV, New York, Charles Scribner's Sons/Thomson/Gale, 2004, pp. 380-392.

> "acabadas estas cousas naçerom outras por onde se a dita liga desfez. E começousse a guerra segunda que foi no tempo que eu cheguei a Roma. E aguora direi a causa por que o papa se moueo contra o duque de ferrara. tinha o duque de ferrara humas salinas E o papa tinha outras em Ruxa [,] hum dos luguares que guanhou aos venezeanos [.] sobre estas salinas ouve desauença antre elles E vierom a tanto Rompimento que Ja o duque se nam fiaua no papa E se temia delle. o papa o mandou chamar que viesse a Roma E o duque nam foi. E por que o ducado de ferrara hee da JgreJa, E o duque hee feudatario E obriguado apareçer E seruir em pessoa sendo chamado do papa, sua santidade ho mandou çitar em forma E lhe foi assinado termo que apareçesse em Roma per cartas fixadas na JgreJa mayor de bolonha E doutros luguares comarcãos de ferrara. E pollo duque nam apareçer ao termo, o priuou por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a execução foi contra elle com grande poder de Jente."[434];

> "E esta forteleza mandara o papa fazer a suas proprias custas. E quando Respondeo ao arçebispo que ha entreguasse A çidade seu Jntento foi que deRibandoa elles que a çidade lha tornasse fazer A sua custa como despois socçedeo."[435]

Júlio II, tal como Leão X também o fará, mostra, na linha do pensamento que encontraremos em Maquiavel, que a realidade política é sinónimo de mudança constante. Assim, os inimigos surgem a cada momento e por vezes de onde menos se espera. O aliado de ontem é o inimigo de amanhã, e mais devido às opções políticas próprias (ou seja do papado) do que por acção desse *Outro*. O pontífice apenas tem de fazer uso dos meios que tem ao seu alcance, quaisquer que sejam, nomeadamente os acordos político-militares e o uso da violência e da força das armas, para lidar de modo satisfatório com essa realidade inconstante[436]:

[434] *MFC*, f. 142v.
[435] *MFC*, f. 143v.
[436] Cf. Nelson Hubert Minnich, "Julius II (1503-13)" in *The Great Popes Through History: An Encyclopedia*, Frank J. Coppa (ed.), vol. I, Westport, Greenwood Press, 2002, pp. 279-287; Quentin Skinner, "La révolution machiavélienne" in *Machiavel*, op. cit., pp. 61-77; Sebastian De Grazia, "Patria e Stato" in *Machiavelli all'inferno*, op. cit., pp. 192-200.

> "Da doença do papa. E do que se em Roma fazia. E da morte do cardeal Regina. Neste tempo o papa adoeçeo de tal maneira que ho tiuerom por morto. alguns diziam que de noJo por que tinha duros contrairos E os neguoçios nom soçediam como elle deseJaua. nestes Rebates de sua morte Roma era posta toda em armas nam avia Justiça nem quem a fizesse. cada hum procuraua de por sua vida E fazenda em saluo. as armas erão a todos geraes. das vilas E castelos E coloneses E orsinos E doutros prinçipaes Romanos entraram em Roma mais de vinte mil homens que esperauam a çerta noua da morte do papa pera a começarem a Roubar. alguns çertificauam depois que as entenções destes Romanos era poer os espanhoes A espada. mas dura cousa lhe fora dacabar. a noua da grande doença do papa foi aos çismaticos E a muitas outras partes. o cardeal Regina ficara por leguado em bolonha. E tanto que lhe a noua foi dada partio de caualeiro pera Roma com entenção de socçeder no pontificado. E foilhe dada a noua no caminho que o papa estaua bom E foisse a hum luguar Junto do mar E por ser Ja homem velho E pesado E movido do trabalho do coRer deulhe tal Jnfirmidade que em breues dias morreo. E o papa ouve toda a sua prata E Joias que elle tinha mui Ricas. foi sentida sua morte por que era tido por homem virtuoso E pera muito."[437];

> "Em quanto estas cousas passauão veo noua ao papa que era aportada grande armada em napole com muita Jente de pee E de caualo que el Rei dom fernando de castela em sua ajuda E da JgreJa Romana mandaua. E di a poucos dias entrou em Roma o duque de termenes que fora chamado pera ser capitão da JgreJa, E vinha Reçeber a bandeira E ho bastam."[438]

Foi, aliás, com base nesta premissa que, logo no início do seu pontificado, tornou insustentável a permanência dos Borgia nos Estados papais e conseguiu reconciliar as conflituosas casas das poderosas famílias romanas dos Orsini e dos Colonna.

Em íntima ligação com a temática da guerra, em particular contra a França e Ferrara, o momento em que nas *MFC* Júlio II revela abertamente os principais atributos da sua conduta política enquanto líder dos Estados da Igreja relaciona-se com a questão dos cardeais cismáticos que culmina no concílio de Pisa-Milão (1511-1512) e na convocação do quinto concílio ecuménico de Latrão (1512-1517)[439]:

[437] *MFC*, f. 146r e f. 146v.
[438] *MFC*, f. 149r.
[439] Celebrado em Roma e desenrolando-se em doze sessões entre 1512 e 1517, teve por sede a igreja de São João de Latrão. É considerado pela Igreja católica como o décimo oitavo concílio ecuménico e o décimo dos concílios desta natureza celebrados no Ocidente. Cf. Giuseppe Alberigo, *Storia dei concili ecumenici*, Brescia, Queriniana, 1990, pp. 137-189; Klaus Schatz, *Storia dei Concili: la Chiesa nei suoi*

> "mandoulhe que esperasse E deteuesse algum tanto em ver as cartas. E quando abrio o maço achou que era breue do cardeal no qual lhe Jntimauam o consilio. o messeJeiro teue tal maneira em se sahir E poer em saluo como teuera em cheguar ao papa [Júlio II]. E com quanto Sua Santidade mandou que com grande diligençia fosse buscado, nunca mais de tal homem poderom aver notiçia. o papa açeitou o conçilio contanto que fosse em são João de latram em Roma. E nom menos astuçia teue hum cursor pera o Jntimar aos cardeaes da parte do papa, do que o sobredito fizera a Sua Santidade."[440]

Tudo começa com o concílio de Pisa[441] (1409-1411) que tinha por objectivo acabar com o *Grande Cisma do Ocidente* (1378-1417) e a grave crise religiosa daí resultante. À época, dois pontífices, Gregório XII (1327-1415, eleito papa em 1406) e o *antipapa* Bento XIII (1328-1423, eleito em 1394 pelos cardeais de Avinhão para suceder ao primeiro *antipapa* do *Cisma do Ocidente*, Clemente VII [1342-1394, eleito pelos cardeais franceses em 1378]) reclamavam o seu direito à cadeira de S. Pedro. No concílio, os dois pontífices concordaram em desistir das suas reivindicações em favor de um novo papa. Todavia ambos voltaram atrás, tendo sido depostos não deixando no entanto de reclamar os seus direitos. O concílio elegeu então o *antipapa* Alexandre V (1340-1410), que governou a Igreja católica entre 1409 e a data da sua morte, ocorrida no ano seguinte. O cisma manteve-se por mais oito anos, terminando em 1417, quando ocorreu o concílio de Constança (1414-1418), no qual foi eleito novo papa Martinho V (1368-1431, eleito papa em 1417). O concílio seguinte, o de Basileia (1431-1445)[442], encerra a crise conciliar[443].

---

punti focali, Bologna, EDB, 1999, pp. 72-95; Norman P. Tanner, *I Concili della Chiesa*, Milano, Jaca Book, 1999, pp. 72-84; Roger Aubert, Giorgio Fedalto e Diego Quaglioni, *Storia dei concili*, Cinisello Balsamo, Ed. San Paolo, 1995, pp. 155-192.

[440] *MFC*, f. 144r e f. 144v.

[441] Concílio não-ecuménico da Igreja católica.

[442] Também conhecido como concílio de Basileia-Ferrara-Florença (porque teve início em Basileia, em 1431, passando depois para Ferrara, em 1438, e finalmente sido transferido de forma definitiva para Florença, em 1439, devido à peste que grassava naquela cidade) foi celebrado numa época em que o conciliarismo era forte e a autoridade papal fraca.

[443] Concilios de Pisa (1409-1411), de Constança (1414-1418) e de Basileia (1431-1449). Cf. Aldo Landì, *Concilio e Papato nel Rinascimento (1449-1516): un problema irrisolto*, Torino, Claudiana, 1997; Francis Oakley, *Council over Pope?: Towards a provisional ecclesiology*, New York, Herder and Herder, 1969; Idem, *The Conciliarist Tradition: Constitutionalism in the Catholic Church 1300-1870*, Oxford, Oxford University Press, 2008; Giuseppe Alberigo, *Storia dei concili ecumenici*, op. cit.; James Henderson Burns, Thomas M. Izbicki (ed.), *Conciliarism and papalism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997; Klaus Schatz, *Storia dei Concili: la Chiesa nei suoi punti focali*, op. cit.; Norman P. Tanner, *I Concili della Chiesa*, op. cit.; Roger Aubert, Giorgio Fedalto e Diego Quaglioni, *Storia dei concili*, op. cit..

Do *Grande Cisma do Ocidente* e desta crise conciliar, a instituição que é o papado sai em melhor posição para o futuro. Se o Cisma fora em grande medida sanado pela prevalência das doutrinas conciliares, o fim desta grande ruptura na Cristandade trazia o papado, de novo, para primeiro plano. Com efeito, à data do término do concílio de Basileia é conclusiva a derrota do conciliarismo, demonstrada pelo facto de durante toda a segunda metade de Quatrocentos não ter sido convocado qualquer concílio ecuménico. No entanto, o início do século XVI traz novos ventos de contestação conciliar, materializados logo em Novembro de 1503, com a elevação ao pontificado de Júlio II. De facto, aquando da sua eleição, este papa prometeu sob juramento convocar um concílio ecuménico. Contudo, nove anos decorridos do seu pontificado e o dito concílio nunca foi convocado.

Tal situação foi aproveitada politicamente por Luís XII de França que deu o seu apoio e cobertura a um conjunto de cardeais desagrados com a falta de cumprimento e de iniciativa de Júlio II. Tais cardeais serão excomungados e classificados de cardeais cismáticos, do que dá conta de forma esclarecedora o fidalgo de Chaves no seu texto:

> "Como o papa mandou nunçios aos Reis cristãos E priuou os cardeaes çismaticos. Tanto que o papa foi em Roma mandou a Lourenço de campeio auditor da Rota que aguora hee cardeal a alemanha ao emperador maximiliano. E caçador Jsso mesmo auditor da Rota a castela a el Rei dom fernando E a portugual a el Rei dom manoel E outros nunçios a Vngria E a outros Reis cristãos. E assi a el Rei de França E aos cinco cardeaes noteficandolhes o conçilio geral em Roma em são Johão de latram. sendo os ditos cardeaes chamados assinandolhes termo a que viessem dandolhes todas as honestas seguridades, vendo o papa suas desobediençias proçedeo contra elles Em hum consistorio publicou E os priuou dos capelos de cardeaes E de todas suas Rendas, dignidades, benefiçios E honrras. E os publicou por hereges çismaticos. E loguo proueo de nouo todos seus bispados E benefiçios [.] prinçipalmente dos benefiçios que eram em espanha E em italia mui poucos se tornaram a cobrar. os que erão em França erão seguros. santacruz perdeo o bispado de çiguonça que se deu ao senhor dom fadrique. eu fui presente a este Juizo o qual de todos foi avido por espantoso por serem assi priuados tantos cardeaes que de Rendas E casas erão dos prinçipaes antre todos os do colegio. os çidadãos de pauia sabendo que os cardeaes erão despostos E priuados os lançaram fora da çidade a mal seu grado os quaes se forom a milão onde forom Reçebidos de mandado del Rei de França com grandes festas E proçissoens. E ali estiuerom prosseguindo em seu conçilio ata virem os soiços como adiante direi."[444]

[444] *MFC*, f. 146r.

Este grupo de cardeais, com o patrocínio do rei francês então em conflito aberto com o papado, convoca em 16 de Maio de 1511 o concílio (cismático) de Pisa, a ter início em Setembro desse mesmo ano, mas que na realidade só começa no mês seguinte. Durante as suas sessões procedeu-se à suspensão de Júlio II no trono pontifício e tentou-se recuperar o espírito conciliarista que tinha caracterizado o século anterior e que havia animado os concílios de Constança e Basileia[445].

Júlio II reage violentamente à convocatória, como podemos observar pela leitura do breve que o pontífice envia a Fernando o *Católico* – solicitando a colaboração deste monarca contra os cardeais cismáticos e contra os franceses que os apoiam política e militarmente – e que o fidalgo faz questão de incluir no seu relato para maior esclarecimento por parte do destinatário do seu texto:

> "Os nunçios erão Ja partidos. E por que a prinçipal saude do papa era em el rei de castela, polla ligua que tinhão feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. Cristianissimo em cristo. filho nosso saude E apostolica benção. o anno passado como alfonso estense que era duque de ferrara se ouvesse ensoberueçido E alçado os cornos contra nos E contra a santa see apostolica cuJo feudatario E vassalo hee, E depois menosprezando nossas munições ho priuassemos consistorialmente do dito ducado nem por Jsso deesse nenhum sinal de obediençia, acordamos de hir a bolonha pera que daquella çidade mais cheguada trouxessemos ao dito alfonso a verdadeira e deuida obediençia, ou liurassemos tam exçelente çidade nossa de sua tirania. pera o qual vossa catolica magestade avendo sido por noos Requerido mandou em nossa aJuda trezentas lanças grossas. tambem mandamos aos veneraues Jrmãos nossos cardeaes da sancta JgreJa de Roma que pera Recuperação de tam grande çidade fossem connosco E nos acompanhassem ou seguissem. o qual quasi todos obediente E prontamente fizerom. por que seguindonos pollas çidades da sancta JgreJa Romana entraron connosco em bolonha. a fora çinco cardeaes os quaes tendo mao pensamento em seus corações forom por outro caminho a florença. E como quer que forom por nossa parte assi por nunçios como por letras Requeridos que viessem a noos E estiuessem presentes Juntamente com os outros cardeaes As deliberações das cousas pertencentes A dignidade da sancta see apostolica, nam vieram, mas foram a grande pressa E furtiuamente (a maneira de dizer) a pauia E dahi a milão. E posto que sua entenção E mao animo se poderon conheçer per muitos Jndiçios. contodo Jamaes forom por nos culpados. nem por escrito nem por palaura. por que nunca cuidamos que aviam de ser tam minguados de conselho que tiuessem pensamento de se apartar de sua cabeça nem Rasguar a vestidura do senhor Jndiuisible E sem custura, E

[445] Cf. Nelson Hubert Minnich, "The Healing of the Pisan Schism (1511-1513)" in *Annuarium Historiae Conciliorum*, 1984, vol. 16, pp. 59-192; Idem, "The Voice of Theologians in General Councils from Pisa to Trent" in *Theological Studies*, 59, 1998, pp. 420-41.

trazer ha cisma tam dannosa na JgreJa de deus. que por çerto aviam sido de noos benigna E honrradamente tratados E polla maior parte acreçentados. mas a todo se atreue a audaçia E çegua E abominauel cobiça. atreueronse com propria temeridade nam tendo pera Jsso nenhuma faculdade conuocar conçilio geral. nem em luguar nem tempo conveniente E çitaram a noos pera elle. E neste chamamento husaram de desaverguonhada maneira, por quanto afirmaram ter poder de tres cardeaes os quaes derom pera Jsso nem poder nem consentimento. Jnçitados segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violençia. os cardeaes çismaticos vrdem de envoluer toda a cristaam Religião de errores, as quaes cousas avemos visto por cartas de nosso nunçio E ouvido a vosso embaixador que estaa em nossa corte ser vos mui graues E molestas. portanto filho charissimo E mui verdadeiro aleuantaiuos pera defender a vossa sancta madre a JgreJa. destrohi os conçelhos dos çismaticos. dous por naçimento são subditos de vossa magestade. por que por Jsto conseguireis nom menos louuor que pollas outras exçelentissimas cousas por vos feitas polla exaltação da fee catolica. vossa magestade sabera de nosso charo filho guilhelmo caçador auditor de cousas do sacro palaçio nosso capelão noos aver conuocado conçilio geral em sam João de latrão com deseJo de concluir ha expedição contra os maluados turcos E outros Jmiguos da fee cristaam. ao qual Roguamos E exortamos em nosso senhor queiraes prosseguir com aquelle zelo que aveis aborreçido a çisma. E amoesteis E Jnduzaes a nosso amado filho francisco cardeal de toledo E aos outros prelados desses Reinos catolicos pera que venhão a este conçilio que

> sera tam saudauel a toda a Reepublica cristã. E lhes deis liure liçença E segura passagem. sobre o qual falara a todo muito mais com vossa magestade o dito guilhelmo ao quall vos apraz a dar fee. dada em Roma em sam pedro sub annulo piscatoris. vltimo de Junho mil E b^{c} E onze [,] ano octauo de nosso pontificado."[446]

Tão hábil e astuto na política quanto no manuseamento dos exércitos, Júlio II classifica este concílio de conspirativo e declara-o nulo, convocando logo de seguida um novo concílio, o de Latrão V, que constituirá um dos maiores acontecimentos do seu pontificado[447]:

> "E em fim o papa querendosse escusar desta negligençia conuocaua conçilio em Roma. E a esto Respondiam os cardeaes pisanos que pois no conçilio se avia de tratar do coRegimento do papa que elle nam avia de conuocar ho conçilio prinçipalmente em Roma que pera os que o aviam dacusar nam era luguar seguro." [448]

Para tal convocação conciliar por parte do pontífice muito contribuiu o apoio político internacional de que beneficiou:

> "Reposta del Rei de castella a qual Representou dom valeriano de villa que era bispo douedo, em presença del Rei E de sua corte. Do que sua alteza Responde ao breue de nosso mui santo padre E a vossa embaixada Reuerendo senhor nunçio hee que sua Alteza tem communicado este negoçio com muitos perlados E grandes destes Reinos E que sua Alteza por si E em nome da serenissima Rainha de castela sua filha muito chara, E de todos seus vassalos E subditos. E vniversalmente de todos Reinos E senhorios beijão as mãos de sua santidade pollo cuidado E diligençia que tem E haa tido do boom Regimento E guovernação E Reformação da sancta JgreJa a elle encomendada E pollo deseJo com que sempre procura a paz E vnidade da cristaam Religião hee mui contente por si E por ela E por seus Reinos E senhorios de mandar ao conçilio lataranense que sua santidade conuoca os prelados E pessoas que lhe pareçerem convinhauees. E assi mesmo hee prestes E aparelhado como catolico E obediente filho da santa madre JgreJa Romana de poer por ella E por sua defensão E amparo sua Real pessoa E estado com as de seus naturaes E subditos trabalhando quanto possiuel lhe for que a JgreJa nom seJa diuidida nem laçerada nem destrohida de seu patrimonio. E lhe apraz E hee contente como Ja ho tem

[446] *MFC*, f. 146v a f. 148r.
[447] Cf. Nelson Hubert Minnich, *The Fifth Lateran Council (1512-17): Studies on Its Membership, Diplomacy, and Proposals for Reform*, London, Variorum, 1993.
[448] *MFC*, f. 145v.

começado de tomar as armas por ella pera Jsso, E pera que o geral conçilio aguora por sua Santidade convocado se çelebre quieta E santamente sem çisma E sem escandalo. o qual nosso senhor queira encaminhar a seu santo seruiço E ao bem comum da Religião cristaam por que despois de çelebrado aJa efeito a expedição E Justa guerra contra os Jnfiees que por sua magestade hee E haa sido tam desejada. E fora em obra por sua parte posta se estes Jmpedimentos E presentes calamidades nam ho empediram E estoruaram. E acabando o bispo, o nunçio pos os giolhos em terra alçando as mãos ao senhor, dando graças e louuores a deus por aver achado em sua alteza tam catolica Reposta tanta afeição E deuação Aa santa JgreJa Romana nossa mãj em nome da qual lhe daua graças E lhe pedia que lhe quisesse dar as mãos por Jsso E sua alteza ho mandou aleuantar E o dito bispo fez hum deuoto sermão em fauor da fee E vnidade da JgreJa, louuando ao santo padre na conuocação do conçilio ao qual outro nenhum prelado de castela foi senam o bispo de burguos que morreo dhi a poucos dias despois que cheguou."[449]

Em 1512, já sem o fulgor inicial, o concílio de Pisa transfere-se para Milão, onde irá progressivamente enfraquecer e declinar até à sua completa dissolução[450] ainda no mesmo ano.

Convocado pelo ousado Júlio II e continuado por Leão X[451], o quinto concílio de Latrão terá entre os seus objectivos principais rejeitar definitivamente o concílio cismático de Pisa (1511-1512), condenar o conciliarismo ou teoria conciliar enquanto doutrina que considera o concílio ecuménico ou universal como a autoridade suprema da Igreja, sobrepondo-o consequentemente à instituição do papado[452], e estabelecer a Reforma da Igreja. Apenas os dois primeiros objectivos serão, de facto, concretizados.

Considerar a oposição dos cardeais cismáticos a Júlio II como uma mera manobra política protagonizada pelo rei francês que, desta forma, faz dos cardeias em questão simples marionetas no tabuleiro do seu jogo político, é tão simples quanto

[449] *MFC*, f. 148v e f. 149r.
[450] Daí ser denominado concílio cismático de Pisa-Milão (1511-1512).
[451] Júlio II presidirá a cinco sessões e Leão X a sete.
[452] Na essência, o conciliarismo defende a ideia central de que um concílio ecuménico representa toda a Igreja, sendo o seu poder directamente proveniente de Cristo. Nesta medida, todos os fiéis, membros da hierarquia, até mesmo o próprio pontífice estão sujeitos à sua autoridade, porque de origem divina. Isto é, ocorrido nos séculos XIV e XV, o conciliarismo dá forma a um movimento de natureza reformista nascido no seio dos mais altos níveis hierárquicos da Igreja católica, que concebia a autoridade última em questões espirituais como sendo apanágio não do papa, mas da Igreja enquanto comunidade de cristãos e cuja materialização terrena era o concílio geral. Cf. Giuseppe Alberigo, *Storia dei concili ecumenici*, op. cit.; Klaus Schatz, *Storia dei Concili: la Chiesa nei suoi punti focali*, op. cit.; Norman P. Tanner, *I Concili della Chiesa*, op. cit.; Roger Aubert, Giorgio Fedalto e Diego Quaglioni, *Storia dei concili*, op. cit..

redutor. Com efeito, os cardeais cismáticos opuseram-se a Júlio II em plena consciência, ou seja, porque de facto tinham razões muito válidas para tal: era urgente por todas e mais algumas razões reformar a Igreja, mas tal processo só poderia ser efectivamente firmado e posto em prática através de um concílio, o qual o papa havia prometido convocar aquando da sua eleição. A realidade é que nunca o fez. Por outras palavras, o papa falhou no seu juramento e, nessa medida, estava em falta não apenas para com o sacro colégio mas sobretudo para com toda a comunidade dos fiéis. A Igreja vivia à época uma situação quase insustentável a nível espiritual, na medida em que toda a sua orientação pautava-se por decisões políticas de natureza secular e mundana, onde as acções militares tinham grande protagonismo[453].

Como se depreende do breve papal, o líder da Igreja pretende minimizar completamente as reivindicações dos cardeais, destacando o facto de tudo se tratar de um plano do rei francês para aumentar o seu poderio em Itália. Contudo, como o fidalgo claramente demonstra, os apelos à mudança dos cardeais cismáticos têm toda a legitimidade, porque o pontífice faltou à sua promessa (além de revelar falta de capacidade para promover as reformas que urgiam, a acção secular e espiritual que desenvolveu desde o início do seu pontificado demonstrou uma profunda falta de vontade em orientar a cúria para a mudança) e, por outro lado, porque a própria realidade quotidiana curial justifica uma intervenção rectificadora[454]. A dicotomia entre promessa e realização dificilmente podia ser mais óbvia do que neste pontificado:

> "Das cousas em que se os cardeaes fundarom pera convocar conçilio contra o papa. As cousas em que se fundarom os cardeaes pera convocar conçilio contra o papa são as seguintes algumas delas primeiramente que a congreguação do geral conçilio pertençe aos cardeaes quando o papa haade ser acusado E Julguado no dito conçilio. E nam hee neçessaria autoridade do papa. E que posto que nesta congreguação nam eram mais de çinco cardeaes, E com o papa erão outros muitos [,] estes poucos podiam chamar a conçilio sem os mais por que assi como na congreguação do conçilio em que o papa hee parte pera aver de ser nelle acusado senam Requere sua autoridade. assi senam Requeria autoridade dos muitos cardeaes, conseguião E fazião sua vontade de maneira que aviam que pollo conçilio ser sobre o papa E todolos que ho seguiam. os que se aRedarom podiam convocar o dito conçilio E suplir a negligençia do papa que permitira ao Juramento que dentro de dous anos conuocaria conçilio. E nam o fez. ca

[453] Cf. Louis Nazaire Bégin, *La primauté et l'infaillibilité des souverains pontifes: Leçons d'histoire données a l'Université Laval*, Québec, L.H. Huot, 1873, p. 71-81.
[454] Cf. Nelson Hubert Minnich, "The Voice of Theologians in General Councils from Pisa to Trent" in *Theological Studies*, 59 (1998), pp. 420-41.

vendosse outro si que o papa pode ser acusado E Julguado em conçilio, se hee JncoRegiuel em crime de que a Religião cristam Reçebe escandalo. E que o papa por aver prometido como dito hee convocar conçilio com Juramento ficaua obriguado a Jsso E nam se podia absoluer sem Justa causa a qual pois a nom tinha pera nam comprir sua promessa E Juramento, nom se podia absoluer. E que em tal conçilio o papa podia ser Julguado nos casos em que pode ser doutrem Julguado, que são quatro. escusandosse os cardeaes das Reprensões que lhe o papa daua em huma bula em que os culpaua que sem causa legitima apartandosse da cabeça se forom a pauia. dizendo os cardeaes que elles o fizerom com mui legitima E Justa Rezão, por que sendo o papa muitas vezes por elles Requerido E amoestado que comprisse o conçilio que Jurando prometera. pollo nam querer fazer lhes foi liçito procurando a Reformação da JgreJa a que erão obriguados hir sem liçença, por nam poderem pedir liçença sem poerem em grande periguo suas vidas E por terem por çerto que lha nam daria o papa o qual por esta causa hee, de se lhes hirem senam devia aver contra elles pois sabia que sendo elle cardeal por mais leues cousas fugira pera França dos papas passados. E sendo chamado nunca quis obedeçer As excomunhões. tambem se defendiam de os Reprender o papa na dita bula por trazerem exçerçito dizendolhe que posto que aos eclesiasticos nam comvem o exerçiçio das armas, pera sua defensão podem husar dellas como se lee de são paulo que pedio ao protector gente darmas pera sua guarda. Dizia Jsso mesmo o papa em sua bula que elles metiam terçeiros pera lhes elle perdoar, E que nisto confessavão sua culpa. a Jsto Respondiam os cardeaes que vindo elles espantados de suas ameaças dando graças a deus por se acharem em pauia saluos dellas que como era de crer que deseJasse tornar a seu poder. E que era verdade que algumas pessoas quiserom de si mesmos ser medianeiros pera concordia E posto que ho nom faziam per seu mandado ho nam contradizião por nam Jndinar mais o papa. Reprendiaos mais o papa chamandolhe falsarios por que afirmauam que os cardeaes erão com elles na congreguação daquelle conçilio. E que os outros ho neguauam. Jsto diziam os de pauia, que os cardeaes que erão co papa ho nam podiam neguar pois tinham este consentimento per suas cartas E assinados. E que o papa nam podia dar mais credito a cada hum por si dos que Jsto neguauam. E Jsto diziam os de pauia que elles erão muitos E lho afirmauam mormente nam tendo elles neçessidade do consentimento dos cardeaes que com elle erão pois que sem elles podiam chamar a conçilio. E os outros tinhão neçessidade de neguar o consentimento por nam cahir em sua desgraça. a escusa que o papa daua na dita bula por nam conuocar conçilio no tempo que prometeo, erão as guerras que socçediam. E que elle sendo cardeal era o que mais soliçitaua conçilio. a esto Respondiam os cardeaes que ao tempo que elle prometeo E Jurou que dentro em dous anos conuocaria conçilio avia tantas E maiores guerras E esperança de nenhuma paz. assi que a guerra que dizia ho nam desculpaua, mormente sendo o conçilio mais neçessario pera escusar ha guerra. muitas outras Rezões vi E ouvia praticar que nam ousaria bem escreuer. ca muitos dos portacolos em que tinha escritas estas E outras muitas cousas perdi.”[455]

[455] *MFC*, f. 144v a f. 145v.

A perspectiva assumida pelo fidalgo de Chaves raramente foi alvo de estudo pela historiografia especializada, como tão bem demonstra Walter Ullmann[456]. Neste sentido, enquanto fonte histórica para o estudo da época e da temática em questão, as *MFC* revestem-se da maior validade e interesse. Os seus fólios expõem um dos períodos mais críticos da história da Igreja católica, bem como algumas das principais razões que estão na base do movimento de Reforma que está prestes a iniciar-se e que irá dividir de forma irreversível a Cristandade. Ou seja, de alguma forma, as *MFC* antevêem a Reforma e a onda de renovação que a acompanha.

O fidalgo dá, pois, notícia da sobrevivência nos inícios do século XVI de uma robusta tradição de pensamento conciliarista. E dá igualmente conta da relutância de Roma em dar um passo político-eclesiástico que, mais tarde ou mais cedo, se revelará tão inevitável quanto dramático. Dito de outro modo, ao mostrar como a ameaça perpetuada por cinco cardeais dissidentes – um italiano, dois espanhóis, dois franceses – era algo bem real no cenário político e eclesiástico coevo, o autor mostra como ainda estava bem presente na memória da Cristandade a sensível questão conciliar e da suprema autoridade papal.

Mais ainda. Ele revela como o esforço pontifício para, por todos meios, restabelecer a monarquia papal em toda a sua plenitude, acaba por contribuir para um afastamento ainda mais radical da opinião crítica interna relativamente à forma como o papado conduzia os destinos da Cristandade. E dá também a ver como a intransigência papal provou ser por si própria um factor impulsionador das aspirações cismáticas – a insistente manutenção de princípios de governo além de anacrónicos, dificilmente poderiam ser já evocados como sinal de sabedoria ou prudência estadista por parte de Júlio II. Mesmo que os cardeais não quisessem o cisma, ou seja, mesmo que desejassem apenas chamar a atenção do pontífice para a necessidade de cumprir o prometido e de mudar o evidente, as acções deste não lhes deixaram alternativa senão o caminho do cisma[457]:

---

[456] Walter Ullmann, "Julius II and the Schismatic Cardinals" in *Schism, Heresy and Religious Protest*, Derek Baker (ed.), Cambridge, Cambridge University, 1972, pp. 177-193.

[457] Cf. Francis Oakley , "Christendom's Crisis: the Great Schism, the Conciliar Movement, and the Era of Councils from Pisa to Trent" in *The Conciliarist Tradition: Constitutionalism in the Catholic Church 1300-1870*, op. cit., pp. 20-59; Idem, *Council over Pope?: Towards a provisional ecclesiology*, op. cit.; Idem, *The Western Church in the Later Middle Ages*, New York, Cornell University Press, 1985, pp. 209-251.

> "Como o cardeal sam seuerino foi a bolonha por leguado E leuantou o antredito que o papa pos. Muito se afirmaua em Roma que o cardeal santacruz entrara em pauia electo papa, chamandosse andres primo. E de pauia mandou o cardeal sam seuerino a bolonha que estaua antredita como leguado seu ou do conçilio. como quer que seJa elle entrou na çidade com mais de quatro mil de caualo E foi Reçebido com paleo de brocado E hia deitandosse benção como o papa E seus legados fazem, E aleuantou as excomunhões E o antredito que o papa Jullio posera na çidade pollas cousas Ja ditas, Repicando sinos E dizendo missas. cheguado A porta da JgreJa maior com seus moços destribaria tomarom ho paleo pera si como os do Santo papa tem por custume [.] E dahi a poucos dias se foi pera pauia. E dahi por diante nam se guardou mais antredito em quanto se os cardeaes nam forom fugidos E depois a França."[458]

Em suma, neste quadro político tão intenso quanto dramático vivido pela cúria que, então, mais uma vez, assistia à aproximação da sombra da ruptura, *il papa terribile* revela de forma inequívoca como o pragmatismo e o eficaz manuseamento das redes de cumplicidade e poderes podem ser decisivos na resolução satisfatória de uma crise, por mais profunda e fracturante que seja (desde que não subestime o adversário, como fez Leão X com dramáticas consequências para o futuro da Cristandade em relação a Martinho Lutero).

Um derradeiro passo no texto do fidalgo que mostra o espírito irresoluto de Júlio II enquanto manifestação última de uma forma de actuar politicamente verifica-se nos dias que antecedem a sua morte:

> "as mascaras nam se deixaram de fazer com muita paz E assesseguo. na festa do campo naguão foram dezoito carros triunfaes. E antre as outras estorias foi Representado como os françeses foram lançados de italia. os meninos que caualguauão aquelle dia ao custume antiguo foram com mais ventaJem de vestidos E ornados de seda E pedras preçiosas que em nenhum outro dia que os visse em todo o tempo que em Roma estiue. E assi a Jente foi mais armada E de mui limpas armas. E os Romanos fizeram naquelle dia mui Rico cadafalso E assentos de suas pessoas em campo naguom. as diuisas E vestidos do senhor João Jorge çesarino alferez de Roma E as bandeiras de maiores despesas. CoReramse os paleos assi Ricos segundo comum ordenança. E os touros E caRetas de monte trastacho E todas aquellas acostumadas festas forão feitas com muitos comprimentos. E tudo foi mandado E ordenado pollo papa pera dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam cheguada, por que

[458] *MFC*, f. 145v e f. 146r.

> compria assi por bem dos grandes neguoçios [.] passado o dia dentruido em que se as derradeiras festas çelebram andados poucos dias da coresma, mostrando sua santidade sinaes de cristianissimo pontifico deu sua alma a deus. foi sepultado na JgreJa de sam pedro. com solennes exequias."[459]

Apesar de o fim se aproximar, o papa ordena que tudo se mantenha idêntico, ou seja, era crucial manter as aparências por necessidade política. Júlio II é, pois, um estadista até ao fim; mesmo que errado na maioria das suas opções, que acabaram por se revelar nefastas para a Cristandade, ele é um homem de poder pragmático e determinado. Ao tudo fazer para engrandecer a monarquia papal e reforçar o poder secular do Estado pontifício, este marcante pontífice revelou-se um débil condutor espiritual, o que trará no futuro consequências da mais alta importância para a História da Cristandade e da Europa.

Se, com Júlio II, o fidalgo já fazia anunciar a necessidade de uma urgente reflexão sobre a conduta da cúria e do papa, com Leão X esse "pressagiar" transforma-se num anúncio declarado de uma imperativa mudança. Com o papa Médici, o viajante flaviense dá a ver quer o esboroar das estruturas políticas da cúria, quer sobretudo o naufragar das suas fundações morais, ou seja, tudo o que está na base de boa parte do suporte ideológico da Reforma que estás prestes a ver a luz do dia.

Agora, o que o seu perspicaz olhar reflecte é a utilização da fé como instrumento de controlo político e como recurso para a satisfação das necessidades temporais do papado. Ou seja, para o fidalgo, com Leão X a fé divorcia-se da cúria enquanto instituição religiosa:

> "Das maneiras que o papa [Leão X] tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. E que poderia aver delles grande soma de dinheiro, os quaes são Ricos em demasia, prinçipalmente os que fugiram de castella que compraram E alcançaram muitos ofiçios apostolicos, E benefiçios em grande cantidade. çertamente muitas vezes ouvi dizer que tinha gibraleom mais de sessenta JgreJas curadas humas aneJas As outras, sendo sua estatua queimada em castela. E tinha muitos ofiçios apostolicos. muitos destes avia em grande maneira Ricos de ofiçios E benefiçios. quando elles viram a Jnquisição sobre si, a partido de

[459] *MFC*, f. 168r.

dinheiro, E sendo terçeiro antre elles o cardeal daraguão, afirmauasse que lhe fizeram por seu trabalho çincoenta mil cruzados nas mãos. E o papa ouve mui grande soma de dinheiro. tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello. muito se falou que se ordenaua de deitar dizima a toda a clerizia. E embaixadores dos Reis erão conuidados E Requeridos com doçes palauras E promessas pera escreuerem aos Reis fauoreçendo o deseJo do papa. E a mostra disto era querer armar contra os turcos, assi que todalas maneiras de aquirir Riquezas se prouaua. E assi como os de fora viam ser feitas estas cousas mui descubertas, descubertamente as praticauam nas praças."[460]

Este trágico processo começa logo pela elevação do cardeal Giovanni di Lorenzo de Médici ao pontificado. Com efeito, segundo o fidalgo, o processo de eleição de Leão X revela toda a forma vindoura de actuar, quer do ponto de vista político quer em termos religiosos, do futuro papa:

"Como o cardeal mediçis veo a Roma, E das maneiras que teue pera ser papa. Como o papa Jullio se finou sendo mediçis avisado se veo a Roma sem fazer detença como acustumam os que naquellas se querem fazer senhores per força, ou por mais çerto falar tiranos. ca Juntamente com senhorio alcançăo temor de ser mortos cada dia. cheguou a Roma quando se fazião as enxequias do papa que hee o tempo em que todolos cardeaes vaçilão E trabalhão por alcançar o summo pontificado. E nam faltam ali as manhas do gualeguo que prometia o masto de çera. tinha este cardeal[461] hum escudeiro chamado bernardo de bibiano homem sabido nas cousas do mundo [,] antremetido [.] graçioso E mui bom cortesão, o qual era mui conheçido de todolos cardeaes E senhores de Roma. este deitando dados no tauoleiro da fortuna, sendo o cardeal seu senhor abaixo de muitos cardeaes em Jdade, dinidade, Renda, E autoridade a cada hum dos quaes convinha com muita Rezão o sumo pontificado, tomou esta empresa. emquanto se acabaram as obsequias coRia os cardeaes pedindolhe suas vozes pera seu senhor ser papa, prometendo a cada hum dinheiros prelazias E vilas E herdades E o Regimento do pontificado dizendo que o cardeal era manso E mole E que Reçebendo delle tam grande benefiçio o guovernaria E despoeria delle E do pontificado A sua vontade. com estas E outras enguanosas palauras moueo assi os corações dos cardeaes mançebos, prinçipalmente ao cardeal daraguão que vinha da geração Real dos Reis de napole, scilicet, filho dum filho bastardo del Rei dom fernando, E o Reuerendisimo cardeal de sena, E o cardeal saule, E cornaro, E outros cardeaes diaconos cuJos nomes deixo por escusar proluxidade que deram suas vozes ao cardeal de mediçis. E cada hum esperando de ser o prinçipal guovernador como lhes era prometido. era tambem aJudado pollos embaixadores de castela por que elle mais que outro era deuedor E

[460] *MFC*, f. 219r.
[461] João de Médicis.

> em obriguação a el Rei dom fernando. E esperauasse que sendo papa nam desconheçeria o que el Rei por elle tinha feito, E contra todo mundo seria em ajuda E fauor de suas cousas. mas nam ho pos assi por obra."[462]

Através do retrato que constrói desta eleição, torna evidente toda a corrupção e *modus vivendi* questionável do ponto de vista moral e religioso que caracteriza a cúria de então – e da qual não está isento o cardeal Alfonso Petrucci, na medida em que, pertencendo ao grupos dos cardeais jovens, ou seja, dos que mais apoiaram a eleição de Leão X, estava expectante em relação a receber benefícios do próximo pontífice. Trata-se, pois, de uma eleição censurável que se apresenta como um espelho vivo do espírito que orientava as vontades e as acções dos mais elevados membros da hierarquia da Igreja católica no início do século XVI.

A descrição do conclave não podia, pois, ser mais esclarecedora em relação às intenções do futuro Leão X:

> "Da maneira do conclaui E como os cardeaes sam encerrados. (…) na capella pequena ouviam missa. na sala comiam E passeauam os cardeaes. nenhum delles pode ter consiguo senam hum soo seruidor. este escolhem dos mais priuados que tem. E o mais sabido, por que desque sam encerrados, creçendo o deseJo de alcançar tam altissima dinidade, creçem as diligencias, creçem as promessas de grandes prelazias E doutras merçes. ali vai bulir, tramar, huns com os outros. E mui Raras verdades pera aver mais vozes pera seus amiguos [.] E pera se Jsto bem fazer cumpre a cada hum ter consiguo pesoa que ho bem saiba ordir. a estes seruidores são conçedidas Reseruas que preçedem todalas outras. mas nenhum nam foi desta vez tam soliçito ou bem afortunado como o sobredito bernardo beuiano ao qual o cardeal de mediçis meteo consiguo no conclaui."[463]

Graças ao relato do fidalgo apercebemo-nos, pelo menos em parte, da forma singular e depreciativa como a Europa não italiana, e sobretudo não romana, olhava a sede da Cristandade e a sua conduta política, moral e espiritual.

[462] *MFC*, f. 170r.
[463] *MFC*, f. 170r e f. 170v.

Ainda no quadro da eleição do papa Médici e apesar de medidas apaziguadoras como a restituição dos cardeais cismáticos aos capelos[464], o fidalgo deixa antever as linhas condutoras da política pontifícia nos tempos próximos:

> "no mesmo dia que sahiram do conclaui, estando o cardeal de sena A mesa praticando na eleição com os criados que com elle estauamos, disse que fora eleição obrada pollo spiritu sancto aleuantando as mãos dando graças a deus por elle ser hum dos eleitores. E loguo alguns começaram de murmurar dizendo que aprouvesse a nosso senhor que lhe nam custasse caro a elle E a seu estado o que fizera. E que a sua alegria se nam convertesse em pezar. E todos sahiram verdadeiros profetas pollo que despois soçedeo. ca soo a voz do cardeal de sena que ouvera mais o fizera papa. diziam Jsto por que florença sempre antiguamente teuera guerra com sena. E sendo o papa florentim, bem era de presumir que avia de ter maneira como em seu tempo fosse sena subJeita a florença. E sendo Jsto assi, claro estaua que o cardeal E seus Jrmãos aviam de ser lançados E esbulhados de seus estados E do mando E guoverno que tinhão. alguns falauão nisto ao cardeal, mas tanto era o contentamento que tinha, que todas estas cousas lhe forão escuras." [465]

De tal forma, que, após afirmarem publicamente que não concordavam com a eleição efectuada e receando pelo seu próprio destino, os cardeais suíço e inglês decidiram deixar Roma. O segundo, contudo, já não conseguiu concretizar os seus intentos, pois foi assassinado com veneno. Um indício claro da tempestade que dentro poucos anos haveria de se abater sobre o sagrado colégio, que antes do pontificado de Leão X terminar ia conhecer uma das mais controversas e massivas eleições cardinalícias da história da Igreja católica[466]:

> "naquelle mesmo dia o cardeal soiço, disse publicamente que elle nam estaria mais em colegio que tal papa elegeram E di apoucos dias se foi de Roma pera sua terra. tambem o cardeal de Jnglaterra disse publicas

[464] "Como os cardeaes cismáticos forão Restituidos aos capelos. Os cardeaes que andauam em França priuados do papa Jullio foram Restituidos aos capelos E a voz actiua E passiua E a todas suas dinidades e benefiçios. mas alguns delles perderam muita Renda por que os que tinham seus benefiçios erão pessoas de cuJas mãos se nam poderam mais tirar. como o bispado de çiguença que era do cardeal santa cruz, que ouve o senhor dom fadrique. são seuerino E sancta cruz se vieram a Roma loguo. baus, E saniabo nunca mais por que tinhão suas Rendas em França. E nam perderam nada dellas, por serem françeses. cosença morreo no tempo da çisma como dito hee." in *MFC*, f. 173r e f. 173v.

[465] *MFC*, f. 171v.

[466] Cf. Massimo Firpo, "O Cardeal" in *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 59-98.

> Reprensões desta enleição mas nam se pode hir como se foi o soiço, por que lhe atalharam com peçonha que lhe deu hum seu camareiro." [467]

Com Leão X, tal como havia acontecido com Júlio II, é a instituição religiosa que se transforma num instrumento para a prática da política de matriz secular. A diferença estará talvez no facto de este ser mais brutal e directo, logo menos disfarçado nos objectivos, ao passo que o papa Médici revela ser mais ardiloso e dissimulado na prática política e na prossecução dos seus interesses, que tanto passam pela elevação do Estado Pontíficio enquanto potência secular, como pela elevação da sua Casa de origem: os Médici[468]. Porventura, a anexação da República de Siena constitui o exemplo maior desta dualidade de objectivos e desta forma de actuar mais falaciosa e velada do novo papa:

> "Como os florentins procuraram de furtar sena. E a causa por que. Sena E florença são vezinhas dez leguoas huma çidade da outra E partem seus termos. ambas são mui prosperas E populosas çidades E de antiguo teueram estas senhorias guerra huma com a outra. E todalas vezes que vinhão As mãos em batalha, os seneses forão vençedores. E por esta tam velha Reixa antre elles avia grande odio moormente antre seus duques. ca huns E outros deseJão tiranizar. tanto que os florentins viram o seu duque papa, poseram em obra de furtar sena per huma enguanosa maneira. (…) dia de sam João fazem em florença grande festa pera a qual convidaram o cardeal E seu Jrmão burges. E o cardeal nom tendo sospeita da treição E deseJando de os aprazer em todalas cousas, se foi de Roma pera sena. erão os prinçipaes desta trama o manifico Juliam Jrmão do papa E o manifo Lourenço seu sobrinho, E o cardeal çibo, E o cardeal santa maria Jnportiguo, E luis da Roxas E outros parentes do papa. os quaes vinhão de Roma a esta festa de dous em dous. E hiam por sena pousar com o cardeall E com seus Jrmãos os quaes larguamente despendiam com elles em os aguasalhar. cheguandosse o dia de são João, o cardeal E seu Jrmão se foram pera florença. E estando no feruor das festas que se faziam aquelle dia cheguoulhes noua como seus amiguos eram entrados em sena E se aleuantauam com a çidade [,] pollo qual burges se partio a grão pressa com os que consiguo pode leuar E coReo tanto pollas postas que em poucas oras cheguou a sena E achou muita Jente do pouo na praça. E o capitão pouco entesta que era o capitão da senhoria de que pandolfo E os filhos muito confiauão o qual Resistia aos contrairos com a Jente da guarda que era da mais escolhida de Jtalia. E posto que o manifico burges se mostrou,

[467] *MFC*, f. 171v.
[468] Cf. Maurizio Gattoni, *Leone X e la geo-politica dello stato pontifico (1513–1521)*, Città del Vaticano, Archivio Segreto Vaticano, 2000; Paolo Prodi, *Il sovrano pontefice. Un corpo e due anime: la monarchia papale nella prima età moderna*, Bologna, Il Mulino, 2006; Nelson Hubert Minnich, "Leo X" in *Europe 1450 to 1789: Encyclopedia of the Early Modern World*, Jonathan Dewald (ed.), vol. III, *op. cit*., pp. 480-482.

> nam faziam delle menção [.] estando as cousas nesta balança cheguou o cardeal ao quall todo o pouo se entreguou por que era de todos muito amado. vinhão com elle os mesmos florentins que quando viram sua entenção baldia, faziam feros E ofereçiam suas pessoas ao seruiço do cardeal, E de seu Jrmão. nom se fez este cometimento assi encuberto que o elles nam entendessem bem claro E faziam mostrança do contrairo. E huns E os outros encobriam seus pensamentos. esta foi a primeira leuada que o papa E seu Jrmão E Jrmãos E parentes fizeram contra o cardeal."[469];

> "Dos agrauos E desfauores que o papa fazia ao cardeal de sena. Nom consentio a maliçia E desordenada cobiça dos florentins que longuo tempo se dissimulasse o proposito que tinham de destrohir ao cardeal de sena E a seu Jrmão."[470]

Como iremos verificar mais adiante, o nepotismo e o estabelecimento de uma poderosa rede clientelar foram as chaves para o controlo da cúria por Leão X. Por outro lado, as alianças matrimoniais revelaram-se uma importante via para a consolidação do poder da sua Casa. O casamento por si arquitectado entre Juliano II de Médici ("o manifico Juliam"), seu irmão, com a princesa Felisberta de Sabóia (1498-1524) – "Jrmãa do duque de saboya" –, ocorrido a 22 de Fevereiro de 1515 na corte de França, é um notável exemplo da sua estratégia matrimonial como ponte para o poder da sua Casa:

> "Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya. Tratauasse do manifico Julião com a Jrmãa do duque de saboya. E muito se afirmaua que o papa [Leão X] dera ao duque em partido duzentos mil cruzados pera desempenhar hum estado que por aquelle dinheiro tinha apenhado. E emquanto os tratos andauam no terçeiro ano de seu pontificado em dia de são pero que foi na era de 1515 foi dado na JgreJa de sam pero o bastão de capitão da JgreJa ao dito manifico Juliam dizendosse missa papal, a qual foi cometida ao cardeal sam Jorge. E elle em presença de todolos cardeaes lhe deu ho bastão."[471]

O filho de Lourenço, *o Magnífico* inscreve, pois, tal como o seu antecessor, e antes dele, com particular relevância, Alexandre VI, a sua acção política no campo do absoluto pragmatismo: a realidade tem de ser enfrentada com determinação. Esse é o caminho seguro para o sucesso perante a inconstância das coisas do mundo. Se para tal

[469] *MFC*, f. 176r.
[470] *MFC*, f. 176v.
[471] *MFC*, f. 203v.

for necessário faz-se recurso da falta de lealdade para com quem em tempos nos prestou auxílio, bem como de eficazes "manhas nom liçitas"[472], como acontece no quadro da primeira e segunda guerras de Urbino entre o papa e Francesco Maria (I) della Rovere:

> "Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado. Perdida a lembrança dos sobreditos beneficios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado. ca deixando o duque dorbino todalas outras vilas E castelos nas mãos dos Jmiguos se Retraheo com sua molher E filhos E com toda a mais Roupa que pode leuar a pesaro que hee çidade forte E das prinçipaes de seu senhorio. E hee porto de mar. E vendo que nam estaua ali seguro se foi em gualees pera mantua onde seu sogro estaua com a marqueza sua molher que tam festeJada fora em Roma [.] E sendo o manifico Lourenço apoderado de toda a terra do duque, se tornou pera Roma chamandosse duque dorbino, E tanto ensoberueçido desta vitoria, E cheo de vãa esperança doutros estados que disse hum dia em pubrico ao seu comprador que despendesse larguamente que antes de oito meses passarem, esperaua ter oitoçentos mil ducados de Renda. diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole."[473];

> "tanta Jente perdeo o papa [na segunda guerra de urbino contra Francesco Maria (I) della Rovere] E em tal estremo se vio o leguado que foi forçado as forcas (sic)[474] da guerra mudarense em partidos E manhas nom liçitas, os quaes tratos se começaram a fazer com o embaixador de castela Jeronimo bique prometendolhe o papa que lhe faria hum Jrmão cardeal com tanto que elle fizesse que os espanhoes que erão com françisco maria ho deixassem. açeitando o embaixador este partido pera mais breue espedição de seus neguoçios contrataua com alguns dos capitães espanhoes que dessem françisco maria nas mãos do papa"[475];

> "Como françisco maria seguindo sua ventura foi assentar seu exerçito nos confins de sena E frorença. E da maneira que o papa teue pera se os espanhoes apartar delle. Era tam avante françisco maria com suas vitorias que depois de cobrado seu estado se veo assentar nos confins de sena E de frorença com entenção de meter huma destas çidades a saco por que ambas estauam da mão do papa com senhos cardeaes leguados dentro. (…) E vendosse o papa em tal estremo, sendo mosembique medianeiro, acabou

[472] *MFC*, f. 217v.
[473] *MFC*, f. 209r.
[474] Leia-se *as forças.*
[475] *MFC*, f. 217v.

com el Rei carlo que mandasse sob grandes penas aos espanhoes que erão com o duque que se fossem pera o Reino de napole. ca ao tempo de minha partida ficauão em Roma dous capitães espanhoes que vieram per mandado do embaixador sob cor de tratar pazes antre o papa E o duque. E foy a fim destes neguoçios que os espanhoes per espeçial mandado del Rei carlo se foram pera o Reino de napole. E por estas cousas mal E deslealmente feitas alcançou mosembique que seu Jrmão fosse cardeal."[476]

Perante a *verità effetuale* da política italiana e europeia, o líder espiritual da Cristandade não hesita em passar por cima dos princípios ético-religiosos inerentes ao seu cargo e avança de forma decidida em direcção aos seus interesses de poder. A violência, a traição e as *cousas mal E deslealmente feitas* tornam-se, neste quadro, meros instrumentos da acção política, justificando-se por isso o seu uso. Por sua vez, as alianças políticas inscrevem-se também neste estado de coisas: como já referimos, segundo o fidalgo de Chaves, antes do confronto armado de Marignan o papa apoiava a causa do duque de Milão contra Francisco I de França. Após a derrota nesta batalha, o pontífice reúne-se em Bolonha com o soberano e acorda a anexação de Siena e a invasão do ducado de Urbino. Pelo meio sobressai a traição da cúria para com o dito ducado:

"Da causa por que o duque E soiços nam foram aJudados dos exerçitos do papa E del Rey de castella. Aguora direi a Vossa Jlustrissima Senhoria a Rezão por que o duque nam foi aJudado E socorrido dos exerçitos do papa E del Rei dom fernando. tinha o duque feito ligua com o papa, el Rei de castela E com os soiços. E tanto que a noua foi çerta que el Rei de França passaua a Jtalia, os soiços moueram de sua terra como hee dito em aJuda do duque, E o viso Rei se partio de napole, E o manifico Lourenço capitão da JgreJa com a Jente do papa que era muita. E estes exerçitos que assi hião em aJuda do duque de milão eram acordados de se aJuntarem com elle a çerto dia, E Juntos dar batalha a el Rei de França. mas Jndo o viso Rei a via de milão, E Jsso mesmo a Jente do papa, a poucas milhas huns dos outros, desque entraram em lombardia tendo os espanhoes feita huma ponte de madeira E barcas no Rio do poo, foy tomado hum correo que hia pera el Rei de França com cartas do manifico Lourenço capitão da JgreJa dandolhe aviso do dia em que os espanhoes aviam de passar o dito Rio, que entonçes seria tempo pera vir dar nelles. E que elle faria ho mesmo. E que tendo os espanhoes mortos E desbaratados, hiriam fazer ho mesmo aos soiços, E tomariam ho duque As mãos. o viso Rei vendo estas cartas, temeo E nam quis passar o Rio, E mandou cortar a ponte. E em quanto se Jsto passaua se deu a batalha. E por esta maldade se nam acharam nella os dous exerçitos E o duque foi perdido. E assi sem fazer nada se tornaram

[476] *MFC*, f. 227r e f. 227v.

> atras. o viso Rei pera napole E o manifico Lourenço pera Roma. E disto ser assi, E o papa ser franças, o vimos nas cousas que se loguo seguiram. em quanto o exerçito do viso Rei hia pera napole polla marca dancona, foi o viso Rei a Roma com poucos companheiros. E viosse com o papa em secreto. sua estada em Roma foram tres dias andando vendo a çidade Rebuçado em ancas doutro, mui tachado dos seus por nam castiguar a traição cometida contra elle [.] ca seus capitães lhe diziam que deesse na Jente do papa, E fizesse delles o que delles tinham ordenado por que ho poderiam fazer mui a sua honrra. E despois hir aJudar ao duque [.] E disto vi eu queixar muito a gonçalo barreto que veo com elle a Roma, E se achara presente a todo o sobredito."[477];

Se Leão X materializa aqui de forma exemplar os princípios que encontraremos em Maquiavel, mais o faz em relação ao pensamento do igualmente florentino Francesco Guicciardini. Com efeito, o papa seu conterrâneo subordina a teologia à política e não o contrário. É a realidade do quotidiano de governação que dita o rumo político a seguir, independentemente de envolver o recurso à violência, ao logro e à falsidade ou não. É o momento em que a cúria se submete à razão política, isenta de moralidade ou quaisquer valores espirituais. As relações políticas de Leão X são, por isso, puras relações de poder, fundamentadas numa visão pragmática e instrumental da prática governativa.

O mesmo sucede em relação à suposta conjura de que o papa foi alvo e da qual o cardeal Alfonso Petrucci terá sido o grande arquitecto – neste processo é de salientar que a visão do autor em relação a Leão X nem sempre é isenta, pois este perseguiu intensamente o cardeal Alfonso Petrucci, seu protector e amigo durante a grande maioria do tempo que esteve em Roma. Independentemente do facto de ter existido ou não um acto conspirativo contra o pontífice, o facto é que ele aproveita a conjuntura para eliminar todo um conjunto de inimigos políticos, fazendo em simultâneo ingressar no sacro colégio 31 novos cardeais cujas contribuições financeiras vieram aliviar de forma importante as dificuldades que a cúria enfrentava devido à *segunda guerra dorbino*:

> "Como se o papa sentia afligido por suas cousas nom serem prosperas. Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa era mui afligido polla

[477] *MFC*, f. 210v e f. 211r.

muita Jente que se perdera de seu exerçito E polla grande soma de dinheiro que guastaua. E sobretudo ser françisco maria senhor do campo"[478];

"Como o papa mandou proçeder contra os cardeaes. E como foram condenados E priuados das dinidades, E de quanto tinhão. Loguo o papa mandou a hum bispo que então era guovernador de Roma de nação piamontes E mui prudente que fosse examinar os cardeaes presos. este bispo avia poucos dias que fizera Jmprimir hum tratado que composera de amiçiçia E Justiça. E pareçendolhe contrairo o que lhe Sua Santidade mandaua fazer ao que tinha escrito, Renunçiou o ofiçio, E espediosse do papa, E partiosse pera sua terra sem mais esperar dizendo que elle nam açertara o ofiçio pera nam fazer Justiça que bem sabia que os cardeaes erão presos contra Rezão. ficou em seu luguar hum Jtaliano que era seu ouvidor E loguo tenente. homem Jnteressal, cruel, E de maos Respeitos. a este foi dado carguo do exame dos Reuerendissimos cardeaes o qual os ameaçou com tormentos cheguando com elles a estremo de lhe atar as mãos atras pera lhes dar tratos de corda. E dissesse que cada hum delles vendo sua pessoa posta em tal estremo, prinçipalmente o cardeal de sena disseram aos que os queriam atormentar que nom curassem de lhes dar tormento que escreuessem o que quisessem que elles assinariam todo por que nam erão homens a que se desse tormento que Jnda que nam confessassem ouvessem de soltar. erão presentes com o loguo tenente do guovernador neste exame o fiscal E dous notairos E outros. tanto que os proçessos foram feitos, E assinados mandou o papa Jntimar consistorio pubrico huma segunda feira vespera da vespera de sam João bautista no qual foram sentençiados despostos E priuados dos capelos E dinidades de cardeaes E de todos seus benefiçios E perlazias, ficando leiguos absolutamente condenados a pena capital, dizendo que aviam conspirado conta o summo pontifiçe."[479];

Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes E do que se dizia E fazia per Roma. A sesta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, antre os quaes foi criado cardeal o Jfante dom afonso filho legitimo del Rei dom manuel primeiro deste nome Rei de portugual. antre os outros nomearei alguns. (…) o senhor franchote Vrsino. dos coluneses o bispo Jrmão do prospero coluna, E o bispo de lauala sobrinho, o sobrinho do senhor sam Jorge çesarino alferez de Roma. os mais destes E dos outros cardeaes que nam nomeo compraram os capelos por grande numero de cruzados que se despenderam em breues dias na guerra dorbino."[480];

Como o papa pedia L^{ta} mil cruzados pollo cardeal saule. E de sua morte. Em quanto as sobreditas cousas passauam, avia tratos antre os Jrmãos do

[478] *MFC*, f. 218r.
[479] *MFC*, f. 223v.
[480] *MFC*, f. 224r.

> cardeal saule, E o papa. pedia Sua Santidade pollo soltar E o Restituir ao capello E Rendas çincoenta mil cruzados."[481]

> "Do grande Resguate do cardeal são Jorge, E de sua morte. Por ser o cardeal são Jorge grande senhor E mui Rico foi depositada E conseruada sua vida naquelles dias, por que se esperaua aver delle mui grande Resguate. (…) Requereo ao papa a Restituição de são Jorge a seu pristino estado. E Sua Santidade ho fez assi, com tanto que paguasse çento E çincoenta mil cruzados, os quaes lhe foram emprestados. E paguou loguo. E que desse fiança de duzentos mil cruzados a nom sahir da çidade ou villa que lhe dessem por prisão. E que nam tiuesse voz em consistorio autiua nem passiua. E com estas condições foi Restituido ao capelo E a sua Renda. E da prata E do que lhe tomaram de sua casa nunca mais ouve nada. tomaramlhe as tres frontanas que são Junto de Roma, E Rendem tres mil cruzados. E com esta abadia lhe tomaram outras de mui bõa Renda. assi que nos benefiçios E na fazenda nam lhe deram nenhum perdão." [482]

Diversos outros exemplos existem nas *MFC* que dão conta da forma absolutamente pragmática como Leão X enfrenta o explosivo cenário político italiano de então. Em nossa consideração, as palavras proferidas pelo fidalgo após a apresentação da missiva enviada pelo pontífice ao rei D. Manuel são esclarecedoras do fio condutor que atravessa todo o seu pontificado no que respeita à política e à economia – já que a nível cultural e artístico Leão X e o seu programa de mecenato tornaram-se verdadeiros ícones do triunfo do Renascimento:

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio. em estado Renda E autoridade. E ser priuados dos capelos Rendas E dinidades E com muita desonrraençerrados no castelo de santangelo cada hum apartado per si em asperas prisões. E despois esbulhados de todos

[481] *MFC*, f. 225r.
[482] *MFC*, f. 225r e f. 225v.

> seus tesouros. E em fim foram mortos per secretas maneiras. as quaes cousas contarei em breue E o mais decraradamente que poder."[483]

Fundamental é reter que a leitura que o fidalgo faz de ambos os papas e da cúria que lideraram durante os seus pontificados aponta sobretudo para um desempenho predominantemente temporal e secular. Nessa medida, Júlio II e Leão X apresentam-se no relato destinado ao 4º duque de Bragança como genuínos "soberanos pontífices", se tomarmos aqui a sugestiva concepção de Paolo Prodi em obra recentemente publicada[484]. Apesar de todas as vicissitudes, a sua acção governativa, ainda que por vias e com formas de expressão bem diferentes, apontou para a prossecução do mesmo objectivo: a centralização (interna), a expansão territorial (externa) e a consolidação do poder papal enquanto "monarquia" em claro detrimento do conciliarismo. E ambos foram resolutos nos seus intentos:

> "Como el Rei de França procuraua paz E o papa lhe pedia os cardeaes, E nam se conçertaram. E como moReo o cardeal cosença. El Rei de França quisera paz com o papa [Júlio II]. E Sua Santidade lhe metia no contrato que lhe entreguasse em suas mãos os cardeaes çismaticos pera fazer delles sua vontade, prinçipalmente santa cruz de que estaua mais escandalizado polla muita honrra E merçe que lhe sempre fizera. el Rei nam consentio nesta semelhante paz. a desavença ficou antre elles como dantes atee morte dambos"[485].

b) Nepotismo e clientelismo *ou* a fraqueza das instituições curiais

Ambos os pontificados registam casos evidentes de nepotismo e clientelismo, prática corrente e tacitamente aceite à época[486]. Júlio II não esteve isento da tentação papal de nepotismo, mas fizera-o de forma bem mais comedida do que o seu sucessor e apontando sempre para o objectivo final do engrandecimento da Igreja romana e não tanto da sua Casa familiar de origem. Ouçamos, de novo, a apreciação do fidalgo de Chaves:

---

[483] *MFC*, f. 176r.
[484] Cf. Paolo Prodi, *Il sovrano pontefice. Un corpo e due anime: la monarchia papale nella prima età moderna*, op. cit..
[485] *MFC*, f. 165v.
[486] Cf. Sandro Carocci, *Il nepotismo nel Medioevo: papi, cardinali e famiglie nobili*, Roma, Viella, 1999.

> "fez Jullio alguns parentes cardeaes, scilicet, o primeiro seu sobrinho que era titolo são pero avincula viçechançiler. deste se dizia que era mançebo singular, E de tal engenho que mandaua ho papa E toda a corte. E moRendo de febres querendo o papa dar as suas dinidades a outro seu Jrmão de mui Rustico Juizo E custumes, mandou perguntar ao cardeal de portugual que lhe pareçia disso. o cardeal lhe Respondeo que os vilãos de sua terra se perdem a faca da bainha andando na arada metenlhe outra de pao por que senam seque [.] o papa tomou seu conselho E deulho mesmo titolo de cardeal E de chançelaria. fez Jsso mesmo cardeal asincrisis que per morte do cardeal borJa ouve a penitençiaria. este tinha assinatura da Justiça. quando o papa era Jdo As guerras elle ficaua por leguado em Roma. era homem antre todolos do colegio exçelente em todalas suas maneiras E custumes. amador da Justiça, E da honestidade E Religião da JgreJa. com estes fez outros cardeaes dos quaes forão dous seus camareiros, scilicet, sam clemente que moReo de febres quando eu cheguei a Roma, E o cardeal pauia que matou o duque dorbino."[487]

Isto torna-se claro, sobretudo, nos derradeiros dias do *papa guerreiro*:

> "em sua doença lhe foi muitas vezes Requerido pollos cardeaes que partisse das terras da JgreJa E de seus tesouros com alguns seus parentes. E nunca ho a Jsso poderam mouer. E sendo todauia Jmportunado do sacro colegio que deesse ao senhor nicolao capitão prinçipal da sua guarda (marido de madoma laura a mais fermosa molher que naquelle tempo avia em Jtalia) natural Romano hua pequena villa, nam no quis fazer dizendo aos cardeaes que elles lha podiam dar se quisessem. os quaes se aJuntaram E lha deram por ser mais acheguado parente do papa, E pesoa que todo acreçentamento mereçia. diziasse que per consentimento do colegio dera em dinheyro trinta mil cruzados a çertos parentes, scilicet, dez mil ao senhor João Jordão casado com sua filha. E a bertolameu dela Rua seu sobrinho filho de seu Jrmão, dez mil. E os outros dez mil Repartio per outros [.] E das terras da JgreJa nunca quis dar cousa alguma. E Jsto se fez durando sua doença."[488]

Por outras palavras, o que torna o pontificado de Leão X gravosamente diferente nesta matéria são os termos em que tal processo ocorre e a sua monumental dimensão, que chega ao ponto de surpreender os seus contemporâneos habituados a tal prática no seio da cúria. Logo após a sua ascensão ao pontificado Leão X demonstra, como faz ver o fidalgo, o peso que a simonia e o nepotismo terão na prossecução da sua política à frente da cúria:

[487] *MFC*, f. 168v.
[488] *MFC*, f. 168r.

> "era mediçis neste tempo de corenta E dous anos. desta eleição teueram geralmente todolos sisudos descontentamento por que Alem de ser mui mançebo era florentim que hee nação sobre todalas outras mais cobiçosa E acquiridora de Riquezas. tinha hum soo Jrmão E muitas Jrmãs, sobrinhos E parentes mais que outro nenhum cardeal. a qual cousa hee mui grande dano a todo pontifiçe, pois hee forçado que o patrimonio da JgreJa se destribua por elles fazendo os de pobres E neçessitados grandes senhores, como mal pecado se aguora custuma. a qual cousa se nam pode fazer sem tomar os senhorios alheos E vender as dinidades E perlazias E os ofiçios apostolicos pera suprir os guastos de grandes estados a que se aleuantam, como este papa liam fez, que a seu Jrmão que era hum pobre escudeiro do duque dorbino fez çidadão de Roma E capitão da JgreJa E o casou com a Jrmã do duque de saboia, o qual casamento lhe custou muitos milhares de cruzados. E segundo se afirmaua passaram de duzentos mil. fez loguo quatro parentes cardeaes. trouxe as Jrmãs E os maridos a Roma. a todos deu grandes casas E mantinha seus estados com grandes despesas. E por que a Jnsinia dos françeses hee hum lião se fez chamar lião deçimo."[489]

Neste pequeno extracto identificamos posições de relevo, no campo honorífico ou administrativo, atribuídas pelo papa a membros da própria família independentemente do seu mérito pessoal, ou seja, trata-se apenas de mero favoritismo e preferência pessoal fundada nos laços de amizade ou nas relações de parentesco. O mais curioso é a forma como à época tal prática está implantada em Roma, pois de outra forma o facto de o papa ter ou não uma larga família seria irrelevante: "tinha hum soo Jrmão E muitas Jrmãs, sobrinhos E parentes mais que outro nenhum cardeal. a qual cousa hee mui grande dano a todo pontifiçe, pois hee forçado que o patrimonio da JgreJa se destribua por elles fazendo os de pobres E neçessitados grandes senhores, como mal pecado se aguora custuma". Torna-se, pois, compreensível que o pontificado do papa Médici constituísse um verdadeiro paradigma de parentalização da cúria nos alvores de Quinhentos.

Identificamos, igualmente, o fenómeno da simonia, isto é, da venda de bens espirituais ou de objectos estreitamente ligados a um benefício espiritual: "vender as dinidades E perlazias E os ofiçios apostolicos pera suprir os guastos de grandes estados a que se aleuantam, como este papa liam fez".

Tudo isto tendo por pano de fundo o estabelecimento, por Leão X, de uma verdadeira rede clientelar, rede de poder fundada nos laços familiares e de amizade

[489] *MFC*, f. 171r.

pessoal, materializada numa considerável margem de mobilidade social vertical no sistema hierárquico da cúria romana. É, pois, inequívoco o papel das relações de parentesco na estruturação do poder papal e curial no pontificado de Leão X. Tal fenómeno, pela dimensão que envolve, mostra como a cúria era um lugar institucional de promoção ou consolidação do poder, quer através dispositivos formais quer mediante o recurso a práticas informais inerentes à própria organização do poder papal[490].

Decorrente de todo este vasto processo de nepotismo, clientelismo e até simonia, eleva-se como primordial e trágica consequência uma corrupção estruturante e transversal a toda a hierarquia curial: pouco tempo depois da sua eleição, Leão X eleva o primo Giulio di Giuliano de Médici (1478-1534; futuro papa Clemente VII, eleito em 1523), mas tendo para tal sido necessário preceder a promoção de um acto de perjúrio, dado que Giulio era filho ilegítimo – para ultrapassar o obstáculo canónico foi elaborada uma declaração ratificada em consistório público, e assim tornada oficial, na qual se afirmava que os pais eram efectivamente unidos pelo santo matrimónio[491]:

> "a todos aquelles cardeaes que o elegeram nam neguaua cousa que lhe pedissem. a todos fez palatinos, E deu pousadas no sacro palaçio. sobre todos era priuado o ca[r]deal daraguão que absolutamente se tinha por guovernador seu. Repartio com elles seus beneficios E outras cousas que tinha da JgreJa. ao cardeal de sena deu a vila de bolsena que era sua E a Jurdição da via de populo que hee hum dos melhores de Roma E tomoulhe çertos criados no conto dos quaes eu entrei. mas nenhum dos outros nem eu nom quisemos deixar ho seruiço do cardeal vendo que o seu paço E tenello era mui A frorentina. em prinçipio de seu pontificado criou quatro cardeaes, scilicet, o sobredito bernardo de beuiano E deulhe titolo de sancta maria Jn portiguo. fez Jsso mesmo Lourenço puçio que era datario E florentim mui exçelente abreuiador do titolo de santi quatro. E Jnoçençio çibo filho de madalena sua Jrmãa do titolo de sancta maria Jn dominican. E mediçis seu primo con Jrmão filho de seu primo pero de mediçis o qual eu bem conheçi hum bem pobre escudeiro com o abito de são João con L^{ta} ou lx ducados de Renda. E sempre andaua soo. homem carreguado E sem alegria E astuto E mui sabido nas cousas do mundo como despois o amostrou por esperiençia. E bastardo segundo se afirmaua filho de molher casada florentina o qual era gerado tendo ella o marido viuo. mas laa vão leis (?). quis o papa que fosse de legitimo matrimonio E por tal foi aprouado em consistorio publico. a primeira dinidade que ouve foi o arçebispado de florença. E loguo sobio a cardeal, subio a tanta priuança que guovernaua Roma. E nas cousas do papado, a sua voz era do papa, E a

[490] Cf. Gianvittorio Signorotto, Maria Antonietta Visceglia (a cura di), *La corte di Roma tra Cinque e Seicento teatro della politica europea*, Roma, Bulzoni, 1998.
[491] Cf. Eric Russel Chamberlain, *Papas Perversos*, Lisboa, Edições 70, 2005, pp. 215-243.

> do papa sua. era cousa de marauillar ver em tam breue tempo fortuna de muitos assi mudada. os que guovernauam o papa Jullio E mandauam toda a corte Romana sendo de todos adorados, erão sometidos couardes E sem nenhum acatamento. E aquelles de quem nenhuma menção se dantes fazia tão aleuantados em grandezas que se desconheciam. E erão ensoberbeçidos E sem lembrança da pobreza E miserauel vida passada."[492]

A cúria do Renascimento, em particular sob os pontificados de Júlio II e Leão X é uma estrutura em movimento, dinâmica por si mesma, na medida em que os vigários de Cristo revelam no seu percurso objectivos e condutas diversificadas que visam sempre o contínuo acrescentamento de poder do Estado Pontifico (e da Casa Médici no caso de Leão X). Para tal criam cenários *per se* geradores desse acrescentamento ou aproveitam da maneira mais pragmática possível as conjunturas existentes que para tal apontam:

> "Como os florentins procuraram de furtar sena. E a causa por que. Sena E florença são vezinhas dez leguoas huma çidade da outra E partem seus termos. ambas são mui prosperas E populosas çidades E de antiguo teueram estas senhorias guerra huma com a outra. E todalas vezes que vinhão As mãos em batalha, os seneses forão vençedores. E por esta tam velha Reixa antre elles avia grande odio moormente antre seus duques. ca huns E outros deseJão tiranizar. tanto que os florentins viram o seu duque papa, poseram em obra de furtar sena per huma enguanosa maneira. (…) dia de sam João fazem em florença grande festa pera a qual convidaram o cardeal E seu Jrmão burges. E o cardeal nom tendo sospeita da treição E deseJando de os aprazer em todalas cousas, se foi de Roma pera sena. erão os prinçipaes desta trama o manifico Juliam Jrmão do papa E o manifo Lourenço seu sobrinho, E o cardeal çibo, E o cardeal santa maria Jnportiguo, E luis da Roxas E outros parentes do papa. os quaes vinhão de Roma a esta festa de dous em dous. E hiam por sena pousar com o cardeall E com seus Jrmãos os quaes larguamente despendiam com eles"[493].

A corte romana era a casa do bispo de Roma, a corte cerimonial de um governante supremo e o centro de governo da Igreja universal e do Estado papal. Nesta medida tinha a sua própria burocracia interna (chanceler, secretários, etc.) e externa (como os legados e os núncios), ambas dotadas de uma singular complexidade. A seguinte passagem do texto do fidalgo evidencia o importante papel de construtor desempenhado por Júlio II:

[492] *MFC*, f. 172r.
[493] *MFC*, f. 176r.

> "em Roma [o papa Júlio II] fazia huns grandissimos paços pera se apousentarem nelles todolos ofiçiaes da curia Romana, scilicet, guovernador, auditor da camara, auditores da Rota, Regente com todos seus notairos E ofiçiaes, pera que os neguoçeantes nam padeçessem tanto detrimento em suas demandas E despachos como aguora se faz. ca polla çidade ser grande E os ofiçiaes espalhados nom podem sem grandissimo trabalho suprir a Requerer sua Justiça, assi no Jnuerno que são os dias pequenos, como nos grandes que são de mortaes calmas que os mata fazendo exerçicio mais do que Roma Requere."[494]

Tal organização constituía um imenso leque de oportunidades de carreira e de ascensão social, sobretudo para os membros das mais destacadas famílias romanas. Estas, como os Orsini e os Colonna, ao verem elementos da sua casa serem, por exemplo, nomeados cardeais, aproximavam-se de forma decisiva do centro decisório e logo da grande fonte de poder:

> "A sesta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, antre os quaes foi criado cardeal (…) o senhor franchote Vrsino. dos coluneses o bispo Jrmão do prospero coluna, E o bispo de lauala sobrinho"[495].

Mas é aos parentes que Leão X reserva a maior parte dos benefícios, inclusive mediante o retirar de privilégios a outros prelados:

> "que o papa lhe mandasse [ao cardeal Alfonso petrucci] pedir o Jardim emprestado por quinze dias pera se nele apousentar frachote seu parente que despois fez cardeal, ho qual nunca mais tornou a cobrar em todo tempo de sua vida que foi despois disto quatro anos. atras disto nom passaram muitos dias que lhe mandou tambem pedir Sua Santidade a pousada que lhe dera no sacro palaçio Jsso mesmo emprestada pera miçer siluio seu parente E criado que entonçes fizera datario. E o cardeal soltoua da maneira do Jardim com a dissimulação que o tempo Requeria. Ja neste tempo a priuança destes senhores hia muito diminuindo. E araguão nam tinha tanta confiança no Regimento do papado. E Reçebia E dissimulaua muitos descontentamentos que lhe erão feitos de Rostro. por que tanto que os florentins encaixaram no guoverno nom consentiram outros diante si. dera o papa ao cardeal daraguão humas Reaes casas no burguo, na Rua dos martires [,] as quaes lhe mandou tambem pedir pera o manifico Lourenço

[494] *MFC*, f. 169r.
[495] *MFC*, f. 224r.

> seu sobrinho. E o cardeal se rio delles e nam lhas quis dar. muitas cousas desta calidade se cometiam E faziam em que mostrauam claro o pouco aguardeçimento de tam grande benefiçio."[496];

> "Do que se dizia per Roma açerqua da priuação E destroição dos tres cardeaes. A Rezão que se dizia por que o papa destrohio estes tres cardeaes Jaa tenho dito, porem outra vez diguo que quanto ao de sena foi com desordenada cobiça de aver pera sy, ou pera algum seu parente, prinçipalmente o manifico Lourenço o estado da senhoria de sena, E vinguar a antigua Jmizade que antre os frorentinos E os seneses avia. (…)"[497].

O que coloca, por exemplo, em causa a transparência do processo contra os protagonistas da conjura de 1517, que surge, afinal, como o "canto do cisne" em termos de reacção do sacro colégio à autoridade suprema do poder papal:

> "Por ser o cardeal são Jorge grande senhor E mui Rico foi depositada E conseruada sua vida naquelles dias, por que se esperaua aver delle mui grande Resguate. alguns diziam que todauia moRera se nam fora a diuisão que a desordenada cobiça de lhe averem as casas E o ofiçio de camaralenguo causara antre mediçis, E madoma madalena mãj de çibo E Jrmãa do papa. E que o cardeal mediçis Requereo por elle, por que sendo morto esperaua aver as suas casas que são das boas que se sabem aver na cristandade E tambem o ofiçio de camaralenguo ho estoruaua [.] madoma madalena que tinha o mesmo Requerimento pera seu filho o cardeal çibo E sendo mediçis descontente disto vendo que lhe nam era conçedido, por que çibo ficasse valdio [,] Requereo ao papa a Restituição de são Jorge a seu pristino estado. E Sua Santidade ho fez assi (…) E per sua morte ouve todavia mediçis suas casas E o ofiçio de camaralenguo que hee o maior de todolos de curia Romana."[498]

Com efeito, é inequívoca a pretensão papal de elevar o estado dos seus parentes e clientes. A questão do importante cargo de *camaralenguo* é paradigmática. E a do cargo de capitão-geral da Igreja igualmente, em particular pelo próprio simbolismo militar de que se reveste enquanto expressão de toda uma constelação de poderes:

[496] *MFC*, f. 177v.
[497] *MFC*, f. 226r.
[498] *MFC*, f. 225r e f. 1225v.

> "Como despois de morto o manifico Julião, fez o papa capitão da JgreJa o manifico lourenço seu sobrinho. Tanto que o manifico Julião moReo, o papa fez confaloneiro da JgreJa ao manifico Lourenço seu sobrinho filho de hum seu Jrmão que moReo na guerra do gram capitão sendo da parte dos françeses, (…) E nom contente este Lourenço de ser de mui pobre escudeiro sendo somente aguasalhado do cardeal de sena, sobido a tam alto estado, tomou grandes empresas de prosperos começos a que deu sahida triste pera si, E pera os seus, por que moReram naquellas guerras mais de corenta mil homens da sua parte, E em fim o papa E elle perdidos guastando muitos milhares de cruzados."[499]

O pontificado de Leão X pautou-se, assim, numa primeira fase, pela aquisição de autonomia e de espaço de manobra suficiente em termos políticos para, numa segunda fase, dar corpo de forma plena e sem obstáculos internos vigorosos às suas pretensões pessoais em matéria de governação, as quais se traduzem, em grande medida, numa política de alargamento dos interesses da Casa Médici e de consolidação do seu poder:

> "Como o manifico Julião foi feito cidadão de Roma. Passando as cousas desta maneira o manifico Julião Jrmão do papa se fez çidadão de Roma em capitolio onde mandara fazer de madeira hum grande teatro A maneira do coliseu cuberto de pano de lenço pintado de preto E branco destorias antiguas na perfeição que as sabem os pintores de Roma fazer. todalas outras cousas erão de Real aparato por que ali eram Juntos a maior parte dos senhores E çidadãos Romanos. durou a festa E o convite hum dia E parte da noute onde nam faltaram comedias E todolos generos de Jograes E ministrees."[500]

Em todo este processo destaca-se, pela sua importância e ampla transversalidade, os fenómenos do nepotismo e do clientelismo. São eles que, com Leão X, fundamentam a organização e a estruturação das relações de poder na cúria, a qual, por sua vez, se apresenta, consequentemente, como centro indiscutível do exercício e da afirmação do poder, e como espaço e sistema de dominação política:

> "Do que se dizia per Roma açerqua da priuação E destroição dos tres cardeaes. A Rezão que se dizia por que o papa destrohio estes tres cardeaes Jaa tenho dito, porem outra vez diguo que quanto ao de sena foi com desordenada cobiça de aver pera sy, ou pera algum seu parente, (…) outra

[499] *MFC*, f. 207v.
[500] *MFC*, f. 177v e f. 178r.

> culpa manifesta que os bispados [,] abadias, E ofiçios do cardeal de sena deram ao sobredito loguo tenente de guovernador, ao enqueredor, ao fiscal, aos notairos, ao sota castelão miçer menico, E o mesmo bispo petruche que Ja era cardeal. estas cousas dauam materia que o pouo murmurasse larguamente, por serem feitas mui descobertas"[501].

Leão X coloca parentes, sobretudo os mais próximos, como o irmão e os sobrinhos, e criados da sua Casa familiar nos lugares chave da cúria, dando-lhes um crescente espaço de poder no processo geral de governação por si encabeçado. Desta forma o seu círculo de dependentes e protegidos em Roma cresce de forma rápida e eficaz, o que torna o seu próprio poder cada vez mais sólido e incontestado. Quando a generalidade da cúria, em especial pela ascensão ao poder que permite aos seus familiares de sangue, lhe deve a ele a sua própria existência, então o seu poder torna-se inabalável, como os anos finais do seu controverso pontificado irão comprovar.

Tal estratégia foi reforçada por um programa de alianças matrimoniais materializada no já evocado casamento do irmão do papa, Juliano II de Médici (*o manifico Juliam*), com a princesa Felisberta de Sabóia (1498-1524) – "Jrmãa do duque de saboya" e tia do rei de França –, ocorrido a 22 de Fevereiro de 1515 na corte francesa:

> "Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya. Tratauasse do manifico Julião com a Jrmãa do duque de saboya. E muito se afirmaua que o papa [Leão X] dera ao duque em partido duzentos mil cruzados pera desempenhar hum estado que por aquelle dinheiro tinha apenhado. E emquanto os tratos andauam no terçeiro ano de seu pontificado em dia de são pero que foi na era de 1515 foi dado na JgreJa de sam pero o bastão de capitão da JgreJa ao dito manifico Juliam dizendosse missa papal, a qual foi cometida ao cardeal sam Jorge. E elle em presença de todolos cardeaes lhe deu ho bastão."[502]

Este casamento, que constituiu a primeira aliança real da família Médici e o precedente para outras, resulta, ainda no mesmo ano, como retribuição da parte dos franceses, na elevação do irmão do papa a duque de Némours. Suspeita-se que os franceses em conluio com o pontífice estariam a preparar Juliano para ascender ao trono de Nápoles, o qual sempre foi do seu interesse político-dinástico. No entanto, dada a

[501] *MFC*, f. 226r.
[502] *MFC*, f. 203v.

morte prematura de Juliano, será o seu sobrinho Lourenço II de Médici (*o manifo Lourenço*), duque de Urbino em 1516, a suceder-lhe no governo de Florença e a estar nos projectos franco-papais em relação a Nápoles. O texto do fidalgo parece confirmar estas pretensões franco-papais ao reino de Nápoles:

> "E sendo o manifico Lourenço apoderado de toda a terra do duque, se tornou pera Roma chamandosse duque dorbino, E tanto ensoberueçido desta vitoria, E cheo de vãa esperança doutros estados que disse hum dia em pubrico ao seu comprador que despendesse larguamente que antes de oito meses passarem, esperaua ter oitoçentos mil ducados de Renda. diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole. E o que mais çertificaua esta sospeita de napole, que em vida do manifico Julião, elle E o cardeal daraguão tinham ordenado de hir folguar a napole E leuauão consiguo senhores de titolo, E outros Romanos, orsinos. E mosem geronimo bique embaixador del Rei de castela lhes Requereo da parte del Rei que nam fizessem tal Jornada. E senam que fossem a seu Risco. E a esta causa çessou sua Jda. presumesse dizendo pubricamente que sua Jda era pera em secreto falarem aos prinçipaes barões do Reino E avelos A sua parte E de França pera se leuantarem contra castela por que o papa com toda sua valia E parentes erão em secreto françeses, mostrando de fora ser espanhoes. E o cardeal daraguão Jsso mesmo franças por ser parente mui cheguado do duque fernando de calabria que anda preso em castela, ao qual elles dizem que o Reino de napole pertence."[503]

A questão de Nápoles constitui, aliás, um passo político fundamental para a prossecução dos interesses políticos internacionais do papado que, numa primeira fase, alinha claramente pelo partido francês capitaneado pelo seu jovem rei, Francisco I. Numa segunda fase, seguindo uma estratégia política tão devedora ao pragmatismo como à cumplicidade na gestão das redes de influência e do jogo de poderes internacional que tem lugar em Itália, o pontífice coloca-se ao lado do imperador Carlos V, pressentindo claramente quem iria deter muito em breve a hegemonia política sobre a Europa. Leão X sabia que o controlo dos assuntos italianos não estava, de facto nas suas mãos; contudo a sua resposta estava à altura materializada na rapidez com que estabelecia tratados com as potências dominantes, flexibilidade que espantava tanto os espanhóis como os franceses[504]. Neste aspecto era, de facto, um notável continuador do eficaz espírito diplomático de manobra de Júlio II.

---

[503] *MFC*, f. 209r.
[504] Cf. Eric Russel Chamberlain, *Papas Perversos*, op. cit., pp. 215-243.

O resultado visível de todo este processo está em que a cúria passa a funcionar e a expressar-se para o exterior como uma extensão da Casa e correspondente corte Médici. Um espelho das ambições dinásticas ilimitadas de Leão X. Não é por acaso, aliás, que durante o seu faustoso pontificado os florentinos e os toscanos em geral tenham massivamente ingressado na corte papal, como foi apontado por Alessandro Ferrajoli em importante estudo sobre a corte de Leão X[505]:

> "Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa, (…) a morte desta senhora se causou da vinda de seu esposo a Roma, por que o papa os quis Reçeber E dar o anel, segundo husança de Jtalia. E çearam ambos A mesa com Sua Santidade comendo Juntos o manifico Julião com todalas outras Jrmãas E parentes que foi cousa nom acustumada dos papas por ser a çea pubrica E de tantos festeJada E de Jograes como voda."[506];

> "acabado o ofiçio sahio o manifico da JgreJa acompanhado de todolos senhores E grandes homens que se então acharam em Roma, assi de coluneses como orsinos E muita outra Jente Ricamente vestida. diante delle hiam duas bandeiras, scilicet, a bandeira da JgreJa que leuaua o senhor de pombrino em suas proprias mãos, E a das armas dos mediçis que leuaua hum grande senhor lombardo parente do duque de ferrara."[507]

Esta última passagem relativa à descrição da forma "paralela" como ambas as bandeiras iam no cortejo, ou seja, sem que uma se sobrepusesse à outra, mas antes partilhassem ambas do mesmo significado, é emblemática de fusão em termos de simbólica do poder entre a sede da Igreja católica e a Casa florentina.

De forma algo alegórica, o fidalgo relata a forma como o papa era politicamente controlado por uma das suas irmãs, a qual tinha *por pessoa de grande siso E conselho* ao ponto de que *de todalas cousas de Jmportançia lhe daua parte E pedia seu parecer*:

> "esta foi a primeira leuada que o papa E seu Jrmão E Jrmãos E parentes fizeram contra o cardeal. Jaa neste tempo estauam em Roma tres Jrmãas do papa com seus maridos filhos e filhas Aas quaes deu casas E estados como convinha a tamanho diuido de Sua Santidade. E antre estas Jrmãs a senhora condesinha tinha o papa por pessoa de grande siso E conselho. E

[505] Cf. Alessandro Ferrajoli, *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516*, Vincenzo De Caprio (a cura di), Roma, Bulzoni, 1984.
[506] *MFC*, f. 203r.
[507] *MFC*, f. 203v.

> fazia della tanta conta que se dizia que de todalas cousas de Jmportançia lhe daua parte E pedia seu pareçer [.] deu a Requerimento dos cardeaes E das Jrmãs muitas Reseruas, dellas por dinheiro E dellas gratis E loguo as sospendeo E Reuoguou todas. E os que as compraram perderam seus dinheiros E os outros a esperança dos beneficios."[508]

Um exemplo paradigmático da forma como Leão X soube controlar e utilizar de forma excepcionalmente eficaz a sua rede de dependentes reside nas elevações ao tão ambicionado (menos pelo prestígio do que pelo lucro e benefícios de que era sinónimo) lugar de cardeal do arguto Bernardo Dovizi da Bibbiena (1470-1520)[509], o sagaz organizador da sua eleição no conclave de 1513 como o fidalgo dá pormenorizado registo, e de Raffaele Petrucci (1472-1522)[510]:

> "em prinçipio de seu pontificado criou quatro cardeaes, scilicet, o sobredito bernardo de beuiano E deulhe titolo de sancta maria Jn portiguo. fez Jsso mesmo Lourenço puçio que era datario E florentim mui exçelente abreuiador do titolo de santi quatro. E Jnoçençio çibo filho de madalena sua Jrmãa do titolo de sancta maria Jn dominican. E mediçis seu primo con Jrmão filho de seu primo pero de mediçis"[511].

Ambas estas figuras clientelares da Casa Médici foram fundamentais para a prossecução dos desígnios do papa, desde a sua eleição até a momentos cruciais do seu pontificado como a anexação da República de Siena por Florença. E em ambos os casos foram generosamente recompensados com o chapéu cardinalício e agraciados com outros cargos pelo pontífice. Raffaele Petrucci além de cardeal chegou a guardião do Castelo de Santo Ângelo, cargo particularmente prestigiante:

> "Como o bispo petruche se foi pera o cardeal de mediçis. Jaa neste tempo o cardeal de mediçis era vindo a sua leguaçia. o bispo petruche primo com Jrmão do cardeal de sena se foi pera elle com o estamaguo cheo da treição que despois ordenou. este bispo era filho de hum Jrmão de pandolfo. E pandolfo ho criou E lhe deu o bispado de huma çidade das de sena. E quando o cardeal seu filho se foi pera Roma, pandolfo lhe deu o dito bispo por seu mestre de casa por que era Ja homem que passaua de corenta anos.

[508] *MFC*, f. 176v.
[509] Hábil cortesão e diplomata da Casa Médici, *Bernardo de bibiano* (como é nomeado nas nas *MFC*) é o autor da célebre *Calandria* e futuro responsável pelo tesouro curial.
[510] Primo do cardeal Alfonso Petrucci, cuja traição para com aqueles que o elevaram socialmente – mais ainda porque eram seus familiares de sangue – muito inquietou e angustiou o fidalgo de Chaves.
[511] *MFC*, f. 172r.

E o cardeall era menos de vinte. elle mandaua E guovernaua toda a casa do cardeal. era homem soberbo de maas Repostas desamaua muito os espanhoes. E por Jsso os que eramos criados do cardeall, nam estauamos em sua graça. o que era ao contrairo com sua Reuerendissima senhoria que mais que a todalas outras nações nos fauoreçia E mostraua muito boa vontade. este naturalmente queria mal ao cardeal E a seus Jrmãos. E nam olhando que seu pai ho posera na homrra que tinha se foi pera mediçis como dito hee E ordio E fez o que se adiante diraa. aguora tornarei ao que os françeses fizeram depois que se partiram da çidade de Reuena.[512];

"E loguo [o papa Leão X] pos em obra a detriminação que tinha da destrohição do cardeal de sena E de seu Jrmão, mandando seus capitães com toda a Jente de guerra que se podesse fazer, deitar fora de sena ho cardeal E seus Jrmãos E todolos de seu bando, E meter e apoderar da çidade ao bispo petruche. este bispo era primo com Jrmão do cardeal, E pandolfo o fez bispo, E por lhe dar mais honrra ho mandou com o cardeal seu filho a Roma por seu mestre de casa, E guovernador de todo seu estado. E elle me deu de sua mão a chaue da camara que me foi dada nos paços do cardeal, quando me sua Reverendissima senhoria Reçebeo. elle guovernaua a pessoa do cardeal, todalas cousas de casa eram feitas a seu querer E mandado. era homem soberbo de maas Repostas E maos Respeitos, malquisto de todolos de casa. tinha mui grande odio aos espanhoes, a qual cousa era bem desuiada da condição do cardeal, por que abertamente mostraua ternos boa vontade, fazendonos merçes E muita honrra. andou assi este bispo em casa do cardeal atee que o cardeal mediçis tornou a bolonha liure da prisão dos françeses, o qual estando nos em sena se foi pera elle contra vontade do cardeal. E sempre o acompanhou atee o fazerem papa. por que hee custume que no castelo de santangelo sempre põe no castelo hum bispo por guarda da fortaleza E do tesouro, o papa ho pos ali. E çerto elle nam era mereçedor de se delle tal confiar ca pois foi tredor a seu natural senhor E a seu proprio sangue. nom diuera o papa ter delle confiança, que a sua santidade nem a outra pessoa do mundo fosse fiel."[513];

"Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos. A quarta feira seguinte que foi o primeiro dia do mes de Julho publicaram por cardeaes os que nouamente erão feitos. E lhes deram os barretes. E loguo A sesta feira que foram tres dias do dito mes, lhes deram os capellos. neste dia assi os nouos como os velhos foram comer com mediçis que avia pouco que era viçe chançaler. E foi o convite nas casas da chançelaria. quem estas cousas vio E as bem considerar, veraa aos olhos abertos quam bulrrosas são as pompas E estado deste mundo. que maiores exemplos se podem dar aos grandes prinçepes que estas cousas que aqui escreuo. os fauores que fortuna daa nam sam destimar. vi os criados dos cardeaes presos sahirem cardeaes, E os senhores despostos. os criados alegres honrrados E aleuantados a grandes estados, E os senhores tristes E desonrrados

[512] *MFC*, f. 161v.
[513] *MFC*, f. 211v e f. 212r.

> atormentados E de todo cahidos [.] quem entenderaa estas danças. quem teraa confiança E seguridade de cousa que veJa nesta trabalhosa peregrinação. quatro bispos criados de são Jorge foram ali cardeaes, E de sena o bispo petruche, de saule dous familiares bispos. E elles estauam ençerrados como dito hee. assi que as dinidades E estados dos senhores se converteram nos criados E familiares. hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim."[514]

Ao mesmo tempo que são emblemáticos de toda uma forma "realista", à maneira dos seus compatriotas Nicolau Maquiavel e Francesco Guicciardini, e pragmática de governar pelo pontífice Médici – portanto de acordo com os novos tempos políticos – estes dois homens representam, afinal, a forma inadequada como o vértice da Igreja no arrebatado início do século XVI encarou os problemas religiosos e governativos da época. A dramática cisão reformista estava prestes a consumar-se e todo um conjunto de novos desafios iriam daí em diante ser colocados à Cristandade católica, quer nos planos político, diplomático e até militar, quer sobretudo em termos religiosos e doutrinais.

Em síntese, actuando como um perfeito monarca europeu do período do Renascimento, Leão X levou de forma chocante, até para a sociedade da época habituada a tais procedimentos, os interesses da sua família e dos seus protegidos (criados, clientes e dependentes diversos) longe demais. Não raras vezes colocando-os a par ou até mesmo à frente dos da própria Igreja que chefiava. Tal processo pôs a nu a fraqueza quer das instituições curiais tomadas no seu todo, quer da própria figura do papa enquanto suprema instituição. É caso para afirmar que Leão X seguiu à recta os conselhos que o pai, Lourenço, *o Magnífico*, lhe fizera chegar numa emotiva e extensa carta aquando da sua ascensão ao cardinalato[515], com apenas catorze anos:

> "Hoje confiei-te inteiramente a Deus e à Sua Santa Igreja; por isso, sê um sacerdote digno e age de modo a convencer toda a gente que te observa que o bem-estar e a honra da Igreja e da Santa Sé são mais para ti do que tudo o resto no Mundo. Se tiveres isto constantemente presente, não te faltarão oportunidades para seres útil à nossa cidade e à nossa família.

[514] *MFC*, f. 225v.
[515] Naturalmente, tal nomeação foi comprada pelo poderoso governante florentino.

> Estar unido á igreja é vantajoso para Florença e tu deves ser o traço de união entre as duas – e a felicidade da nossa casa depende da cidade."[516]

c) Os pontífices: retrato físico e psicológico

No seu texto, o fidalgo de Chaves traça o retrato físico e psicológico-caracterial dos dois papas a cujas partes do pontificado assistiu estando em Itália.

Júlio II é apresentado, do ponto de vista psicológico, como um homem enérgico, determinado e até honesto (no sentido de que o seu derradeiro objectivo é a consolidação da monarquia papal e a expansão do poder dos Estados Pontifícios), mas, por outro lado, violento, colérico e amante devoto da prática da guerra:

> "dahi a tres ou quatro dias cheguou o papa, E foi mui bem Reçebido E festeJado. E satisfeitos os françeses se forom. muitos nobres da çidade que eram da parte dos vintevolhas fugirom desque o papa foy entrado com medo delle. miçer João vintevolha tendo perdida a esperança de sua tornada por que o papa era homem mao de amansar se finou de noJo em milam. E o papa antre outras Justiças que mandou fazer, mandou deRibar os paços de miçer João que erão os melhores de toda lombardia em grandeza e fermosura. quando sua molher madona branca soube a noua da destrohição de seus paços pasmou E çeRadas as mãos E os dentes esteue assi ata que espirou [.] deixou quatro filhos"[517]

De facto, ao classificar o pontífice como *homem mao de amansar* o autor não deixa dúvidas quanto à opinião que nutre do *papa terribile* e da sua conduta estadista à frente da Igreja. Júlio II surge também, pela sua pena, como arguto diplomata e hábil negociador nas coisas políticas:

> "partiosse o papa Jullio com a corte sem exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano. seguindo o papa seu caminho foi ter a sancta maria de loreto. E a este tempo Ja os françeses tinhão posto çerco sobre bolonha que se defendia mui Rijamente. sem aver na çidade medo de serem entrados pellos françeses non lhes vindo outro socorro os quaes elles tinhão por çerto com a vinda do papa. tendo Jsto miçer João de vintevolha fez huma largua arengua aos da çidade na qual concordio per derradeiro que posto que elle tinha

[516] Lourenço, *o Magnífico* citado por Eric Russel Chamberlain in *Papas Perversos*, op. cit., p. 218.
[517] *MFC*, f. 140v.

por çerto que as vontades dos bolonheses erão conformes pera o aJudar a defender. E que na çidade avia tanta E boa Jente que se defenderia do papa e dos françeses. porem que pois Jsto nam podia ser sem dano de muitos que elle escolhia por milhor esta contenda se partir antes com seu dano que dos çidadões de bolonha. E que por tanto elle se queria partir da çidade dizendolhes que tanto que elle fosse fora se entreguassem ao papa [.] estas abastanças fez elle com esperança de tornar a seu estado tanto que o papa se fosse pera Roma. mas nam lhe aconteçeo assi. ordenado per elle o sobredito na mesma noite se sahio da çidade con toda sua fazenda molher E filhos E se foi a milão. no dia seguinte partirom per mandado da çidade tres çidadões prinçipaes con cartas de crença E con as chaues da çidade pera o papa E acharamno aJnda em loreto E deronlhe sua embaixada dizendo que miçer João de vintevolha era Ja fora E por que a çidade tinha deliberado de se entreguar a sua santidade lhe mandauão as chaues. o papa lho aguardeçeo muito E disse que elle nam podia açeitar as chaues nem a entregua da çidade atee ser passado o termo que derom aos françeses pera a tomarem por que tinha contratado con elles que tomandoa dentro em çerto termo lha daua a saco. E que se ora elle a tomasse durando o termo nam compria con os françeses E seria neçessario paguarlhes o soldo. E que elle averia grande prazer de se elles poderem defender atee se passar o termo [.]os embaixadores lhe afirmaram que se defenderiam E que sua santidade podia hir suas Jornadas contadas E cheguar a bolonha sahido o termo que era dado aos françeses. por que en tanto sem acha que dos françeses podia Reçeber a çidade em seu seruiço. E tornados os embaixadores, o papa fez o que avi[a]m conçertado.”[518];

“E teue se o arçebispo atee que mandou Recado ao papa como [os franceses] ho combatiam E que nam tinham Jente nem munição (…). Respondeolhe o papa que entreguasse o castelo A çidade [de Bolonha] E nam aos françeses. E assi foi feito. E tanto que o arçebispo partio pera o papa, o castelo foi Roubado E metido a saco. E nesta ora foi deitado preguão da parte do Regimento que se nam abrissem tendas nenhumas atee que o castelo fosse posto por terra. E que todos fossem trabalhar nisso. E assi foi feito. E com grande trabalho E artefiçios de foguo por ser edifiçio mui forte. E assi foi aRasado que dia de sam Rafael que veo dahi a poucos dias os cavalos barbaros correrom ho paleo por cima delle. E esta forteleza mandara o papa fazer a suas proprias custas. E quando Respondeo ao arçebispo que ha entreguasse A çidade seu Jntento foi que deRibandoa elles que a çidade lha tornasse fazer A sua custa como despois socçedeo.”[519]

A astúcia de Júlio II não diminui nem se deixa dominar nem nos seus derradeiros dias, como se depreende da descrição das festas carnavalescas celebradas nos dias que antecederam o seu falecimento:

[518] *MFC*, f. 140r e f. 140v.
[519] *MFC*, f. 143v.

> "E Jsto se fez durando sua doença. as mascaras nam se deixaram de fazer com muita paz E assesseguo. na festa do campo naguão foram dezoito carros triunfaes. E antre as outras estorias foi Representado como os françeses foram lançados de italia. os meninos que caualguauão aquelle dia ao custume antiguo foram com mais ventaJem de vestidos E ornados de seda E pedras preçiosas que em nenhum outro dia que os visse em todo o tempo que em Roma estiue. E assi a Jente foi mais armada E de mui limpas armas. E os Romanos fizeram naquelle dia mui Rico cadafalso E assentos de suas pessoas em campo naguom. as diuisas E vestidos do senhor João Jorge çesarino alferez de Roma E as bandeiras de maiores despesas. CoReramse os paleos assi Ricos segundo comum ordenança. E os touros E caRetas de monte trastacho E todas aquellas acostumadas festas forão feitas com muitos comprimentos. E tudo foi mandado E ordenado pollo papa pera dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam cheguada, por que compria assi por bem dos grandes neguoçios [.] passado o dia dentruido em que se as derradeiras festas çelebram andados poucos dias da coresma, mostrando sua santidade sinaes de cristianissimo pontifico deu sua alma a deus. foi sepultado na JgreJa de sam pedro. com solennes exequias."[520]

Mas é a sua firmeza e inabalável determinação política expressas de forma paradigmática na maneira como lidou com o duque de Ferrara e os seus aliados, os franceses, que surpreende o fidalgo e não deixa lugar a dúvidas quanto ao seu desempenho e sincera entrega à frente dos destinos da Igreja:

> "avia dez dias que o papa Jullio segundo deste nome era partido pera bolonha com entenção de tomar o estado ao duque de ferrara genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa [.]"[521];

> "Como el Rei de França procuraua paz E o papa lhe pedia os cardeaes, E nam se conçertaram. E como moReo o cardeal cosença. El Rei de França quisera paz com o papa. E Sua Santidade lhe metia no contrato que lhe entreguasse em suas mãos os cardeaes çismaticos pera fazer delles sua vontade, prinçipalmente santa cruz de que estaua mais escandalizado polla muita honrra E merçe que lhe sempre fizera. el Rei nam consentio nesta semelhante paz. a desavença ficou antre elles como dantes atee morte dambos"[522].

Júlio II inspirava respeito aos inimigos, por muito terríveis que fossem, como demonstra o momento em que o famoso *condottiero* e tirano de Perugia (*Perosa*), Gian

[520] *MFC, f. 168r.*
[521] *MFC, f. 139v.*
[522] *MFC,* f. 165v.

Paolo Baglioni (*João paulo valham*), sem qualquer contradição se sujeita à autoridade do papa, de quem se torna fiel vassalo até ao fim dos seus dias:

> "o que fez aos tiranos que João paulo velham veo çertas milhas de perosa Reçeber ho papa E lhe entreguou as chaues da çidade de perosa E dous filhos em aRefens. o papa entrou na çidade E tornoulha a entreguar E dahi por diante se seruio do dito João paulo na guerra de capitão de Jente darmas o qual foi sempre bom E leal seruidor atee morte."[523]

Subestimá-lo era um erro político crasso com um alto preço a pagar, como o próprio César Bórgia amargamente comprovou:

> "E avendo Rezões com o cardeal Roderico borga viçechançiler lhe deu huma bofetada. E vindo o dito viçechançiler a ser papa chamado alexandre sexto, Jullio se foi de Roma fogido a França onde andou atee a morte dalexandre. E tornado a Roma em tempo de pio segundo que durou poucos dias, per sua morte foi criado papa. E no prinçipio liam do seco valentinoes que era capitão da JgreJa E tinha os exerçitos em seu poder, tramou foi preso pollo grão capitão E leuado a espanha onde depois foi morto. E coRendo de Rosto contra todalas cousas dalexandre despoJou Roma de toda sua valia. E ao presente nam avia cousa sua naquellas partes, senam o cardeal borga que era penitençiario que estaua acolhido em napole E madona lucreçia filha dalexandre molher dalfonso estense sobredito duque de ferrara. E presumiasse que por este diuido que o duque tinha ao papa alexandre lhe queria tomar ho estado."[524];

> "Neste tempo o papa adoeçeo de tal maneira que ho tiuerom por morto. alguns diziam que de noJo por que tinha duros contrairos E os neguoçios nom soçediam como elle deseJaua. (…) Tornando o papa a cobrar vida foi todo posto em paz E sendo convaleçido foi dizer missa a nossa senhora do populo onde se publicou ligua, scilicet, sua santidade com el Rei de castela, venezeanos, E seneses. foi feita esta ligua em presença do papa E dos cardeaes E dos perlados E dos senhores Romanos E dos embaixadores del Rei E das ditas senhorias que pera Jsso tinhão seus abastantes poderes."[525];

> "a noua da grande doença do papa foi aos çismaticos E a muitas outras partes. o cardeal Regina ficara por leguado em bolonha. E tanto que lhe a noua foi dada partio de caualeiro pera Roma com entenção de socçeder no pontificado. E foilhe dada a noua no caminho que o papa estaua bom E

[523] *MFC*, f. 140r.
[524] *MFC*, f. 168r e f. 168v.
[525] *MFC*, f. 146v.

> foisse a hum luguar Junto do mar E por ser Ja homem velho E pesado E movido do trabalho do coRer deulhe tal Jnfirmidade que em breues dias morreo. E o papa ouve toda a sua prata E Joias que elle tinha mui Ricas. foi sentida sua morte por que era tido por homem virtuoso E pera muito."[526]

Daí a afirmação positiva e resoluta por parte do fidalgo de que o papa Júlio II era um homem

> "de tam forte condição que na maior afronta ou neçessidade das guerras nam lhe podiam conheçer sinal de couardia, mostrando animo grande E dando a muitos asperas Repostas. era çerto no que prometia. avorreçia truães Jograes. as espeitatiuas E Reseruas que deu foram per tal compasso que todas poderam aver efeito."[527]

E se por momentos se revelou hedonista, nunca tal espírito prazenteiro foi ultrapassado por um profundo sentido do dever:

> "foi menos casto do que convinha a viguairo de christo E tam exçelentissimo barão. deleitousse muito em comer E beber, E muitas vezes sem tempo E ora limitado. ficaram muitos prelados sem capelos de cardeaes que erão Ja eleitos publicamente declarados por cardeaes. E hum destes foi dom martinho arçebispo de lixboa. com quanto era belicoso E de RiJas Repostas, E pareçia por esta causa ser de muitos desamado, nom lhe poseram epitafios em sua sepultura. que verdadeiramente a grauidade E honestidade E autoridade de sua pesoa ho fazia ser assi Reuerençiado que todos seus feitos moRendo elle foram tidos por obra de Justo pontifiçe. hee muito de notar no feruor de tantas guerras E contrastes a Justiça ser em Roma tam temida E guardada que atee dar sua alma a deus, se nam fez cousa contra Rezão que deixasse de ser punida."[528]

Também no exercício da justiça em Roma a sua imagem é a de um governante inabalável e com um apurado sentido do dever público:

[526] *MFC*, f. 146v
[527] *MFC*, f. 168v e f. 169r.
[528] *MFC*, f. 169r e f. 169v.

> "E em tempo do papa Jullio a que todos temiam por ser Jnteiro guardador E executor da Justiça. no tempo que o papa vedaua todalas armas por causa das guerras"[529].

As descrições que faz dos seus *moços da estribeira* é igualmente reveladora de uma determinação e generosidade que emprestava confiança e assegurava a lealdade a quem sob ele servia. De tal forma *que muitos fidalguos E homens de muito mereçimento trabalhauam por ser Reçebidos de Sua Santidade naquelle foro*:

> "E tinha moços da estribeira mui bem despostos que ho traziam a que daua tanta Renda que muitos fidalguos E homens de muito mereçimento trabalhauam por ser Reçebidos de Sua Santidade naquelle foro. ca erão mais que camareiros. todalas oras podiam falar com sua santidade E estrouar a quem quisessem que lhe nam falasse por que tinham sempre a guarda das portas. conheçi alguns de mais de mil ducados de Renda. ca lhes conçedia o papa vaguantes, E daualhes Reseruas de conesias E dignidades que vinhão a efeito com que enRiqueçiam. sohialhes o papa chamar meus caualos. E perdõeme suas merçes que nam deixarei de dizer que este nome os fazia perder a autoridade da Renda, husando com as damas Romanas ho custume dos mais daquelle ofiçio. E deixando os outros ponho exemplo em antão del pozo dayão de cordoua que tinha dous mil ducados de Renda E homem de saber E geração E de mais credito E autoridade que todos viuia na Regra dos da estribeira sem perder ponto."[530]

Reveladora é também a forma explícita como o autor se pronuncia acerca do desempenho do pontífice no que respeita à reconstrução da Roma Renascentista. O fidalgo enaltece o seu raro espírito de iniciativa expresso, por exemplo, na construção da basílica de S. Pedro e de todo um conjunto de obras emblemáticas espalhadas por Itália, inclusive a nível militar:

> "foi grande edificador. sendo cardeal fez os paços de sancto apostol que são huns dos prinçipaes de Roma de crastas Jardins (?). E sendo acabados de telhar vieram a elle os mestres que lhes paguasse. E Respondeo que deixassem primeiro chouer. E fez a fortaleza de gruta ferrara que hee cousa forte. E a de ostia de que era bispo. despois de ser papa fez a fortaleza de bolonha que deRibaram os vintevolhas. E a de çiuita velha metida no mar quee huma das maiores E fortes que se diz aver em Jtalia. em Roma fazia huns grandissimos paços pera se apousentarem nelles todolos ofiçiaes da curia Romana, scilicet, guovernador, auditor da camara, auditores da Rota,

[529] *MFC*, f. 157r e f. 157v.
[530] *MFC*, f. 167v.

> Regente com todos seus notairos E ofiçiaes, pera que os neguoçeantes nam padeçessem tanto detrimento em suas demandas E despachos como aguora se faz. ca polla çidade ser grande E os ofiçiaes espalhados nom podem sem grandissimo trabalho suprir a Requerer sua Justiça, assi no Jnuerno que são os dias pequenos, como nos grandes que são de mortaes calmas que os mata fazendo exerçicio mais do que Roma Requere. E sobre todalas outras obras fundou a JgreJa de sam Pero, que acabandosse seraa a moor edefiçio de JgreJa do mundo. começa de fazer hum muro que vinha da entrada de belueder atee o castello de santangelo, per fora do que fez o papa alexandre sexto ho qual manda deRibar. fez huma sumptuosa obra descadas dabouadas pera sobirem os cardeaes a caualo atee porta de sua camara que no andar da sala dos pontifiçes no cume dos paços que são mui altos. E são tam anchas que podem hir dois de caualo apar. deRibando salas e apousentamentos pera Jsso. nom desfaleçia nas maiores afrontas, E com grande diligençia prouia a todalas necessidades. as guerras que teue foram por tirar o patrimonio da JgreJa das mãos dos tiranos."[531]

E podemos, de facto, anuir à ideia de que a grandiosidade da Roma dos inícios de Quinhentos deve grande parte do seu brilhantismo urbano, cultural e artístico à ousadia da acção deste pontífice[532].

A forma como o fidalgo de Chaves descreve os derradeiros dias do pontífice não invalida em nada a imagem que foi construindo ao longo do seu relato de um papa resoluto, audacioso, enérgico e determinado, seja no erro, seja na prática das justas acções. É esta, de facto, a mensagem que lhe interessa sobremaneira transmitir ao destinatário do seu texto:

> "Como o papa adoeçeo E passados çincoenta dias deu a alma a deus. E do que neste meo tempo se fazia em Roma. Era o papa Jaa mui velho, E doente de boubas, E tinha praguas nas pernas das quaes o curaua hum fisico Judeu seu priuado. E por nam poder andar a pee faziasse sempre trazer em colos domens assentado em huma cadeira."[533]

Antes pelo contrário, pois tal estado debilitante resulta da forma como chefiou a Cristandade. Neste âmbito, a descrição do seu estado enfermo na velhice é, de alguma forma, reveladora da forma perseverante, ainda que muito pouco espiritual, como Júlio II liderara a Cristandade no auge das suas capacidades:

---

[531] *MFC*, f. 169r.
[532] Cf. Peter Partner, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, Los Angeles, University of California Press, 1979, pp. 3-25 e 161-200.
[533] *MFC*, f. 167v.

> "a velhiçe E longua doença E os cuidados E paixões das guerras E da çisma E do conçilio o qual o papa alarguara do dia dos santos outros dous meses adiante, ho çerquaram E estimularam de sorte que adoeçeo a não se aleuantar de huma cama. E nam lhe valeo pera seu Repouso sobir de tam baixo E Jnfimo estado a sumo pontifiçe. por que as cousas desta vida são todas miserias trabalhos E angustias. E quanto maiores estados, maiores noJos, maiores neçessidades, tormentos E cuidados. E com todo seu mal prouendo nas cousas da guerra E da JgreJa fazia cada dia congreguação os dias que nam erão de consistorio ou com sua doença. çincoenta dias, sem em todo este tempo se fazer em Roma nenhum Rumor."[534]

Tudo o papa enfrentou (guerras, cisma, oposição conciliar), daí, segundo o fidalgo, a sua débil condição nos derradeiros dias do seu pontificado. De realçar é o importante apontamento acerca do facto de Júlio II ter subido *de tam baixo E Jnfimo estado a sumo pontífice*:

> "De suas condições E custumes. Era o papa Jullio saones da prouinçia de liguria. diziasse que fora em sua moçidade homem de mar, grumete de nao E que naueguando estiuera Ja em lixboa. vindo o papa sixto quarto ao pontificado cuJo sobrinho elle era, ho fez cardeal do titolo são pero avincula. E avendo Rezões com o cardeal Roderico borga viçechançiler lhe deu huma bofetada. E vindo o dito viçechançiler a ser papa chamado alexandre sexto, Jullio se foi de Roma fogido a frança onde andou atee a morte dalexandre. E tornado a Roma em tempo de pio segundo que durou poucos dias, per sua morte foi criado papa. E no prinçipio liam do seco valentinoes que era capitão da JgreJa E tinha os exerçitos em seu poder, tramou foi preso pollo grão capitão E leuado a espanha onde depois foi morto. E coRendo de Rosto contra todalas cousas dalexandre despoJou Roma de toda sua valia. E ao presente nam avia cousa sua naquellas partes, senam o cardeal borga que era penitençiario que estaua acolhido em napole E madona lucreçia filha dalexandre molher dalfonso estense sobredito duque de ferrara. E presumiasse que por este diuido que o duque tinha ao papa alexandre lhe queria tomar ho estado."[535]

Inclusive no final da vida, Júlio II revela o desígnio político, pouco espiritual mas extremamente eficaz a nível secular, que conduziu o seu pontificado. Nesta medida, o que aparenta ser avareza não é senão dedicação ao Estado que com tanta decisão e firmeza serviu:

[534] *MFC*, f. 167v e f. 168r.
[535] *MFC*, f. 168r e f. 168v.

> "em sua doença lhe foi muitas vezes Requerido pollos cardeaes que partisse das terras da JgreJa E de seus tesouros com alguns seus parentes. E nunca ho a Jsso poderam mouer. E sendo todauia Jmportunado do sacro colegio que deesse ao senhor nicolao capitão prinçipal da sua guarda (marido de madoma laura a mais fermosa molher que naquelle tempo avia em Jtalia) natural Romano hua pequena villa, nam no quis fazer dizendo aos cardeaes que elles lha podiam dar se quisessem. os quaes se aJuntaram E lha deram por ser mais acheguado parente do papa, E pesoa que todo acreçentamento mereçia. diziasse que per consentimento do colegio dera em dinheyro trinta mil cruzados a çertos parentes, scilicet, dez mil ao senhor João Jordão casado com sua filha. E a bertolameu dela Rua seu sobrinho filho de seu Jrmão, dez mil. E os outros dez mil Repartio per outros [.] E das terras da JgreJa nunca quis dar cousa alguma. E Jsto se fez durando sua doença."[536]

Em suma, inúmeros exemplos existem ao longo das *MFC* que ilustram a personalidade de Júlio II. Daí que o retrato psicológico que o autor flaviense dele traça ao longo do seu testemunho seja tão isento e sincero, quanto completo. O fidalgo admira-o pela tenacidade militar e pela rara entrega como construtor e edificador em Roma, sem dúvida, mas condena-o pela sua apetência excessivamente guerreira e pela inflexibilidade e pouca devoção à causa espiritual da Igreja que lidera, como demonstra nas passagens relativas às questões com os cardeais cismáticos. A Igreja necessitava de reformas profundas e decisivas ao nível espiritual e religioso, e Júlio II simplesmente ignorou este facto, com a agravante de ter prometido aquando da sua eleição convocar um concílio com o objectivo principal de discutir e fazer avançar tais medidas.

Apesar de não existirem nas *MFC* referências explícitas às suas características físicas, como ao invés acontece com Leão X, não será difícil construir um retrato mais ou menos fiel do seu perfil a partir do mapa traçado pelo fidalgo de Chaves que inclui esclarecedoras indicações acerca da sua personalidade, carácter e percurso pessoal, em particular enquanto político.

Com Leão X, a imagem traçada pelo fidalgo é diferente. Agora predomina, em termos psicológicos, o calculismo, a falácia, o logro e a dissimulação sobre o espírito resoluto e firme. Daí que o fidalgo faça perpassar na sua narrativa uma visão consideravelmente mais depreciativa do papa Médici do que de Júlio II, sendo que esta última, como vimos, está longe de ser positiva no seu conjunto.

[536] *MFC*, f. 168r.

A começar no momento da sua eleição, sinistra e ardilosa, e a terminar no conjura dos cardeais de 1517, ano em que o fidalgo de Chaves abandona a *Cidade Eterna* para voltar a Portugal, o retrato do papa Médici é quase sempre no sentido da crescente desilusão, sobretudo a nível espiritual:

> "Como o papa Jullio se finou sendo mediçis avisado se veo a Roma sem fazer detença como acustumam os que naquellas se querem fazer senhores per força, ou por mais çerto falar tiranos. ca Juntamente com senhorio alcanção temor de ser mortos cada dia. cheguou a Roma quando se fazião as enxequias do papa que hee o tempo em que todolos cardeaes vaçilão E trabalhão por alcançar o summo pontificado. E nam faltam ali as manhas do gualeguo que prometia o masto de çera."[537]

Segundo o fidalgo, apesar de devotado aos prazeres mundanos, sendo a música e a caça extremamente caros à sua pessoa, e de ser mais afável do que Júlio II, inclusive na voz e na forma de se expressar, Leão X era um homem cruel e algo maléfico, como o demonstra o prazer que retira do bárbaro desporto a que complacentemente assiste no Belvedere e que consistia em pregar gatos vivos, de costas, numa parede, para serem mortos à cabeçada por jovens que se dispunham a ser mordidos e arranhados pelos pobres animais, só na mira de ganharem peças de seda como recompensa:

> "dauasse o papa a todo genero de prazer por que era musico folguaua com os musicos exçedia o modo em folguar com Jograes os quaes de contino tinha A sua mesa. antre outros seus modos de prazeres estando hum dia em belueder com os cardeaes mançebos que sempre ho acompanhauão, tomaram mui grandes guatos como os haa naquellas partes E preguaramnos pollos coiros das costas em tauoas, de sorte que ficauão cos pees mãos E Rostros fronteiros. E mandaram trazer peças de seda da qual seda se prometiam gibões ou pelotes a quem marrando com a cabeça descuberta, dos guatos matasse algum. E alguns de pouco siso ou por dar prazer ao papa E aos cardeaes, ou pollo Jnteresse da seda se poseram ao sobredito combate. E aRemetendo de longe hião dar com as cabeças os mores guolpes que podião nos guatos E erão Reçebidos delles com os dentes E com as vnhas dos pees E das mãos com os quaes os acutilauão no Rosto E na cabeça de tal maneira que eu que era presente os vi apartar com feridas de grande palmo em comprido. E tornando a elles muitas vezes, muitas vezes erão feridos. E alguns mataram. E as empezas das sedas nom lhes tirauam as do Rosto que taes ouve ahi que nunca as perderam. a

[537] *MFC*, f. 170r.

> muitos nam pareçeo este Joguo onesto por ser em presença do papa e dos cardeaes."[538]

Mas, como a própria passagem indica, não é apenas ao fidalgo que este jogo parece altamente censurável. E tal prazer é, na perspectiva do autor, revelador de uma faceta tenebrosa a nível do carácter e da personalidade.

Hedonista por excelência, Leão X não deixou, contudo, de promover a guerra e, de acordo com a apreciação do fidalgo português, sempre de uma forma traiçoeira e sem qualquer traço de honra ou prestígio militar, como o comprovam a sua prestação em ambas as guerras de Urbino, na batalha do Marignan e na anexação da República de Siena por Florença:

> "Dos agrauos E desfauores que o papa fazia ao cardeal de sena. Nom consentio a maliçia E desordenada cobiça dos florentins que longuo tempo se dissimulasse o proposito que tinham de destrohir ao cardeal de sena E a seu Jrmão."[539]

Praticou o nepotismo e o clientelismo de uma forma quase sem precedentes culminando o seu governo no fausto e luxo exagerados que conduziram à falência das finanças papais[540], que Júlio II, apesar de todas as guerras, tinha deixado incólumes para o seu sucessor – a construção da basílica de S. Pedro terá sido o maior e mais dispendioso empreendimento artístico e arquitectónico para Leão X. No entanto, desde muito cedo que o papa teve necessidade de dinheiro para suportar as diversas celebrações festivas que promoveu e para fazer face ao luxo privado de que vivia rodeado. Só a sua cerimónia de coroação custou cerca de 100.000 ducados ao tesouro da Igreja, ou seja, no total, correspondeu a um sétimo da reserva que Júlio II tinha deixado para o seu sucessor; com tal dispêndio numa única celebração nos primeiros dias do seu pontificado, indiciava-se de forma reveladora o que se iria passar nos anos seguintes[541]. Este estado de coisas viu-se agravado pelas ruinosas guerras que promoveu, muito em especial a de Urbino, como se observa nas *MFC*:

---

[538] *MFC*, f. 172r e f. 172v.
[539] *MFC*, f. 176v.
[540] Cf. Christiane Klapisch-Zuber, "Rituels publics et pouvoir d'État" in *Culture et idéologie dans la Ideologie Genèse de l'Etat moderna: Actes de la ronde tabela organisée par le Centre National de la Recherche Scientifique et l'École Française de Roma*, Roma, 15-17 Octobre 1984, Roma, École Française de Rome, 1985, pp. 135-144.
[541] Cf. Eric Russel Chamberlain, *Papas Perversos*, op. cit., pp. 215-243.

“Como o papa liam foi coroado, E foi tomar posse a são João de latram. Foi o papa liam deçimo deste nome criado a onze dias do mes de março da sobredita era de mil b^{c} E treze. E no dito mes de março a huma segunda feira despois de Ramos foi coroado no tauoleiro da JgreJa de sam pero, em hum sumptuoso cadafalso armado sobre colunas de fortes traues forradas de Redor de tauoado que as fazia mais grossas E Redondas com suas vasas E capitees. E pintadas de tal maneira que pareçiam naturaes colunas de perfidos. a tapeçaria de que estaua ornado era a mais Rica que tem a see apostolica. ali erão todolos cardeaes, patriarcas, arcebispos, bispos, E outros muitos prelados Religiosos que erão naquelle tempo Residentes em Roma vestidos de mui Ricas capas de sedas E borcados. todos com mitras nas cabeças de damasco branco, E tafetaa E olanda segundo o grao de cada hum. o cardeal sam Jorge que era camaralenguo da see apastolica lhe pos a tiara na cabeça, a qual hee de tres coroas guarneçidas de tam preçiosas pedras que nam tem o papa outra tam Rica Joia. E em outra nenhuma festa a vi a sua santidade nem ao papa Jullio na cabeça por que em todalas missas papaes custuma ter mitra acustumada dos outros prelados, E nam a tiara. verdadeiramente sobre todalas outras çerimonias, esta da coroação do papa pareçe cousa diuina. hee cousa fermosa de ver a multidão da Jente que a este auto foi presente. A segunda feira seguinte que foi a primeira outaua da pascoa foi Sua Santidade tomar posse de são João de latram que foi hum Riquissimo aJuntamento de muitos grandes senhores [.] nam hee pera deixar descreuer da maneira que os cardeaes naquelle dia caualguam. leuão a par de si cada hum oito criados dos mais priuados E honrrados de sua casa apee, vestidos de sedas E brocados. vão quatro de cada parte. E os moços destribeira diante. os mais vão naquelle dia em caualos. E todos leuam as cabeças, os pescoços, orelhas E todo o Rosto do corpo cuberto de tafetaa branco A maneira de caualos encubertados que outra cousa nam vai descuberta senam os olhos E os pees [.] a qual cobertura hee dos moços destribeira, tanto que se os cardeaes apeam, por que nam seruem em outro nenhum dia. os cardeaes diaconos que elegeram o papa derão aos seus priuados E moços destribeira, a liuree de huma maneira, scilicet, aos honrrados capas françesas de veludo negro forradas de tafeta negro mui fraldadas E compridas, pelotes sem manguas de catim alionado, gibões de borcadelo, calças de gram, çapatos de veludo negro, camisas dolanda, com cabeções douro, guoRas vermelhas E çintas de tafetá, E espadas douradas com bainhas de veludo negro. aos moços destribeira deram capas de grãa pauonaça, calças brancas, gibões de çatim alionado, espadas douradas, tafetas por cintas, çapatos de veludo, E guorras vermelhas. os outros cardeaes hiam per desvairados modos. E taes avia que deram gibões de borcado de pelo. os prelados E as outras familias hiam mui Ricamente vestidos. que o que menos veste hee fina grãa antre os outros grandes senhores que naquelle dia ali foram Juntos era o duque de ferrara, E o dorbino, aos quaes o papa de nouo abilitou E tornou Jnvestir em seus estados. era Jsso mesmo ali todolos senhores coluneses E vrsinos E de florença E doutras partes de italia, muitos outros senhores prelados E seculares. E os embaixadores dos Reis foram naquella companhia mui

> Ricamente vestidos suas pessoas E familias. acabousse o ofiçio tam tarde que tornados aos paços do papa era Jaa quasi noite.”[542];

> “Como se o papa sentia afligido por suas cousas nom serem prosperas. Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa era mui afligido polla muita Jente que se perdera de seu exerçito E polla grande soma de dinheiro que guastaua.”[543];

> “Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. E que poderia aver delles grande soma de dinheiro, os quaes são Ricos em demasia (…).”[544];

> “muito se falou que se ordenaua de deitar dizima a toda a clerizia. E embaixadores dos Reis erão conuidados E Requeridos com doçes palauras E promessas pera escreuerem aos Reis fauoreçendo o deseJo do papa. E a mostra disto era querer armar contra os turcos, assi que todalas maneiras de aquirir Riquezas se prouaua. E assi como os de fora viam ser feitas estas cousas mui descubertas, descubertamente as praticauam nas praças.”[545]

Naturalmente, como já referimos, esta visão do fidalgo que vem desde que Leão X era ainda cardeal legado ao serviço de Júlio II é parcial e não isenta, na medida em que tem por base o facto de um dos alvos principais do terror perpetrado por Leão X ser o cardeal Alfonso Petrucci, o amigo e grande protector do fidalgo de Chaves em Itália. Concentremo-nos agora no retrato físico que dele constrói de forma arguta e criteriosa.

Assim, segundo o fidalgo, apesar de ainda novo de idade, o papa era:

> “Jsso mesmo de grande corpo mui bem desposto. E o Rostro era gramde e guordo, o nariz grande E os olhos grandes E deitados pera fora. E tam curto de vista que trazia sempre na mão hum oculo cristalino composto per tal arte que pondo o diante de hum olho, via com elle todas as cousas perfeitamente assi nas caças que muito husaua como em todalas outras

[542] *MFC*, f. 172v e f. 173r.
[543] *MFC*, f. 218r.
[544] *MFC*, f. 219r.
[545] *MFC*, f. 219r e f. 219v.

> cousas. E por ser assi curto da vista era chamado çeguo. este ocolo era grosso E de maior grandeza que os dos narizes."[546]

Estamos, pois perante uma apresentação física não muito favorável para alguém ainda tão novo. De tal forma que, como acrescenta o fidalgo, o papa era alvo de satíricos epitáfios nas ruas de Roma:

> "Naquelles dias hum cortesão grande dizidor escreueo sobre hum titolo que estaa sobre huma porta de huma sala do sacro palaçio, que diz, nicolao papa quinto mil iiij^{c} E sessenta. E esta a letra por parte. a Jnterpretação hee a seguinte, E as letras estão desta maneira – nibil papa valet. multi cardinales çeçi trahent çecum leonem deçimun .//.n.pp.V.c.c.c.c.l.x.//. chamoulhe çeguo por que era mui curto da vis[ta] E trazia hum oculo com que via. outros muitos epitafios se poseram per Roma muito de notar que despois sahiram verdadeiros. a este prinçipalmente se presumio que o papa deesse castiguo mas bernardo de beuiano que era grande trobador E queria por Jsso bem a este E a todos os bons dizidores, baralhou esta zombaria de feição que veo o papa a folguar com elle E o tomou por seu cobiculario. a todos aquelles cardeaes que o elegeram nam neguaua cousa que lhe pedissem. a todos fez palatinos, E deu pousadas no sacro palaçio.[547]

Salvou a ironia de tão ousado cortesão a prontidão e a argúcia do cardeal Bernardo Dovizi da Bibbiena, também ele grande devoto da comédia. A sua descrição física é, pois, de certa forma oposta à do jovem Alfonso Petrucci, bem mais gracioso e dotado de princípios morais, segundo o fidalgo claro está:

> "fora criado cardeal sendo de idade de dezanoue anos. E de grão corpo E mui fermoso E de bom Juizo E saber. E de Reaes Respeitos, cuJa morte E triste fim deu muito sentimento em Roma."[548]

Ou seja, inclusive fisicamente o retrato que o fidalgo faz do papa não é abonatório, antes mais conforme à negatividade que lhe atribui enquanto ser humano e chefe da Cristandade. Desta forma, pressente-se na avaliação do fidalgo um claro nivelar dicotómico entre fealdade e crueldade, disformidade e perversidade, e, nos antípodas, hediondez e imoralidade. A própria juventude do papa é fortemente criticada

[546] *MFC*, f. 200v.
[547] *MFC*, f. 171v e f. 172r.
[548] *MFC*, f. 225r.

logo após a sua nomeação para tão importante cargo, onde a experiência e a sabedoria são considerados essenciais, pela voz do povo romano:

> "Como mediçis foi papa E se chamou lião deçimo. Acabadas as obsequias entraram no conclaui desassete cardeaes que se acharam em Roma [.] fizeram dous scrutinios nos quaes quasi foram Jguaes nas vozes o cardeal de cuna per outro nome chamado alborensis, E mediçis. mas no segundo querendo os cardeaes diaconos que fosse o papa diacono elegerão mediçis com huma soo voz que ouve da ventaJem de cuna. era este cardeal de cuna castelão E mui velho, bem mereçedor do pontificado. por elle se podia dizer ser padre dos da patria que grandemente amaua E aguasalhaua os espanhoes. quando per Roma se soube que mediçis era papa, os que maes entender tinhão ho ouveram por cousa estranha. aberto o conclaui leuaram o nouo pontifico a sam pedro cantando te deum laudamus. acabado o oficio, tornandosse os cardeaes velhos pera suas casas, as Romanas lhes dizião passando per suas portas, Que pobres cardeaes velhoszinhos onde estaua vosso siso quando fizestes o vosso filho papa. (…)"[549]

Por tudo isto e por todas as negativas evocações fortemente adjectivadas, compreende-se a afirmação basilar do fidalgo de que "as obras nam concordão com as palavras".

De reter é que, nas *MFC* qualquer interpretação que se faça da descrição efectuada pelo fidalgo acerca da conduta do papa Leão X tem de sempre ser acompanhada pela análise da forma como o autor apresenta o cardeal Alfonso Petrucci. Ambas estas figuras são indissociáveis nas *MFC*. Emblemático, a título de exemplo, é a relação que o fidalgo estabelece entre a voz do papa e as *amorosas palauras* que profere, ou seja, entre o seu corpo e o cruel destino reservado ao cardeal de Siena, alvo da desleal e ingrata perseguição do papa para com aquele que foi o seu principal apoiante no conclave:

> "E foisse com seus criados a Roma sendo do papa Reçebido com tanto guasalhado E doçes palauras que alguma cousa foi consolado dando fee a seus prometimentos por lhe nam ter o contrairo mereçido. mas todos seus prometimentos foram falsos, por que a verdade hee mui maa dachar neste tempo por andar mui escondida."[550];

> "verdadeiramente bem pareçia ser aquelle o derradeiro triunfo seu por prazer tanto comum. amostrauam pesar E tristeza geral como despois

[549] *MFC*, f. 170v. e f. 171r.
[550] *MFC*, f. 212r.

> vimos (em sua prisão e morte) per toda Roma. era mui quisto E amado de todos em geral por ser a todos liberal, apraziuel E graçioso. vendo elle que os prometimentos do papa erão tudo palauras, E que soçedendo suas cousas prosperamente na guerra peJorauam suas esperanças."[551];

> "DeseJando o papa aver per qualquer via o cardeal As mãos lhe mandou breues de Real segurança com todalas clausolas que se dar podiam, posto que fosse conspiração contra o sumo pontifiçe, dando o sacro colegio por fiador, E os embaixadores de castela. quando se mais diligençia punha nestes tratos, os dauam mui ameude de corda aos sobreditos presos segundo despois contauam aquelles a quem deram as vidas. sendo o cardeal Jnoçente das culpas que por lhe tirar o estado E a vida lhe despois dauão. elle E todos seus amiguos que o aconselhauam enguanados destas seguridades, principalmente como hei dito que sua Jnoçençia ho asseguraua. sem olhar que os criados erão aJnda nas prisões Reteudos, sem poer diante si os mui grandes agrauos E desonrras que tinha Reçebido çeguado das amorosas palauras do papa de que Ja tam escramentado deuera de ser pola esperiençia das cousas passadas. conçedeo em todo o que lhe foi Requerido. E a xbiij dias de maio da era de 1517 no ano quinto do pontificado do papa a huma segunda feira, o cardeal se veo a Roma E sahirão a Reçeber muitos perlados E grandes senhores E muitos priuados E parentes do papa E Romanos. E os criados de sua Reuerendissima senhoria que naquelle tempo aconteçeo estarmos em Roma o fomos Jsso mesmo Reçeber, estando fora da porta maior por onde avia dentrar"[552].

Em contraste com o seu desajeitado e pouco atraente corpo, destaca-se, pois, a sua forma de falar suave e a voz meiga. Eventuais traços de uma personalidade sempre cativante num primeiro momento, mas que depois revela todo um outro conjunto de características, desta feita negativas.

d) <u>O Colégio dos Cardeais: suporte ou oposição à supremacia papal</u>

Nas *MF*C a figura cardinalícia e do Sacro Colégio assumem um destaque especial. Surgindo ora como grande apoio papal ora como seu grande opositor no coração da capital da Cristandade, o cardeal revela-se inseparável da riqueza e singularidade da vida romana, seja em termos políticos, seja a nível do próprio quotidiano. O próprio facto de edificarem sumptuosos palácios que modificaram a face

[551] *MFC*, f. 218v.
[552] *MFC*, f. 220v.

de Roma é apenas um exemplo da sua intervenção activa nas múltiplas áreas que envolvem a vida na *Cidade Eterna*:

> "El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguarem dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença."[553];

> "os neguoçios de tristão da cunha eram de calidade que lhe conveo fazer detença em Roma tres meses por mandar Recados E avisos a el Rei, E aver Reposta de sua alteza. sua cheguada a Roma foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. (…) E o senador e Romanos tem feito hum grande cadafalso com seus assentos, ao qual se sobem todos Juntos no dito campo ou praça. hee cousa Real pera ver. dali se tornam a sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, prinçipalmente no dia dentrudo em que feneçem por aquelle ano, (…) nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte."[554]

Regra geral, eles são o principal instrumento da vontade papal. O que a voz decisória do pontífice determina, o seu braço, não raras vezes armado, coloca em prática. São, pois, como que a extensão natural do próprio ser pontifico. Um não é pensável sem o outro, sendo que é o cardeal quem na maioria das vezes dá um contributo decisivo para que os arrojados projectos papais se concretizem. São, pois, imensas as suas responsabilidades no governo da Igreja católica ao lado do papa, e daí

[553] *MFC*, f. 163r e f. 163v.
[554] *MFC*, f. 181v e f. 182v e f. 183v.

também o seu prestígio no quadro da sociedade coeva, muito próximo dos príncipes de sangue – como muitas vezes, afinal, eram eles próprios.

No entanto, por vezes revelam-se acérrimos opositores, como o longo movimento conciliar demonstrou e o fidalgo dá conta por duas vezes no seu texto – a primeira em relação aos cardeais cismáticos e ao concílio por eles convocado em Pisa em 1511, por receio da violência papal, "pormenor" assaz revelador; a segunda no quadro da conjura de 1517 contra Leão X.

Desenhando um retrato perfeitamente de acordo com o quadro historiográfico actual comumente aceite acerca do vértice da Igreja em Roma nos inícios do século XVI – onde a violência, a devassidão, a avidez e a corrupção constituem a pedra-de-toque da existência curial e cardinalícia –, o fidalgo dá igualmente a ver que, apesar de à época tal estado de coisas não provocar, pelo menos em Roma, escândalo de maior[555], o universo religioso vivido em Itália, e de modo particular em Roma, neste período é tão complexo quanto multifacetado, indo bem mais além do que aquilo que as leituras simplistas e redutoras dão a entender nas suas análises superficiais. Afinal, a consciência comum, para escândalo de Lutero quando visitou a *Cidade Eterna*, não separava clérigos e leigos o que conduzirá, meio século mais tarde, à inevitabilidade correctiva da ordenação austera e contrita da vida religiosa no âmbito da Reforma católica decorrente do Concílio de Trento (1545-1563). Por outras palavras, a visão que o fidalgo veicula ao seu senhor é plena de avaliação moralista sobre a mundanidade da hierarquia eclesiástica coeva, mas é também demonstrativa de como fazia parte de um todo mais vasto e complexo e que abarcava a própria social civil. E, noutra vertente, é também revelador de como, apesar de todas as vicissitudes e de todas as provas em contrário, ainda existiam focos de espiritualidade intensa e sincera no coração da Cristandade, em boa parte revelados pelas duas referenciadas acções cardinalícias contra o poder cada vez mais absoluto do pontífice, mas sobretudo contra o facto de o mesmo faltar ao seu juramento aquando da elevação à cadeira do Santo Apóstolo.

[555] "nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte." in *MFC*, f. 183v.

Falar do cardeal e do Sacro Colégio na aurora de Quinhentos é forçosamente falar de Paolo Cortesi e da sua obra *De Cardinalatu*[556], publicada em 1510[557] e dedicada ao então pontífice reinante, Júlio II, *il papa terribile*. O autor tinha uma sólida experiência curial, pelo que o conteúdo da sua obra estava edificado sobre uma sólida formação teórica e prática da realidade cardinalícia[558]. A sua obra, que curiosamente de início fora pensada tendo por tema o príncipe secular, apresenta três partes (ou livros) fundamentais: *Ethicus et contemplativus*, *Oeconomicus* e *Politicus*; ou seja, os três domínios em que consistia a existência cardinalícia e que, idealmente (pois na prática quotidiana tudo se passava de forma bem diversa), deveriam marcar o ritmo de trabalho diário do homem que envergava a púrpura. No conjunto, Cortesi constrói o retrato do que à época deveria ser o príncipe ideal da Igreja: alguém absolutamente distinto dos restantes homens pela sua seriedade religiosa, rigor moral e empenho de governo, público e privado. Tudo na rigorosa consciência "de uma altíssima dignidade e dos muitos e árduos deveres que ela comportava, consubstanciados nas vestes púrpuras, símbolo do empenho na defesa da fé."[559] Revelador é o facto de que a razão que levou Cortesi a trocar o tema do chefe secular pelo do cardeal foi precisamente a tumultuosa realidade que teve oportunidade de presenciar, e que na essência se situa quase nos antípodas da imagem ideal que veicula no seu texto.

A Igreja oferecia excelentes oportunidades de carreira a homens ambiciosos e de talento, mas sobretudo a quem tivesse um patrocinador capaz de custear o barrete cardinalício ou algum familiar suficiente bem colocado junto do pontífice para levar este a efectuar tal escolha. Naturalmente, para além da simonia, o nepotismo e clientelismo papal e cardinalício eram as outras grandes fontes de nomeação de cardeais. Os papas, acompanhados pela maioria dos seus sequazes cardinalícios (aqueles que dos pontífices estavam em absoluta dependência devido aos referidos fenómenos de nomeação), não tinham quaisquer escrúpulos ou reservas morais nas suas decisões políticas e religiosas, situando-se ao mesmo nível (portanto, na realidade, a um nível bem inferior, dado que o seu estatuto de líder espiritual da Cristandade exige

---

[556] *Vide* Paolo Cortesi, *Pauli Cortesii Protonotarii Apostolici in libros de Cardinalatu ad Iulium Secundum Pont[ifex] Max[imus]*, Castro Cortesio: Symeon Nicolai Nardi Senensis, alias Rufus Calchographus imprimebat, 1510.

[557] Ou seja, no mesmo ano que a *Institutio christiani principis*, de Erasmo de Roterdão, e pouco antes da redacção do *Príncipe* de Maquiavel, que aconteceu em cerca de 1513.

[558] Paolo Cortesi fora, durante mais de 20 anos, primeiro como *scriptor* e depois como secretário apostólico, funcionário administrativo na cúria pontifícia. Cf. Massimo Firpo, "O Cardeal" in *O Homem Renascentista*, op. cit., pp. 59-98.

[559] *Idem*, *ibidem*, p. 61.

precisamente a conduta oposta) dos príncipes seculares. O fidalgo demonstra este estado de coisas nas mais diversas circunstâncias, bem como a ampla mundanidade que grassava na hierarquia eclesiástica coeva.

Por outras palavras, ao colocarmos o registo fornecido pelo fidalgo (predominantemente realista, na linha de Maquiavel e, sobretudo, Guicciardini, para quem não é possível assegurar a sobrevivência ou a viabilidade de um Estado segundo os ditames da consciência) em paralelo com a obra de Cortesi (que apresenta o modelo ideal de cardeal, absolutamente ausente da realidade), conseguimos apurar o quão mal estava o *Sacro Senatus*. O primeiro mostra como o cardeal se comporta (para o bem e sobretudo para o mal) e o segundo como se deveria comportar.

Com a grande maioria dos cardeais de origem italiana, o Sacro Colégio estava ocupado pelas principais famílias da península, sobretudo romanas, que desta forma pretendiam manter uma posição o mais próxima possível do centro de poder, sempre na expectativa de daí tirar proveitos para a sua Casa e, eventualmente, de aceder ao próprio pontificado: os Colonna e os Orsini de Roma, os Este de Ferrara, os Gonzaga de Mântua, os Petrucci de Siena, os Médici e Soderini de Florença, os della Rovere da Ligúria e de Urbino, entre outras. Por vezes, apesar de não conseguirem garantir o lugar a um dos seus parentes de sangue entre os cardeais, as famílias estavam bem presentes no Colégio através da aproximação a algum dos seus membros – a estreita ligação do cardeal Federico Sanseverino (c. 1477-1516) aos Sforza de Milão é um exemplo paradigmático deste fenómeno. Este movimento de orientação clientelar está na base do estabelecimento de poderosas redes de influências por parte dessas mesmas Casas nobres italianas em Roma.

De salientar também o número sempre importante de sobrinhos do papa entre as figuras cardinalícias, seja com Júlio II, seja com Leão X, que em 1517 renovou quase completamente o Colégio. Uma marca do nepotismo imperante.

Por outro lado, o ingresso no Colégio dos Cardeais tornou-se durante o período do Renascimento uma das principais fontes de receita para os cofres pontifícios, sempre sob pressão devido ao luxo cada vez mais exuberante da corte pontifícia e às guerras em que os Estados da Igreja se envolviam desde o regresso da sua sede a Roma, em particular depois de Alexandre VI, e que tinham como principal objectivo restabelecer o poder do papa sobre a Igreja e da Igreja no conjunto da península itálica. Júlio II é o expoente máximo deste cenário político-militar.

Em termos da nomeação de cardeais estrangeiros é de salientar que esta variava consoante a direcção em que os ventos diplomáticos sopravam. Espanha, França e Império eram normalmente presenças garantidas.

Não é por acaso que Savonarola (1452-1498) ergue o dedo acusador para a sede da Cristandade, colocando a nu o nepotismo, a simonia e, enfim, a corrupção quase generalizada da cúria (em que toda a gente parecia ter como primeiro objectivo a obtenção dos benefícios mais lucrativos e das funções e ofícios mais proveitosos), declaradamente escandalosas na viragem do século XV para o século XVI e sobretudo com Leão X. A instituição papal enquanto personificação absoluta deste estado de coisas era o grande alvo da censura generalizada.

O fidalgo mostra com o seu testemunho como todos estes movimentos político-religiosos (declarados ou encobertos) em Roma balançavam de forma pendular entre a oposição consistorial à autoridade suprema do pontífice e a luta deste para vergar ou pelo menos controlar essa mesmo contestação.

Naturalmente, diversos cardeais existiam que apresentavam alguma consciência religiosa e que tinham ascendido pelo seu talento, cultura e dedicação espiritual à Igreja:

> "Acabadas as obsequias entraram no conclaui desassete cardeaes que se acharam em Roma [.] fizeram dous scrutinios nos quaes quasi foram Jguaes nas vozes o cardeal de cuna per outro nome chamado alborensis, E mediçis. mas no segundo querendo os cardeaes diaconos que fosse o papa diacono elegerão mediçis com huma soo voz que ouve da ventaJem de cuna. era este cardeal de cuna castelão E mui velho, bem mereçedor do pontificado."[560]

Homens até com rara destreza e invulgar vontade para a honesta administração curial. No entanto, não é de todo esta a característica dominante. Pelo contrário, e é por dar a ver esse estado de coisas de forma clara e inequívoca que as *MFC* assumem um claro valor histórico-documental. O que é importante dar a ver para o fidalgo é que, de facto, as exigências políticas e financeiras conjunturais da Cúria é que orientavam em última análise as nomeações cardinalícias. A cúria estava, pois, quase completamente subordinada aos sinuosos jogos de poder que tinham lugar em Itália:

[560] *MFC*, f. 171r.

> "E por que estas cousas se diziam por Roma tam soltas as escreuo aqui. ca se tinham por mais çertas que a conspiração por cuJa cor foram mal tratados E mortos. atras Jsto se enxeria o Rifão das velhas – cria o coruo (?), os que o criaram E sobiram ao pontificado, esses destrohio E matou mal. Ja neste tempo o cardeal daraguão era ido a alemanha fingindo hir ver el Rey carlo. o cardeal de ferrara, o dos soiços, E o de mantua se aviam ido de Roma muitos dias avia. E despois da prisão dos cardeaes fugiram de Roma os cardeaes adriano, E vlteria, assi que de tal maneira andaua conçertado o sacro colegio com as calamidades E tribulações Jaa ditas."[561]

Por outro lado, como iremos verificar no ponto oito[562] da parte seguinte do nosso estudo[563], o desempenho dos cardeais nas *MFC* surge em grande parte associado à acção guerreira promovida pela cúria. De tal forma, que estas altas figuras curiais ora surgem como clérigos ora como destemidos capitães:

> "ao outro dia seguinte [ao da batalha de Ravena] foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles. na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[564];

> "Ao dia seguinte mui de madruguada os soiços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua. E Jsso mesmo sahio com elles o duque com quinhentos de caualo por que nam tinha mais consiguo. diziasse que el Rei de França se nam deçera de seu caualo toda a noite passada. E quando os soiços apareçeram elle estaua a ponto pera dar batalha a qual se trauou aspera E cruel." [565];

[561] *MFC*, f. 226v.
[562] *8. Quando a cabeça da Igreja enverga a armadura: papas e cardeais guerreiros.*
[563] *Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália.*
[564] *MFC*, f. 156r.
[565] *MFC*, f. 210r.

> "Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa."[566]

Os cardeais surgem como homens duros e não raras vezes cruéis, quase sempre indignos da púrpura que envergam:

> "vendo o papa [Júlio II] assentadas suas cousas se foi pera Roma E deixou por leguado em bolonha o cardeal sam vidal que era homem cruel E mui temido o qual antre as cousas que fez mandou hum dia chamar doze cidadões dos prinçipaes aos paços do papa onde elle pousaua E mandou a todos cortar as cabeças E assi mortos os mandou tirar A praça E deitar em esteiras onde estiueron grande parte do dia por que se temia delles por serem da parte dos vintevolhas. outro dia avendo hum homem a Roido com outro por que ho ferio se acolheo a hum mosteiro de frades obseruantes de são frrançisco. E Jndo o meirinho pera ho prender na JgreJa a qual laa nem em Roma nam val a ninguem hum frade sobio os sinos E Repicou hum A maneira de a Roido, pollo qual o leguado con temor do ajuntamento da çidade quis punir aquella sandiçe E mandou que viessem per ante elle dous frades daquelle moesteiro E darlhe conta como se aquillo fizera. E elles por mais grauidade mandaram ho guardião acompanhado doutros frades E tanto que cheguaron onde o cardeal estaua forom tomados E leuados A praça E em presença de todo o pouo derom a cada hum tres tratos de polee tam cruees que morreo disso o guardião E outros dous."[567]

A nomeação dos cardeais no início do século XVI revela, como já demonstrámos, uma expressiva mobilidade social ascendente na cúria, decorrente sobretudo da prática corrente do nepotismo, clientelismo e simonia, que se tinham entretanto tornado uma fonte normal de rendimentos. Isto faz com que – não podemos deixar de insistir – na perspectiva do fidalgo flaviense, o Colégio dos Cardeais fosse à época em boa parte composto por homens corruptos, em nada interessados na eleição de um papa intransigente ao nível das restrições financeiras como o fora Júlio II, que, apenas a título de exemplo, para ter a certeza de que os cardeais não tiravam nada do tesouro curial no período de permeio entre a sua morte e a eleição do novo papa, colocou o tesouro que tão esforçadamente reunira para a Igreja, à guarda do castelão de

[566] *MFC*, f. 164r
[567] *MFC*, f. 141r.

Sant' Angelo, com rigorosas instruções de que fosse entregue apenas ao seu sucessor, o qual ironicamente haveria de o exaurir até ao último ducado[568].

Mas as *MFC* demonstram também de forma incisiva um facto de grande importância: a ruptura que conduz ao concílio cismático de Pisa-Milão (1511-1512) revela que ainda existem no Sacro Colégio cardeais capazes de reivindicar o melhor para a Igreja enquanto farol espiritual da Cristandade. O mesmo acontecendo com a conspiração dos cardeais de 1517 contra Leão X. Apesar de envolverem razões de ordem secular, como a promoção pessoal de determinadas figuras cardinalícias, o facto é que estes dois momentos cruciais da história da Igreja católica revelaram que o conciliarismo ainda não estava totalmente derrotado e que a ideia do papa constituir o chefe supremo e inquestionado da Igreja, no sentido da monarquia absoluta secular, ainda não era uma máxima absolutamente assente. Apesar de terem constituído as derradeiras tentativas para inverter a total e incontestada supremacia pontifical, o facto é que *per se* dão a ver que uma réstia de preocupação espiritual e religiosa ainda pairava pelo menos sobre alguns sectores do Colégio de cardeais. Algo que parecia completamente perdido pela forma como decorreu o conclave que culminou na eleição de Leão X e na quase imediata nomeação de quatro cardeais da sua parentela e rede clientelar.

A nomeação de 31 cardeais pelo papa Médici, em 1517, na sequência da dita conjura alterou por completo as redes de influência e de poder no seio da cúria, resultando todo o processo na autoridade suprema do papa, que não mais seria contestado, sobretudo pelo facto de que quase todos os cardeais que compunham agora o Sacro Colégio lhe deviam a nomeação e dele eram dependentes a quase todos os níveis, sobretudo socioeconómicos:

> "Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes E do que se dizia E fazia per Roma. A sesta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, antre os quaes foi criado cardeal o Jfante dom afonso filho legitimo del Rei dom manuel primeiro deste nome Rei de portugual. antre os outros nomearei alguns. delles conheçi Ricos, E delles tam pobres que quando alcançauam Reção de tinello que os satisfizessem se aviam por bem contentes. E estes erão os parentes do papa que eu conheçi sendo elle cardeal E tam pobre como Ja disse. deixo santiquatro, aJnda que este era algum tanto mais Rico por ser Ja datario do papa Jullio.

[568] Cf. Eric Russel Chamberlain, *Papas Perversos*, op. cit., pp. 215-243.

> deixo bernardo de bibiano [.] deixo çibo. deixo mediçis, os quaes eram tam pobres como Ja tenho dito. mas nesta enleição foi luis de Roxas com outros seus parentes, tam pobres de Renda, letras, Jdade, E autoridade que se nam podia mais dizer. tres frades geraes. o de sancto agustinho, o de são dominguos, ambos mui grandes teologuos. E dos obseruantes françiscos – Jacobaes Romão, E campeJo auditores da Rota [.] o senhor franchote Vrsino. dos coluneses o bispo Jrmão do prospero coluna, E o bispo de lauala sobrinho, o sobrinho do senhor sam Jorge çesarino alferez de Roma. os mais destes E dos outros cardeaes que nam nomeo compraram os capelos por grande numero de cruzados que se despenderam em breues dias na guerra dorbino. no dia que os cardeaes nouos ouveram os barretes comeram com Sua Santidade, E os velhos pollos honrrar. era Ja quasi noite quando sahiram do paço era cousa fermosa de ver tantos cardeaes E tanta Jente tam Rica E luzida que os acompanhauam. o castelo de santo angelo E todalas torres E casas prinçipaes da çidade pareçiam arder com a multidão das luminarias E fogos que se faziam. ca todos honrrauão E festeJauão aos que seruiam E deseJauam seruir.”[569]

~

Em síntese, o fidalgo mostra de forma cabal o rumo que a cúria e a capital da Cristandade tomaram nos alvores do “longo” século XVI, nas palavras de John Hale, em direcção à inevitável Reforma iniciada pelo furor religioso de Martinho Lutero.

Dois pontificados surgem descritos nas *MFC* e outros tantos cenários são apresentados pelo autor a D. Jaime de Bragança como estando na base da decadência coeva da Igreja: por um lado, a clara orientação da cúria e da Igreja no seu todo sob a condução de Júlio II no sentido de uma acentuada mundanização (constituindo, neste caso, as festas e as guerras a sua melhor expressão) e funcionalidade no que respeita à interferência do papado na política italiana e internacional europeia; e, por outro, o rumo da Igreja de S. Pedro capitaneada por Leão X em direcção à consolidação da monarquia papal e consequente derrota do conciliarismo – já anunciada pouco antes pelo revés dos cardeais cismáticos contra Júlio II, cuja convocação do concílio de Latrão V anula completamente a reunião conciliar de Pisa-Milão –, tendo tragicamente por pano de fundo uma irrefreável apetência para o nepotismo, o clientelismo e a simonia papal e cardinalícia, em paralelo com um gasto desmesurado com a guerra, o luxo e a quase permanente celebração festiva por parte do vértice da Igreja romana.

[569] *MFC*, f. 224r.

Duas realidades que anunciaram na primeira e segunda décadas de Quinhentos a tempestade protestante que haveria de chegar. Eis o que o fidalgo dá a ver ao seu senhor e anuncia de forma quase premonitória no seu revelador testemunho. Pressente-se nas suas palavras emotivas acerca da forma quase obsessiva como o papa Médici saciava a sede de prebendas e benefícios da sua numerosa prole familiar e clientelar, a qual literalmente invadiu Roma durante o seu pontificado, toda uma urgente renovação das estruturais curiais e da orientação política e religiosa do papado enquanto instituição.

O alerta do fidalgo é claro: era urgente mudar a orientação da Igreja católica. De forma tão calamitosa quanto fatídica, o saque de Roma de 1527 haveria de confirmar os indícios directos e indirectos lançados pelo autor flaviense[570] neste sentido.

O quinto concílio de Latrão, que começara de forma tão violenta e determinada com Júlio II, havia de terminar de forma tão morna e passiva que nada se fez em seguida para alterar a nefasta situação vigente e colocar em prática as urgentes necessidades reformadoras tão veementemente evocadas nas suas primeiras sessões. Mais ainda! Juntamente com a conspiração cardinalícia de 1517, tal concílio representa o "canto do cisne" das pretensões conciliares contra a instalação definitiva e incontestada de uma monarquia papal de índole absoluta[571].

Mecenas generosos, que, de facto, engrandeceram Roma com o seu amplo apoio às artes e à cultura, Júlio II e Leão X foram igualmente, em certo sentido, os "carrascos" da cúria renascentista[572]. A ultradispendiosa construção da Basília de S. Pedro constituirá, em última análise, a melhor expressão do delírio magnificente de ambos estes papas e o *leitmotiv*, pela forma como colocou as indulgências no topo das formas de angariação financeira da cúria, para a tormenta que se vislumbrava no horizonte.

Roma era sinónimo de redes de poder e de um inesgotável jogo de influências e cumplicidades[573]. Com tal pano de fundo, a censura que as *MFC* efectuam à cúria pontifical reside no facto de o papa, enquanto pessoa, confundir-se em absoluto neste período com a instituição que representa, o papado, daqui resultando que cada

[570] Cf. André Chastel, *The Sack of Rome: 1527*, s. l., Princeton University Press, 1983.
[571] Cf. Aldo Landì, *Concilio e Papato nel Rinascimento (1449-1516): un problema irrisolto*, op. cit.; James Henderson Burns, Thomas M. Izbicki (ed.), *Conciliarism and papalism*, op. cit.; Nelson Hubert Minnich, "Julius II and Leo X as Presidents of the Fifth Lateran Council (1512-1517)" in *La Papauté à la Renaissance*, Florence Alazard and Frank La Branca (ed.), Paris, Honoré Champion Éditeur, 2007, pp. 153-166.
[572] Cf. Ennio Innocenti, *Storia del potere temporale dei papi*, op. cit..
[573] Cf. Pietro Paschini, *Roma nel Rinascimento*, Bologna, Cappelli, 1940, pp. 390, 436, 446-453; Sergio Gensini, *Roma capitale (1447-1527)*, Roma, Pacini, 1994.

pontificado é sinónimo da conduta e da personalidade de determinado indivíduo e não de uma mensagem espiritual bem definida *a priori* e que, nessa medida, deve ser transversal a todo e qualquer cardeal que venha a ocupar o trono de S. Pedro independentemente da sua personalidade, percurso, ambições e vicissitudes familiares.

Daí que a política praticada pela cúria e as mais altas figuras da Igreja surja nas *MFC* como estando separada da moral, antes acompanhando de muito perto todo o *furor politicus* que atravessa a Itália coeva e na base de boa parte do qual está. Ou seja, o papado e a sua corte apresentam-se na narrativa do fidalgo como predominantemente inscritos no domínio temporal em detrimento do espiritual, onde por definição deviam permanecer.

O fidalgo olha pois de frente e sem reservas o palco onde o mal e o bem se digladiam, trazendo à luz o autêntico espírito que está na base do agir político na cúria pontifícia no alvorecer do século XVI. Um espírito pautado pelo pragmatismo, a determinação e o recurso sem escrúpulos ao uso da força e das armas.

Desta forma, o que os papas em questão – enquanto pessoas e instituição – fizeram foi acelerar a urgência de regeneração dos costumes religiosos e de mudança de conduta por parte da cúria, e o consequente processo de chegada da Reforma. Daí que Erasmo detestasse a cúria: a conduta bélica e o espírito guerreiro de Júlio II inquietavam-no, ao passo que o estilo refinadamente dissimulado de Leão X não o seduzia. Não é por acaso que toda a sua obra é inspirada por um único ideal: a reivindicação da autêntica espiritualidade, do retorno a Cristo e ao espírito e à letra dos Evangelhos e a consequente renovação religiosa da Europa através do humanismo – o *humanismo cristão*[574]. Daí que, de alguma forma, a sua presença e a de outros humanistas cristãos paire sobre as *MFC*, por exemplo, quando o fidalgo acusa os abusos de poder da cúria.

[574] É, aliás, neste ponto que Erasmo se afasta de Maquiavel e Guicciardini, pois defende que a vida cristã para ser renovada teria também de ser alterada ao nível das práticas na política. Ou seja, o Estado devia subordinar-se à ética cristã, sendo o príncipe bom apenas quando faz do Evangelho a única fonte de inspiração da sua política. Tendo estes princípios por orientação suprema, Erasmo rejeitava de forma peremptória qualquer atitude que significasse privação da liberdade humana. Cf. A. G. Dickens, Whitney R. D. Jones, *Erasmo el Reformador*, op. cit.; Jean-Claude Margolin, *Érasme précepteur de l'Europe*, Paris, Julliard, 2005; José Vitorino de Pina Martins, *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973; Marcel Bataillon, *Erasme et la Cour de Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1927; Idem, *Erasmo y el Erasmismo*, Barcelona, Editorial Crítica, 1983; Idem, *Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México, Fondo de Cultura Económica, 1996.

Por tudo isto, ao dar a ver os múltiplos abusos do topo da Igreja, o fidalgo de Chaves traz para a luz – contra a ideia política e social estabelecida de um papado teocrático mas também monárquico, ou seja, temporal e secular – uma tomada de consciência progressiva acerca dos profundos problemas que marcavam a Igreja católica romana coeva, em particular o profundo vazio espiritual e a crescente comercialização das práticas religiosas com especial atenção para a venda de indulgências para conseguir uma redução das penas do purgatório, mas também o baixo nível moral do clero, a sua escassa preparação e o claro predomínio dos interesses terrenos sobre os espirituais. Desta forma, em simultâneo, faz pressentir a Reforma e o grito de revolta de Martinho Lutero, que, precisamente no mesmo ano em que o autor deixa Roma, em 1517, afixa nas portas da igreja de Wittenberg as suas famosas 95 teses sobre a política religiosa dos papas, transformados em mercadores de paraísos e de salvação por um determinado preço – um acontecimento aparentemente banal, e por isso subestimado por Roma, que despoletou um longo processo de ruptura que culminou na cisão definitiva da Cristandade[575].

[575] Cf. A. G. Dickens, Whitney R. D. Jones, *Erasmo el Reformador*, op. cit.; George Rudolph Elton, *A Europa durante a reforma: 1517-1559*, Lisboa, Presença, 1982; Jean Delumeau, *La Reforma*, op. cit.; Ruggiero Romano, Alberto Tenenti, *Alle origini del mondo moderno (1350-1550)*, Feltrinelli, Milano, 1967; Idem, *Los fundamentos del mundo moderno*. *Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*, op. cit.; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit..

Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália

A relação entre a guerra e o exercício efectivo do poder nos alvores de Quinhentos no *Velho* continente constitui uma presença estruturante nas *MFC*. Com efeito, o fidalgo aborda a problemática praticamente desde o início do seu texto até aos derradeiros fólios dando-nos a ver dois tópicos nucleares: a forma como a Europa é "decidida" em Itália; e a efectiva tomada de consciência na Europa ocidental – sobretudo pelo papado, o Sacro-Império e também a Espanha, que acaba por se ver integrada naquele a partir de 1519 com a eleição de Carlos I de Espanha como soberano do Sacro Império Romano-Germânico, ou seja, Carlos V – do crescente perigo turco, que se torna uma ameaça real não apenas para a estabilidade política e económica mas inclusivamente para a integridade territorial da Cristandade e do Ocidente europeu

O primeiro tópico materializa-se nas narrativas concernentes às *Guerras de Itália* que atravessam todo o relato, ao passo que o segundo toma forma na frequente alusão ao tema da Cruzada. Se em relação ao primeiro elemento não surgem referências a Portugal (à excepção de diversos apontamentos individualizados relativos à participação e desempenho de guerreiros portugueses nos confrontos armados), o que se explica pela posição de neutralidade do reino face aos conflitos ocorridos em solo itálico, já no que respeita à problemática da Cruzada Portugal assume uma posição de grande destaque e protagonismo, como o indicam as festividades em Roma em celebração das vitórias lusas no Magrebe e a documentação oficial apresentada pelo autor no seu relato.

Deparamo-nos, deste modo, quer com a face *interna* da Europa, expressa nas *Guerras de Itália* e todas as múltiplas relações de poder que estas envolvem a nível político, militar, diplomático, social e económico, quer com a sua face *externa*, traduzida sobretudo em dois campos fundamentais: a problemática do combate ao turco e ao muçulmano em geral; e a expansão da fé cristã nos territórios recentemente descobertos e/ou conquistados pelos portugueses no seu vasto movimento de expansão e descoberta marítima. Em suma, o fidalgo dá a ver ao seu senhor uma Europa virada para dentro, para si própria; mas também faz menção ao velho continente enquanto espaço religioso e de poder virado para fora, para paragens bem distantes dos limites das suas fronteiras naturais e políticas.

Noutra vertente, que consideramos também de grande importância para uma análise sólida da relação entre a guerra e o exercício efectivo do poder nas *MFC*, o fidalgo aborda todo um conjunto de temas inerentes à descrição dos conflitos armados em si. Trata-se de problemáticas que por vezes surgem de forma indirecta e até secundária, mas cuja validade para a interpretação da fonte como um todo integrado e consequente desenvolvimento de conclusões no quadro do presente ponto do nosso estudo é inequívoca. Falamos, nomeadamente, do protagonismo do novo armamento (em especial da artilharia e das armas de fogo ligeiras) e da renovada importância da infantaria relativamente à tradicional cavalaria pesada. Do papel das companhias de mercenários, por exemplo, em comparação com as milícias urbanas. Da importância crucial do atempado pagamento do soldo aos guerreiros. Do início da mudança de paradigma no que respeita aos sistemas defensivos, em particular da edificação de fortalezas. Das consequências da guerra para as populações locais e para o próprio património edificado (como o saque, a violação das mulheres, o aparecimento de doenças, a necessidade de efectuar pagamentos como forma de evitar a rapina e a destruição, a abundância de crimes vários e actos de vingança, a predação dos recursos locais devido à instalação ou circulação de exércitos inactivos, entre diversos outros tópicos). Dos conceitos nucleares de guerra *justa* e *injusta*. Do papel dos cardeais e do próprio pontífice no desenvolvimento da guerra e na sua prática quotidiana *in loco*, bem como do decisivo contributo das principais famílias italianas, em particular as romanas, para o desenvolvimento dos confrontos político-armados em solo itálico.

1. Guerra sem fim: descrição de conflitos armados

> "Por volta de 1500, Philippe de Commines, diplomata e conselheiro de Carlos VIII de França para os assuntos externos, observou que 'tenho convivido tanto com grandes príncipes como poucos homens do meu tempo em França e não só aqueles que reinaram neste reino mas na Flandres, na Alemanha, na Inglaterra, em Espanha, Portugal e Itália… além de vários que nunca vi, mas conheci… através das minhas conversas com os seus embaixadores, que me deram um retrato suficiente das suas naturezas e condições.' E o resultado deste conhecimento? A Europa estava condenada a dividir-se em hostilidades mútuas."[1]

[1] John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 2000, p. 101.

As palavras de Philippe de Commines (1447-c.1511), um homem profundamente conhecedor da política e da diplomacia da viragem do século XV para o século XVI, pela voz crítica e interpretativa de John Hale dão bem a ver o estado de coisas com que o fidalgo de Chaves se deparou aquando da sua chegada a Itália, em 1510 – à época a "capital" dos conflitos bélicos europeus. Não é por isso de estranhar a importância central que a guerra, na sua maior crueza, assume no testemunho que redige para o duque de Bragança, destinatário que, pela sua condição, teria particular interesse em manter-se a par de tais questões.

A descrição visual e emotiva das batalhas e das tácticas pelo fidalgo reflectem bem, por um lado, a importância (em termos programáticos e estratégicos, ou seja, políticos) que este documento assume para o destinatário, e por outro lado, a forma particularmente intensa, sem deixar de ser objectiva, como o próprio autor lida com um assunto crucial para a época e para o espaço em que habita e se movimenta entre 1510 e 1517. Um assunto a cujos diversos desenvolvimentos assiste pessoalmente ou através de terceiros que participaram nos mesmos – a título de exemplo, e vários outros existem, refira-se a descrição da angustiante e politicamente explosiva ambiência vivida em Roma após a batalha de Ravena:

> "Como a noua cheguou a Roma E do que o papa fazia. Jaa disse que foi a batalha [de Ravena] na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze anos em dia de pascoa da Resurreição. A terça feira seguinte de noite cheguou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de custume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jsso mesmo todalas senhoras e baronesas de Roma que tinhão seus maridos na guerra E cada huma perguntaua pollo seu. o papa as consolaua E dizia que nom cressem nada do que se dizia por que custume era dos françeses semear sempre nouas mentirosas em seu fauor. nesta primeira noua nam veo mais çerteza que ser o viso Rei desbaratado E fugido. despois veo outra que nam escapara dos espanhoes nenhum que nom fosse morto E que os françeses ficaram Jnteiros sem moRer homem delles E que vinhão contra Roma. E que o duque dorbino se passara da parte de França. com estas nouas os cortezãos estauão sospensos E postos em grande confusão E o papa mal contente. passados oito dias vierom coReos E tambem o duque de tracto E outros caualeiros que forom na batalha ataa fim della E se saluarom, que trouxerom noua certa do que passara. todolos dias que nom eram de consistorio fazia o papa congreguação com todolos cardeaes E todo seu fundamento era fazer pazes. trazia tratos com os prinçipaes Romanos por que todos andauam mui aluoraçados. E pollos paçificar lhes confirmou

> çertas liberdades que sohiam ter antiguamente. estaua o prospero colunna neste tempo desauindo do papa E querendo Sua Santidade fazello faloneiro da JgreJa veo a Roma sendo medianeiro o embaixador de castela. esteue com o papa espaço de duas oras sem outra pesoa E do que passaram o prospero se tornou a hir loguo de Roma pera suas vilas E çidades de que hee senhor. E estão nom muito longe de Roma. dizse que as coisas que pedia erão taes que nam teuera Sua Santidade por bem de lhas conçeder. E assi se apartaram desacordados. bradaua o papa por guonçallo fernandez dizendo que este queria em Jtalia confaloneiro da JgreJa E capitão del Rei dom fernando."[2]

O conflito armado enquanto manifestação e acto de poder último no desenvolvimento do processo político é, pois, intensamente explorado pelo fidalgo no seu relato.

Como já assinalámos, a maior parte da narrativa do fidalgo de Chaves dedicada à relação entre a guerra e o exercício do poder circunscreve-se temporalmente ao primeiro terço das chamadas *Guerras de Itália*, onde sobressaem as batalhas de Ravena (1512) e do Marignan (1515) que são alvo de uma reflexão especial pelo autor e que ocorrem durante a sua permanência em Itália. Mas o olhar arguto do fidalgo não se limita apenas a estes dois grandes confrontos armados que marcaram a primeira fase das *Guerras de Itália*. De facto, outros importantes episódios bélicos são abordados pelo autor, a saber os confrontos de Agnadello (1509), Pádua (1509), Polesella (1509), Brescia (1512), Novara (1513) e La Motta (1513).

Por outro lado, ainda no quadro dos combates que distinguiram o período que decorre entre 1508 e 1516[3], o autor das *MFC* foca todo um conjunto de confrontos secundários[4] como a investida contra Perosa (1506), os cercos (1506 e 1511) e a tomada de Bolonha pelo papa (1512), o levantamento de Pérgamo (1512) e o ataque ao castelo

---

[2] *MFC*, f. 156v e f. 157r.

[3] Como assinalámos, em termos de conflitos armados, o período que decorre entre 1508 e 1516 pode dividir-se em três categorias principais: as chamadas *Guerras da Liga de Cambrai* (1508-1510), as *Guerras da Liga Santa* (1510-1514) e a *Primeira Guerra Italiana de Francisco I* (1515-1516). Todos estes movimentos de aliança e contra-aliança, bem como os confrontos armados associados, inscrevem-se no quadro mais geral das *Guerras de Itália* (1494-1559). Cf. David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, Woodbridge, The Boydell Press, 2008, pp. 26-32; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, Cambridge, Cambridge University Press, 1921, pp. 1-9; Jeremy Black (ed.), *European Warfare, 1494–1660*, London, Routledge, 2002, pp. 69-96 e 212-216; Idem, *The Cambridge Illustrated Atlas of Warfare. Renaissance to Revolution, 1492-1792*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, pp. 46-63.

[4] "Secundários", saliente-se, quando comparados com as referidas grandes batalhas, mas sem dúvida extremamente significativos em termos, por um lado, das forças e dos meios militares envolvidos, e, por outro lado, do resultado final. Significativos também se encarados do ponto de vista das consequências da guerra no seu todo e em particular no desgaste das principais nações cristãs envolvidas.

de Rexa (1512), o ataque à fortaleza de Forli na sequência da batalha de Ravena (1512), o ataque suíço a Milão que culmina com a expulsão dos franceses de Itália (1512), o saque da vila do Prado (1512) e o cerco a Florença que resulta na recuperação do poder pelos Médici em Florença (1512), o saque da feira da vila de Maestra (1513) e ainda o ataque a Siena (1516). Fora do quadro das *Guerras de Itália* destaca-se a referência à batalha de Los Gelves (1510). Merecedoras também de uma atenção particular são as *Guerras de Urbino* (1516-1517)[5] – sobretudo a segunda fase deste conflito que tem como principais protagonistas Lourenço (II) de Médici e Francisco Maria (I) della Rovere.

Logo nos primeiros fólios do seu relato, aquando da sua viagem em direcção a Roma, o fidalgo evoca também as batalhas de Tripoli (1510) e do Garillano (1503), sendo que esta última constitui o terceiro e último grande conflito armado do segundo momento[6] das *Guerras de Itália*, tradicionalmente denominado *Segunda Guerra Italiana*, que ocorre entre 1499 e 1504.

Como referimos no início desta problemática, quando abordamos nas *MFC* a relação entre a guerra e o exercício do poder na Europa da aurora de Quinhentos, além da "questão" italiana destaca-se o tópico da Cruzada, materializado no combate à ameaça turca no Leste da Europa e a Oriente e ao muçulmano no Norte de África. E neste domínio o papel e a importância de Portugal assumem um carácter completamente diferente do verificado em relação ao primeiro ponto, onde a clara opção pela neutralidade faz com o reino luso seja praticamente referência omissa no texto em questão.

Assim, ainda que apenas referenciado do ponto de vista das celebrações realizadas em Roma pela vitória armada no Norte de África ou no quadro da embaixada de obediência ao papa, ou seja, sem descrição específica e objectiva de combates ou de tácticas militares como acontece em relação aos conflitos ocorridos em solo itálico, a política de guerra além-mar protagonizada pelos portugueses em prol da expansão da fé cristã (e da ascensão e enriquecimento do reino de Portugal, obviamente) merece uma atenção especial nas *MFC*, até porque é sempre efectuada numa base comparativa com

[5] O sexto grande momento das *Guerras de Itália*. As *Guerras da Liga Santa* (1510-1514) e a *Primeira Guerra Italiana de Francisco I* (1515-1516) constituem, respectivamente, o quarto e quinto momentos.
[6] Engloba os grandes confrontos bélicos de *Ruvo* (1503), *Cerignola* (1503) e *Garigliano* (1503). O terceiro grande momento das *Guerras de Itália* são as já referidas *Guerras da Liga de Cambrai* (1508-1510), que surgem na sequência do *Tratado de Cambrai* (1508).

o comportamento político, militar e, enfim, religioso das restantes nações cristãs da Europa.

a) <u>As batalhas de Tripoli e do Garillano</u>

A referência às batalhas de Tripoli e do Garillano surgem, como dissemos, no quadro da descrição pelo fidalgo da sua viagem com destino a Roma. Com efeito, ao relatar a sua escala em Palermo, na Sicília, onde visitou a fortaleza de *Castel Vecho*, bem como os paços do Viso Rei, dos quais nos oferece um registo impressivo, o autor faz referência aos dois importantes conflitos militares nos inícios de Quinhentos: a batalha do Garellano e a expedição liderada por Pedro Navarro contra Tripol[7] – sendo que, no âmbito desta última, refere as festas que se celebraram pela vitória cristã:

> "Partidos de çerdenha, cheguamos a çezilia com boom tempo E tomamos em palermo grande E antigua çidade. (…) os paços do viso Rei são Junto do mar. (…) ali Junto do mar estaua a artelharia que o gram capitão tomou aos françeses na batalha do guarelhano. quando cheguamos a palermo avia poucos dias que pero navrro partira de trapana com grande armada sobre tripol de berberia. E nam tardou muito que cheguou noua que dia de santiaguo que entonçes fora, ha tomara aos mouros. E nam com tampouca perda dos christãos como se então dizia. E por estas nouas o viso Rei mandou fazer grandes festas E luminarias na çidade E nas outras da Jlha."[8]

A batalha do Garellano[9] (28 e 29 de Dezembro de 1503) surge no contexto da expansão aragonesa protagonizada por Fernando II de Aragão a partir de 1492 rumo à península Itálica e ao norte da África. Naquela, no sentido de se opor ao objectivo francês de anexar o reino das Duas Sicílias (entidade geopolítica que engloba o reino da Sicília e o reino de Nápoles[10]), o soberano organizou, em 1495, a *Liga Santa*, no que constituiu a sua primeira grande vitória diplomática internacional. Seis anos mais tarde Fernando consegue conquistar Nápoles e expulsar a dinastia reinante dos Anjou, reunindo os dois reinos sob a autoridade da coroa aragonesa. Grande parte dos seus êxitos militares devem-se à figura referida pelo fidalgo de Chaves no seu texto como "o

[7] Na actual Tunísia.
[8] *MFC*, f. 137r e f. 138r.
[9] Ou Garigliano.
[10] Ou reino da Sicília Peninsular.

gram capitão" – título coevo pelo qual era conhecido o célebre comandante Gonzalo Fernández de Córdova y Aguilar (1453-1515) –, precisamente o líder do exército ibérico na vitoriosa batalha do Garellano contra os franceses, que resultou na derrota destes depois de alguns dias de cerco em Gaeta[11] e no subsequente Tratado de Lyon (31 de Março de 1504), firmado entre Luís XII de França e Fernando o *Católico*, o qual pôs fim à *Segunda Guerra de Nápoles* (1501-1504)[12] e determinou o abandono das pretensões francesas ao reino de Nápoles em favor da coroa de Aragão. A Espanha obtinha assim uma total supremacia sobre o Reino de Nápoles, que duraria vários séculos, e via desta forma iniciada a sua hegemonia sobre a Itália nos alvores da Idade Moderna (em grande parte devida às vitórias militares sucessivas do "gram capitão" sobre os franceses, que chegou a governar a Sicília como vice-rei)[13].

Na batalha do Garellano participaram igualmente duas grandes figuras militares da época e às quais o fidalgo faz diversas referências ao longo das *MFC*, nomeadamente, Pedro Navarro (1460-1528) e Prospero Colonna (1452-1523). Esta premissa aliada à atenção dada ao pormenor da "artilharia" (tema que iremos desenvolver mais adiante, mas que surge aqui na qualidade de primeira de várias referências pelo autor à importância deste tipo de armamento, incontestavelmente detentor de um novo e destacado protagonismo – juntamente com a infantaria – nos palcos bélicos), revela como o autor está solidamente a par dos acontecimentos e das figuras mais importantes do seu tempo, bem como do facto de a vitória espanhola na batalha em questão assumir importantes repercussões militares e políticas.

O fidalgo volta a abordar o tema da batalha do Garellano entre franceses e espanhóis quando se desloca de Palermo para Roma, via Nápoles, agora com maior incisividade e detalhe:

> "De capua de puçol e do sitio do guarelhano. Faziam neste tempo mui grandes calmas em todas aquelas partes E contudo por que achei companhia me parti pera Roma E nam quis leuar o caminho da gruta de puçol. a qual gruta passa por baixo de huma serra E dura de comprido mais de huma milha. hee tão ancha que podem hir E vir duas carretas sem tocar huma na

[11] Na província de Latina, na região italiana do Lácio.
[12] Conflito que surge no contexto alargado das chamadas *Guerras de Itália* e que teve como cenário o antigo reino de Nápoles, cujo domínio era ambicionado por Luís XII de França e Fernando II de Aragão.
[13] Cf. David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32; Ramón Menéndez y Pidal, *Historia de España: Tomo XVII, La España de los Reyes Católicos*, vol. 2, Luis Suárez Fernández y Manuel Fernández Álvarez (dir.), Madrid, Espasa-Calpe, 1995, pp. 5-22, 335-408 e 542-624.

> outra. dizem que luçio luculo a fez. este caminho hee A parte esquerda contra o mar vindo de napoles pera Roma. mas nos tomamos ho da mão direita por ver capua de que tanto falam os liuros E via tam destrohida como vi Roma que cada huma pareçe que nunca ali ouve memoria de çidade. naquelles luguares que sohião ser pouoados. E tambem por ver o guarelhano onde foi a batalha do gram capitão com os franceses, o qual hee ao pee de huma aspera serra sobre a qual estaa linterno onde çipião morreo desterrado. o Rio hee fundo E estreito. E vi os luguares de huma parte E da outra onde os aRayaes estauão assentados E a torre dos gualeguos que era bem fraca pera sostentar por estar da parte dos françeses. E o luguar onde a ponte foi deitada por onde os espanhoes passaram por força contra os françeses. E via as estalagens que forão cheas de grandes Rimas domens mortos. E o porto Junto da serra onde o gram capitão foi passar E a força de seu exerçito. E hum luguar deserto de aradas, soomente aquellas pobres estalagens [.] o Rio se passa per barca E entra loguo no mar. se ali ouvesse maree tudo alaguaria. mas medio terreno non creçe nem minguoa cousa que se muito enxergue. gata se vee daquelle caminho. aquelle mar de gata"[14]

Da salientar, neste passo, a vontade do autor em ir ver a cidade de Cápua, sobretudo porque se trata de uma disposição surgida em articulação com leituras efectuadas, o que confirma que o fidalgo fazia as suas leituras, em particular de carácter histórico e especificamente de temática clássica, o que está de acordo com os gostos humanistas do seu tempo: "mas nos tomamos ho da mão direita por ver capua de que tanto falam os liuros E via tam destrohida como vi Roma que cada huma pareçe que nunca ali ouve memoria de çidade. naquelles luguares que sohião ser pouoados."[15] Neste passo, curiosas e reveladoras são também a evocação da destruição coeva de Cápua, que o autor compara à que irá assistir em Roma, e o apontamento sobre Cipião, mais uma vez num quadro de referência ao mundo clássico, precisamente o tema de eleição, nas mais diversas disciplinas, dos autores do Renascimento: "E tambem por ver o guarelhano onde foi a batalha do gram capitão com os franceses, o qual hee ao pee de huma aspera serra sobre a qual estaa linterno onde çipião morreo desterrado." [16]

Um derradeiro apontamento, ainda em relação a este confronto do Garellano, para referir a forma peremptória como o fidalgo assinala que esteve nos próprios campos onde se deram os conflitos e, sobretudo, o apontamento muito específico à fraqueza da torre dos galegos: "E vi os luguares de huma parte E da outra onde os aRayaes estauão assentados E a torre dos gualeguos que era bem fraca pera sostentar por estar da parte

[14] *MFC*, f. 139r.
[15] *Ibidem.*
[16] *Ibidem.*

dos françeses." [17] O primeiro aspecto pretende sustentar a inequívoca veracidade do seu testemunho perante o destinatário do mesmo, sendo que o segundo, em nossa perspectiva, surge na medida em que D. Jaime, como é sabido, tinha particular interesse pela temática das fortificações e demais estruturas defensivas italianas.

Também a vitória contundente de Pedro Navarro no quadro da expedição que chefiou contra Tripol merece particular atenção por parte do fidalgo:

> "quando cheguamos a palermo avia poucos dias que pero navrro partira de trapana com grande armada sobre tripol de berberia. E nam tardou muito que cheguou noua que dia de santiaguo que entonçes fora, ha tomara aos mouros. E nam com tampouca perda dos christãos como se então dizia. E por estas nouas o viso Rei mandou fazer grandes festas E luminarias na çidade E nas outras da Jlha."[18]

Como referimos anteriormente, e tendo em atenção a concordância de factos e dados cronológicos com as referências historiográficas italianas coevas[19], o fidalgo acompanha de perto a realidade que o circunda.

Pedro Navarro, que ficou célebre pelo seu desempenho nas *Guerras de Itália* e no Norte de África, lutou inicialmente pelo lado espanhol (até 1512) mas, a partir de 1515, passou ao serviço de França (ironicamente quando já era espanhol de nacionalidade, pois Navarra já tinha sido integrada na Espanha), devido a Fernando *o Católico* ter-se recusado a pagar o resgate após a sua prisão pelos franceses, precisamente em 1512, na batalha de Ravena, e também, mais tarde, na sequência de Carlos I ter-se negado a integrá-lo ao seu serviço.

Sob o comando do *gram capitão*, a quem admirava muito, lutou nas primeiras campanhas de Itália, tendo a seu cargo todo o referente à engenharia dos conflitos. Liderou com sucesso, igualmente por designação do comandante supremo dos exércitos hispânicos, o ataque às difíceis fortificações napolitanas de Castelo Novo e Castelo do Ovo (no golfo de Nápoles) em 1503, que permitiu aos espanhóis apoderarem-se de

[17] *Ibidem.*
[18] *MFC*, f. 137r e f. 138r.
[19] Cf. Francesco Guicciardini, *The History of Italy*, vol. III, Fifth and Sixth Books, London, printed by John Towers, 1753, pp. 179-216; Paolo Giovio, "Pedro Nauarro" in *Elogios o vidas breves de los cavaleros* [*Elogia virorum bellica virtute illustrium veris imaginibus supposita, quae apud Musaeum spectantur*, Florence, Officina Laurentii Torrentini Ducalis Typographi, 1551, Trad. de Baeça], Granada, Aleigo de Mena, 1568, pp. 164-166.

Nápoles em Maio do mesmo ano. Na sequência, em Dezembro seguinte, assumiu o comando da infantaria espanhola na vitoriosa campanha do Garellano.

A sua vitória em Tripoli decorre da missão que lhe foi atribuída pelo rei Fernando *o Católico*, em 1508, com o objectivo de conquistar redutos no Norte de África cruciais para a segura navegação do Mediterrâneo, dada a intensa actividade do corso e pirataria berberes. Após conquistar Orán e a rica cidade de Bugía, consolidando o domínio hispânico na região, partiu da pequena ilha siciliana de Favignana à frente de uma poderosa frota com o único propósito de conquistar Tripoli. A batalha teve lugar no dia 25 de Julho de 1510[20].

A D. Jaime interessavam certamente as informações acerca das actividades militares de Pedro Navarro, sobretudo devido à sua excelência ao nível da utilização da artilharia, do manuseamento de minas terrestres e, enfim, da edificação de fortificações capazes de suster ataques com os mais modernos armamentos.

Por outro lado, enquanto associada à guerra, estamos perante uma reveladora referência à "festa" como símbolo de poder. Um acto importante de propaganda ideológica que, numa leitura superficial, visa apenas a união da Cristandade em bloco contra o "infiel", mas que num olhar mais incisivo aponta a consolidação da hegemonia aragonesa, por um lado, na Itália meridional e insular, e, por outro lado, no quadro mais amplo do mediterrâneo ocidental e central – contra o Islão, certamente, mas também contra a França, cujas ambições em Itália a tornam um inimigo sempre presente não apenas de Aragão, mas sobretudo da poderosa e ambiciosa entidade em formação que é a Espanha dos reis Católicos.

b) Papado *versus* ducado de Ferrara

Após chegar a Roma, o fidalgo quase que de imediato introduz o tema da relação entre o poder e a guerra ao referenciar a partida do papa Júlio II para Bolonha com o objectivo de "tomar o estado ao duque de Ferrara": "avia dez dias que o papa Jullio

[20] Cf. David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32 e 95-151; Ramón Menéndez y Pidal, *Historia de España: Tomo XVII, La España de los Reyes Católicos*, op. cit., pp. 5-22, 335-408 e 542-624.

segundo deste nome era partido pera bolonha com entenção de tomar o estado ao duque de ferrara genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa [.]"[21]

O conflito entre o pontífice e o duque de Ferrara foi por nós oportunamente analisado no capítulo dedicado ao príncipe do Renascimento[22], no entanto, nunca é demais salientar o comportamento político e militar do papa Júlio II, bem mais próximo de um líder temporal do que do condutor espiritual da Cristandade. O epíteto de *papa guerreiro* ou *Il Papa Terribile* surge precisamente neste quadro de acção que caracterizou todo o seu pontificado, que com maior propriedade deveria ser chamado "reinado", dada a carga secular da sua governação, bem próxima dos princípios defendidos por Maquiavel, o qual não por acaso evoca por diversas vezes a contenda entre Júlio II e Ferrara na obra *O Príncipe*[23].

A conduta estadista do sumo-sacerdote da Igreja católica relativamente ao ducado de Ferrara apresenta-se, afinal, como um fiel retrato da forma de fazer política na Itália da aurora de Quinhentos, e que engloba diversas nações e potentados, quer italianos quer europeus transalpinos. É isso mesmo que podemos observar na transcrição efectuada pelo fidalgo – que faz, portanto, recurso a cópias de documentos oficiais da chancelaria pontifícia para elaborar o seu texto – do breve[24] que Júlio II enviou ao Rei de Castela queixando-se das traições do duque de Ferrara, dos cardeais cismáticos e de Luís XII de França, e propondo, enfim, o estabelecimento de uma liga contra este último[25].

Na sequência, o fidalgo apresenta igualmente a resposta de Fernando II de Aragão, então regente da coroa castelhana, ao Sumo Pontífice concordando com o estabelecimento de tal aliança[26].

---

[21] *MFC*, f. 139v.
[22] *Vide* ponto dois (*O novo modelo do príncipe ou os primórdios do Estado moderno)* da terceira parte do nosso estudo (*Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder).*
[23] Cf. Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, Diogo Pires Aurélio (ed.), Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008, capítulo II, pp. 115-116.
[24] Cf. *MFC*, f. 146v a f. 148r.
[25] Esta liga estabelecer-se-á efectivamente, em 1511, sob a designação de *Liga Santa*. Trata-se de uma aliança político-militar acordada entre o papa Júlio II, Fernando II de Aragão, o sacro imperador, a República de Veneza e o rei Henrique VIII de Inglaterra contra Luís XII de França, que terá do seu lado Afonso I d'Este, duque de Ferrara. Como assinalámos oportunamente, esta *Liga Santa* orquestrada pelo papado visa essencialmente o reforço político e territorial dos Estados Pontifícios e a expulsão dos franceses de solo itálico.
[26] Cf. *MFC*, f. 148v e f. 149r.

Como já tivemos ocasião de referir, de toda esta descrição relativa à actuação política de Júlio II sobressai o quão pouco vinculativos eram os tratados coevos e o quão instável era o terreno onde se desenvolvia a prática política na viragem do século XV para o século XVI, em particular em Itália, o que alinha com a premissa defendida por Maquiavel de que a *praxis* política tem como condições incontornáveis a realidade e a razão que lhe subjaz, ficando de fora do processo de governo (leia-se do processo político em si) o recurso à metafísica, à moral e à ética.

De reter nesta descrição do conflito entre o papa Júlio II e o duque de Ferrara é o apontamento do autor sobre a garantia de veracidade do seu testemunho, a qual se fundamenta, por um lado, no recuo temporal[27] em busca das origens do conflito no sentido da sua melhor compreensão pelo destinatário do texto e, por outro lado, pelo recurso a informações veiculadas por pessoas que participaram nos eventos relatados:

> "E por que compre saber donde ou por que se esta guerra ordio, hee neçessario contar da guerra primeiro da qual me eu enformei por pessoas que forom presentes."[28]

No quadro deste recuo cronológico, o fidalgo remete para o ano de 1506 e para um cenário específico das *Guerras de Itália* – anterior, portanto, ao *Tratado de Cambrai*, o qual ocorre em 1508, e às consequentes *Guerras da Liga de Cambrai*, que têm lugar entre esta data e 1510 –, no qual o pontífice Júlio II protagoniza um conflito directo com os tiranos de Perosa e de Bolonha, respectivamente *João paulo valham*[29], da família dos Baglioni, e *João de vinteuolla*[30], da influente família italiana dos Bentivoglio[31]:

> "sendo occupadas per tiranos parte das terras da JgreJa, scilicet, perosa per João paulo valham. bolonha per miçer João de vinteuolla que a senhoreaua, a vaqueta como Rei. partiosse o papa Jullio com a corte sem

[27] Em relação à data em que chega a Roma (1510) e dá efectivamente início à narrativa que tem para contar, a qual será redigida, como já foi assinalado, posteriormente à sua saída de Roma, em 1517.
[28] *MFC*, f. 139v.
[29] Gian Paolo Baglioni, um célebre *condottiero* italiano que conduziu os destinos do senhorio de Perugia, oficialmente pertencente aos Estados Pontifícios, como tirano de forma ilegal e praticamente independente até 1506, ano em que Júlio II o forçou a submeter-se à autoridade papal, sob cuja bandeira lutou durante o resto do seu pontificado.
[30] João II Bentivoglio, que governou o senhorio de Bolonha como tirano entre 1463 e 1506, ano em que foi expulso pelo papa Júlio II aliado com os franceses.
[31] Cf. Ivan Cloulas, *Giulio II*, Roma, Salerno Editrice, 1990, pp. 139-152.

> exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano. tanto que o papa partio de Roma leuando a via de loreto que hee na marca dancona, abalarom os françeses que estauão em lombardia caminho de bolonha." [32]

Se *João paulo valham* se submete sem contradição alguma à autoridade de Júlio II, o mesmo já não se passa com *João de vinteuolla* que é efectivamente expulso de Bolonha com toda a sua família, sendo a cidade cercada e atacada pelo exército francês.

Estamos, neste caso, em 1506, perante um cenário no qual vigora uma aliança entre o papa Júlio II e os franceses, nos termos da qual o papa adquire o controlo sobre Bolonha mediante a concessão do saque da cidade aos seus aliados. A particularidade "maquiavélica" deste contexto político-estratégico reside no facto do pontífice estabelecer um acordo precisamente com os seus arqui-inimigos, ou seja, aqueles que deseja em primeiro lugar expulsar de Itália – sentimento que está no seu auge aquando da chegada do fidalgo a Roma, em 1510. Naturalmente, como é típico da política coeva, em especial em Itália, tal acordo rapidamente conhece uma total inversão de sentido, deparando-se o fidalgo, como já referimos, na sua chegada a Roma exactamente com o cenário oposto, com a agravante de que no ano seguinte a mesma Bolonha será conquistada e devastada pelos franceses, auxiliados precisamente pelos descendentes do tirano que Júlio II expulsou em 1506: Hermes Bentivoglio e Annibale II Bentivoglio:

> "E vindo o papa pera bolonha os françeses fizerom a mesma viagem E cheguarom a modona. vinha por capitão dos françeses João Jaques de tribuçio. E vinha por capitão da JgreJa João maria duque dorbino sobrinho do papa. no campo dos françeses vinhão os filhos de miçer João de vintevolha [.]"[33]

Este último irá mesmo governar Bolonha, entre 1511 e 1512, acabando por ser expulso ao fim de cerca de um ano de governo, por um lado, devido à saída dos franceses do senhorio e, por outro lado, graças às acções conspirativas de outras importantes famílias locais inimigas, como os Ghisilieri e os Canetoli.

[32] *MFC*, f. 139v.
[33] *MFC*, f. 142v.

Como podemos verificar, a actuação política secular e temporal de Júlio II descrita pelo fidalgo no seu texto constitui, de facto, uma perfeita expressão das máximas de Maquiavel defendidas n' *O Príncipe*, sobretudo na medida em que o pontífice faz recurso de todos os meios à sua disposição, inclusive o acordo com os seus inimigos, para fazer face às exigências que a realidade política, sempre em mudança, lhe apresenta[34]. Júlio II detém o poder espiritual sobre a Cristandade, mas também o poder temporal sobre os Estados Pontíficios e, indirectamente, por influência, sobre toda uma série de pequenos senhorios italianos. E usa esse poder de forma efectiva naquele que é provavelmente o domínio mais secular de todos os possíveis num governo terrestre: a guerra. O seu pragmatismo bélico é uma prova maior do secularismo marcante que caracteriza a cúria romana nos alvores de Quinhentos.

Dito de outro modo, as *MFC* reflectem com transparência a forma como as fronteiras entre os domínios temporal e espiritual se esbatem na Itália da viragem do século XV para o século XVI, em particular devido ao desempenho bélico e profundamente pragmático dos líderes espirituais da Cristandade, cujas figuras cimeiras – papa e cardeais – não hesitam, como o autor por diversas vezes e nos mais variados contextos revela ao destinatário do seu texto, em liderar pessoalmente exércitos nos próprios terrenos de batalha, tornando assim a noção de poder e tudo o que daí decorre intrinsecamente ligada ao fenómeno da guerra no palco bélico em que se transformou a Itália de então.

Noutra vertente, independentemente de se tratar de um líder temporal ou espiritual, o relato do fidalgo relativamente ao conflito de Bolonha (nos seus vários momentos) expressa de forma bastante clara e incisiva a relação entre o poder e a prática da guerra no quadro do desenvolvimento das *Guerras de Itália*. De tal forma que, ao invés de qualquer atributo de natureza moral, ética ou mesmo espiritual, o que sobressai desta relação e consequentes conflitos de forças é a consolidação à época de dois princípios eminentemente políticos e profundamente interligados (não podendo um vingar sem o outro, como destaca o acérrimo defensor e "proclamador" dos mesmos: Nicolau Maquiavel): por um lado, o princípio de que o autêntico objectivo e, por isso,

[34] "O príncipe que se apoia totalmente na fortuna, assim que ela muda, arruína-se. Creio também que seja bem-sucedido aquele cujo modo de proceder condiz com a qualidade dos tempos e, de modo semelhante, que seja mal-sucedido aquele de cujo proceder os tempos discordam. O papa Júlio II procedeu em todas as suas acções impetuosamente e encontrou os tempos e as coisas tão conformes a esse seu modo de proceder que sempre surtiu um fim feliz. Considere-se a primeira empresa que ele fez, a de Bolonha, vivia ainda *messer* João Bentivogli." *in* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XXV, pp. 232-233.

razão de ser do soberano (seja qual for a sua natureza) deve ser a conquista e manutenção e, se possível, ampliação do Estado; e, por outro lado, o princípio de que a verdadeira virtude desse mesmo soberano deve residir num misto de ambivalência e de flexibilidade – o leão e a raposa – precisamente a condição indispensável para apreender com pleno discernimento a "verdade efectiva das coisas" e, na sequência, obter a feliz prossecução do primeiro princípio. Tudo o restante importa apenas na medida em que contribui para a eficaz realização desses dois princípios arquétipos.

É o que podemos verificar com Júlio II no quadro da guerra com Bolonha: apesar do seu publicitado objectivo de expulsar os estrangeiros de Itália, o papa não se coíbe de recorrer a eles – nomeadamente aos franceses, seus principais inimigos de entre todos os estrangeiros; aos espanhóis, seus preferidos, como podemos observar pela missiva[35] que envia a Fernando o *Católico* e que o fidalgo faz questão de incluir no seu texto; mas também, como as *MFC* revelam, aos suíços, ingleses e alemães – para assegurar, com mão de ferro se necessário, a ordem nos territórios da Igreja, como é o caso de Bolonha, e subjugar a ambição (que então se acentuava como resultado de uma cada vez maior concentração do poder nalgumas famílias urbanas) dos *signori* locais que se rebelavam contra a autoridade soberana, pelo menos no plano teórico, do papado nesses mesmos territórios.

A segurança do papa é tão grande no acordo firmado com os "bárbaros estrangeiros" que lhe permite chegar ao ponto de sair da sua capital com a corte mas sem exército: "partiosse o papa Jullio com a corte sem exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano."[36] Por outro lado, mas ainda na mesma perspectiva, o papa não tem escrúpulos em abandonar a população civil de uma grande cidade italiana àquele que constitui um dos maiores temores relacionados com a prática da guerra nesta época: o saque.

O que faz notar uma certa ironia nas palavras do fidalgo ao descrever a forma bizarra e pouco ortodoxa como a contenda de Bolonha, em 1506, chega ao fim:

> "E alem das grades tem da parte de dentro humas portas dalçapõe de dentro de ferro as quaes portas no derradeiro dia do termo A tarde vindo o Rio

[35] Vide *MFC*, f. 146v a f. 148r.
[36] *MFC*, f. 140r.

> creçido as deixaram os da çidade cahir E tapando a entrada do Rio Represou tanto atras que esprayou E se soltou pollo aRayal dos françeses que estaua mais baixo de maneira que lhe alaguou a artelharia E os desordenou de tal sorte que os da çidade que estauão aperçebidos sahiram a eles E tomaram os prinçipaes E leuaromnos A çidade onde os aguasalharam honrradamente, nam como catiuos mas como ospedes E amiguos. ao outro dia em que Ja o termo era sahido, abriram as portas da çidade aos que queriam entrar da Jente conheçida E honrrada E mandaromnos apousentar como amiguos [.] dahi a tres ou quatro dias cheguou o papa, E foi mui bem Reçebido E festeJado. E satisfeitos os françeses se forom."[37]

O papa que, qual príncipe guerreiro temporal, queria tomar a cidade de assalto, chegando ao ponto de ceder o saque e consequente devastação da cidade aos franceses – ou seja, a estrangeiros –, é "mui bem Reçebido E festejado" na mesma. O mesmo se passa com os franceses, que "satisfeitos os (…) se forom." Impossível de escusar a fina ironia do fidalgo nas entrelinhas, realçando mais uma vez a importância do "não dito" relativamente ao que é "dito", na ponta final da sua descrição e que remete para a questão da natureza ideológica dos Estados, sobretudo italianos (que, de facto, estão muito longe de uma qualquer centelha de unidade nacional, ao invés do que acontece, por exemplo, na cultura e na arte), envolvidos nas *Guerras de Itália*.

Ainda em relação a *perosa* e a *João paulo valham*, é de salientar a forma fácil como um *signori*, neste caso tirano[38], muda de partido ou se submete a um poder mais forte, indiciando uma prática comum nas *Guerras de Itália* e que está de acordo como a forma efémera como se estabelecem e desfazem ligas nacionais e internacionais neste mesmo conflito. A lealdade cerrada ou qualquer laivo de espírito pátrio, em Itália, na aurora de Quinhentos é, pois, algo sem bases sólidas, como, aliás, Maquiavel não se cansa de lamentar:

> "João paulo velham veo çertas milhas de perosa Reçeber ho papa E lhe entreguou as chaues da çidade de perosa E dous filhos em aRefens. o papa entrou na çidade E tornoulha a entreguar E dahi por diante se seruio do dito João paulo na guerra de capitão de Jente darmas o qual foi sempre bom E leal seruidor atee morte."[39]

[37] *MFC*, f. 140v.
[38] Cf. C. F. Black, "The Baglioni as Tyrants of Perugia, 1488-1540" in *The English Historical Review*, vol. 85, No. 335 (Apr., 1970), pp. 245-281.
[39] *MFC*, f. 139v e f. 140r.

As últimas palavras desta passagem em nada reduzem este facto inúmeras vezes reiterado no referido conflito até porque a "mudança de campo", neste caso concreto, já está consumada. O percurso de César Bórgia, o homem que Maquiavel tomou como modelo para a elaboração d'*O Príncipe*, é provavelmente a melhor expressão deste fenómeno político.

Mantendo o recuo temporal com o propósito de encontrar as origens do conflito entre o papa Júlio II e o duque de Ferrara com vista a uma sua melhor compreensão pelo destinatário do texto dos conflitos em Itália no seu todo, o fidalgo invoca o estabelecimento da *Liga de Cambrai* (1508) pelo papa Júlio II contra Veneza:

> "tanto que o papa foi em Roma começou de trauar ligua contra os venezeanos E conçertousse com el Rei dom Fernando de castella E com o emperador maximiniano E com el Rei luis de França E com o duque hercule de ferrara. por que assi ao papa como a todos estes tinhão os venezeanos tomadas e occupadas muitas çidades E terras. chegado o tempo de ajuntarem em Jtalia todolos exerçitos deles veo o emperador em pessoa E todos ho seguião. nesta guerra cobrou el Rei de França, crema, craemona, brexa E berguamo que são populosas çidades, alem doutras vilas E castelos. el Rei dom fernando cobrou outros luguares que lhe tinhão tomados do Reino de napole. o papa cobrou Rauena E ariuniue E furle E facuça E brigiguela E Reixa, E outros luguares. o emperador tanto que os seus capitães cheguaron a Jtalia diante delle sem contradição alguma entraron padua [e] viçença por que assi o tinhão ordenado os venezeanos pollo que tinhão cuidado de fazer ao diante."[40]

O que nos chama de imediato a atenção nesta passagem das *MFC* é a forma como as potências estrangeiras dividem a Itália entre si sob a tutela do papado que, aliás, também participa na divisão dos territórios conquistados à *Sereníssima*. O alvo da liga é a República de Veneza cujo grande poder económico e militar afrontava os Estados Pontifícios, que não se sentiram coibidos de apelar para o auxílio estrangeiro contra a Itália para satisfazer os seus próprios interesses. Neste ponto, Júlio II em nada se afasta do seu antecessor, o papa Alexandre VI, Rodrigo Bórgia. Ao contrário, vai mesmo mais longe ao recorrer abertamente à invasão estrangeira de Itália no sentido de aumentar os domínios territoriais da Igreja. Maquiavel salienta o arrojo e a ousadia secular da sua acção governativa:

[40] *MFC*, f. 141r e f. 141v.

> "Veio depois o papa Júlio e encontrou a Igreja grande, possuindo toda a Romanha e estando aniquilados os barões de Roma e anuladas, pelos golpes de Alexandre, aquelas facções; e encontrou também a via aberta para um modo de acumular dinheiro jamais usado antes de Alexandre. E Júlio não só seguiu como aumentou estas coisas, E pensou em apoderar-se de Bolonha, aniquilar os venezianos, expulsar os franceses de Itália, e em todas estas empresas teve êxito, e com tanto mais louvor para si quanto ele fez todas as coisas para aumentar a Igreja e não um privado."[41]

Ainda no quadro dos conflitos que marcaram os anos imediatamente anteriores à sua chegada a Itália, o fidalgo faz uma breve mas incisiva descrição da batalha de Polesella (22 de Dezembro de 1509), que, no âmbito das *Guerras da Liga de Cambrai*, opôs Veneza a Ferrara e que resultou na independência desta última face àquela:

> "o duque de ferrara obedeçia aos venezeanos, E em sinal de sobJeição tinha a çidade de ferrara hum lanço do muro contra Veneza sem ameas E ao duque nam lhe tangião trombetas. E nesta guerra se liurou de sobJeição E cobrou liuremente seu estado. E depois que çessou a guerra armarom os venezeanos doze gualees E vierom pollo Rio do poo acima. o qual Rio hee hum dos grandes do mundo E entra no mar de veneza E vai ter por Junto dos muros de ferrara. E ao tempo que os venezeanos armarom tinha o duque dous mil espanhoes consiguo. E parte deles em hum castelo feito de terra a par do Rio pera defender a vinda aos venezeanos com a artelharia. hindo as gualees contra ferrara sahiron os espanhoes a elles E desbarataromnos E tomaromlhe çertas gualees E as outras fugiron. E das tomadas fez o duque a huum Joanote portugues capitão."[42]

De salientar nesta passagem a preocupação do autor em não deixar de referir um português que é promovido a capitão pelo duque de Ferrara devido ao seu desempenho na batalha de Polesella.

O fidalgo fala também de duas outras importantes batalhas ocorridas em 1509: a batalha de Agnadello, esta última decisiva na medida em que dita a derrota definitiva da República de Veneza no quadro geral dos inícios das *Guerras da Liga de Cambrai*, desta feita frente ao exército francês; e a batalha de Pádua, que opõe o imperador a Veneza e Pádua.

Em relação à primeira, também conhecida como batalha de Vailà, ocorrida a 14 de Maio de 1509, o fidalgo refere como se trata de uma decisiva vitória francesa, na

[41] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XI, p. 167.
[42] *MFC*, f. 141v.

qual participa Luís XII de França em pessoa. Com efeito, este confronto constitui um dos principais momentos bélicos das *Guerras da Liga de Cambrai* e um dos mais significativos confrontos das *Guerras de Itália* no seu todo. À frente das hostes venezianas destacam-se *bertolameu daluiano* (Bartolomeo d'Alviano; 1455-1515) e *hum Jentil homem venezeano* (trata-se de Niccolò di Pitigliano; 1442-1510).

Bartolomeo d'Alviano[43] e Niccolò di Pitigliano[44] eram primos, pertencendo ambos a uma das principais famílias italianas, os Orsini. Contudo, enquanto comandantes do exército enviado por Veneza para fazer frente ao impetuoso avanço de Luís XII, em 1509, não conseguiram entender-se, culminando o seu desagravo na vitória retumbante do soberano francês. No entanto, apesar da derrota, o segundo foi tido em estima e exaltado por Veneza, pois cumpriu as ordens que tinha salvando a maior parte do exército veneziano (quanto aos mercenários que integravam a sua hoste, a grande maioria desertou após saber a notícia da derrota de Bartolomeo d'Alviano). Da impetuosidade deste último resultou que os dois corpos dos exércitos venezianos não se conseguissem reunir e, consequentemente, após o ataque que dirigiu contra os franceses, a sua prisão (até 1513[45]) e a morte de grande parte dos seus homens:

> "durando esta ligua del Rei de França deu em pessoa batalha aos venezeanos na estradota [.] vinha por capitão da Jente de venezeanos bertolameu daluiano E com elle hum Jentil homem venezeano. era seu Regimento que nam dessem batalha sem primeiro em veneza se por em conselho. E vendo bartolomeu daluiano tempo desposto deu no campo del Rei de França e leuauao de vençida, mas o outro por nam sahir da ordenança nam lhe quis acodir tendo a maior parte da Jente consiguo. E bertolameu daluiano foi preso E dizem que morreram naquella batalha dezoito mil homens. o outro que nam acodio guardou seu Regimento foi por Jsso sublimado E tido em muito dos venezeanos."[46]

[43] Bartolomeo d'Alviano, que sai ferido desta batalha, foi um famoso *condottiero* e capitão italiano que se distinguiu na defesa da República de Veneza contra o sacro imperador romano-germânico Maximiliano. Às ordens de Fernando, *o Católico*, já havia desempenhado um papel determinante na vitória sobre o exército francês na batalha do Garigliano, também referida pelo fidalgo, e que deu início ao domínio espanhol efectivo sobre o Sul de Itália.

[44] Um *condottiero* e capitão italiano, que ficou célebre enquanto capitão-geral dos venezianos nas *Guerras da Liga de Cambrai*.

[45] Data da aliança entre França e Veneza contra o ducado de Milão e o papado. Mais tarde lutou mesmo pelos franceses, sendo um dos grandes protagonistas da vitória francesa na batalha do Marignan (1515), ao atacar de forma decisiva os suíços com um corpo de apenas 300 cavaleiros. Esta sua investida mudou a sorte da batalha e ditou a vitória francesa.

[46] *MFC*, f. 142r e f. 142v.

Desta batalha resultou o colapso do braço armado da República de Veneza que assim se viu obrigada a ceder inúmeros territórios que tinha conquistado no seu movimento de expansão geográfica para o interior, tendo Luís XII ocupado todas as povoações até Bréscia sem encontrar resistência significativa. Resultou igualmente um enorme reforço, quer moral quer bélico, dos franceses[47].

O próprio Maquiavel refere o confronto n' *O Príncipe*, salientando que num dia apenas os venezianos perderam o que levaram oitocentos anos a construir:

> "Tiveram depois [os venezianos] por seus capitães Bartolomeu de Bergamo, Roberto de San Severino, o conde de Pitigliano e outros semelhantes, com os quais tinham de temer a perda, não o ganho deles, como aconteceu depois em Vailà, onde num dia perderam aquilo que em oitocentos anos com tanta fadiga haviam adquirido: porque destas armas [as armas mercenárias] só nascem as lentas, tardias e débeis aquisições e as súbitas e miraculosas perdas."[48]

Em relação à batalha de Pádua, as *MFC* assinalam o modo como o imperador foi ludibriado pelos venezianos ao entrar nesta cidade. Com efeito, segundo o fidalgo, o facto de as forças imperiais não encontrarem oposição significativa ao tomar esta cidade em Junho de 1509, bem como a de *viçença*, deve-se a uma opção estratégica dos venezianos que ordenaram aos combatentes e habitantes locais para não resistirem face à chegada do imperador:

> "o emperador tanto que os seus capitães cheguaron a Jtalia diante delle sem contradição alguma entraron padua [e] viçença por que assi o tinhão ordenado os venezeanos pollo que tinhão cuidado de fazer ao diante."[49]

No entanto, no mês seguinte, as forças Venezianas reocupam a cidade, movimento ao qual o imperador responde com uma invasão massiva do território do

[47] Cf. Charles W. Chadwick Oman, *A History of the Art of War in the Sixteenth Century*, London, Methuen & Co., 1937, pp. 14-50; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32; Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, Roma, Newton Compton Italiana, 1972, pp. 98-128; Jeremy Black (ed.), *European Warfare, 1494–1660*, op. cit., 2002, pp. 69-96; M. E. Mallett and J. R. Hale, *The Military Organization of a Renaissance State: Venice c. 1400 to 1617*, Cambridge, Cambridge University Press, 2006, pp. 7-19; Oscar Browning, *The age of the Condottieri: a short history of mediaeval Italy from 1409-1530*, London, Methuen, 1895, pp. 178-196.

[48] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XII, pp. 173.

[49] *MFC*, f. 141v.

Véneto[50]. A desorganização de tão vasto exército e sobretudo a incapacidade do imperador em pagar aos seus mercenários permitiu ao comandante veneziano, Niccolò di Pitigliano, preparar a defesa da cidade com o exército que restou da batalha de Agnadello e resistir com eficácia, em Setembro seguinte, a duas semanas de cerco e de bombardeamento da artilharia imperial e francesa, mantendo apesar da derrota geral a posse da mesma para a *Sereníssima*:

> "cuidando o emperador que tinha padua segura os venezeanos que em al[i] tinhão o cuidado fizerom que os paduanos se aleuantarom E deitarom os do emperador fora E liurarom delles a çidade E tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre elles despeJarom a çidade de molheres moços E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos. E o emperador veo sobre a çidade com o mais fermoso exerçito que em nossos tempos se vio em Jtalia por que se afirmaua serem mais de çem mil combatentes. E prantada a artelharia aRasarom hum grande lanço do muro. E a todas estas afrontas mostrarom sempre os de dentro tam pouco temor que sempre tinham de dia as portas abertas. esteue o emperador sobre a çidade passante de hum mes. E nunca lhe deu combate de Jente avendo por conçiençia perderse tanta como se esperaua que moRese. escaramuças avia muitas em espeçial espanhoes E dos de dentro que sahião fora a fazer sortes. E huma vez cheguarom A artelharia do emperador E lhe encrauarom duas peças sendo aquelle dia guarda della os alemães os quaes por poerem mais medo aos Jmiguos bradarom espanha Espanha. E com Jsto fugirom os da çidade E acodirom os espanhoees [.] sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem ao combate. E como se falaua em combate se amotinauam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro. E com estas neçessidades o emperador se foi pera alemanha sem fazer cousa alguma. E deixou viçença que tinha pacifica aos venezeanos."[51]

Além da importância da artilharia, depreendemos aqui a pertinência da questão dos mercenários para o combate no dealbar da modernidade (ambos os tópicos serão explorados mais adiante). No final da contenda, o imperador não obtém qualquer vantagem territorial, pelo que Veneza mantém ambas as possessões. De referir que,

[50] Região do do nordeste da Itália, cuja capital é Veneza. Inclui as províncias de Pádua, Veneza, Vicenza, Belluno, Rovigo, Treviso e Verona.
[51] *MFC*, f. 141v e f. 142r.

mais uma vez, é feita referência a um português que se distingue pela entrega e altruísmo guerreiro. É ele quem dá voz às aspirações dos espanhóis de combater antes de receber qualquer pagamento. O fidalgo mostra, pois, como os portugueses participaram individualmente nas *Guerras de Itália*, sobretudo na condição de mercenários, já que a posição oficial do reino face aos conflitos entre cristãos que devastavam a península itálica é a neutralidade.

Destes dois confrontos resultou, por um lado, um claro reforço da presença francesa em Itália, claramente vitoriosa em Agnadello e, por outro lado, um enfraquecimento da posição imperial na mesma península, dado que Maximiliano regressa ao Norte com a grande maioria do seu exército[52].

O fidalgo chega a Roma precisamente no ano em que se fazem sentir as consequências políticas destas batalhas: em 1510, o papa Júlio II receoso do crescente poderio militar e territorial francês em Itália, muda de estratégia e de inimigos, aliando-se desta feita a Veneza. É o próprio fidalgo quem no-lo refere: "acabadas estas cousas naçerom outras por onde se a dita liga desfez. E começousse a guerra segunda que foi no tempo que eu cheguei a Roma."[53]

Tal acção culmina no ano seguinte com a formação da *Santa Liga* (1511) contra a França, a qual o fidalgo nos apresenta no registo epistolar enviado por Júlio II a Fernando o *Católico* e cuja transcrição inclui no seu texto:

> "Tornando o papa a cobrar vida foi todo posto em paz E sendo convaleçido foi dizer missa a nossa senhora do populo onde se publicou ligua, scilicet, sua santidade com el Rei de castela, venezeanos, E seneses. foi feita esta ligua em presença do papa E dos cardeaes E dos perlados E dos senhores Romanos E dos embaixadores del Rei E das ditas senhorias que pera Jsso tinhão seus abastantes poderes. Os nunçios erão Ja partidos. E por que a prinçipal saude do papa era em el rei de castela, polla ligua que tinhão feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. Cristianissimo em cristo. filho nosso saude E apostolica benção. (…) Jnçitados [os cardeaes çismaticos] segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha

[52] Cf. Charles W. Chadwick Oman, *A History of the Art of War in the Sixteenth Century*, op. cit., pp. 14-50; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32; Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit*., pp. 98-128; Jeremy Black (ed.), *European Warfare, 1494–1660*, op. cit., pp. 69-96; M. E. Mallett and J. R. Hale, *The Military Organization of a Renaissance State: Venice c. 1400 to 1617*, op. cit., pp. 7-19.
[53] *MFC*, f. 142v.

> exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violençia. (…) dada em Roma em sam pedro sub annulo piscatoris. vltimo de Junho mil E b^{c} E onze [,] ano octauo de nosso pontificado."[54]

Ao fazer "retornar" o seu discurso a 1510, o autor retoma o tema político que primeiramente evoca quando entra na *Cidade Eterna*: o conflito entre o papado e o ducado de Ferrara[55]. Neste âmbito, no sentido de bem fundamentar a sua descrição, apresenta as origens recentes da contenda, as quais remetem para uma disputa entre salinas no quadro da primeira guerra entre ambos – precisamente designada *Guerra do Sal*[56]: "E aguora direi a causa por que o papa se moueo contra o duque de ferrara. tinha o duque de ferrara humas salinas E o papa tinha outras em Ruxa [,] hum dos luguares

[54] *MFC*, f. 146v a f. 148r.

[55] "avia dez dias que o papa Jullio segundo deste nome era partido pera bolonha com entenção de tomar o estado ao duque de ferrara genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa [.]" in *MFC*, f. 139v.

[56] Também conhecido como *Guerra de Ferrara*, este conflito militar teve início em 1482, envolvendo Ercole I d'Este (1431-1505), então duque de Ferrara (pai de Alfonso I d'Este, o protagonista da contenda com Júlio II narrada pelo fidalgo de Chaves), e o papa Sisto IV (1414-1484; tio de Giuliano della Rovere, precisamente o futuro Júlio II), que à época se encontrava aliado aos venezianos. Ercole I d'Este, por sua vez, tinha como aliados Federico da Montefeltro, duque de Urbino (1422-1482), Ferdinando de Nápoles (1423-1494), também conhecido como *Don Ferrante*, e Ludovico Sforza, *il Moro* (1452-1508), de Milão, além de duas outras cidades igualmente ameaçadas por Veneza: Mântua e Bolonha. A guerra terminou com o *Tratado de Bagnolo*, assinado a 7 de Agosto de 1484, tendo o então duque de Ferrara conseguido evitar a anexação do ducado aos Estados Pontifícios. Cf. Ingrid Rowland, "A summer outing in 1510: religion and economics in the papal war with Ferrara" in *Viator*, 18, 1987, pp. 347-359.

que guanhou aos venezeanos [.] sobre estas salinas ouve desauença antre elles E vierom a tanto Rompimento que Ja o duque se nam fiaua no papa E se temia delle."[57]

Desta descrição depreendemos, enfim, que estamos perante uma contenda cujos inícios assumiram uma forma pontual e localizada, mas que, com o desenvolvimento dos acontecimentos políticos itálicos, acabou por se transformar num conflito de continuidade, cujo trajecto final – a altercação entre Júlio II e o duque de Ferrara ocorrida e narrada pelo fidalgo em 1510 – já se inscreve no quadro mais geral do conflito de carácter internacional designado como *Guerras de Itália*.

Continuando, o fidalgo assinala como o papa excomunga e priva dos seus bens Afonso I d'Este devido à recusa deste em aderir à paz acordada entre o Papado e Veneza indo, ao invés, colocar-se sob a bandeira do soberano francês, agora inimigo de Júlio II:

> "o papa o mandou chamar [ao duque de Ferrara] que viesse a Roma E o duque nam foi. E por que o ducado de ferrara hee da JgreJa, E o duque hee feudatario E obriguado apareçer E seruir em pessoa sendo chamado do papa, sua santidade ho mandou çitar em forma E lhe foi assinado termo que apareçesse em Roma per cartas fixadas na JgreJa mayor de bolonha E doutros luguares comarcãos de ferrara. E pollo duque nam apareçer ao termo, o priuou por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a execução foi contra elle com grande poder de Jente. em quanto estas cousas durauam o duque se confederou com el Rei de França o qual ho tomou em sua proteição."[58]

Com efeito, Afonso I d'Este combateu a *Liga Santa* ao lado da França, tendo protagonizado uma intervenção decisiva na batalha de Ravena, em 1512.

Na sequência destes acontecimentos, Júlio II marcha sobre Bolonha ao mesmo tempo que os franceses, culminando estas movimentações militares na conquista da cidade, em 1511, por estes últimos que, como já referimos, tinham também ao seu serviço os descendentes do tirano que Júlio II havia expulsado em 1506, Hermes Bentivoglio e Annibale II Bentivoglio:

> "E vindo o papa pera bolonha os françeses fizerom a mesma viagem E cheguarom a modona. vinha por capitão dos françeses João Jaques de tribuçio. E vinha por capitão da JgreJa João maria duque dorbino sobrinho

[57] *MFC*, f. 142v.
[58] *MFC*, f. 142v.

> do papa. no campo dos françeses vinhão os filhos de miçer João de vintevolha [.] ambos estes dous exerçitos andarom muito tempo por aquella comarca sem se afrontarem. o papa estaua cos cardeaes E com toda a çidade se ajuntaram com sua Jente nesta noite E derom nos paços do papa cuidando que tinham hi o leguado E entrarom dentro E A porta de sua camara nom acharom outra Resistençia senão seis espanhoes que por defender a porta forom ali todos mortos. mas elles nam sabião que o cardeal era hido fazendo de suas pessoas marauilhas prinçipalmente hum que se chamaua moutouro. E entrados os Jmiguos na camara meterom todo a saco mano E dahi se forom A porta da çidade E quebraromnas com machados E artefiçios E loguo mandarom Recado aos vintevolhas que viessem E com este Recado o campo dos françeses abalou sem achar outro Jmpedimento no caminho senam marco antonio coluna que guardaua a ponte do Rio com çincoenta lanças grossas aquella noute. E nam sabiam que o duque dorbino abalara o qual foi desbaratado E morta a mais da Jente que consiguo tinha.
>
> Cheguarom os françeses A porta da çidade. E temendo que fosse trato dobrez nom quiserom os vintevolhas entrar E mandarom diante duzentos de caualo que fossem correndo pollas Ruas bradando França França. segua sega pera descobrir alguma traição se a ouvesse. E Jsto era na madruguada. E tornados aos vintevolhas dizendo que tudo estaua seguro, entrarom miçer anibal, E miçer hermes E andarom com grande guolpe de Jente polla çidade E sahião a elles as velhas aos beijar por que quando elles entrarom era Ja dia craro. E dahi a espaço de duas oras entrou o exerçito dos françeses com grandes estrondos E assenhorearonsse da çidade."[59]

Ironicamente, mas pleno de intenção, o autor das *MFC* mostra como os franceses voltam a atacar Bolonha desta vez contra o papa, protagonizando um volte-face emblemático da relação entre o poder político e a guerra na Itália do dealbar de Quinhentos.

Em 1506, Júlio II estabelecera um acordo com o rei de França, na sequência do qual emitiu no mesmo ano uma bula que depunha e excomungava Giovanni II de Bentivoglio, tirano de Bolonha, colocando a cidade sob interdito papal. Quando no mesmo ano o contingente francês marcha contra Bolonha, Giovanni foge com a sua família, acabando os Bentivoglio por exilar-se em Ferrara.

Logo no ano seguinte regista-se uma tentativa falhada de reconquista do poder em Bolonha pelos filhos do malogrado João II Bentivoglio, que, excomungado, termina os seus dias em 1508 como prisioneiro de Luís XII de França em Milão. É em 1511, como já referimos, que se dá a segunda tentativa, vitoriosa, por parte dos filhos do tirano – ambos *condottiere* – Hermes Bentivoglio e Annibale II Bentivoglio (este casado

[59] *MFC*, f. 142v e f. 143r.

com Lucrécia d'Este, filha ilegítima do duque Ercole I de Ferrara, desde 1487) de reentrar na cidade. Paradoxalmente, pois foi sob a sua prisão que o seu pai falecera, Annibale II contou então com o apoio dos franceses contra Júlio II, tendo governado a cidade por um breve período de um ano (1511-1512)[60].

Sem perder o fio dos acontecimentos, o fidalgo refere sucintamente a forma como Júlio II tenta reconquistar a cidade após a saída da mesma do exército francês:

> "passados Jaa muitos dias E os françeses Ja despidos, sabendo os vintevolhas que o papa trabalhaua de lhes fazer guerra, dauanse a pressa a fazer artelharia. E faltandolhes o metal, ou mais verdadeiramente por nam poderem ver figura do papa, mandaram deRibar huma grande estatua de metal da figura natural do papa que estaua no outam da JgreJa de sam petronio que estaua na praça. E foi derribado deitando cousas"[61].

Ainda que curta e singela, esta referência é plena de simbolismo, pois retrata a forma quase mundana como a imagem do papa – a única estátua de bronze da autoria de Miguel Ângelo – é destruída para construir um dos maiores (e terrivelmente devastador) emblemas da nova forma de fazer a guerra e que ganha grande protagonismo precisamente em Itália: o canhão[62].

O secularismo papal assume, pois, consequências físicas visíveis em actos temporais de apagamento como este protagonizado pelos *vintevolhas.* Contudo, odiado por outras famílias rivais, como os Ghisilieri e os Canetoli e sem o apoio das tropas francesas que deixam a cidade e sob cujo protectorado governara, Annibale II Bentivoglio é deposto e expulso. Foi o último membro da família Bentivoglio a exercer o poder em Bolonha, que permaneceu até finais do século XVIII estavelmente incorporada nos Estados Pontifícios[63].

O facto de imediatamente a seguir o documento se encontrar truncado (a frase não chega a terminar) sugere que outras importantes informações existiriam nas *MFC*

---

[60] Cf. Christine Shaw, *Julius II: The Warrior Pope*, Oxford, Blackwell Publishers, 1996, pp. 127-162; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32.
[61] *MFC*, f. 144r.
[62] Na verdade, trata-se do célebre "canhão juliano" de Afonso I d'Este construído com o metal da referida estátua de Júlio II. Encomenda do papa a Miguel Ângelo, a colossal estátua tinha 4 metros de altura e pesava 4,5 toneladas, constituindo uma das maiores obras em bronze desde a Antiguidade. Foi instalada em Bolonha em 1508. Cf. Ivan Cloulas, *Giulio II*, op. cit., pp. 151-152; Julian Klaczko, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2007, pp. 47-57.
[63] Cf. Christine Shaw, *Julius II: The Warrior Pope*, op. cit., pp. 127-162; Ivan Cloulas, *Giulio II*, op. cit, pp. 139-152, 165-211 e 221-235.

acerca quer da acção político-militar de Júlio II com vista à incorporação definitiva de Bolonha nos Estados da Igreja, quer do próprio processo de saída de Annibale II Bentivoglio da cidade.

Estranhamente, o fidalgo opta por inverter o cronológico desenrolar dos acontecimentos ao falar primeiro da queda de Annibale II Bentivoglio à frente dos destinos de Bolonha e consequente reconquista desta pelo papa[64] – dado que, como referimos, o texto está truncado, o que nos permite tal ilação é a referência explícita ao facto de os franceses terem já saído da cidade, o que de facto só aconteceu nas vésperas da queda efectiva desta cidade e, portanto, em momento posterior ao cerco de que Bolonha foi vítima pelo então vice-rei de Nápoles, don Ramón de Cardona (1467-1522)[65].

Ocorrido em Janeiro de 1512, no quadro da *Terceira Campanha de Itália* (1511-1513) das forças espanholas e com a participação do célebre Pedro Navarro, o grande génio coevo da artilharia, minas e fortificações militares, este cerco fracassou devido ao socorro *in extremis* do novo duque de Nemours, Gaston de Foix (1489-1512)[66], que tinha como aliado Afonso de Este, duque de Ferrara.

Em Novembro de 1511, as tropas do vice-rei iniciaram a marcha em direcção ao norte, conquistando pelo caminho a praça-forte de Genivolo. Uma vez reunidas às forças papais, o exército no seu conjunto dirigiu-se a Bolonha com o objectivo de sitiar a cidade. Todavia, após um violento cerco, a cidade moribunda recebeu os reforços comandados por Gaston de Foix (os quais, entretanto, voltaram a sair da urbe). Perante este facto e sob condições climatéricas extremamente hostis, que entre outras coisas não permitiram que funcionassem as minas de Pedro Navarro, o vice-rei não arriscou mais e levantou o cerco.

O fidalgo de forma inequívoca atribui a responsabilidade do falhanço do cerco ao vice-rei de Nápoles que, na sua opinião, demorou demasiado tempo a chegar aos

[64] Tema que será retomado de forma mais detalhada pelo autor em momento posterior do seu testemunho: "Como o viso Rei fez a mais gente que pode, E foi contra bolonha com entenção de a tomar [.]" in *MFC*, f. 163r.
[65] Vice-rei da Sicília (1507-1509) e de Nápoles (1510-1522).
[66] Sobrinho de Luís XII, Gaston de Foix recebeu o comando do exército real em Itália. Pelo valor ímpar da sua acção guerreira na península recebeu o cognome de Foudre d'Italie (*Relâmpago da Itália*). Particular destaque merecem a sua participação decisiva na libertação de Bolonha, em 1512, e a célebre vitória na batalha de Ravena. Foi neste último confronto que perdeu a vida, naquele que constitui um dos momentos símbolos da mudança na arte e na técnica de fazer a guerra na viragem da Idade Média para a Idade Moderna. Cf. Frederic J. Baumgartner, *Louis XII*, New York, Palgrave Macmillan, 1994, pp. 105-118; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, op. cit., pp. 180-204.

arredores da cidade, o que permitiu aos defensores preparar a defesa em três áreas fundamentais: constituir um eficaz exército defensivo; combinar o levantamento de uma nova fortificação capaz de fazer frente de forma adequada, ou seja, segundo as novas regras para a construção de fortalezas, à artilharia espanhola, com a modificação da já existente no mesmo sentido; limpar o terreno exterior à cidade de modo a que o exército invasor não tivesse abrigo local durante o clima extremamente hostil que caracteriza a região nesta altura do ano:

> "Como o viso Rei cheguou a bolonha E ho que faziam os da çidade. O viso Rei vinha com seu exerçito na volta de bolonha muito devaguar ataa que cheguou a Jmola onde estiveram muitos dias esperandosse cada dia por elle em bolonha que hee sete leguoas dimola. tanto tardou que deu luguar aos bolonheses a se Refazerem muito mais do que estauam, por que naquella sazão estaua hi miçer anibal E miçer hermes vintivolhas E monsenhor dela paliça capitão del Rei de França de çincoenta lanças grossas. neste espaço fizerom os bolonheses da parte de dentro dous muros E huma grande caua E com a terra que della sahio E com Ramos E madeiros fizerom outro muro de terra a que elles chamão bastião que hee cousa mui forte. E fizerom deRibar todalas torres do muro daquella parte atee serem Jguaes com o muro, por que quando as deRibassem com a artelharia non enchessem as cauas E fizessem mal aos de dentro [.] E assi derribaram todolos moesteiros E grandes edefiçios que avia de fora daquella parte da çidade por que o viso Rei vinha em o Jnverno nom teuessem os do seu exerçito onde se acolher das neues e frios que eram mui grandes, por aquella terra ser mui fria E de grandes neues."[67]

Segundo o fidalgo a apatia e fraca motivação do vice-rei fez com que os sitiados conseguissem preparar uma estrutura defensiva, material e humana, que no momento certo se revelou decisiva na inviolabilidade da cidade. Mas a visão negativa do comando por parte de Ramón de Cardona é reforçada no momento do combate em si e em relação a duas realidades que constituem, afinal, a essência da guerra: a falta de combatividade dos sitiantes, que fez com que os defensores conseguissem aguentar até à chegada dos reforços franceses, e o total desconhecimento por parte dos mesmos em relação às movimentações no campo dos sitiados (supostamente cercado, ou seja, isolado do exterior), em particular no que respeita à chegada de reforços. Ambos estes elementos são directamente, e sobretudo, imputáveis ao comandante:

[67] *MFC*, f. 149v.

"os da çidade esperauam cada madruguada serem tomados. E ordinariamente huma ora ante manhãa tangerom hum sino grande que esta na torre del assinelo, deputado aos taes autos E de nenhuma outra cousa serue. como o que esta na torre do capitolio em Roma que se nam tange senam quando todo o pouo hee posto em armas ou compre que se ponha. E todos se armauam e se hião A parte donde estaua o exerçito E ali estauam atee alto dia que era cousa temerosa de ver (…). E a esta ora ordinariamente os do exerçito cada dia tocauam al arma E estauam postos em ordem A maneira de darem combate. faziam Jsto por desvelarem E cansarem os de dentro. E por lhes nam poderem tomar o tino tanto andarom nisto E em cousas de guerra semelhantes sem darem combate que ouve tempo pera a çidade ser socoRida de françeses. hum dia entrarom de socorro quatro mil lançequineques. E vinhão desarmados. E na çidade lhes derom armas. E entrarom sem ser sentidos dos de fora. grande prazer ouve na çidade com a vinda destes. todos forom apousentados na bateria por essas cauas E chão. dahi a poucos dias entrou na çidade o barão de ibernia com muitos estardiotes que eram todolos caualos ligeiros que el Rei de França tinha. atras estes veo mom senhor de fois com todolos homens darmas E Jnfanteria del Rei de França que então tinha. E todos estes sobreditos entrarom na çidade sem o viso Rei nunca disso saber parte. E com sua vinda se fizerom grandes alegrias. E loguo aquella tarde que entrou sahio fora com quatroçentas lanças a dar vista ao campo dos espanhoes que estauam bem fora de saber que era elle nem do grande poder que dentro estaua. esteue assi mom senhor de fois poucos dias E ordenou de dar huma madruguada no aRaial dos espanhoes, scilicet, que miçer anibal com a gente da çidade sahisse polla bateria, E a Jente françesa por duas portas da çidade E deessem de dous lados todos a hum tempo. quis deus que aquella tarde coRerom huns capeletes E hum foi tomado dos espanhoes E leuado ao viso Rei, o qual descobrio o que estaua ordenado na çidade. E o viso Rei mandou loguo leuantar o campo E Retiraronse duas milhas atras alem do Rio E de huma ponte. E loguo se soube na çidade. E na madruguada coReron o campo E tomarom algum despoJo E doentes E feridos que acharom E leuaromnos aa çidade. ali esteue o viso Rei sabendo segundo se cre ho que avia de soçeder"[68]

Devido a este cerco a Bolonha e ao facto de Gaston de Foix ter de socorrer a cidade em agonia deixando desprotegidas outras praças à guarda dos franceses, ocorrem novos conflitos armados, os quais o fidalgo não deixa de referir, nomeadamente, em Milão, Bréscia e Bérgamo:

"por que neste tempo abaixarom os soiços a milão. E eram xxbij mil, E entrauão por onde queriam sem contradição polla Jente del Rei de França estar em bolonha. a Jsto acodirom os françeses como a cousa que lhes mais Releuaua que a de bolonha – por que naquelle tempo milão era del Rei de

[68] *MFC*, f. 150v e f. 151r.

> França. E sem fazer tardança partiron todos ficando soomente em bolonha mom senhor dela paliça com suas çincoenta lanças. E forom contra os soiços E por estreita em que os poserom E por partidos se tornarom a suas terras. Jsto feito tornaronsse pera bolonha. E em todo este tempo o viso Rei nom fez cousa alguma contra a çidade tendoa quasi despeJada. nom tardarom muitos dias que em brexa que hee outra grande çidade que foi de venezeanos se leuantarom E matarom trezentos homens darmas que hi estauam françeses. E aleuantaranse contra el Rey de França. E tambem se leuantou perguamo. E por averem venezeanos cobrado estas çidades mandou o papa fazer em Roma grandes festas, mas nam tardou muito que nom forão convertidas em planto E maguoa. E sabida em bolonha esta noua acudirom outra vez os françeses com muito maior pressa a Recobrar estas çidades deixando a bolonha soo E cheguados a brexa ha entrarom por força de combate, E meterom toda a çidade a saco, matando [,] Roubando, forçando donas e donzelas com crueldade nom vista. afirmasse em Roma que passaram de vinte mil almas as que moReram naquelle saco. E tambem foi Recobrado perguamo. E deixandoas a bom Recado tornaramse pera bolonha. sem outro si neste tempo o viso Rei bolir consiguo tendosse cada madruguada os çidadões por tomados nom entendendo Ja em al, senam em saluar suas fazendas, molheres E filhos. foi esta negligençia do viso Rei tam descuberta que todos criam que nam tinha comissão del Rei pera tomar a çidade. E o papa assi ho presumio."[69]

O saque de Bréscia, ocorrido a 18 de Fevereiro de 1512, deixa uma marca impressiva no autor que assinala as suas consequências devastadoras: "E cheguados a brexa [os françeses] ha entrarom por força de combate, E meterom toda a çidade a saco, matando [,] Roubando, forçando donas e donzelas com crueldade nom vista. afirmasse em Roma que passaram de vinte mil almas as que moReram naquelle saco. E tambem foi Recobrado perguamo."[70]

Depois do desfecho destes conflitos, os franceses retornam a Bolonha e mais uma vez, segundo o fidalgo de Chaves, o desempenho militar do vice-rei é tão incapaz quanto desastroso, até porque momentos houve em que a cidade ficou praticamente desguarnecida dos reforços franceses: "ficando soomente em bolonha mom senhor dela paliça com suas çincoenta lanças. E forom contra os soiços (…) Jsto feito tornaronsse pera bolonha. E em todo este tempo o viso Rei nom fez cousa alguma contra a çidade tendoa quasi despeJada."[71]

[69] *MFC*, f. 151r e f. 151v.
[70] *MFC*, f. 151r.
[71] *Idem*, *ibidem.*

De tal modo "foi esta negligençia do viso Rei tam descuberta que todos criam que nam tinha comissão del Rei pera tomar a çidade. E o papa assi ho presumio."[72]

Mais adiante o fidalgo volta a referir o tema da tomada definitiva de Bolonha pelo papa:

> "Como o viso Rei fez a mais gente que pode, E foi contra bolonha com entenção de a tomar [.] Dom Reimão de cardona viso Rei, partido da batalha E embarcado em ancona como dito hee, dahi a poucos dias apareçeo em napoles E diziasse em Roma que daua tam grande pressa a fazer gente pera tornar contra os françeses que vendeo E desbaratou quanto dinheiro E Joias tinha assi suas como de sua molher pera paguar os soldados. E dauasse pressa a Jsso por atalhar a vinda do gram capitão. mas elle nam vio os françeses que erão Ja Retrahidos a milão quando partio com seu exerçito. E leuou ha via de bolonha com entenção de a tomar. sendo os bolonheses avisados de sua vinda E vendo o dano que os soiços faziam no ducado de milão ouveranse por perdidos E tiueram maneira com o papa que mandasse Jente sua tomar bolonha antes da cheguada dos espanhoes. o papa mandou o duque dorbino com çinco mil homens a que se a çidade deu por mal de muitos que aviam sido em fauor dos vinteuolhas. E quando os espanhoes vieram nam acharam que fazer ca os vinteuolhas E os que a guardauão erão todos fugidos. hee pera Rir E tomar exemplo destas ligeiras voltas que o mundo daa. pera que hee confiar nestas bem auenturanças desta vida pois tam pouco permaneçem. ex os vintevolhas sahidos E loguo Restituidos a bolonha por morte de tantos. ex os françeses vençedores da batalha de Reuena E expunhando çidades E vilas sendo absolutos senhores do campo. ex em quam breues dias foram todos deitados de italia perdendo quanto guanharam."[73]

Desta feita, a referência surge na sequência da derrota dos espanhóis em Ravena e da fuga do vice-rei para Nápoles, fuga esta que o autor considera a principal causa para a referida derrota. De notar a forma irónica como o fidalgo, no final da passagem, resume o rumo dos acontecimentos na Itália coeva.

Inequívoca é a apreciação geral extremamente negativa por parte do fidalgo relativamente a "Dom Reimão de cardona viso Rei", a quem são imputadas as derrotas militares sucessivas das forças papais e espanholas nesta fase crucial das *Guerras de Itália* e as vicissitudes políticas daí decorrentes.

Ainda antes da referência ao cerco de Bolonha de 1512, o fidalgo destaca o ataque protagonizado por Pero Nauarro – igualmente no quadro da *Terceira Campanha*

[72] *MFC, f. 151v.*
[73] *MFC, f. 163r.*

de Itália das forças espanholas, por sua vez surgida na sequência do estabelecimento da *Liga Santa* (1511), e também sob o comando do vice-rei de Nápoles, don Ramón de Cardona – à então considerada inexpugnável cidade de Bastia, pertença do duque de Ferrara, e a forma como este a recuperou após a saída do comandante espanhol:

> "Co[mo] pero nauarro tomou a bastida, E o duque foi sobre ella, E a derribou atee os çimentos. Antes de cheguar o viso Rei a bolonha, pero nauarro foi combater hum castello do duque de ferrara que estaua nos confins de seu senhorio chamado bastida. E nom lhe foi tam leue de tomar que primeiro que ho entrassem a Jente de guarnição que o duque tinha nelle que era mui escolhida matarom muitos dos Jmiguos. contudo o castelo foi entrado E todos metidos A espada. o conde deixou nelle mui bõa Jente em guarnição E foisse. mas o duque nom tardou com a vinguança. ca veo loguo sobre elles E tomandoo per força, perdendo primeiro muita Jente [,] non ficou homem dos que pero navarro deixara que nam fosse morto. E mandou deRibar ho castello ataa os çimentos."[74]

Desta passagem sobressaem duas das principais marcas das *Guerras de Itália*: em primeiro lugar, o tom marcadamente urbano dos combates (que consistia essencialmente em cercos, ataques de artilharia e saques); depois, a forma célere como se conquistava e imediatamente a seguir se perdia o objecto tomado, num ritmo quase de parada-resposta, com todas as consequências que daí resultavam quer para o património edificado, quer, sobretudo, para as populações locais, em particular as urbanas, quase sempre vítimas do saque e da violência pós-conquista. Esta última característica dá a ver o carácter instável e de certa forma fugaz ou transitório das vitórias neste grande conflito que marca a transição da Idade Média para a Idade Moderna.

c) <u>A batalha de Ravena</u>

Após impedir a queda de Bolonha e recuperar as cidades de Bréscia e de Bérgamo (esta pagou um resgate elevadíssimo para não ter o mesmo destino daquela), Gaston de Foix, comandante supremo do exército francês destacado em Itália, reúne as

[74] *MFC*, f. 149v.

forças francesas que se encontravam dispersas pelo ducado de Milão e dirige-se a Ravena.

Mas porquê esta localidade? O fidalgo esclarece este ponto essencial do conflito, enfatizando que o porto de Ravena constituía o ponto de abastecimento dos espanhóis, pelo que era prioridade máxima dos franceses conquistá-la, cortando assim esta vital linha de reforço dos seus inimigos.

Ponto estratégico tanto mais importante que, segundo o fidalgo, o exército espanhol acompanha sempre de perto as movimentações dos franceses até chegarem ambos quase simultaneamente às proximidades de Ravena:

> "tornados os françeses a bolonha esperarom tee vir toda a Jente del Rei de França que estaua espargida pollo ducado de milão. E sendo Junta nom senhor de fois capitão geral deste grande exerçito sahio ao campo no começo do mes de feuereiro E assentou aRaial a geito doz espanhoes. E huns E outros se forom mudando atee cheguar a Rauena onde se deu a batalha em dia de pascoa. os françeses partiam de bolonha com entenção de combater Rauena [E] com entenção de Jmpedir os mantimentos aos espanhoes por que daquella parte eram prouidos. E os espanhoes os seguirom sempre de sorte que huns E outros cheguarom a hum tempo a Reuena." [75]

Neste passo, ou seja, antes da batalha propriamente dita ter início, o fidalgo dá conta do ataque francês à fortaleza de Rexa, em 1512:

> "antes de cheguar a Reuena os françeses combaterom hum castelo chamado Rexa que a elles e a bolonha Jmpedia muito os mantimentos. foi tomado sem dos espanhoes poder ser socorrido." [76]

Não é fortuita esta singela referência do fidalgo a um confronto aparentemente menor, pois que semelhante a tantos outros à época, no contexto da batalha de Ravena. Ao efectuá-la, de modo simples mas perfeitamente suficiente para cumprir o seu objectivo informativo, o autor está a veicular uma informação fundamental em termos tácticos e estratégicos ao destinatário do seu relato, fornecendo-lhe assim os dados necessários para compreender cabalmente a derrota das forças da *Liga Santa* em Ravena. É que, de facto, Rexa constituía um ponto estratégico crucial quer para os

[75] *MFC*, f. 151v.
[76] *Idem*, *ibidem.*

franceses quer para os espanhóis, na medida em que impedia aqueles, bem como a Bolonha, de serem abastecidos.

Daí a sua importância apenas aparentemente ser "menor" no quadro do resultado final do conflito. Mais uma vez, o fidalgo mostra estar atento no seu relato ao que é verdadeiramente importante, revelando critério e rigor na selecção das informações que veicula ao seu senhor. Não é apenas a batalha de Ravena em si que interessa relatar, mas sim todas as condicionantes e contextos imediatamente anteriores que contribuíram de forma decisiva para o resultado final do emblemático confronto.

Por outro lado, a descrição do fidalgo indicia como a deslocação de exércitos de monumentais proporções – condição essencial das novas formas de fazer a guerra – tornava a logística um aspecto nuclear da actividade militar em geral e um elemento casuístico absolutamente fulcral em termos do resultado final do momento específico da batalha, ou seja, no sentido mais puro, concreto e objectivo desta última.

A guerra mudara! Deixara claramente de ser sazonal e geograficamente circunscrita como o era na maioria das vezes durante a Idade Média. Tratava-se agora de manter grandes exércitos em campanha por terras estrangeiras e bastante amplas. Toda a lógica da estratégia militar conhecia novas bases de reflexão e via-se condicionada por novos e decisivos elementos de ponderação[77].

Logo após retomar a descrição da batalha de Ravena, o fidalgo interrompe a mesma para dar conta da batalha de Los Gelves, ocorrida em 1510:

> "Quando se estas guerras Renouauam estando aJnda o viso Rei em napoles veo noua a Roma como os mouros tomarom dom guarçia filho primogenito do duque dalua. E afirmasse que por culpa do conde pero nauarro. E loguo Junto da noua vierom hum Jrmão do dito dom guarçia E hum filho de dom fernando de toledo com outros mançebos seus parentes que avião escapado, os quaes andauão visitando as cortesans E dandosse a prazeres com pouco sentido do que lhes aconteçera."[78]

Consideramos que esta referência surge na medida em que envolve, sob suspeita de fracasso militar, o conde Pedro Navarro, grande protagonista das *Guerras de Itália* e

[77] Cf. Brian M. Downing, *The Military Revolution and Political Change: Origins of Democracy and Autocracy in Early Modern Europe*, Princeton, Princeton University Press, 1992, pp. 56-83; David Eltis, *The Military Revolution in Sixteenth-Century Europe*, New York, I. B.Tauris & Company, 1998, pp. 6-42; Geoffrey Parker, *The Military Revolution: Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800*, New York, Cambridge University Press, 1996, pp. 45-81 e 146-176.
[78] *MFC*, f. 152r.

figura marcial coeva de prestígio quase intocável. Por outro lado, os espanhóis que regra geral são alvo de elogio pelo fidalgo pela sua conduta e bravura militar, apresentam-se aqui de forma moralmente condenável, pois haviam acabado de regressar de uma estrondosa derrota contra o infiel[79]. É, pois, natural que, à luz do quadro mental da época, se lhes exija outro comportamento social, sobretudo tratando-se de fidalgos. Noutra vertente, ao mostrar e condenar o seu exemplo, o fidalgo enriquece o retrato psicológico que tem vindo a construir de uma das principais facções existentes nos jogos de poder da Itália dos inícios de Quinhentos. Numa terceira perspectiva, o fidalgo dá a ver com esta passagem o espírito quotidiano que envolvia a Itália neste período ao nível dos costumes, em particular o mundo urbano e, sobretudo, quando envolve a presença de estrangeiros.

Logo no início da descrição da batalha de Ravena, o fidalgo faz uma importante ressalva em relação ao valor do testemunho presencial e ao facto de, "com temor de ser Reprendido", intencionalmente seleccionar alguns acontecimentos ocorridos na dita batalha para relatar ao seu senhor. Revela, assim, um espírito criterioso bem como uma singular capacidade metodológica:

> "Muitas cousas notauees diziam que aconteçerom antre os guerreiros espanhoes E françeses assi ante como despois na batalha. E por que nam hee de crer que os que se nom acharom em tam temeroso feito podessem dar çerta fee das cousas notauees E do que de feito passou escuso de escreuer as deferenças E particularidades que se diziam que muitos capitães E soldados fizerom naquella cruel batalha E passarei por Jsso por nam ser perluxo E nam ter duuida que de tam grão feito darmas vossa Jlustrissima senhoria tem sabido ho mais çerto. contudo das muitas sentenças algumas direi – E com temor de ser Reprendido –."[80]

[79] A batalha de los Gelves (29 de Agosto de 1510) – também conhecida como Desastre de los Gelves – surge no quadro da regência da coroa castelhana (1507-1516) por Fernando *o Católico*, e mais especificamente no âmbito de um movimento expansionista por parte deste no Norte de África. Assim, após se apoderar de um conjunto de praças norte africanas (Oran, Bugia, Tripoli e Argel), um exército aragonês comandado por Pedro Navarro junta-se a um exército castelhano liderado pelo jovem García de Toledo (?-1510), filho primogénito do segundo duque de Alba, Fadrique Álvarez de Toledo y Enríquez de Quiñones (1460-1531). Fernando *o Católico* acaba por atribuir o comando supremo das forças conjuntas a este último o que claramente desagradou ao conde Pedro Navarro.
O calor e a falta de água combinados com a inexperiência militar de García de Toledo (que decidiu avançar de forma imprudente e descoordenada pelo território inimigo) e o ressentimento de Pedro Navarro (que, ferido no seu orgulho por não ter sido o escolhido para liderar a expedição, cedo na batalha revelou a sua falta de lealdade para com o jovem García de Toledo, o qual chegou mesmo a perecer na contenda) contribuíram de forma decisiva para o desastre, que teve enorme ressonância no mundo cristão. Cf. Ramón Menéndez y Pidal, *Historia de España: Tomo XVII, La España de los Reyes Católicos*, op. cit, pp. 335-408.

[80] *MFC*, f. 154v.

Em primeiro lugar, e de forma nada fortuita, assinala a forma cavaleiresca (ou seja, de acordo com a melhor tradição da cavalaria medieval) como Gaston de Foix desafia, por um lado, o vice-rei para que a batalha se desse no dia seguinte e, por outro lado, aquele que era tido como o melhor dos cavaleiros adversários para um confronto individual. Pressente-se nesta passagem (além de uma certa nostalgia) a preferência do fidalgo por uma forma de combate cada vez menos em voga no seu tempo, chegando mesmo, em batalhas já irremediavelmente modernas como esta de Ravena, a revelar-se anacrónica, como aliás o comprova a própria morte do heróico Gaston de Foix em Ravena:

> "diziasse que estando os aRaiaes A vista hum do outro, metendosse soomente em meo o sobredito Rio, mom senhor de fois capitão geeral dos françeses mandou o dia dantes da batalha hum trombeta desafiar ho viso Rei pera lhe dar batalha ao outro dia. E que o viso Rei a açeitou. E fez merçe ao trombeta. E que despedido do viso Rei se foi a dom dioguo da cunha prior de meçina da ordem de são João E deulhe hum penacho branco dizendo que mom senhor de fois se enformara qual era o milhor caualeiro que naquelle exerçito vinha, E lhe aviam dito que elle que lhe enviaua aquelle penacho que ho leuasse o dia seguinte que avia de ser a batalha pera o conheçer E se encontrar com elle. E que elle leuarya outro tal. o prior de meçina tomou o penacho E fez merçe de hum colar douro ao trombeteiro E de hum sayão de borcado que trazia sobre as armas E do caualo em que estaua."[81]

Com efeito, o fidalgo nada deixa escapar ao seu olhar acutilante no relato que faz da contenda de Ravena (o mesmo acontecerá na descrição da batalha do Marignan). Quando, onde, quem, como, com que fases e consequências, quantas baixas e de que lados, tudo é focado pelo autor. De tal forma que, parafraseando Eugenio Asensio, a sua atenção para com a guerra e as suas vicissitudes é quase profissional[82].

O fidalgo dá a ver ao destinatário do seu relatório a forma como a batalha se desenvolve em duas fases, sendo que na primeira os espanhóis e a sua esforçada infantaria levam a melhor e têm praticamente a vitória nas mãos, acabando contudo por perder a sorte da contenda para os franceses – os vencedores finais – devido, sobretudo,

[81] *Idem*, *ibidem*.
[82] Cf. Eugenio Asensio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), descripción de la Roma de Julio II y Léon X" in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, p. 14.

à imprudência e má conduta militar do seu comandante, o vice-rei de Nápoles, don Ramón de Cardona, que já no cerco de Bolonha tinha deitado tudo a perder com a sua hesitação.

O fidalgo salienta mesmo a forma imprudente como contraria a táctica dos seus capitães:

> "E por que erão muito mais que os espanhoes, alguns dos prinçipaes senhores E capitães que estauão com o viso Rey lhe disserom que deuiam dar na parte dos françeses que era passada. o qual nam consentio nisso, E deixando os todos passar."[83]

Mas é a fuga do vice-rei no momento em que os espanhóis têm a vitória do seu lado o que mais choca o fidalgo, que, aliás, não se cansa de referir o facto ao duque D. Jaime. Reside aqui, na sua perspectiva, a grande causa da derrota das forças da *Santa Liga*:

> "estando a honrra da batalha em poder dos espanhoes que peleJauam, o viso Rei fugio com seis çentas lanças grossas E com muitos ginetes por cuJa ida os françeses tornarom a cobrar ho que aviam perdido. E os espanhoes tornarom a perder ho que aviam guanhado."[84];

> "E que se o viso Rei se nam fora, posto que elle E os que com elle fugirom nom peleJaram, a victoria fora sua. E que ficaram os françeses tam mal tratados que se ao dia seguinte tornaram a elles, nom acharam nelles Resistençia por que a Jente que com elle fugio de homens darmas E ginetes erão tres mil E com os çinco mil Jfantes que ficarom no campo E com os que o senhor marco antonio tinha em Reuena abastaua pera de todo desbaratar os françeses."[85]

Com efeito, esta fuga permite aos franceses recuperar o ânimo, bem como tudo o que tinham perdido; em particular a sua preciosa artilharia que então se encontrava na posse da infantaria espanhola. Esta, sob o comando de Pedro Navarro, atacara primeiro e com tal ímpeto que conseguiu penetrar as linhas francesas ao ponto de os soldados espanhóis descansarem em cima dos canhões tomados:

[83] *MFC*, f. 154v e f. 155r.
[84] *MFC*, f. 155r.
[85] *MFC*, f. 155v e f. 156r.

> "o conde pero navarro que era sobre a Jente de pee aJuntousse com a Jnfanteria françesa E Jsso mesmo os Rompeo. E fez tanto que tomou a artelharia dos françeses E alguns capitães se assentaram nella a descansar. tendo a vitoria por sua ca os françeses erão lançados quasi do campo E grande multidão delles mortos. E a vooz dos capitães era victoria victoria."[86]

Não é por acaso que o fidalgo insiste na culpa do vice-rei relativamente ao resultado final da batalha; sobretudo se se tiver em conta o notável comportamento em combate das forças espanholas. Com efeito, a visão negativa do vice-rei estava então já largamente difundida entre os cardeais e os italianos em geral. O próprio papa, segundo o fidalgo, estava de tal modo desagradado que chegou ao ponto de, num acto de grande simbolismo, rapar a barba perante a cúria. Por outro lado, exclamava sem pudor a sua preferência pelo "gram capitão", ou seja, o famoso comandante espanhol Gonzalo Fernández de Córdova y Aguilar, para Capitão-Geral da Igreja. Naturalmente, pressente-se no texto que também o fidalgo nutre uma grande admiração e preferência por Gonzalo Fernández, as quais faz passar ao seu senhor:

> "em todo este tempo nom se dizia luguar çerto onde o viso Rei estiuesse, por que fugido da batalha cheguando a ancona se meteo no mar em naos que hi tinha. as cousas que diziam os Jtalianos do grão capitão sabendo quam bem o fizeram os espanhoes que peleJaram E que por culpa do viso Rei se perdera a batalha, pareçia a aguoa que deitaram na fraguoa pera se mais açender e Recordar a gloria E fama do grão capitão. E desta pratica erão cheas as mesas dos cardeaes E di pera baixo. o papa teuera sempre crido (vendo a negligençia do viso Rei sobre a tomada de bolonha) que era enguanado E que nam tinha comissão del Rei pera tomar a çidade. E sendo çertificado da maneira que os espanhoes peleJaram na batalha, dizia que aviam Joguado em chostro E entam Rapou ha barba. dizia que nam queria que em Jtalia outro guovernasse a bandeira da JgreJa E suas Jentes senam gonçallo fernandez. E assi o Requereo a el Rei o qual tinha ordenado que o grão capitão passasse a Jtalia E muita Jente escolhida era Ja ofereçida a seu serviço E estauam prestes pera embarcar."[87]

O protagonismo das novas armas, em particular da artilharia; a elevação da infantaria como principal corpo do exército (anteriormente secundarizada e perfeitamente subjugada em termos de proeminência face à cavalaria); e, enfim, o

[86] *MFC*, f. 155r.
[87] *MFC*, f. 158v.

irreversível estabelecimento de uma nova forma de praticar a guerra, cujos valores e princípios apontam numa direcção diversa do estabelecido pelo modelo anterior, marcadamente medieval; estão claramente presentes na análise que o fidalgo faz da batalha de Ravena e nos juízos de valor que transmite ao seu senhor acerca da mesma.

Dois bons exemplos são, por um lado, a referência ao facto de as operações de artilharia ocuparem metade do tempo total da batalha, o que só por si é bastante revelador da importância das armas de fogo, em especial o canhão, no exercício da guerra dos inícios da era Moderna:

> "foi esta cruel batalha dia de pascoa da Resurreição da era de mil E quinhentos e doze anos. durou quatro oras, scilicet, duas oras que Juguou a artelharia E duas que peleJarom."[88]

E, por outro lado, a referência ao facto de a guerra ser agora inapelavelmente caracterizada pela morte à distância. As palavras atribuídas ao esforçado "prior de meçina" indiciam, aliás, como o próprio fidalgo está preso entre duas épocas e duas formas antagónicas de conceber os conflitos armados entre os homens:

> "E que o prior de meçina começou bradar vendo assi perder tantos E bons caualeiros que melhor era moRer As mãos de seus Jmiguos na batalha que como passaros dos tiros da artelharia."[89]

Ao falar da batalha de Ravena o fidalgo de Chaves opera uma avaliação colectiva das duas partes em confronto: os espanhóis e os franceses.

Globalmente, os primeiros, cujo nervo central é constituído pelas unidades de tropas de infantaria, saem claramente favorecidos, especialmente porque perante a "traição" do seu comandante continuam a bater-se de forma corajosa conseguindo sair do campo de batalha de forma ordenada e, por isso, orgulhosa:

> "çinquo mil Jfantes espanhoes que aJnda peleJauam quando o viso Rei fugio fizerom de si hum esquadrão dos quaes os françeses nom curarom E lhes mandarom dizer que se fossem em paz."[90]

[88] *MFC*, f. 156r.
[89] *MFC*, f. 155r.

Os franceses, à excepção do momento em que prestam homenagem, em Bolonha, aos seus capitães caídos em combate[91], perfilam-se como indignos e vis, o que mais uma vez reflecte o espírito militar do fidalgo (e, por sequência, o espírito militar português à época imbuído dos valores cruzadísticos da cavalaria que aplica nos campos de Marrocos e da longínqua Ásia, sem deixar no entanto de integrar os novos armamentos e os inéditos valores guerreiros a eles associados) ainda de acordo com os cânones medievais.

A causa para tal apreciação reside sobretudo no comportamento do seu exército aquando do saque de Ravena, em especial no facto de não respeitarem o acordo que estabeleceram com o responsável militar espanhol pela cidade e também por não respeitarem sequer os objectos e o próprio solo sagrado cristão:

> "ao outro dia seguinte foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles. na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[92]

A imagem dos franceses, à excepção do seu comandante, Gaston de Foix, dignamente morto no campo de batalha (e cuja conduta cavaleiresca no início da batalha tanto agradou ao nosso autor), não é nada favorável. Ao invés, impõe-se como francamente negativa, tendendo a abarcar, no seu conjunto, a sua presença na Itália coeva.

---

[90] *MFC*, f. 155v.
[91] *MFC*, f. 156v.
[92] *MFC*, f. 156r.

Já o duque de Ferrara, que também combateu pelo lado francês, sai favorecido no retrato traçado pelo fidalgo, em particular devido à sua competência guerreira e ao facto de ter tido um papel decisivo no resultado final da batalha.

A ambiência em Roma após a batalha de Ravena é outro aspecto importante do testemunho do fidalgo. De facto, o ambiente extraordinariamente tenso vivido na cúria papal, acompanhado do pânico dos cortesãos, em particular os espanhóis, e do desespero das mulheres nobres de Roma cujos maridos tinham participado na batalha, é descrito de forma bastante realista pelo autor.

Com a emoção e os pormenores próprios de quem estava ali, ele chama a atenção para o caos, sobretudo político, experienciado nos dias seguintes ao confronto, com o papa a tranquilizar as esposas em angústia pelos maridos provavelmente perdidos, as notícias, quase sempre contraditórias e incertas, em permanente circulação, e o premente perigo de guerra urbana, por um lado, entre as famílias romanas e, por outro lado, entre os cidadãos romanos e os inúmeros espanhóis que habitam a cidade. Subjacente a tudo isto como elemento pacificador, mas nem por isso menos desesperado, destaca-se Júlio II que tenta a todo o custo manter a paz entre as famílias romanas e apaziguar os ânimos exaltados, não raras vezes através de acordos e concessões diversas – que noutras situações seriam bastante improváveis –, nomeadamente de privilégios antigos que os cidadãos (os principais, saliente-se) haviam perdido no processo de concentração de poder por parte dos papas em detrimento das liberdades cívicas. A disputa assinalada entre o papa e um dos principais elementos da família colonna, a saber o *prospero colunna*, constitui um excelente exemplo deste estado de aflição vivido em Roma:

> "Jaa disse que foi a batalha na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze anos em dia de pascoa da Resurreição. A terça feira seguinte de noite cheguou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de custume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jsso mesmo todalas senhoras e baronesas de Roma que tinhão seus maridos na guerra E cada huma perguntaua pollo seu. o papa as consolaua E dizia que nom cressem nada do que se dizia por que custume era dos françeses semear sempre nouas mentirosas em seu fauor. nesta primeira noua nam veo mais çerteza que ser o viso Rei desbaratado E fugido. despois veo outra que nam escapara dos espanhoes nenhum que nom fosse morto E que os françeses ficaram Jnteiros sem moRer homem delles E que

> vinhão contra Roma. E que o duque dorbino se passara da parte de França. com estas nouas os cortezãos estauão sospensos E postos em grande confusão E o papa mal contente. passados oito dias vierom coReos E tambem o duque de tracto E outros caualeiros que forom na batalha ataa fim della E se saluarom, que trouxerom noua certa do que passara. todolos dias que nom eram de consistorio fazia o papa congreguação com todolos cardeaes E todo seu fundamento era fazer pazes. trazia tratos com os prinçipaes Romanos por que todos andauam mui aluoraçados. E pollos paçificar lhes confirmou çertas liberdades que sohiam ter antiguamente. estaua o prospero colunna neste tempo desauindo do papa E querendo Sua Santidade fazello faloneiro da JgreJa veo a Roma sendo medianeiro o embaixador de castela. esteue com o papa espaço de duas oras sem outra pesoa E do que passaram o prospero se tornou a hir loguo de Roma pera suas vilas E çidades de que hee senhor. E estão nom muito longe de Roma. dizse que as coisas que pedia erão taes que nam teuera Sua Santidade por bem de lhas conçeder. E assi se apartaram desacordados. bradaua o papa por guonçallo fernandez dizendo que este queria em Jtalia confaloneiro da JgreJa E capitão del Rei dom fernando. (…) Estando assi o papa E cardeaes E os cortesãos, prinçipalmente os espanhoes postos em tanta aguonia E temor por que os françeses erão senhores do campo E se afirmaua que vinham a Roma, lhes sobreueo outro mui grande nesta maneira."[93]

A batalha de Ravena teve consequências marcantes na mentalidade da época, em particular em Itália. Com efeito, não foram apenas os intervenientes que sofreram com o conflito armado. As populações civis foram igualmente muito massacradas, como no-lo informa o fidalgo em relação ao saque de Ravena ocorrido logo após a grande batalha:

> "os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[94]

No quadro da batalha de Ravena, o fidalgo expõe uma perspectiva singular, porque raramente focada nos textos coevos, no contexto da problemática mais geral das consequências da guerra: o massacre sofrido pelos sobreviventes dos exércitos derrotados às mãos dos civis, que desta forma buscam uma vingança aos actos

[93] *MFC*, f. 156v e f. 157r.
[94] *MFC*, f. 156r.

cometidos pelos exércitos em trânsito que sempre os fustigam, seja violando as mulheres, seja roubando os seus bens, sobretudo alimentares, sem quaisquer escrúpulos:

> "Como se aJuntaram os espanhoes que escaparam da batalha. A gente espanhola que ficou da batalha se foi caminho de arimine E dahi a senagualha E A çidade destermo que hee na marca dancona E em cada luguar destes ficauam espritaes cheos de feridos E de emfermos E foram leuados ao vale da cruz onde se começou a Refazer o campo. E ali se contou a Jente E acharamse sete mil E quinhentos espanhoes todos a pee por que muitos homens darmas avião perdido seus caualos. E o custume dos guerreiros de Jtalia hee que nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos comem A discriçam que hee comer A custa dos ospedes sem paguar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça despois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos françeses E alemães Reçebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos moradores das vilages E castelos. E quando se aconteçe dar alguma batalha aJuntanse grande multidão de milhares destes da terra E vanse em maguotes açerca em luguares desviados a olhar os que peleJam. E vendo algum dos exerçitos postos em fugida deçem E tomanlhe os passos E os prendem E Roubam de quanto leuam E os que nam matam hee por grande ventura. desta maneira tomam vinguança dos males E desonrras que Reçebem. E assi aconteçeo aos espanhoes que fugirom desta batalha prinçipalmente aos de caualo que cuidando saluarse se meteram em maior periguo em as mãos dos vilãos que a muitos desbalisaram E mal trataram. antre os quaes mataram pero de paez capitão de ginetes, pero de beuer A porta de huma tauerneira. este era homem pequeno de corpo E corcouado E de maa presença. porem era hum dos maes esforçados E dos melhores capitães que avia antre os espanhoes. esta hee Rezão por que os de caualo forom contados com os de pee no vale da cruz [.] dahi se foram a la quilla que hee no Reame onde se Refez o campo. a Roma Jsso mesmo acudirom muita Jnfantaria de caualo assi tratados como Jente que escapara das mãos de seus Jmiguos E depressa E de periguo tam grande. moisembique embaixador del Rei de castela os Reçebia todos E lhes daua algum dinheiro pera se hirem a napoles onde estaua o tesoureiro del Rei que por seu mandado lhes paguaua [.] E com estes se foi Jsso mesmo a napoles outra muita Jente que se fez em Roma naquelles dias da muita apertura, nos quaes os atambores pera fazer Jente continuo soauão per todalas Ruas de Roma."[95]

Esta passagem é particularmente reveladora do quadro mental do homem comum italiano na viragem dos séculos XV e XVI em relação à guerra e respectivos

[95] *MFC*, f. 158r e f. 158v.

protagonistas, sobretudo estrangeiros, que permanentemente circularam em solo italiano cometendo atrocidades diversas. Vítima sem voz, esta faixa da população ganha vida nas *MFC*. Adivinha-se o terror constante vivido pelas populações anónimas às mãos dos soldados, em particular os mercenários estrangeiros, que trilhavam os caminhos rurais e passavam pelos aglomerados populacionais indefesos.

Noutra vertente ainda relativa às consequências da batalha de Ravena, o fidalgo refere as mortes ocorridas na mesma: "diziasse çertificadamente que moRerom dos françeses na batalha passante de quinze mil. E dos espanhoes menos de çinco mil."[96]

Tamanho número de baixas contribui para o estatuto de batalha lendária, porque tão épica quanto devastadora, que subjaz nos anos seguintes ao conflito de Ravena e que se pode ler no texto do nosso autor.

No âmbito da descrição da batalha de Ravena, à qual dedica uma atenção especial (apenas comparável ao cuidado que atribui ao confronto do Marignan), o fidalgo de Chaves veicula retratos ora individuais ora colectivos. No entanto, em qualquer dos casos nunca são retratos frios ou isentos de juízo pessoal. Ao invés, a emoção e a inquietação pessoal perpassa a narrativa a cada passo. D. Jaime não está de facto perante um mero relatório descritivo do que se passou em Ravena. Está antes perante um intenso testemunho pessoal, uma visão e um juízo de valor fornecidos por um seu criado sobre algo de marcante que se passou no coração da Cristandade nos inícios de Quinhentos e que é do seu interesse conhecer a fundo. Dito de outro modo, o fidalgo sabe exactamente o que o seu senhor quer saber. E isto certamente não passa apenas pelos dados quantitativos e áridos da batalha, mas antes pela outra face da mesma, a face humana (e desumana) que apenas pode ser veiculada por alguém da sua extrema confiança e que conheça bem os seus propósitos e critérios quanto ao que quer de facto saber. Mais do que a quantidade, é pois a qualidade do narrado que interessa a D. Jaime. No fundo, ele deseja conhecer a opinião do seu "olheiro", alguém certamente experimentado nas coisas da guerra, ou não fosse um fidalgo, e que sabe filtrar bem a informação em termos do que importa realmente saber.

Quando fala da bravura em combate dos espanhóis, fá-lo de forma quase fotográfica. Na mesma linha, a sua descrição das atrocidades cometidas pelos franceses

[96] *MFC*, f. 155v.

no saque de Ravena permite-nos construir uma representação mental bastante fiel ao que provavelmente foi a realidade.

O mesmo se passa com as referências individuais. Gaston de Foix, o "prior de meçina" (duas figuras cujas mortes na batalha revestem-se de um forte simbolismo relativamente ao fim de uma era na arte e na técnica de combater, bem como ao código de valores associado), Afonso I d'Este duque de Ferrara, Pedro Navarro e o vice-rei são excelentes exemplos. A opinião do fidalgo sobre estas figuras não encerra qualquer dúvida e percebe-se no texto o porquê de tais juízos de valor.

Mas não ficam por aqui as apreciações individualizadas do fidalgo. Com efeito, chama igualmente a atenção para os feitos individuais de um tal "coronel biscainho chamado Johanes", do qual "se afirmaua que antes que ho matassem matou dos françeses corenta."[97]

Por outro lado, dá uma atenção especial às prisões efectuadas durante a batalha e à forma insólita como estas se alternavam, enquanto reflexo do valor individual dos intervenientes. Assim, destaca como "foi pero nauarro preso dos françeses duas vezes. E dambas ho tomarom os seus [,] mas da terçeira ficou em França atee aguora. foi tomado muito ferido por que nam era dos derradeiros."[98] O desempenho do célebre capitão espanhol em Ravena é muito louvado pelo fidalgo, pois " elle se ofereçia a todolos periguos animando E esforçando os seus, estimando mais sua homrra E fama que ha vida."[99]

Na primeira fase da batalha, quando a vitória pendeu para o lado espanhol, o fidalgo salienta como "o duque de ferrara foi preso do senhor fabriçio E monsenhor de lutreque do capitão luis el guordo."[100] No entanto, quando a sorte da contenda muda (após a fuga do vice-rei; causa sucessivamente reiterada pelo fidalgo), o "senhor fabriçio tornou a ser preso do duque de ferrara. E luis el guordo de mom senhor de lutreque"[101], ou seja, a situação inverteu-se completamente e a razão é inequívoca para o fidalgo, pois "assi aconteçeo a outros muitos que polla Jda do viso Rei em tam breue tempo se mudou sua fortuna ao contrairo."[102].

[97] *MFC*, f. 155r.
[98] *MFC*, f. 155r e f. 155v.
[99] *MFC*, f. 155v.
[100] *MFC*, f. 155r.
[101] *MFC*, f. 155v.
[102] *Idem*, *ibidem.*

Foram igualmente feitos prisioneiros o "marquez de pescara que fugio aos françeses E o marquez de vitouto E dom Johão de Cardona E muitos outros de grande conta espanhoes E napolitanos. o marquez dela paliça foi preso de capeletes ou albaneses E por peita ho soltaram E fugio leuando huma ferida em o Rosto." [103]

Finalmente, não menos importante devido às consequências futuras – trágicas na perspectiva do nosso autor –, "tambem prenderam o cardeal mediçis que era leguado do papa E andaua sempre no exerçito do viso Rei como Ja disse."[104] O fidalgo faz, pois, questão de apontar a prisão do futuro papa Leão X, que então se apresentava como legado do papa Júlio II para os confrontos de Bolonha e Ravena, ou seja, como comandante em presença por parte dos Estados Pontifícios.

Mais adiante, aquando da referência às honras prestadas pelos franceses aos seus capitães caídos em combate, o fidalgo volta a evocar a questão dos prisioneiros, nomeadamente "o cardeal mediçis E o conde pero nauarro E luis el guordo capitão dinfantaria E gayoso outro capitão gualeguo E caruaJal capitão de ginetes filho do alcaide dos donzees E guonçallo barreto portuguez gentil homem com outros muitos presos que se depois Resguatarom."[105] No contexto, os prisioneiros estavam a ser levados, juntamente com os capitães mortos e os despojos da batalha, para "milão que era dos françeses" [106].

Em suma, baseado em testemunhos que considera fidedignos, o fidalgo transmite uma imagem pessoal e avaliadora da batalha de Ravena, enquanto conflito maior das *Guerras de Itália*. Ele fala do que a batalha significou para si próprio ao mesmo tempo que veicula uma representação tão abrangente quanto emotiva. Inequívoco é o facto de que a contenda lhe deixou uma marca extremamente impressiva: "foi esta cruel batalha dia de pascoa da Resurreição da era de mil E quinhentos e doze anos. durou quatro oras, scilicet, duas oras que Juguou a artelharia E duas que peleJarom. (…) o sol era mui claro em Roma E naquelle doloroso luguar foi tornado em sanguineo." [107] Daí rematar proclamando que "nesta Jornada os mortos triunfaram dos viuos." [108]

[103] *Idem*, *ibidem.*
[104] *Idem*, *ibidem.*
[105] *MFC*, f. 156v.
[106] *Idem*, *ibidem.*
[107] *MFC*, f. 156r.
[108] *MFC*, f. 156v.

Nas suas palavras caíram nesta batalha os melhores guerreiros da Cristandade[109], podendo-se ler nas entrelinhas a firme condenação de uma guerra fraticida. Tais mortes a ocorrerem deveria ser contra o inimigo comum: o turco. E é o recurso singelo ao termo "Cristandade" que remete para esta alusão surda à necessidade da Cruzada, realidade tão cara à fidalguia e às principais figuras políticas portuguesas coevas, nomeadamente D. Jaime, duque de Bragança.

Sem dar informações precisas e pormenorizadas em termos técnicos no que respeita à arte militar (julgamos que também não era isso o esperado por D. Jaime), o fidalgo não deixou de focar os aspectos principais da batalha: a supremacia das novas armas, em particular da artilharia; o (r)estabelecimento da infantaria como principal unidade orgânica de combate, prenunciado a supremacia absoluta durante os decénios seguintes dos *terços* espanhóis; e a fuga do vice-rei, num acto de absoluta imprudência e indisciplina militar, enquanto causa principal para o desfecho final da batalha que esteve claramente em mãos espanholas.

d) Expulsão dos franceses de Itália

Ainda que de forma não muito desenvolvida, mas sempre com as informações essenciais para a devida compreensão do tema em questão por parte do destinatário do texto, o fidalgo dá conta ao seu senhor da expulsão dos franceses de Itália.

Com a constituição da *Santa Liga*, Júlio II conseguira isolar a França (e os cardeais cismáticos que contavam com o apoio do rei francês[110]) que apenas tinha por

[109] A "qualidade" dos que morreram na batalha contribui, aliás, decisivamente para a carga lendária da mesma.

[110] Veja-se a transcrição efectuada pelo fidalgo do breve enviado por Júlio II a Fernando de Castela, no qual o papa sublinha a "traição" dos cardeais cismáticos em cumplicidade com o soberano francês: "Os nunçios erão Ja partidos. E por que a prinçipal saude do papa era em el rei de castela, polla ligua que tinhão feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. (…) a fora çinco cardeaes os quaes tendo mao pensamento em seus corações forom por outro caminho a florença. E como quer que forom por nossa parte assi por nunçios como por letras Requeridos que viessem a noos E estiuessem presentes Juntamente com os outros cardeaes As deliberações das cousas pertencentes A dignidade da sancta see apostolica, nam vieram, mas foram a grande pressa E furtiuamente (a maneira de dizer) a pauia E dahi a milão. E posto que sua entenção E mao animo se poderon conheçer per muitos Jndiçios. contodo Jamaes forom por nos culpados. nem por escrito nem por palaura. por que nunca cuidamos que aviam de ser tam minguados de conselho que tiuessem pensamento de se apartar de sua cabeça nem Rasguar a vestidura do senhor Jndiuisible E sem custura, E trazer ha cisma tam dannosa na JgreJa de deus. que por çerto aviam sido de noos benigna E honrradamente tratados E polla maior parte acreçentados. mas a todo se atreue a audaçia E çegua E abominauel cobiça.

aliado o duque de Ferrara. Todavia, a impressionante vitória do exército de Gaston de Foix na batalha de Ravena sobre os espanhóis e as tropas do papa Júlio II, no domingo de Páscoa de 1512, torna de novo difícil a posição do Papa, sobretudo perante o grupo cardinalício cismático. Restava a Júlio II pedir novo auxílio ao rei de Castela no sentido de enviar para a Itália setentrional o temível "gonçallo fernandez", que ficaria assim com o prestigiado cargo de capitão-geral da Igreja; e, por outro lado, requerer auxílio aos invencíveis suíços, o que fez, como no-lo informa o fidalgo de Chaves, enviando o cardeal helvético à sua terra natal:

> "dizia que nam queria que em Jtalia outro guovernasse a bandeira da JgreJa E suas Jentes senam gonçallo fernandez. E assi o Requereo a el Rei o qual tinha ordenado que o grão capitão passasse a Jtalia E muita Jente escolhida era Ja ofereçida a seu serviço E estauam prestes pera embarcar. E por que o papa nam çessaua em buscar maneiras pera deitar os françeses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio a sua terra polla mais Jente que podesse trazer."[111]

O fidalgo relata como, após a morte de Gaston de Foix, o cardeal "Sam Seuerino" ficou à frente das forças francesas em Itália, continuando a obter vitórias sobre cidades que "desesperadas de socorro se derão ao conçilio çismatico"[112]. No entanto, a fortaleza de "forli" resistiu, dando início ao recuo dos franceses, que na sequência se vêm forçados a retirar para Milão[113].

A situação agrava-se para Luís XII quando o imperador Maximiliano retira do já de si enfraquecido exército francês importantes corpos de tropas mercenárias. Facto

---

atreueronse com propria temeridade nam tendo pera Jsso nenhuma faculdade conuocar conçilio geral. nem em luguar nem tempo conveniente E çitaram a noos pera elle. E neste chamamento husaram de desaverguonhada maneira, por quanto afirmaram ter poder de tres cardeaes os quaes derom pera Jsso nem poder nem consentimento. Jnçitados segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. (…) os cardeaes çismaticos vrdem de envoluer toda a cristaam Religião de errores, as quaes cousas avemos visto por cartas de nosso nunçio E ouvido a vosso embaixador que estaa em nossa corte ser vos mui graues E molestas. portanto filho charissimo E mui verdadeiro aleuantaiuos pera defender a vossa sancta madre a JgreJa. destrohi os conçelhos dos çismaticos. (…) dada em Roma em sam pedro sub annulo piscatoris. vltimo de Junho mil E b^{c} E onze [,] ano octauo de nosso pontificado." in *MFC*, f. 146v a f. 148r.

[111] *MFC*, f. 158v e f. 159r.

[112] *MFC*, f. 161v.

[113] Vide *MFC*, f. 161v e f. 162r.

que, aliado à chegada dos suíços a Itália, faz com que o monarca francês (bem como os cardeais cismáticos que contavam com o seu apoio) fique isolado e, na sequência, tenha de retirar para o seu país[114].

Neste ponto é de salientar um importante pormenor referido pelo fidalgo: os suíços, ao chegarem a solo itálico, não se limitaram a tomar as cidades que estavam sob a alçada francesa. Com efeito, cobravam às suas populações elevadas taxas como forma de evitarem ser saqueadas.

Para além de estarmos perante uma referência a uma forma de economia de guerra, o fidalgo revela-nos outro meio de pressão e extorsão sobre a população civil directamente resultante do estado de guerra permanente em que vivia a Itália central e setentrional coeva:

> "E nam se contentauam os soiços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente."[115]

Por fim, o fidalgo relata, mais uma vez, o ambiente vivido em Roma, agora de maior tranquilidade, pois o perigo francês desaparecera. No entanto, fica a ressalva da forma como a capital cultural e espiritual da Cristandade estava desguarnecida e sem protecção e, sobretudo, da forma altamente questionável como os cortesãos e a cúria se comportaram:

> "E assy çessaram os tremores e aflições em que o papa E cardeaes cortezãos da corte de Roma estauam depois da batalha em quanto os françeses foram senhores do campo. ca muitos cortesãos se foram com temor pera suas terras. diziasse abertamente que o papa E os cardeaes tinham gualees aperçebidas pera passarem a napoles ou a castela se os françeses viessem a Roma. nam haa duuida se seu poder fora pera Jsso que foram Reçebidos em Roma E a entraram a portas abertas sem nenhuma contradição. antes dos mesmos Romanos tinhão os cortezãos Reçeo que seriam Reçebidos segundo os viam aluoraçados E delles se esperaua ser feito maior mal. porem nosso senhor quis prouer a tam grande escandalo como fora fugir o summo pontifiçe E os prinçipaes da JgreJa da sua propria cadeira em vituperio E desonrra dos christãos, E gloria E alegria

[114] Vide *MFC*, f. 162r.
[115] *MFC*, f. 162r.

> dos maluados turcos E mafometas Jnimiguos da nossa sancta fee catolica."[116]

A "precaução" das figuras espirituais cimeiras da Cristandade não passa desapercebida ao fidalgo, cuja atenção arguta e irónica observa o quão desonroso seria para a Europa cristã – e glorioso para o Turco – se as mesmas fugissem da capital do mundo cristão. Por outras palavras, mais uma vez a guerra fraticida é condenada pelo fidalgo, que de forma implícita saúda a neutralidade de Portugal e lamenta o facto de não se avançar com a verdadeira guerra – porque é a única guerra "justa" – contra o inimigo comum da Cristandade, ideia oficialmente defendida pela monarquia portuguesa, quer com D. Manuel quer, depois, com D. João III.

e) Regresso e nova derrota dos franceses em Itália

O fidalgo refere igualmente no seu precioso testemunho a forma como os franceses rapidamente retornaram a Itália e, na sequência, foram desbaratados pelos suíços na chamada batalha de Novara, ocorrida a 6 de Junho de 1513:

> "Como mil lanças françesas tornaram a entrar em italia E foram desbaratados. Nam tardou muito que mil lanças françesas tornaram a entrar em italia. E os soiços os foram buscar E[m] hum luguar chamado voara mataram a moor parte delles E catiuaram E prenderam os outros."[117]

Canto do cisne das ambições de Luís XII em Itália e em particular sobre Milão, esta fatídica "reentrada" francesa em Itália como que selou a vitória final da *Liga Santa*[118] e, sobretudo, da acção política e guerreira, ou seja, absolutamente temporal e secular, do papa Júlio II[119].

Os números referidos pelo fidalgo não correspondem à realidade (foi bem maior o número de soldados franceses que voltaram a entrar em Itália), no entanto, as suas

[116] *MFC*, f. 162r e f. 162v.
[117] *MFC*, f. 162v.
[118] Referimo-nos ao objectivo específico de expulsar os franceses de Itália, pois a *Liga Santa* em si, como destacámos oportunamente, apesar de se revelar bastante eficaz no início acaba por se desvanecer devido às querelas entre os seus membros.
[119] De forma póstuma, pois a batalha ocorre já sob o pontificado de Leão X.

breves mas intensas palavras não deixam de reflectir a brutalidade e crueldade que marcaram este conflito armado[120].

Ainda no quadro da expulsão dos franceses de Itália pela *Liga Santa* e pela acção estratégica de Júlio II, o fidalgo reporta importantes informações acerca de um conjunto interligado de recontros bélicos, nomeadamente a rendição de Bolonha ao papa (na qual o combate não chega, de facto, a acontecer), o saque da "Vila do prado" e a consequente queda da República de Florença que vê o poder ser restituído aos Médici, a restituição do ducado de Milão a Maximiliano Sforza pelos suíços, o saque da feira da "vila de Maestra" e, por último, a batalha de La Motta ocorrida a caminho de Nápoles entre o vice-rei e os venezianos.

De reter, a ironia mordaz do autor na breve síntese que faz da política e das guerras que se sucedem em Itália no alvorecer de Quinhentos:

> "hee pera Rir E tomar exemplo destas ligeiras voltas que o mundo daa. pera que hee confiar nestas bem auenturanças desta vida pois tam pouco permaneçem. ex os vintevolhas sahidos E loguo Restituidos a bolonha por morte de tantos. ex os françeses vençedores da batalha de Reuena E expunhando çidades E vilas sendo absolutos senhores do campo. ex em quam breues dias foram todos deitados de italia perdendo quanto guanharam."[121]

Na observação que faz à devolução de Bolonha ao papa em 1512, o fidalgo de Chaves chama a atenção para três pormenores. O primeiro relaciona-se com a pressa e o desespero com que o vice-rei tenta organizar um exército por forma a tomar Bolonha antes da chegada do "gram capitão", cuja intervenção na Itália setentrional já tinha sido autorizada pelo rei de Castela a pedido de Júlio II. "Dom Reimão de cardona" está tão obstinado em limpar a sua imagem fortemente denegrida no decurso da sua conduta militar (quer no cerco a Bolonha quer na batalha de Ravena), que, segundo se dizia em

[120] Cf. Charles W. Chadwick Oman, *A History of the Art of War in the Sixteenth Century*, op. cit., pp. 14-50 e 63-81; Idem, *The art of war in the Middle Ages, A.D. 378-1515*, London, Cornell University Press, 1885, pp. 62-95; Christine Shaw, *Julius II: The Warrior Pope*, op. cit, pp. 245-316; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32, 67-94 e 187-211; Frederic J. Baumgartner, *Louis XII*, op. cit., pp. 183-198.
[121] *MFC*, f. 163r.

Roma, "vendeo E desbaratou quanto dinheiro E Joias tinha assi suas como de sua molher pera paguar os soldados"[122].

O segundo tem a ver com o facto de, mais uma vez, o vice-rei simplesmente estar desatento ao que realmente se passa à sua volta em termos militares; condição que reforça mais uma vez a sua incapacidade para a liderança militar e, por outro lado, legitima ainda mais a animosidade do fidalgo para com esta figura: "E dauasse pressa a Jsso por atalhar a vinda do gram capitão. mas elle nam vio os françeses que erão Ja Retrahidos a milão quando partio com seu exerçito. E leuou ha via de bolonha com entenção de a tomar."[123]

Ainda em relação a esta última questão denota-se nas palavras do fidalgo um súbtil apontamento à falta de consistência e cooordenação na liderança espanhola fora do reino. Com efeito, o facto de o vice-rei agir por iniciativa própria no sentido de se antecipar à chegada do "gram capitão" não é nada favorável à imagem da própria autoridade da "jovem" monarquia espanhola. O que, inevitável e sub-repticiamente, implica uma comparação por parte do autor com o caso português, contrário, pelo menos oficialmente, a este estado de coisas.

Finalmente, o terceiro aspecto prende-se com o carácter volúvel das populações urbanas italianas do Centro e do Norte, que rapidamente mudam se partido se daí puderem tirar proveito ou evitar sofrimento, sem um qualquer traço de fidelidade a algo superior do que elas próprias e a cidade que representam. O fidalgo insiste, aliás, por diversas vezes neste aspecto ao longo do seu texto:

> "sendo os bolonheses avisados de sua vinda E vendo o dano que os soiços faziam no ducado de milão ouveranse por perdidos E tiueram maneira com o papa que mandasse Jente sua tomar bolonha antes da cheguada dos espanhoes. o papa mandou o duque dorbino com çinco mil homens a que se a çidade deu por mal de muitos que aviam sido em fauor dos vinteuolhas. E quando os espanhoes vieram nam acharam que fazer ca os vinteuolhas E os que a guardauão erão todos fugidos." [124]

O fidalgo assinala de forma inequívoca como o papa Júlio II queria favorecer os Médici, restituindo-lhes o poder perdido em Florença com a ajuda das forças

[122] *Idem*, *ibidem.*
[123] *Idem*, *ibidem.*
[124] *Idem*, *ibidem.*

espanholas, e ao mesmo tempo enfraquecer a posição francesa em Itália, dado que nesta época a cidade em questão se encontrava sob a alçada política de França. Mais um acto político do papa, portanto, que, como bom exemplo das premissas de Maquiavel, não olha a meios para atingir os seus objectivos temporais, isto é, o engrandecimento do poder temporal dos Estados Pontíficios:

> "El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguarem dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença."[125]

O saque à "Vila do prado"[126] surge, assim, no contexto do estabelecimento do cerco a Florença, em 1512, que culminou com a recuperação do poder por parte dos Médici que, desta forma, voltam a ficar à frente dos destinos da urbe. Todo este movimento político-militar é, por sua vez, resultado do decidido no encontro ocorrido entre os membros da *Liga Santa* em Mântua, em Agosto de 1512, com o objectivo de discutir a situação no Norte de Itália e, mais concretamente, dividir entre si os despojos territoriais antes pertencentes aos franceses[127].

De reter nesta passagem[128] o pormenor informativo do fidalgo ao assinalar que as tropas do vice-rei "ha meterom a saco [a vila de prado] E foi grande o Roubo por que Alem da vila ser grande E Rica, estiueram ahi mais de dous meses dassento E tiueram tempo pera vender atee o azeite E vinagre. E os luguares comarcãos, scilicet, luca E pistoya enRiqueçeram do que ali compraram barato."[129]. Os habitantes locais, civis, portanto, são, invariavelmente, as verdadeiras vítimas da cega rapinagem guerreira. Ainda que estando em Florença no momento do saque, perderam todos os seus bens:

---

[125] *MFC*, f. 163r. e f. 163v.
[126] Prato é uma cidade e uma comuna da região da Toscânia, a Noroeste de Florença.
[127] Cf. Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit*., pp. 58-69; Julian Klaczko, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*, op. cit., pp. 341-359; Ludwig von Pastor, *The history of the popes: from the close of the Middle Ages. Drawn from the secret archives of the Vatican and other original sources*, vol. VI, London, Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd., 1908, pp. 366-454.
[128] Vide *MFC*, f. 163v.
[129] *MFC*, f. 163v.

> "E por que os florentins sabiam que a vila de prado era da colaçia E banda do deleguado por ser dos mediçis, mandaram que os naturaes da vila se fossem a florença E meteram dentro çinco mil soldados, nom sendo os espanhoes sabedores disso. E o cardeal tendo que os seus amiguos estauam na vila tinha ordenado com o viso Rey que lhes nom fizessem mal, E que passassem contra florença [.] E passando mandaram pedir mantimentos A villa. E os soldados de dentro Responderom do muro palauras descorteses chamandolhe marranos que fossem a Reuena [.] E com este Jmpeto Remeteram A villa E tomaramna E matarom todolos que dentro estauam em guarnição a saluo dos de fora E ha meterom a saco" [130].

A queda da vila do Prato e a extrema violência do subsequente saque efectuado pelo exército espanhol deitaram por terra qualquer veleidade de resistência por parte das forças republicanas de Florença, que, receosas de lhes acontecer o mesmo, simplesmente cederam o poder aos sitiantes vendo assim a forma de governo que defendiam cair por terra.

Após a expulsão de Pedro de Médici (1471-1503)[131] pelos cidadãos florentinos, em 1494, que sucedeu a seu pai Lourenço, *O Magnífico* (1449-1492), Florença envereda pela restauração de um governo republicano. Inclusive durante o atribulado período de governo do reformador dominicano Savonarola (1452-1498)[132], que, saliente-se, fez algumas reformas políticas no sentido da obtenção de um governo mais democrático, e mesmo após a sua queda, Florença manteve-se uma República[133], apenas deixando de o ser em 1512, ano em que as tropas espanholas da *Liga Santa* – enviadas por Júlio II – marcham com o legado papal Giovanni di Médici contra a urbe, repondo desta forma o poder dirigente da família Médici[134].

---

[130] *Idem*, *ibidem.*

[131] Senhor de Florença entre 1492 e 1494, Pedro de Médici, conhecido pelo cognome de *O Desafortunado*, morreu em 1503 no exílio, mais precisamente na Batalha do Garillano, que opôs franceses e espanhóis.

[132] Que via no exílio dos Médici o trabalho de Deus. Cf. Arthur Comte de Gobineau, *La Renaissance: Savonarole, César Borgia, Jules II, Léon X, Michel Angelo. Scènes historiques*, Paris, Plon, 1903.

[133] Da qual Maquiavel fez parte, ocupando vários cargos como alto funcionário que lhe permitiram adquirir uma efectiva experiência política determinante para a redacção das suas obras, em particular *O Príncipe*. É "a longa experiência das coisas modernas" (*in* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., p. 109) de que fala na dedicatória que abre esta obra. A experiência resultante do exercício destes cargos, bem próximos aos centros de poder, coloca-o em contacto directo com figuras como o próprio Júlio II que não deixa de evocar no seu texto.

[134] Cf. Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit*., pp. 58-69; Herbert M. Vaughan, *The Medici Popes: Leo X and Clement VII*, London, Methuen & Co., 1908, pp. 79-99; Jeremy Black, *The Cambridge Illustrated Atlas of Warfare. Renaissance to Revolution, 1492-1792*, op. cit., pp. 46-63; Julian Klaczko, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*, op. cit., pp. 341-359; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VI, *op. cit*., pp. 366-454.

Conhecendo o ódio de Júlio II para com os franceses, que tinham Florença sob a sua alçada política, o cardeal Giovanni de Médici (futuro Leão X), então legado papal na *Liga Santa*, estava em excelente posição para exercer pressão sobre o papa no sentido de devolver o poder da cidade à sua família. O que, como o fidalgo observa, claramente conseguiu:

> "Como foram çercar florença E a çidade se deu. Avendo estado muito tempo em prado ordenaram de hir çerquar florença que Ja tinha dentro a Jente de seus batalhões que hee Jente da terra que tem pagua em paz E em guerra. E dão a cada hum çem Reaes cada mes. E elles sam obriguados a fazer mestre ou alardo o primeiro dominguo de cada mes E acodirem quando cumpre. E quando vem a guerra paguamlhes seu soldo Jnteiro. estes são grande numero de Jente. os espanhoes erão doze mil, que pareçia cousa contra Rezão cheguaremse aos muros de florença, quanto mais poerlhe çerco por ser çidade tam grande E populosa. porem o cardeal tinha grão parte dentro com que tinha suas Jnteligençias, nos quaes se atreuia. o que mais aJudou os espanhoes foi mandar o viso Rei deitar preguão no exerçito que daua florença a saco pollo qual os pobres da çidade se sahião fora pera o aRaial dos espanhoes pera serem em saquear aos Ricos que ficauam na çidade. sabendo os florentins Jsto E vendo minguar sua Jente E creçer a dos espanhoes se deram a partido. E lançaram fora o seu duque que estaua por el Rei de França o qual era da casta de souerini Jrmão do cardeal vulterra. saiosse com çincoenta de caualo E embarcou em hum porto de sena. feito Jsto o viso Rei E o cardeal entraram na çidade com poucos espanhoes. E por que os espanhoes se achauam Ricos E se hiam, proueram que os que se achassem Jndo sem liçença que os matassem. E muitos foram assi mortos. o Jnverno era Ja entrado quando as sobreditas cousas de florença aconteçeram."[135]

De salientar, nas palavras do autor, a referência ao facto de o cardeal actuar de forma sinistra, movimentando-se nos bastidores políticos da cidade de Florença. Situação reforçada e elevada ao ponto da crueldade e da infâmia por, após a rendição dos republicanos, ocorrerem toda uma série de mortes na cidade.

O fidalgo dá, desta forma, início a um interessante retrato psicológico do futuro papa que irá acentuar de forma quase dramática nos fólios relativos ao seu pontificado.

Outro pormenor no que respeita à dimensão bélica destaca-se no texto do fidalgo e que será discutido mais adequadamente em capítulo próprio: a questão dos mercenários *versus* as milícias urbanas.

[135] *MFC*, f. 163v e f. 164r.

Surgida na sequência do movimento político-militar que coloca novamente os Médici à frente dos destinos de Florença, a restituição do ducado de Milão a Maximiliano Sforza pelos suíços é outro momento de carácter bélico (ainda que, neste caso, não envolva combate directo) abordado pelo fidalgo no quadro da expulsão definitiva de Luís XII e do exército francês de Itália:

> "Depois que o viso Rei meteo em posse ao cardeal de suas casas e possissões E do guoverno E senhorio da çidade de florença como sohiam os mediçis, foisse a lombardia aJuntar com o cardeal dos soiços E tomando o duque de milão consiguo ho leuaram A çidade. E entraram em milão o primeiro dia de Janeiro da era de nosso senhor Jesu Cristo mil b.^{c} E treze anos [.]"[136]

De realçar logo no início da passagem relativa a este acontecimento, o facto de o fidalgo frisar que é o cardeal Médici que é colocado pelo vice-rei "em posse (…) de suas casas e possissões E do guoverno E senhorio da çidade de florença como sohiam os mediçis"[137]. Pormenor curioso este fornecido pelo fidalgo, pois após a queda dos republicanos à frente do governo de Florença, em 1512, foi o irmão do cardeal, Giuliano di Lorenzo de Médici (1479-1516), quem ficou a dirigir a cidade até 1516, ano da sua morte.

De forma subtil, como que antecipando o inevitável, o fidalgo aponta assim o carácter manipulativo e votado ao nepotismo do cardeal, que de forma explícita coloca o irmão no "trono" florentino. Um carácter que, segundo o fidalgo, mais tarde, já à frente cúria romana, se revelará em toda a sua plenitude, por um lado, com a promoção do matrimónio do seu irmão Giuliano[138] com Felisberta (1498-1524), princesa da Casa de Sabóia, em Fevereiro de 1515, na corte francesa, poucos meses antes da Batalha de Marignan[139]; e, por outro lado, com a construção pessoal do percurso do seu sobrinho[140], Lourenço (II) de Médici (1492-1519), que graças à sua acção se tornará

[136] *MFC*, f. 164v.
[137] *Idem*, *ibidem*.
[138] Que, graças à política de casamentos levada a cabo pelo irmão, se tornará duque de Nemours por investidura de Francisco I da França.
[139] Cf. Herbert M. Vaughan, *The Medici Popes*, New York, G.P. Putnam's Sons, 1908.
[140] Uma "construção" de certa forma semelhante à efectuada pelo papa Alexandre VI (nascido Rodrigo Bórgia, 1431-1503) para o seu filho César Bórgia (1475-1507). Lourenço (II) de Médici conduzirá os destinos de Florença entre 1516 e 1519, ano da sua morte. É a ele que Maquiavel dedica a obra *O Príncipe*.

duque de Urbino, em 1516, em detrimento de Francisco Maria (I) della Rovere (1490-1538), por sua vez, sobrinho do anterior papa, Júlio II.

Retornando à forma "Como foi metido o duque de Milão em posse de seu estado", é de salientar que o fidalgo, num registo quase fotográfico, não deixa dúvidas quanto ao facto de Maximiliano Sforza se encontrar completamente dependente – não passando, pois, na realidade, de um peão num xadrez político internacional que o ultrapassa em absoluto – dos suíços e das forças da *Liga Santa*, em particular Fernando de Espanha e o papa Júlio II:

> "(…) o viso Rei (…) foisse a lombardia aJuntar com o cardeal dos soiços E tomando o duque de milão consiguo ho leuaram A çidade. E entraram em milão o primeiro dia de Janeiro da era de nosso senhor Jesu Cristo mil b.^{c} E treze anos [.] o viso Rei hia de huma parte E o cardeal da outra. E o duque no meo delles. E foi Restituido ao seu estado todo de que ho el Rei de França tinha despoJado E lançado. E ele se tinha encomendado ao papa, ao emperador, E a el Rey dom fernando que em seu desterro ho ampararam em quanto nam cheguou o tempo de o poderem Restituir a seu Estado. E sendo entregue E apoderado de todo seu senhorio. o cardeal E os soiços se foram pera sua terra. E o viso Rei se partio pera napoles deixando a terra toda paçifica E guarneçida de Jente neçessaria." [141]

O saque da feira da vila de Maestra, ocorrido em 1513, é referido nas *MFC* no quadro da descrição do brutal encontro militar de La Motta, ocorrido a 7 de Outubro de 1513, que resultou numa decisiva vitória dos espanhóis sobre a República de Veneza às portas da sua capital, facto que, como podemos verificar pela leitura do texto do fidalgo, teve à época um profundo impacto psicológico nos venezianos.

A batalha de La Motta constitui um dos melhores exemplos da forma como a *Liga Santa* na realidade nunca funcionou em pleno, acabando ao invés por evaporar-se devido a desentendimentos entre as várias nações participantes, sobretudo quanto à repartição dos territórios conquistados aos franceses.

Por outras palavras, a batalha de La Motta é consequência do falhanço do já referido encontro ocorrido entre os membros da *Liga Santa* em Mântua, em Agosto de 1512; o qual, em última instância, resultou na mudança de campo dos venezianos, que deixam a *Liga Santa* e passam para o lado francês, sobretudo devido às pressões e

[141] *MFC*, f. 164v e f. 165r.

ambições do imperador Maximiliano que se recusava a ceder qualquer porção territorial à República de Veneza.

De facto, o imperador acabou por assinar um acordo com Júlio II que excluía inteiramente Veneza da repartição territorial final. A oposição da República a tal acordo foi de tal modo feroz e veemente que o papa ameaçou retomar a *Liga de Cambrai* original contra ela. A resposta veneziana foi a aliança com Luís XII de França, selada em Março de 1513, num tratado que dividia o Norte de Itália entre a França e a República[142].

Nesta perspectiva, também a batalha de Novara, o saque da vila do Prato, o restabelecimento dos Médici à frente do governo de Florença, bem como, aliás, todos os enfrentamentos seguintes ocorridos entre franceses e venezianos com as forças da *Liga Santa*, poderosamente reforçadas pela infantaria suíça, são, afinal, resultado do falhanço político do encontro que teve lugar em Mântua.

Segundo o fidalgo – que destaca sobretudo a ousadia e a oportunidade da acção guerreira, algo até aqui completamente ausente da conduta bélica do vice-rei de Nápoles, don Ramón de Cardona –, o vice-rei teve nesta vitória militar a grande oportunidade para recuperar do prestígio perdido na batalha de Ravena. No entanto, pelo que podemos indagar das suas palavras, o saque da feira da vila de Maestra que antecede a batalha de La Motta não deixa de imprimir um carácter negativo à conduta guerreira do vice-rei. Roçando a infâmia, este "grande Roubo" pormenorizadamente descrito pelo autor, confirma de certa forma a visão negativa que constrói da figura do vice-rei, bem como de alguma incongruência da liderança espanhola no quadro das guerras e do complexo xadrez político vivido então em Itália:

> "Da batalha que o viso Rei ouue com venezeanos E das outras cousas que lhe aconteçeram Jndo pera napoles. Partido o viso Rei do duque de milão, foisse por verona que avia estado polos venezeanos em quanto os françeses estiueram em italia. a qual çidade hee grande E pertençe ao emperador E deixou em guarnição della quatro mil Jnfantes espanhoes, os quaes o emperador paguaua. E passando adiante foilhe dito que em huma vila de venezeanos chamada maestra, se fazia naquelles dias huma grande feira. E que erão vindos muitos mercadores venezeanos E doutras çidades de Jtalia com muitas mercadorias prinçipalmente sedas, grãs, perseos, E pelouços,

[142] Cf. Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit*, pp. 58-69; Ivan Cloulas, *Giulio II*, op. cit., pp. 236-238; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VI, *op. cit*., pp. 405-454.

que são panos no cume dos mais finos. E assi mercadores turcos que passam aquelle mar E trazem grande soma de chamalotes E tapetes muito finos E outras mercadorias. E detreminando de a Roubar, ho pos em obra. foi tam grande o despoJo prinçipalmente o das sedas [,] panos E chamalotes que nam tinham bestas nem carretas em que se podessem leuar. E partidos com seu grande Roubo leuando sua via pera Nápoles"[143]

Por outro lado, ao evocar estes confrontos resultantes, afinal, do encontro da *Liga Santa* em Mântua, mais uma vez, o fidalgo retrata a forma como as alianças e contra-alianças constituem a pedra-de-toque da cena política vivida em Itália no alvorecer de Quinhentos e da qual, na sua perspectiva, Portugal tão sabiamente se aparta.

De referir, ainda, a descrição vibrante e quase visual da batalha (as tácticas utilizadas e as condições físicas e ambientais em que se dá o enfrentamento são referidas com particular detalhe) por parte do fidalgo, cuja crueldade e violência a faz aproximar da de Ravena:

"diziasse que foram tam a vista de veneza que pera chegar A çidade o mar soomente se metia em meo. E que deitaram pelouros dartelharia dentro na çidade, o que haa grandes tempos que nam aconteçeo sem ser perdido o exerçito que ali cheguasse. Jsto nam no escreuo por verdadeiro porem abertamente se dizia em Roma ser Jsto assi. os venezeanos que nam consentem desonrra mandaram seu exerçito contra o viso Rei. E acreçentaram muita Jente da terra que por todos se afirmaua serem corenta mil Jnfantes. a Jente darmas E caualos ligeiros erão mais que os espanhoes E sendo o viso Rei atalhado de tanta Jente por que a cobiça do despoJo que os seus leuauam lhes nam posesse ho cuidado mais na guarda delle que na honrra da batalha que esperauam mandou queimar todolos panos E sedas E cousas que os soldados sem peJo nam podiam leuar. sendo seguidos dos venezeanos foramençerrados em hum vale onde lhes convinha moRer de fome E frio, ou passar hum grande Rio, pera vir peleJar com os Jmiguos os quaes os tinhão por perdidos. E ao terceiro dia acordou o viso Rei, tendo descuberto vao, de passar a elles. E antes que amanheçesse se foram ao vao que era bom pedaço de caminho. E passaram ho Rio que aos de pee daua polla çinta com grão pena do grão frio que padeçiam [.] passados E postos em ordenança foram buscar seus Jmiguos que bem descuidados estauão de tal sobresalto. E dando nelles posto que a batalha durou algumas oras, em fim os venezeanos foram desbaratados E mortos pouco menos que de françeses na batalha de Reuena. (…) esta vitoria soldou

[143] *MFC*, f. 165r.

> muito no viso Rei ha perda da batalha de Reuena o qual se foi a via de napole com pouca perda dos seus E muitos presioneiros venezeanos." [144]

O tom e também o contexto intimista empregue na voz de um dos participantes da batalha, torna o texto do fidalgo um testemunho tão emotivo quanto intenso do ponto de vista dramático, ou seja, bem mais interessante para o destinatário do que o frio e árido relato que provavelmente resultaria de uma missiva oficial:

> "foram presos muitos capitães E homens prinçipaes dos venezeanos, antre os quaes foi preso João paulo valbom senhor ou tirano de perosa que era capitão da Jente darmas dos venezeanos. o qual despois foi enviado preso a Roma ao papa sobre sua menaJem. E por que seu filho era casado com a Jrmãa do cardeall meu senhor, muitas vezes comia com sua Reuerendissima senhoria. E contando hum dia as cousas desta batalha, dizia cahindolhe as lagrimas pollas barbas, que nunca se achara em batalha tam cruelmente ferida, que assi nos alemães que erão tres mil como nos espanhoes nom se achaua nenhuma misericordia que ante seus olhos mataram corenta homens darmas seus criados que ho aviam seruido de paJes. E querendolhes valer ouvera de ser morto se se nam dera a prisão. este Johão paulo era naquelle tempo hum dos estimados capitães de italia E grande senhor." [145]

f) <u>A batalha do Marignan</u>

A batalha do Marignan é o segundo grande confronto bélico analisado nas *MFC*. O fidalgo aborda o tema logo com a referência à morte de Luís XII, a 1 de Janeiro de 1515, e à subida ao trono francês de Francisco I, um rei jovem e ambicioso que iria retomar de forma intrépida os projectos falhados pelos seus dois antecessores em relação à presença francesa em Itália:

> "Como el Rei luis de França moReo. Neste tempo moReo el Rei luis de França em feliçe, segundo muitos diziam de noJo E paixão grande por suas cousas nam socçederem prosperas, antes muito ao contrairo de seu deseJo. por que avia perdido napole E milão E todo quanto tinha em Jtalia com grandes mortes E perdas de suas Jentes. E por que nam tinha filho Reinou despois delle françisco anglim dalfim de França, o qual no começo de seu

[144] *MFC*, f. 165r e f. 165v.
[145] *MFC*, f. 165v.

> Reinado passou em Jtalia com grande exerçito E Requestou o ducado de milão como ao diante se diraa."[146]

Francisco I faz, pois, os franceses voltarem a Itália, com vista à obtenção do ducado de Milão, de cuja posse se considerava herdeiro por direito. Contudo, não o faz sozinho, antes como parte integrante de uma liga – composta também por Veneza e Ferrara –, directamente herdeira das cinzas da *Liga Santa* promovida pelo anterior papa, Júlio II[147].

O fidalgo volta, assim, a dar a ver ao seu senhor como a política italiana da madrugada de Quinhentos se pautava por acordos e desacordos, tão sólidos como os laços que uniam os elementos neles participantes:

> "Naquelle tempo tinham feita ligua, scilicet, de huma parte o papa E el Rei de castela E o de Jnglaterra, o duque de milão E a senhoria de sena. E da outra parte era el Rei de França, venezeanos, E o duque de ferrara."[148]

Por outro lado, nota-se um certo tom crítico-pedagógico – no sentido do exemplo a não seguir – na referência à causa que, "segundo muitos diziam", estava na base da morte de Luís XII. Pressente-se aqui a visão do criador das *MFC*: a guerra a fazer-se tem de ser "justa", ou seja, tem de ter legitimidade religiosa e, consequentemente, o beneplácito dos líderes espirituais católicos. Por outras palavras, a única guerra legítima, onde um príncipe cristão pode correr o risco de "grandes mortes E perdas de suas Jentes", é a guerra contra os verdadeiros inimigos da Cristandade: o turco no duplo palco europeu e oriental, e o muçulmano norte-africano. E é precisamente essa a guerra levada a cabo pelo rei de Portugal, aquela que serve de modelo comparativo e referencial político-militar para o fidalgo, estando por isso mesmo presente ao longo de todo o seu texto.

Ao evocar a morte do rei francês, o autor opera uma inevitável avaliação da sua política, claramente de carácter guerreiro contra a própria Cristandade de que faz parte, em Itália. Afinal, quando refere o seu falecimento, aponta como causa a sua "acção"

---

[146] *MFC*, f. 202r.
[147] Cf. Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit.*, pp. 114-146; R. J. Knecht, *Francis I*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984, pp. 33- 51.
[148] *MFC*, f. 209r.

pessoal em Itália e não quaisquer outros motivos de carácter nacional ou até pessoal. É inequívoca, pois, a presença de um forte juízo crítico, naturalmente de carácter moralizante, na abordagem que executa da morte do monarca francês.

Daqui, o fidalgo rapidamente segue para a nova acção guerreira em solo italiano: em 1515, Francisco I entra em Itália com o objectivo de tomar Milão, conseguindo aprisionar os célebres "Prospero Coluna e pero marguano", bem como toda uma série de nobres romanos. Rapidamente a notícia da sua chegada circula por Roma:

> "E desta maneira estauão postos em armas huns contra os outros. E todo o feito era sobre o ducado de milão que el Rei de França queria pera si. E el Rei de castela ho contradizia aJudando ao duque. E estando assi todos suspensos veo noua a Roma que el Rei françisco nouo Rei de França vinha sobre milão com mui grande poder. E o prospero coluna que sempre foi do seruiço del Rey de castela se partio de Roma pera lombardia acompanhado de muitos Romanos fidalguos seus parentes E amiguos E doutra muita Jente de guerra era grande fama. defendiam os passos dos alpes aos françeses. E quando se esta noua tinha em Roma por mais çerta se vio na çidade pranto E doo, por que estando o senhor prospero sem sospeita dos françeses em hum luguar que se chama vila noua, no marquezado de monferrat, foi el Rei de França avisado o qual mandou çertos capitães que deçeram dos alpes sem ser sentidos E passaram por monferrat, E cheguaram a ora de noa a vila noua gritando França França, E prenderam o prospero coluna assentandosse A mesa, E a seu sobrinho pero marguano com outros corenta Romanos fidalguos. diziasse que a marquesa de monferrat os enguarara E dera aviso aos Jmiguos. foram loguo leuados a França, E despois se Resguataram, (…) segundo a valia de cada hum."[149]

A expressão do fidalgo, "E desta maneira estauão postos em armas huns contra os outros" não podia ser mais esclarecedora para o destinatário do seu texto da situação política da Cristandade em solo italiano, à época o grande palco dos conflitos internacionais a envolverem nações ocidentais.

Expressivo, neste quadro, é o facto de a prisão dos fidalgos romanos se dever à traição de uma mulher da nobreza italiana. De tal forma que o autor não tem reservas em ficar do lado dos invasores estrangeiros, neste caso específico os franceses, que pouco tempo atrás tanto mal haviam feito às gentes italianas e ao seu precioso património.

[149] *MFC*, f. 209r e f. 209v.

Em relação à descrição da batalha do Marginan em si, o fidalgo narra de forma emotiva ambos os dias de confronto (13 e 14 de Setembro de 1515), que ocorreram num lugar a sudeste de Milão, hoje denominado Melegnano. O mesmo tom emotivo e de paixão pessoal percorre as palavras do autor.

Destaque para o pormenor descritivo do fidalgo que não deixa de informar com detalhe sobre a ousadia militar do jovem rei francês que, fazendo o inesperado, toma de surpresa o exército suíço:

> "Passou el Rei de França os alpes com grandissimo trabalho per luguares desviados E asperos nom pensados, leuando diante seis mil guastadores talhando os montes, fazendo ocultas E nouas estradas per onde a artelharia E o grande exerçito podesse passar. diziasse em Roma que os soiços o forão esperar aos passos estreitos E lhe tinham ho caminho. mas se assi fora, nam passara preso o prospero coluna sem primeiro ser avisado. a passada del Rei foi tam secreta que sem contradição alguma cheguou com todo seu exerçito a dez milhas de milão a hum luguar chamado marinha no que estaa antre lody, E milão. E ali assentou seu exercito"[150].

Denota-se nas palavras do fidalgo uma certa admiração pelo novo monarca francês que com nobreza – a mesma que de alguma forma envolvera a figura do malogrado Gaston de Foix e que, inequivocamente, granjeara a simpatia e admiração do fidalgo, apesar de todo o seu inequívoco descontentamento relativamente aos franceses – "mandou dizer aos soiços E ao seu cardeal, que fossem contentes de nam entrar contra elle em batalha E se tornassem em paz pera sua terra por se escusar tam grande matança de nobres caualeiros E esforçados soldados de huma E da outra parte."[151] Por outro lado, o rei está presente no campo de batalha à cabeça das suas tropas, o que condiciona *a priori* qualquer tentativa de edificação de um perfil do jovem soberano francês por parte do fidalgo de Chaves, que, como já verificámos por diversas vezes, se encontra imbuído do espírito cavaleiresco que habita a mentalidade aristocrática portuguesa coeva.

Ao invés é a arrogância e a sede de despojo e riqueza, totalmente contrárias ao que devia ser a conduta de um cardeal, que se pressente nas palavras atribuídas ao altivo cardeal suíço:

---

[150] *MFC*, f. 209v.
[151] *MFC*, f. 210r.

> "E o cardeal dos soiços nom quis nisso consentir exortando E animando os seus a dar batalha, dizendo que elle conheçia que averiam victoria. E que ficariam todos Ricos, E alcançariam a onrra de toda França. E sendo deliberados de hir A batalha se poseram em ordenança E sahiram de milão a huma quinta feira xbij dias andados do mes de setembro da era de mil b^{c} xb, duas oras antes da noite."[152]

De notar, o grau de pormenor do texto, não deixando o fidalgo de referir que, desta feita, Pedro Navarro já está a combater pelo lado francês (não explicando, no entanto, a causa par tal inversão de partidos), assumindo o controlo da sua infantaria, a qual – num evidente sinal dos tempos – reveste claramente uma grande importância para o rei na estratégia da batalha, que no final do primeiro dia pende contudo para o lado dos suíços:

> "E começada a batalha como el Rei soube que a sua avanguarda peleJaua chamou pero nauarro E encomendoulhe que fizesse com a Jnfantaria de que tinha carguo ho que deuia. E assi ao senhor Jacobo de triulçi E a momsenhor dela paliça, E a momsenhor de borbom, E a momsenhor de borbina E ao senhor gualeaço E ao gram mestre de França os quaes todos se foram afrontar com os soiços com tanto Jmpeto que muitos perderam dambas as partes as vidas. durou esta peleJa ataa o trasmontar da luna. E vindo noite escura se Retraheram a suas estançias. nesta primeira batalha os soiços ouveram o milhor, E tomaram a artelharia a pero navarro que a trazia na sua companhia. hum milanes me disse despois em Roma que pousauam em sua casa xbj soiços E que foram todos a esta batalha, E nam tornaram senam dous, ficando os xiiij no campo. E aquelles dous fazendo mui grande pranto polos companheiros se foram o outro dia A batalha, E nam tornaram mais."[153]

Mais uma vez, a descrição do fidalgo revela-se particularmente intimista e plena de tensão emotiva, como podemos verificar na descrição da trágica situação vivida com os soldados suíços na casa do milanês – de quem, posteriormente, já em Roma, o fidalgo ouve em primeira mão o relato do sucedido.

Outro pormenor a realçar reside no facto de a "vitória" no primeiro dia de confronto pender para o lado suíço sobretudo porque estes "tomaram a artelharia a pero navarro que a trazia na sua companhia". É inequívoca, pois, a consciência do fidalgo (e,

[152] *Idem*, *ibidem.*
[153] *Idem*, *ibidem.*

sobretudo, a preocupação em "mostrar" em cenários reais) para com o grande protagonismo desta e da infantaria na forma de fazer a guerra nos alvores da modernidade.

Em relação ao segundo, e final, dia de batalha, 14 de Setembro de 1515, o fidalgo dá conta da forma como os franceses derrotaram as forças conjuntas dos suíços e do duque de Milão, apontando com louvor a conduta do jovem rei que, segundo se dizia, "se nam deçera de seu caualo toda a noite passada" [154]:

> "Ao dia seguinte mui de madruguada os soiços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua. E Jsso mesmo sahio com elles o duque com quinhentos de caualo por que nam tinha mais consiguo. diziasse que el Rei de França se nam deçera de seu caualo toda a noite passada. E quando os soiços apareçeram elle estaua a ponto pera dar batalha a qual se trauou aspera E cruel." [155]

Com efeito, a referência específica ao facto de que o rei Francisco I passara toda a noite sem descer da sua montada não é, na nossa perspectiva, de todo gratuita por parte do autor. Na verdade, este é um aspecto essencial em termos de psicologia militar, pois se a presença do rei no campo de batalha à frente dos seus homens por si só constitui um facto moral de grande importância, então a figura de um rei que não descansa sequer à espera do confronto decisivo exponencia esse mesmo elemento moral. Afinal, como salienta John Keegan, "a ligação pessoal entre o chefe e o subordinado encontra-se na raiz de todas as explicações do que acontece e do que não acontece na batalha: e essa ligação é sempre mais forte nas sociedades marciais"[156].

Embora a lealdade imediata do soldado do fim da Idade Média vá tendencialmente para o seu capitão, a presença no campo de batalha do próprio rei, visível de todos e arriscando a vida ao lado dos soldados, mesmo os de condição mais baixa, representa sem dúvida um incentivo psicológico, cuja importância não deve ser subestimada.

Verdade tanto maior tratando-se de uma época onde se afirma de modo cada vez mais evidente uma tendência que se tornará predominante no futuro próximo: a da clara disparidade – sobretudo devido à valorização cada vez maior e irreversível das armas de

[154] *Idem*, *ibidem.*
[155] *Idem*, *ibidem.*
[156] John Keegan, *O Rosto da Batalha*, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1987, p. 63.

fogo – entre os riscos sofridos pelos homens que arquitectavam as tácticas e as estratégias militares e aqueles que colocavam as mesmas em prática no campo de batalha.

Daí que esta referência se inscreva claramente numa abordagem objectiva por parte do autor ao quadro mental da batalha e dos guerreiros envolvidos. Um aspecto que valoriza ainda mais a mensagem dirigida ao destinatário do texto[157].

De salientar, contudo, que esta imagem positiva do rei francês se limita à sua conduta na batalha, ou seja, à sua acção estritamente militar; pois quando olhado do prisma da sua relação política com Leão X e das consequências morais e éticas daí resultantes, a apreciação do fidalgo altera-se completamente.

O fidalgo salienta como o combate, após recomeçar, se manteve favorável aos suíços, estando os franceses, apesar da sua grande vantagem numérica, quase à beira do abismo, sendo salvos pela chegada do exército veneziano sob o comando de "bertolameu daluiano", que inverteu por completo a sorte da contenda dando a vitória final ao lado francês:

> "E A ora de noa os françeses se começaram de Retraher a mal seu grado. E estando os françeses em tempo de ser perdidos cheguou de novo ao aRaial de França bertolameu daluiano capitão dos venezeanos com seu exerçito ao qual el Rei esperaua. E dando de Refresco nos soiços E tornando os françeses sobre elles nom poderam os soiços Resistir A força de tanta Jente. E na melhor ordenança que poderam o duque E elles se tornaram atras. diziasse que os que morreram dambalas partes passaram de quinze mil homens. E que os soiços erão xxb mil E o duque tinha quinhentos de caualo E pouca Jente de pee. E que el Rei de França trazia mais de corenta mil homens de peleJa. E contudo se os venezeanos nam lhe acodiram forão desbaratados daquella vez." [158]

Apesar da derrota, os suíços conseguem retirar em boa ordem sem ser perseguidos pelos franceses, que se encontram enfraquecidos pela perda de milhares de homens na sangrenta batalha. De referir o pormenor de que quem salvou os franceses, segundo o fidalgo, foi "bertolameu daluiano capitão dos venezeanos com seu exercito",

[157] Outro exemplo dado pelo fidalgo da importância psicológica da presença do rei no campo de batalha à frente dos seus homens – igualmente tendo o rei de França como protagonista (mas desta feita Luís XII) – verifica-se no quadro da batalha de Agnadello, em 1509: "durando esta ligua del Rei de França deu em pessoa batalha aos venezeanos na estradota (…)." in *MFC*, f. 142r.
[158] *MFC*, f. 210r.

ou seja, o autor não salienta que este exército era na realidade a cavalaria ligeira veneziana[159]. O protagonismo da batalha no seu todo continua, pois, para o autor, a pertencer à artilharia e à infantaria francesas por um lado, e à infantaria suíça por outro.

Esta vitória permitiu aos franceses a anexação do milanês e levou Leão X a assinar a já referida *Concordata de Bolonha*. Fez também com que os suíços perdessem a sua reputação de invencibilidade e, ainda em 1516, concluíssem uma "paz perpétua" com a França. Os venezianos recuperaram igualmente grande parte do território perdido com o desenrolar das *Guerras da Liga de Cambrai*[160].

A anexação do ducado de Milão não foi pacífica ou sequer isenta de traição. Segundo o fidalgo, a artilharia francesa castigou duramente o castelo ducal até o duque se render:

> "o duque se Recolheo A fortaleza de milão onde se cuidou defender ataa ser socorrido. mas nam lhe aconteçeo assi, ca o socorro que esperaua del Rei de castela E do papa foi baldio. el Rei de França seguindo sua vitoria entrou em milão, E prantada sua artelharia mandou bater o castelo per muitos dias fazendo portaes nos muros E torres. en fim vendosse o duque sem Remedio se deu a el Rei. E assi preso foi loguo mandado a França onde Juntamente cahio de seu estado, acabou seus dias E seus trabalhos."[161]

Por outro lado, é inequívoca a referência a uma traição protagonizada pelo rei de Castela e, sobretudo, pelo papa Leão X para com o duque, que em Marignan combateu para preservar o seu estado, mas também sob a bandeira dos Estados da Igreja:

> "Da causa por que o duque E soiços nam foram aJudados dos exerçitos do papa E del Rey de castella. Aguora direi a Vossa Jlustrissima Senhoria a

[159] No primeiro quartel do século XVI e no quadro das profundas transformações na arte da guerra então experienciadas, a cavalaria ligeira torna-se um dispositivo militar proeminente, fazendo assim transferir para si um protagonismo que tradicionalmente, a nível da cavalaria, pertencia aos corpos da cavalaria pesada. Cf. David Eltis, *The Military Revolution in Sixteenth-Century Europe*, op. cit., pp. 6-42; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 67-94; Frank Tallett, *War and Society in Early-Modern Europe, 1495-1715*, London, Routledge, 1997, pp. 21-68; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, op. cit., pp. 6l-80; Jeremy Black (ed.), *European Warfare, 1494–1660*, op. cit., pp. 32-54; Pia Francesca Cuneo (ed.), *Artful Armies, Beautiful Battles: Art and Warfare in Early Modern Europe*, Boston and Leiden, Brill Academic Publishers, 2002, pp. 61-86.

[160] Cf. Carlo Falconi, *Leone X. Giovanni de' Medici*, Milano, Rusconi, 1987, pp. 298-332; Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit*., pp. 110-128; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit*., pp. 114-146; R. J. Knecht, *Francis I*, op. cit., pp. 51- 66.

[161] *MFC*, f. 210v.

> Rezão por que o duque nam foi aJudado E socorrido dos exerçitos do papa E del Rei dom fernando. tinha o duque feito ligua com o papa, el Rei de castela E com os soiços. E tanto que a noua foi çerta que el Rei de França passaua a Jtalia, os soiços moueram de sua terra como hee dito em aJuda do duque, E o viso Rei se partio de napole, E o manifico Lourenço capitão da JgreJa com a Jente do papa que era muita. E estes exerçitos que assi hião em aJuda do duque de milão eram acordados de se aJuntarem com elle a çerto dia, E Juntos dar batalha a el Rei de França. mas Jndo o viso Rei a via de milão, E Jsso mesmo a Jente do papa, a poucas milhas huns dos outros, desque entraram em lombardia tendo os espanhoes feita huma ponte de madeira E barcas no Rio do poo, foy tomado hum correo que hia pera el Rei de França com cartas do manifico Lourenço capitão da JgreJa dandolhe aviso do dia em que os espanhoes aviam de passar o dito Rio, que entonçes seria tempo pera vir dar nelles. E que elle faria ho mesmo. E que tendo os espanhoes mortos E desbaratados, hiriam fazer ho mesmo aos soiços, E tomariam ho duque As mãos. o viso Rei vendo estas cartas, temeo E nam quis passar o Rio, E mandou cortar a ponte. E em quanto se Jsto passaua se deu a batalha. E por esta maldade se nam acharam nella os dous exerçitos E o duque foi perdido. E assi sem fazer nada se tornaram atras. o viso Rei pera napole E o manifico Lourenço pera Roma. E disto ser assi, E o papa ser frânçes, o vimos nas cousas que se loguo seguiram."[162]

Mais uma vez, nos deparamos com uma avaliação crua e impiedosa por parte do fidalgo da forma de fazer a guerra em Itália no início do século XVI. Uma forma adversa aos códigos de honra da guerra antiga, onde valores como lealdade e honra parecem não interferir mais. Uma forma, enfim, que se encontra claramente nos antípodas do código guerreiro defendido pelo fidalgo, e que este não hesita em dar a ver em toda a sua "infâmia" ao seu senhor.

Também de reter é, mais uma vez, o retrato extremamente negativo do vice-rei de Nápoles tecido pelo fidalgo. Neste passo concreto das *MFC*, este retrato tem dois momentos principais. No primeiro surge que, de entre as várias opções militares possíveis, o vie-rei optou precisamente por aquela que é conivente com a salvaguarda da sua própria segurança, deixando os seus aliados, o duque e os suíços, abandonados à sua sorte. O fidalgo não tem reservas em mostrar que tudo o que o vice-rei deseja, de facto, é salvar a própria pele, não respeitando assim as alianças firmadas. Cobardia e deslealdade são, pois, os adjectivos que podemos ler no juízo efectuado pelo fidalgo em relação ao vice-rei neste primeiro momento da sua participação na batalha do Marginan.

[162] *MFC*, f. 210v e f. 211r.

Já no segundo momento da apreciação da conduta do vice-rei no quadro da sua intervenção na batalha do Marignan, o fidalgo perde qualquer eventual réstea de pudor e apresenta o expoente da autoridade espanhola em Itália como um mero vil traidor, que coloca completamente em causa a presença espanhola em Itália, já de si negativa no sentido em que acontece contra nações cristãs (apesar de esta nação se apresentar na qualidade de aliado papal).

A honra espanhola sai, pois, tremendamente penalizada de todo este conflito bélico, pautado por sinistras manobras políticas.

Quanto ao papa e ao comandante dos exércitos da Igreja, o seu sobrinho, são, juntamente com o vice-rei, os grandes acusados pelo fidalgo do desfecho da batalha do Marignan. Com efeito, o autor das *MFC* não poupa críticas nem tece uma acusação velada a ambos. Antes opera a construção de um retrato político e de personalidade o mais crua e objectiva possível, de acordo, claro está, com os seus padrões culturais e os seus referenciais de actuação política, que neste caso concreto, se situam no pólo oposto do defendido por Maquiavel, em cujas doutrinas aquelas figuras se enquadram positivamente, em particular Lourenço (II) de Médici, a quem o pensador florentino dedica *O Príncipe*.

A "novidade" estará em que, desta feita, o vice-rei surge de forma tão condenatória quanto o papa. Se até aqui era uma figura que se pautava pela fraqueza de espírito, a imprudência e a incompetência político-militar (que, nesta passagem, mais uma vez não tem em atenção a voz dos seus capitães, que neste caso concreto não apelam apenas para a eficácia militar, mas antes para algo bem mais grave na perspectiva do quadro dos valores militares: a honra). Agora, surge lado-a-lado com o papa como um traidor e alguém que não merece qualquer laivo de confiança, seja política, espiritual ou até de carácter:

> "em quanto o exerçito do viso Rei hia pera napole polla marca dancona, foi o viso Rei a Roma com poucos companheiros. E viosse com o papa em secreto. sua estada em Roma foram tres dias andando vendo a çidade Rebuçado em ancas doutro, mui tachado dos seus por nam castiguar a traição cometida contra elle [.] ca seus capitães lhe diziam que deesse na Jente do papa, E fizesse delles o que delles tinham ordenado por que ho poderiam fazer mui a sua honrra. E despois hir aJudar ao duque [.] E disto

> vi eu queixar muito a gonçalo barreto que veo com elle a Roma, E se achara presente a todo o sobredito."[163]

O fidalgo sela a sua avaliação com a garantia de veracidade veiculada pelo testemunho de alguém participante em primeira mão nos acontecimentos e, como tudo indica, digno da maior confiança.

A traição do papa revela-se, enfim, no seu encontro em Bolonha com o rei de França, onde a cumplicidade entre ambos é, segundo o fidalgo, inequívoca:

> "Como o papa se vio em bolonha com el Rei de françа (…). Avendo el Rei de françа em seu poder paçifico o ducado de milão conçertaram elle E o papa de se verem ambos em bolonha. (…) E cheguados a bolonha, el Rei de françа foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer. o papa disse missa pontifical, E el Rei lhe deu em pessoa a obediençia. E despois de assentar seus feitos E liguas, passados tres dias el Rei se tornou pera Milão"[164].

Já o destino do duque de Milão após a sua rendição e ida para França é desconhecido, pressentindo-se contudo nas palavras do fidalgo que quase certamente teve um desenlace trágico:

> "a maneira de sua morte nam na sei çertificar, por que os que nisso falauam erão de muitas opiniões. alguns apontauão que morrera de peçonha. afirmauasse que entrara no partido quando se deu. que el Rei lhe deesse pera seu guoverno em cada hum ano trinta mil ducados. outros diziam que se dera a merçe, E que el Rei lhos dera E assentara de seu propio moto." [165]

Ainda em relação à batalha do Marginan, o autor das *MFC* observa como o capitão veneziano salvador do exército francês acabou por perder a vida na sequência da contenda; o que contribui, enfim, para intensificar a classificação de cruel e sangrenta da mesma:

---

[163] *MFC*, f. 211r.
[164] *Idem*, *ibidem.*
[165] *MFC*, f. 210v.

> "Como bertolameu daluiano morreo. Nestes dias morreo bertolameu daluiano o qual com a fadigua E trabalho que na batalha leuou despois de aver suado E se Resfriar, ouve hum mal tamanho de que nam pode ser Remediado E em breues dias moReo, cuJa morte sentiram muito os venezeanos por que nam esperauão cobrar outro semelhante capitão assi esforçado E sabedor de guerra E ornado de todolos outros bons custumes."[166]

g) A anexação da República de Siena por Leão X

Os conflitos militares entre Roma e Siena marcam uma presença impressiva no texto do fidalgo, em boa parte devido ao facto de este se encontrar ao serviço do cardeal Alfonso Petruche de Siena.

A perspectiva do fidalgo é, neste sentido, quase sempre parcial, pois é evidente no texto o tomar de partido pelo cardeal de Siena contra o papa Leão X.

No entanto, em termos de conflito armado, o fundo histórico mantém-se. A cúria romana encetou, de facto, uma política de guerra e conquista contra Siena e a região toscana circundante que ambicionava incorporar nos territórios da Igreja. Afinal, Siena funcionava quase como um enclave entre a República de Florença e os Estados Pontíficios (ver fig. 1). A pressão política de um ou de outro era imensa, atingindo o auge sob o pontificado de Leão X, que detinha o controlo de ambos os Estados:

> "tanto que os florentins viram o seu duque papa, poseram em obra de furtar sena per huma enguanosa maneira. (…) dia de sam João fazem em florença grande festa pera a qual convidaram o cardeal E seu Jrmão burges. E o cardeal nom tendo sospeita da treição E deseJando de os aprazer em todalas cousas, se foi de Roma pera sena. erão os prinçipaes desta trama o manifico Juliam Jrmão do papa E o manifo Lourenço seu sobrinho, E o cardeal çibo, E o cardeal santa maria Jnportiguo, E luis da Roxas E outros parentes do papa. os quaes vinhão de Roma a esta festa de dous em dous. E hiam por sena pousar com o cardeall E com seus Jrmãos os quaes larguamente despendiam com elles em os aguasalhar. cheguandosse o dia de são João, o cardeal E seu Jrmão se foram pera florença. E estando no feruor das festas que se faziam aquelle dia cheguoulhes noua como seus amiguos eram entrados em sena E se aleuantauam com a çidade [,] pollo qual burges se partio a grão pressa com os que consiguo pode leuar E coReo tanto pollas postas que em poucas oras cheguou a sena E achou muita Jente do pouo na praça. E o capitão

[166] *Idem*, *ibidem.*

pouco entesta que era o capitão da senhoria de que pandolfo E os filhos muito confiauão o qual Resistia aos contrairos com a Jente da guarda que era da mais escolhida de Jtalia. E posto que o manifico burges se mostrou, nam faziam delle menção [.] estando as cousas nesta balança cheguou o cardeal ao quall todo o pouo se entreguou por que era de todos muito amado. vinhão com elle os mesmos florentins que quando viram sua entenção baldia, faziam feros E ofereçiam suas pessoas ao seruiço do cardeal, E de seu Jrmão. nom se fez este cometimento assi encuberto que o elles nam entendessem bem claro E faziam mostrança do contrairo. E huns E os outros encobriam seus pensamentos. esta foi a primeira leuada que o papa E seu Jrmão E Jrmãos E parentes fizeram contra o cardeal."[167]



Figura 1. *Fronteiras políticas de Itália em 1494 (início das* Guerras de Itália*).*

Poucas hipóteses de independência restavam, pois, a Siena, que rapidamente assistiu à intensificação da pressão política (materializada na tentativa de

[167] *MFC*, f. 176r e f. 176v.

estabelecimento de uma aliança com o ducado de Urbino e os Baglioni de Perugia, bem como na busca de apoio junto dos espanhóis, por parte de Leão X para o seu projecto de anexação da República de Siena) através da pressão armada[168]:

> "Como o papa se tornou a florença onde lhe foi dada noua da morte del Rei de Castela E se foi a Roma E mandou o bispo petruche a sena com muita Jente darmas. (…) E loguo [o papa Leão X] pos em obra a detriminação que tinha da destrohição do cardeal de sena E de seu Jrmão, mandando seus capitães com toda a Jente de guerra que se podesse fazer, deitar fora de sena ho cardeal E seus Jrmãos E todolos de seu bando, E meter e apoderar da çidade ao bispo petruche. este bispo era primo com Jrmão do cardeal, E pandolfo o fez bispo, E por lhe dar mais honrra ho mandou com o cardeal seu filho a Roma por seu mestre de casa, E guovernador de todo seu estado."[169]

Se juntarmos a este estado de coisas o facto de Siena e Florença serem desde há muito competidoras directas entre si, lutando pela expansão territorial e predomínio económico nos territórios circundantes, é fácil compreender o porquê da vontade férrea de Leão X em juntar a República de Siena ao cada vez mais poderoso círculo territorial que estava lentamente a construir para a família Médici (e cuja cabeça política seria o seu sobrinho Lourenço (II) de Médici, o homem a quem, nunca é demais recordar por tudo o que implica e reflecte da política italiana do início de Quinhentos, Maquiavel dedica *O Príncipe*), de quem era agora o mais destacado arauto. Muito à semelhança, saliente-se, do que se passou com o papa Alexandre VI, que tudo fez no sentido de construir um Estado "Bórgia" na Itália Central, cujo príncipe seria o seu filho César[170].

O fidalgo dá-nos conta deste passado atribulado entre ambas as potências italianas:

> "Como os florentins procuraram de furtar sena. E a causa por que. Sena E florença são vezinhas dez leguoas huma çidade da outra E partem seus termos. ambas são mui prosperas E populosas çidades E de antiguo

[168] Cf. Carlo Falconi, *Leone X. Giovanni de' Medici*, op. cit., pp. 327-332; Herbert M. Vaughan, *The Medici Popes: Leo X and Clement VII*, op. cit., pp. 244-267; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit*., pp. 79-113; William Roscoe, *Life and Pontificate of Leo X,* Vol. III, Philadelphia, Lorenzo Press Of E. Bronsok, 1805, pp. 72-167.
[169] *MFC*, f. 211v.
[170] Cf. D. P. Kidder, *Life And Times Of Leo The Tenth*, [1850], Whitefish, Kessinger Publishing, 2003, pp. 135-149; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit*., pp. 147-212; Nelson Hubert Minnich, "Leo X" in *Europe 1450 to 1789: Encyclopedia of the Early Modern World*, Jonathan Dewald (ed.), vol. III, New York, Charles Scribner's Sons/Thomson/Gale, 2004, pp. 480-482.

> teueram estas senhorias guerra huma com a outra. E todalas vezes que vinhão As mãos em batalha, os seneses forão vençedores. E por esta tam velha Reixa antre elles avia grande odio moormente antre seus duques. ca huns E outros deseJão tiranizar."[171]

A queda de Siena era, pois, inevitável, como veio de facto a acontecer em Março de 1516. No entanto, o fidalgo não deixa de fazer referência ao facto de o papa fazer recurso de todos os meios, inclusive os menos dignos, para conseguir os seus intentos. Com efeito, o instrumento físico, ou seja, o braço-armado, que Leão X vai utilizar para expulsar os filhos de Pandolfo Petrucci do governo de Siena não é outro senão Raffaele Petrucci, bispo de Grosseto e guardião do Castelo de Santo Ângelo:

> "Como o manifico burges se sahio de sena, E o bispo entrou na çidade E se apoderou della. O manifico burges nam esperando ver as bandeiras dos Jmiguos sabendo que çercauão a çidade se sahio acompanhado de muitos de caualo E de pee, E leuou consiguo todos seus tesouros E a fabio seu Jrmão menor, deixando sua molher E filhos na çidade [(] Ó trabalhosa vida dos tiranos) [.] Jsto fez assi temendo que os mesmos seus naturaes çidadões ho dessem nas mãos dos Jmiguos por que o bispo tinha muitos de sua parte na çidade. E o custume do pouo ditalia hee fauoreçer a quem vençe, sem aver Respeito senam saluar as vidas E fazendas, defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada (sic)[172] por dinheiro, guardando de meter a Risco suas pessoas. o bispo cheguou com seu exerçito a sena, ao qual abriram as portas da çidade. E entrando sem contradição alguma, se apoderou da casa de senhoria, E pos capitão de sua mão hum seu filho de pequena Jdade. E deitou a molher E os filhos do manifico burges fora das suas proprias casas por serem fortes E paços E fortaleza, as quaes o manifico pandolfo fez a seu modo. E apoderado da çidade lançando fora todolos da parte do cardeal E do manifico burgues, ficou absolutamente senhor. E começando husar das crueldades acustumadas dos tiranos"[173].

Assim, o homem que Leão X coloca, através das armas e do jogo político de bastidores, à frente do poder em Siena – na qualidade de "marionete" da sua vontade política, como o fidalgo não se cansa de observar – é o próprio primo do cardeal Alfonso Petrucci e de Borghese Petrucci (1490-?)[174], primogénito do tirano Pandolfo,

[171] *MFC*, f. 176r.
[172] Leia-se *assoldada por dinheiro*
[173] *MFC*, f. 212v.
[174] Irmão mais velho do cardeal de Siena, Alfonso Petrucci.

que ficou à frente dos destinos da República entre 1512, ano da morte de seu pai, e 1516[175].

Tal acto, claramente classificado pelo fidalgo como de "traição", torna-se tanto mais hediondo quanto o facto de ter sido o próprio Pandolfo, seu tio, que "o fez bispo, E por lhe dar mais honrra ho mandou com o cardeal seu filho a Roma por seu mestre de casa, E guovernador de todo seu estado."[176]

Ainda de realçar nesta passagem a importante referência do fidalgo à forma de actuação da população italiana no xadrez político internacional jogado à época em solo italiano. Claramente de carácter pejorativo, esta afirmação revela como o fidalgo avalia o *Outro* europeu, neste caso específico, o italiano[177]; atribuindo ao mesmo grande parte da culpa pela situação caótica vivida no seu país, onde não se revela qualquer sentido e espírito de unidade nacional, em termos estritamente políticos, saliente-se.

O facto de os italianos, sobretudo as figuras proeminentes das cidades-estado, dedicarem os seus esforços a actividades lucrativas de carácter não militar, recorrendo sempre que necessário ao uso de mercenários para defenderem as suas terras e riquezas pessoais é, com efeito, um dos traços característicos da sociedade e da política italianas dos anos de encruzilhada entre o final da Idade Média e o despertar da era Moderna, bem como um dos principais fundamentos da situação de completa desunião nacional então vivida nas terras que serviram de berço à explosão renascentista. Maquiavel dá conta deste estado de coisas na obra *O Príncipe*, onde acusa precisamente o recurso sistemático à contratação de tropas estrangeiras como uma das principais causas da decadência política italiana no início do século XVI e do fracasso de qualquer tentativa de unificação italiana.

O pensador florentino coloca, a par das leis, as armas e o problema militar bem no centro da problemática da viabilidade de um Estado que se queira sólido, independente e forte[178]: "Os principais fundamentos que têm todos os Estados, tanto novos como velhos ou mistos, são as boas leis e as boas armas."[179]

---

[175] *Vide* Maurizio Gattoni, *Pandolfo Petrucci e la politica estera della Repubblica di Siena, 1487-1512*, Siena, Cantagalli, 1997; Riccardo Terziani, *Il governo di Siena dal medioevo all'età moderna. La continuità repubblicana al tempo dei Petrucci (1487-1525)*, Siena, Betti Editrice, 2002.
[176] *MFC*, f. 211v.
[177] A problemática do *Outro* europeu será desenvolvida em tópico próprio.
[178] *Vide* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XII, pp. 169-174 e capítulo XXVI, pp. 235-239.
[179] *Idem*, *ibidem*, p. 169.

Assim, chama a atenção para o facto de não existir qualquer atributo positivo para uma república que funcione sem exércitos próprios, vivendo apenas exposta à sede de riqueza dos insaciáveis *condottieri*: "(…) Itália, a qual esteve muitos anos governada por armas mercenárias." [180]

h) A *Guerra de Urbino*

Ainda sob o pontificado de Leão X, o fidalgo volta a focar a questão da guerra em solo italiano com grande destaque. Na verdade, podemos mesmo afirmar que, logo após as batalhas de Ravena e do Marginan, é a *Guerra de Urbino* (1517) o conflito armado que mais prende a atenção do fidalgo de Chaves.

Com efeito, apesar de na carta dirigida a D. Manuel – que o autor transcreve para o seu texto – frisar com veêmencia que todos os esforços do Vaticano vão no sentido da acção militar contra o inimigo comum da Cristandade[181], o Turco, as acções reais do papa Leão X apontam segundo o fidalgo num sentido bem diverso: o incremento da guerra em Itália com uma evidente marca de nepotismo. É, aliás, merecedora de destaque a ironia do fidalgo relativa a este estado de coisas:

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees." [182]

[180] *Idem*, *ibidem*, p. 173.
[181] "Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade dazamor (…) pollo qual noos em nenhuma cousa nem de dia nem de noite cuidamos em nosso coração senão em que maneira faça paz antre os Reis christãos, E possamos mudar as armas contra o herege mafomede. E assi como em tua virtude E amor de deus muito grande esperança posemos de se huma cousa E outra fazer. (…) escrita em canJo. diocese de castro a xviij dj[as] de Janeiro do ano do senhor 1514." in *MFC*, f. 174v a f. 176r.
[182] *MFC*, f. 176r.

Em poucas palavras, o fidalgo tece um singular retrato das *Guerras de Itália* e da sua essência, quer militar quer política.

A chamada *Guerra de Urbino* tem, na verdade, o seu início no ano anterior, 1516, quando Leão X, concretizando o seu projecto temporal de constituir um Estado Médici no centro de Itália (à semelhança, como já salientámos, do que acontecera com Rodrigo e César Bórgia), cuja chefia política coubesse ao seu sobrinho Lourenço (II) de Médici [183], actua no sentido de, num primeiro momento, reservar para este o prestigiado e simbólico cargo de capitão-geral dos exércitos dos Estados Pontifícios:

> "Como despois de morto o manifico Julião[184], fez o papa capitão da JgreJa o manifico lourenço seu sobrinho. Tanto que o manifico Julião moReo, o papa fez confaloneiro da JgreJa ao manifico Lourenço seu sobrinho filho de hum seu Jrmão que moReo na guerra do gram capitão sendo da parte dos françeses"[185].

É em Bolonha, logo após a batalha do Marignan, no encontro com Francisco I de que o fidalgo de Chaves dá conta[186], que o papa estabeleceu um acordo com o monarca francês com vista à conquista do ducado de Urbino pelas forças papais, sem oposição dos exércitos franceses:

---

[183] "diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole." in *MFC*, f. 209r. Cf. Carlo Falconi, *Leone X. Giovanni de' Medici*, op. cit., pp. 298-332; Herbert M. Vaughan, *The Medici Popes: Leo X and Clement VII*, op. cit., pp. 129-159; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit*., pp. 114-170; William Roscoe, *Life and Pontificate of Leo X,* Vol. III, *op. cit.,* pp. 93-167.

[184] Trata-se de Giuliano de Médici (1479-1516), irmão de Leão X e um dos três filhos de Lourenço, *O Magnífico.* Giuliano esteve à frente do governo de Florença de 1512 a 1516. Por acção de leão X casou com Felisberta (1498-1524), uma princesa da Casa de Sabóia. Matrimónio político de que o fidalgo dá conta no seu testemunho, este enlace fez com que, ainda no mesmo ano e no quadro das celebrações do casamento, Francisco I de França investisse Giuliano com o título de duque de Némours, o qual tinha recentemente revertido para a coroa francesa (vide *MFC*, f. 203v). Ainda no quadro do projecto político de Leão X para a casa Médici, Giuliano foi feito cidadão de Roma (vide *MFC*, f. 177v e f. 178r) e, mais tarde, investido capitão-geral da Igreja (vide *MFC*, f. 203v). Será Lourenço (II) de Médici, seu sobrinho, a suceder-lhe, quer no governo de Florença quer enquanto líder e beneficiário das movimentações políticas temporais de Leão X no sentido de engrandecer a casa Médici. Cf. Carlo Falconi, *Leone X. Giovanni de' Medici*, op. cit., pp. 298-332; Herbert M. Vaughan, *The Medici Popes: Leo X and Clement VII*, op. cit., pp. 129-159; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit*., pp. 114-170; William Roscoe, *Life and Pontificate of Leo X,* Vol. III, *op. cit*., pp. 5-91.

[185] *MFC*, f. 207v.

[186] O fidalgo fala de "feitos E liguas", não referindo por isso especificamente a questão da conquista do ducado de Urbino. No entanto, as fontes coevas confirmam-nos que essa era, de facto, uma das "liguas" firmadas nesse encontro de Bolonha. Cf. Francesco Guicciardini, *The History of Italy*, vol. VI, Twelfth Book, *op. cit.,* pp. 380-389.

> "Avendo el Rei de França em seu poder paçifico o ducado de milão conçertaram elle E o papa de se verem ambos em bolonha. (…) E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer. o papa disse missa pontifical, E el Rei lhe deu em pessoa a obediençia. E despois de assentar seus feitos E liguas, passados tres dias el Rei se tornou pera Milão"[187].

O fidalgo assinala assim como, num movimento típico das *Guerras de Itália*, o papa Leão X – que, desta forma, não se revela em nada diferente do predecessor titular da cátedra de S. Pedro – faz o sobrinho Lourenço avançar contra o ducado de Urbino, esquecendo todo um conjunto de acordos e actos de piedade dos quais ele próprio, bem como os membros da sua família, são devedores (nomeadamente o auxílio que teve do marquês de Mantua aquando da sua fuga aos franceses após a batalha de Ravena) e estabelecendo, ao invés, alianças com aqueles que momentos antes eram seus inimigos no campo de batalha:

> "Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado. Perdida a lembrança dos sobreditos benefiçios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado. ca deixando o duque dorbino todalas outras vilas E castelos nas mãos dos Jmiguos se Retraheo com sua molher E filhos E com toda a mais Roupa que pode leuar a pesaro que hee çidade forte E das prinçipaes de seu senhorio. E hee porto de mar. E vendo que nam estaua ali seguro se foi em gualees pera mantua onde seu sogro estaua com a marqueza sua molher que tam festeJada fora em Roma [.] E sendo o manifico Lourenço apoderado de toda a terra do duque, se tornou pera Roma chamandosse duque dorbino, E tanto ensoberueçido desta vitoria, E cheo de vãa esperança doutros estados que disse hum dia em pubrico ao seu comprador que despendesse larguamente que antes de oito meses passarem, esperaua ter oitoçentos mil ducados de Renda. diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole."[188]

Mais uma vez, a ambição sem limites, o nepotismo e o projecto político pessoal, ou seja, o poder temporal na sua forma mais obscura, sobrepõe-se à componente

[187] *MFC*, f. 211r.
[188] *MFC*, f. 209r.

espiritual que devia encabeçar a actividade do pontífice romano. O resultado, sendo o pano de fundo a Itália da Primavera de Quinhentos, não podia ser outro senão a guerra cruel, que sangra o solo itálico e devasta as suas populações anos consecutivos:

> "E nom contente este Lourenço de ser de mui pobre escudeiro sendo somente aguasalhado do cardeal de sena, sobido a tam alto estado, tomou grandes empresas de prosperos começos a que deu sahida triste pera si, E pera os seus, por que moReram naquellas guerras mais de corenta mil homens da sua parte, E em fim o papa E elle perdidos guastando muitos milhares de cruzados."[189]

A *Guerra de Urbino* (a "segunda" na voz do fidalgo[190]) tem início logo após o final da *Primeira Guerra Italiana de Francisco I* (1515-1516): Francisco Maria aproveita a situação de grande instabilidade política vivida em Itália, bem como de claro enfraquecimento militar por parte das forças papais e francesas, no caso destas devido à sangrenta batalha de Marignan, para formar um exército e tentar recuperar o ducado de Urbino pela força das armas:

> "E sendo neste conto o manifico Lourenço como dito hee, estando Juntos no capitolio lhe cheguou ali noua como françisco maria duque dorbino hia com grande oste despanhoes, alemães, Jtalianos, a Recobrar seu ducado, a qual noua pos tanta toruação no manifico Lourenço, E naquelles senhores seus parentes E amiguos (…) Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo. Loguo o manifico Lourenço se partio de Roma pollas postas leuando consiguo o senhor Renço E o senhor troilhos sabelo com outros capitães prinçipaes Romanos. E foisse a florença onde em breue tempo aJuntou grande exerçito E se foi a via dorbino"[191].

O fidalgo aponta como causa para a célere constituição do poderoso e diversificado[192] exército de Francisco Maria, o facto de existirem em Itália milhares de tropas espanholas sob o comando do imperador, cuja provável chegada provocava grande receio no Norte e no Centro da península. O principal exemplo era Verona, onde

[189] *MFC*, f. 207v.
[190] "Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo" in *MFC*, f. 216v.
[191] *MFC*, f. 216v.
[192] Em termos de nacionalidade dos efectivos que o compõem.

estavam estacionada uma guarnição de 4000 espanhóis contratados pelo imperador com o objectivo de defender a cidade dos franceses e venezianos.

Ora, no momento em que o imperador acordou com os venezianos a paz, já não se justificava contar com os préstimos desta guarnição mercenária, a qual ficou desta forma disponível para quem quisesse – e possuísse os recursos financeiros necessários – contratar os seus serviços:

> "a Rezão por que françisco maria dorbim pode aJuntar Jente, por Reçeo da vinda do emperador em Jtalia. ca estauão em verona quatro mil espanhoes que ha guardauão dos françeses E venezeanos por mandado do emperador, os quaes eram tam sabedores da guerra que todalas vezes que se pero nauarro capitão da Jente françesa afrontou com elles, o maltrataram. E em hum combate que lhes deu ho escalauraram, E correram com elle, pollo qual elle disse que avia dentro muitos pedros navarros. E conçertandosse o emperador com venezeanos lhes deu liçença por nam aver mester guarnição em verona. E sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leuou consiguo dandolhes escala franca em todolos luguares de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos, de sorte que criou em breues dias mais de doze mil guerreiros com que entrou no ducado. E Jndo as cousas A largua, aJuntou mais de trinta mil homens em seu exerçito."[193]

Esta é uma das principais sequências da guerra de que o fidalgo dá conta: a presença de tropas mercenárias sem empregador, e consequentemente, sem soldo. À deriva e sem forma de se sustentarem, estas forças militares tornavam-se um perigo para as populações locais.

Neste caso específico, verifica-se algo emblemático sobre a forma de actuar em Itália por parte de quem detém o poder, e que o fidalgo de alguma maneira aponta como uma das causas para a impossibilidade da unidade política italiana: Francisco Maria, que o humanista e historiador Paolo Giovio evoca numa das suas mais célebres obras[194], dá o seu próprio território a saque aos mercenários (espanhóis, alemães e italianos).

Talvez resida aqui a causa pela qual os italianos (o "povo", saliente-se) apenas se preocupem em "saluar suas fazendas, molheres E filhos."[195] Afinal, quando é a posse e

[193] *Idem*, *ibidem.*
[194] Paolo Giovio, "Francisco Maria de Mõtefeltro Duque de Vrbino" in *Elogios o vidas breves de los cavaleros…*, op. cit., pp. 183-185.
[195] *MFC*, f. 151v.

o exercício efectivo do poder o que está em causa, os senhores que os governam não têm escrúpulos em colocar as suas vidas e os seus bens em perigo, ao invés de actuarem para os salvar. Esta ideia, com todas as suas repercussões sociais e políticas, perpassa não raras vezes pelo texto do fidalgo.

Por outro lado, o fidalgo informa-nos aqui que a facilidade com que o imperador acaba por fazer um acordo com os venezianos, seus inimigos desde o início das *Guerras de Itália* (aliás, a razão da sua disputa é um dos pilares do estabelecimento da *Liga de Cambrai*), e, noutra vertente, a forma como a Itália depende dos estrangeiros para a defesa das suas principais praças (quer contra italianos, quer contra outros estrangeiros; todos cristãos, refira-se), são ambas faces da mesma moeda: a impossibilidade da Itália se estabelecer como um Estado de direito, autónomo e dependente de si próprio, reconhecido internacionalmente; e, em simultâneo, o protagonismo da mesma enquanto palco por excelência dos grandes confrontos internacionais envolvendo as nações cristãs ocidentais, processo que culminará na ascensão da futura grande potência, a Espanha[196].

Um derradeiro apontamento ainda em relação a esta passagem relativa às causas para a fácil e rápida formação por parte de Francisco Maria de um exército capaz de recolocar o perdido ducado de Urbino em sua posse. Trata-se, por um lado, da referência à superior qualidade do exército espanhol em termos de combate; e, por outro lado, à segunda evocação de Pedro Navarro como lutando agora da parte dos franceses (a primeira foi na batalha do Marignan).

De uma forma que denota alguma parcialidade, pois inúmeros portugueses (os quais pontualmente refere ao longo do seu texto) combatem nas suas fileiras, o fidalgo realça mais uma vez a superior combatividade e qualidade técnica do exército espanhol. Ao invés, Pedro Navarro, que combate agora do lado dos franceses, parece ter perdido algum do brilho que o distinguiu como militar enquanto esteve ao serviço do rei de Espanha (à excepção da derrota na batalha de Los Gelves, onde a sua conduta militar e pessoal são claramente postas em questão pelo autor). Esta inversão de papéis, bem como o elogio das forças espanholas, encontram-se superiormente expressas na simbólica afirmação de que "eram tam sabedores da guerra que todalas vezes que se

[196] Cf. Ana Isabel Buescu, *Catarina de Áustria, Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2007, pp. 103-142; Idem, *D. João III*, Lisboa, Temas e Debates, 2008, pp. 102-108; John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, op. cit., pp. 65-142; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, Lisboa, Dom Quixote, 1991, pp. 67-78, 103-112 e 145-150.

pero nauarro capitão da Jente françesa afrontou com elles, o maltrataram. E em hum combate que lhes deu ho escalauraram, E correram com elle, pollo qual elle disse que avia dentro muitos pedros navarros."[197]

O fidalgo traça, pois, retratos colectivos da guerra em Itália, mas sem nunca esquecer o lado individual da mesma, que, afinal, expressa plenamente a essência do modo de fazer política que está na base da própria guerra: as sucessivas e amorais alianças e contra-alianças, as constantes mudanças de partido, e a quase completa sujeição dos princípios ético-religiosos à vertente secular e temporal da vida.

A guerra desenvolve-se em vários confrontos, resultando em milhares de baixas e caracterizando-se por uma singular crueldade. Lourenço (II) de Médici sai sempre derrotado dos choques armados, perdendo grande parte do seu exército. Delicioso é o pormenor do fidalgo ao referir, desta feita sem qualquer traço de ironia, a soberba e a vaidade arrogante do defensor da casa Médici:

> "sendo assi ambos os duques entrados na (sic)[198] terras dorbino, ouveram muitos Recontros nos quaes morreo muita Jente, E a maior parte do exerçito do manifico Lourenço [.] E sempre seus feitos foram de mal em pior, E nam da maneira que sohia dizer em Roma que nunca françisco maria tiuera animo de se amostrar com elle cara a cara E desemparara E se sahira de seu senhorio como homem de pouco esforço E ousadia."[199]

Tal como acontece com o seu tio, o papa Leão X, o retrato de Lourenço elaborada pelo fidalgo é, pois, negativo. Vaidade, cobardia, arrogância, ambição, amoralidade, são, afinal, as "qualidades" que o fidalgo de Chaves transmite ao seu senhor acerca deste herdeiro da casa Médici, talhado pelo papa Leão X para chefiar um poderoso Estado associado à Igreja na Itália Central – e, eventualmente, do Sul, pois o reino de Nápoles não era algo estranho às ambições do papa e do seu sobrinho, como o autor sente necessidade de informar:

> "diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole. E o que mais çertificaua esta sospeita de napole, que em vida do manifico Julião, elle E o cardeal daraguão tinham ordenado de hir folguar a napole

[197] *Idem*, *ibidem.*
[198] Leia-se *nas terras*
[199] *MFC*, f. 216v e f. 217r.

> E leuauão consiguo senhores de titolo, E outros Romanos, orsinos. E mosem geronimo bique embaixador del Rei de castela lhes Requereo da parte del Rei que nam fizessem tal Jornada. E senam que fossem a seu Risco. E a esta causa çessou sua Jda. presumesse dizendo pubricamente que sua Jda era pera em secreto falarem aos prinçipaes barões do Reino E avelos A sua parte E de França pera se leuantarem contra castela por que o papa com toda sua valia E parentes erão em secreto françeses, mostrando de fora ser espanhoes. E o cardeal daraguão Jsso mesmo franças por ser parente mui cheguado do duque fernando de calabria que anda preso em castela, ao qual elles dizem que o Reino de napole pertence."[200]

Destaca-se aqui, igualmente, o jogo político de bastidores, no sentido da conspiração, que caracteriza a vida política italiana e em particular a romana.

A própria descrição do fidalgo relativa à forma como Lourenço é ferido em combate isenta-o de grandeza militar, antes o aproxima mais de uma figura política e militarmente fraca. Perfil acentuado, no sentido da caricatura e do ridículo, pela forma como o caracterizam os epitáfios colocados em Roma à maneira de pregões:

> "andando o manifico Lourenço prouendo em assentar a artelharia sobre huma vila que tinha çercada que estaua em guarda despanhoes lhe atiraram E deram sobre o capaçete com hum pilouro despinguarda E lho falsou. E foi tam mal ferido que todo o tempo que a guerra durou, esteue em florença onde secretamente foi leuado. E da ferida ficou com o pescoço torto, E quasi trazia ho Rosto sobre hum ombro. E por que neste tempo tambem se ordia de querer tomar ferrara, E em Roma nam se sabia a que parte se Recolhera – ca huns diziam que se fora a ancona, outros a florença, outros tinham que fora trazido a Roma – foram postos muitos epitafes por Roma, E hum dizia A maneira de preguão, chisape se – chi avese torbato al manifico lourenzo – vada al sacristano dela paçe ele sera donato lo nom bebragio [.] E por que suas cousas eram mui cahidas, se pos outro que dizia, vide voy che senara manifico lourençino che per pigliar ferrara, avete preso vrbino. E por que a todo homem pareçia esta guerra JnJusta, a todos apraziam estes motes que se achauam preguados pollos pubricos das prinçipaes Ruas de Roma como hee husança."[201]

O fidalgo refere aqui um conceito fundamental em relação à *Guerra de Urbino* no seu todo: o conceito de guerra "justa" e "injusta". Com efeito, a única guerra verdadeiramente justa é a desenvolvida contra os inimigos da Cristandade. Ora esta guerra não só se passa entre cristãos como tem a agravante de um dos lados, o primeiro

[200] *MFC*, f. 209r.
[201] *MFC*, f. 217r.

a atacar, ter o apoio incondicional do papa e a sanção da cúria romana. Dado isto, logo pela base, esta guerra planeada por Leão X e executada pelo sobrinho, não tem qualquer legitimidade e validade moral ou política. Deve, antes, como o faz ver o fidalgo, ser condenada por todos os cristãos.

O fidalgo regressa, em seguida, à problemática dos tiranos em Itália e da sua forma de actuação, que ora favorece o apoio popular (ou pelo menos de boa parte da população), ora desperta a sua fúria que culmina não raras vezes na entrega do poder a outro pretendente ao governo da cidade ou República (normalmente pertencente a uma importante família concorrente da do tirano em posse do Estado). Fá-lo dando a ver a forma como a população civil do ducado de Urbino se voltou a entregar à liderança de Francisco Maria devido à violência exercida até aí pelos florentinos, apoiantes de Lourenço (II) de Médici:

> "tanto erão Ja os frorentins malquistos do ducado dorbino polla sobegidão de sua tirania que sem muita contenda sentreguarão ao seu propio duque as mais das vilas E fortalezas, E soo a çidade de pesaro Reseruou pera a derradeira."[202]

São diversos os casos concretos em Itália que atestam este estado de coisas, desde Siena a Bolonha, passando pela própria Florença, cabendo na maioria das vezes ao exercício extremo da violência a principal causa da mudança de tirano. Tal questão evoca, inevitavelmente, o tópico da lealdade ao senhor, o que por sua vez remete para Maquiavel e para as premissas que defende em relação às melhores formas para a manutenção e ampliação de um Estado no início da modernidade.

O pragmatismo político antiprovidencialista de Maquiavel, ou dito de outro modo, a sua visão tecnicista e dinâmica da política (no sentido da indiferença moral em política) encontram aqui a sua causa e o terreno ideal para a sua aplicação. Com efeito, se *O Príncipe* é uma obra para o presente que a viu nascer; sem dúvida que é também fruto e reflexo do seu tempo. As premissas nela defendidas só fazem sentido e são passíveis de serem compreendidas se forem devidamente colocadas no contexto da Itália dos primórdios de Quinhentos, em que os particularismos locais e os diversos pequenos Estados – repúblicas, reinos, ducados, além dos Estados da Igreja – que

[202] *Idem*, *ibidem.*

distinguiam a península e, consequentemente, as constantes e violentas disputas de poder entre esses territórios ao nível económico, político e, sobretudo, militar, remetem invariavelmente para a consciência da crua realidade: o perigo da definitiva divisão política do território itálico em vários estados, que, assim, se encontrariam para sempre à mercê da voraz ambição da grandes potências europeias[203]. A questão da *Guerra de Urbino*, como demonstra o fidalgo, constitui um exemplo tão real quanto paradigmático deste estado de coisas.

No final, o conflito salda-se por uma vitória papal, mas não sem antes Leão X recorrer à acção conspirativa e, enfim, ao jogo político de bastidores que caracterizava, afinal, a cena política romana e italiana desses anos de viragem civilizacional. Foi esta, aliás, a solução que encontrou para resolver com eficácia as derrotas sucessivas que Francisco Maria (I) della Rovere impôs aos exércitos papais e respectivos capitães-gerais, sucessivamente enviados para deter o avanço imparável do seu exército de mercenários no sentido da recuperação do ducado de Urbino, perdido no ano transacto para o sobrinho do papa:

> "por ser o manifico Lourenço ferido mandou o papa por leguado E seu capitão geral em seu luguar ao cardeal sancta maria Jnportiguo. E posto que este guovernaua seu exerçito com mais saber E tento, os de françisco maria lhe mataram muita Jente. era lastima ver os esquadrões dos soldados que o papa mandaua de Roma a esta guerra de muitos milhares de homens. E nam tardaua nada em vir nouas que todos eram desbaratados E mortos. E aquelles capitães Romanos que erão em conselho de matar os espanhoes de Roma vinham pera suas casas feridos E destroçados da mão dos espanhoes que eram com françisco maria. os mais neste tempo segundo se afirmaua passauam Ja de sete mil. E onde elles punham o Rosto nam se podia soportar seu Jmpeto, que assi as vilas E çidades çercadas de fortes muros, como as ostes do campo tudo leuauam nas mãos. era naquelle tempo barachelo ou alcaide de Roma hum castelhano chamado santa cruz que fora capitão de Jente de pee nas guerras passadas. E por ser homem esforçado E sabedor na guerra, o papa o mandou por capitão de muita Jente pera engrossar seu campo. E despois de se aver apresentado ao leguado, passados alguns dias se afrontou com os espanhoes Junto de pesaro. de tal maneira ho trataram que elle E os que escaparam vieram a Roma destroçados E perdidos, o qual disse ao papa que em quanto os espanhoes andassem em companhia de françisco maria, sua santidade seria sempre perdido. soo por que trazia consiguo çinco mil capitães, por que cada hum daquelles era tanto pratico na guerra que abastaua pera

[203] Para um maior aprofundamento desta problemática *vide* Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, Lisboa, Bertrand / Instituto de Cultura Italiana em Portugal, 1984.

> guovernar grandes exerçitos. tanta Jente perdeo o papa E em tal estremo se vio o leguado que foi forçado as forcas (sic)[204] da guerra mudarense em partidos E manhas nom liçitas, os quaes tratos se começaram a fazer com o embaixador de castela Jeronimo bique prometendolhe o papa que lhe faria hum Jrmão cardeal com tanto que elle fizesse que os espanhoes que erão com françisco maria ho deixassem. açeitando o embaixador este partido pera mais breue espedição de seus neguoçios contrataua com alguns dos capitães espanhoes que dessem françisco maria nas mãos do papa"[205].

O fidalgo não deixa de salientar a excelência bélica do exército espanhol, que se impõe como a única condição para a vitória de Francisco Maria. Até porque alguns dos capitães enviados por Leão X são bastante competentes (caso do castelhano "santa cruz"), não sendo isso, contudo, suficiente para levar de vencida os mercenários do anterior duque de Urbino.

Resta, assim, a Leão X recorrer a "manhas nom licitas", num acto simbólico de como o ofício de embaixador podia ser perigosamente utilizado em proveito próprio na aurora da modernidade, na medida em que esta figura de proa da política externa ainda se movimenta com uma razoável liberdade de acção relativamente à entidade superior que representa, o rei. Algo que em breve, de forma progressiva, deixará de acontecer com a mutação profunda quer da essência do cargo de embaixador, quer da própria diplomacia em geral[206].

O fidalgo neste ponto é, aliás, bastante incisivo e objectivo, pois não deixa de expor toda a infame amplitude da traição levada a cabo pelo embaixador espanhol:

> "este foi hum dos começos de Jeronimo bique que se declarou vender a fieldade de seu ofiçio E carguo, E sua mesma honrra, E aos seus naturaes E aos que eram liguados com seu Rei E seguiam seu seruiço. tudo por cobiças desordenadas de dadiuas E promessa de lhe o papa fazer seu Jrmão cardeal, nas quaes obras alcançou nome de Jnfamia que durara pera sempre."[207]

---

[204] Leia-se *as forças*
[205] *MFC*, f. 217r e f. 217v.
[206] Cf. Lucien Bély, *L'art de la paix en Europe. Naissance de la diplomatie moderne XVIe-XVIIe siècle*, Paris, PUF, 2008 ; Pedro Almeida Cardim, "A Diplomacia Portuguesa no Tempo de D. João III: Entre o Império e a Reputação" in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento*, Lisboa, 2004, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, pp. 627-660; Idem, *Embaixadores e representantes diplomáticos da coroa portuguesa no século XVII,* Sep. *Cultura*, 15, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2002; Idem, "Politics and Power Relations in Portugal (Sixteenth-Eighteenth Centuries)" Sep. *Parliaments, Estates and Representation*, 13 vol., nº 2, 1993, pp. 95-108.
[207] *MFC*, f. 217v e f. 218r.

Um sinal de que o próprio ofício de embaixador, tal como a diplomacia em si, estariam em breve para sofrer mutações profundas.

O papa, contrariando toda a sua missão de vigário de Cristo, bem como o seu dever espiritual enquanto chefe da Igreja católica, faz vingar as suas ambições temporais (que, de acordo com o fidalgo, não deviam nunca constituir o primeiro grande objectivo da sua actividade papal) recorrendo à simonia. Será esta que ditará a sua vitória nas armas. Nunca Leão X esteve tão próximo de Rodrigo Bórgia, no seu desempenho enquanto Alexandre VI.

Uma palavra ainda, neste passo, para a viva, detalhada e extremamente emotiva descrição do fidalgo da situação em que Francisco Maria revela publicamente a traição, expondo perante o exército os seus sentimentos para com tão vil e ingrata acção:

> "o qual [françisco maria] tomou cartas de çertos capitães que escreuiam a Roma, nas quaes vio a traição que se contrataua contra elle. E huma destas cartas era de hum capitão chamado maldonado que estaua açima de todolos outros em estima E saber da guerra a quem o duque daua grande credito, o qual trazia com sua fardage desasseis azemalas de Reposteiros E muitos caualos E facas. como o duque ouve as cartas A mão, chamou os capitães E prinçipaes guerreiros de sua oste, prinçipalmente aos espanhoes nos quaes era toda sua saude, E lhes disse como elle se posera em suas mãos tomando os por companheiros fazendosse Jguoal de cada hum delles. E que por elles E por suas bondades E fortaleza de seus animos, era Restituido a sua honrra E estado, E que aguora elles mesmos o aviam aleuantado E tramado E contratauão com seus Jmiguos de o deRibar E o darem em suas mãos. o que delles se nam esperaua por nam caber na Jente espanhol nome de tredores E de tanta Jnfamia E que Jsto poderiam bem ver por aquellas cartas que aviam sido tomadas, preguntando, se se conheçeria antre elles as letras E sinaes dellas. nam se pode entender com que confiança E ousadia o capitão maldonado confessou ser huma das cartas sua E de sua mão, pollo qual foi loguo tomado dos espanhoes E passado pollas picas dandolhe morte desonrrada E de tredor. E a Roma fugiram outros tres capitães que com elle em conserua eram."[208]

É inequívoco o tom de compaixão por Francisco Maria, que "se posera em suas mãos [dos traidores] tomando os por companheiros fazendosse Jguoal de cada hum

[208] *MFC*, f. 217v.

delles"[209], em particular "hum capitão chamado maldonado que estaua açima de todolos outros em estima E saber da guerra a quem o duque daua grande credito" [210].

É em situações como esta que o texto do fidalgo transcende o mero relatório oficial ao seu senhor, pois deixa transparecer as suas simpatias e juízos de valor sobre pessoas, facções e acontecimentos. Neste caso específico, mesmo tratando-se de uma situação em que o que está em causa é a honra e a lealdade, pontos nevrálgicos nos canônes militares clássicos, a sua admiração e simpatia pelas forças espanholas surge transparente: "o que delles [dos espanhoes] se nam esperaua por nam caber na Jente espanhol nome de tredores E de tanta Jnfamia" [211].

A aplicação da justiça militar recebe igualmente aqui um breve mas esclarecedor apontamento, pois o guerreiro considerado traidor, independentemente do seu posto militar, "foi loguo tomado dos espanhoes E passado pollas picas dandolhe morte desonrrada E de tredor."[212]

As referências do fidalgo às diligências indignas que o papa Leão X efectua para levar a bom termo a sua campanha militar contra Francisco Maria, não ficam por aqui. Com efeito, a *Guerra de Urbino* exige avultados recursos financeiros por parte do papado, que, desde cedo, tem grande dificuldade em continuar a custear o conflito. Até porque, estimulado com as diversas vitórias, Francisco Maria leva a guerra para lá das fronteiras do ducado de Urbino. Outras terras da Igreja tornam-se agora alvo da rapina do seu voraz exército mercenário.

Neste ponto, o fidalgo transfigura o tom do seu texto, realçando agora o comportamento cruel, implacável e ganancioso de Francisco Maria; afinal, um *condottiero* e um tirano sem escrúpulos pelas populações locais e respectivos bens. Um retrato expressivo, portanto, da vida na Itália da Primavera de Quinhentos:

> "Como se o papa sentia afligido por suas cousas nom serem prosperas. Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa era mui afligido polla muita Jente que se perdera de seu exerçito E polla grande soma de dinheiro que guastaua. E sobretudo ser françisco maria senhor do campo o qual nam se tendo por contente de aver cobrado de nouo seu estado se foi fazer guerra a perosa E As terras da JgreJa. E çercou a çidade de perosa, E

[209] *Idem*, *ibidem.*
[210] *Idem*, *ibidem.*
[211] *Idem*, *ibidem.*
[212] *Idem*, *ibidem.*

> destrohio seus campos E as quintãs E herdades de toda a terra. E lhe deram os perosinos por conçerto quinze mil ducados [.] de perosa se foi a ancona. E entrou na çidade, a qual hee da JgreJa. E Roubou della E de seus termos o que lhe aprouue. despois se veo cheguando tanto a Roma que mil E duzentos albaneses ou estradiotes cavalos ligeiros que consiguo trazia correram os campos de viterbo, E a çidade de orbieto com outras çidades E vilas da JgreJa."[213]

Perante o revés na guerra e a consequente adversidade económica – processo no qual se destaca a importância crucial do atempado pagamento do soldo aos guerreiros como condição para a manutenção da sua "fidelidade" –, Leão X busca novas fontes de rendimento para continuar a custear o conflito. A perseguição contra os cristãos-novos, os confessos de Roma e os judeus é um dos mais proveitosos exemplos fornecidos pelo fidalgo. Seduzir os embaixadores presentes em Roma no sentido de convencerem os seus soberanos a participarem financeiramente na constituição de uma suposta força militar contra os turcos constitui outro dos recursos utilizados pelo papa para haver dinheiro com vista à manutenção da guerra de Urbino:

> "Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. E que poderia aver delles grande soma de dinheiro, os quaes são Ricos em demasia, prinçipalmente os que fugiram de castella que compraram E alcançaram muitos ofiçios apostolicos, E benefiçios em grande cantidade. çertamente muitas vezes ouvi dizer que tinha gibraleom mais de sessenta JgreJas curadas humas aneJas As outras, sendo sua estatua queimada em castela. E tinha muitos ofiçios apostolicos. muitos destes avia em grande maneira Ricos de ofiçios E benefiçios. quando elles viram a Jnquisição sobre si, a partido de dinheiro, E sendo terçeiro antre elles o cardeal daraguão, afirmauasse que lhe fizeram por seu trabalho çincoenta mil cruzados nas mãos. E o papa ouve mui grande soma de dinheiro. tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello. (…) E embaixadores dos Reis erão conuidados E Requeridos com doçes palauras E promessas pera escreuerem aos Reis fauoreçendo o deseJo do papa. E a mostra disto era querer armar contra os turcos, assi que todalas maneiras de aquirir Riquezas se prouaua. E assi como os de fora viam ser feitas estas cousas mui descubertas, descubertamente as praticauam nas praças."[214]

[213] *MFC*, f. 218r.
[214] *MFC*, f. 219r e f. 219v.

Pelo impacto que tal medida certamente teria na Cristandade, o autor assinala igualmente o facto de que "muito se falou que se ordenaua de deitar dizima a toda a clerizia." No entanto, a mesma não avançou.

Para além destas medidas, o fidalgo destaca também a importação de trigo e cevada da Sicília acompanhada da proibição de se cozer pão com cereais "romanos"; a criação numa só vez de 31 novos cardeais pelo papa, num acto onde, segundo o fidalgo, abundava a simonia (devido à riqueza pessoal de uma parte dos candidatos à função cardinalícia) e o nepotismo (os que sendo pobres foram, no entanto, investidos na púrpura devido à sua relação familiar com o pontífice); e, finalmente, os avultados pedidos de resgate pela salvação de dois dos três principais cardeais envolvidos na suposta conspiração contra Leão X:

> "Como os Romanos se encerraram com o pão, E mediçis mandou vir triguo de çezilia que bastou Roma. Entrando a primeira vera no ano de 1517 nom fazendo o tempo mostra de bõas nouidades os Romanos se ençerraram com suas tulhas E vendo o cardeal mediçis que nam aproueitaua mandados nem penas pera se dar, deu ordem como em breues dias veo de çezilia a Roma grande soma de triguo E çeuada, E mandou apreguoar que nenhum forneiro cozesse triguo Romanesco sob pena de morte em quanto durasse o de çezilia. E nisto se aproueitaram os cruzados que os Romanos perderam em ençerrar seu pão, por que as nouidades acodiram bem. E o pão de Roma nam se tem passado o primeiro ano. E a esta causa se perdeo muito. tudo Jsto nam abastaua E muito mais pera sostentar a guerra. E por esta Rezão se começou de entender em criar tantos cardeaes Juntos como se adiante diraa."[215];
>
> "A sesta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, antre os quaes foi criado cardeal o Jfante dom afonso filho legitimo del Rei dom manuel primeiro deste nome Rei de portugual. antre os outros nomearei alguns. delles conheçi Ricos, E delles tam pobres (…). E estes erão os parentes do papa que eu conheçi sendo elle cardeal E tam pobre como Ja disse. (…) os mais destes E dos outros cardeaes que nam nomeo compraram os capelos por grande numero de cruzados que se despenderam em breues dias na guerra dorbino."[216];
>
> "Como o papa pedia L^{ta} mil cruzados pollo cardeal saule. (…) Do grande Resguate do cardeal são Jorge, E de sua morte."[217]

[215] *MFC*, f. 219v.
[216] *MFC*, f. 224r.
[217] *MFC*, f. 225r.

Daqui surge como inequívoca a estreita relação entre a política papal caracterizada, sobretudo, pelo crime, o jogo de bastidores e a conspiração, e as guerras de Itália.

O fidalgo continua, em relação à guerra de Urbino, a chamar a atenção para a forma como os acontecimentos prosseguem de forma adversa aos desígnios papais, até ao momento em que a acção conspirativa do pontífice junto do embaixador espanhol dá os seus frutos. Com efeito, o jovem rei espanhol Carlos I[218] cede à influência do seu embaixador e ordena a retirada das tropas espanholas que acompanham o duque de Urbino para o reino de Nápoles:

> "O papa assi polla guerra dorbino na qual tinha perdido muita Jente E guastados muitos milhares de cruzados, como polla prisão E priuação dos cardeaes, estaua Recolhido a seu paço sem sahir fora A caça, E a solazarse como dantes tinha por custume, nem curaua de Jograes, nem de Risos, nem de musicas. por çerto nam sei quem possa Julguar taes estremos."[219];
> "Como françisco maria seguindo sua ventura foi assentar seu exerçito nos confins de sena E frorença. E da maneira que o papa teue pera se os espanhoes apartar delle. Era tam avante françisco maria com suas vitorias que depois de cobrado seu estado se veo assentar nos confins de sena E de frorença com entenção de meter huma destas çidades a saco por que ambas estauam da mão do papa com senhos cardeaes leguados dentro. ca mediçis se foi a frorença, E petruche estaua em sena. E ambas estas çidades estauão com grande temor de ser saqueadas. E vendosse o papa em tal estremo, sendo mosembique medianeiro, acabou com el Rei carlo que mandasse sob grandes penas aos espanhoes que erão com o duque que se fossem pera o Reino de napole. ca ao tempo de minha partida ficauão em Roma dous capitães espanhoes que vieram per mandado do embaixador sob cor de tratar pazes antre o papa E o duque. E foy a fim destes neguoçios que os espanhoes per espeçial mandado del Rei carlo se foram pera o Reino de napole. E por estas cousas mal E deslealmente feitas alcançou mosembique que seu Jrmão fosse cardeal."[220]

---

[218] Carlos de Habsburgo torna-se rei de Espanha em Março de 1516 (assume o cargo em 1517, após a morte do avô Fernando de Aragão) e imperador do Sacro-Império a partir de 1519, como Carlos V, após a morte do seu avô Maximiliano I e o triunfo na eleição imperial, nomeadamente contra um dos mais fortes candidatos, Francisco I de França. Entre os muitos estudos evocativos da figura do imperador destacam-se os seguintes: Ana Isabel Buescu, *D. João III (1502-1557)*, op. cit., pp. 86-91; Ernest Cebrià, *El imperio de Carlos V: las coronas y sus territórios*, Madrid, Península, 2002; Manuel Fernández Alvarez, *Carlos V*, Madrid, Publicaciones Españolas, 1974; Hagen Schulze, *Estado e Nação na História da Europa*, Lisboa, Editorial Presença, 1997, pp. 43-83; Juan Luis Castellano, Francisco Sánchez-Montes González, *Carlos V: Europeísmo y universalidad. Congreso internacional, Granada, mayo de 2000*, Madrid, Sociedad Estatal Para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001; Philippe Erlanger, *Carlos V*, Madrid, Ediciones Palabra, 2000; Pierre Chaunu, *La España de Carlos V*, 2 vols., Barcelona, Península, 1976; Prudencio de Sandoval, *Historia de la Vida y Hechos del Emperador Carlos V*, 3 vols., Carlos Seco Serrano (edición y estudio preliminar), Madrid, Ed. Atlas, 1955-1956.
[219] *MFC*, f. 226v.
[220] *MFC*, f. 227r e f. 227v.

Como o fidalgo correctamente destaca[221], Francisco Maria (I) della Rovere[222] recupera, de facto, o ducado de Urbino em 1517, mas mantém-se no poder apenas durante um breve período (entre Fevereiro e Setembro).

Com efeito, antes do término desse emblemático ano volta a perder o título para o mesmo Lourenço (II) de Médici que o havia expulsado no ano anterior, o qual se manterá à frente dos destinos de Urbino até à data da sua morte, em 1519. Só em 1521, ano da morte de Leão X, Francisco Maria retomará o poder de forma permanente até ao seu falecimento em 1538.

De salientar que o fidalgo não refere uma outra condição fundamental para a derrota final contra Leão X: a falta de fundos para pagar ao seu exército de mercenários. Uma condição que fez com que ele próprio procurasse negociar um acordo diplomático para o conflito com o pontífice, o qual veio a acontecer em Setembro com a assinatura de um tratado entre ambos[223]. De facto, a sua preocupação é revelar ao destinatário do seu texto a política de bastidores que envolve a cúria e as grandes potências da Cristandade. Um jogo que considera perigoso e muitas vezes infame, sobretudo na medida em que envolve uma instituição que, na sua perspectiva, deveria ter por primeira inquietação a condução espiritual da comunidade dos cristãos. Uma visão que na maioria das vezes surge de forma indirecta, mas que não tem outra tradução senão o chamar a atenção para algo que à época se impunha como inegável aos olhos de todos: a urgente reforma da Igreja e das práticas eclesiásticas, seja na relação espiritual com a comunidade dos fiéis, seja na relação temporal com os dirigentes das nações que compõem a Cristandade, em particular no que toca às guerras fratricidas, que têm a agravante de ter como principal cenário o solo itálico, e à questão do perigo turco.

Dito de outro modo, se o texto do fidalgo é por vezes parcial – no sentido da escolha dos factos a apresentar (em detrimento de outros; sendo aqui necessário ter em

---

[221] "E sobretudo ser françisco maria senhor do campo o qual nam se tendo por contente de aver cobrado de nouo seu estado se foi fazer guerra a perosa E As terras da JgreJa." in *MFC*, f. 218r; "Era tam avante françisco maria com suas vitorias que depois de cobrado seu estado se veo assentar nos confins de sena E de frorença" in *MFC*, f. 227r.

[222] Duque de Urbino entre 1508 e 1516, ano em que, excomungado por Leão X, perde o poder para Lourenço (II) de Médici que invade o ducado à frente de um exército composto essencialmente pelas forças papais.

[223] Cf. Carlo Falconi, *Leone X. Giovanni de' Medici*, op. cit., pp. 298-332; Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit*., pp. 117-128; Herbert M. Vaughan, *The Medici Popes: Leo X and Clement VII*, op. cit., pp. 129-159; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit*., pp. 114-170; William Roscoe, *Life and Pontificate of Leo X,* Vol. III, *op. cit.*, pp. 93-167.

conta que o autor pode por vezes simplesmente não conhecer todos os elementos envolvidos nas problemáticas que aborda) – tem no entanto o mérito de ser bastante crítico em relação aos tópicos que elege como sendo importantes de focar nos assuntos em questão.

i) Entrada em Itália do imperador Maximiliano

Também a entrada do imperador Maximiliano em Itália, em 1516, à frente de um poderoso exército[224], com o objectivo de recuperar Milão após a batalha do Marignan é alvo de atenção pelo fidalgo. Sobretudo pelo facto de o mesmo imperador acabar por regressar ao seu país sem realizar qualquer conflito armado.

A principal razão avançada pelo autor para o frustante resultado da investida imperial reside no facto de o imperador não conseguir pagar o soldo aos soldados do seu exército. Por outras palavras, ainda que de forma indirecta, o fidalgo desmascara a sua fraqueza política, quer relativamente aos assuntos italianos nos quais é protagonista directo – em grande medida devido aos laços feudo-vassálicos que muitos senhores italianos têm para com o Império –; quer em relação ao facto de não conseguir sequer manter a disciplina e a ordem no exército imperial, sendo por isso forçado a retirar-se, ou seja, não possuir a autoridade e, consequentemente, o poder necessários para assegurar o normal funcionamento de uma das instituições fundamentais de qualquer Estado que se quer sólido e respeitado por eventuais agressores externos, a saber, as armas[225]:

> "Como o emperador maximiliano veo a Jtalia pera Recobrar milão, E se tornou sem fazer nada. Neste tempo veo o emperador maximiliano a Jtalia com grandissimo exerçito pera Recobrar milão, E deitar os françeses fora de toda Jtalia. o estrondo com que veo era grande. E segundo se afirma em Roma os françeses se punhão em fugir. E fora assi se o emperador sem parar seguira suas Jornadas atee cheguar a milão. mas tanto que deçeo a Jtalia se assentou em verona que estaua por elle, E per seu mandado ha guardauão quatro mil espanhoes. E nesta detença os françeses cobraram conselho E animo, E se meteram todos na çidade de milão onde se fizeram fortes, E Reuoltaram com cartas E falsas promessas E tratos como tem de

[224] Cf. Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit*., pp. 152-161.
[225] Seguimos aqui, mais uma vez, o pensamento de Maquiavel. *Vide* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulos XII, pp. 169-174, e XXVI, pp. 235-239.

> custume aos capitães alemães, de maneira que nam quiseram passar adiante sem lhes o emperador primeiro paguar ho soldo que lhes deuiam E pediam, o que elle nam pode fazer por falta de dinheiro E forçado de extrema neçessidade se tornou pera alemanha sem aver efeito sua empresa."[226]

Uma falta de firmeza política que, como podemos observar pela leitura das *MFC*, é extensiva às relações que mantém com a Santa Sé, seja no período de Júlio II, seja já com Leão X.

Ainda que singela, estamos assim perante uma expressão da decadência de uma das duas grandes instituições internacionais do mundo medieval, maximizada quando vista na perspectiva da contenda que manteve durante a Baixa Idade Média com a outra grande instituição: o papado[227]. As *MFC* fornecem abundantes informações acerca deste estado de coisas que, no entanto, com o sucessor de Maximiliano, o jovem imperador Carlos V, conhecerá uma surpreendente inversão que culmina com o saque de Roma de 1527.

Neste caso específico, os opositores dos interesses do Império em solo itálico são os franceses e os venezianos, à época aliados nas *Guerras de Itália*. A passividade do imperador é tão evidente que, ainda antes de terminar o ano de 1516, entra em negociações com Francisco I de França, as quais culminam com a assinatura do Tratado de Bruxelas (1516), o qual faz recuar o mapa da Itália Setentrional a 1508, ano do início da *Liga de Cambrai*. Tal cenário materializa-se quer na aceitação pelo império da ocupação francesa de Milão, quer na confirmação das reivindicações venezianas relativamente às restantes possessões imperiais na Lombardia (com excepção de Cremona).

---

[226] *MFC*, f. 213r e f. 213v.

[227] Apesar de ser o grande sobrevivente desta disputa do fim da Idade Média, o papado sai de tal forma lesado e contestado que não consegue conter a vindoura ruptura provocada pela Reforma. Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, Barcelona, Editorial Crítica, 1985, pp. 73-96; J. H. Burns (ed.), *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, pp. 146-158; Hagen Schulze, *Estado e Nação na História da Europa*, op. cit., pp. 43-61; Jean Touchard, *História das ideias políticas, vol. 1: Idade Média*, Mem Martins, Europa-América, 1991, pp. 224-252; Idem, *História das ideias políticas, vol. 2: Do Renascimento ao Iluminismo*, Mem Martins, Europa-América, 1991, pp. 13-36; João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Temas e Debates, 2007, pp. 307-309; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit., p. 20-31, 113-121.

Tal paz revela-se, no entanto, tão breve quanto efémera, pois com a eleição de Carlos V como imperador do Sacro Império Romano (título que Francisco I desejava para si e pelo qual lutou, saliente-se), em 1519, regressam as *Guerras de Itália*[228].

2. O apelo à Cruzada

No que diz respeito à relação entre a guerra e o exercício do poder na Europa da aurora de Quinhentos, as *MFC* revelam como se verificou entre as principais nações do ocidente cristão a efectiva tomada de consciência do crescente perigo turco, que cada vez mais deixa de ser uma ameaça ao distante oriente europeu, do qual à época já ocupou grande parte, para passar a ser um inimigo tão próximo quanto real, sobretudo em termos marítimos, pois as embarcações turcas cruzam o Mediterrâneo atacando e pressionando quer o litoral cristão quer os navios da Cristandade, inclusive os da República de Veneza, sempre mais próxima do império otomano graças a diversos acordos comerciais[229]. Uma tomada de consciência que, no entanto, e apesar de todas os apelos papais (sinceros ou não, como no-lo diz o fidalgo), não passou do papel e da acção dos embaixadores, nunca se materializando na constituição de uma frente armada realmente válida composta por forças provenientes das diversas nações cristãs do ocidente europeu.

Ao longo do texto do fidalgo de Chaves, esta reacção ao turco – numa primeira fase, como já salientámos, meramente teórica –, materializa-se na grande maioria das vezes na evocação da simbólica figura da Cruzada; uma das sobreviventes utopias medievais que se revestiu de maior longevidade[230].

---

[228] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III*, op. cit., pp. 102-108; Carlo Falconi, *Leone X. Giovanni de' Medici*, op. cit., pp. 558-584; Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit*., pp. 138-156; Herbert M. Vaughan, *The Medici Popes: Leo X and Clement VII*, op. cit., pp. 244-267; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VII, *op. cit*., pp. 272-290; *Idem*, *ibidem*, vol. VIII, *op. cit*., pp. 1-40; William Roscoe, *Life and Pontificate of Leo X,* Vol. IV, *op. cit*., pp. 26-43.

[229] Cf. Daniel Goffman, *The Ottoman Empire and Early Modern Europe*, New York, Cambridge University Press, 2002, pp. 131-234; Donald Quataert, *O Império otomano. Das origens ao século XX*, Lisboa, Edições 70, 2008, pp. 13-58; João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit., pp. 296-309; Oscar Browning, *The age of the Condottieri - A short history of mediaeval Italy from 1409-1530*, op. cit., pp. 87-123; Stephen R. Turnbull, *The Ottoman Empire 1326-1699*, New York, Routledge, 2003, pp. 22-67; Thomas F. Arnold, *The Renaissance at War*, Smithsonian History of Warfare, John Keegan (ed.), London, Cassell & Co, 2002, pp. 85-106; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit., pp. 89-112, 401-417.

[230] Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Lisboa, Edições 70, 2004, pp. 287-288; João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit., pp. 255-261 e

Na verdade o tema do ideal cristão da Cruzada e de luta com o infiel muçulmano encontra-se bastante presente nas *MFC*. Contudo, à excepção precisamente do reino de Portugal, que conduz acções armadas efectivas e de grande envergadura contra o turco no Extremo-Oriente e contra o Islão em Marrocos, e dos reinos da Hungria e da Polónia, precisamente porque ao estarem localizados na Europa Oriental sentem no seu quotidiano a ameaça e a constante pressão turca, as principais nações da Cristandade ocidental não se conseguem movimentar em uníssono ou mesmo a título individual contra a crescente ameaça do império turco.

D. Manuel pretendeu encabeçar esta expedição, embora não tenha vivido o suficiente para tal. Será necessário esperar pelo determinado Carlos V para se constituir uma poderosa frente de ataque oriunda do ocidente europeu capaz de fazer frente à ameaça turca que cada vez mais coloca em risco a própria integridade territorial da Cristandade ocidental.

As pormenorizadas referências do fidalgo às festividades celebradas em Roma pelas vitórias lusas no Magrebe, bem como a documentação oficial que transcreve no seu longo relato, tornam possível apreender a posição de grande protagonismo assumida por Portugal em relação a esta crucial questão da Cruzada[231]. Por outro lado, todo um conjunto de referências indirectas, igualmente pormenorizadas, como é exemplo a extensa passagem relativa à embaixada de Tristão da Cunha, remetem igualmente para a estreita relação entre o reino de Portugal e o desenvolvimento genuíno de uma acção de Cruzada da Cristandade contra o turco, sempre sob a tutela papal.

Portugal mantém uma cautelosa política de neutralidade em relação aos assuntos bélicos intra-europeus, em particular no que respeita às *Guerras de Itália*, um verdadeiro sorvedouro de homens e recursos que não permite às nações envolvidas virarem a sua atenção para o perigo turco.

No entanto, no que se refere à problemática do combate ao turco e ao muçulmano em geral, ou seja, às acções guerreiras europeias viradas para fora de si própria, para territórios bem distantes dos limites das suas fronteiras naturais e políticas, Portugal assume verdadeiramente uma posição de liderança e vanguarda, materializada no combate à ameaça turca a Oriente e ao muçulmano no Norte de África. Daí que as

369-372; Luís Filipe Thomaz, "L'Idée Impériale Manuéline" in *La Découverte, le Portugal et L'Europe. Actes du Colloque*, Jean Aubin (ed.), Paris, Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 35-103.

[231] Cf. Luís Filipe Thomaz, "Cruzada" in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. c-i, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 31-38.

MFC sejam omissas ao nível da relação (mesmo que de neutralidade) entre o reino de Portugal e os conflitos que grassam em Itália, mas não em termos da sua política armada no espaço não-europeu e do empenho do rei português na expansão da fé cristã nos territórios recentemente descobertos e/ou conquistados pelos portugueses no seu vasto movimento de expansão e descoberta marítima.

Naturalmente, não é isento em relação a este último dado o facto de o autor ser um fidalgo português, em Roma, ao serviço de uma das principais figuras do reino, D. Jaime, o 4º duque de Bragança.

Ambos os papas evocados nas *MFC* intentam na constituição de uma força de Cruzada contra o turco. Em relação a Júlio II podemos observar o seu propósito no "trelado do breue que (…) Sua Santidade mandou" ao rei D. Fernando de Castela e do qual o fidalgo dá fé no seu texto. Datado de Junho de 1511, este documento é claro nas intenções do pontífice contra o turco, não deixando no entanto de revelar que o seu programa bélico se estende de forma resoluta ao combate à França, o qual, na prática, acaba por surgir como prioritário, pois, como podemos verificar pela leitura da missiva papal, só após a pacificação da Cristandade estão reunidas as condições para "concluir ha expedição contra os maluados turcos E outros Jmiguos da fee cristaam":

> "el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores (…) ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue

> E ordena de nos fazer violençia (…) portanto filho charissimo E mui verdadeiro aleuantaiuos pera defender a vossa sancta madre a JgreJa. (…) vossa magestade sabera de nosso charo filho guilhelmo caçador auditor de cousas do sacro palaçio nosso capelão noos aver conuocado conçilio geral em sam João de latrão com deseJo de concluir ha expedição contra os maluados turcos E outros Jmiguos da fee cristaam. ao qual Roguamos E exortamos em nosso senhor queiraes prosseguir com aquelle zelo que aveis aborreçido a çisma."[232]

Com efeito, é ao soberano francês que Júlio II acusa inteligentemente de impedir a prossecução da luta contra os turcos ao incrementar a violência entre os príncipes cristãos, nomeadamente nas *Guerras de Itália*. Assim, e de modo muito conveniente, pois utiliza o basilar argumento da necessidade vital de paz entre a nação cristã, o pontífice subtilmente direcciona a causa das inquietações e dos impasses políticos internacionais para a França. Desta forma, as atenções e os olhares acusadores desviam-se do papa guerreiro, cuja conduta está infinitamente mais perto do temporal que do espiritual, como o fidalgo tão bem salienta na primeira parte do seu texto, para se concentrarem na urgência da resolução da questão francesa, única condição para a Cristandade poder finalmente avançar com o "aperçebimento da armada pera tam santa expedição". A formação da *Liga Santa* em 1511 constitui a materialização e a prova última deste calculismo político por parte da cúria papal, cujo autêntico receio reside, afinal, no incessante aumento de poder e influência por parte do monarca francês em Itália após a batalha de Agnadello, em 1509.

Em suma, Júlio II defende inequivocamente a realização de uma Cruzada para refrear o avanço turco[233]. Todavia, ao pressentir a ameaça sobre o círculo de poder e as ambições territoriais dos Estados Pontifícios que tão resolutamente lidera, o papa não tem reservas morais em avançar contra a França à custa do adiamento da questão turca.

Com Leão X pressente-se o mesmo impasse e, consequentemente, a mesma resolução decisória: o pontífice defende e promove activamente a elaboração da Cruzada[234], contudo, perante a urgência dos seus projectos pessoais e a adversidade que os mesmos enfrentam ao longo da sua concretização[235] – a elevação geral da família

---

[232] *MFC*, f. 147v e f. 148r.
[233] Cf. Kenneth Meyer Setton, *The Papacy and the Levant, 1204-1571. Vol. III: The Sixteenth Century to the Reign of Julius III*, Philadelphia, American Philosophical Society, 1984, pp. 1-101.
[234] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 102-197.
[235] Um exemplo paradigmático verifica-se quando Leão X recorre, entre outros, ao argumento da constituição de uma força armada para a Cruzada contra os turcos, como forma de auferir rendimentos

Médici e, sobretudo, a constituição de um "Estado Médici" na Itália Central, intimamente ligado à Igreja mas temporalmente chefiado pelo sobrinho do papa, Lourenço (II) de Médici –, tal empresa vê-se relegada para o apoio (através de um conjunto de bulas) a iniciativas individuais, como é o caso de Portugal e da Hungria.

Desta forma, mais uma vez, a Cruzada geral (e em uníssono) das nações cristãs contra os otomanos vê-se inevitavelmente adiada, em benefício dos projectos de expansão imperial destes últimos.

Em relação a Portugal, Leão X chega a ser complacente, pois coloca-se de forma decidida ao lado do rei português no confronto que este mantém com o clero nacional relativamente à obtenção de parte das rendas da Igreja para a guerra em Marrocos. Um processo que começa a 17 de Setembro de 1506, com a obtenção por D. Manuel do breve *Exponis nobis nuper*, enviado por Júlio II, então pontífice, que lhe atribuía a terça das rendas eclesiásticas durante dois anos. Tal concessão foi renovada, a 29 de Abril de 1514, pelo novo papa, Leão X, com a bula *Providium universalis*, que contribuía para a acção guerreira portuguesa em África através do lançamento das terças nos frutos e rendas dos Mosteiros e Igrejas de Portugal: "certis decimarum partibus, *tertiis* nuncupatis, in Portugalliae, Algarbiorumque Regnis, caeterisque Provinciis, Insulis et locis tibi subjectis."[236] Como, aliás, o fidalgo não deixa de relatar: "E foram conçedidas do papa a el Rei no habito de Jesu christo as terças de todalas JgreJas de portugual, E todolos mosteiros nom sendo consistoreaes, que os podesse dar a caualeiros com o dito abito de christo sendo solteiros E casados."[237]

Tal decisão papal deu origem, no entanto, a uma forte contestação por parte do clero português, como podemos observar pelo texto do fidalgo:

---

junto dos príncipes cristãos para a manutenção da *Guerra de Urbino* (1517) que, à época, lhe corria de forma bastante adversa: "Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. (…) tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello. muito se falou que se ordenaua de deitar dizima a toda a clerizia. E embaixadores dos Reis erão conuidados E Requeridos com doçes palauras E promessas pera escreuerem aos Reis fauoreçendo o deseJo do papa. E a mostra disto era querer armar contra os turcos, assi que todalas maneiras de aquirir Riquezas se prouaua. E assi como os de fora viam ser feitas estas cousas mui descubertas, descubertamente as praticauam nas praças." in *MFC*, f. 219r.

[236] Cf. "Bulla do Papa Leão X dirigida a el-Rei. 1514 – Abril 29" in *Corpo Diplomatico Portuguez: Contendo os Actos e Relações Politicas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potencias do Mundo Desde o Século XVI Até os Nossos Dias*, vol. I, Luís Augusto Rebelo da Silva (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1862, pp. 244-248.

[237] *MFC*, f. 200r e f. 200v.

> "os perlados E toda a clerizia se congreguaram, cada huns em sua dioçesi. E avendo todolos do Reino conselho do que deuiam fazer, acordaram maandar procuradores a Roma pera se anularem embarguando a execução dellas."[238]

Um texto conforme ao conhecimento veiculado pela actual investigação acerca destes acontecimentos: "Desta vez os dignitários da Igreja portuguesa enfrentaram tenazmente a ordem papal, o que obrigou Leão X a emitir três documentos do mesmo teor, tendo as autoridades eclesiásticas cedido só então. Todavia, perante as dificuldades levantadas, D. Manuel I preferiu negociar, e a 11 de Janeiro de 1516 (21 meses depois da emissão da primeira bula) desistia da terça, para evitar 'escândalo e desassossego. (…) Neste conflito com o clero, o monarca optou pois por uma política pragmática.'"[239]

É precisamente o que salienta o fidalgo:

> "a lide era antre elles mui trauada. o embaixador [o doutor João de faria, que ficou com titolo de embaixador despois de partido tristão da cunha] trabalhaua por conseruar ho alcançado, E os cleriguos pollo anular. E nam faleçiam dambalas partes agudas E honestas Rezões E conselhos de exçelentissimos letrados E quando mais se estas perfias afinauam, el Rei atalhou a Jsso avendo por seu seruiço alarguar as terças das JgreJas, E tambem os mosteiros que lhe eram conçedidos pera em comendas. E Jsto feito Sua Santidade lhe tornou a conçeder tantas JgreJas pera comendadores que montassem vinte mil cruzados de Renda, vaguando per obito dos que as possuiam. das quaes JgreJas el Rei mandou tomar posse per todo o Reino, scilicet, das que mais Rendiam, contando segundo valor de seus aRendamentos, dando a cada hum viguairo ou Reitor çerta Renda apartada com que a curasse. E vaguando ficasse pera sempre comenda da ordem de christus, E el Rei a desse a seus comendadores. os perlados E clerezia tiueram por bem de fazer seruiço a sua alteza de çento E çincoenta E tres mil cruzados paguos em tres annos de suas Rendas pera aJuda dos guastos que tinha feitos."[240]

Apesar de toda esta contenda, como já referimos, o apoio de Leão X à empresa guerreira de D. Manuel é inabalável: "E Alem disto conçedeo Sua Santidade a sua alteza cruzada contra mouros de grandissimas Jndulgençias E priuilegios."[241]

---

[238] *MFC*, f. 200r.
[239] João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit., p. 191.
[240] *MFC*, f. 202v.
[241] *Idem*, *Ibidem.*

As festas e rituais religiosos celebrados em Roma pela tomada de Azamor, sob o comando de D. Jaime, em 1513, bem como a impressiva e emotiva pregação efectuada por "hum coneguo de são pero" durante a missa solene proferida pelo próprio papa no "moesteiro de sancto agustinho", revelam o profundo impacto que a guerra de Cruzada desenvolvida por Portugal além-mar assumia em solo italiano, em particular na capital da Cristandade:

> "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima senhoria tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria. ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pero o qual trouxe todos os Reis de portugual, E os feitos de cada hum contra os Jnfiees. ca mui bem ho tinha sabido. E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[rra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antigua çidade."[242]

Mais ainda. O fidalgo tem o cuidado de referir que, a dado momento do seu exaltado discurso, o cónego dirige-se especificamente aos embaixadores dos príncipes cristãos presentes na dita missa papal, evocando os feitos de D. Jaime e D. Manuel que se apresentam, desta forma, como os dignos herdeiros dos antigos e gloriosos cruzados. Uma herança legitimada pelo acto de retomarem, por vontade própria e individual (ou seja, sem ser no quadro de uma frente conjunta de príncipes e nobres cristãos, como ocorrera nos séculos medievais), os feitos da primeira Cruzada, uma época apresentada como de ouro na medida em que "os christãos guanharam aos Jnfiees sendo vnidos E Juntos em hum acordo E vontade, sahindo de suas terras com braço armado E fee grande.":

[242] *MFC*, f. 173v.

> "E tornandosse aos embaixadores dos Reis, bradaua E dizia que tomassem os Reis christãos exemplo em vossa Jlustrissima senhoria que sendo sobrinho del Rei de portugual, filho de sua carnal Jrmãa E o maior senhor de villas E terras E vassalos da Espanha, com grandissimo deseJo de acreçentar a fee de christo como cristianissimo prinçepe, nom soomente açeitara mas aJnda procurara a tal empreza, deixando seu Repouso, convidando seus parentes amiguos E criados. E feitos mui sobeJos guastos de suas Rendas se metera no mar com grande frota de navios, non temendo vossa Real pesoa as ondas do mar oceano que mui furiosas muitas vezes se amostram, buscando aos Jnfiees com tantos trabalhos em suas proprias casas. E dandolhe nosso senhor prospero vento aportara em africa çertas milhas dazamor. E tomando terra se fora com seu exerçito suas azes ordenadas a assentar seu aRaial sobre a dita çidade, mostrande no guoverno de sua hoste grandissimo esforço E prudençia comparando vossa Jlustrissima senhoria aos mais poderosos E famosos capitães antiguos. E que nesta presente Jornada se mostrara outro semelhante duque gudyfredo capitão geral da santa empresa de Jerusalem, a qual os christãos guanharam aos Jnfiees sendo vnidos E Juntos em hum acordo E vontade, sahindo de suas terras com braço armado E fee grande. E tomaram a grande çidade de antiochia com outras poderosas çidades E vilas E se fezeram senhores de toda a terra, de maneira que os pelegrinos sem contradição podiam hir visitar ho santissimo sepulcro de nosso Redentor Jesu christo."[243]

Naturalmente, o fidalgo não deixa de invocar com grande especificidade a comparação efectuada pelo cónego de D. Jaime com "gudyfredo" [244], o célebre capitão da primeira Cruzada.

Outro aspecto dotado de grande simbolismo, na medida em que reporta directamente para a situação coeva vivida em Itália (o que só engrandece os feitos de Portugal, do seu rei e de uma das suas mais importantes figuras: D. Jaime), neste passo importante do texto do fidalgo relaciona-se com a alusão ao facto de os cristãos terem perdido tudo o que conquistaram com as antigas Cruzadas devido apenas aos conflitos que alimentaram entre si, descurando consequentemente o combate ao único e verdadeiro inimigo: o muçulmano da época do lendário Saladino (c. 1138-1193), agora reiterado na figura do turco otomano subordinado ao sultão Selim I (1470-1520, sultão entre 1512 e 1520), que expandiu as fronteiras Leste e Sul do império otomano, estabelecendo a presença otomana no Egipto e criando uma importante presença naval

[243] *MFC*, f. 174r.
[244] Godofredo de Bouillon (1058-1100) (Bolhão, em português), um dos mais proeminentes líderes da Primeira Cruzada (1096-1099) e o primeiro soberano do reino Latino de Jerusalém, apesar de recusar o título de rei.

no Mar Vermelho, na sequência da qual nasceu uma acérrima competição entre o Império Português e o Império Otomano pelo estatuto de potência dominante na região:

> "E depois de ho averem possuido tantos anos, E a fee E santo zelo se converter em odio E diuisões huns contra os outros deram a saladino a triunfante vitoria da vera cruz E o dito sepulcro de cristo E da santissima çidade de Jerusalem com tanto sangue de christãos espargida E tanta desonrra da Religião christãa [.] E que durando estas diuisões antre os reis christãos fizeram vir nos tempos passados o soldão de babilonia a Roma E sendo saqueada, E despoJados seus templos de todos seus tesouros fizeram da santissima JgreJa de são pero estrebaria de caualos, saqueando a maior parte de Jtalia, scilicet, toscana, pulha, E çezilia. as quaes diuisões deram Jsso mesmo causa que em nossos tempos a mui nobre çidade de costantinopla com seu emperador E todo Jmperio de greçia fosse dado em poder de turcos, E o mui exçelente [moesteiro] de santa sofia feito mesquita de mafamede. E que vendo as presentes diuisoens, E tantos christãos mortos em batalhas, E tantos aparelhos pera maiores males nam se asseguraua seu animo, bradando, Que Roma queira deus que em meus dias nam veJa em ti outro soldão de babilonia que acabe de destrohir E dassolar essas muralhas E vestigios que nos ficam por memoria de tua grandeza E que a sagrada JgreJa de são pero nom seJa outra vez com tanto vituperio violada E feita estrebaria, E os outros santissimos E grandes templos queimados E Roubados de seus tesouros, E as matronas E virgens Romanas postas em poder dos Jnfiees."[245]

Por fim, após percorrer na sua inflamada arenga as tragédias vividas pelos cristãos às mãos dos muçulmanos, que incluem com destaque quase cinematográfico a queda de Constantinopla e o saque de Roma, apresenta os portugueses como os protagonistas do retomar da Grande Cruzada contra o infiel, agora espalhada pelas mais longínquas paragens da terra.

Uma Cruzada que, tal como o povo que a realiza, tem o condão de servir de exemplo vivo aos príncipes e nobres cristãos coevos no sentido de que não devem fomentar as guerras entre si, como entretanto acontece de forma devastadora em Itália. É, pois, manifesto o tom crítico, mas também pedagógico, do texto do fidalgo, até porque um dos visados neste reparo é o próprio papa:

> "tornando contra os portugueses dizia que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia,

[245] *MFC*, f. 174r. e f. 174v.

> persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros. foi de tanta eficaçia aquella preguação E tudo tam bem dito E encaxado que deçido do pulpito os cardeaes ho tomaram antre si E coRendolhe as lagrimas pollas façes o beiJauam na sua. E todos cõmummente ho louvaram muito. E tornado o papa a seus paços fizeramse as mesmas luminarias E alegrias da noite passada."[246]

Neste passo é fundamental não esquecer que o projecto de Cruzada de D. Manuel inscreve-se na aura messiânica que, desde o início do seu reinado e devido aos sucessos quase constantes do seu governo – em particular no que respeita ao vasto empreendimento de Descoberta e Expansão portuguesa no além-mar –, o faz surgir como *O Escolhido*[247].

O projecto imperial de D. Manuel, do qual o movimento de Cruzada constitui um elemento nuclear, como tão bem salientou Luís Filipe Thomaz, é indissociável da ideia de messianismo intrínseca à própria existência do monarca[248]: "Le messianisme imperial. L'idée impériale manuéline représente une sorte de grande synthèse de tous les projets de croisade, mythes, aspirations et utopies du Moyen Age finissant. Son originalité ne réside nullement dans les éléments dont elle se compose mais plutôt dans leur agencement en ensemble vaste, simple et assez cohérent. C'est là aussi que se trouve la 'modernité' du projet, par ailleurs très médiéval encore: médiéval de par sa conception du pouvoir, son obsession de Jerúsalem, son messianisme de teint joachimite, mais déjà moderne de par sa stratégie qui se déploie à une échelle quasi-planétaire."[249]

---

[246] *MFC*, f. 174v.
[247] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit., pp. 255-261.
[248] Cf. Luís Filipe Thomaz, "Cruzada", *op. cit.*, pp. 31-38.
[249] Luís Filipe Thomaz, "L'Idée Impériale Manuéline", *op. cit.*, p. 91.

Neste ponto, na linha do pensamento de Luís Filipe Thomaz, devemos reter que, se o sonho manuelino da Grande Cruzada contra o infiel (o ataque ao império mameluco do Egipto, a destruição de Meca e a subsequente recuperação da cidade santa de Jerusalém) apresenta ainda um inevitável espírito medieval, todas as acções desenvolvidas para a sua efectiva prossecução revelam um carácter moderno e têm lugar num cenário eminentemente moderno[250]. Notáveis exemplos são a própria política que está na base do projecto, o trato económico que o suporta, o recurso ao melhor armamento náutico e às mais avançadas técnicas de construção naval e de navegação oceânica, as opções e as operações diplomáticas, e também os veículos de propaganda ideológica régia e de representação simbólica do poder imperial escolhidos, de que a embaixada a Roma de 1514 constitui muito provavelmente o mais distinto exemplo.

Aliás, a própria construção do império oriental português, enquanto iniciativa política de carácter moderno ou pré-moderno, fica muito a dever à transposição para um novo espaço geográfico (ou seja, um espaço geográfico conhecido já sob os auspícios de uma nova era civilizacional, que envolve, portanto, todo um novo paradigma político, cultural, social e económico) do espírito de Cruzada de carácter medieval que durante séculos sustentara a empresa da Reconquista ibérica e durante décadas suportara ideologicamente o projecto português de expansão militar no Norte de África. Tal espírito de Cruzada assume desta forma toda uma nova formulação: inegavelmente de raiz medieval, apresenta contudo contornos associados a uma nova etapa na vida da Europa, bem como a uma forma original de conceber a existência humana e o universo espacial em que ela habita.

A guerra aos mouros de África e aos turcos asiáticos funcionava assim como uma charneira ideológica que colocava a Cruzada lusa com um pé na Idade Média e outro na nova era que agora despoletava[251].

Dito de outro modo, a Cruzada era uma das principais facetas da política expansionista manuelina; *per se* um fenómeno marcadamente modernista. O que vai de

[250] A resistência a vários níveis de que o projecto imperial manuelino (e, por sequência, a ideia da cruzada de toda a Cristandade contra o Islão) foi alvo no conselho régio, constitui ela própria um indicador da modernidade do cenário político que envolve esse mesmo projecto. Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III*, op. cit., pp. 268-270. Acerca da temática da presença do milenarismo na guerra e, portanto, no desenvolvimento do conceito de guerra "justa" *vide* Augustin Redondo, "Introduction" in *La Prophétie Comme Arme De Guerre Des Pouvoirs (XVe-XVIIe siècles)*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2000, pp. 7-13; Jean-Louis Fournel, "Les temps de la prophétie dans la Florence savonarolienne (automne 1494-été 1495)", *ibidem*, pp. 191-202; Ottavia Niccoli, "L'arme des prophéties et des prognostics dans les guerres italiennes, du XV^{e} au XVI^{e} siècle", *ibidem*, pp. 203-220.

[251] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III*, op. cit., pp. 299-303.

encontro ao referido pelo investigador João Paulo Oliveira e Costa, que salienta como a política oriental de D. Manuel I "assentava em grande medida nesta expectativa" da "realização de uma grande ofensiva que proporcionasse a reconquista da Terra Santa"[252].

Se, porventura, o próprio espírito de Cruzada evocado pelos pontífices ao longo das *MFC* apresenta résteas de medievalidade, estas relacionam-se apenas com as origens e a definição do conceito em si. Com efeito, a Cruzada evocada por Júlio II e Leão X, ainda que tendo por referencial o espírito da primeira Cruzada, está inequivocamente de acordo com a época em que estes pontífices vivem, ou seja, os alvores da modernidade, pois o inimigo que surge agora na guerra contra o universo cristão já não é o muçulmano dos séculos XII e XIII, mas sim o turco otomano do final do século XV e início do século XVI. Assim, o campeão do lado islâmico é agora alguém com um projecto político, geo-estratégico e religioso bem diferente do daquela época já distante, e que está perfeitamente familiarizado com as técnicas e as invenções do mundo coevo, em particular ao nível do uso da artilharia, como a devastadora conquista de Constantinopla em 1453 pôde comprovar.

Comprova-o igualmente, alguns anos mais tarde, em 1529, o dramático cerco turco a Viena de Áustria, que fez com que o próprio Martinho Lutero fizesse um apelo geral à Cruzada contra o infiel, enquadrando esta assim, inevitavelmente, no quadro político e geo-estratégico do mundo moderno.

O contexto era, sem dúvida, de um inequívoco impulso de expansão do poderio turco no palco europeu. Após a queda de Belgrado, em 1521, de Rodes, no Mediterrâneo, em 1522, e a decisiva batalha de Mohács[253], travada em 29 de Agosto de 1526, entre o exército do reino da Hungria, liderado por Luís II (1506-1526) e as forças turcas de Solimão, *O Magnífico* (1494-1566), que culminou na morte do rei húngaro e no fim da independência do Reino da Hungria, a ameaça turca volta, em 1532, a pairar sobre Viena, dado o envio por Solimão de um grande exército com vista ao estabelecimento de um novo cerco, que contudo nunca chegou a materializar-se devido

[252] João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit., p. 259.
[253] Batalha onde a artilharia e o fogo de mosquetes desempenharam um papel crucial.

à histórica resistência do pequeno contingente croata no cerco de Güns[254], que fez paralizar o gigantesco corpo militar turco[255].

O desespero foi tal que o imperador Carlos V teve mesmo de pedir auxílio a outros príncipes cristãos, nomeadamente D. João III de Portugal. Por esta altura, Portugal, é alvo de idêntica pressão no extremo Oriental do império otomano, confirmando-se assim o carácter decididamente modernista da Cruzada evocada anos antes pelo reformador alemão[256].

A carta enviada por Leão X a D. Manuel – que o fidalgo transcreve no seu texto[257] – no quadro temático da conquista de Azamor pelo duque D. Jaime, reflecte bem a firmeza do apoio concedido pelo pontífice ao rei português no seu empreendimento além-mar. Um apoio maximizado pelo facto de a gesta portuguesa servir de exemplo aos restantes reis cristãos acerca do caminho a seguir e dos erros a evitar:

> "E noos amoestandote claramente conheçemos açerca de ti ser o Juizo de deus, por que a quem conçedeo elle ho que a ti, que tendo as mãos de todo limpas de sangue christão, que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses. sem embarguo disto cada dia tuas armas trazem consiguo grande gloria E nenhuma malquerença, a qual honrra E ornamento a ti dada da graça do Rei çelestial, atee teus derradeiros dias conseguiras segundo confiamos se nam te moueres. todo o outro louuor ficara abaixo desta tua virtude E amor de deus. E por tanto em nos escreueres que tens vontade de trazeres o Reino de feez E maRocos da çuJa E sobeJa de nação de mafamede ao conheçimento da verdade, çertamente muito te louvamos esta tua vontade. E çerta esperança temos que todalas cousas te soçederão segundo teus deseJos. mas muito maiores graças aJnda damos a deus que por ti nos daa sinaes mui çertos de ter comnosco pera melhores cousas dada sua vontade, por que querendote elle, te vngio de virtude E pos teu caminho sem Reprensão. E ensinou tuas mãos pera combate. E pos teus

[254] Também conhecido como cerco de Kőszeg, no reino da Hungria.
[255] Cf. Daniel Goffman, *The Ottoman Empire and Early Modern Europe*, op. cit., pp. 131-234; Donald Quataert, *O Império otomano. Das origens ao século XX*, op. cit., pp. 13-58; Halil Inalcik, *The Ottoman Empire: The Classical Age 1300-1600*, New Rochell (NY), Aristide D. Caratzas, 1989, pp. 193-245; Oscar Browning, *The age of the Condottieri - A short history of mediaeval Italy from 1409-1530*, op. cit., pp. 87-123; Stephen R. Turnbull, *The Ottoman Empire 1326-1699*, op. cit., pp. 22-67; Thomas F. Arnold, *The Renaissance at War*, op. cit., pp. 85-106; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit., pp. 89-112, 401-417.
[256] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III*, op. cit., pp. 272-273.
[257] O fidalgo transcreve a versão portuguesa do breve *Saepe egimus*, de 18 de Janeiro de 1514, no qual Leão X felicita D. Manuel pela tomada de Azamor; in *MFC*, f. 174v a f. 176r. Cf. "Breve do Papa Leão X dirigido a el-Rei. 1514 – Janeiro 18." in *Corpo Diplomatico Portuguez…,* op. cit., pp. 214-216. Esta missiva papal surge como resposta à carta enviada por D. Manuel ao pontífice romano no final do mês de Setembro de 1513. Cf. "Carta de el-Rei ao Papa Leão X. 1513 – Setembro 30." in *Corpo Diplomatico Portuguez…,* op. cit., pp. 207-209.

> braços assi como arco darame. E claramente nos mostrou ser per todolos pouos fiees sua saude desejada, por que em fim, em algum tempo dando cabo a nossos continos danos possamos cuidar em acreçentamento da fee E honrra do nome cristão, pollo qual noos em nenhuma cousa nem de dia nem de noite cuidamos em nosso coração senão em que maneira faça paz antre os Reis christãos, E possamos mudar as armas contra o herege mafomede. E assi como em tua virtude E amor de deus muito grande esperança posemos de se huma cousa E outra fazer. E assi tambem a deus humildosamente pedimos que por sua piedade nos de sahida a este nosso desejo pera que da aJuda E poder de tua magestade nos possamos aproueitar muito mais çedo pera fazer muito grandes E muito santas cousas."[258]

No entanto, como o fidalgo refere logo a seguir, os projectos temporais (leia-se pessoais) do vigário de Cristo sobrepõem-se, afinal, à urgência de constituir uma frente armada imbuída do espírito de Cruzada para fazer frente aos avanços do turco, que à época ainda não conhece a derrota (elemento psicológico que actua de forma determinante sobre as angustiadas populações cristãs de fronteira ou que habitam próximo desta, seja terrestre ou litoral):

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees."[259]

O autor não deixa assim escapar a oportunidade para criticar o papado e apresentar a sua opinião perigosamente sincera ao seu senhor. Não tivesse o texto como único destinatário D. Jaime e provavelmente o seu conteúdo a este nível seria bastante diferente, dada a ousadia das palavras do fidalgo contra o líder da Cristandade.

[258] *MFC*, f. 175v e f. 176r.
[259] *MFC*, f. 176r.

Palavras, enfim, que pela sua natureza crítica ao papado em nada distam dos textos de Reforma que muito em breve irão fazer explodir a unidade religiosa da Europa.

Em síntese, apesar de todas as manifestações em prol do desenvolvimento da guerra de Cruzada contra o turco de forma concertada entre as nações cristãs, o facto é que Leão X acaba por trilhar o mesmo caminho que Júlio II (porventura com a agravante de este papa ter levado a cabo uma política puramente secular no sentido último do engrandecimento dos Estados Pontifícios, ao passo que o pontífice florentino visa sobretudo na sua acção temporal o engrandecimento da casa Médici), acabando também por afastar-se de forma irremediável desse tão proclamado e enaltecido primeiro projecto.

Em relação a Portugal fica, por um lado, o registo do entusiástico apoio do papa Leão X aos projectos militares de D. Manuel e, por outro lado, do facto de na corte pontifícia a conquista de Azamor, em 1513, tal como a de Malaca, em 1511, ser festivamente celebrada com missas e homilias.

Pela voz do pontífice, que exulta os feitos armados e de expansão da fé cristã dos portugueses como o prenúncio de novos tempos para a Cristandade – o dealbar de uma nova idade de um império cristão universal –, o fidalgo revela como Roma legitima D. Manuel enquanto justo herdeiro dos antigos cruzados. A prova reside no facto de, nessa época, ao ser considerada a possibilidade de se organizar uma Cruzada contra os turcos envolvendo várias forças cristãs, D. Manuel I apresentar-se como um dos três líderes dessa expedição, a par do imperador e do rei de França[260].

As *MFC* apresentam igualmente importantes alusões aos reinos da Hungria e da Polónia no quadro da problemática do apelo ao movimento de Cruzada.

Com efeito, ambos estes reinos surgem como impulsionadores efectivos do combate de índole religiosa contra o turco. Aliás, não é por acaso que, em 1521, perante a iminente ameaça turca, o rei da Hungria pede auxílio a D. Manuel[261].

Situação a que não é alheia o facto de quer a Polónia quer, sobretudo, a Hungria se encontrarem à época localizadas próximo da fronteira noroeste do império turco (ver

[260] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit., pp. 314-317.
[261] *Idem*, *ibidem.*

fig. 2), o que só por si implicava uma pressão militar otomana constante sobre o dia-a-dia das populações civis destes reinos.



Figura 2. *Império otomano entre os séculos XV e XVII.*

Esclarecedora neste âmbito é a passagem do texto do fidalgo relativa à "vinda do cardeal de striguonia vngaro a Roma"[262]:

> "Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo. (…) E trazem todos bandeiras nas lamças quando andam caminho. a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas nações que em todo tempo que estiue em Roma vi. tirando a embaixada de portugual."[263]

[262] *MFC*, f. 164r.
[263] *MFC*, f. 164r e f. 164v.

Tal como com Portugal, é o cardeal de "striguonia" – Tamás Bakócz (1442-1521), cardeal de Esztergom, na Hungria – que por sua iniciativa pessoal mantém a guerra contra o inimigo turco. Daí que talvez não seja fortuita a observação do autor – onde é fácil de identificar um inflamado espírito de Guerra Santa, perfeitamente de acordo, aliás, com o ambiente ideológico dominante no seu reino de origem – de que "a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas nações que em todo tempo que estiue em Roma vi. tirando a embaixada de portugual."[264]

Mais adiante no seu texto, o fidalgo volta a referir esta embaixada e o reino da Hungria no âmbito da acção de Cruzada. Desta feita, porque após o cardeal ter regressado à sua terra natal com poderes de legado papal e bula de Cruzada contra os otomanos, o rei húngaro reservou para si os fundos resultantes da pregação da mesma Cruzada ao mesmo tempo que acordou paz com os turcos. Tal conduta enfurece a população húngara, que apela, ela própria, à guerra contra o turco, o que faz antever a relação tensa entre ambos os povos nestes anos iniciais do século XVI.

A revolta assume tal proporção que, segundo o fidalgo, o povo encerra o próprio rei numa cidade. A paz só chega com a intervenção papal:

> "Como o cardeal destriguonia se partio pera vngria. E como os vnguaros se aleuantaram contra seu Rey. O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou. E el Rei despois de ter o dinheiro que se della ouve em sua mão, fez paz com os turcos por çertos anos. E escandalizado o pouo de çessar a guerra contra os Jnfiees, E Reter el Rei o dinheiro da cruzada, se aleuantaram contra elle, dizendo que fizesse loguo a guerra, ou posesse ho dinheiro em mãos de quem elles ordenassem. foi esta contenda tanto avante que a guerra se começou antre elles tam braua que o pouoençaRou el Rei em huma çidade. E diziasse que empalaram hum grande perlado enviado a elles pollo leguado pera os apaçificar com el Rei. E que traziam capitão geral, a que obedeçiam como a Rei. E estando assi el Rei em tam extrema neçessidade escreueo ao papa dandolhe conta de sua fortuna pedindolhe que mandasse por Remedio nisto E sua santidade mandou nunçios que os poseram em paz."[265]

[264] *MFC*, f. 164v.
[265] *MFC*, f. 203r.

Igualmente reveladora é a passagem do texto do fidalgo concernente à "embaixada E obediençia que el Rei de polonia mandou ao papa"[266].

Neste ponto, pela voz do bispo polaco enviado a Roma, o autor acentua como os polacos, do mesmo modo que os húngaros, combatiam o infiel às "portas demarcando E confinando com elles"[267], não necessitando de seguir o exemplo de "el Rei de portugual [que] os hia buscar Alem do mar."[268]

É, aliás, este argumento que o prelado – vendo que "o papa conçedera as JgreJas de portugual a el Rei no abito de christus pera os caualeiros fazerem guerra aos mouros em africa"[269] – utiliza para aconselhar o seu soberano a "pedir as de seu Reino pera os seus caualeiros, pois a elle convinha com mais Justa causa pedir"[270]. Afinal, os "Jmiguos" estavam nas suas fronteiras, como estiveram em séculos anteriores nas de Portugal, o que tornava o seu pedido mais justo.

A resposta do monarca polaco reflecte a forma como, desde há muito, este reino se debate com a ameaça infiel (neste caso, o grupo étnico turcomano dos tártaros) por sua própria conta:

> "Respondeolhe el Rei que hum Rei dos seus antepassados hindo com grande oste contra os tartaros fora delles vençido E desbaratado, morrendo de seu exerçito mais de trinta mill guerreiros. E que elle escapara E viera a seu Reino çingido de cordas desparto, E que cria que toda esta maa ventura lhe viera por que metera as mãos nos tesouros da JgreJa de que de seus ornamentos leuara muita prata E ouro. E em satisfação destes tesouros mandara fazer as mais prinçipaes JgreJas que aguora avia em seu Reino. E que dahi em diante, sempre a guerra se mantiuera contra os Jnfiees avendo contra elles muitas vitorias sem outro algum Rei seu anteçessor meter mais a mão nas cousas da JgreJa. E que assi esperaua elle que nosso senhor o aJudaria sempre E aos que despois delle viessem. foi esta Reposta sabida per toda a corte E mui louvada de todos." [271]

Como se pode concluir, segundo o fidalgo, o apelo à Cruzada existe de facto, quer pela voz de Júlio II, quer por Leão X (bem mais firme que o do seu antecessor,

[266] *MFC*, f. 202v.
[267] *Idem*, *ibidem.*
[268] *Idem*, *ibidem.*
[269] *Idem*, *ibidem.*
[270] *Idem*, *ibidem.*
[271] *Idem*, *ibidem.*

saliente-se[272]). Contudo, não passa de um projecto teórico, pois a concretizarem-se acções de efectiva Cruzada elas só acontecem por iniciativa autónoma de determinados príncipes.

Em ambos os casos, os projectos temporais de carácter pessoal dos pontífices sobrepõem-se ao projecto de Cruzada, que tarda assim, continuamente, em realizar-se de forma concertada pelos príncipes cristãos, à semelhança do que aconteceu na primeira Cruzada tão emotivamente evocada em Roma aquando das celebrações pela conquista de Azamor por D. Jaime, duque de Bragança.

As bulas papais são efectivamente redigidas e entregues, visam todavia não uma frente armada transnacional, mas sim empresas militares de reinos específicos.

3. Novas armas, novos protagonismos no campo de batalha

É um dado incontestável que a arte da guerra mudou profundamente na viragem do século XV para o século XVI. É um processo longo, estruturante, que envolve facetas tão multifacetadas da existência humana como a cultura, a sociedade, a política, a economia, a ciência e a técnica; sendo, por isso, considerado em íntima relação com o fenómeno mais geral do Renascimento, do qual é causa e consequência[273].

---

[272] "Na sequência dos primeiros triunfos claros no Índico e da criação formal do Estado da Índia, D. Manuel I procurou tomar a iniciativa. Assim, em 1506, procurou organizar a Grande Cruzada com o apoio directo de Fernando, *o Católico*, e de Henrique VII e o eventual apoio do imperador, do rei de França e do rei da Hungria. Duarte Galvão, seu secretário, foi enviado a Luís XII, a Maximiliano e a Júlio II, enquanto Frei Henrique de Coimbra visitou as cortes de Castela e da Inglaterra. Henrique VII aceitou o projecto de boa vontade, mas Fernando enfrentava graves dificuldades internas, devido à chegada a Castela da rainha Joana e de Filipe de Áustria, como veremos de seguida. O papa Júlio II, por sua vez, não se interessou pelo projecto. Diga-se, a propósito, que este pontífice, demasiado embrenhado nas guerras de Itália, foi pouco favorável à causa manuelina." *in* João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit., p. 259; "Em 1517, a organização de uma expedição à Terra Santa voltou a estar na forja, como reacção à conquista do Egipto pelos Turcos. O papado estava agora nas mãos de Leão X, que teve na cruzada um dos seus principais objectivos. Perante o empenho do sumo pontífice, D. Manuel I voltou a enviar embaixadas a várias cortes europeias, apelando à união e à guerra contra os muçulmanos. O sonho da cruzada jamais seria abandonado pelo *Venturoso* até ao fim dos seus dias." in *Idem*, *ibidem,* p. 260; "Dispondo do apoio incondicional do papa Leão X, bem mais favorável aos teresses estratégicos de Portugal e à ideia de Cruzada que os seus antecessores, Alexandre VI e Júlio II, e contando com a aliança firme do imperador Carlos V, D. Manuel aspirava a poder comandar em breve a cruzada contra o bloco islâmico. À sua influência no contexto da geostratégia do Ocidente cristão, D. Manuel acrescentava um trunfo que finalmente alcançara, após anos de buscas afincadas — o Preste João." in *Idem*, *ibidem,* p. 347.

[273] Cf. A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão (dir.), *Nova História de Portugal. Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. V, João José Alves Dias (coord.), Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 65-68; Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit., pp. 155-187;

Os anos em que o fidalgo habitou em Itália proporcionaram alguns dos momentos mais expressivos desta revolução[274], nomeadamente as batalhas de Ravena e do Marignan, onde o protagonismo da artilharia e da infantaria foi absoluto, como tivemos a oportunidade de anteriormente observar[275].

Claramente consciente desta profunda mutação na prática da guerra, o autor informa o duque de Bragança do papel desempenhado pelos elementos mais emblemáticos da mesma nos actos bélicos concretos que presenciou ou de que teve notícia, antecipando assim, de alguma forma, nos vibrantes e expressivos fólios que redige, a definição atribuída séculos mais tarde por Clausewitz (1780-1831) à guerra, de que esta é "Uma mera continuação da política por outros meios"[276].

Com efeito, como várias vezes já referimos no âmbito da nossa reflexão sobre a relação nas *MFC* entre a guerra e o exercício efectivo do poder nos alvores de Quinhentos, o fidalgo dedica uma atenção especial no seu testemunho à utilização das armas de fogo, em particular o canhão; ao estabelecimento de novos critérios defensivos no levantamento de fortificações ou na adequação das já existentes; ao novo protagonismo da infantaria nos campos de batalha, onde merecem peculiar destaque as formações espanholas e suíças.

Ainda que não manifestado de forma tão explícita como os itens anteriores, podemos depreender do texto do fidalgo um quarto elemento arquétipo da nova era que se vive então no universo da prática da guerra: o aumento considerável da dimensão dos exércitos[277], em boa parte devido à cada vez maior frequência do estabelecimento de cercos, uma actividade que envolve sempre numerosos efectivos.

Não será estranho a este facto, a importância que o destinatário do seu texto atribuía às questões militares fundamentais para a prossecução dos interesses políticos e militares dos portugueses, sobretudo no ultramar, fosse em Marrocos, fosse no Oriente,

---

Bert S. Hall, *Weapons and Warfare in Renaissance Europe. Gunpowder, Technology, and Tactics*, Baltimore and London, John Hopkins University Press, 1997; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 152-186; Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, op. cit., pp. 141-176.

[274] Cf. Frank Tallett, *War and Society in Early-Modern Europe, 1495-1715*, op. cit., pp. 21-68 e 148-245.

[275] A superioridade da artilharia francesa contribuiu em grande parte para as vitórias de Luís XII e de Francisco I em Itália, nomeadamente em ambas estas batalhas. Cf. David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 95-123 e 152-186.

[276] Carl von Clausewitz, *Da Guerra*, Lisboa, Ed. Perspectivas e Realidades, 1976, p. 24.

[277] Cf. John Rigby Hale, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, Montreal and Kingston, McGill-Queen's University Press, 1998, pp. 46-126.

ou não se tratasse do líder da segunda maior casa aristocrática do reino e membro do conselho régio.

Seguramente ávido de informações acerca dos desenvolvimentos militares que, no momento, têm lugar em solo italiano – em particular ao nível do armamento –, D. Jaime decerto apreciaria todos os dados que lhe fossem fornecidos pelo fidalgo. Afinal, para o autêntico conhecimento e efectivo domínio das inovações tecnológicas e táctico-estratégicas introduzidas no universo da prática guerreira, tão importante é a posse física das peças como o pleno controlo dos conceitos e da teoria. Daí que o mais elementar dado informativo seja sinónimo de poder real e efectivo sobre o objecto em si e, mais importante, sobre o seu modo de funcionamento, ou seja, a melhor forma de explorar todas as suas potencialidades. Um excelente exemplo desta premissa, no caso concreto de D. Jaime e do programa político internacional português coevo, situa-se ao nível das fortificações e da artilharia[278].

Neste ponto é, portanto, válido assinalar a importante questão da influência decisiva que o horizonte de expectativas do público leitor (ainda que se trate de uma única pessoa) tem na construção do texto final pelo autor[279].

Ao observarmos o texto do fidalgo depreendemos como para este as "novas" armas (incluímos nesta ampla classificação não apenas as armas de fogo, mas também a infantaria, o novo modelo de fortificações que surge então em Itália, o importante e original papel atribuído à cavalaria ligeira ou estradiota, entre outros elementos) exercem um profundo efeito não apenas sobre o sistema militar mas também sobre o sistema político e, consequentemente, sobre as relações de força entre as entidades intervenientes nos conflitos que então têm lugar em solo itálico, em grande parte devido ao facto de constituírem poderosos símbolos de poder. Para o viajante português é inequívoco que a guerra e os seus desenvolvimentos específicos são impossíveis de separar da política e da constelação de poderes então vigentes. Trata-se de um delicado jogo onde todas as peças se encontram em íntima relação, determinando-se umas às outras em igual medida.

Largamente evocada pelo fidalgo, a artilharia assume um verdadeiro protagonismo nos campos de batalha nomeados nas *MFC*. Apenas a infantaria, em

[278] Cf. Robert L. O'Connell, *História da Guerra*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997, pp. 7-22.
[279] Cf. Hans Robert Jauss, "Literary history as a challenge to literary theory" in *Toward an Aesthetic of Reception*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1985, pp. 3-45.

particular a espanhola, cujo valor é reiteradamente referido no texto, mais até que a suíça[280], pode rivalizar com este tópico bélico em termos de atenção concedida pelo autor.

Alguns momentos destacam-se, no entanto, surgindo como verdadeiros arquétipos relativamente ao tema. Falamos, nomeadamente, das batalhas de Ravena e do Marignan, os dois principais confrontos armados de que o fidalgo dá conta no seu relato e nos quais a artilharia teve um desempenho decisivo, premissa confirmada, aliás, pela historiografia especializada coeva e contemporânea[281].

Logo no início da descrição da batalha de Ravena, o fidalgo resume de forma exemplar o impacto que a novidade da guerra à distância criara na forma de conceber o próprio conflito armado neste período de viragem civilizacional na *Velha* Europa:

> "os françeses assentaram sua artelharia, mas os espanhoes tinham a sua assentada em mais avantaJoso luguar, E assi seu exerçito, a qual dambalas bandas começou de tirar. E afirmauasse que passara mais de duas oras este Joguo fazendo grande estraguo em ambolos aRayaes na Jente darmas. E que o prior de meçina começou bradar vendo assi perder tantos E bons caualeiros que melhor era moRer As mãos de seus Jmiguos na batalha que como passaros dos tiros da artelharia." [282]

Este passo das *MFC* é verdadeiramente emblemático da mutação que então se vivia nos campos de batalha europeus e, sobretudo, no quadro mental dos combatentes coevos, pois refere de forma inequívoca o desespero daquele que é considerado o melhor combatente do lado da *Liga Santa* – ou seja, segundo o modo medieval de fazer

[280] A fama da perícia das tropas suíças foi ultrapassada pela eficácia da infantaria espanhola, cuja táctica se inspirava nos modelos praticados pelas pequenas unidades de infantaria romana e também pela falange macedónica. Verifica-se, pois, uma renovação da ligação com a Antiguidade, agora, contudo, numa abordagem mais pragmática, pois o que interessava verdadeiramente era uma resposta eficaz às necessidades práticas da guerra dos séculos XV e XVI. Cf. Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, op. cit., pp. 29-61 e John Rigby Hale, *Renaissance War Studies*, London, Hambledon Press, 1983, pp. 471-486.

[281] Para a historiografia especializada contemporânea cf. Bert S. Hall, *Weapons and Warfare in Renaissance Europe: Gunpowder, Technology, and Tactics*, op. cit., pp. 123-176; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 152-186; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, op. cit., pp. 81-102 e 180-204; John Rigby Hale, *Renaissance War Studies*, op. cit., pp. 335-358; Thomas F. Arnold, *The Renaissance at War*, op. cit., pp. 15-22. Por sua vez, para a historiografia coeva cf. Francesco Guicciardini, *The History of Italy*, vol. V, Tenth Book, *op. cit.,* pp. 392-432 (relativamente ao papel desempenhado pela artilharia na batalha de Ravena) e Francesco Guicciardini, *The History of Italy*, vol. VI, Twelfth Book, *op. cit.,* pp. 338-375 (para o papel desempenhado pela artilharia na batalha do Marignan).

[282] *MFC*, f. 155r.

a guerra onde é o individualismo que prepondera – perante a devastação provocada entre os cavaleiros pelo fogo de artilharia dos franceses. Esta referência ao facto de ser a cavalaria a grande sofredora às mãos da artilharia é extremamente significativa do ponto de vista simbólico. A decisão do *prior de meçina* surge, pois, como um grito de desespero que se pode interpretar como o "canto do cisne" da forma de pelejar que predominou nos campos de batalha medievais, onde o valor do combate individual, dito "cara a cara" ou "homem a homem" representava o próprio fundamento e razão de ser de toda uma classe social.

Nesta passagem podemos, enfim, ler não apenas uma mudança estrutural na forma de fazer a guerra na viragem do século XV para o século XVI, mas igualmente uma alteração profunda quer na estrutura da sociedade coeva, pois o cavaleiro, guerreiro individualista por natureza, perde grande parte da sua importância, a qual está intimamente ligada à classe nobre, quer na psicologia social intrínseca à prática guerreira.

Por outro lado, ao salientar que o uso da artilharia ocupou metade do tempo total do conflito, o autor dá plenamente a ver quer a importância atribuída a este novo tipo de armamento, quer a forma bem diversa como a prática da guerra nos alvores de Quinhentos surge em relação aos séculos medievais:

> "foi esta cruel batalha dia de pascoa da Resurreição da era de mil E quinhentos e doze anos. durou quatro oras, scilicet, duas oras que Juguou a artelharia E duas que peleJarom."[283]

Como já referimos, a batalha do Marignan, em 1515, é o outro grande cenário bélico onde a artilharia é evocada com particular destaque pelo autor. E esta atenção especial surge logo na descrição da chegada dos franceses e do seu rei – que lidera pessoalmente o seu exército, saliente-se – a Itália, quando o fidalgo observa que "Passou el Rei de França os alpes com grandissimo trabalho per luguares desviados E asperos nom pensados, leuando diante seis mil guastadores talhando os montes, fazendo ocultas E nouas estradas per onde a artelharia E o grande exerçito podesse passar."[284]

[283] *MFC*, f. 156r.
[284] *MFC*, f. 209v.

É inequívoco nesta passagem o protagonismo da artilharia, apenas equiparada ao "grande exercito", ou seja, a todas as demais unidades que compõem todo o exército francês, nomeadamente a infantaria, a cavalaria, ligeira e pesada, intendência, saúde, corpos mercenários, guarda pessoal do rei, entre diversas outras. A própria opção estratégica tomada por Francisco I de seguir "per luguares desviados E asperos nom pensados" e os riscos que ela comporta tratando-se de fazer avançar peças de artilharia revela como este armamento ocupa uma posição crucial no desempenho do exército como um todo. Por si só, o número brutal de *guastadores* necessários para fazer "ocultas E nouas estradas" nos Alpes com vista à passagem da artilharia constitui um precioso indicador desta importância nevrálgica.

Por outro lado, este passo das *MFC* revela de forma clara como ao aparecimento de novos armamentos correspondem novas exigências logísticas, de transporte, de especialização dos soldados envolvidos, neste caso os artilheiros. Isto sem contar com todas as exigências associadas ao fabrico em si.

Com efeito, desde os primórdios de Quinhentos, a artilharia viu facilitada a sua manobrabilidade, manuseamento e transporte com a introdução nas peças de um importante conjunto de inovações técnicas como o eixo dianteiro móvel e um, ainda que rudimentar, mecanismo de suspensão (certamente bastante explorado nesta arrojada travessia dos Alpes por Francisco I de França) que evitava que os balanços nas estradas, quase sempre em mau estado, desmantelassem as viaturas. O resultado prático destas inovações foi que, como se viu nas vésperas do confronto de Marignan, a artilharia pesada passou a acompanhar em termos de velocidade de deslocação um exército em pleno avanço.

Da mesma forma, a capacidade mortífera da artilharia aumentou exponencialmente quando, a partir de cerca de 1480, se adoptou a pólvora granulada, a qual permitiu obter uma maior previsibilidade da força das explosões, bem como efeitos uniformes com as mesmas[285]. Junta-se a este melhoramento a adopção, para corrigir a apontaria, primeiro da cremalheira e logo depois do munhão, que permitia apontar sem ter de erguer a carreta, ela própria já munida com rodas com raios[286].

[285] Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, op. cit., pp. 170-176.
[286] Nos finais de Quatrocentos os franceses equiparam as carretas para canhão com dois e três rodados.

Neste ponto é de realçar que, não sendo militar, Maquiavel não apreendeu o autêntico significado da revolução provocada pela introdução das armas de fogo[287], em particular da artilharia pesada, e, consequentemente, o papel das fortificações[288] e, em geral, de toda a engenharia militar. Na verdade, a sua profunda ligação ao mundo romano antigo impediu-o de compreender que a guerra dos tempos modernos se pautava, sobretudo, pela experiência prática e quotidiana do combate efectivo, o que implicava novas e urgentes inovações, bem como a busca de respostas adequadas às mesmas – é o caso da relação dialéctica entre artilharia e sistemas defensivos[289]. Não compreendeu igualmente a importância crucial de inovações tácticas como a elevação da cavalaria ligeira a arma independente de primeira linha[290].

No entanto, é irrefutável que o pensador e político florentino tinha plena consciência de que, no seu todo, a natureza da guerra tinha mudado de forma irreversível. Comprova-o a tentativa de explicitar esta mutação na obra *A Arte da Guerra*[291], bem como a sua posição acerca das limitações e perigos da utilização de mercenários[292] e a sua antevisão da necessidade dos príncipes utilizarem exércitos nacionais se quisessem utilizar e controlar efectivamente toda a sua capacidade militar[293]. Se juntarmos estas posições à sua defesa exaltada do papel da infantaria[294], percebemos que a tese de Maquiavel corresponde, de facto, ao novo e já moderno sentimento proto-nacional que então se impunha na Europa ocidental.

A batalha do Marignan, ocorrida entre 13 e 14 de Setembro de 1515, dividiu-se claramente em duas fases correspondentes aos dois dias de conflito. No primeiro dia, a vitória coube aos suíços, precisamente porque conseguiram tomar a artilharia francesa que estava a cargo do célebre *pero navarro*, agora comandante pelo lado francês, pelas razões já antes apresentadas: "nesta primeira batalha os soiços ouveram o milhor, E tomaram a artelharia a pero navarro que a trazia na sua companhia."[295] Ou seja, a

---

[287] Cf. Nicolau Maquiavel, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio, "Discorsi"*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994, pp. 243-247.
[288] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 267-272
[289] Cf. Jose Antonio Maravall, *Antiguos y modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*, Madrid, Alianza Editorial, 1986, pp. 537-550.
[290] Cf. Nicolau Maquiavel, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio…*, op. cit., pp. 249-252.
[291] Cf. Idem, *A Arte da Guerra*, São Paulo, Martin Claret, 2007, pp. 113-125 e 127-134.
[292] Cf. Idem, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio…*, op. cit., pp. 257-258; Idem, *O Príncipe*, op. cit., pp. 169-174.
[293] Cf. Idem, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio…*, op. cit., pp. 83-84 e p. 141; Idem, *O Príncipe*, op. cit., pp. 175-184, p. 238.
[294] Cf. Idem, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio…*, op. cit., pp. 249-252.
[295] *MFC*, f. 210r.

tomada ou aniquilação da artilharia inimiga impõe-se, desta forma, como a condição para a vitória ou pelo menos para o tomar de uma vantagem importante no conjunto do conflito.

No entanto, no segundo dia, as sortes alteraram-se e a vitória final coube aos franceses devido à decisiva intervenção das forças venezianas, nomeadamente da cavalaria ligeira, agora utilizada com todo um novo protagonismo táctico, que fizeram desequilibrar a balança. A não verificar-se este súbito reforço o sucesso da contenda seria dos suíços, em número consideravelmente inferior:

> "Como se deu a segunda batalha na qual o duque E os soiços foram vençidos. Ao dia seguinte mui de madruguada os soiços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua. E Jsso mesmo sahio com elles o duque com quinhentos de caualo por que nam tinha mais consiguo. diziasse que el Rei de França se nam deçera de seu caualo toda a noite passada. E quando os soiços apareçeram elle estaua a ponto pera dar batalha a qual se trauou aspera E cruel. E A ora de noa os françeses se começaram de Retraher a mal seu grado. E estando os françeses em tempo de ser perdidos cheguou de novo ao aRaial de França bertolameu daluiano capitão dos venezeanos com seu exerçito ao qual el Rei esperaua. E dando de Refresco nos soiços E tornando os françeses sobre elles nom poderam os soiços Resistir A força de tanta Jente. E na melhor ordenança que poderam o duque E elles se tornaram atras. diziasse que os que morreram dambalas partes passaram de quinze mil homens. E que os soiços erão xxb mil E o duque tinha quinhentos de caualo E pouca Jente de pee. E que el Rei de França trazia mais de corenta mil homens de peleJa. E contudo se os venezeanos nam lhe acodiram forão desbaratados daquella vez."[296]

O que o fidalgo relata a seguir apenas confirma o já dito acerca do protagonismo da artilharia nos conflitos dos inícios da modernidade. Após sobreviver à batalha, o duque de Milão refugia-se na fortaleza da cidade, onde espera ser socorrido dos espanhóis ou das forças papais. Contudo, tal não acontece e o rei francês de forma inapelável entra na cidade e ataca de forma contínua a fortaleza até o duque decidir render-se.

A descrição da fortaleza de Milão revela que a mesma não estava preparada para resistir ao fogo de artilharia consecutivo dos franceses. O fidalgo fala de "muros E torres" nos quais os canhões franceses fazem "portaes". Tal referência remete para o facto de a fortificação se inserir nos parâmetros da construção medieval, já anacrónica

[296] *Idem*, *Ibidem.*

nesta época de transição, onde a construção de fortalezas segundo novos princípios defensivos ou, pelo menos, a adaptação das já existentes à nova realidade das armas de fogo dava lugar a um estilo arquitectónico militar de transição que definirá, afinal, este período de verdadeira encruzilhada ao nível militar. De uma forma ou de outra, inegável é que a era das fortalezas medievais, pautadas por torres, altas muralhas verticais, ameias e seteiras tinha chegado ao fim. Os novos princípios de construção militar – cuja principal preocupação, seja no sentido defensivo ou ofensivo, é o canhão – tinham chegado para ficar:

> "o duque se Recolheo A fortaleza de milão onde se cuidou defender ataa ser socorrido. mas nam lhe aconteçeo assi, ca o socorro que esperaua del Rei de castela E do papa foi baldio. el Rei de França seguindo sua vitoria entrou em milão, E prantada sua artelharia mandou bater o castelo per muitos dias fazendo portaes nos muros E torres. en fim vendosse o duque sem Remedio se deu a el Rei."[297]

Certamente não é casual esta referência extremamente objectiva ao tipo de estragos feitos pela artilharia francesa na fortaleza de Milão. Como já assinalámos, D. Jaime de Bragança está indubitavelmente ávido por informações sobre o cenário bélico em Itália nos anos em que o autor aí residiu.

Como podemos verificar nas passagens relativas à batalha de Ravena e ao cerco estabelecido pelos franceses à cidade de Bolonha, factores estratégicos decisivos e, por isso mesmo, relevantes a transmitir ao destinatário do relato são a forma como a artilharia se encontra disposta no campo de batalha e a sua relação com o bom conhecimento do terreno, no sentido da correcta avaliação da dimensão e da geografia do lugar a sitiar:

> "cheguados a Reuena prantada alguma artelharia começaram de bater os muros E estando os espanhoes a vista delles os quaes sentindo a baterya cheguaronse tam adiante que hum pequeno Rio se punha em meo delles."[298];

> "os françeses assentaram sua artelharia, mas os espanhoes tinham a sua assentada em mais avantaJoso luguar, E assi seu exerçito, a qual dambalas

[297] *MFC*, f. 210v.
[298] *MFC*, f. 151v.

bandas começou de tirar. E afirmauasse que passara mais de duas oras este Joguo fazendo grande estraguo em ambolos aRayaes na Jente darmas."[299]

No trecho relativo ao fracasso francês no cerco a Bolonha, o autor manifesta mesmo como a devida consideração destes dois aspectos – sempre de forma interligada – é crucial para a boa utilização e garantia de inviolabilidade da artilharia de assalto:

"E tornados os embaixadores, o papa fez o que avi[a]m conçertado. em quanto Jsto assi passaua E o termo durou os françeses teuerom sempre seu campo sobre a çidade, scilicet, de huma soo banda por que a çidade hee mui grande pera ser toda çercada que nam bastaua a Jsso muitos exerçitos E ha combatiam mui ameude atee que no derradeiro dia do termo em que esperauão poer todas suas vltimas forças pera a entrar os da çidade tomaram hum sotil conselho pera os vençer. estaua o aRaial assentado Junto com hum Rio que entraua na çidade que se chama Rem, o qual entra per humas portas do muro que tem humas grossas grades de ferro. E polla porta nam pode entrar mais aguoa na çidade que a que cabe pollo canal do Rio. E alem das grades tem da parte de dentro humas portas dalçapõe de dentro de ferro as quaes portas no derradeiro dia do termo A tarde vindo o Rio creçido as deixaram os da çidade cahir E tapando a entrada do Rio Represou tanto atras que esprayou E se soltou pollo aRayal dos françeses que estaua mais baixo de maneira que lhe alaguou a artelharia E os desordenou de tal sorte que os da çidade que estauão aperçebidos sahiram a eles E tomaram os prinçipaes E leuaromnos A çidade (…)." [300]

Em suma, a artilharia surge, de facto, referenciada ao longo de todo o relato do fidalgo de Chaves, o que constitui sem sombra de dúvida um precioso indicador da importância desta nos campos de batalha coevos, em particular em Itália. Seja quando o autor chega a determinados lugares, como acontece logo no início do relato aquando da entrada em Palermo, na Sicília, onde descreve os paços do vice-rei e chama a atenção para a presença da artilharia "que o gram capitão tomou aos françeses na batalha do guarelhano."[301]; seja quando evoca guerras e batalhas marcantes como as de Bolonha (1506[302], 1511[303] e 1512[304]), de Polesella (1509)[305], de Agnadello (1509)[306] e La Motta (1513)[307].

[299] *MFC*, f. 155r.
[300] *MFC*, f. 140v.
[301] *MFC*, f. 137r.
[302] Vide *MFC*, f. 140v.
[303] Vide *MFC*, f. 143r e f. 143v.
[304] Vide *MFC*, f. 149v. a f. 150v.

Um derradeiro apontamento para a singularidade simbólica de uma passagem específica das *MFC*; aquela onde o autor, no âmbito da tentativa de Júlio II, em 1512, para reconquistar Bolonha a Annibale II Bentivoglio após a saída da mesma do exército francês, refere a destruição por este último da colossal estátua em bronze do mesmo pontífice concebida por Miguel Ângelo, por encomenda papal, com vista precisamente à construção de canhões:

> "passados Jaa muitos dias E os françeses Ja despidos, sabendo os vintevolhas que o papa trabalhaua de lhes fazer guerra, dauanse a pressa a fazer artelharia. E faltandolhes o metal, ou mais verdadeiramente por nam poderem ver figura do papa, mandaram deRibar huma grande estatua de metal da figura natural do papa que estaua no outam da JgreJa de sam petronio que estaua na praça. E foi derribado deitando cousas"[308].

Como referimos anteriormente, este passo do texto do fidalgo impõe-se como emblemático do protagonismo do canhão e da nova forma de fazer a guerra. Uma forma isenta de escrúpulos em destruir uma imagem única do herdeiro da cátedra do apóstolo Pedro com o propósito de construir um instrumento de destruição até à época sem par (ou até mesmo, como o autor assinala, pelo simples facto de "nam poderem ver figura do papa").

Simbolismo tanto maior quanto o facto de o instrumento bélico resultante deste acto ser o célebre canhão juliano. Com efeito, depois de deitada por terra a estátua será oferecida a Afonso I d'Este, o qual fundirá o bronze para fazer um canhão baptizado a *Giulia*, que será utilizado na batalha de Ravena[309], batalha na qual, saliente-se, o duque de Ferrara, que comandava a guarda-avançada do exército francês, dá provas de grande eficácia com as suas peças de artilharia.

A descrição coeva de Guicciardini relativa ao confronto de Ravena é extremamente impressiva ao nível das consequências físicas e psicológicas resultantes da utilização do canhão: "É uma coisa horrível abrir a cada disparo espaços nas fileiras

---

[305] Vide *MFC*, f. 141v e f. 142r. Nesta batalha uma frota da República de Veneza é destruída e capturada no rio do Pó devido à acção da imponente artilharia de Ferrara, ou seja, pode dizer-se que a sorte do confronto deveu-se quase única e exclusivamente à acção das novas armas de fogo. Este confronto é inclusivamente referido por Ludovico Ariosto no seu poema épico *Orlando Furioso*. Cf. Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso*, [1516], Lisboa, Cavalo de Ferro, 2007, Canto XL, pp. 627-640.
[306] Vide *MFC*, f. 142r e f. 142v.
[307] Vide *MFC*, f. 165r.
[308] *MFC*, f. 144r.
[309] Cf. Thomas F. Arnold, *The Renaissance at War*, op. cit., pp. 15-22.

inimigas, ver saltar os capacetes com as cabeças lá dentro, ver voar pernas e metades de homens."[310] O próprio Maquiavel não deixa de referir que "A violência da artilharia é tal que não há abrigo, por mais protegido, que não destrua em poucos dias."[311]

Num certo sentido, em Itália, a artilharia como que constitui a materialização do deslumbramento do poder, pois além de arma formidável, revela-se – por isso mesmo – um incontestável símbolo de autoridade. Daí que, apesar de provocada por uma multiplicidade de causas, entre as quais as pressões exercidas por grandes transformações económicas e políticas, como a disputa pelo domínio transnacional entre a França e a Espanha, a profunda agitação do clima político vivido em Itália nestes anos está intimamente relacionada com a utilização desregrada das armas de fogo e a brutalidade da guerra daí resultante[312].

Nunca imaginou Carlos VIII, ao entrar altivo e orgulhoso em Itália, em 1494, pelo poderio e novidade do seu poderoso exército e da sua artilharia, que estava a dar o primeiro passo para a decisiva implementação de uma nova era na arte da guerra e, consequentemente, numa nova era civilizacional, pois, afinal, todas as facetas da existência humana acabam, de uma forma ou de outra, por estar relacionadas com a prática do belicismo – veja-se, por exemplo, a forma como a vanguarda intelectual renascentista italiana se vê intimamente envolvida na evolução do armamento; a forma como o comércio e o capitalismo emergente se tornam íntimos de todos os processos que envolvem o desenvolvimento bélico na Itália coeva; e, sobretudo, a forma como a política estabelece de imediato estreitos laços com as novas armas, na medida em que estas estabelecem a diferença no uso da força, fazendo assim revelar as melhores oportunidades para o funcionamento daquela. Em suma, a vantagem tecnológica proporcionada pelas novas armas conjuga dois preciosos elementos, a saber, o poder e a oportunidade política[313].

O exército que liderava constituía, na essência, o protótipo de um novo tipo de guerra, na base do qual se destacava a pólvora e invenções como a utilização de projécteis de metal no exército francês – ferro ou ferro fundido –, agora dotados de

[310] Citado em Tommaso Nediani, *Ravenna*, Firenze, Libreria Editrice Fiorentina, 1921, p. 77.
[311] Nicolau Maquiavel, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio…*, op. cit., p. 243.
[312] Cf. Julius Ralph Ruff, *Violence in Early Modern Europe 1500-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001, pp. 1-43.
[313] Cf. John Rigby Hale, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, op. cit., pp. 209-231; Robert L. O'Connell, *História da Guerra*, op. cit., pp. 141-181.

dimensões precisas[314], em detrimento das tradicionais munições de pedra que estilhaçavam sem provocar a destruição desejada[315]. Será precisamente a partir deste protótipo que, acompanhando o intensificar das *Guerras de Itália*, se irá desenvolver uma vertiginosa corrida ao armamento, na qual participarão os melhores cérebros da época. Por outras palavras, a vantagem que o rei francês considerava a título permanente, até pela inexistência de resistência nos primeiros momentos, cedo se revelou apenas o ponto de partida para aquela que será a pedra-de-toque do desenvolvimento militar do Renascimento: a intensa e célere busca de simetria na tecnologia militar como contra-peso à implementação de desequilibro ofensivo-defensivo[316]. Um processo onde, naturalmente, a experimentação, ou seja, o campo de batalha, era o pano de fundo por excelência.

De tudo isto resultou que, como podemos verificar pelo relato do fidalgo e apesar dos esforços cada vez maiores da diplomacia para evitar o combate, os governos dominantes eram aqueles que tinham capacidade para travar guerras. Daí também que a sociedade e a cultura coevas se tornem eminentemente marciais e imbuídas de um espírito que apelava à competência na guerra (o pensamento de Maquiavel é um bom exemplo): a força (das armas) é aceite como "direito", ou seja, como derradeiro árbitro das questões humanas, e, consequentemente, como a chave para o poder.

É por isso que com o intensificar das *Guerras de Itália* se denota uma clara militarização do quotidiano em Itália. A guerra constante passa a fazer parte da vida, como aliás o texto do fidalgo tão fielmente demonstra em diversos momentos. De reter é que tal militarização é indissociável da larga utilização e divulgação dos novos armamentos, bem como dos originais procedimentos militares que, confronto a confronto, se estabelecem em solo itálico.

Em suma, da leitura das *MFC* depreendemos a existência de uma consciência clara, quer por parte da sociedade quer pelos poderes, de que, fazendo uso das palavras de Maquiavel, as "boas armas" conferem, de facto, a margem necessária para a

[314] Processo que, por sua vez, está na base da noção de calibre.
[315] Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, op. cit., pp. 141-176.
[316] Trata-se na verdade de um processo dialéctico sem fim, materialmente visível no campo das fortificações e dos cercos: uma assimetria do armamento é de imediato seguida da busca do equilíbrio nas armas, verificando-se na sequência a perda das vantagens daquela; sendo que no momento seguinte dá-se de imediato a busca de uma nova assimetria a partir precisamente do desafio levantado pela solução estabelecida. Cf. John Rigby Hale, *Renaissance War Studies,* op. cit., pp. 1-29; *Idem*, "The Development of the Bastion, 1440-1534" in *Europe in the Late Middle Ages*, John Rigby Hale, J. R. L. Highfield and B. Smalley (ed.) Chicago, Northwestern University Press, 1965, pp. 466-494.

superioridade na guerra e, por defeito, para a busca da hegemonia política. Uma relação dinâmica, enfim, que em última instância culmina sempre na procura do equilíbrio de poder, no campo do armamento, como já foi apontado, mas sobretudo no campo político-diplomático-militar, de que a descrição da "segunda guerra dorbino"[317] pelo fidalgo é um exemplo paradigmático.

Mas as referências nas *MFC* às armas de fogo e ao poderio revolucionário e sem igual do tiro à distância não se limitam à artilharia. Com efeito, também a espingarda – e, consequentemente, o novo corpo de guerreiros que utiliza este armamento, os espingardeiros – é alvo de destaque no relato do fidalgo.

Dois momentos merecem particular atenção. Em primeiro lugar, quando, no quadro do cerco a Bolonha montado pelo vice-rei, em 1512, devido à acção dos espingardeiros os defensores não podiam sequer surgir nas ameias dos muros que protegiam a cidade e, consequentemente, defender com eficácia a mesma:

> "O viso Rei cheguou a bolonha ao terçeiro dia A tarde E loguo grande numero despinguardeiros se poserom de Rador dos muros E tirauão a montão As ameas em maneira que os de dentro nam podiam apareçer antre ellas. E os do aRayal buscaram tempo de prantar sua artelharia que loguo na madrugada seguinte começou a Juguar."[318]

Depois, no âmbito da "segunda guerra dorbino"[319], em 1517, quando o próprio comandante supremo das forças papais, Lourenço (II) de Médici, é gravemente atingido no pescoço por um tiro de espingarda:

> "sendo assi ambos os duques entrados na (sic)[320] terras dorbino, ouveram muitos Recontros nos quaes morreo muita Jente, E a maior parte do exerçito do manifico Lourenço [.] E sempre seus feitos foram de mal em pior, E nam da maneira que sohia dizer em Roma que nunca françisco maria tiuera animo de se amostrar com elle cara a cara E desemparara E se sahira de seu senhorio como homem de pouco esforço E ousadia. andando o manifico Lourenço prouendo em assentar a artelharia sobre huma vila que tinha çercada que estaua em guarda despanhoes lhe atiraram E deram sobre o capaçete com hum pilouro despinguarda E lho falsou. E foi tam mal ferido que todo o tempo que a guerra durou, esteue em florença onde

[317] *MFC*, f. 216v.
[318] *MFC*, f. 150r
[319] Quando *Françisco Maria* reconquista o ducado de Urbino a Lourenço (II) de Médici, sobrinho do papa Leão X.
[320] Leia-se *nas terras*

secretamente foi leuado. E da ferida ficou com o pescoço torto, E quasi trazia ho Rosto sobre hum ombro."[321]

Apesar de incluírem também reveladoras referências à artilharia e ao seu papel no estabelecimento de um cerco a um centro urbano, o que distingue verdadeiramente ambas estas passagens é a evocação emblemática da utilização da espingarda enquanto arma letal e de importância estratégica na prossecução de qualquer objectivo militar nesta época.

A segunda passagem, aliás, congrega em si toda a representação de uma profunda transmutação na arte da guerra, pois ao contrário do que se passava na guerra medieval, aqui já não está em questão a distinção pessoal no combate isolado. Trata-se antes e apenas da mera eficácia de um homem de armas novo no campo de batalha: o espingardeiro, o artilheiro ou o arcabuzeiro. Por outras palavras, o fidalgo dá-nos a ver um novo rosto da guerra, nem mesmo experienciado com a acção dos arqueiros, que podem considerar-se como o mais próximo da guerra à distância na Idade Média e na Antiguidade. Um rosto inumano, que na essência representa a antítese de tudo aquilo a que se dava valor no universo das armas medievais[322].

O combate próximo com armas brancas envolve sempre emoções e sentimentos diferentes do tiro à distância, ainda que as armas de fogo contribuíssem enormemente para aumentar de forma sem precedentes a violência no campo de batalha[323]. Daí que a impessoalidade da guerra desse neste período o seu grande salto, sendo a identidade individual dos combatentes ainda mais afectada pelo facto de o uso regular de uniforme se tornar uma prática permanente. Aliás, a diversidade da indumentária guerreira medieval tinha precisamente a função de fazer destacar e individualizar os combatentes.

Outro forte contributo para esta diminuição da identidade do guerreiro no período em questão é o resultante da acção da cadeia de comando, agora incomparavelmente mais rígida e limitadora da independência que o guerreiro medieval tanto cultivava. Aspecto reforçado pelo facto de o treino e a preparação colectiva[324] se

[321] *MFC*, f. 216v e f. 217r.
[322] Cf. João Gouveia Monteiro, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998; José Mattoso (dir.), *Nova História Militar de Portugal*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.
[323] Cf. Julius Ralph Ruff, *Violence in Early Modern Europe 1500-1800*, op. cit., pp. 1-43.
[324] Ao contrário do moderno soldado de infantaria, o cavaleiro não pratica em conjunto, antes em grupos restritos (quase sempre familiares ou ligados à sua Casa) ou em contexto de torneio. Daí também a maior

tornarem a pedra-de-toque na formação do soldado que se pretende uma fiável peça de uma unidade mecanizada[325].

A diferença de estatutos entre os guerreiros em confronto é um aspecto fundamental neste processo de alteração da prática guerreira. Com efeito, enquanto na Idade Média as leis do espírito são bem claras na premissa em que o confronto desejável é o ocorrido entre nobres – vejam-se os duelos – sendo, pois, os verdadeiros e mais dignos feitos de armas aqueles verificados entre homens de nobre nascimento, agora, esse encontro é extremamente difícil de acontecer no seio de uma batalha planeada de forma mecânica. Por outras palavras, torna-se cada vez mais difícil "colocar frente a frente no campo de batalha homens de idêntico estatuto social" [326].

As novas tácticas exigiam que o soldado ficasse onde se encontrava a sua unidade, não podendo pois procurar um adversário específico. Além disso, no meio do caos (barulho, fumo, poeira, estilhaços) provocado pela artilharia e pelas armas de fogo ligeiras era extremamente improvável que esse propósito se concretizasse. Mais ainda, esse código antigo de feito de armas e luta justa e digna deixa de o ser para o soldado de infantaria, bem como para os artilheiros e demais guerreiros que davam corpo à nova lógica do exército, inclusive a cavalaria ligeira, muitas vezes de origem mercenária. A igualdade de preparação e perícia no uso da espada ou da lança é agora irrelevante, residindo aí o cerne da condenação da nova guerra pelo cavaleiro[327]. Como acontece com Lourenço (II) de Médici, um anónimo espingardeiro, provavelmente nos antípodas da sua posição social, à distância, anulou-o como combatente válido e quase lhe tirou a vida. A nobre arma branca que é a espada – símbolo da própria cavalaria e do seu código – é, enfim, eliminada sem misericórdia pela "máquina" que é a espingarda ou o arcabuz.

---

simplicidade das suas tácticas de guerra. Reside aqui, no declínio do papel tradicional da nobreza militar face à infantaria provocado pela utilização cada vez mais intensa das armas novas, em grande medida, a íntima ligação entre a (re)estrutura da sociedade nos alvores do século XVI e a nova forma de lutar com recurso a novos equipamentos bélicos.

[325] Cf. John Keegan, *O Rosto da Batalha*, op. cit., pp. 241-249; Yuval Noah Harari, *Renaissance Military Memoirs (War, History and Identity, 1450-1600)*, Warfare in History, Matthew Bennett (ed.), Woodbridge, The Boydell Press, 2004, pp. 43-89.

[326] John Keegan, *O Rosto da Batalha*, op. cit., p. 242.

[327] Cf. David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 67-94; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, op. cit., pp. 61-80.

O mesmo acontecerá com o afamado *cavaleiro de Bayard* (1473-1524)[328], que, em 1515, no final da batalha de Marignan teve a honra de armar cavaleiro o próprio rei Francisco I. Ideal do cavaleiro medieval e paradigma do herói francês nas *Guerras de Itália*, Bayard foi abatido a tiro por um humilde e anónimo espingardeiro a 30 de Abril de 1524. Tornavam-se, pois, factos irreversíveis que o mais plebeu dos homens podia abater à distância o mais honrado e nobre dos cavaleiros, e que a espingarda, tal como o canhão, começava a impor-se como novo instrumento por excelência dessa mesma morte à distância.

Se treinados com eficiência, os grupos de tiro à distância eram irrefutavelmente superiores e mais eficazes que os grupos de cavaleiros, o que acaba por provocar um lento abandono pelos nobres da prática do combate isolado no campo de batalha, preferindo ao invés a posição mais resguardada de comando que, além disso, encerra a vantagem de não os fazer perder a influência e a posição militar que em termos sociais os distinguia anteriormente, nomeadamente em favor dos capitães *condottieros* que eram profundos conhecedores das novas práticas de guerra, que eles próprios ajudaram em muito a desenvolver[329].

No entanto, apesar de tudo isto, as *MFC* ainda se situam num contexto de transição, ou seja, onde convivem as duas realidades: por um lado, a nova prática da guerra, tendencialmente colectiva, mecânica e impessoal; e, por outro lado, o esforço quase desesperado por parte do nobre de manter viva a sua função e prestígio nas armas e de resistir, enfim, à mudança na prática da guerra e ao crepúsculo do fervor e da exaltação do combate individual. O fidalgo dá diversos exemplos deste último cenário, sendo o mais notório a descrição dos feitos de armas por um conjunto de figuras emblemáticas na acção guerreira individual (tanto que o autor aponta nomes e acções específicas) logo após a batalha de Ravena. As referências à acção de Gaston de Foix, sobretudo no momento em que desafia o melhor cavaleiro do lado espanhol, o "prior de meçina", para um combate individual e particularmente na forma cavaleiresca como o faz[330], e do próprio Francisco I consolidam esta posição híbrida do testemunho do

[328] Trata-se de Pierre Terrail LeVieux, tradicionalmente denominado pelo seu carácter e valentia de "*chevalier sans peu et sans reproche*". Cf. André Teixeira, *Fortalezas do Estado Português da Índia, Arquitectura Militar na Construção do Império de D. Manuel I*, Lisboa, Tribuna da História, 2008, pp. 13-22.

[329] Cf. John Keegan, *O Rosto da Batalha*, op. cit., pp. 241-249.

[330] "diziasse que estando os aRaiaes A vista hum do outro, metendosse soomente em meo o sobredito Rio, mom senhor de fois capitão geeral dos françeses mandou o dia dantes da batalha hum trombeta desafiar ho viso Rei pera lhe dar batalha ao outro dia. E que o viso Rei a açeitou. E fez merçe ao trombeta. E que

fidalgo, onde convivem a exaltação medieval do heroísmo individual e a fiel descrição dos novos cenários de guerra, já modernos, seja no que respeita aos grandes confrontos campais, seja em termos de cercos ou assédios a centros urbanos. Uma convivência que não é senão um reflexo do próprio espírito do autor, claramente preso entre duas épocas e duas mentalidades guerreiras bem diferentes – ao que tudo indica, o fidalgo é nostálgico em relação à forma antiga e moralmente superior de fazer a guerra, a qual, pressente-se na emoção das suas palavras, parece preferir; não pode, contudo, deixar de relatar no seu texto de forma fiel o que de autêntico se passa e impera na realidade guerreira e que tem a sua expressão "de ponta" nos campos da Itália coeva e, elemento decisivo para a construção do texto, da qual o seu senhor parece ávido de informação útil.

A já assinalada referência às mortes do comandante francês, Gaston de Foix, à frente da sua infantaria, e do melhor cavaleiro do lado espanhol, o "prior de meçina", assumem, por tudo o que já foi dito, uma forte carga simbólica, pois representam, afinal, o fim de uma era na forma de combater e o irremediável nascimento de outra já inteiramente diversa, seja nos meios seja no espírito e nos valores, em particular a honra e a coragem, que lhe subjazem. Apesar do fidalgo não o referir, sabemos pela historiografia da época que ambos são abatidos à distância por tiros de arcabuzes, portanto, por soldados que nem sequer encararam e muito provavelmente de condição social inferior a eles, o que significa, segundo a lógica antiga, sem estirpe sequer para os enfrentarem num clássico combate individual[331].

Os dois melhores cavaleiros em presença no campo de batalha, que se haviam desafiado segundo as regras da cavalaria, morrem sem chegar sequer a estar frente-a-frente. Esta referência espelha, pois, a passagem de um mundo onde a acção guerreira é entendida como combate corajoso, de contacto directo com armas letais, protagonizado (preferencialmente) por elementos da mesma classe social, para um novo universo onde predomina a guerra, o massacre e a devastação à distância fruto da utilização impessoal de armas de fogo. Perde-se assim a razão de ser de toda uma existência, de uma representação social e de fixação da memória, pois a cronística medieval visava

despedido do viso Rei se foi a dom dioguo da cunha prior de meçina da ordem de são João E deulhe hum penacho branco dizendo que mom senhor de fois se enformara qual era o milhor caualeiro que naquelle exerçito vinha, E lhe aviam dito que elle que lhe enviaua aquelle penacho que ho leuasse o dia seguinte que avia de ser a batalha pera o conheçer E se encontrar com elle. E que elle leuarya outro tal. o prior de meçina tomou o penacho E fez merçe de hum colar douro ao trombeteiro E de hum sayão de borcado que trazia sobre as armas E do caualo em que estaua." in *MFC*, f. 154v.

[331] Cf. Robert L. O'Connell, *História da Guerra*, op. cit., pp. 141-181.

sobretudo a celebração e o louvor dos feitos de armas individuais, cujo momento alto e genuína personificação das virtudes militares, ou seja, cavaleirescas, era a vitória num confronto individual com um adversário, ou adversários da mesma condição. Nada que se pareça, pois, com os desígnios dos soldados profissionais, sobretudo os ligados aos novos modelos tácticos e de armamento, como o espingardeiro ou o artilheiro[332].

Apesar das armas antigas não terem sido completamente eliminadas dos campos de batalha (a maioria apenas se transfigurou), a verdade é que já não assumiam um papel preponderante e decisivo como anteriormente, passando, ao invés, a morte à distância provocada pelas novas armas de fogo a assumir tal função e a determinar, como consequência primeira, para os séculos futuros, a total despersonalização da guerra enquanto marca distintiva da prática da guerra. Por outro lado, embora o combate singular e a curta distância ainda persista com vigor e existam oportunidades de exibição de espírito cavaleiresco, deixa igualmente de constituir o objectivo último da acção guerreira; tornando-se doravante a acção de matar à distância, com a respectiva dose de acaso e da já referida despersonalização, a "rainha" dos campos de batalha.

Torna-se, assim, fácil compreender o porquê de o acto de matar durante uma guerra se transformar numa acção meramente mecânica, não envolvendo nem o tradicional conhecimento profundo da arte da guerra nem uma sensibilidade que, apesar de tudo, existia nas formas de combate tradicionais, em grande parte devida à existência de uma ética guerreira e de um código de honra intimamente associados ao tipo de armas envolvido no combate e à própria forma de combater – não raras vezes, um adversário que se batia bem, merecia, quando derrotado, misericórdia.

A ausência desta sensibilidade, ou a sua forte diminuição, que trazia sempre consigo uma carga emocional e sentimental, transforma-se, por sua vez, num poderoso atractivo psicológico dos instrumentos de matar à distância, na medida em que afastam o combatente das consequências da violência por si provocada. Trata-se, como podemos concluir, de uma relação que se reforça a si própria e que tem como ponto alto a desresponsabilização do acto de matar pelo autor da morte, que doravante não necessita de possuir como condição essencial quer a temeridade física, quer as virtudes guerreiras tradicionais e a condição social que normalmente as acompanha[333].

[332] Cf. John Keegan, *O Rosto da Batalha*, op. cit., pp. 241-249.
[333] Cf. Robert L. O'Connell, *História da Guerra*, op. cit., pp. 131-139.

Despersonalizado ele integra agora as massas de combatentes anónimos que fazem crescer desmesuradamente os exércitos[334], bem como o grau de violência e brutalidade; situando-se nos antípodas do cavaleiro cuja identidade, estatuto e forma de se destacar entre os outros homens, sobretudo os seus pares sociais se funda, agora com inegável anacronismo, no conhecimento profundo arte da guerra e numa instrução[335].

Daí que, neste período, como podemos avaliar pela acção e pelas palavras do "prior de meçina E (…) de mom senhor de fois", se torne tão evidente como urgente a necessidade de uma redefinição do conceito de coragem entre os membros da aristocracia militar, que insistiam em manter comportamentos completamente inadequados ao novo contexto proporcionado pela introdução das armas de fogo[336].

O terror e a brutalidade das batalhas medievais ainda se inseriam numa escala que podemos considerar humana, na medida em que o poder das armas correspondia ao poder dos músculos que as empunhavam. Contudo, este cenário deixa de existir com a introdução das armas de fogo, que fazem com que os limites do poder muscular sejam largamente ultrapassados pelo poder das máquinas e da sua propulsão mecânica e química. Ao contrário do cavaleiro que encontra limites intransponíveis para a sua acção guerreira nos limites humanos específicos da sua capacidade muscular e na do seu cavalo, o soldado armado com uma arma de fogo apenas conhece limites exteriores à sua humanidade: os limites mecânicos da sua arma, que estão constantemente a ser desenvolvidos, aperfeiçoados e, consequentemente, transpostos. Uns são limites humanos, ou seja, intransponíveis, que resultam de um sistema estático porque dependente das limitações de quem as acciona, os outros são limites mecânicos e químicos, isto é, que resultam de um sistema dinâmico não dependente das limitações de quem o acciona, e por isso sem limites para o seu desenvolvimento. Por outro lado, aquele baseia-se em regras tradicionais fixadas há muito, e por isso quase sempre indiscutíveis, ao passo que este baseia-se no conhecimento técnico resultante da prática e por isso mais sujeito à evolução e ao desenvolvimento imediato e concreto[337].

Registam-se, assim, dois períodos centrais fundados na fonte de energia que estava na base da força das armas coevas: uma era das armas mecânicas e uma era das

[334] Cf. Frank Tallett, *War and Society in Early-Modern Europe, 1495-1715*, op. cit., pp. 21-147.
[335] Cf. Thomas F. Arnold, *The Renaissance at War*, op. cit., pp. 53-84.
[336] O desejo voraz de combater à vista começou a assumir facetas suicidas, como podemos verificar pela morte de Gaston de Foix e dos nobres franceses que o acompanhavam.
[337] Cf. Clemente Ancona, "Armas" in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 14: *Estado-Guerra*, Ruggiero Romano (dir.), Lisboa, INCM, 1989, pp. 330-347; *Idem*, "Guerra", *ibidem*, pp. 348-371.

armas accionadas pela energia química. A questão essencial e que o fidalgo realça no seu texto está em que a passagem de uma para a outra tem implicações profundas não apenas no desempenho armado, mas também nas mentalidades, no sistema político e, consequentemente, no devir histórico. Não é por acaso que o fidalgo profere as seguintes palavras:

> "hee pera Rir E tomar exemplo destas ligeiras voltas que o mundo daa. pera que hee confiar nestas bem auenturanças desta vida pois tam pouco permaneçem. ex os vintevolhas sahidos E loguo Restituidos a bolonha por morte de tantos. ex os françeses vençedores da batalha de Reuena E expunhando çidades E vilas sendo absolutos senhores do campo. ex em quam breues dias foram todos deitados de italia perdendo quanto guanharam."[338]

Tal transição mudará para sempre não apenas os ritmos da guerra e da evolução do armamento, como também os processos diplomáticos, económicos e políticos.

Como destacámos anteriormente, também a infantaria surge nas *MFC* com um singular protagonismo, sobretudo na figura das formações espanholas e suíças. O seu papel nos campos de batalha evocados no relato é verdadeiramente representativo da inauguração de uma nova era na arte da guerra, a qual, por sua vez, não constitui senão um dos mais expressivos indicadores da entrada efectiva na modernidade. Uma era onde, enfim, as armas de fogo, em particular o canhão, e os corpos de infantaria irão constituir a espinha dorsal da acção e da estratégia guerreiras.

Mais uma vez, a batalha de Ravena constitui um momento descritivo ímpar no texto do fidalgo. Evocando o desempenho dos "çinquo mil Jfantes espanhoes", o autor transmite ao seu senhor o real valor coevo dos disciplinados corpos de infantaria, por oposição, naturalmente, à tradicional irreverência individual da cavalaria:

> "çinquo mil Jfantes espanhoes que aJnda peleJauam quando o viso Rei fugio fizerom de si hum esquadrão dos quaes os françeses nom curarom E lhes mandarom dizer que se fossem em paz. achousse morto o prior de meçina E Junto delle o penacho de mom senhor de fois. E mom senhor de fois foi achado morto com oito feridas ante a sua Jnfantaria nos quaes os espanhoes aviam feito grande matança"[339].

[338] *MFC*, f. 163r.
[339] *MFC*, f. 155v.

É emblemático que o supremo comandante francês tenha perecido frente à sua infantaria e não à cavalaria, tradicionalmente o corpo por excelência de qualquer exército, nem que seja por ser aí que se encontra a fina flor da nobreza.

Do confronto de Ravena – considerado pelo embaixador florentino, "o combate mais sangrento, mais cruel da nossa época, igual aos maiores da Antiguidade"[340] – e da batalha de Marignan, o fidalgo retira tudo o que pretende comunicar ao seu senhor em termos de inovação e pertinência militares: a saber, repetimos, o novo valor da artilharia e da infantaria, sem dúvida o sistema nervoso central dos exércitos das nações mais poderosas (ou que pretendem conquistar tal estatuto) no dealbar de Quinhentos.

Comprova-o, ainda no quadro da batalha de Ravena, a descrição fornecida pelo fidalgo a D. Jaime de outro momento simbólico da importância inédita ganha pela artilharia e pela infantaria. Uma importância que indicia desde logo duas conclusões: primeiro que estamos perante uma nova era na forma de fazer a guerra, depois que as *Guerras de Itália* constituem sem sombra de dúvida o melhor indicador dessa transmutação estrutural que afecta igualmente a política, a sociedade, a economia e a própria cultura. Afinal, é nos campos italianos que se experimentam de forma impressiva e sucessiva o poder das novas armas, as quais se transformam inevitavelmente num dos símbolos mais expressivos do início da modernidade.

Trata-se do momento em que "os espanhoes Romperom os françeses" e "o conde pero navarro que era sobre a Jente de pee aJuntousse com a Jnfanteria françesa E Jsso mesmo os Rompeo. E fez tanto que tomou a artelharia dos françeses E alguns capitães se assentaram nella a descansar." [341] A importância do acto é tanto maior quanto o facto de logo a seguir o autor observar que o comandante francês – um cavaleiro, naturalmente – jaz morto juntamente com toda a sua guarda pessoal:

> "mom senhor de fois com todolos gentis homens da guarda del Rei de França erão mortos os quaes erão duzentos E çincoenta que traziam libree de sayos de brocado E veludo verde sobre as armas. estando a honrra da batalha em poder dos espanhoes que peleJauam" [342].

[340] Citado em Geneviève Chastenet, *Lucrécia Bórgia, 1480-1519*, Lisboa, Bertrand Editora, 2004, p. 302.
[341] *MFC*, f. 155r.
[342] *Idem*, *ibidem*.

É notória ao longo de todo o texto a simpatia do autor para com as infantarias suíça e espanhola, sobretudo esta última. Naturalmente, não é estranho a este facto a nacionalidade do fidalgo; no entanto, várias passagens do relato comprovam, de facto, que esta tendência autoral tem como fundamento um pressuposto real que a própria evolução histórica comprovará: a infantaria espanhola vai tornar-se o instrumento de guerra de ponta dos séculos XVI e XVII. E a materialização desta supremacia residirá na figura do *terço* espanhol introduzido, a partir da "ordenanza" dos Reis Católicos, no crepúsculo de Quatrocentos após a queda de Granada e desenvolvido até à entrada em vigor, em 1526, da legislação militar de Carlos V. A partir desta data, o *terço* dominará os campos de batalha até ser finalmente ultrapassado pelas novas propostas militares de finais do século XVII, primeiro oriundas da escola holandesa de Johann conde de Nassau e depois de Gustavo II, rei da Suécia[343].

Da mesma forma que a batalha do Marignan simboliza, pode dizer-se, o findar do mito da invencibilidade da infantaria mercenária suíça; estes primeiros anos do século XVI assistem, com os primeiros ensaios para a constituição daquele que será o *terço* espanhol, ao nascimento da mais fabulosa e eficaz máquina de guerra para os anos vindouros. Disso nos dá conta de forma tão clara quanto objectiva o fidalgo de Chaves.

Mais esclarecido não poderia, pois, ficar o destinatário do texto quanto ao modelo a seguir em termos de prática guerreira, precisamente porque estava, à época, a ser experimentado e continuamente aperfeiçoado em terras italianas, e com a vantagem adicional de dele fazerem parte muitos portugueses que, nos anos seguintes, trarão para Portugal o saber tão duramente adquirido na Península Itálica:

> "E depois que çessou a guerra armarom os venezeanos doze gualees E vierom pollo Rio do poo acima. o qual Rio hee hum dos grandes do mundo E entra no mar de veneza E vai ter por Junto dos muros de ferrara. E ao tempo que os venezeanos armarom tinha o duque dous mil espanhoes consiguo. E parte deles em hum castelo feito de terra a par do Rio pera defender a vinda aos venezeanos com a artelharia. hindo as gualees contra ferrara sahiron os espanhoes a elles E desbarataromnos E tomaromlhe çertas gualees E as outras fugiron. E das tomadas fez o duque a huum Joanote portugues capitão"[344].

[343] Cf. Luís Costa e Sousa, *A Arte na Guerra: a arquitectura dos campos de batalha no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Tribuna da História, 2008, pp. 122-127.
[344] *MFC*, f. 141v. Trata-se da batalha de Polesella, ocorrida em 1509.

Como podemos verificar na passagem seguinte, a simples menção do nome *Espanha* provoca o medo, tal é o prestígio da infantaria ibérica. Os espanhóis desejam o combate aberto, não se importando com a perda do soldo; já os alemães, ao invés, não cuidam de outra coisa. Mas, sem dúvida, o que mais impressiona o fidalgo, e distingue, afinal, as forças espanholas de todos os outros, é a vontade guerreira, isto é, a bravura e a disciplinada conduta militar, inequivocamente o segredo que fará deles os senhores de Itália:

> "escaramuças avia muitas em espeçial espanhoes E dos de dentro que sahião fora a fazer sortes. E huma vez cheguarom A artelharia do emperador E lhe encrauarom duas peças sendo aquelle dia guarda della os alemães os quaes por poerem mais medo aos Jmiguos bradarom espanha Espanha. E com Jsto fugirom os da çidade E acodirom os espanhoees [.] sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem ao combate. E como se falaua em combate se amotinauam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro."[345]

Mas as passagens das *MFC* mais esclarecedoras relativamente ao valor dos espanhóis como guerreiros e à forma como eram vistos pelos adversários encontram-se, por um lado, na já referida "fala que o duque de tracto fez aos Romanos"[346], evocada na sequência de um conflito entre a poderosa Casa de Orsini e os espanhóis habitantes em Roma[347]; e, por outro lado, na descrição da "segunda guerra dorbino", que, em 1517, opôs o duque Francisco Maria (I) della Rovere a Lourenço (II) de Médici, o sobrinho de Leão X:

> "(…) os quaes [quatro mil espanhoes] eram tam sabedores da guerra que todalas vezes que se pero nauarro capitão da Jente françesa afrontou com elles, o maltrataram. E em hum combate que lhes deu ho escalauraram, E correram com elle, pollo qual elle disse que avia dentro muitos pedros

[345] *MF*C, f. 142r. Trata-se da batalha de Pádua, igualmente ocorrida em 1509.
[346] *MFC*, f. 216r.
[347] "Como os Romanos acordauão de poer A espada os espanhoes de Roma (…). os espanhoes são de tanto animo, sabedores E esprementados na guerra, que caramente hão de vender suas vidas, dando morte cruel aos que primeiro diante se acharem" in *MFC*, f. 215v e f. 216r.

> navarros. (…) era lastima ver os esquadrões dos soldados que o papa mandaua de Roma a esta guerra de muitos milhares de homens. E nam tardaua nada em vir nouas que todos eram desbaratados E mortos. E aquelles capitães Romanos que erão em conselho de matar os espanhoes de Roma vinham pera suas casas feridos E destroçados da mão dos espanhoes que eram com françisco maria. os mais neste tempo segundo se afirmaua passauam Ja de sete mil. E onde elles punham o Rosto nam se podia soportar seu Jmpeto, que assi as vilas E çidades çercadas de fortes muros, como as ostes do campo tudo leuauam nas mãos. era naquelle tempo barachelo ou alcaide de Roma hum castelhano chamado santa cruz que fora capitão de Jente de pee nas guerras passadas. E por ser homem esforçado E sabedor na guerra, o papa o mandou por capitão de muita Jente pera engrossar seu campo. E despois de se aver apresentado ao leguado, passados alguns dias se afrontou com os espanhoes Junto de pesaro. de tal maneira ho trataram que elle E os que escaparam vieram a Roma destroçados E perdidos, o qual disse ao papa que em quanto os espanhoes andassem em companhia de françisco maria, sua santidade seria sempre perdido. soo por que trazia consiguo çinco mil capitães, por que cada hum daquelles era tanto pratico na guerra que abastaua pera guovernar grandes exerçitos."[348]

Seja em campo aberto ou durante um cerco, os soldados espanhóis são comparados ao temível "pero nauarro", ele próprio ferido no confronto com aqueles[349]. Daí que o experiente "barachelo ou alcaide de Roma", ele próprio "hum castelhano", após ter sido enviado pelo papa como capitão de infantaria para enfrentar as hostes de Francisco Maria tenha proferido no regresso que enquanto este duque tivesse no seu exército os espanhóis nunca o papa o haveria de vencer, isto porque "cada hum daquelles era tanto pratico na guerra que abastaua pera guovernar grandes exerçitos."[350]

Em síntese, da batalha de La Motta[351], em 1513, ao cerco de Florença[352] ocorrido em 1512 e que recolocou os Médici no poder da República, passando pela *Guerra de Urbino* entre Francisco Maria (I) della Rovere e Lourenço (II) de Médici, em 1517, os exércitos espanhóis, em particular a sua infantaria, revestem-se de um prestígio – fundamentado na intensa prática quotidiana da guerra em solo italiano – que faz antever o que se irá passar nos campos de batalha dos próximos decénios.

---

[348] *MFC*, f. 217r e 217v.
[349] Naturalmente, não é estranha a esta referência o facto de, à época, Pedro Navarro já apresentar o título de "capitão da Jente francesa", ou seja, já ter mudado de partido, enfrentando agora os mesmos homens que comandou nos anos anteriores igualmente no contexto das *Guerras de Itália*.
[350] *MFC*, 217v.
[351] *MFC*, f. 165r e f. 165v.
[352] *MFC*, f. 163r a f. 164r.

Mas, como assinalámos, ainda que com menor destaque, também a infantaria suíça é merecedora de atenção pelo fidalgo. Não é pois por acaso que, após a derrota de Ravena, o papa Júlio tenha recorrido aos seus serviços com resultados finais tão satisfatórios que ordenou grandes festejos em Roma:

> "… E por que o papa nam çessaua em buscar maneiras pera deitar os françeses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio a sua terra polla mais Jente que podesse trazer."[353];

> "E Afim os cardeaes que estauam em milão E todolos françeses se foram de italia pera França com temor dos soiços sem ficar franças pera senhorear. E por esta vitoria mandou o papa fazer em Roma grandes alegrias E festas E deu hum Rico frontal ao altar de sam pero, no qual mandou broslar letras que diziam Julio papa segundo ligur liurou Jtalia de françeses. chamauasse ligur por que era saonez da prouinçia de liguria, E por que Jtalia ficou despeJada delles. E os soiços com seu cardeal capitão delles erão senhores do campo." [354]

Logo a seguir, na Batalha de Novara, em 1513, os suíços voltam a derrotar os franceses que tentam, mais uma vez, entrar em Itália:

> "Como mil lanças françesas tornaram a entrar em italia E foram desbaratados. Nam tardou muito que mil lanças françesas tornaram a entrar em italia. E os soiços os foram buscar E[m] hum luguar chamado voara mataram a moor parte delles E catiuaram E prenderam os outros."[355]

Mesmo na batalha do Marignan, que teve lugar a 13 e 14 de Setembro de 1515, onde após terem a vitória do seu lado saem derrotados devido ao decisivo reforço veneziano, os suíços abandonam o campo de batalha de forma digna conseguindo mesmo condições satisfatórias – inequivocamente fruto do prestígio que ostentava a infantaria suíça e do receio que as suas companhias de mercenários provocavam no inimigo – no termo da consequente "Paz perpétua", assinada no ano seguinte com Francisco I de França[356]:

---

[353] *MFC*, f. 158v e f. 159r.
[354] *MFC*, f. 162r.
[355] *MFC*, f. 162v e f. 163r.
[356] Após longas negociações, uma "Paz perpétua" entre os cantões suíços e Francisco I, quer como rei de França quer como duque de Milão, foi assinada em 29 de Novembro de 1516. Ambas as partes concordaram, por um lado, em não se aliar com os adversários da outra parte em qualquer futuro conflito

"E o cardeal dos soiços nom quis nisso consentir exortando E animando os seus a dar batalha, dizendo que elle conheçia que averiam victoria. E que ficariam todos Ricos, E alcançariam a onrra de toda França. E sendo deliberados de hir A batalha se poseram em ordenança E sahiram de milão a huma quinta feira xbij dias andados do mes de setembro da era de mil b^{c} xb, duas oras antes da noite. E começada a batalha como el Rei soube que a sua avanguarda peleJaua chamou pero nauarro E encomendoulhe que fizesse com a Jnfantaria de que tinha carguo ho que deuia. E assi ao senhor Jacobo de triulçi E a momsenhor dela paliça, E a momsenhor de borbom, E a momsenhor de borbina E ao senhor gualeaço E ao gram mestre de França os quaes todos se foram afrontar com os soiços com tanto Jmpeto que muitos perderam dambas as partes as vidas. durou esta peleJa ataa o trasmontar da luna. E vindo noite escura se Retraheram a suas estançias. nesta primeira batalha os soiços ouveram o milhor, E tomaram a artelharia a pero navarro que a trazia na sua companhia. (…) Ao dia seguinte mui de madruguada os soiços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua. E Jsso mesmo sahio com elles o duque com quinhentos de caualo por que nam tinha mais consiguo. diziasse que el Rei de França se nam deçera de seu caualo toda a noite passada. E quando os soiços apareçeram elle estaua a ponto pera dar batalha a qual se trauou aspera E cruel. E A ora de noa os françeses se começaram de Retraher a mal seu grado. E estando os françeses em tempo de ser perdidos cheguou de novo ao aRaial de França bertolameu daluiano capitão dos venezeanos com seu exerçito ao qual el Rei esperaua. E dando de Refresco nos soiços E tornando os françeses sobre elles nom poderam os soiços Resistir A força de tanta Jente. E na melhor ordenança que poderam o duque E elles se tornaram atras. diziasse que os que morreram dambalas partes passaram de quinze mil homens. E que os soiços erão xxb mil E o duque tinha quinhentos de caualo E pouca Jente de pee. E que el Rei de França trazia mais de corenta mil homens de peleJa. E contudo se os venezeanos nam lhe acodiram forão desbaratados daquella vez. o cardeal com todolos que da batalha escaparam se foi a lody, onde curaram dos feridos E ali estiueram alguns dias. E sendo sem esperança de socorro se foram pera sua terra sem ninguem fazer noJo algum." [357]

O próprio Maquiavel é bastante claro em relação ao desempenho da infantaria helvética na batalha do Marignan: "Em outra ocasião, vinte mil suíços enfrentaram Francisco I, rei de França, perto de Milão; os franceses dispunham de vinte mil cavalos, quarenta mil infantes e cem canhões. Embora não conseguissem a vitória, como em

militar; e, por outro lado, em procurar soluções diplomáticas ou judiciais para todas as contendas futuras. Cf. Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit.*, pp. 98-128; Brian M. Downing, *The military revolution and political change…*, op. cit., 1993, pp. 56-83; John Addington Symonds, *The Age of the Despots*, New York, Putnam, 1960, pp. 56-91; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit., pp. 89-112.

[357] *MFC*, f. 210r e f. 210v.

Novara, combateram dois dias inteiros com a maior bravura; e quando iam ser vencidos, a metade deles conseguiu salvar-se."[358]

A disciplina da infantaria[359] dos inícios da modernidade por oposição à anarquia da cavalaria medieval agora claramente em retrocesso nos campos de batalha, constitui um dos melhores indicadores de como a prática da guerra efectivamente *mudou* durante as experimentalistas *Guerras de Itália*, consumando aquilo que já se anunciara no final da *Guerra dos Cem Anos* e que fez da França a grande potência militar da época. Como o politólogo florentino assinala numa das suas obras mais emblemáticas, redigida entre 1519 e 1520, portanto, cronologicamente bastante próxima dos acontecimentos relatados pelo fidalgo: "A natureza não faz muitos homens bravos; a aplicação e o exercício, Sim. Na guerra, a disciplina pode mais que o ímpeto."[360]

Deparamo-nos, pois, com a inevitabilidade de uma conclusão que novas decisões fez certamente tomar aos líderes militares coevos, dos quais D. Jaime e D. Manuel são excelentes exemplos: os heróis individuais, ou seja, a tradição medieval bem mais ligada à cavalaria, dão agora lugar ao herói colectivo, cuja suprema materialização é o corpo de infantaria, perfeitamente disciplinado e que faz mover centenas ou mesmo milhares de homens como se se tratasse de um só, retomando assim, de alguma forma, a tradição clássica da falange macedónica e, sobretudo, da legião romana dos tempos de Júlio César. Não é por acaso que Maquiavel salienta que "Deve-se contar muito mais com os infantes do que com a cavalaria."[361], pois "Os infantes são mais eficazes do que os cavaleiros."[362]

Não surpreende, por tudo isto, que, reportando-nos ao caso português, em 1508, com a publicação de dois alvarás designados por "ordenanças manuelinas", D. Manuel crie o corpo de ordenanças portuguesas[363]. Estes diplomas representam, em última instância, a reorganização dos soldados da guarda de D. Manuel, cujo comando caberá agora à recém-criada figura do capitão-mor, que por si só revela a profunda influência das *Guerras de Itália*. Logo em 1513 estas tropas participam na segunda e plena de

[358] Nicolau Maquiavel, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio…*, op. cit., p. 251.
[359] Que tem o seu expoente nas companhias suíças e espanholas, as quais estão integradas nas figurações geométricas das novas e revolucionárias formações de combate.
[360] *Idem*, *ibidem*, p. 128.
[361] *Idem*, *ibidem*, p. 246.
[362] *Idem*, *ibidem*, p. 250.
[363] Cf. Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "As Companhias de Ordenanças em Marrocos nos reinados de D. Manuel e D. João III" in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento*, Lisboa, 2004, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, pp. 185-195.

sucesso tentativa de conquista de Azamor. De referir que andar em ordenança significa, afinal, o modo de agrupar destas unidades regulares, também denominadas "suiços" ou "suiças", precisamente em referência à ordem de batalha dos soldados suíços[364].

Um último apontamento para o facto de as *MFC*, por um lado, darem a ver o fim de um ciclo durante o qual a actividade militar era, sobretudo, entendida em forma de pequenas incursões ou investidas em território inimigo. Por outras palavras tratava-se sobretudo de "razzias", "algaradas" e emboscadas, as quais chegam simbolicamente ao fim com a queda de Granada. A guerra medieval, *grosso modo*, baseava-se, pois, em acções entre pequenas unidades militares, cujas tropas eram recrutadas especificamente para o efeito, com métodos específicos de uma guerra irregular e com objectivos geralmente limitados. De reter é que estas escaramuças, no caso das populações de fronteira, representavam o quotidiano e não meros acontecimentos esporádicos ou sazonais[365].

Esta forma de guerra tem as suas origens, por um lado, no modo europeu de combater, primeiro dos povos que protagonizaram a queda do império romano do Ocidente, depois de povos como os escandinavos e finalmente no próprio modo feudal de combate, que apelava sobretudo aos feitos de armas individuais da cavalaria e, por outro lado, na tradição bélica árabe. Ambas as vertentes cultivavam um espírito mais individualista de guerra, bem afastado portanto do modelo ordenado, disciplinado e, sobretudo, colectivo que caracterizou quer o mundo romano, quer o mundo europeu ocidental dos inícios de Quinhentos.

Agora, nos inícios do século XVI, tal como o quotidiano bélico das *Guerras de Itália* o demonstram e o fidalgo nos transmite, a actividade militar é entendida na forma dos confrontos campais de grandes proporções. Vários são os exemplos fornecidos, dos quais se destacam, como já assinalámos, as batalhas de Ravena e do Marignan.

No entanto, ao mesmo tempo, as *MFC* indiciam já uma das marcas mais características da acção guerreira nos próximos duzentos anos: o facto de as grandes batalhas em campo aberto se tornarem gradualmente mais raras, em favor dos combates de tom predominantemente urbano, ou seja, os cercos e as operações de assédio[366] – igualmente de grandes proporções, saliente-se. Com efeito, estes tornar-se-ão cada vez

[364] Cf. Luís Costa e Sousa, *A Arte na Guerra…*, op. cit., pp. 122-127.
[365] Cf. *Idem*, *ibidem.*
[366] Acontece mesmo que, por vezes, os encontros campais de grandes dimensões verificam-se na sequência do cerco a determinada praça.

mais frequentes e mesmo proeminentes em importância estratégica, revelando-se nos primeiros anos – nomeadamente aqueles em que o fidalgo habitou em Itália – sobretudo em quatro vertentes principais.

O estabelecimento de novos modelos de fortificação ou na adequação dos já existentes às novas realidades impostas pelo uso cada vez mais frequente e intenso da artilharia e das armas de fogo em geral. Uma dialéctica que constitui a expressão por excelência do aumento da complexidade da prática da guerra, como é enfatizado por Geoffrey Parker[367], seja ao nível dos métodos utilizados seja em termos dos meios materiais e humanos empregues. Em segundo lugar, o já assinalado protagonismo da artilharia, agora considerada um instrumento bélico indispensável no estabelecimento de qualquer táctica militar[368]. Por outro lado, este aumento de importância e frequência dos cercos oferecia menos oportunidades para a acção individual cavaleiresca, tornando-se doravante o esforço concertado da disciplinada, leve e manobrável infantaria – coadjuvada na sua acção pelo paciente e determinante trabalho de todo um conjunto de novos corpos militares como o dos sapadores, dos espingardeiros e dos artilheiros – extremamente relevante. É o triunfo do colectivo sobre o individual, da ordem e da disciplina sobre a fúria e o não raras vezes imprevisível ímpeto cavaleiresco. Finalmente, como já salientámos, apesar de expresso de forma não tão explícita como acontece com a artilharia e a infantaria, o aumento considerável da dimensão dos exércitos – o recurso a um vasto número de efectivos é condição vital para, por exemplo, o eficaz estabelecimento de qualquer cerco, sobretudo a partir do momento em que se regista uma notória evolução e complexificação na arquitectura militar:

> "em quanto Jsto assi passaua E o termo durou os françeses teuerom sempre seu campo sobre a çidade [Bolonha], scilicet, de huma soo banda por que a çidade hee mui grande pera ser toda çercada que nam bastaua a Jsso muitos exerçitos"[369];

> "El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se

[367] Geoffrey Parker, *The Military Revolution: Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800*, op. cit., pp. 45-81 e 146-176.
[368] A táctica e a estratégia também mudaram de significado com o mudar das condições históricas ao nível da guerra. Assim, com a introdução das novas armas e as alterações decorrentes do aperfeiçoamento da infantaria surgem novos elementos como maior disciplina, programação da acção e planeamento atempado.
[369] *MFC*, f. 140v.

> vinguarem dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença. (…) Avendo estado muito tempo em prado ordenaram de hir çerquar florença que Ja tinha dentro a Jente de seus batalhões que hee Jente da terra que tem pagua em paz E em guerra. (…) estes são grande numero de Jente. os espanhoes erão doze mil, que pareçia cousa contra Rezão cheguaremse aos muros de florença, quanto mais poerlhe çerco por ser çidade tam grande E populosa."[370]

Em síntese, os governantes do Renascimento deviam ser, segundo Nicolau Maquiavel, dirigentes independentes confiantes das suas qualidades e, por isso mesmo, capazes de recorrer à violência, em caso de necessidade. Daí o pensador florentino, como já apontámos em momento anterior, considerar, a par das "boas leis", as "boas armas" como os "principais fundamentos que têm todos os Estados, tanto novos como velhos ou mistos"[371].

Nesta medida, o reforço das monarquias renascentistas passava invariavelmente por exigir o apoio de algumas realidades novas mais tangíveis como um exército capaz de conservar e, caso se justificasse, ampliar os territórios herdados ou conquistados. E tal "realidade", no início de Quinhentos, como demonstra o fidalgo, dependia de forma capital da posse de uma sólida força de armas de fogo (espingardas e, sobretudo, artilharia) e de fiáveis e numerosas unidades de infantaria. Os primeiros a estarem mais perto deste objectivo foram os franceses[372], mas rapidamente os espanhóis revelaram a sua supremacia neste domínio.

---

[370] *MFC*, f. 163r e f. 163v.

[371] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., p. 169.

[372] Como já assinalámos, no final do século XV, a França apresenta-se como a maior potência do Ocidente europeu. Após a vitória sobre a Inglaterra na *Guerra dos Cem Anos* (1337-1453), a coroa de França vê todos os feudos continentais do rei inglês passarem para o seu domínio, deitando assim por terra as pretensões territoriais inglesas em solo francês.
A nível político e social, apoiado de forma decisiva pela burguesia, o poder real sai fortalecido e a dinastia Valois consolidada, de tal forma que fica aberto o caminho para o absolutismo vindouro. Por outro lado, a longa e desgastante guerra enfraqueceu, inclusive do ponto de vista demográfico e territorial – pois, à medida que os nobres iam morrendo os seus feudos passavam para a alçada do rei –, a nobreza francesa e o sistema feudal que constituía a base do seu poder efectivo.
Tal movimentação – com inequívocas repercussões de carácter estruturante nos planos político e social – culmina numa perda de predomínio pela aristocracia que compunha a cavalaria pesada (tradicional) francesa e, ao invés, como reacção, na ascensão da cavalaria ligeira e, sobretudo, da infantaria que, como se irá verificar nas *Guerras de Itália*, enquanto unidades orgânicas de combate, serão detentoras de um novo protagonismo. De salientar aqui, também, a importante alteração social introduzida por esta modificação militar, que resulta num novo estatuto quer por parte do soldado de infantaria, quer sobretudo por parte dos capitães deste corpo de combate.

Tudo isto contribui enfim, para a construção e rápido fortalecimento da unidade e da identidade nacional francesa, até aqui fortemente condicionada pelo sistema feudal, que culmina na viabilidade da criação de algumas instituições de governo centralizadas de importância capital para a consolidação da monarquia, com destaque para o estabelecimento e a cobrança regular de impostos e, consequentemente, a criação – ainda que bastante incipiente, saliente-se, pois em boa parte era formado por tropas mercenárias – de um exército dito "nacional" (será melhor afirmar-se "real") de carácter permanente; não dependente, portanto, da vontade e da disponibilidade da nobreza ao nível dos recursos militares.

Compreende-se, assim, que a *Guerra dos Cem Anos* de alguma forma anuncie o nascimento da França Moderna, que se impõe no crepúsculo de Quatrocentos como a grande potência a temer pelos pequenos estados italianos.

Neste ponto é, contudo, fundamental salientar que estas modificações no exército francês não foram uniformes, ou seja, apesar de todo o novo protagonismo, a infantaria não atingiu o mesmo nível de excelência da cavalaria ligeira e, sobretudo, da artilharia, verdadeiro *ex libris* do exército francês em Itália. Apesar do claro objectivo de Carlos VIII em criar o equivalente a um exército nacional, ou seja, integrado por homens livres fortemente motivados sob o seu controlo – condição indispensável para a constituição do exército profissionalizado, disciplinado e estável que o sistema monárquico necessita para consolidar as suas ambições hereditárias –, a verdade é que o seu propósito apenas foi plenamente atingido no que diz respeito à artilharia e à cavalaria ligeira. Com efeito, a lacuna do exército francês acabou por residir, como se pode ver pela descrição do fidalgo em relação às batalhas de Ravena e do Marignan, na sua infantaria: se por um lado a França dispõe de uma artilharia experiente, modernizada e bastante completa, bem como de uma cavalaria pesada formada pela competente flor da sua nobreza; por outro lado, carece de uma infantaria realmente moderna, ou seja, provida de sentido de ordem, treino e disciplina. Será precisamente esta lacuna que acabará por dar o predomínio às forças espanholas nos confrontos ocorridos com estas. Daí o constante e oneroso recurso aos mercenários alemães e suíços. Capitaneadas por filhos segundos da nobreza, que revelavam evidentes dificuldades em abandonar de uma vez a tradição da guerra a cavalo e assumir o papel de oficiais a pé, estas unidades de infantaria francesas não atingiam o nível de eficácia e competência, por exemplo, das equivalentes helvéticas, em cujos quadros de piqueiros estavam acoplados nobres, cavaleiros, artesãos, pastores e camponeses, normalmente vassalos de pequenos senhores rurais ou súbditos de oligarquias urbanas, constituindo a ordem e a rígida disciplina o segredo das suas vitórias sucessivas. Imbuídas do espírito igualitarista e independente que fundou a sua nacionalidade no findar do século XIII, as cerradas formações suíças – que constituíam, de facto, um proto-exército nacional – pautavam-se pela introdução das falanges macedónicas nos campos de batalha da Europa dos inícios da modernidade. Ironicamente, reside precisamente aqui o selar do seu destino enquanto força de combate realmente moderna, isto é, a decadência da infantaria suíça deveu-se sobretudo ao facto de não se saber adaptar à constante evolução que a arte da guerra conhecia nesta época, ficando ao invés presa dos rígidos conceitos político-militares da Antiguidade, sobretudo macedónica. Assim, não integraram nos seus exércitos a renovada cavalaria ligeira estradiota que tanto proveito estava a dar aos exércitos das potências em conflito (deu, nomeadamente, a vitória à França na batalha do Marginan, precisamente contra a infantaria suíça), conferindo ao invés relevo quase exclusivo ao peão. Da mesma forma, praticamente ignoraram o armamento de arremesso, fazendo da ferocidade e do espírito de participação igual dos seus combatentes a grande condição da sua forma de guerrear. Neste quadro, a necessidade de proximidade da cavalaria e das forças inimigas em geral e a consequente incapacidade de infligir danos fora do corpo-a-corpo, ou seja, à distância, selaram o seu destino enquanto força guerreira realmente moderna e capaz de enfrentar qualquer tipo de exército em qualquer contexto bélico – ao contrário, por exemplo, do exército espanhol que, a cada confronto, revelava a sua extrema versatilidade e eficácia. Por outro lado, de forma gradual, foram surgindo reacções alternativas às formações suíças, sendo o melhor exemplo deste processo a constituição pelo imperador Maximiliano do corpo de alabardeiros e piqueiros denominado *Landsknecht*. A missão destas unidades era combater exactamente à maneira suíça. Em confrontos simétricos, chegaram mesmo a infligir grandes reveses aos suíços, que tentavam copiar. Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit., pp. 155-187; André Corvisier, *História Universal – O Mundo Moderno*, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977, pp. 95-100; Charles W. Chadwick Oman, *The art of war in the Middle Ages, A.D. 378-1515*, London, Cornell University Press, 1885, pp. 62-104; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32, 53-61, 95-123 e 152-211; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, Barcelona, Labor, 1969, pp. 60-74 e 261-265; Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, op. cit., pp. 17-40; Robert L. O'Connell, *História da Guerra*, op. cit., pp. 131-136; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit., pp. 89-112.

Com efeito, as *MFC* revelam-nos as três modificações essenciais experimentadas pela arte da guerra nesta época de viragem: a revolução táctica originada pelas armas de fogo, o triunfo da infantaria e o aumento considerável do tamanho dos exércitos.

As novas monarquias, como a espanhola e a francesa, ainda apresentavam à época incipientes exércitos profissionais, em boa parte formados por tropas mercenárias. No entanto, estes exércitos foram decisivos para o reforço das monarquias do Renascimento, que cedo se aperceberam da importância vital de "bem formar" e manter estes exércitos profissionais, tornando-os cada vez menos dependentes das tropas mercenárias, de acordo com a "lição" de Maquiavel. Tal processo, saliente-se, traduziu-se num aumento da carga fiscal, no consequente desenvolvimento de uma administração pública capaz de concretizar tal política fiscal e, também, na adopção de políticas mercantilistas tendentes a fomentar o crescimento económico nacional[373].

É neste contexto e decorrente desta percepção que se consolidam as referidas três modificações. A revolução táctica veiculada pela explosão da utilização das armas de fogo claramente expressa na capacidade de um exército de efectuar um tiroteio prolongado e sucessivo. Embora a artilharia (bombardas e canhões) apareça pela primeira vez num campo de batalha em 1346 e apesar de só depois de 1540 ser descoberta a maneira de fabricar canhões de ferro fundido, o facto é que no início do século XVI, em Itália, como as *MFC* tão proliferamente demonstram, os exércitos em contenda efectuam intensos fogos de bateria, seja no campo de batalha seja durante o estabelecimento de cercos a centros urbanos – Ravena e Bolonha, como vimos, são apenas dois bons exemplos proporcionados pelo fidalgo.

A infantaria, como já dissemos, caracteriza-se por ser leve e extremamente manobrável, factores que a tornam uma arma temível e extremamente eficaz sobretudo contra a cavalaria, ainda a arma mais rápida de ataque.

Ao mesmo tempo que aumentam a dimensão dos seus exércitos, os príncipes renascentistas tentam melhorar a sua manobrabilidade, reduzindo, por um lado, o equipamento a transportar pelos combatentes[374] e, por outro lado, criando unidades

[373] Cf. Brian M. Downing, *The military revolution and political change…*, op. cit., pp. 56-83; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 212-235; John Rigby Hale, *War and Society in Renaissance Europe, 1450-1620*, op. cit., pp. 232-254.

[374] As pesadas cotas de malha ou mesmo armaduras deixaram simplesmente de constituir uma protecção eficaz contra as armas de fogo em contínuo desenvolvimento, sejam canhões fixos e de mão ou

independentes, isto é, pequenas companhias capazes de se moverem como se só de um guerreiro se tratasse. As companhias suíças primeiro (que integraram praticamente todos os exércitos da época como mercenários) e depois, mais ainda, os vindouros *terços* espanhóis – inspirados nos manípulos das legiões romanas – constituem o melhor exemplo desta inovação ao nível militar[375]. Estas pequenas unidades de infantaria capazes de se moverem de forma fácil e rápida ofereciam igualmente um alvo mais pequeno aos canhões, cada vez mais eficazes. Naturalmente, ao dividir o corpo de soldados em pequenas unidades, ampliaram-se e multiplicaram-se as frentes de batalha, mudando consequentemente a natureza da guerra, agora muito táctica, calculada e programada.

Por outro lado, quer o aumento do tamanho e da especialização dos exércitos quer a complexificação técnica da operações militares, tornaram necessária a redução do número de efectivos que integram cada unidade táctica, de maneira a que a manobrabilidade, o comando e o controlo dos mesmos seja mais fácil e eficaz[376].

Ou seja, os príncipes coevos tentam aperfeiçoar os seus exércitos, nomeadamente o corpo de infantaria, abraçando-se novidades e inovações técnicas e tácticas. Ora, tratando-se de inovações colocamo-nos inequivocamente no quadro do mais puro espírito renascentista, um espírito que apela ao novo e à novidade, não apenas nas artes e na economia, mas também, com particular intensidade, ao nível da arte e da ciência militar[377].

O fidalgo em Itália deparou-se sem dúvida com uma bem maior produção de armas em quantidade e qualidade do que aquela que conhecia no reino de Portugal. Deparou-se também com a progressiva mecanização de um número crescente de meios militares, sobretudo as armas-máquinas, isto é, as espingardas e os canhões. Disto nos

---

colubrinas, espingardas, escopetas, arcabuzes e mosquetes de carregar pela boca. Por outro lado, os capacetes e os peitorais tornaram-se mais leves e as espadas mais ligeiras e flexíveis, podendo ser manejadas com uma só mão – processo que culminou na substituição do montante e da espada de duas mãos medieval. Cf. Bert S. Hall, *Weapons and Warfare in Renaissance Europe: Gunpowder, Technology, and Tactics*, op. cit.; Julius Ralph Ruff, *Violence in Early Modern Europe 1500-1800*, op. cit., pp. 44-72; Thomas F. Arnold, *The Renaissance at War*, op. cit., pp. 23-52.

[375] Os soldados dos terços dividiam-se em *piqueros* (piqueiros, portadores de piques ou lanças compridas), *rodeleros* (rodeleiros, que usavam "roda", isto é, escudo, e espada) e *arcabuceros* (arcabuzeiros, que concentravam o fogo num ponto específico do exército inimigo). Cf. Charles W. Chadwick Oman, *A History of the Art of War in the Sixteenth Century*, op. cit., pp. 51-81; Fernando Martínez Laínez y Jose María Sánchez de Toca, *Tercios de España: la infantería legendaria*, Madrid, EDAF, 2006, pp. 75-88.

[376] Cf. Luís Costa e Sousa, *A Arte na Guerra.…*, op. cit., pp. 122-127.

[377] Cf. David Eltis, *The Military Revolution in Sixteenth-Century Europe*, op. cit., pp. 54-76; Jose Antonio Maravall, *Antiguos y modernos.…*, op. cit., pp. 27-110.

dão conta de forma explícita as *MFC* e é disto, certamente, que o seu senhor pretende ser informado.

Fundamental a reter nesta problemática é que, como demonstra o fidalgo no seu texto, é íntima em Itália durante este período a relação entre armas, sociedade, política e poder. As inovações militares com que o nosso viajante se depara representam não apenas claros desenvolvimentos tecnológicos e científicos, mas expressam também, enquanto simbiose de teoria e acção prática, condições e relações sociais[378] e, sobretudo, relações de força e de poder, para as quais contribuem ao mesmo tempo no sentido de as determinar. São por isso, simultaneamente, consequência e causa dessas relações sociais e de poder, em especial estas últimas.

Nas *MFC*, a guerra como inevitabilidade da história é uma fiel expressão do jogo de poderes, com as suas regras e estruturas funcionais, então protagonizado pelas

[378] A introdução e divulgação das novas armas provocam alterações sociais evidentes, sobretudo ao projectarem socialmente o homem de negócios que materialmente as fabrica e coloca em circulação, ou seja, distribui dando assim resposta a uma procura (leia-se consumo) cada vez mais acentuada em quantidade e qualidade.
Com efeito, representando um dos negócios mais florescentes deste período, o armamento constitui um dos aspectos do Renascimento onde mais claramente se manifesta a reorganização social que distingue este período no seu conjunto, na medida em que tem como protagonistas não já apenas a nobreza e a realeza, como se verificava nos séculos medievais, o período por excelência da íntima e predominante relação entre guerra e cavalaria, mas também com grande destaque outros corpos sociais, com especial atenção para a burguesia.
Já não é o cavaleiro feudal a controlar a controlar a encomenda, a produção e a distribuição das novas armas. Essa tarefa cabe agora, de forma inédita, ao trio composto pelo rei, o senhor e o rico comerciante burguês; dando origem a uma profunda diferença no plano social e económico que assim acompanha a par a discrepância primeira registada a nível técnico entre as armas de fogo (e também as armas brancas, registe-se) e as anteriores.
Doravante subjugadas ao poder do capital, sobretudo mercantil, os novos armamentos divergem, pois, em toda a linha das anteriores armas fabricadas por sineiros e ferreiros ao serviço do senhor laico ou eclesiástico, ou até enquanto membros de uma corporação.
Por tudo isto, podemos afirmar que nas *Guerras de Itália*, a cuja parte o fidalgo assiste e dá registo ao seu senhor, não sendo embora protagonistas efectivos das questões bélicas e dos confrontos em curso, os burgueses ganham toda uma nova dinâmica e ascensão social neste domínio específico, até aqui de alguma forma vedado à sua acção mesmo em Itália, onde o comércio e a actividade mercantil conheceu um dinamismo sem rival na Europa de então. Tal mutação resulta inevitavelmente numa alteração profunda da organização política da sociedade, na qual o cavaleiro feudal já não detém, de facto, o poder que tinha nos séculos anteriores (existe um negócio fundamentado numa relação de procura e venda, cuja condução pela própria natureza de "negócio" cabe a outro grupo social).
A guerra entra, pois, na esfera do capitalismo, o qual envolve profissões, formas de produção e sistemas de circulação completamente divergentes dos existentes anteriormente. Já não impera o mundo da oficina do artesão ou do cooperativismo, mas sim o da fábrica – com as correspondentes formas de organização do trabalho de tipo capitalista – e do homem de negócios que a conduz. E, afinal, que melhor terreno para a ocorrência de tal transmutação social, política e económica do que a Itália, a terra onde as novas estruturas de tipo capitalista conheciam a sua aurora? Cf. Bert S. Hall, *Weapons and Warfare in Renaissance Europe: Gunpowder, Technology, and Tactics*, op. cit., pp. 123-176; Clemente Ancona, "Armas", *op. cit.*; *Idem*, "Guerra", *op. cit.*; John Rigby Hale, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, op. cit., pp. 209-231.

figuras cimeiras – laicas e eclesiásticas – da Cristandade em Itália, sobretudo no que respeita à política internacional.

Por outro lado, e de acordo com o espírito do novo século em que se integra, o exército apresenta-se como um complexo organismo social – governado pelas suas próprias leis sociais –, cujas unidades mais ínfimas, os soldados, são o fiel reflexo de uma cultura e de um sistema de valores determinado[379].

Finalmente, é primordial assinalar que a representação da guerra no texto do fidalgo vai muito além da mera história dos combates. Antes revela elementos e processos essenciais para a definição da época que os vê nascer (como os grandes protagonistas coevos, nomeadamente o papa Júlio II, Luís XII, Francisco I, Fernando de Aragão e Castela, Pedro Navarro, Prospero Colona, Gaston de Foix, Gonçalo de Córdova, Lourenço (II) de Médici, Francisco Maria ou Afonso d'Este, entre diversos outros), em particular a expressão dos conflitos armados ao serviço dos poderes instituídos e o nascimento conflituoso – precisamente devido ao alargamento dos interesses da coroa espanhola, cuja área de influência em Itália se confrontou, desde muito cedo[380], com a grande potência militar da França, seja no Sul napolitano, seja na regiões setentrionais e centrais – daquela que virá a ser a grande potência[381] mundial do século XVI: a Espanha[382].

---

[379] Cf. Yuval Noah Harari, *Renaissance Military Memoirs…*, op. cit., pp. 43-89.

[380] A batalha de Seminara, ocorrida em 1495 no quadro das guerras de Nápoles, constitui o primeiro grande confronto entre espanhóis e franceses e pode ser vista como o primeiro indício efectivo da emergência de Espanha como grande potência política e militar no Ocidente europeu. Cf. Jeremy Black, *The Cambridge Illustrated Atlas of Warfare: Renaissance to Revolution, 1492-1792*, op. cit., pp. 46-63; Ramón Menéndez y Pidal, *Historia de España: Tomo XVII, La España de los Reyes Católicos*, op. cit., pp. 335-408 e 542-624.

[381] Estatuto resultante precisamente da especialização e do recurso maximizado das maiores inovações militares da época, a saber as armas de fogo e a infantaria, objectivamente revelados nas primeiras campanhas em Itália, no final do século XV e início do século XVI, e das quais o fidalgo fornece registos, nas quais comandantes como Pedro Navarro ou Gonçalo de Córdova experienciam e aperfeiçoam quer os novos armamentos, quer novos os modelos tácticos que vão, afinal, apresentar-se como predominantes nos campos de batalha europeus nos duzentos anos seguintes. Cf. *Idem*, *ibidem.*

[382] Cf. Ana Isabel Buescu, *Catarina de Áustria, Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, op. cit., pp. 103-142; Idem, *D. João III*, op. cit., pp. 102-108; Henry Kamen, *Empire: How Spain Became a World Power, 1492-1763*, New York, Harper Collins, 2003, pp. 3-122; John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, op. cit., pp. 65-142; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit., pp. 67-78, 103-112 e 145-150.

4. Guerra e inovação tecnológica: os sistemas defensivos e a arquitectura militar

As fortificações com que Carlos VIII se depara quando chega a Itália, em 1494, não têm qualquer defesa válida contra as armas de fogo que acompanham o rei francês. No entanto, rapidamente este cenário muda no sentido da procura do melhor equilíbrio ofensivo-defensivo.

Daqui resultam importantes transformações na arte de construir fortificações. Num primeiro momento, surge o "estilo de transição", especialmente evidente na adequação de construções já existentes às novas necessidades defensivas; para algumas décadas mais tarde se estabelecer um total e completo novo paradigma arquitetónico ao nível da construção de fortalezas em Itália. Trata-se, pois, de um processo evolutivo, com base na experimentação contínua – por exemplo, como salienta Rafael Moreira, no sentido de adequar a nova artilharia pesada às vulneráveis construções sobreviventes dos tempos medievais[383] – e que envolveu notáveis figuras do Renascimento como Leonardo da Vinci, os Sangallo, Brunelleschi, Alberti e Miguel Ângelo.

Na medida em que as altas cortinas de muralhas verticais eram facilmente derrubadas pelos tiros de canhão, passou-se a construir muralhas baixas, mais espessas graças ao uso de terra mal compactada capaz de absorver os projécteis sem grandes danos. Tratava-se, na essência, de baluartes baixos inclinados em rampa, com o objectivo de causar ricochete nos projécteis inimigos, com fossos à frente, que constituíam simultaneamente alvos difíceis, muito resistentes e penosos de ultrapassar para os atacantes.

Procedeu-se igualmente ao abaixamento das torres mais altas, também elas alvos privilegiados do fogo de assalto dos canhões, a ponto de, como assinala o mesmo investigador, "a característica torre de menagem medieval encolher-se à altura das demais até desaparecer."[384] Operavam-se ainda sólidos acrescentos no sentido de as novas muralhas suportarem com solidez as pesadas peças de artilharia defensiva.

---

[383] Cf. Rafael Moreira, "Arquitectura: Renascimento e Classicismo" in *História da Arte Portuguesa – Do "Modo" Gótico ao Maneirismo*, Paulo Pereira (dir.), vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, pp. 303-364.
[384] *Idem*, *ibidem*, p. 327.

Eis, pois, a essência do "estilo de transição", que abarca todas as soluções experimentadas desde a introdução dos primeiros elementos que visavam adequar as fortificações ao fogo da artilharia (ofensivo e defensivo), em inícios do *Quattrocento*[385], e antecede o estabelecimento do novo sistema fortificativo, denominado "abaluartado", desenvolvido na Itália desde finais da mesma centúria e subordinado aos novos progressos matemáticos (em planta) e técnicos (sobretudo ao nível da arquitectura e da engenharia). Um sistema que permitia o tiro flanqueante, paralelo à muralha, bem como o cruzamento de tiros com o propósito de garantir a protecção mútua entre quaisquer dois pontos do mesmo perímetro[386]. Naturalmente, a partir deste momento, as fortificações perdem completamente a estética medieval que as caracterizava nos séculos anteriores[387], ganhando todavia todo um novo significado simbólico de prestígio e ostentação, quer do poder e da autoridade.

O fidalgo fornece no seu texto exemplos práticos da aplicação do "estilo de transição", nomeadamente quando descreve de forma detalhada as transformações operadas na fortaleza que envolve e protege Bolonha, então na posse dos franceses e de Annibale II Bentivoglio, aquando do cerco à cidade pelo vice-rei de Nápoles, don Ramón de Cardona, em Janeiro de 1512:

> "Como o viso Rei cheguou a Bolonha E ho que faziam os da çidade. O viso Rei vinha com seu exerçito na volta de bolonha muito devaguar ataa que cheguou a Jmola onde estiveram muitos dias esperandosse cada dia por elle em bolonha que hee sete leguoas dimola. tanto tardou que deu luguar aos bolonheses a se Refazerem muito mais do que estauam, por que naquella sazão estaua hi miçer anibal E miçer hermes vintivolhas E monsenhor dela paliça capitão del Rei de França de çincoenta lanças grossas. neste espaço fizerom os bolonheses da parte de dentro dous muros E huma grande caua E com a terra que della sahio E com Ramos E madeiros fizerom outro muro de terra a que elles chamão bastião que hee cousa mui forte. E fizerom deRibar todalas torres do muro daquella parte atee serem Jguaes com o muro, por que quando as deRibassem com a artelharia non enchessem as cauas E fizessem mal aos de dentro [.] E assi derribaram todolos moesteiros E grandes edefiçios que avia de fora daquella parte da çidade por que o viso Rei vinha em o Jnverno nom

[385] Cf. André Teixeira, *Fortalezas do Estado Português da Índia…*, op. cit., pp. 13-22.
[386] Cf. Rafael Moreira, "Arquitectura: Renascimento e Classicismo" in *História da Arte Portuguesa – Do "Modo" Gótico ao Maneirismo*, op. cit., pp. 303-364.
[387] Rafael Moreira destaca que se deve mesmo deixar de falar em *castelos* para passar-se a falar em *fortalezas*. Uma mudança linguística que, salienta o mesmo investigador, "encobre uma profunda mutação de formas artísticas, da cultura e da mentalidade." *Idem*, *ibidem*.

> teuessem os do seu exerçito onde se acolher das neues e frios que eram mui grandes, por aquella terra ser mui fria E de grandes neues."[388]

O autor assinala concretamente o processo de edificação de um "bastião", o qual classifica de "cousa mui forte", bem como a destruição e consequente adaptação dos edifícios mais altos a linhas de defesa razantes, ou seja, adequadas às novas exigências defensivas e de acordo com as novas regras de edificação de fortalezas.

Novas armas ofensivas requerem, pois, novas estratégias defensivas e, sobretudo, novos modelos de fortificação. Dito de outro modo, na encruzilhada da Idade Média para a Modernidade verificou-se um claro movimento de acção-reacção na muito específica arte e técnica da fortificação militar. Com efeito, os novos tempos trazem, no que respeita às movimentações guerreiras de ataque, práticas e preocupações igualmente originais e que resultam na procura de uma resposta tão eficaz quanto célere em termos defensivos. Assim, ao modelo tipicamente medieval do castelo com altas muralhas verticais dotadas de ameias, torres e merlões, impõe-se cada vez mais um novo modelo de fortificação que visa sobretudo ser eficaz contra o poder de fogo dos canhões, cada vez mais potentes e fáceis de manusear por parte dos atacantes.

Também no quadro da batalha de Polesella, desta feita em 1509, que opôs Ferrara às forças da república de Veneza, o fidalgo refere a improvisação de um estabelecimento defensivo capaz de albergar peças artilharia, ou seja, igualmente de acordo com as novas regras de construção de fortalezas:

> "E depois que çessou a guerra armarom os venezeanos doze gualees E vierom pollo Rio do poo acima. o qual Rio hee hum dos grandes do mundo E entra no mar de veneza E vai ter por Junto dos muros de ferrara. E ao tempo que os venezeanos armarom tinha o duque dous mil espanhoes consiguo. E parte deles em hum castelo feito de terra a par do Rio pera defender a vinda aos venezeanos com a artelharia. hindo as gualees contra ferrara sahiron os espanhoes a elles E desbarataromnos E tomaromlhe çertas gualees E as outras fugiron. E das tomadas fez o duque a huum Joanote portugues capitão."[389]

[388] *MFC*, f. 149v. e f. 150r.
[389] *MFC*, f. 141v.

Trata-se de mais um exemplo fornecido pelo fidalgo da adequação dos meios fortificados já existentes às novas necessidades de defesa, dando assim origem a um original estilo de transição arquitectónica militar.

Este estado de coisas relaciona-se igualmente com uma alteração coeva, lenta mas inequívoca, na tipologia de guerra, que consiste na transferência da preponderância da batalha em campo aberto para o cerco de longa duração. Será esta a forma de guerra mais frequente nos dois séculos seguintes.

No entanto, quando descreve o ataque francês à cidadela de Bolonha, em 1511, estando esta então na posse das forças papais, o autor já se refere a uma fortificação construída de raiz segundo os princípios orientadores da nova arte da guerra em Itália:

> "E dahi a espaço de duas oras entrou o exerçito dos françeses com grandes estrondos E assenhorearonsse da çidade [Bolonha]. o castelo se teue pello papa E ao terceiro dia começaram os françeses a entender nelle E mandaram dizer ao arçebispo que era delle castelão que o entreguasse. E o arçebispo em luguar de Reposta mandou enforcar sobre o muro em huma pica hum guato em sinal de querer guerra. E loguo os françeses começarom de leuar a artelharia E aprantarom E batearom o castelo dous dias. E por ser fortaleza moderna posta em luguar chão feita per arte nom vista a artelharia lhe nom podia fazer dano. era esta fortaleza fundada em luguar chão. E as cauas tam altas que começando o muro no fundo dellas nom sobia mais alto que a terra E era mui alto. as cauas erão furadas de pedra E meadas daguoa. assentada a artelharia como dito hee, nom tomauam os pelouros senam mui pouco das ameas. E a artelharia do castelo que estaua antre as ameas vaRia o campo. avia outra debaixo a que hião per cauas pera defensão da caua. neste castelo nam avia casa nem torre alta. não ouve combate de Jente E aJnda pareçia que do castelo nam queriam fazer mal A çidade que podia Receber grande dano da artelharia. E teue se o arçebispo atee que mandou Recado ao papa como ho combatiam E que nam tinham Jente nem munição por que o cardeal pauia que antes hi era leguado sendo ordenado que no castelo ouvesse pera guarda delle trezentos homens. E em cada porta da çidade ouvesse çincoenta homens com seu condestabre por forrar o soldo dos do castelo lhes mandaua que servuissem nas portas. de maneira que quando se entrou a çidade ficou o castelo sem Jente de guarnição. Respondeolhe o papa que entreguasse o castelo A çidade E nam aos françeses. E assi foi feito. E tanto que o arçebispo partio pera o papa, o castelo foi Roubado E metido a saco. E nesta ora foi deitado preguão da parte do Regimento que se nam abrissem tendas nenhumas atee que o castelo fosse posto por terra. E que todos fossem trabalhar nisso. E assi foi feito. E com grande trabalho E artefiçios de foguo por ser edifiçio mui forte. E assi foi aRasado que dia de sam Rafael que veo dahi a poucos dias os cavalos barbaros correrom ho paleo por cima delle. E esta forteleza mandara o papa fazer a suas proprias custas. E quando Respondeo ao arçebispo que ha entreguasse A çidade seu

> Jntento foi que deRibandoa elles que a çidade lha tornasse fazer A sua custa como despois socçedeo."[390]

O fidalgo é bastante claro na sua descrição. A fortaleza é extremamente difícil de tomar porque é "moderna", sendo que este carácter de modernidade e novidade resulta das características inovadoras e revolucionárias que apresenta relativamente ao formato anterior e que visam sobretudo dar resposta ao problema coevo do uso cada vez mais intenso e versátil da artilharia nos assédios. Características como ser baixa, ou seja, "posta em luguar chão feita per arte nom vista", possuir "as cauas tam altas que começando o muro no fundo dellas nom sobia mais alto que a terra E era mui alto", e também não possuir "casa nem torre alta", resultavam em que a "a artelharia lhe nom podia fazer dano". Por outro lado, "assentada a artelharia como dito hee, nom tomauam os pelouros senam mui pouco das ameas." Mais ainda, "a artelharia do castelo que estaua antre as ameas vaRia o campo."

Por tudo isto, o castelo de Bolonha enquadra-se nos novos cânones arquitectónicos relativos aos bastiões. Verdade tanto maior quanto o facto de que quando os franceses finalmente o conquistaram e decidiram que "fosse posto por terra. E que todos fossem trabalhar nisso" foi necessário para tal empresa "grande trabalho E artefiçios de foguo por ser edifiçio mui forte."

De reter igualmente nesta passagem, a referência ao facto de o papa suportar ele próprio, ou seja, a cúria, o custo da edificação de tal fortificação. Uma construção tão dispendiosa que "quando Respondeo ao arçebispo que ha entreguasse A çidade seu Jntento foi que deRibandoa elles que a çidade lha tornasse fazer A sua custa como despois socçedeo." Qual príncipe temporal, o pontífice tem plena consciência do poder, também simbólico, destas novas fortificações, capazes de suportar os brutais ataques da artilharia, daí não parecer hesitar em investir na sua onerosa construção[391].

Compreende-se, por tudo isto, quer o interesse do fidalgo em informar o seu senhor do que acontecia em Itália no que dizia respeito às fortificações militares, quer a avidez deste último relativamente a tais notícias.

---

[390] *MFC*, f. 143r e f. 143v.

[391] As novas fortalezas distinguiam-se pelo elevado custo de construção e pelo facto de envolverem numerosa mão-de-obra. Cf. David Eltis, *The Military Revolution in Sixteenth-Century Europe*, op. cit., pp. 76-98; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 152-186; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy*, *1494-1529*, op. cit., pp.129-155; John Rigby Hale, "The Development of the Bastion, 1440-1534", *op. cit*., pp. 466-494.

Neste processo sem precedentes de desenvolvimento do universo das fortificações ocorrido nos finais do século XV e inícios do século XVI e do qual o fidalgo dá conta no seu relato, não podemos deixar de destacar o papel central desempenhado pela arquitectura, enquanto laboratório por excelência para as questões militares das evoluções entretanto conseguidas na cultura, nas artes e nas ciências.

Com efeito, enquanto factor de inovação, a arquitectura militar torna-se ela própria um privilegiado instrumento da afirmação do Estado moderno, bem como um meio extremamente eficaz para criar poderosos sinais físicos de autoridade e de exteriorização do poder político. Por sua vez, a figura do arquitecto surge como um dos principais agentes de todo este processo, cultivando em consequência um raro ascendente na Itália de então (a autoridade e o prestígio de Brunelleschi como especialista em fortificação constituem um exemplo ímpar). De tal modo que Leon Battista Alberti (1404-1472) chegou a afirmar que as vitórias militares se deviam mais à competência do arquitecto do que ao desempenho dos generais[392]. Por outro lado, como assinala John Hale, a expectativa em relação aos arquitectos era de que estes despendessem o mesmo tempo e esforço nos desenhos de recintos fortificados como nos de fontes públicas[393].

O novo sistema espacial "à italiana" não significa, assim, apenas a extrema eficiência física enquanto máquina de guerra inteiramente capaz de se autodefender graças à inédita concentração de forças e ao carácter inexpugnável; mas também um vigoroso argumento político veiculado pela nova arquitectura militar.

Em suma, construídas de raiz ou fruto de modificações sobre elementos arquitectónicos já existentes, é na Itália devassada pela guerra de início de Quinhentos que se desenvolvem as fortalezas da nova era. E é evidente a preocupação do fidalgo em transmitir ao duque de Bragança este facto de inegável transcendência política e militar. Por outro lado, durante os anos em que habitou em solo itálico as fortificações com "trace italienne" já estavam razoavelmente desenvolvidas e, embora caras e exigentes em mão-de-obra, guarneciam as principais cidades da península, pelo que certamente as observou de perto para delas dar informação a D. Jaime.

---

[392] Cf. Leon Battista Alberti, *On the Art of Building in Ten Books,* [*De Re Aedificatoria*, 1450], Kim Williams (ed.), New Haven, Yale University Press, 1998, pp. 154-188.
[393] Cf. John Rigby Hale, *Renaissance War Studies,* op. cit., pp. 211-224

Afinal, é fundamental não esquecer que é pela mão de D. Jaime que a arquitectura militar portuguesa começa a reconhecer a superioridade evidente das propostas defensivas italianas. Comprovam-no a sua participação nas modificações estruturantes do Castelo Novo de Évora[394] (1518-1524), do Castelo Artilheiro[395] de Vila Viçosa (1525-26), o qual introduz em Portugal o tipo novo da "fortaleza roqueira" ou "à italiana", e do paço acastelado de Évora-Monte[396] (1531-1535) – todas estas estruturas defensivas prescindiram com as inovadoras intervenções dos elementos de tradição medieval, passando doravante a apresentar, além do valor militar, um profundo valor simbólico para os monarcas portugueses.

Ainda que impregnado do espírito cavaleiresco da Idade Média, o 4º duque de Bragança era, tal como o fidalgo, um homem da sua época, ou seja, uma época de viragem, de encruzilhada. Daí que no seu espírito confluam ideias e princípios ainda medievais juntamente com traços da nova época que já começou, nomeadamente o gosto pela novidade, a abertura à originalidade (sobretudo se eficaz no fim com que se relaciona), a postura anticonvencional que não tem problemas em desafiar os anacrónicos cânones em vigor (e portanto ineficazes nas prossecução dos objectivos a que se destinam) e a amplitude de espírito e de pensamento tão distintiva do tempo em que vive. E é de facto evidente o germinar das ideias renascentistas nas suas acções e decisões relacionadas com a renovação da arquitectura militar em Portugal, ele que

[394] No contexto bélico dos inícios do século XVI, onde imperavam as armas de fogo, a rígida cintura amuralhada da cidade de Évora, de origem medieval, revelava-se completamente inadequada. Pelo que, em 1518, D. Manuel, ordenou a realização de profundas modificações nesta estratégica estrutura defensiva, no sentido de as modernizar, tendo em conta os novos armamentos e as novas tácticas de assalto. Nasce, assim, o Castelo Novo de Évora, sinónimo de uma autêntica revolução ao nível da arquitectura militar da cidade. O desenho desse castelo, de planta quadrada com torreões nos vértices, segue modelos renascentistas de arquitectura militar italiana, integrando-se no chamado "estilo de transição". *Vide* Mário Jorge Barroca, "Tempos de resistência e inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)" in *Portugalia*, Nova Série, Vol. XXIV, 2003, pp. 95-112.

[395] Uma vez regressado do exílo em Castela, o duque D. Jaime determinou que se fizessem várias obras no castelo medieval de Vila Viçosa, entre as quais os baluartes (torreões) em estilo manuelino e o fosso defensivo. O objectivo era que a fortificação (composta então por dois núcleos sobrepostos, gótico e quinhentista) assumisse funções exclusivamente militares a partir desta época, pois para habitar com a futura esposa, a castelhana D. Leonor de Mendoza, filha do duque de Medina-Sidonia, mandou edificar, em 1501, o actual Paço Ducal. Sendo notória a influência da arquitectura militar italiana, a fortaleza passa assim a intregar-se no já referido estilo de transição. *Idem*, *ibidem.*

[396] Um sistema defensivo, tipicamente gótico, que na sequência de um violento terramoto ocorrido em 1531 vê a antiga torre de homenagem destruída. Perante tal cenário, o D. João III ordena a sua reconstrução e o levantamento e restauro das estruturas defensivas consideradas necessárias. O responsável incumbido de tal tarefa é D. Jaime I de Bragança, que, considerando o uso coevo de armas de fogo, fará dotar a fortaleza de elementos defensivos modernos. Desta estruturante intervenção irão resultar os baluartes redondos nos ângulos das muralhas medievais e a construção de uma nova torre: a simbólica Torre-Paço de Évora Monte. *Idem*, *ibidem*.

havia recebido em Castela, na corte de Isabel a Católica, aquando do grave dissídio político com D. João II forçando-o e aos seus irmãos ao exílio, esmerada educação humanista.

Por tudo isto, e apesar de imbuído da ética e do espírito medieval, é inequívoco que D. Jaime teria certamente uma plena consciência das consequências e das implicações militares, culturais, sociais, económicas e políticas, em particular ao nível da questão de constituir um poderoso símbolo do poder régio, decorrentes da revolucionária linguagem arquitectónica guerreira nascida em Itália[397].

Com efeito, D. Jaime, da mesma forma que os irmãos Arruda, em particular Francisco de Arruda (?-1547), revela-se um pioneiro na aceitação das fórmulas arquitectónicas militares italianas e na recusa do modelo construtivo medieval, já claramente ultrapassado como o mostravam as acções guerreiras decorridas em Itália (de que tinha notícia através de fontes como o fidalgo de Chaves) que constituíam à época o grande laboratório para as experiências militares, seja quanto ao armamento seja em termos de engenharia e arquitectura. Ele compreendeu o alcance da influência italiana e a necessidade urgente de renovar as estruturas defensivas portuguesas, aquém e além-mar. Saber explorar as vantagens e potencialidades do sistema abaluartado "à moderna" tornou-se, pois, uma questão prioritária para o influente duque, chefe da maior casa aristocrática do reino. Não é, pois, de estranhar a sua "encomenda" ao fidalgo de Chaves, nem, como consequência, o conteúdo bélico do texto deste último, em particular no que respeita às descrições dos conflitos armados, dos exércitos envolvidos e das fortalezas implicadas.

Um e outro contribuíram, afinal, para que Portugal não ficasse na periferia das grandes questões europeias, nem ausente dos processos fundadores que anunciavam uma nova era para o *velho* continente. Ou seja, cada um à sua maneira contribuiu na medida das suas possibilidades sociais, económicas, políticas e culturais para colocar o reino natal na vanguarda da cultura e do pensamento (militar, neste caso específico) da época, tendo sempre por base um espírito de renovação cultural conforme à era que estava a começar e que não entrava em choque com a herança medieval ainda bem presente na essência de ambos. É, aliás, precisamente esta convivência das marcas

[397] Cf. Rafael Moreira, "Arquitectura: Renascimento e Classicismo" in *História da Arte Portuguesa – Do "Modo" Gótico ao Maneirismo*, op. cit., pp. 303-364.

profundas de duas épocas, que torna a acção e o legado de ambos tão especial e significante.

A artilharia do início de Quinhentos já possui efectivamente um grau de eficácia e manobrabilidade que permite aos sitiantes derrubar com facilidade fortificações que não estejam preparadas para fazer frente a tal poder de fogo. Ao referenciar a batalha de Pádua, em 1509, um conflito de características já modernas quer pelo número de combatentes envolvidos quer pelo armamento utilizado, o fidalgo aponta esse cenário inevitável:

> "cuidando o emperador que tinha padua segura os venezeanos que em al[i] tinhão o cuidado fizerom que os paduanos se aleuantarom E deitarom os do emperador fora E liurarom delles a çidade E tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre elles despeJarom a çidade de molheres moços E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos. E o emperador veo sobre a çidade com o mais fermoso exerçito que em nossos tempos se vio em Jtalia por que se afirmaua serem mais de çem mil combatentes. E prantada a artelharia aRasarom hum grande lanço do muro."[398]

Um pormenor importante nesta passagem refere-se ao facto de os sitiados terem a plena consciência de que as novas estruturas defensivas não se limitavam a representar uma mera reacção passiva ao canhão inimigo. Antes pretendiam contrariar de forma decidida a sua utilização mediante o poder de fogo simétrico. Por outras palavras, o fidalgo veicula aqui a ideia de que a melhor forma de combater as armas de fogo é precisamente através do recurso ao mesmo tipo de armamento. Só que para isso os sistemas fortificados tinham de estar preparados para albergar e suportar as peças de artilharia defensiva. Foi o que procuraram concretizar os engenheiros militares italianos ao desenvolverem as virtudes da localização irregular e dos bastiões que se apoiam mutuamente, isto é, projectados para fora, por forma a possibilitarem o tiro de flanco em diagonal contra assaltos vindos de várias direcções[399].

Como já referimos, as fortalezas de traçado ainda medieval revelavam-se incapazes de fazer frente aos novos armamentos e sobretudo a exércitos como o francês e o seu precioso aliado de Ferrara que se distinguiam precisamente por possuírem o

[398] *MFC*, f. 141v e f. 142r.
[399] Cf. John Rigby Hale, "The Development of the Bastion, 1440-1534", *op. cit*., pp. 466-494; Cf. Robert L. O'Connell, *História da Guerra*, op. cit., pp. 141-181.

corpo de artilharia mais completo e avançado da época[400]. Após a batalha do Marignan, como o fidalgo assinala com precisão, o duque de Milão experienciou essa mesma realidade, após refugiar-se na sua "anacrónica" fortaleza, ainda detentora de "muros E torres", nos quais a artilharia francesa não teve dificuldades em fazer "portaes":

> "o duque se Recolheo A fortaleza de milão onde se cuidou defender ataa ser socorrido. mas nam lhe aconteçeo assi, ca o socorro que esperaua del Rei de castela E do papa foi baldio. el Rei de França seguindo sua vitoria entrou em milão, E prantada sua artelharia mandou bater o castelo per muitos dias fazendo portaes nos muros E torres. en fim vendosse o duque sem Remedio se deu a el Rei. E assi preso foi loguo mandado a França onde Juntamente cahio de seu estado, acabou seus dias E seus trabalhos."[401]

Perante a realidade dos novos sistemas defensivos, os cercos começaram a ser, por um lado, mais frequentes e prolongados e, por outro lado, mais dispendiosos em recursos financeiros e em vidas humanas. Daqui resultou a sujeição das populações civis sitiadas a privações extremas durante os cercos e, em caso de vitória final por parte dos atacantes, a uma violência cada vez mais sanguinária e brutal.

Num movimento dialéctico, isto fez com que a urgência em fortificar os centros populacionais italianos com defesas adequadas se tornasse prioritária para os governantes locais. A ausência de uma defesa eficaz podia, afinal, ser sinónimo de um destino terrível.

É por isso que, neste ponto específico e de forma surpreendente, o pensamento de Maquiavel se revela bastante afastado da realidade do seu tempo: "As fortalezas em geral são mais nocivas do que úteis."[402] Prisioneiro do paradigma militar da Roma Antiga, o pensador florentino não revela em absoluto nesta problemática a mesma sagacidade que mostra, por exemplo, em relação à questão das forças mercenárias ou do papel da infantaria no exército moderno: "Se as fortalezas sempre foram inúteis, hoje o

[400] Cf. Bert S. Hall, *Weapons and Warfare in Renaissance Europe: Gunpowder, Technology, and Tactics*, op. cit., 1997, pp. 123-176; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32 e pp. 152-186; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, op. cit., pp. 81-102; Thomas F. Arnold, *The Renaissance at War*, op. cit., pp. 15-22.
[401] *MFC*, f. 210v.
[402] Nicolau Maquiavel, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio…*, op. cit., p. 267.

são ainda mais, devido à artilharia (…)"[403]; "As praças fortes são inúteis de todos os pontos de vista (…)"[404].

De referir que a própria técnica dos cercos foi forçada a acompanhar a evolução registada nos sistemas defensivos. Assim, a sapa, que causava o desmoronar das altas muralhas medievais torna-se agora ineficaz contra as paredes baixas e espessas das fortalezas modernas. Para resolver tal impasse combinou-se a mesma com os efeitos da pólvora dando-se assim origem à mina, já utilizada em finais do século XV[405].

Daí a grande importância atribuída pelo fidalgo no seu texto a figuras como Pedro Navarro, o comandante de infantaria, artilharia e sapadores, que personificou a figura do engenheiro militar da primeira metade do século XVI, com a sua contínua actividade em campanha na área das fortificações, da utilização da pólvora e do uso de minas terrestres. O historiador coevo Paolo Giovio define-o de forma esclarecedora como "artifice de obras marauillosas, que por derribar com minas de ciminentos las fortalezas, alcanço fama en toda la redondez dela tierra (…)."[406]

É, pois, de concluir, que chamassem a atenção de D. Jaime todas e quaisquer informações relacionadas com as actividades bélicas de tão prestigiada e especializada figura militar. Uma figura que lutou sob o comando directo dos maiores generais da época como o próprio Gonzalo Fernández de Córdoba, o *gram capitão* e inclusivamente de monarcas; e que assistiu, enfim, aos grandes desenvolvimentos militares – bem evidentes nos campos de batalha europeus – que tiveram lugar neste "tempo-eixo", segundo a famosa classificação do filósofo Karl Jaspers (1883-1969), que foram os primórdios de Quinhentos.

Em síntese, derradeira expressão da arquétipa passagem da neurobalística à pirobalística e das profundas mudanças e resistências que marcaram os primórdios de Quinhentos ao nível militar, as fortificações constituem uma das mais importantes e simbólicas heranças arquitectónicas do dealbar da modernidade. Disto nos dá conta o fidalgo de Chaves no seu impressivo relato, o qual assistiu em primeira mão a alguns dos mais emblemáticos momentos do longo processo político e militar (de quase dois séculos) que fez com que a população italiana coeva estivesse tão acostumada quanto habilitada a confrontar-se com a urgência de construir fortificações capazes de dar

[403] *Idem*, *ibidem*, p. 268.
[404] *Idem*, *ibidem*, p. 269.
[405] Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, op. cit., pp. 177-179.
[406] Paolo Giovio, "Pedro Nauarro" in *Elogios o vidas breves de los cavaleros*…, op. cit., p. 164.

resposta às constantes evoluções das armas de assalto – Bolonha, como o autor tão bem nos mostra, é um excelente exemplo deste fenómeno de plena interiorização da prática de fortificar pelo espírito itálico[407].

5. Mercenários *vs* milícia urbana

A problemática dos mercenários é outro tema inerente à descrição dos conflitos armados efectuada pelo fidalgo e que assume uma importante relevância para a análise da relação entre a guerra e o exercício efectivo do poder nas *MFC*. Com efeito, o autor referencia em diversas passagens do seu texto a existência ordinária de companhias de mercenários nos exércitos coevos que combatem em Itália, sejam nacionais, como os de França e Espanha, imperiais, papais ou até das Repúblicas locais.

O contratar de companhias mercenárias é, pois, um fenómeno quotidiano – até porque beneficia de uma longa tradição – na actividade bélica a ter lugar em solo itálico no início do século XVI.

Naturalmente, ao focar esta temática não podemos deixar de referir o pensamento de Maquiavel enquanto expressão incontornável da época em que vive; afinal, a mesma do fidalgo de Chaves. Assim, o pensador florentino aponta objectivamente a "inutilidade dos soldados mercenários, que não têm outro vínculo com os interesses de quem os comanda além do magro soldo que recebem – motivo insuficiente para que se tornem leais a ponto de morrer pela causa dos senhores."[408] Refere com a mesma carga negativa que "O vínculo de devoção necessário para tornar um exército forte só pode existir entre um país e os seus cidadãos"[409], pelo que são inequívocos "Os perigos a que se expõe o príncipe ou a república que se utiliza de tropas mercenárias e do auxílio estrangeiro."[410]

Mas é na sua obra mais conhecida que o politólogo se debruça com pormenor sobre as nefastas consequências do recurso às companhias de mercenários, um fenómeno quase endémico nos últimos dois séculos em Itália. E não podia ser mais negativa e angustiante a sua apreciação:

---

[407] Cf. André Teixeira, *Fortalezas do Estado Português da Índia…*, op. cit, pp. 13-22.
[408] Nicolau Maquiavel, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio…*, op. cit., p. 141.
[409] *Idem*, *ibidem*.
[410] *Idem*, *ibidem*, p. 257.

> "(…) se alguém tem o seu estado fundado sobre armas mercenárias, nunca estará firme nem seguro, porque elas são desunidas, ambiciosas, sem disciplina, infiéis, galhardas entre os amigos e vis entre os inimigos: não temem a Deus, não são fiéis aos homens; e adia-se a ruína só enquanto se adia o ataque; e na paz é-se espoliado por elas, na guerra pelos inimigos. O motivo disto é que não têm outro amor nem outro motivo que as mantenha em campo a não ser um pouco de estipêndio, o qual não é suficiente para fazer com que elas queiram morrer por ti. Querem realmente ser teus soldados enquanto tu não fazes guerra, mas, assim que a guerra vem, querem ou fugir ou pôr-se a andar, coisa que deverei ter pouca dificuldade em provar, visto que agora a ruína de Itália não é causada senão por ele ter estado, pelo espaço de muitos anos, toda assente sobre as armas mercenárias. Elas fizeram outrora, através de alguns, certo progresso, e entre si pareciam galhardas; mas quando veio o forasteiro mostraram aquilo que eram."[411]

A Itália sobre a qual Maquiavel escreve é um território devastado pelas guerras contínuas e pela rapina sucessiva protagonizada pelos exércitos que percorrem os seus milenares caminhos, em particular as companhias de mercenários que marcam presença em praticamente todos as forças militares, italianas ou estrangeiras:

> "Eu quero demonstrar melhor a infelicidade destas armas. Os capitães mercenários, ou são homens excelentes, ou não: se eles são, não te podes fiar neles, porque hão-de sempre aspirar à sua própria grandeza, seja oprimindo-te a ti, que és patrão deles, seja oprimindo outros à margem da tua intenção; mas se o capitão não é virtuoso, de ordinário arruína-te. (…) as armas mercenárias nunca fazem senão estragos; e com mais dificuldade se rende à obediência a um seu cidadão uma república armada com armas próprias do que uma armada com armas externas. (…) porque destas armas só nascem as lentas, tardias e débeis aquisições e as súbitas e miraculosas perdas."[412]

Não é de estranhar, pois, que o florentino defenda que a fraqueza coeva dos estados italianos encontre o seu fundamento e explicação na necessidade permanente que os mesmos têm de recorrer a forças mercenárias. Com efeito, na sua perspectiva, só um exército composto por homens livres do país poderia dar verdadeiras garantias de resistência, confiança e eficácia militar. É por isso que no seu pensamento político o

[411] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XII, pp. 169-170.
[412] *Idem*, *ibidem.*

serviço militar desempenha um papel estruturante, representando um verdadeiro modelo de civismo[413]:

> "Um príncipe sábio, portanto, sempre fugiu destas armas e se voltou para as próprias. E mais depressa quis perder com os seus que vencer com os outros, julgando não ser verdadeira vitória aquela que adquirisse com as armas alheias. (…) Eu não me queria afastar dos exemplos italianos e recentes. (…) Enfim, as armas dos outros ou te caem dos ombros, ou te pesam, ou te apertam. Concluo, pois, que, sem ter armas próprias nenhum principado está seguro; está, sim, totalmente vinculado à fortuna, não tendo virtude que afiançadamente o defenda na adversidade (…). E as armas próprias são aquelas que são compostas ou de súbitos, ou de cidadãos, ou de criados teus; todas as outras são ou mercenárias ou auxiliares."[414]

A necessidade de exército próprio, constituído por soldados leais e convictos, que lutam pela causa da pátria, para formar a soberania política, deve constituir, pois, uma prioridade absoluta para o governo (seja do príncipe, seja da República) que queira manter e ampliar as fronteiras da sua nação. É a própria existência do Estado que, segundo Maquiavel, é colocada em risco. Por isso afirma, no derradeiro capítulo de *O Príncipe*, com vista à expulsão dos bárbaros de Itália e à libertação do país (que na realidade não existe enquanto tal, sendo Maquiavel neste aspecto um utópico tão convicto quanto o é como realista em relação a tantas outras questões políticas do seu tempo[415]), a necessidade de "antes de qualquer outra coisa, como verdadeiro fundamento de toda a empresa, prover-se de armas próprias, porque não se pode ter nem mais fiéis, nem mais verdadeiros, nem melhores soldados; e, se bem que cada um deles seja bom, todos juntos tornar-se-ão melhores quando se virem comandados pelo seu príncipe e por ele honrados e cativados. É necessário, portanto, preparar-se para estas armas, para se poder, com a virtude italiana, defender dos estrangeiros."[416]

Aproximando-se da linha do pensamento de Maquiavel, o fidalgo[417] não veicula uma visão muito favorável destes corpos especializados de combatentes. O exemplo

---

[413] Cf. Jean Touchard, *História das ideias políticas, vol. 2: Do Renascimento ao Iluminismo*, op. cit., pp. 20-25.
[414] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XIII, pp. 177-179.
[415] Uma irónica dicotomia que faz de Maquiavel verdadeiramente um homem do seu tempo. Um tempo de mudança e de resistência. Um tempo, enfim, de encruzilhada.
[416] *Idem*, *ibidem*, capítulo XXVI, p. 238.
[417] Naturalmente, dada a cronologia da edição das obras de Maquiavel, o fidalgo não teve acesso às mesmas aquando da redacção do seu texto. Contudo, o facto de ser contemporâneo do florentino e de ter

mais gritante relaciona-se com os alemães que, na opinião do autor, têm como grande obsessão obter dinheiro, dando, pois, pouco valor à prática do combate em si; ao contrário, nomeadamente, dos mercenários espanhóis que colocam o confronto armado em primeiro lugar. Naturalmente, esta visão positiva dos corpos de combatentes profissionais espanhóis é condicionada pelo facto de os mesmos integrarem guerreiros portugueses, como o demonstra a "fala" do "portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros". Os combatentes espanhóis desejam o combate aberto, não se importando para tal de perder o soldo, numa atitude que se situa nos antípodas do comportamento germânico. É isto, aliado à sua inequívoca bravura, que surpreende o fidalgo e que constitui, na sua perspectiva, o segredo do seu sucesso militar em itália:

> "cuidando o emperador que tinha padua segura os venezeanos que em al[i] tinhão o cuidado fizerom que os paduanos se aleuantarom E deitarom os do emperador fora E liurarom delles a çidade E tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre elles despeJarom a çidade de molheres moços E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos. E o emperador veo sobre a çidade com o mais fermoso exerçito que em nossos tempos se vio em Jtalia por que se afirmaua serem mais de çem mil combatentes. E prantada a artelharia aRasarom hum grande lanço do muro. E a todas estas afrontas mostrarom sempre os de dentro tam pouco temor que sempre tinham de dia as portas abertas. esteue o emperador sobre a çidade passante de hum mes. E nunca lhe deu combate de Jente avendo por conçiençia perderse tanta como se esperaua que moRese. escaramuças avia muitas em espeçial espanhoes E dos de dentro que sahião fora a fazer sortes. E huma vez cheguarom A artelharia do emperador E lhe encrauarom duas peças sendo aquelle dia guarda della os alemães os quaes por poerem mais medo aos Jmiguos bradarom espanha Espanha. E com Jsto fugirom os da çidade E acodirom os espanhoees [.] sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem ao combate. E como se falaua em combate se amotinauam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro. E com estas

---

assistido a boa parte das mesmas realidades bélicas e políticas ocorridas em Itália decerto contribui para uma evidente confluência de perspectivas em relação à problemática do recurso a forças mercenárias e da necessidade de composição de exércitos verdadeiramente nacionais. Relação reforçada pelo facto de as obras em questão de Maquiavel serem redigidas precisamente nos anos em que o fidalgo de Chaves habita em Itália, respectivamente 1513 (*O Príncipe*) e 1512-1517 (*Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*).

neçessidades o emperador se foi pera alemanha sem fazer cousa alguma. E deixou viçença que tinha pacifica aos venezeanos."[418]

A reputação dos mercenários alemães – presentes em grande número na maioria dos exércitos presentes em Itália, sobretudo de França, Espanha e do papa – de serem difíceis de controlar quando não são pagos a tempo é corroborada por escritores coevos[419]. Está, assim, garantida a validade do texto do fidalgo.

Esta passagem relativa à batalha de Pádua, que teve lugar em 1509, encerra ainda dois momentos simbólicos: por um lado, do prestígio das forças espanholas, expresso no momento em que os mercenários alemães para "poerem mais medo aos Jmiguos bradarom espanha Espanha"; por outro lado, do recurso contínuo às forças mercenárias pelos exércitos em confronto em Itália, como o demonstra o facto de os venezeanos, "tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre eles [os "paduanos"] despeJarom a çidade de molheres moços E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos."

Naturalmente, o saque surge como a presa mais apetecida pelos mercenários, em detrimento das populações locais cada vez mais sujeitas à privação extrema e à violência brutal das forças mercenárias, que não combatem em Itália por outra coisa senão o enriquecimento material.

Implícita está também uma forte crítica ao imperador Maximiliano, claramente dependente das forças mercenárias para executar qualquer operação de tipo militar – neste ponto o pensamento do fidalgo coincide em absoluto com o de Maquiavel – e, no entanto, incapaz de lidar com as suas reivindicações, bem como com os conflitos internos a que dão origem. A tal ponto que, apesar de avançar com "o mais fermoso exerçito que em nossos tempos se vio em Jtalia por que se afirmaua serem mais de çem mil combatentes", acaba por, "com estas necessidades", regressar à "alemanha sem fazer cousa alguma." O resultado foi que "deixou viçença que tinha pacifica aos venezeanos".

O fidalgo de Chaves volta a apontar a incapacidade do imperador Maximiliano em controlar as forças mercenárias por si contratadas para defender os seus interesses

[418] *MFC*, f. 141v e f. 142r.
[419] *Vide* David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 26-32 e 124-151.

estratégicos em Itália aquando da sua tentativa para reconquistar Milão, em 1515, após a derrota suíça e do duque Massimiliano Sforza (1493-1530) na batalha do Marignan frente aos franceses e venezianos e da consequente deposição deste último à frente do ducado milanês. Mais uma vez, as companhias revoltas são alemãs, confirmando pois uma clara tendência em colocarem o pagamento do soldo acima de qualquer lealdade, ideológica ou meramente profissional, facto que o fidalgo não deixa de destacar:

> "Como o emperador maximiliano veo a Jtalia pera Recobrar milão, E se tornou sem fazer nada. Neste tempo veo o emperador maximiliano a Jtalia com grandissimo exerçito pera Recobrar milão, E deitar os françeses fora de toda Jtalia. o estrondo com que veo era grande. E segundo se afirma em Roma os françeses se punhão em fugir. E fora assi se o emperador sem parar seguira suas Jornadas atee cheguar a milão. mas tanto que deçeo a Jtalia se assentou em verona que estaua por elle, E per seu mandado ha guardauão quatro mil espanhoes. E nesta detença os françeses cobraram conselho E animo, E se meteram todos na çidade de milão onde se fizeram fortes, E Reuoltaram com cartas E falsas promessas E tratos como tem de custume aos capitães alemães, de maneira que nam quiseram passar adiante sem lhes o emperador primeiro paguar ho soldo que lhes deuiam E pediam, o que elle nam pode fazer por falta de dinheiro E forçado de extrema neçessidade se tornou pera alemanha sem aver efeito sua empresa."[420]

No final, o imperador acaba por regressar à sua terra natal, mantendo-se a soberania do ducado nas mãos de Francisco I de Valois, que governará o mesmo até 1521, quando Carlos V, rei de Espanha e Imperador, coloca no trono ducal o jovem irmão de Maximiliano Francesco II Sforza (1495-1535)[421].

Uma outra observação por parte do fidalgo ao facto de o imperador recorrer de forma quase constante ao serviço de companhias mercenárias para marcar a sua posição política em Itália surge no âmbito da descrição que efectua da batalha de La Motta, em 1513, entre o "viso Rei" e os "venezeanos":

> "Partido o viso Rei do duque de milão, foisse por verona que avia estado polos venezeanos em quanto os françeses estiueram em italia. a qual

[420] *MFC*, f. 213r e f. 213v.
[421] Cf. David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., 26-32.

> çidade hee grande E pertençe ao emperador E deixou em guarnição della quatro mil Jnfantes espanhoes, os quaes o emperador paguaua."[422]

Um dos momentos paradigmáticos do recurso "italiano" aos mercenários assinalado pelo fidalgo verifica-se após a derrota da *Liga Santa* em Ravena, quando o papa Júlio II, em desespero, envia o cardeal Matthäeus Schiner (c. 1465-1522), constituído legado para os suíços, à sua terra natal para contratar a temível infantaria suíça[423]:

> "E por que o papa nam çessaua em buscar maneiras pera deitar os françeses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio a sua terra polla mais Jente que podesse trazer."[424]

O socorro chega a tempo de salvar a cúria, até porque o exército francês estava tão desgastado do confronto em Ravena (para além de ter perdido o seu comandante durante a batalha) que se revelou incapaz de manter o domínio na Itália setentrional. No entanto, mais uma vez, as consequências de tal "contratação" pelo pontificado resultaram no fustigar da população urbana nativa:

> "E loguo o papa foi avisado pollo coReo que o cardeal topou na ponte daguoa pendente. foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, neguoçeou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha. E nam se contentauam os soiços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente."[425]

Não é, pois, dado fortuito que Maquiavel atribua boa parte da culpa relativamente à predominância das forças mercenárias em Itália à própria Igreja:

---

[422] *MFC*, f. 165r.
[423] Cf. D.S. Chambers, *Popes Cardinals and War. The Military Church in Renaissance and Early Modern Europe*, London, I.B.Tauris & Co., 2006, pp. 110-133.
[424] *MFC*, f. 158v e f. 159r.
[425] *MFC*, f. 162r.

> "E posto que eu vim com estes exemplos em Itália, a qual esteve muitos anos governada pelas armas mercenárias, vou discorrer sobre elas desde lá mais atrás, a fim de que, vista a sua origem e os seus progressos, melhor se possa corrigi-las. Tendes, pois, de entender como, assim que o Império nestes últimos tempos começou a ser repelido de Itália e o papa adquiriu aqui mais reputação no temporal, a Itália se dividiu em mais estados: porque muitas das grandes cidades pegaram em armas contra os seus nobres, os quais, anteriormente, favorecidos pelo imperador, as tinham oprimido, e a Igreja favorecia-as para se dar reputação no temporal; em muitas outras, cidadãos seus tornaram-se príncipes delas. Daí que, tendo a Itália ficado quase nas mãos da Igreja e de algumas repúblicas, e estando os padres e os outros cidadãos habituados a não perceber de armas, começaram a contratar forasteiros. (…) E o resultado da sua virtude foi a Itália ter sido espezinhada por Carlos, pilhada por Luís, violentada por Fernando e vituperada pelos suíços. A ordem que primeiro eles seguiram foi a de, para darem reputação a si próprios, tirar reputação às infantarias. (…) E todas estas coisas eram permitidas pelas suas ordens militares e arranjadas por eles para fugirem, como disse, à fadiga e aos perigos; tanto que conduziram a Itália à escravidão e ao vitupério."[426]

De realçar que o fidalgo não deixa de focar a problemática tão cara ao pensamento político de Maquiavel da "república armada com armas próprias" – ou seja, aquelas "que são compostas ou de súbitos, ou de cidadãos, ou de criados teus"[427] – e de, ainda que resumidamente, explicitar as suas virtualidades e modo de funcionamento ao 4º duque de Bragança. A questão surge precisamente aquando da restituição do poder em Florença aos Médici, em 1512:

> "El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguarem dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença. (…) Como foram çercar florença E a çidade se deu. Avendo estado muito tempo em prado ordenaram de hir çerquar florença que Ja tinha dentro a Jente de seus batalhões que hee Jente da terra que tem pagua em paz E em guerra. E dão a cada hum çem Reaes cada mes. E elles sam obriguados a fazer mestre ou alardo o primeiro dominguo de cada mes E acodirem quando cumpre. E quando vem a guerra paguamlhes seu soldo Jnteiro. estes são grande numero de Jente."[428]

[426] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XII, pp. 169-170.
[427] *Idem*, *ibidem*, capítulo XIII, pp. 177-179.
[428] *MFC*, f. 163r e f. 163v.

Nos inícios do século XVI, como o fidalgo de Chaves menciona no seu relato ao descrever o cerco de Bolonha pelo vice-rei, em 1512, outro dos principais "contratadores" de mercenários em Itália era o próprio rei de França, cujo exército apresentava, como já se referiu, importantes lacunas sobretudo ao nível da infantaria[429]:

> "que ouve tempo pera a çidade ser socoRida de françeses. hum dia entrarom de socorro quatro mil lançequineques. E vinhão desarmados. E na çidade lhes derom armas. E entrarom sem ser sentidos dos de fora. grande prazer ouve na çidade com a vinda destes. todos forom apousentados na bateria por essas cauas E chão. dahi a poucos dias entrou na çidade o barão de ibernia com muitos estardiotes que eram todolos caualos ligeiros que el Rei de França tinha. atras estes veo mom senhor de fois com todolos homens darmas E Jnfanteria del Rei de França que então tinha. E todos estes sobreditos entrarom na çidade sem o viso Rei nunca disso saber parte. E com sua vinda se fizerom grandes alegrias."[430]

Nesta passagem, o autor indica mesmo dois dos mais famosos corpos de mercenários que participaram nas *Guerras de Itália*, a saber os *Landsknecht* que, como já assinalámos, surgiram pela mão do imperador Maximiliano como reacção às companhias de piqueiros suíços, e a célebre cavalaria estradiota[431].

Uma derradeira mas incisiva referência pelo fidalgo à quase quotidiana contratação de companhias mercenárias durante as *Guerras de Itália* surge no quadro da "segunda guerra dorbino", ocorrida em 1517, na sequência da qual Francisco Maria (I) della Rovere reconquista o ducado de Urbino a Lourenço (II) de Médici e ao papa Leão X, seu tio:

> "Loguo o manifico Lourenço se partio de Roma pollas postas leuando consiguo o senhor Renço E o senhor troilhos sabelo com outros capitães prinçipaes Romanos. E foisse a florença onde em breue tempo aJuntou grande exerçito E se foi a via dorbino, a Rezão por que françisco maria dorbim pode aJuntar Jente, por Reçeo da vinda do emperador em Jtalia. ca estauão em verona quatro mil espanhoes que ha guardauão dos françeses E

[429] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit, pp. 155-187; David Potter, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, op. cit., pp. 124-151.
[430] *MFC*, f. 150v.
[431] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, op. cit., pp. 155-187; Charles W. Chadwick Oman, *The art of war in the Middle Ages, A.D. 378-1515*, op. cit., pp. 62-104; Douglas Miller, *Landsknechts*, Oxford, Osprey Publishing, 2004; Douglas Miller and Gerry Embleton, *The Swiss at War 1300-1500*, London, Osprey Publishing, 1979; John Richards, *Landsknecht Soldier 1486-1560*, Oxford, Osprey Publishing, 2002; Paolo Petta, *Stradioti. Soldati albanesi in Italia (sec. XV-XIX)*, Lecce, Argo, 1996.

> venezeanos por mandado do emperador, os quaes eram tam sabedores da guerra que todalas vezes que se pero nauarro capitão da Jente françesa afrontou com elles, o maltrataram. (…) E conçertandosse o emperador com venezeanos lhes deu liçença por nam aver mester guarnição em verona. E sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leuou consiguo dandolhes escala franca em todolos luguares de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos, de sorte que criou em breues dias mais de doze mil guerreiros com que entrou no ducado. E Jndo as cousas A largua, aJuntou mais de trinta mil homens em seu exerçito. sendo assi ambos os duques entrados na (sic)[432] terras dorbino, ouveram muitos Recontros nos quaes morreo muita Jente, E a maior parte do exerçito do manifico Lourenço [.]"[433]

Após o acordo estabelecido entre o Imperador e os venezeanos (o que mostra mais uma vez a singular volatilidade das alianças estabelecidas durante as *Guerras de Itália*), os mercenários espanhóis ficam livres de seguir quem lhes pague o soldo. É o momento ideal para Francisco Maria constituir um poderoso exército, no qual integra igualmente soldados profissionais de origem alemã e italiana.

Ainda em relação à composição do exército de Francisco Maria, o fidalgo assinala que o mesmo integra "mil E duzentos albaneses ou estradiotes cavalos ligeiros"[434] os quais, saliente-se, chegaram tão perto de Roma que "correram os campos de viterbo, E a çidade de orbieto com outras çidades E vilas da JgreJa"[435], ou seja, assume um carácter verdadeiramente mercenário e transnacional, numa Itália ela própria percorrida por exércitos de diversas nações beligerantes[436].

Perto do final do seu relato, o fidalgo de Chaves não deixa de salientar o angustiante estado emocional em que o pontífice se encontrava devido às excessivas perdas financeiras relacionadas com os seus exércitos, continuamente derrotados pelas forças de Francisco Maria, e também pela necessidade urgente de obter recursos financeiros extra para poder continuar a custear a *Guerra de Urbino* contra o duque Francisco Maria:

---

[432] Leia-se *nas terras*
[433] *MFC*, f. 216v.
[434] *MFC*, f. 218r.
[435] *Idem*, *ibidem.*
[436] *Vide* Michael Mallett and William Caferro, *Mercenaries and their Masters: Warfare in Renaissance Italy*, Universidade Northwestern/ Evanston, Pen & Sword Military, 2009, pp. 25-50; Paolo Petta, *Stradioti. Soldati albanesi in Italia (sec. XV-XIX)*, op. cit..

> "Como se o papa sentia afligido por suas cousas nom serem prosperas. Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa era mui afligido polla muita Jente que se perdera de seu exerçito E polla grande soma de dinheiro que guastaua. E sobretudo ser françisco maria senhor do campo" [437];

> "Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos." [438]

Em síntese, o fidalgo de Chaves mostra como os mercenários – na sua maioria contratados entre os suíços, os alemães, os espanhóis e os italianos – preenchem os campos de batalha da Itália dos primórdios do século XVI, em grande parte devido ao facto de os exércitos de então não possuírem ainda um carácter permanente, sendo antes constituídos por elementos muito heterogéneos, nomeadamente antigos contingentes feudais, ou seja, grupos armados apenas em período de guerra e na sequência de um apelo do nobre (que suporta a unidade por sua conta) a que se encontram ligados, o qual, por sua vez, responde à convocação do rei. Naturalmente, apesar da sua existência óbvia, estes movimentos de obrigação do serviço militar feudal não passam de meros vislumbres dos rigorosos vínculos e processos que tinham lugar séculos atrás [439].

Tal sucesso ao nível da contratação de mercenários em Itália decorre, por um lado, do aumento dos exércitos coevos devido à própria revolução a que se assiste na arte da guerra e no universo dos armamentos; e, por outro lado, devido à desmilitarização geral da sociedade, com excepção das repúblicas de Florença e de Veneza, casos paradigmáticos da tentativa de constituição de um ainda que incipiente exército nacional composto sobretudo por cidadãos livres. Em relação a este segundo aspecto há que ter em conta que o progressivo desarmamento da população civil italiana – à excepção da nobreza especializada na guerra, que deu inclusive origem a toda uma numerosa linha de prestigiados *condottieros* – conduziu a uma inevitável queda da experiência civil ao nível da participação massiva em operações militares. Naturalmente, este vazio acabou inicialmente por ser preenchido de forma satisfatória pelos inúmeros mercenários disponíveis, italianos e sobretudo estrangeiros.

---

[437] *MFC*, f. 218r.
[438] *MFC*, f. 219r.
[439] Cf. Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit., pp. 60-74 e pp. 261-265.

Por outras palavras, a desmilitarização da sociedade – sobretudo citadina – é uma das características da vida italiana desse tempo. Na realidade, no século XV vários foram os governos senhoriais em Itália que decidiram desarmar os súbditos para não correrem o risco de levantamentos populares armados, de onde resulta a mudança profunda no relacionamento entre cidadania e poder político. Uma mudança que tem por base, por um lado, o facto de as cidades e respectivas actividades e figuras sociais – como por exemplo juízes, notários, cambistas e prestamistas, mercadores, artesãos livres, entre diversas outras – ganharem uma decisiva vantagem em relação ao mundo rural; e, por outro lado, uma crescente tendência para a individualização em grande parte ela própria resultante desta primazia do mundo urbano, que constitui a palavra de ordem na definição da sociedade italiana do Renascimento. O paradigma deste fenómeno é muito provavelmente o bem-sucedido mercador que substitui as armas pelo seu lucrativo gabinete enquanto símbolo de *status* e via privilegiada para a promoção social.

A desmilitarização da sociedade italiana constitui, assim, um fenómeno político do qual procede a profissionalização da milícia e a possibilidade de reinserção daqueles que estão em condições de prestar os serviços militares mais complexos exigidos pelo evoluir da arte da guerra e pelo crescente complicar das relações interestatais. Falamos, por exemplo, da figura do senhor virado para a nova forma de praticar a guerra, da qual o nobre italiano foi precursor (devido à sua maior abertura de espírito no que toca à aceitação do progresso e das novidades que caracterizam o quotidiano coevo em Itália) em relação, nomeadamente, aos seus congéneres de além-Alpes[440] – a carreira de Francisco Sforza, capitão mercenário chegado à senhoria, constitui um caso paradigmático deste fenómeno[441].

Por tudo isto, a figura do soldado mercenário – falamos do moderno militar de profissão e não já do mero aventureiro das armas – torna-se naturalmente preponderante, quer em relação ao próprio universo militar (é inequívoco o seu relevo nas *Guerras de Itália*), quer relativamente a um cenário político pautado pela dificuldade dos governos em encontrar soldados instruídos e equipados para formar exércitos competentes. Noutra vertente, fica claramente estabelecida a distinção entre militares de profissão em serviço permanente, desde que os contratem e a massa de

[440] Neste aspecto, aliás, seguiu a tendência geral da restante sociedade italiana, sobretudo urbana e mercantil.
[441] Não é, afinal, por acaso que o *condottierismo* representa um caso específico de Itália.

cidadãos não militares, exclusivamente dedicados aos afazeres profissionais da vida comum[442].

O próprio fidalgo não deixa de expor ao seu senhor este fenómeno da desmilitarização da sociedade italiana, aquando, por exemplo, da descrição da queda de Siena, em 1516, nas mãos das forças papais:

> "O manifico burges nam esperando ver as bandeiras dos Jmiguos sabendo que çercauão a çidade se sahio acompanhado de muitos de caualo E de pee, E leuou consiguo todos seus tesouros E a fabio seu Jrmão menor, deixando sua molher E filhos na çidade [(] Ó trabalhosa vida dos tiranos) [.] Jsto fez assi temendo que os mesmos seus naturaes çidadões ho dessem nas mãos dos Jmiguos por que o bispo tinha muitos de sua parte na çidade. E o custume do pouo ditalia hee fauoreçer a quem vençe, sem aver Respeito senam saluar as vidas E fazendas, defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada (sic)[443] por dinheiro, guardando de meter a Risco suas pessoas."[444]

De salientar que as Repúblicas de Veneza e de Florença enveredaram por um caminho diferente: o de tentar instituir recrutamentos regulares no sentido de formar milícias locais e em serviço permanente – de acordo, portanto, com o pensamento de Maquiavel.

As companhias mercenárias, ou mesmo no caso dos combatentes profissionais isolados, não eram senão entidades colectivas ou individuais devotadas à obtenção de lucros. Tudo o mais era, de alguma forma, supérfluo. Daí, aliás, que os termos da prestação do serviço mercenário envolvesse um contrato muito próprio[445] e que, à época, se vulgarizem expressões como "Pas d'argent, pas de Suisses"[446], afirmação que se tornaria uma espécie de lema militar dos cantões confederados suíços. É por isso que, num sentido lato, o mercenário constitui uma figura perfeitamente representativa do seu

---

[442] Cf. John Rigby Hale, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, op. cit., pp. 127-178; Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, op. cit., pp. 62 e ss.
[443] Leia-se *assoldada por dinheiro*
[444] *MFC*, f. 212r.
[445] Cf. Geoffrey Trease, *The condottieri: soldiers of fortune*, London, Thames & Hudson, 1970, pp. 27-79; Michael Mallett, "O *condottiero*", Eugenio Garin (dir.), *O Homem Renascentista*, Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 39-57.
[446] Citado em Robert L. O'Connell, *História da Guerra*, op. cit., p. 132.

tempo[447], em particular tratando-se de Itália, legitimando em absoluto a crítica de Maquiavel enquanto perspicaz reflexo do que se passa à época.

Do texto do fidalgo – em momentos paradigmáticos como a chegada a Itália dos mercenários suíços a seguir à batalha de Ravena, o comportamento do exército mercenário de Francisco Maria na *Guerra de Urbino* e os recuos protagonizados pelo imperador em Itália – perpassa de alguma forma a arguta e incisiva consciência, na linha do pensamento de Maquiavel, de que a profunda mudança verificada na natureza da guerra e intensamente experienciada em solo itálico tinha como consequência o facto de as predatórias companhias de mercenários trazerem mais perigo do que vantagens para as populações locais e para a Itália no seu todo (cada vez mais instruído, na forja da guerra constante que distingue os devastados campos itálicos, a utilizar os benefícios brutais dos novos armamentos para matar impunemente mediante pagamento, o mercenário das *Guerras de Itália* não perde uma oportunidade de aplicar o que sabe e enriquecer mais um pouco, tornando-se um verdadeiro espectro sinónimo de saque e crueldade). Por outro lado, aspecto fundamental, perpassa igualmente a percepção de que um qualquer príncipe que deseje concretizar plenamente os seus objectivos político-militares não pode depender das companhias mercenárias, antes necessita de ter um exército (ou pelo menos parte dele) de carácter nacional; sobretudo porque aquelas necessitam invariavelmente (como, segundo o autor, bem experienciou o imperador) de ser pagas com absoluta regularidade[448], condição essencial para evitar a amotinação e a revolta, cujas verdadeiras vítimas acabam por ser as populações civis (aliás, constituía igualmente um receio permanente para os governos a possibilidade de levantamentos populares provocados pela falta de alimentos e pelas rapinas resultantes da acção militar, em particular dos bandos de mercenários).

Ou seja, o fidalgo percepciona a necessidade urgente em Itália de constituir uma força militar nacional que defenda os cidadãos mas que, ao mesmo tempo, não represente uma ameaça para as liberdades civis, bem como para o poder e para as instituições que aqueles desejam manter[449]. Noutra vertente, em última análise, a prossecução deste mesmo objectivo permite ao Estado explorar devidamente os seus

[447] Cf. Pia Francesca Cuneo (ed.), *Artful Armies, Beautiful Battles: Art and Warfare in Early Modern Europe*, op. cit., pp. 213-234; Michael Mallett, *Mercenaries and Their Masters: Warfare in Renaissance Italy*, op. cit., pp. 51-276.
[448] O soldo revela-se, pois, um genuíno factor de estabilidade no texto do fidalgo.
[449] Cf. Brian M. Downing, *The military revolution and political change…*, op. cit., pp. 56-83; Geoffrey Trease, *The condottieri: soldiers of fortune*, op. cit., pp. 107-174.

recursos naturais e o sentido cívico dos cidadãos[450]. Apenas Veneza e Florença, como refere no seu longo testemunho escrito, buscam na prática a efectiva concretização deste propósito premente. Ao invés, os Estados Pontifícios praticam precisamente o oposto: a total dependência de forças mercenárias e de exércitos estrangeiros[451].

6. Um novo horizonte: as consequências da guerra

O fidalgo regista no seu relato a forma brutal como a guerra se desenvolvia em solo itálico, com tudo o que isso implicava para as populações civis, afinal, as verdadeiras vítimas dos cada vez maiores exércitos que circulavam pelos ancestrais caminhos da Península.

Com efeito, desde 1494, que os italianos se habituaram a ver contingentes militares, sobretudo estrangeiros e mercenários, queimar os seus campos, saquear as suas cidades e violar as suas mulheres. Momentos por excelência para este estado de coisas são, por exemplo, aqueles em que os exércitos mercenários não receberam o soldo devido ou quando, após um cerco prolongado e, consequentemente, oneroso em homens e recursos financeiros para os atacantes, estes fazem cair sobre a população vencida toda a sua fúria e ressentimento. Neste último cenário, a brutalidade e a violência atingem matizes verdadeiramente desumanas, saindo demasiado cara a tenacidade da resistência[452].

No âmbito da batalha de Pádua, ocorrida em 1509, o fidalgo revela com detalhe o medo do massacre dos civis na sequência de um cerco:

> "cuidando o emperador que tinha padua segura os venezeanos que em al[i] tinhão o cuidado fizerom que os paduanos se aleuantarom E deitarom os do emperador fora E liurarom delles a çidade E tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre elles despeJarom a çidade de molheres moços

[450] Cf. Michael Mallett, "O *condottiero*", op. cit., pp. 39-57.
[451] Cf. Oscar Browning, *The age of the Condottieri - A short history of mediaeval Italy from 1409-1530*, op. cit., pp. 178-213.
[452] Cf. Frank Tallett, *War and Society in Early-Modern Europe, 1495-1715*, op. cit., pp. 3-20 e 148-245; John Rigby Hale, *Renaissance War Studies,* op. cit., pp. 335-358; Idem, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, op. cit., pp. 179-208; Julius Ralph Ruff, *Violence in Early Modern Europe 1500-1800*, op. cit., pp. 1-43.

> E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos."[453]

No mesmo contexto refere também, curiosamente pela voz de um combatente português, o apetite voraz dos invasores pelo saque da cidade sitiada:

> "sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate." [454]

Mas é em descrições como a do saque de Bréscia e do levantamento de Pérgamo, ambos em 1512, que o fidalgo transmite com maior emoção a sua visão das *Guerras de Itália* no que diz respeito às consequências dos combates para as populações civis, em particular para as mulheres:

> "(…) nom tardarom muitos dias que em brexa que hee outra grande çidade que foi de venezeanos se leuantarom E matarom trezentos homens darmas que hi estauam françeses. E aleuantaranse contra el Rey de França. E tambem se leuantou perguamo. E por averem venezeanos cobrado estas çidades mandou o papa fazer em Roma grandes festas, mas nam tardou muito que nom forão convertidas em planto E maguoa. E sabida em bolonha esta noua acudirom outra vez os françeses com muito maior pressa a Recobrar estas çidades deixando a bolonha soo E cheguados a brexa ha entrarom por força de combate, E meterom toda a çidade a saco, matando [,] Roubando, forçando donas e donzelas com crueldade nom vista. afirmasse em Roma que passaram de vinte mil almas as que moReram naquelle saco. E tambem foi Recobrado perguamo. E deixandoas a bom Recado tornaramse pera bolonha. sem outro si neste tempo o viso Rei bolir consiguo tendosse cada madruguada os çidadões por tomados nom entendendo Ja em al, senam em saluar suas fazendas, molheres E filhos." [455]

Também na descrição dos que se passou imediatamente a seguir à batalha de Ravena, em 1512, o autor volta a assinalar de forma emotiva o massacre dos inocentes,

[453] *MFC*, f. 141v.
[454] *MFC*, f. 142r.
[455] *MFC*, f. 151r e f. 151v.

neste caso específico, mais uma vez às mãos do exército francês, aliás, célebre pela sua brutalidade e violência para com as populações civis italianas[456]. As acções dos franceses são tão abomináveis que o fidalgo destaca com plena intenção condenatória situações como a violação de "molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam" e o profanar dos espaços e dos bens sagrados:

> "ao outro dia seguinte [da batalha de Ravena] foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles. na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[457]

A total ausência de honra (não respeitam a palavra dada) ou de qualquer laivo de moralidade cristã por parte dos guerreiros franceses, tanto mais gravosa quanto o facto de estarem sob o comando imediato de um cardeal, o cardeal "sam seuerino", deixa uma marca profunda no espírito do fidalgo que não deixa de transmitir a D. Jaime todo o seu sentimento perante tais atrocidades e em relação àqueles que as protagonizam.

Imediatamente a seguir no seu texto, o fidalgo chama a atenção para um dos maiores perigos dos momentos posteriores às grandes batalhas, sejam campais ou em contexto de cerco; a saber o perigo das doenças resultantes do facto de os mortos, regra geral devido ao seu grande número, ficarem por sepultar:

---

[456] Cf. Frank Tallett, *War and Society in Early-Modern Europe, 1495-1715*, op. cit., pp. 3-20 e 148-245; John Rigby Hale, *Renaissance War Studies*, op. cit., pp. 335-358; Idem, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, op. cit., pp. 179-208; Julius Ralph Ruff, *Violence in Early Modern Europe 1500-1800*, op. cit., pp. 1-43.
[457] *MFC*, f. 156r.

> "diziasse que a Jente que moReo nesta batalha era a mais estimada E sabedora na guerra que naquelle tempo avia na cristandade. por que ali moReo a que andara com guonçallo fernandez na guerra de napoles. E da Jtalia a que trazia Ramaçote E toda a escolhida de França dos quaes mui poucos ouverom sepultura. E por Jsso a maior parte da çidade se despouoou por muitos dias E assi muitos luguares daRedor por nam poderem sofrer ho grão fedor que dos mortos sahia que corrompendo ho ar causaua grandes Jnfirmidades."[458]

Outro pormenor extremamente revelador ao nível da psicologia associada à guerra apontado pelo fidalgo surge na sequência da vingança da população civil sobre os soldados espanhóis sobreviventes da mesma batalha de Ravena. A sede de punição e retaliação por parte dos italianos é tal que atacam os maltratados combatentes como se de uma autêntica guerra se tratasse. Podemos ler nesta irónica dicotomia – os perseguidores são agora os perseguidos – uma das mais singulares consequências da guerra apontadas pelo fidalgo:

> "Como se aJuntaram os espanhoes que escaparam da batalha. A gente espanhola que ficou da batalha se foi caminho de arimine E dahi a senagualha E A çidade destermo que hee na marca dancona E em cada luguar destes ficauam espritaes cheos de feridos E de emfermos E foram leuados ao vale da cruz onde se começou a Refazer o campo. E ali se contou a Jente E acharamse sete mil E quinhentos espanhoes todos a pee por que muitos homens darmas avião perdido seus caualos. E o custume dos guerreiros de Jtalia hee que nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos comem A discriçam que hee comer A custa dos ospedes sem paguar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça despois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos françeses E alemães Reçebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos moradores das vilages E castelos. E quando se aconteçe dar alguma batalha aJuntanse grande multidão de milhares destes da terra E vanse em maguotes açerca em luguares desviados a olhar os que peleJam. E vendo algum dos exerçitos postos em fugida deçem E tomanlhe os passos E os prendem E Roubam de quanto leuam E os que nam matam hee por grande ventura. desta maneira tomam vinguança dos males E desonrras que Reçebem. E assi aconteçeo aos espanhoes que fugirom desta batalha prinçipalmente aos de caualo que cuidando saluarse se meteram em maior periguo em as mãos dos vilãos que a muitos desbalisaram E mal trataram. (…) a Roma Jsso mesmo acudirom muita Jnfantaria de caualo assi tratados como Jente

[458] *Idem*, *ibidem.*

> que escapara das mãos de seus Jmiguos E depressa E de periguo tam grande."[459]

Em nenhuma outra passagem do seu texto o fidalgo atinge tal grau de pormenor descritivo relativamente às acções dos soldados em trânsito sobre as populações locais. Ficamos assim a saber que é "custume dos guerreiros de Jtalia (…) nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos (…) comer A custa dos ospedes sem paguar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça despois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos françeses E alemães Reçebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos moradores das vilages E castelos."[460] Mais uma vez, os franceses surgem como grandes protagonistas deste tipo de acções, com os quais ombreiam os alemães, igualmente célebres pela sua ferocidade face às populações civis.

Naturalmente, a simples rendição ou abertura das portas da cidade não chegava em tempos tão adversos para apaziguar a voracidade dos invasores. É o que demonstra o fidalgo com a descrição da chegada dos batalhões suíços a Itália após convocatória (e pagamento, pois, são mercenários) papal com a missão de expulsar os franceses do território:

> "foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, neguoçeou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha. E nam se contentauam os soiços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente."[461]

[459] *MFC*, f. 158r e f. 158v.
[460] *MFC*, f. 158r.
[461] *MFC*, f. 162r.

Havia, pois, que pagar para evitar o saque, a destruição dos bens materiais e a violência física, em particular a violação das mulheres, como se pode observar pela leitura das *MFC* um terror constante nestes anos em Itália.

O receio dos suíços, reconhecidos pela violência em campanha, e do exército espanhol é tal que, em 1512, a população de Bolonha decide entregar a cidade ao pontífice perante a ameaça da chegada daqueles. Passo curioso, dado que, pouco antes, durante o domínio francês e da tirânica família dos "vinteuolhas", a mesma urbe tinha revelado uma tenaz resistência ao domínio papal sobre a cidade. Tudo é, pois, preferível à violência e ao saque dos invasores estrangeiros:

> "Dom Reimão de cardona viso Rei, (…) leuou ha via de bolonha com entenção de a tomar. sendo os bolonheses avisados de sua vinda E vendo o dano que os soiços faziam no ducado de milão ouveranse por perdidos E tiueram maneira com o papa que mandasse Jente sua tomar bolonha antes da cheguada dos espanhoes. o papa mandou o duque dorbino com çinco mil homens a que se a çidade deu por mal de muitos que aviam sido em fauor dos vinteuolhas. E quando os espanhoes vieram nam acharam que fazer ca os vinteuolhas E os que a guardauão erão todos fugidos."[462]

O saque da vila do Prado, em 1512, pouco antes do cerco a Florença para recolocar os Médici no poder, é outro exemplo do quão duro e prolongado pode ser um saque:

> "El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguarem dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença. E por que os florentins sabiam que a vila de prado era da colaçia E banda do deleguado por ser dos mediçis, mandaram que os naturaes da vila se fossem a florença E meteram dentro çinco mil soldados, nom sendo os espanhoes sabedores disso. E o cardeal tendo que os seus amiguos estauam na vila tinha ordenado com o viso Rey que lhes nom fizessem mal, E que passassem contra florença [.] E passando mandaram pedir mantimentos A villa. E os soldados de dentro Responderom do muro palauras descorteses chamandolhe marranos que fossem a Reuena [.] E com este Jmpeto Remeteram A villa E tomaramna E matarom todolos que dentro estauam em guarnição a saluo dos de fora E ha meterom a saco E foi grande o

[462] *MFC*, f. 163r.

> Roubo por que Alem da vila ser grande E Rica, estiueram ahi mais de dous meses dassento E tiueram tempo pera vender atee o azeite E vinagre. E os luguares comarcãos, scilicet, luca E pistoya enRiqueçeram do que ali compraram barato."[463]

Destaque aqui para a fina ironia do autor ao assinalar que a presença dos invasores na vila saqueada foi tão demorada e profícua para os mesmos que até "tiueram tempo pera vender atee o azeite E vinagre. E os luguares comarcãos, scilicet, luca E pistoya enRiqueçeram do que ali compraram barato."[464]

Comentando o registo epistolográfico enviado pelo papa Leão X a D. Manuel de Portugal, o fidalgo destaca as nefastas consequências da guerra entre cristãos promovida pelo papado com vista à prossecução dos seus interesses particulares continuamente experienciadas em Itália:

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees."[465]

O autor chega mesmo ao pormenor de comparar o sofrimento das mulheres italianas ao vivido pelas cativas cristãs quando em mãos dos infiéis. Neste ponto sobressai a consciência de que se estas consequências decorressem da guerra contra os infiéis ainda havia lugar para uma certa tolerância fundamentada no conceito de "guerra justa"[466]; no entanto, quando devidas a conflitos entre cristãos, situação tanto mais

---

[463] *MFC*, f. 163r e f. 163v.
[464] *Idem, ibidem*.
[465] *MFC*, f. 176r.
[466] Para aprofundar a problemática do conceito de guerra "justa" *vide* Augustin Redondo, "Introduction" in *La Prophétie Comme Arme De Guerre Des Pouvoirs (XVe-XVIIe siècles)*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2000, pp. 7-13; Jean-Louis Fournel, "Les temps de la prophétie dans la Florence savonarolienne (automne 1494-été 1495)", *ibidem*, pp. 191-202; Ottavia Niccoli, "L'arme des prophéties et des prognostics dans les guerres italiennes, du XV^{e} au XVI^{e} siècle", *ibidem*, pp. 203-220.

gravosa quanto o facto de acontecer sob o beneplácito pontifical, não é aceitável qualquer condescendência.

Ao abordar o saque da feira da vila de Maestra, no quadro da descrição da célebre batalha de La Motta, em 1513, o fidalgo aponta a estreita relação entre Itália, riqueza e a cobiça pelo saque protagonizada pelas tropas estrangeiras – especialmente as companhias de mercenários ("quatro mil Jnfantes espanhoes, os quaes o emperador paguaua") – que constantemente atravessam os territórios itálicos:

> "Da batalha que o viso Rei ouue com venezeanos E das outras cousas que lhe aconteçeram Jndo pera napoles. Partido o viso Rei do duque de milão, foisse por verona que avia estado polos venezeanos em quanto os françeses estiueram em italia. a qual çidade hee grande E pertençe ao emperador E deixou em guarnição della quatro mil Jnfantes espanhoes, os quaes o emperador paguaua. E passando adiante foilhe dito que em huma vila de venezeanos chamada maestra, se fazia naquelles dias huma grande feira. E que erão vindos muitos mercadores venezeanos E doutras çidades de Jtalia com muitas mercadorias prinçipalmente sedas, grãs, perseos, E pelouços, que são panos no cume dos mais finos. E assi mercadores turcos que passam aquelle mar E trazem grande soma de chamalotes E tapetes muito finos E outras mercadorias. E detreminando de a Roubar, ho pos em obra. foi tam grande o despoJo prinçipalmente o das sedas [,] panos E chamalotes que nam tinham bestas nem carretas em que se podessem leuar. E partidos com seu grande Roubo leuando sua via pera napoles diziasse que foram tam a vista de veneza que pera chegar A çidade o mar soomente se metia em meo."[467]

A rica e pré-capitalista Itália, repleta de uma cultura e um esplendor faustoso, em grande parte fruto das suas dinâmicas comerciais e da sua produtiva indústria, constitui um motivo mais do que suficiente para fazer movimentar em sua direcção as grandes potências europeias e em particular as companhias de mercenários. Estas fazem-se contratar sempre que a oportunidade para enriquecer sorri, pois, para além do soldo, em solo itálico brilha alto a prática do saque enquanto fonte privilegiada para o lucro fácil por parte de todos aqueles que estão dispostos a arriscar a vida ao serviço de outros.

No âmbito da descrição da *Guerra de Urbino*, que teve lugar em 1517 e permitiu a Francisco Maria (I) della Rovere reconquistar o ducado de Urbino a Lourenço (II) de Médici, sobrinho do pontífice Leão X, o fidalgo mostra como o primeiro dá o seu próprio território a saque aos mercenários que compõe o seu exército (espanhóis,

[467] *MFC*, f. 165r.

alemães e italianos), acusando assim o modo absolutamente desapiedado como a ambição do poder se sobrepõe à segurança da própria população na Itália coeva[468]. Ocorrência tanto mais grave quanto o facto de o exército de Francisco Maria ser única e exclusivamente composto por combatentes mercenários espanhóis, alemães e italianos, cuja acção guerreira e até de subsistência revela uma total ausência ideológica ou vontade política. Apenas os guia o desejo do soldo e do saque:

> "Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo. (…) E conçertandosse o emperador com venezeanos lhes deu liçença por nam aver mester guarnição em verona. E sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leuou consiguo dandolhes escala franca em todolos luguares de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos, de sorte que criou em breues dias mais de doze mil guerreiros com que entrou no ducado."[469]

Por outro lado, se este exército de mercenários se mantiver inactivo as consequências poderão ser igualmente gravosas para a população civil dos territórios por onde passa ou fica estacionado.

Ainda no quadro descritivo deste confronto armado, o autor fornece um derradeiro exemplo do pânico provocado pelo saque, em especial quando praticado por mercenários:

> "Era tam avante françisco maria com suas vitorias que depois de cobrado seu estado se veo assentar nos confins de sena E de frorença com entenção de meter huma destas çidades a saco por que ambas estauam da mão do papa com senhos cardeaes leguados dentro. ca mediçis se foi a frorença, E petruche estaua em sena. E ambas estas çidades estauão com grande temor de ser saqueadas. E vendosse o papa em tal estremo, sendo mosembique medianeiro, acabou com el Rei carlo que mandasse sob grandes penas aos espanhoes que erão com o duque que se fossem pera o Reino de napole."[470]

Em suma, as *Guerras de Itália*, como o fidalgo tão claramente demonstra em numerosos exemplos, fazem a violência e o terror dos conflitos armados atingir todo um

[468] Cf. John Addington Symonds, *The Age of the Despots*, op. cit., pp. 1-13 e 36-55.
[469] *MFC*, f. 216v.
[470] *MFC*, f. 227r.

novo nível. Um patamar tão original como as armas em conflito: saque e destruição dos bens materiais perecíveis e do património construído; a sombra terrível do estupro das mulheres; proliferação de doenças resultantes do não sepultamento dos incontáveis guerreiros caídos em combate; pagamentos para evitar o saque pelas tropas em circulação, sobretudo as mercenárias e especialmente quando estão inactivas ou sem soldo - neste caso a violência pode mesmo chegar a ser brutal, não se limitando os bandos de mercenários a ficar com os bens materiais das populações vitimizadas pela sua presença. Mas também, em direcção contrária ao nível dos protagonismos da violência, a sangrenta e implacável vingança sobre os guerreiros derrotados sobreviventes às batalhas pelas populações civis fustigadas por tanta carnificina e rapinagem. Tudo exacerbado de uma forma sem precedentes é aquilo a que uma Itália vergada pelo sofrimento decorrente da guerra quase constante é forçada a assistir durante várias décadas, em que se sucedem os confrontos armados e a vitimização impune, sobretudo pelas forças estrangeiras e em particular pelas companhias e bandos de mercenários que apenas tinham por objectivo o lucro, fosse pelo soldo, fosse pelo saque da sua população. O pano de fundo para todo este tumulto de violência política é a disputa pela hegemonia transnacional protagonizada pelo emergente reino de Espanha, em breve pela sucessora dinastia Habsburgo em cujos domínios passa a integrar-se, e a Casa de Valois, afinal, o primeiro dos grandes pretendentes à dominação transeuropeia[471].

Uma disputa sempre pautada pela busca do equilíbrio de poder na política e nas armas, por sua vez expressa numa constante reacção simétrica aos avanços no armamento[472] cuja consequência última não é senão o mergulhar da Itália num ciclo cada vez mais violento de guerras e de letalidade sem precedentes[473].

Esta luta incessante – porque forjada numa cruel lógica dialéctica – por e contra a hegemonia transnacional na Europa, conduzia enfim a que a guerra constituísse,

[471] Cf. Brian M. Downing, *The military revolution and political change…*, op. cit., pp. 56-83; Henry Kamen, *Empire: How Spain Became a World Power, 1492–1763*, op. cit., pp. 3-122.
[472] Cf. David Eltis, *The Military Revolution in Sixteenth-Century Europe*, op. cit., pp. 54-76.
[473] Cf. John Rigby Hale, *Renaissance War Studies,* op. cit., pp. 335-358; Julius Ralph Ruff, *Violence in Early Modern Europe 1500-1800*, op. cit., pp. 1-43.

afinal, a extensão física por excelência da política e do jogo de poderes que nos inícios de Quinhentos tinha lugar na Itália, sobretudo, central e setentrional[474].

7. Redes familiares e poder

Como temos vindo a demonstrar, as *MFC* descrevem com clareza a forma marcante como as principais famílias italianas participam nas *Guerras de Itália* e determinam, não raras vezes, a própria política internacional das potências estrangeiras, bem como do papado, em relação aos destinos da península itálica. Importante para este estado de coisas é o facto de boa parte das figuras proeminentes destas poderosas Casas nobres terem protagonizado longas e frutuosas carreiras como *condottieri* ou na própria hierarquia da Igreja, em particular na cúria.

Casos como os da família Baglioni em relação a Perugia, os Bentivoglio em Bolonha, a Casa d' Este em Ferrara, os Sforza em Milão ou os Petrucci em Siena, entre diversos outros, reflectem bem a forma complexa, dispersa e sinuosa como a política italiana evoluiu na viragem da Idade Média para a modernidade. Com efeito, não é possível pensar a Itália dos séculos XV e XVI sem evocar o papel desempenhado por estas famílias, o qual o fidalgo inúmeras vezes refere de forma directa no seu testemunho. Sobretudo, a nível político, militar e cultural como sucede, por exemplo, nos casos da família Bentivoglio, em Bolonha, e da família Petrucci, em Siena.

No entanto, no caso específico de Roma, o fidalgo dá uma atenção particular aos conflitos quase permanentes entre as duas principais famílias locais – os Orsini e os Colonna –, bem como ao papel desempenhado por alguns dos seus mais destacados membros, sobretudo da parte dos Colonna, no cenário político-militar italiano. De tal forma, que tais conflitos e desempenhos pessoais, expressando alianças e contra-alianças inclusive a nível internacional, representam outra faceta importante da relação entre a guerra e o exercício efectivo do poder nas *MFC*. Conselheiros de príncipes e papas, os mais influentes membros destas famílias surgem em praticamente todos os grandes conflitos itálicos na viragem do século XV para o século XVI, assumindo mesmo grande protagonismo em vários deles, como são exemplo as guerras ocorridas

[474] Cf. Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit., pp. 60-74 e 261-265; Yuval Noah Harari, *Renaissance Military Memoirs (War, History and Identity, 1450-1600)*, op. cit., pp. 67-89.

durante os pontificados de Alexandre VI, Júlio II e Leão X e que envolvem a França, a Espanha, o Império e os Estados Pontifícios[475]. O poder de ambas as facções era tal, que soberanos estrangeiros com interesses em Itália recorriam por diversas vezes ao seu conselho e apoio político e militar[476].

O fidalgo de Chaves refere dois grandes momentos de conflito armado envolvendo as mais poderosas famílias nobres romanas. No primeiro caso, os conflitos ocorrem entre membros da casa Orsini e os espanhóis presentes em Roma, ou seja, envolvem directamente uma potência estrangeira, que, por sua vez, conta com o apoio da família rival daquela, os igualmente influentes Colonna. Ainda que indirectamente, ambas as casas mais poderosas da nobreza romana acabam, assim, por estar envolvidas neste conflito.

Este primeiro confronto que, na realidade, nunca chega a efectivar-se devido à eclosão da segunda guerra de Urbino, de que o fidalgo dá pormenorizado registo, relaciona-se, pois, com a presença espanhola em Roma e tem início numa simples advertência de um criado castelhano (fidalgo) do cardeal Santa Cruz a um cavaleiro romano, pelo seu comportamento indigno e insensato. Uma situação, portanto, de quotidiano e de carácter civil, pois, não envolve forças militares oficialmente reconhecidas como tais.

No entanto, aquilo que parece uma querela fortuita, sem consequências de maior, rapidamente se transforma num conflito de grandes proporções que deixa toda a cidade de Roma em estado de alerta. Nem a guarda papal consegue conter a onda de violência surgida entre romanos e espanhóis residentes em Roma:

> "De como se armou hum grande aRoido antre os Romanos E os criados do cardeal santa cruz. Caualguando hum mançebo per Roma em hum grande E fermoso caualo a que chamam cursicres por serem grandes saltadores, o qual ferindo o caualo das esporas ho fazia deitar pernadas a huma parte E a outra (…). E passando polla Rua que vai da porta de santo angelo pera populo na qual erão os paços do cardeal santa cruz que estão sobre o tibre, aconteçeo ser o cardeal com o papa, E hum seu criado homem fidalguo estando A porta coReo Risco de ser ferido dos couçes do dito cursicree E

[475] Cf. George L. Williams, *Papal Genealogy: The Families And Descendants Of The Popes*, Jefferson, McFarland, 2004, pp. 31-88.
[476] Para um maior aprofundamento desta temática *vide* Christine Shaw, *The political role of the Orsini family from Sixtus IV to Clement VII: barons and factions in the Papal States*, Roma, Istituto storico italiano per il Medio Evo, 2007; Idem, *The political role of the Orsini family in the Papal States, c.1480-1534*, Oxford, University of Oxford, 1983.

Reprendeo ao Romano das sandiçes que hia fazendo polla Rua. E voltando o Romano a elle chamandolhe marrano ho quisera ferir. E o castelhano se acolheo a casa Jndo o Romano atras elle ataa o pateo das casas. E loguo os de casa acodiram ao aRoido com armas, E o Romano saindosse da casa foi seu caminho. quando o cardeal veo do paço E lhe contaram ho que passara ouveo a grande JnJuria E descortesia, por que são mui guardadas E Reuerençiadas as casas dos cardeaes que nenhuma Justiça nem outra pessoa nom entra dentro com mão armada pera fazer ofensa a nenhuma pessoa que se a ella acolhe. E se a Justiça ou outra alguma pessoa que nas Ruas querem prender ou maltratar a algum, açertando de ser Junto de casa de cardeal, E gritando o apelido do cardeal, todos os familiares sahem com armas a lhe acudir E saluar como se fosse Jrmão de todos. E este priuilegio tem as JgreJas de Roma ca nom valem a nenhuma pessoa que se a ellas acolha. ao outro dia seguinte o cardeal foi fazer disto queixume ao papa. E estando com Sua Santidade aconteçeo que o mesmo Romano com outro seu parente ambos armados em senhos caualos cursicres grandes E fermosos com quatro moços desporas Jsso mesmo armados cheguaram ao terreiro de sam pero. E andando passeando o mestre de casa do cardeal, que era portugues, no dito terreiro esperando ao cardeal como hee custume dos criados dos cardeaes que estão no paço, se aJuntou per sorte com os Romanos. E Respondendo o que fizera a descortezia sobredita, Respondeolhe desonestamente com muita soberba chamando marranos. os moços destribeira do cardeal que estauam com a mula no pateo do paço Reconheçendo os Romanos, se foram de dous em dous pera o mestre de casa. E foram per todos oito. E vendo que os Romanos se soltauam mais do que deuiam em suas palauras com descortesias E soberba demasiada armaram com elles aRoido E os acutilaram de sorte que hum delles moReo di a poucos dias. E Jsto feito o mestre de casa se acolheo com os moços destribeira a casa do cardeal. E não tardou nada que muitos Romanos çidadãos prinçipaes parentes dos que foram feridos vieram sobre elles pera tomar vinguança, mas elles com outros criados do cardeal que erão dentro de casa sahiram aos Romanos E leuaramnos As lançadas atee a ponte de santangelo. E neste aRoido foi ferido hum Jrmão do que era ferido A morte. E sendo Ja os espanhoes Recolhidos, os Romanos se foram encontrar com o cardeal na ponte de santangelo, o qual vinha do paço sabendo Ja o que era aconteçido. E trazia consiguo muita Jente da guarda E familiares do papa que Sua Santidade mandara com elle. E sendo Ja no meo da ponte, os Romanos o afrontaram de tal maneira que lhe foi forçado Retraherse ao castelo. E dahi se foi ao paço do papa pollo muro secreto onde esteue alguns dias. E os seus se fizeram fortes em sua casa, porem poseram loguo em saluo os que aviam ferido aos Romanos. E o mestre de casa pareçendolhe que era sem culpa se deixou ficar cuidando que as cousas nam viessem a tamanho estremo, mas hum dos Romanos moReo das feridas cuJa morte foi tam sentida dos parentes que caro ouvera de custar aos espanhoes que em Roma avia."[477]

[477] *MFC*, f. 214v a f. 215v.

Naturalmente, tal explosão de ódio e violência não surge simplesmente do nada. Antes impõe-se como o culminar de um lento processo cumulativo de tensões, desagravos e rivalidades; o qual podemos, aliás, pressentir ao longo de grande parte das *MFC*.

Tal choque "identitário" deve-se em boa parte ao facto de que, desde os papas Bórgia – Calisto III (1378-1458)[478] e, sobretudo, o seu sobrinho, Alexandre VI[479], ambos de origem espanhola[480] –, a presença de espanhóis em Roma torna-se irreversivelmente crescente, com a particularidade de a sua influência na governação da cidade, especialmente no que diz respeito à cúria, ou seja, enquanto capital da Cristandade, e dos Estados Pontifícios ser cada vez mais relevante; facto que nunca deixou de desagradar às famílias romanas, ainda que com eles tivessem importantes relações de poder.

Se juntarmos a tudo isto a governação espanhola em Nápoles[481] e o facto de o pontificado de Alexandre VI ser tremendamente controverso, não apenas devido à simonia e corrupção, mas sobretudo ao nepotismo para com os seus filhos, em particular César Bórgia, para quem tentou estabelecer um verdadeiro reinado associado à Igreja na Itália Central, torna-se fácil compreender a "antipatia" da nobreza romana perante tal crescendo demográfico e, sobretudo, de poder e influência política nos destinos de Roma e da Cristandade por parte dos espanhóis – de alguma forma em detrimento das principais famílias nobres romanas que desta forma se viam secundarizadas no exercício do poder na sua cidade de origem:

> "os Romanos entraram em conselho tres dias a Reo. E os votos dos mais erão que metessem A espada todolos espanhoes de Roma sem perdoar a nenhum estado, dizendo que nam era de comportar serem mandados E

[478] Trata-se de Afonso de Bórgia, papa entre 1455 e 1458, data da sua morte.
[479] Com a nomeação do tio para o papado, Rodrigo Bórgia foi sucessivamente elevado a cargos importantes, a saber, bispo, cardeal e vice-chanceler da Igreja. Por outro lado, tornou-se um notável diplomata, servindo a cúria romana durante cinco pontificados, os quais permitiram-lhe granjear avultada experiência administrativa, influência política, riqueza e poder, em particular enquanto vice-chanceler da Igreja.
[480] Ambos nasceram em Valência.
[481] Em 1504, derrotado pelas tropas aragonesas de Gonzalo Fernández de Córdova y Aguilar (*El Gran Capitán*), várias vezes referido pelo fidalgo no seu texto, na segunda guerra de Nápoles (1501-1504), Luís XII de França abandona as suas ambições no Sul de Itália para Fernando, o *Católico*, rei de Aragão e Castela. A assinatura do Tratado de Lyon, em 1504, dá assim início ao período de dominação espanhola no reino de Nápoles. Cf. Ramón Menéndez y Pidal, *Historia de España: Tomo XVII, La España de los Reyes Católicos*, op. cit., pp. 5-22, 335-408 e 542-624.

> guovernados por elles E tam maltratados que em sua propia terra E çidade os feriam E matauão." [482]

Toda esta situação agrava-se por dentro, ou seja, pelo facto de a própria sociedade romana se encontrar dividida em relação à presença estrangeira na capital da Cristandade. Com efeito, as duas principais famílias romanas estão divididas no apoio às principais forças estrangeiras mais influentes em Roma: a família Orsini serve o rei de França, ao passo que a sua grande rival, a família Colonna, apoia o partido espanhol. O fidalgo é, aliás, bastante elucidativo na forma como apresenta esta clivagem, que tem um papel determinante na vida de toda a sociedade romana e no próprio quotidiano da cidade, entre as mais poderosas famílias nobres romanas:

> "Como os Romanos acordauão de poer A espada os espanhoes de Roma. Estes sobreditos dous Romanos erão parentes de todolos prinçipaes da casa Vrsina que hee a casa prinçipal dos Romanos, despois dos coluneses. E estes sam dous bandos que sempre tem Reixa huns com os outros. E os coluneses seruem a el Rei de castela, E os orsinos a el Rei de França."[483]

Divisão que conduz inevitavelmente ao conflito em questão, pois ambos os romanos mortos na contenda com os espanhóis eram da casa de Orsini, o que transforma, por via da vingança entre famílias, uma ofensa de rua e um crime civil e localizado num conflito político de dimensões internacionais, que em muito reflecte toda a periclitante situação política vivida em Itália e mais particularmente na capital da Cristandade. Comprovam-no o envolvimento do próprio pontífice, bem como o do seu sobrinho, capitão-geral da Igreja e à época duque de Urbino:

> "tomando os parentes do mançebo grande sentimento por sua morte, avendo a grande JnJuria, E abatimento armarem os espanhoes com elles aRoido, leuando o melhor E sahindo com suas honrras. E aJuntandosse em capitolio, E com elles o manifico Lourenço capitão da JgreJa, do acordo que ouveram o manifico se foi ao papa, E lhe pedio que mandasse prender ao mestre da casa do cardeal, E lho fizesse entreguar pera lhe mandar cortar a cabeça. o papa ho mandou prender E leuar ao castelo de santo angelo onde o teue pairando com os Romanos que RiJamente Requeriam que se fizesse delle Justiça. terçando polla parte do cardeal, atee se estas tempestades abaterem, este mestre de casa era portugues E se chamaua Jacome monteiro. os Romanos entraram em conselho tres dias a Reo. E os

[482] *MFC*, f. 215v.
[483] *Idem, ibidem*.

> votos dos mais erão que metessem A espada todolos espanhoes de Roma sem perdoar a nenhum estado, dizendo que nam era de comportar serem mandados E guovernados por elles E tam maltratados que em sua propia terra E çidade os feriam E matauão. E os que prinçipalmente este conselho dauão era o arçebispo vrsino de monte Jordam, E o senhor Renço, E o manifico Lourenço com outras cabeças E capitães. E nam se ordenauam estas cousas antre elles tam secretas que os espanhoes nom fossem de todo avisados, que Jsso mesmo tinham seus conselhos huns com os outros. E estando sobre aviso se faziam fortes em suas casas E com detriminação de se defender, E Resistir ao poder dos Romanos. E nam soomente erão em Resistir aos Romanos, mas tres mil foram em hum acordo de dar sobre elles E poer foguo ao capitolio E queimalos todos dentro. E os homens sisudos assi dos espanhoes como dos Romanos trabalharam por evitar tam grande escandalo."[484]

O ódio entre famílias expressa, afinal, os conflitos entre as duas maiores potências europeias coevas, em gládio pelo domínio da rica e apetecível península itálica.

Através do exemplo do "duque de tracto", o fidalgo de Chaves aponta de forma inequívoca esta "projecção" de conflitos. De facto, este duque viu-se desapossado das suas propriedades no reino de Nápoles pelo rei D. Fernando de Aragão e Castela, que entregou as mesmas a "prospero de coluna", um dos mais notáveis e influentes membros da família Colonna, apoiante confesso do partido espanhol em Itália, se bem que, em casos como o do papa Alexandre VI, não tenha tido reservas em ficar contra a facção espanhola em Roma, mostrando afinal, mais uma vez, como a política em Itália na encruzilhada da Idade Média para a Idade Moderna em nada constituía um processo linear e translúcido.

A forma como o rei espanhol, nas palavras do fidalgo pela voz do duque, manuseou e, enfim, manipulou, os bens políticos e patrimoniais italianos constitui, afinal, um fiel retrato de como a Itália se encontrava nos antípodas de qualquer forma de Estado politicamente unificada:

> "Era na companhia E conselho dos Romanos o duque de tracto mançebo de xxxb anos de mui bõa desposição E pareçer que andaua desterrado do Reino de napole onde tinha seu estado, por que el Rei dom fernando de castela lho tomara, E o dera ao senhor prospero de coluna."[485]

[484] *MFC*, f. 215v e f. 216r.
[485] *MFC*, f. 216r.

Estado de coisas reafirmado e claramente exposto nas palavras seguintes do mesmo "duque de tracto", que salienta que mesmo que os romanos, em número muito superior aos espanhóis, os tomassem de vencida, as restantes nações europeias receando o mesmo destino para os seus cidadãos em Roma (que neste passo equivale a dizer "Itália") certamente cairiam sobre os romanos dando-lhes cruel e sangrento destino. Não podia ser mais trágico e fiel à realidade o retrato traçado pelo fidalgo para o destinatário do seu texto, que desta forma fica muito bem informado acerca da autêntica situação política vivida em Itália, um território dividido entre as potências europeias com o apoio, sincero ou falso, das mais poderosas famílias italianas e, ainda que muitas vezes contrariado, o beneplácito papal:

> "este duque [de tracto] vendo que os Romanos tomauam por derradeiro conselho hir sobre os espanhoes E matalos A espada, lhes falou na maneira seguinte. (…) Eu sam aqui vindo com vos outros pera dizer aquillo que me pareçer melhor conselho do que se deue fazer nisto pera que nos aqui aJuntamos [,] E assi pera poer minha pessoa a todo Risco E periguo pera vir a efeito aquillo que ordenardes. mas antes que nada se detrimine por obra, quero saber de voos que Romanos se poderão aJuntar que peleJem contra os espanhoes, E quantos espanhoes avera em Roma pera tomar armas. foilhe Respondido que se aJuntarião vinte mil Romanos E que os espanhoes poderiam ser seis mil. o duque Respondeo, bem me pareçe que temos Jente pera comprir nosso proposito, porem nam tanto a nosso saluo que os mais E mais prinçipaes de noos, primeiro nom percam as vidas, por que noos avemos de capitanzar, mandar E guovernar aos nossos. E lhes avemos densinar E amostrar com as obras de nossas mãos como elles hão de cometer aos Jmiguos E fazendo Jsto, os espanhoes são de tanto animo, sabedores E esprementados na guerra, que caramente hão de vender suas vidas, dando morte cruel aos que primeiro diante se acharem. assi que nos comvem perdermos primeiro as vidas que os nossos seJam tocados de suas espadas como sabeis que cada dia ho poem por obra nesta nossa Jtalia nas batalhas E afrontas em que se achão. E nam tenho duuida que sendo cometidos de vossos fortes braços E animos nam vençidos, posto que muitos percamos as vidas em breue tempo pereçerão todos. mas tenho grande Reçeo que os alemães, françeses, Jngreses, vnguaros, E os das outras nações, vendo que poemos a matar os espanhoes, temendo que outro dia faremos o mesmo a cada nação delles, se aJuntarão com os espanhoes. E Juntos façam a noos o que noos a elles queremos fazer. E quando Jsto assi nam aconteçesse, E de todo nosso proposito fosse comprido nam creo que os Reis E prinçepes christãos çerrassem a Jsto as orelhas, antes pondo diante sy tal crueldade se congreguarão E com grandes exçerçitos entrarão em Roma, E dando a noos E a nossas molheres E filhos crudelissima morte deRibarão E arasarão nossas casas E possissões E extinguirão ho nome E geração dos Romanos pera sempre. E a gloriosa fama que nossos anteçessores alcançaram senhoreando ho

> mundo, se apaguaraa, E perderaa em noos, por tam feo caso como este seraa. como o duque ouue acabado, alguns ançiãos louuaram seu conselho. posto que o senhor Renço E o arçebispo, E o senhor troilhos sabelo eram de cantraira opinião, E estas Rezões do duque foram causa que dilatou poerse por obra naquelles dias o que detriminauam. ca os mançebos dando mais luguar a seus apetitos mal avisados nam dauam credito ao conselho dos sisudos."[486]

Sábio conhecedor da real situação italiana, o "duque de tracto" remete com as suas palavras sensatas e realistas para Maquiavel que proclama, no derradeiro capítulo da sua obra *O Príncipe*, a urgência da libertação da península itálica do jugo estrangeiro e a elevação de um verdadeiro Estado nacional e unificado italiano, única solução para a existência calamitosa vivida à época pelos seus compatriotas: "Não se deve, pois, deixar passar esta ocasião, a fim de que a Itália veja, depois de tanto tempo, aparecer um seu redentor. Nem posso exprimir com que amor ele seria recebido em todas aquelas províncias que têm padecido com estes aluviões estrangeiros, com que sede de vingança, com que obstinada fé, com que piedade, com que lágrimas. Que portas se lhe fechariam? Que povos lhe negariam a obediência? Que inveja se lhe oporia? Que italiano lhe negaria o obséquio? A todos cheira mal este bárbaro domínio."[487]

O politólogo florentino compara os italianos ao povo de Israel oprimido pelos egípcios, aos persas subjugados pelos medos, e aos atenienses divididos: "assim, no presente, querendo conhecer a virtude de um espírito italiano, era necessário que a Itália se reduzisse aos termos actuais e que ela estivesse mais escrava que os hebreus, mais serva que os persas, mais dividida que os atenienses: sem chefe, sem ordem, vergada, espoliada, dilacerada, espezinhada, e tivesse suportado toda a sorte de ruína."[488]

Na sua perspectiva, a solução para a desgraça sofrida pelos seus compatriotas às mãos dos bárbaros estrangeiros reside num príncipe forte e virtuoso, a saber Lourenço (II) de Médici, o delfim do papa Leão X, seu tio: "Vê-se como ela [a Itália] reza a Deus que lhe mande alguém que a redima de tais crueldades e insolências bárbaras. Vê-se também toda ela pronta e disposta a seguir uma bandeira, assim haja aqui alguém que a empunhe. E não se vê, presentemente, em quem ela possa esperar mais do que na vossa

[486] *MFC*, f. 216r.
[487] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XXVI, p. 239.
[488] *Idem*, *ibidem,* pp. 235-236.

ilustre Casa, a qual, com a sua fortuna e virtude, favorita de Deus e da Igreja, de que é agora príncipe, poderia encabeçar esta redenção."[489]

Para Maquiavel a essência do processo político reside, pois, na mudança, na *varietà* dos tempos, a qual só não termina em ruína se houver a virtude necessária para contrariá-la e atribuir-lhe, ao invés, um percurso satisfatório. E para ele esta é precisamente a situação vivida pela Itália do seu tempo: um território fragmentado em pequenos Estados e um povo dividido que assiste impotente a sucessivos conflitos no seu solo que, irremediavelmente, conduzirão à sua total decadência. Os sinais de declínio são tão evidentes quanto óbvio é o crescimento e a consolidação das potências que no seu próprio território disputam o domínio da Europa nos séculos vindouros.

Esta situação que é por natureza urgente, na medida em que é necessário defrontá-la no quotidiano, dilacera Maquiavel, sobretudo, porque mostra como o mundo dos homens não pode ser pensado de forma teleológica. A história não é determinista, não existe um destino preciso para onde a humanidade se dirige inexoravelmente. Ao invés, a mudança permanente, o constante devir dos acontecimentos e as intenções sempre mutáveis dos protagonistas históricos constituem a pedra-de-toque do processo histórico. E a "sua" Itália constitui a perfeita materialização desta premissa. No entanto, na sua perspectiva, é possível suster esta *roda da Fortuna*, pois, o que interessa em última análise é o presente, o plano factual, enfim, a "verdade efectiva das coisas". O cerne da questão está em que, tal ponto de partida, implica agir independentemente das normas universais de conduta que passam assim para segundo plano na acção governativa.

Estando a Itália esmagada pela desordem política e o caos da guerra, só um acto fundador, porque decisivo, executado por um príncipe capaz de romper se necessário violentamente com o passado pode conduzir à instauração de um Estado original, que responda satisfatoriamente e de forma adequada às urgentes exigências do presente. Alguém, em suma, que faça recurso dos meios necessários para concretizar este fim, independentemente do seu suporte moral, pois a experiência quotidiana revela que não existe de facto nenhum plano divino, antes o ser humano está sujeito aos caprichos da mudança incerta e constante (a *Fortuna*).

[489] *Idem*, *ibidem,* 236.

Por outras palavras, só o príncipe dotado da *virtù*, no sentido de força e energia política puras, pode, pois, fundar e assegurar o Estado, enquanto única protecção realmente eficaz para fazer frente às vicissitudes da *Fortuna*. O mesmo é dizer que pode e deve fazê-lo a todo o custo e se necessário por todos os meios, sem necessidade de justificação, seja ao nível interno ou externo: "E por isso é preciso que ele [o príncipe] tenha um ânimo disposto a voltar-se consoante os ventos da fortuna e a variação das coisas lhe mandam; e, tal como acima se disse, não se afastar do bem, se puder, mas saber entrar no mal, se necessário."[490]

Contra o poder fraccionado e a autoridade estilhaçada das famílias nobres que dominam o território italiano, é necessário um príncipe capaz de elevar e afirmar um Estado uno e independente, que incarne uma vontade racional. Os meios de que se deve fazer recurso para levar a bom porto tamanha tarefa podem variar na medida em que são as necessidades circunstanciais que, em última instância, os ditam.

Desde o fim dos Hohenstaufen, em meados de Duzentos, que a Itália experiencia uma infindável série de guerras entre as cidades-Estado que a compõem, e das quais, na viragem do século XV para o século XVI, restam apenas as *cinque principati* (Milão, Florença, Veneza, Roma e Nápoles), que acabam por cair uma após a outra nas mãos das famílias nobres mais poderosas que as transformam em principados[491]. É o primado do caos das lutas partidárias e das desenfreadas ambições de famílias rivais, de que Bolonha, Siena, Perugia, Milão e Ferrara são exemplos maiores.

As famílias, como que entrincheiradas em ricas cidades fortificadas, defendiam de forma acérrima os seus direitos e interesses sem terem em conta os dos vizinhos, antes ambicionando-os com vista ao engrandecimento da sua constelação de poderes. E dado que detinham a riqueza financeira necessária para manter exércitos próprios, regra geral, companhias de mercenários sob o comando de experimentados *condottieros*, conseguiam impossibilitar qualquer tentativa política de unidade nacional, mesmo que sob o apanágio de algum príncipe estrangeiro (quando a França crescia, logo a Espanha, a Inglaterra ou o Império intervinham em sentido contrário, e vice-versa).

---

[490] *Idem*, *ibidem*, capítulo XVIII, p. 197.

[491] Até as mais poderosas Repúblicas, como Siena, Florença e a própria Veneza, que no final do século XV era de facto governada por uma oligarquia de várias famílias, acabam por ceder à pressão devastadora do poder oligárquico rapidamente transformado em tirania ou principado de matriz tirânica. E apenas em casos de excepção, como o dos Médici em Florença, se assiste – pela acção do poder absoluto – ao resolver dos conflitos políticos locais e ao consequente afirmar de um Estado com longevidade. Daí não ser de estranhar o facto de Maquiavel dedicar a obra *O Príncipe* a Lourenço (II) de Médici e elevar esta Casa – em particular o descendente da mesma que atingiu o pontificado, Leão X – ao estatuto de exemplo a seguir. Cf. Hagen Schulze, *Estado e Nação na História da Europa*, op. cit., pp. 43-83.

Tudo isto fez com que a Itália e respectivos principados e Repúblicas se tornassem meros peões no xadrez internacional jogado pelas potências estrangeiras no seu próprio solo. Sendo que o apetecível prémio não era outro senão o domínio sobre a Europa e sobre o mundo, à época em pleno desbravar.

Com as guerras intermináveis a servirem de sustentáculo quotidiano, em Itália, o equilíbro foi sempre a ordem principal e nunca a unidade e a hegemonia. A ancestral península era um fruto demasiado apetecível, e perigosamente poderoso se reunida sob uma só autoridade, para que tal fosse permitido.

Daqui que a tese do grande pensador florentino evoque a transição para um mundo onde, apesar de a componente humana continuar a ser em grande medida de matriz medieval, se vê despoletarem novos valores e novas formas de pensamento, em particular ao nível político e militar. A Itália, pelas suas características específicas a todos os níveis, constitui a antítese de um plano onde quem mais ordena são os princípios político-morais. Ao contrário, apresenta-se como um espaço geopolítico fragmentado, onde tudo é válido, inclusive as "manhas nom licitas"[492], tão sabiamente evocadas pelo fidalgo de Chaves em relação ao exercício do poder temporal pelo próprio papa.

Se juntarmos a isto o caos oligárquico que caracteriza o território na época de Maquiavel, sobretudo a própria capital da Cristandade, compreende-se a urgência da "razão política" e da "razão de Estado" do pensador florentino, que assim se apresenta – e não podia ser de outro modo – como o arauto do Estado-nação. Dito de outro modo, como aquele cujo desejo maior e mais premente é a elevação da Itália a um Estado ao nível dos outros grandes Estados europeus, sob a chefia de um herói que escorrace os estrangeiros, organize um exército permanente nacional e reforme as instituições políticas.

Todavia, Maquiavel revela-se aqui, afinal, um utópico, pois, se a Itália dessa época constitui inequivocamente o ponto central e vital do espaço europeu em termos culturais, artísticos e tecnológicos, ao invés, a nível político encontra-se no lado diametralmente oposto, ou seja, não era, em absoluto (e nem se vislumbrava que o fosse tão cedo, como aliás a própria História veio a confirmar), um Estado forte, ao serviço da "razão" e consequentemente unitário e duradouro. Este tipo de Estado tão desejado por Maquiavel concretizou-se, de facto, mas noutras partes da Europa, como em Espanha,

[492] *MFC*, f. 217r e f. 217v.

França, Portugal, entre outros. Aliás, a extraordinária dinâmica cultural que colocou a Itália na vanguarda do saber a todos os níveis relativamente ao resto da Europa derivava em grande parte precisamente dessa fragmentação territorial e política. Ou seja, é graças à existência de diversas cortes concorrentes entre si, que se verifica a multiplicação dos centros culturais e artísticos característicos da Itália do Renascimento, como já acontecera com a Grécia da Antiguidade e iria verificar-se dali a alguns séculos na Alemanha setecentista.

Na essência, a Itália dos séculos XV e XVI consistia, devido a essa fragmentação e consequente fragilidade territorial e política, num "laboratório" onde acabaram por ser experimentadas as "capacidades de funcionamento das diversas formas de Estado"[493]. Como refere Hagen Schulze, "não é por acaso que os teóricos políticos mais importantes da época eram italianos"[494] e "não é por acaso que *O Príncipe*, de Maquiavel, e a *Utopia*, do estadista e diplomata inglês Thomas More (1478-1535), surgiram quase simultaneamente"[495].

Ambas as obras, ainda que em sentidos diferentes e evocando contextos diferenciados, tentam responder àquilo que os seus autores consideravam ser as calamidades da sua época. Ambas enaltecedoras da "razão", apontam afinal, para modelos de Estado ideais, para utopias, ainda que no caso de Maquiavel esse objectivo fosse tido como bem real e urgente. Não podiam, pois, estar mais de acordo com o tempo que as viu nascer.

Parece ao pensador florentino "concorrerem tantas coisas a favor de um príncipe novo que eu nem sei se alguma vez houve tempo mais apto para tal."[496] Facto curioso e irónico, pois apesar de, efectivamente, a situação italiana ser propícia, quando olhada de fora, ao espírito messiânico enaltecedor da chegada de um príncipe forte que unifique sob as suas armas toda a Itália; a *verdade efectiva das coisas* aponta precisamente no sentido oposto, ou seja, que nunca a Itália de tão fragmentada e dividida que está, esteve tão distante da unidade como na viragem do século XV para o século XVI, em parte devido ao espírito dos próprios italianos, sobretudo aos que ostentam algum poder económico e decisor, como tão perspicazmente o fidalgo observa:

[493] Hagen Schulze, *Estado e Nação na História da Europa*, op. cit., p. 49.
[494] *Idem*, *ibidem.*
[495] *Idem*, *ibidem.*
[496] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XXVI, p. 235.

> "E o custume do pouo ditalia hee fauoreçer a quem vençe, sem aver Respeito senam saluar as vidas E fazendas, defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada (sic)[497] por dinheiro, guardando de meter a Risco suas pessoas."[498]

O Estado italiano sob a forma que Maquiavel intui e projecta só conseguirá objectivar-se historicamente no século XIX, pelo simples facto de que só nessa altura estarão, de facto, reunidas as condições políticas, internas e externas, para tal. No entanto, a percepção e a identificação da *verità effettuale della cosa* como o farol pelo qual os governantes devem orientar a sua acção governativa revolucionou por completo a ciência política e trouxe a modernidade à Europa. É indubitável, pois, que Maquiavel esteja, contra tudo e contra todos, na origem da modernidade e que o fidalgo tenha assistido *in loco* ao devir histórico-político que fundamentou o pensamento e a tese do controverso florentino. Tal estado de coisas relatou o agente flaviense de forma extraordinariamente circunstanciada ao seu senhor, ainda que sempre condicionado pelo seu referencial político-cultural de origem.

É, pois, por tudo isto, inequívoca a sensibilidade política do fidalgo de Chaves que apreende a complexidade da vida política romana e italiana em toda a linha, não deixando pontas soltas na emotiva e inquietante interpretação que faz do explosivo cenário vivido no coração da Cristandade. Palavras como, "mas tenho grande Reçeo que os alemães, françeses, Jngreses, vnguaros, E os das outras nações, vendo que poemos a matar os espanhoes, temendo que outro dia faremos o mesmo a cada nação delles, se aJuntarão com os espanhoes. E Juntos façam a noos o que noos a elles queremos fazer. E quando Jsto assi nam aconteçesse, E de todo nosso proposito fosse comprido nam creo que os Reis E prinçepes christãos çerrassem a Jsto as orelhas, antes pondo diante sy tal crueldade se congreguarão E com grandes exçerçitos entrarão em Roma, E dando a noos E a nossas molheres E filhos crudelissima morte deRibarão E arasarão nossas casas E possissões E extinguirão ho nome E geração dos Romanos pera sempre"[499], são suficientemente esclarecedoras em relação à forma como a Itália se encontrava espartilhada e completamente subjugada à vontade e autoridade das potências europeias cristãs, que a seu belo prazer faziam dos territórios itálicos o palco privilegiado dos seus

[497] Leia-se *assoldada por dinheiro.*
[498] *MFC*, f. 212v.
[499] *Idem*, *ibidem.*

épicos confrontos armados e, consequentemente, elevavam as vidas italianas à condição de vítimas por excelência de tal luta pelo poder hegemónico.

O fidalgo é perfeitamente consciente do presente e do futuro da política e da guerra praticadas em Itália, bem como das suas repercussões na restante Cristandade. O seio dos jogos de poder italianos são algo que ele conhece e de alguma forma domina, como podemos depreender pelo seu testemunho para o 4º duque de Bragança.

Naturalmente, sendo "espanhol", e de acordo com o espírito e o estilo que percorre todo o relato que fornece ao seu senhor, o fidalgo não deixa de expressar o seu juízo sobre a sorte final desta contenda entre romanos (Orsinos) e espanhóis, como já se referiu, iniciada numa mera ofensa de rua, mas rapidamente transformada num choque de proporções transnacionais e, sobretudo, transposta, para o cenário das *Guerras de Itália* na figura da segunda guerra de Urbino:

> "E sendo neste conto o manifico Lourenço como dito hee, estando Juntos no capitolio lhe cheguou ali noua como françisco maria duque dorbino hia com grande oste despanhoes, alemães, Jtalianos, a Recobrar seu ducado, a qual noua pos tanta toruação no manifico Lourenço, E naquelles senhores seus parentes E amiguos que os espargeo de sorte que ficou tudo em paz E taes ouvi ahi que esperauam ofender aos espanhoes de Roma, E ouveram o castiguo que mereçiam, dos que vinhão com o duque dorbino." [500]

O segundo grande momento de conflito armado referido pelo fidalgo de Chaves envolvendo as casas mais poderosas da nobreza romana – os Orsini e os Colonna –, desta feita de forma directa, ou seja, sem a intervenção de protagonistas estrangeiros apoiados por qualquer das facções, relaciona-se com a morte de duas figuras ilustres da família Colonna, num acto de vingança cometido pelos Orsini na sequência de um ataque em "que os coluneses meteram a saco huma grossa vila da JgreJa pouoada dos orsinos, na qual foi feito grande estraguo de Roubos E mortes domens." [501]

O próprio título do capítulo das *MFC* relativo a esta contenda não deixa, aliás, margem para dúvidas ao leitor acerca dos protagonistas envolvidos na mesma, bem como da natureza e das causas dos actos cometidos: "Das Reuoltas dos orsinos E coluneses, E da morte de bernardo mocar, E de pero marguano." [502]

---

[500] *MFC*, f. 216v.
[501] *MFC*, f. 218v.
[502] *Idem*, *ibidem.*

Logo no início da passagem, o fidalgo realça como "Os orsinos E coluneses teueram sempre bandos antre sy E desavenças, as quaes Renouaram nestes dias. E tanto foram creçendo"[503] que culminaram no referido ataque a uma abastada vila pertença da Igreja, mas ligada ao partido Orsini. Naturalmente, as consequências em forma de represália ou retaliação – um instrumento de justiça, no sentido punitivo e de aplicação de justo castigo, largamente utilizado em Itália para a resolução de questões entre famílias rivais, nomeadamente ao nível de conflitos políticos – não se fizeram esperar, referindo o fidalgo que os ursinos que estavam em Roma rapidamente pegaram em armas vingando o ataque colunês com a morte nas ruas da urbe de "bernardo mocar colunes mui grande letrado E homem de muita valia antre os Romanos, o qual avia poucos dias que fizera humas casas mui bem edificadas, E de pinturas mui naturaes"[504] e de "pero marguano em huma sua vila que comprara avia poucos dias noue milhas de Roma."[505]

O fidalgo dá particular destaque à forma como este último encontra a morte[506], enaltecendo a sua figura e o seu estatuto de "mançebo sobre todolos Romanos mançebos."[507] O seu falecimento constitui um acontecimento digno de interromper o quotidiano da capital da Cristandade:

> "estimado dos de seu tempo foi sua morte mui sentida por toda Roma onde sua molher o fez trazer. E com mui solennes obsequias E honrras foi depois de mui pranteado, enterrado no moesteiro de ara çeli em campidolio." [508]

Pela leitura do seu testemunho, percebemos que, para o fidalgo de Chaves, a oposição entre estas duas grandes casas italianas reflecte em grande medida a oposição entre as duas grandes potências emergentes na Europa tardo-medieval, e que tem lugar precisamente em solo itálico: a França e a Espanha. Por outro lado, a forma como

[503] *Idem*, *ibidem.*
[504] *Idem*, *ibidem.*
[505] *Idem*, *ibidem.*
[506] "este Romano hee de que Ja tenho falado atras, o qual se fora follguar a aquella sua villa. E estando sem sospeita apousentado em huma fraca casa cheguaram seus Jmiguos a çertas oras andadas da noite, E çercaranlhe a casa E entraram com elle foi todo huma cousa. dizse que o trahio hum seu criado que consiguo tinha, que abrio as portas da casa aos contrairos, o qual com outro Romano seu parente Jaziam na cama. E quando se sentiram entrados, cuidando de se saluar deitandosse por huma Janella cahiram nas lanças dos Jmiguos que estauam de fora onde foram mortos atrauessados de muitas feridas. E tal foi a fim de pero marguano." in *Idem*, *ibidem.*
[507] *Idem*, *ibidem.*
[508] *Idem*, *ibidem.*

ambas as famílias concorrem entre si é um fiel espelho da situação política da Itália na viragem do século XV para o século XVI: crime, conspiração, vingança, nepotismo, confronto armado (declarado ou não), tráfico de influências, corrupção e suborno. O resultado final é o colocar dos interesses pessoais acima dos interesses e da unidade política nacional, que, desta forma, no caso italiano, se torna cada vez mais uma miragem.

O ascendente cultural destas famílias e das cortes italianas em geral, marca precisamente, no sentido inverso, a falência política da península como um todo.

Ao relatar as acções destas famílias, pressente-se no fidalgo uma consciência do presente e do futuro da política em Itália. Aliás, não é por acaso que, no desenlace do primeiro grande momento de conflito armado envolvendo elementos da casa Orsini e os espanhóis presentes em Roma, efectua a profética afirmação:

> "E sendo neste conto o manifico Lourenço como dito hee, estando Juntos no capitolio lhe cheguou ali noua como françisco maria duque dorbino hia com grande oste despanhoes, alemães, Jtalianos, a Recobrar seu ducado, a qual noua pos tanta toruação no manifico Lourenço, E naquelles senhores seus parentes E amiguos que os espargeo de sorte que ficou tudo em paz E taes ouvi ahi que esperauam ofender aos espanhoes de Roma, E ouveram o castiguo que mereçiam, dos que vinhão com o duque dorbino."[509]

Membros de ambas as famílias conseguiram atingir os lugares mais altos, a nível político e militar. A título de exemplo, refira-se que diversos foram os *condottieri* célebres saídos destas famílias, nomeadamente Prospero Colonna[510], que serviu nas

[509] *MFC*, f. 216v.

[510] O historiador e biógrafo coevo do fidalgo de Chaves Paolo Giovio (1483-1552) coloca-o na sua célebre galeria de heróis: "Fue nobilissimo entre los caualleros Romanos, y su excelência fue, ser capitan cauto y cõsiderado, y a juyzio de muchos ygualo enesto el valor delos antiguos Romanos. Por que era hombre de gran consejo , constante, virtuoso, moderado amigo de justicia y razon, y assi ninguno exercito las armas mas moderadamente (aun cõ sus mismos enemigos.) Ninguno euito mas humanamente las batallas sangrientas. Ninguno fue tan continente en guardar las haziendas de los inocentes , especial de los labradores, y en defender las contra la licencia de los soldados. Por estas virtudes (que en los capitanes deste duro tienpo mas se pueden dessear que hallar) fue muchas vezes llamado de los Milaneses, defensor delos labradores, padre dela gente Italiana, Tuuo differentes costumbres que el pero sue casi su ygual en fama de gentil soldado, Fabricio Colona su primo, cõ cuya cõpañia (juntado cada vno sus partes cõ las del otro) ganarõ vitorias y fuerõ mucho mas esclarecidos. Mas Prospero, auiendo traydo mucho tiempo guerra cõ los Frãceses sin ser jamas vencido, fue vergõçosamente preso por ellos en Villafrãca lugar del Piamõte. (…) Pero no mucho despues, vsando el rey Frãcisco de clemencia pago el mismo rey la mitad de la talla, y pagando el la outra, salio de prision, y vengando su injuria, echo en seruicio del Emperador don Carlos del estado de Milan (despues de vna larga guerra) a Lutrec, y a los Frãceses. Por lo qual el Emperador don Carlos aquien seruia lo hizo su general (…)." Paolo Giovio, "Prospero Colona" in *Elogios o vidas breves de los cavaleros…*, op. cit., pp. 141-142. De realçar igualmente nesta passagem, a referência de Paolo Giovio a Fabricio Colona, primo de Prospero Colona.

Guerras de Itália sob o comando do *Gran Capitán*, tendo inclusive chegado a general das tropas imperiais de Carlos V, e o seu primo Fabrizio Colonna [1460-1520][511], que combateu na batalha de Ravena, em 1512, tendo sido feito prisioneiro pelos franceses, como o fidalgo de Chaves oportunamente refere[512]. Mas conseguiram-no também em termos religiosos. Neste último caso merece particular destaque a ascensão da família Orsini, que conta entre os seus membros mais notáveis os papas Celestino III (pontífice entre 1191-1198), Nicolau III (pontífice entre 1277-1280) e Bento XIII (pontífice entre 1724-1730).

Não é por acaso, aliás, que Maquiavel, em diferentes pontos de *O Príncipe*, se refere de forma bastante objectiva e inequívoca a estas duas famílias e ao poder que detinham, especialmente em Roma e em relação ao papado:

> "Tinha Alexandre VI, ao querer fazer grande o duque seu filho, bastantes dificuldades presentes e futuras. Primeiro, não via meio de poder fazê-lo senhor de algum Estado que não fosse Estado da Igreja. (…) Via, além disso, as armas de Itália, em especial aquelas de que teria podido servir-se, estarem nas mãos daqueles que deviam temer a grandeza do papa - e por isso não se podia fiar neles –, estando todas com os Orsini, os Colonna e seus cúmplices."[513];

> "Antes de Carlos, rei de França, passar a Itália, esta província estava sob o império do papa, dos venezianos, do rei de Nápoles, do duque de Milão e dos florentinos. Estes potentados tinham de ter duas preocupações principais: uma, que nenhum estrangeiro entrasse em Itália com armas; outra, que nenhum deles ocupasse mais estado. Aqueles com quem se tinha mais preocupação eram o papa e os venezianos: para manter recuados os venezianos, era necessária a união de todos os outros, como aconteceu na defesa de Ferrara; e, para manter baixo o papa, serviam-se dos barões de Roma, os quais, estando divididos em duas facções, Orsini e Colonna, existia sempre entre eles motivo de distúrbio e, estando de arma na mão diante dos olhos do pontífice, detinham o pontificado fraco debilitado e enfermo. E se bem surgisse algumas vezes um papa corajoso, como foi Sisto,a fortuna ou o seu saber não o puderam, contudo, desvincular desta incomodidade. E o motivo disto era a brevidade da vida deles; porque nos dez anos que, em regra, vivia um papa, a custo poderia rebaixar uma das facções; e se, por exemplo, um deles tivesse quase aniquilado os colonna, surgia um outro, inimigo dos Orsini, que os fazia

[511] Maquiavel faz dele o protagonista da sua obra *A arte da Guerra*.
[512] Cf. *MFC*, f. 155v.
[513] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo VII, p. 141.

> ressurgir e não tinha tempo de aniquilar os Orsini. Isto fazia com que as forças temporais do papa fossem menosprezadas em Itália."[514]

A título individual e em cenários de confronto armado muito específicos, o fidalgo destaca ainda o desempenho de alguns membros da poderosa família romana dos Colonna. Notáveis exemplos são as evocações de *marco antonio coluna* na defesa da cidade de Ravena, do *prospero coluna* no quadro do ambiente vivido em Roma nos dias a seguir à mesma batalha, da rebeldia contra o papa e consequente mudança de partido protagonizadas pelo jovem *pero marguano*, e também do papel desempenhado pelo *senhor fabriçio* quer na deslocação a Roma do duque de Ferrara em busca da absolvição papal, quer na subsequente fuga do mesmo duque às forças papais no regresso ao seu Estado.

Naturalmente, este destaque individual atribuído pelo fidalgo a determinados elementos da família Colonna não é fortuito. Pela leitura do seu testemunho concluímos que considera esta casa, mais até do que os seus grandes adversários, a família Orsinio, o partido mais poderoso em Roma juntamente com o papado. No contexto da batalha de Ravena, o fidalgo refere que no dia seguinte ao confronto, os franceses atacam a cidade propriamente dita, a qual era defendida pelo "senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha"[515]. Seguindo fielmente a "filiação" política da sua casa, este nobre romano defende Ravena para os espanhóis e para o papa. Mais, a guarnição que tem sob o seu comando é inteiramente composta por soldados espanhóis, o que revela o grau de ligação da sua família para com este reino. Perante a derrota espanhola na batalha de Ravena e a diferença de números entre atacantes e defensores, Marco António Colonna chega a um honroso acordo com os franceses, mediante o qual contra a entrega da cidade fica garantida a segurança e inviolabilidade da população local ao mesmo tempo que é permitido à guarnição defensora sair igualmente em segurança.

No entanto, e em conformidade com a ideia geral que o fidalgo faz passar no seu texto enquanto um todo integrado, os franceses actuam de forma infame e desonrosa, violando o acordo e saqueando de forma impiedosa a cidade, cuja população sofre terrivelmente às mãos dos agressores:

---

[514] *Idem*, *ibidem*, capítulo XI, pp. 165-168.
[515] *MFC*, f. 156r.

> "o qual [marco antonio coluna] vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[516]

Ainda que breve, a descrição do fidalgo relativa ao comportamento dos franceses é extremamente visual, quase cinematográfica e emotiva, não deixando dúvidas ao leitor quanto ao seu juízo de valor sobre tão vil acção, que viola todos os códigos de honra medievais, anunciando de alguma maneira a forma de fazer guerra que irá prevalecer na modernidade por oposição aos valores guerreiros do período anterior.

Ainda na sequência da batalha de Ravena, o fidalgo volta a evocar com destaque o comportamento de outro membro da família Colonna, desta feita em relação ao papa Júlio II e no quadro de uma circunstância singular: os dias em que chegam a Roma as notícias fidedignas sobre a batalha. Com efeito, o fidalgo assinala que, vivendo Roma um ambiente explosivo entre os cortesãos pela incerteza do futuro às mãos dos vencedores da contenda e estando o papa Júlio inquieto e preocupado pelo resultado do confronto armado, nesses dias todo o "fundamento" do pontífice "era fazer pazes."[517] Daí estabelecer "tratos com os prinçipaes Romanos por que todos andauam mui aluoraçados. E pollos paçificar lhes confirmou çertas liberdades que sohiam ter antiguamente." [518]

É neste contexto, já evocado anteriormente, que surge o nome do *prospero coluna*, que, por esta altura, segundo assinala o autor, estava "desauindo do papa." Querendo este último satisfazer e apaziguar o influente membro da família Colonna[519]

[516] *Idem*, *ibidem.*
[517] *MFC*, f. 157r.
[518] *Idem*, *ibidem.*
[519] O qual, como já referimos, é elevado pelo célebre historiador coevo Paolo Giovio na sua influente obra intitulada *Elogios o vidas breves de los cavaleros…*, op. cit., pp. 141-142.

neste período crítico da vida romana, decidiu "fazello faloneiro[520] da JgreJa", tendo como mediador do processo o embaixador de Castela.

No entanto, após duas horas de conversação, sem a presença de mais ninguém, não conseguiram chegar a acordo, tendo o *prospero coluna* partido de Roma "pera suas vilas E çidades de que hee senhor."[521] Segundo indicia o fidalgo (sem certeza, pois salvaguarda a posição do "Eu" autoral com recurso ao "dizse"), o nobre romano, muito provavelmente aproveitando-se da crise então vivida em Roma e em particular na cúria, parece ter efectuado exigências demasiado elevadas, inclusive para um pontífice "desesperado" e disposto a conceder privilégios que remontavam ao período em que o poder cívico na capital da Cristandade era sólido e o papal, ao invés, débil[522]: "dizse que as coisas que pedia erão taes que nam teuera Sua Santidade por bem de lhas conçeder. E assi se apartaram desacordados." [523]

Isto é, Júlio II, o *papa terrível*, encontra-se de tal forma numa situação de desvantagem política que está disposto a abdicar de prerrogativas já há muito retiradas ao poder cívico romano e incluídas na constelação de poderes papais, em favor das figuras proeminentes das mais poderosas famílias romanas. Tal situação reflecte, pois, o poder político, económico[524] e inclusive militar que estas famílias – neste caso específico os Colonna – detêm na capital da Cristandade.

Também *pero marguano*, sobrinho do *prospero coluna*, já referido devido à atenção atribuída pelo fidalgo aos acontecimentos que envolveram a sua morte[525], é alvo de destaque pela forma como se rebeldia contra o papa Júlio II e transfere o seu apoio para o rei de França, indo assim contra a tradicional ligação da sua casa aos espanhóis. Segundo o fidalgo, o contexto em que se verificou tal sucesso causou à época grande consternação em Roma, em grande parte por envolver uma das mais importantes figuras da casa Colonna que não apenas se virou contra o papa como se colocou ao serviço dos franceses, contrariando dessa forma a aliança natural da sua casa:

---

[520] A função de gonfaloneiro – *gonfalonieri* – era extremamente prestigiada na Itália medieval e renascentista. Derivando do vocábulo "gonfalone", que, no sentido estrito, significa porta-estandarte das cidades-Estado italianas, este cargo vai bem mais além incluindo uma importante atribuição de carácter militar.
[521] *MFC*, f. 157r.
[522] Trata-se das já assinaladas "çertas liberdades que sohiam ter antiguamente."
[523] *MFC*, f. 157r.
[524] Não é por acaso que o fidalgo ressalva que "o prospero se tornou a hir loguo de Roma pera suas vilas E çidades de que hee senhor" (in *MFC*, f. 157r), não deixando dúvidas acerca do poder económico e, consequentemente, da capacidade política deste nobre da Casa Colonna.
[525] Vide *MFC*, f. 218v.

> "Estando assi o papa E cardeaes E os cortesãos, prinçipalmente os espanhoes postos em tanta aguonia E temor por que os françeses erão senhores do campo E se afirmaua que vinham a Roma, lhes sobreueo outro mui grande nesta maneira."[526]

A causa para tamanha altercação estava em que "pero marguano matou o brarachelo de Roma E se foi pera el Rei de França."[527] Com efeito, o jovem nobre Colonna foi autor de um crime tido "por grande façanha por ser pubrica na prinçipal praça de Roma E em tempo do papa Jullio a que todos temiam por ser Jnteiro guardador E executor da Justiça."[528] O crime, ocorrido em público, com tudo o que isso acarreta quer em termos de psicologia colectiva quer em termos de expressão máxima de desrespeito pela justiça vigente, ofendeu tanto o pontífice – que, saliente-se, o fidalgo destaca como profundo zelador da justiça, de tal forma que numa época tão conturbada proibia o uso de quaisquer armas em Roma a quem não estivesse oficialmente habilitado para tal – que pero marguano foi forçado a deixar Roma e enveredar pelo desterro.

O "mancebo" Colonna circulava por Roma armado com espada, pelo qual o bacharel o repreendeu por diversas vezes pela utilização proibida de tal arma. Perante a indiferença e desrespeito do jovem nobre, o alcaide fez queixa ao papa, o qual ordenou que este apreendesse as ditas armas. De imediato o bacharel executou a ordem pontifical, contudo *pero marguano* juntamente com os seus parentes ficaram ofendidos com tal acto, reclamando "que se nam deuiam entender taes leis em pesoa de sua calidade"[529]. Ora é precisamente neste ponto que se revela a importância desta família aristocrática, bem como, da sua grande oponente, os Orsini, e a forma ainda medieval como se encara a si própria e ao seu estatuto e papel a desempenhar na sociedade romana.

É inconcebível para os Colonna que tal lei, mesmo que promulgada pelo pontífice e em vigor na capital da Cristandade, se aplique à sua estirpe, pelo que não têm dúvida em reclamar vingança e assassinar o alcaide de Roma.

---

[526] *MFC*, f. 157r.
[527] *Idem*, *ibidem.*
[528] *MFC*, f. 157r e f. 157v.
[529] *MFC*, f. 157v.

A ousadia, arrogância e, sobretudo, confiança com que levaram a cabo tal crime atesta bem o grau de importância que esta família detinha no dia-a-dia da cidade, bem como no seu governo e correspondente vida militar:

> "hum dia estando o barachelo em campo de frol com toda sua Jente da guarda da çidade que ho acompanham os quaes são muitos de picas E espinguardeiros E alabardeiros, pero marguano se foi a elle com tres companheiros E ho matou dandolhe muitas cutiladas no Rosto que todo lho fez em pedaços. eu ho vi quando o leuauam ao populo onde ho enterrarom. E erão feridas mui grandes E feas, por que outra parte de seu corpo nam trazia desarmada. foi Jsto feito sem contradição nem Resistençia dos seus. diziasse que por todos aquelles bairros estaua muita Jente dos Romanos armada em guarda E socorro de pero marguano, dos quaes nenhum foi visto." [530]

O fidalgo não deixa de salientar que o alcaide estava muito bem protegido "com toda sua Jente da guarda da çidade que ho acompanham os quaes são muitos de picas E espinguardeiros E alabardeiros"[531]; não bastando, no entanto, tão impressionante comitiva armada para evitar que o atacante, acompanhado apenas por três companheiros, executasse o crime de forma hedionda perante a passividade geral dos guerreiros da guarda do bacharel, o que só por si atesta bem o receio provocado pelo nome "Colonna" em Roma em termos de poder armado.

Esta família tinha, de facto, um poder bem real na condução da vida da cidade e não hesitava em demonstrá-lo sob a forma da violência armada e, enfim, do crime, sempre que necessário, por muito adversa que fosse a situação.

Comprova-o a ineficácia do papa em fazer justiça na sua própria cidade e "colocar na ordem" a impertinência dos membros desta temida casa aristocrática romana:

> "nom foi este feito avido por cousa leue. o papa tomou disso grande sentimento mas nam pode fazer al senam aver paçiençia por que nam era poderoso de ho matar ante os Romanos." [532]

A expressão do fidalgo não deixa margem para dúvidas: o papa não é suficientemente poderoso no seu próprio território para controlar o caos provocado por

[530] *Idem*, *ibidem.*
[531] *Idem*, *ibidem.*
[532] *Idem*, *ibidem.*

uma das principais famílias romanas. Tanto assim é que o assassino tem a audácia, fazendo claramente frente ao papa, de passar para o lado dos franceses, chegando ao ponto de angariar soldados para estes. Ousadia tanto maior quanto tal acção verificar-se antes da batalha de Ravena, ou seja, num momento em que a vitória dos franceses ainda não se tinha verificado e a segurança garantida por esta simplesmente não existia.

Tal situação fazia temer os cortesãos espanhóis presentes em grande número na cúria, bem como os espanhóis – soldados, comerciantes, clérigos – espalhados por toda a cidade, que então vivam um ambiente extremamente tenso e periclitante com os romanos que "andauão mui aleuantados contra elles." [533] O cenário agravou-se após saber-se o resultado da batalha, o que fez com que o papa – receoso quer dos perigos que poderiam advir da colaboração entre os vitoriosos franceses e o imprevisível mancebo Colonna, quer do caos em que a cidade de Roma poderia mergulhar devido a esta aliança inoportuna – tomasse medidas mais radicais para capturar o nobre revoltoso, mas ainda assim sem quaisquer resultados práticos:

> "E por que este mançebo era Reuoltoso E tinha grande parte na çidade tinham Reçeo que os voltariam contra elles assi polla muita valia E parentesco que tinha com os Romanos como pollo fauor del Rey de França que estaua vantaJoso polla batalha de Reuena que foi com vitoria E era senhor do campo. por tirar estas sospeitas mandou o papa ao coronel sancta cruz sobre elle com grão Jente darmas E de pee E alguma artelharia, mas o Romano fugio E deixou sua empresa E foisse pera os françeses. o qual despois da criação do papa lião se veo pera Roma como fizeron todolos outros desterrados."[534]

De salientar neste passo, que o facto de se verificar uma mudança de pontífice permite que mesmo as ofensas mais graves efectuadas à cúria e ao papado podem ser "amnistiadas" desde que o papa seguinte tenha simpatias políticas, em particular a nível internacional, diversas das do pontífice anterior, o que claramente aconteceu entre Júlio II e Leão X, como por diversas vezes salienta o fidalgo de Chaves.

Noutro ponto do seu testemunho, o autor destaca também o papel crucial desempenhado por "fabriçio" Colonna numa questão muito importante, quer em termos da política interna italiana, quer ao nível internacional, ou seja, no âmbito das *Guerras de Itália* no seu sentido mais geral. Trata-se do momento em que este destacado

[533] *Idem*, *ibidem.*
[534] *MFC*, f. 157v e f. 158r.

membro da família Colonna salva o o duque de Ferrara Afonso I d'Este das "garras" do papa, dando mais uma vez mostras do poder que a sua família detinha a nível da alta política italiana. De tal forma que conseguiu fazer escapar um dos principais prisioneiros do papa dos terríveis calabouços do Castelo de Santo Ângelo.

De referir, neste ponto, que a narrativa do fidalgo se afasta em alguns pormenores dos registos historiográficos coevos relativos a esta viagem do duque de Ferrara a Roma. Contudo, no aspecto que nos importa aqui analisar – o papel e o poder dos Colonna na acção do duque –, não existe discordância nas interpretações a efectuar: conscientes das verdadeiras intenções do papa (destituir o duque de Ferrara do seu Estado), os Colonna, tradicionais apoiantes do partido espanhol e, portanto, de Júlio II, contra os franceses, têm poder político e militar suficiente para contrariar o pontífice e, consequentemente, auxiliar Alfonso d'Este na prossecução do seu objectivo político que no momento é a absolvição pontifical.

O processo tem início quando, após ter recusado aderir à paz acordada entre o Papado e Veneza, o duque de Ferrara coloca-se, ao invés, ao lado da França contra a *Liga Santa*. Tal posição despertou a ira do pontífice que, em 1510, ano da chegada do fidalgo a Roma, excomunga e priva dos seus bens Afonso I d'Este[535]. Mas o duque não vacila e mantém a sua posição, participando de forma decisiva na batalha de Ravena, em Abril de 1512, durante a qual aprisiona Fabrizio Colonna, primo de Prospero Colonna[536].

No entanto, apesar de ser uma grande vitória francesa e dos seus aliados, a batalha de Ravena não teve amanhã, pois além da mortandade entre os vencedores ser devastadora – como aliás, o próprio fidalgo refere[537] –, o novo comandante supremo dos franceses, Jacques II de Chabannes, senhor De la Palice (1470-1525) não consegue impor-se ao exército coligado nem manter a coligação propriamente dita, acabando por transformar em pouco tempo a vitória de Ravena numa derrota generalizada que culmina com a fuga dos franceses para lá dos Alpes perante a revolta generalizada de toda a Itália setentrional contra a sua bandeira e o seu rei.

---

[535] "o priuou por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a execução foi contra elle com grande poder de Jente." in *MFC*, f. 142v.
[536] Cf. *MFC*, f. 155v.
[537] "E que se o viso Rei se nam fora, posto que elle E os que com elle fugirom nom peleJaram, a victoria fora sua. E que ficaram os françeses tam mal tratados que se ao dia seguinte tornaram a elles, nom acharam nelles Resistençia por que a Jente que com elle fugio de homens darmas E ginetes erão tres mil E com os çinco mil Jfantes que ficarom no campo E com os que o senhor marco antonio tinha em Reuena abastaua pera de todo desbaratar os françeses." in *MFC*, f. 155v e f. 156r.

Tal situação deixa o duque de Ferrara sem o apoio francês e consequentemente à mercê do papa Júlio II. Segundo o fidalgo, torna-se então seu objectivo "fazer pazes com o papa E com el Rei dom fernando."[538] Para tal – é neste ponto que a narrativa do fidalgo é original – "falou com ho senhor fabriçio que ho daria por liure sem outro Resguate se por seu meo E de seus parentes se fizesse esta paz E concordia." [539] E com efeito, a estratégia resultou, pois, "o senhor fabriçio fez tanto que o papa E o colegio E o embaixador de castela derão saluo conduto ao duque pera hir a Roma" [540].

Apesar dos inúmeros perigos envolvidos nesta acção temerária, o duque tinha, assim, a seu favor a segurança de no Vaticano poder contar com a preciosa ajuda de Fabrizio Colonna, que fizera prisioneiro em Ravena e depois soltara sem resgate, e dos seus parentes, que, numa perspectiva de estirpe, estavam igualmente em dívida para com ele. Mas ir a Roma solicitar a absolvição do pontífice era uma coisa e conseguir regressar ao seu lar ileso era outra bem diferente, sobretudo tratando-se de um político tão pragmático e implacável nas questões temporais quanto o papa Júlio II.

Afonso parte para Roma a 24 de Junho de 1512, estando a 9 de Julho perante o Consistório. O papa faz um acolhimento efectuoso e concede a tão pretendida absolvição: "foi Reçebido do papa com muito guasalhado, E absolueo ho em consistorio pubrico." [541] Apesar de o fidalgo não o referir sabemos que, inclusivamente, levanta a excomunhão sobre o ducado e a família e dá ao duque ordem de visitar as quatro igrejas principais da cidade[542].

Sabemos também que nada disto é gratuito, ou não estivesse o duque perante *Il papa terrible.* As condições impostas por Júlio II são particularmente duras. A indulgência papal não passa, pois, de um logro, revelando-se as suas reivindicações implacáveis: Afonso devia abandonar a sua soberania sobre Ferrara e renunciar a todos os seus direitos para ele e para os seus descendentes a favor da Santa Sé, permanecendo com a família no exílio, na pequena cidade de Asti, na Lombardia, até à morte. Neste ponto é crucial salientar que Júlio II odiava a influente esposa do duque, Lucrécia d'Este

[538] *MFC*, f. 162v.
[539] *Idem*, *ibidem.*
[540] *Idem*, *ibidem.*
[541] *Idem*, *ibidem.*
[542] Cf. Geneviève Chastenet, *Lucrécia Bórgia, 1480-1519*, op. cit., pp. 296-310; Guido Angelo Facchini, *La Storia di Ferrara*, Ferrara, Banca di Credito Agrario della Provincia di Ferrara, 1959, pp. 45-52; Ivan Cloulas, *Giulio II*, op. cit., pp. 232-236; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VI, *op. cit.*, pp. 405-454.

(1480-1519), ou seja, Lucrécia Bórgia, a filha de Alexandre VI, a quem Afonso confiou o governo do Estado quando saiu de Ferrara em direcção a Roma[543].

A desconfiança e a disposição em arruinar definitivamente esta casa principesca italiana por parte de Júlio II é tão óbvia, que na expectativa da resposta do duque, o papa decide aumentar a pressão sobre o mesmo convidando-o a ir comer com ele ao castelo de Santo Ângelo. Sabendo o que significa ser convidado para esta fortaleza, o duque e o *senhor fabriçio* decidem agir:

> "avendo o duque estado alguns dias, o papa lhe mandou dizer que fosse comer com elle. E elle se escusou por que o convite era no castelo de santangelo atee a terçeira vez que o senhor fabriçio foi falar com Sua Santidade E do que nelle achou, ambos fugiram aquella noite de Roma E por que naquelle tempo todas as portas da çidade se çarrauam de noite E se guardauam continuo com Jente darmas, nam poderom sahir sem a Roido E ferir algumas das guardas por que lhes era mandado que ninguem sahisse nem entrasse na çidade sem primeiro ser conheçido. como o papa soube que eram idos mandou em seu alcanço toda sua guarda. mas nam aproueitou que Ja eram em saluo nas villas do senhor fabriçio que são ao pee da serra. o que deste convite se dizia que o duque ficara sem cabeça, ou fora metido no castelo atee entreguar ferrara ao papa [.] o senhor fabriçio de tal sorte fez que pos o duque seguro em sua casa. E elle tornousse As suas terras liure da prisão." [544]

É, pois, nos dias após a absolvição que o auxílio da família Colonna ao duque de Ferrara, indo frontalmente contra os desígnios papais e espanhóis, se revela crucial. Fica, assim, demonstrada nesta passagem das *MFC*, a constelação de poderes e a poderosa influência que a família romana dos Colonna tinha não apenas no governo desta cidade, mas também nas grandes questões políticas relativas à restante Itália – política e militarmente fragmentada como temos vindo a ver, o que torna qualquer intervenção política, seja de que natureza for, uma questão sempre sensível e melindrosa –, que, neste período, inevitavelmente envolviam potências estrangeiras.

Um poder político e militar forte expresso numa inequívoca capacidade de agir, quer internamente quer a nível internacional. É por isso que, perante a oportunidade de libertar de imediato o seu parente – sem resgate e com a hipótese de saldar de imediato a "dívida" para com o aprisionador –, os Colonna não hesitam em fazer uso de todo o

[543] *Idem*, *ibidem.*
[544] *MFC*, f. 162v.

seu potencial armado e da sua vasta capacidade política para auxiliar Alfonso d'Este, afinal seu opositor directo na recente batalha de Ravena. O resultado prático é que, apesar de incorrerem claramente contra o poder papal e, por defeito, contra os seus aliados espanhóis, os Colonna protagonizam inteiramente a tentativa bem-sucedida de fazer evadir o duque de Ferrara de Roma, levando-o sob escolta através do território pontifício até à fortaleza de Marino onde encontra asilo.

Desta fortaleza sairá a 20 de Setembro um mensageiro que a missão de anunciar à regente do ducado que o marido, acompanhado pelo exército do próprio Prospero Colonna, irá conseguir atingir as fronteiras da toscana ficando, portanto, completamente a salvo das forças papais que desde Roma andam em sua perseguição – será Ludovico Ariosto (1474-1533), o poeta protegido dos d'Este, que virá ao encontro do duque nesta zona fronteiriça para o conduzir em segurança até Ferrara.

Mais ainda. Durante o período em que o duque esteve em Roma antes do Consistório, conhecendo os movimentos políticos do papa, os Colonna mantiveram-se atentos à segurança do protegido de Fabrizio colocando mesmo junto à sua residência uma guarda composta por uma centena de homens armados no sentido de evitar qualquer incidente[545].

Singular, perigosamente imprevisível e, sem dúvida, sinuosa, é pois a forma como as lealdades e os favores funcionam em Itália na viragem de Quatrocentos para Quinhentos. De reter, apesar de o fidalgo afirmar tratar-se de um acordo entre o duque de Ferrara e a família Colonna, a permanência de um determinado sentido de honra em toda esta acção da casa Colonna, ainda muito conforme ao espírito medieval cortês e cavaleiresco, e, consequentemente, de alguma forma distante dos valores que distinguem a nova forma de fazer a guerra, ou seja, a forma de fazer a guerra dos inícios da modernidade. O que nos leva a reter que, apesar de *condottieri*, os nobres italianos ainda resistem de alguma forma ao desaparecimento dos valores medievais do combate e do agir perante iguais. Mesmo em Itália, espaço por excelência do movimento político de bastidores, das alianças e contra-alianças, e, enfim, do recurso ao crime para solucionar questões de governo.

[545] Cf. Geneviève Chastenet, *Lucrécia Bórgia, 1480-1519*, op. cit., pp. 296-310; Guido Angelo Facchini, *La Storia di Ferrara*, op. cit., pp. 45-52; Ivan Cloulas, *Giulio II*, op. cit., pp. 232-236; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VI, op. cit. pp. 405-454.

Finalmente, um derradeiro destaque por parte do fidalgo para o "prospero coluna e seu sobrinho pero marguano" (ou seja, mais uma vez os Colonna), no momento em que são feitos prisioneiros pelas forças de Francisco I que, em 1515, invadem novamente Itália com o objectivo de tomar Milão. O aspecto a destacar aqui é o do papel de liderança militar atribuído aos Colonna nas forças coligadas que têm por missão fazer parar a nova invasão francesa de Itália:

> "Naquelle tempo tinham feita ligua, scilicet, de huma parte o papa E el Rei de castela E o de Jnglaterra, o duque de milão E a senhoria de sena. E da outra parte era el Rei de França, venezeanos, E o duque de ferrara. E desta maneira estauão postos em armas huns contra os outros. E todo o feito era sobre o ducado de milão que el Rei de França queria pera si. E el Rei de castela ho contradizia aJudando ao duque. E estando assi todos suspensos veo noua a Roma que el Rei françisco nouo Rei de França vinha sobre milão com mui grande poder. E o prospero coluna que sempre foi do seruiço del Rey de castela se partio de Roma pera lombardia acompanhado de muitos Romanos fidalguos seus parentes E amiguos E doutra muita Jente de guerra era grande fama. defendiam os passos dos alpes aos françeses. E quando se esta noua tinha em Roma por mais çerta se vio na çidade pranto E doo, por que estando o senhor prospero sem sospeita dos françeses em hum luguar que se chama vila noua, no marquezado de monferrat, foi el Rei de França avisado o qual mandou çertos capitães que deçeram dos alpes sem ser sentidos E passaram por monferrat, E cheguaram a ora de noa a vila noua gritando França França, E prenderam o prospero coluna assentandosse A mesa, E a seu sobrinho pero marguano com outros corenta Romanos fidalguos."[546]

Papel tanto mais proeminente quanto os valores envolvidos no resgate que se verifica após os prisioneiros serem levados para França:

> "foram loguo leuados a França, E despois se Resguataram, scilicet, o senhor prospero por trinta mil cruzados, E pero marguano por dez mil. (…) E os outros Jsso mesmo foram Resguatados segundo a valia de cada hum."[547]

[546] *MFC*, f. 209r e f. 209v.
[547] *MFC*, f. 209v.

8. Quando o topo da Igreja enverga a armadura: papas e cardeais guerreiros

A problemática da participação dos mais altos dignitários da cúria romana nos confrontos armados ocorridos em solo italiano nos anos em que o fidalgo habitou em Roma é de importância vital para a definição de uma relação estreita entre o exercício do poder e a prática da guerra nas *MFC*.

E são, de facto, vários e explícitos os momentos em que no seu texto o fidalgo aponta a participação activa e directa dos clérigos de alto estatuto nos conflitos bélicos então em curso[548]. Não se trata, portanto, de apontamentos casuais ou pontuais; antes referências objectivas e concretas a títulos (como os cardeais "legados" que acompanhavam os exércitos, ou seja, como comandantes em presença por parte dos Estados Pontifícios, nomeadamente o cardeal Giovanni di Lorenzo de Médici[549] em Bolonha e Ravena[550]; ou, na facção política inversa mas com o mesmo fundamento estratégico-militar, como o cardeal Federico Sanseverino [c.1475-1516] que, após a morte de Gaston de Foix, chefiou as forças francesas em Itália, continuando a obter vitórias sobre cidades que "desesperadas de socorro se derão ao conçilio çismatico"[551]), missões (como a do cardeal Matthäeus Schiner, enviado por Júlio II à sua terra natal com a missão específica de contratar mercenários suíços que fizessem frente aos franceses vencedores de Ravena[552]) e conspirações que resultavam em conflitos armados (a *Guerra de Urbino* e a queda de Siena constituem provavelmente os melhores exemplos fornecidos pelo fidalgo deste fenómeno).

Referências inseridas, pois, numa mensagem específica, logo dotada de uma lógica e de uma intenção próprias, ao destinatário do seu texto: por um lado, dar a ver a forma como a cúria romana se encontra totalmente secularizada a nível político e da participação nas disputas pelo poder então intensamente vividas em Itália; e, por outro lado, mostrar como a guerra – materializada nas figuras do papa-soldado e do cardeal-

[548] Como, aliás, já foi referenciado em diversos momentos do presente estudo.
[549] Futuro Leão X.
[550] "tambem prenderam o cardeal mediçis que era leguado do papa E andaua sempre no exerçito do viso Rei como Ja disse." in *MFC*, f. 155v.
[551] *MFC*, f. 161v.
[552] "E por que o papa nam çessaua em buscar maneiras pera deitar os françeses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio a sua terra polla mais Jente que podesse trazer." in *MFC*, f. 158v e f. 159r; "foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, neguoçeou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha." in *MFC*, f. 162r.

soldado – constitui a derradeira etapa do restabelecimento e consolidação do poder papal.

Por outras palavras, o que está patente nas *MFC* é, em última análise, a forma como a guerra para o topo da pirâmide católica representa um meio de aproximação a um fim, ou seja, na linha do pensamento de Maquiavel, a forma como para a cúpula da Cristandade a componente política se subordina à via militar, para se poder efectivar a si própria, bem como ao poder que lhe é inerente.

Naturalmente, e tendo em conta o objectivo do seu texto, o fidalgo não se coíbe de adjectivar ou de classificar o comportamento "militar" destes legados papais, bem como dos próprios pontífices, afinal, os grandes protagonistas deste fenómeno. Surgem, por isso, sem reservas, expressões como "senhos cardeaes leguados" ou "o papa [Júlio II] era homem mao de amansar".

De acordo com o espírito vigente na mundividência portuguesa, o fidalgo deixa de ter uma visão negativa sobre as figuras do papa-soldado e do cardeal-soldado quando a guerra se transpõe para o contexto de Cruzada e o inimigo é o *Outro*, o infiel. É o que observamos na sua referência à "vinda do cardeal de striguonia vngaro a Roma"[553]:

> "Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo. (…) E trazem todos bandeiras nas lamças quando andam caminho. a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas nações que em todo tempo que estiue em Roma vi. tirando a embaixada de portugual."[554]

O facto de este cardeal guerreiro manter a guerra contra o inimigo turco nas fortemente ameaçadas fronteiras orientais da Cristandade por sua iniciativa e dispêndio pessoal, certamente contribui de forma decisiva para a muito favorável afirmação do fidalgo – que claramente se identifica enquanto português com o inflamado espírito de *Guerra Santa* do legado –, de que "a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas

[553] *MFC*, f. 164r.
[554] *MFC*, f. 164r e f. 164v.

nações que em todo tempo que estiue em Roma vi. tirando a embaixada de portugual."[555]

Reside precisamente nesta disposição mental do autor o fundamento da sua crítica à acção militarista da cúria romana durante o pontificado de Leão X: os objectivos militares deste pontífice estão completamente invertidos logo na sua génese, pois não devem ser os projectos temporais de carácter pessoal e familiar do vigário de Cristo a sobrepor-se à necessidade urgente de constituir uma frente armada fundada no espírito de Cruzada para fazer frente aos avanços do turco, mas sim o contrário:

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees."[556]

A longa passagem das *MFC* relativa aos festejos celebrados em Roma por ocasião da tomada de Azamor por D. Jaime de Bragança reflecte não apenas o desejo (natural) de o fidalgo mostrar aos seu senhor a forma como na capital da Cristandade se festeja a sua vitória em África contra o infiel, mas também o facto de o autor considerar, afinal, como único cenário realmente legitimo para a intervenção militar da Santa Sé e para o desempenho guerreiro das suas figuras cimeiras a guerra de Cruzada, ou seja, aquela que é de facto a única guerra justa, na medida em que é levada a cabo contra o inimigo da fé cristã[557].

---

[555] *MFC*, f. 164v.
[556] *MFC*, f. 176r.
[557] "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. (…) ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pero (…) E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[rra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antigua çidade. E tornandosse aos embaixadores dos Reis, bradaua (…) tornando contra os portugueses dizia que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua

A guerra entre nações cristãs que está nesse preciso momento a ter lugar em solo itálico não apenas com a sanção, mas sobretudo com a participação activa *in loco* de figuras do vértice da Igreja é, pois, condenada pelo fidalgo. Não é, afinal, por acaso que o autor transcreve o breve de Leão X a D. Manuel, datado de 18 de Janeiro de 1514, para logo em seguida reprovar as palavras do pontífice apresentadas no mesmo como não correspondendo de todo à verdade dos seus actos efectivos em solo europeu[558].

Esta visão – como observámos anteriormente, em grande parte devedora da própria mundividência político-militar que predomina no Portugal coevo – é corroborada pela já assinalada referência positiva ao "cardeal de striguonia vngaro", que partiu para a sua terra natal com poderes de legado e com bula de cruzada contra os turcos: "O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou."[559]

O fidalgo não tem quaisquer dúvidas ou receios em apresentar e justificar esta mensagem ao destinatário do seu texto, correndo naturalmente o risco, caso o mesmo caia em mãos erradas, de sofrer as consequências do que afirma, sobretudo se tivermos em conta a sua experiência em Roma ao serviço como criado muito estimado de um dos principais cardeais envolvidos na suposta conspiração contra o papa em 1517.

Portanto, o que o fidalgo nos mostra ao longo das suas memórias e, enfim, transmite de forma inequívoca ao seu senhor, é que os homens do clero, em particular

---

santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros. foi de tanta eficaçia aquella preguação E tudo tam bem dito E encaxado que deçido do pulpito os cardeaes ho tomaram antre si E coRendolhe as lagrimas pollas façes o beiJauam na sua. E todos cõmummente ho louvaram muito. E tornado o papa a seus paços fizeramse as mesmas luminarias E alegrias da noite passada." in *MFC*, f. 173v e f. 174v.

[558] "Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade dazamor. (…) a ti [D. Manuel I], que tendo as mãos de todo limpas de sangue christão, que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses. sem embarguo disto cada dia tuas armas trazem consiguo grande gloria E nenhuma malquerença, (…) pollo qual noos em nenhuma cousa nem de dia nem de noite cuidamos em nosso coração senão em que maneira faça paz antre os Reis christãos, E possamos mudar as armas contra o herege mafomede. E assi como em tua virtude E amor de deus muito grande esperança posemos de se huma cousa E outra fazer. (…) Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees." in *MFC*, f. 174v a f. 176r. *Vide* "Breve do Papa Leão X dirigido a el-Rei. 1514 – Janeiro 18" in *Corpo Diplomatico Portuguez*…, op. cit., pp. 214-216.

[559] *MFC*, f. 203r.

os seus líderes e demais figuras consideradas superiores em termos de autoridade religiosa, não se limitaram a pregar a guerra. Ao invés, não raras vezes puseram-na em prática *in loco*, combatendo ao lado dos homens que tinham as armas por profissão e comandando largos contingentes armados (por vezes, inclusivamente o exército no seu todo, como é o caso dos cardeais "sam seuerino", Matthäeus Schiner e "sancta maria Jnportiguo").

Mas o facto de o autor condenar a guerra entre cristãos sancionada e não raras vezes promovida e protagonizada pelos homens da Igreja, não significa que conceba a mesma como algo completamente estranho e novo. Como o seu testemunho nos demonstra, a acção guerreira a que assiste por parte da cúpula da Igreja, ainda que condenável, insere-se numa longa tradição, inclusivamente canónica[560].

Dito de outro modo, o facto de nas *MFC* os cardeais e os próprios pontífices[561] apresentarem uma postura claramente bélica, que o autor não sanciona a não ser quando enquadrada numa política de combate aos inimigos da Cristandade, não implica que tal não fosse "natural" à época. Com efeito, a participação pessoal, física, dos papas e dos cardeais nas *Guerras de Itália* deve-se a uma intensa luta pela sobrevivência física por parte do papado que começou bem antes de 1494, ano em que Carlos VIII invade a Itália e dá início a este longo conflito[562].

Aliás, no final do seu texto, ao narrar a causa da prisão dos cardeais envolvidos na conspiração contra Leão X, o próprio fidalgo refere este estado de coisas:

> "A Rezão que se dizia por que o papa [Leão X] destrohio estes tres cardeaes Jaa tenho dito, porem outra vez (…). a Rezão do cardeal sam

[560] A lei canónica proibia o clero de explicitamente derramar sangue, mas era ambígua em vários outros pontos (para além do facto de que o dano mortal pode ser infligido de muitas maneiras sem envolver concretamente o derramamento de sangue). Daqui resulta que apenas uma linha muito ténue, repleta de lacunas passíveis de serem preenchidas por situações consideradas extraordinárias ou urgentes, distinga entre belicosidade e combatividade permissiva (que, na realidade, nunca o é) da proibição dirigida a todos os clérigos de empunhar armas e matar os inimigos em combate (excepto, claro está, aos cavaleiros monges nas ordens militares religiosas). Cf. David S. Chambers, *Popes, Cardinals and War…*, op. cit., pp. 1-3.
O levantamento efectuado por Cortesi, partindo da lei canónica, para definir as situações que podiam conduzir um cardeal à guerra, constituem disto prova maior. Daí que, na prática quotidiana, ou seja, no mundo realista e pragmático tanta vez evocado por Maquiavel e Guicciardini, os líderes da Igreja tantas vezes tenham agido precisamente no sentido contrário daquela que deveria ser a sua vocação natural: a prossecução contínua da paz (pelo menos entre os cristãos). Ao invés, inúmeras vezes contribuíram muito mais para o processo de guerra do que o da paz; e em alguns casos, fizeram-no com uma surpreendente objectividade e brutalidade, nomeadamente os pontífices e os cardeais referenciados pelo fidalgo de Chaves.
[561] Júlio II e Leão X.
[562] Cf. David S. Chambers, *Popes, Cardinals and War…*, op. cit., pp. xiii-xxii e 4-109.

> Jorge era Ja muito velha. do tempo que françisco saluiati arçebispo de pisa o leuou a frorença sendo Ja cardeal E muito moço. E estando o cardeal na JgreJa maior com grande aparato E honrra que lhe fora feita ouvindo missa com Lourenço E Julião de mediçis tiranos daquella çidade, o bispo se foi ao paço dos senhores frorentins, deixando ordenado que hum françisco de paçy em querendo o saçerdote consumir o corpo de nosso senhor Jesu christo matasse Lourenço E Juliano. a qual treição foi posta por obra. ca deu ao Julião taes feridas que loguo morreo E o Lourenço foi mui mal ferido, mas viueo. Este Lourenço foi pai do papa lião. o bispo se ouve tam mal que foi tomado com dioguo de paçis – outro caualeiro que leuara pera matar os do senado. E foram loguo enforcados das Janelas dos paços da senhoria. E françisco de paçis que matara E ferira Lourenço E Juliano foi Jsso mesmo tomado E enforcado com outros muitos seus secazes. E o cardeal foi preso correndo grande Risco de ser enforcado. E achandoo que nam era culpado despois destar Retendo na camara do confoloneiro da Justiça no paço pubrico per espaço de hum mes, o deixaram hir em paz. despois o papa sisto tio de sam Jorge proçedeo contra Lourenço de mediçis, E pos antredito em França, E moueolhe guerra cruel, em que os frorentins padeçeram grandes perdas, Roubos, forças, E desonrras de molheres."[563]

Trata-se da sangrenta guerra movida pelo papa Sisto IV, inimigo dos Médici, a Lourenço, *o Magnífico*[564], pela forma violenta como este reagiu ao atentado de que foi alvo, em 26 de abril em 1478, na célebre *Conspiração dos Pazzi*. Na sequência do atentado que ocorreu no interior da catedral de Florença durante a celebração da missa pascal, Giuliano di Piero de Médici (1453-1478), o irmão do mecenas de Florença, foi assassinado, tendo o próprio Lourenço escapado por pouco. Um dos seus actos de represália foi aprisionar o sobrinho-neto do pontífice, o cardeal Raffaele Sansoni Riario (*cardeal sam Jorge*, 1461-1521), por suspeita de cumplicidade no crime.

O papado e a cúria beligerantes são, pois, realidades e figuras históricas que nascem muito antes do advento das *Guerras de Itália* e da chegada do fidalgo à atribulada Península, o qual acaba por assistir pessoalmente, nomeadamente a batalha de Ravena, dada a natureza da descrição que fornece, ou ouvir falar em primeira mão de alguns dos seus momentos mais marcantes.

O uso da força por papas sucessivos e, a partir do século XI, pelos seus assistentes mais próximos – os cardeais e outras figuras do alto clero – a quem o poder foi delegado, está por trás da expansão do governo e da juridisção papal em Itália e na Europa a partir do século XIII. O mesmo fenómeno persistiu durante os tempos críticos

[563] *MFC*, f. 226r e f. 226v.
[564] Pai de Leão X.

que marcaram a existência do papado no século XIV, bem como no século XV e inícios do século XVI aquando da sua recuperação, chegando talvez a um clímax durante os pontificados de Alexandre VI e, sobretudo, de Júlio II. Nos anos seguintes, apesar da desaprovação generalizada, registou-se uma continuidade no que respeita ao recurso às armas pela cúria, em particular com Leão X, apesar dos seus estratagemas mais subtis.

Por outras palavras, os séculos XIV e XV foram muito turbulentos para o papado, que assistiu inclusive à transferência da sua sede espiritual (1309-1377) de Roma para Avinhão. Assim, desde os conflitos com o imperador e a interpelativa coroa francesa, passando pelo *Grande Cisma do Ocidente* (1378-1417), o conciliarismo e a crise dos antipapas, várias foram as frentes que fizeram tremer a autoridade papal neste conturbado período. Mas a transição de Quatrocentos para Quinhentos e, sobretudo, o início desta última centúria são anos de decisiva afirmação papal a nível temporal, passando-se o inverso em termos do espiritual, em grande parte graças ao esforço armado dos pontífices coevos.

O próprio Maquiavel assinala que o papa Alexandre VI conseguiu aquilo que, apesar dos numerosos esforços militares, diversos pontífices anteriores a ele não conseguiram: o respeito e sincero temor pelos exércitos papais. Antes de Rodrigo Bórgia ter ascendido ao pontificado e, sobretudo, antes de ter tido como capitão-geral das forças papais o seu filho, o duque Valentino, ou seja, alguém verdadeiramente capaz em termos de comando militar e alguém em quem podia realmente confiar para a prossecução dos seus ambiciosos projectos expansionistas (até porque era um dos grandes beneficiários dos mesmos), as forças papais não eram realmente levadas a sério pelos adversários da cúria, sobretudo os estrangeiros[565].

Francesco Guicciardini na sua *Storie Fiorentine*, escrita em 1508-1509, opera uma avaliação semelhante de Alexandre VI. Nas suas palavras, o papa Bórgia conseguiu demonstrar ao mundo cristão o quanto os Estados Pontifícios podem ser poderosos do

[565] "No entanto, se alguém me perguntasse de onde provém que a Igreja, no poder temporal, tenha chegado a tamanha grandeza – visto que antes de Alexandre os potentados italianos, e não só aqueles que se chamavam os potentados, mas qualquer barão e senhor, mínimo que fosse, a menosprezava no tocante ao temporal, enquanto agora um rei de França treme perante ela e ela pode escorraçá-lo de Itália e arruinar os venezianos –, ainda que tal coisa seja conhecida, não me parece supérfluo trazer boa parte dela à memória. (…) Surgiu depois Alexandre VI, o qual, de todos os pontífices que alguma vez existiram, mostrou quanto um papa, com dinheiro e com forças, poderia impor-se. Ele fez, com o duque Valentino por instrumento e a passagem dos franceses por ocasião, todas aquelas coisas que eu acima exponho a propósito das acções do duque. E se bem que a sua intenção não fosse fazer grande a Igreja, mas sim o duque, no entanto aquilo que fez redundou na grandeza da Igreja, a qual depois da sua morte, aniquilado o duque, foi herdeira das suas fadigas." *in* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit. capítulo XI, pp. 165-167.

ponto de vista militar, desde que tenham à frente do seu governo um papa realmente ousado e à frente das suas forças um comandante tão competente quanto astuto. Este era o real fundamento do sucesso do seu papado, como o comprova, nos primeiros anos de Quinhentos, o equilíbrio conseguido no sul de Itália entre espanhóis e franceses precisamente graças à acção das forças papais lideradas por César Bórgia[566].

O poder e a autoridade, em particular a nível territorial, dos Estados Pontifícios não mais podiam correr os mesmos riscos. Júlio II será, nesse contexto, talvez o pontífice que mais longe foi (inclusive que Alexandre VI) no sentido de, pela via de uma política de guerra contínua, afirmar a autoridade e o poder temporais da Igreja de Roma, aumentar a sua riqueza e capacidade financeira, e, enfim, expandir os seus limites territoriais[567]. Naturalmente, o preço a pagar por todo este vasto, controverso e não raras vezes sangrento processo foi um irremediável enfraquecimento espiritual da Cristandade, que culminou nos movimentos de reforma religiosa Quinhentistas e dos quais Martinho Lutero será o grande emblema[568].

Será, pois, Júlio II a merecer a maior aprovação de Maquiavel[569] e de Guicciardini[570], apesar de este se mostrar mais comedido do que aquele, no que respeita à compreensão quer da importância da prática da guerra quer das potencialidades do uso inteligente da força na recuperação, consolidação e crescimento do poder do Estado da Igreja. Parecer tanto mais favorável quanto o facto de, na perspectiva de ambos os pensadores políticos, a intenção e principal preocupação do pontífice – através das artes da guerra – ser exaltar e acrescentar a grandeza temporal da Igreja.

---

[566] Cf. Francesco Guicciardini, *Storie Fiorentine dal 1378 al 1509*, Alessandro Montevecchi (a cura di), Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 1998, pp. 259-282; Paolo Prodi, *The Papal Prince. One Body and Two Souls: The Papal Monarchy in Early Modern Europe*, Cambridge, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987, pp. 17-36 e 79-101.

[567] Cf. David S. Chambers, *Popes, Cardinals and War…*, op. cit., pp. 1-3 e 110-133.

[568] Pensa-se que durante a sua estada em Roma, em 1510, Lutero tenha visto Júlio II de armadura. Um acontecimento que teria contribuído de forma importante para o seu pensamento posterior.

[569]"Veio depois o papa Júlio e encontrou a Igreja grande, possuindo toda a Romanha e estando aniquilados os barões de Roma e anuladas, pelos golpes de Alexandre, aquelas facções; e encontrou também a via aberta para um modo de acumular dinheiro jamais usado antes de Alexandre. E Júlio não só seguiu como aumentou estas coisas, E pensou em apoderar-se de Bolonha, aniquilar os venezianos, expulsar os franceses de Itália, e em todas estas empresas teve êxito, e com tanto mais louvor para si quanto ele fez todas as coisas para aumentar a Igreja e não um privado. Manteve também os partidos dos Orsini e dos Colonna nos termos em que os encontrou. E se bem que entre eles houvesse algum chefe para fazer sublevações, duas coisas, contudo, os mantiveram parados: uma, a grandeza da Igreja, que os assustava; a outra, o não terem cardeais seus, os quais são a origem dos tumultos entre eles. (…) Sua Santidade o papa Leão encontrou, pois, o pontificado potentíssimo, sendo de esperar que, se aqueles o fizeram grande com as armas, ele, com a bondade e as suas outras infinitas virtudes, o fará grandíssimo e digno de veneração." *in* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit. capítulo XI, pp. 167-168.

[570] Cf. Francesco Guicciardini, *The History of Italy*, vol. VI, Eleventh Book, *op. cit.,* pp. 111-112.

O próprio fidalgo sustenta e justifica esta premissa no seu texto:

> "em sua doença lhe foi muitas vezes Requerido pollos cardeaes que partisse das terras da JgreJa E de seus tesouros com alguns seus parentes. E nunca ho a Jsso poderam mouer. E sendo todauia Jmportunado do sacro colegio que deesse ao senhor nicolao capitão prinçipal da sua guarda (marido de madoma laura a mais fermosa molher que naquelle tempo avia em Jtalia) natural Romano hua pequena villa, nam no quis fazer dizendo aos cardeaes que elles lha podiam dar se quisessem. os quaes se aJuntaram E lha deram por ser mais acheguado parente do papa, E pesoa que todo acreçentamento mereçia. (…) E das terras da JgreJa nunca quis dar cousa alguma. E Jsto se fez durando sua doença."[571];

> "as guerras que teue foram por tirar o patrimonio da JgreJa das mãos dos tiranos."[572];

> "que verdadeiramente a grauidade E honestidade E autoridade de sua pesoa ho fazia ser assi Reuerençiado que todos seus feitos moRendo elle foram tidos por obra de Justo pontifiçe." [573]

Neste ponto é de salientar que, a reputação guerreira de Júlio II vem de tempos bem anteriores ao seu pontificado, o que se enquadra no anteriormente dito acerca das origens distantes da prática da guerra pela Igreja. Com efeito, já como cardeal Giuliano della Rovere revelara-se um temível guerreiro: serviu seu tio Sisto IV como legado militar na Umbria; construiu a fortaleza de Ostia com excelentes resultados, revelando uma notável abertura de espírito às necessidades guerreiras dos novos tempos ao nível da arquitectura defensiva[574]; dirigiu a política de Inocêncio VIII na *Guerra dos Barões Napolitanos* e contra Boccolino em Osimo; entre 1493 e 1494, já como grande adversário de Alexandre VI na cúria, encorajou a invasão de Itália por Carlos VIII de França; projectou, em 1496, uma nova invasão francesa, sem sucesso; e, em 1499,

[571] *MFC*, f. 168r.
[572] *MFC*, f. 169r.
[573] *MFC*, f. 169v.
[574] O fidalgo dá disso mesmo registo: "foi grande edificador. (…) fez a fortaleza de gruta ferrara que hee cousa forte. E a de ostia de que era bispo. despois de ser papa fez a fortaleza de bolonha que deRibaram os vintevolhas. E a de çiuita velha metida no mar quee huma das maiores E fortes que se diz aver em Jtalia." in *MFC*, f. 169r.

acompanhou aquele que será o seu grande adversário enquanto papa, o monarca francês Luís XII, na vitoriosa campanha francesa de Milão[575].

Ainda que ficando exposto à crítica feroz pelos seus excessos, como por exemplo a do fidalgo de Chaves, o facto é que pressente-se nas *MFC* e na generalidade dos textos provenientes da pena dos autores coevos, como Maquiavel, Giovio ou Guicciardini, uma aceitação de fundo da acção guerreira de Júlio II, muito possivelmente decorrente do facto de a mesma se enquadrar, afinal, não apenas numa longa tradição militar que liga o papado à guerra, mas inclusive numa tradição canónica, que prevê e obriga, saliente-se, que os líderes da Igreja devem recorrer às armas sempre que a Igreja se encontra em perigo – embora, de preferência, não devam causar derramamento de sangue por suas próprias mãos (poder-se-á ver aqui um dos excessos e principais pontos de crítica ao pontífice, sobretudo depois da sua acção no cerco a Mirandola). Inclusive os escritores humanistas aprovavam esta posição, que, afinal, servia de fundo às campanhas militares sucessivas do papa[576].

Paolo Cortesi na sua marcante obra *De Cardinalatu*, precisamente dedicada a Júlio II, assinala, com base na tradição do direito canónico, as diversas circunstâncias ou motivos que podem (no sentido da obrigação) conduzir um cardeal à guerra, entre elas o cisma, a heresia, o sacrilégio, o ataque ou a não restituição de territórios e cidades da Igreja, sedição e o não pagamento de impostos. De realçar que, no quadro da obra, este levantamento surge no momento em que o autor – sob o título 'Fortaleza' – discute as qualidades morais desejáveis num cardeal[577].

Ainda no mesmo texto, Cortesi insiste inclusive na necessidade de um cardeal preparar a sua auto-defesa, mantendo *per si* um corpo de guarda pessoal e um arsenal devidamente adequado. Mais ainda, chega mesmo a sugerir que a presença decorativa de cenas bélicas nos palácios cardinalícios constitui um indispensável contributo para que os prelados estejam mentalmente alerta. Em suma, o ambiente belicista, inclusive a nível cultural e artístico, rodeava a cúria romana, aspecto reforçado pela própria atmosfera político-militar intensamente vivida na Itália coeva.

---

[575] Cf. Christine Shaw, *Julius II: The Warrior Pope*, op. cit., pp. 1-50, 127-162 e 189-208; Ivan Cloulas, *Giulio II*, op. cit., pp. 139-152, 165-211 e 221-235; Julian Klaczko, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*, op. cit., pp. 47-57 e 218-269.

[576] Cf. Christine Shaw, *Julius II: The Warrior Pope*, op. cit., pp. 1-8 e 127-162; Cf. David S. Chambers, *Popes, Cardinals and War…*, op. cit., pp. xiii-xxii e 4-109.

[577] Cf. Paolo Cortesi, *Pauli Cortesii Protonotarii Apostolici in libros de Cardinalatu ad Iulium Secundum Pont[ifex] Max[imus]*, Castro Cortesio: Symeon Nicolai Nardi Senensis, alias Rufus Calchographus imprimebat, 1510, pp.VIr–VIIv .

Por outro lado, a leitura atenta do texto do fidalgo permite-nos compreender que, tendo em conta o cenário político-militar vivido então em Itália, não era possível a Júlio II concretizar os seus objectivos sem inevitavelmente recorrer ao conflito armado ou, pelo menos, fazer uso de uma avassaladora ameaça guerreira como aconteceu, em 1506, com os Baglioni de Perugia. Que outra forma teria ele, afinal, de reconquistar os territórios perdidos do estado papal, como é o caso de Bolonha, sujeita à tirania independentista dos Bentivoglio, ou de expulsar – no sentido literal do termo – os franceses de solo italiano?

De reter será, enfim, que no séquito armado de Júlio II, à excepção dos cardeais cismáticos que previamente seguiram outra direcção[578], o fidalgo não aponta nenhuma figura cimeira da cúria que tenha rejeitado acompanhar a expedição com fins militares; antes fala de cruéis cardeais que colocam em prática os desígnios do pontífice com particular zelo[579]:

> "miçer João vintevolha tendo perdida a esperança de sua tornada por que o papa era homem mao de amansar se finou de noJo em milam. E o papa antre outras Justiças que mandou fazer, mandou deRibar os paços de miçer João que erão os melhores de toda lombardia em grandeza e fermosura. (…) vendo o papa assentadas suas cousas se foi pera Roma E deixou por leguado em bolonha o cardeal sam vidal que era homem cruel E mui temido o qual antre as cousas que fez mandou hum dia chamar doze cidadões dos prinçipaes aos paços do papa onde elle pousaua E mandou a todos cortar as cabeças E assi mortos os mandou tirar A praça E deitar em esteiras onde estiueron grande parte do dia por que se temia delles por serem da parte dos vintevolhas. outro dia avendo hum homem a Roido com outro por que ho ferio se acolheo a hum mosteiro de frades obseruantes de são frrançisco. E Jndo o meirinho pera ho prender na JgreJa a qual laa nem em Roma nam val a ninguem hum frade sobio os sinos E Repicou hum A maneira de a Roido, pollo qual o leguado con temor do

[578] *Vide* o registo epistolográfico enviado pelo pontífice ao rei de Castela: "(…) procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. Cristianissimo em cristo. filho nosso saude E apostolica benção. o anno passado como alfonso estense que era duque de ferrara se ouvesse ensoberueçido E alçado os cornos contra nos E contra a santa see apostolica cuJo feudatario E vassalo hee, E depois menosprezando nossas munições ho priuassemos consistorialmente do dito ducado nem por Jsso deesse nenhum sinal de obediençia, acordamos de hir a bolonha pera que daquella çidade mais cheguada trouxessemos ao dito alfonso a verdadeira e deuida obediençia, ou liurassemos tam exçelente çidade nossa de sua tirania. pera o qual vossa catolica magestade avendo sido por noos Requerido mandou em nossa aJuda trezentas lanças grossas. tambem mandamos aos veneraues Jrmãos nossos cardeaes da sancta JgreJa de Roma que pera Recuperação de tam grande çidade fossem connosco E nos acompanhassem ou seguissem. o qual quasi todos obediente E prontamente fizerom. por que seguindonos pollas çidades da sancta JgreJa Romana entraron connosco em bolonha. a fora çinco cardeaes os quaes tendo mao pensamento em seus corações forom por outro caminho a florença." in *MFC*, f. 147r.

[579] Cf . Christine Shaw, *Julius II: The Warrior Pope*, op. cit., pp. 127-162.

> ajuntamento da çidade quis punir aquella sandiçe E mandou que viessem per ante elle dous frades daquelle moesteiro E darlhe conta como se aquillo fizera. E elles por mais grauidade mandaram ho guardião acompanhado doutros frades E tanto que cheguaron onde o cardeal estaua forom tomados E leuados A praça E em presença de todo o pouo derom a cada hum tres tratos de polee tam cruees que morreo disso o guardião E outros dous."[580]

Ainda que condene a sua política altamente belicosa, é vital, repetimos, considerar que o fidalgo concebe a acção guerreira de Júlio II na linha de uma longa tradição de guerras promovidas ou sancionadas pelo papado. Assim, no limite, Júlio II poderá ser considerado pelo autor como o expoente máximo dessa tradição. Daí, aliás, a sua condenação da excessiva opção do pontífice pela guerra como via privilegiada para concretizar os seus desígnios políticos.

Pouco depois de o fidalgo chegar a Roma, em 15 de Outubro de 1510, outro anónimo agente português informa da capital da Cristandade como o papa, parecendo estar à beira da morte com febre aguda, mantém inabalável a sua determinação em lutar contra os franceses:

> "(…) Papa sta mal desposto e cada 3 dyas febre, porem mostra grande animo e diz que em pessoa quer yr dar a batalha, e toda ordem da guera passa per suas mãos [contra os franceses e o ducado de Ferrara). (…) Cada dya mandam ao papa nam queira ser causa de tanta morte, mas ante atenda a boa paz e concordia, que assy tem comissam del rey de franca, e que deponha as armas pera starem a sua obediencia quanto for de justica, e que se ueja, allias queden dentro contra sua pessoa propria. Papa a tudo uolta a cabeca e quer dar batalha obstinado sem seguir outro conselho que o seu, nem quer ouuir cardeaes. El rey de franca fez congreço dos seus letrados, onde se prepoos todo defeyto do papa, o que manda notificar aos outros principes christãos e os mouer a concillio, poys o papa se faz tanto mundanal e deyta detras das costas o espiritual."[581]

A própria iconografia da época é reveladora do belicismo extremado de Júlio II, corroborando assim a posição do fidalgo em relação a este pontífice no que respeita às questões guerreiras:

---

[580] *MFC*, f. 141r.
[581] "Noticias políticas da Côrte de Roma. 1510 – Outubro 15." in *Corpo Diplomatico Portuguez*…, op. cit., p. 133.



Figura 3. *Gravura anónima de 1517, na qual se pode observar Júlio II em armadura, exortando o imperador Maximiliano e os reis Luís XII de França e Fernando de Aragão para a guerra contra Veneza.* In *Ulrich von Hutten*, "Ad Divum Maximilianum bello in Venetos euntem Exhortatio". *Museu Britânico, Londres.*

Júlio II deu, enfim, um decisivo passo em diante na manifestação para o mundo cristão da militarização e temporalização da cúria ao liderar pessoalmente as operações na campanha de inverno contra Ferrara que teve lugar entre 1510 e 1511. No cerco a Mirandola, sob duríssimas condições atmosféricas, esteve inclusive na linha da frente dos combates[582].

A postura guerreira de Júlio II foi tão longe que para além do cognome que adquiriu na sequência da mesma, sofreu os "ataques" de homens como Erasmo de

[582] Cf. David S. Chambers, *Popes, Cardinals and War…*, op. cit., pp. 110-133; Nelson Hubert Minnich, "Julius II (1503-13)" in *The Great Popes Through History: An Encyclopedia*, Frank J. Coppa (ed.), vol. I, Westport, Greenwood Press, 2002, pp. 279-287.

Roterdão, que o satirizou no célebre diálogo intitulado *Julius exclusus de caelis*[583]. O diálogo decorre entre S. Pedro e Júlio II, vendo este último recusada a sua entrada no Céu pelo primeiro. Na sequência, o *Papa Terribile* decide utilizar as mesmas tácticas que utilizou em vida, sobretudo a ameaça de guerra e o recurso a bulas de excomunhão, para levar a bom termo o seu intento[584].



Figura 4. "Julius Exclusus". *Xilogravura anónima que integra uma edição alemã (c. 1522) do diálogo atribuído a Erasmo de Roterdão, na qual é facilmente identificável o papa Júlio II envergando armadura e tendo como séquito os homens de armas que tombaram durante as suas campanhas militares. Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University.*

[583] Apesar do anonimato em relação ao autor, a crítica especializada atribui a Erasmo a redacção da obra, em 1514.
[584] Cf. David S. Chambers, *Popes, Cardinals and War…*, op. cit., pp. 1-3.

O fidalgo, como zeloso agente que é, não deixa de informar o seu senhor nem dos procedimentos nem dos resultados que, na sua perspectiva, distinguiram a acção política e militar dos dois vigários de Cristo, a cujos pontificados em parte assistiu. Na verdade, o seu relato demonstra a íntima relação entre a Igreja católica e a guerra e responde de forma positiva e plena a uma questão incontornável em relação aos primórdios do século XVI, sobretudo em Itália: podem os clérigos, supostos homens de paz, combater e revelarem-se mesmo ferozes guerreiros?

Em momento anterior da nossa dissertação[585], mostrámos como os pontífices evocados nas *MFC* são, a nível do comportamento político e militar, a perfeita expressão do seu tempo: príncipes seculares renascentistas. E, como já se assinalou, o facto de Júlio II ser conhecido como o *papa guerreiro* ou *Il Papa Terribile* precisamente devido ao seu desempenho militar – levado ao extremo de comandar ele próprio as forças em campanha –, torna ainda mais justificada a sua integração nesta categoria[586].

Com efeito, ainda que visando não raras vezes a promoção social e financeira das suas famílias, sobretudo, na perspectiva do autor, em relação a Leão X, a intenção e acção político-guerreira de ambos os papas referidos pelo fidalgo de Chaves, tal como a do próprio Alexandre VI, resulta sempre na tentativa última de consolidar e, se possível, aumentar o poder dos Estados Pontifícios na Itália e na Europa. Por outras palavras, trata-se sempre de um programa político de índole *temporal*, expresso, por exemplo, na ampliação dos territórios da Igreja através da anexação pela força.

Seja nos conflitos mais alargados no tempo contra os ducados de Ferrara[587] ou Urbino, seja nos avanços e campanhas específicas e conjunturais com vista à tomada de

---

[585] *Vide* capítulos dois (*O novo modelo do príncipe ou os primórdios do Estado moderno*) e três (*A cúria pontifícia: pragmatismo, cumplicidades e poderes*) da terceira parte do presente estudo (*Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder).*

[586] Cf. Christine Shaw, *Julius II: The Warrior Pope*, op. cit, pp. 209-316.

[587] Com o objectivo de bem fundamentar o seu texto em relação aos acontecimentos coevos, ou seja, a investida papal contra o ducado de Ferrara ocorrida em 1510, o autor evoca o passado recente recuando para tal à época do primeiro conflito armado entre o papado e Ferrara, precisamente designado *Guerra do Sal*: "E aguora direi a causa por que o papa se moueo contra o duque de ferrara. tinha o duque de ferrara humas salinas E o papa tinha outras em Ruxa [,] hum dos luguares que guanhou aos venezeanos [.] sobre estas salinas ouve desauença antre elles E vierom a tanto Rompimento que Ja o duque se nam fiaua no papa E se temia delle. o papa o mandou chamar que viesse a Roma E o duque nam foi. E por que o ducado de ferrara hee da JgreJa, E o duque hee feudatario E obriguado apareçer E seruir em pessoa sendo chamado do papa, sua santidade ho mandou çitar em forma E lhe foi assinado termo que apareçesse em Roma per cartas fixadas na JgreJa mayor de bolonha E doutros luguares comarcãos de ferrara. E pollo duque nam apareçer ao termo, o priuou por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a

Perugia, Bolonha[588] ou Siena, esta é, em suma, a linha mestra da actuação político-militar da cúria sob os pontificados de Giuliano della Rovere (Júlio II) e de Giovanni di Lorenzo de Médici (Leão X)[589].

O arguto e perspicaz agente de D. Jaime em Itália revela, pois, os contornos que definem a íntima relação entre a política promovida pelo vértice da Igreja de Roma e as guerras que tiveram lugar em Itália no início do século XVI:

> "tanto que o papa [Júlio II, no quadro da *Liga de Cambrai*, que, em 1508, opôs o papado à República de Veneza] foi em Roma começou de trauar ligua contra os venezeanos E conçertousse com el Rei dom Fernando de castella E com o emperador maximiniano E com el Rei luis de França E com o duque hercule de ferrara. por que assi ao papa como a todos estes tinhão os venezeanos tomadas e occupadas muitas çidades E terras. chegado o tempo de ajuntarem em Jtalia todolos exerçitos deles veo o emperador em pessoa E todos ho seguião. nesta guerra cobrou el Rei de França, crema, craemona, brexa E berguamo que são populosas çidades, alem doutras vilas E castelos. el Rei dom fernando cobrou outros luguares que lhe tinhão tomados do Reino de napole. o papa cobrou Rauena E ariuniue E furle E facuça E brigiguela E Reixa, E outros luguares."[590];

> "Naquelle tempo tinham feita ligua, scilicet, de huma parte o papa [Leão X] E el Rei de castela E o de Jnglaterra, o duque de milão E a senhoria de sena. E da outra parte era el Rei de França, venezeanos, E o duque de ferrara. E desta maneira estauão postos em armas huns contra os outros. E todo o feito era sobre o ducado de milão que el Rei de França [Francisco I] queria pera si."[591]

Como podemos depreender da leitura do seu texto, mais secular e de acordo com a matriz política temporal que orienta os príncipes coevos em relação à Itália de então não podia ser a conduta estadista quer de Júlio II, quer de Leão X:

---

execução foi contra elle com grande poder de Jente. em quanto estas cousas durauam o duque se confederou com el Rei de França o qual ho tomou em sua proteição." in *MFC*, f. 142v.

[588] "sendo occupadas per tiranos parte das terras da JgreJa, scilicet, perosa per João paulo valham. bolonha per miçer João de vinteuolla que a senhoreaua, a vaqueta como Rei. partiosse o papa Jullio com a corte sem exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano. tanto que o papa partio de Roma leuando a via de loreto que hee na marca dancona, abalarom os françeses que estauão em lombardia caminho de bolonha." in *MFC*, f. 139v.

[589] Cf. Christine Shaw, *Julius II: The Warrior Pope*, op. cit., pp. 1-8 e 127-162; David S. Chambers, *Popes, Cardinals and War…*, op. cit., pp. 110-133; Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit.*, pp. 16-69 e 98-128; Nelson Hubert Minnich, "Julius II (1503-13)", *op. cit.*; *Idem*, "Leo X", *op. cit.*.

[590] *MFC*, f. 141r.

[591] *MFC*, f. 209r e f. 209v.

> "E pera [Júlio II] dar sua sentença a execução foi contra elle [Afonso I d'Este, duque de Ferrara] com grande poder de Jente. em quanto estas cousas durauam o duque se confederou com el Rei de França o qual ho tomou em sua proteição." [592];

> "Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa [Leão X] era mui afligido polla muita Jente que se perdera de seu exerçito E polla grande soma de dinheiro que guastaua. E sobretudo ser françisco maria senhor do campo o qual nam se tendo por contente de aver cobrado de nouo seu estado se foi fazer guerra a perosa E As terras da JgreJa. (…) Das maneiras que o papa [Leão X] tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros (…)."[593]

Ambas, afinal, em plena consonância com as premissas dos pensadores políticos seus contemporâneos, nomeadamente os já evocados Maquiavel e Guicciardini, que apontam para a necessidade vital dos governantes regerem a sua acção pelos ditames da realidade e pelo pragmatismo que caracteriza o quotidiano da vida de um Estado, ao invés da ideia medieval da subordinação política à teologia. É o primado da perspectiva realista na prática da política – o Estado é potência na medida em que se impõe e se auto-preserva de forma activa pelo recurso ao uso da força[594] –, que culmina na apologia da preservação do poder por todos os meios, e da qual as figuras cimeiras da cúria são, como demonstra o fidalgo, notáveis seguidores:

> "E do tempo que eu em Roma estiue que foram sete anos saberei dar fee que nam ouue peste nem fome. as guerras sentiam nas os que andauam nellas E os papas que as faziam que tinhão ho peso dellas As costas."[595]

As *MFC* fornecem-nos, por tudo isto, um fiel retrato do jogo de tensões militares e múltipla influência política vivido então em Itália, em particular quando o grande

[592] *MFC*, f. 142v.
[593] *MFC*, f. 218r e f. 219r.
[594] Trata-se, como referimos oportunamente, de uma concepção realista e pragmática da política, que tem por base a ideia de que a violência é a condição natural do homem, bem como o elemento e o meio nos quais se verifica a sobrevivência última dos Estados. Cf. Diogo Pires Aurélio, "Introdução" in *O Príncipe*, op. cit., pp. 11-106; Nicolai Rubinstein, "Italian Political thought, 1450-1530" in *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, pp. 30-65; Quentin Skinner, "La révolution machiavélienne" in *Machiavel*, Paris, Seuil, 1989, pp. 61-77; Sebastian De Grazia, "Patria e Stato" in *Machiavelli all'inferno*, Rome-Bari, Laterza, 1990, pp. 192-200.
[595] *MFC*, f. 166v.

protagonista é a Igreja católica, na figura dos seus mais emblemáticos representantes: o papa e os cardeais. Observemos, a título de exemplo, as palavras tão objectivas quanto esclarecedoras do fidalgo logo que chega à capital da Cristandade, em 1510:

> "avia dez dias que o papa Jullio segundo deste nome era partido pera bolonha com entenção de tomar o estado ao duque de ferrara genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa (…)."[596]

O próprio Maquiavel demonstra-se rendido ao pragmático desempenho político-militar de Júlio II. Não é, pois, por acaso que o compara a um "bom" príncipe secular:

> "O príncipe que se apoia totalmente na fortuna, assim que ela muda, arruína-se. Creio também que seja bem-sucedido aquele cujo modo de proceder condiz com a qualidade dos tempos e, de modo semelhante, que seja mal-sucedido aquele de cujo proceder os tempos discordam. O papa Júlio II procedeu em todas as suas acções impetuosamente e encontrou os tempos e as coisas tão conformes a esse seu modo de proceder que sempre surtiu um fim feliz. Considere-se a primeira empresa que ele fez, a de Bolonha, vivia ainda *messer* João Bentivogli."[597]

Ainda que não sendo fisicamente tão explícita como a do seu antecessor, a acção político-militar do papa Leão X está igualmente em conformidade com a vindoura tese de Nicolau Maquiavel: o recurso à guerra como forma de consolidação de poder, isto é, como instrumento político. É o que podemos depreender das palavras do fidalgo relativamente à primeira parte da "guerra dorbino", ocorrida em 1516, entre o papa Leão X (secundado por Lourenço [II] de Médici, seu sobrinho) e Francisco Maria (I) della Rovere:

> "Perdida a lembrança dos sobreditos benefiçios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito

[596] *MFC*, f. 139v.
[597] Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, op. cit., capítulo XXV, pp. 232-233. Esta "primeira empresa que ele [Júlio II] fez, a de Bolonha" é precisamente a evocada pelo fidalgo no já referido recuo temporal que efectua a 1506, por forma a melhor explicar o conflito entre o papa e o duque de Ferrara com que se depara quando chega a Roma, em 1510.

> entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado."[598]

Também as palavras do fidalgo relativas ao ataque a Siena pelas forças papais, em 1516, são esclarecedoras deste comportamento belicoso por parte de Leão X:

> "Como o papa se tornou a florença onde lhe foi dada noua da morte del Rei de castelã E se foi a Roma E mandou o bispo petruche a sena com muita Jente darmas. O papa (…) a grandes Jornadas se veo a Roma. E loguo pos em obra a detriminação que tinha da destrohição do cardeal de sena E de seu Jrmão, mandando seus capitães com toda a Jente de guerra que se podesse fazer, deitar fora de sena ho cardeal E seus Jrmãos E todolos de seu bando, E meter e apoderar da çidade ao bispo petruche."[599]

Na verdade, Leão X, após as mortes do irmão Giuliano (1479-1516) e do sobrinho Lorenzo, os parentes que mais queria promover e cujas carreiras se encontravam, em consequência, profundamente enredadas com a política papal, viu os seus objectivos político-militares tornarem-se mais abertamente uma reminiscência do seu predecessor. É Francesco Guicciardini quem observa, numa comparação entre os dois papas, que as inimizades de Leão X acabaram por revelar-se maiores do que as de Júlio II, residindo a atenuante apenas no facto de o papa Médici ter lidado com as mesmas de forma discreta e sinistra[600]. O próprio fidalgo, aliás, corrobora esta posição no seu texto ao indicar, em diversos momentos, as diferenças de personalidade e carácter mais emblemáticas entre os pontífices; as quais acabam por manifestar-se de forma inequívoca na actuação e na conduta política de ambos.

Também o primo de Leão X, Giulio di Giuliano de Médici (1478-1534)[601], futuro papa Papa Clemente VII, será um pontífice endurecido por uma longa experiência de conflitos armados: na juventude, em 1497, participa na tentativa de restaurar a família no poder em Florença. Guicciardini, ao comentar este acontecimento, considera-o mais adequado para as armas do que para o sacerdócio[602]; em seguida, ingressa na Ordem dos Cavaleiros Hospitalários de São João para a cruzada; junta-se

---

[598] *MFC*, f. 209r.
[599] *MFC*, f. 211v.
[600] Cf. Francesco Guicciardini, *The History of Italy*, vol. VII, Fourteenth Book, *op. cit*., pp. 164-313.
[601] Sobrinho de Lourenço, o *Magnifico* e filho bastardo de Giuliano Médici, assassinado na referida conspiração Pazzi contra a sua família.
[602] Cf. Francesco Guicciardini, *The History of Italy*, vol. I, Second Book, *op. cit*., pp. xi-xxxii.

depois ao séquito do seu primo, o cardeal Giovanni Médici (futuro Leão X), acompanhando-o na batalha de Ravena, em 1512, mas, ao contrário daquele, conseguiu evitar a captura; mais tarde, já durante o pontificado de Leão X, entre outras acções guerreiras, destacam-se a sua nomeação como legado papal para o exército na campanha contra Francisco I, na Lombardia, em 1515, bem como na *Guerra de Urbino*, e também a sua participação, em 1517, no planeamento da cruzada[603].

A dado momento do seu relato, o fidalgo demonstra a forma como as figuras cardinalícias estavam tão envolvidas nos assuntos militares quanto os próprios homens especialmente designados e formados para tal:

> "Tornando ao cardeal pauia. tanto que elle fugio dos paços E se foi A fortaleza E vio que a çidade era entrada se foi loguo a Rauena pera o papa. Jsso mesmo o duque dorbino vendo seu campo perdido se foi pera o papa. E dando cada hum conta de si, queria hum E outro fazer sua Rezao bõa. o duque acusaua ao cardeal que dera soldo aos Jmigos bolonhesses E os fizera capitães pera darem fauor aos françeses E entrada na çidade. Respondia o cardeal que elle fizera Jsso por bom Respeito cuidando que Juntos daquella maneira os fizesse sahir a campo E os deixasse laa çarrandolhe as portas da çidade pera avazar dos Jmiguos. E culpaua ao duque que elle dera o passo aos françeses que viessem A çidade. ca se lho nom dera elles nom eram poderosos pera passar a ponte que tinham em meo. dando a entender ao papa que o duque se contratara com os françeses. E desta pratica E acusações ficaram hum do outro grandes Jmigos de maneira que Jndosse o duque, E o cardeal ficando com o papa com temor E Reçeo do duque, o papa mandou a miçer guido capitão da sua guarda da Jente de caualo que se fosse com o cardeal ata sua pousada. E o duque o estaua esperando no caminho. E posto que o cardeal hia acompanhado de muita Jente sahio a elle, E disse ao capitão da guarda – estaa quedo guido senam moReras. E hindosse ao cardeal meteo hum estoque nelle E foisse. E foi o cardeal assi mortalmente ferido leuado a sua pousada. durou poucas oras E dizendo sempre peccata mea meruerunt espirou."[604]

Trata-se da célebre querela entre o cardeal Francesco Alidosi e o duque de Urbino (Francesco Maria [I] della Rovere, sobrinho do papa Júlio II) perante o próprio pontífice, acerca de quem foi o verdadeiro responsável pela queda de Bolonha[605]. Da

[603] Cf. David S. Chambers, *Popes, Cardinals and War…*, op. cit., pp. 144-152; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, Vol. IX, *op. cit*., pp. 231-305.
[604] *MFC*, f. 143v. e f. 144r.
[605] Cf. Ivan Cloulas, *Giulio II*, op. cit., pp. 204-206; James Dennistoun, *Memoirs of the Dukes of Urbino, illustrating the arms, arts, and literature of Italy, from 1440 to 1630*, vol. II, London, Longman, 1851, pp.

disputa resulta o assassinato do cardeal às mãos do duque[606], que não revelou qualquer escrúpulo ou reserva moral por tirar a vida a tão alto prelado. Certamente podemos avançar uma hipótese explicativa para tão extremo acto: num ambiente político e social onde a conspiração, o crime e o vazio de lealdade constituem moeda corrente e onde, por outro lado, as figuras eclesiásticas se revelam particularmente aguerridas e perigosas, um duque provavelmente não terá reservas em agir contra um homem que em vez de actuar como um genuíno príncipe da Igreja, ou seja, um condutor espiritual de homens crentes, antes se comporta como um combatente que de facto é. Por outras palavras, na essência, o duque está a agir contra um igual, um guerreiro como ele próprio, que segue ordens bem determinadas no campo de batalha e que, a qualquer altura, sem vacilar, pode fazer-lhe exactamente o mesmo. Um legado papal para a guerra e não um pastor de almas. Perante tal cenário estritamente temporal, é provável que não exista espaço para considerações ético-morais de carácter espiritual.

Amigo pessoal de Júlio II, o cardeal Francesco Alidosi era um verdadeiro homem de acção, como várias vezes demonstrou em conflitos armados nos quais participou enquanto legado papal. No entanto, o próprio Paolo Giovio não deixou de condenar de forma veemente a sua conduta enquanto cardeal[607].

Na descrição da acesa disputa entre Júlio II e os cardeais cismáticos, o fidalgo põe mais uma vez a nu a actividade guerreira das figuras cardinalícias ao evocar "as cousas em que se os cardeaes fundarom pera convocar conçilio contra o papa."[608] Com efeito, de entre as várias razões apontadas pelos ditos cardeais para a convocação do concílio e consequente julgamento do papa, que" hee JncoRegiuel em crime de que a Religião cristam Reçebe escândalo"[609], sobressai a questão da guerra:

> "tambem se defendiam [os cardeais] de os Reprender o papa na dita bula por trazerem exçerçito dizendolhe que posto que aos eclesiasticos nam comvem o exerçiçio das armas, pera sua defensão podem husar dellas como se lee de são paulo que pedio ao protector gente darmas pera sua guarda."[610]

301-336; Julian Klaczko, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*, op. cit., pp. 214-238.

[606] À época capitão-geral da Igreja.

[607] Cf. Massimo Firpo, "O Cardeal" in *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 59-98.

[608] *MFC*, f. 144v.

[609] *Idem*, *ibidem.*

[610] *MFC*, f. 145r.

De reter o recurso aos Evangelhos, ou seja, à autoridade suprema em termos puramente espirituais, para sustentarem a sua posição militarista face à repreensão do pontífice, ele próprio um ícone do recurso ao belicismo (pressente-se neste ponto a ironia mordaz do autor).

Mais adiante no mesmo contexto, o fidalgo destaca o argumento da guerra contínua em Itália – subentendendo-se no texto a acusação por parte dos prelados de que o papa se encontra directamente envolvido na mesma – usado pelos cardeais para acusarem o papa de não querer convocar concílio:

> "a escusa que o papa daua na dita bula por nam conuocar conçilio no tempo que prometeo, erão as guerras que socçediam. E que elle sendo cardeal era o que mais soliçitaua conçilio. a esto Respondiam os cardeaes que ao tempo que elle prometeo E Jurou que dentro em dous anos conuocaria conçilio avia tantas E maiores guerras E esperança de nenhuma paz. assi que a guerra que dizia ho nam desculpaua, mormente sendo o conçilio mais neçessario pera escusar ha guerra."[611]

A própria argumentação cardinalícia constitui um espelho do que se passa em solo italiano ao nível político-militar.

Restabelecido de perigosa enfermidade, nota o autor que o papa Júlio II promoveu de imediato uma aliança de carácter transnacional para acabar, por um lado, com o perigo do cisma e da nova divisão da Igreja Católica, e, por outro lado, para afastar a ameaça francesa de Itália[612]:

> "Como o papa foi são E da ligua que fez. Tornando o papa a cobrar vida foi todo posto em paz E sendo convaleçido foi dizer missa a nossa senhora do populo onde se publicou ligua, scilicet, sua santidade com el Rei de castela, venezeanos, E seneses. foi feita esta ligua em presença do papa E dos cardeaes E dos perlados E dos senhores Romanos E dos embaixadores del Rei E das ditas senhorias que pera Jsso tinhão seus abastantes poderes."[613]

---

[611] *MFC*, f. 145v.

[612] *Vide* Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16.

[613] *MFC*, f. 146v. *Vide* igualmente a cópia apresentada pelo fidalgo do breve que Júlio II envia ao Rei de Castela propondo-lhe liga contra Luís XII de França (*MFC*, f. 146v a f. 148r), bem como da resposta que Fernando *o Católico* lhe remete (*MFC*, f. 148v e f. 149r).

Trata-se da *Santa Liga* de 1511, a coligação político-militar estabelecida entre o papa Júlio II, Fernando II de Aragão, o sacro imperador, a República de Veneza e o rei Henrique VIII de Inglaterra contra Luís XII de França. Criada por iniciativa do papado, esta liga visava na verdade consolidar o poder dos Estados Pontifícios e, sobretudo, anular as ambições expansionistas do rei francês em território italiano que, através da diplomacia, manobrava de facto em prole dos cardeais cismáticos contra o pontífice romano[614]. Mais uma vez, a guerra apresenta-se como o instrumento papal para a resolução de disputas políticas, quer internas à própria cúria e à Itália quer externas, ou seja, envolvendo potências estrangeiras que de alguma forma pressionam os Estados Pontifícios colocando em causa a sua soberania, bem como o poder papal.

Mas diversas outras passagens das *MFC* dão a ver o papel extremamente activo desempenhado na guerra pelos cardeais "legados" que acompanhavam os exércitos. Especial destaque merecem as relativas aos cardeais Giovanni di Lorenzo de Médici[615] em Bolonha, Ravena[616] e Florença[617]; Federico Sanseverino à frente do exército francês em Itália após a batalha de Ravena e a consequente morte de Gaston de Foix; e Matthäeus Schiner, que, em nome de Júlio II, contratou e comandou os mercenários suíços que haveriam de expulsar os franceses após o confronto de Ravena e, já sob o pontificado de Leão X, liderou de forma quase selvática o exército suíço contra Francisco I na sangrenta batalha do Marignan:

> "Como o papa mandou por leguado ao cardeal mediçis a bolonha. este cardeal mediçis com sua mansidão veo a estar muito em graça do papa Jullio que ho trazia nas guerras sempre consiguo. E deseJando de ho acreçentar tanto que o cardeal Regina morreo (…) o papa mandou A leguaçia de bolonha por leguado em luguar de Regina ao dito cardeal

[614] Cf. Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, *op. cit*., 53-69; Ivan Cloulas, *Giulio II*, op. cit., pp. 174-206; Ludwig von Pastor, *The history of the popes…*, vol. VI, *op. cit*., pp. 366-454.
[615] Futuro Leão X.
[616] "tambem prenderam o cardeal mediçis que era leguado do papa E andaua sempre no exerçito do viso Rei como Ja disse." in *MFC*, f. 155v.
[617] "Como o leguado [o cardeal Giovanni di Lorenzo de Médici] E o viso Rei se aJuntaram E meterom a saco ha villa de prado. El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguarem dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença. (…) Como foram çercar florença E a çidade se deu." in *MFC*, f. 163r a f. 163v.

mediçis o qual andaua no exerçito do viso Rei por que a çidade estaua ocupada dos tiranos."[618];

"foi esta cruel batalha [de Ravena] dia de pascoa da Resurreição da era de mil E quinhentos e doze anos. (…) ao outro dia seguinte foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles."[619];

"E por que o papa nam çessaua em buscar maneiras pera deitar os françeses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio a sua terra polla mais Jente que podesse trazer."[620];

"Como os françeses se foram seguindo sua vitoria E como se sahiram de toda a Jtalia. Sam seuerino leguado do campo dos françeses despois da batalha ficou em luguar de capitão geral, o qual se partio de Reuena E seguio sua vitoria [.] com toda a oste foranse a sena E a forli, as quaes çidades desesperadas de socorro se derão ao conçilio çismatico E tambem outros muitos luguares. (…) E loguo o papa foi avisado pollo coReo que o cardeal topou na ponte daguoa pendente. foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, neguoçeou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha. E nam se contentauam os soiços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente. E Afim os cardeaes que estauam em milão E todolos françeses se foram de italia pera França com temor dos soiços sem ficar franças pera senhorear. (…) E os soiços com seu cardeal capitão delles erão senhores do campo."[621];

"a passada del Rei [Francisco I de França] foi tam secreta que sem contradição alguma cheguou com todo seu exerçito a dez milhas de milão a hum luguar chamado marinha no que estaa antre lody, E milão. E ali assentou seu exerçito E mandou dizer aos soiços E ao seu cardeal, que fossem contentes de nam entrar contra elle em batalha E se tornassem em paz pera sua terra por se escusar tam grande matança de nobres caualeiros E esforçados soldados de huma E da outra parte. E o cardeal dos soiços nom quis nisso consentir exortando E animando os seus a dar batalha, dizendo que elle conheçia que averiam victoria. E que ficariam todos Ricos, E alcançariam a onrra de toda França. E sendo deliberados de hir A batalha se poseram em ordenança E sahiram de milão a huma quinta feira xbij dias andados do mes de setembro da era de mil b^{c} xb, duas oras antes

[618] *MFC*, f. 154r e f. 154v.
[619] *MFC*, f. 156r.
[620] *MFC*, f. 158v e f. 159r.
[621] *MFC*, f. 161v e f. 162r.

da noite. Como se deu a segunda batalha na qual o duque E os soiços foram vençidos. Ao dia seguinte mui de madruguada os soiços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua."[622]

O fidalgo dá, pois, uma atenção especial a estes cardeais que – embora pertencendo ao vértice da Igreja romana, ou seja, embora representando o mais alto patamar que se pode exigir ao nível da espiritualidade – pelo seu comportamento militar se apresentam como verdadeiras personificações do *homo belicus*.

Ainda que breve, outro esclarecedor apontamento do autor em relação à militarização dos cardeais nos alvores de Quinhentos surge no quadro descritivo da *Guerra de Urbino*, em 1517, entre Lourenço [II] de Médici, sobrinho do papa Leão X, e Francisco Maria (I) della Rovere:

"(…) por ser o manifico Lourenço ferido [na "segunda guerra dorbino"] mandou o papa por leguado E seu capitão geral em seu luguar ao cardeal sancta maria Jnportiguo. E posto que este guovernaua seu exerçito com mais saber E tento, os de françisco maria lhe mataram muita Jente."[623]

Após ser ferido com um tiro de espingarda, Lourenço é forçado a abandonar o campo de batalha, nomeando o papa para o seu lugar como legado e capitão-geral dos exércitos pontifícios o cardeal "sancta maria Jnportiguo", que, como destaca o fidalgo, "guovernaua seu exerçito com mais saber E tento".

Trata-se na realidade do cardeal Bernardo Dovizi da Bibbiena (1470-1520)[624]. Nomeado cardeal por Leão X, em 1513, Bibbiena foi por este pontífice incumbido de diversas importantes missões, nomeadamente a referida pelo fidalgo de Chaves do comando do exército papal na *Guerra de Urbino*, em 1517. Ora, dado que o título de capitão-geral da Igreja era habitualmente atribuído a alguém com reputação militar e sólida experiência na responsabilidade de liderança guerreira, subentende-se que o cardeal em questão correspondesse devidamente a tais requisitos, ou seja, que de alguma forma estava ligado à prática da guerra, como acontecia, por exemplo, com o já apontado Matthäeus Schiner ou mesmo com o conselheiro imperial Matthäeus Lang von

[622] *MFC*, f. 209v e f. 210r.
[623] *MFC*, f. 217r.
[624] O fidalgo designa-o cardeal "sancta maria Jnportiguo" muito provavelmente devido ao facto de ter recebido o título de cardeal diácono de S. Maria in Portico *Octaviae* a 29 de Setembro de 1513.

Wallenberg (c. 1468-1540), outro verdadeiro cardeal-soldado de Júlio II (nomeado em 1511) que o historiador Paolo Giovio considerará "mais digno de ser incluído entre os excelentíssimos capitães de guerra do que entre os cardeais."[625]

Mas a acção guerreira por parte dos clérigos não se cinge às figuras cimeiras dos cardeais e dos pontífices; antes se apresenta como transversal à hierarquia superior da Igreja católica romana coeva[626]. É o que podemos verificar pela leitura de duas reveladoras passagens das *MFC.*

A primeira, sob o pontificado de Júlio II, relativa à descrição da conquista, em 1511, de Bolonha pelos franceses, que tinham então ao seu serviço os descendentes do tirano João II Bentivoglio que o pontífice havia expulsado da cidade em 1506 (Hermes Bentivoglio e Annibale II Bentivoglio):

> "E dahi a espaço de duas oras entrou o exerçito dos françeses com grandes estrondos E assenhorearonsse da çidade. o castelo se teue pello papa E ao terceiro dia começaram os françeses a entender nelle E mandaram dizer ao arçebispo que era delle castelão que o entreguasse. E o arçebispo em luguar de Reposta mandou enforcar sobre o muro em huma pica hum guato em sinal de querer guerra. E loguo os françeses começarom de leuar a artelharia E aprantarom E batearom o castelo dous dias. (…) E teue se o arçebispo atee que mandou Recado ao papa como ho combatiam E que nam tinham Jente nem munição por que o cardeal pauia que antes hi era leguado sendo ordenado que no castelo ouvesse pera guarda delle trezentos homens. E em cada porta da çidade ouvesse çincoenta homens com seu condestabre por forrar o soldo dos do castelo lhes mandaua que servuissem nas portas. de maneira que quando se entrou a çidade ficou o castelo sem Jente de guarnição. Respondeolhe o papa que entreguasse o castelo A çidade E nam aos françeses. E assi foi feito. E tanto que o arçebispo partio pera o papa, o castelo foi Roubado E metido a saco. (…) E esta forteleza mandara o papa fazer a suas proprias custas. E quando Respondeo ao arçebispo que ha entreguasse A çidade seu Jntento foi que deRibandoa elles que a çidade lha tornasse fazer A sua custa como despois socçedeo."[627]

Preciosa ao nível da observação das práticas ritualistas e dos códigos de guerra coevos é a descrição do momento em que, na sequência do ultimato dos atacantes com vista à rendição dos sitiados, o "arçebispo [castelão] em luguar de Reposta mandou enforcar sobre o muro em huma pica hum guato em sinal de querer guerra. E loguo os

[625] Paolo Giovio citado em Massimo Firpo, "O Cardeal" in *O Homem Renascentista*, op. cit., p. 65.
[626] Cf. J. E. Law, "Giovanni Vitelleschi: 'prelate guerriero'" in *Renaissance Studies*, 12, 1998, pp. 40-66.
[627] *MFC*, f. 143r.

françeses começarom de leuar a artelharia E aprantarom E batearom o castelo dous dias."[628]

Ainda no contexto do mesmo conflito, de salientar também a referência do fidalgo ao que se passou no ano seguinte, quando Júlio II tenta reconquistar a cidade após a saída da mesma do exército francês:

> "passados Jaa muitos dias E os françeses Ja despidos, sabendo os vintevolhas que o papa trabalhaua de lhes fazer guerra, dauanse a pressa a fazer artelharia. E faltandolhes o metal, ou mais verdadeiramente por nam poderem ver figura do papa, mandaram deRibar huma grande estatua de metal da figura natural do papa que estaua no outam da JgreJa de sam petronio que estaua na praça. E foi derribado deitando cousas"[629].

Além de representativa da perseverança guerreira do papa, esta referência é, como já salientámos, muito importante do ponto de vista simbólico na medida em que retrata a origem daquela que será um das mais célebres peças de artilharia desta época: o "canhão juliano" de Afonso I d'Este.

Tal associação directa entre um pontífice (precisamente Júlio II, o *papa guerreiro*) e a máquina que é a maior causa de destruição coeva e o emblema por excelência da brutal e crescente desumanização trazida pela nova forma de fazer a guerra, é prenhe de significado histórico e político.

A segunda passagem das *MFC* particularmente reveladora do facto de a acção guerreira por parte dos clérigos não se limitar às figuras cimeiras de cardeais e papas, surge já no quadro do papado de Leão X e diz respeito à descrição da, em cima referida, queda de Siena, em 1516:

> "Como o manifico burges se sahio de sena, E o bispo entrou na çidade E se apoderou della. (…) o bispo cheguou com seu exerçito a sena, ao qual abriram as portas da çidade. E entrando sem contradição alguma, se apoderou da casa de senhoria"[630].

[628] *MFC*, f. 143r.
[629] *MFC*, f. 144r.
[630] *MFC*, f. 212v.

Em síntese, os primórdios do século XVI constituem um dos períodos mais beligerantes na longa história do papado. São anos em que, como podemos observar a partir da leitura das *MFC*, os pontífices, o cardinalato e outras figuras superiores da hierarquia da Igreja mais intensamente participaram na prática da guerra.

O fidalgo mostra no seu texto que o patrocínio e a participação activa de papas e, sobretudo, cardeais nas guerras coevas não se baseia numa lógica de casos isolados sem ligação estruturante uns com os outros. Antes consiste num plano estratégico articulado em que o "ir para a guerra" é oficialmente declarado e, portanto, assumido pelo governo central da Igreja Católica Romana – inclusive com Leão X, pontífice bem mais dissimulador no tratamento da questão armada do que o seu antecessor –, não se confundindo, pois, com a guerra declarada por um poder secular que goza da bênção da Igreja.

O fidalgo demonstra igualmente no seu testemunho a existência de uma notória continuidade no uso da força pelo papado entre os pontificados de Júlio II e Leão X, bem como em relação a pontificados anteriores. Mostra igualmente como este fenómeno é de vital importância para a política papal coeva, bem como para o exercício da autoridade e do poder que lhe são implícitos enquanto cabeça da Cristandade. Mostra, finalmente, como tal estratégia de acção coloca a cúria e o vértice da Igreja de Roma no centro do jogo político-militar internacional que tem como palco privilegiado a península italiana com todas as implicações económicas, políticas, sociais e humanas daí decorrentes.

Por outras palavras, a estreita relação entre política e guerra estabelecida pelo papado e o cardinalato na prossecução dos objectivos temporais dos Estados Pontíficios, ou seja, na defesa dos interesses políticos e territoriais da Igreja em Itália, coloca, enfim, a cúria e as suas figuras exponenciais ao mesmo nível dos príncipes seculares coevos, acabando por não se notar distinção maior nos métodos políticos e nas formas de actuação guerreiras. Militarização da cúria torna-se, pois, sinónimo de mundanização do exercício do poder e da autoridade da cúria. Daí que ambos os pontífices possam ser perfeitamente integrados num quadro de análise que tenha por orientação as premissas de Maquiavel apresentadas n' *O Príncipe*.

Isto, atente-se, sem invalidar as tentativas – que as houve – de estimular e suportar a guerra contra o poder muçulmano[631].

Em suma, as *MFC* apresentam retratos vivos e profundamente expressivos da figura do clérigo beligerante, colocando devidamente no seu contexto o compromisso ímpar de Julio II e de Leão X – bem como dos seus cardeais – para com a guerra coeva, ainda que por vias diferentes, dada até a diferença de natureza dos dois pontífices. Traçam, podemos dizer, uma singular luz sobre as figuras paradoxais dos clérigos guerreiros, sejam papas, cardeais ou arcebispos, pois apresentam homens de alguma forma ligados ao coração da espiritualidade cristã (por dever, vocação ou interesse pessoal), mas com surpreendente destreza na liderança guerreira.

9. Guerra "justa" e guerra "injusta"

As *MFC* evocam os conceitos de guerra *justa* e *injusta*, que surgem sobretudo relacionados com o tema das guerras de Cruzada. É, pois, por esta via do ideal cristão da *Guerra Santa* que ambos estes conceitos se enquadram na relação entre a guerra e o exercício do poder na Europa da aurora de Quinhentos.

Inerente a boa parte dos conflitos armados evocados nas *MFC*, os conceitos de guerra *justa* e *injusta* constituem, afinal, a base legitimadora (ou condenatória) desses mesmos conflitos:

> "E pera que o geral conçilio aguora por sua Santidade convocado [o conçilio lataranense] se çelebre quieta E santamente sem çisma E sem escandalo. o qual nosso senhor queira encaminhar a seu santo seruiço E ao bem comum da Religião cristaam por que despois de çelebrado aJa efeito a expedição E Justa guerra contra os Jnfiees que por sua magestade hee E haa sido tam desejada. E fora em obra por sua parte posta se estes Jmpedimentos E presentes calamidades nam ho empediram E estoruaram."[632]

[631] Cf.Kenneth Meyer Setton, *The Papacy and the Levant, 1204-1571. Vol. III: The Sixteenth Century to the Reign of Julius III*, op. cit., pp. 1-197.
[632] *MFC*, f. 148v.

Na resposta de Fernando II de Aragão, então regente da coroa castelhana, ao breve que Júlio II lhe enviara, podemos notar como a "Justa guerra" é definida na qualidade de expedição militar "contra os Jnfiees".

Este precioso indicador do quadro mental da época é focado com particular intensidade pelo fidalgo em momentos nucleares do seu texto, nomeadamente em relação à *Guerra de Urbino*:

> "andando o manifico Lourenço prouendo em assentar a artelharia sobre huma vila que tinha çercada que estaua em guarda despanhoes lhe atiraram E deram sobre o capaçete com hum pilouro despinguarda E lho falsou. E foi tam mal ferido que todo o tempo que a guerra durou, esteue em florença onde secretamente foi leuado. E da ferida ficou com o pescoço torto, E quasi trazia ho Rosto sobre hum ombro. E por que neste tempo tambem se ordia de querer tomar ferrara, E em Roma nam se sabia a que parte se Recolhera – ca huns diziam que se fora a ancona, outros a florença, outros tinham que fora trazido a Roma – foram postos muitos epitafes por Roma, E hum dizia A maneira de preguão, chisape se – chi avese torbato al manifico lourenzo – vada al sacristano dela paçe ele sera donato lo nom bebragio [.] E por que suas cousas eram mui cahidas, se pos outro que dizia, vide voy che senara manifico lourençino che per pigliar ferrara, avete preso vrbino. E por que a todo homem pareçia esta guerra JnJusta, a todos apraziam estes motes que se achauam preguados pollos pubricos das prinçipaes Ruas de Roma como hee husança."[633]

O facto de o confronto de Urbino opor cristãos contra cristãos faz com que esta seja uma "guerra JnJusta". Com efeito, para ser *justa*, esta guerra tinha de ter por oponente dos cristãos os grandes inimigos da Cristandade: o infiel. Apenas com este pano de fundo, se poderia compreender e aceitar como legítimo o apoio incondicional do papa e a sanção da cúria romana. Dito de outro modo, é por isso que a guerra planeada por Leão X e executada pelo sobrinho, Lourenço (II) de Médici, contra Francisco Maria (I) della Rovere, não é legítima, nem possui validade política, religiosa ou moral, devendo antes ser alvo de condenação pelos cristãos.

Mas aquela que consideramos ser, na perspectiva do fidalgo, a verdadeira e plena definição e o maior exemplo a seguir da guerra *justa* e, por oposição, da guerra *injusta*, surge nas *MFC* em dois momentos sucessivos: em primeiro lugar, no âmbito das celebrações em Roma pela conquista portuguesa de Azamor, em 1513, quando

[633] *MFC,* f. 217r.

"hum coneguo de são pero" durante a missa solene proferida pelo próprio papa no "moesteiro de sancto agustinho" efectua uma emotiva e inflamada pregação[634]; depois, no conteúdo da carta[635] enviada por Leão X a D. Manuel, que o fidalgo transcreve no seu texto[636].

No primeiro momento, o fidalgo indica claramente vários pontos fundadores da única guerra que um cristão pode considerar "Justa", nomeadamente, o "grandissimo deseJo de acreçentar a fee de christo como cristianissimo prinçepe"[637]; "nom soomente açeitara mas aJnda procurara a tal empreza, deixando seu Repouso, convidando seus parentes amiguos E criados. E feitos mui sobeJos guastos de suas Rendas"[638]; "buscando aos Jnfiees com tantos trabalhos em suas proprias casas"[639]; "mostrande no guoverno de sua hoste grandissimo esforço E prudençia comparando vossa Jlustrissima senhoria aos mais poderosos E famosos capitães antiguos"[640]; e, finalmente, o maior alicerce da guerra *justa*: "os christãos guanharam aos Jnfiees sendo vnidos E Juntos em hum acordo E vontade, sahindo de suas terras com braço armado E fee grande"[641].

Ao invés, a guerra *injusta* alicerça-se no acto de fazer "a fee E santo zelo se converter em odio E diuisões huns contra os outros"[642]. São, afinal, as "diuisões antre os reis christãos"[643] que conduzem a "tanta desonrra da Religião christãa"[644] e "tantos christãos mortos em batalhas, E tantos aparelhos pera maiores males"[645].

Dito de outro modo, tomando como modelo os portugueses[646], "em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem

---

634 *Vide* capítulo da fonte "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor." in *MFC*, f. 173v a f. 174v.
635 *Vide* capítulo da fonte "Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade dazamor." in *MFC*, f. 174v a f. 176r.
636 Ver nota 238 deste mesmo tópico.
637 *MFC*, f. 173v.
638 *Idem*, *ibidem.*
639 *MFC*, f. 174r.
640 *Idem*, *ibidem.*
641 *Idem*, *ibidem.*
642 *Idem*, *ibidem.*
643 *Idem*, *ibidem.*
644 *Idem*, *ibidem.*
645 *Idem*, *ibidem.*
646 "que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee" in *MFC*, f. 174v.

temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros."[647]

De reter neste ponto que a advertência, feita por um clérigo de Roma, se estende de forma tão ousada quanto pertinente ao pontífice. Daqui que, logo a seguir a apresentar a pregação do "coneguo de são pero", bem como o conteúdo da carta enviada por Leão X a D. Manuel, o fidalgo critique veementemente a forma como os actos de Leão X não correspondem de todo às suas palavras, definindo consequentemente com exactidão aqueles que considera os fundamentos de uma guerra *injusta*:

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees."[648]

Já no segundo momento, que corresponde à carta enviada por Leão X a D. Manuel, o autor salienta que a guerra *justa* é aquela que o cristão faz em "Regiões Jnfindas"[649] sobre "nobreza de Jente vençidas"[650]. Fala, pois, de "regiões per espaços quasi sem medida, todos os mares, portos, Jlhas, prayas, de pendões de christo nosso deus per lembranças sem conto. E polla diligençia de teus cavaleiros E capitães estem cheas E per tua virtude nelle deuam crer." [651] E sempre "tendo as mãos de todo limpas de sangue christão, que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses."[652] Só assim "cada dia tuas armas trazem consiguo grande gloria E nenhuma malquerença, a qual honrra E ornamento a ti dada da graça do Rei çelestial, atee teus derradeiros dias (…). todo o outro louuor ficara abaixo desta tua virtude E amor de deus."[653]

---

[647] *MFC*, f. 174v.
[648] *MFC*, f. 176r.
[649] *MFC*, f. 175r.
[650] *Idem*, *ibidem.*
[651] *Idem*, *ibidem.*
[652] *MFC*, f. 175v.
[653] *Idem*, *ibidem.*

Em suma, o que torna a guerra, neste caso específico levada a cabo por D. Manuel, *justa* e legítima é a vontade do monarca e dos seus súbditos em trazer "o Reino de feez E maRocos da çuJa E sobeJa de nação de mafamede ao conheçimento da verdade"[654]. Mas para tal é vital que haja "paz antre os Reis christãos" [655], pois este é o único caminho para que "possamos mudar as armas contra o herege mafomede."[656]

A guerra fratricida está, enfim, no pólo oposto da guerra considerada *justa*, pelo que é veementemente condenada pelo fidalgo. Consequentemente, a neutralidade de Portugal e o facto de o rei luso ter as " mãos de todo limpas de sangue christão"[657] só pode ser louvada pelo autor – "que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses" [658] –, que encontra eco para as suas ideias neste campo, por um lado, no próprio terreno de batalha que é a Itália do seu tempo, e, por outro lado, na guerra desenvolvida pelo rei de Portugal além-mar, em Marrocos e na longínqua Ásia. Esta última é, por tudo isto, causa e consequência, ou seja, impõe-se necessariamente como a referência mental que está na base da condenação do que se passa no teatro italiano e, ao mesmo tempo, constitui o paradigma a seguir num futuro que se quer o mais breve possível dada a pressão turca sobre a Europa do Leste e do Sul ser cada vez mais asfixiante.

É, portanto, por tudo isto, que o fidalgo lamenta o facto de não se avançar com a autêntica guerra, aquela que é levada a cabo contra o inimigo comum da Cristandade e que, por isso, conta legitimamente com a aprovação espiritual do pontífice. Neste ponto podemos verificar a total consonância do fidalgo de Chaves com a índole política em prossecução no seu reino natal, pois esta guerra que tão veementemente defende é, afinal, a mesma guerra tão desejada e, de facto, praticada por D. Manuel.

Podemos comprová-lo, em 1513, nas palavras de Gil Vicente (1465-c.1536) proferidas nas vésperas da largada de D. Jaime para tentar conquistar Azamor, que encorajam à acção guerreira em terras de África tendo o conceito de guerra *justa* como fundamento[659]:

"África foi de Cristãos,

[654] *Idem*, *ibidem.*
[655] *Idem*, *ibidem.*
[656] *Idem*, *ibidem.*
[657] *Idem*, *ibidem.*
[658] *Idem*, *ibidem.*
[659] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III*, op. cit., pp. 299-303.

Mouros vo-la tem roubada.
Capitães, ponde-lhe as mãos,
Que vós vireis mais louçãos
Com famosa nomeada.
(...)
É guerra de devoção
Por honra da vossa terra,
Cometida com razão,
Formada com descrição
Contra aquela gente perra.”[660]

Espelho do período de viragem da Idade Média para a modernidade, a obra vicentina torna fácil compreender o porquê da “guerra de devoção” – porque “cometida com razão (…) contra aquela gente perra", ou seja, a guerra *justa* – constituir nos inícios do século XVI o sustentáculo ideológico do espírito de Cruzada manuelino e, consequentemente, da empresa guerreira lusa em África e no longínquo Oriente.

Ou seja, ao funcionar como poderoso e legitimador argumento operativo presente, no caso ibérico, de forma totalizante e absoluta desde as guerras da Reconquista, é o conceito de guerra *justa* – como já vimos, no caso de D. Manuel, intimamente associado ao messianismo –, que permite, enfim, entender o sentido ideológico do poder em D. Manuel, bem como o seu exercício em particular ao nível armado.

Ana Isabel Buescu observou como, mais tarde, mais precisamente em 1533, portanto já no reinado de D. João III, dirigindo-se ao seu rei de quem era figura muito próxima, o humanista João de Barros “condenava com veemência a guerra entre monarcas cristãos, de que eram protagonistas Carlos V e Francisco I, mas incitava o monarca à única guerra considerada legítima (…): ‘Vossa Alteza [...] faça guerra aos infiéis e mouros de África: e, movido do santíssimo zelo, converta Etiópia e Arábia, Pérsia e Índia à verdadeira fé de Cristo [...] porque esta [guerra], sendo justa, é proveitosa e traz grande louvor ao rei cristão.’”[661]

[660] Gil Vicente, *Copilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente*, Maria Leonor Carvalhão Buescu (ed.), vol. II, Lisboa, INCM, 1984, pp. 176-177.
[661] Ana Isabel Buescu, *D. João III*, op. cit., p. 300.

Fundamento primeiro e base legitimadora da ideia da Cruzada, o conceito de *guerra justa* entra, pois, bem dentro da centúria de Quinhentos na qualidade de um dos elementos mais fortes da política régia. Mais rigorosamente, precisamente como o elemento dessa política que realça a dimensão cruzadística, e por isso inteiramente meritória e louvável, da empresa guerreira além-mar.

Por outro lado, a sua operatividade e eficácia ideológica é tanto mais eficaz quanto o facto de ter origem na ideal, esforçada e santa *Reconquista* peninsular. Ora, com o turco fazendo pressão, só no lado ocidental do seu império, sobre os Balcãs, o Danúbio, e a bacia do Mediterrâneo, era inevitável que os cavaleiros do início do século XVI continuassem a encarar o combate contra o Islão como a forma suprema de remissão dos pecados – não é isto, afinal, o que se passa com D. Jaime em Azamor? Servir Cristo pela espada, em África ou no distante Oriente, é, assim, um reflexo bem concreto da política imperial portuguesa no tempo de D. Manuel.

No entanto, ainda que de matriz medieval, o messianismo cruzadístico-imperial manuelino e o proselitismo que dirigia as consequentes acções guerreiras e de expansão com a guerra *justa*, ou seja, a "guerra de devoção" vicentina, como grande alicerce ideológico não é único na Europa como tão bem mostrou João Paulo Oliveira e Costa.

O rei aragonês D. Fernando, apesar da sua participação nas *Guerras de Itália*, elogia a conduta política e guerreira de D. Manuel e mostra-se um zeloso partidário da Grande Cruzada, que não deixa de surgir na "correspondência entre reis cristãos como um desígnio natural das monarquias europeias"[662]. Aliás, em 1509 e 1510, as vitórias africanas do *Católico* (Orão, Bugia, Tripoli e Argel) revelam bem a sua vontade de combater o infiel no seu próprio terreno e a realidade insofismável de que "as concepções messiânicas e o gosto pela cruzada não constituíam, de facto, uma excentricidade, mas correspondiam antes a um ideal partilhado por príncipes e muitos senhores da cristandade."[663]

Todavia, o correr dos acontecimentos, sobretudo em Itália, e as divisões no seio da Cristandade fizeram com que a iniciativa individual dos príncipes nunca se constituísse politicamente e num contexto internacional numa frente armada comum subordinada ao ideal cristão da cruzada e de luta com o infiel muçulmano, cujas acções na figura do império otomano em franca expansão constituíam o rastilho necessário para

[662] João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, op. cit., p. 260.
[663] *Idem*, *ibidem*, p. 283.

a urgência, a inevitabilidade e, enfim, a materialização efectiva da guerra *justa*, como D. Manuel tanto desejou.

Parte V – Paisagens romanas

Roma é, sem dúvida, o centro da atenção do fidalgo. O viajante flaviense como que se esgota na observação da *Cidade Eterna* e das suas múltiplas facetas, tão complexas quanto sedutoras. Daí que no todo das *MFC*, o património, o quotidiano, a política e a sociedade romanas ocupem um lugar de clara preeminência em relação ao restante. Mesmo quando a acção decorre noutros pontos de Itália é para Roma que o fidalgo acaba de virar o seu olhar. O exemplo da batalha de Ravena é paradigmático:

> "Como a noua cheguou a Roma E do que o papa fazia. Jaa disse que foi a batalha na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze anos em dia de pascoa da Resurreição. A terça feira seguinte de noite cheguou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de custume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jsso mesmo todalas senhoras e baronesas de Roma que tinhão seus maridos na guerra E cada huma perguntaua pollo seu. o papa as consolaua E dizia que nom cressem nada do que se dizia por que custume era dos françeses semear sempre nouas mentirosas em seu fauor. nesta primeira noua nam veo mais çerteza que ser o viso Rei desbaratado E fugido. despois veo outra que nam escapara dos espanhoes nenhum que nom fosse morto E que os françeses ficaram Jnteiros sem moRer homem delles E que vinhão contra Roma. E que o duque dorbino se passara da parte de França. com estas nouas os cortezãos estauão sospensos E postos em grande confusão E o papa mal contente. passados oito dias vierom coReos E tambem o duque de tracto E outros caualeiros que forom na batalha ataa fim della E se saluarom, que trouxerom noua certa do que passara. todolos dias que nom eram de consistorio fazia o papa congreguação com todolos cardeaes E todo seu fundamento era fazer pazes. trazia tratos com os prinçipaes Romanos por que todos andauam mui aluoraçados."[1]

Com efeito, o que o impressiona e é alvo do seu interesse é o que se passa na notável urbe. Percebemos, assim, que na sua perspectiva é em Roma que em última análise se decidem as grandes disputas europeias, ainda que elas tenham lugar nos mais distantes pontos de Itália, em particular a nível bélico. Seguindo a mundividência

[1] *MFC*, f. 156v e f. 157r.

política e geoestratégica do autor, o destino da Europa passa necessariamente por Roma[2]. É isso que transmite de forma clara a D. Jaime de Bragança.

Mas também em termos religiosos e culturais Roma lhe deixa uma impressão marcante. É óbvio que estudou os seus monumentos, em particular os cristãos, como o comprova a descrição que faz da Igreja de S. Pedro e do processo que envolve a construção do novo templo em detrimento do antigo, o que não deixa, também, de ser um extraordinário testemunho directo da própria dinâmica arquitectónica e artística da Roma de Quinhentos através do seu olhar português. Lendo-o, e às suas poderosas descrições, o duque de Bragança poderia visualizar muitos dos símbolos e maravilhas de pedra da capital da Cristandade. Noutra vertente, a visão da Roma profana marcou-o profundamente. Os costumes romanos surpreendem-no e, num segundo momento, fascinam-no. De tal forma que não hesita em afirmar que

> "por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. (…) E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma."[3]

Paisagens romanas, físicas e humanas, eis o coração das *MFC*. Daí que possamos reter em tão abrangente documento referências à diplomacia, à importância da corte – sobretudo a papal –, ao património sagrado e profano, como palácios, jardins, igrejas, entre outros edifícios fruto do engenho humano, e às diversas vivências

[2] Cf. Christine Shaw, "The papal court as a centre of diplomacy: from the peace of Lodi to the Council of Trent" in *La Papauté à la Renaissance, Actes du XLVIe colloque international d'études humanistes*, Tours, 30 juin-4 juillet 2003, Florence Alazard et Frank La Brasca (dir.), Paris, Honoré Champion, 2007, pp. 621-638.
[3] *MFC*, f. 183v e f. 184r.

quotidianas, nomeadamente as festas, a caça, a violência civil, a aplicação da justiça, o vestuário e a alimentação, mas também a morte e os ritos funerários. Tudo num testemunho impressivo, escrito tendo a observação empírica por principal orientação, que dá plena noção do movimentado e fervilhante cosmopolitismo do dia-a-dia da capital da Cristandade e no qual o fidalgo de Chaves se viu inserido e aprendeu a conhecer ao longo de uma estadia de sete anos.

1. Agentes e diplomatas. Roma e o nascimento da moderna diplomacia

As *MFC* são um importante testemunho de como o início do século XVI corresponde, na essência, como sustenta um dos grandes especialistas actuais, ao nascimento da moderna diplomacia[4]. Mostram também, como contrapeso, a frágil estruturação do diálogo internacional que marcava de forma profunda a política no *Velho Continente*[5], materializada na feitura constante de ligas, tratados, alianças e contra-alianças. Um processo tão volúvel quanto permeável, que fazia com que a prática diplomática mudasse de direcção consoante a prioridade dos interesses políticos e estratégicos das partes envolvidas[6] – o papado, como o fidalgo de Chaves tão bem demonstra, constituía o paradigma e o grande impulsionador desta acção. Vejamos alguns exemplos disso mesmo:

> "tanto que o papa foi em Roma começou de trauar ligua contra os venezeanos E conçertousse com el Rei dom Fernando de castella E com o emperador maximiniano E com el Rei luis de França E com o duque hercule (sic)[7] de ferrara. por que assi ao papa como a todos estes tinhão os venezeanos tomadas e occupadas muitas çidades E terras. chegado o tempo de ajuntarem em Jtalia todolos exerçitos deles veo o emperador em pessoa E todos ho seguião. nesta guerra cobrou el Rei de França, crema,

[4] Lucien Bély, *L'art de la paix en Europe. Naissance de la diplomatie moderne XVie-XVIIe siècle*, Paris, PUF, 2008, pp. 1-26.
[5] *Idem*, *ibidem*, pp. 41-68.
[6] Cf. Garrett Mattingly, *La diplomacia del Renacimiento*, Madrid, Instituto de Estudios Politicos, 1970; Michael Mallett, *Diplomacy and war in later fifteenth-century Italy*, London, British Academy, 1983.
[7] O autor confunde aqui o duque de Ferrara, então Alfonso I d'Este (1476-1534), que governou entre 1505 e 1534, com o duque anterior, mais precisamente o pai deste último, Ercole I d'Este (1431-1505), que conduziu os destinos do ducado entre 1471 e 1505, data da sua morte. O erro deve-se certamente a uma falha do copista ou uma simples desatenção do autor, pois todas as restantes menções ao duque de Ferrara Alfonso I d'Este efectuadas nas *MFC* surgem sempre correctas, quer em termos cronológicos quer em termos de rigor ao nível dos acontecimentos citados.

> craemona, brexa E berguamo que são populosas çidades, alem doutras vilas E castelos. el Rei dom fernando cobrou outros luguares que lhe tinhão tomados do Reino de napole. o papa cobrou Rauena E ariuniue E furle E facuça E brigiguela E Reixa, E outros luguares."[8];

> "Como o papa foi são E da ligua que fez [contra o reino de França e o seu grande aliado, o ducado de Ferrara]. Tornando o papa a cobrar vida foi todo posto em paz E sendo convaleçido foi dizer missa a nossa senhora do populo onde se publicou ligua, scilicet, sua santidade com el Rei de castela, venezeanos, E seneses. foi feita esta ligua em presença do papa E dos cardeaes E dos perlados E dos senhores Romanos E dos embaixadores del Rei E das ditas senhorias que pera Jsso tinhão seus abastantes poderes."[9];

> "Naquelle tempo tinham feita ligua, scilicet, de huma parte o papa E el Rei de castela E o de Jnglaterra, o duque de milão E a senhoria de sena. E da outra parte era el Rei de França, venezeanos, E o duque de ferrara. E desta maneira estauão postos em armas huns contra os outros. E todo o feito era sobre o ducado de milão que el Rei de França queria pera si."[10]

Num período em que a Europa vivia uma profunda e acelerada mutação política, cultural, económica e militar, Roma e em especial a cúria pontifícia afirmavam-se cada vez mais como centro privilegiado de informação universal ao mesmo tempo que se assumiam como o coração e o eixo político da Cristandade[11]. Ou seja, a *Cidade Eterna* constituía-se claramente no complexo amanhecer de Quinhentos europeu como o centro de todo um sistema informativo que abrangia as fronteiras mais distantes da Cristandade[12]. As embaixadas e outras acções diplomáticas descritas pelo fidalgo de Chaves no seu relato disso dão expressivamente conta.

Todas as informações políticas e geoestratégicas importantes passavam por Roma, pelo que era vital e urgente aos Estados europeus aí manterem uma presença

[8] *MFC*, f. 141r e f. 141v.
[9] *MFC*, f. 146v.
[10] *MFC*, f. 209r e f. 209v.
[11] Cf. Maria Augusta Lima Cruz, *Contribuição Para o Estudo dos Correios Entre Portugal e Roma no Século XVI*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, 1, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian (Centro Cultural Português), 1969, pp. 463-467; *Idem* e António Manuel Lázaro, "A Linguagem Criptográfica na Correspondência Diplomática Portuguesa de D. Miguel da Silva e de Pero Correia: Origens e Significado" in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento, Lisboa, 2004*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, pp. 601-620.
[12] Cf. Maria do Rosário de Sampaio Temudo Barata, *Os Diplomatas Portugueses em Roma no Século XVI e as Informações Acerca do Turco e da Índia*, Sep. *Portugaliae Historica*, 1, 2ª Série, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1991.

constante, por forma a estarem o mais bem informados possível acerca dos desenvolvimentos governativos e das grandes decisões políticas tomadas no Velho Continente que passavam, invariavelmente, pelo conhecimento do papado. Em suma, como salienta Yves Renouard, "Roma era o centro postal internacional mais activo de Itália e, sem dúvida, da Europa: as novas políticas militares, comerciais, espirituais aí convergiam e daí partiam por todas as vias. A *Cidade Eterna* era o centro mais bem informado das novas de toda a Cristandade, e aquele donde elas eram difundidas em todas as direcções."[13]

Neste sentido, não estranha que a Coroa portuguesa acompanhe a tendência geral europeia de optar por representações diplomáticas permanentes em Roma[14], com acções informativas paralelas, de que o estabelecimento de redes de agentes e contactos constitui provavelmente o melhor exemplo. A jornada italiana do fidalgo de Chaves afigura-se, em nossa perspectiva, como um exemplo paradigmático deste fenómeno, neste caso sob a orientação do chefe de uma das maiores Casas aristocráticas da Península Ibérica. Os soberanos europeus promoviam, para além das missões dos embaixadores oficiais e em permanência, o recurso a missões paralelas que visavam a obtenção no terreno de informações válidas a nível dos bastidores da política[15].

Perante tal contexto internacional, Portugal tinha os olhos postos em Roma. Afinal, o que aí se decidia em termos políticos, militares e económicos, acabava por se repercutir naquilo que era o centro de interesses da política externa portuguesa. Era vital que a Coroa portuguesa protagonizasse uma permanente intervenção diplomática oficial (e não oficial) em Roma[16].

É o que o fidalgo demonstra quando evoca a figura de João de Faria, primeiro embaixador português na cúria papal[17], ou a chegada a Roma de D. Miguel da Silva[18]

[13] Citado em Maria Augusta Lima Cruz e António Manuel Lázaro, "A Linguagem Criptográfica na Correspondência Diplomática Portuguesa de D. Miguel da Silva e de Pero Correia: Origens e Significado" in *D. João III e o Império…*, op. cit., p. 602.
[14] Para um maior aprofundamento desta temática *vide* Pedro Almeida Cardim, "A Diplomacia Portuguesa no Tempo de D. João III: Entre o Império e a Reputação" in *D. João III e o Império…*, op. cit., pp. 627-660.
[15] Cf. Paolo Preto, *I servizi segreti di Venezia. Spionaggio e controspionaggio ai tempi della Serenissima*, Milano, Il Saggiatore, 2010, pp. 41-86, 185-234, 247-260 e 301-380.
[16] Cf. Eduardo Brasão, *A diplomacia portuguesa nos séculos XVII e XVIII*, 2 vols., Lisboa, Resistência, 1979-1980; Idem, *Relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé*, 3 vols., Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1973.
[17] Entre Fevereiro de 1512 e Novembro de 1514.
[18] De 1514 até 1525.

para substituir o primeiro como embaixador português permanente na capital da Cristandade:

> "Como dom João de castelo branco embaixador de portugual moReo em Roma E foi por procurador del Rei o doutor João de faria. Dom Johão de castello branco Jrmão de dom martinho que aguora hee conde de villa noua moReo naquelle tempo em Roma. diziam que se causara sua morte de huma queda de hum ginete que lhe o conde mandara. era embaixador del Rei. E avia oito dias que o cardeal mediçis seu grande amiguo proposera em consistorio ho bispado de lameguo que o bispo que entonçes era Renunçiara nelle. ficou por seu testamenteiro o dito cardeal E todolos benefiçios E fazenda do dito embaixador Repartio com seus criados. E despois que foi papa dizia, se o nosso dom João fora viuo, fizeramolo cardeal com os nossos mais charos amiguos. per sua morte mandou el Rei a Roma com carguo de seu procurador ao doutor João de faria seu desembarguador."[19];

> "Da embaixada E dos presentes. E da obediençia que el Rei de portugual mandou ao papa. (…) atraz dos sobreditos vinhão os embaixadores, scilicet, tristão da cunha em meo de João de faria estante Em Roma E dioguo pacheco orador."[20];

> "neste tempo deu o papa ho estoque ao doutor João de faria pera el Rei de portugual. E elle se veo mandando sua alteza dom miguel a Roma por seu embaixador." [21]

Neste ponto, há que salientar a forma complexa e merecedora de destaque como no seu relato o fidalgo dá a ver a figura do embaixador. Com efeito, numa época de intensa actividade diplomática e em que relações diplomáticas na Europa se estruturam a partir das embaixadas permanentes, a figura escolhida para ocupar tal cargo tem de ser alguém dotado de determinadas características específicas[22]. O autor evidencia esta

[19] *MFC*, f. 153v e f. 154r.
[20] *MFC*, f. 179r.
[21] *MFC*, f. 211r.
[22] Cf. Ana Leal de Faria, *Duarte Ribeiro de Macedo: um diplomata moderno (1618-1680)*, Texto policopiado / Tese de Doutoramento em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vols., Lisboa, 2003; Idem, *Tempo dos Diplomatas: Estudo Sobre o Processo de Formação da Diplomacia Moderna e o seu Contributo na Tomada de Decisão Política (1640-1 - 1736-50)*, Texto policopiado / Projecto de Tese de Doutoramento em História Moderna apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004; Pedro Almeida Cardim, *Embaixadores e representantes diplomáticos da coroa portuguesa no século XVII*, Sep. *Cultura*, 15, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2002; *Idem*, "Politics and Power Relations

premissa de forma cabal mediante o recurso à figura do embaixador de Castela que, a dado momento, desempenha o seu cargo da pior maneira possível:

> "Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo. (…) por ser o manifico Lourenço ferido mandou o papa por leguado E seu capitão geral em seu luguar ao cardeal sancta maria Jnportiguo. E posto que este guovernaua seu exerçito com mais saber E tento, os de françisco maria lhe mataram muita Jente. era lastima ver os esquadrões dos soldados que o papa mandaua de Roma a esta guerra de muitos milhares de homens. E nam tardaua nada em vir nouas que todos eram desbaratados E mortos. (…) era naquelle tempo barachelo ou alcaide de Roma hum castelhano chamado santa cruz que fora capitão de Jente de pee nas guerras passadas. E por ser homem esforçado E sabedor na guerra, o papa o mandou por capitão de muita Jente pera engrossar seu campo. E despois de se aver apresentado ao leguado, passados alguns dias se afrontou com os espanhoes Junto de pesaro. de tal maneira ho trataram que elle E os que escaparam vieram a Roma destroçados E perdidos, o qual disse ao papa que em quanto os espanhoes andassem em companhia de françisco maria, sua santidade seria sempre perdido. soo por que trazia consiguo çinco mil capitães, por que cada hum daquelles era tanto pratico na guerra que abastaua pera guovernar grandes exerçitos. tanta Jente perdeo o papa E em tal estremo se vio o leguado que foi forçado as forcas (sic)[23] da guerra mudarense em partidos E manhas nom liçitas, os quaes tratos se começaram a fazer com o embaixador de castela Jeronimo bique prometendolhe o papa que lhe faria hum Jrmão cardeal com tanto que elle fizesse que os espanhoes que erão com françisco maria ho deixassem. açeitando o embaixador este partido pera mais breue espedição de seus neguoçios contrataua com alguns dos capitães espanhoes que dessem françisco maria nas mãos do papa, (…) este foi hum dos começos de Jeronimo bique que se declarou vender a fieldade de seu ofiçio E carguo, E sua mesma honrra, E aos seus naturaes E aos que eram liguados com seu Rei E seguiam seu seruiço. tudo por cobiças desordenadas de dadiuas E promessa de lhe o papa fazer seu Jrmão cardeal, nas quaes obras alcançou nome de Jnfamia que durara pera sempre."[24]

O autor demonstra assim que a escolha da figura para ocupar tão singular cargo deve-se revestir do maior critério e cuidado – fidelidade e honra devem ser condições essenciais em tal processo. Uma má opção pode fazer com que o reino fique mal representado e inclusive corra riscos tão perigosos quanto desnecessários. O embaixador surge, pois, nas *MFC* como um elemento de risco para a Coroa e para a política externa

---

in Portugal (Sixteenth-Eighteenth Centuries)", Sep. *Parliaments, Estates and Representation*, 13 vol., nº 2, 1993, pp. 95-108.

[23] Leia-se *as forças.*

[24] *MFC*, f. 216v a f. 218r.

do reino que o envia[25]. Por isso deve ser recrutado entre uma elite da corte, próxima das Coroa, na medida em que é o próprio suporte internacional do poder do país que está em jogo[26].

Intermediário, o embaixador ou representante diplomático possui, como tão perniciosamente demonstra o oficial castelhano, uma liberdade de acção nas negociações que pode ser vital para os destinos da nação que representa. Ele não é, então, um instrumento passivo em todo este processo, antes a voz e os ouvidos da Coroa que representa em terra estrangeira. A sua escolha e o seu papel revestem-se, pois, da mais alta importância política:

> "Como françisco maria seguindo sua ventura foi assentar seu exerçito nos confins de sena E frorença. E da maneira que o papa teue pera se os espanhoes apartar delle. Era tam avante françisco maria com suas vitorias que depois de cobrado seu estado se veo assentar nos confins de sena E de frorença com entenção de meter huma destas çidades a saco por que ambas estauam da mão do papa com senhos cardeaes leguados dentro. ca mediçis se foi a frorença, E petruche estaua em sena. E ambas estas çidades estauão com grande temor de ser saqueadas. E vendosse o papa em tal estremo, sendo mosembique medianeiro, acabou com el Rei carlo que mandasse sob grandes penas aos espanhoes que erão com o duque que se fossem pera o Reino de napole. ca ao tempo de minha partida ficauão em Roma dous capitães espanhoes que vieram per mandado do embaixador sob cor de tratar pazes antre o papa E o duque. E foy a fim destes neguoçios que os espanhoes per espeçial mandado del Rei carlo se foram pera o Reino de napole. E por estas cousas mal E deslealmente feitas alcançou mosembique que seu Jrmão fosse cardeal."[27]

A embaixada de obediência ao papa enviada por D. Manuel a Roma constitui o grande momento diplomático testemunhado pelas *MFC* e o instante por excelência em que o fidalgo evidencia, por um lado, a importância crescente da simbólica e da representação do poder nos alvores do novo século, e, por outro lado, o grande protagonismo da actividade diplomática enquanto via privilegiada para a concretização satisfatória desta nova forma de fazer política externa:

---

[25] Cf. Lucien Bély, *L'art de la paix en Europe. Naissance de la diplomatie moderne XVie-XVIIe siècle*, op. cit., pp. 69-86.
[26] Cf. Ana Leal de Faria, *Duarte Ribeiro de Macedo: um diplomata moderno (1618-1680)*, op. cit.; Idem, *Tempo dos Diplomatas: Estudo Sobre o Processo de Formação da Diplomacia Moderna e o seu Contributo na Tomada de Decisão Política (1640-1 - 1736-50)*, op. cit..
[27] *MFC*, f. 227r e f. 227v.

> "Da embaixada E dos presentes. E da obediençia que el Rei de portugual mandou ao papa. No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feuereiro da era de mil b^{c} e catorze, tomou tristão da cunha porto em çiuita velha com huma grossa nao a qual se dizia ser a em que vossa ilustrissima senhoria passara a africa. o qual vinha dar obediençia a sua santidade por el Rei de portugual. (…) era el Rei nosso senhor sobre todolos outros tido em maior veneração de catolico E christianissimo E bem aventurado em todas suas cousas como se amostraua pollas continuas festas que se em Roma faziam das victorias que lhe nosso senhor daua contra os Jnfiees, assi em africa como na Jndia [,] enRiqueçendo os seus E acreçentando seu estado E poderio [.] E pera que vossa Jlustrissima senhoria veJa como as cousas de portugual erão de todos manificadas, pus aqui o trelado da carta que o senhor de carpe mandou ao emperador maximiliano sendo seu embaixador em Roma [,] no qual Vossa Senhoria veraa larguamente a maneira E louvor da embaixada E a estima dos presentes."[28]

O rei D. Manuel revela-se ao mundo cristão ao mesmo tempo que a diplomacia portuguesa oferece ao Sumo Pontífice o mundo descoberto e dominado pelo rei de Portugal, em prol da expansão da fé cristã. E é o próprio papa Leão X quem confirma este acto supremo de propaganda e simbólica do poder na missiva que envia ao rei português. Dito de outro modo, em última análise, é o pontificado quem legitima o novo protagonismo da actividade diplomática na forma de fazer política no início do século XVI:

> "Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade dazamor. Muito amado em christo filho nosso. saude E apostolica benção [.] muitas vezes temos dado graças a deus todo poderoso, E como se deue esperar aJnda lhas daremos no por vir por que hee sua santa fee por elle soo limpamente honrrada com tantos danos do mui cruel mafoma despedaçada E Reçebidas tantas JnJurias firme e saudavel defensão quis poer na virtude de tua magestade E grandeza de teu animo per meo da qual nom soomente em que maneira desviemos os periguos, mas aJnda como daqui avante os Jmiguos de christo noos os espantemos nos hee dado poder. E posto que atee qui de teus feitos sempre nam podessemos deixar de nos maravilhar sendo Jlustres per amiudadas vitorias, Regiões Jnfindas E nobreza de Jente vençidas, vendo que per toda aquella habitação da Redondeza da terra que contra o oriente E meo dia se estende, todas aquellas regiões per espaços quasi sem medida, todos os mares, portos, Jlhas, prayas, de pendões de christo nosso deus per lembranças sem conto. E polla diligençia de teus cavaleiros E capitães estem cheas E per tua

[28] *MFC*, f. 178r a f. 179v.

virtude nelle deuam crer. contudo tua deRadeira carta escrito no deRadeiro dia de setembro que aguora passou, polla Jmmizade daquellas nações, convem a saber dos de fez E de marrocos, por que Ja estes grande parte despanha E alguma tambem ditalia tomaram, E o templo de são pero em vaticano prinçipal assento da Religião cruelmente destrohiram, no que nos fazia saber que padeçiam aguora aquelles barbaros a pena que çedo hão maior de padeçer de tantas maldades em desonrra de nossa fee cometidas, singular prazer contentamento E alegria nos trouxe. E aJnda pollo amor de pai que a tua magestade temos foi maior prazer seres tu o que vinguaste sam pedro E a maltratada Religião christãa. o que assi como a tua fama foi causa de muita honrra assi tambem a noos deu grande contentamento, pollo qual loguo chamado todo o colegio de nossos honrrados Jrmãos, tua carta abertamente mandamos ler. E o prazer que tinhamos Reçebido com elles cõmmunicamos. E despois de connosco Juntamente a grandeza de teu animo E grande amor de deus com muita Rezão terem louuado, E alegrandosse com teu bem E do duque de braguança teu sobrinho barão muito esforçado, pollas çidades dazamor E dalmedina E outras muitas serem tomadas E grandissimas vitorias alcançadas, noos de conforme consentimento dos mesmos nossos Jrmãos, ordenamos em teu nome por toda a çidade proçissão a sancto agustinho onde noos mesmo acompanhandonos todo o colegio do senado fomos E despois de dita solenemente missa E feita huma copiosa oração de teus grandissimos merecimentos, demos graças a deus nom somente por nos ter dado por ti tantos E tam grandes benefiçios, mas tambem por criar em noos çerta esperança de alcançar cada dia maior vitoria por tua parte, E de Recuperar sua santissima fee, pollo qual muito amado em christo filho aJnda que de nossa amoestação te veJamos ter pouca neçessidade, comtudo de todo coração te amoestamos que trabalhes de hir avante pollo caminho Ja começado ao cume da gloria. E aJas por çerto que te estão aparelhadas muitas honrras. E açerca dos homens memoria de tuas virtudes sempiterna. aJnda que pequenos seJão estes premios pera os que te deus todo poderoso naquella çelestial e Jmmortal bem aventurança ordenou. E noos amoestandote claramente conheçemos açerca de ti ser o Juizo de deus, por que a quem conçedeo elle ho que a ti, que tendo as mãos de todo limpas de sangue christão, que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses. sem embarguo disto cada dia tuas armas trazem consiguo grande gloria E nenhuma malquerença, a qual honrra E ornamento a ti dada da graça do Rei çelestial, atee teus derradeiros dias conseguiras segundo confiamos se nam te moueres. todo o outro louuor ficara abaixo desta tua virtude E amor de deus. E por tanto em nos escreueres que tens vontade de trazeres o Reino de feez E maRocos da çuJa E sobeJa de nação de mafamede ao conheçimento da verdade, çertamente muito te louvamos esta tua vontade. E çerta esperança temos que todalas cousas te soçederão segundo teus deseJos. mas muito maiores graças aJnda damos a deus que por ti nos daa sinaes mui çertos de ter comnosco pera melhores cousas dada sua vontade, por que querendote elle, te vngio de virtude E pos teu caminho sem Reprensão. E ensinou tuas mãos pera combate. E pos teus braços assi como arco darame. E claramente nos mostrou ser per todolos pouos fiees sua saude desejada, por que em fim, em algum tempo dando cabo a nossos continos danos possamos cuidar em acreçentamento da fee E honrra do

> nome cristão, pollo qual noos em nenhuma cousa nem de dia nem de noite cuidamos em nosso coração senão em que maneira faça paz antre os Reis christãos, E possamos mudar as armas contra o herege mafomede. E assi como em tua virtude E amor de deus muito grande esperança posemos de se huma cousa E outra fazer. E assi tambem a deus humildosamente pedimos que por sua piedade nos de sahida a este nosso desejo pera que da aJuda E poder de tua magestade nos possamos aproueitar muito mais çedo pera fazer muito grandes E muito santas cousas. escrita em canJo. diocese de castro a xviij dj[as] de Janeiro do ano do senhor 1514."[29]

Este estado de coisas é reafirmado pela missiva oficial que o embaixador permanente do sacro imperador em Roma envia ao seu senhor, a qual demonstra, noutra vertente, como o nascimento da moderna diplomacia está intimamente ligado à ascensão dos Estados nacionais e das suas ambições dinásticas – simplesmente são dois campos indissociáveis um do outro:

> "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador. Mui sacratissimo E Jnuençiuel çesar. nam haa muitos dias que são vindos nesta çidade de Roma embaixadores do mui serenissimo Rei de portugual, com carreguo segundo custume de fazer obediençia ao nosso mui sancto padre leon. a entrada foi fermosa pera ver. (…) o papa com muitos cardeaes se foi ao castelo de sancto angelo por ver passar os embaixadores sobre a ponte adriana. todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho. nem Jamais Roma em o tempo passado quando ella possuia muitas cousas, como quer que a ella viessem muitos alifantes de etiopia E africa, nom veo nenhum das Jndias. E quando o alifante veo diante da Janella onde o papa estaua, amoestado de seu Reitor fez Reuerençia ao papa E abaixou os giolhos. despois foi assinado dia no qual os ditos embaixadores fizeram obediençia na maneira acustumada fazendo huma oração muito prudente E dina de prinçepe christão. E despois em outro assinado dia offereçeram ao papa que estaua acompanhado de todolos cardeaes, dões nom menos virtuosos que Religiosos, (…) que direi mais, por tudo comprender em palaura. a materia era preçiosa mas a obra sobrepoJaua aa materia, a qual era polla singular Religião E deuação deste prinçepe dada. hame mui fortemente mouido a escreuer estas cousas polla ventura mais longuamente E com mais palauras que as orelhas mui acupadas de vossa magestade nom deuem sofrer. mas eu ho fiz a fim que nada nam passasse sem ho saber vossa magestade. E nam hee de poer em silençio que haa estendido E engrandeçido nossa Religião com grande gloria atee os guaramantes E Jndios. E que assi tanto honrrauam por sua larguesa E

[29] *MFC, f.* 174v a f. 176r.

> liberalidade. eu fui diante dos ditos embaixadores assi como hee husança E custume da corte. E despois os visitei por ser assi a maneira de saluar os embaixadores dos Reis na sua primeira vinda pollos embaixadores estantes em Roma. eu lhe ofereçi toda minha aJuda em nome de vossa magestade ao seruiço do seu mui serenissimo Rei em todo o que elles ouvessem mester de vossa magestade, a qual cousa lhe foi mui agradauel. E antre as outras cousas disseram que seu Rei com nenhuma cousa folguaua tanto como ser conJunto per linha de parentesco a vossa magestade. (…) de Roma a xxviij dias de março de 1514 anos."[30]

Ao entrar em Roma de forma espectacular, D. Manuel colocava em apoteose os seus esforços diplomáticos junto da Santa Sé. E ao possibilitar a todo o heterogéneo povo de Roma, que incluía embaixadores e legados dos mais diversos países, o contacto com o *Outro* longínquo e realmente diferente do ponto de vista civilizacional, o rei luso assume de forma total uma representação pública do seu poder:

> "E o Jndio com a onça nas ancas do caualo vestido de seda."[31];

> "por que muitos daquelles escudeiros erão negros E crespos E outros trosquiados E nam assi aluos como são os Jtalianos"[32].

A entrada em Roma mediante um cortejo público tão exótico quanto grandioso torna-se imediatamente sinónimo de difusão e fixação internacional de uma imagem de poder intercontinental. A embaixada é por isso profundamente politizada. E a deliberada intenção e sucesso político que está na sua base é fruto da melhor acção diplomática[33]. O fidalgo revela, assim, como se davam em Portugal os primeiros passos rumo a uma nova realidade diplomática. À cabeça de uma nação já essencialmente intercontinental, o rei D. Manuel tem de apresentar uma diplomacia tão sólida quanto eficaz e inovadora, de acordo, afinal, com os novos tempos que se vivem na Europa a nível político. É que os interesses internacionais de Portugal afirmam-se num novo contexto político europeu, pautado pelo facto de os Estados modernos em ascensão verem os seus

[30] *MFC*, f. 179v a f. 181r.
[31] *MFC*, f. 178v.
[32] *MFC*, f. 179r.
[33] Cf. António Camões Gouveia, "De Lisboa a Roma para mostrar a Índia" in *Noesis*, Lisboa, 1992, nºs 22, pp. 24-27.

destinos de forma interligada através das políticas dinásticas e da consolidação das redes familiares entre os monarcas.

De salientar que para além da embaixada de Tristão da Cunha, o fidalgo descreve, com maior ou menor pormenor, outras embaixadas a Roma com objectivo de prestar obediência ao papa, nomeadamente a embaixada dos maronitas (revestindo-se esta de um carácter muito especial, pois extravaza os limites da Cristandade europeia), a embaixada do rei da Polónia, a delegação do cardeal Gurgensis por parte do sacro imperador e a delegação do cardeal húngaro de *Strigonia*.

Em relação a esta última embaixada, o fidalgo estende a sua descrição ao regresso do cardeal húngaro à sua terra, onde o mesmo se depara com uma guerra civil, apenas sarada devido à intervenção de um núncio papal. Por outras palavras, num período em que as nações europeias começam a afirmar o seu poder monárquico nomeadamente através da consolidação da actividade diplomática em Roma, o Vaticano mantém também o seu vigor no domínio da diplomacia e da capacidade de arbitrar – ou seja, de intervir – disputas nos países da Cristandade, ainda que em níveis bem inferiores ao ocorrido nos séculos medievais:

> "Como o cardeal destriguonia se partio pera vngria. E como os vnguaros se aleuantaram contra seu Rey. O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou. E el Rei despois de ter o dinheiro que se della ouve em sua mão, fez paz com os turcos por çertos anos. E escandalizado o pouo de çessar a guerra contra os Jnfiees, E Reter el Rei o dinheiro da cruzada, se aleuantaram contra elle, dizendo que fizesse loguo a guerra, ou posesse ho dinheiro em mãos de quem elles ordenassem. foi esta contenda tanto avante que a guerra se começou antre elles tam braua que o pouoençaRou el Rei em huma çidade. E diziasse que empalaram hum grande perlado enviado a elles pollo leguado pera os apaçificar com el Rei. E que traziam capitão geral, a que obedeçiam como a Rei. E estando assi el Rei em tam extrema neçessidade escreueo ao papa dandolhe conta de sua fortuna pedindolhe que mandasse por Remedio nisto E sua santidade mandou nunçios que os poseram em paz."[34]

[34] *MFC*, f. 203r

O fidalgo de Chaves faz, pois, evidenciar na sua narrativa a diplomacia como um instrumento fundamental para o alcance de grandes objectivos nacionais e internacionais. Outro importante exemplo deste estado de coisas nas *MFC* em relação a Portugal prende-se com a acesa disputa vivida em Roma entre o clero português e o próprio monarca, que tem do seu lado o pontífice:

> "Como os perlados E clerizia de portugual, mandaram seus procuradores a Roma sobre as terças das JgreJas E moesteiros que o papa conçedera a el Rei pera comendadores. Tanto que tristão da cunha foi em portugual, E se manifestaram as grandes graças que o papa conçedera a el Rei, os perlados E toda a clerizia se congreguaram, cada huns em sua dioçesi. E avendo todolos do Reino conselho do que deuiam fazer, acordaram maandar procuradores a Roma pera se anularem embarguando a execução dellas. E prinçipalmente foram de quatro perlazias discubertos procuradores. diguo descubertos por que alguns ouve que por comprazer a el Rei, fingiram nam entender nisso, scilicet, de bragua foi o coniguo françisco fernandez, E de lixboa o protonotairo João fernandez, E o coniguo João amado, E de coimbra os coniguos mannel de figueiredo, E João baixo, E de lameguo o coniguo pero lopez. E todos estes aviam estado muito tempo em Roma, E sabiam bem a pratica da corte. E alguns erão criados do cardeal de portugual, os quaes tanto que cheguaram a Roma, tomaram por valedor ao cardeal de bolonha chamado archilis, E por sobrenome grasis, o qual fora capelão do cardeal de portugual que ho fez auditor da Rota. E o papa Jullio por seus mereçimentos E letras ho fez cardeal, em bolonha como Ja dito hee. E Recordandosse da criação E honrra que Reçebera do cardeal de portugual (que ho fez auditor da Rota) tinha naturalmente grande amor aos portugueses prinçipalmente aos parentes E familiares do dito cardeal os quaes aguasalhaua em sua casa E os fauoreçia muito. E a esta causa os procuradores se encomendaram a elle. E tomando caReguo delles prinçipalmente por lho pedir assi dom martinho arçebispo de lixboa Jrmão do cardeal, os quaes apresentou ao papa E fez que sua santidade os ouvio E assi os cardeaes. E posto em tal fio o neguoçio que as Rezões dos procuradores eram ouvidas em todalas partes. E antre muitas cousas que aleguauam, diziam que era forte cousa conçeder Sua Santidade a el Rei a terça parte da Renda dos benefiçios de todo portugual que os cleriguos tinham E possuiam em suas vidas, de que Sua Santidade E seus anteçessores tinhão leuado de composições, confirmações, E bulas, grandissima soma de cruzados. E que aguora de nouo dessem as terças das ditas JgreJas a cavaleiros E homens leiguos que estiuessem com elles A Repartição dos dizimos. daução o papa E cardeaes em Reposta que estas terças nam foram conçedidas por mais tempo que emquanto el Rei tomasse ho Reino de feez. Respondiam os procuradores que aJnda que toda a espanha se aJuntasse, nom eram todolos moradores della poderosos pera conquistar ho Reino de feez em muitos anos. E que sendo caso que ho tomassem, muito menos poderosos eram pera o pouoar E sostentar sendo os cristãos Repartidos em diversas pouoações, a tanta multidão de alarues

> que habitam pollos campos E desertos. assi que era forçado ficarem as terças pera sempre. era contra elles o doutor João de faria, que ficou com titolo de embaixador despois de partido tristão da cunha. mas o cardeal graxis os fauoreçia E punha adiante quanto podia. E nam hee duuida que despois que estes procuradores enformaram aos cardeaes E outros senhores, que muito çessaram as praticas do louuor das cousas de portugual, que dantes tam açesas E sublimadas E continuas erão. a lide era antre elles mui trauada. o embaixador trabalhaua por conseruar ho alcançado, E os cleriguos pollo anular. E nam faleçiam dambalas partes agudas E honestas Rezões E conselhos de exçelentissimos letrados E quando mais se estas perfias afinauam, el Rei atalhou a Jsso avendo por seu seruiço alarguar as terças das JgreJas, E tambem os mosteiros que lhe eram conçedidos pera em comendas. E Jsto feito Sua Santidade lhe tornou a conçeder tantas JgreJas pera comendadores que montassem vinte mil cruzados de Renda, vaguando per obito dos que as possuiam. das quaes JgreJas el Rei mandou tomar posse per todo o Reino, scilicet, das que mais Rendiam, contando segundo valor de seus aRendamentos, dando a cada hum viguairo ou Reitor çerta Renda apartada com que a curasse. E vaguando ficasse pera sempre comenda da ordem de christus, E el Rei a desse a seus comendadores. os perlados E clerezia tiueram por bem de fazer seruiço a sua alteza de çento E çincoenta E tres mil cruzados paguos em tres annos de suas Rendas pera aJuda dos guastos que tinha feitos. E Alem disto conçedeo Sua Santidade a sua alteza cruzada contra mouros de grandissimas Jndulgençias E priuilegios."[35]

Ainda noutra vertente, a actividade diplomática portuguesa em Roma é tanto mais importante e sensível quanto o facto de a Coroa desejar manter uma prudente política de neutralidade face aos conflitos europeus. Tal objectivo político implicava naturalmente uma estratégia e uma capacidade diplomáticas de excepção, pois todo e qualquer desenvolvimento das relações entre Estados europeus passava invariavelmente por Roma. E Portugal conseguiu-o, de facto, como o fidalgo de Chaves demonstra no seu relato. Mais ainda, o provável agente brigantino testemunha com crueza como a diplomacia designa com precisão o carácter instrumental da política externa, desempenhando um papel intermediário fundamental nas relações do centro de decisão nacional com os outros Estados[36]. Numa perspectiva mais incisiva atesta como a noção de *contacto* se torna crucial enquanto acto elementar da política externa para o estabelecimento de relações internacionais, ou seja, de relações entre Estados. Um acto que evoca, enfim, uma prática dialogante entre Estados no sentido de conciliarem os seus esforços com vista à resolução de problemas ou à prossecução de objectivos

[35] *MFC*, f. 201v a 202v.
[36] Cf. Ana Leal de Faria, *Arquitectos da Paz. A Diplomacia Portuguesa de 1640 a 1815*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

políticos, estratégicos, económicos ou militares de interesse mútuo[37]. Pressente-se, por outro lado, nos cenários que evoca, em particular em relação ao pontificado de Leão X, que o mundo diplomático em Roma começa a sobressair enquanto autêntico ritual mundano, ao mesmo tempo galeria de retratos e lugar de encenações várias[38].

Por tudo isto, as *MFC* apresentam-se como um retrato nítido e em certa medida singular dos primórdios da diplomacia portuguesa, ou seja, do momento fundador em que ela começa a organizar-se de acordo com parâmetros modernos devido, por um lado, à necessidade urgente de Portugal se adaptar à nova realidade política europeia e ao consequente despoletar de um intenso período de comunicações internacionais, e, por outro lado, à necessidade de a Coroa portuguesa assumir de forma decidida o papel de líder de um império nascente tão vasto quanto diversificado. Afinal, para atingir os seus objectivos expansionistas, Portugal tem necessidade da Europa e do reconhecimento internacional que ela proporcionava, muito em particular Roma. E cabe à diplomacia desempenhar esse papel crucial[39].

Daqui resulta que, de alguma forma, o texto do fidalgo mostra como a actividade diplomática portuguesa no dealbar de Quinhentos não se inscreve já no tradicional quadro das fórmulas e procedimentos que distinguiram a diplomacia medieval, antes se integra num novo modo de pensar a actividade diplomática directamente decorrente do desenvolvimento do sistema dos Estados-nação, de que a criação e instalação de embaixadores permanentes constitui porventura o melhor exemplo.

No quadro da descrição do conclave que culmina com a eleição papal de Leão X, o fidalgo demonstra a importância que nos primórdios do século XVI a figura do embaixador detinha nas mais diversas áreas da vida política e religiosa romana, inclusive a relativa à eleição do Sumo Pontífice – um domínio que, de uma forma ou de outra, afectava todas as nações cristãs:

---

[37] Ana Leal de Faria, *Duarte Ribeiro de Macedo: um diplomata moderno (1618-1680)*, op. cit.; Idem, *Tempo dos Diplomatas: Estudo Sobre o Processo de Formação da Diplomacia Moderna e o seu Contributo na Tomada de Decisão Política (1640-1 - 1736-50)*, op. cit.

[38] Cf. Marcello Duarte Mathias, "Os Diplomatas Vistos por Um Diplomata. Excertos de um Diário", Nova Delhi, 6 de Dezembro de 1993, in *Colóquio/Letras*, Joana Morais Varela (dir.), Nº 161/162, Julho-Dezembro, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

[39] Cf. António Camões Gouveia, "Portugal e a Europa: a sociedade e as relações diplomáticas de Tordesilhas aos Pirenéus" in *Revista ICALP*, Lisboa, ICALP, 15, s.d., pp. 89-95; Jorge Borges de Macedo, *História Diplomática portuguesa, constantes e linhas de força*, Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, 1978; Justino Mendes de Almeida, *A Diplomacia na História de Portugal, Actas do Colóquio, Lisboa, 1988*, Academia Portuguesa da História (org.), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1990, pp. 59-92.

> "Como o cardeal mediçis veo a Roma, E das maneiras que teue pera ser papa. Como o papa Jullio se finou sendo mediçis avisado se veo a Roma sem fazer detença como acustumam os que naquellas se querem fazer senhores per força, ou por mais çerto falar tiranos. ca Juntamente com senhorio alcanção temor de ser mortos cada dia. cheguou a Roma quando se fazião as enxequias do papa que hee o tempo em que todolos cardeaes vaçilão E trabalhão por alcançar o summo pontificado. E nam faltam ali as manhas do gualeguo que prometia o masto de çera. tinha este cardeal hum escudeiro chamado bernardo de bibiano homem sabido nas cousas do mundo [,] antremetido [.] graçioso E mui bom cortesão, o qual era mui conheçido de todolos cardeaes E senhores de Roma. este deitando dados no tauoleiro da fortuna, sendo o cardeal seu senhor abaixo de muitos cardeaes em Jdade, dinidade, Renda, E autoridade a cada hum dos quaes convinha com muita Rezão o sumo pontificado, tomou esta empresa. emquanto se acabaram as obsequias coRia os cardeaes pedindolhe suas vozes pera seu senhor ser papa, prometendo a cada hum dinheiros prelazias E vilas E herdades E o Regimento do pontificado dizendo que o cardeal era manso E mole E que Reçebendo delle tam grande benefiçio o guovernaria E despoeria delle E do pontificado A sua vontade. com estas E outras enguanosas palauras moueo assi os corações dos cardeaes mançebos, prinçipalmente ao cardeal daraguão que vinha da geração Real dos Reis de napole, scilicet, filho dum filho bastardo del Rei dom fernando, E o Reuerendisimo cardeal de sena, E o cardeal saule, E cornaro, E outros cardeaes diaconos cuJos nomes deixo por escusar proluxidade que deram suas vozes ao cardeal de mediçis. E cada hum esperando de ser o prinçipal guovernador como lhes era prometido. era tambem aJudado pollos embaixadores de castela por que elle mais que outro era deuedor E em obriguação a el Rei dom fernando. E esperauasse que sendo papa nam desconheçeria o que el Rei por elle tinha feito, E contra todo mundo seria em ajuda E fauor de suas cousas. mas nam ho pos assi por obra."[40]

Em outro revelador momento, relacionado com a célebre conjura dos cardeais que teve lugar em 1517, demonstra como a política em Roma fervilhava de intriga e movimentos de bastidores, isto é, de práticas caras à actividade diplomática, que com o evoluir do século XVI iriam se tornar cada vez mais importantes no complexo jogo de poder e de influência que tinha lugar na sede da Cristandade:

> "Da prisão de marco antonio mestre de casa do cardeal de sena, E do doutor miçer sçipião E de miçer paulo seu secretario E de Lourenço soares seu soliçitador, E de João bautista grão çulurgião Ja o cardeal tinha seus neguoçios tam avante que el Rei carlo ho mandaua Restituir a seu estado

[40] *MFC*, f. 170r.

com quanto tinha por seu secreto aduersario o embaixador mosembique. E nam saberei dizer por que Rezão el Rei mandara avia poucos dias dom pero durea bispo de Regio seu embaixador a Roma. mas com tudo nam se tirou o carguo a mosem Jeronimo, E ambos se chamauam embaixadores. E estando os feitos do cardeal em tal estado, E o pouo espantado da descortezia feita a sua casa na tirada do mercador, o mesmo barachelo per mandado espeçial do papa, foi outra vez a casa do cardeal E prendeo marco antonio seu mestre de casa E ao doutor miçer sçipião primo de sua Reuerendissima senhoria, E a miçer paulo seu secretario, E a Lourenço soares seu soliçitador. E Juntos foram leuados A torre de nona onde os ospedaram com cruees tratos de corda, E outros asperos tormentos."[41]

2. Um novo tipo social: o homem de corte

O fidalgo é, por toda a experiência que evidencia no texto que constrói para o seu senhor, um cortesão, ou seja, é expressão do novo tipo social que se torna cada vez mais nítido nestes séculos de viragem civilizacional, pelo menos na maioria das facetas que este conceito envolve à época: o homem de corte. Nessa medida, ele integra-se bem nos tempos que vive em Roma ao serviço do cardeal Alfonso Petrucci, ele próprio um notável cortesão detentor de uma importante corte enquanto príncipe da Igreja católica e enquanto filho do senhor de Siena, Pandolfo Petrucci[42]. Se juntarmos a isto o facto de também em Portugal ser bastante provável que tenha frequentado, enquanto criado do 4º duque de Bragança, a notável corte brigantina de Vila Viçosa, onde era notória a influência humanista e uma intensa actividade cultural[43], então estamos inequivocamente perante uma figura que se inscreve de pleno direito na categoria social do *cortesão*:

E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam

[41] *MFC*, f. 219v e f. 220r.
[42] Cf. Maurizio Gattoni, *Pandolfo Petrucci e la politica estera della Repubblica di Siena, 1487-1512*, Siena, Cantagalli, 1997.
[43] Cf. Ana Isabel Buescu, "Livros italianos na grande livraria dos duques de Bragança na primeira metade do século XVI: geografia, cultura e poder", texto original [ainda não publicado] da comunicação proferida em Maio de 2012 intitulada no âmbito do *2º Ciclo de Conferências Relações luso-italianas nas épocas medieval e moderna* (FCSH-CHAM/UNL); Luís de Matos, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956; Maria de Lurdes Rosa, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça" in *O Tempo de Vasco da Gama*, Diogo Ramada Curto (dir.), Lisboa, CNCDP e Difel, 1998, pp. 319-332.

manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem."[44]

Segundo Mafalda Soares da Cunha, na Casa de Bragança os criados de condição nobre ingressavam no serviço ducal mais cedo do que os criados de condição inferior[45]. Este facto, associado ao afirmado pelo próprio fidalgo no seu texto – "sendo eu moço seruindo vossa senhoria" –, faz com que possamos assumir como verosímil que o viajante flaviense tenha pertencido à categoria dos que, por nascimento, se situavam logo nas posições cimeiras dessa estrutura social em pirâmide da corte ducal brigantina, que reservava o topo aos que por nascimento se situavam logo nessa posição e que, nessa medida, ingressavam normalmente como moços da câmara do guarda-roupa ou moços fidalgos.

A própria circunstância de o fidalgo enquanto protegido e amigo do cardeal Alfonso Petrucci, ou seja, alguém com um relacionamento próximo e portanto com uma certo grau de cumplicidade nos assuntos mais reservados, ter sobrevivido à "onda" justiceira ordenada por Leão X contra a família e criadagem do cardeal de Siena no âmbito da conjura cardinalícia de 1517 é revelador da sua destreza e da forma subtil como sabia movimentar-se e "sobreviver" no perigoso meio cortesão romano da época. Tal capacidade só podia ser apanágio de alguém que conhecia muito bem os meios em questão, porque certamente deles fazia parte e frequentava os seus meandros com assiduidade:

"Em quanto leuauam os cardeaes presos pollo muro ao castello sahio Jente armada As camaras de fora onde estauam aguardando como hee custume os criados dos cardeaes. E vinhão com elles criados do bispo petruche que amostrauão os que se aviam de prender E posto que ali estauão criados do cardeal saule, nam prenderam senam os de sena. E o prinçipal foi o capitão pouco entesta pessoa singular E que avia sido capitão da senhoria de sena xxb anos E a mandara A sua vontade com o fauor de pandolfo, tendo sempre o capitão sua parte fielmente. este viera tambem sobre seguro do papa. era pera marauilhar o derramar das ovelhas, ferido o pastor. cada hum nam era seguro no luguar onde se achaua por que todolos dias prendiam os que cuidauam ser esqueçidos E se achauam sem nenhuma

[44] *MFC*, f. 201r.
[45] Cf. Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, Lisboa, Editorial Estampa, 2000, pp. 48-88.

> culpa E nam entendiam nos outros senam nos criados do cardeal de sena por que estas cousas se tratauam todas per conselho E ordenança do bispo petruche pera apaguar o bando do cardeal, pera elle ficar tirano mais sem contraste. leuados A torre de nona foranlhe dados muitos tormentos. E aos xbj dias do mes de Julho da dita era de xbij, o capitão pouco entesta amanheçeo enforcado de huma amea da prisão. pendendo sobre a Rua pubrica onde esteue atee a tarde vestido hum gibão de çetim negro E calças de grãa, capatos de veludo negro E na cabeça huma guorra de veludo, E hum escato nos pees que dizia que Sua Santidade o mandara enforcar, por que conspirara com outros pera o matar."[46]

Como observa John Colbatch (1664-1748), a corte está para o corpo político como a alma para o corpo natural, a cujos membros comunica vida e movimento[47]. Esta imagem da corte como teatro, além de revelar um profundo realismo, demonstra como, se a aplicarmos ao século XVI, o fidalgo estava com certeza profundamente envolvido na corte cardinalícia de Alfonso Petrucci, situação que certamente lhe permitiu, no período de predominância do dito cardeal, contactar com as mais altas figuras culturais, políticas, artísticas e religiosas do heterogéneo universo romano. E tal acesso só poderia ser concedido a alguém do próprio meio cortesão. Aspecto reforçado por sabermos hoje o quão faustosas e plenas de sociabilidade e redes de interesses múltiplos eram as cortes dos cardeais do Renascimento em Roma[48].

Mas diversos outros indícios surgem nas *MFC* que apontam para o seu autor como sendo um cortesão que frequentava com facilidade as cortes laicas e clericais de Roma. Com efeito, ainda antes da sua chegada a Roma, o fidalgo assinala como foi chamado pelo Vice-Rei[49] à corte napolitana, que lhe perguntou pelos fidalgos e músicos que haviam acompanhado o Rei D. Manuel a Saragoça, quando ali estivera na viagem a Castela para ser jurado herdeiro de Castela e Aragão. Ora este tipo de questão "informal" sugere implicitamente que o fidalgo frequentava o mesmo espaço social que as referidas figuras evocadas pelo Vice-Rei:

---

[46] *MFC*, f. 222r e f. 222v.

[47] John Colbatch, *Relation de la cour de Portugal sous D. Pedre II. A Present Regnant. Avec des Remarques sur les Intérêts de cette Couronne par rapport aux autres souverains; et l' Histoire des plus considerables Traitez, qu' elle ait faits avec eux. Traduite de l'Anglois*, Tome Premier, A Amsterdam, chez Thomas Lombrail, Marchand Libraire, dans le Beurs-straat, 1702.

[48] Para aprofundar o tema da riqueza e dimensão das cortes cardinalícias veja-se Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, Lisboa, Bertrand / Instituto de Cultura Italiana em Portugal, 1984; Peter Partner, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, Los Angeles, University of California Press, 1979.

[49] Ramón Folc de Cardona-Anglesola (1467-1522), que foi vice-rei entre 1509 e 1522, data da sua morte.

> "em aguosto me parti em huma caRaca de catelães pera napoles. estiue em napoles oito dias. o viso Rei por ter a enformação de mjm dalguns fidalguos de barçelona me mandou chamar E me perguntou por todolos fidalguos E musicos que el Rei leuou a çaraguoça quando foi a ser Jurado por prinçepe de castela. lembrome que me perguntou por dom João de sousa E por João Rodriguez maramor E se zombauão aJnda E perguntoume por fontes, por vasco fois, por carracão E por outros. Jsto era pella sesta. mandou vir ali todos seus cantores E tangedores os quaes me nom satisfizerom tanto como os cravicordios que erão mui singulares os quaes fazem na mesma çidade. E os mestres desta lia tem nestes cravicordios muita ventaJem aos de espanha assi çingelos como a duas cordas E fundanse em os fazer pequenos por que são mais Jguaes nas vozes. conquanto a çidade estaua com a guarnição da Jente da guerra E ambas as Rainhas mãj E filha, E o cardeal borJa sobrinho do papa alexandre que era fugido de Roma com temor do papa Jullio. E com outros prinçepes E barões de Roma. pareçeome çidade de pouca Jente, contodo foi a que milhor me pareçeo daquellas partes tirando Roma. napoles hee fermosa çidade E assentada como lixbõa."[50]

Depois as declarações seguintes que faz acerca da música e do próprio contexto político italiano são reveladoras de alguém que domina os temas e as problemáticas evocadas. Gosto pela música e por política são apanágio da figura do cortesão. Outro traço definidor do homem de corte partilhado pelo fidalgo em Roma é a participação em banquetes. Tanto mais se resultar do convite de "hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada":

> "E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma."[51]

[50] *MFC*, f. 138v.
[51] *MFC*, f. 184r.

Noutro momento do texto, assinala ter amigos cortesãos na *Cidade Eterna*, provavelmente, pelo sentido do discurso, fora do círculo da criadagem do seu protector e amigo, o cardeal Alfonso Petrucci:

> "Do grande Resguate do cardeal são Jorge, E de sua morte. Por ser o cardeal são Jorge grande senhor E mui Rico foi depositada E conseruada sua vida naquelles dias, por que se esperaua aver delle mui grande Resguate. alguns diziam que todauia moRera se nam fora a diuisão que a desordenada cobiça de lhe averem as casas E o ofiçio de camaralenguo causara antre mediçis, E madoma madalena mãj de çibo E Jrmãa do papa. E que o cardeal mediçis Requereo por elle, por que sendo morto esperaua aver as suas casas que são das boas que se sabem aver na cristandade E tambem o ofiçio de camaralenguo ho estoruaua [.] madoma madalena que tinha o mesmo Requerimento pera seu filho o cardeal çibo E sendo mediçis descontente disto vendo que lhe nam era conçedido, por que çibo ficasse valdio [,] Requereo ao papa a Restituição de são Jorge a seu pristino estado. E Sua Santidade ho fez assi, com tanto que paguasse çento E çincoenta mil cruzados, os quaes lhe foram emprestados. E paguou loguo. (…) sendo eu curioso de saber a fim destes males, ao tempo de minha partida de Roma Roguei a alguns cortesãos meus amiguos que me escreuessem o que adiante passasse. E antre outras cousas me screueram que sam Jorge morrera em napoles onde fora fugido de Roma com presunção que lhe deram peçonha em napolles. E per sua morte ouve todavia mediçis suas casas E o ofiçio de camaralenguo que hee o maior de todolos de curia Romana."[52]

Num outro plano, o olhar inegavelmente conhecedor com que aborda as questões da guerra ao longo de todo o seu texto contribui também para podermos situá-lo sob o ponto de vista dos círculos sociais frequentados:

> "Da batalha de Rauena. Muitas cousas notauees diziam que aconteçerom antre os guerreiros espanhoes E françeses assi ante como despois na batalha. E por que nam hee de crer que os que se nom acharom em tam temeroso feito podessem dar çerta fee das cousas notauees E do que de feito passou escuso de escreuer as deferenças E particularidades que se diziam que muitos capitães E soldados fizerom naquella cruel batalha E passarei por Jsso por nam ser perluxo E nam ter duuida que de tam grão feito darmas vossa Jlustrissima senhoria tem sabido ho mais çerto. contudo das muitas sentenças algumas direi – E com temor de ser Reprendido –.

[52] *MFC*, f. 225r e f. 225v.

> diziasse que estando os aRaiaes A vista hum do outro, metendosse soomente em meo o sobredito Rio, mom senhor de fois capitão geeral dos françeses mandou o dia dantes da batalha hum trombeta desafiar ho viso Rei pera lhe dar batalha ao outro dia." [53]

O mesmo se aplica no que respeita à relação muito próxima que mantém com a sobrinha do papa Leão X:

> "Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa, a qual era per seus embaixadores esposada com o senhor de pombrino o qual hee gram senhor de Renda E mui gentil homem de sua pessoa E desposição de corpo. E a esposa tambem fermosa E gentil dama, com a qual eu tinha muita familiaridade, E com a senhora sua mãj. E per suas mortes perdi muitas esperanças de merçes que me tinham prometidas, as quaes nam ouve por menos perda que as que esperaua do cardeal, se nosso senhor lhe dera vida, por que o mesmo amor tinha de sua Reuerendissima senhoria visto per promessas E merçes que delle Reçebi."[54]

Só alguém que se movimentasse com grande à vontade nos principais círculos aristocráticos romanos poderia protagonizar tal amizade, quer com a sobrinha do pontífice quer com a sua mãe. Também o facto de aceder a documentação de chancelaria, como o demonstram as já referidas missivas oficiais que inclui no seu testemunho, atesta este estatuto. De igual modo, a participação nas festividades consideradas socialmente superiores, ao lado de figuras como o papa, os cardeais e os grandes senhores de Roma, como a caça, as corridas de cavalos e os banquetes é outro indicador da sua cortesania:

> "Como a marqueza de mantua veo a Roma E das festas E honrras que lhe foram feitas. trazendo o deus ao summo pontificado, a marqueza molher do dito marquez veo a Roma pera neguoçiar E assentar os feitos do marido, acompanhada de senhoras de titolos E outras Jentis donzelas. o papa ha Reçebeo E festeJou grandemente todo o tempo que esteue em Roma. E por sua estada ser no tempo das mascaras se despenderam muitas

[53] *MFC*, f. 154v.
[54] *MFC*, f. 203r e f. 203v.

> sedas E borcados por seu seruiço E daquellas senhoras que com ella vinham, ca todas tinhão grandes senhores por seruidores que faziam grandes despesas Reçebendo onestos fauores. alguns, (…) mas di a poucos dias as faltas desta festa foram emmendadas em huma Real caça que o papa E estes cardeaes E muitos senhores fizeram em campo salino que hee duas leguoas de Roma pollo tibre abaixo. (…) tornando ao proposito, o papa foi aquelle dia ao sobredito campo, E na sua estançia pos a marquesa no luguar em que avia dir ferir toda a caça. E os cardeaes E os outros senhores Romanos tomaram cada hum os luguares que lhes milhor pareçeram. E despois de todo mui bem ordenado pareçia cousa fermosa ver o papa com aquelles senhores E com a Jente armada de sua guarda de que sempre hee acompanhado em hum mui grande esquadrão. E os cardeaes E senhores cada hum per si em outros maguotes com lanças E em som de guerra mais que de caça. ali era o senhor fabriçio, o senhor marco antonio, o senhor João Jordão, E muitos outros prinçipaes Romanos. E batendo os caçadores ho monte se começou huma fermossa escaramuça, por que sahiram das matas çincoenta çeruos mui grandes Juntos em huma fiada todos a par, sem outros muitos que sahiam espalhados per diuersos luguares. E aquelles L^{ta} vinhão da parte de Roma correndo contra o luguar onde o papa estaua com a marquesa Junto de huma alaguoa no cabo do campo. E assi como os çeruos passauão pollas outras paradas, sahiam a elles dandolhe cuiteladas E lançadas, assi que os çeruos fugindo E os caualeiros ferindo os Juntos cheguauam E se acolhiam a alaguoa onde o papa estaua, E os de caualo entrauão tras elles alcançando os. (...) acabada a caça foranse a suas estançias, onde os banquetes estauão aparelhados mui grandemente abastados. mas a mjm senhor caro me custou aquella Jornada por que ali adoeçi com o sereno da manham de corrimentos que me pararam tal que quando parti de Roma nam ouve homem que tiuesse esperança que sahisse viuo do mar. esta marquesa hee Jrmãa do duque de ferrara, E frrançisco maria duque dorbino hee casado com sua filha como tenho dito.”[55]

Naturalmente, a prova maior de que estamos perante um homem de corte reside no próprio ingresso ao serviço do cardeal de Siena e no facto singular de, a dado momento, o próprio papa Leão X ter requerido o seu ingresso no círculo mais íntimo da sua criadagem, algo apenas reservado a figuras de alguma forma especiais, excluindo naturalmente os casos de parentesco e de favorecimento de dependentes próximos, em particular tratando-se do papa Médici, um declarado adepto do nepotismo e do clientelismo:

[55] *MFC*, f. 207v a f. 208v.

> "Neste tempo se veo pera Roma o Reuerendissimo alfonso petruche cardeal de sena filho do magnifico pandolfo duque E senhor daquela antigua E mui nobre çidade. E por que estando eu em sena quando lhe o papa mandou o capello de cardeal me tinha visto na companhia de dom anRique E dom antonio dazeuedo E doutros fidalguos E portugueses muito honrrados que naquelle tempo ali estudauão na sapiençia. me Reçebeo por seu no foro dos mais estimados familiares."[56];

> "ao cardeal de sena deu a vila de bolsena que era sua E a Jurdição da via de populo que hee hum dos melhores de Roma E tomoulhe çertos criados no conto dos quaes eu entrei. mas nenhum dos outros nem eu nom quisemos deixar ho seruiço do cardeal vendo que o seu paço E tenello era mui A frorentina." [57]

São diversas e extremamente reveladoras as passagens das *MFC* que indiciam a estreita relação do fidalgo flaviense com o cardeal de Siena, algo que só confirma o perfil cortesão do autor:

> "no mesmo dia que sahiram do conclaui, estando o cardeal de sena A mesa praticando na eleição com os criados que com elle estauamos, disse que fora eleição obrada pollo spiritu sancto aleuantando as mãos dando graças a deus por elle ser hum dos eleitores. E loguo alguns começaram de murmurar dizendo que aprouvesse a nosso senhor que lhe nam custasse caro a elle E a seu estado o que fizera. E que a sua alegria se nam convertesse em pezar. E todos sahiram verdadeiros profetas pollo que despois soçedeo. ca soo a voz do cardeal de sena que ouvera mais o fizera papa."[58];

> "E tanto que acabou de comer mandou que caualguassemos dizendo que hia A caça. E assi Juntos com nossos carnetos, trellas E toda a outra maneira de caçadores sahimos per Roma contra a porta de sam sebastião que sera pouco menos de huma leguoa com o despouoado por dentro da çidade. E sahidos fora dos muros vimos gente de caualo armada. E loguo o cardeal se voltou a noos, E nos mandou tornar pera casa dizendo que Ja achara a caça que buscaua. aquelle era o senhor prospero de cabe que vinha pera acompanhar sua Reuerendissima senhoria, E o tornar outra vez

[56] *MFC*, f. 152r.
[57] *MFC*, f. 172r.
[58] *MFC*, f. 171v.

a Janaçano. E a casa do cardeal era assi abastadamente provida como era sendo sua Reuerendissima senhoria presente.”[59];

E a xbiij dias de maio da era de 1517 no ano quinto do pontificado do papa a huma segunda feira, o cardeal se veo a Roma E sahirãno a Reçeber muitos perlados E grandes senhores E muitos priuados E parentes do papa E Romanos. E os criados de sua Reuerendissima senhoria que naquelle tempo aconteçeo estarmos em Roma o fomos Jsso mesmo Reçeber, estando fora da porta maior por onde avia dentrar, Ja que toda a Jente cheguaua A porta. huma manada de bufalos sahia da çidade pera fora. E de tal maneira embaraçaram a entrada que nam avia Remedio pera os tirar da porta nem fazelos Retirar atras nem hir adiante. assi que poserom por bom espaço embaraço A entrada do cardeal, hum Romano que era grande seu seruidor grande letrado E prinçipal çidadão me disse naquelle Jnstante”[60].

As mercês de que beneficia pela mão do malogrado cardeal constituem outro indício claro da sua cortesania:

“sua Reuerendissima senhoria me tinha avido do papa despensação pera ter em comenda no abito de cristos çem mil Reis de Renda digreJas, E o breue era cometido a sua senhoria. E por que seu custume era honrrar E acreçentar seus criados, tanto que detriminou sua partida me disse o dia pera que me aperçebesse pera me fazer caualeiro E deitar ho abito. E o dia assinado de sua partida foi o em que me fez a sobredita merçe com muita solenidade E honrra.” [61]

Em suma, tudo isto, associado, por um lado, ao interesse que revela pela arte, a música e a arquitectura, sobretudo a religiosa e militar, e, por outro lado, à rara capacidade que revela possuir de se inserir socialmente num meio tão complexo e difícil como é o das cortes da Roma renascentista dá a ver a forma singular e inequívoca como o fidalgo de Chaves partilha dos valores cortesãos e circula quotidianamente pelos seus círculos. Como podemos depreender da leitura das *MFC*, o fidalgo conhece de perto o que se passa em Roma e em Siena, bem como as figuras envolvidas. Ora tal

[59] *MFC*, f. 218v.
[60] *MFC*, f. 220v.
[61] *MFC*, f. 218v.

conhecimento resulta, acima de tudo, daquilo que viu e ouviu; e tal circunstância só podia ocorrer em ambiente de convívio de corte.

Nos antípodas parece-nos verosímil a tese de Sylvie Deswartes-Rosa de que D. Miguel da Silva, o modelo do perfeito cortesão a quem o próprio Baldassare Castiglione (1478-1529) dedica o modelo do género, *O Cortesão* (1528)[62], tenha contactado e trocado impressões com o fidalgo de Chaves dado que foram contemporâneos em Roma e ambos nutriam uma declarada paixão pela renovação arquitectónica de Roma, em particular pela mão de Júlio II e Leão X[63]. Aliás, a Roma descrita nas *MFC* permite compreender melhor a Roma de D. Miguel da Silva, pois o fidalgo instala-se primeiro na *Cidade Eterna*[64].

Como tem ao longo das últimas décadas iluminado uma série de estudos e investigações fundamentais em seu torno, tomando como ponto de partida seminal a reflexão de Norbert Elias, a corte é na Época Moderna, na cidade e no reino, o espaço por excelência da cultura e da civilização de que o cortesão faz parte. Ao mesmo tempo, este último constitui a expressão acabada do lugar central que a corte ocupa no mundo coevo, inclusive a nível do imaginário colectivo[65]. Daí que a corte seja, em particular em Roma onde tudo acontece e para onde tudo emana, certamente um dos espaços de eleição da vivência romana do fidalgo de Chaves[66].

Após a batalha de Ravena o fidalgo descreve de forma emotiva a tensão que dominava os cortesãos, sobretudo os espanhóis, que frequentavam a cúria:

> "Como a noua cheguou a Roma E do que o papa fazia. Jaa disse que foi a batalha na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze

[62] Cf. Baldassare Castiglione, *O Livro do Cortesão*, Porto, Campo das Letras, 2008.
[63] Cf. Sylvie Deswartes-Rosa, "The Portuguese in Rome and the Palazzo dei Tribunali" in *Cultural Links Between Portugal and Italy in the Renaissance*, Kate J. P. Lowe (ed.), Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 249-264.
[64] Cf. Sylvie Deswarte, "A Roma de D. Miguel da Silva" in *Oceanos*, n°1, Junho, 1989, Lisboa, CNCDP, pp. 104-107; Idem, *Il Perfetto Cortegiano D. Miguel da Silva*, Roma, Bulzoni, 1989; Idem, *La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)*, Sep. *O Humanismo Português 1500-1600*, Lisboa, Academia das Ciências, 1988; Idem, *Un Nouvel Age d'Or: la Glorie des Portugais à Rome Sous Jules II et Léon X*, Sep. *Congresso Internacional Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.
[65] Clara Altavista, Lucca e Paolo Guinigi, *La costruzione di una corte rinascimentale: città, architettura, arte (1400-1430)*, Pisa, ETS, 2005; Giorgio Bàrberi Squarotti, *L'onore in corte: dal Castiglione al Tasso*, Milano, F. Angeli, 1986; Marcello Fantoni, *La corte del granduca: forme e simboli del potere mediceo fra Cinque e Seicento*, Roma, Bulzoni, 1994; Peter Burke, *The fortunes of the Courtier: the european reception of Castiglione´s Cortegiano*, Cambridge, Polity Press, 1995.
[66] Cf. Giovanni Francesco Commendone, *Discorso sopra la corte di Roma*, Roma, Bulzoni, 1996.

anos em dia de pascoa da Resurreição. A terça feira seguinte de noite cheguou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de custume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jsso mesmo todalas senhoras e baronesas de Roma que tinhão seus maridos na guerra E cada huma perguntaua pollo seu. o papa as consolaua E dizia que nom cressem nada do que se dizia por que custume era dos françeses semear sempre nouas mentirosas em seu fauor. nesta primeira noua nam veo mais çerteza que ser o viso Rei desbaratado E fugido. despois veo outra que nam escapara dos espanhoes nenhum que nom fosse morto E que os françeses ficaram Jnteiros sem moRer homem delles E que vinhão contra Roma. E que o duque dorbino se passara da parte de França. com estas nouas os cortezãos estauão sospensos E postos em grande confusão E o papa mal contente. passados oito dias vierom coReos E tambem o duque de tracto E outros caualeiros que forom na batalha ataa fim della E se saluarom, que trouxerom noua certa do que passara. todolos dias que nom eram de consistorio fazia o papa congreguação com todolos cardeaes E todo seu fundamento era fazer pazes. trazia tratos com os prinçipaes Romanos por que todos andauam mui aluoraçados. E pollos paçificar lhes confirmou çertas liberdades que sohiam ter antiguamente. estaua o prospero colunna neste tempo desauindo do papa E querendo Sua Santidade fazello faloneiro da JgreJa veo a Roma sendo medianeiro o embaixador de castela. esteue com o papa espaço de duas oras sem outra pesoa E do que passaram o prospero se tornou a hir loguo de Roma pera suas vilas E çidades de que hee senhor. E estão nom muito longe de Roma. dizse que as coisas que pedia erão taes que nam teuera Sua Santidade por bem de lhas conçeder. E assi se apartaram desacordados. bradaua o papa por guonçallo fernandez dizendo que este queria em Jtalia confaloneiro da JgreJa E capitão del Rei dom fernando."[67];

"Estando assi o papa E cardeaes E os cortesãos, prinçipalmente os espanhoes postos em tanta aguonia E temor por que os françeses erão senhores do campo E se afirmaua que vinham a Roma (…)"[68].

A corte, enquanto espaço de sociabilidade por excelência, funciona, antes de mais, como o lugar onde os acontecimentos adquirem verdadeiro significado social, político, religioso e cultural[69]. Afinal, é na corte, enquanto grande centro de poder renascentista, que a aristocracia adoptou o gosto requintado e os costumes

[67] *MFC*, f. 156v e f. 157r.
[68] *MFC*, f. 157r.
[69] Cf. Adriano Prosperi (a cura di), *La corte e il Cortegiano, 2 - Un modello europeo*, Roma, Bulzoni, 1980; Carlo Ossola (a cura di), *La corte e il Cortegiano, 1 - La scena del testo*, Roma, Bulzoni, 1980; Idem, *Dal'Cortegiano' all' "Uomo di mondo". Storia di un libro e di un modello sociale*, Torino, Einaudi, 1987; Rita Costa Gomes, *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, Lisboa, Difel, 1995.

cavalheirescos defendidos por Baldassare Castiglione n' *O Cortesão*. É no seu seio que se opera a síntese do bom gosto, da cultura, da sensibilidade e, enfim, da civilização do Renascimento[70].

É curioso notar, para reforço até do perfil cortesão do fidalgo, a coincidência de percursos entre este último e o próprio Baldassare Castiglione. Com efeito, o célebre escritor e diplomata italiano chega a Roma precisamente em 1513, ano em que o fidalgo também lá habitava, na qualidade de embaixador permanente do duque de Urbino a quem servia. De alguma forma, estamos assim perante percursos que se tocam (restringimo-nos aqui, naturalmente, aos parcos dados que possuímos acerca da existência do fidalgo de Chaves e que se resumem ao veiculado pelo relato). Ou seja, tal como o que se passa com o criado de D. Jaime, a obra que Castiglione escreve confunde-se com a sua própria existência[71].

Uma derradeira palavra para uma dicotomia que se impõe ao observar o perfil cortesão do fidalgo de Chaves. Castiglione constrói um modelo exemplar do homem social, em que predomina a ideia de solidariedade dos espíritos eleitos, ao passo que Maquiavel constrói o modelo de excepção de um homem extraordinário, ambicioso e construtor de nações, contudo irremediavelmente só. A acção do fidalgo em Roma enquanto cortesão, caracterizada pela sociabilidade com os melhores que a própria urbe permite no seu dia-a-dia pleno de vida e emoção, inscreve-se definitivamente no âmbito do modelo fornecido por Castiglione, ainda que a grande maioria daquilo a que assista aponte invariavelmente para as premissas defendidas por Maquiavel, ou seja, a prática política pura e dura, despida de qualquer véu ético ou moral. Mais ainda! A sua conduta e postura cortesã nos círculos sociais romanos que certamente frequentou parece ter muito mais a ver com a prática do convívio elegante aconselhado por Castiglione do que com o frio cálculo político sugerido pelo florentino[72].

Dois outros exemplos, ambos no âmbito da eleição do papa Leão X, indiciam a abertura de espírito, a jovialidade, o espírito crítico e, enfim, a capacidade cultural e de

[70] Cf. Daniela Romagnoli, *La città e la corte: buone e cattive maniere tra Medioevo ed età moderna*, Milano, Guerini, 1991; Norbert Elias, *A Sociedade de Corte*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987; Peter Burke, "O cortesão" in *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 101-119.
[71] Cf. Alain Pons, "Présentation" in *Le Livre du Courtisan*, Baldassar Castiglione, Paris, Éditions Gérard Lebovici, 1987, pp. I-XLVI.
[72] Cf. *Idem, ibidem.*

sociabilidade que devem ser apanágio do cortesão. Ou seja, características que aproximam do modelo de Castiglione e afastam do de Maquiavel:

> "Como o cardeal mediçis veo a Roma, E das maneiras que teue pera ser papa. Como o papa Jullio se finou sendo mediçis avisado se veo a Roma sem fazer detença como acustumam os que naquellas se querem fazer senhores per força, ou por mais çerto falar tiranos. ca Juntamente com senhorio alcançion temor de ser mortos cada dia. cheguou a Roma quando se fazião as enxequias do papa que hee o tempo em que todolos cardeaes vaçilão E trabalhão por alcançar o summo pontificado. E nam faltam ali as manhas do gualeguo que prometia o masto de çera. tinha este cardeal hum escudeiro chamado bernardo de bibiano homem sabido nas cousas do mundo [,] antremetido [.] graçioso E mui bom cortesão, o qual era mui conheçido de todolos cardeaes E senhores de Roma. este deitando dados no tauoleiro da fortuna, sendo o cardeal seu senhor abaixo de muitos cardeaes em Jdade, dinidade, Renda, E autoridade a cada hum dos quaes convinha com muita Rezão o sumo pontificado, tomou esta empresa."[73];

> "Como o papa fez quatro cardeaes, E das cousas que se diziam E faziam per Roma. Naquelles dias hum cortesão grande dizidor escreueo sobre hum titolo que estaa sobre huma porta de huma sala do sacro palaçio, que diz, nicolao papa quinto mil iiij^{c} E sessenta. E esta a letra por parte. a Jnterpretação hee a seguinte, E as letras estão desta maneira – nibil papa valet. multi cardinales çeçi trahent çecum leonem deçimun .//.n.pp.V.c.c.c.c.l.x.//. chamoulhe çeguo por que era mui curto da vis[ta] E trazia hum oculo com que via. outros muitos epitafios se poseram per Roma muito de notar que despois sahiram verdadeiros. a este prinçipalmente se presumio que o papa deesse castiguo mas bernardo de beuiano que era grande trobador E queria por Jsso bem a este E a todos os bons dizidores, baralhou esta zombaria de feição que veo o papa a folguar com elle E o tomou por seu cobicularío."[74]

De assinalar é que, o "escudeiro chamado bernardo de bibiano homem sabido nas cousas do mundo [,] antremetido [.] graçioso E mui bom cortesão, o qual era mui conheçido de todolos cardeaes E senhores de Roma" não é outro senão o futuro cardeal Bernardo de Bibiena, isto é, o "grande trobador" autor da Calândria, um dos mais emblemáticos escritores que frequentavam a corte papal e com quem o fidalgo certamente contactou. Como observa de forma tão pertinente Aníbal Pinto de Castro, "convém (…) não esquecer que figura entre os personagens postos no Cortegiano de

[73] *MFC*, f. 170r.
[74] *MFC*, f. 171v e f. 172r.

Castiglione e portanto não andaria longe do círculo em que já então se movimentava o destinatário da obra, D. Miguel da Silva."[75]

3. Patrimónios: entre o sagrado e o profano

Roma é a essência das *MF*C. O centro simbólico de onde tudo emana e o ponto físico para onde tudo conflui. Daí que, segundo a tradição, todos os caminhos lá vão dar – do ponto de vista físico as diversas portas e vias de entrada e saída da cidade dão de facto esta ideia fundadora de núcleo. O fidalgo no seu texto não esconde a forma como se rende à energia e ao movimento da cidade. Para ele, a *Cidade Eterna* remete sempre para o conceito totalizador e totalizante de "mundo", pois nela tudo é universal, grande e grandioso. Ela não só é sinónimo de mundo, como na sua mais profunda essência física e espiritual, ou seja, sacra e profana, é *Caput Mundi*:

> "sam João de latrão que hee cabeça de todalas JgreJas do mundo"[76] e "madre de todalas JgreJas do mundo"[77];
>
> "Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo"[78];
>
> "sobre todalas outras obras fundou [Júlio II] a JgreJa de sam Pero, que acabandosse seraa a moor edefiçio de JgreJa do mundo"[79];
>
> "E querendo o papa Jullio fazer esta JgreJa a mais sumptuosa E grande de todalas do mundo"[80];
>
> "que o papa alexandre sexto fez quando fez a Rua alexandrina que aguora hee das mais fermosas Ruas que pode aver no mundo"[81];

[75] Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 10-11.
[76] *MFC*, f. 159v.
[77] *MFC*, f. 187r.
[78] *MFC*, f. 179r.
[79] *MFC*, f. 169r.
[80] *MFC*, f. 190v.
[81] *MFC*, f. 191v.

> "E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conheçidos nom lhes hee estranhado destes prazeres [.] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte."[82]

No domínio profano, mundano, secular ou temporal Roma está em primeiro lugar, como o comprovam a *Rua de bancos* e a *Rua alexandrina*. Afinal, tudo o que *em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte*. As suas "torres E paços dos cardeaes E grandes senhores"[83] impressionam tanto pela riqueza, como pela vivacidade que as impregna. Paços, palácios, jardins e fontes são, pois, sempre de louvar:

> "o Jardim E a camara do sacro palaçio, o Jardim que lhe tinha o papa dado, hee de laranJaes E doutras muitas maneiras daruores. E de Rosas E doutras muitas frores de muitas maneiras E ortaliça. E tem mui gentis apousentamentos E Joguos de pella. assi que hee hum dos melhores de Roma."[84]

Mas é em termos espirituais que todo o seu simbolismo arquétipo vem ao de cima. No seu solo sagrado assentam as maiores igrejas do mundo e no ponto onde morreu o fundador da Igreja faz Júlio II erguer *a JgreJa de sam Pero, que acabandosse seraa a moor edefiçio de JgreJa do mundo*.

Logo à chegada a Roma, que acontece "a xxbj. dias andados daguosto da sobredita era de 1510", o fidalgo assinala que entra "polla porta latina que vai pera a via de napoles." Logo em seguida aponta que, imediatamente após passar esta entrada, ou seja, "Aa parte de dentro", fica o "luguar onde são João evangelista foi metido na tina do azeite e ali estaa feita huma charola de quatro colunas com hum altar." Mas vai mais longe, pois aponta, num pormenor revelador a nível da definição do seu equipamento cultural, que "da tina em que são João foi metido tomou aquelle nome porta latina segundo maos estoreadores. mãs nam hee assi. por que antiguamente tinha aquelle nome dos Reis latinos que erão daquella banda." Ou seja, o fidalgo indica por que via

[82] *MFC*, f. 183v.
[83] *MFC*, f. 173v.
[84] *MFC*, f. 176v e f. 177r.

entra na urbe, descreve a espiritualidade e a importância patrimonial do lugar e ainda esclarece acerca dos erros envoltos na narração da sua história por acção de *maos estoreadores*.

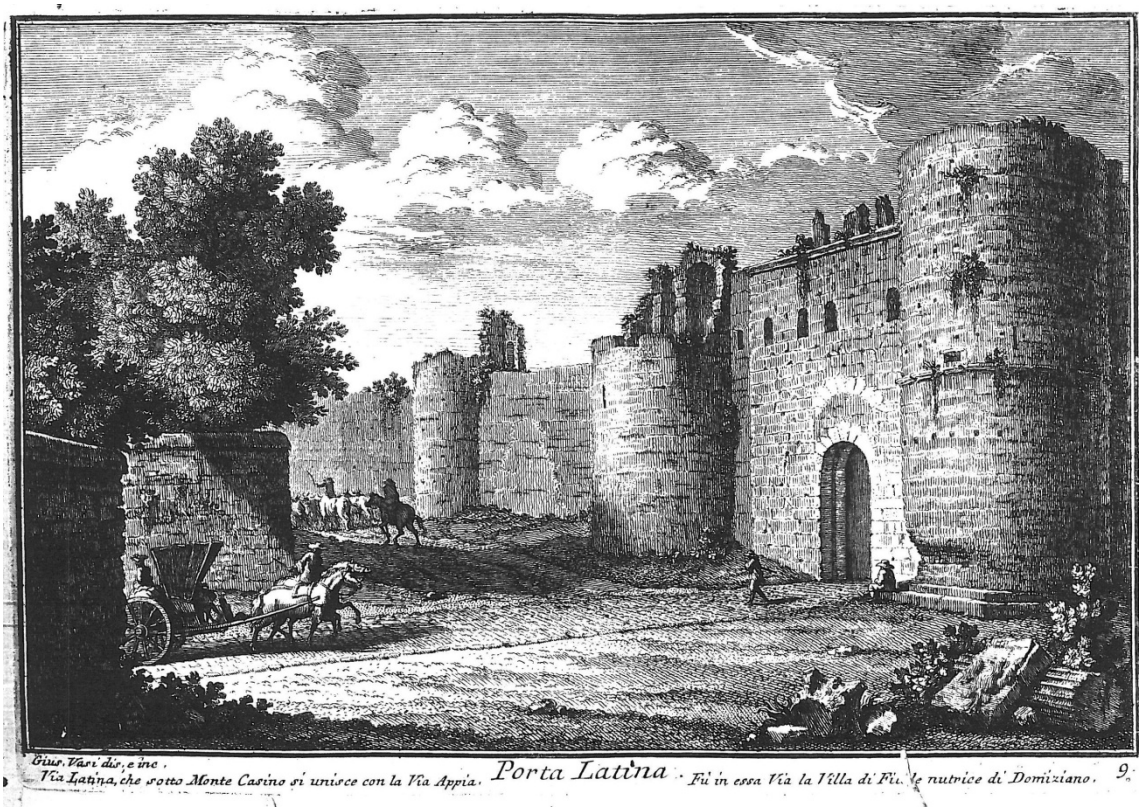


Figura 1. *Representação setecentista da Porta Latina*[85].

[85] Giuseppe Bianchini, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, vol. I, Roma, Nella Stamperia del Chracas, 1747, p. 9.

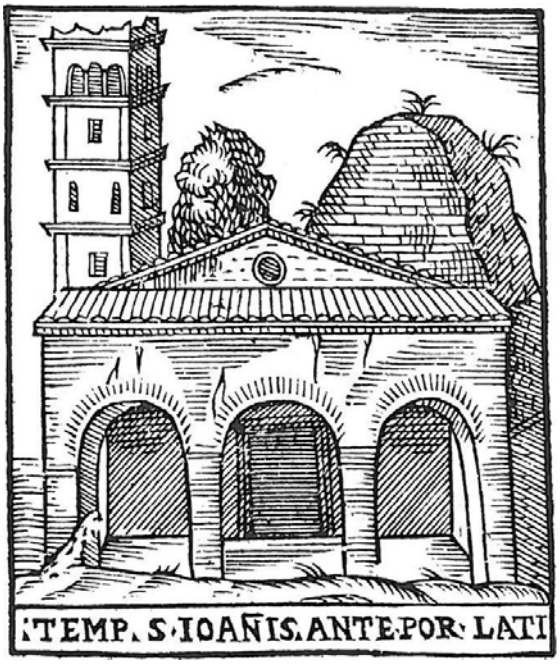


Figura 2. *JgreJa de são João anteporta latina (hee Junto da porta latina)*[86].

Com esta referência explícita à componente religiosa no preciso momento em que entra na urbe, o autor torna imediatamente implícita à essência da descrição da *Cidade Eterna* o tópico central da sua condição de liderança espiritual e de topónimo central no imaginário colectivo da comunidade dos fiéis, mais do que Jerusalém, pois esta estava na posse dos infiéis, ao passo que Roma era possível visitar apesar de todas as dificuldades que tal deslocação à época implicava. Roma era tangível, palpável. Já Jerusalém, ou até mesmo Constantinopla, que caíra havia pouco mais de meio século na mão dos turcos tornando-se simbolicamente a sua capital, inscreviam-se no universo do apenas imaginado.

Estado de coisas reforçado pela declaração plena de fervor religioso que faz assim que chega a Roma. Com efeito, a primeira acção do fidalgo na sede da Cristandade é dirigir-se a "nossa senhora do populo a que me tinha prometido. E feita oração me fui apousentar A çidade":

> "daquella parte [porta latina que vai pera a via de napoles. Aa parte de dentro hee o luguar onde são João evangelista foi metido na tina do azeite e ali estaa feita huma charola de quatro colunas com hum altar] ata o

[86] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, Roma, Guglielmo Facciotto, 1595, p. 192.

pouoado se atrauessa o deserto onde sohia ser a pouoação da grande Roma. o qual eu passei a oras de grandissima calma E me fui deçer a nossa senhora do populo a que me tinha prometido. E feita oração me fui apousentar A çidade onde estiue sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauees que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Jlustrissima senhoria."[87]

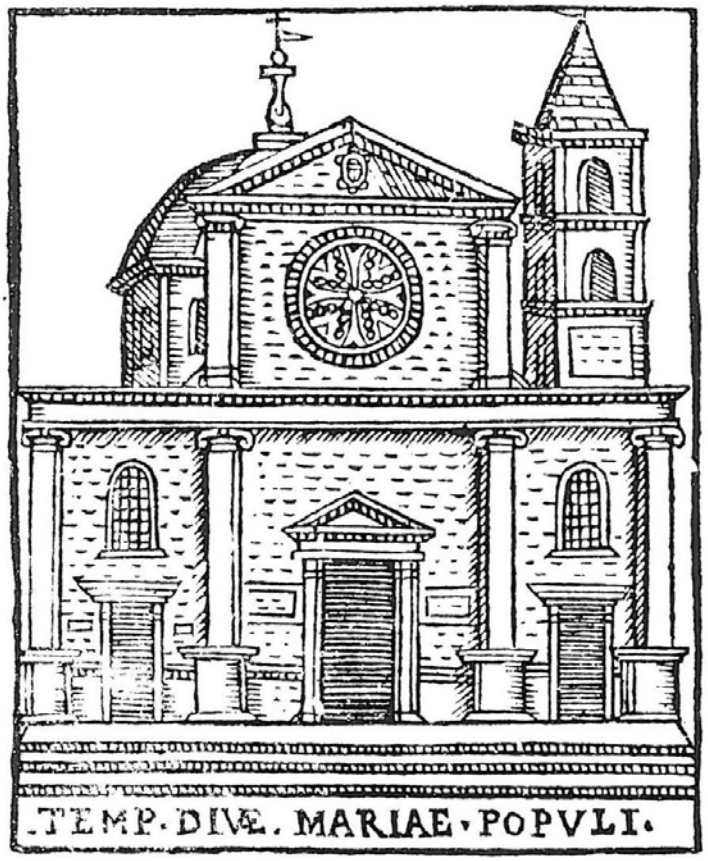


Figura 3. *JgreJa de Santa Maria del Populi (nossa senhora do populo)*[88].

Pouco antes de chegar a Roma, quando se dirigiu a Cápua para ver a cidade "de que tanto falam os liuros" – outro sinal importante da cultura do fidalgo, nomeadamente a nível da história clássica, e, nessa medida, de acordo com a cultura humanista –, o viajante flaviense salienta de forma muito expressiva que a viu "tam destrohida como vi

[87] *MFC*, f. 139v.
[88] Pietro Martire Felini, *Trattato nuouo delle cose marauigliose dell'alma città di Roma, ornato de molte figure, nel quale si discorre de 300 & più chiese. Composto da F. Pietro Martire Felini da Cremona... et de tutte le antichità figurate d'essa città, già da Prospero Parisio aumentate, et hora dal sopradetto F. Pietro Martire con diligenza corrette*, per Bartolomeo Zannetti, Roma, Antonio Franzini & Heredi di Girolamo Franzini, Roma, 1610, facs. dell'orig., Roma, Montimer, 1610, p. 30.

Roma que cada huma pareçe que nunca ali ouve memoria de çidade." [89] Daqui podemos depreender, por um lado, a inquestionável consciência histórica por parte do fidalgo e, por outro lado, a sua capacidade para pensar criticamente a realidade que se lhe irá deparar em Roma. Isto é, apesar de o seu discurso futuro – no que diz respeito à temática do património, da construção e da arquitectura – aludir sempre à capital da Cristandade como a *grande urbe*, em particular ao nível da renovação arquitectónica e, neste âmbito, com grande destaque e entusiamo até para a acção empreendedora do papa Júlio II[90], ele não se coíbe de avaliar objectivamente o que se lhe depara em termos empíricos no momento da chegada, instante sempre marcante do ponto de vista da avaliação: Roma pareceu-lhe muito destruída, mas também, como irá referir por diversas vezes, em profunda renovação e reconstrução; portanto, em direcção a um novo futuro enquanto cidade. Este sentimento é reforçado pelo facto de possuir um quotidiano pleno de vivacidade, como o indicam as celebrações sacras e profanas contínuas, e, nas palavras do embaixador do imperador em Roma, uma população universal – "todo o pouo vniversal de Roma"[91]:

> "Faziam neste tempo mui grandes calmas em todas aquelas partes E contudo por que achei companhia me parti pera Roma E nam quis leuar o caminho da gruta de puçol. a qual gruta passa por baixo de huma serra E dura de comprido mais de huma milha. hee tão ancha que podem hir E vir duas carretas sem tocar huma na outra. dizem que luçio luculo a fez. este caminho hee A parte esquerda contra o mar vindo de napoles pera Roma. mas nos tomamos ho da mão direita por ver capua de que tanto falam os liuros E via tam destrohida como vi Roma que cada huma pareçe que nunca ali ouve memoria de çidade."[92]

Noutra vertente, Roma revela-se como o ser mesmo das *MFC*. É o corpo da obra e o mundo que fornece sentido à condição do discurso. Por outras palavras, enquanto destino, a *Cidade Eterna* é o horizonte informativo do autor e, consequentemente, a

[89] *MFC*, f. 139r.
[90] Sylvie Deswartes-Rosa salienta isto mesmo quando refere que o fidalgo admira a capacidade construtiva do pontífice, bem como o seu espírito de renovação arquitectónica da cidade de Roma, ao ponto de lhe dedicar uma boa parte do seu texto. Curiosa é a sua sugestão de que D. Miguel da Silva, então já embaixador de Portugal em Roma (1515-1525) e que sentiu o mesmo entusiamo que o fidalgo pelas empresas arquitectónicas e urbanísticas de Júlio II, poderia perfeitamente ter conversado com o fidalgo acerca dos empreendimentos protagonizados pelo falecido pontífice e da sua continuação por Leão X. Cf. Sylvie Deswartes-Rosa, "The Portuguese in Rome and the Palazzo dei Tribunali", *op. cit.*.
[91] *MFC*, f. 180r.
[92] *MFC*, f. 139r.

medida do mundo, em termos espaciais – leia-se de património, de paisagem, de fronteira e de referência relativamente a tudo o que conhece, como tão bem demostra a seguinte passagem:

> "Capitulo do tempo que tristão da cunha esteue em Roma. E dos convites E honrras que lhe foram feitas. Neste tempo da coresma esteue tristão da cunha em Roma E foi visitado do manifico Julião E do manifico lourenço, E doutros muitos senhores. E nesta coresma foi visitado do cardeal santa cruz, E dagustim nichi. E o banquete foi em hum Jardim que tem em transtibre a beira do Rio, em humas casas tam singulares que são bem mereçedoras da Ribeira de lixboa. o banquete foi dos comprimentos que nelles acustumam. E em cabo do Jantar se Representou huma comedia em louvor del Rey de portugual, de muitas gentilezas com todolos Reis que lhe são soJeitos E tributarios."[93]

No seu minucioso relato, o fidalgo faz sempre acompanhar as suas descrições de referências objectivas aos lugares em Roma onde as mesmas têm lugar. Este é um aspecto central que confere ao texto um valor geográfico e espacial importante. Assim, quando entra na urbe assinala que se dirige da já referida porta latina para o burgo coevo propriamente dito, atravessando uma parte deserta, já dentro de muros, que correspondia ao povoado da Roma antiga:

> "daquella parte ata o pouoado se atrauessa o deserto onde sohia ser a pouoação da grande Roma. o qual eu passei a oras de grandissima calma E me fui deçer a nossa senhora do populo a que me tinha prometido. E feita oração me fui apousentar A çidade onde estiue sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauees que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Jlustrissima senhoria."[94]

O mapa seguinte, proveniente de uma edição do século XVIII, mantém contudo as grandes manchas urbanas de Quinhentos. Assim, mostra como entrando pela porta latina, a Nordeste (no mapa, mas a Sudeste na realidade), o autor tinha de atravessar toda a parte relativa à Roma Clássica até chegar à concentração urbana propriamente dita (situada no mapa a Sudoeste, portanto no lado oposto em diagonal), que já o era na

[93] *MFC*, f. 200r e f. 200v.
[94] *MFC*, f. 139v.

cidade dos inícios do século XVI. A matizar será apenas o facto de, nesta representação cartográfica, o "deserto" de que fala o fidalgo estar um pouco mais povoado, mantendo ainda assim um evidente carácter ermo ou de ausência de concentração urbana em relação ao resto da cidade.

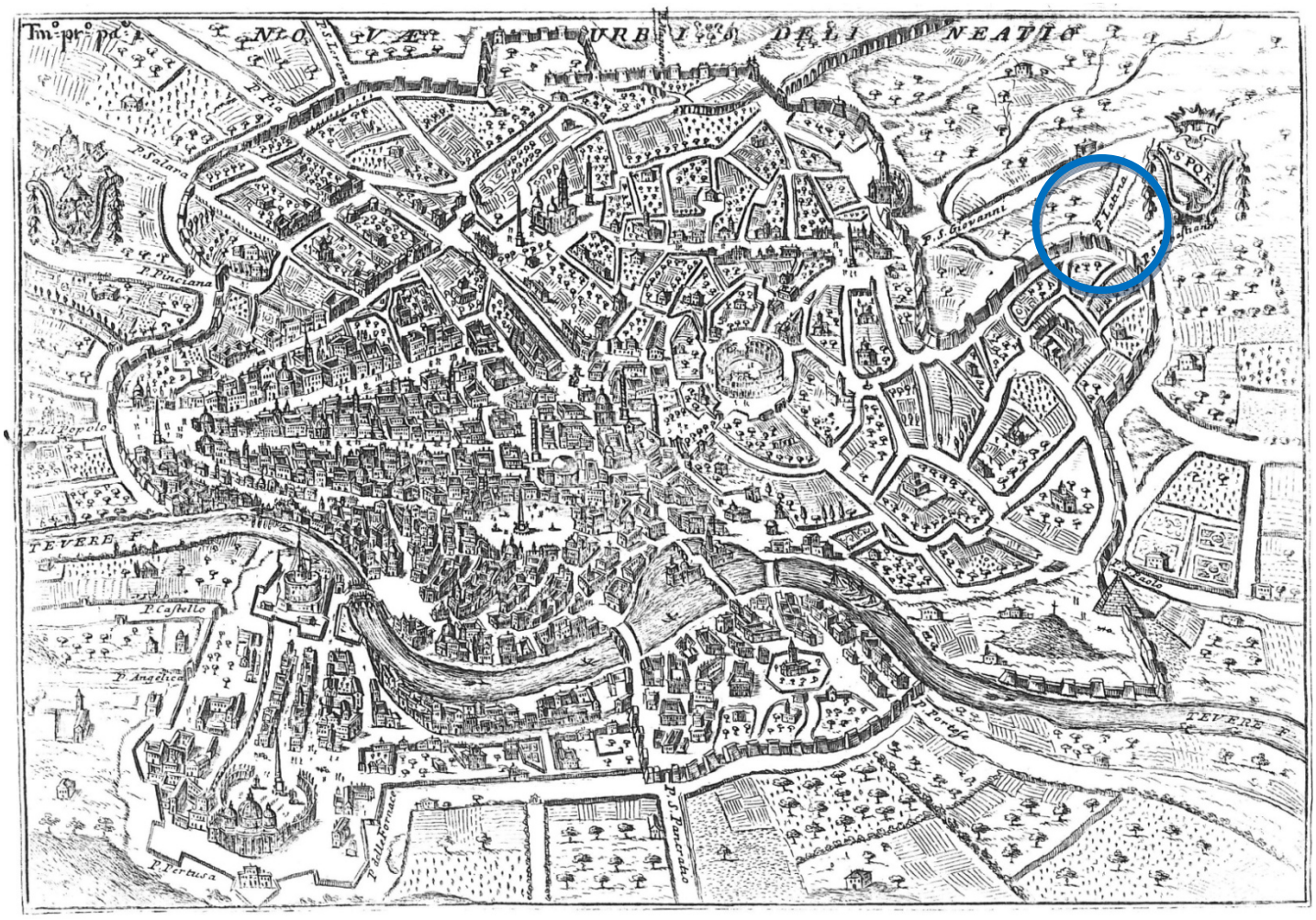


Figura 4. *Panorâmica da Roma setecentista*[95]. *Destaque para a porta latina representada dentro de um círculo.*

Dois dos melhores exemplos desta descrição geográfica extremamente visual efectuada pelo fidalgo relacionam-se com a descrição da passagem em Roma da embaixada de Tristão da Cunha, em 1514 e com a narração das festas celebradas em Roma durante os pontificados de Júlio II e Leão X. No primeiro caso, o autor define

[95] Niccola Roisecco, *Roma antica, e moderna o sia nuova descrizione…*, vol. I, Roma, Aspese di Niccola Roisecco, 1765, extra-texto não paginado.

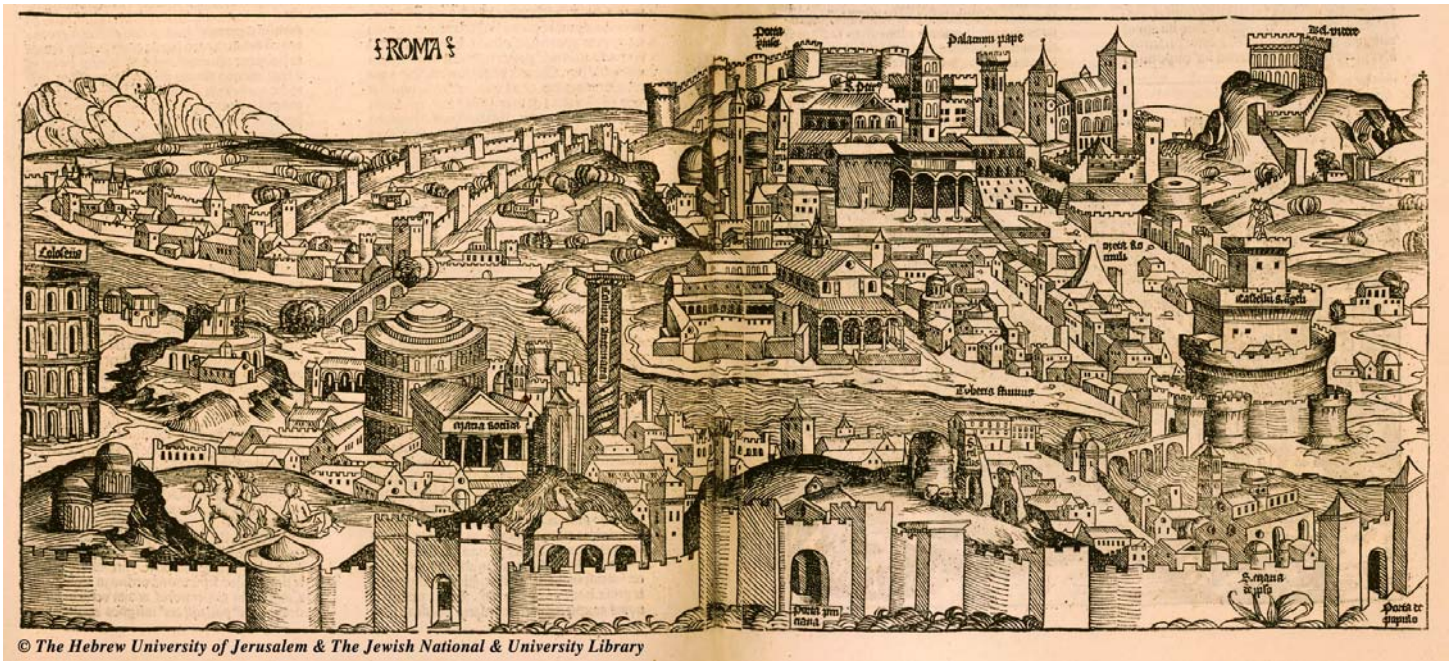
exactamente o percurso do cortejo, adjectivando mesmo alguns dos lugares de forma bastante expressiva – *Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo*:

> "Da embaixada E dos presentes. E da obediençia que el Rei de portugual mandou ao papa. No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feuereiro da era de mil b^{c} e catorze, tomou tristão da cunha porto em çiuita velha (…) o qual vinha dar obediençia a sua santidade por el Rei de portugual. E tanto que deçeo em terra se foi pera Roma com sua companhia a qual era de muitos fidalguos e escudeiros. E o senhor marco antonio coluna lhe deu por pousadas as casas de sancto apostolo que são huns grandes paços que o papa Jullio fez sendo cardeal. (…) o dia que avia de ser sua entrada [o alifante que ficara fora da çidade] se foi o papa com muitos cardeaes ao Jardim do castelo de santangelo E se pos a huma Janella donde se vee toda a Rua alexandrina ataa o sacro palaçio. E por que vieram por mar entraram polla porta de sam pancraçio que hee na via de çiuita velha. E Jaa todolos prelados E patriarchas, arçebispos E bispos, E os embaixadores do emperador E dos Reis E a familia do papa E todas as dos cardeaes erão hidos ao Reçeber. (…) pareçia tam Rica E fermosa companhia ca toda Roma coRia a velos. E era Jente sem conto, mudandosse de humas Ruas As outras per trauessas E luguares donde os milhor podiam ver atee cheguar a suas pousadas. E entrando como dito hee na Rua alexandrina [,] cheguando A ponte de sancto angelo [,] onde o papa estaua, mandou Sua Santidade que se deteuesse pera ver ho que o alifante fazia. (…) despois de lhes o papa dar licença, passaram a ponte E forão por a Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo. E cheguando ao campo de frol tomaram a via de Roma a velha onde eram as ditas suas pousadas."[96]

Dos *paços de sancto apostolo* à *Rua alexandrina*, passando pela *porta de sam pancraçio*, a *ponte de sancto angelo*, a *Rua de bancos* e o *campo de frol* nenhum ponto é menosprezado. A mesma descrição é, aliás, reforçada pelo conteúdo da carta enviada pelo embaixador do imperador ao seu senhor e que o fidalgo coloca no seu relato:

> "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador. (…) o papa com muitos cardeaes se foi ao castelo de sancto angelo por ver passar os embaixadores sobre a ponte adriana. todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho."[97]

[96] *MFC*, f. 178r a f. 179r.
[97] *MFC*, f. 180r.



© The Hebrew University of Jerusalem & The Jewish National & University Library

Figura 5. *Panorâmica da Roma do final de quatrocentos*[98]*. Destaque para a forma como a cidade se desenvolve em redor do rio Tibre e para a grande preeminência atribuída a alguns edifícios que, assim, surgem emblemáticos da Cidade Eterna no fim do século XV, nomeadamente, o castelo de Santo Angelo, o Belveder, o Coliseu, as pontes sobre o Tibre e o panteão (Igreja de Santa Maria Redonda).*

Em relação às festas, a seguinte passagem é emblemática do olhar rigoroso e espacial do autor. Ele descreve a geografia dos festejos, ou seja, onde começam, por onde passam e onde terminam, não deixando de narrar de forma humorística a origem onomástica do *monte trastacho*:

> "Do tempo que tristão da cunha esteue em Roma E das Reaes masqueras que se fizeram pollo entrudo. E da festa do campo naguam. E do monte trastacho. E dos paleos que se coRem. (…) os neguoçios de tristão da cunha eram de calidade que lhe conveo fazer detença em Roma tres meses por mandar Recados E avisos a el Rei, E aver Reposta de sua alteza. sua cheguada a Roma foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E

[98] *Liber chronicarum LVIII* (1493). Imagem retirada do site *http://historic-cities.huji.ac.il/italy/rome/maps/schedel_1493_58.html.*

outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. E os que coRem saem do campo de frol, E coRem toda a Rua de bancos E passam ha ponte adriana ou de santangelo E a Rua alexandrina E terreiro que estaa diante da JgreJa de são pero atee cheguar ao paleo. (…) coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer E o derradeiro nam pareçeo honesto. mas foi envenção florentina por dar prazer ao papa. os paleos dos caualos barbaros [,] eguoas, turcos, E ginetes se coRem no campo de trastacho [.] (…) esta festa se ordena em campidolio donde todos sahem hum diante doutro. E segue os muita Jente darmas Resprandeçentes E o senador [,] conseruadores [,] coporiões. E todolos outros nobres çidadões os quaes vão apee. (…) E depois de hirem por algumas prinçipaes Ruas em singular ordenança entram em campo naguão Rodeando o dito campo. E o senador e Romanos tem feito hum grande cadafalso com seus assentos, ao qual se sobem todos Juntos no dito campo ou praça. hee cousa Real pera ver. dali se tornam a sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. (…) E se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Jngreme. E o vulguo lhe chama monte omnis terre, tendo que se fez de panelas cheas de terra mandadas a Roma das vilas E çidades de todo o mundo no tempo que o geral tributo se daua ao emperador octauiano [.] mas a maior çerteza hee ser feito de pedaços de ladrilho [,] telha E panellas que se faziam ali quando Roma era em sua prosperidade. mostra ser Jsto assi por que em todo aquelle monte nom se pode cauar terra nem outra cousa senão pedaços das sobreditas cousas. E por Jsto se afirma ser ali as olarias de Roma. E este monte estaa dentro dos muros de Roma em hum campo A porta de sam paulo, Junto da qual estaa huma sepultura que se diz ser de Remo Jrmão de Romulo. naquelle campo se aJuntão naquelle dia grandissima multidão de Jente.”[99]

Mais uma vez, alguns lugares destacam-se no discurso geográfico do fidalgo, a saber, *os campos naguam, de frol* e de *trastacho*, o *monte trastacho*, a *Rua de bancos*, a *ponte adriana ou de santangelo,* a *Rua alexandrina E terreiro que estaa diante da JgreJa de são pero,* o *castelo de santangelo atee o paço,* o *campidolio* e a *porta de sam paulo.*

[99] *MFC*, f. 181v a f. 183r.

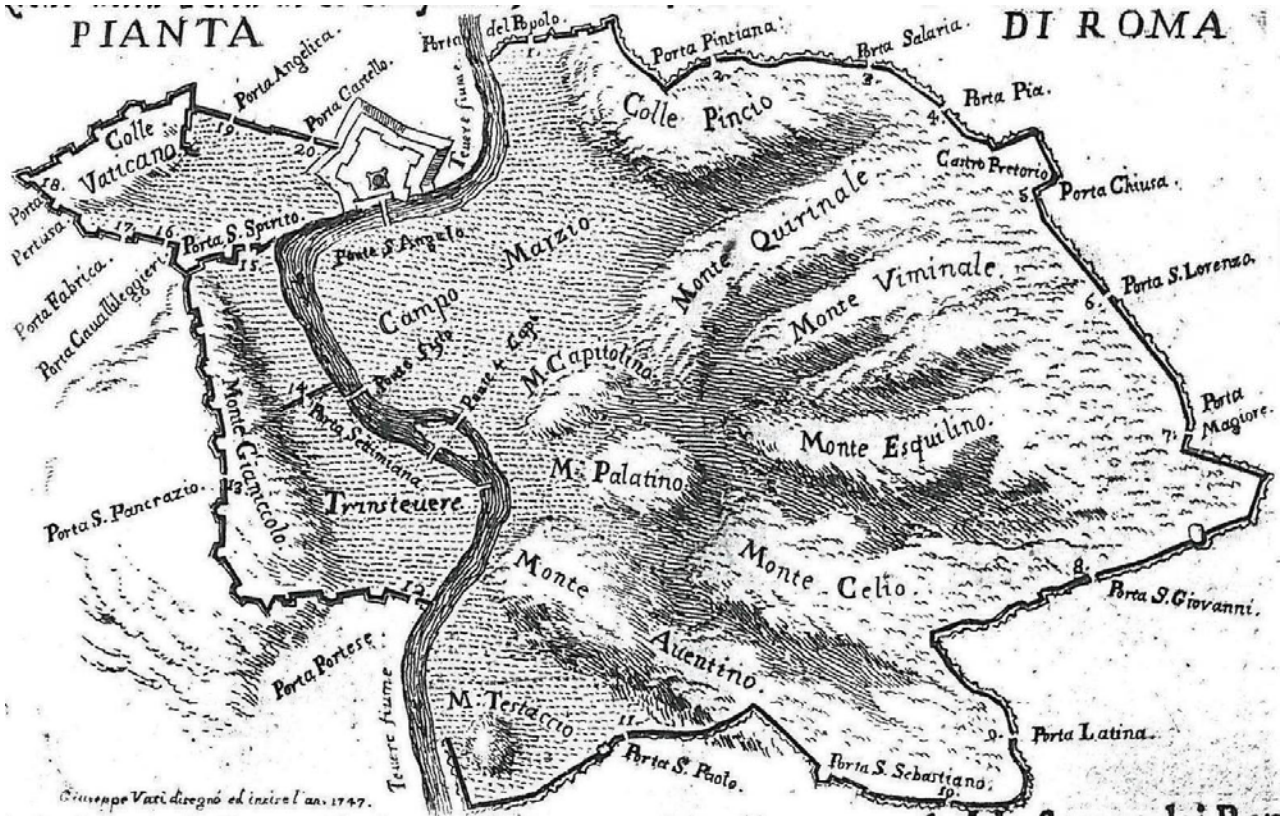


Figura 6. *Panorâmica de Roma relativamente aos montes e campos que a compõem. Destacam-se igualmente o Tibre, bem como as muralhas e as portas da cidade. Trata-se de uma representação setecentista. No entanto, dado que não alude à construção de edifícios (as únicas edificações representadas já existiam no período em que o fidalgo habitou em Roma, sofrendo daí para a data do registo cartográfico apenas alterações pontuais que em nada interferem com a leitura geral da carta) é perfeitamente representativa da Roma dos inícios de Quinhentos*[100]*. Por outro lado, é verosímil que estejamos perante uma representação efectuada sobre um original mais antigo. Mantém-se pois toda a legitimidade da sua leitura numa perspectiva de representação dos inícios do século XVI.*

[100] Giuseppe Bianchini, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, vol. I, *op. cit*., p. 12.

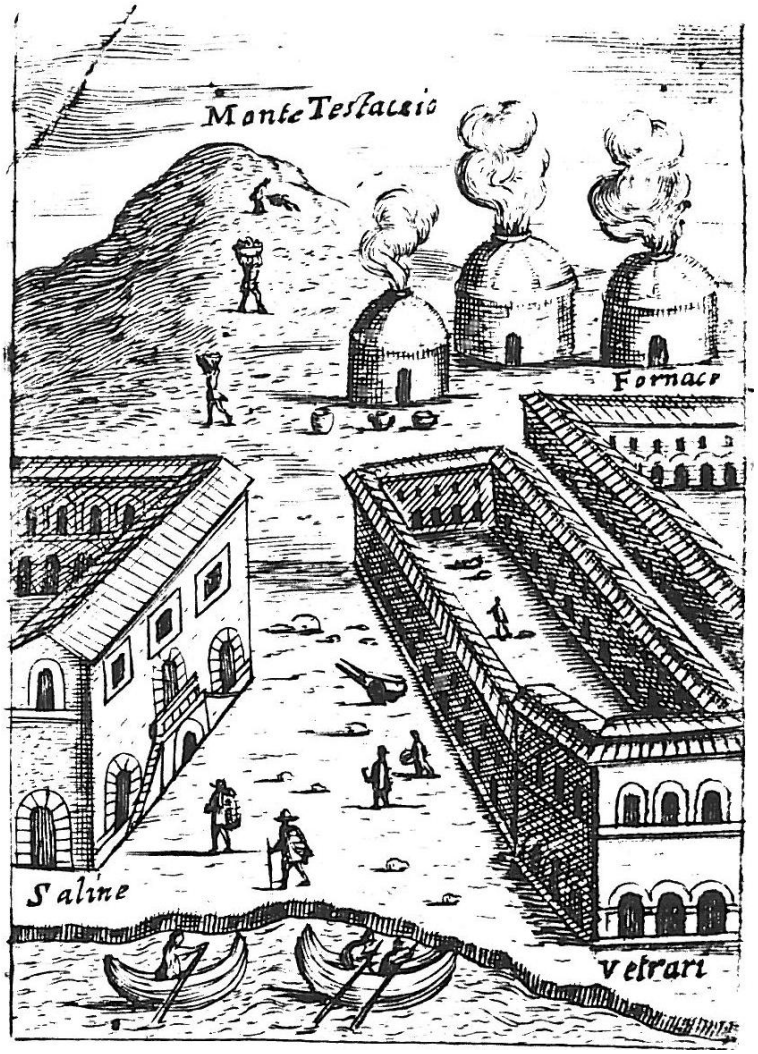


Figura 7. *Pormenor do* monte trastacho[101]*, numa representação setecentista.*

Em suma, se a espiritualidade e a dimensão religiosa são imanentes ao texto do fidalgo no que diz respeito à evocação da cidade de Roma, a vertente profana e secular da urbe também assume um papel fundamental na descrição da *Cidade Eterna*, sobretudo quando materializada no universo dos costumes e das inúmeras festividades e celebrações que integram o seu quotidiano, inclusive religioso. E neste sentido, o texto do fidalgo é bem o espelho de uma época, pois acaba por retratar como a Roma puramente espiritual da Idade Média se transforma aos poucos na Roma renascentista, ou seja, uma monumental urbe que apesar de continuar a ser a cabeça do mundo religioso cristão assume já, em simultâneo, uma outra faceta, veiculada em grande parte

[101] Niccola Roisecco, *Roma antica, e moderna o sia nuova descrizione…*, op. cit., p. 261.

pela própria Igreja ou que pelo menos deve muito ao contributo das suas mais elevadas figuras, mais temporal e profana, intimamente ligada à ascensão da arte, da cultura, das festividades de carácter popular e também das conspirações políticas que minavam as grandes capitais e cortes europeias.

Por outras palavras, a Roma que o fidalgo acaba por descrever ao destinatário do seu texto não é apenas a sede espiritual da Cristandade – e para isto muito contribui uma longa estada que tudo permitiu assistir e observar de perto. É também uma Roma que se quer assumir como o grande eixo político da Europa, pelo menos no sentido de que todas as nações cristãs de alguma forma têm de por lá passar para fazer valer as suas pretensões internacionais. As *MFC* veiculam, pois, a par da imagem de sede da Cristandade, a visão da cidade dos Césares como um poderoso centro de poder que chega ao mundo renascentista a conceber-se e anunciar-se com uma dimensão de dominância, sendo, portanto, também por essa que via que desempenha no Ocidente coevo um papel preponderante no imaginário colectivo.

No plano simbólico ela é uma *bona opera*, na medida em que é edificada sobre o alicerce da crença. Esta noção forte é válida pelo menos para o estrangeiro ou para quem a visita de passagem, pois, quem, como o fidalgo, lá habita durante alguns anos acaba por matizar esta ideia mediante as constantes demonstrações de corrupção e mundanidade por parte da cúria e das suas figuras de topo, ou seja, os cardeais e o próprio papa – o fidalgo descreve este cenário em diversas passagens do seu testemunho. Por isso, em boa medida devido ao peso de toda uma herança medieval do imaginário cristão, é um modelo para os *peregrini* na terra e a glorificação última da Igreja e por extensão de todo o crente.

Ainda na dimensão espiritual, Roma é uma cidade mártir, pois foi violentada e saqueada pelo infiel. O facto de ter recuperado de tal terror garante-lhe um profundo simbolismo espacial:

> “E que durando estas diuisões antre os reis christãos fizeram vir nos tempos passados o soldão de babilonia a Roma E sendo saqueada, E despoJados seus templos de todos seus tesouros fizeram da santissima JgreJa de são pero estrebaria de caualos, saqueando a maior parte de Jtalia, scilicet, toscana, pulha, E çezilia. as quaes diuisões deram Jsso mesmo causa que em nossos tempos a mui nobre çidade de costantinopla com seu emperador E todo Jmperio de greçia fosse dado em poder de turcos, E o mui exçelente [moesteiro] de santa sofia feito mesquita de mafamede. E

> que vendo as presentes diuisoens, E tantos christãos mortos em batalhas, E tantos aparelhos pera maiores males nam se asseguraua seu animo, bradando, Que Roma queira deus que em meus dias nam veJa em ti outro soldão de babilonia que acabe de destrohir E dassolar essas muralhas E vestigios que nos ficam por memoria de tua grandeza E que a sagrada JgreJa de são pero nom seJa outra vez com tanto vituperio violada E feita estrebaria, E os outros santissimos E grandes templos queimados E Roubados de seus tesouros, E as matronas E virgens Romanas postas em poder dos Jnfiees."[102]

Do seu martirizado passado emergem, pois, os fundamentos da memória colectiva cristã e da ascensão global da Cristandade. Nesta medida, ela desempenha um papel central na estruturação dessa mesma memória, garantindo-lhe uma dimensão colectiva, de espelho da vontade global da Cristandade.

No entanto, este estado de coisas situa-se no patamar da abstracção, do simbólico, pois o contacto continuado com a realidade, como acontece com o fidalgo, acaba por dar lugar a uma noção mais temperada desta glorificação espiritual de Roma, muito por culpa do elemento humano clerical, cuja acção tantas vezes negativa e em contradição com a mensagem evangélica nem todo o poder espiritual das igrejas e das inúmeras relíquias da urbe consegue inverter.

Por outro lado, neste período de charneira, o próprio poder simbólico de Roma começa progressivamente a deixar-se infiltrar por uma cada vez mais acentuada ligação à representação do poder secular e temporal, acompanhando neste movimento as monarquias seculares europeias. Isto é, Roma simboliza a espiritualidade cristã, mas também simboliza o poder secular do Estado da Igreja; e neste patamar os seus governantes estão ao mesmo nível que qualquer monarca europeu. Um exemplo material deste fenómeno reside na própria construção da nova basílica de S. Pedro. Afinal, a urbe como centro nevrálgico de uma politização do espaço, é um elemento fundamental da política secular da Igreja e da representação do seu poder temporal.

Ao narrar as diferentes embaixadas que chegam a Roma, o fidalgo estende também a sua visão da cidade à dimensão civilizacional e cultural, projectando a urbe, por um lado, enquanto elemento de unidade e diálogo entre as culturas sobretudo europeias, e, por outro lado, enquanto local onde é possível contactar com o *Outro*

[102] *MFC,* f. 174r e f. 174v.

verdadeiramente diferente, porque longínquo e exótico – o *Outro* nunca visto. Ambos os caminhos transformam Roma num diferencial horizonte de cultura:

> "E o Jndio com a onça nas ancas do caualo vestido de seda."[103];

> "muitos daquelles escudeiros erão negros E crespos E outros trosquiados E nam assi aluos como são os Jtalianos"[104].

Neste sentido, o fidalgo veicula uma imagem de Roma como espaço por excelência para a viagem de conhecimento – como, aliás, a própria Itália a nível artístico e cultural, ou seja, a viagem iniciática cuja concretização desvenda os enigmas do mundo. Nesta medida, ir a Roma significa muito mais do que a mera deslocação objectiva a um espaço diferente. Na essência, trata-se de uma peregrinação a um lugar civilizacional nuclear, pois é o contacto que ele permite com o diferente – do mesmo continente ou de outro – que consolida e definição da própria identidade enquanto cristão[105]. Fenómeno reforçado pelo facto de, no início do século XVI, o mecenato dos papas ter feito de Roma o principal núcleo da arte renascentista – apesar de a guerra ser quase um estado permanente e do território italiano ser continuamente percorrido por exércitos estrangeiros, os estaleiros de construção de Roma, com Júlio II e Leão X, prosseguem de forma ininterrupta a sua actividade conduzindo a *Cidade Eterna* a uma renovação profunda da sua face urbana. Neste sentido, a cidade materializa a transformação rápida e transitória que distingue o início do século XVI, revelando-se o fiel espelho de uma época.

Roma domina no início do século XVI, mostrando ao mundo a sua vocação natural de capital renascentista e da Cristandade, e o fidalgo transmite precisamente esta ideia no seu relato: uma cidade que é fruto da imbricação entre a cidade verdadeira e a cidade imaginada, ou seja, sonhada, por um lado, pelos visitantes e peregrinos e, por outro lado, pelos que a mostram, ou seja, os detentores de poder (os papas), e os artistas que a redesenham como Rafael Sanzio de Urbino, Donato Bramante e Miguel Ângelo.

---

[103] *MFC*, f. 178v.
[104] *MFC*, f. 179r.
[105] Cf. Luís Filipe Barreto, "Introdução à Chorografia de Gaspar Barreiros" in *Clio*, nº 5, Lisboa, 1986, pp. 55-67.

Pela voz do fidalgo conseguimos apreender como Roma é absolutamente transversal à sociedade coeva. Ela atrai toda a gente, pois de alguma forma todos querem beneficiar com aquilo que ela potencialmente pode oferecer, sejam privilégios especiais, benefícios vários, ou o perdão pelos pecados cometidos. Por outro lado, nas suas praças e ruas buliçosas todos, italianos e estrangeiros, podem encontrar motivos de entretenimento, dos cardeais aos barões passando pelo povo miúdo. O seu quotidiano citadino é uma fonte de vida fremente, com as ruas cheias de gentes diversas para ver passar os cortejos seculares e religiosos. Do vestuário e das ricas jóias usadas pelos fidalgos e grandes prelados aos palácios sumptuosos dos cardeais, tudo nesta cidade é um espectáculo único.

O fidalgo de Chaves, andou por toda a Roma durante os anos em que habitou na cidade. No entanto, pela leitura do seu texto, apreendemos que atribui grande importância a determinados pontos da cidade, seja porque os visitou com maior frequência, seja porque de alguma forma o surpreendeu o que aí encontrou do ponto de vista da monumentalidade ou da mera edificação arquitectónica, como é o caso da edificação da nova Igreja de S. Pedro por Júlio II, seja ainda devido à natureza dos acontecimentos que aí tinham lugar ou que, de alguma forma, estavam relacionados com esses espaços, como é o caso dos *campos* que constantemente refere.

Apontemos alguns destes lugares com pormenor textual e iconográfico:

<u>Belveder</u>

> "Como a noua cheguou a Roma E do que o papa fazia. Jaa disse que foi a batalha [de Ravena] na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze anos em dia de pascoa da Resurreição. A terça feira seguinte de noite cheguou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de custume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jsso mesmo todalas senhoras e baronesas de Roma que tinhão seus maridos na guerra E cada huma perguntaua pollo seu. o papa as consolaua"[106];

[106] *MFC*, f. 156v.

"Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa com outras semsaborias E vaidades pera lhe dar vida. E em cabo de corenta dias, que a nosso senhor aprouue de a leuar lhe deu sua alma. E nos vestidos das vodas coroada de loureiro em sinal de virgindade com o Rosto descuberto segundo a husança de Roma foi leuada de belueder a Roma ao mosteiro de sancto agustinho."[107];

"dauasse o papa a todo genero de prazer por que era musico folguaua com os musicos exçedia o modo em folguar com Jograes os quaes de contino tinha A sua mesa. antre outros seus modos de prazeres estando hum dia em belueder com os cardeaes mançebos que sempre ho acompanhauão, tomaram mui grandes guatos como os haa naquellas partes E preguaramnos pollos coiros das costas em tauoas, de sorte que ficauão cos pees mãos E Rostros fronteiros. E mandaram trazer peças de seda da qual seda se prometiam gibões ou pelotes a quem marrando com a cabeça descuberta, dos guatos matasse algum. E alguns de pouco siso ou por dar prazer ao papa E aos cardeaes, ou pollo Jnteresse da seda se poseram ao sobredito combate. E aRemetendo de longe hião dar com as cabeças os mores guolpes que podião nos guatos E erão Reçebidos delles com os dentes E com as vnhas dos pees E das mãos com os quaes os acutilauão no Rosto E na cabeça de tal maneira que eu que era presente os vi apartar com feridas de grande palmo em comprido. E tornando a elles muitas vezes, muitas vezes erão feridos. E alguns mataram. E as empezas das sedas nom lhes tirauam as do Rosto que taes ouve ahi que nunca as perderam. a muitos nam pareçeo este Joguo onesto por ser em presença do papa e dos cardeaes."[108]

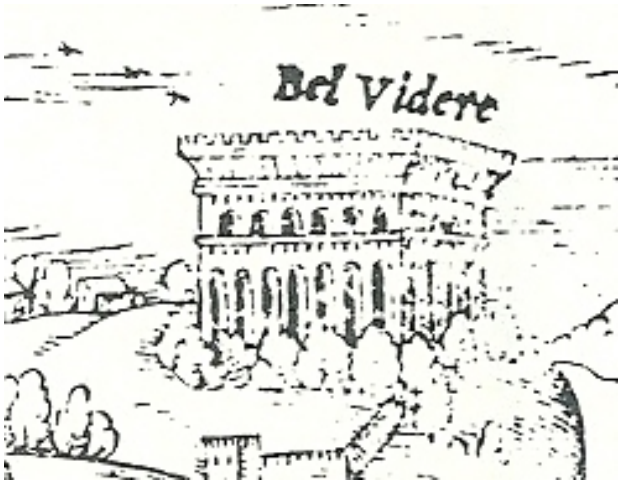


Figura 8. *Pormenor do belveder*[109] *em finais do século XV.*

[107] *MFC*, f. 203r e f. 203v.
[108] *MFC*, f. 172r e f. 172v.
[109]Pormenor do *Liber chronicarum LVIII* (1493). Imagem retirada do site *http://historic-cities.huji.ac.il/italy/rome/maps/schedel_1493_58.html.*



Figura 9. *Pormenor do pátio de belveder*[110], *desta feita numa representação mais tardia.*

Capitólio / Campidólio

"Passando as cousas desta maneira o manifico Julião Jrmão do papa se fez çidadão de Roma em capitolio onde mandara fazer de madeira hum grande teatro A maneira do coliseu cuberto de pano de lenço pintado de preto E branco destorias antiguas na perfeição que as sabem os pintores de Roma fazer. todalas outras cousas erão de Real aparato por que ali eram Juntos a maior parte dos senhores E çidadãos Romanos. durou a festa E o convite hum dia E parte da noute onde nam faltaram comedias E todolos generos de Jograes E ministrees."[111]

[110] Niccola Roisecco, *Roma antica, e moderna o sia nuova descrizione…*, op. cit., p. 53.
[111] *MFC*, f. 177v e f. 178r.



Figura 10. *Capitólio (nas MFC* campidolio*)*[112]. *A data desta representação (1610) não dista muito do tempo em que o fidalgo esteve em Roma. Por outro lado, pelo traço não é inverosímil que tenha sido feita a partir de um original (ou de uma reprodução) mais antiga.*

Ponte de sisto

> "Como se descobriram as grandes crueldades que dous cruees homens faziam em Roma. Vieram a Roma neste tempo dous companheiros que husauão ofiçio de extrema crueldade. ambos cleriguos, hum de missa outro de euangelho, hum bretão E outro picardo. E apousentaransse em huma casa que estaa sobre o tibre açima da ponte sisto pouco mais do que hum homem pode lançar huma pedra."[113]

[112] Pietro Martire Felini, *Trattato nuouo delle cose…*, op. cit., p. 480.
[113] *MFC*, f. 166v.

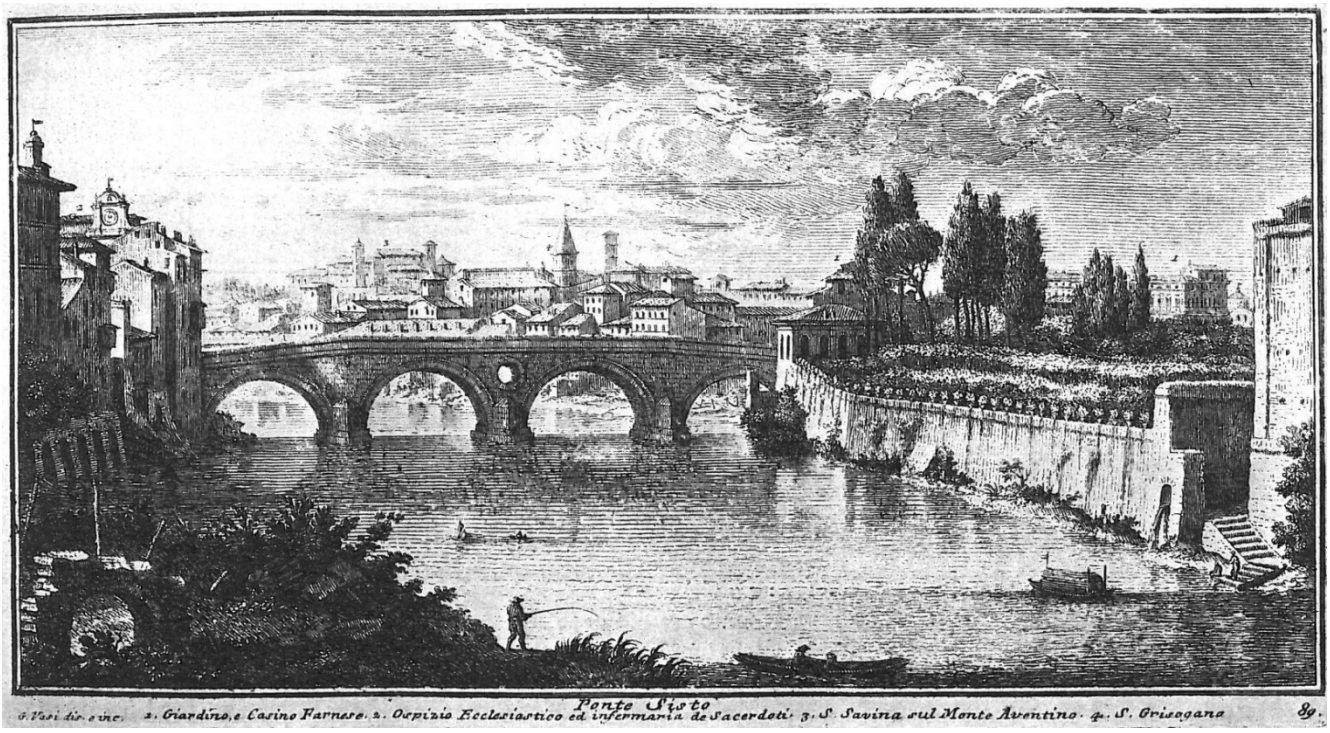


Figura 11. *Representação setecentista da ponte de Sisto* [114].

Coliseu

> "Passando as cousas desta maneira o manifico Julião Jrmão do papa se fez çidadão de Roma em capitolio onde mandara fazer de madeira hum grande teatro A maneira do coliseu cuberto de pano de lenço pintado de preto E branco destorias antiguas na perfeição que as sabem os pintores de Roma fazer."[115]

[114] Giuseppe Bianchini, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, vol. I, *op. cit*., p. 89.
[115] *MFC*, f. 177v e f. 178r.

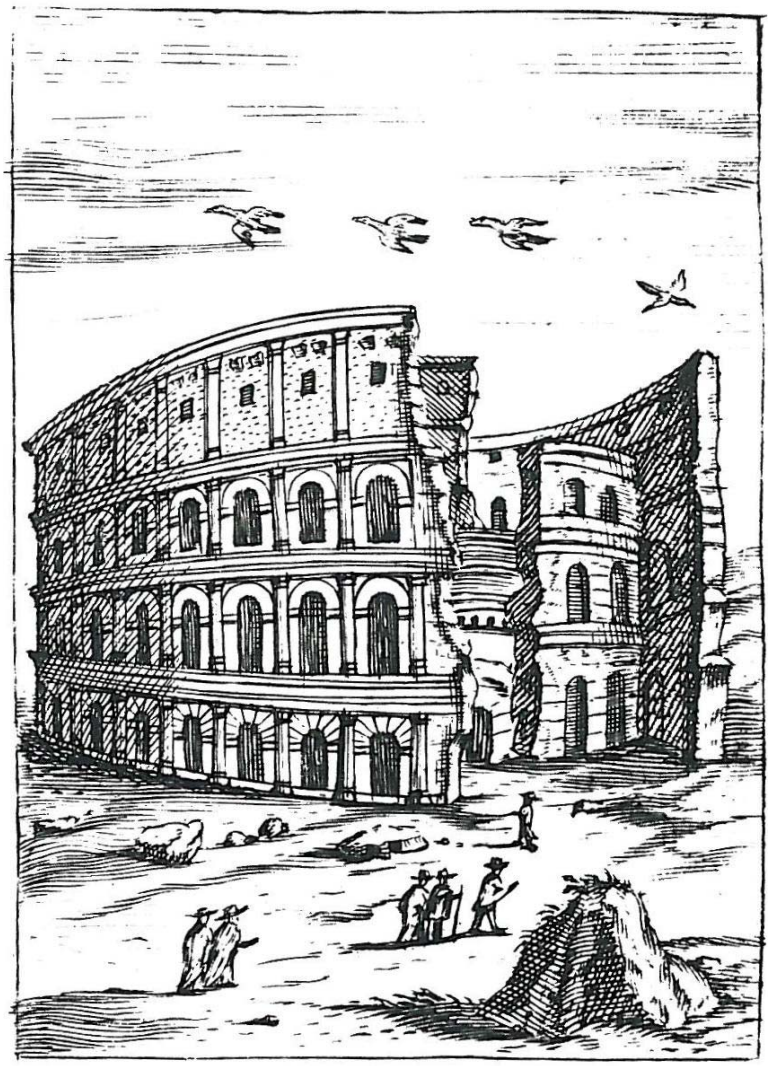


Figura 12. *Coliseu*[116].

Castelo de Santo Angelo e ponte adriana

> "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima senhoria tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que

[116] Niccola Roisecco, *Roma antica, e moderna o sia nuova descrizione…*, op. cit., p. 435.

do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria."[117];

"E com quanto avia muito tempo que o messageiro era ido. nam vinha com Recado nem apareçeo em quanto fomos por Roma. E passada a ponte de santo angelo Jndo Ja polla Rua alexandrina, heis o mal aventurado veador a gram pressa. E cheguandosse ao cardeal disselhe que era preso se senam tornaua. com esta noua o cardeal se deteue E olhou pera tras E vio a ponte chea toda de Jente armada." [118]



Figura 13. *Castelo de Santo Angelo e ponte adriana (ou ponte de Santo Angelo)*[119]

[117] *MFC*, f. 173v.
[118] *MFC*, f. 221v.
[119] Andrea Fei, *Descrittione di Roma antica e moderna*, Roma, s.n., 1643, p. 440.

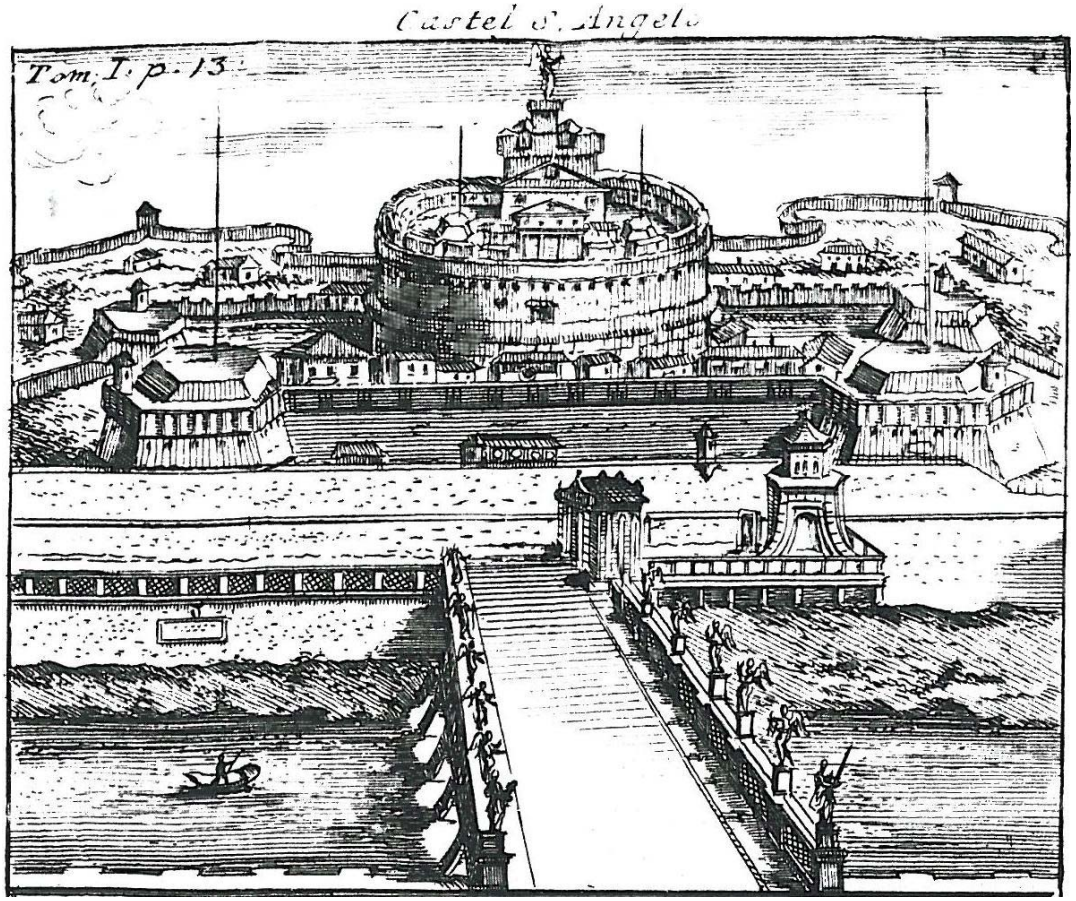


Figura 14. *Castelo de Santo Angelo e ponte adriana (ou ponte de Santo Angelo)*[120]



Figura 15. *Castelo de Santo Angelo*[121]

[120] Niccola Roisecco, *Roma antica, e moderna o sia nuova descrizione…*, op. cit., p. 257.

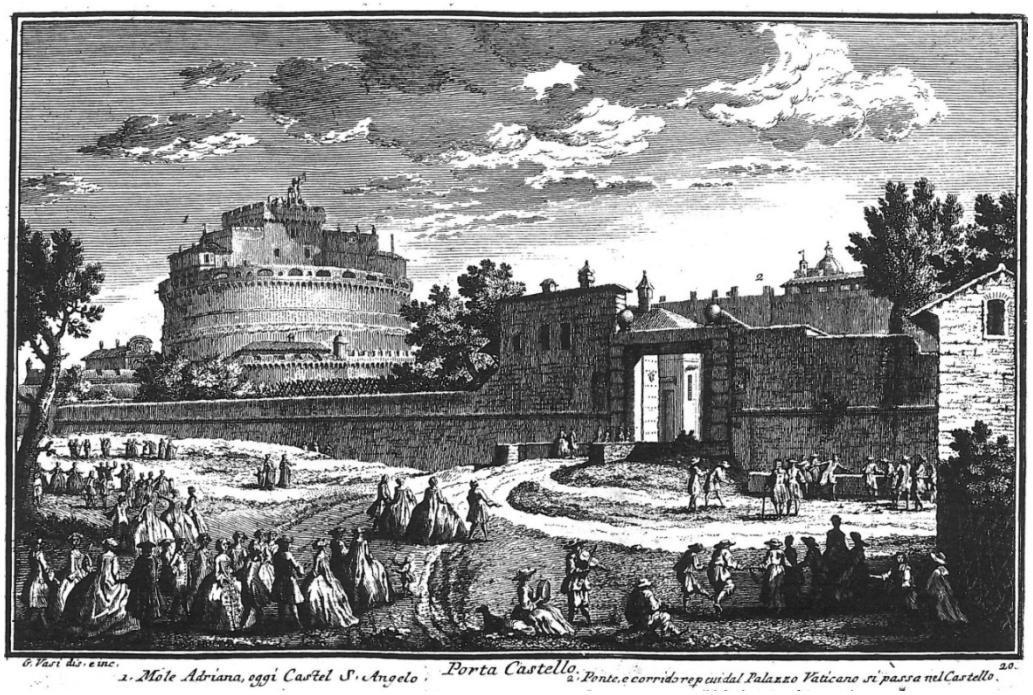


Figura 16. *Representação setecentista do Castelo de Santo Angelo*[122]



Figura 17. *Representação setecentista do Castelo de Santo Angelo e da ponte adriana (ou ponte de Santo Angelo)*[123]

[121] Pormenor do castelo de Santo Angelo (in *Munster's Cosmographia*, 1550). Imagem retirada do site *http://historic-cities.huji.ac.il/mapmakers/munster.html*
[122] Giuseppe Bianchini, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, vol. I, *op. cit.*, p. 20.
[123] Giuseppe Bianchini, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, vol. I, *op. cit.*, p. 86.

Nova igreja de S. Pedro

> "passado o dia dentruido em que se as derradeiras festas çelebram andados poucos dias da coresma, mostrando sua santidade sinaes de cristianissimo pontifico deu sua alma a deus. foi sepultado na JgreJa de sam pedro. com solennes exequias."[124];

> "o papa Jullio (…) foi grande edificador. (…) E sobre todalas outras obras fundou a JgreJa de sam Pero, que acabandosse seraa a moor edefiçio de JgreJa do mundo. começa de fazer hum muro que vinha da entrada de belueder atee o castello de santangelo, per fora do que fez o papa alexandre sexto ho qual manda deRibar. fez huma sumptuosa obra descadas dabouadas pera sobirem os cardeaes a caualo atee porta de sua camara que no andar da sala dos pontifiçes no cume dos paços que são mui altos. E são tam anchas que podem hir dois de caualo apar. deRibando salas e apousentamentos pera Jsso."[125]

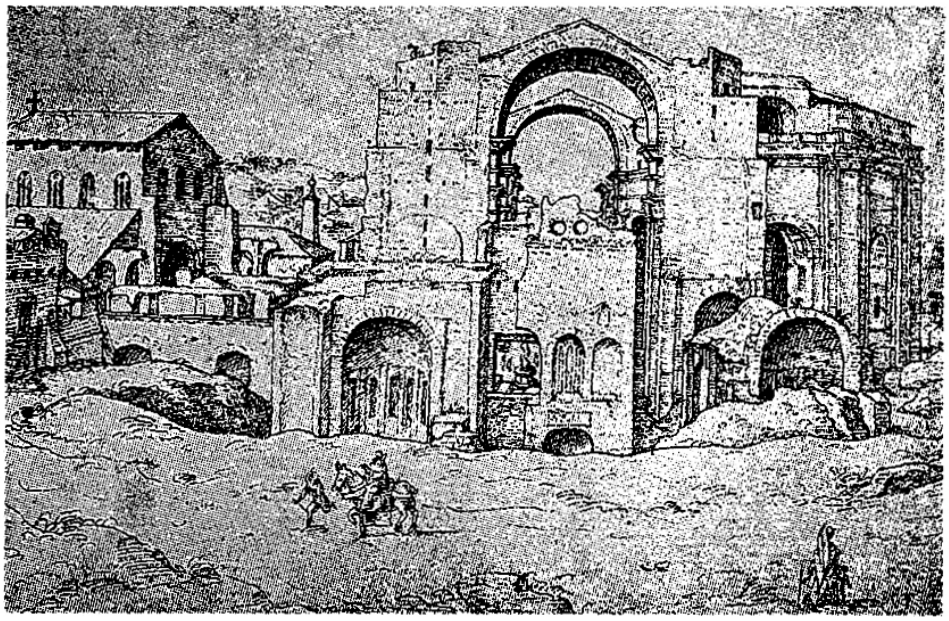


Figura 18. *Vista exterior, em 1520, da construção da Basílica de S. Pedro (iniciada por ordem de Júlio II e continuada por Leão X). Da autoria de Maerten van Heemskerck (1494-1574)*[126].

[124] *MFC*, f. 168r.
[125] *MFC*, f. 168v a f. 169v.
[126] Imagem retirada do site*http://www.wittert.ulg.ac.be/fr/flori/opera/heemskerck/heemskerck_notice.html*

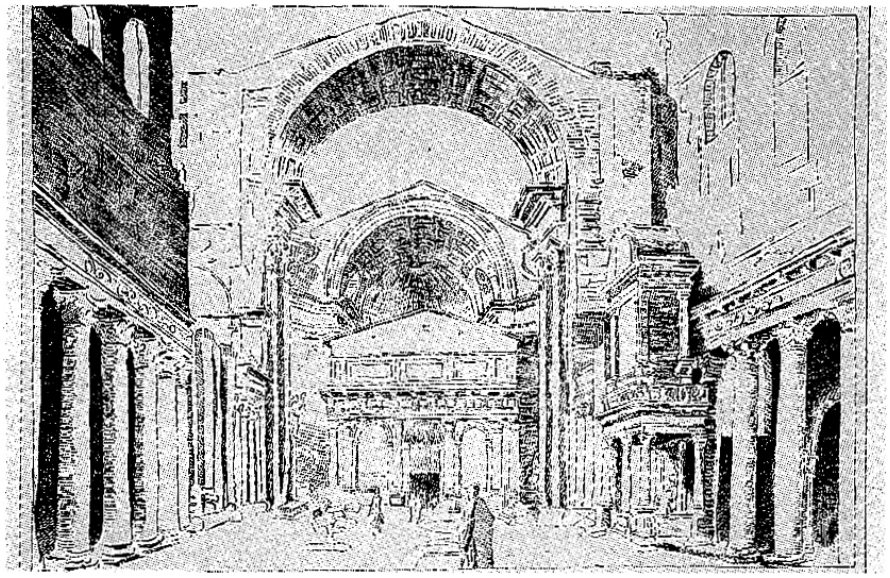


Figura 19. *Construção da Basílica de S. Pedro. Vista interior da obra (c. 1535). Desenho de Maerten van Heemskerck (1494-1574)*[127].

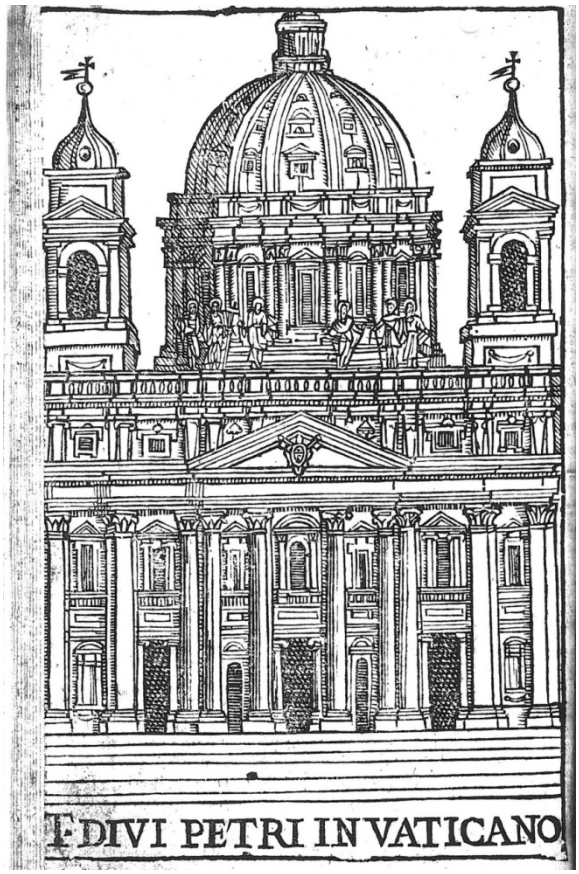


Figura 20. *Basílica de S. Pedro após terminada a obra de construção*[128].

[127] Imagem retirada do site*http://www.wittert.ulg.ac.be/fr/flori/opera/heemskerck/heemskerck_notice.html*

Porta Maior

> "E a xbiij dias de maio da era de 1517 no ano quinto do pontificado do papa a huma segunda feira, o cardeal se veo a Roma E sahirão a Reçeber muitos perlados E grandes senhores E muitos priuados E parentes do papa E Romanos. E os criados de sua Reuerendissima senhoria que naquelle tempo aconteçeo estarmos em Roma o fomos Jsso mesmo Reçeber, estando fora da porta maior por onde avia dentrar, Ja que toda a Jente cheguaua A porta."[129]

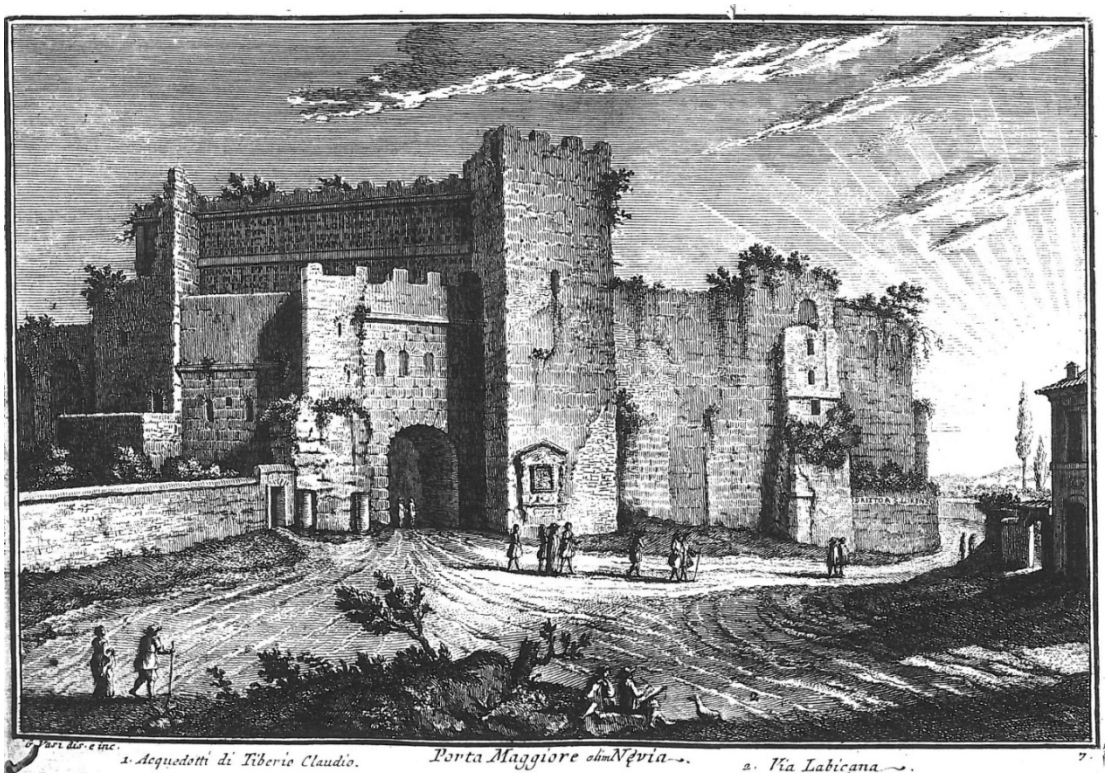


Figura 21. *Representação setecentista da Porta Maior*[130].

Porta de S. Sebastião

> "E finalmente sendo [o cardeal de sena] avisado que se ordia de o prenderem tomou por Remedio sahirse outra vez de Roma. (…) E tanto que acabou de comer mandou que caualguassemos dizendo que hia A

[128] Pietro Martire Felini, *Trattato nuouo delle cose…*, op. cit., p. 8.
[129] *MFC*, f. 220v.
[130] Giuseppe Bianchini, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, vol. I, *op. cit*., p.7.

caça. E assi Juntos com nossos carnetos, trellas E toda a outra maneira de caçadores sahimos per Roma contra a porta de sam sebastião que sera pouco menos de huma leguoa com o despouoado por dentro da çidade. E sahidos fora dos muros vimos gente de caualo armada. E loguo o cardeal se voltou a noos"[131].

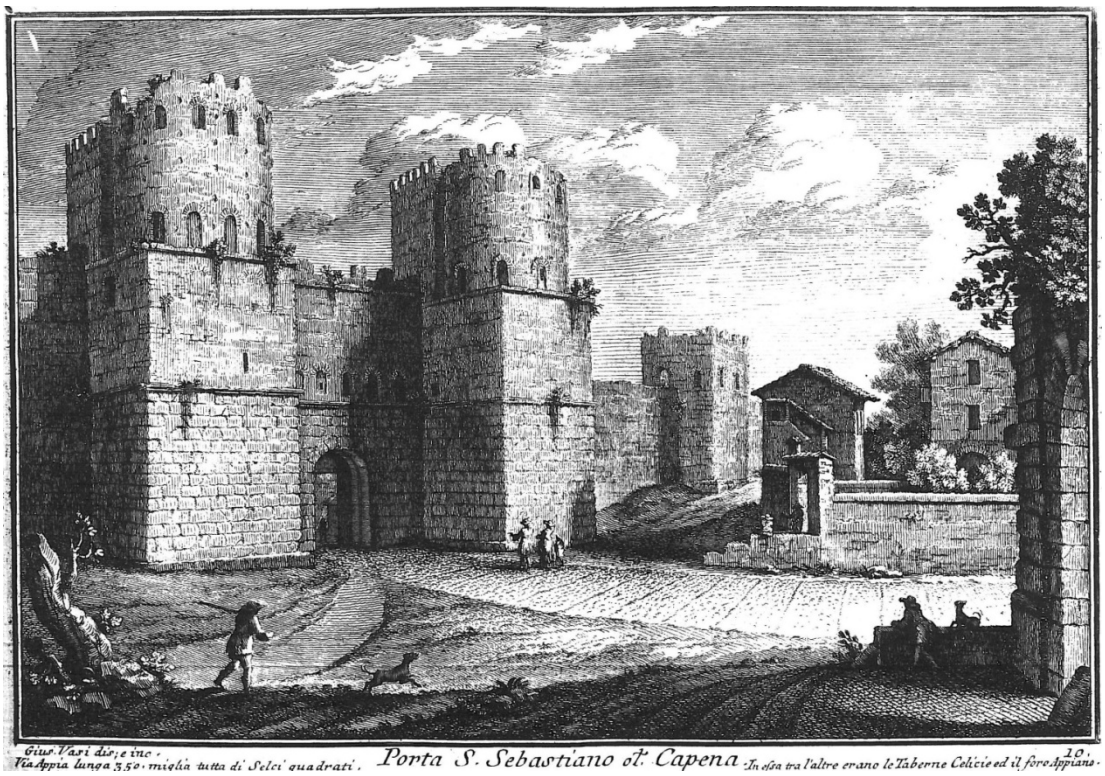


Figura 22. *Representação setecentista da Porta de S. Sebastião*[132].

Mas outros lugares existem na Roma do início do século XVI que merecem grande destaque no texto fidalgo – como, a título de exemplo, *campo de frol* (que o fidalgo em determinado momento assinala como a *prinçipal praça de Roma*)[133] ou a

[131] *MFC*, f. 218v.
[132] Giuseppe Bianchini, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, vol. I, *op. cit*., p.10.
[133] "antre os mançebos de Roma era hum prinçipal dos coluneses que se chamaua pero marguano. avia muitos dias que andaua desterrado de Roma com temor do papa E por huma travessura que fez de homem de grande animo que foi tida por grande façanha por ser pubrica na prinçipal praça de Roma E em tempo do papa Jullio a que todos temiam por ser Jnteiro guardador E executor da Justiça. no tempo que o papa vedaua todalas armas por causa das guerras achando o barachelo ou alcaide de Roma com espada este mançebo lhe disse per vezes que ha nam trouxesse. E nam dando por Jsso por ser senhor dos prinçipaes coluneses fez delle queixume ao papa. E diziasse que Sua Santidade mandou ao barachello que lhe tomasse as armas, o qual ho fez assi o primeiro dia que ho achou. pero marguano ho teue a grande JnJuria E seus parentes, dizendo que se nam deuiam entender taes leis em pesoa de sua calidade. mas nam tardou muito em tomar vinguança. hum dia estando o barachelo em campo de frol com toda sua Jente da guarda da çidade que ho acompanham os quaes são muitos de picas E espinguardeiros E alabardeiros, pero marguano se foi a elle com tres companheiros E ho matou dandolhe muitas cutiladas no Rosto que todo

igreja de *sam João de latrão que hee cabeça de todalas JgreJas do mundo*[134]. A destreza com que o fidalgo recorre a todos eles e os manuseia enquanto conceitos espaciais de referência na construção do seu discurso urbano revela bem o seu conhecimento profundo da cidade que tanto o fascinou.

A seguinte passagem acerca dos "mui maos vapores" provenientes dos "grandes pahues" existentes entre a "çidade E o mar" e que no verão "coRendo vento marinho" infestam a cidade é expressiva deste *domínio* conceptual e espacial da geografia da *Cidade Eterna* por parte do autor:

> "Como Roma hee doentia E os cardeaes se vão como passa o dia de são pedro E sam paulo a luguares sadios, ter o que fica do verão. Roma estaa assentada antre o mar E a serra da parte do meo dia. E do ponente a Rodea o mar. E contra o leuante hee a serra. antre a çidade E o mar haa grandes pahues que no verão deitam de si mui maos vapores, E coRendo vento marinho leuaos consiguo A çidade. E são tam empeçiuees — prinçipalmente nas madruguadas E na entrada da noite [—] que causam doenças mortaes. por Jsso se diz que Roma hee doentia E os Romanos se guardam muito do sereno. os cardeaes perlados E senhores que tem fora de Roma luguares a que se possam hir, ho fazem como passa o dia de sam pedro E sam paulo por que atee aquelle dia nam daa o papa liçença a nenhum por ser dia de missa papal. E todos estam Juntos por honrra da festa. aquelle anno pedio o cardeal meu senhor Liçença ao papa pera se hir a sena que hee terra fria E mui espeçial de verão. (…) ali esteuemos todo o verão."[135]

Já o momento em que, a propósito das cheias provocadas pela subida do Tibre, assinala a forma como a cidade, em termos de infraestruturas urbanas, se apresenta bastante melhorada nos tempos de Júlio II é revelador do olhar crítico e do seu poder de observação em termos arquitectónicos e do modo como uma grande cidade deve funcionar. Traços inequívocos de um espírito urbano, ou seja, humanista:

---

lho fez em pedaços. eu ho vi quando o leuauam ao populo onde ho enterrarom." in *MFC*, f. 157r e f. 157v.

[134] "Na primeira segunda feira do mes de maio seguinte o papa começou ho conçilio em sam João de latrão que hee cabeça de todalas JgreJas do mundo. E por que os paços que ali sohião de ser dos emperadores, E os socçederam em luguar do emperador constantino estão mui cahidos E aRunbados, sua santidade mandou primeiro Rapairar algumas prinçipaes casas em que se aguasalhassem elle E os cardeaes E prelados por que sam João de latram hee no cabo do deserto de Roma Junto dos muros, lonJe do pouoado mais de huma milha, senam algumas poucas casas dos coneguos E tauernas pobres que estão daRedor." in *MFC*, f. 159v.

[135] *MFC*, f. 160v e f. 161r.

> "Como no sobredito ano de b^{c} E doze o tibre creçeo fora de mesura. Neste tempo E sobredito Jnverno, scilicet, na era de mil b^{c} E doze creçeo tanto o tibre que entrou per Roma ate a ponte do moesteiro de sancto agustinho. E pollos canos grandes E prinçipaes da çidade que vão sahir ao Rio entrou tanta aguoa em muitas partes de Roma que se seruiam com barcas [.] pollo cano que vai dar em campo naguão entrou tanta que cuidaram que fosse alaguado aquelle bairro todo. E desta mesma banda grande parte do campo marçio se naueguaua pollas Ruas com barcas que leuauam os mantimentos As casas. E da parte de bancos entrou aa crauica. E em outros muitos luguares que pareçia quererse a çidade alaguar. E enchendosse as cantinas daguoa as quaes sam todas debaixo da terra, os que nam acodiam a atar as pipas dos vinhos humas com as outras por se nam Reuoluerem perderam muito vinho. E alguns cardeaes E cortesãos mandaram sobir parte dellas aos sobrados pera suas familias. diguo Jsto por que o cardeal de sena ho mandou fazer assi, temendo que cheguasse a aguoa a sua casa por que erão Junto do campo naguõ [.] pousaua o cardeal de narbona frânçes em humas grandes casas que estauam sobre o tibre E na parede do pateo delas estaua huma pedra de marmor que fora ali posta a aquelle fim, que tinha dous Riscos pouco mais de hum palmo hum açima do outro com letras que diziam que em çertos tempos creçera o Rio E cheguara a aquelles Riscos. E são lembrado[s] que huma daquellas cheas foi no pontificado de alexandre sexto. E esta que foi neste tempo cheguou açima do primeiro Risco, E nam sobio ao de cima, ficando no meo dambos [.] E loguo foi ali aberto outro Risco E escrito o tempo em que fora. estas cheas sohiam causar em outros tempos grande pestelença por que Roma sohia ser de casas de balcões, E as Ruas por calçar E no meo cheas de esterqueiras E de cães E doutras cousas mortas. E as cheas metiam aquellas podridões nas casas E cantinas que despois deitauam de si maos cheiros E vapores que conRompiam ho ar E traziam as pestes E maas Jnfirmidades. mas aguora hee toda calçada de ladrilho per alto E limpa quanto mais choue ou venta que varre as Ruas que hee prazer andar por ellas. E do tempo que eu em Roma estiue que foram sete anos saberei dar fee que nam ouue peste nem fome. as guerras sentiam nas os que andauam nellas E os papas que as faziam que tinhão ho peso dellas As costas. os de fora dauanse a prazer, saluo naquelle passo da batalha de Reuena que punha espanto a toda a corte de Roma E sobre todos aos espanhoes."[136]

Roma está agora, no segundo decénio do novo século, "toda calçada de ladrilho per alto E limpa quanto mais choue ou venta que varre as Ruas que hee prazer andar por ellas." Pelo que, os "maos cheiros E vapores que conRompiam ho ar E traziam as pestes E maas Jnfirmidades" já não devastam a urbe. Por isso, o autor atesta pessoalmente – e, portanto, com toda a segurança – ao destinatário do seu texto que "do tempo que eu em Roma estiue que foram sete anos saberei dar fee que nam ouue peste nem fome".

[136] *MFC*, f. 166r e f. 166v.

De salientar também a descrição extremamente crúa e real do fidalgo, que não se sente inibido em fazer recurso de todas as possibilidades veiculadas pelo seu vocabulário, para transmitir ao seu senhor uma ideia o mais fidedigna possível do que acontecia em Roma antes do pontificado de Júlio II que foi, de facto, o grande reformador de Roma em termos urbanos[137]: "estas cheas sohiam causar em outros tempos grande pestelença por que Roma sohia ser de casas de balcões, E as Ruas por calçar E no meo cheas de esterqueiras E de cães E doutras cousas mortas. E as cheas metiam aquellas podridões nas casas E cantinas que despois deitauam de si maos cheiros E vapores".

O domínio por parte do autor da rede urbana romana impressiona em particular pela forma dialéctica como relaciona o espaço no seu todo, a grande urbe, com a suas pequenas, mas extremamente emblemáticas, partes:

> "A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palaçio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. E a esta causa o ofiçio he longuo, E se acaba tarde. E acabada a missa os cardeaes se vão Juntos (antes de hir as suas pousadas) A JgreJa de sancta sabina esposa de sancto aleixo que hee a primeira estação da coresma. E hee no monte aventino, onde Jsso mesmo estaa a JgreJa de sancto aleixo. E ambas são singulares JgreJas guarneçidas em muitas partes de perfidos E Jaspes Resprandeçentes. E na JgreJa de sancto aleixo estaa a escada debaixo da qual elle fez penitençia. E a JgreJa estaa no luguar onde erão os paços de seu pai. neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancraçio na via de çiuita velha."[138]

O fidalgo chega ao ponto de dar as medidas da rua Alexandrina para melhor explicar a forma como o cortejo passava:

> "E como Ja tenho dito todos vão em seus ordenados luguares pollo mestre das çerimonias. naquelle dia grande multidão de Romanas vem A proçissão pera guanhar os perdões. E assentanse de huma E da outra parte das Ruas que são anchas, prinçipalmente a Rua alexandrina que tem

[137] Cf. Peter Partner, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, op. cit., pp. 3-46.
[138] *MFC*, f. 184r e f. 184 v.

quinze passos de larguo. E a proçissão passa com tanta ordenança que nenhum empacho lhes dão."[139]

Impressiona igualmente a forma como descreve as intersecções viárias da cidade:

"direi a vossa senhoria ho que vi o ano que a Jrmã do duque de saboia esteue em Roma. em dia de corpo de deus a proçissão se faz muito çedo por Respeito das calmas serem mui grandes E periguosas em Roma naquelle tempo. o papa sahe de são pero com o corpo de nosso senhor nas mãos, E vão pollo terreiro A Rua alexandrina, E cheguando A praça que hee de fronte das casas que tenho dito em que pousaua o cardeal daraguão faz a volta polla Rua dos martires E tornasse pera sam pero onde çelebra missa solene. estas Ruas sam Repartidas antre os cardeaes"[140].

De referir que, no conjunto da cidade, para além das *JgreJas prinçipaes*[141], também o sacro palácio e os seus jardins são alvo de particular atenção pelo fidalgo. Vejamos as seguintes descrições, a primeira relativa ao conclave e a segunda às qualidades únicas dos referidos jardins:

"Da maneira do conclaui E como os cardeaes sam ençerrados. Por me nam culpar a mjm mesmo quando em algum tempo for preguntado polla maneira do conclaui, o fui ver quando o ordenauam. no sacro palaçio haa huma mui grande sala na qual se fazem os consistorios publicos. no andar desta sala vem dar a capela grande do papa, E tambem a pequena que hee a antigua que estaa da outra parte da sala de fronte da capela grande. nesta capella grande se armarom leitos de campo com carrioles dambalas partes A maneira de dormitorios de frades, sem antre hum E o outro aver outro Repartimento senam as cortinas dos mesmos leitos. na capella pequena ouviam missa. na sala comiam E passeauam os cardeaes. nenhum delles pode ter consiguo senam hum soo seruidor. este escolhem dos mais priuados que tem. E o mais sabido, por que desque sam encerrados, creçendo o deseJo de alcançar tam altissima dinidade, creçem as diligencias, creçem as promessas de grandes prelazias E doutras merçes. ali vai bulir, tramar, huns com os outros. E mui Raras verdades pera aver mais vozes pera seus amiguos [.] E pera se Jsto bem fazer cumpre a cada hum ter consiguo pesoa que ho bem saiba ordir. a estes seruidores são

[139] *MFC*, f. 205r.
[140] *MFC*, f. 204v.
[141] "E atras os coniguos das JgreJas prinçipaes, scilicet, são João de latram, sam pedro, santa maria maior, sancta maria transtiberina, sancta maria Redonda, que são por todos grande numero de cleriguos." in *MFC*, f. 205r.

> conçedidas Reseruas que preçedem todalas outras. mas nenhum nam foi desta vez tam soliçito ou bem afortunado como o sobredito bernardo beuiano ao qual o cardeal de mediçis meteo consiguo no conclaui. tanto que os cardeaes são dentro tapanlhe as portas de pedra E cal. em huma das portas fazem hum torno como de freiras por onde lhe dão de comer. todalas outras Janelas E furacos se tapão da mesma maneira por se nam poder dar aos de dentro nenhum aviso, nem os do conclaui aos de fora. contudo a capela E a sala ficam mui claras com as grandes E gentis vidraças que tem que dão claro lume. nesta sala E nestas duas capelas são soomente ençerrados. E a outra grandeza dos paços fica na guarda da Jente darmas. os embaixadores dos Reis estão o mais do tempo ao torno em quanto assi estão ençerrados sem criar nouo pontifiçe. E nam vai Jguaria a nenhum que primeiro não seJa vista E olhada se vai algum escrito ou cousa que seJa daviso. Jsso mesmo olhão os baçios de prata se vão nelles algumas çifras ou sinaes. E no que achão Risco nam consentem que o metam dentro. nestas guardas se poem muita diligençia. a ordem da eleição do papa hee santissima se as dos eleitores for tal."[142];

> "Dos agrauos E desfauores que o papa fazia ao cardeal de sena. Nom consentio a maliçia E desordenada cobiça dos florentins que longuo tempo se dissimulasse o proposito que tinham de destrohir ao cardeal de sena E a seu Jrmão. ca loguo no primeiro ano de seu pontificado lhe começaram de tirar as cubertas, scilicet, o Jardim E a camara do sacro palaçio, o Jardim que lhe tinha o papa dado, hee de laranJaes E doutras muitas maneiras daruores. E de Rosas E doutras muitas frores de muitas maneiras E ortaliça. E tem mui gentis apousentamentos E Joguos de pella. assi que hee hum dos melhores de Roma."[143]

Em alguns momentos do seu texto, o fidalgo faz particular referência ao facto de ser uma prática comum em Roma a colocação de epitáfios pela cidade. Tal indicação inscreve-se na tradição coeva do recurso aos pasquins, ou seja, ao acto de colocar folhetos com conteúdo satírico dirigidos a personagens públicas importantes, em particular aos papas, aos pés ou ao pescoço da estátua intitulada precisamente de pasquino. A prática tornou-se de tal forma corrente, que a estátua *parlante* transformou-se a partir do século XVI num ícone da cidade e do seu espírito crítico. Existem várias hipóteses para a origem da prática e da atribuição de tal nome à estátua, sendo uma das mais correntes a relativa à provável existência real de um poeta chamado Pasquino, conhecido precisamente pelos seus versos satíricos[144].

[142] *MFC*, f. 170r e f. 170v.
[143] *MFC*, f. 176v e f. 177r.
[144] Cf. Pietro Romano, *Pasquino e la satira in Roma*, Roma, V. Ferri, 1932; G. A. Cesareo, *Pasquino e Pasquinate nella Roma di Leone X*, Roma, Casa Ed. Leonardo de Vinci, 1938; Valerio Marucci,

"Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo. (…) sendo assi ambos os duques entrados na (sic)[145] terras dorbino, ouveram muitos Recontros nos quaes morreo muita Jente, E a maior parte do exerçito do manifico Lourenço [.] E sempre seus feitos foram de mal em pior, E nam da maneira que sohia dizer em Roma que nunca françisco maria tiuera animo de se amostrar com elle cara a cara E desemparara E se sahira de seu senhorio como homem de pouco esforço E ousadia. andando o manifico Lourenço prouendo em assentar a artelharia sobre huma vila que tinha çercada que estaua em guarda despanhoes lhe atiraram E deram sobre o capaçete com hum pilouro despinguarda E lho falsou. E foi tam mal ferido que todo o tempo que a guerra durou, esteue em florença onde secretamente foi leuado. E da ferida ficou com o pescoço torto, E quasi trazia ho Rosto sobre hum ombro. E por que neste tempo tambem se ordia de querer tomar ferrara, E em Roma nam se sabia a que parte se Recolhera – ca huns diziam que se fora a ancona, outros a florença, outros tinham que fora trazido a Roma – foram postos muitos epitafes por Roma, E hum dizia A maneira de preguão, chisape se – chi avese torbato al manifico lourenzo – vada al sacristano dela paçe ele sera donato lo nom bebragio [.] E por que suas cousas eram mui cahidas, se pos outro que dizia, vide voy che senara manifico lourençino che per pigliar ferrara, avete preso vrbino. E por que a todo homem pareçia esta guerra JnJusta, a todos apraziam estes motes que se achauam preguados pollos pubricos das prinçipaes Ruas de Roma como hee husança."[146];

"o qual Rayo causou que o pouo murmurasse. nom faltou quem sobre estes trouões E Rayos fizesse muitos versos E epitafios que fixaram per muitos cantos de Roma."[147]

"Prefazione" in *Pasquinate del Cinque e Seicento*", C. Rendina, Roma, Salerno, 1988; Valerio Marucci, Antonio Marzo e Angelo Romano (a cura di), *Pasquinate romane del Cinquecento*, Roma, Salerno, 1983.

[145] Leia-se *nas terras.*

[146] *MFC*, f. 216v e f. 217r.

[147] *MFC*, f. 224v.

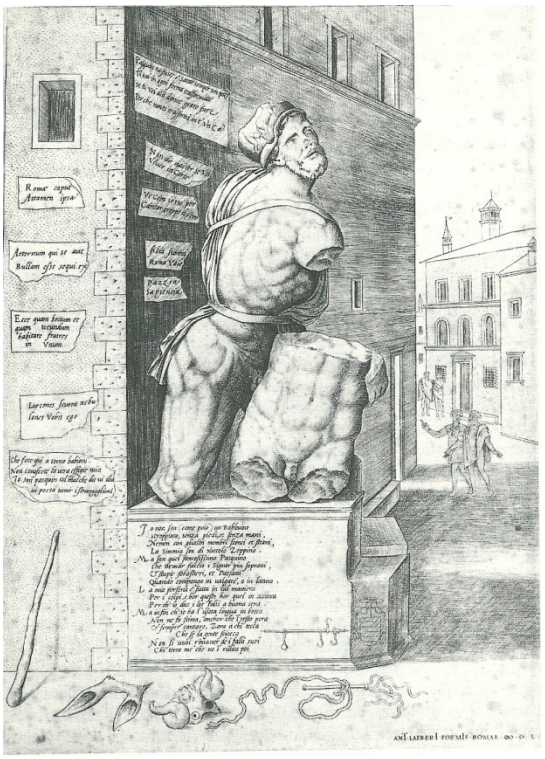


Figura 23. *Estátua de Pasquino junto ao palácio Orsini (na Piazza di Pasquino), com pasquins afixados (1550)*[148].



Figura 24. *Estátua de Pasquino*[149].

[148] Gravura da autoria de Antonio Lafreri (1512-1577). In *Speculum Romanae Magnificentiae*.
[149] Andrea Fei, *Descrittione di Roma antica e moderna*, Roma, s.n., 1643, p. 402.

Notável é a passagem relativa à relação entre a cidade e o meio rural que a circunda e que dela está dependente do ponto de vista administrativo:

> "Como a marqueza de mantua veo a Roma E das festas E honrras que lhe foram feitas. (…) mas di a poucos dias as faltas desta festa foram emmendadas em huma Real caça que o papa E estes cardeaes E muitos senhores fizeram em campo salino que hee duas leguoas de Roma pollo tibre abaixo. este hee hum grande campo que de huma parte toca no Rio do tibre, E da outra hee çercado de monte em que haa muitos çeruos E corços por que aquello tem o papa coutado, sem nenhuma pessoa hir ali caçar, da qual caça os cardeaes E senhores de Roma nom tem neçessidade por que a todalas partes da çidade se achão todolos generos de munçias, de porcos, çeruos, corços, Raposos, E lebres. E coelhos monteses nam nos haa em toda a terra de Roma. E haa muitos mansos de muitas cores que se criam nas casas que se nam vendem pollo preço de villa viçosa. estas mundiçes tanto que vem o Jnverno, E os pães sam creçidos deçem das serras asperas E frias ao chão a buscar de comer nos pães. E acolhense em matas espesas que haa polla campina donde os vão tyrar com baraços ou podenguos daquella Raça ou natura. os caçadores estão pollas aradas com seus gualguos a que chamam librees em grande multidão com que os correm E tomão. E tem Jsso mesmo outra maneira de caçar çeruos E porcos, çercando com Redes aquellas matas E os porcos E çeruos enxotados de caens, vem dar nellas. E os de caualo como os vem enlaçados nas Redes os matam As lançadas."[150]

A cidade faz corpo com o meio rural que a rodeia e envolve, isto é, com o contorno de campos circundantes que domina e explora. Afinal, Roma é cidade toda poderosa, em particular na sua relação com o espaço que a envolve. Aqui se vê o carácter totalizante da sua importância e da sua abrangência em termos de poder. Dito de outro modo, com a Roma renascentista começa a inverter-se o estado coisas defendido por Le Goff para a cidade medieval: "a oposição *urbs/rus* é pouco pertinente no mundo do Ocidente medieval, onde o dualismo fundamental Cultura/Natureza se exprime muito mais através da oposição entre o que é construído, ou cultivado, habitado (cidade, castelo, conjunto da aldeia e dos campos) e o que é propriamente selvagem (mar, floresta, deserto), ou seja, entre o universo dos homens em grupo e o universo da

[150] *MFC*, f. 208r e f. 208v.

solidão”[151]. Esta segunda oposição mantém-se, de facto, neste período e manter-se-á durante muito tempo; todavia a primeira relação transfigura-se, pois nos alvores de Quinhentos começa a ser igualmente pertinente e evidente a diferença entre *urbs/rus.* Estamos, pois, perante outro um traço indiciador de o fidalgo presenciar o despoletar de uma nova era na *Cidade Eterna.*

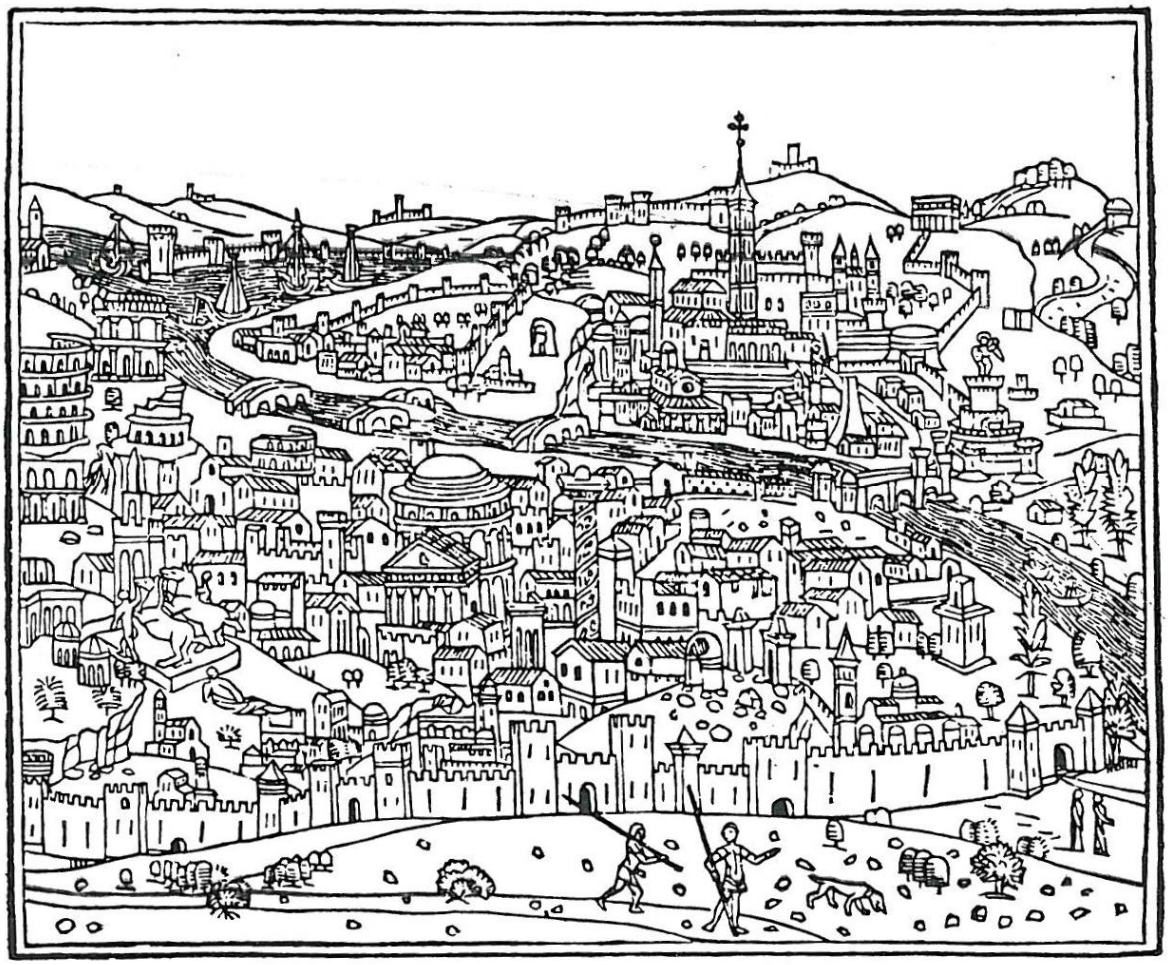


Figura 25. *Panorâmica de Roma, englobando zonas rurais envolventes (1490)*[152].

O clima, na medida em que de alguma forma condiciona a relação do fidalgo com o espaço que descreve e consequentemente a apreciação que veicula deste, merece um apontamento no nosso estudo. Com efeito, o autor destaca por diversas vezes o quão perigoso pode ser o clima de Roma, devido às “mortaes calmas” que o caracterizam:

[151] Jacques Le Goff, *O Imaginário Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 231.
[152] Gravura da autoria de Fra Jacopo Filippo Foresti da Bergamo intitulada *Vista de Roma* (1490). *In* André Chastel, *The Sack of Rome: 1527*, Princeton, Princeton University Press, 1983, p. 53.

> "o papa Jullio (…) foi grande edificador. (…) em Roma fazia huns grandissimos paços pera se apousentarem nelles todolos ofiçiaes da curia Romana, scilicet, guovernador, auditor da camara, auditores da Rota, Regente com todos seus notairos E ofiçiaes, pera que os neguoçeantes nam padeçessem tanto detrimento em suas demandas E despachos como aguora se faz. ca polla çidade ser grande E os ofiçiaes espalhados nom podem sem grandissimo trabalho suprir a Requerer sua Justiça, assi no Jnuerno que são os dias pequenos, como nos grandes que são de mortaes calmas que os mata fazendo exerçicio mais do que Roma Requere."[153];

> "Da morte de madona milia esposa do senhor de pombrino. Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa, a qual era per seus embaixadores esposada com o senhor de pombrino o qual hee gram senhor de Renda E mui gentil homem de sua pessoa E desposição de corpo. (…) a morte desta senhora se causou da vinda de seu esposo a Roma, por que o papa os quis Reçeber E dar o anel, segundo husança de Jtalia. E çearam ambos A mesa com Sua Santidade comendo Juntos o manifico Julião com todalas outras Jrmãas E parentes que foi cousa nom acustumada dos papas por ser a çea pubrica E de tantos festeJada E de Jograes como voda. ãs Jguarias muitas, as muitas maneiras de musicas causaram muita detença. E a esposada era de desposição E Jdade delicada, os vestidos de borcado de pelo, E as muitas Joias eram pezadas. o tempo era de grandissima calma, assi que a tam Jentil E tam honrrada E festeJada noiua contra todo ordem de çerimonia apostolica se partio dali com febre pequeno daquelles que nam dão vida em Roma. E peJorando cada dia nam lhe valeram os grandes Remedios per sua saude buscados com tanta diligençia que segundo ella mesma me disse lhe dauão perlas E pedras preçiosas com outras semsaborias E vaidades pera lhe dar vida. E em cabo de corenta dias, que a nosso senhor aprouue de a leuar lhe deu sua alma."[154]

O clima traz consigo cheiros nauseabundos e provoca febres que muito amedrontam os romanos, ao ponto de, aqueles que o podem fazer, saírem da cidade nos momentos mais intensos deste estado de coisas:

> "Como Roma hee doentia E os cardeaes se vão como passa o dia de são pedro E sam paulo a luguares sadios, ter o que fica do verão. Roma estaa assentada antre o mar E a serra da parte do meo dia. E do ponente a Rodea o mar. E contra o leuante hee a serra. antre a çidade E o mar haa grandes pahues que no verão deitam de si mui maos vapores, E coRendo vento marinho leuaos consiguo A çidade. E são tam empeçiuees — prinçipalmente nas madruguadas E na entrada da noite [—] que causam doenças mortaes. por Jsso se diz que Roma hee doentia E os Romanos se

[153] *MFC*, f. 168v e f. 169r.
[154] *MFC*, f. 203r e f. 203v.

> guardam muito do sereno. os cardeaes perlados E senhores que tem fora de Roma luguares a que se possam hir, ho fazem como passa o dia de sam pedro E sam paulo por que atee aquelle dia nam daa o papa liçença a nenhum por ser dia de missa papal. E todos estam Juntos por honrra da festa. aquelle anno pedio o cardeal meu senhor Liçença ao papa pera se hir a sena que hee terra fria E mui espeçial de verão. (…) ali esteuemos todo o verão."[155]

Por tudo isto, o clima de Roma é encarado pelo seu visitante flaviense com temor e grande respeito, até porque, de alguma forma, ele próprio acabou por ser vítima de tal condição climática:

> "direi a vossa senhoria ho que vi o ano que a Jrmã do duque de saboia esteue em Roma. em dia de corpo de deus a proçissão se faz muito çedo por Respeito das calmas serem mui grandes E periguosas em Roma naquelle tempo. o papa sahe de são pero com o corpo de nosso senhor nas mãos, E vão pollo terreiro A Rua alexandrina, E cheguando A praça que hee de fronte das casas que tenho dito em que pousaua o cardeal daraguão faz a volta polla Rua dos martires E tornasse pera sam pero onde çelebra missa solene. estas Ruas sam Repartidas antre os cardeaes"[156];

> "mas a mjm senhor caro me custou aquella Jornada por que ali adoeçi com o sereno da manham de corrimentos que me pararam tal que quando parti de Roma nam ouve homem que tiuesse esperança que sahisse viuo do mar."[157]

Daí que ao abordarmos a visão do fidalgo em relação à *Cidade Eterna* seja fundamental ter sempre este tópico presente, pois ele condiciona a própria arquitectura e forma de construir na cidade, como verificámos em relação aos "grandissimos paços" mandados edificar por Júlio II que tinham por objectivo facilitar a vida a "todolos ofiçiaes da curia Romana (…), assi no Jnuerno que são os dias pequenos, como nos grandes que são de mortaes calmas que os mata fazendo exerçicio mais do que Roma Requere."[158] Também fora de Roma o fidalgo evoca alguns lugares com importante destaque. Sobretudo quando para aí se dirige e no momento em que acompanha o

[155] *MFC*, f. 160v e f. 161r.
[156] *MFC*, f. 204v.
[157] *MFC*, f. 208v.
[158] *MFC*, f. 168v e f. 169r.

cardeal Alfonso Petrucci à vila de Bolsena. Ambas estas passagens são particularmente ricas no que diz respeito à descrição geográfica.

No entanto, diversas outras regiões e, sobretudo, cidades-Estado (Repúblicas) são evocadas pelo autor com grande frequência, nomeadamente Veneza, Florença e Ferrara. O mapa seguinte assinala as urbes e correspondentes sistemas governativos mais referenciados nas *MFC*. Fácil é verificar que a grande maioria das referências se concentra a Norte e, sobretudo, na Itália Central, precisamente a região onde à época os Estados da Igreja possuem maiores interesses políticos e territoriais. Bolsena merece particular destaque, na medida em que o fidalgo se demora numa notável descrição geográfica desta região, em particular do seu lago, bem como da vizinha cidade de Orbieto.

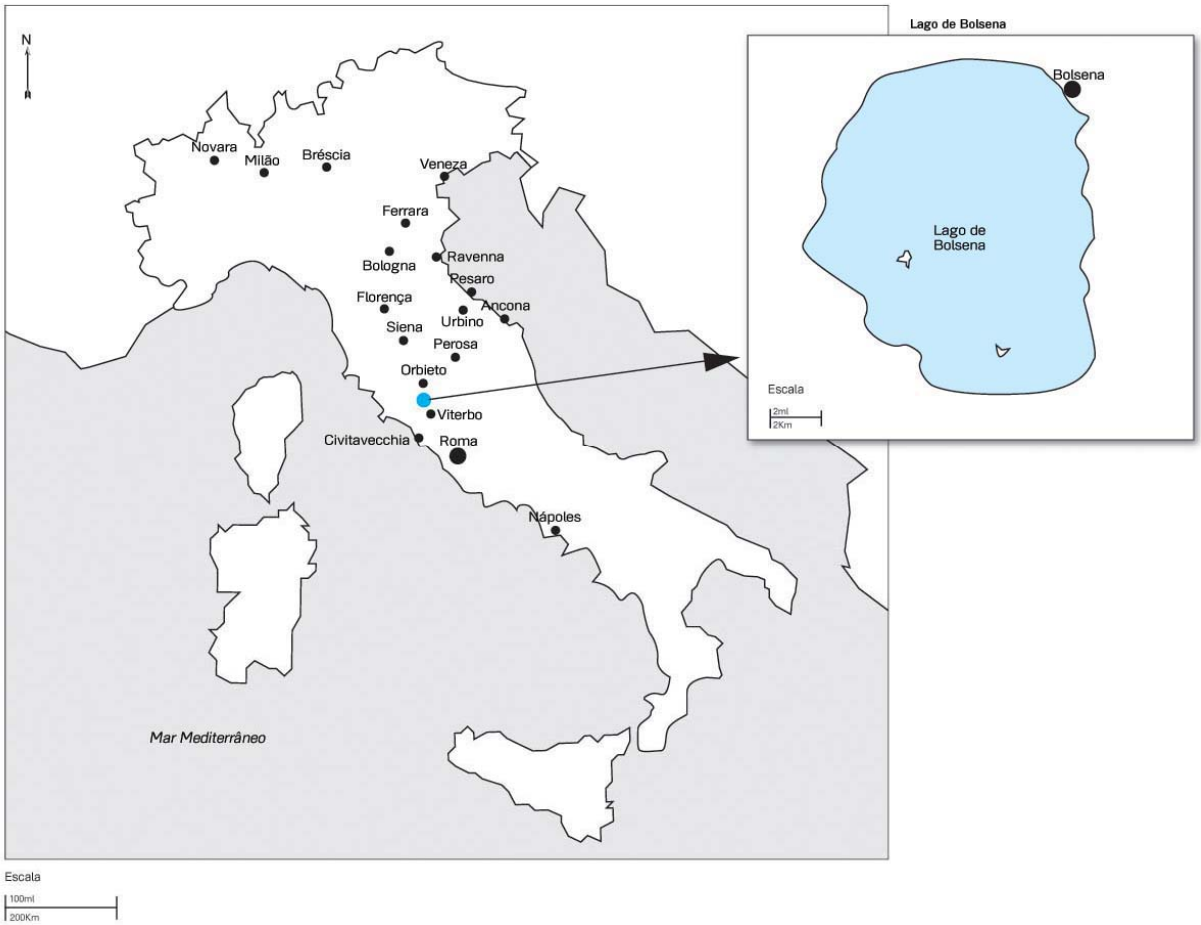


Figura 26. *Mapa de Itália com as urbes mais referenciadas pelo fidalgo de Chaves no seu testemunho e pormenor ampliado da região relativa ao lago de Bolsena.*

Antes de chegar a Itália, o fidalgo efectua algumas paragens no desenvolvimento do seu percurso com destino à *Cidade Eterna*[159]. Assim, antes de chegar a Barcelona visita "nossa senhora de Monserrate", acerca da qual efectua uma breve mas incisiva descrição:

> "E assi Juntos sahidos dalgumas afrontas de ladroens fomos visitar a casa de nossa senhora de monserrate onde esteuemos hum dia E meo. E os companheiros vimos as hermidas da serra. E eu por hir mal desposto nam sobi ao monte. E nam vi outra semelhante abastança de casa pera os doentes e Romeiros. cheguamos a barçelona E por que as calmas eram Ja mui grandes E eu hia maldesposto detreminei de esperar nauio pera passar a Roma."[160]

Mas as narrações mais desenvolvidas surgem posteriormente. Em primeiro lugar em relação a Palermo, na Sicília, onde visita os monumentos locais e descreve um conjunto de lugares e edificações que considera muito importantes, nomeadamente, a "igreja de monReal", a cidade em si, uma "fortaleza que se chama castel vecho" e os "paços do viso Rei" que "são Junto do mar":

> "eu tomei a medida daquelle tam marauilhoso templo, do alto, comprido E ancho. E perdi a em Roma. haa na çidade huma fortaleza que se chama castel vecho. neste castelo estaa huma capela da mesma maneira da JgreJa de monReal assi feita de moisaico com colunas E tauoas dos mesmos perfidos E marmores da perfeição da JgreJa. na see haa outras duas sepulturas da feição E perfeição das de monReal. os paços do viso Rei são Junto do mar. A entrada da primeira sala estão dous carneiros de bronço ou metal mui grandes tam naturaes que são da perfeição do caualo de são João de latrão em Roma. ali Junto do mar estaua a artelharia que o gram capitão tomou aos françeses na batalha do guarelhano."[161]

Durante as três semanas que esteve em Palermo, o viajante flaviense diligenciou "de ver todolos edifiçios E cousas nobres da çidade". Grande espanto causaram-lhe as vinhas, os "pomares de fruitas mui singulares", os "grandes canaveaes daçuquar", as "grandes E mui claras fontes das quaes trazem aguoa aos chafarizes das praças de

[159] Ver mapa na abertura relativo ao itinerário seguido pelo fidalgo de Chaves na prossecução da sua viagem para Roma (1510) e subsequente regresso a Portugal (1517). Veja-se igualmente a primeira parte do nosso estudo (*Parte I – Singularidades de um documento quinhentista*).
[160] *MFC*, f. 136r e f. 136v.
[161] *MFC*, f. 138r.

palermo" e, sobretudo, a "JgreJa de monReal" que "hee de tres naues E hee do tamanho da see de bragua"[162]. Este templo mereceu-lhe uma tal atenção que a descrição que dele efectua só tem correspondência com a que faz da igreja de S. Pedro, em Roma.

Também em Nápoles, o autor faz uma aturada descrição do que encontra. Evoca a localização geográfica da cidade e descreve com algum pormenor "castel nouo" que "hee a fortaleza do E paços dos Reis"[163]. Em jeito de síntese, afirma inclusivamente que "foi a que milhor me pareçeo daquellas partes tirando Roma. napoles hee fermosa çidade E assentada como lixbõa."[164] De reter é que em todas as descrições que faz é representativa do seu quadro mental e da sua formação humanista a consideração que empresta ao quotidiano local – em particular à alimentação, aos produtos da terra e à economia local –, mas, sobretudo, o olhar especialmente atento que atribui ao património construído e ao mundo urbano. Indícios claros do que o irá seduzir em Roma.

Mais tarde, já durante a sua estadia em Roma, o fidalgo deslocar-se-á a Bolsena ao acompanhar o seu protector e amigo, o cardeal Alfonso Petrucci. É neste momento do seu texto – na medida em que está fora de Roma, o grande alvo do seu olhar perscrutador – que sentimos reforçada a noção veiculada com as descrições da *Cidade Eterna*, a saber, de que estamos perante um texto que de algum modo se inscreve no âmbito da literatura corográfica. Um género intimamente ligado ao humanismo e ao espírito do Renascimento:

> "Dos agrauos E desfauores que o papa fazia ao cardeal de sena. Nom consentio a maliçia E desordenada cobiça dos florentins que longuo tempo se dissimulasse o proposito que tinham de destrohir ao cardeal de sena E a seu Jrmão. ca loguo no primeiro ano de seu pontificado lhe começaram de tirar as cubertas, scilicet, o Jardim E a camara do sacro palaçio, E a villa de bolsena [.] fazendolhe outros agrauos os quaes posto que eram de calidade pera ser duros de comportar, mostraua o cardeal com alegre Rosto nom ter disso sentimento [.] o Jardim que lhe tinha o papa dado, hee de laranJaes E doutras muitas maneiras daruores. E de Rosas E doutras muitas frores de muitas maneiras E ortaliça. E tem mui gentis apousentamentos E Joguos de pella. assi que hee hum dos melhores de Roma. E bolsena que lhe o papa dera também, hee mui bõa villa. E estaa assentada a beira do grão laguo de santa cristina. chamasse assi este laguo por que era prefeito daquella terra o pai daquella bem aventurada virgem. E ali padeçeo

[162] *MFC*, f. 137r.
[163] *MFC*, f. 138v.
[164] *Idem, ibidem.*

> martirio por mandado de seu pai que adoraua E cria nos idolos. E o corpo desta virgem E o de sancta Romana Jazem ambos em huma sepultura na IgreJa da dita villa, a qual eu muitas vezes fui visitar. alguns dizem que onde aguora estaa o laguo antiguamente foi huma çidade que se chamaua tiro. E foi souertida. este laguo hee muito alto [,] tem de Rooda trinta milhas E muitas vilas E castelos de todalas partes peguados com elle. hee Redondo E tem quasi no meo duas Jlhas. E em huma estaa hum moesteiro de são francisco da obseruançia. vi Ja neste laguo assi aspera tormenta como no porto de lixboa. quebrandosse as ondas humas com as outras com aquelle Jmpeto que fazem as do mar. a aguoa delle hee salobra. nom creçe nem minguoa por grandes chuvas nem por grandes calmas que façam. matanse nelle Jnguias como grandes lampreas. E hum pescado que se chama luçio pintado como truita, E da grandeza de peixotas E outros peixes como boguas a que chamam tenças. E Jnfinidade de peixinhos pequenos. este pescado tem os Jtalianos por mais são que o do mar, soomente as Jnguias que são mui danosas. naueguasse per barcas. eu nam estiue no moesteiro daquella Jlha por que hum verão que o cardeal ali foi, em quanto sua Reuerendissima senhoria passou ao moesteiro dom manuel dazeuedo E eu fomos A çidade de orbieto que hee dahi duas leguoas por ver a see que hee mui grande E aJnda nam acabada."[165]

Descreve a vila e a paisagem que a envolve, com grande destaque para o"grão laguo de santa cristina" à beira do qual a povoação "estaa assentada". Fala do passado lendário que envolve este lago, fazendo recurso da comparação com Lisboa para intensificar a sua descrição – mais uma vez, uma região portuguesa, neste caso específico a capital do reino, apresenta-se como um dos referentes culturais utilizados pelo fidalgo para avaliar o que encontra na Europa: "vi Ja neste laguo assi aspera tormenta como no porto de lixboa." Em seguida, presenteia D. Jaime de Bragança com uma preciosa descrição da Sé e da cidade de Orbieto, uma povoação muito próxima de Bolsena:

> "dom manuel dazeuedo E eu fomos A çidade de orbieto que hee dahi duas leguoas por ver a see que hee mui grande E aJnda nam acabada. a fronteira (sic)[166] dela hee tal que despois da JgreJa de monReal, nam vi outra semelhante. tem tres portas dianteiras mui grandes. obrada de Jmaginaria de vulto a mais exçelente que tenho visto, assi em obra grande. as Jstorias sam do testamento nouo E velho. E as figuras pequenas E postas em ordem E perfeição maravilhosa. E por me terem dantes muitas vezes dito que esta hee das marauilhosas cousas de Jtalia, fomos aquelle dia dom manuel E eu a vella. esta çidade de orbieto hee do patrimonio da

[165] *MFC*, f. 176v e f. 177r.
[166] Leia-se *frontaria*

> JgreJa, a qual estaa assentada antre duas mui altas serras em hum vale. E hee posta sobre huma pena talhada mui alta E corta que pareçe muro mui alto E obrado por mãos de homens. E dizem alguns que tem de Roda çinco milhas. mas a mjm nom mo pareçe. hee de muitos edefiçios de casas antiguas todas de pedra E canto. de cada parte coRe hum Rio pequeno de aguoas mui saborosas que deçem das fontes das serras. tornando a meu proposito, das sobreditas cousas fez o papa merçe no começo de seu pontificado ao cardeal, amostrandolhe vontade de grande amor. as graças que lhe pedia lhe conçedeo como a araguão."[167]

a) <u>As igrejas de Roma. Guia de peregrinação ou roteiro artístico?</u>

O fidalgo de Chaves disponibiliza ao destinatário do seu texto numerosas passagens respeitantes ao património sacro romano. No entanto, nenhuma merece um destaque tão especial como a relativa à descrição das estações quaresmais, seja pela extensão de texto que ocupa[168] seja pela atenção conferida pelo autor a tamanha tarefa. De referir, como o próprio salienta, que para elaborar este genuíno "livro dentro do livro" socorreu-se de fontes documentais coevas. É o próprio Aníbal Pinto de Castro que chama atenção para este facto: a "descrição que faz das igrejas de Roma, segundo a sequência das estações quaresmais, com indicação das inúmeras relíquias que nelas se veneravam e das indulgências que permitiam lucrar, segue *ipsis verbis* as *Mirabilia Urbis Romae*[169], como, aliás, honestamente confessa."[170]

Na longa e pormenorizada descrição que elabora das estações da quaresma, o autor aponta as relíquias que são veneradas nas igrejas envolvidas, bem como as indulgências de que podem beneficiar aqueles que as visitam. Não raras vezes, evoca inclusivamente as figuras históricas e, sobretudo, hagiográficas envolvidas no processo de formação de tais templos, acabando mesmo por efectuar a narração das lendas que estão na base do seu prestígio religioso e da espiritualidade de que são sinónimo. São João de Latrão e São Pedro são os casos paradigmáticos e cimeiros, mas diversos outros

[167] *MFC*, f. 177v.
[168] *MFC*, fls. 185r a 200r.
[169] Autor desconhecido. Cf. Francis Morgan Nichols, "Preface" in *Mirabilia Vrbis Romae – The Marvels of Rome or a Picture of the Golden City*, London, Ellis and Elvey, 1889, pp. v-xxvi; Maria Accame, *Contributi sui Mirabilia urbis Romae*, Genova, Dipartimento di archeologia, filologia classica e loro tradizioni, 1996, pp. 4-15.
[170] Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'", *op. cit*., p. 11.

existem. No caso da primeira, chega ao ponto de incluir uma cópia da célebre e controversa *Doação de Constantino*[171].

O autor não deixa igualmente de indicar, na maioria dos casos, a região de Roma onde as ditas igrejas se encontram (por exemplo, em que monte ou campo, e se estão ou não fora de muros).

Este é um passo muito importante do texto, pois além de revelar a profunda espiritualidade do autor, coloca o seu testemunho na galeria dos documentos de encruzilhada: se por um lado apresenta uma matriz ainda medieval ao descrever as estações, as relíquias e as indulgências envolvidas; por outro lado, sugere este itinerário com um certo carácter de obrigatoriedade para todos aqueles que visitam Roma devido ao valor histórico dos edifícios em questão – ou seja, não são apenas os peregrinos os destinatários de tal percurso, mas sim todos os visitantes da urbe, o que remete necessariamente para a importante questão de se estamos perante um guia de peregrinação ou de um roteiro artístico:

> "Em todo tempo que estiue em Roma, todolos anos andei as JgreJas das estações. E nas mais delas estão as Reliquias postas sobre o altar em cofres ou caxas de vidro guarneçidas de prata com escritos que declaram de que membro E santo hee cada Reliquia. saluo os corpos santos que tem suas ordenadas sepulturas. E posto que sempre procurei de ver E saber todalas cousas notauees pera o que, o que (sic)[172] per mjm nam alcançei me aJudei de alguns tratados Jmpressos das JgreJas e Reliquias de Roma que escreueram pessoas deuotas. o papa sam siluestre escreueo em sua canonica que avia em Roma mil E quinhentas E çinquo JgreJas das quaes a maior parte hee destrohida. antre estas são sete prinçipaes de priuilegios graças, santidades E dinidades priuilegiadas. a primeira hee a sobredita JgreJa de são João de latrão (…)"[173].

[171] De autor desconhecido, a *Doação de Constantino* (*Constitutum Donatio Constantini ou Constitutum domini Constantini imperatoris*) consiste num documento falsificado apresentado em meados do século VIII como se de um genuíno édito imperial romano se tratasse. Segundo tal documento, o imperador romano Constantino (306-337) teria doado ao papa Silvestre I (285-335; eleito papa em 314), ou seja, à Igreja, bens patrimoniais do império (nomeadamente as igrejas de S. João de Latrão, de S. Pedro e de S. Paulo – fora de muros –, em Roma; e outros bens materiais espalhados pelo império, bem como a autoridade sobre as diversas comunidades cristãs do Oriente. A intenção de tal logro documental visava naturalmente fortalecer o poder papal num período em que o cristianismo ocidental vivia uma crise profunda devido à crescente autoridade dos príncipes seculares sobre as igrejas sitas nos seus territórios de influência temporal. Foi o grande filólogo e humanista do *Quattrocento*, Lorenzo Valla (1407-1457) quem comprovou a falsidade desse documento "fundador", facto que provocou escândalo na época.

[172] Leia-se *pera o que, per mjm.*

[173] *MFC*, f. 185v e f. 186r.

A forma de apresentação das estações coloca-nos efectivamente perante um guia de peregrinação. Contudo, se tivermos em conta o todo da obra e o próprio contexto em que tal itinerário surge na narrativa, ficamos perante um guia tendencialmente secular, ou seja turístico, não no sentido depreciativo atribuído pelo mundo contemporâneo, mas antes no sentido de descoberta, de encontro com um património desconhecido que desperta a curiosidade dos sentidos e do intelecto. Tudo isto reforçado pelos diversos apontamentos artísticos que realiza, que remetem menos para o religioso do que para o universo cultural e civilizacional.

Um pormenor curioso revelador da forma cuidada e criteriosa como o fidalgo preparou a descrição das estações quaresmais relaciona-se com o facto de assinalar, primeiramente, a 35ª estação como sendo relativa à *JgreJa de são çiriaco.* No entanto, dado que à época esta "hee destrohida E detras das termas dioclecianas", a estação em causa passou para a *JgreJa de são quiriçio*, que "hee Junto da torre dos condes":

> "A terça feira hee estação na JgreJa de são çiriaco. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee destrohida E detras das termas diocleçianas. alguns querem dizer que o papa quarto transferio esta estação E Jndulgençias aa JgreJa de são quiriçio que hee Junto da torre dos condes, no qual são quiriçio haa sobre a porta çertos versos que dão testimunho como do papa sixto foi Jnstaurada. debaixo do altar maior haa muitas Reliquias de muitos martires como apareçe por huma tauoa escrita Junto do altar moor."[174]

Na descrição que faz das estações, bem como das características e atributos distintivos de cada uma, o autor faz escolhas. Ou seja, a importância e o grau de exposição não é igual para todas. Longe disso! Algumas, como *são João de latrão*, *são pero* (*em vaticano*) e *sancta maria a maior* merecem um destaque e uma projecção incomparáveis. Daí fazer apresentar narrações tão extensas quanto ricas, em particular no que diz respeito à história e ao património espiritual (relíquias) e artístico destes templos. De reter é que quando o autor evoca as relíquias dos templos efectua muitas vezes um puro exercício de crítica de arte, pois descrimina e adjectiva as peças e os ornamentos que encontra e nos quais de alguma forma estão inclusas as ditas relíquias. Um bom exemplo surge na Igreja de S. Pedro, aquando da evocação da 11ª estação quaresmal:

[174] *MFC*, f. 197v.

> "Jtem na dita JgreJa hee hum altar A parte direita do coro ornado de perfido no qual foram apartados os ossos dos santos apostolos pedro E paulo, E passados pollo beato siluestre no ano do senhor de trezentos E noue quando esta JgreJa foi feita. Jtem A parte sestra do coro hee hum tabernaculo no qual ataa o dia doge se guarda aquella sedia ou catadra, a qual foi feita a são pedro quando em antiochia tinha a cadeira episcopal. E cada ano o dia da catadra de são pero ha põe fora no coro com solemnidade por tal que todolos homens por sua deuação a possam tocar. Jtem em torno do altar maior estão doze colunas fermosas de marmor, antre as quaes haa huma çerquada de huma Reixa de ferro de milagrossa virtude como testifica o escrito que se açerca della lee, scilicet, esta hee aquella coluna na qual nosso senhor Jesu christo se encostou quando preguaua ao pouo, E quando no templo fazia oração a deus padre a qual com as outras onze çircunstantes do templo de salamão no triunfo foi trazida E nesta basílica foi colocada. esta lança os demonios, E aquelles que são dos Jmmundos spritos molestados faz liures. muitos milagres faz cada dia. Jtem no caminho que vai pera a capella de nossa senhora das febres estaa a sepultura de são João crisostomo a qual antes era çercada de ferro, E aguora hee hum altar de marmor com sua Jmagem. o emperador constantino fez esta santissima JgreJa no monte vaticano como hee dito, onde era o templo de apoline, a qual ornou de Ricos ornamentos, çecando (sic)[175] os gloriosos corpos de aRame de çinco pees de grossura. E pos sobre elles huma cruz douro que pezaua çento E çincoenta liuras. E elle tirou As costas dos aliçesses doze seiras de terra."[176]

Em relação à igreja de S. João de Latrão a sua descrição é de tal forma pormenorizada que inclui, no âmbito da evocação da 5ª estação da quaresma, como já referimos, a Carta do Imperador Constantino ao papa:

> "Jtem na capella de são Lourenço (…) esta JgreJa foi primeiramente chamada constantina por que foi edificada pollo emperador constantino nos seus propios paços lateranenses onde habitaua. a qual ornou de Riquissimos ornamentos douro E de prata. E ao sumo pontifiçe fez pera sempre doação de todo o Jmperio oçidental. dizse ser esta a primeira JgreJa, por que antes de ser vngido o primeiro emperador, os christãos çelebrauam ho culto diuino debaixo da terra onde se acolhiam em cauernas E luguares escondidos com temor dos tiranos paguãos que os perseguiam E martirizauão. E sendo esta santissima JgreJa edificada pollo dito constantino mui grande E ancha E Ricamente ornada A honrra do saluador do mundo E assi a capela que hee Junto della A honrra dos gloriosos são

[175] Leia-se *cercando*
[176] *MFC*, f. 190r e f. 190v.

> João bautista E são João evangelista, o papa são siluestre as consagrou o qual foi o primeiro que ordenou a maneira da consagração das JgreJas. (…) E posto que pareça em alguma maneira sahir fora do proposito da Jstoria começada E alarguarme com sobeJa escritura nom deixarei de poer aqui o trelado de huma Jeral epistola que o dito emperador constantino escreueo a todolos bispos E prelados a qual põe santo Jsidro antre os decretos dos padres, na qual escreue o modo E forma de sua conversão. Carta do emperador constantino em fauor da fee. (…)"[177]

Por sua vez, ao referir-se a S. Pedro (*em vaticano*), ou seja à já nomeada 11ª estação quaresmal, o arquitecto das *MFC* produz um notável apontamento acerca da construção da nova igreja por iniciativa do papa Júlio II e da destruição do templo antigo. Passagem tanto mais valiosa quanto o facto de esta construção estar no cerne das futuras críticas luteranas a Roma, dado que para pagar tamanha construção o futuro papa Leão X enveredará por uma política aberta de comercialização de indulgências. Por outro lado, não abundam as descrições em primeira mão feitas por portugueses que tenham assistido pessoalmente aos primeiros momentos da monumental obra e ao controverso processo de construção do maior templo cristão católico do mundo até à actualidade. O fidalgo esteve presente por várias vezes e viveu, como podemos observar pelas suas emotivas palavras, o acontecimento com grande paixão e até deslumbramento:

> "aguora direi do ponto E estado em que vi esta JgreJa de são pero quando o papa Julio a mandou deRibar, ca por ser tantas vezes destrohida se nam pode detriminar de que grandeza E feição foi edificada pollo emperador constantino. a qual eu despois medi pera dar Rezão de sua grandeza. começou a ser deRibada na era de nosso senhor Jesu christo de mil bc E doze despois da batalha de Reuena. E querendo o papa Jullio fazer esta JgreJa a mais sumptuosa E grande de todalas do mundo a mandou deRibar E cortar quasi ataa o meo, scilicet, a capela prinçipal E toda a naue do cruzeiro com a capella de nossa senhora das febres E a sancristia E outras muitas capelas que tinhão a seruentia por dentro da JgreJa, E a naue maior E as outras foram cortadas ataa Juntos dos orguãos que estauão quasi no meo do corpo da JgreJa. E quando se deRubauão estes tam suntuosos edifiçios alguns cardeaes lhe disseram que nam deuia sua santidade fazer tamanha destrohição naquella JgreJa, senam hir deRibandoa como a outra obra fosse creçendo. E o papa Respondeo que elle era Jaa mui velho E a obra mui grande, E que aviam de passar muitos anos em se acabar. que elle fazia aquella Ruina em são pero pera que os pontifiçes que despois delle

[177] *MFC*, f. 186v e f. 187r.

viessem ouvessem verguonha de a ver tal E de pura neçessidade trabalhassem polla acabar assi sumtuosa E grande como a elle deixaua começada. eu fui muitas vezes ver como se deRibaua. E assi fui presente como se fundauam os aliçeçes dos piares da Jgreja noua. E quando se assentaram as primeiras pedras era o papa presente E mandou meter debaixo dellas moedas douro E de prata com suas figuras E armas emprimidas na dita moeda. quando começaram de cauar acharamse muitas caxas com ossos E Reliquias de santos. E os fundamentos foram tam altos E anchos que pera cauar E trazer a terra açima avia multidão de trabalhadores. E abriam poços de aguoas que manauam em tanta cantidade que a grande fadigua com enJenhos E baldas a podiam tirar pera dar luguar pera a pedra se assentar. no meo do cruzeiro estaa o altar moor E sobesse a elle per çertos degraos de perfido nos quaes se guanhão as sobreditas Jndulgençias. E as Reliquias dos santissimos apostolos estão debaixo delle E por nam chouer nelle E se poder çelebrar, o papa ho mandou cobrir de madeira A maneira de capella, em que sua santidade E os cardeaes E perlados bem podiam caber. mas as oras ordinarias dos coneguos se diziam na capella do papa sisto onde estaa huma Rica sepultura de bronzo ou metal no chão de marauilhosas figuras E lauores [,] a qual capella hee A mão esquerda entrando pollas portas da JgreJa. a capella moor velha na qual dantes era o corpo tinha de comprido çincoenta E huum palmos E meo, E de ancho dezoito palmos [,] per foora da qual o papa nicolao edificou a capella grande que o papa Jullio acabou de çerrar. era a capella velha pintada de moisaico antiguo bem assentado E Resplandeçente. a JgreJa teue çinco naues [,] as paredes dellas eram armadas sobre colunas de pedra de natura parda E dura como marmor. a naue do meo teue de cada Jlhargua xxij colunas de xxxjx palmos em comprido E xb de Roda. em cada huma das outras naues avia Jsso mesmo xxij colunas que tinhão de comprido xxiiij palmos E meo E de Roda xij. cada huma destas colunas hee de huma soo pedra. E entendesse este comprimento no corpo da coluna sem os capitees E sem as vasas. ca os capitees das colunas grandes tem seis palmos E meo dalto. E as vasas são de tres palmos E os capitees das menores são de quatro palmos. E as vasas de dous. tem a naue maior dancho çento E sete palmos. E contando esta com as outras quatro tem toda a JgreJa dancho dozentos E sessenta E quatro palmos. E tem de longuo das portas prinçipaes ataa o altar moor quatroçentos E noventa E seis. E desta maneira com o comprimento da capella tem toda a JgreJa de comprido quinhentos E corenta E seis palmos. era esta santissima JgreJa tam alta que Respondia com o ancho E comprimento. non era daboboda, mas cuberta de madeira E de telha vãa das mais fermosas traues E caibros que tenho visto, por que quando se deRibaua a naue grande E o cruzeiro as traues que deçiam eram mui grandes em comprimento E hermosas em cuadra. em luguar de telhas era esta prinçipal naue cuberta de pranchas de chumbo grossas E grandes. as outras quatro naues erão soomente cubertas de telha. na fronteira da JgreJa haa sete portas prinçipaes, scilicet, tres na naue maior, E quatro nas outras quatro naues. as tres portas da naue grande E do meo hee de metal na qual estaa esculpida a obediençia que o preste João mandou ao papa. mas nam se afirma ser este o gram preste João [.] E o pinheiro de bronzo ou metal que estaa fixado no luguar onde aguora esta a JgreJa de nossa señora transpontina cuJa grandeza era tam maravilhosa

que pendiam seus Ramos sobre a sepultura adriana que aguora hee castelo de santangelo E a sepultura de seu filho que o papa alexandre sexto fez quando fez a Rua alexandrina que aguora hee das mais fermosas Ruas que pode aver no mundo. E afirmasse que a pinha de metal que estaa no pateo diante das portas de sam pedro foi daquelle pinheiro, a qual pinha eu medi E tem dalto catorze palmos E de Roda xxxij E meo. E nam sem misterio, foi metida em huma charola cuberta de bronzo armado sobre oito colunas de profido cada huma daltura de xiiij palmos E de grosso seis. destas sete portas huma estaa sempre çerrada de pedra E cal [,] a qual se abre no ano do Jubileu. são todas de huma grandeza. tem em ancho no vão xbj palmos. são pouco mais de trinta em alto E são cuadradas que assi hee husança de todalas portas de Roma. E de marauilha se faz portal Redondo. E as molduras E folhas destas obras de Roma satisfazem mais aos que as entendem que as de frandes nem doutra parte. as colunas que santa elena trouxe de Jerusalem do templo de salamão são xiiij. as xij estauam em torno do altar de sam pero são de marmor branco Retorçidas A maneira de brandão de çera obradas de folhas E lauores antiguos de pouco primor [.] tem de comprido xxij palmos. E de Roda oito E meo. huma destas colunas hee A que nosso senhor Jesu christo se aRimaua quando preeguaua no templo E estaa çercada de huma Reixa de ferro. E tem tanta virtude que lança fora os demonios. as outras duas estão A de dentro da porta do Jubileu que hee A parte direita entrando polla JgreJa na derradeira naue. E ali estão as tribunas de veronia E da lança com que nosso senhor foi ferido. as quaes Reliquias se amostram em çertos dias do ano nos quaes dias hee esta naue dada aos vnguaros que quando se as Reliquias amostrão dão tam grandes brados E gemidos pedindo misericordia que hee cousa marauilhosa. E nam haa pessoa que nom prouoquem a deuação. da parte esquerda haa outra tribuna em que estaa a cabeça do apostolo sancto andre. os orguãos desta JgreJa são os melhores que vi. são postos na naue grande sobre quatro colunas grandes de profido. a caxa hee de lauores syngulares de obra Romana mui bem dourada E mui grande obra. as vozes dos orguãos nam se podiam mais esperar tanta era sua fineza que sendo quasi descubertos o frio nem a calma os pode desafinar. muitas cousas de notar assi de sepulturas como de ornamentos avia naquella sacratissima JgreJa que seria proluxidade escreuelas. quando escreuer da JgreJa noua que se faz, direi mais larguo das capelas E edifiçios que são deRibados. diante das portas prinçipaes haa hum alpendere que atravessa toda a JgreJa onde estão homens que vendem veronicas pintadas em purguaminho E em lenço. E outras deuotas Jmagens E coroas despinhos que imitam A de christo, que os peregrinos comprão E leuão a diversas terras dos christãos. diante deste alpendere haa hum pateo no qual estaa a sobredita pinha. E hee Rodeado dos paços do papa E doutros singulares apousentamentos de cardeaes E palatinos. E na fronteira de hum destes paços estaa pintada a estoria a que vulguarmente chamam o moisaico da barca de sam pero. este moisaico ocupa grande campo E sera maravilha acharense outras figuras de moisaico vanteJosas a estas. ca alem do debuxo das figuras ser mui perfeito, hee cousa de admiração ver tanta diuersidade de pedras. tam meudas, tam pouoadas, E Resplandeçentes. per tam sotil E natural arte assentadas que os cabelos, barbas, olhos [,] narizes E boca, E todolos outros sentimentos dos Rostros, mãos, pees, E Roupas vão escreçidos E

> acrarados como se com hum sotilissimo pinçel E diuersas tintas se fizera. ver aquella barca, o masto, vela, E enxarçia, E as continençias das figuras, E o mar, E a figura de nosso senhor Jesu christo nelle todo obrado de pedras em tanta perfeição, hee cousa duuidosa de creer aos que a nam viram E careçem do sentido da pintura. se neste moisaico me estendi mais a falar, que no de mom Real, E nos de Roma, a perfeição das figuras, E o aspeito das pedras o mereçem mas que aproueitou com tanta diligençia fazerse huma perfeita obra. E ser vista per mjm tam pouco estimada, que sendo aquelle apousentamento dado ao cardeal çibo sobrinho do papa leão, os florentins seus criados deRibaram hum pedaço grande delle que cheguaua a huma Jenella dos ditos apousentamentos. E quanto mais cortesãos se delle doiam, elles o menosprezauam. saindo do pateo entram por baxo dos paços pera sahir ao terreiro que naquelle cuberto ou coRedor estão muitas tendas de homens que vendem contas de muitas maneiras aos Romeiros, E outras muitas cousas. da parte de fora estaa hum tauoleiro que toma toda a façe dos paços. no qual tauoleiro são as portas que vão pera a JgreJa, E duas partes da casa dos auditores da Rota. E aRematasse da parte do norte com a porta do sacro palaçio onde estão os alemães da guarda do papa. tem este tauoleiro em ancho setenta E seis palmos E meo, E de comprido duzentos E corenta E çinco. do tauoleiro se deçe ao terreiro per xxxiiij escalões de furto em alto, E de ancho dous palmos [.] E de sete em sete escalões haa hum espaço ou tauoleiro de onze palmos em ancho. E sobre este tauoleiro são as varandas donde o papa daa a benção ao pouo quinta feirra de laua pees, E dia de pascoa, E da asçenção de nosso senhor. E a Jente estaa no terreiro, o qual tem de comprido da Rua alexandrina atee as sobreditas escadas bijc E xxiiij palmos. E de ancho, scilicet, das tauernas atee a porta de belueder bc E noue palmos. no qual terreiro estaa huma singular fonte de pedra de maravilhosa grandeza E feição, A qual vem aguoa per canos E sobe mui alta E cahe nas pias ou fontes mui bem lauradas. E por que me detiue mais do que quisera contando dos edifiçios velhos, deixo pera outro capitolo a maneira E grandeza da JgreJa noua. nesta escada que deçe do tauoleiro nos escaloens de baixo estão duas Jmagens de são pero E de são paulo de pedra mui grandes E naturaes, scilicet, huma em cada parte da dita escada."[178]

A descrição é extensa mas rica e única do ponto de vista da apreciação artística. No sentido de fornecer um referencial que permita apreender de forma plena a avaliação que está a fazer do que vê, o fidalgo chega ao ponto de evocar o julgamento que fez da "JgreJa de monReal" em Palermo, que tanto o deslumbrou no início da sua viagem. Com efeito, é verosímil que esta passagem muito específica possa inscrever-se nas primeiras críticas de arte feitas em língua portuguesa, como sugere Eugenio Asensio[179]:

[178] *MFC*, f. 190v a f. 193r.
[179] Cf. Eugenio Asensio, "Memórias de um fidalgo de Chaves (1510-1517), descripción de la Roma de Julio II y Léon X" in Memórias da Academia das Ciências, Classe Letras, tomo XIII, Academia das Ciências, Lisboa, 1970, pp. 7-28.

> "E na fronteira de hum destes paços estaa pintada a estoria a que vulguarmente chamam o moisaico da barca de sam pero. este moisaico ocupa grande campo E sera maravilha acharense outras figuras de moisaico vanteJosas a estas. ca alem do debuxo das figuras ser mui perfeito, hee cousa de admiração ver tanta diuersidade de pedras. tam meudas, tam pouoadas, E Resplandeçentes. per tam sotil E natural arte assentadas que os cabelos, barbas, olhos [,] narizes E boca, E todolos outros sentimentos dos Rostros, mãos, pees, E Roupas vão escreçidos E acrarados como se com hum sotilissimo pinçel E diuersas tintas se fizera. ver aquella barca, o masto, vela, E enxarçia, E as continençias das figuras, E o mar, E a figura de nosso senhor Jesu christo nelle todo obrado de pedras em tanta perfeição, hee cousa duuidosa de creer aos que a nam viram E careçem do sentido da pintura. se neste moisaico me estendi mais a falar, que no de mom Real, E nos de Roma, a perfeição das figuras, E o aspeito das pedras o mereçem mas que aproueitou com tanta diligençia fazerse huma perfeita obra."[180]

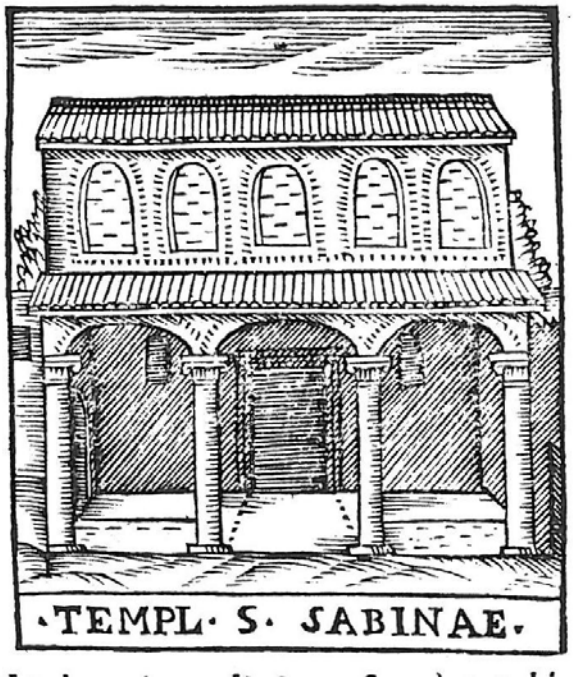
Ainda em relação ao registo artístico é de assinalar o gosto do fidalgo pela ourivesaria, manifestado em vários momentos do seu texto. Em particular no quadro das embaixadas enviadas a Roma, o autor dedica uma especial atenção a esta arte.

De salientar, regressando à temática das estações quaresmais, que os templos por vezes repetem-se em relação às estações no desenvolvimento deste itinerário religioso, ou seja, uma igreja pode estar associada a mais do que uma estação, como acontece, claro está, com as três em cima referidas.

[180] *MFC*, f. 193r.

ESTAÇÕES DA QUARESMA

1ª Estação: JgreJa de santa sabina[181]

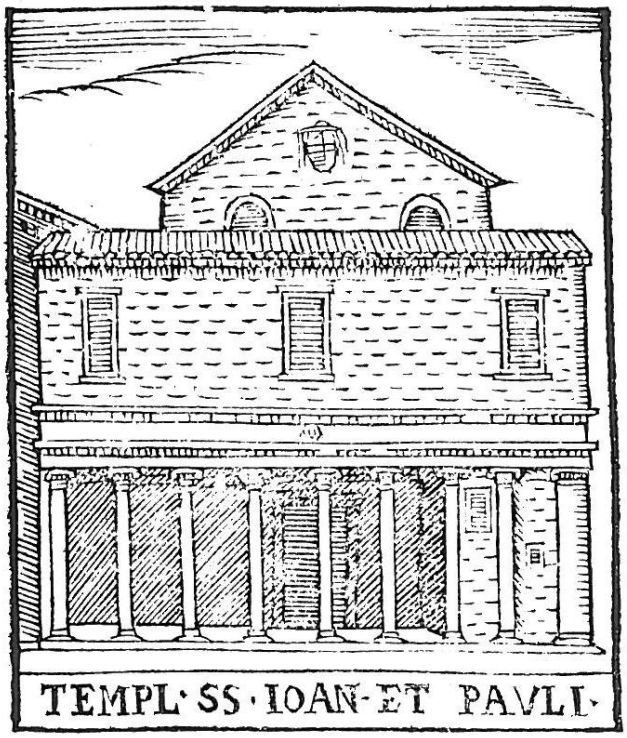


2ª Estação: JgreJa de sam Jorge[182]

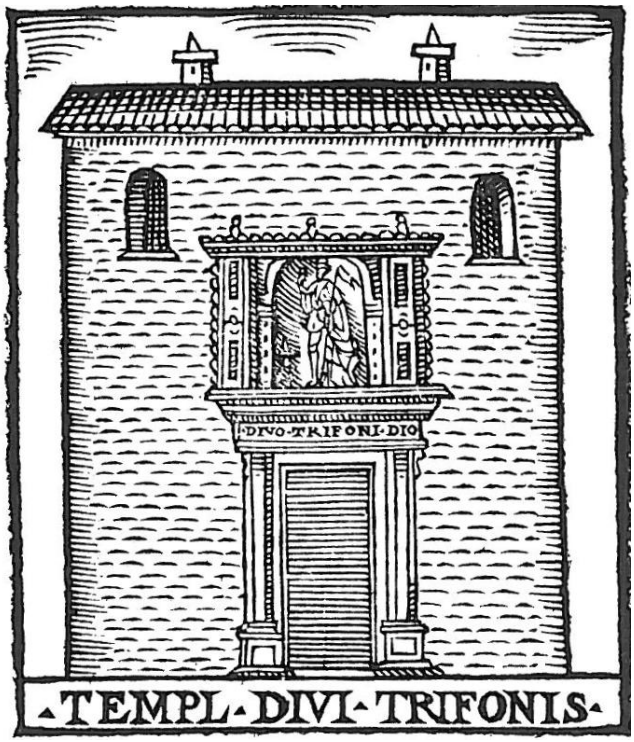


[181] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 5; *MFC*, f. 185r.
[182] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 7; *MFC*, f. 185r.

3ª Estação: JgreJa de são Johão E paulo[183]

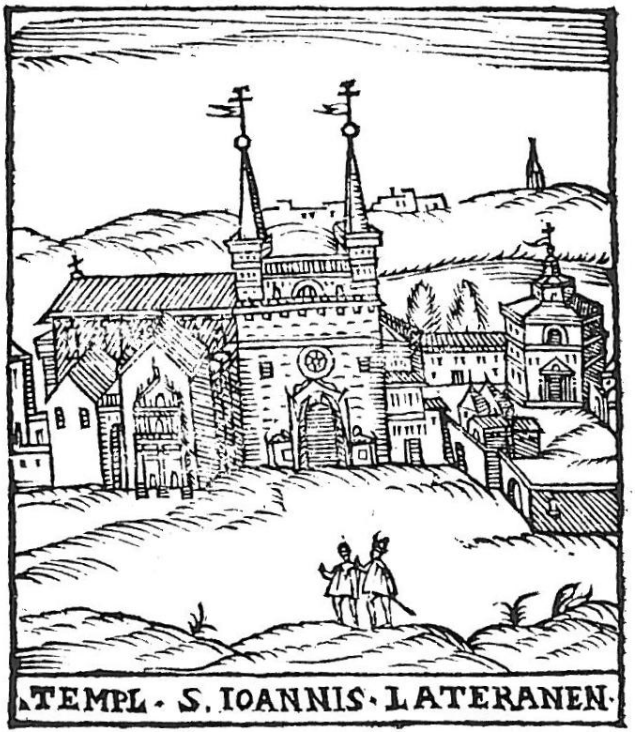


4ª Estação: JgreJa de são trifom[184]

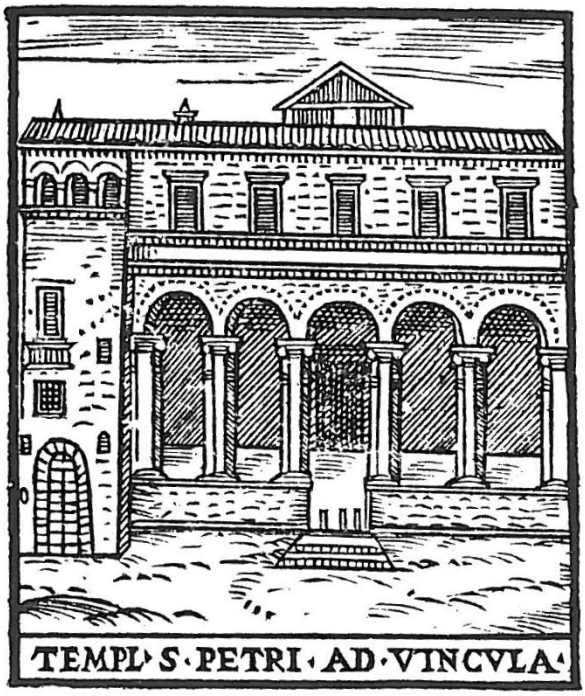


[183] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 11; *MFC*, f. 185 v.
[184] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 17; *MFC*, f. 185 v.

5ª Estação: são João de latrão[185]

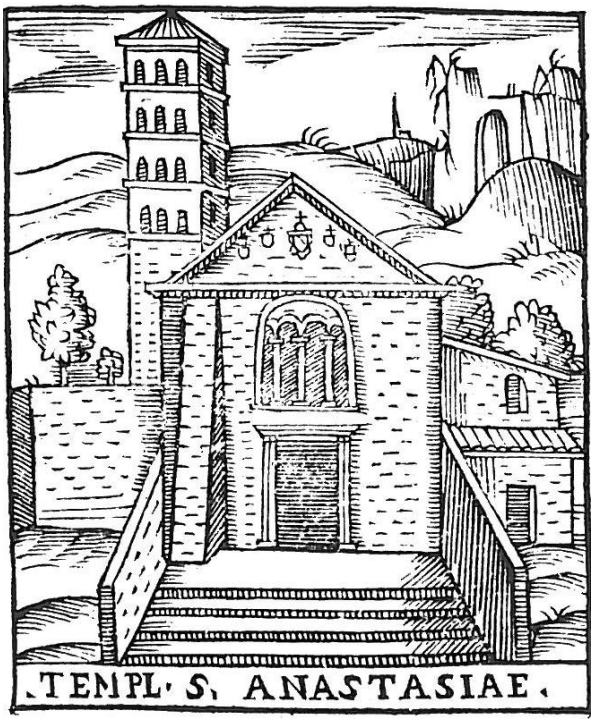


6ª Estação: JgreJa de são pero ad vincula[186]



[185] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 21; *MFC*, f. 185v a f. 187v.
[186] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 29; *MFC*, f. 187v.

7ª Estação: JgreJa de sancta anastazia[187]

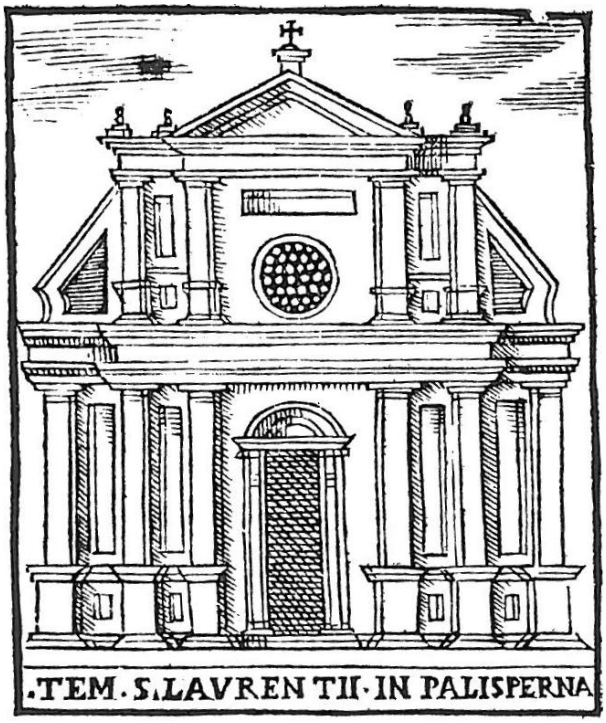


8ª Estação: JgreJa de sancta maria a maior[188]

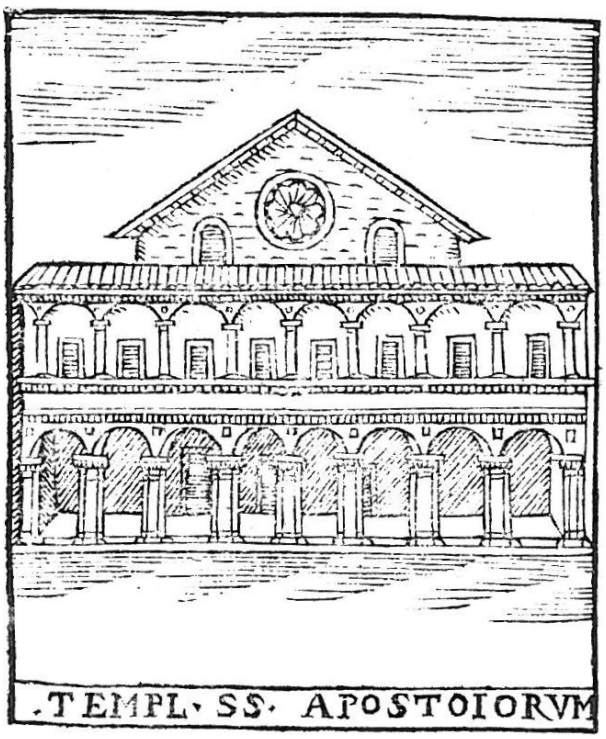


[187] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 33; *MFC*, f. 187v.
[188] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 36; *MFC*, f. 188r a f. 189r.

9ª Estação: JgreJa de são Lourenço em palisperna[189]

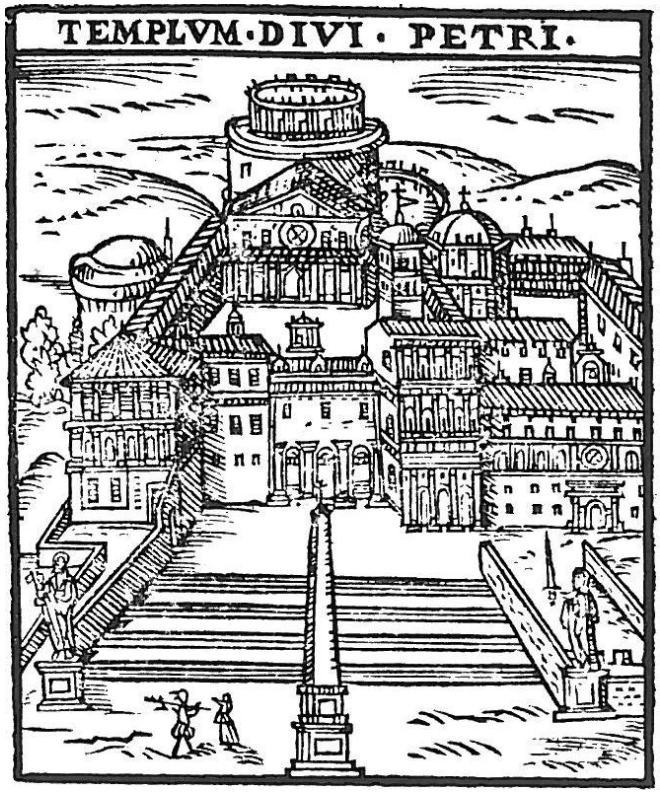


10ª Estação: JgreJa dos santos apóstolos[190]

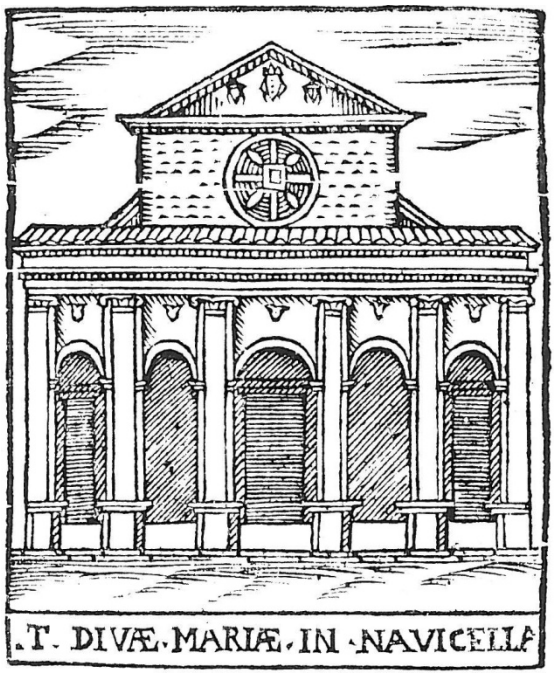


[189] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 44; *MFC*, f. 189r.
[190] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 46; *MFC*, f. 189r e f. 189v.

11ª Estação: JgreJa de são pero (em vaticano)[191]

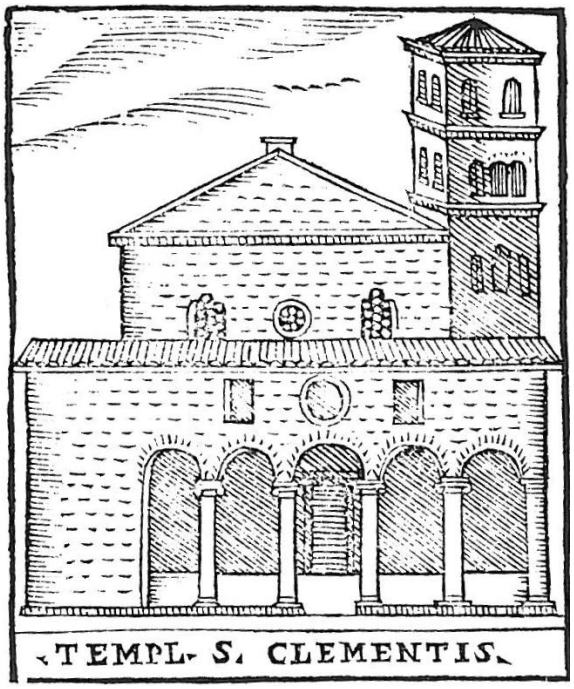


12ª Estação: JgreJa de santa miria in domini[192]



[191] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 49, *MFC*, f. 189v a f. 193r.
[192] Santa Maria em Dominica, ou Navicella; Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 59; *MFC*, f. 193r.

13ª Estação: JgreJa de são clemente[193]

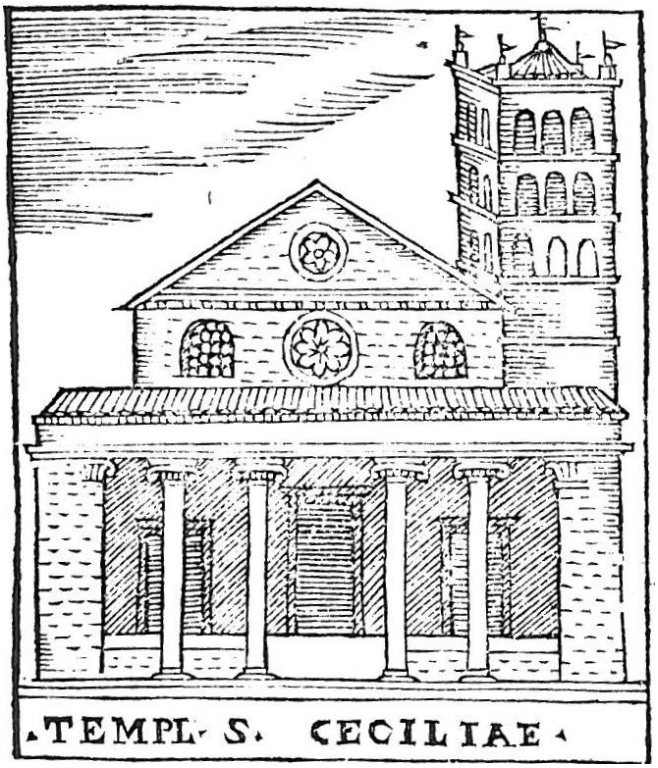


14ª Estação: JgreJa santa balbina (esta JgreJa se chama sam saluador)[194]

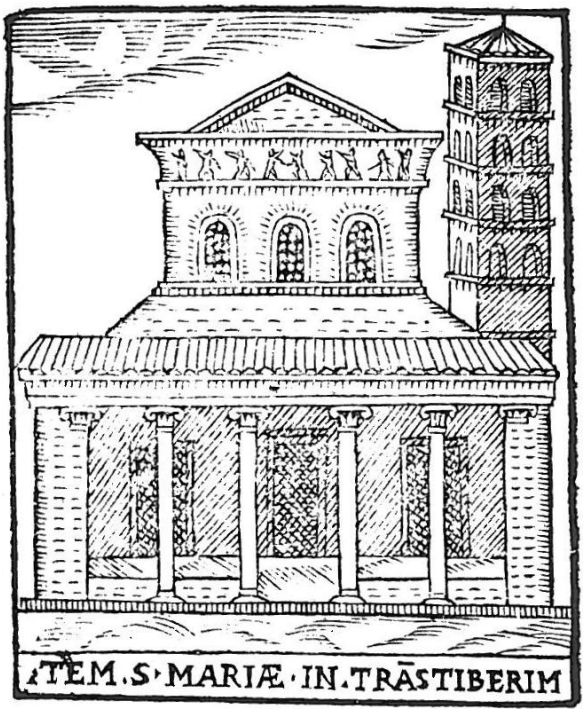


[193] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 72; *MFC*, f. 193r.
[194] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 78; *MFC*, f. 193v.

15ª Estação: JgreJa de sancta çezilia (transtiberim)[195]

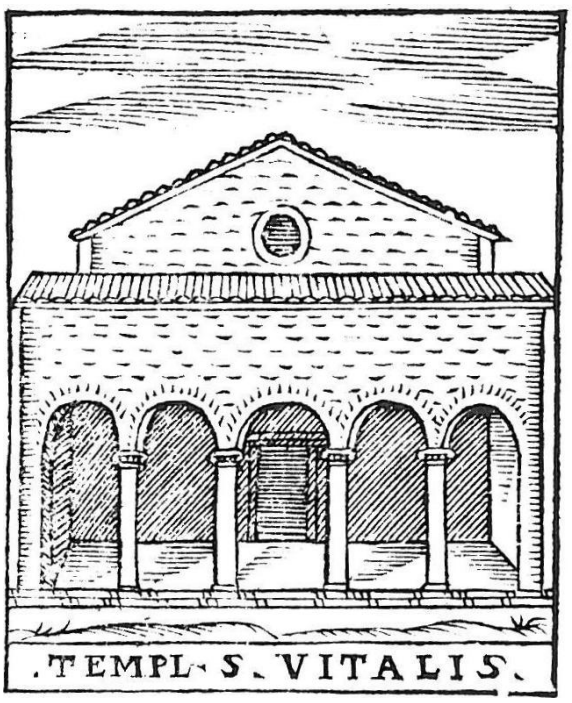


16ª Estação: JgreJa de santa maria transtiberim[196]

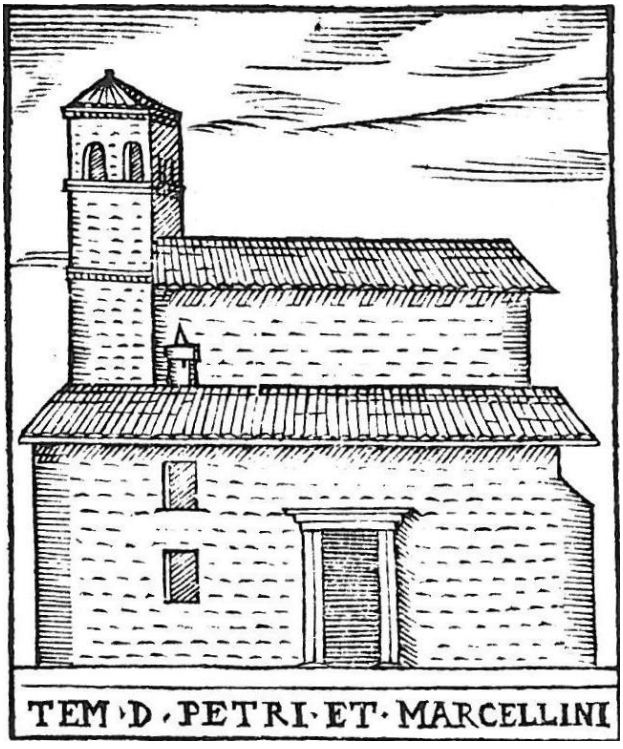


[195] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 80; *MFC*, f. 193v.
[196] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 86; *MFC*, f. 193v e f. 194r.

17ª Estação: JgreJa de sam vidal[197]

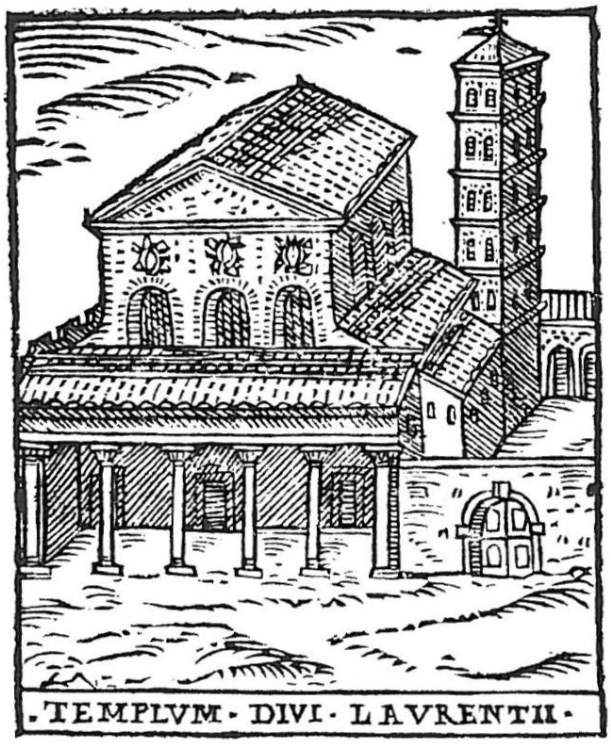


18ª Estação: JgreJa de sam marçalino E pedro[198]

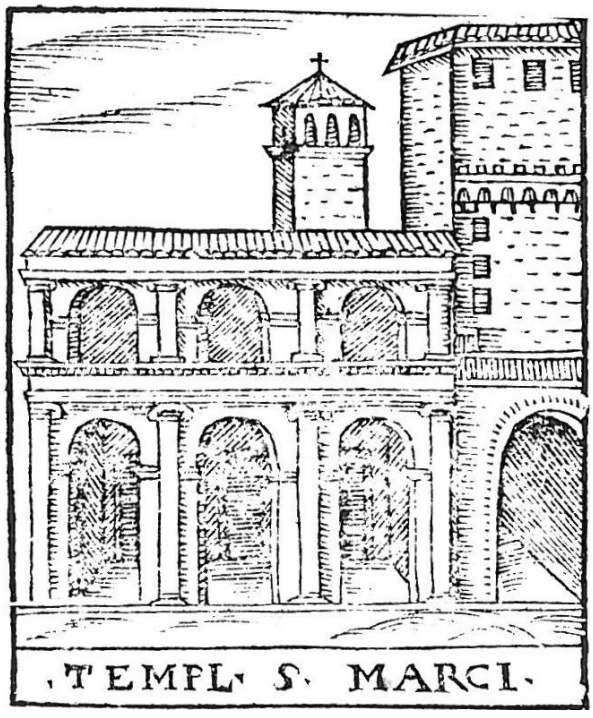


[197] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 92, *MFC*, f. 194r.
[198] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 95; *MFC*, f. 194r.

19ª Estação: JgreJa são Lourenço fora dos muros[199]

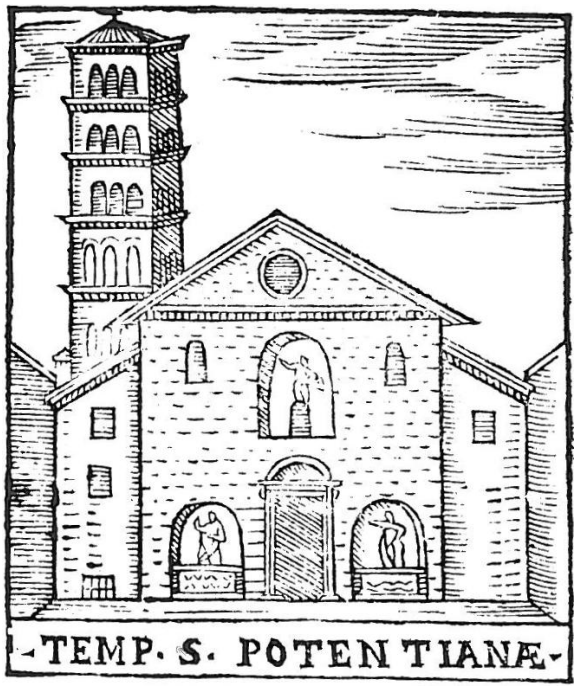


20ª Estação: JgreJa de são marco[200]

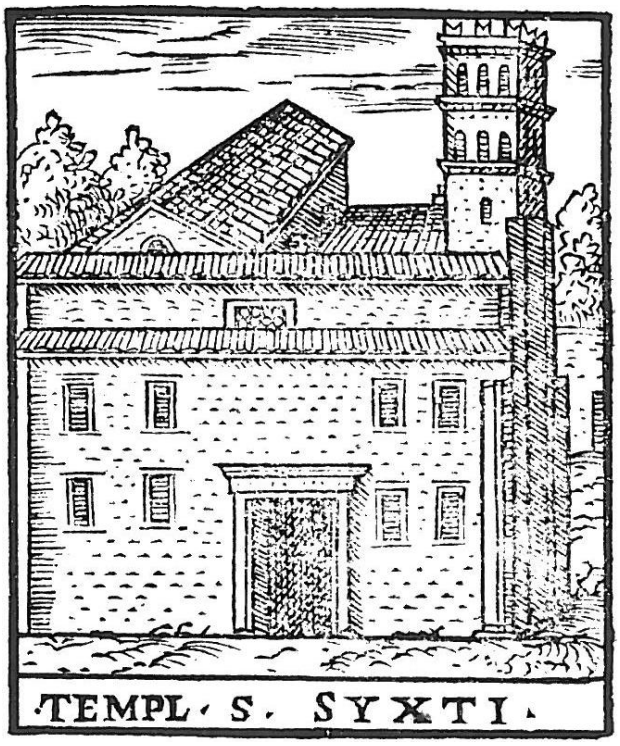


[199] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 98; *MFC*, f. 194r e f. 194v.
[200] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 105; *MFC*, f. 194v e f. 195r.

21ª Estação: JgreJa de santa potençiana[201]

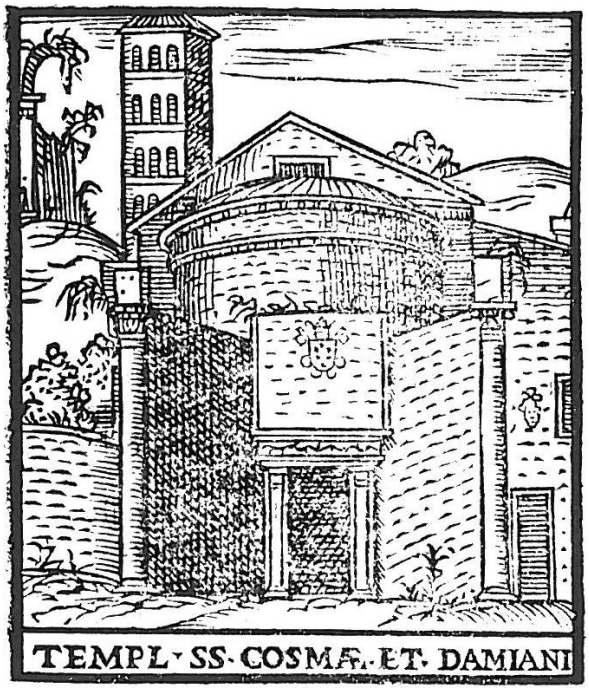


22ª Estação: JgreJa de sam sisto[202]

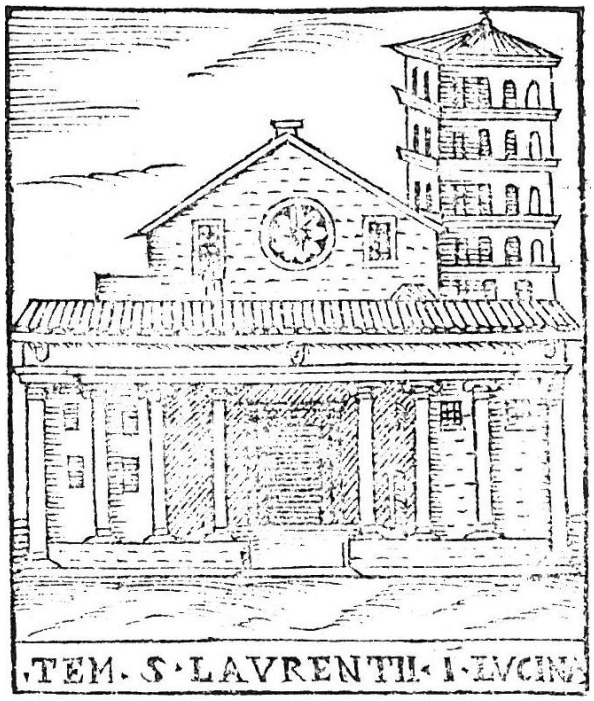


[201] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 108; *MFC*, f. 195r.
[202] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 111; *MFC*, f. 195r.

23ª Estação: JgreJa de sam cosmo E de são Damião[203]



24ª Estação: JgreJa de são Lourenço em luçina[204]



[203] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 114; *MFC*, f. 195r.
[204] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 117; *MFC*, f. 195v.

25ª Estação: JgreJa de santa Susana[205]

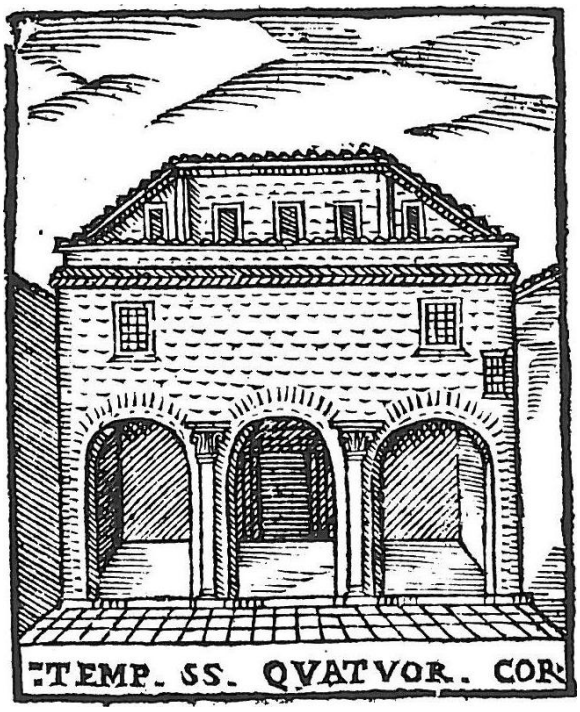


26ª Estação: JgreJa de santa cruz em Jherusalem[206]

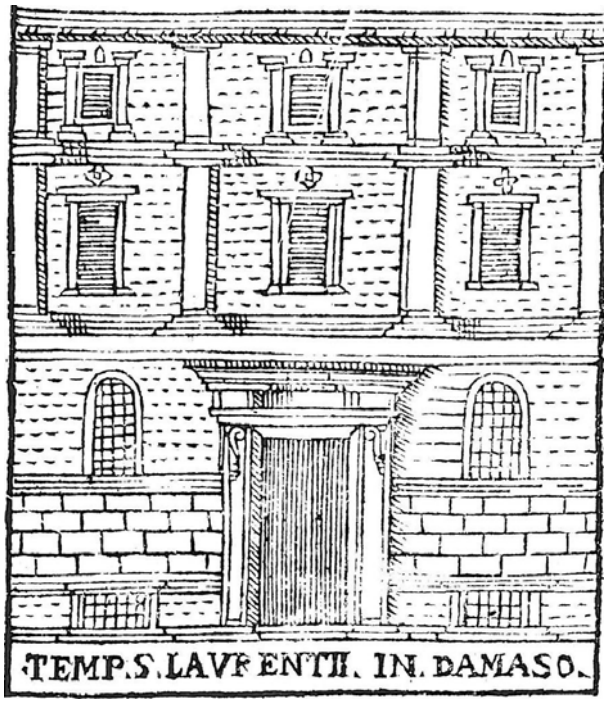


[205] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 119; *MFC*, f. 195v.
[206] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 131; *MFC*, f. 195v e f. 196r.

27ª Estação: JgreJa santiquatro coroados[207]



28ª Estação: JgreJa de são Lourenço em damaso[208]

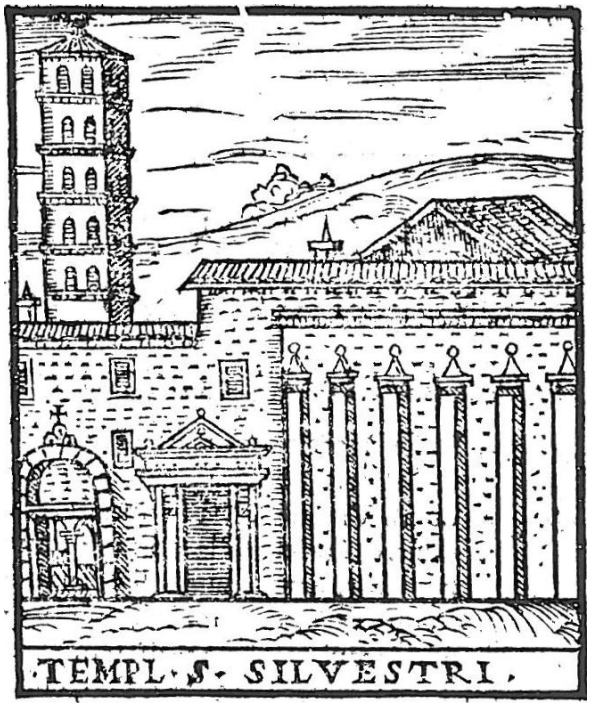


[207] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 142; *MFC*, f. 196r e f. 196v.
[208] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 145; *MFC*, f. 196v.

29º Estação: JgreJa são paulo[209]

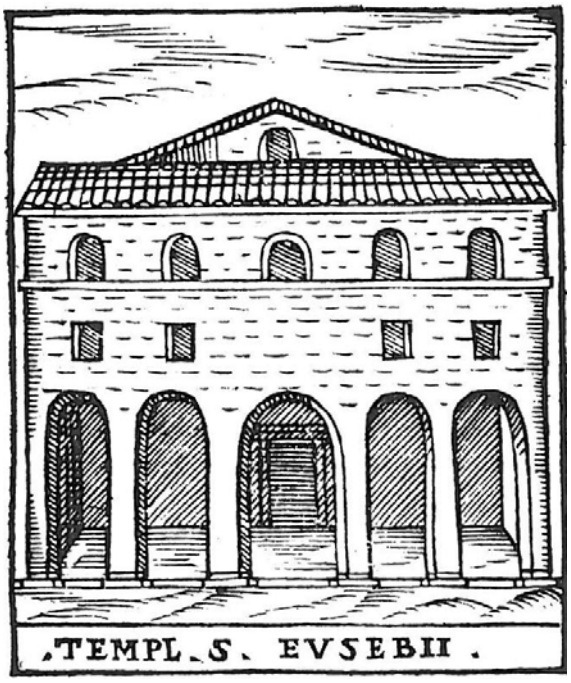


30ª Estação: JgreJa de são siluestre[210]



[209] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 147; *MFC*, f. 196v e f. 197r.
[210] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 155; *MFC*, f. 197r e f. 197v.

31ª Estação: JgreJa de são eusebio[211]



32ª Estação: JgreJa de são nicolao Jncarçere[212]

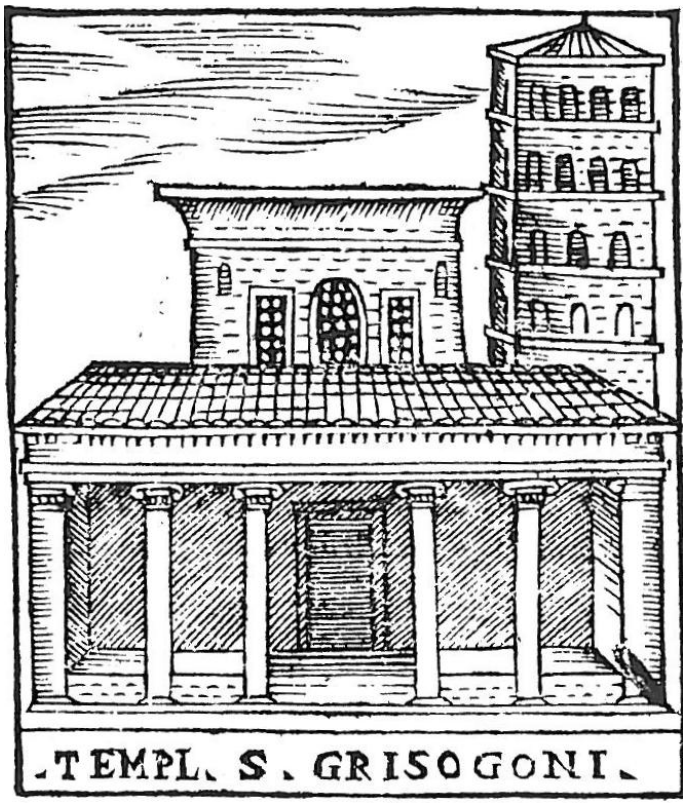


[211] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 164, *MFC*, f. 197v.
[212] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 166; *MFC*, f. 197v.

33ª Estação: JgreJa de são pero[213]

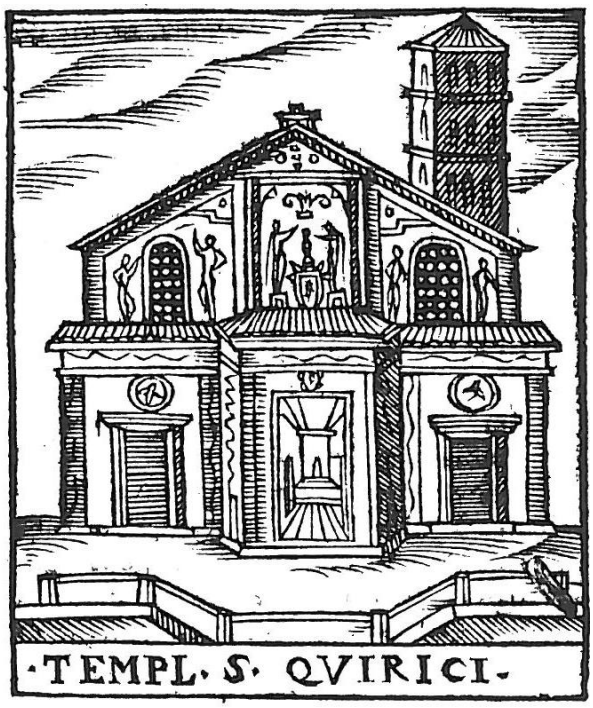


34ª Estação: JgreJa de são grisoguono[214]

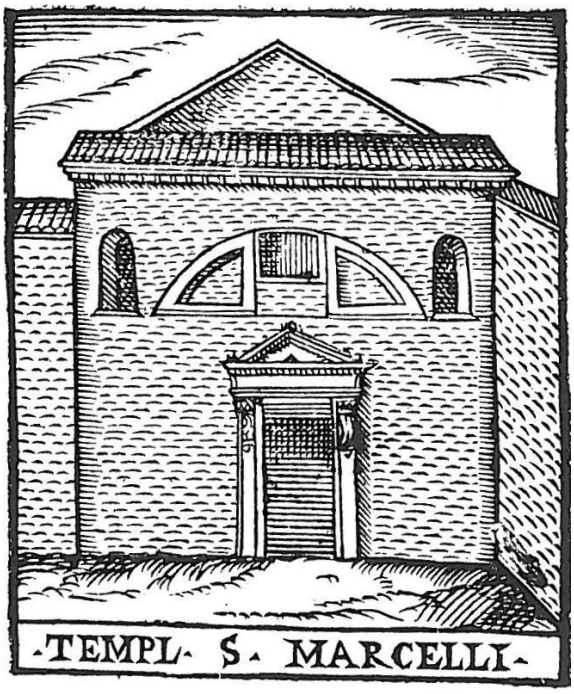


[213] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 170; *MFC*, f. 197v.
[214] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 171; *MFC*, f. 197v.

35ª Estação: JgreJa de são quiriçio (antes JgreJa de são çiriaco)[215]

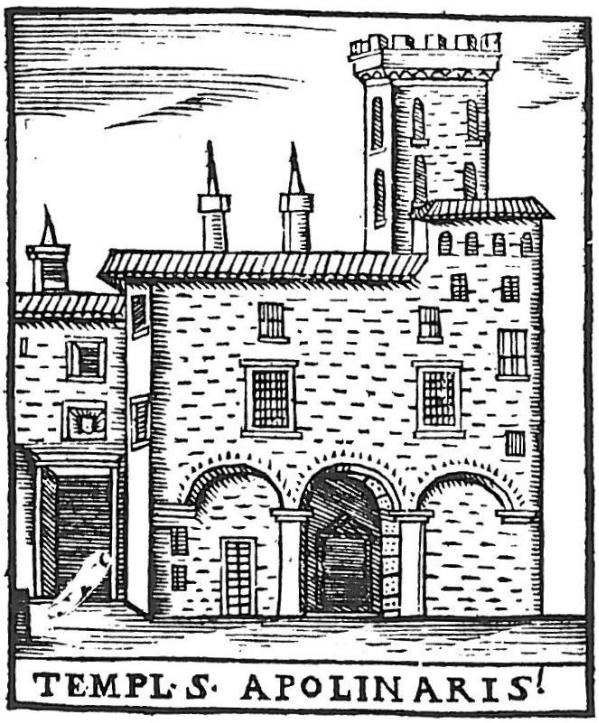


36ª Estação: JgreJa de são Marcelo[216]



[215] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 175; *MFC*, f. 197v.
[216] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 177, *MFC*, f. 197v.

37ª Estação: JgreJa são apolinario[217]

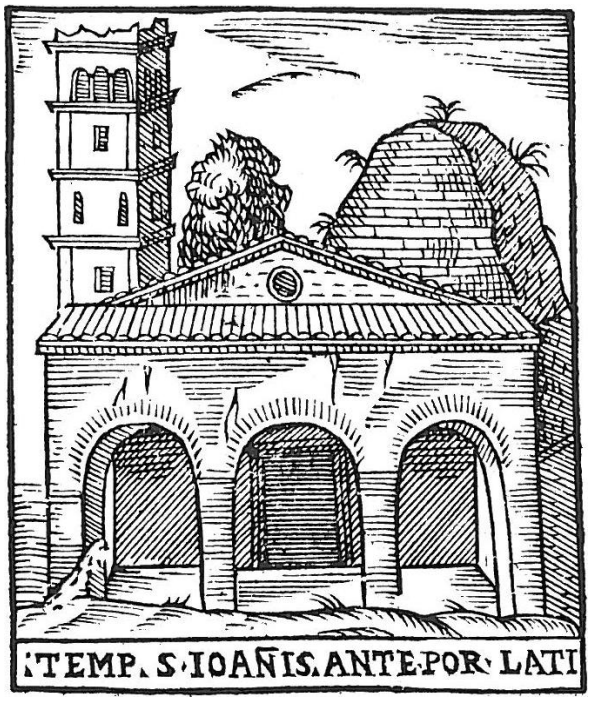


38ª Estação: JgreJa de sancto esteuão[218]

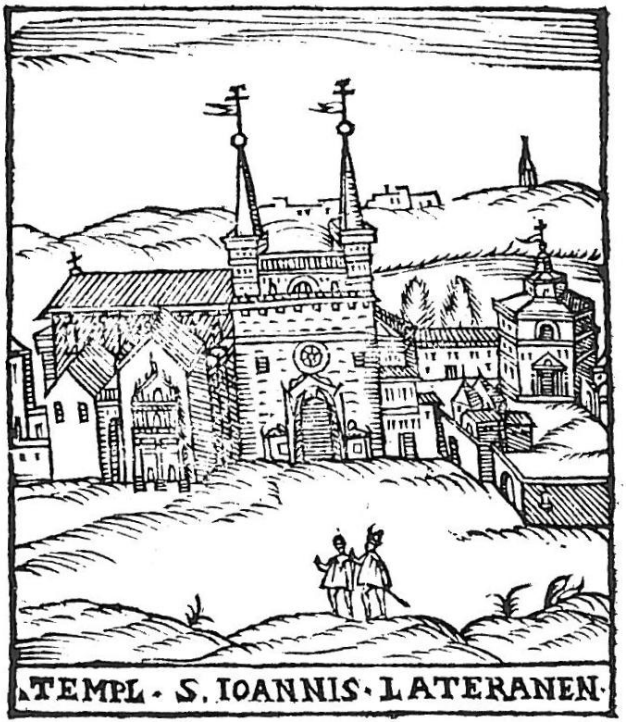


[217] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 180; *MFC*, f. 197v.
[218] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 187; *MFC*, f. 198r.

39ª Estação: JgreJa de são João anteporta latina[219]



40ª Estação: JgreJa de são João de latram[220]



[219] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 192; *MFC*, f. 198r.
[220] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 21; *MFC*, f. 198r.

41ª Estação: JgreJa de santa praxedes[221]



42ª Estação: JgreJa de santa priça[222]



[221] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 197; *MFC*, f. 198v.
[222] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 200; *MFC*, f. 199r.

43ª Estação: JgreJa de santa maria maior[223]



44ª Estação: JgreJa de são João de latrão[224]

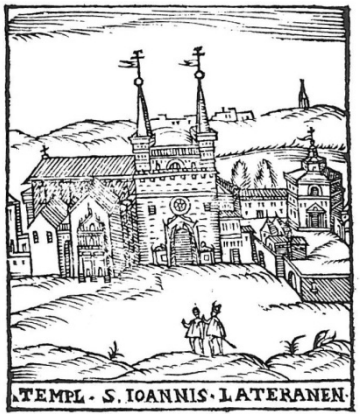


45ª Estação: JgreJa de santa crus, em Jerusalem[225]



[223] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 36; *MFC*, f. 199r.
[224] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 21; *MFC*, f. 199r.
[225] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 131; *MFC*, f. 199r.

46ª Estação: JgreJa de são João de latrão[226]



47ª Estação: JgreJa de santa maria maior[227]



48ª Estação: JgreJa de sam pero[228]

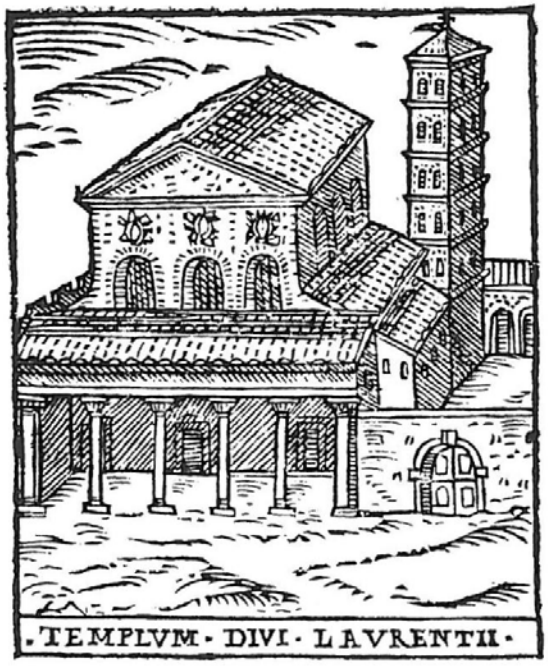


[226] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 21; *MFC*, f. 199r.
[227] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 36, *MFC*, f. 199r.
[228] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 49; *MFC*, f. 199r.

49ª Estação: JgreJa de são paulo[229]

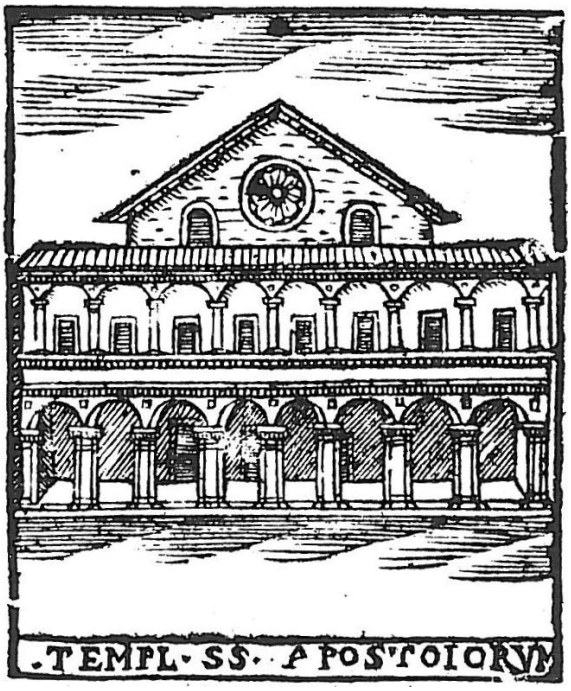


50ª Estação: JgreJa de são Lourenço fora de muros[230]

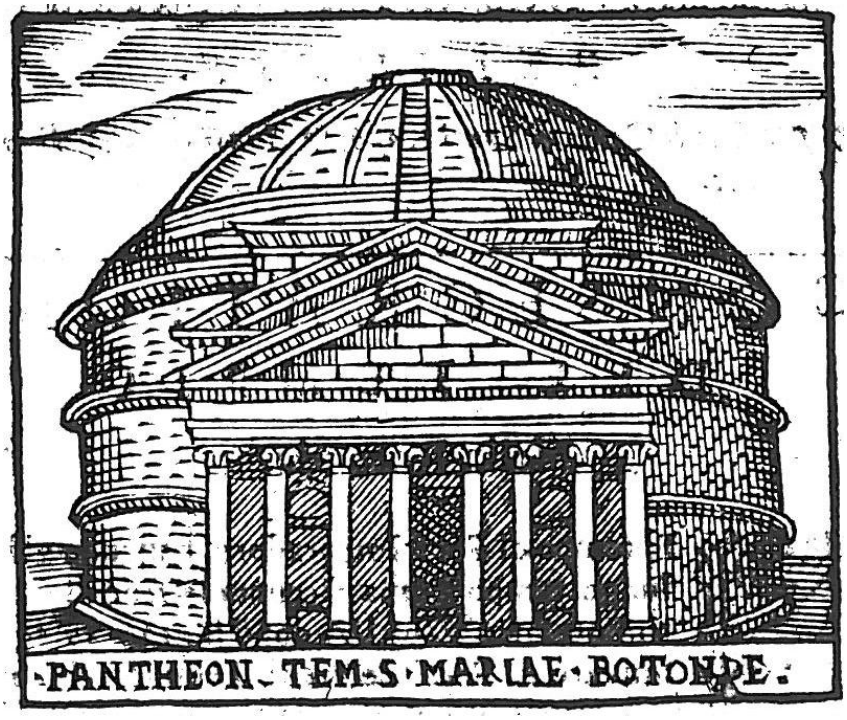


[229] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 147; *MFC*, f. 199v.
[230] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 98; *MFC*, f. 199r.

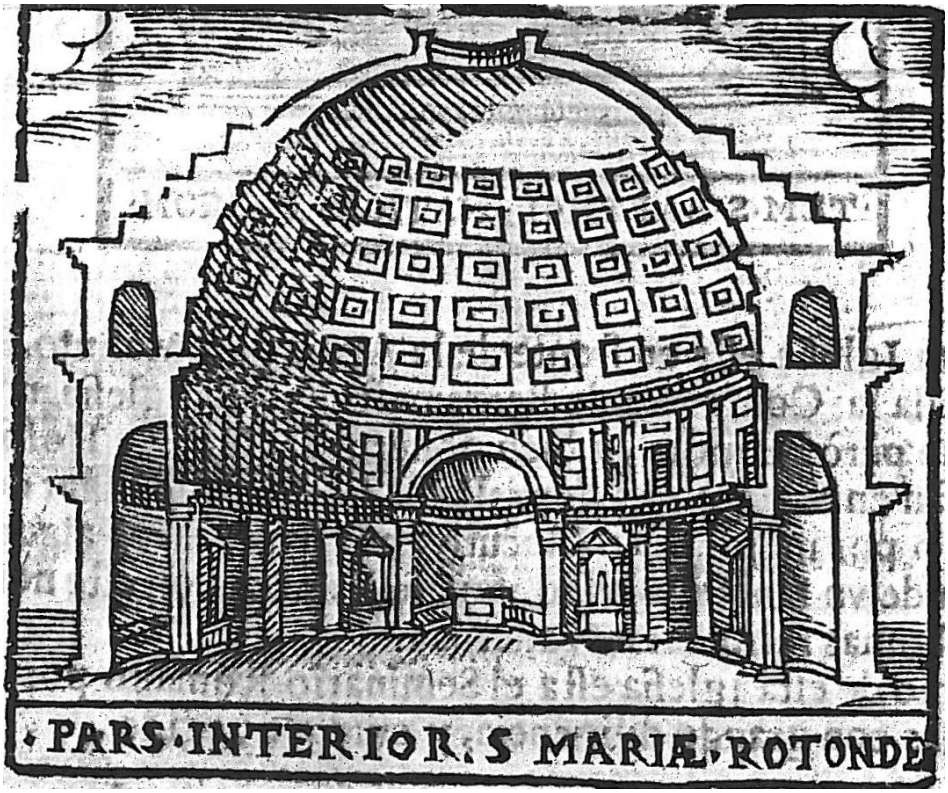
51ª Estação: JgreJa de santo apostolo[231]



52ª Estação: JgreJa de santa maria Redonda[232]



[231] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 142; *MFC*, f. 199v.
[232] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 213; *MFC*, f. 199v.

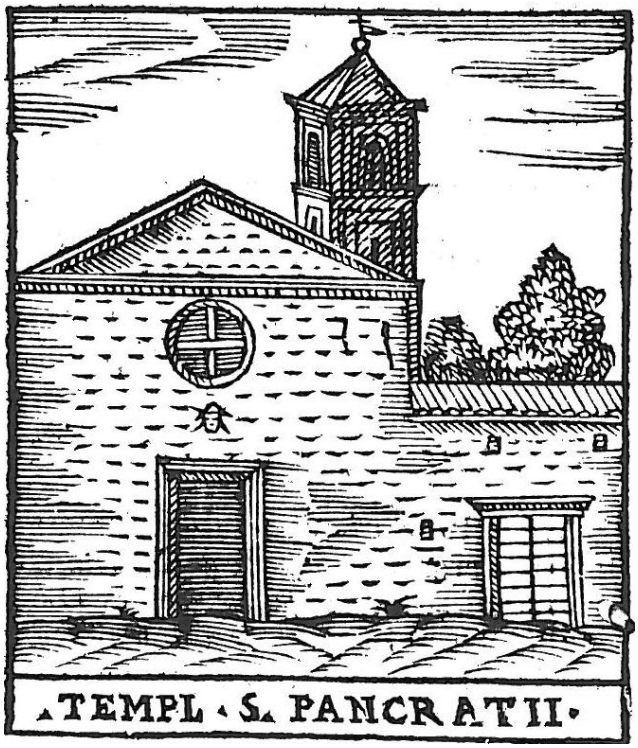


53ª Estação: JgreJa de são João de latrão[233]



[233] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 21; *MFC*, f. 199v.

54ª Estação: JgreJa de são pancraçio[234]



4. Vivências e quotidianos. Imagens de uma sociedade heterogénea

Roma é uma cidade múltipla e heterogénea, quer do ponto de vista humano e demográfico, quer em termos sociais, políticos e culturais. E é precisamente essa diversidade que lhe garante um tão singular cunho civilizacional, em grande medida causa e consequência do humanismo e do seu pano de fundo, o Renascimento, sem que possamos, evidentemente, ignorar toda a sua longa e milenar história.

Tudo fervilha de vida nas ruidosas praças e ruas de Roma. Pressente-se esta vibração, que muito deve à observação empírica e à experiência em primeira mão, nas descrições do fidalgo de Chaves. É aliás neste tópico, o das vivências e quotidianos, que a sua capacidade de observação e a sua curiosidade sobre tudo o que o rodeia maior importância adquirem. Mas vejamos um pouco mais de perto as diversas facetas de genuína experiência ontológica vivida pelo fidalgo entre 1510 e 1517, em Itália e em particular na *Cidade Eterna.*

[234] Santi Frá Cónego de Stº Agostinho, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, op. cit., p. 219; *MFC*, f. 199v e f. 200r.

a) A mulher

No texto do fidalgo, um dos papéis de maior destaque a nível humano é atribuído à mulher, o que está em consonância com os tempos em que o autor vive. Na verdade, o século XVI foi uma época de mudanças, embora nem todas positivas, como concluem vários historiadores e ao contrário de uma imagem que se tornou dominante, para as mulheres na Europa[235]:

> "Jaa neste tempo estauam em Roma tres Jrmãas do papa com seus maridos filhos e filhas Aas quaes deu casas E estados como convinha a tamanho diuido de Sua Santidade. E antre estas Jrmãs a senhora condesinha tinha o papa por pessoa de grande siso E conselho. E fazia della tanta conta que se dizia que de todalas cousas de Jmportançia lhe daua parte E pedia seu pareçer [.] deu a Requerimento dos cardeaes E das Jrmãs muitas Reseruas, dellas por dinheiro E dellas gratis E loguo as sospendeo E Reuoguou todas. E os que as compraram perderam seus dinheiros E os outros a esperança dos beneficios."[236].

Independentemente das circunstâncias e dos laços familiares em questão, a mulher assume, de facto, nesta passagem das *MFC* um papel público de destaque. Neste caso específico a participação activa da mulher nos meandros curiais ofereceu-lhe o acesso ao poder.

O Renascimento criou uma nova visão de feminilidade, não isenta de ambiguidade, e traz para a luz uma "nova mulher"[237], apesar de não podermos esquecer o "peso" milenar de imagens, funções sociais e limites ideológicos que continuam associados ao sexo feminino. Roma, juntamente com Veneza, é provavelmente o espaço onde este processo ganha maior dimensão e fulgor[238]. Aqui elas são colocadas no centro do palco do poder:

---

[235] Cf. Letizia Panizza, *Women in Italian Renaissance culture and society*, London, European Humanities Research Centre, 2000; Margaret L. King, *A Mulher do Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 1994; Sarah Gwyneth Ross, *The birth of feminism: woman as intellect in Renaissance Italy and England*, Harvard, Harvard University Press, 2009.
[236] *MFC*, f. 176v
[237] Cf. Gaia Servadio, *Renaissance Woman*, New York, I. B. Tauris, 2005.
[238] Mary Rogers, Paola Tinagli, *Women in Italy, 1350-1650. Ideals and realities: a sourcebook*, Manchester, Manchester University Press, 2005.

> "a ospeda foi aguasalhada sem companhia em huma camara E cama de campo, nom segundo o luguar mas como em Roma. o dia seguinte caualguou com todos aquelles senhores em habito domem com vestidos de seda a caçar estarnotes. E esta vida passaram alguns dias sendo sempre mui festeJada. nam hee pera esqueçer madalena por sobrenome vincula, françesa natural davinhão. esta era molher casada, E seu patrimonio valia em cada hum ano mais de quinhentos ducados. tinha o papa Jullio hum sobrinho cardeal homem mançebo E viçe chançeler cuJo titolo era sam pero avincula, ho qual mandou por leguado a vinhão. sendo esta madalena molher de mui Jentil pareçer Rica E palençiana, o cardeal se namorou della em tal maneira que a tomou ao marido, E a leuou a Roma E a teue tam honrrada E tam estimada que nam sahia de seu querer E conselho. o papa tinha tanto amor a este sobrinho que se guovernaua por elle, assi que a voz comum era que o cardeal guovernaua ao papa. E guovernando madalena ao cardeal guovernaua Roma. quando caualguaua se tinha por muito avantaJado o que ella fauoreçia sendo delle acompanhada. E moRendo o cardeal ficoulhe o sobrenome de vincula, E muita Riqueza, assi de dinheiro como tapeçarias E ornamentos Ricos, de camas E cousas de casa. tanto se deleitaua em Juguar que muitos mo afirmaram E ella mo disse depois, que perdera em huma noite aos dados seteçentos ducados. E continuamente avia em sua casa mesa de Joguos de diuersos estados de homens que ali hiam, huns pera a namorar, outros pera a Roubar. E veo depois esta tam estimada molher a ser cortesam de maior estima de todalas outras em todalas maneiras de guastos."[239]

Papas, cardeais e barões recorrem a elas para o prazer sexual mas também pelo deleite da sua culta e agradável companhia. Não é por acaso, afinal, que Baldassare Castiglione lhes dá um tão destacado protagonismo e um papel de grande centralidade na construção d' *O Cortesão*[240]. A terceira parte deste marcante livro sintetiza o que tinha sido dito sobre o cortesão nas partes anteriores e aplica-o à *dama de palácio – donna di palazzo –*, seu "simétrico" do sexo feminino, aqui apresentada teoricamente como apta e capaz de grandeza e inteligência similares, ao ponto de desenvolver com o elemento masculino uma relação amorosa baseada no idêntico gosto pelo saber e na idêntica ambição pela distinção que eleva os espíritos de elite. As qualidades que deve ter uma figura tão sofisticada e ideal como é o cortesão são pelo autor procuradas em simultâneo para a mulher. Ou seja, no mais essencial do seu livro dedicado ao perfeito homem de corte, ele busca igualmente as qualidades que deve possuir "la perfetta *donna di palazzo*" – é significativo verificar o termo utilizado por Castiglione para a distinguir

[239] *MFC*, f. 206r.
[240] *O Cortesão*, publicado pela primeira vez em 1528, é um dos livros mais conhecidos e característicos do Renascimento. Ao longo das suas páginas, o autor, Baldassare Castiglione, apresenta tudo aquilo que convém à formação do perfeito cortesão, ou seja, o novo modelo de comportamento e o novo modelo social do homem laico bem posicionado na escala social.

da *cortegianna,* de quem falaremos a seguir, e cuja designação adquirira, já no século XVI, um sentido preciso. Não é fortuito que os quatro livros que compõem esta obra emblemática do Renascimento sejam desenvolvidos através dos diálogos conduzidos ao longo de quatro noites no palácio sob a simbólica orientação de uma mulher, a duquesa Elisabetta Gonzaga[241].

Cingindo-nos ao quadro italiano que nos é dado observar pela mão do fidalgo de Chaves, a mulher nos inícios do século XVI tem, de facto, poder; sobretudo, quando os seus laços de parentesco a colocam no centro dos jogos de influência, como o fidalgo refere em relação às familiares do sexo feminino do papa Leão X:

> "Do grande Resguate do cardeal são Jorge, E de sua morte. Por ser o cardeal são Jorge grande senhor E mui Rico foi depositada E conseruada sua vida naquelles dias, por que se esperaua aver delle mui grande Resguate. alguns diziam que todauia moRera se nam fora a diuisão que a desordenada cobiça de lhe averem as casas E o ofiçio de camaralenguo causara antre mediçis, E madoma madalena mãj de çibo E Jrmãa do papa. E que o cardeal mediçis Requereo por elle, por que sendo morto esperaua aver as suas casas que são das boas que se sabem aver na cristandade E tambem o ofiçio de camaralenguo ho estoruaua [.] madoma madalena que tinha o mesmo Requerimento pera seu filho o cardeal çibo E sendo mediçis descontente disto vendo que lhe nam era conçedido, por que çibo ficasse valdio [,] Requereo ao papa a Restituição de são Jorge a seu pristino estado. E Sua Santidade ho fez assi, com tanto que paguasse çento E çincoenta mil cruzados, os quaes lhe foram emprestados. E paguou loguo. E que desse fiança de duzentos mil cruzados a nom sahir da çidade ou villa que lhe dessem por prisão. E que nam tiuesse voz em consistorio autiua nem passiua. E com estas condições foi Restituido ao capelo E a sua Renda. E da prata E do que lhe tomaram de sua casa nunca mais ouve nada. tomaramlhe as tres frontanas que são Junto de Roma, E Rendem tres mil cruzados. E com esta abadia lhe tomaram outras de mui bõa Renda. assi que nos benefiçios E na fazenda nam lhe deram nenhum perdão. ao tempo de minha partida ficaua Ja em sua casa, mas nam hia a consistorio. E todavia nam perdia a autoridade de seu grande estado. sendo eu curioso de saber a fim destes males, ao tempo de minha partida de Roma Roguei a alguns cortesãos meus amiguos que me escreuessem o que adiante passasse. E antre outras cousas me screueram que sam Jorge morrera em napoles onde fora fugido de Roma com presunção que lhe deram peçonha em napolles. E per sua morte ouve todavia mediçis suas casas E o ofiçio de camaralenguo que hee o maior de todolos de curia Romana."[242]

[241] Cf. Alain Pons, "Présentation" in *Le Livre du Courtisan*, Baldassar Castiglione, *op. cit*..
[242] *MFC*, f. 225r e f. 225v.

A sua posição e conduta já não são passivas, pelo contrário. A mulher busca o seu espaço e a sua autonomia sempre que pode. Ela ocupa, sem dúvida, lugar preeminente na sociedade de corte da época. O próprio fidalgo reconhece que perdeu "muitas esperanças de merçes que me tinham prometidas" de uma grande senhora italiana como era a sobrinha do papa. Mercês tão vantajosas que "nam ouve por menos perda que as que esperaua do cardeal":

> "Da morte de madona milia esposa do senhor de pombrino. Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa, a qual era per seus embaixadores esposada com o senhor de pombrino o qual hee gram senhor de Renda E mui gentil homem de sua pessoa E desposição de corpo. E a esposa tambem fermosa E gentil dama, com a qual eu tinha muita familiaridade, E com a senhora sua mãj. E per suas mortes perdi muitas esperanças de merçes que me tinham prometidas, as quaes nam ouve por menos perda que as que esperaua do cardeal, se nosso senhor lhe dera vida, por que o mesmo amor tinha de sua Reuerendissima senhoria visto per promessas E merçes que delle Reçebi. a morte desta senhora se causou da vinda de seu esposo a Roma, por que o papa os quis Reçeber E dar o anel, segundo husança de Jtalia. E çearam ambos A mesa com Sua Santidade comendo Juntos o manifico Julião com todalas outras Jrmãas E parentes que foi cousa nom acustumada dos papas por ser a çea pubrica E de tantos festeJada E de Jograes como voda. ãs Jguarias muitas, as muitas maneiras de musicas causaram muita detença. E a esposada era de desposição E Jdade delicada, os vestidos de borcado de pelo, E as muitas Joias eram pezadas."[243]

E em Roma, ela pode inclusive ambicionar à emancipação financeira sem recorrer às "artes" das cortesãs:

> "hee lei antre os Romanos que as molheres nam herdam nas fazendas dos maridos. E por que a molher de pero marguano era de parentes Ricos aJudaram com este dinheiro pera Resguatar o marido com tanto que moRendo primeiro pero marguano ella herdasse sua fazenda. E foi assi assentado o partido, mas nam com esperança de tam çedo viuvar. ca o marido era mançebo, mas di a poucos tempos o mataram como se contaraa. E os outros Jsso mesmo foram Resguatados segundo a valia de cada hum."[244]

[243] *MFC*, f. 203r e f. 203v.
[244] *MFC*, f. 209r e f. 209v.

A mesma pretensão surge para a mulher italiana no cenário completamente diferente da guerra e enquanto devedora dos costumes dos guerreiros espanhóis:

> "acharanse despois da batalha tres mil molheres em cuJo poder, se achou o prinçipal dinheiro E despoJo dos espanhoes que aviam deixado em sua guarda como custumam fazer."[245]

A mulher italiana pode inclusive ironizar nas ruas acerca da eleição papal, pormenor aparentemente corriqueiro e quotidiano, mas revelador de um à vontade civilizacional que não existia nos séculos anteriores:

> "Como mediçis foi papa E se chamou lião deçimo. Acabadas as obsequias entraram no conclaui desassete cardeaes que se acharam em Roma [.] fizeram dous scrutinios nos quaes quasi foram Jguaes nas vozes o cardeal de cuna per outro nome chamado alborensis, E mediçis. mas no segundo querendo os cardeaes diaconos que fosse o papa diacono elegerão mediçis com huma soo voz que ouve da ventaJem de cuna. era este cardeal de cuna castelão E mui velho, bem mereçedor do pontificado. por elle se podia dizer ser padre dos da patria que grandemente amaua E aguasalhaua os espanhoes. quando per Roma se soube que mediçis era papa, os que maes entender tinhão ho ouveram por cousa estranha. aberto o conclaui leuaram o nouo pontifico a sam pedro cantando te deum laudamus. acabado o oficio, tornandosse os cardeaes velhos pera suas casas, as Romanas lhes dizião passando per suas portas, Que pobres cardeaes velhoszinhos onde estaua vosso siso quando fizestes o vosso filho papa."[246]

Mas o fidalgo analisa a mulher italiana também pela excelência do seu vestuário e pela sua beleza:

> "os cardeaes perlados E senhores que tem fora de Roma luguares a que se possam hir, ho fazem como passa o dia de sam pedro E sam paulo por que atee aquelle dia nam daa o papa liçença a nenhum por ser dia de missa papal. E todos estam Juntos por honrra da festa. aquelle anno pedio o cardeal meu senhor Liçença ao papa pera se hir a sena que hee terra fria E mui espeçial de verão. (…) esta fora a primeira vez que o cardeal tornou a sua patria despois que veo a Roma E por Jsso lhe foi feita grande festa prinçipalmente dia de santa maria daguosto que os seneses acostumam fazer na praça huma grande caça fingida de vssos, porcos, seruos. E corem muitos touros. foi acreçentada esta festa com outras novidades na qual se

[245] *MFC*, f. 156r e f. 156r.
[246] *MFC*, f. 170v.

> fez huma grandula que hee cousa notauel pera ver. avia em aquelle dia em cadafalsos que çercauam ha praça que hee grande, E nas Janelas das casas mais que em outra parte que tinha andado, grande multidão de molheres que outro nam vestiam senão çedas. E de mui fermosos Rostos."[247];

> "E sendo todauia Jmportunado do sacro colegio que deesse ao senhor nicolao capitão prinçipal da sua guarda (marido de madoma laura a mais fermosa molher que naquelle tempo avia em Jtalia) natural Romano hua pequena villa, nam no quis fazer dizendo aos cardeaes que elles lha podiam dar se quisessem."[248]

O fidalgo foca também no seu relato a questão sempre central da aliança matrimonial enquanto poderoso instrumento de poder por parte de uma grande Casa ou linha dinástica. É o que acontece quando descreve o casamento arquitectado pelo papa Leão X entre Juliano II de Médici ("o manifico Juliam"), seu irmão, com a princesa Felisberta de Sabóia (1498-1524) – "Jrmãa do duque de saboya" –, ocorrido a 22 de Fevereiro de 1515 na corte de França. Um notável exemplo da estratégia matrimonial como ponte para o poder:

> "Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya. Tratauasse do manifico Julião com a Jrmãa do duque de saboya. E muito se afirmaua que o papa [Leão X] dera ao duque em partido duzentos mil cruzados pera desempenhar hum estado que por aquelle dinheiro tinha apenhado. E emquanto os tratos andauam no terçeiro ano de seu pontificado em dia de são pero que foi na era de 1515 foi dado na JgreJa de sam pero o bastão de capitão da JgreJa ao dito manifico Juliam dizendosse missa papal, a qual foi cometida ao cardeal sam Jorge. E elle em presença de todolos cardeaes lhe deu ho bastão."[249]

A mesma temática aborda quando fala da forma como o tirano de Siena, Pandolfo Petrucci casou alguns dos seus descendentes, sempre no sentido do reforço da sua Casa à frente dos destinos da República de Siena[250]:

---

[247] *MFC*, f. 161r.
[248] *MFC*, f. 167v.
[249] *MFC*, f. 203v.
[250] Cf. Maurizio Gattoni, *Pandolfo Petrucci e la politica estera della Repubblica di Siena, 1487-1512*, op. cit..

> "deixou [Pandolfo] tres filhos E tres filhas, scilicet, o Reverendissimo cardeal, o magnifico burges que ficou no guoverno E mando em seu luguar o qual era casado com huma sobrinha do papa pio eneas siluio Jrmão do arçebispo de sena que despois o papa lião fez cardeal, E fabio que aJnda era minino. as filhas a maior era chamada sulpiçia era casada com hum Jrmão dagostim quise dos mais Ricos E honrrados cidadãos seneses. E posto que pareça sahir fora do proposito nam deixarei de dizer de sua Riqueza trato E maneira de viuer. este aguostim quise E seus Jrmãos erão barqueiros em Sena. E tanto os fauoreçeo a fortuna que hum casou com a filha de pandolfo duque e senhor daquella senhoria. E agustim alcançou tantas Riquezas que se afirmaua nam aver naquelle tempo outro tam Rico mercador em christãos. seu assento era em Roma. seruiasse de mestre de casa, veador, camareiros, escudeiros, trinchante, moços desporas E da estribeira. seus cavalos E mulas passauam de trinta. assi que o seruiço E trato de casa não era menos de cardeal. andaua por Roma as mais das vezes a pee com dous ou tres moços consiguo. hum que lhe leuaua o caualo polla Redea. os outros hião com elle As JgreJas ou casas onde entraua. era Reçebido dos cardeaes com grande cortezia."[251]

O fidalgo demonstra assim como a mulher italiana, ainda que dispondo de uma liberdade quase única no contexto europeu, continua a desempenhar o seu papel de peça fundamental de um complexo xadrez político. Demonstra, enfim, como a mulher renascentista, no seu papel de esposa – como no de filha, mãe e irmã – continua em grande parte sujeita a um sistema de família que precisa avidamente dela para se manter e legitimar, mas que não a valoriza da forma que, afinal, devia [252].

Mas o fidalgo mostra também como a mulher italiana sofre nos longos e sanguinários anos das *Guerras de Itália*. Este estado surge no seu discurso como uma inevitável condição do elemento feminino:

> "Como a noua cheguou a Roma E do que o papa fazia. Jaa disse que foi a batalha na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze anos em dia de pascoa da Resurreição. A terça feira seguinte de noite cheguou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de custume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jsso mesmo todalas senhoras e baronesas de Roma que tinhão seus maridos na guerra E cada huma perguntaua pollo seu. o papa as consolaua E dizia que nom cressem nada do que se dizia por que custume era dos françeses semear sempre nouas mentirosas em seu fauor. nesta primeira noua nam veo mais

[251] *MFC*, f. 152v.
[252] Christiane Klapisch-Zuber, *Women, family, and ritual in Renaissance Italy*, Chicago, University of Chicago Press, 1987.

> çerteza que ser o viso Rei desbaratado E fugido. despois veo outra que nam escapara dos espanhoes"[253].

De alguma forma aliado a este cenário apresenta-se a pior de todas as condições para a mulher italiana: a violação. Um momento traumático que tantas e sofridas vezes viveu no contexto das referidas guerras, quando imensos e implacáveis exércitos, sobretudo estrangeiros e compostos por tropas mercenárias sedentas de saque e sem qualquer valor moral ou traço de conduta ética, circulavam livremente pelos caminhos de Itália:

> "ao outro dia seguinte [da batalha de Ravena] foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles. na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[254];

O saque de Bréscia, que teve lugar a 18 de Fevereiro de 1512, deixa uma marca impressiva no autor que assinala as suas terríveis consequências para as mulheres:

> "E cheguados a brexa [os françeses] ha entrarom por força de combate, E meterom toda a çidade a saco, matando [,] Roubando, forçando donas e donzelas com crueldade nom vista. afirmasse em Roma que passaram de vinte mil almas as que moReram naquelle saco. E tambem foi Recobrado perguamo."[255]

[253] *MFC*, f. 156v.
[254] *MFC*, f. 156r.
[255] *MFC*, f. 151r.

Uma avaliação de carácter, podemos dizer, etnográfico é o que o fidalgo efectua acerca das mulheres sicilianas, num registo que confirma a perspicácia do seu olhar e a cuidada atenção que atribui ao pormenor que distingue o elemento humano. Afinal, a mulher siciliana surge aqui, em termos sociais e de condição do seu género, como a antítese, por exemplo, da mulher romana, o que em última análise reflecte a diferença cultural e ao nível da liberalidade dos costumes entre as duas regiões de Itália:

> "De çezilia E da JgreJa de monRical E de napole. Partidos de çerdenha, cheguamos a çezilia com boom tempo E tomamos em palermo grande E antigua çidade. passou nesta nao hum grande senhor çeziliano que se chamaua giraldo de bonanha E disseme que conheçia dominico cauarella E que era dos cauarelas de çiracussa homens de nobre geração. este senhor me convidou em palermo pera me dar a comer camarões E pera me amostrar sua molher E lhe dizer se erão as portuguesas tam fermozas. era homem Ja velho E casara avia pouco com aquella molher de que era mui namorado. nos dias que ali estiuemos me fez muita merçe E honrra. esta senhora E suas molheres em sua casa andauam em guarguanta amostrando os cabelos E os peitos. E per fora trazem mantilhas per çima das cabeças deitadas a taa meo nariz E preguadas E atadas na çinta da parte de detras de sorte que nam cheguão ao chão [.] E todas cõmummente andão assi, de maneira que podem hir polla Rua sem serem conheçidas dos maridos, E entrarem E sahirem donde lhe bem estiuer." [256]

Com efeito, a mulher romana é tendencialmente festiva, alegre e, enfim, muito mais liberta, pois participa livremente nos grandes momentos públicos que marcam a vida da cidade. Naturalmente que esta forma de estar deriva muito da diferença de atitudes entre o homem romano e o siciliano:

> "Do tempo que tristão da cunha esteue em Roma E das Reaes masqueras que se fizeram pollo entrudo. E da festa do campo naguam. E do monte trastacho. E dos paleos que se coRem. (…) sua cheguada [de tristão da cunha]a Roma foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualguando Romanos mui prinçipaes com mascaras. (…) coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo

[256] *MFC*, f. 137r.

atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer E o derradeiro nam pareçeo honesto. mas foi envenção florentina por dar prazer ao papa. (…) nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee. as molheres acustumam trazer na mão huma mui sotil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas aguoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia, E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma."[257]

De realçar nesta passagem, a referência dicotómica à cortesã e às "molheres pubriças", ou seja, às prostitutas de rua ou de bordel. Dois universos antagónicos no mundo social romano feminino, elas surgem porém nas mesmas festividades carnavalescas e partilhando o mesmo sentimento geral de alegria e celebração. Preciosa a referência à troca de identidades associada ao Carnaval, onde a ordem do mundo e a disposição natural das coisas é passível de ser invertida: "E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres."

[257] *MFC*, f. 181v a f. 184r.

Mas o momento alto da representação da complexidade da figura feminina romana verifica-se no quadro do seu comportamento, em particular no que diz respeito ao vestuário aquando do início da Quaresma, por oposição ao revelado durante o período imediatamente anterior do Entrudo:

> "Como o papa diz missa A quarta feira de çinza. E os cardeaes vão Juntos A primeira estação. E das molheres Romanas E seus traJos. A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palaçio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancraçio na via de çiuita velha. nesta multidão de Romanas hee cousa de marauilhar os fermosos E honestos Rostros que se vem. E muito mais hee despantar a pouca pompo com que sahem de suas casas E se vão por aquelles desertos de Roma com tanta deuação buscando sua saluação. por honrradas E Ricas que seJam nom leuam consiguo homens nem donzelas que as acompanhem. aJuntanse humas vezinhas ou parentas humas com as outras, E de duas em duas Jgualmente vão fazendo suas Romarias, de sorte que nam se enxergua qual hee a maior da menor. E a esta deuação vão tantas quantas diguo que cobrem os caminhos. seus vestidos são na maneira seguinte. em luguar de mantilhas andam cubertas de pano de linho mui aluo E delguado. cobrense com hum lençol dos hombros pera baixo atado per Jentil maneira debaixo dos braços que lhes cobre todas as vestes. E por çima das cabeças hum pano ou toalha sem nenhum lauor ancha E comprida que lhes cobre os hombros E braços, E grande parte do sobredito lençol, a qual aJuntão no peito com as mãos que geralmente tem mui fermosas nas quaes nam trazem luvas nem anees. leuão os Rostos cubertos ata o meo nariz de sorte que passando a molher Junto de seu marido nam pode ser delle conheçida se se ella quiser encobrir. mas quando lhe apraz abrem seu pano, E amostram os peitos que debaixo trazem fermosos E mui descubertos [,] E finas sedas E grãs de que andam vestidas. os quaes vestidos na são de Rabos como os que se acustumam em portugual, mas compridos E Redondos quanto cobrem os pantufos ataa o chão. E sem nenhum verduguo nos Refeguos. trazem calças de piar mui finas E Justas, E nom cahidas E de grosso pano como as castelhanas. nom acustumam chapins, soomente sobre o pear huns mui baixos E bem feitos çapatinhos E pantufos. quando aconteçe coRer vento enchense os lençoes que pareçem velas, E os vestidos debaixo se mostram de maneira que vão pareçendo tam bem que nenhum outro traJo pode ser mais gentill. nenhuma filha de Romana, nam sahe fora em quanto nam hee esposada. E as que ho são, vão com suas mãis As estações, E vão diante E as mais detras vão Ricamente vestidas. E trazem soomente a toalha da cabeça em luguar de mantilha, E todolos outros vestidos descubertos. algumas senhoras de vilas E terras em quanto são moças trazem mantilhas de pano como em portugual. E então

> nam vão a nenhuma parte sem homens diante de si. E despois que tomão os lençoes vão soos da maneira sobredita."[258]

O que antes era liberalidade e espírito de comunhão social, passa agora a ser tendencialmente introvertido, sem contudo nunca perder um traço de mundanidade, o que faz transparecer uma ideia central: a mulher romana possui de facto uma liberdade de acção e uma sociabilidade inteiramente únicas e singulares no quadro europeu coevo. Não é, aliás, por acaso que o autor estabelece comparações explícitas e recorrentes com o caso português e castelhano, afinal os modelos que ele próprio conhecia.

Daí que o fidalgo refira com um misto de espanto, humor e subtil ironia que "quando aconteçe coRer vento enchense os lençoes que pareçem velas, E os vestidos debaixo se mostram de maneira que vão pareçendo tam bem que nenhum outro traJo pode ser mais gentill." Uma ironia já incisivamente evocada logo no início da mesma passagem textual quando assinala que as mulheres romanas "leuão os Rostos cubertos ata o meo nariz de sorte que passando a molher Junto de seu marido nam pode ser delle conheçida se se ella quiser encobrir. mas quando lhe apraz abrem seu pano, E amostram os peitos que debaixo trazem fermosos E mui descobertos".

Quando terminam as estações da Quaresma, a mulher romana volta ao seu quotidiano festivo e de uma alegria quase contagiante:

> "aqui se acabam as estações da coresma em que as Romanas como tenho dito tem liçença de sahir de suas casas. E nesta vltima estação se aJunta grande multidão de gentis molheres, E de homens onde Ja se achão danças E festas çelebrando a pascoa. aguora tornarei a minha estoria."[259]

Mais de acordo com a liberalidade e o espírito de ousadia dos novos tempos não podiam, de facto, ser as observações do fidalgo de Chaves acerca das mulheres romanas.

Mas é com as cortesãs, a quem dedica um largo capítulo (truncado, saliente-se) e diversos outros apontamentos casuísticos, que o fidalgo deixa a sua intencionalidade crítica ganhar toda uma nova amplitude:

---

[258] *MFC*, f. 184r a f. 185r
[259] *MFC*, f. 200r.

> "Quando se estas guerras Renouauam estando aJnda o viso Rei em napoles veo noua a Roma como os mouros tomarom dom guarçia filho primogenito do duque dalua. E afirmasse que por culpa do conde pero nauarro. E loguo Junto da noua vierom hum Jrmão do dito dom guarçia E hum filho de dom fernando de toledo com outros mançebos seus parentes que avião escapado, os quaes andauão visitando as cortesans E dandosse a prazeres com pouco sentido do que lhes aconteçera."[260]

No Renascimento, em particular em Itália e muito em virtude da liberalização da educação e do saber decorrentes da ampla circulação do livro impresso, a mulher conheceu um singular movimento de emancipação em relação aos parâmetros sociais e culturais que predominavam nos séculos anteriores[261], embora sem que possamos, evidentemente, dele fazer um quadro generalizável. De tal estado de coisas dão as *MFC* um expressivo e colorido retrato, sobretudo, através da figura da cortesã[262].

A descrição efectuada pelo fidalgo português da cortesã romana privilegia a descrição ao vivo e a observação directa. Pela sua mão, perscrutamos respostas para três questões fundamentais. Em primeiro lugar, o que caracteriza a figura da cortesã, em particular a romana, no início do século XVI? Depois, trata-se de alguém completamente submetido e preso às limitações da condição feminina ou, pelo contrário, de alguém que detém poder e uma liberdade de acção não partilhada pelas restantes mulheres? Por último, quais as representações fornecidas por um fidalgo português habitante em Roma no dealbar de Quinhentos dos ambientes em que se movimentavam as cortesãs locais?

Como teremos oportunidade de verificar, as imagens fixadas pelo viajante luso no início do século XVI oferecem uma visão clara do imaginário do Renascimento relativamente a esta complexa figura social, ao mesmo tempo que constituem uma preciosa fonte para compreender aspectos diversos das mentalidades e das práticas sociais deste período.

---

[260] *MFC*, f. 152r.

[261] Cf. Cissie C. Fairchilds, *Women in early modern Europe, 1500-1700*, Cambridge, Pearson Education, 2007; Gaia Servadio, *Renaissance Woman,* op. cit., 2005.

[262] No presente texto, a designação "cortesã" reporta ao sentido original do vocábulo, que englobava a noção central e fundadora de "dama de corte", e não ao sentido muito preciso e irreversível que o mesmo acabou por tomar na língua portuguesa.

Logo numa primeira impressão, ao lermos as passagens do seu texto relativamente à figura da cortesã, notamos que esta luta para se exprimir a si própria, e que nem sempre tal intento é destinado ao fracasso, como acontece não raras vezes com as mulheres deste período histórico. A cortesã tem um rosto e uma identidade, para retomarmos os termos precisos de Margaret King sobre a mulher do Renascimento[263]. Ela não é de todo subvertida pelo absolutismo do mundo patriarcal em que habita. E se a mulher do Renascimento, no geral e ainda que de forma lenta, conhece a emancipação, é com a cortesã que este fenómeno ganha maior validade[264].

A cortesã foi prostituta, mas também guerreira, poetisa e humanista, mercadora, sábia e, sobretudo, aventureira. Os riscos que corria eram muitos e a ousadia e coragem tinham forçosamente de ser apanágio da sua actividade:

> "As que se atreuem tomar assento em Roma confiam de sua fermosura. E de feito são muito fermosas em demasia, e estudam alem disto serem mui graçiosas e bem ensinadas, manhosas e arteiras pera contentar aos semelhantes e tirarlhes seus dinheiros das bolsas."[265]

É certo que a partir dos finais do Renascimento, a fixidez dos papéis sexualmente definidos da mulher foi reafirmada a todos os níveis da sociedade e da cultura, não tendo, consequentemente, a condição feminina progredido de forma global, antes se encaminhado para um progressivo declínio novamente – tal é, pelo menos, a pessimista visão de Margaret King sobre a mulher do Renascimento[266].

Encetadas pela Contra-Reforma, a reafirmação dos princípios da doutrina católica e a severa vigilância sobre o comportamento moral dos fiéis tiveram, em relação ao lugar da mulher na sociedade, tal cenário como resultado. Todavia, na aurora de Quinhentos e ainda que implicitamente associada aos costumes e à mundanidade da vida urbana, a cortesã surge detentora de raro poder e singular capacidade de manobra. Os segredos que conhecia e o poder velado que detinha sobre os seus admiradores – muitos de elevada posição, inclusive no meio religioso – granjearam-lhe não apenas

[263] Cf. Margaret L. King, *A Mulher do Renascimento*, op. cit..
[264] Cf. Lynne Lawner, *Le cortigiane: ritratti del Rinascimento*, Milano, Rizzoli, 1988.
[265] *MFC*, f. 204r.
[266] Cf. Margaret L. King, "A Mulher Renascentista" in *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 191-227.

uma posição de destaque mas também um estatuto largamente invejado na sociedade romana coeva. Disso nos dão conta as palavras do fidalgo flaviense:

> "Nam hee pera deixar descreuer antre as outras grandezas de Roma das Riquezas que alcanção as cortesãas, prinçipalmente com as nouas criações dos papas pollo grande aJuntamento dos grandes senhores que de todalas partes ocorrem."[267]

Como se pode inferir desta passagem relativa às "Riquezas que as cortezãas de Roma alcançam e de suas artes E maneiras pera as aver" [268], a relação *cortesãs / grandes senhores* / *papa* (este último no sentido de um comportamento permissivo e até propiciador de tal actividade) é inequívoca. De reter é que o autor não se coíbe de falar de importantes personalidades, como embaixadores e prestigiados cortesãos, bem como da forma como são enredados nas subtis teias das cortesãs para de tudo ficarem despojados, fazendo aqui o fidalgo português uso de uma significante adjectivação relativa às suas "artes" e capacidades:

> "As que se atreuem tomar assento em Roma confiam de sua fermosura. E de feito são muito fermosas em demasia, e estudam alem disto serem mui graçiosas e bem ensinadas, manhosas e arteiras pera contentar aos semelhantes e tirarlhes seus dinheiros das bolsas. E sem duuida sua pratica e saber hee tanto que onde convem amostrar alegria ou tristeza, a sabem fingir em tal modo que aos mais avisados e sabios enguanam e lhe leuam quanto tem. Aos que claramente vem que as amam menosprezão e fazem mil esquiuanças e se vendem por caro preço. E aos que as desamam fazem grandes fauores, amostrandosse por elles fingidamente mui perdidas. E despois de saberem çerto que os tem enlaçados em seus amores, husam de seu oficio. E acabando de os desbulhar de quanto tem fazem mostrança que nunca os viram. E assi os avorreçem como a homens torpes e engeitados. E Jsto aconteçe aos mais avisados. E desta dança senam escusam tam altas dinidades que por honestidade as nam diguo. E aJnda embaixadores de Reis que pollas contentar dobram suas despesas. E outros muitos cortezãos pollas aprazer, sostentando seus estados E triunfos vendem seus ofiçios apostolicos ou os apenhão pera nunca em suas vidas sahir de catiueiro. Bem poderia dar exemplo em muito que vi, muitos honrrados e abastados a esta causa cahirem e a ser de todos perdidos e quasi mendicantes. E avendoos assi Roubados E deitados a perder, lançam mão doutro, ou outros com o mesmo proposito."[269]

[267] *MFC*, f. 204r.
[268] *MFC*, f. 204r.
[269] *MFC*, f. 204v.

O poder das cortesãs é tanto maior quanto o facto das figuras envolvidas viverem na cidade da cúria pontifícia. Cidade cujos protagonistas – em particular os prelados – foram não raras vezes zelosos protectores e admiradores destas profissionais do prazer[270]:

> "Huma chamada albina tanto Jentil E graçiosa que dom Rodriguo Jrmão do duque dalva grandemente ha festeJou guastando com ella muitos ducados quando foi por embaixador da obediençia que el Rei dom fernando de castela mandou ao papa Jullio. E tambem meteo assaz mão nas Rendas do arçebispo de napole E doutros grandes senhores."[271]

Ainda que dependente dos favores dos homens mais notáveis, de uma forma ou de outra, a cortesã romana controla a sua própria vida. Ela decide quem são os seus amantes e decide sobre o que fazer ou dizer:

> "E avendoos assi Roubados E deitados a perder, lançam mão doutro, ou outros com o mesmo proposito."[272]

Ela vive, enfim, como deseja. No quadro da sociedade de então, as outras mulheres não beneficiam de tamanha liberdade, precisamente porque a sociedade exigia determinados atributos e desempenhos das mulheres ditas "não públicas". Ao escolher tal profissão, a cortesã acaba por rejeitar as restrições da sociedade, tornando-se assim capaz de viver de uma forma mais aberta e livre:

> "E por Jsso hee Roma a cabeça das çidades do mundo. Que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. Os senhores barões e çidadãos quanto são maiores mais e maiores envençoens fazem. As molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. Hee cousa de espantar ver a multidão dellas e os guastos que com ellas se fazem."[273]

---

[270] Lembremos aqui que uma das principais críticas efectuadas por Martinho Lutero (1483-1546) aquando da sua decisiva passagem por Roma, em 1510, dirigia-se precisamente à devassidão e à declarada vida sexual dos prelados.
[271] *MFC*, f. 205v.
[272] *MFC*, f. 204v.
[273] *MFC*, f. 183v.

Umas vezes, o autor fornece retratos colectivos das cortesãs, outras, retratos individuais. De realçar é que nunca são retratos frios ou distantes, mas sempre denotativos de um sentimento. Relativamente à figura da cortesã, como aliás acontece em relação à mulher romana em geral, é o elemento puramente humano aquele que mais entusiasma o autor da narrativa. O seguinte retrato individual é esclarecedor:

> "E contudo contarei dalgumas que foram fauoreçidas E estimadas no tempo que estiue em Roma. Huma chamada albina tanto Jentil E graçiosa que dom Rodriguo Jrmão do duque dalva grandemente ha festeJou guastando com ella muitos ducados quando foi por embaixador da obediençia que el Rei dom fernando de castela mandou ao papa Jullio. E tambem meteo assaz mão nas Rendas do arçebispo de napole E doutros grandes senhores. Tinha tres Jrmãos homens donrra, os quaes nam na podendo trazer a Regra de honesto viuer, hum delles determinando de a matar lhe deu peçonha da qual se Remediou em continente. E depois por aprazer aos Jrmãos se casou duas vezes. E o primeiro marido matou com peçonha na çidade de ferrara por tornar a seus acustumados deleites. E o segundo a Roubou dandolhe huma fea cutilada pollo Rosto. E nisto pararam seus triunfos. Foi Jmperia, de muito maior Reputação que deitou a perder muitos Ricos homens com sua fermosura. E em fim hum bispo lhe mandou fazer huma sepultura merecedora de huma nobre pessoa em sangue e gloria, onde se mandou enterrar ao tempo de sua morte. Esta atee fim teue vida abastada E foi muito estimada."[274]

Como podemos observar, as suas ambições e o seu destino levaram as cortesãs a desempenhar um papel bem diferente do convencional que lhes estava destinado: "As molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. Hee cousa de espantar ver a multidão dellas e os guastos que com ellas se fazem."[275] Fizeram-nas combater corajosamente a concepção misógina da sociedade europeia, que apenas reservava à mulher normas e condicionantes várias, cujo máximo emblema é constituído pela rígida trindade: castidade, silêncio e obediência[276]. Apesar de no seu famoso tratado, Baldassare Castiglione defender que a mulher deve aceder ao mesmo que o homem, ou seja, a uma educação e formação humanistas que, consequentemente, haveriam de permitir uma maior e mais activa intervenção em todos os sectores da vida[277]; a realidade é que, na grande maioria dos casos, o destino terreno da mulher era, de facto, este.

---

[274] *MFC,* f. 205v.
[275] *MFC*, f. 183v.
[276] Cf. Margaret L. King, "A Mulher Renascentista", *op.cit.*.
[277] Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Lisboa, Edições 70, 2004, pp. 357-378.

No que diz respeito à longevidade e ao futuro da actividade da cortesã o autor não podia ser mais esclarecedor:

> "E Jsto lhes dura enquanto são moças ataa Jdade de vinte anos. E passado aquelle termo começando sua fermosura desfalecer, as mais empobreçem E dão consiguo nos espritaes. As que confiando de si tendo perdida a frol da mocidade com que dantes apraziam e namorauam, vanse sostendo naquelles guastos atee guastarem em poucos anos o que em poucos guanharam. Mas as que são praticas e sisudas compram casas e vinhas e metem seu dinheiro em tratos com que despois sostentam abastadamente suas velhiçes."[278]

Em resumo, se umas, "começando sua fermosura desfalecer", gastam de imediato tudo o que ganharam, outras houve que, "praticas e sisudas" – quais símbolos do capitalismo emergente[279] –, investem os seus rendimentos e conseguem garantir uma existência confortável até ao fim dos seus dias. Outras ainda conhecem um fim trágico:

> "E guovernando madalena ao cardeal guovernaua Roma. quando caualguaua se tinha por muito avantaJado o que ella fauoreçia sendo delle acompanhada. E moRendo o cardeal ficoulhe o sobrenome de vincula, E muita Riqueza, assi de dinheiro como tapeçarias E ornamentos Ricos, de camas E cousas de casa. tanto se deleitaua em Juguar que muitos mo afirmaram E ella mo disse depois, que perdera em huma noite aos dados seteçentos ducados. E continuamente avia em sua casa mesa de Joguos de diuersos estados de homens que ali hiam, huns pera a namorar, outros pera a Roubar. E veo depois esta tam estimada molher a ser cortesam de maior estima de todalas outras em todalas maneiras de guastos. E em fim cobrou em penitençia de seus pecados boubas. E com as curas anteçipadas ficou dos azougues tal que a cabeça lhe tremia E as mãos em tal maneira que nam era poderosa de beber huma taça de vinho sem se entornar, E tam magra que era cousa despanto. E com tudo Jsto tam soberba que estando assi comprou hum leito de cortinas de borcadelo de que se bem podia honrrar hum grande senhor. E nam ouso dizer a soma dos cruzados que me afirmaram que custara. sua fim era andar buscando polas casas alheas com quem Juguasse. velha, fea, doente, pobre E mui desestimada. E o marido em posse de toda a fazenda davinhão, E ella perdida toda sua direita parte. muito me encolho polla onestidade da Religião christã. ca muito poderia dizer segundo os mui grandes desmandos de todolos estados."[280]

[278] *MFC*, f. 204v.
[279] Cf. Fernand Braudel, *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*, 3 vols., Lisboa, Teorema, 1992.
[280] *MFC*, f. 206v.

Na essência, a cortesã era a amante dos ricos e poderosos. E, nesse sentido, constituía um mero objecto de consumo e opulência. No entanto, a sua existência vai muito para além dessa premissa simplista e redutora. Com efeito, ao encarnar tudo o que os homens de posição daquela época desejavam, elas garantiam não apenas uma existência confortável e um certo padrão de vida, mas também, e acima de tudo, uma liberdade e um poder de afirmação simplesmente vedado pelas convenções sociais às outras mulheres. Por outro lado, tratando-se da cortesã, a questão da aceitabilidade social apresenta-se como "uma faca de dois gumes", pois embora a sua profissão fosse menosprezada por boa parte da sociedade, outra parte havia que não apenas legitimava a sua existência como tudo fazia para o seu florescimento:

> "Com as [cortesãs] de grande Reputação se fazem de contino grandes guastos (…) E ellas estão em suas Janelas com Joias que lhes dão seus namorados. Tanta hee esta sobejidão destas vaidades e guastos tam sem fruito que se nam podem escreuer porque Roma hee pouoada de Requissima Jente que podem a tudo suprir."[281]

Tanto assim é que a actividade a partir de meados do século XIV estava institucionalizada, tornando-se então uma forma particularmente segura de ganhar poder e prestígio[282] – quer pelas cortesãs, quer por parte dos seus protectores, saliente-se.

O sucesso da peça *La Celestina*: *Comedia de Calisto y Melibea* [283] e da novela *La Lozana Andaluza*[284], retrata bem o grau de divulgação e de "debate" que envolvia a actividade e a figura da cortesã na sociedade coeva[285]. A primeira foi rapidamente traduzida ou adaptada para italiano (1515), alemão (1520), francês (1527) e inglês (1530)[286].

---

[281] *MFC*, f. 205v.
[282] Cf. Paul Larivaille, *La vita quotidiana delle cortigiane nell'Italia del Rinascimento*, Milano, Rizzoli, 1987.
[283] Fernando de Rojas, *La Celestina*: *Comedia de Calisto y Melibea*, [Burgos, 1499], Madrid, Castalia, 2007.
[284] Francisco Delicado, *Retrato de la lozana andaluza*, [Venecia, 1528], Madrid, Stockcero, 2008.
[285] Publicada de forma anónima em Veneza, em 1528 (mas muito provavelmente da autoria do clérigo e editor espanhol Francisco Delicado), a novela *La Lozana Andaluza* centra a sua acção precisamente na Roma do primeiro terço do século XVI. Esta obra é considerada parte da tradição nascida com a igualmente célebre e evocativa *La Celestina*: *Comedia de Calisto y Melibea*, escrita cerca de 30 anos antes por Fernando de Rojas (a primera edição conhecida data de 1499). Ambos os textos partilham a estrutura em diálogo, o ambiente e o tema tratado.
[286] Cf. Eric A. Nicholson, "As mulheres e o teatro, 1500-1580, Imagens e Representações", in *História das Mulheres no Ocidente, Do Renascimento à Idade Moderna*, vol. III, Natalie Zemon Davis e Arlette Farge (dir. do volume), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 341-368.

Dois séculos mais tarde, Madame de Pompadour, famosa cortesã e amante de Luís XV de França, mostra ao mundo o poder que de facto as praticantes desta actividade tinham no seio dos meandros sociais em que circulavam[287]. Dotada de inteligência, encanto, beleza, e ao mesmo tempo da frieza necessária, Madame Pompadour foi na prática uma secretária confidencial do Rei. Governou Versalhes, concedeu audiências a embaixadores, influenciando politicamente as decisões reais e tomou decisões sobre todas as questões ligadas à concessão de favores[288].

Observemos o seguinte apontamento do autor acerca da riqueza e fausto das cortesãs romanas:

> "Ca por sostentar Reputação, tem casas de L[ta] cruzados E di pera Riba ataa çem ducados daluguer em cada huum ano guarneçidas de tapeçarias, estrados, E camas de Rico aparato. E pera suas pessoas vestidos de muitas maneiras de borcados e todas maneiras de sedas segundo os tempos, scilicet, no verão damascos çatins, E tafetas, E no Jnverno borcados e veludos e forros de muitas E desvairadas maneiras de pelles. E seruidores pouco neçessarios."[289]

Tal como a própria Roma[290], a vida das cortesãs surge retratada pelo fidalgo português como faustosa e até excessiva. Mais uma vez, pela sua objectividade, pertinência e alcance, impõe-se a passagem na qual o autor assinala de forma inequívoca a singularidade e o carácter excepcional da condição da cortesã:

> "E por Jsso hee Roma a cabeça das çidades do mundo. Que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. Os senhores barões e çidadãos quanto são maiores mais e maiores envençoens fazem. As molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. Hee cousa de espantar ver a multidão dellas e os guastos que com ellas se fazem."[291]

---

[287] Cf. Benedetta Craveri, *Reines et favorites: Le pouvoir des femmes*, Paris, Éditions Gallimard, 2007.
[288] Cf. Eric A. Nicholson, "As mulheres e o teatro, 1500-1580, Imagens e Representações", *op. cit.*, pp. 341-368.
[289] *MFC*, f. 204v.
[290] Cf. Alain Michel, "L'idée de Rome et l'idée d'Europe au XV[e] et au XVI[e] siècle" in *Conscience Européenne au XVe et au XVIe Siècle — Actes du Colloque International Organisé à l'Ecole Normale Supérieure de Jeunes Filles (30 Septembre — 3 Octobre 1980), (La)*, Paris, Ecole Normale Supérieure de Jeunes Filles, 1982, pp. 265-279; Sergio Gensini, *Roma capitale (1447-1527)*, Roma, Pacini, 1994; Domenico Gnoli, *La Roma di Leon X*, Milano, Editore Ulrico Hoepli, 1938; Paolo Portoghesi, *Roma del Rinascimento*, 2 vols., Milano, Electa, 1971.
[291] *MFC*, f. 183v.

Debrucemo-nos, ainda neste âmbito, sobre o momento do texto relativo ao final das festas realizadas em Roma pelo Entrudo:

> "E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado às suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. Hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela e tortas de muito custo. E singulares vinhos corços E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma. E assi feneçem as sobreditas festas das mascaras."[292]

Para além do facto de o fidalgo fazer a descrição ao vivo, aproveitando a observação em primeira mão e nunca desprezando nenhum pormenor válido para descrever com fidelidade a situação, destaca-se aqui o humor satírico característico da cultura e da ambiência coevas.

Mas o autor não se limita a descrever o fausto das cortesãs durante o período das célebres festas de Carnaval em Roma. Vai mais longe, narrando com fina ironia o seu desempenho durante a própria Quaresma, na qual surgem imiscuídas com as restantes romanas:

> "A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palaçio. E o papa diz missa. E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. E a esta causa o ofiçio he longuo. E se acaba tarde. Neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traJos. E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os caminhos e Ruas todolos dias da coresma atee dia da pascoela que hee a ultima estação a são pancraçio na via de çiuita velha. Esta multidão de Romanas hee cousa de marauilhar. Os fermosos e honestos Rostros que se vem. E muito mais hee despantar a pouca pompa com que sahem de suas casas E se vão por aquelles desertos de Roma com tanta deuoção buscando sua saluação."[293]

[292] *MFC*, f. 184r.
[293] *MFC*, f. 184v.

A cortesã tornava-se socialmente aceitável, na medida em que, regra geral, era bem versada na etiqueta da época e educada, sendo capaz de abordar qualquer tema caro ao elemento masculino de posição: "As que se atreuem tomar assento em Roma confiam de sua fermosura. E de feito são muito fermosas em demasia, e estudam alem disto serem mui graçiosas e bem ensinadas (…)."[294] Recordemo-nos de que Gaspara Stampa e Veronica Franco, duas das mais importantes poetisas italianas, eram cortesãs. Estas cortesãs poetisas foram vozes importantes da cultura do seu tempo mas também da condição das mulheres. Ao escreverem sobre os seus conflitos interiores, as suas angústias e os seus amores, exprimiram a vida íntima de boa parte das mulheres de então. Elas desafiaram abertamente a já referida tripla convenção da castidade, do silêncio e da obediência feminina. Ousadas, belas e destemidas, as descrições que fazem da sua posição social e sexual constituem o âmago da sua mensagem[295].

A cortesã entretinha os homens em qualquer área que ele desejava, fosse intelectual ou sexual: "E sem duuida sua pratica e saber hee tanto que onde convem amostrar alegria ou tristeza, a sabem fingir em tal modo que aos mais avisados e sabios enguanam e lhe leuam quanto tem."[296] Por outro lado, quando um homem tomava sobre a sua protecção uma cortesã estava como que a adquirir tacitamente um invejável símbolo de *status* e de riqueza. De tal modo que, não raras vezes, as cortesãs chegavam mesmo a substituir as esposas legítimas em acontecimentos sociais.

Atentemos na descrição do cenário que envolve uma das mais importantes procissões de Roma:

> "As jenelas das casas se aluguam pera as cortesãas por moor preço do que custaram a fazer, ca muitas vem ali aquelle dia por serem vistas mui ornadas dos mais Ricos vestidos E Joias que tem. Com as [cortesãs] de grande Reputação se fazem de contino grandes guastos, mormente no tempo das mascaras como Ja tenho dito. E muitos por estas despesas tam mal empregadas são deitados em pobreza. Afirmauasse naquelle tempo aver em Roma mais de çinco mil cortesãs muitas dellas erão festeJadas correndo diante de suas portas touros. E ellas estão em suas Janelas com Joias que lhes dão seus namorados. Tanta hee esta sobejidão destas vaidades e guastos tam sem fruito que se nam podem escreuer porque Roma hee pouoada de Requissima Jente que podem a tudo suprir."[297]

[294] *MFC*, f. 204r.
[295] Cf. Margaret L. King, "A Mulher Renascentista", *op. cit.*.
[296] *MFC*, f. 204r.
[297] *MFC*, f. 205v.

Tudo isto permitiu à cortesã desfrutar do que a sociedade de então, neste caso a romana, tinha para oferecer. Em troca da sua companhia e dos seus favores, os protectores proviam o luxo e o bem-estar, assim como *status* junto à corte. Afinal, recordemos, a própria palavra cortesã está indissoluvelmente associada ao termo "corte". Como refere Margaret L. King, é de realçar que as cortesãs bem colocadas, com as suas luxuosas habitações, ricos e sedutores adornos, os seus talentos poéticos e os seus cultos grupos literários e musicais, em nada diferiam das esposas dos nobres[298].

A mulher do Renascimento, sobretudo a das elites, estava presa à "obrigação social" da maternidade. Essa era a sua identidade inequívoca e, em boa parte, a sua "ocupação". Parto, aleitamento e novo parto – um ciclo quase obrigatório, ao qual, pela sua própria condição, não podia fugir. Juntando-se-lhe, em particular no caso das classes desfavorecidas, o árduo trabalho quotidiano, este era aos olhos masculinos o seu destino terreno. De facto, a necessidade de garantir um herdeiro para que a riqueza familiar seja eficazmente transmitida, obrigava a mulher à fertilidade. Agia-se no interesse da família, que necessitava pelo menos de um herdeiro varão vivo se queria assegurar a sua continuidade. O casamento era, pois, resultado de um cálculo, dado que essa instituição servia sobretudo como mecanismo de produção, conservação e transmissão da propriedade. E o veículo dessa passagem da propriedade da velha unidade familiar para a nova era a mulher[299].

Ora, as cortesãs fugiam, não raras vezes com sucesso, a este cenário fatídico que fazia da mulher um mero objecto transmissor de riqueza. É, sem dúvida, o caso da que o autor apresenta como "chamada albina", que "atee fim teue vida abastada E foi muito estimada."[300]

A mulher comum necessitava do dote para casar. Este era, aliás, o único direito de que dispunha como certo. No entanto, raramente a mulher tinha oportunidade de se servir da riqueza proporcionada pelo dote que o seu pai, ou quem exercia as suas funções, entregava. A soma fixada antes do casamento passava logo que o matrimónio se consumava para o controlo do marido. E só regressava novamente à posse da mulher, sem quaisquer equívocos, quando o pai e o marido morriam. Por outro lado, muitas

[298] Cf. Margaret L. King, *A Mulher do Renascimento*, op. cit., p. 89.
[299] Cf. *Idem*, "A Mulher Renascentista", *op. cit.*.
[300] *MFC*, f. 205v.

mulheres perderam o capital a que presumivelmente teriam direito devido à imprevidência dos maridos[301]. Também a esta situação de clara dependência escapava a cortesã; sobretudo as que "praticas e sisudas compram casas e vinhas e metem seu dinheiro em tratos com que despois sostentam abastadamente suas velhiçes."[302]

Também, neste caso de forma óbvia, em relação à questão da extremamente remota situação de término do casamento por parte da mulher ela estava salvaguardada. Se, por acaso, havia possibilidade de separação do casal, esta verificava-se quase sempre em favor do lado masculino. É o que acontece, por exemplo, em cenários de adultério da mulher, mas nunca o do homem, um dos raros motivos de separação na época. Igualmente apenas para o homem, havia ainda o recurso ao expediente não legal do abandono para pôr fim ao casamento. Só muito raramente, a extrema brutalidade de um marido podia dar lugar a um processo de separação legal em favor da esposa afectada. Por tudo isto, o casamento era, na grande maioria das vezes, definitivo. Por outras palavras, um verdadeiro inferno, ou pelo menos uma prisão perpétua, para a mulher que não tivesse a "sorte" de casar com alguém justo, dedicado e honesto.

Para reiterarmos esta demonstração da condição inferior vivida pela mulher comum, bem como do facto de a relação de tipo patriarcal ser dominante, realidade que se ancorava numa tripla e antiga autoridade teológica, médica e jurídica[303], basta reflectirmos sobre o caso de inclusive os guias espirituais (católicos e, mais tarde, também os protestantes) realçarem que no matrimónio a autoridade absoluta deve pertencer ao homem, ao passo que o amor deve ser recíproco.

Em resumo, a sujeição passiva era a pedra-de-toque da instituição matrimonial. A mulher devia amar o marido, mas também lhe devia obediência incondicional. A mulher devia sempre reconhecer que o marido é seu superior e seu senhor. O próprio Calvino (1509-1564) considerava a submissão da mulher ao marido como um modelo da sua normal submissão a Deus[304]. A mulher estava, pois, sempre sujeita à vontade alheia, mesmo na gestão da sua vida e das suas relações sociais. Daí que a sua identidade desaparecesse no anonimato no interior do vínculo matrimonial. Submetida legal e economicamente ao marido, encerrada nos limites estreitos estabelecidos por

[301] Cf. Margaret L. King, "A Mulher Renascentista", *op. cit.*.
[302] *MFC*, f. 204v.
[303] António Manuel Hespanha, "O estatuto jurídico da mulher na Época da Expansão" in *Oceanos*, 21, Janeiro-Março 1995, pp. 8-16.
[304] Cf. Margaret L. King, "A Mulher Renascentista", *op. cit.*.

teólogos e peritos do outro sexo, a mulher do Renascimento apenas tinha na vaga possibilidade de dispor do seu dote o único vislumbre de liberdade.

Mas isto não acontecia com a cortesã, como corrobora o testemunho do fidalgo de Chaves presente em Roma durante sete anos da fervilhante época renascentista. A concepção patriarcal do matrimónio, segundo a qual a mulher estava sujeita à autoridade do marido, era um modelo que não se lhe aplicava. Por outro lado, como vimos, ela assegurava a existência e consequente usufruto unilateral do seu próprio dote:

> "Ca por sostentar Reputação, tem casas de L^{ta} cruzados E di pera Riba ataa çem ducados daluguer em cada huum ano guarneçidas de tapeçarias, estrados, E camas de Rico aparato. E pera suas pessoas vestidos de muitas maneiras de borcados e todas maneiras de sedas segundo os tempos, scilicet, no verão damascos çatins, E tafetas, E no Jnverno borcados e veludos e forros de muitas E desvairadas maneiras de pelles. E seruidores pouco neçessarios."[305];

> "Mas as que são praticas e sisudas compram casas e vinhas e metem seu dinheiro em tratos com que despois sostentam abastadamente suas velhiçes."[306]

Admiradas por uns e odiadas por outros, as cortesãs invadiram um território reservado exclusivamente ao homem: a independência social e financeira. Elas lutaram contra o princípio de que as qualidades das mulheres, quando as tinham, apenas podiam exprimir-se dentro de casa ou à sombra dos claustros. Em síntese, temerárias e ousadas, elas contribuíram de forma importante para dar um novo alcance à condição feminina. Recordemos, uma derradeira vez, uma das mais esclarecedoras referências do autor, desta vez aludindo a um dos mais emblemáticos símbolos da submissão e do papel social das mulheres, a roca: "As molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. Hee cousa de espantar ver a multidão dellas e os guastos que com ellas se fazem."[307]

De referir ainda o apontamento do fidalgo acerca da construção de uma casa especialmente destinada a antigas cortesãs, no qual refere o caso específico de *eluira*,

[305] *MFC*, f. 204v.
[306] *Idem, ibidem.*
[307] *MFC*, f. 183v.

uma portuguesa que conheceu pessoalmente em Lisboa e que mais tarde, já em Roma, "se empardeou fazendo tam estreita vida que de todo o pouo era tida por santissima molher":

> "pera Repairo das almas prinçipalmente despois das pessoas se ordenou neste tempo hum moesteiro chamados das convertidas em que todalas cortesãs que se quisessem nelle meter pera seruir a deus fossem Reçebidas – danlhe todalas cousas neçessarias. E ellas per autoridade do papa entrauam naquella ordem perdoadas E absoltas per Sua Santidade de todolos seus pecados. E quantos vestidos, Joyas E dinheiro tinhão leuauão consiguo E ho dauão ao moesteiro pera comum despesa de todas. E estas cousas dauão E ficauão ao moesteiro depois de fazerem profissão. E as que se antes da profissão aRependião lhes tornauão todo o seu, E as mandauam em paz. muitas deixando o mundo se meteram neste mosteiro. E nam hee de duuidar fazerem santa vida, pois aviam trilhado o mundo E tinhão de suas maldades E trabalhos tanta esperiençia. E serem ao menos semelhantes a eluira nossa natural portuguesa que eu conheçi sendo moço em lixboa, mui fermosa e gentil molher que habitaua no luguar publico com as publicas pecadoras. E despois ha vi em Roma descalça, vestida de burel E çiliçio, E com a penitençia a mais disforme cousa do mundo. E perseuerando neste santo ofiçio, se foi a assiz E se empardeou fazendo tam estreita vida que de todo o pouo era tida por santissima molher."[308]

Por último, o fidalgo, no âmbito da sua abordagem ao tema das cortesãs, refere casos curiosos, e por isso plenos de valor antropológico e a nível da psicologia colectiva, de amores falhados e tragédias sentimentais que tiveram lugar em Roma durante a sua estadia de sete anos e que fazem desta cidade também uma referência neste âmbito mais privado e íntimo, mas não menos importante para a definição de uma sociedade e de um quotidiano que respira vida e humanidade e que atribui à mulher um lugar tão complexo quanto fascinante no seu tecido social:

> "pera Vossa Senhoria ver alguma parte dos grandes aconteçimentos que nos casos damor aconteçem em Roma ponho este seguinte enxerido neste capitolo por ser todo de huma calidade em seus fins, como o de valdes, como atras tenho escrito. quando o papa Jullio teue a guerra primeira de bolonha de que hei contado aconteçeo em Roma que sendo huum mançebo Romano de geração nobre namorado de huma veuua Romana de menos calidade que elle, a viuva deseJando avelo por marido, leuou com elle a maneira das cortesãs, husando de todalas artes E deleites apraziuees ao mançebo. E em tal maneira ho enlaçou que o pobre mançebo era

[308] *MFC*, f. 206v e f. 206v.

obediente, E subJeito a todo seu mandado E querer. E sendo mui manifesto a seu pai E parentes temendo que a tomasse por molher ho casaram mui contra sua vontade com huma mui fermosa moça filha doutro Romano seu Jguoal em linhaJem, com grande dote de casamento. E pollo tirar do amor da viuva, lhe deram liberdade de aver loguo a esposa a seu prazer mas elle antes de ser esposado foi dar disso conta a sua amigua dizendolhe que seu pai E parentes ho queriam casar, se ho averia por bem. a qual menosprezando a elle E a sua pregunta lhe Respondeo com desdanho que fizesse ho que por bem tiuesse. E conversando o Romano com sua esposa, E tendo Ja posto nella o verdadeiro amor de marido, passaranse muitos dias que nam foi ver a namorada, a qual neste tempo Reinou pessima E nam husa da maliçia E crueldade E mandou dizer ao mançebo que lhe fosse falar. perguntoulhe em ho vendo se era casado. Respondeolhe que si, por que ella lhe dera licença, a qual sem tardança ho ferio com huma adagua que tinha metida na mangua com aquella detriminação pollo coração que loguo cahio morto. E a cruel E desamorauel molher avendo cometido com ousadia diabolica tal crime, nam tardou muito em dar a ssi mesma, horriuel E cruel fim. ca acudindo algumas pessoas que a seruiam (que depois contaram ho desastrado caso) ficando pasmada de aver morto aquelle nobre mançebo, em presença delles se matou com a mesma adagua cahindo morta sobre o corpo morto. sabido Jsto do pai E dos parentes do mançebo os enterraram ambos em huma sepultura sobre a qual foram postos os ditados em nome della”[309].

b) Roma em festa

A leitura das *MFC* proporciona-nos uma realidade incontornável: Roma é uma cidade em festa, seja pela via do sagrado seja pelas celebrações de carácter profano. E neste quadro, o Carnaval é rei e senhor. É o auge de todo um imaginário colectivo, de um momento em que triunfa o “mundo ao contrário” – *il mondo a la roveschia* - que transcende barreiras sociais, culturais e religiosas.

[309] *MFC*, f. 207r e f. 207v.

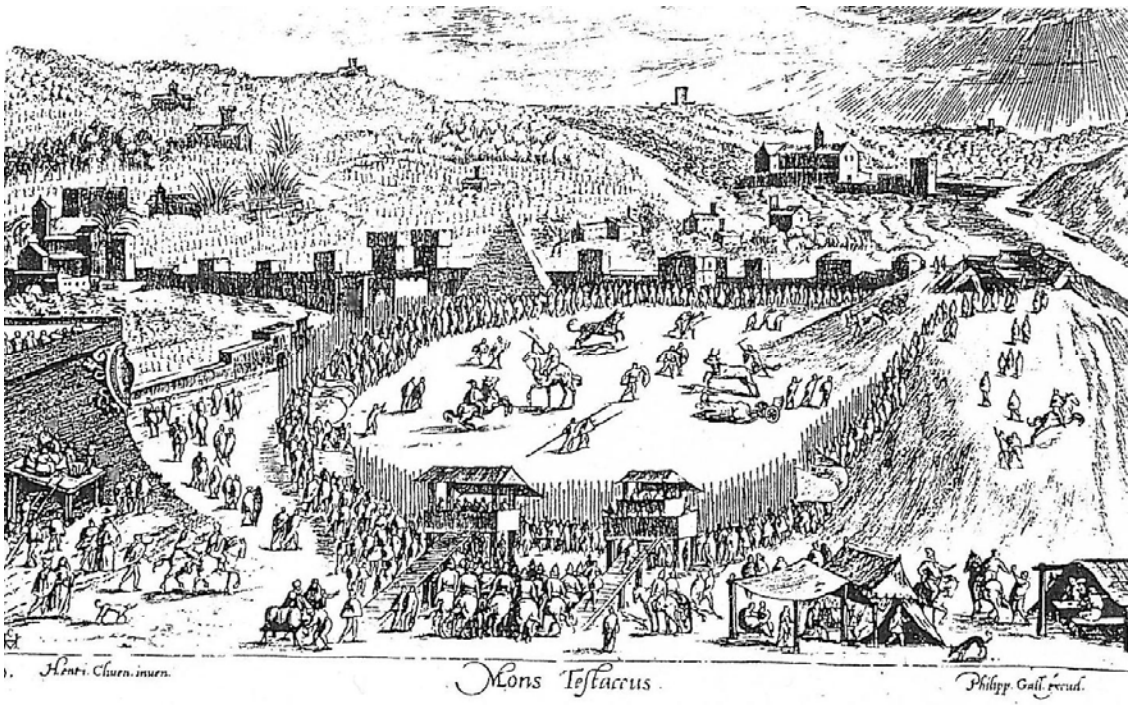


Figura 27: *Festa carnavalesca no Trastacho (cerca de 1550)*[310]

Contudo, uma barreira existe que o Carnaval não transcende: a política, com a qual acaba por estabelecer uma íntima relação. Com efeito, a festa renascentista – e em particular o carnaval romano – é uma extraordinária representação do poder da cidade e de quem a governa, neste caso específico, o papado. O texto do fidalgo não deixa dúvidas quanto a este facto, da mesma maneira que não deixa dúvidas sobre a importância crucial que a festa assume para o quotidiano dos romanos:

> "as mascaras nam se deixaram de fazer com muita paz E assesseguo. na festa do campo naguão foram dezoito carros triunfaes. E antre as outras estorias foi Representado como os françeses foram lançados de italia. os meninos que caualguauão aquelle dia ao custume antiguo foram com mais ventaJem de vestidos E ornados de seda E pedras preçiosas que em nenhum outro dia que os visse em todo o tempo que em Roma estiue. E assi a Jente foi mais armada E de mui limpas armas. E os Romanos fizeram naquelle dia mui Rico cadafalso E assentos de suas pessoas em campo naguom. as diuisas E vestidos do senhor João Jorge çesarino alferez de Roma E as bandeiras de maiores despesas. CoReramse os paleos assi Ricos segundo comum ordenança. E os touros E caRetas de monte

[310] Gravura de Hendrick van Cleef III *in* Antonio Pinelli, *Roma del Rinascimento*, Roma, GLF Editori Laterza, 2007, p. 24.

> trastacho E todas aquellas acostumadas festas forão feitas com muitos comprimentos. E tudo foi mandado E ordenado pollo papa pera dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam cheguada, por que compria assi por bem dos grandes neguoçios [.] passado o dia dentruido em que se as derradeiras festas çelebram andados poucos dias da coresma, mostrando sua santidade sinaes de cristianissimo pontifico deu sua alma a deus. foi sepultado na JgreJa de sam pedro. com solennes exequias."[311]

Mesmo prestes a morrer, o papa Júlio II mantém as festividades do calendário da cidade, pois tudo deve aparentar que o poder e a ordem continuam em vigor. Afinal, o importante é "dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam cheguada, por que compria assi por bem dos grandes neguoçios [.]".

Já Leão X não perde uma oportunidade para promover a sua Casa e os seus interesses familiares e clientelares. Contudo, este processo envolve com grande destaque a festa. É o regresso efectivo do *panem et circenses* imperial como o fidalgo de Chaves tão bem dá a ver:

> "Como o manifico Julião foi feito cidadão de Roma. Passando as cousas desta maneira o manifico Julião Jrmão do papa se fez çidadão de Roma em capitolio onde mandara fazer de madeira hum grande teatro A maneira do coliseu cuberto de pano de lenço pintado de preto E branco destorias antiguas na perfeição que as sabem os pintores de Roma fazer. todalas outras cousas erão de Real aparato por que ali eram Juntos a maior parte dos senhores E çidadãos Romanos. durou a festa E o convite hum dia E parte da noute onde nam faltaram comedias E todolos generos de Jograes E ministrees."[312]

Também a festa celebrada em Roma pela tomada de Azamor pelos portugueses, expedição comandada por D. Jaime, permite ao papa mostrar um determinado ponto de vista político: o da sua importância como destino último das conquistas feitas além-mar pelos príncipes cristãos. Não é por acaso que as embaixadas exóticas se dirigem a Roma, em particular as portuguesas que a todos deslumbram. Festa é poder e Leão X tem esta máxima como princípio orientador ao longo de todo o seu pontificado[313], como o fidalgo de Chaves não deixa de assinalar:

---

[311] *MFC*, f. 168r.
[312] *MFC*, f. 177v e f. 177v.
[313] Cf. Domenico Gnoli, *La Roma di Leon X*, op. cit.; Sergio Gensini, *Roma capitale (1447-1527)*, op. cit..

> "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima senhoria tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria."[314]

Tudo na *Cidade Eterna* aponta para a celebração que, pressente-se, faz parte do quotidiano da população, independentemente do seu escalonamento social[315]. A seguinte longa passagem das *MFC* revela de forma absolutamente esclarecedora como a festa em Roma, sobretudo nos tempos do papa Médici, é transversal a toda a sociedade e envolve todas as múltiplas facetas da sua existência, como os jogos, a alimentação, as disputas desportivas, competições equestres, corridas de touros, desfiles de carros triunfais e representações teatrais, geralmente de uma farsa ou uma paródia:

> "sua cheguada [de tristão da cunha] a Roma foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. E os que coRem saem do campo de frol, E coRem toda a Rua de bancos E passam ha ponte adriana ou de santangelo E a Rua alexandrina E terreiro que estaa diante da JgreJa de são pero atee cheguar ao paleo. E aquelle que o primeiro toca com a mão, ho leua. E o senador de Roma que estaa presente ho daa. E o vençedor torna polas sobreditas Ruas com seu

[314] *MFC*, f. 173v.
[315] Para um maior aprofundamento da temática da festa no Renascimento veja-se Alessandro Ademollo, *Alessandro VI, Giulio II e Leone X nel Carnevale di Roma. Documenti inediti (1499-1520)*, London, Elibron Classics, 2002 (Replica of 1886 edition by C. Ademollo, Firenze); Jean Jacquot (ed.), *Les fêtes de la Rennaissance*, 3 vols., Paris, Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1973-75; Jacques Heers, *Festas de loucos e Carnavais*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987; Maria Cristina Biagi, *Il carnevale romano*, Roma, Ass. alla Cultura, 1988; Mikhail Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*, São Paulo, HUCITEC, 1987.

paleo aleuantado triunfando da vitoria que ouve E per todalas outras de Roma. aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualguando Romanos mui prinçipaes com mascaras. traz o bufalo huma arguola metida no nariz na qual vai encaixado hum pao que o que vai ençima delle leua na mão com que ho guoverna. E na outra mão leua outro pao com hum aguilhão com que ho fere pera o fazer andar. Ja os tem amestrados pera coRer aquelle caminho. aJuntanse em campo de frol, onde estão pessoas ordenadas que lhes dam ordem E sinal pera mouerem. cada hum trabalha por tomar a dianteira. velos hir pollas Ruas E o trabalho dos que vão nelles pera os fazer hir adiante, hee cousa bem pera Rir. são alimarias mui pesadas E de propriedade que achando aguoa se deitam nella. E com grande trabalho os podem dali tirar. E por Jsso Açinte lhes deitão aguoa nas Ruas pera Rir com elles. E a esta causa os que vem detras passam adiante. cheguando ao paleo aconteçe estar çercado delles, E de nam aver Remedio pera os fazer cheguar a elle. E o que vem maes atras chegua E vençe. coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer E o derradeiro nam pareçeo honesto. mas foi envenção florentina por dar prazer ao papa. os paleos dos caualos barbaros [,] eguoas, turcos, E ginetes se coRem no campo de trastacho [.] estes paleos estão em huma muito comprida aste, E são do comprimento da mesma aste. E na parte do alto da aste estão pintadas as figuras daquelles que os coRem. a festa do campo naguão se faz quinta feira das comadres, na qual festa se fazem muitos caRos triunfaes nos quaes Representam muitas estorias. E por que o papa mostraua deseJo de meter paz antre os Reis christãos, em hum destes caRos se Representou o templo de Jano çerrado E a statua do papa dentro com a mão aleuantada sobre figuras de homens de guerra A maneira de paz. mas nam tardou em apareçer causa pera o verdadeiro templo de Jano estar todo seu tempo aberto. naquelle dia caualguão muitos meninos filhos de prinçipaes Romanos com vestidos de suas pessoas E os caualos com albardilhas guarneçidos ao modo antiguo. nestes meninos se mostram todalas pedras E perlas que os paes E parentes tem E podem aver de seus amiguos. vão com elles moços destribeira despostos E mui bem vestidos, que lhes guovernam os caualos E tem mão nelles. esta festa se ordena em campidolio donde todos sahem hum diante doutro. E segue os muita Jente darmas Resprandeçentes E o senador [,] conseruadores [,] coporiões. E todolos outros nobres çidadões os quaes vão apee. somente o senhor João Jorge çesarino alferez de Roma vai a caualo armado darnez E o caualo encubertado com bandeira de Roma nas mãos E consiguo dous pages que lhe leuam ho capaçete E a babeira E a lança. ahi vai o boya seu alguoz com seus estormentos de cortar cabeças pera fazer Justiça dos que se desmandarem naquelle aJuntamento a fazer ho que nam deuem. E depois de hirem por algumas prinçipaes Ruas em singular ordenança entram em campo naguão Rodeando o dito campo. E o senador e Romanos tem feito hum grande cadafalso com seus assentos, ao qual se sobem todos Juntos no dito campo ou praça. hee cousa Real pera ver. dali se tornam a

sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, prinçipalmente no dia dentrudo em que feneçem por aquelle ano, E se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Jngreme. E o vulguo lhe chama monte omnis terre, tendo que se fez de panelas cheas de terra mandadas a Roma das vilas E çidades de todo o mundo no tempo que o geral tributo se daua ao emperador octauiano [.] mas a maior çerteza hee ser feito de pedaços de ladrilho [,] telha E panellas que se faziam ali quando Roma era em sua prosperidade. mostra ser Jsto assi por que em todo aquelle monte nom se pode cauar terra nem outra cousa senão pedaços das sobreditas cousas. E por Jsto se afirma ser ali as olarias de Roma. E este monte estaa dentro dos muros de Roma em hum campo A porta de sam paulo, Junto da qual estaa huma sepultura que se diz ser de Remo Jrmão de Romulo. naquelle campo se aJuntão naquelle dia grandissima multidão de Jente. E a festa hee ordenada na maneira seguinte [,] sobem os Romanos a aquelle monte çertos touros os mais bravos que se achão E çertas carretas nas quaes poem paleos de pano de sorte de londres. o senador E conseruadores E caporiões se vão diante ao dito campo com muita Jente mui armada de luzentes armas E poem os paleos Ricos no luguar acostumado. vem Jsso mesmo os cavalos que hão de coRer E são postos na outra parte do campo mui longe dos paleos. a Jente armada se põe em ordenança. E assi toda a outra multidão. E primeiramente se coRe o paleo de borcado que hee forrado darminhos, o quall coRem os caualos barbaros que são huma casta de caualos que nam haa nestas partes de espanha. são caualos altipernos de mui pequena barrigua, o pescoço comprido E tem as ventãas fendidas. E são ligeiros mais que outra nação de caualos [.] vão cubertos de pano das cores de seus donos, scilicet, corpos, pescoços, cabeças. E a cubertura Justa A mesura do caualo. coRem nos em osso mossos de mui pequena Jdade que faz duuida crer se poderen se ter, os quaes vão vestidos de seda com as armas de seus senhores brosladas diante E detras nas costas. leuam cascos daçeiro nas cabeças por que se nam firam se aconteçer de cahir. estes são tam ensinados que guovernam seus caualos que nam sayam da caReira [.] E cheguando ao paleo, o que primeiro lhe põe a mão ho guanha. E o senador que estaa presente lho Julgua, E o daa a hum de caualo da parte do que vençe, o qual toma o paleo nas mãos E o leua perante a Jente. E o menino vai nas ancas deste bradando o apelido de seu senhor. esta mesma ordem se tem nos ginetes E nas eguoas, E nos caualos turcos que se coRem aquelle dia. o paleo dos ginetes hee de veludo cremesim E os das eguoas de damasco verde. os tres primeiros guanharam aquelle ano os caualos do cardeal de sena, scilicet, o de borcado E os de veludo E çetim. acabado de correr os sobreditos paleos soltaram os touros E os fazem abaixar do monte. E atras delles deitam as caRetas, as quaes deçem com tam grande Jmpeto que se açertam de dar nos touros, vem todos Juntos ao chão onde são Reçebidos de multidão de Jente, scilicet, os touros são alançeados dos de caualo, E os

de pee vanse As carretas com as espadas sacadas pera aver os paleos E cortamnos em pedaços leuando cada hum quanto maes pode. mesturasse a Jente de tal maneira que pareçe batalha trauada. o senador E os Romanos com sua Jente armada estão quedos em seus luguares, E os que andão na escaramuça dos touros são os das mascaras de cauallo. E os de baixa sorte se vão As carretas naquelle dia [.] podem as mascaras trazer armas por Respeito do aJuntamento E do luguar ser tão apartado do pouoado de Roma. E em outro nenhum dia nam podem trazer armas nenhumas, nem paao nem outra cousa com que se presuma que possam fazer a outro ofensa alguma. E o que hee tomado com as cousas defesas, hee mui mal tratado de tratos de polee E doutros grandes castiguos [.] os que nam tem liçença pera sahir de suas casas sem faustos E aparato se vestem de mascaras pera se solazar. E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conheçidos nom lhes hee estranhado destes prazeres [.] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee. as molheres acustumam trazer na mão huma mui sotil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas aguoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia, o cardeal çibo sobrinho do papa fez huma mascara aquelle dia dentrudo de trinta de caualo A gineta E de adarguas, vestidos mui Ricos de çatim Roxo E branco do traJo de feez. o cardeal de sena fez outra de corenta de caualo A estardiota vestidos de çatim azul, E os capeletes da mesma seda guarneçidos douro E lanças pintadas com bandeiras de tafetaa E botas de pontilha lauradas douro, Jubões de çatim amarelo, E cada hum dos moços desporas bem vestidos em calças E gibão E bem despostos com mascaras bem naturaes. outros cardeaes E senhores fizeram outras envenções de mascaras Ricas E de grandes despesas, mas as dos dous sobreditos foram vantaJosas. todas se aJuntaram no sobredito campo. os quaes pareçeram tambem que era cousa de marauilha, polla diuersidade das envenções E dos grandes guastos das sedas. naquelle dia assi nas mascaras como nos caualos o cardeal de sena foi vençedor. E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o

> guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma. E o que destas çeas sobeJa se daa a muitos pobres enverguonhados que vão aquella noite pollas Ruas bradando pedindo esmola que os sostenta parte da coresma. E assi feneçem as sobreditas festas das mascaras."[316]

Do vestuário à alimentação, passando pelo fausto das cortesãs é toda uma sociedade que se envolve num mesmo momento de celebração. Ninguém fica de fora e nada nas festas é deixado ao acaso. Não é por acaso que "cardeaes E outros prelados E senhores, [fizeram] grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa."

Seja por ocasião de uma procissão, de uma coroação papal, ou em tempo de entrudo, as celebrações festivas são o ser próprio do povo de Roma e de uma cidade que deixa, assim, a essência puramente espiritual que a caracterizava na Idade Média para se deslocar conceptualmente para uma mundividência mais cosmopolita e universal. Ou seja, a religião continua a ser inequivocamente a espinha dorsal da *Cidade Eterna*, ou não fosse a capital da Cristandade, mas agora as razões da sua magnificência alargam-se ao domínio do profano e do cultural. Pois a festa inscreve-se no domínio dos costumes; e costumes significa cultura e também, na Itália do Renascimento, política. O momento em que a marquesa de Mântua chega a Roma é paradigmático desta relação dialéctica entre as esferas do religioso, do político, do cultural e, enfim, do social:

> "Como a marqueza de mantua veo a Roma E das festas E honrras que lhe foram feitas. Jaa disse como o papa sendo cardeal, leguado do papa Jullio em bolonha E no exerçito E preso na batalha de Reuena pellos françeses, E como lhes fugira, E assi desbaratado se acolheo a casa do marquez de mantua. E como o marquez vestio a elle E aos seus, E lhe deu dinheiro, E companhia descudeiros E clerigos que ho poseram em bolonha que Ja estaua pollo papa. despois trazendo o deus ao summo pontificado, a marqueza molher do dito marquez veo a Roma pera neguoçiar E assentar os feitos do marido, acompanhada de senhoras de titolos E outras Jentis donzelas. o papa ha Reçebeo E festeJou grandemente todo o tempo que

[316] *MFC*, f. 181v a f. 184r.

esteue em Roma. E por sua estada ser no tempo das mascaras se despenderam muitas sedas E borcados por seu seruiço E daquellas senhoras que com ella vinham, ca todas tinhão grandes senhores por seruidores que faziam grandes despesas Reçebendo onestos fauores. alguns, scilicet, çertos cardeaes mançebos E com elles dom antonio de çunhigua Jrmão do duque de beJar que trazia demanda na Rota sobre o priolado de sam João de castela com o filho do duque dalua que era mai açeito ao papa [,] cardeaes E aos outros senhores E prinçipaes cortezãos de Roma [,] ordenaram hum Joguo de canas nas quaes os menos guastos foram as sedas de que todos hiam vestidos. E postos no terreiro diante da marquesa E de suas damas começaram seu Joguo o qual se pode dizer ser bem Joguo pera ver E amostrar naquelles o amor que vençe todalas cousas. ca vençidos dellas nam estranhauam as toucas E as mascaras hir tudo Junto ao chão com os encontros que se dauão. E elles humas vezes nos pescoços, outras nas ancas dos cavalos, as adarguas dauam mais causa a ser feridos das canas que se huns aos outros atirauam, que de os emparar dellas. E no cabo de sua festa nom se amostraram os melhores caualguadores da gineta de feez, mas di a poucos dias as faltas desta festa foram emmendadas em huma Real caça que o papa E estes cardeaes E muitos senhores fizeram em campo salino que hee duas leguoas de Roma pollo tibre abaixo. (…) acabada a caça foranse a suas estançias, onde os banquetes estauão aparelhados mui grandemente abastados."[317]

As próprias procissões e coroações religiosas tornam-se tendencialmente profanas, pelo fausto e esplendor que conferem aos cortejos em detrimento aparente da esfera da espiritualidade e do sagrado:

"Como o papa liam foi coroado, E foi tomar posse a são João de latram. Foi o papa liam deçimo deste nome criado a onze dias do mes de março da sobredita era de mil b^{c} E treze. E no dito mes de março a huma segunda feira despois de Ramos foi coroado no tauoleiro da JgreJa de sam pero, em hum sumptuoso cadafalso armado sobre colunas de fortes traues forradas de Redor de tauoado que as fazia mais grossas E Redondas com suas vasas E capitees. E pintadas de tal maneira que pareçiam naturaes colunas de perfidos. a tapeçaria de que estaua ornado era a mais Rica que tem a see apostolica. ali erão todolos cardeaes, patriarcas, arcebispos, bispos, E outros muitos prelados Religiosos que erão naquelle tempo Residentes em Roma vestidos de mui Ricas capas de sedas E borcados. todos com mitras nas cabeças de damasco branco, E tafetaa E olanda segundo o grao de cada hum. o cardeal sam Jorge que era camaralenguo da see apastolica lhe pos a tiara na cabeça, a qual hee de tres coroas guarneçidas de tam preçiosas pedras que nam tem o papa outra tam Rica Joia. E em outra nenhuma festa a vi a sua santidade nem ao papa Jullio na cabeça por que em todalas

[317] *MFC*, f. 207v a f. 208v.

missas papaes custuma ter mitra acustumada dos outros prelados, E nam a tiara. verdadeiramente sobre todalas outras çerimonias, esta da coroação do papa pareçe cousa diuina. hee cousa fermosa de ver a multidão da Jente que a este auto foi presente. A segunda feira seguinte que foi a primeira outaua da pascoa foi Sua Santidade tomar posse de são João de latram que foi hum Riquissimo aJuntamento de muitos grandes senhores [.] nam hee pera deixar descreuer da maneira que os cardeaes naquelle dia caualguam. leuão a par de si cada hum oito criados dos mais priuados E honrrados de sua casa apee, vestidos de sedas E brocados. vão quatro de cada parte. E os moços destribeira diante. os mais vão naquelle dia em caualos. E todos leuam as cabeças, os pescoços, orelhas E todo o Rosto do corpo cuberto de tafetaa branco A maneira de caualos encubertados que outra cousa nam vai descuberta senam os olhos E os pees [.] a qual cobertura hee dos moços destribeira, tanto que se os cardeaes apeam, por que nam seruem em outro nenhum dia. os cardeaes diaconos que elegeram o papa derão aos seus priuados E moços destribeira, a liuree de huma maneira, scilicet, aos honrrados capas françesas de veludo negro forradas de tafeta negro mui fraldadas E compridas, pelotes sem manguas de catim alionado, gibões de borcadelo, calças de gram, çapatos de veludo negro, camisas dolanda, com cabeções douro, guoRas vermelhas E çintas de tafetá, E espadas douradas com bainhas de veludo negro. aos moços destribeira deram capas de grãa pauonaça, calças brancas, gibões de çatim alionado, espadas douradas, tafetas por cintas, çapatos de veludo, E guorras vermelhas. os outros cardeaes hiam per desvairados modos. E taes avia que deram gibões de borcado de pelo. os prelados E as outras familias hiam mui Ricamente vestidos. que o que menos veste hee fina grãa antre os outros grandes senhores que naquelle dia ali foram Juntos era o duque de ferrara, E o dorbino, aos quaes o papa de nouo abilitou E tornou Jnvestir em seus estados. era Jsso mesmo ali todolos senhores coluneses E vrsinos E de florença E doutras partes de italia, muitos outros senhores prelados E seculares. E os embaixadores dos Reis foram naquella companhia mui Ricamente vestidos suas pessoas E familias. acabousse o ofiçio tam tarde que tornados aos paços do papa era Jaa quasi noite.”[318]

[318] *MFC*, f. 172v e f. 173r.



Figura 28: *Procissão de coroação de Leão X em direcção à Igreja de S. João de Latrão (1513)*[319].

Na festa, sacra ou profana, participam (e organizam) nobres, clérigos e elementos do povo. Homens e mulheres. Nativos e forasteiros. Sem dúvida, esta é uma das grandes atracções, que torna a vida romana e a urbe que lhe serve de cenário uma miragem para o homem europeu.

Da mesma forma, as celebrações religiosas apresentam-se na época que nos ocupa profundamente politizadas, na medida em que envolvem significativos movimentos políticos de bastidores. A descrição efectuada pelo fidalgo da nomeação dos novos cardeais na sequência da conjura de 1517, bem como da forma como tal processo estava relacionado com a necessidade urgente de repor o tesouro papal por forma a dar continuidade à Guerra de Urbino é paradigmática da lógica funcional e utilitária que, em boa medida, invadiu os ritos religiosos neste período:

[319] Xilogravura de 1513 da autoria de Giovanni Giacomo Penni. In *Cronica delle magnifiche & honorate Pompe fatte in Roma per la occasione et incoronazione di Pupa Leone X*, Roma, Silber Francie, 1513.

> "Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes E do que se dizia E fazia per Roma. A sesta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, antre os quaes foi criado cardeal o Jfante dom afonso filho legitimo del Rei dom manuel primeiro deste nome Rei de portugual. antre os outros nomearei alguns. delles conheçi Ricos, E delles tam pobres que quando alcançauam Reção de tinello que os satisfizessem se aviam por bem contentes. E estes erão os parentes do papa que eu conheçi sendo elle cardeal E tam pobre como Ja disse. deixo santiquatro, aJnda que este era algum tanto mais Rico por ser Ja datario do papa Jullio. deixo bernardo de bibiano [.] deixo çibo. deixo mediçis, os quaes eram tam pobres como Ja tenho dito. mas nesta enleição foi luis de Roxas com outros seus parentes, tam pobres de Renda, letras, Jdade, E autoridade que se nam podia mais dizer. tres frades geraes. o de sancto agustinho, o de são dominguos, ambos mui grandes teologuos. E dos obseruantes françiscos – Jacobaes Romão, E campeJo auditores da Rota [.] o senhor franchote Vrsino. dos coluneses o bispo Jrmão do prospero coluna, E o bispo de lauala sobrinho, o sobrinho do senhor sam Jorge çesarino alferez de Roma. os mais destes E dos outros cardeaes que nam nomeo compraram os capelos por grande numero de cruzados que se despenderam em breues dias na guerra dorbino. no dia que os cardeaes nouos ouveram os barretes comeram com Sua Santidade, E os velhos pollos honrrar. era Ja quasi noite quando sahiram do paço era cousa fermosa de ver tantos cardeaes E tanta Jente tam Rica E luzida que os acompanhauam. o castelo de santo angelo E todalas torres E casas prinçipaes da çidade pareçiam arder com a multidão das luminarias E fogos que se faziam. ca todos honrrauão E festeJauão aos que seruiam E deseJauam seruir. foi cousa marauilhosa que sahidos assi Juntos do sacro paço (…)"[320].

Tende-se a afirmar que a festa constitui o contraponto à monotonia do quotidiano. Porém, em Roma é pouco provável que tal assim acontecesse nesse período de viragem. Afinal, como demonstra o fidalgo, toda a urbe parece permanentemente tomada pelo esplendor festivo do dia-a-dia romano. Por tudo isto, em Roma, a festa esbate a tradicional fronteira entre o público e o privado. É a própria voz do fidalgo que deixa transparecer este sentimento. Com ele sentimos o deslumbramento pelas cerimónias e mergulhamos no entusiasmo das festas. A sua descrição tão colorida quanto pormenorizada e animada coloca-nos bem no centro do fervilhar do povo e da alegria contagiante dos senhores laicos e religiosos.

A cidade espacial que é a Roma papal do tempo do Renascimento vive, pois, sobretudo da vertente pública, sem cair no detrimento do privado e do doméstico. Os locais que permitem a reunião dos crentes (peregrinos ou residentes) e dos cidadãos (visitantes ou nativos) são quem opera a ligação e a coesão dos seus mais diversos

[320] *MFC*, f. 224r.

elementos. As praças e as igrejas, como espaços colectivos e públicos, comprovam-no. Por isso, Roma é urbana por excelência[321]. E, por isso, Roma é espectáculo, como comprova a descrição do viajante flaviense acerca da embaixada de Tristão da Cunha.

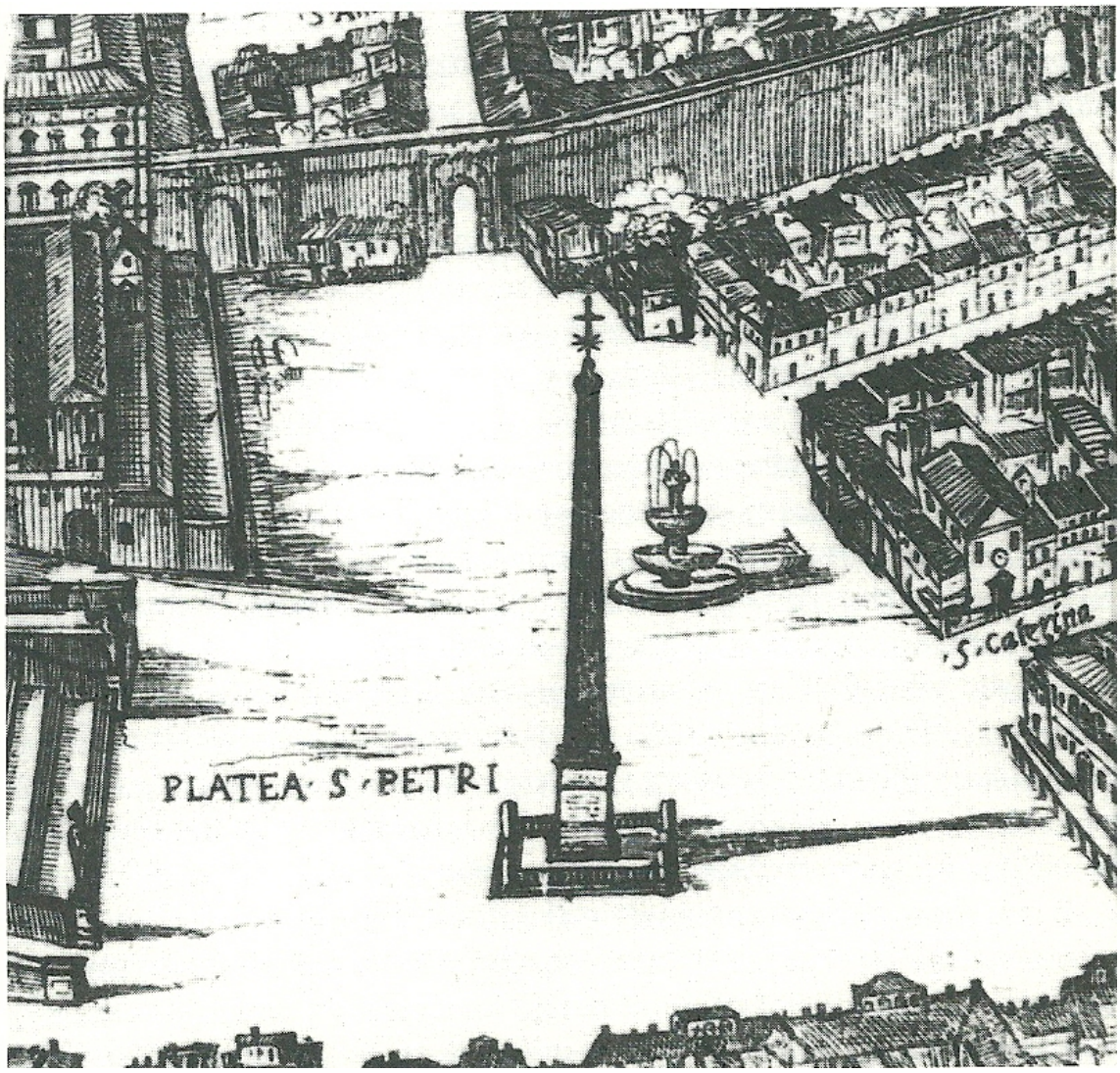


Figura 29: *Detalhe do mapa de meados do século XVI da autoria de Leonardo Bufalini mostrando a Praça de S. Pedro*[322].

[321] Cf. Antonio Pinelli, *Roma del Rinascimento*, op. cit.; Alfredo Proia, *Roma nel Rinascimento*, Roma, Tipografia Agostiniana, 1933; Maria Antonietta Visceglia, *La città rituale: Roma e le sue cerimonie in età moderna*, Roma, Viella, 2002; Paolo Portoghesi, *Roma del Rinascimento*, op. cit.; Pietro Paschini, *Roma nel Rinascimento*, Bologna, Cappelli, 1940.
[322] *In* Leonardo Bufalini, *Roma al tempo di Giulio III: la pianta di Roma* (1551), Roma, Danesi, 1911.

c) Outras faces do dia-a-dia romano

Mas diversos outros aspectos do quotidiano romano e italiano são evocados no texto do fidalgo e que ao longo do nosso estudo fomos apontando no devido contexto em que surgem: da alimentação ao vestuário e aos jogos, passando pela música, o teatro, a caça, os rituais ligados à morte, a violência civil e a aplicação da justiça.

Na essência, as *MFC* veiculam um retrato empírico e emotivo – e que nessa medida consideramos fiel, enquanto testemunho pessoal – das emoções colectivas que predominam em Itália e mais especificamente em Roma, bem como do quotidiano dos seus grupos sociais, dimensão amplamente estudada nas suas múltiplas vertentes[323]. São imagens e representações do dia-a-dia, que vão do lazer, como a paixão da caça, ao complexo esquema dos comportamentos festivos, das paixões, dos sentimentos e das consciências. Um exemplo paradigmático da essência que percorre o texto do fidalgo é o relativo à relação entre festa e alimentação entre as mais altas figuras da Igreja. Poucos momentos no texto, e provavelmente na literatura coeva em língua portuguesa, revelam de forma tão incisiva e ao mesmo tempo tão abrangente e expressiva a íntima ligação entre as constelações do sagrado e do profano na Roma dos inícios do século XVI:

> "este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos." [324]

Deixamos, em seguida, alguns apontamentos sobre aspectos vários do quotidiano pela voz do fidalgo de Chaves, que fomos referindo ao longo do nosso texto:

[323] Para um maior aprofundamento desta temática veja-se Alessandro Arcangeli, *Passatempi rinascimentali: storia culturale del divertimento in Europa, secoli 15.-17.*, Roma, Carocci, 2004; Elizabeth S. Cohen and Thomas V. Cohen, *Daily life in Renaissance Italy*, Westport, Greenwood Press, 2001; Fabrizio Cruciani, *Il teatro del Campidoglio e le feste romane del 1513*, Milano, Il Polifilo, 1969; Idem, *Teatro nel Rinascimento: Roma 1450-1550*, Roma, Bulzoni, 1983; Jacques Heers, *La Roma dei papi ai tempi dei Borgia e dei Medici, 1420-1520*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2001; Paul Larivaille, *La vita quotidiana in Italia ai tempi di Machiavelli (Firenze e Roma)*, Milano, Rizzoli, 1995; Peter Burke, *Cultura e società nell'Italia del Rinascimento*, Bologna, Il Mulino, 2001; Idem, *El Renacimiento Italiano. Cultura y Sociedad en Italia*, Madrid, Alianza, 1993; Idem, *Formas de Historia Cultural*, Madrid, Alianza Editorial, 2006; Idem, *La cultura popular en la Europa moderna*, Madrid, Alianza Editorial, 1991; Idem, *Scene di vita quotidiana nell'Italia moderna*, Roma-Bari, Laterza , 1988.
[324] *MFC*, f. 182v.

Alimentação

"E com bom tempo fomos tomar porto na çidade de calhar da Jlha de çerdenha onde estiuemos seis dias. ali vi os asnos tamanhos como porcos com seus barris daguoa sobir escadas E leuala A cozinha. os carneiros mui pequenos E de seis cornos – postos por tal ordem que pareçem chapeos. E grande abastança de touçinhos de porcos monteses E de tassalhos de seruos mas nam são do guosto dos de nossa terra [.] vinhão a noos com guayolas de perdiguões E todo muito barato. o pão hee branco como a neue. tem tanta abastança de queiJos que caReguão dali muitas naos pera leuante mas não são assi singulares como os de vila boym."[325];

"hee em grande maneira abastada de todo genero de aves de bom preço. da abastança do pão a basta ser çezilia. vinham ali vinhos paula que sam Roxetes como os nossos E de bom guosto. os que nam são brancos são mui cubertos E de maa digestão como os daraguão. haa em palermo muitos mercadores de vniuersas partes que nella tem trato por que esta çidade E miçina dizem que são agora as prinçipaes de todo aquelle Reino."[326];

"a abastança da çidade [de Nápoles] hee mui grande. haa multidão de guordos capões, gualinhas, codornizes, Rollas E outras maneiras de aves que haa viuas E mortas nas praças E tauernas. aos que nam somos acustumados ver Jsto nam he cousa de crer. dizem que haa tantas codornizes naquelle Reino que em huma çerta parte haa hum bispo que nam tem outra Renda se não a parte que lhe cabe das cordornizes que se ali tomão quando passão de africa pera Jtalia. E que são tantas que coalhão ho mar. E os caçadores tem Redes armadas Junto daguoa em esto que seJão guordas. tem a carne sem sabor como são todalas outras carnes de Jtalia que nam tem o guosto das de portugal [.] de napoles de guaeta se basteçe Roma de fruitas que sam muitas em demasia assi laranJas E limões como maçãs, peras, Romãs, pesseguos. os vinhos são greguos manJagra E dos que disse de palila. todas estas cousas são baratas E de bom preço."[327];

"aquelle mar de gata [a caminho de Roma] hee mui abastado de pescados. E dali se mantem Roma."[328];

"matanse nelle [no lago de Bolsena] Jnguias como grandes lampreas. E hum pescado que se chama luçio pintado como truita, E da grandeza de

[325] *MFC*, f. 136v.
[326] *MFC*, f. 137v e f. 138r.
[327] *MFC*, f. 138v e f. 139r.
[328] *MFC*, f. 139r.

peixotas E outros peixes como boguas a que chamam tenças. E Jnfinidade de peixinhos pequenos. este pescado tem os Jtalianos por mais são que o do mar, soomente as Jnguias que são mui danosas."[329];

"E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma. E assi feneçem as sobreditas festas das mascaras."[330]

Vestuário

"este aguostim quise E seus Jrmãos erão barqueiros em Sena. E tanto os fauoreçeo a fortuna que hum casou com a filha de pandolfo duque e senhor daquella senhoria. E agustim alcançou tantas Riquezas que se afirmaua nam aver naquelle tempo outro tam Rico mercador em christãos. seu assento era em Roma. seruiasse de mestre de casa, veador, camareiros, escudeiros, trinchante, moços desporas E da estribeira. seus cavalos E mulas passauam de trinta. assi que o seruiço E trato de casa não era menos de cardeal. andaua por Roma as mais das vezes a pee com dous ou tres moços consiguo. hum que lhe leuaua o caualo polla Redea. os outros hião com elle As JgreJas ou casas onde entraua. era Reçebido dos cardeaes com grande cortezia. seu vestir honesto E de finos panos forrados de sedas segundo os tempos. no verão de çetins ou damascos. E no Jnverno de veludo. nam lhe leuauão Rabo como husam em portugual qualquer cuchicraque, cousa nam acustumada em outra provinçia sem necessidade de tempo E luguar [.]"[331]

Violência civil

"Neste tempo o papa adoeçeo de tal maneira que ho tiuerom por morto. alguns diziam que de noJo por que tinha duros contrairos E os neguoçios nom soçediam como elle deseJaua. nestes Rebates de sua morte Roma era posta toda em armas nam avia Justiça nem quem a fizesse. cada hum procuraua de por sua vida E fazenda em saluo. as armas erão a todos

[329] *MFC*, f. 177r.
[330] *MFC*, f. 184r.
[331] *MFC*, f. 152v.

geraes. das vilas E castelos E coloneses E orsinos E doutros prinçipaes Romanos entraram em Roma mais de vinte mil homens que esperauam a çerta noua da morte do papa pera a começarem a Roubar. alguns çertificauam depois que as entençõeS destes Romanos era poer os espanhoes A espada. mas dura cousa lhe fora dacabar.” [332];

“moReo o papa Jullio deste nome segundo a xxj dias de fevereiro na era de mil E b^{c} E treze. esteue Roma sem nenhum Reboliço, soomente que os Romanos poseram çerquo ao moesteiro de são paulo que hee fora da çidade E o entraram E o despoJaram de muita parte do tesouro E da Renda que era muita. no combate moReram alguns frades E dos de fora.”[333];

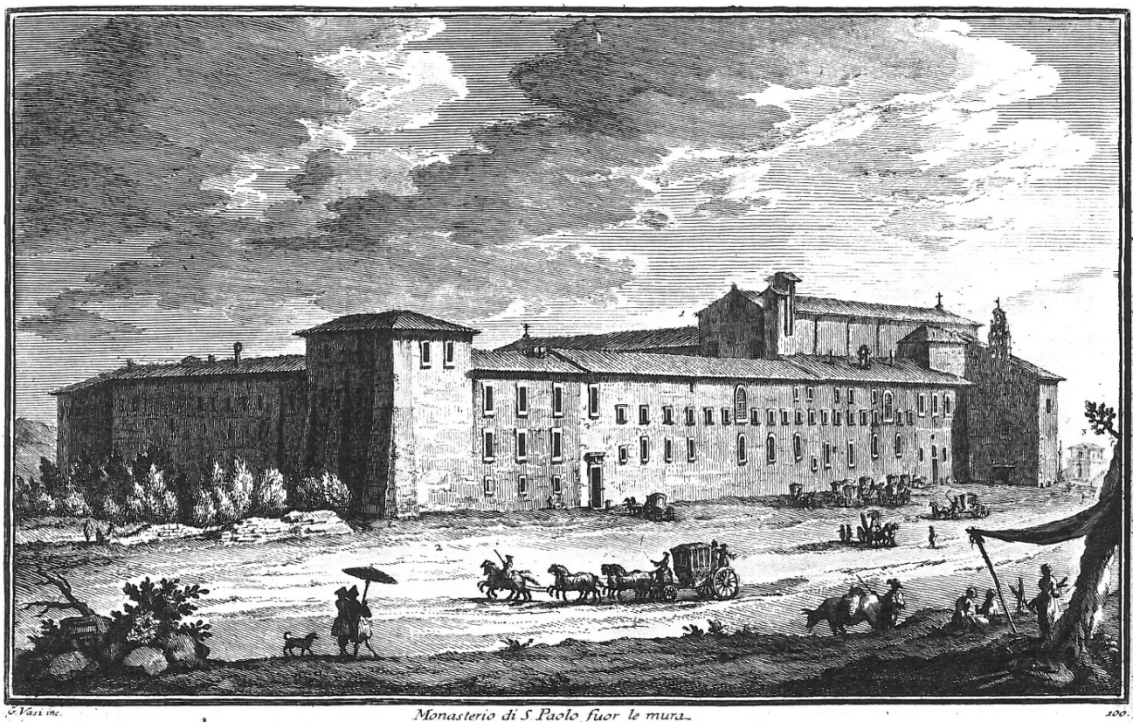


Figura 30: *Imagem setecentista do Mosteiro de S. Paulo, que foi saqueado na sequência dos tumultos civis ocorridos após a morte de Júlio II* [334].

“E não tardou nada que muitos Romanos çidadãos prinçipaes parentes dos que foram feridos vieram sobre elles pera tomar vinguança, mas elles com outros criados do cardeal que erão dentro de casa sahiram aos Romanos E

[332] *MFC*, f. 146r e f. 146v.
[333] *MFC*, f. 169v.
[334] Giuseppe Bianchini, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, vol. I, *op. cit*., p. 100.

leuaramnos As lançadas atee a ponte de santangelo. E neste aRoido foi ferido hum Jrmão do que era ferido A morte. E sendo Ja os espanhoes Recolhidos, os Romanos se foram encontrar com o cardeal na ponte de santangelo, o qual vinha do paço sabendo Ja o que era aconteçido. E trazia consiguo muita Jente da guarda E familiares do papa que Sua Santidade mandara com elle. E sendo Ja no meo da ponte, os Romanos o afrontaram de tal maneira que lhe foi forçado Retraherse ao castelo. E dahi se foi ao paço do papa pollo muro secreto onde esteue alguns dias. E os seus se fizeram fortes em sua casa, porem poseram loguo em saluo os que aviam ferido aos Romanos. E o mestre de casa pareçendolhe que era sem culpa se deixou ficar cuidando que as cousas nam viessem a tamanho estremo, mas hum dos Romanos moReo das feridas cuJa morte foi tam sentida dos parentes que caro ouvera de custar aos espanhoes que em Roma avia."[335];

"Como os Romanos acordauão de poer A espada os espanhoes de Roma. Estes sobreditos dous Romanos erão parentes de todolos prinçipaes da casa Vrsina que hee a casa prinçipal dos Romanos, despois dos coluneses. E estes sam dous bandos que sempre tem Reixa huns com os outros. E os coluneses seruem a el Rei de castela, E os orsinos a el Rei de França. tomando os parentes do mançebo grande sentimento por sua morte, avendo a grande JnJuria, E abatimento armarem os espanhoes com elles aRoido, leuando o melhor E sahindo com suas honrras. (…) os Romanos entraram em conselho tres dias a Reo. E os votos dos mais erão que metessem A espada todolos espanhoes de Roma sem perdoar a nenhum estado, dizendo que nam era de comportar serem mandados E guovernados por elles E tam maltratados que em sua propia terra E çidade os feriam E matauão. E os que prinçipalmente este conselho dauão era o arçebispo vrsino de monte Jordam, E o senhor Renço, E o manifico Lourenço com outras cabeças E capitães. E nam se ordenauam estas cousas antre elles tam secretas que os espanhoes nom fossem de todo avisados, que Jsso mesmo tinham seus conselhos huns com os outros. E estando sobre aviso se faziam fortes em suas casas E com detriminação de se defender, E Resistir ao poder dos Romanos. E nam soomente erão em Resistir aos Romanos, mas tres mil foram em hum acordo de dar sobre elles E poer foguo ao capitolio E queimalos todos dentro. E os homens sisudos assi dos espanhoes como dos Romanos trabalharam por evitar tam grande escandalo."[336]

<u>Relação com a morte (funerais)</u>

"Da morte de madona milia esposa do senhor de pombrino. Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa, a qual era per seus embaixadores esposada com o senhor de pombrino o qual hee gram senhor de Renda E mui gentil homem de sua

[335] *MFC*, f. 214v a f. 215v.
[336] *MFC*, f. 215v e f. 216r.

pessoa E desposição de corpo. (…) E em cabo de corenta dias, que a nosso senhor aprouue de a leuar lhe deu sua alma. E nos vestidos das vodas coroada de loureiro em sinal de virgindade com o Rosto descuberto segundo a husança de Roma foi leuada de belueder a Roma ao mosteiro de sancto agustinho. E foi posta em hum deposito, scilicet, sepultura de ladrilho sobre a terra segundo o custume dos Romanos, pera dali seus ossos serem leuados E postos em suas acustumadas sepulturas na capella de sancta monica, onde Jaz o seu santissimo corpo, em huma solene sepultura de marmor x sobre o qual deposito pintaram, hum menino nuu, com a cabeça sobre a mão que mostraua pareçer morto. E per çima delle hum Rotulo que dizia sicut fumus et vmbra."[337]

Caça

"Como a marqueza de mantua veo a Roma E das festas E honrras que lhe foram feitas. (…) E no cabo de sua festa nom se amostraram os melhores caualguadores da gineta de feez, mas di a poucos dias as faltas desta festa foram emmendadas em huma Real caça que o papa E estes cardeaes E muitos senhores fizeram em campo salino que hee duas leguoas de Roma pollo tibre abaixo. este hee hum grande campo que de huma parte toca no Rio do tibre, E da outra hee çercado de monte em que haa muitos çeruos E corços por que aquello tem o papa coutado, sem nenhuma pessoa hir ali caçar, da qual caça os cardeaes E senhores de Roma nom tem neçessidade por que a todalas partes da çidade se achão todolos generos de munçias, de porcos, çeruos, corços, Raposos, E lebres. E coelhos monteses nam nos haa em toda a terra de Roma. E haa muitos mansos de muitas cores que se criam nas casas que se nam vendem pollo preço de villa viçosa. estas mundiçes tanto que vem o Jnverno, E os pães sam creçidos deçem das serras asperas E frias ao chão a buscar de comer nos pães. E acolhense em matas espesas que haa polla campina donde os vão tyrar com baraços ou podenguos daquella Raça ou natura. os caçadores estão pollas aradas com seus gualguos a que chamam librees em grande multidão com que os correm E tomão. E tem Jsso mesmo outra maneira de caçar çeruos E porcos, çercando com Redes aquellas matas E os porcos E çeruos enxotados de caens, vem dar nellas. E os de caualo como os vem enlaçados nas Redes os matam As lançadas. tornando ao proposito, o papa foi aquelle dia ao sobredito campo, E na sua estançia pos a marquesa no luguar em que avia dir ferir toda a caça. E os cardeaes E os outros senhores Romanos tomaram cada hum os luguares que lhes milhor pareçeram. E despois de todo mui bem ordenado pareçia cousa fermosa ver o papa com aquelles senhores E com a Jente armada de sua guarda de que sempre hee acompanhado em hum mui grande esquadrão. E os cardeaes E senhores cada hum per si em outros maguotes com lanças E em som de guerra mais que de caça. ali era o senhor fabriçio, o senhor marco antonio, o senhor João Jordão, E muitos outros prinçipaes Romanos. E batendo os caçadores ho monte se começou huma fermossa escaramuça, por que sahiram das

[337] *MFC*, f. 203r e f. 203v.

matas çincoenta çeruos mui grandes Juntos em huma fiada todos a par, sem outros muitos que sahiam espalhados per diuersos luguares. E aquelles L[ta] vinhão da parte de Roma correndo contra o luguar onde o papa estaua com a marquesa Junto de huma alaguoa no cabo do campo. E assi como os çeruos passauão pollas outras paradas, sahiam a elles dandolhe cuiteladas E lançadas, assi que os çeruos fugindo E os caualeiros ferindo os Juntos cheguauam E se acolhiam a alaguoa onde o papa estaua, E os de caualo entrauão tras elles alcançando os. E nesta emvolta muitos cahiam com os encontros que se dauam com os caualos correndo sem tento E ordenança. muitos çeruos passaram o tibre da banda dalem, E estes liuraram mui bem por que o Rio nam daua vao, E os caçadores nam curauam delles. E dos gentis homens que se meteram na laguoa por melhor serem vistos das damas muitos molharam as costas, E nam aviam por ma a caça poderem se sahir dalaguoa E cobrar seus caualos que deixando os na aguoa se hiam Retouçar pollo campo. acabada a caça foranse a suas estançias, onde os banquetes estauão aparelhados mui grandemente abastados."[338]

Música

"E cheguados a çaraguoça apartaranse de mjm E foranse pera monção. eu estiue em çaraguoça oito dias esperando companhia E olhando todalas cousas notauees da çidade E fui ver ho mouro que fazia os craviorguãos por ser o que neste tempo teue nestes estormentos maior primor que outro algum. em çaraguoça achei companhia pera Roma. hum dos companheiros era filho de João fernandez o graçioso alfaiate do Jlustrissimo senhor duque vosso pai que sancta gloria aJa [,] E hum mercador senez, E outros benefiçiados que hião pera Roma. E assi Juntos sahidos dalgumas afrontas de ladroens fomos visitar a casa de nossa senhora de monserrate onde esteuemos hum dia E meo. E os companheiros vimos as hermidas da serra. E eu por hir mal desposto nam sobi ao monte. E nam vi outra semelhante abastança"[339];

"em aguosto me parti em huma caRaca de catelães pera napoles. estiue em napoles oito dias. o viso Rei por ter a enformação de mjm dalguns fidalguos de barçelona me mandou chamar E me perguntou por todolos fidalguos E musicos que el Rei leuou a çaraguoça quando foi a ser Jurado por prinçepe de castela. lembrome que me perguntou por dom João de sousa E por João Rodriguez maramor E se zombauão aJnda E perguntoume por fontes, por vasco fois, por carracão E por outros. Jsto era pella sesta. mandou vir ali todos seus cantores E tangedores os quaes me nom satisfizerom tanto como os cravicordios que erão mui singulares os quaes fazem na mesma çidade. E os mestres desta lia tem nestes cravicordios muita ventaJem aos de espanha assi çingelos como a duas

[338] *MFC*, f. 207v a f. 208v.
[339] *MFC*, f. 136r.

cordas E fundanse em os fazer pequenos por que são mais Jguaes nas vozes.”[340]

Teatro

“Capitulo do tempo que tristão da cunha esteue em Roma. E dos convites E honrras que lhe foram feitas. Neste tempo da coresma esteue tristão da cunha em Roma E foi visitado do manifico Julião E do manifico lourenço, E doutros muitos senhores. E nesta coresma foi visitado do cardeal santa cruz, E dagustim nichi. E o banquete foi em hum Jardim que tem em transtibre a beira do Rio, em humas casas tam singulares que são bem mereçedoras da Ribeira de lixboa. o banquete foi dos comprimentos que nelles acustumam. E em cabo do Jantar se Representou huma comedia em louvor del Rey de portugual, de muitas gentilezas com todolos Reis que lhe são soJeitos E tributarios.”[341]

Justiça

“E em tempo do papa Jullio a que todos temiam por ser Jnteiro guardador E executor da Justiça. no tempo que o papa vedaua todalas armas por causa das guerras”[342];

“Como se descobriram as grandes crueldades que dous cruees homens faziam em Roma. Vieram a Roma neste tempo dous companheiros que husauão ofiçio de extrema crueldade. ambos cleriguos, hum de missa outro de euangelho, hum bretão E outro picardo. E apousentaransse em huma casa que estaa sobre o tibre açima da ponte sisto pouco mais do que hum homem pode lançar huma pedra. E tinhão por ofiçio andar polla çidade a convidar homens que fossem a sua casa a neguoçios que elles fingiam. E como os tinhão em casa nom leuando senam hum soo, hum delles se assentaua com o ospede a departir. E o outro vendo tempo desposto lhe daua por detras com hum machado na cabeça que lha fendia. E alem disto caReguauão ambos sobrelle E acabauamno de matar As punhaladas. E despois de o Roubarem enterrauamno na mesma casa a Redor das paredes. aconteçeo que convidaram hum castelhano cleriguo que lhes fosse dizer missa. E foi perante outro seu companheiro. E mataramno da maneira que tenho dito. o castelhano vendo que nam vinha o companheiro sendo Ja passados alguns dias foi perguntar aos mesmos carniçeiros que se fizera de seu companheiro E elles Responderam que o nam viram do dia que lhes dissera missa. permitindo deus que tamanha maldade não fosse mais adiante Jnspirou naquelle que procurasse de saber a verdade. E dahi a dous

[340] *MFC*, f. 138r e f. 138v.
[341] *MFC*, f. 200r.
[342] *MFC*, f. 157r.

ou tres dias foi a casa dos matadores E acaso erão fora. E a porta nam era çarrada. E entrando vio capas E pelotes em huma corda E calças, antre as quaes conheçeo as do companheiro E presumindo o que era foisse ao barachelo ou alcaide que era naquelle tempo o capitão de santa cruz de nação castelhano. E contoulhe o caso. E o barachelo lhe disse que pois os conheçia que os esperasse E tanto que fossem em casa que os hiria prender. E assi foi feito E tanto que foram presos lhe buscaram a pousada. E acharam vestidos de muitas sortes. E metidos a tormento confessaram a morte daquelle E doutros dizendo que os matauam da maneira sobredita. E foi loguo a Justiça outra vez A pousada. E acharam dentro sete homens enterrados de Redor das paredes os quaes erão de poucos dias mortos. E os enterrauão em casa por que o Rio hia baixo. E nam os lançauão nelle por nam serem vistos. E guardauamnos pera quando fosse creçido. nesta crueldade confessaram que avião morto homem a que nam acharam senão hum baioque, que são quatro Reaes nossos. acharamlhes çem cruzados. E o barachelo os leuou ao papa. Sua Santidade mandou que se despendessem em fazer hum caRo E estormentos pera serem por Roma Justiçados E atormentados. foram per toda a çidade trazidos naquelle carro E atanazados com ardentes tanazes despois forão esquarteJados viuos com o mesmo machado com que matauão os homens, scilicet, hum em campo de frol, E outro em campidolio. antre as outras cousas confessaram que cada hum andaua pera matar o outro por aver os çem cruzados. o mais mançebo moReo mao christão E grande espanto pos a crueza destes homens em todo pouo Romano. eu falei com muitas pessoas honrradas fisicos E sulurgiães que trazem vestes de grãas E as mãos cheas de preçiosos anees a que elles convidauão E Requeriam que fossem a sua casa. E polla verem em tal luguar nam entrauam E se tornauão. que aleuantauão as mãos aos çeos dando graças a deus por os liurar de tam grande periguo. E deste ofiçio tinham husado em outras partes."[343]

5. Entre o céu e o inferno: o cosmopolitismo romano de Quinhentos

Ao lermos as *MFC* denotamos o gosto que despertam no seu autor a viagem, a festa, a celebração profana e religiosa, a descoberta do património construído, o contacto com o *Outro* europeu (e não só). Nesta medida, o fidalgo de Chaves assume-se claramente como um cosmopolita. Mas que factores estão na base do seu cosmopolitismo? O que é que o fundamenta? Desde logo o seu inegável humanismo, expresso sobretudo na moral que lhe orienta o espírito crítico e que o coloca mais

[343] *MFC*, f. 166v a f. 167v.

próximo de Erasmo do que de Maquiavel[344]. Mas também o seu evidente interesse por uma cidade assumidamente internacional e pela civilização que lhe corresponde.

O fidalgo de Chaves adapta-se perfeitamente ao leque de culturas e maneiras de estar que predominam e constituem uma das marcas distintivas de Roma. Convive com elas e por isso é um europeu, o que não deixa de ser fascinante tratando-se de alguém que vem de uma povoação claramente interior e deslocada em relação a qualquer centro de desenvolvimento de Portugal. É, nessa medida, verosímil que tenha sido a sua presença junto do 4º duque de Bragança e a provável passagem pela corte brigantina, aberta aos rumos do humanismo e da inovação cultural, que o tenha formado do ponto de vista cultural e humano.

Nas atitudes que toma, nomeadamente perante as embaixadas a Roma e as diversas festividades a que assiste e nas quais participa, faz realçar que é facilmente tocado e até influenciado pela cultura que perpassa o quotidiano romano.

E a herança medieval que claramente aflora no seu testemunho através das referências à peregrinação, à cruzada e ao espirito de cavalaria, não constitui travão a isto. Pelo contrário! Ao imiscuir-se com o constantemente adquirido pela nova realidade que se lhe depara na capital da Cristandade, este legado transfigura-se em algo novo e surpreendentemente perscrutador[345]. Falamos da curiosidade empírica insaciável e da rara capacidade de observação que se denota no seu texto, ou seja, da primazia do espírito de iniciativa individual. E isto já são traços humanistas. Elementos típicos do homem do Renascimento, que, surgindo sempre em continuidade com a tradição, acaba por dar o decisivo passo em frente que o homem das centúrias anteriores tentou mas não conseguiu efectivamente dar (até porque não tinha o suporte do *já feito* e do já arduamente trilhado que o homem renascentista tem).

É esta franja de transição onde se combinam elementos da tradição com outros já pertencentes a uma nova ordem, e de cuja fusão saem claramente vencedores os

[344] Cf. A. G. Dickens, Whitney R. D. Jones, *Erasmo el Reformador*, Madrid, Acento, 2002; Marcel Bataillon, *Erasme et la Cour de Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1927; Idem, *Erasmo y el Erasmismo*, Barcelona, Editorial Crítica, 1983; Idem, *Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México, Fondo de Cultura Económica, 1996; Idem, *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1952; José Vitorino de Pina Martins, *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973; Idem, *Sobre o conceito de Humanismo e alguns aspectos histórico-doutrinários da cultura renascentista*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian (Centro Cultural Português), 1970.

[345] Cf., Jose Antonio Maravall, *Antiguos y modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*, Madrid, Alianza Editorial, 1986.

últimos, que alicerça o cosmopolitismo urbano na mundividência do fidalgo de Chaves. Por isso, o seu cosmopolitismo é um espelho fiel dos tempos em que vive e que ele próprio classifica de forma tão emotiva quanto esclarecedora como "transitorio siglo"[346]. Ao destacar que "taes são as mudanças deste siglo"[347], o viajante flaviense imediatamente traz à superfície o seu perfil de homem que intervém e experimenta em primeira mão – outra manifestação do humanismo e do "cenário" espaço-temporal que o contextualiza, isto é, Roma e o Renascimento.

E se a sua moral o coloca, como afirmámos, mais perto dos princípios do erasmismo do que dos professados pelo politólogo florentino é porque a corrupção e a violência a que assiste no universo curial romano lhe inquieta o espírito e devasta a alma. Tanto mais que é praticada pelo seu vértice: os cardeais e o papa, em particular Leão X, pois Júlio II considera honesto apesar de ser "homem mao de amansar"[348].

Por isso se denota algum pessimismo em relação à condução da Cristandade pelos seus líderes romanos. E é por isso que a sua atitude é sempre de esclarecimento e elucidação no sentido de desmascarar a falsidade e o logro (veja-se o que refere acerca dos familiares do papa), nunca "se cala" perante as atrocidades cometidas pelo papa Médici ou pelo primo do cardeal de Siena, Rafaelle Petrucci, cuja traição tudo ultrapassa em termos morais, éticos e religiosos. A harmonia, a conciliação entre cristãos e a justiça são, enfim, os objectivos que coloca como fins últimos da existência cristã. O facto de não encontrar isso em pleno coração da Cristandade desanima-o profundamente e de algum modo faz com que experiencie um desgastante conflito interior. Um sentimento e um confronto interiores reforçados pela experiência brutal da nova forma de fazer a guerra que tem lugar em Itália e a qual presencia de muito perto.

No entanto, o perfil cortesão nunca o deixa entregar-se ao completo desespero e à perturbação pelo que de negativo encontra em Itália, antes lhe anima o espírito perante as múltiplas atracções e a inigualável explosão de vida e colorido que as turbulentas ruas da urbe dos Césares têm para oferecer a quem as frequenta:

> "Do tempo que tristão da cunha esteue em Roma E das Reaes masqueras que se fizeram pollo entrudo. E da festa do campo naguam. E do monte trastacho. E dos paleos que se coRem. (…) sua [de tristão da cunha]

[346] *MFC*, f. 224v.
[347] *MFC*, f. 204r.
[348] *MFC*, f. 141r.

cheguada a Roma foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. E os que coRem saem do campo de frol, E coRem toda a Rua de bancos E passam ha ponte adriana ou de santangelo E a Rua alexandrina E terreiro que estaa diante da JgreJa de são pero atee cheguar ao paleo. (…) aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualguando Romanos mui prinçipaes com mascaras. traz o bufalo huma arguola metida no nariz na qual vai encaixado hum pao que o que vaiençima delle leua na mão com que ho guoverna. E na outra mão leua outro pao com hum aguilhão com que ho fere pera o fazer andar. Ja os tem amestrados pera coRer aquelle caminho. aJuntanse em campo de frol, onde estão pessoas ordenadas que lhes dam ordem E sinal pera mouerem. cada hum trabalha por tomar a dianteira. velos hir pollas Ruas E o trabalho dos que vão nelles pera os fazer hir adiante, hee cousa bem pera Rir. são alimarias mui pesadas E de propriedade que achando aguoa se deitam nella. E com grande trabalho os podem dali tirar. E por Jsso Açinte lhes deitão aguoa nas Ruas pera Rir com elles. E a esta causa os que vem detras passam adiante. cheguando ao paleo aconteçe estar çercado delles, E de nam aver Remedio pera os fazer cheguar a elle. E o que vem maes atras chegua E vençe. coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer (…) a festa do campo naguão se faz quinta feira das comadres, na qual festa se fazem muitos caRos triunfaes nos quaes Representam muitas estorias. (…) hee cousa Real pera ver. dali se tornam a sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, prinçipalmente no dia dentrudo em que feneçem por aquelle ano, E se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Jngreme. (…) E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conheçidos nom lhes hee estranhado destes prazeres [.] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca,

> diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee. as molheres acustumam trazer na mão huma mui sotil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas aguoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia, o cardeal çibo sobrinho do papa fez huma mascara aquelle dia dentrudo de trinta de caualo A gineta E de adarguas, vestidos mui Ricos de çatim Roxo E branco do traJo de feez. o cardeal de sena fez outra de corenta de caualo A estardiota vestidos de çatim azul, E os capeletes da mesma seda guarneçidos douro E lanças pintadas com bandeiras de tafetaa E botas de pontilha lauradas douro, Jubões de çatim amarelo, E cada hum dos moços desporas bem vestidos em calças E gibão E bem despostos com mascaras bem naturaes. outros cardeaes E senhores fizeram outras envenções de mascaras Ricas E de grandes despesas, mas as dos dous sobreditos foram vantaJosas. todas se aJuntaram no sobredito campo. os quaes pareçeram tambem que era cousa de marauilha, polla diuersidade das envenções E dos grandes guastos das sedas. (…) hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra.”[349]

Por outras palavras, o fidalgo de Chaves trilha os caminhos de Roma pelo espiritual, mas também pela cultura e pela civilização, ou seja, pela aquisição de saber expressa, por exemplo, no encontro e diálogo com o *Outro* europeu – o diferente tendo uma base igual –, mas também com o *Outro* cristão não europeu (a apreciação que faz da embaixada maronita é paradigmática deste fenómeno). Nesta medida, a sua viagem a Roma constitui-se como desejo de contacto com diferentes espaços humanos e físicos, afinal uma das principais características da civilização renascentista.

[349] *MFC*, f. 181v a f. 184r.

Fundamenta-se, pois, nesta sua tríplice *peregrinação* (cultural, civilizacional e espiritual) grande parte do seu cosmopolitismo e da sua própria identidade cristã e humanista. Um genuíno processo de *ascese* pessoal, donde ressalta não a mera sociabilidade superficial, mas ao invés a comunhão profunda, espiritual e temporal, sacra e profana, que desde o momento da sua chegada estabelece com a sociedade heterogénea que contacta. Em Itália e mais especificamente em Roma ele vive, experimenta e aprende. É fecunda neste espaço europeu a sua aprendizagem das coisas da vida, da política à cultura, passando pelos costumes e obviamente a religião. E neste sentido torna-se inequívoca a feição pedagógica da sua viagem à sede do mundo cristão. E se a cobiça dos homens o inquieta e alarma, a celebração da vida que experiencia em Roma encoraja-lhe a alma e estimula-o à busca do conhecimento empírico das coisas e dos homens. Tudo isto sempre tendo por base uma atitude de inequívoca e sincera afirmação cristã. É por isso que o cosmopolitismo romano de Quinhentos se situa algures *entre* o céu e o inferno.

Parte VI – *'este transitorio siglo* – Imaginários de um mundo que muda

São inúmeros os estudos, de maior ou menor dimensão e interesse, que reflectem sobre o fim da Idade Média e o Renascimento, procurando clarificar a extrema complexidade desses tempos de transição e de mudança. Do nosso ponto de vista, e dada a natureza da nossa fonte documental, interessa-nos sobretudo apreender as eventuais marcas histórico-discursivas presentes nas *MFC* que apontam já para uma nova realidade, uma nova era e um mundo que muda, de alguma forma já irreversivelmente diferente daquele que ia entrando no seu ocaso, o mundo medieval.

Neste ponto é crucial discernir acerca de um aspecto estruturante, o qual – nunca é demais insistir – tem de ficar, tanto quanto possível, claramente definido, para que seja possível proceder a uma interpretação sólida da fonte que temos entre mãos. Trata-se da sempre controversa, "movediça" e fascinante noção de *Renascimento*, que não temos, evidentemente, a pretensão de definir de forma estrita e rígida, mas de avaliar nos seus contornos consensualmente mais marcantes. É o que tentaremos fazer nas páginas que se seguem.

Segundo António José Saraiva[1] o período tradicionalmente conhecido como Renascimento introduz, de facto, algo de novo na história da civilização ocidental. A imprensa e a criação do comércio intercontinental são apenas dois exemplos maiores, mas muitos outros existem. No entanto, todas estas "novidades" não brotam pura e simplesmente do nada, antes apresentam raízes bem fundadas no medievo antecedente. Com efeito, nada do que se dá a ver como produto do Renascimento pode considerar-se sem precedentes. Bem pelo contrário. Como Philippe Wolff[2] demonstra é na Idade Média que se encontra a origem essencial a partir da qual se desenvolveram todas as inovações que fizeram a glória do Renascimento. Wolff considerou os derradeiros séculos medievais a primavera dos tempos modernos, na medida em que foram, em última análise, as suas contradições e crises-limite que tornaram possível o florescimento cultural, económico, social e técnico característico da época da expansão europeia que habitualmente denominamos *Renascimento*. Trata-se, evidentemente, de

[1] Cf. António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, vol. II, Lisboa, Jornal do Fôro, 1953, pp. 15-55.
[2] Cf. Philippe Wolff, *Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?*, Lisboa, Edições 70, 1989.

uma proposta de leitura civilizacional que não suscita a unanimidade, mas que se mostra operatória e pertinente do ponto de vista historiográfico.

Num mesmo sentido se para Huizinga[3] os séculos XIV e XV, sobretudo este último, representam, para retomar a sua expressão consagrada, o "Outono da Idade Média", o que na realidade brota deles são as sementes do progresso e das novidades (quando não os próprios) que se perpetuam até bem mais à frente no tempo. O Estado, com tudo o que implica, e não perdendo a noção de como é um conceito operatório sensível, será porventura o exemplo paradigmático deste longo processo.

Por outras palavras, o que identificamos nas *MFC* como símbolos de uma nova era tem necessariamente de ser olhado como algo cujas origens mais profundas apontam para o mundo medieval. Nunca pode ser visto como sem precedentes, pois, na essência, aquilo a que se chama Renascimento é claramente devedor, em grande medida, e o resultado de um processo histórico iniciado ainda na Idade Média.

A questão está em que, a dada altura, as transformações e as novidades pontuais e conjunturais ocorridas no mundo medieval vão deixando de ser compatíveis, inclusive devido ao seu número, com as estruturas sociais, políticas, culturais e económicas desse mesmo mundo. O antigo equilíbrio rompe-se e a contradição, o desequilíbrio, as tensões instalam-se, tornando-se inequívoca uma realidade: algo novo, com contornos diferentes, nasce desta crise. Como António José Saraiva salienta de forma quase axiomática mas nem por isso menos pertinente, "O que antes era excepção ou tendência excêntrica tende a ser característica dominante; o que antes era dominante tende a tornar-se secundário."[4]

O Renascimento é o resultado último deste processo; e a cidade de Roma, como o fidalgo tão bem mostra, é provavelmente o seu melhor símbolo. Com efeito, aqui materializam-se as contradições do mundo feudal e a necessidade de novos equilíbrios delas decorrente. Vejamos o que nos diz, a este respeito, o fidalgo de Chaves:

> "Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes E do que se dizia E fazia per Roma. A sesta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, (…) no dia que os cardeaes nouos ouveram os barretes comeram com Sua Santidade, E os velhos pollos honrrar. era Ja quasi noite quando sahiram do paço era cousa fermosa de ver tantos

[3] Cf. J. Huizinga *O Declínio da Idade Média*, Braga, Editora Ulisseia, 1996.
[4] António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, op. cit., p. 16.

cardeaes E tanta Jente tam Rica E luzida que os acompanhauam. o castelo de santo angelo E todalas torres E casas prinçipaes da çidade pareçiam arder com a multidão das luminarias E fogos que se faziam. ca todos honrrauão E festeJauão aos que seruiam E deseJauam seruir. foi cousa marauilhosa que sahidos assi Juntos do sacro paço começou de troar tam grandemente E RelampadeJar que pareçia de dia, E que o çeo se partia [.] cahiram dentro na çidade tres Raios em luguares que fizeram dano, prinçipalmente em santa maria traspontina que hee no prinçipio da Rua alexandrina da parte do castelo de santo angelo [.] deu hum Raio em huma Jmagem de nossa senhora que estaa sobre a porta da JgreJa metida na parede de mui Resprandeçente marmor. E fendeo o Raio a parede, E o capitel – leuou o menino acarão do colo da Jmagem, o qual se dizia nam ser mais visto nem achado. E Jsto aconteçeo sendo Ja os cardeaes sahidos do sacro paço entrando polla mesma Rua. o qual Rayo causou que o pouo murmurasse. nom faltou quem sobre estes trouões E Rayos fizesse muitos versos E epitafios que fixaram per muitos cantos de Roma. E por que o menino Jesu nam foi achado, antre os outros que por escusar proluxidade nam escreuo, se fez hum nesta forma – scariote vendidit me, alexander vendidit me, leo Jnstat, vale Roma quiavado ad celum."[5];

"Como o cardeal de sena veo a segunda vez a Roma. DeseJando o papa aver per qualquer via o cardeal As mãos lhe mandou breues de Real segurança com todalas clausolas que se dar podiam, posto que fosse conspiração contra o sumo pontifiçe, dando o sacro colegio por fiador, E os embaixadores de castela. quando se mais diligençia punha nestes tratos, os dauam mui ameude de corda aos sobreditos presos segundo despois contauam aquelles a quem deram as vidas. sendo o cardeal Jnoçente das culpas que por lhe tirar o estado E a vida lhe despois dauão. elle E todos seus amiguos que o aconselhauam enguanados destas seguridades, principalmente como hei dito que sua Jnoçençia ho asseguraua. sem olhar que os criados erão aJnda nas prisões Reteudos, sem poer diante si os mui grandes agrauos E desonrras que tinha Reçebido çeguado das amorosas palauras do papa de que Ja tam escramentado deuera de ser pola esperiençia das cousas passadas. conçedeo em todo o que lhe foi Requerido. E a xbiij dias de maio da era de 1517 no ano quinto do pontificado do papa a huma segunda feira, o cardeal se veo a Roma E sahirão a Reçeber muitos perlados E grandes senhores E muitos priuados E parentes do papa E Romanos. E os criados de sua Reuerendissima senhoria que naquelle tempo aconteçeo estarmos em Roma o fomos Jsso mesmo Reçeber, estando fora da porta maior por onde avia dentrar, Ja que toda a Jente cheguaua A porta. huma manada de bufalos sahia da çidade pera fora. E de tal maneira embaraçaram a entrada que nam avia Remedio pera os tirar da porta nem fazelos Retirar atras nem hir adiante. assi que poserom por bom espaço embaraço A entrada do cardeal, hum Romano que era grande seu seruidor grande letrado E prinçipal çidadão me disse naquelle Jnstante çertamente sua Reuerendissima senhoria deuia ter por mao sinal E triste aguoiro achar estes bufalos A entrada de Roma de tal maneira embaraçandolhe o caminho. eu me Ry daquillo por que são

[5] *MFC*, f. 224r e f. 224v.

> homens que crem muito nestes aguoiros tendo aJnda Reliquias dos Jentios."[6]

Ainda que próximos em termos da sua localização no corpo do texto, eis dois momentos completamente antagónicos em termos de quadro mental e de psicologia colectiva. No primeiro temos uma evidente marca da presença do espírito medieval, ao passo que no segundo revela-se-nos um claro sinal dos novos tempos. Tempos onde o homem questiona o determinismo religioso que o conduziu nos séculos anteriores, colocando-se assim, inevitavelmente, no centro das questões da existência.

Com efeito, mais de acordo com o espírito inquiridor e tendencialmente secular da nova era não poderiam estar as palavras proferidas pelo fidalgo na segunda passagem assinalada: "eu me Ry daquillo por que são homens que crem muito nestes aguoiros tendo aJnda Reliquias dos Jentios."[7] Pressente-se, efectivamente, nesta sentença o novo espírito crítico do indivíduo e a consequente mudança de atitude e de ideias face à religião vigente.

Mas outras ocorrências existem ao longo do texto reveladoras desta convivência entre o antigo herdado e o futuro que já começou. As diversas evocações dos conceitos de guerra *justa* e *injusta*, que surgem sobretudo relacionados com o tema das guerras de Cruzada, são um bom exemplo. A via do ideal cristão da *Guerra Santa*, da "guerra de devoção", constituem uma notável marca da presença do legado medieval nos alvores do século XVI.

Também a referência ao código antigo da cavalaria baseado na honra, na coragem e no valor das armas no quadro da batalha de Ravena é emblemática da presença positiva do espírito medieval nas *MFC*. Com efeito, esta constelação de valores presente no combate individual que se avizinhava entre os melhores cavaleiros de ambos os lados (Gaston de Foix, comandante do exército francês, e o "prior de meçina") é claramente evocativa do legado medieval e da importância que este ainda assume nos espíritos coevos. No entanto, mais importante e revelador ainda, é o facto de esse tão esperado recontro armado nunca chegar a acontecer precisamente porque ambos os combatentes caiem sem chegarem sequer a aproximar-se. Mais ainda. O facto de ambas estas figuras tombarem numa batalha onde todo o protagonismo incide sobre a

[6] *MFC*, f. 220v e f. 221r.
[7] *MFC*, f. 221r.

infantaria e a artilharia nas suas diversas disciplinas reveste-se de um incontornável simbolismo relativamente ao fim de uma era na arte e na técnica de combater, bem como ao código de valores associado[8]. Algo de novo e diferente estava de facto a acontecer nestes anos de viragem secular.

Depois, até pelo próprio espaço que ocupa na economia geral do texto[9], o autêntico guia de peregrinação apresentado pelo fidalgo no seu relato é notavelmente indiciador da importância que a espiritualidade medieval ainda assume nas mentes coevas. Mesmo quando alguns dos aspectos evocados são precisamente os alvos por excelência da Reforma que está prestes a revolucionar o mundo do catolicismo, a saber, as indulgências e as relíquias religiosas:

> "Das JgreJas onde estão as estações que são da coresma. E per todo o ano. E dos perdões E Reliquias dellas. Como hee dito, no primeiro dia da coresma hee estação A JgreJa de santa sabina, a qual hee mosteiro de são dominguos. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados, E mais tres mill anos de Jndulgençia. esta JgreJa como dito hee, hee no monte aventino que foi a primeira Região de Roma a qual fez edificar hum cleriguo Romano chamado pero ilirico no tempo do papa çelestino como se mostra em humas letras douro escritas sobre as portas da dita JgreJa, as quaes são daçipreste. neste luguar teue o papa onorio terceiro seus paços apostolicos E sua cadeira, como pollo edefiçio se vee, no ano do senhor de mil E duzentos E dezasseis ãnos. o qual onorio confirmou ha ordem dos preeguadores, a qual cousa são dominguos tinha Jmpetrada do papa Jnoçençio seu predeçessor no conçilio lateranense E per familiaridade espeçial E effeito de grande deuação ao sobredito são dominguos conçedeo a esta JgreJa pera habitação de seus frades em memoria do sobredito papa onorio. E se mostra aJnda o calix papal com a patena E corporaes, E o altar de alabastro da capela apostolica. E são nesta JgreJa sepultados o corpo de santa sabina, de são teodoro, E o de santo alexandro. no alto desta JgreJa estaa huma pedra na qual estão escritos çertos versos que dizem que hum Jmiguo de são dominguos ho quisera matar com esta pedra estando elle em oração E espedaçandosse a pedra milagrosamente o santo nam ouve lesão alguma. E pera fee disto esta pedra estaa aJnda aqui sospensa. outras muitas Reliquias haa na sobredita JgreJa. No segundo dia da coresma hee estação na JgreJa de sam Jorge E hee Jndulgençia de dez mil anos. nesta JgreJa (…)"[10].

Referimo-nos, pois, à longa passagem dedicada à criteriosa e detalhada descrição das igrejas de Roma, tendo em conta a sequência das estações quaresmais sempre com a

[8] *Vide* o primeiro ponto (*Guerra sem fim: descrição de conflitos armados*) da quarta parte do nosso estudo (*Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália*).
[9] *MFC*, fls. 185r a 200r.
[10] *MFC*, f. 185r.

devida elucidação acerca das relíquias que nelas se veneram e das indulgências que permitiam beneficiar a quem as visitar. É, pois, palpável a presença de um forte "substrato" medieval nas *MFC* e, por extensão, na vida quotidiana de então.

Todavia, como demonstrámos nas partes anteriores deste nosso estudo[11], apesar desta inegável presença, o que prepondera agora na comunidade humana da Europa ocidental é o elemento de novidade e disso mesmo dá conta o texto do fidalgo. É a sensibilidade para o "novo" que se nota em cada área da actividade humana e que está intimamente ligada à forma diferenciada, em relação aos séculos precedentes, como se encara a realidade. Dito de outro modo, o homem move-se para o centro das grandes questões, mas a emergência deste individualismo crescente e inequívoco é acompanhada pelo realismo que passa a constituir a verdadeira pedra-de-toque das actividades humanas, em particular a nível político, militar, económico e técnico. E com o realismo vem inevitavelmente o pragmatismo, seu "irmão gémeo" em termos de acções a desenvolver:

> "tanta Jente perdeo o papa E em tal estremo se vio o leguado que foi forçado as forcas (sic)[12] da guerra mudarense em partidos E manhas nom liçitas, os quaes tratos se começaram a fazer com o embaixador de castela Jeronimo bique prometendolhe o papa que lhe faria hum Jrmão cardeal com tanto que elle fizesse que os espanhoes que erão com françisco maria ho deixassem. açeitando o embaixador este partido pera mais breue espedição de seus neguoçios contrataua com alguns dos capitães espanhoes que dessem françisco maria nas mãos do papa, o qual tomou cartas de çertos capitães que escreuiam a Roma, nas quaes vio a traição que se contrataua contra elle."[13];

> "Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. E que poderia aver delles grande soma de dinheiro, os quaes são Ricos em demasia, prinçipalmente os que fugiram de castella que compraram E alcançaram muitos ofiçios apostolicos, E benefiçios em grande cantidade. çertamente muitas vezes ouvi dizer que tinha gibraleom mais de sessenta JgreJas curadas humas

[11] *Vide*, nomeadamente, a *Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder*; a *Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália* (em particular os pontos três e quatro, respectivamente, *Novas armas, novos protagonismos no campo de batalha* e *O início de uma nova era nos sistemas defensivos e na arquitectura militar*); e a *Parte V – Paisagens romanas.*
[12] Leia-se *as forças*
[13] *MFC*, f. 217v.

> aneJas As outras, sendo sua estatua queimada em castela. E tinha muitos ofiçios apostolicos. muitos destes avia em grande maneira Ricos de ofiçios E benefiçios. quando elles viram a Jnquisição sobre si, a partido de dinheiro, E sendo terçeiro antre elles o cardeal daraguão, afirmauasse que lhe fizeram por seu trabalho çincoenta mil cruzados nas mãos. E o papa ouve mui grande soma de dinheiro. tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello. muito se falou que se ordenaua de deitar dizima a toda a clerizia. E embaixadores dos Reis erão conuidados E Requeridos com doçes palauras E promessas pera escreuerem aos Reis fauoreçendo o deseJo do papa. E a mostra disto era querer armar contra os turcos, assi que todalas maneiras de aquirir Riquezas se prouaua. E assi como os de fora viam ser feitas estas cousas mui descubertas, descubertamente as praticauam nas praças."[14]

Exemplos paradigmáticos no caso das *MFC* são a forma puramente secular como a cúria romana actua nos pontificados de Júlio II e Leão X, e o papel central ocupado pela guerra e as suas novidades: novo armamento, nova linguagem arquitectural a nível da edificação de fortezas, novo protagonismo desempenhado pela infantaria, pela cavalaria ligeira e por toda uma série de novas unidades militares, como os sapadores e os engenheiros – não é por acaso que Pedro Navarro, o grande símbolo coevo do engenheiro e do especialista em minas, explosivos e fortificações, constitui uma das figuras coevas mais evocadas ao longo de todo o texto.

É por isso que as *MFC*, tal como a própria época e o espaço que dão a ver, constituem-se como um extraordinário testemunho de um movimento de superação do substrato antigo ainda inegavelmente presente. Dito de outro modo, estamos perante um processo dialéctico em que os elementos culturais herdados interagem de forma dinâmica com os dados novos, acabando contudo por lentamente perder terreno para estes. Estes tornam-se, assim, predominantes e aqueles, apesar de presentes, secundários.

Afinal, inevitavelmente, os novos tempos trazem consigo práticas e preocupações novas e, por consequência, alguma subversão dos valores tradicionais. Veja-se o apontamento circunstancial do fidalgo relativamente à forma como eram agora encaradas as casas dos cardeais em Roma:

[14] *MFC*, f. 219r e f. 219v.

“De como se armou hum grande aRoido antre os Romanos E os criados do cardeal santa cruz. Caualguando hum mançebo per Roma em hum grande E fermoso caualo a que chamam cursicres por serem grandes saltadores, o qual ferindo o caualo das esporas ho fazia deitar pernadas a huma parte E a outra contorneandoo fermosamente como elles o sabem mui bem fazer por ser tam grandes caualguadores da brida que todolos saltos voltas E corconos que aquelles caualos fazem posto que são mui grandes E poderosos, andam tam direitos E bem postos na sella que cousa nenhuma se mouem. E passando polla Rua que vai da porta de santo angelo pera populo na qual erão os paços do cardeal santa cruz que estão sobre o tibre, aconteçeo ser o cardeal com o papa, E hum seu criado homem fidalguo estando A porta coReo Risco de ser ferido dos couçes do dito cursicree E Reprendeo ao Romano das sandiçes que hia fazendo polla Rua. E voltando o Romano a elle chamandolhe marrano ho quisera ferir. E o castelhano se acolheo a casa Jndo o Romano atras elle ataa o pateo das casas. E loguo os de casa acodiram ao aRoido com armas, E o Romano saindosse da casa foi seu caminho. quando o cardeal veo do paço E lhe contaram ho que passara ouveo a grande JnJuria E descortesia, por que são mui guardadas E Reuerençiadas as casas dos cardeaes que nenhuma Justiça nem outra pessoa nom entra dentro com mão armada pera fazer ofensa a nenhuma pessoa que se a ella acolhe. E se a Justiça ou outra alguma pessoa que nas Ruas querem prender ou maltratar a algum, açertando de ser Junto de casa de cardeal, E gritando o apelido do cardeal, todos os familiares sahem com armas a lhe acudir E saluar como se fosse Jrmão de todos. E este priuilegio tem as JgreJas de Roma ca nom valem a nenhuma pessoa que se a ellas acolha. ao outro dia seguinte o cardeal foi fazer disto queixume ao papa. E estando com Sua Santidade aconteçeo que o mesmo Romano com outro seu parente ambos armados em senhos caualos cursicres grandes E fermosos com quatro moços desporas Jsso mesmo armados cheguaram ao terreiro de sam pero. E andando passeando o mestre de casa do cardeal, que era portugues, no dito terreiro esperando ao cardeal como hee custume dos criados dos cardeaes que estão no paço, se aJuntou per sorte com os Romanos. E Respondendo o que fizera a descortezia sobredita, Respondeolhe desonestamente com muita soberba chamando marranos. os moços destribeira do cardeal que estauam com a mula no pateo do paço Reconheçendo os Romanos, se foram de dous em dous pera o mestre de casa. E foram per todos oito. E vendo que os Romanos se soltauam mais do que deuiam em suas palauras com descortesias E soberba demasiada armaram com elles aRoido E os acutilaram de sorte que hum delles moReo di a poucos dias. E Jsto feito o mestre de casa se acolheo com os moços destribeira a casa do cardeal. E não tardou nada que muitos Romanos çidadãos prinçipaes parentes dos que foram feridos vieram sobre elles pera tomar vinguança, mas elles com outros criados do cardeal que erão dentro de casa sahiram aos Romanos E leuaramnos As lançadas atee a ponte de santangelo. E neste aRoido foi ferido hum Jrmão do que era ferido A morte. E sendo Ja os espanhoes Recolhidos, os Romanos se foram encontrar com o cardeal na ponte de santangelo, o qual vinha do paço sabendo Ja o que era aconteçido. E trazia consiguo muita Jente da guarda E familiares do papa que Sua Santidade mandara com elle. E sendo Ja no meo da ponte, os Romanos o afrontaram de tal maneira que lhe foi forçado

> Retraherse ao castelo. E dahi se foi ao paço do papa pollo muro secreto onde esteue alguns dias. E os seus se fizeram fortes em sua casa, porem poseram loguo em saluo os que aviam ferido aos Romanos. E o mestre de casa pareçendolhe que era sem culpa se deixou ficar cuidando que as cousas nam viessem a tamanho estremo, mas hum dos Romanos moReo das feridas cuJa morte foi tam sentida dos parentes que caro ouvera de custar aos espanhoes que em Roma avia."[15]

A prova maior de que há claros indícios da presença de uma nova mentalidade no discurso do fidalgo de Chaves quando relata a sua experiência em Itália durante os sete anos que aí esteve ao seu senhor, o 4º duque de Bragança, reside na perfeita noção por parte do autor de que algo está a mudar no "agora" em que vive:

> "estando eu olhando estas nouas festas de tantas mudanças pompas E vaidades deste transitorio siglo com tanto prazer E tristeza que mais nam podia ser por nam ver naquella companhia o Reuerendissimo cardeal de sena, dixe a hum velho muito honrrado, que vos pareçe senhor – os çeos se alegram com as festas que oJe se fazem na terra. E elle com grande sanha me Respondeo – filho mas antes me pareçe que deus estaa Jndinado pollo que qua se faz, E por Jsso o çeo mostra estes sinaes de querer aRuinar a terra."[16]

É esta tomada de consciência de que algo novo está em movimento que distingue o texto do fidalgo e o coloca já num parâmetro mental qualitativamente diverso do presente na literatura (por exemplo, de viagens) de cariz medieval. Em três palavras apenas – "deste transitorio siglo" –, o autor coloca o seu texto numa mundividência que já é estruturalmente diferente da que predominava nos séculos anteriores no conjunto da Cristandade.

Tremendamente expressiva do ponto de vista das inquestionáveis mutações que então ocorrem, esta passagem – que surge em forma de conclusão relativamente ao processo de prisão dos cardeais supostamente envolvidos na conjura de 1517 contra o papa Leão X e à nomeação por este de 31 novas figuras para o sagrado Colégio – é igualmente lapidar na medida em que mostra como o vértice da Igreja em termos de comportamento religioso atingiu um ponto crítico tal, que não mais é possível manter tal estado de coisas.

[15] *MFC*, f. 214v a f. 215v.
[16] *MFC*, f. 224v.

O equilíbrio perdeu-se e algo de novo, em termos religiosos e espirituais saliente-se, tem de recolocar ordem no mundo dos homens:

> "Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos. A quarta feira seguinte que foi o primeiro dia do mes de Julho publicaram por cardeaes os que nouamente erão feitos. E lhes deram os barretes. E loguo A sesta feira que foram tres dias do dito mes, lhes deram os capellos. neste dia assi os nouos como os velhos foram comer com mediçis que avia pouco que era viçe chançaler. E foi o convite nas casas da chançelaria. quem estas cousas vio E as bem considerar, veraa aos olhos abertos quam bulrrosas são as pompas E estado deste mundo. que maiores exemplos se podem dar aos grandes prinçepes que estas cousas que aqui escreuo. os fauores que fortuna daa nam sam destimar. vi os criados dos cardeaes presos sahirem cardeaes, E os senhores despostos. os criados alegres honrrados E aleuantados a grandes estados, E os senhores tristes E desonrrados atormentados E de todo cahidos [.] quem entenderaa estas danças. quem teraa confiança E seguridade de cousa que veJa nesta trabalhosa peregrinação. quatro bispos criados de são Jorge foram ali cardeaes, E de sena o bispo petruche, de saule dous familiares bispos. E elles estauam ençerrados como dito hee. assi que as dinidades E estados dos senhores se converteram nos criados E familiares. hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim."[17]

É o prenunciar da Reforma que têm em Martinho Lutero o grande arauto. Já não se trata de contestar conjunturalmente práticas da Igreja e dos papas, como tinha acontecido até aí por intermédio de homens que se podem, nos antípodas, classificar de pré-reformadores; trata-se antes da cisão e da ruptura inevitáveis, da necessidade vital de fazer ingressar algo novo, radicalmente diferente do existente até aí, na vida espiritual dos homens para que a religiosidade cristã possa se reerguer enquanto princípio orientador dos homens.

Uma segunda prova, se assim lhe podemos chamar, de que as *MFC* se inscrevem já numa nova ordem, ainda que, nunca é demais salientar, conviva com o herdado da mundividência dos séculos anteriores, reside precisamente no valor original inequivocamente atribuído à realidade, à "verdade efectiva das coisas" que em breve encontraremos em Maquiavel. Uma realidade que, no espírito do fidalgo, é sinónimo de mudança contínua e torna Roma, nos anos em questão, símbolo de toda uma época:

[17] *MFC*, f. 225v.

"mas estas bem aventuranças todas se voltarom em breues dias ao contrairo por que as cousas desta miserauel vida nunca permaneçem em hum estado."[18];

"E nam lhe valeo pera seu Repouso sobir de tam baixo E Jnfimo estado a sumo pontifiçe [Júlio II]. por que as cousas desta vida são todas miserias trabalhos E angustias. E quanto maiores estados, maiores noJos, maiores neçessidades, tormentos E cuidados. E com todo seu mal prouendo nas cousas da guerra E da JgreJa fazia cada dia congreguação os dias que nam erão de consistorio ou com sua doença."[19];

"Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya. Tratauasse do manifico Julião com a Jrmãa do duque de saboya. E muito se afirmaua que o papa [Leão X] dera ao duque em partido duzentos mil cruzados pera desempenhar hum estado que por aquelle dinheiro tinha apenhado. E emquanto os tratos andauam no terçeiro ano de seu pontificado em dia de são pero que foi na era de 1515 foi dado na JgreJa de sam pero o bastão de capitão da JgreJa ao dito manifico Juliam dizendosse missa papal, a qual foi cometida ao cardeal sam Jorge. E elle em presença de todolos cardeaes lhe deu ho bastão. o papa nam foi presente por que a senhora condesinha estaua em passo de morte, E por que estas bem aventuranças do mundo alcançadas per sorte em tam breue tempo como as destes mediçis foram, nom se guostassem sem amargura. na mesma ora que se esta tam grande honrra daua ao manifico, o papa E elle tinhão os corações afligidos com grande desconsolação, por que naquelle mesmo ponto que se o ofiçio acabou, a senhora condesinha deu sua alma a deus sendo de Jdade de corenta anos. acabado o ofiçio sahio o manifico da JgreJa acompanhado de todolos senhores E grandes homens que se então acharam em Roma, assi de coluneses como orsinos E muita outra Jente Ricamente vestida. diante delle hiam duas bandeiras, scilicet, a bandeira da JgreJa que leuaua o senhor de pombrino em suas proprias mãos, E a das armas dos mediçis que leuaua hum grande senhor lombardo parente do duque de ferrara. E assi misturada tristura com alegria se foram pera Roma aas casas que sohiam ser do papa, sendo cardeal. este triste prinçipio de Juliam foi adeuinho do pouco tempo que logrou suas honrras. despois disto acabados os casamentos da Jrmãa do duque de saboya, foi trazida a Roma sem ser Reçebida nem festeJada com pompa alguma. vinha com ella pouca companhia de françeses, onestamente atauiada. trazia oito donzelas françesas fermosas moças, vestidas de seda com toucados A husança de França. E ella Jsso mesmo era gentil molher, onesta em seus traJos E graue em seu aspeito. nom esteue em Roma ano comprido, por que o manifico ha leuou pera florença, onde adoeçeo dahi a poucos dias de tal Jnfirmidade que se tolheo da çinta pera baixo. E assi sem se poder mouer de huma cama acabou seus dias. dizem que foi causa deste seu mal,

[18] *MFC*, f. 153v.
[19] *MFC*, f. 167v.

> tomar cousas da botica pera milhor contentar sua molher. era homem que a todos dizia si, nam o comprindo de maneira que nelle se compria o comum Rifão Jtaliano, bona parolla E triste facto. sua molher se foi de florença pera sua terra sem aver filho, pouco contente do papa E dos Jrmãos E parentes do marido segundo a voz do pouo. E taes são as mudanças deste siglo que aquelles que tam pobres E miserauees erão subiram a estado que poderam menosprezar huma Jlustrissima senhoria."[20]

De facto, o realismo – e, como já referimos, o pragmatismo – marca o texto do fidalgo, não apenas em relação ao quotidiano cosmopolita então vivido em Roma, mas sobretudo no que se refere à prática política e aos jogos de poder que aí têm lugar. E isso é uma inequívoca marca de modernidade:

> "O papa assi polla guerra dorbino na qual tinha perdido muita Jente E guastados muitos milhares de cruzados, como polla prisão E priuação dos cardeaes, estaua Recolhido a seu paço sem sahir fora A caça, E a solazarse como dantes tinha por custume, nem curaua de Jograes, nem de Risos, nem de musicas. por çerto nam sei quem possa Julguar taes estremos. ca sendo cardeal, E mais pobre que todolos do colegio, suas musicas, caças E folguares erão continuo em sua casa, soportando sua vida com assaz miseria E trabalho. E sobido ao sumo pontificado nam se assegurar na sua grandissima çidade de Roma, E apenas se achar seguroençerrado nos seus sacros paços. E o tam altissimo estado E tam grandes Riquezas lhe tiraram o descanso, Repouso E prazer que tinha no tempo de sua pobreza. assi que nesta miserauel vida quanto mais E maiores estados E honrras alcançamos, mores trabalhos temos."[21]

As redes de influência, os movimentos de pressão, enfim tudo o que se relaciona com os meandros da vida decisória romana e italiana constituem sólidas marcas da presença nas *MFC* de uma mentalidade assaz diferente da que vingou na Europa ocidental nos séculos anteriores, precisamente porque agora o protagonismo e a culpa são praticamente por inteiro atribuídos aos homens e ao seu espírito de iniciativa:

> "entrando o cardeal na çidade passados os desertos cheguando ao pouoado erão todalas Ruas cheas de homens E de molheres que ho sahião a ver como a homem que vinha de sua propia vontade padeçer morte. E de todos nam avia pessoa que nam amostrasse tristeza com sua vinda por que de todos era bem quisto, E a todos pesaua com sua perdição, mas o cardeal amostraua a huns E a outros mui alegre sembrante saudando os com doçes

[20] *MFC*, f. 203v e f. 204r.
[21] *MFC*, f. 226v.

> palauras. E cheguando a seus paços hindo eu adiante delle per huma sala me pos a mão no ombro E me perguntou que se dizia de sua vinda a Roma. eu lhe Respondi que o pareçer de todos os que deseJauão seu seruiço, era que sua Reuerendissima senhoria avia feito grande erro em vir a Roma. Respondeo que os que aquillo diziam nom sabiam as cousas como passauam. E entrando na camara, o Romano que hei dito o apartou, E lhe disse que nam fosse ao sacro palaçio E que se deuia loguo tornar, por que seria preso, que se posesse em saluo. destes avisos lhe foram muitos dados antes que abalasse de Janaçano, mas as grandes seguridades do papa E ser Jnoçente da culpa que lhe punhão o fizeram via a Reçeber morte. a bastar deuera pera se nam fiar de nenhuns prometimentos o Jardim que lhe tomou, E as pousadas do sacro palaçio, despois neguarlhe a Jda de sena onde tantos guastos erão feitos pera seu Reçebimento, depois tomarlhe bolsena, E a mesma çidade de sena lançando a elle E aos Jrmãos fora."[22]

Em suma, a tomada de consciência pelo fidalgo de viver e assistir a uma época nova, até porque muito mais profana e secular, que se caracteriza pela mudança súbita e imprevista das coisas do mundo não está tanto nos exemplos específicos e nas materializações físicas dessa mesma mudança – como a artilharia, a infantaria e a cavalaria ligeira, falando apenas do tema da guerra – mas mais nos aspectos imateriais, ou seja, naquela ambiência que se pressente e que marca o quotidiano coevo, e da qual a já evocada noção maquiavélica de "verdade efectiva das coisas" constitui porventura o melhor exemplo.

O fidalgo faz-nos deparar no seu relato com todo um novo protagonismo atribuído à realidade. Esta, enquanto processo derivado das acções humanas, e portanto do devir histórico, torna-se, afinal, o grande *leitmotiv* das coisas do mundo e do destino do homem. No seu centro está, pois, o homem e a noção de que o indivíduo desempenha um papel novo (individualismo) na condução do mundo:

> "a velhiçe E longua doença E os cuidados E paixões das guerras E da çisma E do conçilio o qual o papa [Júlio II] alarguara do dia dos santos outros dous meses adiante, ho çerquaram E estimularam de sorte que adoeçeo a não se aleuantar de huma cama. E nam lhe valeo pera seu Repouso sobir de tam baixo E Jnfimo estado a sumo pontifiçe. por que as cousas desta vida são todas miserias trabalhos E angustias. E quanto maiores estados, maiores noJos, maiores neçessidades, tormentos E cuidados."[23];

[22] *MFC*, f. 221r.
[23] *MFC*, f. 167v.

> "O papa [Leão X] assi polla guerra dorbino na qual tinha perdido muita Jente E guastados muitos milhares de cruzados, como polla prisão E priuação dos cardeaes, estaua Recolhido a seu paço sem sahir fora A caça, E a solazarse como dantes tinha por custume, nem curaua de Jograes, nem de Risos, nem de musicas. por çerto nam sei quem possa Julguar taes estremos. ca sendo cardeal, E mais pobre que todolos do colegio, suas musicas, caças E folguares erão continuo em sua casa, soportando sua vida com assaz miseria E trabalho. E sobido ao sumo pontificado nam se assegurar na sua grandissima çidade de Roma, E apenas se achar seguroençerrado nos seus sacros paços. E o tam altissimo estado E tam grandes Riquezas lhe tiraram o descanso, Repouso E prazer que tinha no tempo de sua pobreza. assi que nesta miserauel vida quanto mais E maiores estados E honrras alcançamos, mores trabalhos temos."[24]

O resultado de todo este processo arquétipo é uma nova ordem materializada num espaço-tempo tão dinâmicos quanto transitórios. A mudança torna-se, assim, a pedra-de-toque da nova era que já começou:

> "E leuou ha via de bolonha com entenção de a tomar. sendo os bolonheses avisados de sua vinda E vendo o dano que os soiços faziam no ducado de milão ouveranse por perdidos E tiueram maneira com o papa [Júlio II] que mandasse Jente sua tomar bolonha antes da cheguada dos espanhoes. o papa mandou o duque dorbino com çinco mil homens a que se a çidade deu por mal de muitos que aviam sido em fauor dos vinteuolhas. E quando os espanhoes vieram nam acharam que fazer ca os vinteuolhas E os que a guardauão erão todos fugidos. hee pera Rir E tomar exemplo destas ligeiras voltas que o mundo daa. pera que hee confiar nestas bem auenturanças desta vida pois tam pouco permaneçem. ex os vintevolhas sahidos E loguo Restituidos a bolonha por morte de tantos. ex os françeses vençedores da batalha de Reuena E expunhando çidades E vilas sendo absolutos senhores do campo. ex em quam breues dias foram todos deitados de italia perdendo quanto guanharam."[25]

Daí que a consciência do fidalgo relativamente à importância da "mudança" como grande marca dos tempos em que vive basta por si só para inscrever as *MFC* num contexto cultural de modernidade, apesar de todos os traços medievais que naturalmente ainda contém. Por tudo isto, o fidalgo de Chaves e o seu texto não podiam estar mais perto, embora nele evidentemente se não filie, do espírito crítico dos florentinos Maquiavel e Francesco Guicciardini, e da nova era que ambos anunciam.

[24] *MFC*, f. 226v.
[25] *MFC*, f. 163r.

Não é por acaso que no seu texto conseguimos apurar pistas relativamente ao que está para vir. Em relação à Reforma, como já referimos, mas também à ascensão e hegemonia de uma nova potência na Europa que permanecerá em Itália durante os dois séculos seguintes e, por exemplo, a tragédias concretas como o traumático saque de Roma de 1527 pelas forças mercenárias do imperador Carlos V:

> "Como os Romanos acordauão de poer A espada os espanhoes de Roma. Estes sobreditos dous Romanos erão parentes de todolos prinçipaes da casa Vrsina que hee a casa prinçipal dos Romanos, despois dos coluneses. E estes sam dous bandos que sempre tem Reixa huns com os outros. E os coluneses seruem a el Rei de castela, E os orsinos a el Rei de França. tomando os parentes do mançebo grande sentimento por sua morte, avendo a grande JnJuria, E abatimento armarem os espanhoes com elles aRoido, leuando o melhor E sahindo com suas honrras. E aJuntandosse em capitolio, E com elles o manifico Lourenço capitão da JgreJa, do acordo que ouveram o manifico se foi ao papa, E lhe pedio que mandasse prender ao mestre da casa do cardeal, E lho fizesse entreguar pera lhe mandar cortar a cabeça. o papa ho mandou prender E leuar ao castelo de santo angelo onde o teue pairando com os Romanos que RiJamente Requeriam que se fizesse delle Justiça. terçando polla parte do cardeal, atee se estas tempestades abaterem, este mestre de casa era portugues E se chamaua Jacome monteiro. os Romanos entraram em conselho tres dias a Reo. E os votos dos mais erão que metessem A espada todolos espanhoes de Roma sem perdoar a nenhum estado, dizendo que nam era de comportar serem mandados E guovernados por elles E tam maltratados que em sua propia terra E çidade os feriam E matauão. E os que prinçipalmente este conselho dauão era o arçebispo vrsino de monte Jordam, E o senhor Renço, E o manifico Lourenço com outras cabeças E capitães. E nam se ordenauam estas cousas antre elles tam secretas que os espanhoes nom fossem de todo avisados, que Jsso mesmo tinham seus conselhos huns com os outros. E estando sobre aviso se faziam fortes em suas casas E com detriminação de se defender, E Resistir ao poder dos Romanos. E nam soomente erão em Resistir aos Romanos, mas tres mil foram em hum acordo de dar sobre elles E poer foguo ao capitolio E queimalos todos dentro. E os homens sisudos assi dos espanhoes como dos Romanos trabalharam por evitar tam grande escandalo. Era na companhia E conselho dos Romanos o duque de tracto mançebo de xxxb anos de mui bõa desposição E pareçer que andaua desterrado do Reino de napole onde tinha seu estado, por que el Rei dom fernando de castela lho tomara, E o dera ao senhor prospero de coluna. este duque vendo que os Romanos tomauam por derradeiro conselho hir sobre os espanhoes E matalos A espada, lhes falou na maneira seguinte."[26];

[26] *MFC*, f. 215v e f. 216r.

“fala que o duque de tracto fez aos Romanos. Eu sam aqui vindo com vos outros pera dizer aquillo que me pareçer melhor conselho do que se deue fazer nisto pera que nos aqui aJuntamos [,] E assi pera poer minha pessoa a todo Risco E periguo pera vir a efeito aquillo que ordenardes. mas antes que nada se detrimine por obra, quero saber de voos que Romanos se poderão aJuntar que peleJem contra os espanhoes, E quantos espanhoes avera em Roma pera tomar armas. foilhe Respondido que se aJuntarião vinte mil Romanos E que os espanhoes poderiam ser seis mil. o duque Respondeo, bem me pareçe que temos Jente pera comprir nosso proposito, porem nam tanto a nosso saluo que os mais E mais prinçipaes de noos, primeiro nom percam as vidas, por que noos avemos de capitanzar, mandar E guovernar aos nossos. E lhes avemos densinar E amostrar com as obras de nossas mãos como elles hão de cometer aos Jmiguos E fazendo Jsto, os espanhoes são de tanto animo, sabedores E esprementados na guerra, que caramente hão de vender suas vidas, dando morte cruel aos que primeiro diante se acharem. assi que nos comvem perdermos primeiro as vidas que os nossos seJam tocados de suas espadas como sabeis que cada dia ho poem por obra nesta nossa Jtalia nas batalhas E afrontas em que se achão. E nam tenho duuida que sendo cometidos de vossos fortes braços E animos nam vençidos, posto que muitos percamos as vidas em breue tempo pereçerão todos. mas tenho grande Reçeo que os alemães, françeses, Jngreses, vnguaros, E os das outras nações, vendo que poemos a matar os espanhoes, temendo que outro dia faremos o mesmo a cada nação delles, se aJuntarão com os espanhoes. E Juntos façam a noos o que noos a elles queremos fazer. E quando Jsto assi nam aconteçesse, E de todo nosso proposito fosse comprido nam creo que os Reis E prinçepes christãos çerrassem a Jsto as orelhas, antes pondo diante sy tal crueldade se congreguarão E com grandes exçerçitos entrarão em Roma, E dando a noos E a nossas molheres E filhos crudelissima morte deRibarão E arasarão nossas casas E possissões E extinguirão ho nome E geração dos Romanos pera sempre. E a gloriosa fama que nossos anteçessores alcançaram senhoreando ho mundo, se apaguaraa, E perderaa em noos, por tam feo caso como este seraa. como o duque ouue acabado, alguns ançiãos louuaram seu conselho. posto que o senhor Renço E o arçebispo, E o senhor troilhos sabelo eram de cantraira opinião, E estas Rezões do duque foram causa que dilatou poerse por obra naquelles dias o que detriminauam. ca os mançebos dando mais luguar a seus apetitos mal avisados nam dauam credito ao conselho dos sisudos. E sendo neste conto o manifico Lourenço como dito hee, estando Juntos no capitolio lhe cheguou ali noua como françisco maria duque dorbino hia com grande oste despanhoes, alemães, Jtalianos, a Recobrar seu ducado, a qual noua pos tanta toruação no manifico Lourenço, E naquelles senhores seus parentes E amiguos que os espargeo de sorte que ficou tudo em paz E taes ouvi ahi que esperauam ofender aos espanhoes de Roma, E ouveram o castiguo que mereçiam, dos que vinhão com o duque dorbino.”[27]

[27] *MFC*, f. 216r e f. 216v.

O caminho trilhado pelo fidalgo de Chaves em Itália é o caminho da afirmação do homem e por isso a via da modernidade. A forma como observa a sociedade romana e os desenvolvimentos político-militares na Península revelam a convicção de que ao homem é possível a todo o momento elucidar e apreender a realidade. Os acontecimentos possuem uma racionalidade interna que é possível discernir pela observação e reflexão dos mesmos. É isso que nos revela o conteúdo transmitido ao duque D. Jaime.

Ele mostra, por exemplo com a descrição das embaixadas em Roma, que a comunidade humana é mais vasta do que se pensava nos séculos passados, inclusive a europeia, e que o conhecimento resultante desse facto é igualmente maior e mais rico: existem diferenças de civilização e de crença entre os povos da Europa e o mundo em pleno desbravar; mas também existem diversidades manifestas ao nível dos costumes entre os próprios povos que compõem a Cristandade:

> "Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo. E os mais vestidos de sedas vestense como turcos, as Roupas que seruem em luguar de pelotes, scilicet, trazem çingidas. são como mongys muito estreitos sobidos no pescoço E longuos quasi pollo calcanhar E de mui pouca faldra. Jsso mesmo as manguas compridas E muito estreitas E apanhadas nos braços A maneira de Recramos. abotoanse com brochas de prata mui larguas que tomam quasi o peito todo. E em huma das manguas trazem guarnições do mesmo teor de prata. E os mais nobres E Ricos dalJofre E perlas. as sedas que vestem são pedradas com Rosas douro como de vestimentas digreJa. as Roupas que seruem de capas são do mesmo teor das çingidas soomente capelos muito pequenos E chãos. as manguas são tambem estreitas E longuas. as ombreiras cheguão quasi ao cotouelo por onde tiram as manguas preguadas, trazem os cabelos torçidos como egitanos. E os mais louros, as barbas de deferentes maneiras [.] trazem botas de pontilha de muitas solas cahidas pera baixo preguadas como as manguas. E delles as trazem pintadas douro pelle. E por que sua vinda foi na entrada do Jnuerno todos traziam forros de pelles de que em sua terra dizem que haa muita abastança. E assi trazem forros na cabeça como no corpo. esta maneira de vestir hee assi nos de pee como nos de caualo. seus caualos são antre ginetes E quartaos E quasi todos brancos com as ventãs fendidas E todos castrados. trazianos aJaezados de prata de gentis envenções. caualguauão A estardiota. os freos são de tão estranha maneira que ho nam saberei decrarar em escrito tanta deferença tem dos nossos. trazem esporas de muitos açicates que sam quasi de cardeaes. E em todalas

> outras partes Jsto era quando o cardeal caualguaua que o esperauão, ou cavalguando a algum neguoçio seu. tem por custume quando caualguão leuar capas de feltro atadas aos arções dianteiros per sol E per chuua. E nos mesmos arções trazem huns atabaletes que costumam tocar pera animar seus caualos na guerra. alguns erão bem ensinados. E os mais pareçiam homens de fera criança. E trazem todos bandeiras nas lamças quando andam caminho. a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas nações que em todo tempo que estiue em Roma vi. tirando a embaixada de portugual."[28]

Com efeito, viagens como a realizada pelo fidalgo a Itália, tal como os Descobrimentos em relação ao mundo[29], traziam um manancial de informações e conhecimentos da mais variada ordem e natureza. Difundiam novidades e notícias em relação à Europa (e, indirectamente, até ao mundo, pois este para Roma confluía) em grande e inédita quantidade. E isto é novo em relação à mais limitada circunscrição de horizonte em que viviam os homens medievos.

Mas sobretudo, estas viagens e os textos que delas resultam veiculam um saber experimental, eminentemente útil, ou utilizável, no caso específico das *MFC* a D. Jaime[30]. Ou seja, porque narra o que viu, viveu e observou, o fidalgo possui uma consciência prática, para além, certamente, de intelectual, intuitiva e emotiva em relação às coisas do mundo, que coloca muitas vezes os cânones que presidem à orientação deste em causa – vejam-se as suas opiniões sobre o papado, enquanto farol espiritual da Cristandade, e a sua conduta excessivamente secular. Naturalmente, deste confronto teórico-prático saem não raras vezes alterações de fundo nos conceitos ou concepções herdadas do passado, que culminam na construção de uma nova imagem dos espaços e das figuras contactadas, no caso das *MFC*, a Europa e a Itália.

O saber prático, oriundo da experiência pessoal, constrói lentamente um equipamento cultural que condiciona toda a acção futura do viajante, que neste caso é também autor. Trata-se de um conhecimento empírico, resultante da *praxis* quotidiana da vida, ao qual quer o autor quer o destinatário do seu texto atribuem uma elevada importância no momento, respectivamente, de edificar e de receber o mesmo. Este processo culmina na convicção por ambos de que para melhor conhecer as coisas há que

[28] *MFC*, f. 164r.
[29] Cf. José Sebastião da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Lisboa, Editorial Presença, 1991.
[30] *Vide* o terceiro ponto (*Ao serviço de D. Jaime, Duque de Bragança*) da segunda parte do presente estudo (*Parte II – A autoria das chamadas Memórias de um Fidalgo de Chaves: um problema resolúvel?*)

experienciá-las para lá do conhecimento intelectual e livresco, posicionamento profundamente inovador e determinante sobre toda uma nova forma de conceber a realidade e ter acesso ao que é desconhecido ou está oculto. Neste sentido, as *MFC* reflectem já na sua intenção de base uma forma de pensar que podemos considerar de certo modo "vanguardista", em particular em relação à sempre delicada questão do espírito crítico. Neste sentido também o fidalgo de Chaves se apresenta como um homem do Renascimento.

Noutra vertente, ao dar a ver uma genuína explosão de vida, alicerçada por um acréscimo de espírito activo e pleno de vitalidade, o fidalgo faz inscrever o seu texto num universo que traz consigo algo de diferente em relação ao passado:

> "sua cheguada a Roma [de Tristão da Cunha] foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa [Leão X] E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. (…) aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualguando Romanos mui prinçipaes com mascaras. (…) velos hir pollas Ruas E o trabalho dos que vão nelles pera os fazer hir adiante, hee cousa bem pera Rir. são alimarias mui pesadas E de propriedade que achando aguoa se deitam nella. E com grande trabalho os podem dali tirar. E por Jsso Açinte lhes deitão aguoa nas Ruas pera Rir com elles. (…) coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer (…). a festa do campo naguão se faz quinta feira das comadres, na qual festa se fazem muitos caRos triunfaes nos quaes Representam muitas estorias. (…) naquelle dia caualguão muitos meninos filhos de prinçipaes Romanos com vestidos de suas pessoas E os caualos com albardilhas guarneçidos ao modo antiguo. nestes meninos se mostram todalas pedras E perlas que os paes E parentes tem E podem aver de seus amiguos. (…). E o senador e Romanos tem feito hum grande cadafalso com seus assentos, ao qual se sobem todos Juntos no dito campo ou praça. hee cousa Real pera ver. dali se tornam a sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se

despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, prinçipalmente no dia dentrudo em que feneçem por aquelle ano, E se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Jngreme. (…) E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conheçidos nom lhes hee estranhado destes prazeres [.] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee. as molheres acustumam trazer na mão huma mui sotil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas aguoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia, o cardeal çibo sobrinho do papa fez huma mascara aquelle dia dentrudo de trinta de caualo A gineta E de adarguas, vestidos mui Ricos de çatim Roxo E branco do traJo de feez. o cardeal de sena fez outra de corenta de caualo A estardiota vestidos de çatim azul, E os capeletes da mesma seda guarneçidos douro E lanças pintadas com bandeiras de tafetaa E botas de pontilha lauradas douro, Jubões de çatim amarelo, E cada hum dos moços desporas bem vestidos em calças E gibão E bem despostos com mascaras bem naturaes. outros cardeaes E senhores fizeram outras envenções de mascaras Ricas E de grandes despesas, mas as dos dous sobreditos foram vantaJosas. todas se aJuntaram no sobredito campo. os quaes pareçeram tambem que era cousa de marauilha, polla diuersidade das envenções E dos grandes guastos das sedas. (…) E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E

com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma."[31]

Nesta longa passagem podemos adivinhar a nova autonomia e afirmação do homem e da vontade humana como grandes impulsionadores do seu próprio destino ou até como medida de todos os valores. É igualmente evidente uma confiança inédita nas suas próprias possibilidades e, acima de tudo, o profundo optimismo antropológico que define a própria época. O indivíduo, enfim, coloca-se a si próprio no centro, ou seja, no primeiro plano, do devir histórico. Nesta perspectiva, reforçada pela componente política e de poder, as *MFC* exprimem outro dado novo: a consciência progressiva de que o homem vivera numa certa ilusão relativamente à real dimensão do seu poder de intervenção no mundo em que vive.

Com a sua narrativa impressiva, o fidalgo de Chaves faz-nos, pois, mergulhar no universo de uma sociedade em mudança, sobretudo em relação ao universo da política do poder, dos costumes e comportamentos, da vivência espiritual e religiosa. O que se passa nos anos seguintes à estada do fidalgo em Roma, em especial os movimentos de Reforma e a formação dos estados nacionais com base em monarquias progressivamente centralizadas em torno de um poder político forte, comprova esta premissa.

Ao observar o que se passa em Roma, "cabeça das çidades do mundo", o fidalgo opera uma reflexão singular: mistura o que é comum e habitual com o novo, com o exótico, sendo que esta sobreposição e substituição de informações e, sobretudo, de conceitos revela já uma realidade outra. Por tudo isto, o que o destinatário do longo relato do fidalgo português recebe é uma mensagem sobre uma nova ordem a experienciar-se em Itália e na capital da Cristandade. Dependendo do seu perfil, esta "mensagem" terá ou não implicações no próprio espaço em que existe. Como vimos oportunamente[32] a resposta é positiva, pois D. Jaime é em grande medida uma figura formada no espírito e nos parâmetros desta nova realidade.

Numa perspectiva político-religiosa, o fidalgo revela no seu texto a falência progressiva da cúria na condução espiritual da humanidade. Nessa medida, levanta o véu sobre o que há de oculto, imoral e falso em Roma e em Itália no seu próprio tempo.

[31] *MFC*, f. 181v a f. 184r.
[32] *Vide* o terceiro ponto (*Ao serviço de D. Jaime, Duque de Bragança*) da segunda parte do presente estudo (*Parte II – A autoria das chamadas Memórias de um Fidalgo de Chaves: um problema resolúvel?*)

Mais uma vez, é a modernidade que se avizinha, quer no mais essencial do seu texto quer em relação à realidade que pretende dar a ver. E, de facto, a capital da Cristandade poderia oferecer melhor do que qualquer outra cidade europeia os sinais da mudança que estava em curso. Tudo estava a acontecer ali a uma velocidade vertiginosa.

Falta ainda identificar uma derradeira marca reveladora de que o fidalgo e o seu texto se inscrevem já num contexto de modernidade, embora todas as ligações mantidas com o antigo herdado: a presença do espírito tão conforme à época da *utopia* – e neste ponto ganha de novo protagonismo a questão tão cara à história da importância crucial dos silêncios do texto.

Com efeito, nunca nas *MFC* é abordada de forma explícita a questão da evasão utópica. No entanto, quando relacionamos o afirmado pelo fidalgo com o *não dito* nesse mesmo contexto discursivo, mas que está claramente presente nas entrelinhas, facilmente apuramos do desejo de evasão para a utopia, tão conforme aos tempos então vividos. A *Utopia* de Thomas More, modelo fundador, na Época Moderna, desta matriz textual e ideológica, é publicada em 1516, ano em que o fidalgo de Chaves ainda está em Roma e vive intensamente os acontecimentos que aí têm lugar:

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio. em estado Renda E autoridade. E ser priuados dos capelos Rendas E dinidades E com muita desonrra ençerrados no castelo de santangelo cada hum apartado per si em asperas prisões. E despois esbulhados de todos seus tesouros. E em fim foram mortos per secretas maneiras. as quaes cousas contarei em breue E o mais decraradamente que poder."[33];

[33] *MFC*, f. 176r.

> "hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim."[34]

Se a utopia consiste numa idealização de um qualquer modelo da vida dos homens, ela pressupõe uma atitude crítica em face da realidade e uma consequente busca de possibilidades alternativas para o desencanto resultante da observação, reflexão e interpretação sobre essa mesma realidade. Inúmeros são os exemplos nas *MFC* de crítica da realidade então vivida em Itália e, em consequência, apesar de não explicitamente afirmado, de busca de uma solução alternativa inexistente, ou seja, de carácter utópico. Neste sentido, o elemento utópico parece-nos constituir um traço dinamizador na estrutura das *MFC*.

Na sequência das diversas lamentações proferidas pelo autor em relação ao então tragicamente vivido em Itália e em Roma devido sobretudo às guerras constantes e à forma secular como os papas actuam na capital da Cristandade, mas também devido à presença de uma clara melancolia e angústia derivada de todo esse cenário, em vários momentos da leitura das *MFC* somos levados a pressentir a existência de um intenso desejo por uma sociedade mais justa e equitativa.

Exprimindo uma revolta face ao dado pela realidade, e em consequência a necessidade de uma transformação urgente desta mesma realidade, o fidalgo caminha em direcção à utopia. Por outras palavras, a decadência espiritual que acusa, por exemplo, no papado é a materialização última de uma vontade utópica em prol de uma sociedade idealizada; a qual representa, afinal, um antagonismo e uma genuína crítica social, política e religiosa em relação à sociedade do tempo e do espaço em que vive. O elemento de *utopia* presente no fidalgo de Chaves circunscreve-se ao suporte político e religioso que ele experienciou em Itália. O mesmo não acontece, por exemplo, em relação aos costumes que distinguem o quotidiano romano, onde, como vimos, o optimismo, a confiança, o deslumbre e, enfim, a alegria constituem a matriz do seu precioso testemunho. Por outro lado, este elemento utópico presente nas *MFC* rompe com o espírito medieval na medida em que não visa uma sociedade ideal no *além*, antes aponta para uma preocupação de mudança com o mundo físico, temporal e real. O mundo do *aqui* e *agora*:

[34] *MFC*, f. 225v.

> "E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem."[35]

Em síntese, as *MFC* reflectem uma perfeita consciencialização por parte do seu autor do processo histórico e do papel original e inédito nele desempenhado pelo homem. Ele transmite, pois, no seu testemunho toda uma nova sensibilidade que corresponde já à experiência física e humana da nova era que já começou. A própria atenção especial que o fidalgo atribui aos desenvolvimentos políticos, à vida quotidiana e à crescente laicização da sociedade são reveladores de uma nova mentalidade, de novas maneiras de sentir e de pensar, se quisermos retomar a consagrada expressão de Lucien Febvre.

A sua tentativa de registo do tempo, do espaço, do acontecido e dos participantes, marca, enfim, a ascensão da experiência, da observação, da reflexão e da interpretação. Ao contrário do que antes sucedia, a síntese de pensamento e o resultado ideológico veiculados na narrativa do fidalgo resultam do observado *in loco* e *in tempo* e não de uma imagem apriorística, construída com base em testemunhos e/ou argumentos de Autoridade. São, por isso, apanágio dos novos tempos que se configuram na Europa, a partir do Sul. Trata-se em última análise do saber observar, olhar à volta, reparar nas pessoas e tomar em atenção os seus motivos, que, segundo Norbert Elias, define afinal o ser-se realmente *cortês* – na perspectiva do sociólogo alemão, estamos perante os inícios do modo de observação psicológica, que anuncia novas relações entre os homens e novas formas de integração social[36]. O tempo do fidalgo em Roma é assim um tempo de encontro humanista, da periferia da Europa com o seu centro existencial e espiritual. O resultado é um soberbo e singular retrato de uma sociedade em profunda mutação.

O momento em que o fidalgo reconhece que para "melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa

[35] *MFC*, f. 201r.
[36] Cf. Norbert Elias, *O Processo Civilizacional: Investigações Sociogenéticas e Psicogenéticas*, 2ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 2006, pp. 164-183.

de huma fermosa cortesãa sua namorada"[37] faz inscrever o seu texto na linha do pensamento desenvolvido por Norbert Elias: a sociedade está em transição; no tom e na maneira original de perspectivar as coisas sente-se já que, não obstante toda a ligação à Idade Média, está a acontecer algo de novo. E se atendermos ao facto de que nesta expressiva passagem do seu testemunho, o autor, que aqui é narrador participante, se contém claramente na descrição da festa bacanal em que participa, concluímos estar perante um sinal de que, por um lado, a própria sensibilidade dos homens coevos é diversa da existente nos tempos anteriores, e, por outro lado, ao tempo experimenta-se já em Roma um certo tipo de comportamento social diferente e novo[38].

O discurso do fidalgo faz-se acompanhar da marca de um temperamento individual. E isso é precisamente um sinal dos tempos, uma manifestação da transformação da sociedade. Não se trata, registe-se, da transformação momentânea e, por isso, superficial – relacionada com o tempo breve, do acontecimento, do indivíduo, isto é, a história de curta duração (*événementielle*)[39]. Também não se trata da história de média amplitude, conjuntural, "do ciclo e até do 'interciclo' – que oferece à nossa escolha uma dezena de anos, um quarto de século e, em última instância, o meio século do ciclo clássico de Kondratieff"[40]. Trata-se antes de uma transformação estrutural e estruturante que tem amplas consequências sobre a vida humana nas suas mais variadas facetas. Um processo, enfim, que se inscreve no terceiro nível do esquema proposto por Fernand Braudel para o estudo das mentalidades: o da história mais profunda, de longa duração, que por vezes abrange séculos. São os quadros mentais mais resistentes aos movimentos, *as prisões de longa duração*, que durante centúrias determinam, geração após geração, as atitudes profundas e as condutas dos indivíduos[41]. Por outras palavras, trata-se de uma mutação ontológica, de movimentos muito profundos, que revolve e substitui os alicerces do quadro mental e, consequentemente, das estruturas do imaginário que, assim, se vê irremediavelmente alterado. Aquela mutação de que

[37] *MFC*, f. 181v a f. 184r.
[38] Cf. Norbert Elias, *op. cit.*
[39] Fernand Braudel designa-o de "tempo breve, à medida dos indivíduos, da vida quotidiana, das nossas ilusões, das nossas rápidas tomadas de consciência." *in* Fernand Braudel, *História e Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 10.
[40] *Idem, ibidem*, p. 12.
[41] Cf. Fernand Braudel, *Gramática das Civilizações*, Lisboa, Teorema, 1989; Idem, *História e Ciências Sociais*, op. cit.; Georges Duby, *Para uma História das Mentalidades*, Lisboa, Terramar, 1999.

Braudel fala quando evoca a história de "amplitude secular"[42] e as "grandes permanências"[43], ou seja, a "história de longa, e mesmo de muito longa, duração"[44].

A este respeito e num mesmo sentido, Georges Duby realça que "convém com efeito aplicar ao estudo das mentalidades o esquema proposto por Fernand Braudel, que convida a distinguir no tempo passado diferentes patamares e especialmente três grandes ritmos de duração – dito de outro modo, três histórias […]. Micro-história, 'atenta ao tempo breve, ao indivíduo, ao acontecimento', a das pequenas notícias e do drama, a da superfície; história com oscilações de média amplitude, escandidas por fases de alguns decénios, que poderíamos chamar 'conjuntural' […]; história mais profunda, 'de longa, mesmo muito longa duração', que, ela, conta por séculos"[45].

Se evocarmos o pensamento de Antonio Maravall, as *MFC* dão conta da existência de um *terceiro* elemento na vida do homem de finais da Idade Média e de abertura à Modernidade, ou seja, aquele que resulta da fusão do antigo com o novo. Este elemento nasce da coexistência dos traços medievais herdados com os processos novos que continuamente despoletam neste período[46]. Não sendo medievais também não são ainda puramente modernos (como o absolutismo na sua forma dos séculos XVII-XVIII, encarnado na frase de Luís XIV [1638-1715]: "O Estado sou eu"), situam-se antes num estádio intermédio pautado, precisamente, pela mudança e a transição.

Ou seja, é a diluição simultânea no passado que não deixa de evocar e em tudo o que apresenta de novidade, que deixa transparecer laivos de uma mudança mais profunda, estrutural, na já referida linha do pensamento de Fernand Braudel. Afinal, a importância das mudanças só surge em toda a sua plenitude e real dimensão quando contrastadas com o herdado. É um jogo dialéctico e o que resulta dele é que é eminentemente inédito e progressista.

Por sua vez, as novidades tomadas de forma conjuntural e, portanto, isolada (como, por exemplo, a referência a uma arma nova ou o vislumbre momentâneo do exótico que o mundo tem para oferecer através da observação de uma embaixada como a de Tristão da Cunha) por si só não são sinónimo da inauguração de uma *nova era* ou

[42] Fernand Braudel, *História e Ciências Sociais*, op. cit., p. 10.
[43] Idem, *Gramática das Civilizações*, op. cit., p. 42.
[44] Idem, *História e Ciências Sociais*, op. cit., p. 10.
[45] Georges Duby, *Para uma História das Mentalidades*, op. cit., pp. 34-35.
[46] Cf. Jose Antonio Maravall, "Introducción: Estado y Renacimiento" in *Estado moderno y mentalidad social*, vol. I, Madrid, Alianza Editorial, 1997, pp. 13-32; *Idem*, "Epílogo: La época de la revolución estatal" in *Estado moderno y mentalidad social*, vol. II, *op. cit*., pp. 587-592.

até de vanguardismo. Só quando tomados no seu conjunto os elementos de novidade presentes no texto do fidalgo podem assumir-se como representativos de uma mudança estrutural em curso, ou seja, como expressão de consequências reais para a vida humana e para a sociedade em que surgiram.

Em suma, o testemunho do fidalgo de Chaves é, de facto, representativo de uma *mudança* e da presença de algo inédito e original na mundividência coeva que o autor experimenta e partilha, na medida em que nasce da fusão das inovações vividas no presente com o herdado do passado. É esse terceiro elemento, resultante da combinação daqueles dois, que anuncia de forma irreversível o futuro original e inédito. Ao dar a ver no seu texto esses contrastes e as tensões que os mesmos encerram, o fidalgo possibilita compreender melhor a civilização em que vive. E aquilo que escreve é, também por isso, um extraordinário testemunho.

1. O "Outro" europeu

Não é apenas no contexto do processo da Expansão europeia que encontramos notáveis testemunhos relativos ao choque civilizacional resultante do encontro e do contacto com o *Outro*, tido como essencialmente diferente. Com efeito, também nas estradas da muito percorrida Europa, sobretudo quando em direcção aos espaços italianos, desenham-se contactos e vislumbram-se avaliações mútuas. Estas vias constituem o equivalente continental europeu às rotas atlânticas, e através delas os portugueses foram igualmente ao encontro de outros povos e outras culturas.

Palco de convergências e divergências políticas, sociais, económicas e culturais, o velho continente foi, pois, fonte de preciosos registos acerca da alteridade entre europeus nos finais da Idade Média. Disto nos dão conta de forma exemplar as *MFC*:

> "Como se aJuntaram os espanhoes que escaparam da batalha. A gente espanhola que ficou da batalha se foi caminho de arimine E dahi a senagualha E A çidade destermo que hee na marca dancona E em cada luguar destes ficauam espritaes cheos de feridos E de emfermos E foram leuados ao vale da cruz onde se começou a Refazer o campo. E ali se contou a Jente E acharamse sete mil E quinhentos espanhoes todos a pee por que muitos homens darmas avião perdido seus caualos. E o custume dos guerreiros de Jtalia hee que nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos comem A discriçam que hee comer A custa dos

> ospedes sem paguar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça despois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos françeses E alemães Reçebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos moradores das vilages E castelos. E quando se aconteçe dar alguma batalha aJuntanse grande multidão de milhares destes da terra E vanse em maguotes açerca em luguares desviados a olhar os que peleJam. E vendo algum dos exerçitos postos em fugida deçem E tomanlhe os passos E os prendem E Roubam de quanto leuam E os que nam matam hee por grande ventura. desta maneira tomam vinguança dos males E desonrras que Reçebem. E assi aconteçeo aos espanhoes que fugirom desta batalha prinçipalmente aos de caualo que cuidando saluarse se meteram em maior periguo em as mãos dos vilãos que a muitos desbalisaram E mal trataram."[47]

Nesta breve passagem, o fidalgo regista traços do *Outro* europeu em duas vertentes: uma objectiva (os franceses, os alemães e a população civil italiana) e outra mais abrangente e generalista – "E o custume dos guerreiros de Jtalia" – na qual contudo, como o autor refere, se destacam neste caso específico dois povos: os franceses e os alemães. O resultado para os estrangeiros é muito negativo, pois comem tudo o que a população italiana tem sem nada pagar, roubam o vinho que sobra e, acto mais gravoso, violam as mulheres e as filhas dos italianos. Já a população civil italiana, na qualidade de vítima, é merecedora de toda a compaixão, apesar de reagir de forma vingativa e violenta aos combatentes estrangeiros.

De forma algo breve, o autor traça o retrato de três povos europeus nas especificidades do contexto evocado: a guerra. Dois como agressores e um como vítima, mas que acaba por se revelar também violento, ainda que na qualidade legítima do acto justiceiro.

No seu extenso relato, o fidalgo de Chaves introduz registos de alteridade em relação a um vasto leque de povos europeus: espanhóis, alemães, franceses, suíços, húngaros, polacos, albaneses e italianos. No entanto, devido à forma individualizada como o faz – e que se comprova quer pela adjectivação efectuada quer pela visão que transmite –, na categoria *italianos* há que distinguir entre os italianos em geral, os florentins, os venezianos e, naturalmente, os romanos (também os habitantes de Nápoles, Bolonha, Siena e Ferrara são pontualmente evocados de forma individual,

[47] *MFC*, f. 158r e f. 158v.

contudo quase sempre num tom indirecto e vago). De salientar também por vezes o recurso à figura dos *guerreiros estrangeiros em Itália*. Composta de forma inquestionável por europeus, quase sempre mercenários, esta categoria não especifica origens nacionais, sendo por isso considerada numa perspectiva global e generalista. Naturalmente, os portugueses também são alvo de juízo avaliador, sobretudo pelos olhos do *Outro* europeu (o *Eu* que se revela através do *Outro*). Mas não é apenas o *Outro* europeu o visado. Com efeito, os maronitas[48], os turcos, os cristãos-novos e os judeus[49] também são alvo do espírito observador do viajante flaviense.

Graças ao olhar lançado sobre os alemães, os polacos, os húngaros e, enfim, os turcos, não é a Europa ocidental a única a merecer a atenção do fidalgo. De facto, também as suas periferias orientais, bem como o Norte (mas não o Extremo-Norte, saliente-se) e a parte central do continente estão incluídos, compondo um caudal de informações etnográficas e antropológicas relevantes, sobretudo se tivermos em atenção o período em que as memórias do fidalgo são escritas e a raridade de tais testemunhos no panorama da historiografia nacional quinhentista não extra-europeia.

Um último apontamento para, no quadro da embaixada portuguesa liderada por Tristão da Cunha, o breve e indirecto testemunho sobre o *Outro* oriundo dos longínquos e exóticos territórios recentemente descobertos. Trata-se, portanto, já não do extra-europeu próximo, pois o Norte de África e o Próximo oriente eram bem conhecidos e bastante documentados à época, mas sim do homem proveniente do muito distante, das periferias do mundo, e que tanto encantou e excitou a imaginação dos homens medievos. Vejamos um pouco mais de perto alguns dos casos mais significativos desta avaliação caracterial de povos e nações.

Os "espanhóis" [50]

[48] A Igreja maronita é uma Igreja católica oriental *sui juris*, ou seja, uma Igreja em plena comunhão com a Sé Apostólica que reconhece a autoridade do Papa, o Sumo Pontífice da Igreja católica. Esta plena comunhão foi reafirmada em 1182. Detentora de ritual próprio (pertencente à tradição litúrgica de Antioquia, que prevê a celebração da missa em língua aramaica e em língua siríaca), a Igreja maronita foi fundada por São Maron, também conhecido como St. Maroun, um monge sírico-cristão do século V.

[49] No sentido coevo de povo errante, da diáspora; isto é, sem território próprio com o qual se possa identificar de forma ontológica.

[50] Conceito que, como já referimos em momento anterior e dependendo do contexto em que é evocado, engloba os povos da Península Ibérica, inclusive, não raras vezes, os portugueses.

O traço mais proeminente na avaliação que o fidalgo de Chaves faz dos espanhóis relaciona-se com o seu valor guerreiro, em particular em termos da destreza propriamente dita com as armas e ao nível da sua coragem indómita:

> "o duque de ferrara obedeçia aos venezeanos, E em sinal de sobJeição tinha a çidade de ferrara hum lanço do muro contra Veneza sem ameas E ao duque nam lhe tangião trombetas. E nesta guerra se liurou de sobJeição E cobrou liuremente seu estado. E depois que çessou a guerra armarom os venezeanos doze gualees E vierom pollo Rio do poo acima. o qual Rio hee hum dos grandes do mundo E entra no mar de veneza E vai ter por Junto dos muros de ferrara. E ao tempo que os venezeanos armarom tinha o duque dous mil espanhoes consiguo. E parte deles em hum castelo feito de terra a par do Rio pera defender a vinda aos venezeanos com a artelharia. hindo as gualees contra ferrara sahiron os espanhoes a elles E desbarataromnos E tomaromlhe çertas gualees E as outras fugiron. E das tomadas fez o duque a huum Joanote portugues capitão."[51]

Com efeito, são diversas as referências aos espanhóis nestes termos, o que faz de alguma forma entrever a sua ascensão como potência hegemónica na Europa bem como o seu domínio na península itálica durante os dois séculos seguintes:

> "a Rezão por que françisco maria dorbim pode aJuntar Jente, por Reçeo da vinda do emperador em Jtalia. ca estauão em verona quatro mil espanhoes que ha guardauão dos françeses E venezeanos por mandado do emperador, os quaes eram tam sabedores da guerra que todalas vezes que se pero nauarro capitão da Jente françesa afrontou com elles, o maltrataram. E em hum combate que lhes deu ho escalauraram, E correram com elle, pollo qual elle disse que avia dentro muitos pedros navarros. (…) os de françisco maria lhe mataram muita Jente. era lastima ver os esquadrões dos soldados que o papa mandaua de Roma a esta guerra de muitos milhares de homens. E nam tardaua nada em vir nouas que todos eram desbaratados E mortos. E aquelles capitães Romanos que erão em conselho de matar os espanhoes de Roma vinham pera suas casas feridos E destroçados da mão dos espanhoes que eram com françisco maria. os mais neste tempo segundo se afirmaua passauam Ja de sete mil. E onde elles punham o Rosto nam se podia soportar seu Jmpeto, que assi as vilas E çidades çercadas de fortes muros, como as ostes do campo tudo leuauam nas mãos. era naquelle tempo barachelo ou alcaide de Roma hum castelhano chamado santa cruz que fora capitão de Jente de pee nas guerras passadas. E por ser homem esforçado E sabedor na guerra, o papa o mandou por capitão de muita Jente pera engrossar seu campo. E despois de se aver apresentado ao leguado, passados alguns dias se afrontou com os

[51] *MFC*, f. 141v.

> espanhoes Junto de pesaro. de tal maneira ho trataram que elle E os que escaparam vieram a Roma destroçados E perdidos, o qual disse ao papa que em quanto os espanhoes andassem em companhia de françisco maria, sua santidade seria sempre perdido. soo por que trazia consiguo çinco mil capitães, por que cada hum daquelles era tanto pratico na guerra que abastaua pera guovernar grandes exerçitos. tanta Jente perdeo o papa"[52].

Também a verticalidade e honestidade do povo espanhol são colocadas em destaque na descrição do fidalgo em relação à segunda *Guerra de Urbino*. Paradoxal apenas na aparência, a circunstância utilizada pelo fidalgo tem por base precisamente um acto de traição perpetuado por alguns capitães espanhóis:

> "tanta Jente perdeo o papa E em tal estremo se vio o leguado que foi forçado as forcas (sic)[53] da guerra mudarense em partidos E manhas nom liçitas, os quaes tratos se começaram a fazer com o embaixador de castela Jeronimo bique prometendolhe o papa que lhe faria hum Jrmão cardeal com tanto que elle fizesse que os espanhoes que erão com françisco maria ho deixassem. açeitando o embaixador este partido pera mais breue espedição de seus neguoçios contrataua com alguns dos capitães espanhoes que dessem françisco maria nas mãos do papa, o qual tomou cartas de çertos capitães que escreuiam a Roma, nas quaes vio a traição que se contrataua contra elle. E huma destas cartas era de hum capitão chamado maldonado que estaua açima de todolos outros em estima E saber da guerra a quem o duque daua grande credito, o qual trazia com sua fardage desasseis azemalas de Reposteiros E muitos caualos E facas. como o duque ouve as cartas A mão, chamou os capitães E prinçipaes guerreiros de sua oste, prinçipalmente aos espanhoes nos quaes era toda sua saude, E lhes disse como elle se posera em suas mãos tomando os por companheiros fazendosse Jguoal de cada hum delles. E que por elles E por suas bondades E fortaleza de seus animos, era Restituido a sua honrra E estado, E que aguora elles mesmos o aviam aleuantado E tramado E contratauão com seus Jmiguos de o deRibar E o darem em suas mãos. o que delles se nam esperaua por nam caber na Jente espanhol nome de tredores E de tanta Jnfamia E que Jsto poderiam bem ver por aquellas cartas que aviam sido tomadas, preguntando, se se conheçeria antre elles as letras E sinaes dellas. nam se pode entender com que confiança E ousadia o capitão maldonado confessou ser huma das cartas sua E de sua mão, pollo qual foi loguo tomado dos espanhoes E passado pollas picas dandolhe morte desonrrada E de tredor. E a Roma fugiram outros tres capitães que com elle em conserua eram."[54]

[52] *MFC*, f. 216v a f. 217v.
[53] Leia-se *as forças*
[54] *MFC*, f. 217v.

No entanto, o princípio que sobressai e que acaba por prevalecer é sempre o de que o pecado de uns poucos não afecta a imagem de muitos, precisamente "por nam caber na Jente espanhol nome de tredores".

Além disso, pressente-se na narrativa do fidalgo uma disfarçada simpatia pelos espanhóis expressa na impressão latente de que estes impõem respeito e algum sentido de justiça numa terra entregue à rapinagem por múltiplas forças locais e estrangeiras (das quais os mesmos fazem parte). De tal forma, que o próprio papa Leão X, tomado pelo autor como vil e infame, os receia profundamente:

> "contei aqui esta estoria, por que sendo o papa sabedor de como este caso passaua, aleuantando as mãos ao çeo disse, deus me guarde despanhoes."[55]

E se porventura perdem batalhas, como a de Ravena, tal deve-se apenas à cobardia, insegurança e incompetência do seu comandante, nunca à falta de empenho das suas forças, cujo valor é por todos reconhecido:

> "as cousas que diziam os Jtalianos do grão capitão sabendo quam bem o fizeram os espanhoes que peleJaram E que por culpa do viso Rei se perdera a batalha"[56].

Curiosa e reveladora é a demonstração do valor e da lealdade dos espanhóis por comparação directa com a falta de virtudes a nível do código de honra militar por parte dos alemães, que acabam por funcionar como o referencial negativo a partir do qual o fidalgo constrói a sua imagem favorável dos hispânicos:

> "cuidando o emperador que tinha padua segura os venezeanos que em al[i] tinhão o cuidado fizerom que os paduanos se aleuantarom E deitarom os do emperador fora E liurarom delles a çidade E tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre elles despeJarom a çidade de molheres moços E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos. E o emperador veo sobre a çidade com o mais fermoso exerçito que em nossos tempos se vio em Jtalia por que se afirmaua serem mais de çem mil combatentes. E prantada a artelharia aRasarom hum grande lanço do muro. E a todas estas afrontas

[55] *MFC*, f. 227r.
[56] *MFC*, f. 158v.

> mostrarom sempre os de dentro tam pouco temor que sempre tinham de dia as portas abertas. esteue o emperador sobre a çidade passante de hum mes. E nunca lhe deu combate de Jente avendo por conçiençia perderse tanta como se esperaua que moRese. escaramuças avia muitas em espeçial espanhoes E dos de dentro que sahião fora a fazer sortes. E huma vez cheguarom A artelharia do emperador E lhe encrauarom duas peças sendo aquelle dia guarda della os alemães os quaes por poerem mais medo aos Jmiguos bradarom espanha Espanha. E com Jsto fugirom os da çidade E acodirom os espanhoees [.] sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem ao combate. E como se falaua em combate se amotinauam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro. E com estas neçessidades o emperador se foi pera alemanha sem fazer cousa alguma. E deixou viçença que tinha pacifica aos venezeanos."[57]

De referir nesta passagem o protagonismo de um *capitão de caualos ligeiros* português chamado *tinoco,* que dá voz ao que vai na alma do contingente espanhol por oposição ao alemão. Os alemães são os perfeitos mercenários, ao passo que os espanhóis são guerreiros que seguem o código de honra e valor militar. Não é, pois, de estranhar que, segundo o fidalgo, precisamente aquele que é considerado o papa guerreiro, Júlio II, tenha preferência pelos espanhóis em detrimento dos alemães para a guarda pessoal de pé no sacro palácio:

> "sua [do papa Jullio] guarda dos besteiros de caualo erão Jtalianos. E a dos caualos ligeiros erão albaneses a que comummente chamam capeletes ou estardiotes. (…) a guarda da Jente de pee do sacro palaçio era dalemães. tinha grande deseJo que fosse despanhoes. E nam no fez por escusar os aRoidos que cada momento huns com os outros armauão, prinçipalmente sobre molheres. E os alemães são fora disso."[58]

Esta passagem, no entanto, contém outro dado valioso em termos da avaliação comparativa entre os dois povos: apesar de preferir os espanhóis pelo seu valor guerreiro, o papa mantém como guarda a pé do sacro palácio os alemães, dado que estes são menos ruidosos (logo menos conflituosos e mais respeitadores do espaço sagrado)

[57] *MFC*, f. 141v e f. 142r.
[58] *MFC*, f. 169v.

que aqueles, em especial tratando-se de disputas cujo tema principal sejam as mulheres. Passamos, assim, da avaliação de carácter guerreiro para a avaliação centrada nos costumes do *Outro* europeu. Por outras palavras, deixamos o âmbito da guerra, para entrarmos no domínio puramente cultural e civilizacional (as *maneiras*, na perspectiva de Norbert Elias[59]).

Premissa reforçada pela passagem em que o fidalgo dá a ver, a nível dos costumes, a importância que o elemento feminino tem no quotidiano dos guerreiros espanhóis:

> "acharanse despois da batalha [de Ravena] tres mil molheres em cuJo poder, se achou o prinçipal dinheiro E despoJo dos espanhoes que aviam deixado em sua guarda como custumam fazer."[60]

Se quanto à bravura e ética militar existe divergência entre alemães e espanhóis, o mesmo não se passa quanto à impiedosa crueldade de ambos, nivelada de forma emotiva a dado momento das *MFC*:

> "E dando nelles posto que a batalha durou algumas oras, em fim os venezeanos foram desbaratados E mortos pouco menos que de françeses na batalha de Reuena. foram presos muitos capitães E homens prinçipaes dos venezeanos, antre os quaes foi preso João paulo valbom senhor ou tirano de perosa que era capitão da Jente darmas dos venezeanos. o qual despois foi enviado preso a Roma ao papa sobre sua menaJem. E por que seu filho era casado com a Jrmãa do cardeall meu senhor, muitas vezes comia com sua Reuerendissima senhoria. E contando hum dia as cousas desta batalha, dizia cahindolhe as lagrimas pollas barbas, que nunca se achara em batalha tam cruelmente ferida, que assi nos alemães que erão tres mil como nos espanhoes nom se achaua nenhuma misericordia que ante seus olhos mataram corenta homens darmas seus criados que ho aviam seruido de paJes. E querendolhes valer ouvera de ser morto se se nam dera a prisão."[61]

Boa parte das apreciações dos alemães é feita através de uma análise comparativa com os espanhóis (onde, na maioria das vezes, se englobam os portugueses), em geral apresentados pelo autor como superiores. Deste confronto, à

[59] Cf. Norbert Elias, *op. cit.*.
[60] *MFC*, f. 156r e f. 156v.
[61] *MFC*, f. 165v.

excepção da questão das maneiras[62], os europeus setentrionais saem inferiorizados. O sistema referencial do fidalgo de Chaves contempla, assim, um inequívoco nível de apreensão antitético entre alemães e espanhóis.

O problema da avaliação do *Outro* surge aqui de forma plena, pois o conhecimento desse *Outro* (e do *Eu*) é sempre obtido através de um raciocínio analógico: "conheço o outro por analogia comigo" (afinal, a comunicação interpessoal assenta fundamentalmente no diálogo que salvaguarda o *Eu* e o *Tu* como sujeitos, como pessoas). No entanto, este raciocínio analógico tem dois patamares. Um superficial e outro mais profundo e complexo. O texto do fidalgo de Chaves fica-se pelo primeiro, ou seja, o conhecimento do *Outro* europeu assenta mais na comunicação espontânea, na dualidade simpatia/antipatia e na intuição do que no conhecimento reflexivo, isto é, na análise profunda dos seus comportamentos[63]. Como se nota no texto, tudo surge à flor da pele. O maior desdém pelos alemães é sensitivo. Daí ao estado de conflito, rivalidade e predomínio de um sobre o outro vai um pequeno passo, como aliás se pode verificar nas expressões do autor.

Os portugueses

Os portugueses nas *MFC* são evocados de duas formas principais: enquanto integrados na categoria mais geral de espanhóis – como habitantes da Hispânia – e enquanto portugueses propriamente ditos, sendo que neste último caso beneficiam por diversas vezes de evocações individualizadas.

No primeiro caso, por extensão, os portugueses sofrem de comparação directa com os alemães como já foi referido. Todavia, outros momentos do texto surgem em que essa integração é comprovada sem ser por recurso ao sistema de apreensão antitético com o europeu do Norte:

[62] Neste ponto é curioso salientar a grande diferença entre o fidalgo de Chaves e Lopo de Almeida, o qual nas suas *Cartas de Itália* coloca os alemães (muito mais livres e brutais) em termos das normas sociais como inferiores aos europeus do Sul, em particular em relação aos portugueses. Cf. Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, Rodrigues Lapa (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1935.

[63] Cf. Ana Paula Menino Avelar, *Figurações da alteridade na cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, pp. 117-168 e 185-190; Idem, *Visões do Oriente: formas de sentir no Portugal de quinhentos*, Lisboa, Colibri, 2003, pp. 82-83, 149-176 e 273-280; Helena Carvalhão Buescu, *Incidências do olhar: percepção e representação*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990, pp. 71-77; Idem, *Narrativas da Modernidade: a Construção do Outro*, Lisboa, Colibri, 2001, pp. 81-86 e 92-94.

> "Jaa neste tempo o cardeal de mediçis era vindo a sua leguaçia. o bispo petruche primo com Jrmão do cardeal de sena se foi pera elle com o estamaguo cheo da treição que despois ordenou. este bispo era filho de hum Jrmão de pandolfo. E pandolfo ho criou E lhe deu o bispado de huma çidade das de sena. E quando o cardeal seu filho se foi pera Roma, pandolfo lhe deu o dito bispo por seu mestre de casa por que era Ja homem que passaua de corenta anos. E o cardeall era menos de vinte. elle mandaua E guovernaua toda a casa do cardeal. era homem soberbo de maas Repostas desamaua muito os espanhoes. E por Jsso os que eramos criados do cardeall, nam estauamos em sua graça. o que era ao contrairo com sua Reuerendissima senhoria que mais que a todalas outras nações nos fauoreçia E mostraua muito boa vontade."[64]

Neste caso específico, o bispo Rafael Petrucci nutre certo ódio pelos espanhóis, o que faz com que o fidalgo, na qualidade de criado do primo daquele, o cardeal Alfonso Petrucci, não esteja nas suas graças. Já enquanto portugueses propriamente ditos, as evocações – bastante longas, pormenorizadas e legitimadas pelo recurso a documentação de carácter oficial, saliente-se – integram-se sobretudo no quadro do envio a Roma por D. Manuel da embaixada liderada por Tristão da Cunha e no âmbito das celebrações em Roma pela conquista de Azamor. Dito de outro modo, as referências aos portugueses decorrem na sua grande maioria do vasto processo dos Descobrimentos e da expansão portuguesa.

No primeiro caso, o da embaixada, o deslumbramento causado tem predominantemente por base o encontro cultural e civilizacional com outros povos e espaços[65], pois a riqueza e o esplendor exóticos apresentados provêm do poderio português no longínquo além-mar:

> "Da embaixada E dos presentes. E da obediençia que el Rei de portugual mandou ao papa. No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feuereiro da era de mil b^{c} e catorze, tomou tristão da cunha porto em çiuita velha com huma grossa nao a qual se dizia ser a em que vossa ilustrissima senhoria passara a africa. o qual vinha dar obediençia a sua santidade por el Rei de portugual. E tanto que deçeo em terra se foi pera Roma com sua companhia a qual era de muitos fidalguos e escudeiros. (…) E nos dias que se deteueram sem fazer mostra da embaixada, as Jrmãas do papa E muitos

[64] *MFC*, f. 161v.
[65] *Vide* a primeira alínea (*A embaixada de Portugal a Leão X*) do ponto de abertura (*As embaixadas à cúria pontifícia: festa, propaganda e poder*) da terceira parte do presente estudo (*Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder*).

> grandes senhores e senhoras foram ver o pontifical que el Rei mandaua A see apostolica, ho qual guarçia de Resende secretario da embaixada que ho tinha em poder amostraua a todos. E elles ficauam maravilhados da grande Riqueza das peças polla multidão do alJofre de que erão cubertas, E de muitos Robis e pedras preçiosas que nelle hião. E pollo conseguinte foram ver o alifante que ficara fora da çidade, por ser cousa nam vista em Roma segundo se dizia do tempo de Jullio çesar, nem em toda Jtalia, senam hum que avia poucos anos que viera a lombardia, mas nam entrou em Roma nem em toda toscana."[66];

> "E o Jndio com a onça nas ancas do caualo vestido de seda."[67];

> "vinha mais o alifante com albardilha de borcado sobre o qual hia hum cofre grande de çetim cremesim com lauores de crauação dourada no qual vinha metido o pontifical E ornamentos. E o dito cofre vinha cuberto de hum Reposteiro de borcado bandado de quartapisas de veludo cremesim que aRastraua pollo chão. E o alifante trazia as armas del Rei Ricamente brosladas na testa. ao pescoço huma grande campainha de prata. E o Jndio que ho guovernaua vestido de seda com hum bastão na mão guarneçido de prata."[68].

Tendo por plataforma de análise a estrutura social da embaixada, que se reflecte na ordem protocolar das precedências, o fidalgo descreve o esplendor e a riqueza do cortejo que atravessa a urbe, dando especial atenção ao vestuário e à joalharia:

> "entrados na Rua alexandrina passando adiante as familias sobreditas, apareçiam os portugueses E vinhão corenta escudeiros de pelotes de veludo negro [,] carapuças E espadas com bainhas do mesmo veludo, E as guarnições douradas. çintas E teçidos com guarnições de prata aniladas. E pareçia honrrada companhia. aos pescoços leuauam colares douro de anchura de tres dedos E de obra Romana E todos de huma feição. os borzequis que leuauão hiam tam Justos que os Jtalianos se espantauão de como os podiam calçar. E diziam que erão bem ao contrairo dos que trazião os vnguaros."[69]

Fundamental aqui é o recurso à comparação com o *Outro* europeu, neste caso o húngaro, ou seja o homem da Europa Oriental, para melhor evidenciar os atributos dos portugueses, isto é os filhos ocidentais do *Velho Continente*. Dialéctica tanto mais

[66] *MFC*, f. 178r.
[67] *MFC*, f. 178v.
[68] *MFC*, f. 178v e f. 179r.
[69] *MFC*, f. 178v.

preciosa quanto o facto de concretizar-se pela voz dos italianos, ou seja alguém oriundo da Europa meridional. Por outras palavras, o europeu do Sul faz recurso da imagem do europeu do Oriente para destacar um elemento distintivo do europeu do Ocidente.

Concentrando-se em seguida na fidalguia, o autor dá continuidade à sua descrição extremamente visual da embaixada. O traje, esplendorosamente rico, continua a impor-se como a pedra-de-toque da apresentação:

> "E portugual Rei darmas vestido de borcado E os fidalguos que erão bõa copia, em mulas de mui Ricas guarniçoens, E de suas pessoas mui Ricamente vestidos, E guarnidos de muitos firmaes de pedras de grande estima E colares mui Ricos em demasia, çintos, espadas, E punhaes de ouro de mui custosos lauores. Respondendo todalas peças que leuauão humas com as outras."[70]

Garcia de Resende, secretário da delegação, apresenta-se ricamente vestido e muito bem acompanhado de doze moços "bem atauiados":

> "guarçia de Resende do teor dos outros, E por ser secretario da embaixada vinha soo, no luguar que lhe foi dado pollo mestre das çerimonias. E pareçia vindo mui bem, por que vinha de sua pessoa Ricamente vestido E trazia hum mui bem obrado colar guarneçido de pedras E perlas de muito valor. E doze moços em torno de si bem atauiados."[71]

Junto do elefante Hanno, a principal fonte de exotismo de toda a embaixada, vem Nicolau de Faria, guarda do mesmo, e nivelado, pela sua apresentação exímia, aos demais fidalgos:

> "E vinha Junto do alifante nicolao de faria estribeiro pequeno del Rei em hum ginete Ruço pombo com hum Jaez Rico. E elle de sua pessoa vestido como os fidalguos."[72]

Em seguida, surgem os embaixadores lusos dotados de não menor magnificência e fausto. De tal forma que, mais uma vez, o que impressiona sobremaneira no registo do

[70] *Idem, ibidem.*
[71] *Idem, ibidem.*
[72] *MFC*, f. 179r.

fidalgo é o esplendor e a riqueza ostentados pelos membros do cortejo, neste caso específico, Tristão da Cunha, embaixador da delegação, João de Faria, embaixador em Roma[73], e Diogo Pacheco, orador da embaixada e responsável pela comunicação oficial:

> "atraz dos sobreditos vinhão os embaixadores, scilicet, tristão da cunha em meo de João de faria estante Em Roma E dioguo pacheco orador. o qual tristão da cunha vinha em hum ginete Ruço pombo mui bem aJaezado E elle com huma opa de borcado de pelo que lhe aRastraua pollo chão E hum sombreirete forrado ou cuberto de veludo negro E de grossas perlas que foram dalguns estimadas em quinze mil ducados. E os ditos doutores João de faria E dioguo pacheco Ricamente vestidos E encavalguados."[74]

Depois, apresentam-se "os embaixadores do emperador E dos Reis E das senhorias que erão estantes em Roma, E grande multidão de prelados E dinidades E de outros senhores eclesiasticos E seglares"[75]. Figuras anónimas que cumprem, afinal, a função de garantir uma projecção ainda maior à delegação portuguesa.

Para dar uma imagem o mais completa e fiel possível da forma como os portugueses eram honrados e admirados no coração da Cristandade, o fidalgo faz recurso de um documento oficial de inquestionável valor: a "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador."[76]

> E pera que vossa Jlustrissima senhoria veJa como as cousas de portugual erão de todos manificadas, pus aqui o trelado da carta que o senhor de carpe mandou ao emperador maximiliano sendo seu embaixador em Roma [,] no qual Vossa Senhoria veraa larguamente a maneira E louvor da embaixada E a estima dos presentes."[77]

O valor deste testemunho é tanto maior quanto o facto de ter sido redigido pelo representante na *Cidade Eterna* do sacro imperador romano-germânico, uma das principais figuras institucionais cristãs com a qual D. Manuel claramente rivalizava em

[73] João de Faria foi o primeiro embaixador português permanente na cúria papal, entre Fevereiro de 1512 e Novembro de 1514, a quem se seguiu D. Miguel da Silva.
[74] *Idem*, *ibidem.*
[75] *Idem*, *ibidem.*
[76] *MFC*, f. 179v. Esta missiva como referimos em momento anterior do nosso estudo está igualmente presente na crónica de D. Manuel da autoria de Damião de Góis.
[77] *MFC*, f. 178r a f. 179v.

termos de imagem e simbólica do poder dentro da Cristandade. Esta missiva possibilita averiguar da forma como o *Outro* europeu vê os portugueses a nível *oficial*:

> "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador. Mui sacratissimo E Jnuençiuel çesar. nam haa muitos dias que são vindos nesta çidade de Roma embaixadores do mui serenissimo Rei de portugual, com carreguo segundo custume de fazer obediençia ao nosso mui sancto padre leon. a entrada foi fermosa pera ver. erão tres embaixadores. (…) os quaes traziam companhia mui Rica E prospera. primeiramente vinhão diante seis trombetas E despois hum Jndio negro sobre hum fermoso caualo ornado de huma sella da Jndia, o qual trazia atras si sobre as ancas do cauallo hua besta semelhauel ao lião pardo, mas de corpo mais graçioso E de muitas E desvairadas cores. a este seguia um alifante bem ornamentado o qual trazia em çima de si hum cofre com alguns preçiosos dões que o muito serenissimo E muito christianissimo prinçepe enviaua aos muito santos padres são pero E são paulo, E nomeadamente ao nosso santo padre papa. o cofre era cuberto de hum pano teçido douro com as armas Reaes que nam tam soomente cobriam ho cofre mas toda a grão besta E grandura do alifante. Eençima hum outro Jndio vestido de huma Roupa de ouro E seda, A palaura do qual a dita besta obedeçia. esta besta hia mansamente E despaço. E loguo despois della seguiam algumas azemalas mui fermosas. E então os seruidores dos embaixadores todos honestamente vestidos. E então vinha a ordem dos nobres que erão açerqua de çincoenta em numero. todos com manificos E eleguantes ornamentos com cadeas douro nom menos de peso que de mostra antre os quaes os mais grandes Reluziam de perlas E pedras [.] E antre todos os outros, o filho do primeiro embaixador. os quaes seguiam o Rei darmas do dito Rei vestido de huma Roupa de pano de ouro com armas de Rei coroadas çercadas em torno de mui fermosas perlas E RubiJs. então vinhão os embaixadores vestidos mui manificamente. o primeiro da leguaçia trazia hum mui Rico chapeo de singulares perlas. non diguo somente ornado, mas todo cuberto. E despois dos embaixadores vinha muita Jente de conselho de graue E honrrada presença. E em fim toda a turba dos familiares. (…) a materia era preçiosa mas a obra sobrepoJaua aa materia, a qual era polla singular Religião E deuação deste prinçepe dada. hame mui fortemente mouido a escreuer estas cousas polla ventura mais longuamente E com mais palauras que as orelhas mui acupadas de vossa magestade nom deuem sofrer. mas eu ho fiz a fim que nada nam passasse sem ho saber vossa magestade. E nam hee de poer em silençio que haa estendido E engrandeçido nossa Religião com grande gloria atee os guaramantes E Jndios. E que assi tanto honrrauam por sua larguesa E liberalidade. o dõ foi mui agradauel ao nosso mui santo padre E aos Reuerendos cardeaes, E a todas as ordens dos prelados, E a todo o pouo Romano. o dito Rei foi muito louuado da mui sacratissima boca do papa per palauras mui honrradas em consistorio pubrico Respondendo aos embaixadores de sua magestade, espeçialmente quando açeitaua seus doens [.] E cada hum per todos era altamente louuado E prezado. os dões estimados desvairadamente, scilicet, per alguns em

> quinhentos mil ducados, per outros em quatroçentos mil, E segundo outros em duzentos E çincoenta mil ao menos. todavia as perlas nam são de tamanha grandura mas em multidão E em numero mais que Jnfinitas. E assi as perlas nam são de grande preço, mas nom são pera desprezar. como quer que seJa hiam muitas. çerto nam ouve assi Ricos nem assi fermosos ornamentos nem tam preçiosos a meu crer, Jamais papa na JgreJa de deus de Roma. (…) de Roma a xxviij dias de março de 1514 anos."[78]

Como é possível atestar pela leitura do detalhado registo epistolográfico do embaixador do imperador, D. Manuel, Portugal e os portugueses são apreciados e avaliados de forma positiva pelo *Outro* europeu na capital da Cristandade. Uma visão favorável reforçada do ponto de vista da legitimidade pelo facto de, segundo o mesmo diplomata, Roma apresentar uma população tão vasta quanto diversificada – premissa que nos leva a considerar, aliás, estar nela representada pelo menos o essencial do continente europeu:

> "todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho. nem Jamais Roma em o tempo passado quando ella possuia muitas cousas, como quer que a ella viessem muitos alifantes de etiopia E africa, nom veo nenhum das Jndias."[79]

Retornando ao inicialmente afirmado na abertura desta alínea, as evocações aos portugueses propriamente ditos – para além da já referida embaixada liderada por Tristão da Cunha – integram-se também no âmbito das celebrações em Roma pela conquista de Azamor, ocorrida em 1513. Se, como assinalámos, no primeiro caso a avaliação dos portugueses tem por base sobretudo o encontro cultural e civilizacional com outros povos e espaços, neste segundo cenário o juízo operado tem por *leimotiv* o universo da expansão militar protagonizada pelos portugueses no ultramar. Ou seja, a guerra e a conquista armada são aqui os grandes impulsionadores da visão positiva dos portugueses:

> "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima

[78] *MFC*, f. 179v a f. 181r.
[79] *MFC*, f. 180r.

senhoria [D. Jaime] tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria. ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pero o qual trouxe todos os Reis de portugual, E os feitos de cada hum contra os Jnfiees. ca mui bem ho tinha sabido. E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[rra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antigua çidade. (…) tornando contra os portugueses dizia que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros. foi de tanta eficaçia aquella preguação E tudo tam bem dito E encaxado que deçido do pulpito os cardeaes ho tomaram antre si E coRendolhe as lagrimas pollas façes o beiJauam na sua. E todos cõmummente ho louvaram muito. E tornado o papa a seus paços fizeramse as mesmas luminarias E alegrias da noite passada. o cardeal de sena que mui grande deseJo tinha de vossa Jlustrissima senhoria ter por amiguo contaua em seus convites E banquetes aos outros cardeaes E senhores o estado Real de vossa senhoria E suas vitorias da maneira que o eu tinha enformado. E sem duuida nam Reçebeo vossa senhoria pequena memoria pera em sua morte por que sempre o teuera por grande amiguo mas a sua desastrada ventura atalhou a Jsso E por que neste tempo se começou a tratar sua morte E aperdição dos outros cardeaes ha contarei breue E verdadeiramente. E posto que vossa Jlustrissima senhoria de todas estas cousas larguamente seJa sabedor, nom quero deixar a Reposta que o papa mandou a el Rei, pera os que destes fermosos feitos nom tiuerem notiçia.”[80]

[80] *MFC*, f. 173v a f. 174r.

Como podemos verificar, a avaliação efectuada em todas estas longas e detalhadas descrições, bem como a visão daí resultante, é sempre positiva. Apenas um caso há nas *MFC* de visão negativa dos portugueses e do seu reino tomados enquanto entidades unas e colectivas: quando o núncio enviado pelo papa a Portugal regressa a Itália e proclama a sua opinião acerca do reino que visitou. Pela circunstância em que tal juízo desvalorativo é proferido – "publicamente dizia aa mesa de sua santidade E dos cardeaes" – e devido à violência da argumentação utilizada, este momento reveste-se de uma importância singular, como o comprova, aliás, a reacção imediata e emotiva por parte do fidalgo de Chaves. De registar é que, quando nada o obrigava a tal, o autor não deixa de dar registo de tal visão no texto que constrói para o seu senhor. Ou seja, omitir tal juízo negativo seria o mais lógico tratando-se o destinatário do relato uma das mais preeminentes figuras políticas do reino; no entanto o fidalgo tem a coragem de não o fazer – o que, em certa medida, dá conta da estreita relação de confiança que o autor teria com o seu senhor:

> "Como o nunçio que el Rei pedio ao papa pera dar execução a suas bulas, se partio pera portugual, E de sua tornada. Conçedidas as sobreditas graças a el Rei, pedio sua alteza ao papa nunçio pera hir a portugual dar as bulas de sua santidade a execução. tinha o cardeal santiquatro hum sobrinho que fora frade da moderna Regra do beato françisco de paula. E deixara o abito, no podendo sofrer a estreita vida da ordem, por que em todo ano nom comem carne. E por que as cousas del Rei prinçipalmente passauão polas mãos do quardeal santiquatro, quis dar a este seu sobrinho este arbitre de nunçio pollas merçes que esperaua que lhe el Rei fizesse. E tanto que tristão da cunha embarcou em çiuita velha onde o esperou a nao em que viera, o nunçio se partio per terra, o qual despois de tornado nam abonaua as cousas de portugual segundo as merçes que lhe foram feitas E grandes honrras. E cheguando a florença onde naquelle tempo era ido o papa, publicamente dizia aa mesa de sua santidade E dos cardeaes que antes queria ser escrauo em Jtalia, que senhor em portugual. antes de sua partida alguns portugueses sisudos que erão praticos nas cousas de Roma E sabiam as de portugual, estranhavam muito a sua alteza quando se dizia que consentira hir de Roma homem estranJeiro a seu Reino com taes poderes a descobrir os segredos delle. naquelle tempo tinham em Jtalia pollo Reino mais Rico, E Rei mais poderoso em diuersas partes do mundo, dizendo que abastara pera dar execução As bulas do papa hum dos portugueses estante em Roma, ou qualquer pobre Religioso de seu Reino que sua alteza teuera por bem [.] nom diziam sem causa os portugueses estas cousas E el Rei ter confiança de cada hum que o seruiriam mais fielmente que nenhum estranJeiro pois claramente se vee que outra nenhuma nação de Jentes hee tão fiel a seu Rei E A patria como nos. nem nação que com tanto amor sirua seus senhores. nem Rei, E senhores que

> tanto amem E fação por seus vassalos. E destas praticas avia muitas diante cardeaes E grandes senhores, sendo alguns castelhanos E portugueses presentes, altrecando porfias de Rexa antigua, aleguando os portugueses feitos passados E presentes de tantas vitorias E boas venturas a que os castelhanos nam tinhão Reposta. E que Jsto pareça a vossa senhoria fora de estilo, ho escreuo por que passaua assi em verdade. Isto se aleguaua dos feitos que os fidalguos E caualeiros faziam haa quatro dias, acustumando tomar por força darmas as mui grandes çidades aos mouros em africa com a lança no punho vestindo caçotes destopa E arneses em çima sem saber alguarismo, sem mercadeJar, sem desonestas onzenas E deseJos de acquirir fazendas alcançadas per husurarios E desonestos titolos, sem se chamarem fidalguos nam ho sendo, sem leuarem com vaidade cadeiras despaldas As JgreJas E A capela del Rei, sem aver quem acuda a tanta desordem, sem trazerem publico Rabões sem merçe, lançandosse dos escudeiros acustumados pollos velhos passados com que se faziam as sobreditas cousas, viuendo no presente tempo em suas casas com grossas Rendas E pobre despesa de familia de moços E com grande abastança de viços pera suas pessoas, E de suas molheres, de delicados manJares, de prefumes, E estrados vãos com presunções tam altiuas que cuidão dum que tem huma drama de peso de mereçimento mais que outro, se haa por desonrrado falarlhe em luguar publico. E o que menos val se tem por melhor husando das sobreditas sandiçes E desonestidades. E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem."[81]

Este momento é crucial no que diz respeito ao estabelecimento de um exercício de alteridade por parte do fidalgo de Chaves em relação ao *Outro* europeu, na medida em que opera uma comparação directa com o objectivo de fazer elevar a condição do seu reino de origem e dos seus compatriotas. De tal comparação (leia-se oposição directa) sai denegrido o *Outro* mediante o qual o *Eu* se projecta. E a conclusão, momentos antes proferida, não podia ser mais expressiva: "pois claramente se vee que outra nenhuma nação de Jentes hee tão fiel a seu Rei E A patria como nos. nem nação que com tanto amor sirua seus senhores. nem Rei, E senhores que tanto amem E fação por seus vassalos."

O *Outro* aqui é um sujeito duplo, ou seja, o castelhano ("aleguando os portugueses feitos passados E presentes de tantas vitorias E boas venturas a que os castelhanos nam tinhão Reposta."), mas também o italiano, pois é a Roma egoísta, ávida

[81] *MFC*, f. 200v e f. 201r.

de luxo e ostentação, sem consciência hierárquica ou qualquer sólida noção de dignidade e valor guerreiro, que a sua crítica implacável visa.

O "portuguesismo" do fidalgo de Chaves atinge aqui proporções um pouco hiperbólicas, mas não deixa de ser um facto essencial. Por um lado, devido a tratar-se de um criado que serve o seu senhor, uma das principais figuras do reino e vértice da segunda maior Casa aristocrática portuguesa, ao presenteá-lo com um testemunho pessoal fruto de uma longa e intensa experiência vivida no coração da Cristandade – o que por si só implica uma retórica do discurso por mínima que seja, isto é, uma adequação, que não pode ser ignorada (nesta medida, a depreciação do *Outro* é, em primeiro lugar, para melhor exaltar e glorificar o *Eu* – através do senhor que se serve). Por outro lado, porque expressa bem o rumo da sociedade portuguesa de então, focalizada no processo expansionista e na acção militarista além-mar. Com efeito, as suas palavras funcionam como um espelho do espírito expansionista português da viragem de Quatrocentos para Quinhentos:

> "era el Rei nosso senhor sobre todolos outros tido em maior veneração de catolico E christianissimo"[82];

> "naquelle tempo tinham em Jtalia pollo Reino mais Rico, E Rei mais poderoso em diuersas partes do mundo"[83].

Todas estas referências apontam para uma avaliação do *Eu* português enquanto figura colectiva. Todavia, por vezes, os portugueses são também evocados e avaliados de forma individual, especialmente em contexto de guerra. É o já referido "portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros" [84] – cuja apreciação é claramente positiva, em particular em termos do código de honra militar, pois *tinoco* combate em prol de um ideal maior do que a mera recompensa monetária auferida pelo pagamento do soldo:

> "tinoco (…) lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem

[82] *MFC*, f. 179v.
[83] *MFC*, f. 200v.
[84] *MFC*, f. 142r.

ao combate. E como se falaua em combate se amotinauam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro."[85]

É também o português que é promovido a capitão pelo duque de Ferrara devido ao seu desempenho na batalha de Polesella, travada a 22 de Dezembro de 1509, que, no âmbito das *Guerras da Liga de Cambrai*, opôs Veneza a Ferrara e que resultou na independência desta última:

"o duque de ferrara obedeçia aos venezeanos, E em sinal de sobJeição tinha a çidade de ferrara hum lanço do muro contra Veneza sem ameas E ao duque nam lhe tangião trombetas. E nesta guerra se liurou de sobJeição E cobrou liuremente seu estado. E depois que çessou a guerra armarom os venezeanos doze gualees E vierom pollo Rio do poo acima. o qual Rio hee hum dos grandes do mundo E entra no mar de veneza E vai ter por Junto dos muros de ferrara. E ao tempo que os venezeanos armarom tinha o duque dous mil espanhoes consiguo. E parte deles em hum castelo feito de terra a par do Rio pera defender a vinda aos venezeanos com a artelharia. hindo as gualees contra ferrara sahiron os espanhoes a elles E desbarataromnos E tomaromlhe çertas gualees E as outras fugiron. E das tomadas fez o duque a huum Joanote portugues capitão."[86]

É ainda um soldado português de nome "pera parda", que no cerco de Bolonha pelo exército do vice-rei de Nápoles, don Ramón de Cardona, teve a coragem e a ousadia de subir ao muro, tomar a "bandeira de monsenhor de la paliça" e levá-la para junto dos seus:

"O viso Rei cheguou a bolonha ao terçeiro dia A tarde E loguo grande numero despinguardeiros se poserom de Rador dos muros E tirauão a montão As ameas em maneira que os de dentro nam podiam apareçer antre ellas. E os do aRayal buscaram tempo de prantar sua artelharia que loguo na madrugada seguinte começou a Juguar. E naquelle seguinte dia por nam pareçer pessoa alguma no muro hum espanhol por mandado de pero nauarro por huma escada sobio açima E pollo ver desemparado de Jente bradou dentro espanha espanha. desmandaronse alguns espanhoes E sobiram tras aquelle ao muro [.] monsenhor dela paliça acodio ali, contudo duas bandeiras dos espanhoes estauamençima. E no muro matarom os dous alferes que as leuauão. dos de dentro moRerom xbj pessoas. E hum portugues pera parda tomou a bandeira de monsenhor de la paliça E

[85] *MFC*, f. 142r.
[86] *MFC*, f. 141v.

leuouha. E as duas dos espanhoes ficarom dentro as quaes leuarom E andarom amostrando pollas Ruas com trombetas em sinal de victoria por animarem a Jente que estaua mui desmaiada."[87]

Naturalmente, as *MFC* dão também registo de uma apologética apreciação individual pelo *Outro* europeu quer do 4º duque de Bragança, D. Jaime, quer do próprio rei D. Manuel:

"Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima senhoria [D. Jaime] tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria. ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pero o qual trouxe todos os Reis de portugual, E os feitos de cada hum contra os Jnfiees. ca mui bem ho tinha sabido. E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[rra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antigua çidade. E tornandosse aos embaixadores dos Reis, bradaua E dizia que tomassem os Reis christãos exemplo em vossa Jlustrissima senhoria que sendo sobrinho del Rei de portugual, filho de sua carnal Jrmãa E o maior senhor de villas E terras E vassalos da Espanha, com grandissimo deseJo de acreçentar a fee de christo como cristianissimo prinçepe, nom soomente açeitara mas aJnda procurara a tal empreza, deixando seu Repouso, convidando seus parentes amiguos E criados. E feitos mui sobeJos guastos de suas Rendas se metera no mar com grande frota de navios, non temendo vossa Real pesoa as ondas do mar oceano que mui furiosas muitas vezes se amostram, buscando aos Jnfiees com tantos trabalhos em suas proprias casas. E dandolhe nosso senhor prospero vento aportara em africa çertas milhas dazamor. E tomando terra se fora com seu exerçito suas azes ordenadas a assentar seu aRaial sobre a dita çidade, mostrande no guoverno de sua hoste grandissimo esforço E prudençia comparando vossa Jlustrissima senhoria aos mais poderosos E famosos capitães antiguos. E que nesta presente Jornada se mostrara outro semelhante duque gudyfredo capitão geral da santa empresa de Jerusalem, a qual os christãos guanharam aos Jnfiees sendo vnidos E Juntos em hum acordo E vontade,

[87] *MFC, f. 150r.*

> sahindo de suas terras com braço armado E fee grande. E tomaram a grande çidade de antiochia com outras poderosas çidades E vilas E se fezeram senhores de toda a terra, de maneira que os pelegrinos sem contradição podiam hir visitar ho santissimo sepulcro de nosso Redentor Jesu christo."[88]

É de salientar que parte importante deste discurso laudatório é proveniente de um documento oficial redigido pelo próprio Leão X. Tal facto coloca, pois, a visão do *Nós* num patamar diferente, dado que o *Outro* europeu que opera a avaliação e caracterização é o líder máximo da Cristandade, revestindo-se nessa medida o seu juízo de um valor acrescentado:

> "Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade dazamor. Muito amado em christo filho nosso. saude E apostolica benção [.] muitas vezes temos dado graças a deus todo poderoso, E como se deue esperar aJnda lhas daremos no por vir por que hee sua santa fee por elle soo limpamente honrrada com tantos danos do mui cruel mafoma despedaçada E Reçebidas tantas JnJurias firme e saudavel defensão quis poer na virtude de tua magestade E grandeza de teu animo per meo da qual nom soomente em que maneira desviemos os periguos, mas aJnda como daqui avante os Jmiguos de christo noos os espantemos nos hee dado poder. E posto que atee qui de teus feitos sempre nam podessemos deixar de nos maravilhar sendo Jlustres per amiudadas vitorias, Regiões Jnfindas E nobreza de Jente vençidas, vendo que per toda aquella habitação da Redondeza da terra que contra o oriente E meo dia se estende, todas aquellas regiões per espaços quasi sem medida, todos os mares, portos, Jlhas, prayas, de pendões de christo nosso deus per lembranças sem conto. E polla diligençia de teus cavaleiros E capitães estem cheas E per tua virtude nelle deuam crer. contudo tua deRadeira carta escrito no deRadeiro dia de setembro que aguora passou, polla Jmmizade daquellas nações, convem a saber dos de fez E de marrocos, por que Ja estes grande parte despanha E alguma tambem ditalia tomaram, E o templo de são pero em vaticano prinçipal assento da Religião cruelmente destrohiram, no que nos fazia saber que padeçiam aguora aquelles barbaros a pena que çedo hão maior de padeçer de tantas maldades em desonrra de nossa fee cometidas, singular prazer contentamento E alegria nos trouxe. E aJnda pollo amor de pai que a tua magestade temos foi maior prazer seres tu o que vinguaste sam pedro E a maltratada Religião christãa. o que assi como a tua fama foi causa de muita honrra assi tambem a noos deu grande contentamento, pollo qual loguo chamado todo o colegio de nossos honrrados Jrmãos, tua carta abertamente mandamos ler. E o prazer que tinhamos Reçebido com elles cõmmunicamos. E despois de connosco Juntamente a grandeza de teu animo E grande amor de deus com muita Rezão terem louuado, E alegrandosse com teu bem E do duque de braguança teu sobrinho barão

[88] *MFC*, f. 173v.

muito esforçado, pollas çidades dazamor E dalmedina E outras muitas serem tomadas E grandissimas vitorias alcançadas, noos de conforme consentimento dos mesmos nossos Jrmãos, ordenamos em teu nome por toda a çidade proçissão a sancto agustinho onde noos mesmo acompanhandonos todo o colegio do senado fomos E despois de dita solenemente missa E feita huma copiosa oração de teus grandissimos merecimentos, demos graças a deus nom somente por nos ter dado por ti tantos E tam grandes beneficios, mas tambem por criar em noos çerta esperança de alcançar cada dia maior vitoria por tua parte, E de Recuperar sua santissima fee, pollo qual muito amado em christo filho aJnda que de nossa amoestação te veJamos ter pouca neçessidade, comtudo de todo coração te amoestamos que trabalhes de hir avante pollo caminho Ja começado ao cume da gloria. E aJas por çerto que te estão aparelhadas muitas honrras. E açerca dos homens memoria de tuas virtudes sempiterna. aJnda que pequenos seJão estes premios pera os que te deus todo poderoso naquella çelestial e Jmmortal bem aventurança ordenou. E noos amoestandote claramente conheçemos açerca de ti ser o Juizo de deus, por que a quem conçedeo elle ho que a ti, que tendo as mãos de todo limpas de sangue christão, que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses. sem embarguo disto cada dia tuas armas trazem consiguo grande gloria E nenhuma malquerença, a qual honrra E ornamento a ti dada da graça do Rei çelestial, atee teus derradeiros dias conseguiras segundo confiamos se nam te moueres. todo o outro louuor ficara abaixo desta tua virtude E amor de deus. E por tanto em nos escreueres que tens vontade de trazeres o Reino de feez E maRocos da çuJa E sobeJa de nação de mafamede ao conheçimento da verdade, çertamente muito te louvamos esta tua vontade. E çerta esperança temos que todalas cousas te soçederão segundo teus deseJos. mas muito maiores graças aJnda damos a deus que por ti nos daa sinaes mui çertos de ter comnosco pera melhores cousas dada sua vontade, por que querendote elle, te vngio de virtude E pos teu caminho sem Reprensão. E ensinou tuas mãos pera combate. E pos teus braços assi como arco darame. E claramente nos mostrou ser per todolos pouos fiees sua saude desejada, por que em fim, em algum tempo dando cabo a nossos continos danos possamos cuidar em acreçentamento da fee E honrra do nome cristão, pollo qual noos em nenhuma cousa nem de dia nem de noite cuidamos em nosso coração senão em que maneira faça paz antre os Reis christãos, E possamos mudar as armas contra o herege mafomede. E assi como em tua virtude E amor de deus muito grande esperança posemos de se huma cousa E outra fazer. E assi tambem a deus humildosamente pedimos que por sua piedade nos de sahida a este nosso desejo pera que da aJuda E poder de tua magestade nos possamos aproueitar muito mais çedo pera fazer muito grandes E muito santas cousas. escrita em canJo. diocese de castro a xviij dj[as] de Janeiro do ano do senhor 1514.”[89]

[89] *MFC*, f. 174v a f. 176r

A já mencionada missiva oriunda da pena do embaixador do sacro-império em Roma dá igualmente registo desta visão superlativa do rei português (na qualidade de sujeito individual) pelo *Outro* europeu em termos oficiais:

> "a materia era preçiosa mas a obra sobrepoJaua aa materia, a qual era polla singular Religião E deuação deste prinçepe dada. hame mui fortemente mouido a escreuer estas cousas polla ventura mais longuamente E com mais palauras que as orelhas mui acupadas de vossa magestade nom deuem sofrer. mas eu ho fiz a fim que nada nam passasse sem ho saber vossa magestade. E nam hee de poer em silençio que haa estendido E engrandeçido nossa Religião com grande gloria atee os guaramantes E Jndios. E que assi tanto honrrauam por sua larguesa E liberalidade."[90]

Mas nas *MFC* outros portugueses que andaram por Itália são igualmente alvo de juízo crítico aos olhos do *Outro* europeu. Quando, no quadro da convocação do quinto Concílio de Latrão por Júlio II, o viajante flaviense destaca a forma como o pontífice tenta reconquistar o controlo da Igreja católica fazendo recurso "Dos letrados (…) contra os cardeaes çismaticos", acaba por evocar uma das figuras mais apreciadas e valorizadas no seio da Cristandade em termos de sapiência teológica. Trata-se de "frei guomez portuguez chamado o lixbonense", um dos mais destacados teólogos portugueses coevos:

> "Dos letrados que o papa [Júlio II] tomou em sua aJuda contra os cardeaes çismaticos. Vendosse o papa em tanta aflição com as guerras E com a çisma pera prouer E atalbar a tudo, tendo prouido nos capitaens da guerra, buscou pera sua saluação capitães das sagradas letras. E forom tres frades de tres ordens os maiores letrados que avia em Jtalia em teologia, scilicet, o geral da ordem de são dominguos, E frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho, estes ambos erão Jtalianos, frei guomez portuguez chamado o lixbonense da ordem de sam françisco craustal que era catedratico de teologia na çidade de pauia E mais exçelente teologuo de todolos de Jtalia, o qual tinha quinhentos ducados de Renda. foi Requerido del Rei de França E dos cardeaes pera sua aJuda dos quaes se escusou. depois sendo chamado do papa veo a Roma no começo do mes de Junho [de 1512]. foi apousentado no burguo onde era prouido de todalas cousas neçessarias, E era visitado de todolos portugueses honrrados que em Roma avia. elle os Reçebia com muita humildade E mostraua grande alegria em os ver. pareçeome na Jdade no Rosto e na estatura do corpo com afonso valente o velho quando vossa Jlustrissima senhoria ho vio nos seus derradeiros dias.

[90] *MFC*, f. 180v.

> avia mais de corenta anos que estaua em Jtalia E falaua tam lindo portuguez como se nunca sahira de lixboa. afirmauasse que tinha feito passante de seisçentos disçipulos mestres agraduados em teologia. E por que naquelles dias os françeses E os cardeaes da çisma se foram fugidos a França, E por que os veranos de Roma são perigosos, mormente aos estrangeiros, pedio liçenca ao papa pera hir em Romaria a nossa senhora de loreto com entenção de se tornar a sua casa. E hindo seu caminho o papa mandou tras elle pera lhe dar ho arçebispado de nazaree que vagara [.] o padre nam quis tornar dizendo que nam queria mais do que tinha mandandosse escusar o mais honestamente que pode. o papa mandou outro coReo mandandolhe que todavia tornasse, E elle obedeçeo. E vindo a Roma sua Santidade lhe deu o dito arçebispado pera prinçipio de cardeall. mas nosso senhor lhe quis dar outras maiores dignidades E nam hee pera duuidar ser assi, por que sua vida E custumes foram santos E virtuosos. E tanto fruito fez na sancta madre JgreJa que se dizia çertamente ser este o prinçipal dos modernos teologuos de Jtalia. (…) foi acompanhado de grande multidão de Religiosos E da familia do papa E dos cardeaes E de todos seus perlados por que assi foy ordenado por Sua Santidade que de sua morte Reçebeo muito sentimento por lhe faltar o prinçipal defensor contra as acusações que os cardeaes çismaticos contra elle punhão. esta tam honrrada fim ouue o nosso natural frei guomez de lixboa sobre todolos de Jtalia. E mais exçelente mestre em teologia."[91]

Também o embaixador português D. João de Castelo Branco[92], irmão do Conde de Vila Nova de Portimão, D. Martinho, é evocado nas *MFC* como sendo alvo de juízo positivo por parte dos italianos, em particular o cardeal João de Médicis (futuro Leão X) que dias antes da sua morte ocorrida na sequência de uma queda de cavalo propusera em consistório que fosse provido na mitra de Lamego. Será precisamente este cardeal, seu amigo, que irá servir de seu testamenteiro:

> "Como dom João de castelo branco embaixador de portugual moReo em Roma E foi por procurador del Rei o doutor João de faria. Dom Johão de castello branco Jrmão de dom martinho que aguora hee conde de villa noua moReo naquelle tempo em Roma. diziam que se causara sua morte de huma queda de hum ginete que lhe o conde mandara. era embaixador del Rei. E avia oito dias que o cardeal mediçis seu grande amiguo proposera em consistorio ho bispado de lameguo que o bispo que entonçes era Renunçiara nelle. ficou por seu testamenteiro o dito cardeal E todolos benefiçios E fazenda do dito embaixador Repartio com seus criados. E despois que foi papa dizia, se o nosso dom João fora viuo, fizeramolo cardeal com os nossos mais charos amiguos. per sua morte mandou el Rei

[91] *MFC, f. 160r* e *f. 160v.*

[92] Na sequência da sua trágica morte, D. João de Castelo Branco será substituído no cargo de embaixador por João de Faria, como, aliás, o fidalgo dá conta no seu relato.

> a Roma com carguo de seu procurador ao doutor João de faria seu desembarguador."[93]

Aquando da chegada da embaixada dos maronitas a Roma e perante a dificuldade em compreender a sua língua, um certo "françisco Jusarte" convoca um mancebo seu sobrinho, do qual se fica sem saber o nome, que é muito apreciado pela sua sapiência nas línguas:

> "Este embaixador dos maronitas açima dito trazia consiguo dous companheiros. (…) sua linguoa mui escurissima. seu Rezar era caldeu [.] erão tam grandes cleriguos que tocandolhes em algum verso do salteiro ou ponto de briuia sem detença ho mostrauam. Jsto vi eu algumas vezes por que françisco Jusarte tinha hum sobrinho que entendia bem caldeu, ebraico, E greguo E destas linguoas era bom gramatico E escriuão. E tambem entendia alguma cousa darauiguo. E era singular latino o qual praticando com estes maronitas que ho muitas vezes vinhão visitar, amostrauam ser bõos eclesiasticos por que continuamente acodiam ao que lho mançebo perguntaua."[94]

Considerada santa pelo povo italiano era "eluira", uma mulher que o fidalgo conheceu em Lisboa durante a sua mocidade. Na capital portuguesa ela vivera "no luguar publico com as publicas pecadoras", no entanto, em Roma, era venerada pela sua devoção espiritual:

> "E serem ao menos semelhantes a eluira nossa natural portuguesa que eu conheçi sendo moço em lixboa, mui fermosa e gentil molher que habitaua no luguar publico com as publicas pecadoras. E despois ha vi em Roma descalça, vestida de burel E çiliçio, E com a penitençia a mais disforme cousa do mundo. E perseuerando neste santo ofiçio, se foi a assiz E se empardeou fazendo tam estreita vida que de todo o pouo era tida por santissima molher."[95]

Em síntese, o fidalgo de Chaves traça um horizonte de apreciação dos portugueses – quer no sentido colectivo, quer na qualidade de figuras individuais – que por qualquer razão se destacaram em terras italianas e mereceram, por isso, um olhar

[93] *MFC*, f. 153v e f. 154r.
[94] *MFC*, f. 181r e f. 181v.
[95] *MFC*, f. 206v e f. 207r.

positivo por parte do *Outro* europeu meridional. De salientar é que este conjunto de figuras é transversal à pirâmide social coeva, pois abarca desde o rei e o duque de Bragança ao soldado de categoria mais baixa e à mulher pública, passando por um eminente teólogo e um mancebo excepcional conhecedor de línguas.

Para além da visão do *Outro* europeu por parte dos portugueses, as *MFC* incluem também a forma como o *Eu* (o *Nós*) era, afinal, igualmente apreciado por esse *Outro* (o *Eles*) – e não necessariamente em oposição, antes pelo contrário. Por outras palavras, os referentes culturais quer do fidalgo de Chaves quer do *Outro* europeu constituem-se aqui como um código de que fazem parte classificações e valores diversos. E é com base neste código referencial que o autor valoriza ou desvaloriza o *Outro* europeu e vice-versa[96].

Os alemães

Muito já foi dito na *alínea* relativa aos espanhóis acerca da forma como o alemão é perspectivado nas *MFC*. Com efeito, à excepção de uma situação, a figura deste europeu setentrional sai sempre denegrida no confronto antitético com os espanhóis traçado pelo fidalgo de Chaves.

Fundamental é não esquecer que o autor supera neste jogo dialéctico a especificidade da imagem do *Outro* europeu para o enquadrar no código cultural que nesta época está disponível nas cortes portuguesas, em particular a da Casa de Bragança e a régia. É esta a forma escolhida para tornar inteligível e avaliar o *Outro* que se lhe apresenta ao olhar. Por outras palavras, os alemães são avaliados por aquilo que constitui o referencial de apreciação do *Outro* europeu nas referidas cortes. Este estado de coisas é por demais evidente em relação à dicotomia honra/lealdade-desejo exclusivo pelo soldo:

[96] Cf. António Avelino Neves Casaca, *O olhar do outro na Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, Texto policopiado, Tese Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses, Lisboa, Universidade Aberta, 2000, pp. 96-118; Jacques Le Goff, *História e Memória, vol. II - Memória*, Lisboa, Edições 70, 2000, pp. 193-231; José da Silva Horta, "A imagem do Africano pelos portugueses antes dos contactos" in *O Confronto do Olhar, O Encontro dos Povos na Época das Navegações Portuguesas*, António Luís Ferronha (coord.), Lisboa, Editorial Caminho, 1991, pp. 43-69; *Idem*, "A representação do africano na literatura de viagens, do Senegal à Serra Leoa: 1453-1508" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 209-338.

> "sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem ao combate. E como se falaua em combate se amotinauam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro. E com estas neçessidades o emperador se foi pera alemanha sem fazer cousa alguma. E deixou viçença que tinha pacifica aos venezeanos."[97]

Ao referir uma prática corrente nas *Guerras de Itália*, em função da qual as populações civis italianas atacam os soldados derrotados após uma qualquer batalha como vingança por toda a desgraça que estes lhes causam quando circulam pelas suas terras, os alemães, bem como os franceses, são alvo de uma crítica especial. Neste caso trata-se dos momentos posteriores à cruel batalha de Ravena, na qual os espanhóis saíram derrotados pelos franceses, sendo que nas suas fileiras contavam com milhares de mercenários alemães:

> "A gente espanhola que ficou da batalha se foi caminho de arimine E dahi a senagualha E A çidade destermo que hee na marca dancona E em cada luguar destes ficauam espritaes cheos de feridos E de emfermos E foram leuados ao vale da cruz onde se começou a Refazer o campo. E ali se contou a Jente E acharamse sete mil E quinhentos espanhoes todos a pee por que muitos homens darmas avião perdido seus caualos. E o custume dos guerreiros de Jtalia hee que nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos comem A discriçam que hee comer A custa dos ospedes sem paguar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça despois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos françeses E alemães Reçebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos moradores das vilages E castelos. E quando se aconteçe dar alguma batalha aJuntanse grande multidão de milhares destes da terra E vanse em maguotes açerca em luguares desviados a olhar os que peleJam. E vendo algum dos exerçitos postos em fugida deçem E tomanlhe os passos E os prendem E Roubam de quanto leuam E os que nam matam hee por grande ventura. desta maneira tomam vinguança dos males E desonrras que Reçebem. E assi aconteçeo aos espanhoes que fugirom desta batalha prinçipalmente

[97] *MFC*, f. 141v e f. 142r.

> aos de caualo que cuidando saluarse se meteram em maior periguo em as mãos dos vilãos que a muitos desbalisaram E mal trataram.”[98]

Também o espírito cruel e implacável dos alemães é assinalado pelo fidalgo, neste caso em paralelo com os espanhóis, nos quais os portugueses estão englobados. A misericórdia não é, em absoluto, apontada como sendo uma característica cara aos alemães:

> “E dando nelles posto que a batalha durou algumas oras, em fim os venezeanos foram desbaratados E mortos pouco menos que de françeses na batalha de Reuena. foram presos muitos capitães E homens prinçipaes dos venezeanos, antre os quaes foi preso João paulo valbom senhor ou tirano de perosa que era capitão da Jente darmas dos venezeanos. o qual despois foi enviado preso a Roma ao papa sobre sua menaJem. E por que seu filho era casado com a Jrmãa do cardeall meu senhor, muitas vezes comia com sua Reuerendissima senhoria. E contando hum dia as cousas desta batalha, dizia cahindolhe as lagrimas pollas barbas, que nunca se achara em batalha tam cruelmente ferida, que assi nos alemães que erão tres mil como nos espanhoes nom se achaua nenhuma misericordia que ante seus olhos mataram corenta homens darmas seus criados que ho aviam seruido de paJes. E querendolhes valer ouvera de ser morto se se nam dera a prisão.”[99]

Como assinalámos, apenas numa situação o fidalgo faz pender a balança da positividade para o lado alemão, quando refere a preferência do papa Júlio II relativamente à sua guarda pessoal de pé no sacro palácio:

> “sua [do papa Jullio] guarda dos besteiros de caualo erão Jtalianos. E a dos caualos ligeiros erão albaneses a que comummente chamam capeletes ou estardiotes. (…) a guarda da Jente de pee do sacro palaçio era dalemães. tinha grande deseJo que fosse despanhoes. E nam no fez por escusar os aRoidos que cada momento huns com os outros armauão, prinçipalmente sobre molheres. E os alemães são fora disso.”[100]

Embora prefira os espanhóis, certamente pelo seu valor guerreiro e lealdade comprovada, o pontífice mantém como guarda a pé do sacro palácio os alemães, pois

[98] *MFC*, f. 158r.
[99] *MFC*, f. 165v.
[100] *MFC*, f. 169v.

estes revelam no que se refere às maneiras e aos costumes – ou seja, à componente cultural e civilizacional da vida – ser mais respeitadores que aqueles. Como salientámos anteriormente, ao serem menos ruidosos que os espanhóis são menos conflituosos e apresentam maior deferência e consideração pelo espaço sagrado.

Revelando, mais uma vez, uma inegável apetência pela questão do vestuário – premissa que, aliás, utiliza com regularidade para avaliar o *Outro* –, o fidalgo efectua um brevíssimo apontamento crítico acerca da embaixada enviada pelo imperador Maximiliano para dar obediência ao novo papa, Leão X, a partir precisamente deste tópico:

> "Como gurgensis tornou a Roma em abito de cardeal. Neste tempo tornou gurgensis a Roma em abito de cardeal, E deu obediençia ao papa pollo emperador. veo bem acompanhado, E os seus chãamente vestidos nam muito finos. esteue em Roma alguns meses, E tornousse pera alemanha."[101]

Perto do final do seu relato, o fidalgo volta mais uma vez a avaliar negativamente os alemães com base na sua avidez pelo soldo. Desta feita, a situação envolve os franceses que surgem como manhosos e fazendo sempre que podem recurso de meios não honrosos em termos militares para atingir os seus objectivos. De reter é que os alemães surgem nas *MFC* intimamente associados à figura do mercenário naquilo que ele tem de mais pernicioso: a avidez pelo pagamento em detrimento de qualquer traço de lealdade para com o senhor ou a bandeira em cujo exército combatem:

> "Como o emperador maximiliano veo a Jtalia pera Recobrar milão, E se tornou sem fazer nada.Neste tempo veo o emperador maximiliano a Jtalia com grandissimo exerçito pera Recobrar milão, E deitar os françeses fora de toda Jtalia. o estrondo com que veo era grande. E segundo se afirma em Roma os françeses se punhão em fugir. E fora assi se o emperador sem parar seguira suas Jornadas atee cheguar a milão. mas tanto que deçeo a Jtalia se assentou em verona que estaua por elle, E per seu mandado ha guardauão quatro mil espanhoes. E nesta detença os françeses cobraram conselho E animo, E se meteram todos na çidade de milão onde se fizeram fortes, E Reuoltaram com cartas E falsas promessas E tratos como tem de custume aos capitães alemães, de maneira que nam quiseram passar adiante sem lhes o emperador primeiro paguar ho soldo que lhes deuiam E

[101] *MFC*, f. 204r.

> pediam, o que elle nam pode fazer por falta de dinheiro E forçado de extrema neçessidade se tornou pera alemanha sem aver efeito sua empresa.”[102]

Os franceses

Associando a referência efectuada anteriormente a diversas outras evocações presentes na fonte, concluímos que a visão dos franceses construída pelas *MFC* é predominantemente negativa. Tal visão surge, na grande maioria dos casos, por comparação com o *Outro* europeu que não o *Nós* (os portugueses), e por comparação com o Outro oriental, em particular o Turco. Naturalmente que o código de valores que subjaz a tal avaliação é o vigente no quadrante mental do fidalgo de Chaves, isto é, o código que interiorizou enquanto português e que, em última análise, faz apontar para a unidade entre cristãos contra a ameaça turca. O *Eu* português situa-se, assim, contra o *Outro* europeu francês.

Na missiva papal apresentada pelo autor, o rei francês (logo *os franceses*) é culpado de traição contra a Igreja católica, na medida em que apoia os cardeais cismáticos e se apresenta como a principal causa da desavença que predomina entre as nações cristãs – estado de coisas que inviabiliza a tentativa superior de conjugar os esforços de todos os cristãos contra a ameaça turca:

> “Os nunçios erão Ja partidos. E por que a prinçipal saude do papa era em el rei de castela, polla ligua que tinhão feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. (…) Jnçitados [os cardeaes cismáticos] segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade

[102] *MFC*, f. 213r e f. 213v.

> dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violençia. (…) dada em Roma em sam pedro sub annulo piscatoris. vltimo de Junho mil E b[c] E onze [,] ano octauo de nosso pontificado."[103]

O turco surge, assim, como o elemento de espelho da Cristandade. Ou seja, o *negativo* que por antonomásia define as qualidades do seu reverso, os cristãos, bem como o propósito superior que deve orientar as acções destes últimos.

Mas um dos momentos mais expressivos nas *MFC* relativamente à negatividade associada ao *Outro* francês surge no rescaldo da batalha de Ravena. Os franceses, enquanto figura colectiva personificam aqui tudo o que de negativo se pode encontrar na Cristandade, aproximando-se nos actos àquele que constitui o reverso dos cristãos: o Turco. No entanto, um ponto os faz colocar num patamar apreciativo ainda mais baixo do que o delegado a estes últimos: o facto de violarem a santidade dos seus próprios espaços sagrados. Os franceses colocam uma igreja a saque, ao passo que os turcos – materialização extrema do mal nas *MFC* – certamente nunca fariam o mesmo a uma mesquita. Com efeito, mais negativa não podia ser a apreciação dos franceses em Itália:

> "ao outro dia seguinte foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles. na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E

[103] *MFC*, f. 146v a f. 148r.

> foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[104]

Outro registo importante da forma negativa como o fidalgo avalia o francês, verifica-se no quadro do saque de Bréscia. Também aqui o exército de Luís XII actua de forma bárbara ao assassinar, roubar e violar a população civil. A simplicidade fria da afirmação "com crueldade nom vista" é suficiente para materializar a visão condenatória, imoral e quase diabólica veiculada pelo autor acerca dos franceses e da sua conduta em Itália:

> "por que neste tempo abaixarom os soiços a milão. E eram xxbij mil, E entrauão por onde queriam sem contradição polla Jente del Rei de França estar em bolonha. a Jsto acodirom os françeses como a cousa que lhes mais Releuaua que a de bolonha – por que naquelle tempo milão era del Rei de França. E sem fazer tardança partiron todos ficando soomente em bolonha mom senhor dela paliça com suas çincoenta lanças. E forom contra os soiços E por estreita em que os poserom E por partidos se tornarom a suas terras. Jsto feito tornaronsse pera bolonha. E em todo este tempo o viso Rei nom fez cousa alguma contra a çidade tendoa quasi despeJada. nom tardarom muitos dias que em brexa que hee outra grande çidade que foi de venezeanos se leuantarom E matarom trezentos homens darmas que hi estauam françeses. E aleuantaranse contra el Rey de França. E tambem se leuantou perguamo. E por averem venezeanos cobrado estas çidades mandou o papa fazer em Roma grandes festas, mas nam tardou muito que nom forão convertidas em planto E maguoa. E sabida em bolonha esta noua acudirom outra vez os françeses com muito maior pressa a Recobrar estas çidades deixando a bolonha soo E cheguados a brexa ha entrarom por força de combate, E meterom toda a çidade a saco, matando [,] Roubando, forçando donas e donzelas com crueldade nom vista. afirmasse em Roma que passaram de vinte mil almas as que moReram naquelle saco. E tambem foi Recobrado perguamo. E deixandoas a bom Recado tornaramse pera bolonha."[105]

Apenas em três momentos das *MFC* os franceses são vislumbrados de forma favorável pelo fidalgo. Tais momentos constituem por isso uma excepção à tendência geral do relato, até porque se referem sempre a figuras individuais e nunca aos franceses

[104] *MFC*, f. 156r.
[105] *MFC*, f. 151r e f. 151v.

tomados no seu todo. No primeiro caso trata-se de Gaston de Foix, comandante das forças francesas na batalha de Ravena, que, num claro recuperar do antigo código de cavalaria, desafia o melhor cavaleiro do exército adversário para um combate individual. A forma épica e, podemos dizer, galante ou cavalheiresca, como o fidalgo descreve a circunstância eleva a mesma, bem como os seus protagonistas, a um patamar superior de consideração e avaliação do *Outro* europeu:

> "Da batalha de Rauena. Muitas cousas notauees diziam que aconteçerom antre os guerreiros espanhoes E françeses assi ante como despois na batalha. (…) diziasse que estando os aRaiaes A vista hum do outro, metendosse soomente em meo o sobredito Rio, mom senhor de fois capitão geeral dos françeses mandou o dia dantes da batalha hum trombeta desafiar ho viso Rei pera lhe dar batalha ao outro dia. E que o viso Rei a açeitou. E fez merçe ao trombeta. E que despedido do viso Rei se foi a dom dioguo da cunha prior de meçina da ordem de são João E deulhe hum penacho branco dizendo que mom senhor de fois se enformara qual era o milhor caualeiro que naquelle exerçito vinha, E lhe aviam dito que elle que lhe enviaua aquelle penacho que ho leuasse o dia seguinte que avia de ser a batalha pera o conheçer E se encontrar com elle. E que elle leuarya outro tal. o prior de meçina tomou o penacho E fez merçe de hum colar douro ao trombeteiro E de hum sayão de borcado que trazia sobre as armas E do caualo em que estaua."[106]

Já o segundo momento diz respeito à notável e muito louvável (nos parâmetros de avaliação do fidalgo, claro está) prestação guerreira do jovem rei Francisco I de França no segundo dia da batalha do Marignan. Comportando-se como um digno soberano, Francisco I é elogiado pelo fidalgo por passar toda a noite em vigília e assumir a inicativa do combate à frente dos seus homens logo que o sol nasce:

> "Como se deu a segunda batalha [de Marignan] na qual o duque E os soiços foram vençidos. Ao dia seguinte mui de madruguada os soiços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua. E Jsso mesmo sahio com elles o duque com quinhentos de caualo por que nam tinha mais consiguo. diziasse que el Rei de França [Francisco I] se nam deçera de seu caualo toda a noite passada. E quando os soiços apareçeram elle estaua a ponto pera dar batalha a qual se trauou aspera E cruel."[107]

[106] *MFC*, f. 154v.
[107] *MFC*, f. 210r.

A terceira e última evocação diz respeito à "Jrmãa do duque de saboya", a princesa Felisberta de Sabóia (1498-1524), que casara a 22 de Fevereiro de 1515 com Juliano II de Médici ("o manifico Juliam"), irmão do papa Leão X. O casamento ocorre na corte de França, graças à intercessão política de Leão X, viajando em seguida a princesa para Roma. É da sua chegada que o fidalgo dá conta, apresentando-a como sóbria, nobre de presença e muito digna do seu estado, tal como a sua comitiva francesa:

> "Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya. (…) despois disto acabados os casamentos da Jrmãa do duque de saboya, foi trazida a Roma sem ser Reçebida nem festeJada com pompa alguma. vinha com ella pouca companhia de françeses, onestamente atauiada. trazia oito donzelas françesas fermosas moças, vestidas de seda com toucados A husança de França. E ella Jsso mesmo era gentil molher, onesta em seus traJos E graue em seu aspeito. nom esteue em Roma ano comprido, por que o manifico ha leuou pera florença, onde adoeçeo dahi a poucos dias de tal Jnfirmidade que se tolheo da çinta pera baixo. E assi sem se poder mouer de huma cama acabou seus dias. dizem que foi causa deste seu mal, tomar cousas da botica pera milhor contentar sua molher. era homem que a todos dizia si, nam o comprindo de maneira que nelle se compria o comum Rifão Jtaliano, bona parolla E triste facto. sua molher se foi de florença pera sua terra sem aver filho, pouco contente do papa E dos Jrmãos E parentes do marido segundo a voz do pouo. E taes são as mudanças deste siglo que aquelles que tam pobres E miserauees erão subiram a estado que poderam menosprezar huma Jlustrissima senhoria."[108]

Estamos, pois, perante uma visão positiva dos franceses, mas no singular feminino. De realçar é que dentro deste conjunto de apenas três referências positivas, uma existe que assume um carácter algo paradoxal, na medida em que envolve uma figura, o rei de Francisco I, que logo após a assinalada avaliação positiva passa a ser bastante criticado pela sua conduta cruel e boémia em Itália:

> "E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer. o papa disse missa pontifical, E el Rei lhe deu em pessoa a obediençia. E despois de assentar seus feitos E liguas, passados tres dias el Rei se tornou pera milão, onde dizem que esteue alguns dias festeJando as damas da çidade. dizem que se desonestaua muito com ellas, E que em hum dia tinhão os cidadões ordenado de ho matar. E sendo avisado cortor (sic)[109] as cabeças a trinta dos prinçipaes. pollas cousas presentes E passadas E quando se por mais çerta tinha sua

[108] *MFC*, f. 203v e f. 204r.
[109] Leia-se *cortou*

> estada [,] deixando todo seu exerçito na çidade, se foi pollas postas (sic)[110] com corenta companheiros pera França E chegou a marselha a tempo que vio a nao del Rei de portugual em que mandaua ao papa o Roinaçerom com outras Ricas Joias, o qual Ja a Rainha sua molher fora ver."[111]

Também por esta via, a do seu rei, os franceses são negativizados nas *MFC*.

Os suíços

A existir uma palavra que funcionasse como sinónimo dos suíços nas *MFC* seria indubitavelmente o vocábulo *guerra*. Com efeito, reconhecidos pela violência e coragem única em campanha, os homens naturais dos cantões suíços são os únicos que rivalizam com os espanhóis em valor guerreiro. E o temor que causam em Itália é tal que, em 1512, a população de Bolonha decide entregar a cidade ao pontífice perante a ameaça da chegada daqueles. Decisão aparentemente paradoxal, dado que, pouco antes, sob o domínio francês e da tirânica família dos "vinteuolhas", a mesma comunidade urbana tinha resistido de forma tenaz ao controlo papal sobre a cidade. Tudo é, pois, preferível à violência guerreira dos combatentes estrangeiros instalados em Itália, em particular os suíços e os espanhóis:

> "Dom Reimão de cardona viso Rei, (…) leuou ha via de bolonha com entenção de a tomar. sendo os bolonheses avisados de sua vinda E vendo o dano que os soiços faziam no ducado de milão ouveranse por perdidos E tiueram maneira com o papa que mandasse Jente sua tomar bolonha antes da cheguada dos espanhoes."[112]

Logo após a derrota da Liga Santa na batalha de Ravena e vendo a sua facção em tão desesperada agonia, o papa Júlio II não hesita em enviar o cardeal suíço Matthäeus Schiner aos cantões para contratar a temível infantaria sua compatriota. Os mercenários helvéticos respondem satisfatoriamente e, pouco tempo depois, entram em Itália para combater pelo partido papal. O desespero instala-se no espírito dos italianos de alguma forma relacionados com a presença francesa na Península:

[110] Leia-se *costas*
[111] *MFC*, f. 211r e f. 211v.
[112] *MFC*, f. 163r.

> "E por que o papa nam çessaua em buscar maneiras pera deitar os françeses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio a sua terra polla mais Jente que podesse trazer."[113];

> "foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, neguoçeou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha."[114]

A mera rendição não bastava para matizar a voracidade bélica suíça que via no saque das ricas cidades italianas um justo prémio para o seu esforço guerreiro. Não se tratava apenas de expulsar os franceses do território, mas também castigar quem com eles de alguma forma pactuou, mesmo que sendo obrigados a isso. Daí que se cobrasse às populações civis em questão elevadas taxas como forma de evitarem ser vítimas de saque:

> "E nam se contentauam os soiços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente."[115]

Ao regressarem a Itália depois de serem expulsos pelos suíços, os franceses conhecem a mesma sorte mais uma vez às mãos da infantaria mercenária helvética na batalha de Novara, que teve lugar a 6 de Junho de 1513:

> "Como mil lanças françesas tornaram a entrar em italia E foram desbaratados. Nam tardou muito que mil lanças françesas tornaram a entrar em italia. E os soiços os foram buscar E[m] hum luguar chamado voara mataram a moor parte delles E catiuaram E prenderam os outros."[116]

Não é, assim, de estranhar a associação do *Outro* suíço à figura do guerreiro intrépido e implacável, mais especificamente do soldado mercenário de infantaria. Não se trata, pois, de uma visão positiva a que o fidalgo flaviense transmite ao seu senhor

[113] *MFC,* f. 158v e f. 159r.
[114] *MFC,* f. 162r.
[115] *Idem, ibidem.*
[116] *MFC,* f. 162v.

deste *Outro* europeu. No limite, estamos perante uma imagem de competência na actividade em que quase sempre estão envolvidos fora dos seus espaços de origem, em particular em Itália no início do século XVI:

> "E começada a batalha [de Marignan] como el Rei soube que a sua avanguarda peleJaua chamou pero nauarro E encomendoulhe que fizesse com a Jnfantaria de que tinha carguo ho que deuia. E assi ao senhor Jacobo de triulçi E a momsenhor dela paliça, E a momsenhor de borbom, E a momsenhor de borbina E ao senhor gualeaço E ao gram mestre de França os quaes todos se foram afrontar com os soiços com tanto Jmpeto que muitos perderam dambas as partes as vidas. durou esta peleJa ataa o trasmontar da luna. E vindo noite escura se Retraheram a suas estançias. nesta primeira batalha os soiços ouveram o milhor, E tomaram a artelharia a pero navarro que a trazia na sua companhia. hum milanes me disse despois em Roma que pousauam em sua casa xbj soiços E que foram todos a esta batalha, E nam tornaram senam dous, ficando os xiiij no campo. E aquelles dous fazendo mui grande pranto polos companheiros se foram o outro dia A batalha, E nam tornaram mais."[117]

Os húngaros

Os húngaros são alvo de uma apreciação singular nas *MFC*. Com efeito, este *Outro* europeu proveniente da vertente oriental do Velho Continente, destaca-se aos olhos perscrutadores do fidalgo por duas razões principais: em primeiro lugar pela sua – não expressamente declarada aqui, mas largamente conhecida – intrépida e corajosa acção militar junto da fronteira com os turcos; depois devido à forma *sui generis* como se apresentam trajados, à turca, ou seja, o seu vestuário inscreve-se no horizonte cultural daquele *Outro* civilizacional e religioso que combatem tenazmente:

> "Da vinda do cardeal de striguonia vngaro a Roma. Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo. E os mais vestidos de sedas vestense como turcos, as Roupas que seruem em luguar de pelotes, scilicet, trazem çingidas. são como mongys muito estreitos sobidos no pescoço E longuos quasi pollo calcanhar E de mui pouca faldra. Jsso mesmo as

[117] *MFC*, f. 210r.

> manguas compridas E muito estreitas E apanhadas nos braços A maneira de Recramos. abotoanse com brochas de prata mui larguas que tomam quasi o peito todo. E em huma das manguas trazem guarnições do mesmo teor de prata. E os mais nobres E Ricos dalJofre E perlas. as sedas que vestem são pedradas com Rosas douro como de vestimentas digreJa. as Roupas que seruem de capas são do mesmo teor das çingidas soomente capelos muito pequenos E chãos. as manguas são tambem estreitas E longuas. as ombreiras cheguão quasi ao cotouelo por onde tiram as manguas preguadas, trazem os cabelos torçidos como egitanos. E os mais louros, as barbas de deferentes maneiras [.] trazem botas de pontilha de muitas solas cahidas pera baixo preguadas como as manguas. E delles as trazem pintadas douro pelle. E por que sua vinda foi na entrada do Jnuerno todos traziam forros de pelles de que em sua terra dizem que haa muita abastança. E assi trazem forros na cabeça como no corpo. esta maneira de vestir hee assi nos de pee como nos de caualo."[118]

Mais uma vez, o fidalgo utiliza o tema do vestuário como um dos privilegiados instrumentos de análise do *Outro* europeu – afinal, a percepção das características mais salientes, como o vestuário, sobrepõe-se mais frequentemente à percepção das características menos salientes[119]. Tal facto revela, por um lado, um gosto apurado por esta temática por parte do autor e, por outro lado, a importância social então atribuída a esta forma exterior de apresentação do sujeito perante os outros. Com efeito, a descrição não podia ser mais rica de conteúdo e pormenor.

Para além da nacionalidade, o vestuário impõe-se como um dos principais sinais de alteridade no discurso do fidalgo relativamente ao *Outro* europeu, chamando a atenção do viajante ao confrontar-se com homens que muito provavelmente estava pela primeira vez a ver.

Notável a perspicácia e a correspondente preocupação pelo elemento etnográfico e antropológico expressas no momento em que assinala que "trazem os cabelos torçidos como egitanos. E os mais louros, as barbas de deferentes maneiras". A visão que o fidalgo transmite deste povo é, pois, muito peculiar, sobretudo na medida em que projecta três níveis de apreensão antitética: entre húngaros e turcos; entre húngaros e europeus ocidentais; e, enfim, entre europeus ocidentais e turcos. Sendo este último nível o elemento que calibra a relação e a forma como o europeu do ocidente percepciona o húngaro enquanto *Outro* oriundo dos limites orientais do mesmo

[118] *MFC*, f. 164r e f. 164v.
[119] Cf. Norbert Elias, *A Sociedade dos Indivíduos*, Lisboa, Dom Quixote, 1993.

continente. Mais ainda. A visão dos húngaros é tão positiva quanto o facto de o seu cardeal manter à sua custa a guerra contra os turcos:

> "Da vinda do cardeal de striguonia vngaro a Roma. Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa."[120]

Pressente-se, aliás, nas palavras do fidalgo uma genuína simpatia pela causa deste *Outro* europeu na medida em que ele executa no seu quotidiano aquilo que os cristãos ocidentais tanto ambicionam mas não conseguem realizar devido às querelas internas:

> "a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas nações que em todo tempo que estiue em Roma vi. tirando a embaixada de portugual."[121]

Um pormenor que merece particular destaque na avaliação do fidalgo relativamente a esta delegação proveniente das fronteiras orientais da Europa prende-se com a descrição minuciosa dos cavalos que trazem, bem como da forma como estão equipados e decorados:

> "seus caualos são antre ginetes E quartaos E quasi todos brancos com as ventãs fendidas E todos castrados. trazianos aJaezados de prata de gentis envenções. caualguauão A estardiota. os freos são de tão estranha maneira que ho nam saberei decrarar em escrito tanta deferença tem dos nossos. trazem esporas de muitos açicates que sam quasi de cardeaes. E em todalas outras partes Jsto era quando o cardeal caualguaua que o esperauão, ou cavalguando a algum neguoçio seu."[122]

Precioso o momento em que o fidalgo declara que os freios utilizados nos cavalos dos húngaros são tão diferentes dos nossos que não é possível descrever por palavras. Normalmente, tal grau de alteridade e espanto encontra-se apenas registado nas descrições relativas ao *Outro* longínquo, oriundo dos territórios recentemente

[120] *MFC*, f. 164r.
[121] *MFC*, f. 164v
[122] *Idem, ibidem.*

descobertos pelos europeus no além-mar. O espanto relativamente aos costumes dos cavaleiros húngaros intensifica-se à medida que o encontro se desenvolve:

> tem por custume quando caualguão leuar capas de feltro atadas aos arções dianteiros per sol E per chuua. E nos mesmos arções trazem huns atabaletes que costumam tocar pera animar seus caualos na guerra. alguns erão bem ensinados. E os mais pareçiam homens de fera criança. E trazem todos bandeiras nas lamças quando andam caminho."[123]

O *Outro* proveniente das regiões mais distantes e inacessíveis da Europa é quem mais facilmente mobiliza o imaginário do *Eu*[124]. Em última análise, o discurso antropológico sobre o *Outro* europeu apresenta-se como um confronto permanente entre a herança cultural proveniente do seu espaço de origem e o directamente observado. Daqui decorre que o impacto causado pela novidade do *Outro* alarga os horizontes do saber antropológico do *Eu* e delimita o espaço de manobra do imaginário, que recua perante o dado inequívoco da realidade.

O voluntarismo húngaro na guerra contra o turco deriva da intensa pressão militar que à época este último exerce sobre as populações cristãs que habitam junto aos limites do seu império, em expansão, a noroeste. Neste processo de coacção quase constante sobre a Europa oriental, os magiares são dos mais castigados. Daí que no confronto com este *Outro* europeu o homem do ocidente saia denegrido. É a necessidade de sobrevivência que conduz a acção e a conduta diária dos húngaros, sendo que no ocidente apenas os portugueses podem com eles rivalizar nas intenções e nos resultados porque, também à sua custa, mantêm uma guerra permanente com o infiel no além-mar.

Ainda no quadro da delegação húngara enviada a Roma, o fidalgo não deixa – com notória emoção e simpatia – de realçar o espírito de justiça do povo húngaro, que não hesita em se colocar contra o seu próprio soberano quando este não age em conformidade com aquele que deve ser o seu principal desígnio: combater o turco. O confronto atinge tais proporções que apenas a intervenção papal pode solucionar a contenda:

---

[123] *MFC*, f. 164v.
[124] Cf. Pedro Laín Entralgo, *Teoria y realidad del outro*, Madrid, Alianza Editorial, 1983.

> "Como o cardeal destriguonia se partio pera vngria. E como os vnguaros se aleuantaram contra seu Rey. O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou. E el Rei despois de ter o dinheiro que se della ouve em sua mão, fez paz com os turcos por çertos anos. E escandalizado o pouo de çessar a guerra contra os Jnfiees, E Reter el Rei o dinheiro da cruzada, se aleuantaram contra elle, dizendo que fizesse loguo a guerra, ou posesse ho dinheiro em mãos de quem elles ordenassem. foi esta contenda tanto avante que a guerra se começou antre elles tam braua que o pouoençaRou el Rei em huma çidade. E diziasse que empalaram hum grande perlado enviado a elles pollo leguado pera os apaçificar com el Rei. E que traziam capitão geral, a que obedeçiam como a Rei. E estando assi el Rei em tam extrema neçessidade escreueo ao papa dandolhe conta de sua fortuna pedindolhe que mandasse por Remedio nisto E sua santidade mandou nunçios que os poseram em paz."[125]

É verosímil detectar nesta passagem do texto do fidalgo uma acusação, mesmo que velada, aos príncipes cristãos ocidentais (que não inclui o rei português, pois o seu programa político-militar vai precisamente no sentido contrário) que guerreiam entre si em vez de conjugarem esforços contra o inimigo comum.

Os polacos

É igualmente através do acto oficial da embaixada de obediência ao novo papa, Leão X, que o fidalgo avalia o *Outro* europeu proveniente do centro-norte do continente, o polaco:

> "Da embaixada E obediençia que el Rei de polonia mandou ao papa. Neste tempo cheguaram a Roma embaixadores del Rei de polonia, a dar obediençia ao papa. os prinçipaes eram hum nobre de seu Reino, E huum bispo mui honrrado E de grande grauidade."[126]

Símbolo de cultura, o vestuário apresenta-se mais uma vez, na perspectiva do autor, como um traço estruturante e nuclear na definição da sua identidade. Desta feita, acompanhado pelo elemento da joalharia, como acontece com a embaixada portuguesa:

[125] *MFC*, f. 203r.
[126] *MFC*, f. 202v.

> "traziam vinte de caualo vestidos ao seu custume de estreitas Roupas. dous prinçipaes traziam grossas cadeas douro de fuzijs sem nenhum primor que deçiam do ombro por debaixo do braço, E tornauam dar volta sobre os peitos. E senam erão contrafeitos como as mais vezes se acustumam em semelhantes tempos, nom deção cada hum delles de mil E b^{c} cruzados. os escudeiros eram vestidos tam onestos que esta embaixada foi sumida da de portugual como pequeno Reguato em grão Rio."[127]

Esta embaixada enviada pelo rei da Polónia assume nas *MFC* a funcionalidade de contraponto à embaixada de Tristão da Cunha. Com efeito, o autor utiliza-a a cada momento como referencial comparativo com a embaixada portuguesa. Do confronto, pois é disso que se trata, sai largamente vencedora a delegação lusitana: "esta embaixada foi sumida da de portugual como pequeno Reguato em grão Rio."[128]

Para além de censurar a falta de esmero e requinte da joalharia apresentada pelas principais figuras da delegação, a crítica do autor chega ao limite de colocar em causa a própria autenticidade das peças, o que faz desde logo desacreditar o contingente no seu todo. O que ressalva é que não são dignos de participar em tal cerimónia ritual:

> "dous prinçipaes traziam grossas cadeas douro de fuzijs sem nenhum primor que deçiam do ombro por debaixo do braço, E tornauam dar volta sobre os peitos. E senam erão contrafeitos como as mais vezes se acustumam em semelhantes tempos, nom deção cada hum delles de mil E b^{c} cruzados"[129]

O fidalgo não faz mais nenhuma crítica desta natureza no seu texto, o que parece apontar para que, por qualquer razão, teria uma antipatia apriorística aquando da redacção do texto para com a delegação polaca, que, de facto, em nenhum momento escapa ao seu implacável juízo. Talvez a razão para tal resida na sinuosa e condenável conduta do bispo polaco em relação aos portugueses com o propósito de atingir os seus objectivos diplomáticos:

> "dada sua obediençia os leiguos se foram pera polonia, E o bispo ficou Residente em curia, o qual vendo que o papa conçedera as JgreJas de portugual a el Rei no abito de christus pera os caualeiros fazerem guerra

[127] *Idem, ibidem.*
[128] *Idem, ibidem.*
[129] *MFC*, f. 202v.

> aos mouros em africa [,] posto que era perlado, por fazer o que a seu ofiçio E carguo tocaua, escreueo a el Rei dandolhe conta disso, E que deuia pedir as de seu Reino pera os seus caualeiros, pois a elle convinha com mais Justa causa pedir a dita graça pois tinha os Jmiguos As portas demarcando E confinando com elles, E el Rei de portugual os hia buscar Alem do mar."[130]

De todo este processo resulta, contudo, uma visão favorável do soberano polaco que, tendo em conta erros protagonizados pelos seus antepassados contra a Igreja, corrige de forma justa e inequívoca a sugestão falaciosa do seu enviado sem contudo, saliente-se, colocar em causa a pretensão do rei português:

> "Respondeolhe el Rei que hum Rei dos seus antepassados hindo com grande oste contra os tartaros fora delles vençido E desbaratado, morrendo de seu exerçito mais de trinta mill guerreiros. E que elle escapara E viera a seu Reino çingido de cordas desparto, E que cria que toda esta maa ventura lhe viera por que metera as mãos nos tesouros da JgreJa de que de seus ornamentos leuara muita prata E ouro. E em satisfação destes tesouros mandara fazer as mais prinçipaes JgreJas que aguora avia em seu Reino. E que dahi em diante, sempre a guerra se mantiuera contra os Jnfiees avendo contra elles muitas vitorias sem outro algum Rei seu anteçessor meter mais a mão nas cousas da JgreJa. E que assi esperaua elle que nosso senhor o aJudaria sempre E aos que despois delle viessem. foi esta Reposta sabida per toda a corte E mui louvada de todos."[131]

Ao passar pelo filtro crítico do fidalgo de Chaves, a delegação oriunda do centro-norte da Europa é profundamente negativizada. Duas censuras destacam-se desde logo: a pobreza disfarçada de riqueza e a falta de argumentos do bispo/embaixador polaco que se limita a solicitar ao seu rei que imite o soberano português nos pedidos ao papa. À pobreza de facto, materializada por uma total ausência de esplendor e fausto, associa-se assim a pobreza do poder político.

Como salientámos em ponto anterior, à atenção arguta do fidalgo não escapa a profunda ausência de originalidade da embaixada polaca, que nada traz de exótico ou sequer diferente para mostrar no coração espiritual e político da Cristandade – o lugar por excelência da troca e avaliação de olhares entre europeus. Falha crucial precisamente no campo que mais distingue a missiva portuguesa. Daí, aliás, a ironia sarcástica do autor flaviense: "E senam erão contrafeitos como as mais vezes se

[130] *Idem, ibidem.*
[131] *Idem, ibidem.*

acustumam em semelhantes tempos". A delegação portuguesa, ao contrário da polaca, traz para a *Cidade Eterna* exclusivamente peças genuínas de raro valor colocando-se, e ao reino de Portugal, sob o ponto de vista simbólico, num patamar diverso.

Os albaneses

À semelhança dos suíços e dos alemães, se bem que com muito menor protagonismo, os albaneses apresentam-se nas *MFC* predominantemente associados à ideia do guerreiro mercenário, em particular à cavalaria ligeira designada por estradiota[132]:

> "despois [françisco maria] se veo cheguando tanto a Roma que mil E duzentos albaneses ou estradiotes cavalos ligeiros que consiguo trazia correram os campos de viterbo, E a çidade de orbieto com outras çidades E vilas da JgreJa."[133]

Trata-se na essência de unidades mercenárias originárias da região europeia dos Balcãs, muito recrutadas pelos Estados da Europa meridional e central nos inícios do século XVI. Especialistas em tácticas e manobras de cavalaria ligeira, nomeadamente emboscadas, retiradas simuladas, ataques súbitos e subsequentes fugas rápidas, estas unidades integravam-se plenamente no espírito de renovação dos exércitos e na forma de fazer a guerra nos alvores de Quinhentos.

Mas a manifestação mais expressiva por parte do fidalgo acerca dos albaneses surge no quadro da descrição da guarda do papa Júlio II.

> "Era o papa Jullio (…) sua guarda dos besteiros de caualo erão Jtalianos. E a dos caualos ligeiros erão albaneses a que comummente chamam capeletes ou estardiotes. E sam chamados capeletes por que trazem em luguar de barretes E sombreiros, capellos de feltro de hum couado em alto cubertos de seda ou de fino pano que tem tres dedos de borda A Redonda [.] são Redondos E em çima sem ponta E chãos, de sorte que tirando os ditos capeletes da cabeça E postos no chão com a boca pera çima ficão a propria feição de baçio secreto. quanto a noos hee feo traJo. pareçe a elles

[132] Cf. Paolo Petta, *Stradioti. Soldati albanesi in Italia (sec. XV-XIX)*, Lecce, Argo, 1996.
[133] *MFC*, f. 218r.

> fermoso. vestense dos corpos como os vngaros. trazem as barbas com seus bebedoiros compridos E partidos, E o mais Rapado. outros as trazem doutras maneiras deferençadas [.] seu cavalguar E o dos vngaros hee de huma maneira."[134]

O fidalgo estabelece linhas de semelhança entre os albaneses e os húngaros, que remetem para uma similitude cultural e etnográfica entre os europeus orientais, por oposição aos ocidentais. Determinante nesta similitude é a influência civilizacional turca, decorrente quer da proximidade física quer dos constantes contactos guerreiros. Apesar de ter como primeiro propósito a eliminação do *Outro* encarado como inimigo, a guerra traz implícita uma inevitável coexistência e até, por vezes, convivência cultural e civilizacional entre os elementos das forças em confronto. Verdade tanto maior tratando-se do sudeste europeu, onde essa coexistência e convivência se verificava a vários níveis. Os janízaros constituem, no limite, um exemplo concreto deste processo. Novamente, a descrição do vestuário por comparação com outros níveis de representação é a mais forte na economia textual. É o nível que mais espaço ocupa.

O juízo avaliador do fidalgo não deixa margem para dúvidas. Estabelecido o argumento base – o vestuário – para o confronto de identidade com o *Nós* – o europeu ocidental – o *Outro* europeu dos limites orientais do continente sai denegrido: "quanto a noos hee feo traJo. pareçe a elles fermoso."

Os soldados estrangeiros (europeus) em Itália

Em diversos momentos do seu relato, o autor evoca a figura colectiva do soldado estrangeiro em Itália. Intimamente ligada às *Guerras de Itália*, esta figura está quase sempre associada às nefastas consequências decorrentes dos devastadores confrontos armados que então têm lugar em solo itálico, sobretudo em relação às populações civis[135]:

> "E o custume dos guerreiros de Jtalia hee que nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos comem A discriçam que hee comer A

[134] *MFC*, f. 169v.
[135] *Vide* ponto seis (*Um novo horizonte: as consequências das guerras*) da quarta parte do presente estudo (*Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália*).

> custa dos ospedes sem paguar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça despois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos françeses E alemães Reçebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos moradores das vilages E castelos. E quando se aconteçe dar alguma batalha aJuntanse grande multidão de milhares destes da terra E vanse em maguotes açerca em luguares desviados a olhar os que peleJam. E vendo algum dos exerçitos postos em fugida deçem E tomanlhe os passos E os prendem E Roubam de quanto leuam E os que nam matam hee por grande ventura. desta maneira tomam vinguança dos males E desonrras que Reçebem."[136]

Esta noção de *guerreiro estrangeiro* engloba na grande maioria das vezes elementos mercenários provenientes de diversas nações europeias: alemães, suíços, espanhóis, franceses e albaneses, entre outros. Nessa medida, e dado o protagonismo que assume na economia geral do texto, pode ser analisada como um sujeito de alteridade em relação ao olhar avaliador do fidalgo do Chaves. Por outras palavras, o autor avalia o *guerreiro estrangeiro* como uma entidade objectiva, ainda que em termos de manifestação física seja vaga e difusa:

> "E o custume do pouo ditalia (…), defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada (sic)[137] por dinheiro (…)"[138];

> "Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo. Loguo o manifico Lourenço se partio de Roma pollas postas leuando consiguo o senhor Renço E o senhor troilhos sabelo com outros capitães prinçipaes Romanos. E foisse a florença onde em breue tempo aJuntou grande exerçito E se foi a via dorbino, a Rezão por que françisco maria dorbim pode aJuntar Jente, por Reçeo da vinda do emperador em Jtalia. ca estauão em verona quatro mil espanhoes que ha guardauão dos françeses E venezeanos por mandado do emperador, (…) E conçertandosse o emperador com venezeanos lhes deu liçença por nam aver mester guarnição em verona. E sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leuou consiguo dandolhes escala franca em todolos luguares de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos, de sorte que criou em breues dias mais de doze mil guerreiros com que entrou no ducado. E Jndo as cousas A largua, aJuntou mais de trinta mil homens em seu exerçito."[139]

[136] *MFC*, f. 158r.
[137] Leia-se *assoldada por dinheiro*
[138] *MFC*, f. 212r.
[139] *MFC*, f. 216v.

Os italianos (visão geral)

Apesar de não constituírem uma unidade política – antes pelo contrário –, os italianos enquanto entidade colectiva são alvo do olhar escrutinador do fidalgo de Chaves, que não deixa de realizar uma avaliação impressiva claramente devedora do facto de, embora fragmentados do ponto de vista político-institucional, estes europeus meridionais exibirem uma inequívoca e rara unidade cultural e civilizacional apenas semelhante, pelo seu brilhantismo, à dos gregos antigos.

O primeiro aspecto que se destaca no exercício de alteridade do fidalgo para com o italiano tomado no sentido colectivo (cultural e civilizacional, mas nunca político) aponta para uma negatividade relacionada com a falta de lealdade para com uma causa, qualquer que ela seja, isto é, aos italianos apenas interessa salvar as suas vidas e os seus bens, sem contudo arriscarem a sua segurança, o que garantem recorrendo ao serviço de tropas mercenárias:

> "E o custume do pouo ditalia hee fauoreçer a quem vençe, sem aver Respeito senam saluar as vidas E fazendas, defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada (sic)[140] por dinheiro, guardando de meter a Risco suas pessoas."[141]

Esta apreciação evoca a ideia de ócio, comodismo, opulência e gosto excessivo pela ostentação e a riqueza como sendo apanágio dos italianos. A mesma ideia surge no âmbito do ataque protagonizado pelo vice-rei de Nápoles, don Ramón de Cardona, a Bolonha em Janeiro de 1512:

> "E sabida em bolonha esta noua acudirom outra vez os françeses com muito maior pressa a Recobrar estas çidades deixando a bolonha soo E cheguados

[140] Leia-se *assoldada por dinheiro*
[141] *MFC,* f. 212v.

> a brexa ha entrarom por força de combate, (…) E tambem foi Recobrado perguamo. E deixandoas a bom Recado tornaramse pera bolonha. sem outro si neste tempo o viso Rei bolir consiguo tendosse cada madruguada os çidadões por tomados nom entendendo Ja em al, senam em saluar suas fazendas, molheres E filhos."[142]

Esta referência é plena de validade na medida em que as forças defensivas envolvidas não são as locais, mas sim francesas. Daí que logo em seguida o fidalgo, numa referência plena de ironia à tomada definitiva de Bolonha pelo papa, afirme o seguinte:

> "Como o viso Rei fez a mais gente que pode, E foi contra bolonha com entenção de a tomar [.] Dom Reimão de cardona viso Rei, partido da batalha E embarcado em ancona como dito hee, dahi a poucos dias apareçeo em napoles E diziasse em Roma que daua tam grande pressa a fazer gente pera tornar contra os françeses que vendeo E desbaratou quanto dinheiro E Joias tinha assi suas como de sua molher pera paguar os soldados. E dauasse pressa a Jsso por atalhar a vinda do gram capitão. mas elle nam vio os françeses que erão Ja Retrahidos a milão quando partio com seu exerçito. E leuou ha via de bolonha com entenção de a tomar. sendo os bolonheses avisados de sua vinda E vendo o dano que os soiços faziam no ducado de milão ouveranse por perdidos E tiueram maneira com o papa que mandasse Jente sua tomar bolonha antes da cheguada dos espanhoes. o papa mandou o duque dorbino com çinco mil homens a que se a çidade deu por mal de muitos que aviam sido em fauor dos vinteuolhas. E quando os espanhoes vieram nam acharam que fazer ca os vinteuolhas E os que a guardauão erão todos fugidos. hee pera Rir E tomar exemplo destas ligeiras voltas que o mundo daa. pera que hee confiar nestas bem auenturanças desta vida pois tam pouco permaneçem. ex os vintevolhas sahidos E loguo Restituidos a bolonha por morte de tantos. ex os françeses vençedores da batalha de Reuena E expunhando çidades E vilas sendo absolutos senhores do campo. ex em quam breues dias foram todos deitados de italia perdendo quanto guanharam."[143]

As forças envolvidas são na sua quase totalidade estrangeiras: franceses, espanhóis, suíços... Delas dependem, pois, os esforços e as ambições políticas dos italianos (veja-se o caso dos *vinteuolhas*). Daí a afirmação pouco abonatória por parte do fidalgo de que os italianos têm como primeira preocupação "saluar suas fazendas, molheres E filhos"[144], mas através de "Jente forasteira assoldadada (sic)[145] por dinheiro"

[142] *MFC*, f. 151r e f. 151v.
[143] *MFC*, f. 163r.
[144] *MFC*, f. 151v.

[146], isto é, sem levantar eles próprios armas, antes "guardando de meter a Risco suas pessoas."[147] Visão eminentemente desfavorável para os itálicos que remete, aliás, para uma premissa semelhante proferida poucas décadas antes pelo embaixador Lopo de Almeida nas suas cartas de Itália, onde já era bem patente esta ideia de que os italianos não se defendiam a si próprios, antes preferiam defender as suas "fazendas" contratando o esforço guerreiro estrangeiro (ou até mesmo italiano):

> "E, segundo a desposição desta terra, a meu fraco entender, se aqui viesse hum Emperador rijo, toma-la-hia toda sem nenhua detença, moormente que com a cativeza da gente della, nom andam na guerra senom por aver proveito, sem vontade de pelejar nem matar"[148].

Isto dá, de facto, a ver como o *Outro* europeu (estando os portugueses incluídos nesta categoria) concebia os italianos: um povo uno e dotado de uma inequívoca identidade do ponto de vista da cultura e da civilização, mas, paradoxalmente, sem qualquer vislumbre de unificação política, como o comprovam as constantes lutas intestinas e o progressivo desarmamento da população civil – com excepção das repúblicas de Florença e de Veneza, casos paradigmáticos da tentativa de construção de um exército "nacional" constituído por cidadãos livres. Tal ausência de unidade política e capacidade social de fazer face às agressões externas e internas dita, noutra vertente de análise, o enorme sucesso que o fenómeno mercenário protagonizou em Itália na viragem do século XV para o século XVI.

Com efeito, a desmilitarização geral da sociedade italiana – à excepção da nobreza especializada na guerra, de onde brotou, aliás, um numeroso conjunto de *condottieros*[149] – conduziu a uma inevitável falência da experiência e da vontade guerreiras da população civil[150]. Este vazio acabou por ser preenchido pelos inúmeros mercenários disponíveis, primeiro italianos e depois estrangeiros, que em pouco tempo passaram a constituir a grande maioria das forças militares em circulação por Itália; mas também, numa fase posterior, pelo recurso dito oficial aos exércitos nacionais das

---

[145] Leia-se *assoldada por dinheiro*
[146] *MFC*, f. 212v.
[147] *Idem, ibidem.*
[148] Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, op. cit., p. 5 [Carta primeira].
[149] Não é fortuito que o *condottierismo* seja um fenómeno específico de Itália.
[150] *Vide* o quinto ponto (*Mercenários* vs *milícia urbana*) da quarta parte do presente estudo (*Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália*).

potências estrageiras. Provavelmente, os melhores exemplos deste facto nas *MFC* residem, por um lado, na já evocada missiva enviada pelo papa Júlio II a Fernando de Aragão com vista a fazer frente do ponto de vista militar às ambições francesas em Itália; e, por outro lado, na contratação de mercenários suíços pelo mesmo papa com o propósito de derrotar os franceses vitoriosos em Ravena.

É por isso que a figura do mercenário, no sentido do moderno militar de profissão, se reveste de uma importância crucial em qualquer tentativa de análise da sociedade e da vida político-militar na Itália no início de Quinhentos, até porque estabelece cabalmente a distinção entre militares de profissão, em serviço permanente desde que contratados, e a massa de cidadãos não militares, exclusivamente dedicados aos afazeres profissionais da vida comum[151].

Por outras palavras, na perspectiva do fidalgo flaviense, a desmilitarização da sociedade – em especial a urbana – é uma das características da vida italiana desse tempo e resulta de uma transformação estruturante a nível da relação entre cidadania e poder político. Na base desta mutação destaca-se o facto de as cidades e respectivas actividades e figuras sociais – como por exemplo juízes, notários, cambistas e prestamistas, mercadores, artesãos livres, entre diversas outras – ganharem uma decisiva vantagem em relação ao mundo rural, e, por outro lado, a inevitabilidade de uma crescente tendência para a individualização, em grande parte ela própria resultante desta primazia do mundo urbano, que constitui uma especificidade da sociedade italiana do Renascimento. Como afirmámos em momento anterior, ao substituir as armas pelo seu lucrativo gabinete enquanto símbolo de *status* e via privilegiada para a promoção social, o bem-sucedido mercador constitui porventura o melhor exemplo deste fenómeno.

Na base de todo este exercício de alteridade que resulta numa apreciação depreciativa da sociedade civil italiana, sobressai o olhar perspicaz do fidalgo enquanto portador dos seus próprios padrões de comportamento social; padrões que marcam presença profunda no espírito do autor e condicionam inevitavelmente o seu juízo. Ou seja, estamos perante uma avaliação antropológica que funciona consoante o *Outro*, na

[151] Cf. Giuseppe Galasso, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, Lisboa, Bertrand/Instituto de Cultura Italiana em Portugal, 1984, pp. 62 e ss; John Rigby Hale, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, op. cit., pp. 127-178.

imagem que dele o autor constrói, se aproxima ou afasta do padrão que *a priori* definiu para si mesmo e de que não abdica[152].

Daqui podemos depreender que é pela aparição do *Outro*, que tenho a possibilidade de fazer um juízo sobre mim como sobre um objecto. E no discurso do fidalgo de Chaves, como temos vindo a verificar, o *Outro* está "sempre já aí", originariamente co-presente ao *Eu*. Em suma, sem esta coexistência do *Eu* com o *Outro*, as *MFC* perdem boa parte do seu sentido e riqueza.

Mas no incisivo exercício de alteridade operado pelo fidalgo em relação ao *Outro* europeu italiano outra visão bem definida surge: a de que este "povo" é claramente vítima de exploração e massacre pelas potências estrangeiras que impunemente circulam pelo seu território[153]. Neste quadro, a mesma população civil italiana que há pouco era objecto de uma visão negativa devido à sua passividade e falta de combatividade assume agora a qualidade de vítima e, nessa medida, torna-se digna de simpatia e compaixão. Nos limites destes novos parâmetros, a visão veiculada pelo fidalgo inscreve-se doravante num domínio de positividade gerada pelo sentimento de compaixão cristã. A este segundo caso, de que existem inúmeros exemplos nas *MFC*, aplica-se o mesmo padrão de avaliação antropológica que funcionou anteriormente, sendo contudo o resultado o inverso:

> "E o custume dos guerreiros de Jtalia hee que nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos comem A discriçam que hee comer A custa dos ospedes sem paguar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça despois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos françeses E alemães Reçebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos moradores das vilages E castelos."[154];

[152] Cf. Claude Lévi-Strauss, *Raça e História*, Lisboa, Editorial Presença, 1980, pp. 19-28; Edward W. Said, *Orientalismo. Representações Ocidentais do Oriente*, Lisboa, Livros Cotovia, 2004, pp. 5-31; Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento: Formas de Ser e Pensar nos Séculos XV e XVI*, Lisboa, INCM, 1983, pp. 127-184; Peter Burke, *Formas de Historia Cultural*, Madrid, Alianza Editorial, 2006, pp. 241-264; Tzvetan Todorov, *A conquista da América: a questão do outro*, Lisboa, Litoral Edições, 1990, pp. 11-65, 227-246 e 297-308.

[153] *Vide* o sexto ponto (*Um novo horizonte: as consequências das guerras*) da quarta parte do presente estudo (*Parte IV – O poder e a guerra: a Europa "decidida" em Itália*).

[154] *MFC*, f. 158r.

"sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate." [155];

"(…) E cheguados a brexa ha entrarom por força de combate, E meterom toda a çidade a saco, matando [,] Roubando, forçando donas e donzelas com crueldade nom vista. afirmasse em Roma que passaram de vinte mil almas as que moReram naquelle saco." [156];

"ao outro dia seguinte [da batalha de Ravena] foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles. na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[157];

"foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, neguoçeou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha. E nam se contentauam os soiços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente."[158];

"E os soldados de dentro Responderom do muro palauras descorteses chamandolhe marranos que fossem a Reuena [.] E com este Jmpeto Remeteram A villa E tomaramna E matarom todolos que dentro estauam em guarnição a saluo dos de fora E ha meterom a saco E foi grande o

[155] *MFC*, f. 142r.
[156] *MFC*, f. 151r e f. 151v.
[157] *MFC*, f. 156r.
[158] *MFC*, f. 162r.

> Roubo por que Alem da vila ser grande E Rica, estiueram ahi mais de dous meses dassento E tiueram tempo pera vender atee o azeite E vinagre. E os luguares comarcãos, scilicet, luca E pistoya enRiqueçeram do que ali compraram barato."[159];

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees."[160];

> "Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo. (…) E conçertandosse o emperador com venezeanos lhes deu liçença por nam aver mester guarnição em verona. E sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leuou consiguo dandolhes escala franca em todolos luguares de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos, de sorte que criou em breues dias mais de doze mil guerreiros com que entrou no ducado."[161]

Como já tivemos ocasião de sublinhar, a Itália não constitui então uma unidade política. Mas ao intuir sobre essa "impossibilidade" física mediante a apreciação crítica de três das suas principais "populações", o fidalgo contribui para estabelecer uma visão específica do povo italiano no seu conjunto do ponto de vista político-institucional. Uma visão que aponta para a constatação realista de que não é exequível nos primórdios da centúria de Quinhentos os italianos virem a constituir, ainda que muito remotamente, uma unidade nacional dotada de uma identidade política comum a todos os povos itálicos. Por outras palavras, o próprio facto de o fidalgo avaliar individualmente estes três "povos" italianos, transmite a ideia arquétipa da falta de exequibilidade do projecto

[159] *MFC*, f. 163r e f. 163v.
[160] *MFC*, f. 176r.
[161] *MFC*, f. 216v.

de unificação nacional que Maquiavel defenderá de forma apaixonada no derradeiro capítulo[162] da sua obra *O Príncipe*.

O fidalgo de Chaves opera, pois, uma apreensão antitética de três dos principais paradigmas políticos que habitam nos limites das fronteiras naturais italianas: os florentinos, os venezianos, e, naturalmente, os romanos. Fortuito não é com certeza o facto de estas três unidades políticas representarem outros tantos símbolos do Renascimento italiano. Naturalmente, o fidalgo efectua outras referências a populações italianas específicas, em particular aos napolitanos e aos habitantes de Siena. Todavia, estas evocações não constituem por si só apreciações passíveis de generalização relativamente a todo o grupo em questão, isto é, não possuem riqueza identitária suficiente para que se possa estabelecer uma avaliação em termos de alteridade. São, quase sempre, apreciações de natureza pontual e circunstancial, por isso mesmo profundamente limitadas ao nível da contribuição para uma avaliação desse *Outro* europeu como um todo integrado:

> "em aguosto me parti em huma caRaca de catelães pera napoles. estiue em napoles oito dias. o viso Rei por ter a enformação de mjm dalguns fidalguos de barçelona me mandou chamar E me perguntou por todolos fidalguos E musicos que el Rei leuou a çaraguoça quando foi a ser Jurado por prinçepe de castela. lembrome que me perguntou por dom João de sousa E por João Rodriguez maramor E se zombauão aJnda E perguntoume por fontes, por vasco fois, por carracão E por outros. Jsto era pella sesta. mandou vir ali todos seus cantores E tangedores os quaes me nom satisfizerom tanto como os cravicordios que erão mui singulares os quaes fazem na mesma çidade. E os mestres desta lia tem nestes cravicordios muita ventaJem aos de espanha assi çingelos como a duas cordas E fundanse em os fazer pequenos por que são mais Jguaes nas vozes."[163];

> "era seu pai de antigua e mui nobre geração dos pandolfos E nam dos mais Ricos çidadões no começo de sua vida. mantinhasse por sua Jndustria de tratos de mercadorias como todos geeralmente acustumam. era homem de mui grande saber E animo que se soube fazer duque E senhor daquella senhoria absoluto sob cor de companheiro. Reçebeo grandes trabalhos E afrontas prinçipalmente do duque valentino filho do papa alexandre que o deitou fora de sena. E depois de morto o duque ho mandarom vir os çidadões da çidade. E dali em diante ho tiuerom em mais estima por que se nam sabiam sem elle guovernar sendo ausente. honrraua muito os

[162] *Vide* Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, Diogo Pires Aurélio (ed.), Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008, capítulos XXVI, pp. 235-239.
[163] *MFC*, f. 138r e f. 138v.

> estrangeiros E sobre todos os estudantes portugueses que naquelles estudos da sapiençia avia mais que doutras nações. com todolos Reis tinha Jnteligençia prinçipalmente com el Rey dom fernando de castela. E co papa Jullio com os quaes tinha feito ligua como dito hee. no fim de seus dias erão suas cousas assi prosperas que hum dos filhos deixou cardeal. E o outro duque em seu luguar. E as filhas casadas com prinçipaes çidadões. E muitas vilas E castelos E possissões de seu patrimonio. mas estas bem aventuranças todas se voltarom em breues dias ao contrairo por que as cousas desta miserauel vida nunca permaneçem em hum estado."[164]

Ainda assim, é de salientar que esta última referência, relativa à República de Siena, apesar de muito breve e circunscrita, indicia bem a importância atribuída na mesma ao ensino universitário e ao academismo, bem como o papel central ocupado pelo comércio, e pela figura do mercador, na vida económica e social local.

Como pudemos verificar noutro ponto do nosso estudo, a mulher italiana (em particular a romana), foi igualmente alvo do olhar escrutinador do fidalgo de Chaves – contribuindo nessa medida, de forma importante, para a avaliação global efectuada pelo autor acerca deste *Outro* europeu –, pelo que não iremos abordar semelhante problemática no presente capítulo. O objectivo é evitar a repetição hermenêutica.

Os florentinos

A visão do fidalgo de Chaves acerca dos florentinos está desde logo condicionada pelo juízo negativo sobre o papa Leão X, nascido em 1475 em Florença e descendente de uma das mais célebres e controversas figuras políticas desta República: Lourenço de Médici, *o Magnífico*.

Estamos, assim, perante uma visão colectiva determinada *a priori* por uma apreciação individual. É a imagem do colectivo que é estabelecida pelo juízo efectuado sobre o individual. No entanto, de reter é que o contrário, como tantas vezes nos mostram as *MFC*, também se verifica:

[164] *MFC*, f. 153v.

> "Nom consentio a maliçia E desordenada cobiça dos florentins que longuo tempo se dissimulasse o proposito que tinham de destrohir ao cardeal de sena E a seu Jrmão."[165];

É, pois, muito ténue a linha que separa os defeitos de Leão X e o facto de ser florentino. Não raras vezes, o fidalgo estabelece um paralelismo directo entre ambas as condições, de tal forma que uma condiciona sempre a outra:

> "E no que o papa [Leão X] contra elles obrou, amostrou que Ja neste tempo sua vontade era acabar de os destrohir E matar [,] que a desordenada cobiça dos florentins nam deu luguar que fosse dissimulada huma tam gram treição cometida assi descuberta contra o cardeal [Alfonso Petrucci] que fora a prinçipal vooz pera elle sobir ao summo pontificado."[166]

Mais ainda. O fidalgo estabelece uma linha de continuidade entre a família Médici e os florentinos em geral, funcionando aqueles como símbolo dos defeitos destes:

> "Estando assi o manifico burgues em napole desterrado E o cardeal em Roma, vendo sua Reuerendissima senhoria que seus neguoçios nom conçertauam com as esperanças que lhe o papa daua, acordou de se sahir de Roma pera Janaçano que hee huma forte vila do senhor prospero decabe colunes. por que em luguar de neguoçiar a Restituição de seu estado achaua cada dia nouidades de grandes E descubertas ofensas no papa E em seus parentes, os quaes ante de poer na praça o crime, ho tocauam nas cousas çiuis. E buscando achaque pera lhe aterrar o corpo, o feriam pollas faldras. antes da partida do papa pera bolonha aviam prouado tirar bolsena ao cardeal com maneiras tiranicas que pera Jsso ordiam como fizeram ao Jardim da via de populo E A camara do sacro palaçio. E por que despois todavia lhe tomou o papa de poder absoluto a dita villa, escreuo as maas maneiras que dantes aviam tido. madoma madalena Jrmãa do papa E mãj do cardeal çibo nom podendo dissimular por ser frorentina, ha sede de acquirir Riquezas A custa alhea, o qual apetito sobeJa nos frorentins mais que em todalas outras nações Jtalianas E a esta causa se diz delles o comum Rifão, que os frorentins tiraram o sotil do sotil, por nunca serem contentes do onesto nem do mais que onesto [,] deseJando a villa de

[165] *MFC*, f. 176v.
[166] *MFC*, f. 211r.

> bolsena pera o cardeal seu filho, E por mais çerto se tinha ser o papa com todos seus conJuntos nesta trama"[167].

Esta simbiose de julgamento recua inclusive a tempos passados, utilizando o fidalgo o argumento do processo histórico como uma das causas para a consternação e desejo de vingança por parte dos florentinos em relação aos seus adversários, em particular os provenientes de Siena, como é o caso do cardeal Alfonso Petrucci:

> "Como os florentins procuraram de furtar sena. E a causa por que. Sena E florença são vezinhas dez leguoas huma çidade da outra E partem seus termos. ambas são mui prosperas E populosas çidades E de antiguo teueram estas senhorias guerra huma com a outra. E todalas vezes que vinhão As mãos em batalha, os seneses forão vençedores. E por esta tam velha Reixa antre elles avia grande odio moormente antre seus duques. ca huns E outros deseJão tiranizar. tanto que os florentins viram o seu duque papa, poseram em obra de furtar sena per huma enguanosa maneira."[168]

O mesmo se passa, segundo o fidalgo de Chaves, em relação ao cardeal *Sam Jorge* (Raffaele Sansoni Riario, sobrinho-neto do papa Sisto IV), vítima do espírito vingativo e rancoroso dos florentinos, que nunca esquecem o passado numa espécie de trágico determinismo histórico:

> "Do que se dizia per Roma açerqua da priuação E destroição dos tres cardeaes. a Rezão do cardeal sam Jorge era Ja muito velha. do tempo que françisco saluiati arçebispo de pisa o leuou a frorença sendo Ja cardeal E muito moço. E estando o cardeal na JgreJa maior com grande aparato E honrra que lhe fora feita ouvindo missa com Lourenço E Julião de mediçis tiranos daquella çidade, o bispo se foi ao paço dos senhores frorentins, deixando ordenado que hum françisco de paçy em querendo o saçerdote consumir o corpo de nosso senhor Jesu christo matasse Lourenço E Juliano. a qual treição foi posta por obra. ca deu ao Julião taes feridas que loguo morreo E o Lourenço foi mui mal ferido, mas viueo. Este Lourenço foi pai do papa lião. o bispo se ouve tam mal que foi tomado com dioguo de paçis – outro caualeiro que leuara pera matar os do senado. E foram loguo enforcados das Janelas dos paços da senhoria. E françisco de paçis que matara E ferira Lourenço E Juliano foi Jsso mesmo tomado E enforcado com outros muitos seus secazes. E o cardeal foi preso correndo grande Risco de ser enforcado. E achandoo que nam era culpado despois destar Retendo na camara do confoloneiro da Justiça no paço pubrico per

[167] *MFC*, f. 213v.
[168] *MFC*, f. 176r.

> espaço de hum mes, o deixaram hir em paz. despois o papa sisto tio de sam Jorge proçedeo contra Lourenço de mediçis, E pos antredito em França, E moueolhe guerra cruel, em que os frorentins padeçeram grandes perdas, Roubos, forças, E desonrras de molheres. o qual foguo assi aleuantado durou ataa estes tempos que se pode tomar tam fea vinguança, avendo mais de corenta anos que estas cousas passaram, E que sam Jorge era cardeal. E por que estas cousas se diziam por Roma tam soltas as escreuo aqui."[169]

O pano de fundo é a célebre *Conspiração dos Pazzi* ocorrida em 26 de Abril de 1478 contra Lourenço, *o Magnífico*[170], então no governo de Florença. O cardeal Raffaele Sansoni Riario (*Sam Jorge*), foi então feito prisioneiro pelos Médici mas libertado mais tarde devido a nunca se ter provado a sua participação no atentado. De qualquer forma, Leão X nunca esqueceu o eventual envolvimento do sobrinho-neto do papa Sisto IV no sucedido.

Ainda que ténue e disfarçada, até em ambiente festivo é inequívoca a antipatia do fidalgo português pelos florentinos:

> "sua cheguada a Roma [de Tristão da Cunha] foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. (…) aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualguando Romanos mui prinçipaes com mascaras. (…) coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer E o derradeiro nam pareçeo honesto. mas foi envenção florentina por dar prazer ao papa."[171]

De tudo isto, resulta uma visão profundamente negativa do povo da República de Florença:

---

[169] *MFC*, f. 226r e f. 226v.
[170] Pai de Leão X.
[171] *MFC*, f. 181v e f. 182r.

> "E por que a todo homem pareçia esta guerra JnJusta, a todos apraziam estes motes que se achauam preguados pollos pubricos das prinçipaes Ruas de Roma como hee husança. tanto erão Ja os frorentins malquistos do ducado dorbino polla sobegidão de sua tirania que sem muita contenda sentreguarão ao seu propio duque as mais das vilas E fortalezas, E soo a çidade de pesaro Reseruou pera a derradeira."[172];

> "Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. E que poderia aver delles grande soma de dinheiro, os quaes são Ricos em demasia, prinçipalmente os que fugiram de castella (…). E o papa ouve mui grande soma de dinheiro. tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello."[173]

Em termos político-institucionais, Florença surge aos olhos do fidalgo quase como sinónimo da poderosa família Médici:

> "Como o leguado E o viso Rei se aJuntaram E meterom a saco ha villa de prado. El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguarem dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença. (…) os espanhoes erão doze mil, que pareçia cousa contra Rezão cheguaremse aos muros de florença, quanto mais poerlhe çerco por ser çidade tam grande E populosa. porem o cardeal tinha grão parte dentro com que tinha suas Jnteligençias, nos quaes se atreuia. o que mais aJudou os espanhoes foi mandar o viso Rei deitar preguão no exerçito que daua florença a saco pollo qual os pobres da çidade se sahião fora pera o aRaial dos espanhoes pera serem em saquear aos Ricos que ficauam na çidade. sabendo os florentins Jsto E vendo minguar sua Jente E creçer a dos espanhoes se deram a partido. E lançaram fora o seu duque que estaua por el Rei de França o qual era da casta de souerini Jrmão do cardeal vulterra. saiosse com çincoenta de caualo E embarcou em hum porto de sena. feito Jsto o viso Rei E o cardeal entraram na çidade com poucos espanhoes. E por que os espanhoes se achauam Ricos E se hiam, proueram que os que se achassem Jndo sem liçença que os matassem. E muitos foram assi mortos. o Jnverno era Ja entrado quando as sobreditas cousas de florença aconteçeram."[174]

[172] *MFC*, f. 217r.
[173] *MFC*, f. 219r.
[174] *MFC*, f. 163r a f. 164r

Os venezianos

Os venezianos surgem por diversas vezes referenciados nas *MFC*, com a particularidade de tal acontecer quase sempre num quadro político-estratégico. Ou seja, as evocações do fidalgo em relação à *Sereníssima* ocorrem normalmente em importantes contextos decisórios relativos à política internacional que à época tem lugar em Itália. Seja em cenário de batalha, como em Agnadello (1509) ou em Marignan (1515), seja no que respeita ao estabelecimento de ligas, como a *Liga Santa* de 1511, a poderosa república comercial é apresentada pelo autor como um potência político-militar que deve sempre ser tida em conta nas grandes orientações políticas internacionais de então.

A República de Veneza pode perder confrontos armados mas a integridade da sua capital e território de origem nunca chega a ser ameaçada como acontece com Florença, Milão ou até mesmo Roma (por exemplo, após a derrota na batalha de Ravena). O fidalgo transmite esta ideia de forma bastante esclarecedora: Veneza é uma potência política, económica e militar que nunca deve ser subestimada no quadro da política internacional europeia, até pela sua própria proximidade com o império turco, com quem mantém relações comerciais. Este é, aliás, outro dado importante e – de forma algo paradoxal – não necessariamente negativo fornecido pelo fidalgo de Chaves acerca da imagem desta República italiana:

> "Da batalha que o viso Rei ouue com venezeanos E das outras cousas que lhe aconteçeram Jndo pera napoles. Partido o viso Rei do duque de milão, foisse por verona que avia estado polos venezeanos em quanto os françeses estiueram em italia. a qual çidade hee grande E pertençe ao emperador E deixou em guarnição della quatro mil Jnfantes espanhoes, os quaes o emperador paguaua. E passando adiante foilhe dito que em huma vila de venezeanos chamada maestra, se fazia naquelles dias huma grande feira. E que erão vindos muitos mercadores venezeanos E doutras çidades de Jtalia com muitas mercadorias prinçipalmente sedas, grãs, perseos, E pelouços, que são panos no cume dos mais finos. E assi mercadores turcos que passam aquelle mar E trazem grande soma de chamalotes E tapetes muito finos E outras mercadorias. E detreminando de a Roubar, ho pos em obra. foi tam grande o despoJo prinçipalmente o das sedas [,] panos E

chamalotes que nam tinham bestas nem carretas em que se podessem leuar."[175]

Mesmo quando derrotada militarmente, como aconteceu de forma estrondosa na brutal batalha de Agnadello, um dos principais momentos bélicos das *Guerras da Liga de Cambrai*, Veneza recupera sempre e nunca deixa de se apresentar como uma potência a ser tida em conta por quem quer disputar o poder em Itália. É o que podemos depreender pela referência do fidalgo à batalha de Pádua – ocorrida poucos meses depois da derrota de Agnadello –, e ao modo como o imperador foi ludibriado pelos venezianos ao entrar nesta cidade:

"o emperador tanto que os seus capitães cheguaron a Jtalia diante delle sem contradição alguma entraron padua [e] viçença por que assi o tinhão ordenado os venezeanos pollo que tinhão cuidado de fazer ao diante. (…) cuidando o emperador que tinha padua segura os venezeanos que em al[i] tinhão o cuidado fizerom que os paduanos se aleuantarom E deitarom os do emperador fora E liurarom delles a çidade E tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre elles despeJarom a çidade de molheres moços E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos. E o emperador veo sobre a çidade com o mais fermoso exerçito que em nossos tempos se vio em Jtalia por que se afirmaua serem mais de çem mil combatentes. E prantada a artelharia aRasarom hum grande lanço do muro. E a todas estas afrontas mostrarom sempre os de dentro tam pouco temor que sempre tinham de dia as portas abertas. esteue o emperador sobre a çidade passante de hum mes. E nunca lhe deu combate de Jente avendo por conçiençia perderse tanta como se esperaua que moRese. escaramuças avia muitas em espeçial espanhoes E dos de dentro que sahião fora a fazer sortes. E huma vez cheguarom A artelharia do emperador E lhe encrauarom duas peças sendo aquelle dia guarda della os alemães os quaes por poerem mais medo aos Jmiguos bradarom espanha Espanha. E com Jsto fugirom os da çidade E acodirom os espanhoees [.] sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem ao combate. E como se falaua em combate se amotinauam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro. E com estas

[175] *MFC*, f. 165r.

> neçessidades o emperador se foi pera alemanha sem fazer cousa alguma. E deixou viçença que tinha pacifica aos venezeanos."[176]

O seu poderio é tal que inclusive decide momentos cruciais como os vividos na batalha de Marignan, na qual Francisco I de França à beira da derrota perante a temível infantaria suíça acaba por vencer a contenda devido ao socorro da cavalaria veneziana:

> "Como se deu a segunda batalha na qual o duque E os soiços foram vençidos. Ao dia seguinte mui de madruguada os soiços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua. E Jsso mesmo sahio com elles o duque com quinhentos de caualo por que nam tinha mais consiguo. diziasse que el Rei de França se nam deçera de seu caualo toda a noite passada. E quando os soiços apareçeram elle estaua a ponto pera dar batalha a qual se trauou aspera E cruel. E A ora de noa os françeses se começaram de Retraher a mal seu grado. E estando os françeses em tempo de ser perdidos cheguou de novo ao aRaial de França bertolameu daluiano capitão dos venezeanos com seu exerçito ao qual el Rei esperaua. E dando de Refresco nos soiços E tornando os françeses sobre elles nom poderam os soiços Resistir A força de tanta Jente. E na melhor ordenança que poderam o duque E elles se tornaram atras. diziasse que os que morreram dambalas partes passaram de quinze mil homens. E que os soiços erão xxb mil E o duque tinha quinhentos de caualo E pouca Jente de pee. E que el Rei de França trazia mais de corenta mil homens de peleJa. E contudo se os venezeanos nam lhe acodiram forão desbaratados daquella vez."[177]

Tendo em conta a disputa entre Portugal e a República de Veneza pelo monopólio do comércio oriental de especiarias, é natural que o fidalgo transmitisse ao destinatário do seu texto uma imagem o mais correcta possível da capacidade do concorrente luso, seja em termos políticos, económicos ou militares. E a visão que fornece não podia ser mais rigorosa e esclarecedora.

Os romanos

A visão que o fidalgo dá dos romanos é puramente cosmopolita. Neste sentido, o que pauta o quotidiano destes italianos é a festa, a celebração e os eventos públicos de carácter religioso e político. As procissões são um bom exemplo do primeiro caso, ao

[176] *MFC*, f. 141v e f. 142r.
[177] *MFC*, f. 210r.

passo que as visitas oficiais e as embaixadas internacionais constituem provavelmente o melhor figurino do segundo cenário:

> "as mascaras nam se deixaram de fazer com muita paz E assesseguo. na festa do campo naguão foram dezoito carros triunfaes. E antre as outras estorias foi Representado como os françeses foram lançados de italia. os meninos que caualguauão aquelle dia ao custume antiguo foram com mais ventaJem de vestidos E ornados de seda E pedras preçiosas que em nenhum outro dia que os visse em todo o tempo que em Roma estiue. E assi a Jente foi mais armada E de mui limpas armas. E os Romanos fizeram naquelle dia mui Rico cadafalso E assentos de suas pessoas em campo naguom. as diuisas E vestidos do senhor João Jorge çesarino alferez de Roma E as bandeiras de maiores despesas. CoReramse os paleos assi Ricos segundo comum ordenança. E os touros E caRetas de monte trastacho E todas aquellas acostumadas festas forão feitas com muitos comprimentos. E tudo foi mandado E ordenado pollo papa [Júlio II] pera dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam cheguada, por que compria assi por bem dos grandes neguoçios"[178].

Tal não é de estranhar tratando-se da capital da Cristandade, o espaço para onde convergem as grandes rotas e as decisões políticas internacionais. Assim, a população romana é bastante diversificada e de certa forma multinacional, com grande predominância dos espanhóis, como mostra o fidalgo de Chaves[179]. O próprio embaixador do imperador a isso se refere na missiva que endereça a Maximiliano por ocasião da embaixada portuguesa de obediência a Leão X:

> "todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho. nem Jamais Roma em o tempo passado quando ella possuia muitas cousas, como quer que a ella viessem muitos alifantes de etiopia E africa, nom veo nenhum das Jndias."[180]

Para Roma tudo converge: o luxo, o exótico, a riqueza, o esplendor, mas também a guerra, o crime e o assassinato. O fidalgo mostra este estado de coisas em diversas ocasiões, evocando não raras vezes a dificuldade evidente em manter a ordem pública

[178] *MFC*, f. 168r.
[179] Desde Alexandre VI, papa de origem hispânica, que os espanhóis dirigem-se em cada vez maior número para Roma.
[180] *MFC*, f. 180r.

na urbe. Neste ponto sobressai a conduta das principais famílias romanas, em particular os Orsini e os Colonna, que assumem um importante papel na definição da própria ambiência vivida na cidade, sobretudo em momentos de crise profunda:

> "Neste tempo o papa adoeçeo de tal maneira que ho tiuerom por morto. alguns diziam que de noJo por que tinha duros contrairos E os neguoçios nom soçediam como elle deseJaua. nestes Rebates de sua morte Roma era posta toda em armas nam avia Justiça nem quem a fizesse. cada hum procuraua de por sua vida E fazenda em saluo. as armas erão a todos geraes. das vilas E castelos E coloneses E orsinos E doutros prinçipaes Romanos entraram em Roma mais de vinte mil homens que esperauam a çerta noua da morte do papa pera a começarem a Roubar. alguns çertificauam depois que as entenções destes Romanos era poer os espanhoes A espada. mas dura cousa lhe fora dacabar." [181];

> "Como a noua cheguou a Roma E do que o papa fazia. Jaa disse que foi a batalha na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze anos em dia de pascoa da Resurreição. A terça feira seguinte de noite cheguou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de custume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jsso mesmo todalas senhoras e baronesas de Roma que tinhão seus maridos na guerra E cada huma perguntaua pollo seu. o papa as consolaua E dizia que nom cressem nada do que se dizia por que custume era dos françeses semear sempre nouas mentirosas em seu fauor. nesta primeira noua nam veo mais çerteza que ser o viso Rei desbaratado E fugido. despois veo outra que nam escapara dos espanhoes nenhum que nom fosse morto E que os françeses ficaram Jnteiros sem moRer homem delles E que vinhão contra Roma. E que o duque dorbino se passara da parte de França. com estas nouas os cortezãos estauão sospensos E postos em grande confusão E o papa mal contente. passados oito dias vierom coReos E tambem o duque de tracto E outros caualeiros que forom na batalha ataa fim della E se saluarom, que trouxerom noua certa do que passara. todolos dias que nom eram de consistorio fazia o papa congreguação com todolos cardeaes E todo seu fundamento era fazer pazes. trazia tratos com os prinçipaes Romanos por que todos andauam mui aluoraçados. E pollos paçificar lhes confirmou çertas liberdades que sohiam ter antiguamente. estaua o prospero colunna neste tempo desauindo do papa E querendo Sua Santidade fazello faloneiro da JgreJa veo a Roma sendo medianeiro o embaixador de castela. esteue com o papa espaço de duas oras sem outra pesoa E do que passaram o prospero se tornou a hir loguo de Roma pera suas vilas E çidades de que hee senhor. E estão nom muito longe de Roma. dizse que as coisas que pedia erão taes que nam teuera Sua Santidade por bem de lhas conçeder. E assi se apartaram desacordados. bradaua o papa

[181] *MFC*, f. 146r e f. 146v.

por guonçallo fernandez dizendo que este queria em Jtalia confaloneiro da JgreJa E capitão del Rei dom fernando."[182];

"De como pero marguano matou o brarachelo de Roma E se foi pera el Rei de França. Estando assi o papa E cardeaes E os cortesãos, prinçipalmente os espanhoes postos em tanta aguonia E temor por que os françeses erão senhores do campo E se afirmaua que vinham a Roma, lhes sobreueo outro mui grande nesta maneira. antre os mançebos de Roma era hum prinçipal dos coluneses que se chamaua pero marguano. avia muitos dias que andaua desterrado de Roma com temor do papa E por huma travessura que fez de homem de grande animo que foi tida por grande façanha por ser pubrica na prinçipal praça de Roma E em tempo do papa Jullio a que todos temiam por ser Jnteiro guardador E executor da Justiça. no tempo que o papa vedaua todalas armas por causa das guerras achando o barachelo ou alcaide de Roma com espada este mançebo lhe disse per vezes que ha nam trouxesse. E nam dando por Jsso por ser senhor dos prinçipaes coluneses fez delle queixume ao papa. E diziasse que Sua Santidade mandou ao barachello que lhe tomasse as armas, o qual ho fez assi o primeiro dia que ho achou. pero marguano ho teue a grande JnJuria E seus parentes, dizendo que se nam deuiam entender taes leis em pesoa de sua calidade. mas nam tardou muito em tomar vinguança. hum dia estando o barachelo em campo de frol com toda sua Jente da guarda da çidade que ho acompanham os quaes são muitos de picas E espinguardeiros E alabardeiros, pero marguano se foi a elle com tres companheiros E ho matou dandolhe muitas cutiladas no Rosto que todo lho fez em pedaços. eu ho vi quando o leuauam ao populo onde ho enterrarom. E erão feridas mui grandes E feas, por que outra parte de seu corpo nam trazia desarmada. foi Jsto feito sem contradição nem Resistençia dos seus. diziasse que por todos aquelles bairros estaua muita Jente dos Romanos armada em guarda E socorro de pero marguano, dos quaes nenhum foi visto. nom foi este feito avido por cousa leue. o papa tomou disso grande sentimento mas nam pode fazer al senam aver paçiençia por que nam era poderoso de ho matar ante os Romanos. E contudo pero marguano E os companheiros se foram de Roma E sendo da parte despanha, se forão pera el Rei de França por desprazer mais ao papa. estas cousas foram antes da batalha. despois vindo este Romano a huma vila perto de Roma fazer Jente pera el Rei de França com dinheiro que lhe mandara dar esteue ali alguns dias E punha temor nos espanhoes cortezãos por que os Romanos andauão mui aleuantados contra elles. E por que este mançebo era Reuoltoso E tinha grande parte na çidade tinham Reçeo que os voltariam contra elles assi polla muita valia E parentesco que tinha com os Romanos como pollo fauor del Rey de França que estaua vantaJoso polla batalha de Reuena que foi com vitoria E era senhor do campo. por tirar estas sospeitas mandou o papa ao coronel sancta cruz sobre elle com grão Jente darmas E de pee E alguma artelharia, mas o Romano fugio E deixou sua empresa E foisse pera os françeses. o

[182] *MFC*, f. 156v e f. 157r.

qual despois da criação do papa lião se veo pera Roma como fizeron todolos outros desterrados."[183];

"Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya. Tratauasse do manifico Julião com a Jrmãa do duque de saboya. (…) acabado o ofiçio sahio o manifico da JgreJa acompanhado de todolos senhores E grandes homens que se então acharam em Roma, assi de coluneses como orsinos E muita outra Jente Ricamente vestida." [184]

Além de se digladiarem entre si, estas famílias tomam partido pelas potências internacionais em conflito em solo italiano, o que faz com que o dia-a-dia em Roma seja tão festivo e esplendoroso como tenso e perigoso.

Num dos momentos mais emblemáticos das *MFC*, o autor crítica o luxo e a fácil propensão para a ostentação, a futilidade e o logro que predominam em Roma:

"E destas praticas avia muitas diante cardeaes E grandes senhores, sendo alguns castelhanos E portugueses presentes, altrecando porfias de Rexa antigua, aleguando os portugueses feitos passados E presentes de tantas vitorias E boas venturas a que os castelhanos nam tinhão Reposta. E que Jsto pareça a vossa senhoria fora de estilo, ho escreuo por que passaua assi em verdade. Isto se aleguaua dos feitos que os fidalguos E caualeiros faziam haa quatro dias, acustumando tomar por força darmas as mui grandes çidades aos mouros em africa com a lança no punho vestindo caçotes destopa E arneses em çima sem saber alguarismo, sem mercadeJar, sem desonestas onzenas E deseJos de acquirir fazendas alcançadas per husurarios E desonestos titolos, sem se chamarem fidalguos nam ho sendo, sem leuarem com vaidade cadeiras despaldas As JgreJas E A capela del Rei, sem aver quem acuda a tanta desordem, sem trazerem publico Rabões sem merçe, lançandosse dos escudeiros acustumados pollos velhos passados com que se faziam as sobreditas cousas, viuendo no presente tempo em suas casas com grossas Rendas E pobre despesa de familia de moços E com grande abastança de viços pera suas pessoas, E de suas molheres, de delicados manJares, de prefumes, E estrados vãos com presunções tam altiuas que cuidão dum que tem huma drama de peso de mereçimento mais que outro, se haa por desonrrado falarlhe em luguar publico. E o que menos val se tem por melhor husando das sobreditas sandiçes E desonestidades. E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao

[183] *MFC*, f. 157r a f. 158r.
[184] *MFC*, f. 203v.

> Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem."[185]

A decadência moral afecta o fidalgo, na medida em que choca com o seu próprio código de valores, que se apresenta neste contexto como o referencial através do qual avalia e julga o *Outro* europeu, neste caso o romano.

Em Roma, o lúdico e a busca do hedonismo constituem a pedra-de-toque de um quotidiano pautado pela surpresa e o assombro que sempre trazem a chegada do *Outro* europeu ou até de paragens mais distantes, como o comprovam as diversas embaixadas de obediência ao papa, em particular a de Tristão da Cunha. Assim, as festas, a caça, os jogos fazem parte do dia-a-dia desta urbe que se vê a si própria no centro do mundo:

> "sua cheguada a Roma [de Tristão da Cunha] foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa [Leão X] E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. (…) aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualguando Romanos mui prinçipaes com mascaras. (…) velos hir pollas Ruas E o trabalho dos que vão nelles pera os fazer hir adiante, hee cousa bem pera Rir. são alimarias mui pesadas E de propriedade que achando aguoa se deitam nella. E com grande trabalho os podem dali tirar. E por Jsso Açinte lhes deitão aguoa nas Ruas pera Rir com elles. (…) coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer (…). a festa do campo naguão se faz quinta feira das comadres, na qual festa se fazem muitos caRos triunfaes nos quaes Representam muitas estorias. (…) naquelle dia caualguão muitos meninos filhos de prinçipaes Romanos com vestidos de suas pessoas E os caualos com albardilhas guarneçidos ao modo antiguo. nestes meninos se mostram todalas pedras E perlas que os paes E parentes tem E podem aver de seus amiguos. (…). E o senador e Romanos tem feito hum grande cadafalso com seus assentos, ao qual se sobem todos Juntos no dito campo ou praça. hee cousa Real pera ver. dali se tornam a sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que

[185] *MFC*, f. 201r.

se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, prinçipalmente no dia dentrudo em que feneçem por aquelle ano, E se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Jngreme. (…) E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conheçidos nom lhes hee estranhado destes prazeres [.] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee. as molheres acustumam trazer na mão huma mui sotil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas aguoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia, o cardeal çibo sobrinho do papa fez huma mascara aquelle dia dentrudo de trinta de caualo A gineta E de adarguas, vestidos mui Ricos de çatim Roxo E branco do traJo de feez. o cardeal de sena fez outra de corenta de caualo A estardiota vestidos de çatim azul, E os capeletes da mesma seda guarneçidos douro E lanças pintadas com bandeiras de tafetaa E botas de pontilha lauradas douro, Jubões de çatim amarelo, E cada hum dos moços desporas bem vestidos em calças E gibão E bem despostos com mascaras bem naturaes. outros cardeaes E senhores fizeram outras envenções de mascaras Ricas E de grandes despesas, mas as dos dous sobreditos foram vantaJosas. todas se aJuntaram no sobredito campo. os quaes pareçeram tambem que era cousa de marauilha, polla diuersidade das envenções E dos grandes guastos das sedas. (…) E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E

com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma."[186]

Palavras esclarecedoras que têm a súmula ao nível da visão do *Outro* romano na própria expressão de admiração proferida pelo autor: "da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma." Roma é, de facto, única no mundo e os seus habitantes acompanham este carácter distintivo, para o bem e para o mal: "E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte."

O fidalgo de Chaves dá pois uma visão dupla da sociedade romana. Por um lado é o sedutor carácter festivo e de quase permanente celebração que tornam irresistível a alguém que vem de fora participar em tal ambiência; mas, por outro lado, é a sociedade decadente e volátil, que tanto desapontou Lutero ao visitar a *Cidade Eterna*, sobretudo religiosa, e a própria índole de profunda inconstância quase imanente que caracteriza o seu dia-a-dia:

"Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos. A quarta feira seguinte que foi o primeiro dia do mes de Julho publicaram por cardeaes os que nouamente erão feitos. E lhes deram os barretes. E loguo A sesta feira que foram tres dias do dito mes, lhes deram os capellos. neste dia assi os nouos como os velhos foram comer com mediçis que avia pouco que era viçe chançaler. E foi o convite nas casas da chançelaria. quem estas cousas vio E as bem considerar, veraa aos olhos abertos quam bulrrosas são as pompas E estado deste mundo. que maiores exemplos se podem dar aos grandes prinçepes que estas cousas que aqui escreuo. os fauores que fortuna daa nam sam destimar. vi os criados dos cardeaes presos sahirem cardeaes, E os senhores despostos. os criados alegres honrrados E aleuantados a grandes estados, E os senhores tristes E desonrrados atormentados E de todo cahidos [.] quem entenderaa estas danças. quem teraa confiança E seguridade de cousa que veJa nesta trabalhosa peregrinação. quatro bispos criados de são Jorge foram ali cardeaes, E de sena o bispo petruche, de saule dous familiares bispos. E elles estauamençerrados como dito hee. assi que as dinidades E estados dos senhores se converteram nos criados E familiares. hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o

[186] *MFC*, f. 181v a f. 184r.

que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim."[187]

Por tudo isto, os romanos são olhados pelo fidalgo com um misto de simpatia/fascínio e rejeição/antipatia. É, na essência, uma sociedade paradoxal, o que o fidalgo não deixa de transmitir a D. Jaime, duque de Bragança.

Os maronitas

A breve mas expressiva descrição da embaixada dos maronitas a Roma constitui um momento único nas *MFC*. Com efeito, a avaliação que faz deste povo não europeu é bastante positiva e favorável. As razões para tal reportam, mais uma vez, ao seu código de valores, ou seja ao seu referencial cultural que neste caso funciona também como referencial moral: a simplicidade, modéstia e honestidade da delegação proveniente do Médio Oriente.

A sua posição para com os maronitas é, pois, imparcial, notando-se apenas que foi claramente seduzido pelos atributos acima referidos:

"Da maneira da embaixada dos maronitas. Este embaixador dos maronitas açima dito trazia consiguo dous companheiros. era cleriguo E homem de idade vestia panos azues A maneira dos de sancto eloi. os companheiros eram mançebos E religiosos. seus vestidos erão de frades de são bento. sua linguoa mui escurissima. seu Rezar era caldeu [.] erão tam grandes cleriguos que tocandolhes em algum verso do salteiro ou ponto de briuia sem detença ho mostrauam. Jsto vi eu algumas vezes por que françisco Jusarte tinha hum sobrinho que entendia bem caldeu, ebraico, E greguo E destas linguoas era bom gramatico E escriuão. E tambem entendia alguma cousa darauiguo. E era singular latino o qual praticando com estes maronitas que ho muitas vezes vinhão visitar, amostrauam ser bõos eclesiasticos por que continuamente acodiam ao que lho mançebo perguntaua. diziam que tinhão patriarca o qual mandaua por elles obediençia ao papa E se sometia A JgreJa Romana. E que aviam escapado de nam serem tomados dos Jnfiees com grande periguo E trabalho. o cardeal de santa cruz os Recolheo em sua casa, E lhes fazia honrra dandolhes todo o neçessario. estiueram em Roma quasi hum ano E em fim o embaixador com hum dos companheiros se foram pera

[187] *MFC*, f. 225v.

> sua terra. E o mais mançebo ficou em Roma pera aprender a linguoa latina, ao qual o papa mandaua ensinar com muita diligençia."[188]

De salientar, que a comparação com a sua terra natal e a cultura que o viu nascer desempenha um papel central na definição da identidade do *Outro,* ao mesmo tempo que contribui grandemente para a positividade do retrato que constrói: "era cleriguo E homem de idade vestia panos azues A maneira dos de sancto eloi. os companheiros eram mançebos E religiosos. seus vestidos erão de frades de são bento." A simpatia que revela pelo modesto contingente maronita fica expressa de forma indubitável na comparação que estabelece no momento seguinte do seu relato entre as riquezas trazidas a Roma por aquela mesma delegação e as enviadas por Portugal, sendo que quem sai inferiorizado do ponto de visto moral e religioso de tal "disputa" é a delegação portuguesa:

> "Mui deferentes foram os sobreditos dous embaixadores [o português Tristão da Cunha e o enviado maronita] que em hum tempo vieram dar obediençia ao nosso santo padre [.] hum de ponente E outro de leuante. hum poderoso E Rico, outro pobre E sem pompa. o Rico a pedir, E o pobre a dar E acreçentar a santa madre JgreJa."[189]

Fica, pois, claramente expressa nesta passagem a matriz religiosa e espiritual do fidalgo de Chaves, que condiciona toda a sua forma de avaliar o *Outro*. Como, aliás, se pode verificar logo a seguir em relação à já nomeada embaixada da Polónia, muito criticada pelo autor precisamente pela falta de modéstia, sobretudo espiritual.

Dito de outro modo, deste exíguo registo ressalta a ética e a moral do autor ao comparar a embaixada maronita, pobre e modesta, com a do seu próprio país, rica e pomposa. Tal comparação traz forçosamente consigo uma crítica à cúria, claramente mais inclinada a receber presentes materiais luxosos e exóticos do que propriamente a beneficiar de puras recompensas espirituais. Estamos, pois, perante uma visão que, pela sua singularidade e ousadia, nos permite mergulhar nos meandros do conflito interno que à época atravessava e fendia a Igreja romana.

Noutra vertente, vislumbra-se aqui o espírito crítico do autor, perfeitamente de acordo com a época em que vive, que não hesita em apontar o dedo à embaixada do seu

[188] *MFC,* f. 181r e f. 181v.
[189] *MFC,* f. 181v.

país – a mesma que pouco antes enalteceu e sobre a qual registou o encantamento geral provocado pelos seus exóticos e faustosos elementos –, que de certa forma "acusa" de ostentatória e, consequentemente, talvez um pouco superficial em termos de intensidade espiritual quando comparada com outra, muito mais modesta mas por isso mesmo superior em termos de entrega e devoção religiosas. Este espírito crítico revela ainda, de forma excepcional no conjunto do texto, que o autor sobrepõe a ética, a moral e, enfim, a própria espiritualidade à devoção (e parcialidade) pelo reino de origem. Postura singular no período em questão, sobretudo tratando-se da nação portuguesa.

A delegação maronita, pela sua modéstia e exiguidade de recursos, pode não obter as recompensas do papado que, por exemplo, a portuguesa recebe (em grande parte devido ao fausto que ostenta, às oferendas que transporta e, em última análise, ao impacto que causa pelo exótico e festivo), ou sequer ser agraciada com os louvores e a notável divulgação feita pelos próprios italianos ou os representantes oficiais das outras nações europeias[190]. Não deixa, contudo, de beneficiar claramente de uma simpatia proveniente de algo superior ao qual não é possível atribuir um "preço" terreno: a superioridade da sua profunda entrega e honestidade espiritual: "erão tam grandes cleriguos que tocandolhes em algum verso do salteiro ou ponto de briuia sem detença ho mostrauam."

Este estranho *Outro* cristão, que fala uma "linguoa mui escuríssima" e cujo "Rezar era caldeu", é implicitamente superior a vários dos *Outros* europeus que deram entrada em Roma – neste aspecto, o fidalgo revela o seu traço de humanista cristão no sentido atribuído a Erasmo a par, certamente, da fascinação aristocrática, que também assaltou o próprio D. Jaime, pela austeridade religiosa e a renúncia aos bens materiais e a vida eremítica ou monástica. Comprovam-no de forma singular os meritórios esforços em prol da fé cristã protagonizados pelo seu embaixador e respectivos companheiros, pois "aviam escapado de nam serem tomados dos Jnfiees com grande periguo E

[190] O embaixador do imperador Maximiliano que dedica toda uma missiva a falar da embaixada portuguesa, deixa apenas algumas linhas finais para referenciar a delegação maroniota, sem todavia efectuar qualquer juízo acerca da mesma: "o mesmo dia que elles ofereçeram o alifante E todolos outros doens ao nosso mui santo padre, hum messaJeiro E orador dalguns pouos christãos que guardão E conseruam a fee da JgreJa catolica que moram Junto de Jerusalem que se chamam maronitas habitantes nas montanhas de suria, despois de ter dadas cartas dos ditos pouos ao nosso mui santo padre, fez E deu obediençia com muita humildade pedindo pollos ditos pouos confirmação de hum arçebispo que tinhão elegido, por que polla distançia dos luguares nom guardauam a maneira da JgreJa catolica, mas polla diligençia E estatuto dos frades da obseruançia de são françisco que moram em suas terras açeitaram de çincoenta anos pera qua a fee da JgreJa catolica E se someteram A obediençia do nosso santissimo papa. bem valha E viua longuamente vossa mui sagrada magestade na bõa graça na qual mui humildosamente me Recomendo. de Roma a xxviij dias de março de 1514 anos." in *MFC*, f. 181r.

trabalho. (…) estiueram em Roma quasi hum ano E em fim o embaixador com hum dos companheiros se foram pera sua terra. E o mais mançebo ficou em Roma pera aprender a linguoa latina, ao qual o papa mandaua ensinar com muita diligençia." É por isso perfeitamente justificável que lhes seja concedido todo o favor e reconhecimento por parte da sede da Cristandade, o que acontece pela mão do Cardeal de Santa Cruz e do próprio pontífice: "o cardeal de santa cruz os Recolheo em sua casa, E lhes fazia honrra dandolhes todo o neçessario. (…) E o mais mançebo ficou em Roma pera aprender a linguoa latina, ao qual o papa mandaua ensinar com muita diligencia."

Uma derradeira palavra para destacar que é precisamente através de um português, ou seja, o *Nós*, que o fidalgo consegue estabelecer uma ponte comunicacional e de compreensão do *Outro* que pela primeira vez se lhe apresenta ao olhar:

> "Jsto vi eu algumas vezes por que françisco Jusarte tinha hum sobrinho que entendia bem caldeu, ebraico, E greguo E destas linguoas era bom gramatico E escriuão. E tambem entendia alguma cousa darauiguo. E era singular latino o qual praticando com estes maronitas que ho muitas vezes vinhão visitar, amostrauam ser bõos eclesiasticos por que continuamente acodiam ao que lho mançebo perguntaua. diziam que tinhão patriarca o qual mandaua por elles obediençia ao papa E se sometia A JgreJa Romana."[191]

O turco otomano

A visão do fidalgo em relação ao turco não podia ser mais bem definida: o turco otomano é o *Outro* inimigo, o paradigma do infiel e o grande obstáculo terrestre para a concretização do destino reservado por Deus aos cristãos. No entanto, esta visão é atenuada pela tomada de consciência de que, à época, as guerras ocorridas em Itália entre cristãos são bem mais nocivas para a Cristandade do que as acções dos turcos:

> "Os nunçios erão Ja partidos. E por que a prinçipal saude do papa era em el rei de castela, polla ligua que tinhão feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. Cristianissimo em cristo. filho nosso saude E apostolica benção. Jnçitados

[191] *MFC*, f. 181v.

[os cardeaes cismáticos] segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violência."[192];

"tornando contra os portugueses dizia que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos."[193]

[192] *MFC*, f. 146v a f. 148r
[193] *MFC*, f. 173v a f. 174r.

Do turco vêm, pois, virtualmente, todos os males. No entanto, na realidade do dia-a-dia, é pela espada do cristão que o sangue dos europeus jorra em solo italiano. Esta noção da inviabilidade da luta contra o inimigo natural da Cristandade – o turco – devido à acção dos próprios cristãos, em particular dos seus líderes espirituais, constitui um verdadeiro alicerce no discurso do fidalgo de Chaves:

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio."[194]

O turco é mau, mas o cristão que combate o cristão é pior, porque é um estado contra-natura. Esta ideia materializa-se em referências específicas e muito objectivas como a que efectua acerca dos franceses logo após a batalha de Ravena:

> "ao outro dia seguinte foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles. na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades."[195]

[194] *MFC*, f. 176r.
[195] *MFC*, f. 156r.

Como já assinalámos, os franceses encarnam neste massacre tudo o que de negativo se pode encontrar na Cristandade. É o momento em que o cristão se transforma no seu próprio reverso: o turco. E o facto é que em nenhum momento do seu texto, o fidalgo dá notícia de algo semelhante perpetuado pelo otomano. Assim sendo, certos cristãos ficam em termos de avaliação num estádio inferior ao dos inimigos naturais da fé cristã, de quem seria de alguma forma "natural" esperar tais actos. Daí que o tão desejado projecto de cruzada contra os turcos seja sempre adiado, nunca chegando a realizar-se. O fidalgo coloca a culpa de tal estado de coisas sobre os príncipes cristãos, mas o seu principal alvo de censura é o detentor da mitra papal, cujo mau exemplo, secular e espiritual, convida precisamente à inversão de valores políticos, estratégicos e, sobretudo, ético-religiosos:

> "Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra [trata-se da *Guerra de Urbino*, ou seja, entre cristãos]. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos (…) E embaixadores dos Reis erão conuidados E Requeridos com doçes palauras E promessas pera escreuerem aos Reis fauoreçendo o deseJo do papa. E a mostra disto era querer armar contra os turcos, assi que todalas maneiras de aquirir Riquezas se prouaua. E assi como os de fora viam ser feitas estas cousas mui descubertas, descubertamente as praticauam nas praças."[196]

Os europeus orientais, por sua vez, revelam claras influências culturais dos inimigos de fé, o que pode indiciar uma preocupante coexistência. No entanto, o contacto com os mesmos mostra que, afinal, tal receio não tem fundamento, pois apesar das evidentes promiscuidades a nível dos costumes, em particular na forma de vestir, são, de facto, os europeus de Leste quem combate o turco numa frente comum:

> "Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo. E os mais vestidos de sedas vestense como turcos"[197];

[196] *MFC*, f. 219r e f. 219v.
[197] *MFC*, f. 164r.

> "Respondeolhe el Rei [da Polónia] (…) que dahi em diante, sempre a guerra se mantiuera contra os Jnfiees [os turcos] avendo contra elles muitas vitorias sem outro algum Rei seu anteçessor meter mais a mão nas cousas da JgreJa. E que assi esperaua elle que nosso senhor o aJudaria sempre E aos que despois delle viessem. foi esta Reposta sabida per toda a corte E mui louvada de todos."[198]

Das divisões entre os cristãos ocidentais resultou a trágica queda do império cristão bizantino na fatídica data de 1453 e a transformação de *Hagia Sophia* em mesquita. Um acontecimento verdadeiramente traumático para a Cristandade e de onde resulta boa parte da imagem negativa atribuída então ao turco:

> "as quaes diuisões deram Jsso mesmo causa que em nossos tempos a mui nobre çidade de costantinopla com seu emperador E todo Jmperio de greçia fosse dado em poder de turcos, E o mui exçelente [moesteiro] de santa sofia feito mesquita de mafamede."[199]

Por outro lado, o facto de os venezianos manterem acordos e práticas comerciais com os turcos é indicador de uma certa tolerância para com estes. Ou seja, apesar de ser necessário evocar e promover a guerra constante, pois trata-se do inimigo de fé, de alguma forma é tida como verdade assente a presença turca no sudeste europeu:

> "Da batalha que o viso Rei ouue com venezeanos E das outras cousas que lhe aconteçeram Jndo pera napoles. Partido o viso Rei do duque de milão, foisse por verona que avia estado polos venezeanos em quanto os françeses estiueram em italia. a qual çidade hee grande E pertençe ao emperador E deixou em guarnição della quatro mil Jnfantes espanhoes, os quaes o emperador paguaua. E passando adiante foilhe dito que em huma vila de venezeanos chamada maestra, se fazia naquelles dias huma grande feira. E que erão vindos muitos mercadores venezeanos E doutras çidades de Jtalia com muitas mercadorias prinçipalmente sedas, grãs, perseos, E pelouços, que são panos no cume dos mais finos. E assi mercadores turcos que passam aquelle mar E trazem grande soma de chamalotes E tapetes muito finos E outras mercadorias. E detreminando de a Roubar, ho pos em obra. foi tam grande o despoJo prinçipalmente o das sedas [,] panos E

[198] *Idem, ibidem.*
[199] *MFC*, f. 174r.

chamalotes que nam tinham bestas nem carretas em que se podessem leuar."[200]

A avaliação negativa dos turcos num determinado nível de representação, como a guerra, não comporta, necessariamente, apreciações igualmente negativas noutros níveis, como as trocas comerciais. Ou seja, o turco pode ser penalizado como infiel e em contrapartida louvado enquanto comerciante ou artesão, no quadro das intensas relações comerciais existentes. Por outro lado, os turcos são já vistos no início do século XVI como fazendo parte integrante do continente europeu, o que faz com que a noção de Cristandade como sinónimo de Europa se apresente a partir de agora de forma diferenciada – a parte sudeste do continente europeu já não faz parte da comunidade dos fiéis, ou seja, da Cristandade, mas sim do império otomano em franca expansão[201].

Aceites politicamente como senhores dos Balcãs, da Grécia, de grande parte da Albânia e de toda a Bósnia, os turcos reestruturam a mundividência do homem europeu para consigo próprio. O *Outro* europeu não é apenas sinónimo do *Outro* cristão. Aliás, não é por acaso que o sultão Soleimão I (1494-1566), *o Magnífico*, acrescenta, na década de 1530, aos seus títulos o de Senhor da Europa, à época este título expressa a posse de Bucareste, Belgrado, Budapeste e os territórios europeus interiores daí até aos arredores de Viena[202].

Era, pois, difícil negar aos turcos os seus direitos de ocupação, dada até a tolerância confiante que dispensavam às outras crenças dos territórios absorvidos. Não é, pois, de estranhar que os venezianos optassem pela coexistência. No espírito do mundo europeu (sobretudo do centro e sudeste do continente), os otomanos tornam-se, enfim, apesar das tensões e episódios dramáticos, sobretudo nas zonas de fronteira, parte integrante do horizonte da Europa cristã.

A ideia de cruzada, sobretudo pela voz papal, contra o avanço turco para o interior da Europa renascia de vez em quando, mas as potências cristãs preocupavam-se mais com questões internas e querelas locais contra outros príncipes cristãos. Em 1536 o estabelecimento de uma aliança franco-turca, no âmbito do confronto entre Habsburgo

[200] *MFC*, f. 165r.
[201] Como se verá no tópico seguinte, esta mutação tem uma influência profunda na própria forma como a noção de Cristandade irá a partir desta altura demarcar-se da secular ligação ao conceito de Europa.
[202] Cf. Donald Quataert, *O Império Otomano*. *Das origens ao século XX*, Lisboa, Edições 70, 2008, pp. 13-58; Jean-Michel Salmann, *Géopolitique du XVI^e siècle: 1498-1618*, Paris, Seuil, 2003, pp. 211-285.

e Valois, chocaria a Europa cristã, e seria habilmente utilizada pela propaganda do imperador Carlos V contra Francisco I. Por outro lado, em termos socioeconómicos as ligações apresentavam-se como irreversíveis: muitos cristãos partiam para Constantinopla em busca de carreira e ascensão profissional, até porque o sultão não tinha qualquer reserva, pelo contrário, em utilizar as técnicas e tecnologias do Ocidente. Por tudo isto, não é de estranhar que as *MFC* veiculem uma espécie de dupla visão sobre o turco enquanto *Outro* estranho da Europa. O turco era o infiel, mas também um habitante permanente do Velho Continente, e cujo processo de expansão para Ocidente havia de constituir, em tempos de Soleimão, uma preocupantíssima ameaça.

O turco é, no discurso do fidalgo, um objecto de valores que o qualificam sem que possa agir de forma efectiva sobre essa qualificação, pois ela surge logo *a priori*. Assim, as referências do autor colocam em evidência que ser olhado é estar sujeito às apreciações do *Outro*. É sentir-se como objecto desconhecido de apreciações várias, em particular as apreciações de valor. Na verdade, no processo de construção da visão do *Outro* turco, a comparação com o europeu cristão impõe-se necessariamente como referente cultural, o que revela a inevitabilidade do choque civilizacional mas também a capacidade do autor para apresentar alguma tolerância para com esse *Outro*, resultante, como dissemos, da própria falência do espírito de união dos cristãos.

Neste ponto, é fundamental distinguir entre a percepção do *Outro* e o conhecimento do *Outro*. O primeiro processo é imediato, o segundo marcadamente reflexivo, pois envolve a plena compreensão do *Outro* autêntico, como alteridade, diferença, algo que, apesar de tudo, o fidalgo não mostra conseguir fazer. Assim, o autor situa-se tendencialmente na primeira categoria de avaliação, devido até ao próprio rumo da presença do seu reino de origem no mundo.

De reter é que as *MFC* reflectem em cada evocação do turco, por um lado, o poderio e a expansão otomana, e, por outro lado, a decorrente preocupação, embora sem prossecução prática, dos cristãos. A ameaça turca é, pois, algo bem presente no testemunho do fidalgo de Chaves. O fidalgo revela ter a perfeita noção da enorme capacidade expansionista do multicontinental império turco, constituído desde o século XIV e estendendo-se por três continentes: a Ásia, de onde eram originários, a Europa e a África, até pela própria falta de uma oposição realmente capaz – à beira da irreversível cisão religiosa, a Cristandade encontra-se dividida pela disputa que tem lugar em solo

italiano da hegemonia política entre as duas mais poderosas monarquias da Europa ocidental, a Espanha e a França[203].

Pela leitura das marcas de alteridade presentes nas *MFC* em relação ao turco, torna-se claro que a autoconsciência do europeu cristão (no presente contexto tomado no seu todo), da sua diferença e autonomia, das suas características particulares e singulares nasce em parte da sua comparação com o *Outro* europeu otomano. Esta é uma via privilegiada para a autodefinição de cada um em termos daquilo que é ou não é. Um exemplo prático desta relação dialéctica entre o europeu cristão e o *Outro* europeu turco reside no facto de a proximidade física dos otomanos para com os estados cristãos da Europa central e oriental afectar a própria evolução destes últimos. Mais ainda, a já referida localização geopolítica do império, na intersecção do continente asiático, europeu e africano, determina uma inequívoca influência na formação do seu imaginário popular. Isto é, esta proximidade geográfica acaba por ter um profundo efeito na formação da identidade tanto dos otomanos como dos europeus cristãos, bem como no nascimento do complexo processo de atracção e afastamento entre ambos[204].

É isso que podemos detectar nas *MFC*: para os europeus cristãos, os otomanos foram um meio fundamental de autodefinição, quer a nível cultural quer em termos da identidade europeia enquanto tal – o *Nós* cristão define-se a si mesmo, em parte, caracterizando-se segundo aquilo que não é: o turco, inclusive no que este tinha de positivo[205]. Afinal, é possível sabermos quem somos mediante a caracterização de quem e daquilo que não somos. O europeu cristão define-se, pois, pelo *Outro* europeu otomano[206].

Um derradeiro apontamento para o infiel norte-africano que nas *MFC* é claramente visto como associado à guerra de cruzada protagonizada pelos portugueses. Ou seja, funciona como o *Outro* inimigo de fé, cujo território pertence por direito de conquista aos cristãos ibéricos:

> "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima

[203] Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III*, Lisboa, Temas e Debates, 2008, pp. 106-108.
[204] Cf. Alex Mucchielli, *L'Identité*, Paris, Presses Universitaires de France, 2009; Joël Candau, *Memoria e Identidad*, Buenos Aires, Del Sol, 2001 .
[205] Momentos houve em que os otomanos serviram como modelo de qualidades que os europeus cristãos não tinham e desejavam ter, sobretudo em termos de líderes e de governos eficientes.
[206] Cf. Dimitri Kitsikis, *O Império Otomano*, Porto, Rés Editora, 1996.

senhoria [D. Jaime] tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria. ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pero o qual trouxe todos os Reis de portugual, E os feitos de cada hum contra os Jnfiees. ca mui bem ho tinha sabido. E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[rra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antigua çidade."[207];

Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade dazamor. Muito amado em christo filho nosso. saude E apostolica benção [.] muitas vezes temos dado graças a deus todo poderoso, E como se deue esperar aJnda lhas daremos no por vir por que hee sua santa fee por elle soo limpamente honrrada com tantos danos do mui cruel mafoma despedaçada E Reçebidas tantas JnJurias firme e saudavel defensão quis poer na virtude de tua magestade E grandeza de teu animo per meo da qual nom soomente em que maneira desviemos os periguos, mas aJnda como daqui avante os Jmiguos de christo noos os espantemos nos hee dado poder. E posto que atee qui de teus feitos sempre nam podessemos deixar de nos maravilhar sendo Jlustres per amiudadas vitorias, Regiões Jnfindas E nobreza de Jente vençidas, vendo que per toda aquella habitação da Redondeza da terra que contra o oriente E meo dia se estende, todas aquellas regiões per espaços quasi sem medida, todos os mares, portos, Jlhas, prayas, de pendões de christo nosso deus per lembranças sem conto. E polla diligençia de teus cavaleiros E capitães estem cheas E per tua virtude nelle deuam crer. contudo tua deRadeira carta escrito no deRadeiro dia de setembro que aguora passou, polla Jmmizade daquellas nações, convem a saber dos de fez E de Marrocos (…)."[208]

Os cristãos-novos e os judeus

A visão dos cristãos-novos e dos judeus veiculada pelas *MFC* surge estreitamente associada ao juízo negativo do autor sobre os florentinos. Assim, estes são

[207] *MFC*, f. 173v.
[208] *MFC*, f. 174v e f. 175r.

evocados no quadro da satisfação de uma urgente necessidade político-económica do papa Leão X. No entanto, por breve e singela que seja esta referência e correspondente avaliação, ela contém um dado revelador: o cristão-novo e o judeu propriamente dito, na linha de uma longa tradição de avaliação do homem de origem hebraica, surge nas *MFC* como o *Outro* sem nação definida (leia-se território geográfico), em constante diáspora (porque perseguidos) pelo mundo conhecido e cuja actividade envolve na maioria das vezes o mundo das finanças, seja através do comércio ou do empréstimo fiduciário:

> "Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra. Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. E que poderia aver delles grande soma de dinheiro, os quaes são Ricos em demasia, prinçipalmente os que fugiram de castella que compraram E alcançaram muitos ofiçios apostolicos, E benefiçios em grande cantidade. çertamente muitas vezes ouvi dizer que tinha gibraleom mais de sessenta JgreJas curadas humas aneJas As outras, sendo sua estatua queimada em castela. E tinha muitos ofiçios apostolicos. muitos destes avia em grande maneira Ricos de ofiçios E benefiçios. quando elles viram a Jnquisição sobre si, a partido de dinheiro, E sendo terçeiro antre elles o cardeal daraguão, afirmauasse que lhe fizeram por seu trabalho çincoenta mil cruzados nas mãos. E o papa ouve mui grande soma de dinheiro. tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello."[209]

Estamos, pois, perante uma visão não positiva, que aponta para uma desconfiança intrínseca, de carácter sobretudo económico e cultural, ou seja civilizacional, do que propriamente religioso, como, aliás, de forma expressiva a última sentença – que evoca já o próprio elemento antropológico no sentido xenófobo – evidencia: "tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello."[210]

O *Outro* exótico e distante

O fidalgo dá ainda registo no seu texto, ainda que de forma muito breve, de apreciações feitas pelo europeu acerca do *Outro* oriundo dos longínquos e exóticos

[209] *MFC*, f. 219r.
[210] *MFC*, f. 219r.

territórios recentemente descobertos. Trata-se, portanto, já não do extra-europeu próximo, mas sim do habitante das longínquias paragens ultramarinas – os limites do mundo – que de forma tão rica e fantasiosa preencheu durante séculos o imaginário do homem medievo.

Tais referências surgem no quadro da embaixada portuguesa liderada por Tristão da Cunha e indiciam uma novidade etnográfica e antropológica estruturante a nível civilizacional:

> "vinhão as trombetas E charamelas que preçediam as do papa, vestidos de grãa vermelha E carapuças de veludo negro. E o Jndio com a onça nas ancas do caualo vestido de seda."[211];

> "vinha mais o alifante com albardilha de borcado sobre o qual hia hum cofre grande de çetim cremesim com lauores de crauação dourada no qual vinha metido o pontifical E ornamentos. E o dito cofre vinha cuberto de hum Reposteiro de borcado bandado de quartapisas de veludo cremesim que aRastraua pollo chão. E o alifante trazia as armas del Rei Ricamente brosladas na testa. ao pescoço huma grande campainha de prata. E o Jndio que ho guovernaua vestido de seda com hum bastão na mão guarneçido de prata."[212];

> "Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador. Mui sacratissimo E Jnuençiuel çesar. nam haa muitos dias que são vindos nesta çidade de Roma embaixadores do mui serenissimo Rei de portugual, com carreguo segundo custume de fazer obediençia ao nosso mui sancto padre leon. a entrada foi fermosa pera ver. erão tres embaixadores (…) os quaes traziam companhia mui Rica E prospera. primeiramente vinhão diante seis trombetas E despois hum Jndio negro sobre hum fermoso caualo ornado de huma sella da Jndia, o qual trazia atras si sobre as ancas do cauallo hua besta semelhauel ao lião pardo, mas de corpo mais graçioso E de muitas E desvairadas cores. a este seguia um alifante bem ornamentado o qual trazia em çima de si hum cofre com alguns preçiosos dões que o muito serenissimo E muito christianissimo prinçepe enviaua aos muito santos padres são pero E são paulo, E nomeadamente ao nosso santo padre papa. o cofre era cuberto de hum pano teçido douro com as armas Reaes que nam tam soomente cobriam ho cofre mas toda a grão besta E grandura do alifante. E ençima hum outro Jndio vestido de huma Roupa de ouro E seda, A palaura do qual a dita besta obedeçia."[213]

Para além de conduzirem os assombrosos animais que a todos pasmam de espanto na capital da Cristandade, estes *índios* são outros tantos elementos exóticos que

[211] *MFC*, f. 178v.
[212] *MFC*, f. 178v e f. 179r.
[213] *MFC*, f. 179v e f. 180r.

reflectem o poderio português além-mar e dão colorido e fausto à embaixada lusa. São eles, enfim, que trazem para a vida europeia o deslumbramento das realidades extra-europeias proporcionadas pelos descobrimentos marítimos portugueses. Ou seja, o exotismo não se limita ao elemento animal materializado no elefante, na onça e demais animais presentes no desfile; estende-se igualmente ao precioso elemento humano, seja na figura do *mahout*[214] indiano que conduz o elefante, seja pelo "Jndio negro sobre hum fermoso caualo ornado de huma sella da Jndia, o qual trazia atras si sobre as ancas do cauallo hua besta semelhauel ao lião pardo, mas de corpo mais graçioso E de muitas E desvairadas cores", seja ainda através dos escudeiros negros que integram a embaixada.

Estes últimos merecem uma atenção especial, na medida em que evocam um apontamento crucial no que respeita à avaliação do *Outro* proveniente das regiões recém-descobertas para a Cristandade no quadro da embaixada portuguesa enviada a Roma. Trata-se da afirmação do *cardeal daraguão* proferida acerca da cor da sua tez:

> "E ao tempo que os da embaixada hião beiJar o pee ao papa, por que muitos daquelles escudeiros erão negros E crespos E outros trosquiados E nam assi aluos como são os Jtalianos [,] o cardeal daraguão se cheguou ao de sena E a outros E disselhes, pareçeme que nam acostumam estes estar A sombra, E por que fazem os feitos que se delles diz, trazem estas cores. os outros se Riam. comtudo louuauamnos por ser Jente que tantas maravilhas faziam pollo mundo. E assi ho acustumauam dizer em suas mesas E banquetes."[215]

É que para além de, num primeiro nível de análise, exprimir o espanto pelo exótico, ou seja, pelo transcontinental, esta referência à cor do *Outro* observado, ainda que não absolutamente pejorativa na sua essência, é irónica e preconceituosa. Tal circunstância, aliada ao facto de ser proferida por um clérigo, revela, ainda que de forma ligeira, como a cúria não está preparada para lidar de forma completamente transparente e isenta com o *Outro* civilizacional – não o *Outro* europeu, onde, de uma forma ou de outra, existe sempre algum ponto de contacto por muito remoto que seja; mas antes o *Outro* realmente estranho e diferente.

Noutra vertente, esta afirmação estabelece uma clara distinção física entre esse *Outro* proveniente do muito distante e o europeu próximo (o cristão), neste caso específico assumido pela figura do italiano: "muitos daquelles escudeiros erão negros E crespos E outros trosquiados E nam assi aluos como são os Jtalianos". De registar que

[214] Tratador.
[215] *MFC*, f. 179r e f. 179v.

nestes casos, num primeiro contacto, as marcas distintivas da alteridade são o vestuário, para os *índios*, e as características físicas, em particular a cor da pele, para os *escudeiros negros*. Se a cor da pele surge pela primeira vez no exercício da apreensão antitética, já o mesmo não se passa com o vestuário, que ocupa ao longo de todo o texto um lugar de destaque na economia da avaliação do *Outro*.

Concluindo, as avaliações e as visões contidas nas *MFC* acerca quer do *Outro* europeu, quer do *Outro* não europeu, são quase sempre efectuadas tendo por base o método comparativo, cujo fundamento é o código de valores referencial do fidalgo de Chaves, ou seja, o vigente, no seu reino de origem. A partir daqui ele avalia o *Outro* (pela sua própria voz ou pela voz de um segundo *Outro* europeu, que funciona assim como antitético do primeiro: alemães/espanhóis, franceses/alemães, franceses/turcos, entre outros planos dicotómicos) ou apresenta a avaliação que, na sua perspectiva, esse *Outro* opera de si, sempre com base no seu próprio código referencial de avaliação.

Em síntese, pelo seu conteúdo, mas também pelo contexto em que foram produzidas, as *MFC* constituem um testemunho privilegiado, por um lado, da forma como os portugueses olhavam o *Outro* europeu e, por outro lado, da forma como se olhavam a si próprios por reacção a esse mesmo *Outro* europeu, no início do século XVI. Por outras palavras, a coexistência do *Eu* com o *Outro* constitui a pedra-de-toque e o elemento fundador, quase arquétipo, das *MFC* em termos de avaliação antropológica e etnográfica. É caso para evocar Nietzsche na sua impressiva afirmação de que, "O *Tu* é mais antigo do que o *Eu* (…): é por isso que o homem se afadiga ao redor do próximo"[216].

Sempre perspicaz, e não raras vezes irónico e satírico, o fidalgo de Chaves fornece retratos ora colectivos, como o dos alemães, dos espanhóis ou dos italianos, ora individuais, como o do comandante francês em Ravena, Gaston de Foix, do tirano de Siena, Pandolfo Petrucci, do vice-rei de Nápoles, don Ramón de Cardona, ou dos próprios pontífices, Júlio II e Leão X, entre muitos outros casos. De reter é que em caso algum estamos perante retratos frios. Ao contrário, são sempre representações ricas do ponto de vista do sentimento, da emoção e do elemento humano, inequivocamente aquele que mais entusiasma o autor da narrativa.

[216] Friedrich Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, Lisboa, Guimarães Editores, 2007, p. 37.

Nas *MFC* cruzam-se olhares e estabelecem-se contactos, sobretudo com o *Outro* europeu (por tudo o que ficou dito, incluímos nesta categoria o turco). O resultado pela pena do fidalgo é um relato muito visual e impressivo. Pelos seus fólios perpassam imagens mentais e julgamentos diversos sobre a passagem de outros países europeus através dos filtros culturais, políticos e sociais do autor. Este emotivo confronto sem dúvida que oferece ao destinatário do texto informações valiosas sobre esse *Outro*, ao mesmo tempo que lhe facilita a compreensão das identidades europeias no dealbar de Quinhentos.

E tudo tendo a eterna Roma como pano de fundo. A cidade europeia por excelência do encontro entre povos e viveres culturais diversos. Espaço privilegiado, pois, para o fidalgo tentar analisar o modo de pensar, de agir e de se apresentar do *Outro* europeu. Se o Atlântico é a grande via para o encontro com povos dos espaços ignotos recém-descobertos, Roma – na qualidade de ordenadora do continente que encabeça enquanto sua grande capital religiosa – é a grande via que possibilita o mesmo encontro com outros povos europeus e também não europeus, como as embaixadas portuguesa e maronita comprovam. No seu seio, a Europa pode instruir-se sobre si própria e conhecer os usos e costumes dos diversos europeus que a compõem. A diversidade própria do homem europeu circula a cada momento pelas suas ruidosas ruas e praças.

2. Identidades da Europa: continuidades, confrontos e rupturas

> "Porquê falar da Europa? Porquê escrever sobre ela? Recordo as palavras de Jacques Delors num prefácio à obra *L' Europe Unie* (…): 'Para que a Europa se reencontre tal como ela nos estimula para construir o seu futuro, é preciso, antes de mais, reencontrar a sua memória'. Mosaico rico, complexo, multifacetado, o tema é campo vasto de reflexões e debates, suscita inúmeras interrogações como estimula respostas diversas."[217]
>
> Maria Manuela Tavares Ribeiro

[217] Maria Manuela Tavares Ribeiro (ed.), *Olhares Sobre a Europa: Actas do Seminário Internacional*, Coimbra, Quarteto Editora, 2002, p. 12.

Como assinala John Hale, no início do século XVI a Europa é ainda sinónimo de Cristandade[218]. Isto é inegável e está patente nas *MFC*. Mas, tendo em conta tudo o que dissemos no início deste capítulo, o texto do fidalgo de Chaves, ao veicular indícios importantes de uma mudança em curso, opera uma mutação que aponta já para a modernidade inclusive em termos do conceito de *Europa*. O melhor exemplo deste facto surge no âmbito das celebrações em Roma pela conquista de Azamor pelos portugueses e relaciona-se com uma clara referência à urgente necessidade de os príncipes cristãos cessarem as hostilidades entre si:

> "fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros."[219]

Este apelo ao fim dos confrontos entre governantes cristãos visa não apenas a constituição da tão esperada frente unida contra o turco otomano, mas também a constituição de uma paz sólida na Europa ocidental, um processo que já vem detrás e que constitui um claro indício pelo rumo que toma de que o conceito de Europa como Cristandade começa a dar, ainda que muito lentamente e apenas com indícios esparsos, lugar à noção de Europa como entidade *per se*, onde a religião cristã constitui inequivocamente o credo vigente e o elo de ligação espiritual entre as nações. Ou seja, a ligação secular e de poder passa a emergir como consequência da prática político-diplomática e já não sob a orientação exclusiva do papado. A prova de tal processo reside no facto de, no Tratado de Londres celebrado em 1518, o papa Leão X aceitar já a hipótese de se apresentar como parceiro e não como líder[220].

O processo remonta a Abril de 1454 e ao modelo pioneiro fornecido pela paz de Lodi, o qual na qualidade de tratado multinacional pretendia sobretudo constituir uma

---

[218] Cf. John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 2000, pp. 23-178.
[219] *MFC*, f. 174v.
[220] Cf. Edward McNall Burns, *História da Civilização Ocidental*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, pp. 91-195; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, Barcelona, Labor, 1969; John Rigby Hale, *op. cit.*.

base realmente sólida para a redução dos conflitos, ou seja, pretendia-se não apenas a solucionar as guerras mas sobretudo manter a paz. A sua primeira forma era incipiente, na medida em que envolvia apenas os governos em guerra de Milão, Florença e Veneza. Todavia, a sua fórmula seguinte, já no quadro do Tratado de Veneza e ainda no mesmo ano, visa um acordo mais abrangente e sólido do ponto de vista político-militar, pois o seu enquadramento abrangia toda a Itália num objectivo único: evitar a guerra entre os Estados italianos e unir-se contra a intervenção externa. Com a adesão de Nápoles, este acordo estendeu-se a Sul e fez com que outros Estados italianos independentes mas menores assinassem a coligação. A anuência papal permitiu que o acordo final fosse designado por *A Santíssima Liga.* O resultado foi que, em Janeiro de 1455, a Itália ganhava uma organização de manutenção da paz absolutamente única e inédita na História da Europa, e que iria conseguir funcionar durante quase 50 anos. Os membros envolvidos no Tratado comprometiam-se durante 25 anos a respeitar as fronteiras mútuas, a consultar os aliados antes de tomar qualquer iniciativa militar ou diplomática que pudesse ameaçar o interesse comum, e a manter uma força que se juntasse às dos outros membros para utilização contra qualquer força que quebrasse as condições do acordo[221]. Caberá às invasões estrangeiras iniciadas em 1494 e que deram início às *Guerras de Itália* revelar a fraqueza que à época este acordo já revelava, sobretudo perante uma nova realidade militar e estratégica: a guerra envolvia agora outro tipo de armas e organização; e as forças envolvidas eram potências internacionais e não apenas italianas.

Mas a iniciativa política e diplomática em si teve muito mérito, pelo que foi claramente adaptada a um novo projecto, em 1462, apresentado ao rei francês Luís XI por Antonio Marini, um banqueiro-mercador de origem italiana, e pelo rei da Boémia, Jorge de Podiebrad (1420-1471). No entanto, agora o principal objectivo é fazer frente ao Turco mediante o estabelecimento de um mecanismo que realmente funcione no sentido de assegurar a paz interna, a qual, por sua vez, permitirá criar as condições necessárias para a luta conjunta contra os otomanos. O processo em termos de objectivos é, pois, inverso ao de Lodi.

Segundo John Hale, o propósito final deste projecto era o seu alargamento a toda a Europa, comprometendo-se as potências envolvidas a não guerrear entre si e a manter

[221] Cf. John Rigby Hale, *A Europa Durante o Renascimento: 1480-1520*, Lisboa, Editorial Presença, 1983.

uma força de segurança comum, bem como contribuir para um exército de cruzada. E dado que o acordo era muito mais amplo que o de Lodi envolvia, por um lado, a criação de um tribunal de direito civil com o objectivo de resolver as disputas entre os membros, e, por outro lado, uma assembleia geral de representantes nacionais que se reuniria regularmente. Naturalmente, tudo isto implicava o estabelecimento de uma máquina burocrática que garantisse o eficaz funcionamento da instituição internacional[222].

Não se trata, pois, já de um órgão com o objectivo primeiro de fazer recuar os turcos, mas antes de um mecanismo que visava o controlo permanente das divisões europeias, revestindo-se por isso de um cariz que ultrapassa em muito a noção de Cristandade. Todavia, a própria dimensão do projecto aliada às limitações nas comunicações da época inviabilizaram a materialização do mesmo. Depois, a desconfiança que pairava entre algumas das principais potências envolvidas reduziu quaisquer hipóteses de entendimento.

A ideia contudo não desapareceu por completo e, tal como aconteceu com a paz de Lodi, os seus traços definidores voltaram a surgir, desta feita dando corpo ao tratado de Londres de 1518, cuja intenção primeira era acabar com os fracassos político-diplomáticos que tinham caracterizado a vida política europeia (central e ocidental) desde o início das *Guerras de Itália*, em 1494, e consequentemente estabelecer uma genuína concórdia entre os príncipes cristãos. O seu mentor foi o cardeal Thomas Wolsey (1471-1530)[223] e o objectivo era menos o da Cristandade-Cruzada, como acontecia no projecto anterior, do que a fundação de uma organização permanente que garantisse a segurança política colectiva das potências europeias. A negociação da paz visava, sobretudo a segurança e a prosperidade interna e não tanto o combate de índole religiosa. Neste ponto crucial ia contra o projecto avançado e sem efeito pelo papa Leão X no ano anterior, de uma cruzada pan-europeia imbuída de espírito marcial com vista à aniquilação da ameaça turca.

Com efeito, apesar de liderado por um clérigo, o foco deste novo acordo era essencialmente secular e, portanto, político. Assim, ainda que estimulado pela iniciativa papal de 1517, as fundações ideológicas que orientavam o projecto eram outras: pretendia-se solucionar no tempo longo os problemas internos da Europa e não

[222] Cf. Idem, *A Civilização Europeia no Renascimento*, op. cit, pp. 23-178.
[223] Foi *Lord Chanceler* de Inglaterra sob o reinado de Henrique VIII.

transformar esta de forma imediata num corpo marcial uno, isto é, o propósito fundamental era reduzir a tónica na missão cristã da Europa[224].

O facto de este tratado surgir a partir das cinzas do impulsionado pelo papa Leão X, que simplesmente não vingou, deve-se sobretudo ao facto de os motivos avançados pelos pontífices de Roma serem quase sempre vistos com suspeita dada a sua enérgica intervenção nas próprias guerras que visam acabar. O fidalgo dá disto conta de forma bastante esclarecedora:

> "Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita [Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade dazamor] mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio. em estado Renda E autoridade. E ser priuados dos capelos Rendas E dinidades E com muita desonrraençerrados no castelo de santangelo cada hum apartado per si em asperas prisões. E despois esbulhados de todos seus tesouros. E em fim foram mortos per secretas maneiras. as quaes cousas contarei em breue E o mais decraradamente que poder."[225]

Ou seja, por muito que os papas apelassem à união contra o inimigo comum, as suas iniciativas esbarravam logo à partida contra a noção instalada de que na realidade os pontífices de Roma, pelo menos desde Sisto IV, agiam sempre em interesse próprio. Um interesse político e puramente secular com vista ao acrescento do seu pequeno Estado. Qualquer evocação de missão espiritual por parte do vértice da Igreja católica não era, pelo menos em termos reais, ou seja, fora das fórmulas diplomáticas da

[224] Cf. Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, Barcelona, Editorial Crítica, 1985; André Corvisier, *História Universal – O Mundo Moderno*, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977, pp. 27-114; Edward McNall Burns, *História da Civilização Ocidental*, vol. II, *op. cit*., pp. 91-195; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit.; João Ameal, *História da Europa (1495-1700) - De Vasco da Gama à Paz de Ryswick*, vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1983, pp. 11-125; Ruggiero Romano y Alberto Tenenti, *Los fundamentos del mundo moderno. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*, Historia Universal Siglo XXI, vol. XII, Madrid, Ediciones Castilla, 1971; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, Lisboa, Dom Quixote, 1991.
[225] *MFC*, f. 175r.

documentação oficial, levada em conta pelas potências seculares europeias. Até porque, num profundo sinal dos tempos, denota-se um espírito tácito entre as potências europeias de que a intervenção do papado em qualquer acordo a estabelecer será sempre na qualidade de parceiro ao invés de líder ou árbitro. É precisamente essa uma das principais razões que inviabiliza o projecto de Leão X que assumia logo à partida que todas as potências tinham de concordar em aceitar a arbitragem papal em qualquer antagonismo mútuo que pudesse conduzir à guerra.

Como se afirmou no início deste tópico, neste período, regista-se um descentramento da noção de Cristandade em relação ao conceito de Europa que passa pela crescente, mas lenta, perda de validade da intenção de apresentar a cruzada – leia-se a missão cristã – como uma preocupação de toda a Europa, à excepção da Moscóvia, que nesta altura ainda se constitui como um caso à parte, e da região Sudeste em posse dos otomanos. Daí, aliás, o sucesso do Tratado de Londres ao nível muito específico mas tremendamente expressivo do papa ter aceitado a sua posição de parceiro.

Por outras palavras, o espírito de Cruzada ainda se mantém vivo e até pujante – veja-se a disputa, que contribui também de forma decisiva para a consecutiva inviabilização do projecto, entre os líderes das potências participantes para comandar a expedição militar e da qual D. Manuel é um notável protagonista[226]. Contudo, no momento concreto de se materializar esfuma-se devido precisamente às dificuldades internas de entendimento entre os seus participantes, em particular o papa que desacreditado pela intervenção pessoal nas guerras entre cristãos que têm então lugar em solo itálico não consegue fazer prevalecer a sua vontade – que, como o fidalgo insiste em mostrar, é não raras vezes em si própria duvidosa:

> " Os nunçios erão Ja partidos. E por que a prinçipal saude do papa era em el rei de castela, polla ligua que tinhão feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. (…) Jnçitados [os os cardeaes çismaticos] segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra

[226] "Este texto (…) confirma-nos que a ideia da Grande Cruzada não era uma teimosia excêntrica do monarca português, pois muitos outros príncipes europeus alimentavam o mesmo sonho. No entanto, todos estes planos acabaram por se gorar, pois as divisões no seio da cristandade, que estava de facto prestes a cindir-se por via da reforma protestante, impediram sempre o concerto entre os seus principais dirigentes." *in* João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Temas e Debates, 2007, p. 259. Veja-se nesta mesma obra para um maior aprofundamento do tema em questão relativamente ao rei português as páginas 255 a 261.

> elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violençia. (…) dada em Roma em sam pedro sub annulo piscatoris. vltimo de Junho mil E b^{c} E onze [,] ano octauo de nosso pontificado."[227]

O facto de até o Tratado de Londres não ter um desenvolvimento satisfatório é prova deste estado de coisas. A Europa ainda era demasiado vasta e tensa entre si, pelo que no espaço de dois anos o estado de guerra regressou. No entanto, insistimos, este acordo constitui mais um importante sinal de que era real a viragem da noção de Cristandade para a de Europa.

Em síntese, a identidade da Europa no início do século XVI era ainda sobretudo simbólico-religiosa, pois confundia-se com a noção de *Cristandade*. Os europeus eram ainda *os cristãos* (o *Nós*) *versus* os *Outros* (o *Eles*, os infiéis); uma dicotomia que continuava a constituir a pedra-de-toque da mundividência do europeu ocidental e central. Inclusive quando se olha a si próprio – como demonstra o texto do fidalgo na descrição que faz dos povos europeus orientais que lutam contra o inimigo comum, o turco, mas que se apresentam trajados precisamente à turca, revelando afinal uma

[227] *MFC*, f. 146v a f. 148r.

interacção cultural com o *Outro* que combatem –, o homem europeu mantém um pensamento dicotómico e plural. Daí que ao falarmos de identidade da Europa nos alvores de Quinhentos sejamos ainda forçados a falar de *identidades*, o diverso como essência do uno no qual se espelha todo um horizonte de continuidades, confrontos e também de rupturas.

No entanto, como já demonstrámos, começam a surgir indícios de uma viragem da noção de Cristandade para a de Europa. Uma viragem direccionada mais para a predominância do segundo conceito sobre o primeiro, quando até aqui era o contrário (de forma absoluta) que se verificava.

Para a transmutação de tal mundividência em muito contribuíram alguns factores preeminentes que são evocados no relato do fidalgo ora de forma directa, como os Descobrimentos, o império otomano[228] e a visão do *Outro* europeu, ora de forma indirecta, como a Reforma (que surge antevista na evocação sucessiva da decadência curial e do pontificado) e a secularização crescente da Europa ocidental, que faz com que se comece a instalar a ideia de que os europeus partilham algo mais que a religião cristã e suas variantes após a segunda década de Quinhentos.

Outro factor decisivo, não evocado pelo fidalgo, que demonstra que as palavras *Europa* e *europeus* estão a tornar-se parte da linguagem do dia-a-dia nestes anos de viragem, reside na cartografia, em grande expansão por esta altura devido ao alargamento geral do conhecimento do mundo. É ela que permite ao continente europeu ganhar referências geográficas precisas e objectivas, mediante a fixação iconográfica da sua identidade física, e é ela também que possibilita divulgar e consolidar a ideia de que aqueles que vivem na Europa são *os europeus*[229].

Inclusivamente, o contínuo registar cartográfico pelas nações europeias no sentido de tentar fixar as suas fronteiras nacionais em permanente reajuste, bem como as novas descobertas e conquistas territoriais nos espaços anteriormente incógnitos, fazem com que a Europa se descubra e defina a si própria. Dito de outro modo, é mediante o

[228] O impacto da presença turca em solo europeu contribuiu em muito para este desenvolvimento da ideia cada vez mais concreta de Europa e não tanto de Cristandade. Afinal, de alguma forma, o conceito associado a esta última envolvia nos séculos anteriores os cristãos bizantinos da Anatólia e os cristãos coptas do Norte de África; isto para já não falar da mítica entidade do Preste João das Índias, que na realidade correspondia ao soberano da Etiópia.

[229] Cf. Euan Cameron (coord.), *O século XVI*, Porto, Fio da Palavra Editores, 2009; Jean Carpentier e François Lebrun, *História da Europa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2002; Henri Lapeyre, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, op. cit.; John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, op. cit., pp. 23-142.

contacto visível com os restantes continentes, que os europeus se apercebem da existência ontológica do seu próprio continente de origem.

Neste ponto é incontornável referir a importância da corografia – da qual, em certa medida, fazem parte as *MFC*. Com efeito, o despoletar da corografia enquanto descrição por palavras da topografia, das antiguidades, dos costumes e da história mais recente das diversas regiões que compunham a Europa, garantiu solidez e profundidade intelectual ao processo iniciado com a propagação e até vulgarização da cartografia. Por outro lado, o aumento exponencial das viagens dentro da própria Europa – em particular devido à explosão quer do comércio, quer da actividade diplomática – permitiu uma aprendizagem sobre o *Outro* europeu, bem como uma compreensão mútua que serviu, afinal, de atenuante aos conflitos constantes que marcavam então a vida europeia.

Tudo junto contribui, a partir dos primórdios quinhentistas[230], para o surgir de um multifacetado espírito comum, que a pouco e pouco se instala. Um espírito que faz em parte ultrapassar as contradições e tensões internas, e que aponta para a mundividência da *Europa* como um todo diverso[231], que nem mesmo o recuo do latim como língua comum da Cristandade (talvez precisamente por ser a língua internacional da Europa dos católicos e não tanto da Europa dos cristãos europeus), em prol da massiva expansão das línguas vernáculas, faz retroceder. O que não significa, de todo, o fim das tensões e conflitos.

O resultado mais expressivo será o de que um europeu coevo, apesar dos preconceitos de carácter nacional e regional[232], simplesmente intuía quando estava a circular dentro da Europa e quando saía das suas fronteiras. Havia como que um traço cultural comum e transversal aos povos europeus, inclusive tratando-se do Oriente do velho continente:

---

[230] Não é por acaso que o primeiro mapa da Europa (a *Carta iteneraria Europa*), independente das tradições existentes, ou seja, a ptolemaica e a de Jerusalém, tenha sido elaborado em 1511 pela mão do humanista e cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (c. 1475-1522). Já em 1507, Martin Waldseemüller tinha criado o primeiro mapa em que figura o nome "América", para designar o até então denominado *Novo Mundo*. Ainda no mesmo ano publica o mapa-mundi intitulado *Universalis cosmographia secundum Ptholomaei traditionem et Americi Vespucii aliorumque lustrationes.* Cf. John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, op. cit., pp. 23-142.

[231] Instalar-se-á progressivamente no quadro mental dos europeus a noção alargada de que a Europa divide-se à época em Ocidente-Oriente (cristãos-turcos) e Norte-Sul (protestantes-católicos). Uma noção distante, pois, da que vigorava anteriormente através da figura bem mais global da *Cristandade*.

[232] Os próprios países que compunham a Europa eram na essência aglomerados de identidades regionais e locais, pois o sentimento de nacionalidade evoluiu muito lentamente. *Vide* o segundo ponto (*O novo modelo do príncipe ou os primórdios do Estado moderno*) da Parte III (*Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder*) do presente estudo.

> "mas tenho grande Reçeo que os alemães, françeses, Jngreses, vnguaros, E os das outras nações, vendo que poemos a matar os espanhoes, temendo que outro dia faremos o mesmo a cada nação delles, se aJuntarão com os espanhoes. E Juntos façam a noos o que noos a elles queremos fazer. E quando Jsto assi nam aconteçesse, E de todo nosso proposito fosse comprido nam creo que os Reis E prinçepes christãos çerrassem a Jsto as orelhas, antes pondo diante sy tal crueldade se congreguarão E com grandes exçerçitos entrarão em Roma"[233].

Noutra perspectiva, as *MFC* veiculam a ideia geral de que no espírito dos europeus ganhava forma a imagem cada vez mais concreta da tentativa de hegemonia sobre a parte ocidental do continente (sendo que, à época, esta é naturalmente uma noção geográfica difusa na mente do homem comum) por parte das duas potências em ascensão: a Espanha ou a França. Com efeito, sob um cenário de guerras quase permanentes a terem lugar principalmente em Itália, a Europa assiste à luta encarniçada entre estes dois reinos e os seus aliados (que estão sempre a mudar ao sabor das alianças e contra-alianças), com a agravante de que uma das facções envolvidas neste processo secular é o próprio papado.

A falência da supremacia das duas grandes instituições internacionais da Idade Média, o papado e o império, bem como das suas ambições em conduzir o destino de todos os cristãos no quadro mais geral da Cristandade, apenas faz transparecer ainda mais a presença e a partilha deste sentimento.

Roma, aparentemente de forma paradoxal, constitui ela própria a sede da transposição da noção de Cristandade para a de Europa. De facto, aqui, por múltiplos processos dos quais as embaixadas e as iniciativas diplomáticas são apenas um exemplo, fazem-se abalar as antigas fronteiras geográficas da Europa e de várias partes do mundo. O antigo orbe cai por terra nas suas ancestrais e muito limitadas fronteiras para dar lugar a um espaço infinito por descobrir e conquistar.

A descrição do fidalgo de Chaves no que se refere às embaixadas que se dirigem a Roma transmite precisamente essa noção de que a mundividência do homem medieval, quer em relação ao orbe tomado no seu todo quer muito particularmente no que respeita ao continente europeu, estava em boa parte ultrapassada. Aquilo que tinha sido a primordial realidade dava agora lugar a uma visão diferente no conteúdo e na forma.

[233] *MFC*, f. 216r.

Tudo o que se passa em Itália (como as guerras sucessivas) e mais particularmente em Roma (por exemplo, a visita de Martinho Lutero ou a conduta dos espanhóis), não raras vezes afecta concepções dominantes nomeadamente em relação à Igreja e ao *Outro* europeu. Mais ainda: força a rectificar conceitos ou concepções tradicionais o que impõe por si só uma nova imagem da Europa:

> "os Romanos entraram em conselho tres dias a Reo. E os votos dos mais erão que metessem A espada todolos espanhoes de Roma sem perdoar a nenhum estado, dizendo que nam era de comportar serem mandados E guovernados por elles E tam maltratados que em sua propia terra E çidade os feriam E matauão. (…) E os homens sisudos assi dos espanhoes como dos Romanos trabalharam por evitar tam grande escandalo. Era na companhia E conselho dos Romanos o duque de tracto mançebo de xxxb anos de mui bõa desposição E pareçer (…). este duque vendo que os Romanos tomauam por derradeiro conselho hir sobre os espanhoes E matalos A espada, lhes falou na maneira seguinte. (…) bem me pareçe que temos Jente pera comprir nosso proposito, porem nam tanto a nosso saluo que os mais E mais prinçipaes de noos, primeiro nom percam as vidas, por que noos avemos de capitanzar, mandar E guovernar aos nossos. E lhes avemos densinar E amostrar com as obras de nossas mãos como elles hão de cometer aos Jmiguos E fazendo Jsto, os espanhoes são de tanto animo, sabedores E esprementados na guerra, que caramente hão de vender suas vidas, dando morte cruel aos que primeiro diante se acharem. assi que nos comvem perdermos primeiro as vidas que os nossos seJam tocados de suas espadas como sabeis que cada dia ho poem por obra nesta nossa Jtalia nas batalhas E afrontas em que se achão. E nam tenho duuida que sendo cometidos de vossos fortes braços E animos nam vençidos, posto que muitos percamos as vidas em breue tempo pereçerão todos. mas tenho grande Reçeo que os alemães, françeses, Jngreses, vnguaros, E os das outras nações, vendo que poemos a matar os espanhoes, temendo que outro dia faremos o mesmo a cada nação delles, se aJuntarão com os espanhoes. E Juntos façam a noos o que noos a elles queremos fazer. E quando Jsto assi nam aconteçesse, E de todo nosso proposito fosse comprido nam creo que os Reis E prinçepes christãos çerrassem a Jsto as orelhas, antes pondo diante sy tal crueldade se congreguarão E com grandes exçerçitos entrarão em Roma, E dando a noos E a nossas molheres E filhos crudelissima morte deRibarão E arasarão nossas casas E possissões E extinguirão ho nome E geração dos Romanos pera sempre. E a gloriosa fama que nossos anteçessores alcançaram senhoreando ho mundo, se apaguaraa, E perderaa em noos, por tam feo caso como este seraa. como o duque ouue acabado, alguns anciãos louuaram seu conselho."[234]

[234] *MFC*, f. 215v a f. 216v.

O fidalgo mostra com o seu relato que as nações da Europa se afirmam ao mesmo tempo que o princípio e a realidade de uma monarquia tendencialmente absoluta[235]. Revela também que as viagens e conquistas ultramarinas transformam a economia e o comércio, culminando tudo isto numa transformação geral da sociedade, agora mais activa e efervescente, mais urbanizada e laica, e da qual Roma é provavelmente o melhor exemplo.

Noutra vertente ainda, os abusos da Igreja e dos seus líderes são largamente conhecidos. Os interesses demasiado temporais do clero e a ausência cada vez maior de espiritualidade nos actos quotidianos de governo dos líderes da capital da Cristandade (porque Roma é, de facto, o papa e a cúria como, aliás, a transferência da sede do papado para Avinhão, entre 1309 e 1377 demonstrou) reflectem o avanço inexorável do secularismo num domínio onde ele não devia ser predominante. O resultado de tal processo avizinha-se para muito em breve pela voz determinada de Lutero, que vai dar corpo político e espiritual à pregação começada com Savonarola, acabando no entanto por ir muito mais longe do que este alguma vez teria concebido.

Daí que ao lermos as *MFC* fiquemos com a noção de que se está a instalar, de forma ténue mas inequívoca, na sociedade europeia uma certa noção de superioridade resultante da vaga e orgulhosa ideia de que a Europa possui as melhores cidades, as melhores armas e mais inexpugnáveis fortalezas, a mais avançada técnica, os mais capazes e corajosos capitães e generais, o espírito mais combativo e devocional apesar da decadência evidente do topo da hierarquia católica. Uma civilização material e espiritual, portanto, sem rival – ainda que o ascendente otomano demonstrasse a total falta de fiabilidade de tal premissa. Uma supremacia europeia, enfim, onde ganha realça a figura de Portugal enquanto vanguarda de tal processo[236]:

> "Da festa que o papa fez polla tomada dazamor. Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima senhoria tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E

[235] *Vide* o ponto 2 (*O novo modelo do príncipe ou os primórdios do Estado moderno*) da terceira parte do presente estudo (*Parte III – Visões da Europa (1510-1517): da descrição à composição. Evidências de poder*).
[236] Cf. Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento: Formas de Ser e Pensar nos Séculos XV e XVI*, op. cit..

çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria. ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pero o qual trouxe todos os Reis de portugual, E os feitos de cada hum contra os Jnfiees. ca mui bem ho tinha sabido. E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[rra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antigua çidade. E tornandosse aos embaixadores dos Reis, bradaua E dizia que tomassem os Reis christãos exemplo em vossa Jlustrissima senhoria que sendo sobrinho del Rei de portugual, filho de sua carnal Jrmãa E o maior senhor de villas E terras E vassalos da Espanha, com grandissimo deseJo de acreçentar a fee de christo como cristianissimo prinçepe, nom soomente açeitara mas aJnda procurara a tal empreza, deixando seu Repouso, convidando seus parentes amiguos E criados. E feitos mui sobeJos guastos de suas Rendas se metera no mar com grande frota de navios, non temendo vossa Real pesoa as ondas do mar oceano que mui furiosas muitas vezes se amostram, buscando aos Jnfiees com tantos trabalhos em suas proprias casas. E dandolhe nosso senhor prospero vento aportara em africa çertas milhas dazamor. E tomando terra se fora com seu exerçito suas azes ordenadas a assentar seu aRaial sobre a dita çidade, mostrande no guoverno de sua hoste grandissimo esforço E prudençia comparando vossa Jlustrissima senhoria aos mais poderosos E famosos capitães antiguos. E que nesta presente Jornada se mostrara outro semelhante duque gudyfredo capitão geral da santa empresa de Jerusalem, a qual os christãos guanharam aos Jnfiees sendo vnidos E Juntos em hum acordo E vontade, sahindo de suas terras com braço armado E fee grande. (…) tornando contra os portugueses dizia que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos."[237]

Nunca passando a ideia de uma consciência europeia, até porque ela não existe, as *MFC* veiculam no entanto a noção, mesmo que difusa, da existência de um denominador comum – menos religioso do que civilizacional – na variedade cultural e política da Europa, merecendo neste processo particular destaque a figura do Turco

[237] *MFC*, f. 173v a f. 174v.

enquanto espelho e o "negativo fotográfico" da imagem dos europeus. Ou seja, a par da religião é o *Outro* civilizacional e cultural[238] que determina e garante definição ao denominador comum europeu e, sobretudo, à identidade dele resultante. Graças ao *Outro*, a diversificada manta de nacionalidades que constitui a Europa ganha um rosto uno. Como Fernand Braudel salienta, a civilização é um espaço que se constitui e define por oposição ao seu inverso[239].

A ideia de Europa e a de nação (ou região) não são, afinal, incompatíveis[240]. Antes coexistem e convivem, como podemos verificar em variados momentos da leitura das *MFC*, em especial aqueles que se referem à busca de equilíbrio de poder contra as tendências hegemónicas desta ou daquela potência. As lealdades envolvidas neste quadro não são, pois, necessariamente contraditórias, mas complementares. Não é por acaso que Erasmo encarnou o espírito europeu, em particular quando zombava dos que julgavam estar Deus do lado deste ou daquele reino com vista à liderança sobre os restantes.

No limite, o fidalgo demonstra como a Europa constitui uma fiel imagem da Itália que conhece entre 1510 e 1517: um território politicamente fragmentado, mas dotado de uma inegável consciência acerca da unidade espiritual, então ainda vigente, cultural e económica que predomina nos seus naturais limites fronteiriços.

Tal como a Itália, a Europa de inícios do século XVI não aspira à unidade política (as potências que a compõem isso buscam e inviabilizam a cada passo numa singular dialéctica de poder), mas reconhece a sua individualidade civilizacional, portanto cultural e religiosa. Profundamente dividida, conserva todavia uma inquestionável coerência interna[241] e, acima de tudo, sabe que é diferente de tudo o resto.

---

[238] E aqui o humanismo (que não constitui nunca uma descristianização, antes pelo contrário, pois demonstra como o pensamento europeu não se concebe senão no quadro de um diálogo com o cristianismo ocidental, independentemente das variantes que este apresenta) desempenha um papel central.

[239] Cf. Fernand Braudel, *Gramática das Civilizações*, op. cit., pp. 17-50 e 291-344.

[240] Cf. Martim de Albuquerque, *Primeiro Ensaio Sobre a História da "Ideia da Europa" no Pensamento Português*, Lisboa, INCM, 1980.

[241] Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Lisboa, Edições 70, 2004, pp. 9-39; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, op. cit., pp. 15-65.

Parte VII – *Memórias de um Fidalgo de Chaves* – Transcrição e anotação do texto manuscrito

O processo de transcrição e fixação integrais do texto manuscrito das *MFC* constitui um passo imprescindível ao seu estudo, e um documento que esperamos possa constituir, pelo seu interesse documental, um instrumento de trabalho para outras investigações.

Na transcrição – feita a partir do manuscrito que contém a única cópia que se conhece de um original perdido (Real Academia de la Historia, Madrid, Colección de Don Luis de Salazar y Castro, Códice nº 76 / Varios portugueses, fólios 136 - 227v) – conservámos a ortografia original, procedendo apenas a um mínimo de actualização de acordo com as seguintes normas.

O objectivo foi, em síntese, mediante uma edição paleográfica, no sentido que lhe atribuíram Avelino de Jesus da Costa[1] e Oliveira Marques[2], respeitar o máximo possível o texto do manuscrito, sem que este deixe no entanto de ser acessível e inteligível. Por outras palavras, adoptou-se um critério que procura facilitar a leitura e compreensão da fonte, resolvendo-lhe as abreviaturas e outras dificuldades, mas respeitando rigorosamente o texto. As eventuais alterações acontecem apenas em caso de extrema necessidade, sendo sempre acompanhadas de aviso prévio e respectivo esclarecimento.

A transcrição é seguida da lista dos títulos dos capítulos do texto.

[1] Cf. P. Avelino de Jesus da Costa, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 3ª edição, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

[2] Cf. A. H. de Oliveira Marques, "Prefácio" in *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes*, Larry King (edição diplomática), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1978, pp. 17-19.

1. Critérios de transcrição

– Transcreve-se o documento em linha contínua;

– Respeitam-se os parágrafos do texto original;

– Desdobram-se as abreviaturas (sem assinalar a parte decifrada, para uma melhor apresentação gráfica e uma maior facilidade de leitura);

– Substitui-se o til pelas consoantes *m* ou *n*, quando não se nos oferecem dúvidas. O "q" com til substitui-se por "que";

– Transcrevem-se as palavras com as oscilações gráficas que o texto apresenta. No caso em que uma mesma palavra apresenta oscilação gráfica e forma abreviada, esta é desenvolvida segundo a maior frequência com que aparecer a forma completa;

– Respeitam-se as formas gráficas ou gramaticais eventualmente incorrectas;

– Escreve-se, entre parêntesis curvos, a palavra *sic* a seguir aos erros do próprio texto original;

– Mantêm-se exactamente as maiúsculas e minúsculas do original, salvo nos casos expressamente indicados;

- Mantém-se a forma original dos numerais;

– Mantêm-se as letras repetidas do original;

– Mantém-se o "R" no início e no meio da palavra (significando neste caso "rr");

– Converte-se o que nos parece constituir sinais de pausa do manuscrito (que surgem sem qualquer uniformidade ou critério) em sinais que consideramos mais indicados (o ponto ou a vírgula), e por isso indispensáveis para o texto ser mais facilmente compreensível;

– Vão entre colchetes rectos [ ] as palavras, letras ou sinais de pontuação por nós acrescentadas e igualmente tidas como necessárias para uma melhor compreensão do texto;

– Anotam-se as palavras ou letras duvidosas com um ponto de interrogação metido entre parêntesis curvos (?);

– Indicam-se as lacunas assinaladas pelo próprio copista pela designação *aqui falta*, também entre parêntesis curvos;

– Quanto à paginação, dado que o texto surge apenas a uma coluna, cuja mancha ocupa quase a totalidade de cada fólio, não foram utilizadas quaisquer barras. Ao invés, assinala-se o final de cada página do manuscrito, colocando o número respectivo entre parêntesis curvos (*r* indica o anverso do fólio e *v* o verso).

2. Transcrição do texto manuscrito

Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue.

Parti de chaues de minha casa a xxj dias andados de mayo, na era de mil b.^{c} E dez anos. fui a valledolid onde pus ho dinheirro que leuaua em banco. E avidas minhas çedolas pera os Respondentes de Roma, me detiue seis dias esperando companhia pera araguão onde el Rei dom fernando estaua fazendo cortes na çidade de monção. estando Aa Janella da pousada vi entrar hum homem de caualo mui bem vestido A maneira de soldado, em corpo, em outra estalaJem [.] E trazia nas ancas do caualo huma balisa de vestidos. E huum moço a pee. pareçendome homem que hia pera longe fui falar com elle. disseme que hia pera a corte. conçertamos nossa partida E Jndo huma Jornada de valledolid achamos hum escudeiro do assistente do conçelho que hia a el Rei sobre o bispado de cordoua. E com quanto o neguoçio era de Jmportançia, a pressa nam era tanta que nos fizesse tomar a madruguada mais çedo, nem a pousada mais tarde. eram ambos pessoas honrradas. o primeiro era gualeguo E fora capitão em companhia de pero navarro. o outro era castelhano. E cheguados a çaraguoça apartaranse de mjm E foranse pera monção. eu estiue em çaraguoça oito dias esperando companhia E olhando todalas cousas notauees da çidade E fui ver ho mouro que fazia os craviorguãos por ser o que neste tempo teue nestes estormentos maior primor que outro algum. em çaraguoça achei companhia pera Roma. hum dos companheiros era filho de João fernandez o graçioso alfaiate do Jlustrissimo senhor duque vosso pai que sancta gloria aJa [,] E hum mercador senez, E outros benefiçiados que hião pera Roma. E assi Juntos sahidos dalgumas afrontas de ladroens fomos visitar a casa de nossa senhora de monserrate onde esteuemos hum dia E meo. E os companheiros vimos as hermidas da serra. E eu por hir mal desposto nam sobi ao monte. E nam vi outra semelhante abastança *(f. 136r)* de casa pera os doentes e Romeiros. cheguamos a barçelona E por que as calmas eram Ja mui grandes E eu hia maldesposto detreminei de esperar nauio pera passar a Roma. E os companheiros se forom per terra E despois os achei a todos doentes em Roma pollo trabalho do longuo caminho. muita Jente honrrada se ajuntou em barçelona pera passar a çerdenha, çezilia, napoles E a Roma. eu estiue esperando embarcação xxiiij dias. naquelles dias por ser eu portuguez muitos fidalguos da çidade me fizerom honrra E

guasalhado. E alguns delles hindo seruir a el Rei de napoles lhe deron enformação de mjm, pollo qual cheguando eu a napoles me mandou chamar. em dia de são João quando a Jente estaua nas JgreJas ouvindo missa, hum lião da çidade matou quem lhe daua de comer E sahido da prisão deitousse em hum curral que tinha as paredes mui baixas, pollo qual foi aviso por todalas JgreJas E moesteiros da çidade que çerrassem as portas por que nam fizesse dano em alguma. mas por que estaua farto do homem se deitou ao sol, onde o mataram atirandolle com setas derua. era lião mui grande em demasia [.] na fim de Junho embarcamos numma fermosa nao de biscainhos E passamos polla ilha de malhorca sem nella deçer por que estaua tocada de peste. E com bom tempo fomos tomar porto na çidade de calhar da Jlha de çerdenha onde estiuemos seis dias. ali vi os asnos tamanhos como porcos com seus barris daguoa sobir escadas E leuala A cozinha. os carneiros mui pequenos E de seis cornos – postos por tal ordem que pareçem chapeos. E grande abastança de touçinhos de porcos monteses E de tassalhos de seruos mas nam são do guosto dos de nossa terra [.] vinhão a noos com guayolas de perdiguões E todo muito barato. o pão hee branco como a neue. tem tanta abastança de queiJos que caReguão dali muitas naos pera leuante mas não são assi singulares como os de vila boym. as calmas erão tam grandes que se nam podi homem valer. E dizião os moradores que no sertão eram muito mayores. E que os luguares afastados do mar sam mui fermosos no verão. *(f. 136v)*

De çezilia E da JgreJa de monRical E de napole.

Partidos de çerdenha, cheguamos a çezilia com boom tempo E tomamos em palermo grande E antigua çidade. passou nesta nao hum grande senhor çeziliano que se chamaua giraldo de bonanha E disseme que conheçia dominico cauarella E que era dos cauarelas de çiracussa homens de nobre geração. este senhor me convidou em palermo pera me dar a comer camarões E pera me amostrar sua molher E lhe dizer se erão as portuguesas tam fermozas. era homem Ja velho E casara avia pouco com aquella molher de que era mui namorado. nos dias que ali estiuemos me fez muita merçe E honrra. esta senhora E suas molheres em sua casa andauam em guarguanta amostrando os cabelos E os peitos. E per fora trazem mantilhas per çima das cabeças

deitadas a taa meo nariz E preguadas E atadas na çinta da parte de detras de sorte que nam cheguão ao chão [.] E todas cõmummente andão assi, de maneira que podem hir polla Rua sem serem conheçidas dos maridos, E entrarem E sahirem donde lhe bem estiuer. dom Jgneguo de mendonça era naquelle tempo viso Rei em çezilia. estiue em palermo xxij dias esperando passagem pera napoles. neste tempo procurei de ver todolos edifiçios E cousas nobres da çidade [.] depois de ver a see, moesteiros, JgreJas E paços, E muitos nobres edifiçios, fui ver ha JgreJa de monReal, que estaa leguoa E mea de palermo sobre o mar por hum vale açima de muitas vinhas, pomares de fruitas mui singulares, E grandes canaveaes daçuquar, E grandes E mui claras fontes das quaes trazem aguoa aos chafarizes das praças de palermo. esta JgreJa de monReal hee de tres naues E hee do tamanho da see de bragua. tem no meo do cruzeiro çinborio ou tribuna mui alta. tem ho coro no chão Junto do cruzeiro de fronte da capela moor. do meo das paredes pera çima hee pintada de obra moisaica destoreas do testamento velho E nouo de figuras assi bem lauradas como as da barca de sampedro de Roma. E o que fica das paredes pera baixo hee forrado de tauoas ou pranchas de perfido serradas de muitas cores E de alabrastro tam polidas E Resplandeçentes como espelhos. os piares das naues sam colunnas de *(f. 137r)* Jaspes E perfidos mui altos E grossos assi polidos como Resplandeçentes como as tauoas das paredes. o coro hee de marmor ou alabastro. E as cadeiras guarneçidas de moisaico. E o pulpito do mesmo teor. sam encaixadas nas cadeiras E no pulpito per mui sotil arte tauoas de perfidos mui Resplandeçentes. o chão da JgreJa Jsso mesmo mosaico grosso de mui perfeitos lauores. o chão do coro tem lauores de muito custo prinçipalmente hum lião que estaa na entrada do coro que hee tam sotil que de pinçel se nam pode fazer de maior perfeição de grande diuersidade de cores de pedras tam moidas E bem Juntas humas com as outras que polla sotileza dellas pareçe cousa Jmpossiuel fazerse de pedras assi natural figura. andauão ahi offiçiaes que laurauão moisaico em algumas partes que cahira o antiguo E pareçia o daguora a Respeito do outro Remendo de pano grosso em fino peluto. nam me pareçe que os ofiçiaes daguora cheguão aos antiguos, por que o cardeal de santa cruz mandou fazer de moisaico em Roma a capella de santa helena que hee em sancta cruz em Jherusalem. E posto que as figuras são de muito bom debuxo, o moisaico nam vai assi assentado como o antiguo ca não hee assi Jgual, nem Resplandeçente. tem esta JgreJa em si dentro tanta perfeição E abundançia de moisaico que em italia nam haa outra semelhante. E da parte de fora hee tam mal tratada como qualquer pobre JgreJa. hee titolo de arçebispado o arçebispo de

çaraguoça filho del Rei dom fernando de castela. estam hi frades de são bento obseruantes. estaa assentada sobre o mar. estão nella tres sepulturas de perfido da feição da que esta adiante de sancta maria Redonda em Roma, mas são mais polidas E claras. E em huma dellas dizem que forom sepultados os antretinhos del Rei são luis de França quando moReo tendo çerquo sobre cartaguo. hee a çidade de palermo grande. as casas são de balcoens A maneira antigua. as Ruas mal limpas E mal ordenadas tem mui bõa see E moesteiros E JgreJas de grandes edifiçios. hee em grande maneira abastada de todo genero de aves *(f. 137v)* de bom preço. da abastança do pão a basta ser çezilia. vinham ali vinhos paula que sam Roxetes como os nossos E de bom guosto. os que nam são brancos são mui cubertos E de maa digestão como os daraguão. haa em palermo muitos mercadores de vniuersas partes que nella tem trato por que esta çidade E miçina dizem que são agora as prinçipaes de todo aquelle Reino. eu tomei a medida daquelle tam marauilhoso templo, do alto, comprido E ancho. E perdi a em Roma. haa na çidade huma fortaleza que se chama castel vecho. neste castelo estaa huma capela da mesma maneira da JgreJa de monReal assi feita de moisaico com colunas E tauoas dos mesmos perfidos E marmores da perfeição da JgreJa. na see haa outras duas sepulturas da feição E perfeição das de monReal. os paços do viso Rei são Junto do mar. A entrada da primeira sala estão dous carneiros de bronço ou metal mui grandes tam naturaes que são da perfeição do caualo de são João de latrão em Roma. ali Junto do mar estaua a artelharia que o gram capitão tomou aos françeses na batalha do guarelhano. quando cheguamos a palermo avia poucos dias que pero navrro partira de trapana com grande armada sobre tripol de berberia. E nam tardou muito que cheguou noua que dia de santiaguo que entonçes fora, ha tomara aos mouros. E nam com tampouca perda dos christãos como se então dizia. E por estas nouas o viso Rei mandou fazer grandes festas E luminarias na çidade E nas outras da Jlha. em aguosto me parti em huma caRaca de catelães pera napoles. estiue em napoles oito dias. o viso Rei por ter a enformação de mjm dalguns fidalguos de barçelona me mandou chamar E me perguntou por todolos fidalguos E musicos que el Rei leuou a çaraguoça quando foi a ser Jurado por prinçepe de castela. lembrome que me perguntou por dom João de sousa E por João Rodriguez maramor E se zombauão aJnda E perguntoume por fontes, por vasco fois, por carracão E por outros. Jsto era pella sesta. mandou vir ali todos seus cantores E tangedores os quaes me nom satisfizerom tanto como os *(f. 138r)* cravicordios que erão mui singulares os quaes fazem na mesma çidade. E os mestres desta lia tem nestes cravicordios muita

ventaJem aos de espanha assi çingelos como a duas cordas E fundanse em os fazer pequenos por que são mais Jguaes nas vozes. conquanto a çidade estaua com a guarnição da Jente da guerra E ambas as Rainhas mãj E filha, E o cardeal borJa sobrinho do papa alexandre que era fugido de Roma com temor do papa Jullio. E com outros prinçepes E barões de Roma. pareçeome çidade de pouca Jente, contodo foi a que milhor me pareçeo daquellas partes tirando Roma. napoles hee fermosa çidade E assentada como lixbõa. tem assi aquelle vale E as duas costas dambalas bandas. castel nouo hee a fortaleza do E paços dos Reis. estaa assentado tam Junto do mar que daquella parte bate o mar nelle. contra a terra tem cauas mui fundas que se enchem daguoa E hee feita de pedra moida darguamassa. a porta prinçipal hee de figuras de marmore mui naturaes. as portas são de bronzo tam grossas que quando o tomou o gram capitão aos franceses, entrando todos de Rondão poserom os françeses foguo a artelharia que estaa no pateo E huum pelouro de ferro moor que huma pella de vento deu em huma das portas que aconteçeo çaRarem naquelle Jmpeto da entrada do castelo. E nam a pode passar E meteosse na porta de tal sorte que se nam pode tirar E estaa ali por memoria. o pateo hee grande E antre outros apousentamentos tem huma sala daboboda de ladrilho grandissima. o caaes estaa Junto do castelo nouo. hee mui ancho. entra tanto pollo mar que as naos se acolhem dentro na volta que faz. E estão seguras das tempestades. haa na çidade paços notauees E JgreJas. nas quaes vi algumas figuras de vultos antiguos mui naturaes em demasia. a abastança da çidade hee mui grande. haa multidão de guordos capões, gualinhas, codornizes, Rollas E outras maneiras de aves que haa viuas E mortas nas praças E tauernas. aos que nam somos acustumados ver Jsto nam he cousa de crer. dizem que haa tantas codornizes naquelle Reino que em huma çerta parte haa hum bispo que nam tem outra Renda se não a parte que lhe cabe das cordornizes que se ali tomão *(f. 138v)* quando passão de africa pera Jtalia. E que são tantas que coalhão ho mar. E os caçadores tem Redes armadas Junto daguoa em esto que seJão guordas. tem a carne sem sabor como são todalas outras carnes de Jtalia que nam tem o guosto das de portugal [.] de napoles de guaeta se basteçe Roma de fruitas que sam muitas em demasia assi laranJas E limões como maçãs, peras, Romãs, pesseguos. os vinhos são greguos manJagra E dos que disse de palila. todas estas cousas são baratas E de bom preço.

De capua de puçol e do sitio

do guarelhano.

Faziam neste tempo mui grandes calmas em todas aquelas partes E contudo por que achei companhia me parti pera Roma E nam quis leuar o caminho da gruta de puçol. a qual gruta passa por baixo de huma serra E dura de comprido mais de huma milha. hee tão ancha que podem hir E vir duas carretas sem tocar huma na outra. dizem que luçio luculo a fez. este caminho hee A parte esquerda contra o mar vindo de napoles pera Roma. mas nos tomamos ho da mão direita por ver capua de que tanto falam os liuros E via tam destrohida como vi Roma que cada huma pareçe que nunca ali ouve memoria de çidade. naquelles luguares que sohião ser pouoados. E tambem por ver o guarelhano onde foi a batalha do gram capitão com os franceses, o qual hee ao pee de huma aspera serra sobre a qual estaa linterno onde çipião morreo desterrado. o Rio hee fundo E estreito. E vi os luguares de huma parte E da outra onde os aRayaes estauão assentados E a torre dos gualeguos que era bem fraca pera sostentar por estar da parte dos françeses. E o luguar onde a ponte foi deitada por onde os espanhoes passaram por força contra os françeses. E via as estalagens que forão cheas de grandes Rimas domens mortos. E o porto Junto da serra onde o gram capitão foi passar E a força de seu exerçito. E hum luguar deserto de aradas, soomente aquellas pobres estalagens [.] o Rio se passa per barca E entra loguo no mar. se ali ouvesse maree tudo alaguaria. mas medio terreno non creçe nem minguoa cousa que se muito enxergue. gata se vee daquelle caminho. aquelle mar de gata *(f. 139r)* hee mui abastado de pescados. E dali se mantem Roma. cheguei a Roma a xxbj. dias andados daguosto da sobredita era de 1510. E entrei polla porta latina que vai pera a via de napoles. Aa parte de dentro hee o luguar onde são João evangelista foi metido na tina do azeite e ali estaa feita huma charola de quatro colunas com hum altar. E da tina em que são João foi metido tomou aquelle nome porta latina segundo maos estoreadores. mãs nam hee assi. por que antiguamente tinha aquelle nome dos Reis latinos que erão daquella banda. daquella parte ata o pouoado se atrauessa o deserto onde sohia ser a pouoação da grande Roma. o qual eu passei a oras de grandissima calma E me fui deçer a nossa senhora do populo a que me tinha prometido. E feita oração me fui apousentar A çidade onde estiue sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauees que se em Roma E naquellas partes passaram pera

dellas saber dar conta a vossa Jlustrissima senhoria. avia dez dias que o papa Jullio segundo deste nome era partido pera bolonha com entenção de tomar o estado ao duque de ferrara genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa [.] E por que compre saber donde ou por que se esta guerra ordio, hee neçessario contar da guerra primeiro da qual me eu enformei por pessoas que forom presentes. sendo occupadas per tiranos parte das terras da JgreJa, scilicet, perosa per João paulo valham. bolonha per miçer João de vinteuolla que a senhoreaua, a vaqueta como Rei. partiosse o papa Jullio com a corte sem exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano. tanto que o papa partio de Roma leuando a via de loreto que hee na marca dancona, abalarom os françeses que estauão em lombardia caminho de bolonha. o que fez aos tiranos que João paulo velham veo çertas milhas de perosa Reçeber ho papa E lhe entreguou as chaues da çidade de perosa E dous filhos em aRefens. o papa entrou *(f. 139v)* na çidade E tornoulha a entreguar E dahi por diante se seruio do dito João paulo na guerra de capitão de Jente darmas o qual foi sempre bom E leal seruidor atee morte. seguindo o papa seu caminho foi ter a sancta maria de loreto. E a este tempo Ja os françeses tinhão posto çerco sobre bolonha que se defendia mui Rijamente. sem aver na çidade medo de serem entrados pellos françeses non lhes vindo outro socorro os quaes elles tinhão por çerto com a vinda do papa. tendo Jsto miçer João de vintevolha fez huma largua arengua aos da çidade na qual concordio per derradeiro que posto que elle tinha por çerto que as vontades dos bolonheses erão conformes pera o aJudar a defender. E que na çidade avia tanta E boa Jente que se defenderia do papa e dos françeses. porem que pois Jsto nam podia ser sem dano de muitos que elle escolhia por milhor esta contenda se partir antes com seu dano que dos çidadões de bolonha. E que por tanto elle se queria partir da çidade dizendolhes que tanto que elle fosse fora se entreguassem ao papa [.] estas abastanças fez elle com esperança de tornar a seu estado tanto que o papa se fosse pera Roma. mas nam lhe aconteçeo assi. ordenado per elle o sobredito na mesma noite se sahio da çidade con toda sua fazenda molher E filhos E se foi a milão. no dia seguinte partirom per mandado da çidade tres çidadões prinçipaes con cartas de crença E con as chaues da çidade pera o papa E acharamno aJnda em loreto E deronlhe sua embaixada dizendo que miçer João de vintevolha era Ja fora E por que a çidade tinha deliberado de se entreguar a sua santidade lhe mandauão as chaues. o papa lho aguardeçeo muito E disse que elle nam podia açeitar as chaues nem a entregua da çidade atee ser passado o termo que derom

aos françeses pera a tomarem por que tinha contratado con elles que tomandoa dentro em çerto termo lha daua a saco. E que se ora elle a tomasse durando o termo nam compria con os françeses E seria neçessario paguarlhes o soldo. E que elle averia grande prazer de se elles poderem defender atee se passar o termo [.] *(f. 140r)* os embaixadores lhe afirmaram que se defenderiam E que sua santidade podia hir suas Jornadas contadas E cheguar a bolonha sahido o termo que era dado aos françeses. por que en tanto sem acha que dos françeses podia Reçeber a çidade em seu seruiço. E tornados os embaixadores, o papa fez o que avi[a]m conçertado. em quanto Jsto assi passaua E o termo durou os françeses teuerom sempre seu campo sobre a çidade, scilicet, de huma soo banda por que a çidade hee mui grande pera ser toda çercada que nam bastaua a Jsso muitos exerçitos E ha combatiam mui ameude atee que no derradeiro dia do termo em que esperauão poer todas suas vltimas forças pera a entrar os da çidade tomaram hum sotil conselho pera os vençer. estaua o aRaial assentado Junto com hum Rio que entraua na çidade que se chama Rem, o qual entra per humas portas do muro que tem humas grossas grades de ferro. E polla porta nam pode entrar mais aguoa na çidade que a que cabe pollo canal do Rio. E alem das grades tem da parte de dentro humas portas dalçapõe de dentro de ferro as quaes portas no derradeiro dia do termo A tarde vindo o Rio creçido as deixaram os da çidade cahir E tapando a entrada do Rio Represou tanto atras que esprayou E se soltou pollo aRayal dos françeses que estaua mais baixo de maneira que lhe alaguou a artelharia E os desordenou de tal sorte que os da çidade que estauão aperçebidos sahiram a eles E tomaram os prinçipaes E leuaromnos A çidade onde os aguasalharam honrradamente, nam como catiuos mas como ospedes E amiguos. ao outro dia em que Ja o termo era sahido, abriram as portas da çidade aos que queriam entrar da Jente conheçida E honrrada E mandaromnos apousentar como amiguos [.] dahi a tres ou quatro dias cheguou o papa, E foi mui bem Reçebido E festeJado. E satisfeitos os françeses se forom. muitos nobres da çidade que eram da parte dos vintevolhas fugirom desque o papa foy *(f. 140v)* entrado com medo delle. miçer João vintevolha tendo perdida a esperança de sua tornada por que o papa era homem mao de amansar se finou de noJo em milam. E o papa antre outras Justiças que mandou fazer, mandou deRibar os paços de miçer João que erão os melhores de toda lombardia em grandeza e fermosura. quando sua molher madona branca soube a noua da destrohição de seus paços pasmou E çeRadas as mãos E os dentes esteue assi ata que espirou [.] deixou quatro filhos, scilicet, o mais velho se chamaua miçer anibal o protonotairo, E miçer alexandro E

miçer hermes [.] dizem que tinha de filhos E filhas bastardos xxij. vendo o papa assentadas suas cousas se foi pera Roma E deixou por leguado em bolonha o cardeal sam vidal que era homem cruel E mui temido o qual antre as cousas que fez mandou hum dia chamar doze cidadões dos prinçipaes aos paços do papa onde elle pousaua E mandou a todos cortar as cabeças E assi mortos os mandou tirar A praça E deitar em esteiras onde estiueron grande parte do dia por que se temia delles por serem da parte dos vintevolhas. outro dia avendo hum homem a Roido com outro por que ho ferio se acolheo a hum mosteiro de frades obseruantes de são frrançisco. E Jndo o meirinho pera ho prender na JgreJa a qual laa nem em Roma nam val a ninguem hum frade sobio os sinos E Repicou hum A maneira de a Roido, pollo qual o leguado con temor do ajuntamento da çidade quis punir aquella sandiçe E mandou que viessem per ante elle dous frades daquelle moesteiro E darlhe conta como se aquillo fizera. E elles por mais grauidade mandaram ho guardião acompanhado doutros frades E tanto que cheguaron onde o cardeal estaua forom tomados E leuados A praça E em presença de todo o pouo derom a cada hum tres tratos de polee tam cruees que morreo disso o guardião E outros dous. tanto que o papa foi em Roma começou de trauar ligua contra os venezeanos E conçertousse com el Rei dom Fernando de castella E com o emperador maximiniano E com el Rei luis de França E com o duque hercule (sic)[3] de ferrara. por que assi ao papa como a todos estes tinhão os venezeanos *(f. 141r)* tomadas e occupadas muitas çidades E terras. chegado o tempo de ajuntarem em Jtalia todolos exerçitos deles veo o emperador em pessoa E todos ho seguião. nesta guerra cobrou el Rei de França, crema, craemona, brexa E berguamo que são populosas çidades, alem doutras vilas E castelos. el Rei dom fernando cobrou outros luguares que lhe tinhão tomados do Reino de napole. o papa cobrou Rauena E ariuniue E furle E facuça E brigiguela E Reixa, E outros luguares. o emperador tanto que os seus capitães cheguaron a Jtalia diante delle sem contradição alguma entraron padua [e] viçença por que assi o tinhão ordenado os venezeanos pollo que tinhão cuidado de fazer ao diante. o duque de ferrara obedeçia aos venezeanos, E em sinal de sobJeição tinha a çidade de ferrara hum lanço do muro contra Veneza sem ameas E ao duque nam lhe tangião trombetas. E nesta guerra se liurou de sobJeição E cobrou liuremente

[3] O autor confunde aqui o duque de Ferrara coevo, Alfonso I d'Este (1476-1534), que governou entre 1505 e 1534, com o duque anterior, mais precisamente o pai deste último, Ercole I d'Este (1431-1505), que conduziu os destinos do ducado entre 1471 e 1505, data da sua morte. O erro deve-se certamente a uma falha do copista ou uma simples desatenção do autor, pois todas as restantes menções ao duque de Ferrara Alfonso I d'Este efectuadas nas *MFC* surgem sempre correctas, quer em termos cronológicos quer em termos de rigor ao nível dos acontecimentos citados.

seu estado. E depois que çessou a guerra armarom os venezeanos doze gualees E vierom pollo Rio do poo acima. o qual Rio hee hum dos grandes do mundo E entra no mar de veneza E vai ter por Junto dos muros de ferrara. E ao tempo que os venezeanos armarom tinha o duque dous mil espanhoes consiguo. E parte deles em hum castelo feito de terra a par do Rio pera defender a vinda aos venezeanos com a artelharia. hindo as gualees contra ferrara sahiron os espanhoes a elles E desbarataromnos E tomaromlhe çertas gualees E as outras fugiron. E das tomadas fez o duque a huum Joanote portugues capitão. cuidando o emperador que tinha padua segura os venezeanos que em al[i] tinhão o cuidado fizerom que os paduanos se aleuantarom E deitarom os do emperador fora E liurarom delles a çidade E tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre elles despeJarom a çidade de molheres moços E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos. E o emperador *(f. 141v)* veo sobre a çidade com o mais fermoso exerçito que em nossos tempos se vio em Jtalia por que se afirmaua serem mais de çem mil combatentes. E prantada a artelharia aRasarom hum grande lanço do muro. E a todas estas afrontas mostrarom sempre os de dentro tam pouco temor que sempre tinham de dia as portas abertas. esteue o emperador sobre a çidade passante de hum mes. E nunca lhe deu combate de Jente avendo por conçiençia perderse tanta como se esperaua que moRese. escaramuças avia muitas em espeçial espanhoes E dos de dentro que sahião fora a fazer sortes. E huma vez cheguarom A artelharia do emperador E lhe encrauarom duas peças sendo aquelle dia guarda della os alemães os quaes por poerem mais medo aos Jmiguos bradarom espanha Espanha. E com Jsto fugirom os da çidade E acodirom os espanhoees [.] sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem ao combate. E como se falaua em combate se amotinauam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro. E com estas neçessidades o emperador se foi pera alemanha sem fazer cousa alguma. E deixou viçença que tinha pacifica aos venezeanos. durando esta ligua del Rei de França deu em pessoa batalha aos venezeanos na estradota [.] vinha por capitão da Jente de venezeanos bertolameu daluiano E com elle hum Jentil homem venezeano. era seu

Regimento que nam dessem batalha sem primeiro em veneza se por em conselho. E vendo bartolomeu daluiano tempo desposto deu no campo del Rei de França e leuauao de vençida, mas o outro por nam sahir da ordenança nam lhe quis acodir tendo a maior parte da Jente consiguo. E bertolameu daluiano foi preso *(f. 142r)* E dizem que morreram naquella batalha dezoito mil homens. o outro que nam acodio guardou seu Regimento foi por Jsso sublimado E tido em muito dos venezeanos. acabadas estas cousas naçerom outras por onde se a dita liga desfez. E começousse a guerra segunda que foi no tempo que eu cheguei a Roma. E aguora direi a causa por que o papa se moueo contra o duque de ferrara. tinha o duque de ferrara humas salinas E o papa tinha outras em Ruxa [,] hum dos luguares que guanhou aos venezeanos [.] sobre estas salinas ouve desauença antre elles E vierom a tanto Rompimento que Ja o duque se nam fiaua no papa E se temia delle. o papa o mandou chamar que viesse a Roma E o duque nam foi. E por que o ducado de ferrara hee da JgreJa, E o duque hee feudatario E obriguado apareçer E seruir em pessoa sendo chamado do papa, sua santidade ho mandou çitar em forma E lhe foi assinado termo que apareçesse em Roma per cartas fixadas na JgreJa mayor de bolonha E doutros luguares comarcãos de ferrara. E pollo duque nam apareçer ao termo, o priuou por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a execução foi contra elle com grande poder de Jente. em quanto estas cousas durauam o duque se confederou com el Rei de França o qual ho tomou em sua proteição. E vindo o papa pera bolonha os françeses fizerom a mesma viagem E cheguarom a modona. vinha por capitão dos françeses João Jaques de tribuçio. E vinha por capitão da JgreJa João maria duque dorbino sobrinho do papa. no campo dos françeses vinhão os filhos de miçer João de vintevolha [.] ambos estes dous exerçitos andarom muito tempo por aquella comarca sem se afrontarem. o papa estaua cos cardeaes E com toda a çidade se ajuntaram com sua Jente nesta noite E derom nos paços do papa cuidando que tinham hi o leguado E entrarom dentro E A porta de sua camara nom acharom outra Resistençia senão seis espanhoes que por defender a porta forom *(f. 142v)* ali todos mortos. mas elles nam sabião que o cardeal era hido fazendo de suas pessoas marauilhas prinçipalmente hum que se chamaua moutouro. E entrados os Jmiguos na camara meterom todo a saco mano E dahi se forom A porta da çidade E quebraromnas com machados E artefiçios E loguo mandarom Recado aos vintevolhas que viessem E com este Recado o campo dos françeses abalou sem achar outro Jmpedimento no caminho senam marco antonio coluna que guardaua a ponte do Rio com çincoenta lanças grossas aquella noute. E

nam sabiam que o duque dorbino abalara o qual foi desbaratado E morta a mais da Jente que consiguo tinha.

Cheguarom os françeses A porta da çidade. E temendo que fosse trato dobrez nom quiserom os vintevolhas entrar E mandarom diante duzentos de caualo que fossem correndo pollas Ruas bradando França França. segua sega pera descobrir alguma traição se a ouvesse. E Jsto era na madruguada. E tornados aos vintevolhas dizendo que tudo estaua seguro, entrarom miçer anibal, E miçer hermes E andarom com grande guolpe de Jente polla çidade E sahião a elles as velhas aos beijar por que quando elles entrarom era Ja dia craro. E dahi a espaço de duas oras entrou o exerçito dos françeses com grandes estrondos E assenhorearonsse da çidade. o castelo se teue pello papa E ao terceiro dia começaram os françeses a entender nelle E mandaram dizer ao arçebispo que era delle castelão que o entreguasse. E o arçebispo em luguar de Reposta mandou enforcar sobre o muro em huma pica hum guato em sinal de querer guerra. E loguo os françeses começarom de leuar a artelharia E aprantarom E batearom o castelo dous dias. E por ser fortaleza moderna posta em luguar chão feita per arte nom vista a artelharia lhe nom podia fazer dano. era esta fortaleza fundada em luguar chão. E as cauas tam altas que começando o muro no fundo dellas nom sobia mais alto que a terra E era mui alto. as cauas erão furadas de pedra E meadas daguoa. assentada a artelharia como dito hee, nom tomauam os pelouros senam mui pouco das ameas. E a artelharia do castelo que estaua antre as ameas vaRia o campo. avia *(f. 143r)* outra debaixo a que hião per cauas pera defensão da caua. neste castelo nam avia casa nem torre alta. não ouve combate de Jente E aJnda pareçia que do castelo nam queriam fazer mal A çidade que podia Receber grande dano da artelharia. E teue se o arçebispo atee que mandou Recado ao papa como ho combatiam E que nam tinham Jente nem munição por que o cardeal pauia que antes hi era leguado sendo ordenado que no castelo ouvesse pera guarda delle trezentos homens. E em cada porta da çidade ouvesse çincoenta homens com seu condestabre por forrar o soldo dos do castelo lhes mandaua que servuissem nas portas. de maneira que quando se entrou a çidade ficou o castelo sem Jente de guarnição. Respondeolhe o papa que entreguasse o castelo A çidade E nam aos françeses. E assi foi feito. E tanto que o arçebispo partio pera o papa, o castelo foi Roubado E metido a saco. E nesta ora foi deitado preguão da parte do Regimento que se nam abrissem tendas nenhumas atee que o castelo fosse

posto por terra. E que todos fossem trabalhar nisso. E assi foi feito. E com grande trabalho E artefiçios de foguo por ser edifiçio mui forte. E assi foi aRasado que dia de sam Rafael que veo dahi a poucos dias os cavalos barbaros correrom ho paleo por cima delle. E esta forteleza mandara o papa fazer a suas proprias custas. E quando Respondeo ao arçebispo que ha entreguasse A çidade seu Jntento foi que deRibandoa elles que a çidade lha tornasse fazer A sua custa como despois socçedeo.

Tornando ao cardeal pauia. tanto que elle fugio dos paços E se foi A fortaleza E vio que a çidade era entrada se foi loguo a Rauena pera o papa. Jsso mesmo o duque dorbino vendo seu campo perdido se foi pera o papa. E dando cada hum conta de si, queria hum E outro fazer sua Rezao bõa. o duque acusaua ao cardeal que dera soldo aos Jmigos bolonhesses E os fizera capitães pera darem fauor aos françeses E entrada na çidade. Respondia o cardeal que elle fizera Jsso por bom Respeito cuidando que Juntos daquella maneira os fizesse sahir a campo E os deixasse laa çarrandolhe as portas da çidade pera avazar dos *(f. 143v)* Jmiguos. E culpaua ao duque que elle dera o passo aos françeses que viessem A çidade. ca se lho nom dera elles nom eram poderosos pera passar a ponte que tinham em meo. dando a entender ao papa que o duque se contratara com os françeses. E desta pratica E acusações ficaram hum do outro grandes Jmigos de maneira que Jndosse o duque, E o cardeal ficando com o papa com temor E Reçeo do duque, o papa mandou a miçer guido capitão da sua guarda da Jente de caualo que se fosse com o cardeal ata sua pousada. E o duque o estaua esperando no caminho. E posto que o cardeal hia acompanhado de muita Jente sahio a elle, E disse ao capitão da guarda – estaa quedo guido senam moReras. E hindosse ao cardeal meteo hum estoque nelle E foisse. E foi o cardeal assi mortalmente ferido leuado a sua pousada. durou poucas oras E dizendo sempre peccata mea meruerunt espirou. os vintivolhas tendo a çidade paçifica procurauam de se vinguar dos que erão da parte do papa. per seu mandado andaua hum seu capitão chamado grifom, com muitos alabardeiros consiguo entrando nas casas dos prinçipaes çidadãos. E aquelles que lhe fugião metialhes as casas a saco dizendo que erão traidores. E alguns que esperauam que elle nam leuaua per eximação de lhes fazer mal, dizia que os hia visitar da parte de miçer anibal E a outros mataua como fez a antriscoto que era prinçipal fidalguo de sua casa E da çidade. E a outros tres em hum dia. passados Jaa muitos dias E os françeses Ja despidos, sabendo os vintevolhas que

o papa trabalhaua de lhes fazer guerra, dauanse a pressa a fazer artelharia. E faltandolhes o metal, ou mais verdadeiramente por nam poderem ver figura do papa, mandaram deRibar huma grande estatua de metal da figura natural do papa que estaua no outam da JgreJa de sam petronio que estaua na praça. E foi derribado deitando cousas

(aqui falta)[4]

mandoulhe que esperasse E deteuesse algum tanto em ver as cartas. E quando abrio o maço achou que era *(f. 144r)* breue do cardeal no qual lhe Jntimauam o consilio. o messeJeiro teue tal maneira em se sahir E poer em saluo como teuera em cheguar ao papa. E com quanto Sua Santidade mandou que com grande diligençia fosse buscado, nunca mais de tal homem poderom aver notiçia. o papa açeitou o conçilio contanto que fosse em são João de latram em Roma. E nom menos astuçia teue hum cursor pera o Jntimar aos cardeaes da parte do papa, do que o sobredito fizera a Sua Santidade.

Das cousas em que se os cardeaes fundarom pera convocar conçilio contra o papa.

As cousas em que se fundarom os cardeaes pera convocar conçilio contra o papa são as seguintes algumas delas primeiramente que a congreguação do geral conçilio pertençe aos cardeaes quando o papa haade ser acusado E Julguado no dito conçilio. E nam hee neçessaria autoridade do papa. E que posto que nesta congreguação nam eram mais de çinco cardeaes, E com o papa erão outros muitos [,] estes poucos podiam chamar a conçilio sem os mais por que assi como na congreguação do conçilio em que o papa hee parte pera aver de ser nelle acusado senam Requere sua autoridade. assi senam Requeria autoridade dos muitos cardeaes, conseguião E fazião sua vontade de maneira que aviam que pollo conçilio ser sobre o papa E todolos que ho seguiam. os que se aRedarom podiam convocar o dito conçilio E suplir a

[4] Texto truncado (primeira falha no relato)

negligençia do papa que permitira ao Juramento que dentro de dous anos conuocaria conçilio. E nam o fez. ca vendosse outro si que o papa pode ser acusado E Julguado em conçilio, se hee JncoRegiuel em crime de que a Religião cristam Reçebe escandalo. E que o papa por aver prometido como dito hee convocar conçilio com Juramento ficaua obriguado a Jsso E nam se podia absoluer sem Justa causa a qual pois a nom tinha pera nam comprir sua promessa E Juramento, nom se podia absoluer. E que em tal conçilio o papa podia ser Julguado nos casos em que pode ser *(f. 144v)* doutrem Julguado, que são quatro. escusandosse os cardeaes das Reprensões que lhe o papa daua em huma bula em que os culpaua que sem causa legitima apartandosse da cabeça se forom a pauia. dizendo os cardeaes que elles o fizerom com mui legitima E Justa Rezão, por que sendo o papa muitas vezes por elles Requerido E amoestado que comprisse o conçilio que Jurando prometera. pollo nam querer fazer lhes foi liçito procurando a Reformação da JgreJa a que erão obriguados hir sem liçença, por nam poderem pedir liçença sem poerem em grande periguo suas vidas E por terem por çerto que lha nam daria o papa o qual por esta causa hee, de se lhes hirem senam devia aver contra elles pois sabia que sendo elle cardeal por mais leues cousas fugira pera França dos papas passados. E sendo chamado nunca quis obedeçer As excomunhões. tambem se defendiam de os Reprender o papa na dita bula por trazerem exçerçito dizendolhe que posto que aos eclesiasticos nam comvem o exerçiçio das armas, pera sua defensão podem husar dellas como se lee de são paulo que pedio ao protector gente darmas pera sua guarda. Dizia Jsso mesmo o papa em sua bula que elles metiam terçeiros pera lhes elle perdoar, E que nisto confessavão sua culpa. a Jsto Respondiam os cardeaes que vindo elles espantados de suas ameaças dando graças a deus por se acharem em pauia saluos dellas que como era de crer que deseJasse tornar a seu poder. E que era verdade que algumas pessoas quiserom de si mesmos ser medianeiros pera concordia E posto que ho nom faziam per seu mandado ho nam contradizião por nam Jndinar mais o papa. Reprendiaos mais o papa chamandolhe falsarios por que afirmauam que os cardeaes erão com elles na congreguação daquelle conçilio. E que os outros ho neguauam. Jsto diziam os de pauia, que os cardeaes que erão co papa ho nam podiam neguar pois tinham este consentimento per suas cartas E assinados. E que o papa nam podia dar mais credito a cada hum por si dos que Jsto neguauam. E Jsto diziam os de pauia que elles erão muitos E lho afirmauam mormente nam tendo elles neçessidade *(f. 145r)* do consentimento dos cardeaes que com elle erão pois que sem elles podiam chamar a

conçilio. E os outros tinhão neçessidade de neguar o consentimento por nam cahir em sua desgraça. a escusa que o papa daua na dita bula por nam conuocar conçilio no tempo que prometeo, erão as guerras que socçediam. E que elle sendo cardeal era o que mais soliçitaua conçilio. a esto Respondiam os cardeaes que ao tempo que elle prometeo E Jurou que dentro em dous anos conuocaria conçilio avia tantas E maiores guerras E esperança de nenhuma paz. assi que a guerra que dizia ho nam desculpaua, mormente sendo o conçilio mais neçessario pera escusar ha guerra. muitas outras Rezões vi E ouvia praticar que nam ousaria bem escreuer. ca muitos dos portacolos em que tinha escritas estas E outras muitas cousas perdi. E em fim o papa querendosse escusar desta negligençia conuocaua conçilio em Roma. E a esto Respondiam os cardeaes pisanos que pois no conçilio se avia de tratar do coRegimento do papa que elle nam avia de conuocar ho conçilio prinçipalmente em Roma que pera os que o aviam dacusar nam era luguar seguro.

Como o cardeal sam seuerino foi a bolonha por leguado E leuantou o antredito que o papa pos.

Muito se afirmaua em Roma que o cardeal santacruz entrara em pauia electo papa, chamandosse andres primo. E de pauia mandou o cardeal sam seuerino a bolonha que estaua antredita como leguado seu ou do conçilio. como quer que seJa elle entrou na çidade com mais de quatro mil de caualo E foi Reçebido com paleo de brocado E hia deitandosse benção como o papa E seus legados fazem, E aleuantou as excomunhões E o antredito que o papa Jullio posera na çidade pollas cousas Ja ditas, Repicando sinos E dizendo missas. cheguado A porta da JgreJa maior com seus moços destribaria tomarom ho paleo pera si como os do Santo papa tem por custume *(f. 145v)* [.] E dahi a poucos dias se foi pera pauia. E dahi por diante nam se guardou mais antredito em quanto se os cardeaes nam forom fugidos E depois a frança.

Como o papa mandou nunçios aos Reis cristãos E priuou os cardeaes çismaticos.

Tanto que o papa foi em Roma mandou a Lourenço de campeio auditor da Rota que aguora hee cardeal a alemanha ao emperador maximiliano. E caçador Jsso mesmo auditor da Rota a castela a el Rei dom fernando E a portugual a el Rei dom manoel E outros nunçios a Vngria E a outros Reis cristãos. E assi a el Rei de França E aos cinco cardeaes noteficandolhes o conçilio geral em Roma em são Johão de latram. sendo os ditos cardeaes chamados assinandolhes termo a que viessem dandolhes todas as honestas seguridades, vendo o papa suas desobediençias proçedeo contra elles Em hum consistorio publicou E os priuou dos capelos de cardeaes E de todas suas Rendas, dignidades, benefiçios E honrras. E os publicou por hereges çismaticos. E loguo proueo de nouo todos seus bispados E benefiçios [.] prinçipalmente dos benefiçios que eram em espanha E em italia mui poucos se tornaram a cobrar. os que erão em França erão seguros. santacruz perdeo o bispado de çiguonça que se deu ao senhor dom fadrique. eu fui presente a este Juizo o qual de todos foi avido por espantoso por serem assi priuados tantos cardeaes que de Rendas E casas erão dos prinçipaes antre todos os do colegio. os çidadãos de pauia sabendo que os cardeaes erão despostos E priuados os lançaram fora da çidade a mal seu grado os quaes se forom a milão onde forom Reçebidos de mandado del Rei de França com grandes festas E proçissoens. E ali estiuerom prosseguindo em seu conçilio ata virem os soiços como adiante direi.

Da doença do papa. E do que se em Roma fazia. E da morte do cardeal Regina. *(f. 146r)*

Neste tempo o papa adoeçeo de tal maneira que ho tiuerom por morto. alguns diziam que de noJo por que tinha duros contrairos E os neguoçios nom soçediam como elle deseJaua. nestes Rebates de sua morte Roma era posta toda em armas nam avia Justiça nem quem a fizesse. cada hum procuraua de por sua vida E fazenda em saluo. as armas erão a todos geraes. das vilas E castelos E coloneses E orsinos E doutros prinçipaes Romanos entraram em Roma mais de vinte mil homens que esperauam a çerta noua da morte do papa pera a começarem a Roubar. alguns çertificauam depois que as entenções destes Romanos era poer os espanhoes A espada. mas dura cousa lhe fora dacabar. a noua da grande doença do papa foi aos çismaticos E a muitas outras

partes. o cardeal Regina ficara por leguado em bolonha. E tanto que lhe a noua foi dada partio de caualeiro pera Roma com entenção de socçeder no pontificado. E foilhe dada a noua no caminho que o papa estaua bom E foisse a hum luguar Junto do mar E por ser Ja homem velho E pesado E movido do trabalho do coRer deulhe tal Jnfirmidade que em breues dias morreo. E o papa ouve toda a sua prata E Joias que elle tinha mui Ricas. foi sentida sua morte por que era tido por homem virtuoso E pera muito.

Como o papa foi são E da ligua que fez.

Tornando o papa a cobrar vida foi todo posto em paz E sendo convaleçido foi dizer missa a nossa senhora do populo onde se publicou ligua, scilicet, sua santidade com el Rei de castela, venezeanos, E seneses. foi feita esta ligua em presença do papa E dos cardeaes E dos perlados E dos senhores Romanos E dos embaixadores del Rei E das ditas senhorias que pera Jsso tinhão seus abastantes poderes.

Os nunçios erão Ja partidos. E por que a prinçipal saude do papa era em el rei de castela, polla ligua que *(f. 146v)* tinhão feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte.

Cristianissimo em cristo. filho nosso saude E apostolica benção. o anno passado como alfonso estense que era duque de ferrara se ouvesse ensoberueçido E alçado os cornos contra nos E contra a santa see apostolica cuJo feudatario E vassalo hee, E depois menosprezando nossas munições ho priuassemos consistorialmente do dito ducado nem por Jsso deesse nenhum sinal de obediençia, acordamos de hir a bolonha pera que daquella çidade mais cheguada trouxessemos ao dito alfonso a verdadeira e deuida obediençia, ou liurassemos tam exçelente çidade nossa de sua tirania. pera o qual vossa catolica magestade avendo sido por noos Requerido mandou em nossa aJuda trezentas lanças grossas. tambem mandamos aos veneraues Jrmãos nossos cardeaes da sancta JgreJa de Roma que pera Recuperação de tam grande çidade fossem connosco E nos acompanhassem ou seguissem. o qual quasi todos obediente E

prontamente fizerom. por que seguindonos pollas çidades da sancta JgreJa Romana entraron connosco em bolonha. a fora çinco cardeaes os quaes tendo mao pensamento em seus corações forom por outro caminho a florença. E como quer que forom por nossa parte assi por nunçios como por letras Requeridos que viessem a noos E estiuessem presentes Juntamente com os outros cardeaes As deliberações das cousas pertencentes A dignidade da sancta see apostolica, nam vieram, mas foram a grande pressa E furtiuamente (a maneira de dizer) a pauia E dahi a milão. E posto que sua entenção E mao animo se poderon conheçer per muitos Jndiçios. contodo Jamaes forom por nos culpados. nem por escrito nem por palaura. por que nunca cuidamos que aviam de ser tam minguados de conselho que tiuessem pensamento de se apartar de sua cabeça nem Rasguar a vestidura do senhor Jndiuisible E sem custura, E trazer ha cisma tam dannosa na JgreJa de deus. que por *(f. 147r)* çerto aviam sido de noos benigna E honrradamente tratados E polla maior parte acreçentados. mas a todo se atreue a audaçia E çegua E abominauel cobiça. atreueronse com propria temeridade nam tendo pera Jsso nenhuma faculdade conuocar conçilio geral. nem em luguar nem tempo conveniente E çitaram a noos pera elle. E neste chamamento husaram de desaverguonhada maneira, por quanto afirmaram ter poder de tres cardeaes os quaes derom pera Jsso nem poder nem consentimento. Jnçitados segundo pareçe por el Rei luis de França cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueo E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediençia E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titolo de proteição segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohir outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E prinçepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo todalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros prinçepes da cristandade E que ponha fim A destroição E guerras de Jtalia. E que nom tarde E dilate ha expedição dos maluados turcos E outros JmJguos da salutifera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E desejamos. se outra paz de noos quer tirar, pareçe que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alarguar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si

os Reis E prinçepes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pero, E em Restaurar as çidades *(f. 147v)* E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testimunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de França que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com todalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado prinçipal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violençia. os cardeaes çismaticos vrdem de envoluer toda a cristaam Religião de errores, as quaes cousas avemos visto por cartas de nosso nunçio E ouvido a vosso embaixador que estaa em nossa corte ser vos mui graues E molestas. portanto filho charissimo E mui verdadeiro aleuantaiuos pera defender a vossa sancta madre a JgreJa. destrohi os conçelhos dos çismaticos. dous por naçimento são subditos de vossa magestade. por que por Jsto conseguireis nom menos louuor que pollas outras exçelentissimas cousas por vos feitas polla exaltação da fee catolica. vossa magestade sabera de nosso charo filho guilhelmo caçador auditor de cousas do sacro palaçio nosso capelão noos aver conuocado conçilio geral em sam João de latrão com deseJo de concluir ha expedição contra os maluados turcos E outros Jmiguos da fee cristaam. ao qual Roguamos E exortamos em nosso senhor queiraes prosseguir com aquelle zelo que aveis aborreçido a çisma. E amoesteis E Jnduzaes a nosso amado filho francisco cardeal de toledo E aos outros prelados desses Reinos catolicos pera que venhão a este conçilio que sera tam saudauel a toda a Reepublica cristã. E lhes deis liure liçença E segura passagem. sobre o qual falara a todo muito mais com vossa magestade o dito guilhelmo ao quall vos apraz a dar fee.

dada em Roma em sam pedro sub annulo piscatoris. vltimo de Junho mil E b^{c} E onze [,] ano octauo de nosso pontificado. *(f. 148r)*

Reposta del Rei de castella a qual Representou

dom valeriano de villa que era bispo douedo,

em presença del Rei E de sua corte.

Do que sua alteza Responde ao breue de nosso mui santo padre E a vossa embaixada Reuerendo senhor nunçio hee que sua Alteza tem communicado este negoçio com muitos perlados E grandes destes Reinos E que sua Alteza por si E em nome da serenissima Rainha de castela sua filha muito chara, E de todos seus vassalos E subditos. E vniversalmente de todos Reinos E senhorios beijão as mãos de sua santidade pollo cuidado E diligençia que tem E haa tido do boom Regimento E guovernação E Reformação da sancta JgreJa a elle encomendada E pollo deseJo com que sempre procura a paz E vnidade da cristaam Religião hee mui contente por si E por ela E por seus Reinos E senhorios de mandar ao conçilio lataranense que sua santidade conuoca os prelados E pessoas que lhe pareçerem convinhauees. E assi mesmo hee prestes E aparelhado como catolico E obediente filho da santa madre JgreJa Romana de poer por ella E por sua defensão E amparo sua Real pessoa E estado com as de seus naturaes E subditos trabalhando quanto possiuel lhe for que a JgreJa nom seJa diuidida nem laçerada nem destrohida de seu patrimonio. E lhe apraz E hee contente como Ja ho tem começado de tomar as armas por ella pera Jsso, E pera que o geral conçilio aguora por sua Santidade convocado se çelebre quieta E santamente sem çisma E sem escandalo. o qual nosso senhor queira encaminhar a seu santo seruiço E ao bem comum da Religião cristaam por que despois de çelebrado aJa efeito a expedição E Justa guerra contra os Jnfiees que por sua magestade hee E haa sido tam desejada. E fora em obra por sua parte posta se estes Jmpedimentos E presentes calamidades nam ho empediram E estoruaram. E *(f. 148v)* acabando o bispo, o nunçio pos os giolhos em terra alçando as mãos ao senhor, dando graças e louuores a deus por aver achado em sua alteza tam catolica Reposta tanta afeição E deuação Aa santa JgreJa Romana nossa mãj em nome da qual lhe daua graças E lhe pedia que lhe quisesse dar as mãos por Jsso E sua alteza ho mandou aleuantar E o dito bispo fez hum deuoto sermão em fauor da fee E vnidade da JgreJa, louuando ao santo padre na conuocação do conçilio ao qual outro nenhum prelado de castela foi senam o bispo de burguos que morreo dhi a poucos dias despois que cheguou.

Como foi o carguo de capitão da JgreJa dado ao duque de termenes E de sua morte.

Em quanto estas cousas passauão veo noua ao papa que era aportada grande armada em napole com muita Jente de pee E de caualo que el Rei dom fernando de castela em sua ajuda E da JgreJa Romana mandaua. E di a poucos dias entrou em Roma o duque de termenes que fora chamado pera ser capitão da JgreJa, E vinha Reçeber a bandeira E ho bastam.

Por que nos capitolos dantre el Rei E o papa quis el Rei que o duque dorbino nom fosse capitão. o dia que o duque de termenes Reçebeo o bastam se diss[e] a missa papal em sampedro E o cardeal sam Jorge a quem este carreguo tocaua por ser camaralenguo da see apostolica lhe deu a benção ho bastão E a bandeira acabado o ofiçio E o duque que sahio da JgreJa primeiro que os cardeaes acompanhado de muitos senhores E outros muitos cortezãos, caualguou em hum caualo mui grande E fermoso. seu vestido era de borcado. leuaua ho bastão na mão E seu alferez a bandeira E em muita ordenança atrauessaram a moor parte da çidade atee cheguar a sua pousada. era homem de Jentil peça E amostraua bem em seu aspeito ser mereçedor da honrra E carreguo que lhe era dado. o papa nestes dias se foi de Roma a solazarse aos luguares Junto do mar. o duque antes de partir de Roma adoeçeo de febres E assi doente se partio pera bolonha. E nom tardou que veo noua que era morto. alguns murmurauão que o duque dorbino lhe fizera dar peçonha avendo por JnJuria ser tirada a elle a capitania E estoutro açeptalla. a causa por que se partio o duque de Roma *(f. 149r)* assi doente foi ser avisado que o viso Rei dom Reimon de cardona era partido de napoles pera se hir aJuntar com elle.

Co[mo] pero nauarro tomou a bastida, E o duque

foi sobre ella, E a derribou atee os çimentos.

Antes de cheguar o viso Rei a bolonha, pero nauarro foi combater hum castello do duque de ferrara que estaua nos confins de seu senhorio chamado bastida. E nom lhe foi tam leue de tomar que primeiro que ho entrassem a Jente de guarnição que o duque tinha nelle que era mui escolhida matarom muitos dos Jmiguos. contudo o castelo foi entrado E todos metidos A espada. o conde deixou nelle mui bõa Jente em guarnição E foisse. mas o duque nom tardou com a vinguança. ca veo loguo sobre

elles E tomandoo per força, perdendo primeiro muita Jente [,] non ficou homem dos que pero navarro deixara que nam fosse morto. E mandou deRibar ho castello ataa os çimentos.

Como o viso Rei cheguou a bolonha

E ho que faziam os da çidade.

O viso Rei vinha com seu exerçito na volta de bolonha muito devaguar ataa que cheguou a Jmola onde estiveram muitos dias esperandosse cada dia por elle em bolonha que hee sete leguoas dimola. tanto tardou que deu luguar aos bolonheses a se Refazerem muito mais do que estauam, por que naquella sazão estaua hi miçer anibal E miçer hermes vintivolhas E monsenhor dela paliça capitão del Rei de França de çincoenta lanças grossas. neste espaço fizerom os bolonheses da parte de dentro dous muros E huma grande caua E com a terra que della sahio E com Ramos E madeiros fizerom outro muro de terra a que elles chamão bastião que hee cousa mui forte. E fizerom deRibar todalas torres do muro daquella parte atee serem Jguaes com o muro, por que quando as deRibassem com a artelharia non enchessem as cauas E fizessem mal aos de dentro [.] E assi derribaram todolos moesteiros E grandes edefiçios que avia de fora daquella parte da çidade por *(f. 149v)* que o viso Rei vinha em o Jnverno nom teuessem os do seu exerçito onde se acolher das neues e frios que eram mui grandes, por aquella terra ser mui fria E de grandes neues. E vespera de santo antam que hee a xbj dias de Janeiro ficando por deRibar atee então hum moesteiro que se chama de sam miguel num bosque que estaa na ladeira de huma serra Junto com a çidade [.] naquelle dia A tarde lhe punhão ho foguo sendo grande edefiçio E de muita Renda. E ardendo Ja assomarom no cume da serra pero navarro com dous mil Jfantes E deçerom a muita pressa bradando espanha espanha. E que os virom os que queimauão ho moesteiro E se forom fugindo pera a çidade. E os espanhoes cheguarom a tempo que matarom ho foguo E saluarom ho moesteiro E fizeromse fortes nelle. vendo Jsto a çidade ouve nela grande Repique E aluoroço. E esteue assi pero navarro tres dias no moesteiro antes que cheguasse o viso Rei.

Como o viso Rei cheguou a bolonha

E assentou seu aRayal.

O viso Rei cheguou a bolonha ao terçeiro dia A tarde E loguo grande numero despinguardeiros se poserom de Rador dos muros E tirauão a montão As ameas em maneira que os de dentro nam podiam apareçer antre ellas. E os do aRayal buscaram tempo de prantar sua artelharia que loguo na madrugada seguinte começou a Juguar. E naquelle seguinte dia por nam pareçer pessoa alguma no muro hum espanhol por mandado de pero nauarro por huma escada sobio açima E pollo ver desemparado de Jente bradou dentro espanha espanha. desmandaronse alguns espanhoes E sobiram tras aquelle ao muro [.] monsenhor dela paliça acodio ali, contudo duas bandeiras dos espanhoes estauamençima. E no muro matarom os dous alferes que as leuauão. dos de dentro moRerom xbj pessoas. E hum portugues pera parda tomou a bandeira de monsenhor de la paliça E leuouha. E as duas dos espanhoes ficarom dentro as quaes leuarom E andarom amostrando pollas Ruas com trombetas em sinal de victoria por animarem a Jente que estaua mui desmaiada. *(f. 150r)* os espanhoes se tornarom pera o aRaial por que o viso Rei os fez Recolher, mandandolhes atirar com huma bombarda. case os deixarom daquella vez tomaram a çidade, por que Ja todos os de dentro fugiam sem fazer Resistençia. continuou o viso Rei per muitos dias em seu çerco E fez grande bataria E mui Rasa. os da çidade esperauam cada madruguada serem tomados. E ordinariamente huma ora ante manhãa tangerom hum sino grande que esta na torre del assinelo, deputado aos taes autos E de nenhuma outra cousa serue. como o que esta na torre do capitolio em Roma que se nam tange senam quando todo o pouo hee posto em armas ou compre que se ponha. E todos se armauam e se hião A parte donde estaua o exerçito E ali estauam atee alto dia que era cousa temerosa de ver, por que hee tal pouo o de bolonha que em hum alardo que o papa Jullio fez se acharom na çidade E seu termo corenta mil homens pera peleJar. E a esta ora ordinariamente os do exerçito cada dia tocauam al arma E estauam postos em ordem A maneira de darem combate. faziam Jsto por desvelarem E cansarem os de dentro. E por lhes nam poderem tomar o tino tanto andarom nisto E em cousas de guerra semelhantes sem darem combate que ouve tempo pera a çidade ser socoRida de françeses. hum dia entrarom de socorro quatro mil lançequineques. E vinhão desarmados. E na çidade lhes derom armas. E entrarom sem ser sentidos dos de fora. grande prazer ouve na çidade com a vinda destes. todos forom apousentados na

bateria por essas cauas E chão. dahi a poucos dias entrou na çidade o barão de ibernia com muitos estardiotes que eram todolos caualos ligeiros que el Rei de França tinha. atras estes veo mom senhor de fois com todolos homens darmas E Jnfanteria del Rei de França que então tinha. E todos estes sobreditos entrarom na çidade sem o viso Rei nunca disso saber parte. E com sua vinda se fizerom grandes alegrias. E loguo aquella tarde que entrou sahio fora com quatroçentas lanças a dar vista ao campo *(f. 150v)* dos espanhoes que estauam bem fora de saber que era elle nem do grande poder que dentro estaua. esteue assi mom senhor de fois poucos dias E ordenou de dar huma madruguada no aRaial dos espanhoes, scilicet, que miçer anibal com a gente da çidade sahisse polla bateria, E a Jente françesa por duas portas da çidade E deessem de dous lados todos a hum tempo. quis deus que aquella tarde coRerom huns capeletes E hum foi tomado dos espanhoes E leuado ao viso Rei, o qual descobrio o que estaua ordenado na çidade. E o viso Rei mandou loguo leuantar o campo E Retiraronse duas milhas atras alem do Rio E de huma ponte. E loguo se soube na çidade. E na madruguada coReron o campo E tomarom algum despoJo E doentes E feridos que acharom E leuaromnos aa çidade. ali esteue o viso Rei sabendo segundo se cre ho que avia de soçeder, por que neste tempo abaixarom os soiços a milão. E eram xxbij mil, E entrauão por onde queriam sem contradição polla Jente del Rei de França estar em bolonha. a Jsto acodirom os françeses como a cousa que lhes mais Releuaua que a de bolonha – por que naquelle tempo milão era del Rei de França. E sem fazer tardança partiron todos ficando soomente em bolonha mom senhor dela paliça com suas çincoenta lanças. E forom contra os soiços E por estreita em que os poserom E por partidos se tornarom a suas terras. Jsto feito tornaronsse pera bolonha. E em todo este tempo o viso Rei nom fez cousa alguma contra a çidade tendoa quasi despeJada. nom tardarom muitos dias que em brexa que hee outra grande çidade que foi de venezeanos se leuantarom E matarom trezentos homens darmas que hi estauam françeses. E aleuantaranse contra el Rey de França. E tambem se leuantou perguamo. E por averem venezeanos cobrado estas çidades mandou o papa fazer em Roma grandes festas, mas nam tardou muito que nom forão convertidas em planto E maguoa. E sabida em bolonha esta noua acudirom outra vez os françeses com muito maior pressa a Recobrar estas çidades deixando a bolonha soo E cheguados a brexa ha entrarom por força de combate, E meterom toda a çidade a saco, matando [,] Roubando, forçando donas e donzelas com crueldade *(f. 151r)* nom vista. afirmasse em Roma que passaram de vinte mil almas as que moReram naquelle saco. E tambem

foi Recobrado perguamo. E deixandoas a bom Recado tornaramse pera bolonha. sem outro si neste tempo o viso Rei bolir consiguo tendosse cada madruguada os çidadões por tomados nom entendendo Ja em al, senam em saluar suas fazendas, molheres E filhos. foi esta negligençia do viso Rei tam descuberta que todos criam que nam tinha comissão del Rei pera tomar a çidade. E o papa assi ho presumio. tornados os françeses a bolonha esperarom tee vir toda a Jente del Rei de França que estaua espargida pollo ducado de milão. E sendo Junta nom senhor de fois capitão geral deste grande exerçito sahio ao campo no começo do mes de feuereiro E assentou aRaial a geito doz espanhoes. E huns E outros se forom mudando atee cheguar a Rauena onde se deu a batalha em dia de pascoa. os françeses partiam de bolonha com entenção de combater Rauena [E] com entenção de Jmpedir os mantimentos aos espanhoes por que daquella parte eram prouidos. E os espanhoes os seguirom sempre de sorte que huns E outros cheguarom a hum tempo a Reuena. antes de cheguar a Reuena os françeses combaterom hum castelo chamado Rexa que a elles e a bolonha Jmpedia muito os mantimentos. foi tomado sem dos espanhoes poder ser socorrido. cheguados a Reuena prantada alguma artelharia começaram de bater os muros E estando os espanhoes a vista delles os quaes sentindo a baterya cheguaronse tam adiante que hum pequeno Rio se punha em meo delles. *(f. 151v)*

Quando se estas guerras Renouauam estando aJnda o viso Rei em napoles veo noua a Roma como os mouros tomarom dom guarçia filho primogenito do duque dalua. E afirmasse que por culpa do conde pero nauarro. E loguo Junto da noua vierom hum Jrmão do dito dom guarçia E hum filho de dom fernando de toledo com outros mançebos seus parentes que avião escapado, os quaes andauão visitando as cortesans E dandosse a prazeres com pouco sentido do que lhes aconteçera.

Como o cardeal de sena veo a Roma

E da morte do magnifico pandolfo seu

pai. E da Riqueza daguoscim quise.

Neste tempo se veo pera Roma o Reuerendissimo alfonso petruche cardeal de sena filho do magnifico pandolfo duque E senhor daquela antigua E mui nobre çidade. E por que estando eu em sena quando lhe o papa mandou o capello de cardeal me tinha visto na companhia de dom anRique E dom antonio dazeuedo E doutros fidalguos E portugueses muito honrrados que naquelle tempo ali estudauão na sapiençia. me Reçebeo por seu no foro dos mais estimados familiares. neste tempo era Ja seu pai mui doente E apertando o seu mal fezse leuar aos banhos ou caldas da vinhone que são em terra de sena Junto de sam quiriço. E peJorando cada dia mais assi se mandaua tornar A çidade em andas. cheguando a sam quiriço lhe deu hum açidente que conveo per neçessidade meteremno no esprital por ser a casa mais A mão que se achou. E loguo ouverom aquillo por misterio por que despoJara ho esprital de sena da Renda do qual se prouia este E outros muitos sofraguanhos a elle. E diziam que fora Juizo diuino moRer em esprital. afirmam que tem de Renda o esprital de sena corenta mil florins cada año. de são quiriço pandolfo foi leuado morto A çidade. ca tanto que foi metido no esprital deu a alma a deus foi acompanhado dos prinçipaes cidadãos que o vierom buscar. teue o pouo das vilas E luguares tempo de vir a seu enterramento com todalas tochas das confrarias dos ditos luguares. as quaes se afiramuam ser mil E oitoçentas. hia cuberto de hum pano de Rico borcado E pendia *(f. 152r)* ataa o chão E muitas bandeiras derrador das quaes eu vi despois algumas sobre sua sepultura na see onde foi enterrado. deixou tres filhos E tres filhas, scilicet, o Reverendissimo cardeal, o magnifico burges que ficou no guoverno E mando em seu luguar o qual era casado com huma sobrinha do papa pio eneas siluio Jrmão do arçebispo de sena que despois o papa lião fez cardeal, E fabio que aJnda era minino. as filhas a maior era chamada sulpiçia era casada com hum Jrmão dagostim quise dos mais Ricos E honrrados cidadãos seneses. E posto que pareça sahir fora do proposito nam deixarei de dizer de sua Riqueza trato E maneira de viuer. este aguostim quise E seus Jrmãos erão barqueiros (sic)[5] em Sena. E tanto os fauoreçeo a fortuna que hum casou com a filha de pandolfo duque e senhor daquella senhoria. E agustim alcançou tantas Riquezas que se afirmaua nam aver naquelle tempo outro tam Rico mercador em christãos. seu assento era em Roma. seruiasse de mestre de casa, veador, camareiros, escudeiros, trinchante, moços desporas E da estribeira. seus cavalos E mulas passauam de trinta. assi que o seruiço E trato de casa não era menos de cardeal. andaua por Roma as mais

[5] Leia-se *banqueiros*

das vezes a pee com dous ou tres moços consiguo. hum que lhe leuaua o caualo polla Redea. os outros hião com elle As JgreJas ou casas onde entraua. era Reçebido dos cardeaes com grande cortezia. seu vestir honesto E de finos panos forrados de sedas segundo os tempos. no verão de çetins ou damascos. E no Jnverno de veludo. nam lhe leuauão Rabo como husam em portugual qualquer cuchicraque, cousa nam acustumada em outra provinçia sem necessidade de tempo E luguar [.] ordenado senhor de pessoas manificas de muita Renda E autoridade no tempo que eu parti de Roma nam era aJnda casado nem quis ser cardeal quando o papa lião fez os *(f. 152v)* trinta e hum cardeaes. a segunda filha de pandolfo era chamada Joma E casada com hum dos balantes que erão a parte contraira de pandolfo. E os Jrmãos deste seu Jenrro E outros muitos cidadãos seus parentes E amiguos que erão da sua banda andauão desterrados E estes balantes tinha a parte do pouo. E muitas vezes poserom em obra de matar pandolfo E sempre forom descubertos pollos muitos avisos que pandolfo trazia em sua casa E guarda. E por que se temia muito do pouo sohia de oito em oito ou quinze dias mandar dos seus que fossem de noite pollas Ruas bradando populo populo. E se alguns daquelles em que avia sospeita sahiam erão tomados E mortos ou mui mal tratados. E se guardando o capitão a çidade de noite algum era achado a qualquer ora da noite que fosse ho aviam dir dizer a pandolfo E com estas E com outras semelhantes cousas era temido que ninguem ousaua bolir. a terceira filha se chamaua choca E foi primeiro conçertada pera casar com o filho primeiro do senhor de camarino. E desconçertandosse casou com o filho de Jão paulo valhom senhor ou tirano de perosa. deixou pandolfo em seu testamento por ayos E guovernadores dos filhos dous prinçipaes cidadãos. mas nom nos emcaminharom bem. tinha pandolfo consiguo pera seu conselho hum grande letrado que se chamaua benafara cathedratico de leis na sapiençia. depois da morte de pandolfo as partes contrairas cometerom pazes com seus filhos E em alguma maneira se conçertarom [.] antre as outras capitolações foi que benafara se fosse de sena, E que ho nam teuessem mais em sua companhia. quando o doutor Jsto soube deu em Reposta ha seguinte fabula dizendo que os lobos E as ovelhas sendo grandes Jmiguos de longuo tempo fizerom pazes E disserom os lobos que pois Ja eram todos amiguos que as ovelhas nam tinham neçessidade de trazer mastins em sua companhia E que os lançassem de si. E que ficando as ovelhas sem guarda E defensores vierom os lobos E sem contradição as matarom E comerom. verdadeiramente assi aconteçeo a estes senhores que despois que aquelle famoso doutor foi delles apartado os contrairos teuerom luguar *(f. 153r)* E

tempo de os destrohir E lançar de seu estado conçertandosse com o bispo petruche primo com Jrmão do cardeal E seu mestre de casa que por mandado E aJnda do papa lião ho trouxe A morte E derom perpetuo desterro ao magnifico burges E a fabio seu Jrmão. os quaes se acolherom a napole ao viso Rey como adiante mais larguamente direi. perderonse por se acharem sem conselheiros E se guovernarem como homens mançebos. era seu pai de antigua e mui nobre geração dos pandolfos E nam dos mais Ricos çidadões no começo de sua vida. mantinhasse por sua Jndustria de tratos de mercadorias como todos geeralmente acustumam. era homem de mui grande saber E animo que se soube fazer duque E senhor daquella senhoria absoluto sob cor de companheiro. Reçebeo grandes trabalhos E afrontas prinçipalmente do duque valentino filho do papa alexandre que o deitou fora de sena. E depois de morto o duque ho mandarom vir os çidadões da çidade. E dali em diante ho tiuerom em mais estima por que se nam sabiam sem elle guovernar sendo ausente. honrraua muito os estrangeiros E sobre todos os estudantes portugueses que naquelles estudos da sapiençia avia mais que doutras nações. com todolos Reis tinha Jnteligençia prinçipalmente com el Rey dom fernando de castela. E co papa Jullio com os quaes tinha feito ligua como dito hee. no fim de seus dias erão suas cousas assi prosperas que hum dos filhos deixou cardeal. E o outro duque em seu luguar. E as filhas casadas com prinçipaes çidadões. E muitas vilas E castelos E possissões de seu patrimonio. mas estas bem aventuranças todas se voltarom em breues dias ao contrairo por que as cousas desta miserauel vida nunca permaneçem em hum estado.

Como dom João de castelo branco embaixador de portugual moReo em Roma E foi por procurador del Rei o doutor João de faria. *(f. 153v)*

Dom Johão de castello branco Jrmão de dom martinho que aguora hee conde de villa noua moReo naquelle tempo em Roma. diziam que se causara sua morte de huma queda de hum ginete que lhe o conde mandara. era embaixador del Rei. E avia oito dias que o cardeal mediçis seu grande amiguo proposera em consistorio ho bispado de lameguo que o bispo que entonçes era Renunçiara nelle. ficou por seu testamenteiro o dito cardeal E todolos benefiçios E fazenda do dito embaixador Repartio com seus

criados. E despois que foi papa dizia, se o nosso dom João fora viuo, fizeramolo cardeal com os nossos mais charos amiguos. per sua morte mandou el Rei a Roma com carguo de seu procurador ao doutor João de faria seu desembarguador.

Como o papa mandou por leguado ao cardeal mediçis a bolonha.

Era o sobredito cardeal mediçis florentim filho de Lourenço de mediçis E neto de cosmo de mediçis [.] era o mais pobre cardeal de todolos do colegio E com a pobreza era a todos assi domestico que ho tinham por homem vertuoso tinha hum Jrmão chamado Julião E muitas Jrmãas E parentas. Julião viuia co duque dorbino. erão pobres por que forom deitados de florença por outras partes contrairas que guovernauam E possuhião a fazenda. mandou E senhoreou ho que elles dantes tinhão. este cardeal mediçis com sua mansidão veo a estar muito em graça do papa Jullio que ho trazia nas guerras sempre consiguo. E deseJando de ho acreçentar tanto que o cardeal Regina morreo E seu corpo foi trazido a Roma E lhe fizerom as obsequias (em sancta maria maior onde foi enterrado mui solenemente) çelebradas de todos os cardeaes como acustumam per noue dias fazer a todolos que em Roma morrem, scilicet, no primeiro dia E no derradeiro sendo presentes todolos cardeaes. E nos outros os bispos E prelados delles. o papa mandou A leguaçia de bolonha por leguado em luguar de Regina ao dito *(f. 154r)* cardeal mediçis o qual andaua no exerçito do viso Rei por que a çidade estaua ocupada dos tiranos.

Da batalha de Rauena

Muitas cousas notauees diziam que aconteçerom antre os guerreiros espanhoes E françeses assi ante como despois na batalha. E por que nam hee de crer que os que se nom acharom em tam temeroso feito podessem dar çerta fee das cousas notauees E do que de feito passou escuso de escreuer as deferenças E particularidades que se diziam que muitos capitães E soldados fizerom naquella cruel batalha E passarei por Jsso por nam ser perluxo E nam ter duuida que de tam grão feito darmas vossa Jlustrissima

senhoria tem sabido ho mais çerto. contudo das muitas sentenças algumas direi — E com temor de ser Reprendido –. diziasse que estando os aRaiaes A vista hum do outro, metendosse soomente em meo o sobredito Rio, mom senhor de fois capitão geeral dos françeses mandou o dia dantes da batalha hum trombeta desafiar ho viso Rei pera lhe dar batalha ao outro dia. E que o viso Rei a açeitou. E fez merçe ao trombeta. E que despedido do viso Rei se foi a dom dioguo da cunha prior de meçina da ordem de são João E deulhe hum penacho branco dizendo que mom senhor de fois se enformara qual era o milhor caualeiro que naquelle exerçito vinha, E lhe aviam dito que elle que lhe enviaua aquelle penacho que ho leuasse o dia seguinte que avia de ser a batalha pera o conheçer E se encontrar com elle. E que elle leuarya outro tal. o prior de meçina tomou o penacho E fez merçe de hum colar douro ao trombeteiro E de hum sayão de borcado que trazia sobre as armas E do caualo em que estaua. E por que erão muito mais que os espanhoes, alguns dos prinçipaes senhores E capitães que estauão com o viso Rey lhe disserom que deuiam dar na parte dos françeses que era *(f. 154v)* passada. o qual nam consentio nisso, E deixando os todos passar. os françeses assentaram sua artelharia, mas os espanhoes tinham a sua assentada em mais avantaJoso luguar, E assi seu exerçito, a qual dambalas bandas começou de tirar. E afirmauasse que passara mais de duas oras este Joguo fazendo grande estraguo em ambolos aRayaes na Jente darmas. E que o prior de meçina começou bradar vendo assi perder tantos E bons caualeiros que melhor era moRer As mãos de seus Jmiguos na batalha que como passaros dos tiros da artelharia. E que o senhor fabriçio coluna como marquez de pescara seu Jenrro que tinham a avanguarda moueram contra o duque de ferrara. E mom senhor de lutreque Jsso mesmo vinham por capitães da avanguarda dos françeses. os espanhoes Romperom os françeses. E o duque de ferrara foi preso do senhor fabriçio E monsenhor de lutreque do capitão luis el guordo. o conde pero navarro que era sobre a Jente de pee aJuntousse com a Jnfanteria françesa E Jsso mesmo os Rompeo. E fez tanto que tomou a artelharia dos françeses E alguns capitães se assentaram nella a descansar. tendo a vitoria por sua ca os françeses erão lançados quasi do campo E grande multidão delles mortos. E a vooz dos capitães era victoria victoria. mom senhor de fois com todolos gentis homens da guarda del Rei de França erão mortos os quaes erão duzentos E çincoenta que traziam libree de sayos de brocado E veludo verde sobre as armas. estando a honrra da batalha em poder dos espanhoes que peleJauam, o viso Rei fugio com seis çentas lanças grossas E com muitos ginetes por cuJa ida os françeses tornarom a cobrar ho que aviam perdido. E os

espanhoes tornarom a perder ho que aviam guanhado. diziasse de muitos capitães que fizerom cousas estranhas em armas. de hum coronel biscainho chamado Johanes se afirmaua que antes que ho matassem matou dos françeses corenta. foi pero nauarro preso dos françeses duas vezes. E dambas ho tomarom os seus *(f. 155r)* [,] mas da terçeira ficou em França atee aguora. foi tomado muito ferido por que nam era dos derradeiros. elle se ofereçia a todolos periguos animando E esforçando os seus, estimando mais sua homrra E fama que ha vida. o senhor fabriçio tornou a ser preso do duque de ferrara. E luis el guordo de mom senhor de lutreque E assi aconteçeo a outros muitos que polla Jda do viso Rei em tam breue tempo se mudou sua fortuna ao contrairo. foi preso marquez de pescara que fugio aos françeses E o marquez de vitouto E dom Johão de Cardona E muitos outros de grande conta espanhoes E napolitanos. o marquez dela paliça foi preso de capeletes ou albaneses E por peita ho soltaram E fugio leuando huma ferida em o Rosto. tambem prenderam o cardeal mediçis que era leguado do papa E andaua sempre no exerçito do viso Rei como Ja disse. çinquo mil Jfantes espanhoes que aJnda peleJauam quando o viso Rei fugio fizerom de si hum esquadrão dos quaes os françeses nom curarom E lhes mandarom dizer que se fossem em paz. achousse morto o prior de meçina E Junto delle o penacho de mom senhor de fois. E mom senhor de fois foi achado morto com oito feridas ante a sua Jnfantaria nos quaes os espanhoes aviam feito grande matança assi nos lançaquineques E guastões como nos outros françeses E das outras naçoens. moReo mais dos espanhoes dioguo de quinhões capitão de lanças grossas mui nomeado nas cousas da guerra E hum Jrmão do cardeal deuna, E outros muitos capitaens E Jente estimada. moRerom dous mil Jfantes Jtalianos que mandaua o coronel Ramaçote que era da Jente do papa. dos françeses moRerom mais de xx capitães E outros grandes senhores. diziasse çertificadamente que moRerom dos françeses na batalha passante de quinze mil. E dos espanhoes menos de çinco mil. E que se o viso Rei se nam fora, posto que elle E os que com elle fugirom nom peleJaram, a victoria fora sua. E que ficaram os françeses tam mal tratados que se ao dia seguinte tornaram a elles, nom acharam nelles Resistençia por que a Jente que com elle fugio de homens darmas E ginetes erão tres mil E com os çinco mil Jfantes que ficarom no campo E com *(f. 155v)* os que o senhor marco antonio tinha em Reuena abastaua pera de todo desbaratar os françeses. foi esta cruel batalha dia de pascoa da Resurreição da era de mil E quinhentos e doze anos. durou quatro oras, scilicet, duas oras que Juguou a artelharia E duas que peleJarom. neste mesmo tempo

o papa deitaua a bemção ao pouo em Roma, como se acustuma nos taes dias, excomunguando os da parte de França que então peleJauão na batalha, dos quaes alguns erão nomeados na bula. o sol era mui claro em Roma E naquelle doloroso luguar foi tornado em sanguineo. ao outro dia seguinte foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andaua com elles. na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoees fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [.] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuarom a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades. diziasse que a Jente que moReo nesta batalha era a mais estimada E sabedora na guerra que naquelle tempo avia na cristandade. por que ali moReo a que andara com guonçallo fernandez na guerra de napoles. E da Jtalia a que trazia Ramaçote E toda a escolhida de França dos quaes mui poucos ouverom sepultura. E por Jsso a maior parte da çidade se despouoou por muitos dias E assi muitos luguares daRedor por nam poderem sofrer ho grão fedor que dos mortos sahia que corrompendo ho ar causaua grandes Jnfirmidades. acharanse despois da batalha tres mil molheres em cuJo poder, se achou o prinçipal dinheiro *(f. 156r)* E despoJo dos espanhoes que aviam deixado em sua guarda como custumam fazer.

Como mom senhor de fois E outros capitães

françeses que moRerom na batalha

forom leuados a bolonha E os da parte

do papa que forom presos.

Mom senhor de fois E xxij capitães françeses dos que morreram na batalha forom loguo leuados a bolonha aos quaes fizerom grande Reçebimento E honrras na JgreJa maior çercados dos estendartes do papa E del Rei dom fernando E doutras muitas bandeiras que guanharom na batalha [.] dali forom leuados a milão que era dos françeses E leuaram com elles o cardeal mediçis E o conde pero nauarro E luis el guordo capitão dinfantaria E gayoso outro capitão gualeguo E caruaJal capitão de ginetes filho do alcaide dos donzees E guonçallo barreto portuguez gentil homem com outros muitos presos que se depois Resguatarom. assi que nesta Jornada os mortos triunfaram dos viuos.

Como a noua cheguou a Roma

E do que o papa fazia.

Jaa disse que foi a batalha na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze anos em dia de pascoa da Resurreição. A terça feira seguinte de noite cheguou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de custume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jsso mesmo todalas senhoras e baronesas de Roma que tinhão seus maridos na guerra E cada huma perguntaua pollo seu. o papa as consolaua E dizia que nom cressem nada do que se dizia por que custume era dos françeses semear sempre nouas mentirosas em seu fauor. nesta primeira noua nam veo mais çerteza que ser o viso Rei desbaratado E fugido. despois veo outra que nam escapara dos espanhoes *(f. 156v)* nenhum que nom fosse morto E que os françeses ficaram Jnteiros sem moRer homem delles E que vinhão contra Roma. E que o duque dorbino se passara da parte de França. com estas nouas os cortezãos estauão sospensos E postos em grande confusão E o papa mal contente. passados oito dias vierom coReos E tambem o duque de tracto E outros caualeiros que forom na batalha ataa fim della E se saluarom, que trouxerom noua certa do que passara. todolos dias que nom eram de consistorio fazia o papa congreguação com todolos cardeaes E todo seu fundamento era fazer pazes. trazia tratos com os prinçipaes Romanos por que todos andauam mui aluoraçados. E pollos paçificar lhes confirmou çertas liberdades que sohiam ter

antiguamente. estaua o prospero colunna neste tempo desauindo do papa E querendo Sua Santidade fazello faloneiro da JgreJa veo a Roma sendo medianeiro o embaixador de castela. esteue com o papa espaço de duas oras sem outra pesoa E do que passaram o prospero se tornou a hir loguo de Roma pera suas vilas E çidades de que hee senhor. E estão nom muito longe de Roma. dizse que as coisas que pedia erão taes que nam teuera Sua Santidade por bem de lhas conçeder. E assi se apartaram desacordados. bradaua o papa por guonçallo fernandez dizendo que este queria em Jtalia confaloneiro da JgreJa E capitão del Rei dom fernando.

De como pero marguano matou o brarachelo de Roma E se foi pera el Rei de França.

Estando assi o papa E cardeaes E os cortesãos, prinçipalmente os espanhoes postos em tanta aguonia E temor por que os françeses erão senhores do campo E se afirmaua que vinham a Roma, lhes sobreueo outro mui grande nesta maneira. antre os mançebos de Roma era hum prinçipal dos coluneses que se chamaua pero marguano. avia muitos dias que andaua desterrado de Roma com temor do papa E por huma travessura que fez de homem de grande animo que foi tida por grande façanha por ser pubrica na prinçipal praça de Roma E em tempo do papa Jullio a que todos temiam por ser Jnteiro *(f. 157r)* guardador E executor da Justiça. no tempo que o papa vedaua todalas armas por causa das guerras achando o barachelo ou alcaide de Roma com espada este mançebo lhe disse per vezes que ha nam trouxesse. E nam dando por Jsso por ser senhor dos prinçipaes coluneses fez delle queixume ao papa. E diziasse que Sua Santidade mandou ao barachello que lhe tomasse as armas, o qual ho fez assi o primeiro dia que ho achou. pero marguano ho teue a grande JnJuria E seus parentes, dizendo que se nam deuiam entender taes leis em pesoa de sua calidade. mas nam tardou muito em tomar vinguança. hum dia estando o barachelo em campo de frol com toda sua Jente da guarda da çidade que ho acompanham os quaes são muitos de picas E espinguardeiros E alabardeiros, pero marguano se foi a elle com tres companheiros E ho matou dandolhe muitas cutiladas no Rosto que todo lho fez em pedaços. eu ho vi quando o leuauam ao populo onde ho enterrarom. E erão feridas mui grandes E feas, por que outra parte de seu corpo nam trazia desarmada. foi Jsto

feito sem contradição nem Resistençia dos seus. diziasse que por todos aquelles bairros estaua muita Jente dos Romanos armada em guarda E socorro de pero marguano, dos quaes nenhum foi visto. nom foi este feito avido por cousa leue. o papa tomou disso grande sentimento mas nam pode fazer al senam aver paçiençia por que nam era poderoso de ho matar ante os Romanos. E contudo pero marguano E os companheiros se foram de Roma E sendo da parte despanha, se forão pera el Rei de França por desprazer mais ao papa. estas cousas foram antes da batalha. despois vindo este Romano a huma vila perto de Roma fazer Jente pera el Rei de França com dinheiro que lhe mandara dar esteue ali alguns dias E punha temor nos espanhoes cortezãos por que os Romanos andauão mui aleuantados contra elles. E por que este mançebo era Reuoltoso E tinha grande parte na çidade tinham Reçeo que os voltariam contra elles assi polla muita valia E parentesco que tinha com os Romanos como pollo fauor del Rey de *(f. 157v)* França que estaua vantaJoso polla batalha de Reuena que foi com vitoria E era senhor do campo. por tirar estas sospeitas mandou o papa ao coronel sancta cruz sobre elle com grão Jente darmas E de pee E alguma artelharia, mas o Romano fugio E deixou sua empresa E foisse pera os françeses. o qual despois da criação do papa lião se veo pera Roma como fizeron todolos outros desterrados.

Como se aJuntaram os espanhoes
que escaparam da batalha.

A gente espanhola que ficou da batalha se foi caminho de arimine E dahi a senagualha E A çidade destermo que hee na marca dancona E em cada luguar destes ficauam espritaes cheos de feridos E de emfermos E foram leuados ao vale da cruz onde se começou a Refazer o campo. E ali se contou a Jente E acharamse sete mil E quinhentos espanhoes todos a pee por que muitos homens darmas avião perdido seus caualos. E o custume dos guerreiros de Jtalia hee que nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos comem A discriçam que hee comer A custa dos ospedes sem paguar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça despois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos françeses E alemães Reçebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos

moradores das vilages E castelos. E quando se aconteçe dar alguma batalha aJuntanse grande multidão de milhares destes da terra E vanse em maguotes açerca em luguares desviados a olhar os que peleJam. E vendo algum dos exerçitos postos em fugida deçem E tomanlhe os passos E os prendem E Roubam de quanto leuam E os que nam matam hee por grande ventura. desta maneira tomam vinguança dos males E desonrras que Reçebem. E assi aconteçeo aos espanhoes que fugirom desta batalha prinçipalmente aos de caualo que cuidando saluarse se meteram em maior periguo em as mãos dos vilãos que a muitos desbalisaram E mal *(f. 158r)* trataram. antre os quaes mataram pero de paez capitão de ginetes, pero de beuer A porta de huma tauerneira. este era homem pequeno de corpo E corcouado E de maa presença. porem era hum dos maes esforçados E dos melhores capitães que avia antre os espanhoes. esta hee Rezão por que os de caualo forom contados com os de pee no vale da cruz [.] dahi se foram a la quilla que hee no Reame onde se Refez o campo. a Roma Jsso mesmo acudirom muita Jnfantaria de caualo assi tratados como Jente que escapara das mãos de seus Jmiguos E depressa E de periguo tam grande. moisembique embaixador del Rei de castela os Reçebia todos E lhes daua algum dinheiro pera se hirem a napoles onde estaua o tesoureiro del Rei que por seu mandado lhes paguaua [.] E com estes se foi Jsso mesmo a napoles outra muita Jente que se fez em Roma naquelles dias da muita apertura, nos quaes os atambores pera fazer Jente continuo soauão per todalas Ruas de Roma. em todo este tempo nom se dizia luguar çerto onde o viso Rei estiuesse, por que fugido da batalha cheguando a ancona se meteo no mar em naos que hi tinha. as cousas que diziam os Jtalianos do grão capitão sabendo quam bem o fizeram os espanhoes que peleJaram E que por culpa do viso Rei se perdera a batalha, pareçia a aguoa que deitaram na fraguoa pera se mais açender e Recordar a gloria E fama do grão capitão. E desta pratica erão cheas as mesas dos cardeaes E di pera baixo. o papa teuera sempre crido (vendo a negligençia do viso Rei sobre a tomada de bolonha) que era enguanado E que nam tinha comissão del Rei pera tomar a çidade. E sendo çertificado da maneira que os espanhoes peleJaram na batalha, dizia que aviam Joguado em chostro E entam Rapou ha barba. dizia que nam queria que em Jtalia outro guovernasse a bandeira da JgreJa E suas Jentes senam gonçallo fernandez. E assi o Requereo a el Rei o qual tinha ordenado que o grão capitão passasse a Jtalia E muita Jente escolhida era Ja ofereçida a seu serviço E estauam prestes pera embarcar. E por que o papa nam çessaua *(f. 158v)* em buscar maneiras pera deitar os françeses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio a sua terra polla mais Jente que podesse trazer.

Como o leguado foi solto ao passar

do Rio poo leuandoo pera França.

O conde pero nauarro tanto que cheguou a milão foi leuado a França. depois leuando ho leguado E partindo de milão com poucos françeses de caualo que ho guardauam avendo que hião por terra segura, hum seu camareiro chamado sarapica se foi diante por que sabia que avia de passar por huma çerta barca do grão Rio chamado poo. E teue tão bõa ventura que açertou de falar com hum mançebo filho de hum escudeiro daquella comarqua que tinha muitos parentes E amiguos lauradores, prometendolhe que se tomasse ho cardeal aos françeses E ho posesse em saluo lhe faria tantas merçes que pera sempre seria Rico [.] o mançebo aceitou a empresa E falou com muitos parentes que fizeram seu Roguo. E vindo os françeses com o cardeal fingindo que andaua a caça cheguou com sua companhia a elles E armando a Roido com elles vendo o cardeal tempo nam se amostrou preguiçoso em fugir. os françeses nam moueram adiante temendo ser mortos dos da terra. posto o cardeall em saluo com sua companhia, o mançebo disse aos parentes que se fossem pera suas casas. E elle E o camareiro soos se foram com o cardeal, a pee atee plasençia onde aluguaram bestas que os leuaram a mantua. o marquez Reçebeo ho cardeal fazendo lhe muitas honrras. E ali esteue atee fazer saber ao papa como era liure. E o marquez lhe deu vestidos E caualos E ho mandou acompanhado seguramente como convinha a seu estado. a sua leguaçia que Ja naquelle tempo bolonha era Restituida ao papa E os françeses fora de Jtalia por que nos dias que esteue em casa do marquez de mantua soçederom cousas que se fez ho sobredito. desta maneira foi liure o cardeal mediçis. todo homem Julguaria que deuera ser gualardoado o mançebo que o liurou, por que se fora leuado a França nam tornara assi prestes a sua leguaçia nem fora metido em florença, nem Restituido a seu estado, nem subira ao summo pontificado como em breues dias tudo Jsto aconteçeo [.] o qual mançebo veo despois a Roma pedir alguma merçe E foi notorio ser lançado com mao gualardão podendolhe *(f. 159r)* bem fazer pois Ja era papa. o gualardão que se deu ao marquez de mantua foi a guerra que depois fez ao duque orbino seu genrro casado com sua filha pera lhe tomar seu estado. E nom hee

de marauilhar disto pois a satisfação dos cardeaes que ho fizeram papa foram grandes desaguardeçimentos dados por cruees maneiras

Como se começou o concilio.

Na primeira segunda feira do mes de maio seguinte o papa começou ho conçilio em sam João de latrão que hee cabeça de todalas JgreJas do mundo. E por que os paços que ali sohião de ser dos emperadores, E os socçederam em luguar do emperador constantino estão mui cahidos E aRunbados, sua santidade mandou primeiro Rapairar algumas prinçipaes casas em que se aguasalhassem elle E os cardeaes E prelados por que sam João de latram hee no cabo do deserto de Roma Junto dos muros, lonJe do pouoado mais de huma milha, senam algumas poucas casas dos coneguos E tauernas pobres que estão daRedor. sahio o papa do sacro palaçio mui çedo [.] Alem da comum ordenança que se tem quando caualgua por Roma, mandou que todolos comendadores de Rodas que eram na corte fossem diante delle os quaes hião armados darneses em fermosos cavalos E erão boa copia de caualeiros E pareçiam mui bem, por que cada hum trabalhaua dir conçertado o mais vantaJoso. leuauam sobre as armas sayões de çetim, damasco ou tafetaa das cores que mais lhes apraziam com muitos guolpes que mostrauam as armas E as faziam melhor pareçer. E nos peitos grandes cruzes de são João. todolos cardeaes, patriarcas, arçebispos, bispos, E outros prelados E dignidades que naquelle tempo avia em Roma foram neste aJuntamento. no corpo da JgreJa na naue do meo se fez hum apartamento ao qual se nam podia entrar se nam por huma soo porta, nem de fora se podia ver cousa que se dentro fizesse. E tinhão feito assentos pera os que avyam dentrar no conçilio E segundo o estado E calidade de cada hum. como o papa cheguou a são João de latrão fez mui solene proçissão E depois disse missa *(f. 159v)* de sancto spiritu. frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho fez ho sermão. a missa acabada comeram E avendo Repousado hum pouco, cavalguaram E vieranse pera Roma. E com quanto os dias erão grandes, era Ja noute quando cheguaram a sam pero. E A segunda feirra seguinte foi sua santidade fazer a primeira sesam E por que o offiçio foi longuo dormio em sam Joam de latram E o mesmo fez a outra segunda feira em que fez a segunda sesam E caualguando sempre os comendadores na mesma ordenança da primeira vez. E por que as calmas erão Ja

mui grandes se espaçou o conçilio atee dia dos santos seguinte que os cardeaes se tornaram outra vez a aJuntar em Roma, por que naquelle dia guanham a destribuição dos capelos de todo o ano. E os que nam são aquelle dia presentes nam hão nada [,] posto que todo o outro tempo Residão.

Dos letrados que o papa tomou em sua aJuda contra os cardeaes çismaticos.

Vendosse o papa em tanta aflição com as guerras E com a çisma pera prouer E atalbar a tudo, tendo prouido nos capitaens da guerra, buscou pera sua saluação capitães das sagradas letras. E forom tres frades de tres ordens os maiores letrados que avia em Jtalia em teologia, scilicet, o geral da ordem de são dominguos, E frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho, estes ambos erão Jtalianos, frei guomez portuguez chamado o lixbonense da ordem de sam françisco craustal que era catedratico de teologia na çidade de pauia E mais exçelente teologuo de todolos de Jtalia, o qual tinha quinhentos ducados de Renda. foi Requerido del Rei de França E dos cardeaes pera sua aJuda dos quaes se escusou. depois sendo chamado do papa veo a Roma no começo do mes de Junho. foi apousentado no burguo onde era prouido de todalas cousas neçessarias, E era visitado de todolos portugueses honrrados que em Roma avia. elle os Reçebia com muita humildade E mostraua grande alegria em os ver. pareçeome na Jdade no Rosto e na estatura do corpo com afonso valente o velho quando vossa Jlustrissima senhoria ho vio *(f. 160r)* nos seus derradeiros dias. avia mais de corenta anos que estaua em Jtalia E falaua tam lindo portuguez como se nunca sahira de lixboa. afirmauasse que tinha feito passante de seisçentos disçipulos mestres agraduados em teologia. E por que naquelles dias os françeses E os cardeaes da çisma se foram fugidos a França, E por que os veranos de Roma são perigosos, mormente aos estrangeiros, pedio liçenca ao papa pera hir em Romaria a nossa senhora de loreto com entenção de se tornar a sua casa. E hindo seu caminho o papa mandou tras elle pera lhe dar ho arçebispado de nazaree que vagara [.] o padre nam quis tornar dizendo que nam queria mais do que tinha mandandosse escusar o mais honestamente que pode. o papa mandou outro coReo mandandolhe que todavia tornasse, E elle obedeçeo. E vindo a Roma sua Santidade lhe deu o dito arçebispado

pera prinçipio de cardeall. mas nosso senhor lhe quis dar outras maiores dignidades E nam hee pera duuidar ser assi, por que sua vida E custumes foram santos E virtuosos. E tanto fruito fez na sancta madre JgreJa que se dizia çertamente ser este o prinçipal dos modernos teologuos de Jtalia. adoeçeo de febres E em poucos dias morreo. foi enterrado em sam pedro de montoro que hee moesteiro de françiscos obseruantes que mandou fazer a Rainha dona Jsabel de castela onde o prinçepe dos apostolos foi cruçificado. foi acompanhado de grande multidão de Religiosos E da familia do papa E dos cardeaes E de todos seus perlados por que assi foy ordenado por Sua Santidade que de sua morte Reçebeo muito sentimento por lhe faltar o prinçipal defensor contra as acusações que os cardeaes çismaticos contra elle punhão. esta tam honrrada fim ouue o nosso natural frei guomez de lixboa sobre todolos de Jtalia. E mais exçelente mestre em teologia.

Como Roma hee doentia E os cardeaes se vão como passa o dia de são pedro E sam paulo a luguares sadios, ter o que fica do verão.

Roma estaa assentada antre o mar E a serra da *(f. 160v)* parte do meo dia. E do ponente a Rodea o mar. E contra o leuante hee a serra. antre a çidade E o mar haa grandes pahues que no verão deitam de si mui maos vapores, E coRendo vento marinho leuaos consiguo A çidade. E são tam empeçiuees — prinçipalmente nas madruguadas E na entrada da noite [—] que causam doenças mortaes. por Jsso se diz que Roma hee doentia E os Romanos se guardam muito do sereno. os cardeaes perlados E senhores que tem fora de Roma luguares a que se possam hir, ho fazem como passa o dia de sam pedro E sam paulo por que atee aquelle dia nam daa o papa liçença a nenhum por ser dia de missa papal. E todos estam Juntos por honrra da festa. aquelle anno pedio o cardeal meu senhor Liçença ao papa pera se hir a sena que hee terra fria E mui espeçial de verão. indo o cardeal seu caminho passando huma villa que se chama agoa pendente em huma ponte que aparta o termo de Roma do de sena, achou hum correo que vinha ao papa com nouas que os françeses eram fugidos pera milão com temor dos soiços que vinhão com o seu cardeal. esta fora a primeira vez que o cardeal tornou a sua patria despois que veo a Roma E por Jsso lhe foi feita

grande festa prinçipalmente dia de santa maria daguosto que os seneses acostumam fazer na praça huma grande caça fingida de vssos, porcos, seruos. E corem muitos touros. foi acreçentada esta festa com outras novidades na qual se fez huma grandula que hee cousa notauel pera ver. avia em aquelle dia em cadafalsos que çercauam ha praça que hee grande, E nas Janelas das casas mais que em outra parte que tinha andado, grande multidão de molheres que outro nam vestiam senão çedas. E de mui fermosos Rostos. coRerom paleos os quaes vençeram os caualos barbaros do marquez de mantua que naquelle tempo eram os milhores ditalia. forão ali Juntas todalas bandeiras de todalas çidades vilas E castelos soJeitas A senhoria de sena as quaes passauão de corenta E çinquo. ali esteuemos todo o verão. a senhora manifica sua mãj se finou naquelles dias pousando com elle em seus paços. o cardeal, o duque, fabio E checa, E todos eram presentes, E tambem as outras duas filhas *(f. 161r)* casadas, E os genrros quando deu a alma a deus. muitos diziam E ella ho confessaua dando por Jsso graças a deus que se podia chamar bem auenturada achandosse no fim de seus dias çercada de todos seus filhos sobidos a tamanhos estados. foi sepultada no moesteiro de são françisco craustal, com pouca pompa.

Como o bispo petruche se foi
pera o cardeal de mediçis.

Jaa neste tempo o cardeal de mediçis era vindo a sua leguaçia. o bispo petruche primo com Jrmão do cardeal de sena se foi pera elle com o estamaguo cheo da treição que despois ordenou. este bispo era filho de hum Jrmão de pandolfo. E pandolfo ho criou E lhe deu o bispado de huma çidade das de sena. E quando o cardeal seu filho se foi pera Roma, pandolfo lhe deu o dito bispo por seu mestre de casa por que era Ja homem que passaua de corenta anos. E o cardeall era menos de vinte. elle mandaua E guovernaua toda a casa do cardeal. era homem soberbo de maas Repostas desamaua muito os espanhoes. E por Jsso os que eramos criados do cardeall, nam estauamos em sua graça. o que era ao contrairo com sua Reuerendissima senhoria que mais que a todalas outras nações nos fauoreçia E mostraua muito boa vontade. este naturalmente queria mal ao cardeal E a seus Jrmãos. E nam olhando que seu pai ho posera na homrra que tinha se foi pera mediçis como dito hee E ordio E fez o que se adiante

diraa. aguora tornarei ao que os françeses fizeram depois que se partiram da çidade de Reuena.

Como os françeses se foram seguindo sua vitoria E como se sahiram de toda a Jtalia.

Sam seuerino leguado do campo dos françeses despois da batalha ficou em luguar de capitão geral, o qual se partio de Reuena E seguio sua vitoria [.] com toda a oste foranse a sena E a forli, as quaes çidades desesperadas de socorro se derão ao conçilio çismatico E tambem *(f. 161v)* outros muitos luguares. contudo a fortaleza de forli se teue E estando os françeses combatendo se viram supitamente tirados a fora. E deixado todo o que aviam guanhado se foram a via de milão. Jsto aconteçeo no mes de Julho. E loguo o papa foi avisado pollo coReo que o cardeal topou na ponte daguoa pendente. foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, neguoçeou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha. E nam se contentauam os soiços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente. E Afim os cardeaes que estauam em milão E todolos françeses se foram de italia pera França com temor dos soiços sem ficar franҫes pera senhorear. E por esta vitoria mandou o papa fazer em Roma grandes alegrias E festas E deu hum Rico frontal ao altar de sam pero, no qual mandou broslar letras que diziam Julio papa segundo ligur liurou Jtalia de françeses. chamauasse ligur por que era saonez da prouinçia de liguria, E por que Jtalia ficou despeJada delles. E os soiços com seu cardeal capitão delles erão senhores do campo. E çessou a passada do grão capitão que o papa muito deseJou E procurou aver em Jtalia o qual estaua Ja prestes pera partir com grandes guastos feitos como dito hee. E assy çessaram os tremores e aflições em que o papa E cardeaes cortezãos da corte de Roma estauam depois da batalha em quanto os françeses foram senhores do campo. ca muitos cortesãos se

foram com temor pera suas terras. diziasse abertamente que o papa E os cardeaes tinham gualees aperçebidas pera passarem a napoles ou a castela se os françeses viessem a Roma. nam haa duuida se seu poder fora pera Jsso que foram Reçebidos em Roma E a entraram a portas abertas sem nenhuma contradição. antes dos mesmos Romanos tinhão os cortezãos Reçeo que seriam Reçebidos segundo os viam aluoraçados E delles se esperaua ser *(f. 162r)* feito maior mal. porem nosso senhor quis prouer a tam grande escandalo como fora fugir o summo pontifiçe E os prinçipaes da JgreJa da sua propria cadeira em vituperio E desonrra dos christãos, E gloria E alegria dos maluados turcos E mafometas Jnimiguos da nossa sancta fee catolica.

Como alfonso duque de ferrara veo a Roma, E do que lhe aconteçeo.

O duque de ferrara tinha preso ho senhor fabriçio como dito hee. E vendo as cousas de França hir tam deRibadas tomou por melhor conselho fazer pazes com o papa E com el Rei dom fernando. falou com ho senhor fabriçio que ho daria por liure sem outro Resguate se por seu meo E de seus parentes se fizesse esta paz E concordia. o senhor fabriçio fez tanto que o papa E o colegio E o embaixador de castela derão saluo conduto ao duque pera hir a Roma [.] foi Reçebido do papa com muito guasalhado, E absolueo ho em consistorio pubrico. avendo o duque estado alguns dias, o papa lhe mandou dizer que fosse comer com elle. E elle se escusou por que o convite era no castelo de santangelo atee a terçeira vez que o senhor fabriçio foi falar com Sua Santidade E do que nelle achou, ambos fugiram aquella noite de Roma E por que naquelle tempo todas as portas da çidade se çarrauam de noite E se guardauam continuo com Jente darmas, nam poderom sahir sem a Roido E ferir algumas das guardas por que lhes era mandado que ninguem sahisse nem entrasse na çidade sem primeiro ser conheçido. como o papa soube que eram idos mandou em seu alcanço toda sua guarda. mas nam aproueitou que Ja eram em saluo nas villas do senhor fabriçio que são ao pee da serra. o que deste convite se dizia que o duque ficara sem cabeça, ou fora metido no castelo atee entreguar ferrara ao papa [.] o senhor fabriçio

de tal sorte fez que pos o duque seguro em sua casa. E elle tornousse As suas terras liure da prisão.

Como mil lanças françesas tornaram

a entrar em italia E foram desbaratados. *(f. 162v)*

Nam tardou muito que mil lanças françesas tornaram a entrar em italia. E os soiços os foram buscar E[m] hum luguar chamado voara mataram a moor parte delles E catiuaram E prenderam os outros.

Como o viso Rei fez a mais gente que pode,

E foi contra bolonha com entenção de a tomar [.]

Dom Reimão de cardona viso Rei, partido da batalha E embarcado em ancona como dito hee, dahi a poucos dias apareçeo em napoles E diziasse em Roma que daua tam grande pressa a fazer gente pera tornar contra os françeses que vendeo E desbaratou quanto dinheiro E Joias tinha assi suas como de sua molher pera paguar os soldados. E dauasse pressa a Jsso por atalhar a vinda do gram capitão. mas elle nam vio os françeses que erão Ja Retrahidos a milão quando partio com seu exerçito. E leuou ha via de bolonha com entenção de a tomar. sendo os bolonheses avisados de sua vinda E vendo o dano que os soiços faziam no ducado de milão ouveranse por perdidos E tiueram maneira com o papa que mandasse Jente sua tomar bolonha antes da cheguada dos espanhoes. o papa mandou o duque dorbino com çinco mil homens a que se a çidade deu por mal de muitos que aviam sido em fauor dos vinteuolhas. E quando os espanhoes vieram nam acharam que fazer ca os vinteuolhas E os que a guardauão erão todos fugidos. hee pera Rir E tomar exemplo destas ligeiras voltas que o mundo daa. pera que hee confiar nestas bem auenturanças desta vida pois tam pouco permaneçem. ex os vintevolhas sahidos E loguo Restituidos a bolonha por morte de tantos. ex os françeses vençedores da batalha de Reuena E expunhando çidades E vilas sendo absolutos senhores do campo. ex em quam breues dias foram todos deitados de italia perdendo quanto guanharam.

Como o leguado E o viso Rei se aJuntaram

E meterom a saco ha villa de prado.

El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguarem *(f. 163r)* dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença. E por que os florentins sabiam que a vila de prado era da colaçia E banda do deleguado por ser dos mediçis, mandaram que os naturaes da vila se fossem a florença E meteram dentro çinco mil soldados, nom sendo os espanhoes sabedores disso. E o cardeal tendo que os seus amiguos estauam na vila tinha ordenado com o viso Rey que lhes nom fizessem mal, E que passassem contra florença [.] E passando mandaram pedir mantimentos A villa. E os soldados de dentro Responderom do muro palauras descorteses chamandolhe marranos que fossem a Reuena [.] E com este Jmpeto Remeteram A villa E tomaramna E matarom todolos que dentro estauam em guarnição a saluo dos de fora E ha meterom a saco E foi grande o Roubo por que Alem da vila ser grande E Rica, estiueram ahi mais de dous meses dassento E tiueram tempo pera vender atee o azeite E vinagre. E os luguares comarcãos, scilicet, luca E pistoya enRiqueçeram do que ali compraram barato.

Como foram çercar florença E a çidade se deu.

Avendo estado muito tempo em prado ordenaram de hir çerquar florença que Ja tinha dentro a Jente de seus batalhões que hee Jente da terra que tem pagua em paz E em guerra. E dão a cada hum çem Reaes cada mes. E elles sam obriguados a fazer mestre ou alardo o primeiro dominguo de cada mes E acodirem quando cumpre. E quando vem a guerra paguamlhes seu soldo Jnteiro. estes são grande numero de Jente. os espanhoes erão doze mil, que pareçia cousa contra Rezão cheguaremse aos muros de florença, quanto mais poerlhe çerco por ser çidade tam grande E populosa. porem o

cardeal tinha grão parte dentro com que tinha suas Jnteligençias, nos quaes se atreuia. o que mais aJudou os espanhoes foi mandar o viso Rei deitar preguão no exerçito que daua florença a saco pollo qual os pobres da çidade se sahião *(f. 163v)* fora pera o aRaial dos espanhoes pera serem em saquear aos Ricos que ficauam na çidade. sabendo os florentins Jsto E vendo minguar sua Jente E creçer a dos espanhoes se deram a partido. E lançaram fora o seu duque que estaua por el Rei de França o qual era da casta de souerini Jrmão do cardeal vulterra. saiosse com çincoenta de caualo E embarcou em hum porto de sena. feito Jsto o viso Rei E o cardeal entraram na çidade com poucos espanhoes. E por que os espanhoes se achauam Ricos E se hiam, proueram que os que se achassem Jndo sem liçença que os matassem. E muitos foram assi mortos. o Jnverno era Ja entrado quando as sobreditas cousas de florença aconteçeram.

Da vinda do cardeal de striguonia vngaro a Roma.

Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo. E os mais vestidos de sedas vestense como turcos, as Roupas que seruem em luguar de pelotes, scilicet, trazem çingidas. são como mongys muito estreitos sobidos no pescoço E longuos quasi pollo calcanhar E de mui pouca faldra. Jsso mesmo as manguas compridas E muito estreitas E apanhadas nos braços A maneira de Recramos. abotoanse com brochas de prata mui larguas que tomam quasi o peito todo. E em huma das manguas trazem guarnições do mesmo teor de prata. E os mais nobres E Ricos dalJofre E perlas. as sedas que vestem são pedradas com Rosas douro como de vestimentas digreJa. as Roupas que seruem de capas são do mesmo teor das çingidas soomente capelos muito pequenos E chãos. as manguas são tambem estreitas E longuas. as ombreiras cheguão quasi ao cotouelo por onde tiram as manguas preguadas, trazem os cabelos torçidos como egitanos. E os mais louros, *(f. 164r)* as barbas de deferentes maneiras [.] trazem botas de pontilha de muitas solas cahidas pera baixo preguadas como as manguas. E delles as trazem pintadas douro

pelle. E por que sua vinda foi na entrada do Jnuerno todos traziam forros de pelles de que em sua terra dizem que haa muita abastança. E assi trazem forros na cabeça como no corpo. esta maneira de vestir hee assi nos de pee como nos de caualo. seus caualos são antre ginetes E quartaos E quasi todos brancos com as ventãs fendidas E todos castrados. trazianos aJaezados de prata de gentis envenções. caualguauão A estardiota. os freos são de tão estranha maneira que ho nam saberei decrarar em escrito tanta deferença tem dos nossos. trazem esporas de muitos açicates que sam quasi de cardeaes. E em todalas outras partes Jsto era quando o cardeal caualguaua que o esperauão, ou cavalguando a algum neguoçio seu. tem por custume quando caualguão leuar capas de feltro atadas aos arções dianteiros per sol E per chuua. E nos mesmos arções trazem huns atabaletes que costumam tocar pera animar seus caualos na guerra. alguns erão bem ensinados. E os mais pareçiam homens de fera criança. E trazem todos bandeiras nas lamças quando andam caminho. a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas nações que em todo tempo que estiue em Roma vi. tirando a embaixada de portugual.

Como foi metido o duque de milão
em posse de seu estado.

Depois que o viso Rei meteo em posse ao cardeal de suas casas e possissões E do guoverno E senhorio da çidade de florença como sohiam os mediçis, foisse a lombardia aJuntar com o cardeal dos soiços E tomando o duque de milão consiguo ho leuaram A çidade. E entraram em milão o primeiro dia de Janeiro da era de nosso senhor Jesu Cristo mil b.^{c} E treze anos [.] o viso Rei hia de huma parte E o cardeal da outra. E o duque no meo delles. E foi Restituido ao seu estado todo de que ho el Rei de França tinha despoJado E lançado. E ele se tinha encomendado ao papa, ao emperador, E a el Rey dom fernando que em seu desterro ho ampararam em quanto *(f. 164v)* nam cheguou o tempo de o poderem Restituir a seu Estado. E sendo entregue E apoderado de todo seu senhorio. o cardeal E os soiços se foram pera sua terra. E o viso Rei se partio pera napoles deixando a terra toda paçifica E guarneçida de Jente neçessaria.

Da batalha que o viso Rei ouue com venezeanos

E das outras cousas que lhe aconteçeram Jndo pera napoles.

Partido o viso Rei do duque de milão, foisse por verona que avia estado polos venezeanos em quanto os françeses estiueram em italia. a qual çidade hee grande E pertençe ao emperador E deixou em guarnição della quatro mil Jnfantes espanhoes, os quaes o emperador paguaua. E passando adiante foilhe dito que em huma vila de venezeanos chamada maestra, se fazia naquelles dias huma grande feira. E que erão vindos muitos mercadores venezeanos E doutras çidades de Jtalia com muitas mercadorias prinçipalmente sedas, grãs, perseos, E pelouços, que são panos no cume dos mais finos. E assi mercadores turcos que passam aquelle mar E trazem grande soma de chamalotes E tapetes muito finos E outras mercadorias. E detreminando de a Roubar, ho pos em obra. foi tam grande o despoJo prinçipalmente o das sedas [,] panos E chamalotes que nam tinham bestas nem carretas em que se podessem leuar. E partidos com seu grande Roubo leuando sua via pera napoles diziasse que foram tam a vista de veneza que pera chegar A çidade o mar soomente se metia em meo. E que deitaram pelouros dartelharia dentro na çidade, o que haa grandes tempos que nam aconteçeo sem ser perdido o exerçito que ali cheguasse. Jsto nam no escreuo por verdadeiro porem abertamente se dizia em Roma ser Jsto assi. os venezeanos que nam consentem desonrra mandaram seu exerçito contra o viso Rei. E acreçentaram muita Jente da terra que por todos se afirmaua serem corenta mil Jnfantes. a Jente darmas E caualos ligeiros erão mais que os espanhoes E sendo o viso Rei atalhado de tanta Jente por que a cobiça do despoJo que os seus leuauam lhes nam posesse ho cuidado mais na guarda delle que na honrra da batalha que esperauam mandou queimar todolos panos E sedas E cousas que os soldados sem peJo nam podiam leuar. sendo seguidos dos venezeanos foram ençerrados em hum vale onde lhes *(f. 165r)* convinha moRer de fome E frio, ou passar hum grande Rio, pera vir peleJar com os Jmiguos os quaes os tinhão por perdidos. E ao terceiro dia acordou o viso Rei, tendo descuberto vao, de passar a elles. E antes que amanheçesse se foram ao vao que era bom pedaço de caminho. E passaram ho Rio que aos de pee daua polla çinta com grão pena do grão frio que padeçiam [.] passados E postos em ordenança foram buscar seus Jmiguos que bem descuidados estauão de tal sobresalto. E dando nelles posto que a batalha durou algumas oras, em fim os venezeanos foram desbaratados E mortos

pouco menos que de françeses na batalha de Reuena. foram presos muitos capitães E homens prinçipaes dos venezeanos, antre os quaes foi preso João paulo valbom senhor ou tirano de perosa que era capitão da Jente darmas dos venezeanos. o qual despois foi enviado preso a Roma ao papa sobre sua menaJem. E por que seu filho era casado com a Jrmãa do cardeall meu senhor, muitas vezes comia com sua Reuerendissima senhoria. E contando hum dia as cousas desta batalha, dizia cahindolhe as lagrimas pollas barbas, que nunca se achara em batalha tam cruelmente ferida, que assi nos alemães que erão tres mil como nos espanhoes nom se achaua nenhuma misericordia que ante seus olhos mataram corenta homens darmas seus criados que ho aviam seruido de paJes. E querendolhes valer ouvera de ser morto se se nam dera a prisão. este Johão paulo era naquelle tempo hum dos estimados capitães de italia E grande senhor. esta vitoria soldou muito no viso Rei ha perda da batalha de Reuena o qual se foi a via de napole com pouca perda dos seus E muitos presioneiros venezeanos.

Como el Rei de França procuraua paz

E o papa lhe pedia os cardeaes, E nam se

conçertaram. E como moReo o cardeal cosença.

El Rei de França quisera paz com o papa. E Sua Santidade lhe metia no contrato que lhe entreguasse em suas mãos os cardeaes çismaticos pera fazer delles sua vontade, prinçipalmente santa cruz de que estaua mais escandalizado polla muita honrra E merçe que lhe sempre fizera. el Rei nam consentio nesta semelhante paz. a desavença ficou antre elles como dantes atee morte dambos *(f. 165v)* neste tempo moReo o cardeal de cosença andando em seu desterro em França. diziasse que tanto que se vio doente, disse que Renunçiaua a companhia E maa entenção que avia tido cos outros cardeaes da çisma. E que de todo o que tinha feito E dito contra o papa Julio se aRependia ho qual elle tinha por verdadeiro viguairo de christo sob Jurdição do qual se sometia como obediente filho. E pedia a Sua Santidade que ho absoluesse E lhe perdoasse seus erros E culpas E ho admitisse no conto dos outros fiees cardeaes. E constando depois por estormentos publicos as sobreditas cousas ao papa Sua Santidade lhe perdoou E ho absolueo E mandou escreuer seu nome E titolo no liuro

dos titolos dos cardeaes de que fora Riscado quando elle E os outros forão priuados E avidos por hereJes.

Como no sobredito ano de b^{c} E doze

o tibre creçeo fora de mesura.

Neste tempo E sobredito Jnverno, scilicet, na era de mil b^{c} E doze creçeo tanto o tibre que entrou per Roma ate a ponte do moesteiro de sancto agustinho. E pollos canos grandes E prinçipaes da çidade que vão sahir ao Rio entrou tanta aguoa em muitas partes de Roma que se seruiam com barcas [.] pollo cano que vai dar em campo naguão entrou tanta que cuidaram que fosse alaguado aquelle bairro todo. E desta mesma banda grande parte do campo marçio se naueguaua pollas Ruas com barcas que leuauam os mantimentos As casas. E da parte de bancos entrou aa crauica. E em outros muitos luguares que pareçia quererse a çidade alaguar. E enchendosse as cantinas daguoa as quaes sam todas debaixo da terra, os que nam acodiam a atar as pipas dos vinhos humas com as outras por se nam Reuoluerem perderam muito vinho. E alguns cardeaes E cortesãos mandaram sobir parte dellas aos sobrados pera suas familias. diguo Jsto por que o cardeal de sena ho mandou fazer assi, temendo que cheguasse a aguoa a sua casa por que erão Junto do campo naguõ [.] pousaua o cardeal de narbona franҫes em humas grandes casas que estauam sobre o tibre E na parede do pateo delas estaua huma pedra de marmor que fora ali posta a aquelle fim, que tinha dous Riscos pouco *(f. 166r)* mais de hum palmo hum açima do outro com letras que diziam que em çertos tempos creçera o Rio E cheguara a aquelles Riscos. E são lembrado[s] que huma daquellas cheas foi no pontificado de alexandre sexto. E esta que foi neste tempo cheguou açima do primeiro Risco, E nam sobio ao de cima, ficando no meo dambos [.] E loguo foi ali aberto outro Risco E escrito o tempo em que fora. estas cheas sohiam causar em outros tempos grande pestelença por que Roma sohia ser de casas de balcões, E as Ruas por calçar E no meo cheas de esterqueiras E de cães E doutras cousas mortas. E as cheas metiam aquellas podridões nas casas E cantinas que despois deitauam de si maos cheiros E vapores que conRompiam ho ar E traziam as pestes E maas Jnfirmidades. mas aguora hee toda calçada de ladrilho per alto E limpa quanto mais choue ou venta que varre as Ruas

que hee prazer andar por ellas. E do tempo que eu em Roma estiue que foram sete anos saberei dar fee que nam ouue peste nem fome. as guerras sentiam nas os que andauam nellas E os papas que as faziam que tinhão ho peso dellas As costas. os de fora dauanse a prazer, saluo naquelle passo da batalha de Reuena que punha espanto a toda a corte de Roma E sobre todos aos espanhoes.

Como se descobriram as grandes crueldades que dous cruees homens faziam em Roma.

Vieram a Roma neste tempo dous companheiros que husauão ofiçio de extrema crueldade. ambos cleriguos, hum de missa outro de euangelho, hum bretão E outro picardo. E apousentaransse em huma casa que estaa sobre o tibre açima da ponte sisto pouco mais do que hum homem pode lançar huma pedra. E tinhão por ofiçio andar polla çidade a convidar homens que fossem a sua casa a neguoçios que elles fingiam. E como os tinhão em casa nom leuando senam hum soo, hum delles se assentaua com o ospede a departir. E o outro vendo tempo desposto lhe daua por detras com hum machado na cabeça que lha fendia. E alem disto caReguauão ambos sobrelle E acabauamno de matar *(f. 166v)* As punhaladas. E despois de o Roubarem enterrauamno na mesma casa a Redor das paredes. aconteçeo que convidaram hum castelhano cleriguo que lhes fosse dizer missa. E foi perante outro seu companheiro. E mataramno da maneira que tenho dito. o castelhano vendo que nam vinha o companheiro sendo Ja passados alguns dias foi perguntar aos mesmos carniçeiros que se fizera de seu companheiro E elles Responderam que o nam viram do dia que lhes dissera missa. permitindo deus que tamanha maldade não fosse mais adiante Jnspirou naquelle que procurasse de saber a verdade. E dahi a dous ou tres dias foi a casa dos matadores E acaso erão fora. E a porta nam era çarrada. E entrando vio capas E pelotes em huma corda E calças, antre as quaes conheçeo as do companheiro E presumindo o que era foisse ao barachelo ou alcaide que era naquelle tempo o capitão de santa cruz de nação castelhano. E contoulhe o caso. E o barachelo lhe disse que pois os conheçia que os esperasse E tanto que fossem em casa que os hiria prender. E assi foi feito E tanto que foram presos lhe buscaram a pousada. E acharam vestidos de muitas sortes. E metidos a tormento confessaram a morte daquelle E doutros dizendo

que os matauam da maneira sobredita. E foi loguo a Justiça outra vez A pousada. E acharam dentro sete homens enterrados de Redor das paredes os quaes erão de poucos dias mortos. E os enterrauão em casa por que o Rio hia baixo. E nam os lançauão nelle por nam serem vistos. E guardauamnos pera quando fosse creçido. nesta crueldade confessaram que avião morto homem a que nam acharam senão hum baioque, que são quatro Reaes nossos. acharamlhes çem cruzados. E o barachelo os leuou ao papa. Sua Santidade mandou que se despendessem em fazer hum caRo E estormentos pera serem por Roma Justiçados E atormentados. foram per toda a çidade trazidos naquelle carro E atanazados com ardentes tanazes despois forão esquarteJados viuos com o mesmo machado com que matauão os homens, scilicet, hum em campo de frol, E outro em campidolio. antre as outras cousas confessaram que cada hum andaua pera matar o outro por aver os çem cruzados. o mais mançebo moReo mao christão E grande espanto pos a crueza destes homens em todo *(f. 167r)* pouo Romano. eu falei com muitas pessoas honrradas fisicos E sulurgiães que trazem vestes de grãas E as mãos cheas de preçiosos anees a que elles convidauão E Requeriam que fossem a sua casa. E polla verem em tal luguar nam entrauam E se tornauão. que aleuantauão as mãos aos çeos dando graças a deus por os liurar de tam grande periguo. E deste ofiçio tinham husado em outras partes.

Como o papa adoeçeo E passados çincoenta dias

deu a alma a deus. E do que neste meo tempo se fazia em Roma.

Era o papa Jaa mui velho, E doente de boubas, E tinha praguas nas pernas das quaes o curaua hum fisico Judeu seu priuado. E por nam poder andar a pee faziasse sempre trazer em colos domens assentado em huma cadeira. E tinha moços da estribeira mui bem despostos que ho traziam a que daua tanta Renda que muitos fidalguos E homens de muito mereçimento trabalhauam por ser Reçebidos de Sua Santidade naquelle foro. ca erão mais que camareiros. todalas oras podiam falar com sua santidade E estrouar a quem quisessem que lhe nam falasse por que tinham sempre a guarda das portas. conheçi alguns de mais de mil ducados de Renda. ca lhes conçedia o papa vaguantes, E daualhes Reseruas de conesias E dignidades que vinhão a efeito com que enRiqueçiam. sohialhes o papa chamar meus caualos. E perdõeme suas merçes que

nam deixarei de dizer que este nome os fazia perder a autoridade da Renda, husando com as damas Romanas ho custume dos mais daquelle ofiçio. E deixando os outros ponho exemplo em antão del pozo dayão de cordoua que tinha dous mil ducados de Renda E homem de saber E geração E de mais credito E autoridade que todos viuia na Regra dos da estribeira sem perder ponto. a velhiçe E longua doença E os cuidados E paixões das guerras E da çisma E do conçilio o qual o papa alarguara do dia dos santos outros dous meses adiante, ho çerquaram E estimularam de sorte que adoeçeo a não se aleuantar de huma cama. E nam lhe valeo pera seu Repouso sobir de tam baixo E Jnfimo estado a sumo pontifiçe. por que as cousas desta vida são todas miserias trabalhos E angustias. E quanto maiores estados, maiores noJos, maiores neçessidades, tormentos E cuidados. E com todo seu mal prouendo nas cousas da guerra E da JgreJa fazia cada dia congreguação os dias que nam erão de consistorio ou com sua doença. *(f. 167v)* çincoenta dias, sem em todo este tempo se fazer em Roma nenhum Rumor. em sua doença lhe foi muitas vezes Requerido pollos cardeaes que partisse das terras da JgreJa E de seus tesouros com alguns seus parentes. E nunca ho a Jsso poderam mouer. E sendo todauia Jmportunado do sacro colegio que deesse ao senhor nicolao capitão prinçipal da sua guarda (marido de madoma laura a mais fermosa molher que naquelle tempo avia em Jtalia) natural Romano hua pequena villa, nam no quis fazer dizendo aos cardeaes que elles lha podiam dar se quisessem. os quaes se aJuntaram E lha deram por ser mais acheguado parente do papa, E pesoa que todo acreçentamento mereçia. diziasse que per consentimento do colegio dera em dinheyro trinta mil cruzados a çertos parentes, scilicet, dez mil ao senhor João Jordão casado com sua filha. E a bertolameu dela Rua seu sobrinho filho de seu Jrmão, dez mil. E os outros dez mil Repartio per outros [.] E das terras da JgreJa nunca quis dar cousa alguma. E Jsto se fez durando sua doença. as mascaras nam se deixaram de fazer com muita paz E assesseguo. na festa do campo naguão foram dezoito carros triunfaes. E antre as outras estorias foi Representado como os françeses foram lançados de italia. os meninos que caualguauão aquelle dia ao custume antiguo foram com mais ventaJem de vestidos E ornados de seda E pedras preçiosas que em nenhum outro dia que os visse em todo o tempo que em Roma estiue. E assi a Jente foi mais armada E de mui limpas armas. E os Romanos fizeram naquelle dia mui Rico cadafalso E assentos de suas pessoas em campo naguom. as diuisas E vestidos do senhor João Jorge çesarino alferez de Roma E as bandeiras de maiores despesas. CoReramse os paleos assi Ricos segundo comum ordenança. E os touros E caRetas de

monte trastacho E todas aquellas acostumadas festas forão feitas com muitos comprimentos. E tudo foi mandado E ordenado pollo papa pera dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam cheguada, por que compria assi por bem dos grandes neguoçios [.] passado o dia dentruido em que se as derradeiras festas çelebram andados poucos dias da coresma, mostrando sua santidade sinaes de cristianissimo pontifico deu sua alma a deus. foi sepultado na JgreJa de sam pedro. com solennes exequias.

De suas condições E custumes.

Era o papa Jullio saones da prouinçia de liguria. diziasse que fora em sua moçidade homem de mar, grumete de nao *(f. 168r)* E que naueguando estiuera Ja em lixboa. vindo o papa sixto quarto ao pontificado cuJo sobrinho elle era, ho fez cardeal do titolo são pero avincula. E avendo Rezões com o cardeal Roderico borga viçechançiler lhe deu huma bofetada. E vindo o dito viçechançiler a ser papa chamado alexandre sexto, Jullio se foi de Roma fogido a França onde andou atee a morte dalexandre. E tornado a Roma em tempo de pio segundo que durou poucos dias, per sua morte foi criado papa. E no prinçipio liam do seco valentinoes que era capitão da JgreJa E tinha os exerçitos em seu poder, tramou foi preso pollo grão capitão E leuado a espanha onde depois foi morto. E coRendo de Rosto contra todalas cousas dalexandre despoJou Roma de toda sua valia. E ao presente nam avia cousa sua naquellas partes, senam o cardeal borga que era penitençiario que estaua acolhido em napole E madona lucreçia filha dalexandre molher dalfonso estense sobredito duque de ferrara. E presumiasse que por este diuido que o duque tinha ao papa alexandre lhe queria tomar ho estado. fez Jullio alguns parentes cardeaes, scilicet, o primeiro seu sobrinho que era titolo são pero avincula viçechançiler. deste se dizia que era mançebo singular, E de tal engenho que mandaua ho papa E toda a corte. E moRendo de febres querendo o papa dar as suas dinidades a outro seu Jrmão de mui Rustico Juizo E custumes, mandou perguntar ao cardeal de portugual que lhe pareçia disso. o cardeal lhe Respondeo que os vilãos de sua terra se perdem a faca da bainha andando na arada metenlhe outra de pao por que senam seque [.] o papa tomou seu conselho E deulho mesmo titolo de cardeal E de chançelaria. fez Jsso mesmo cardeal asincrisis

que per morte do cardeal borJa ouve a penitençiaria. este tinha assinatura da Justiça. quando o papa era Jdo As guerras elle ficaua por leguado em Roma. era homem antre todolos do colegio exçelente em todalas suas maneiras E custumes. amador da Justiça, E da honestidade E Religião da JgreJa. com estes fez outros cardeaes dos quaes forão dous seus camareiros, scilicet, sam clemente que moReo de febres quando eu cheguei a Roma, E o cardeal pauia que matou o duque dorbino. era o papa Jullio homem de tam forte condição que na maior afronta ou neçessidade das guerras nam lhe *(f. 168v)* podiam conheçer sinal de couardia, mostrando animo grande E dando a muitos asperas Repostas. era çerto no que prometia. avorreçia truães Jograes. as espeitatiuas E Reseruas que deu foram per tal compasso que todas poderam aver efeito. foi grande edificador. sendo cardeal fez os paços de sancto apostol que são huns dos prinçipaes de Roma de crastas Jardins (?). E sendo acabados de telhar vieram a elle os mestres que lhes paguasse. E Respondeo que deixassem primeiro chouer. E fez a fortaleza de gruta ferrara que hee cousa forte. E a de ostia de que era bispo. despois de ser papa fez a fortaleza de bolonha que deRibaram os vintevolhas. E a de çiuita velha metida no mar quee huma das maiores E fortes que se diz aver em Jtalia. em Roma fazia huns grandissimos paços pera se apousentarem nelles todolos ofiçiaes da curia Romana, scilicet, guovernador, auditor da camara, auditores da Rota, Regente com todos seus notairos E ofiçiaes, pera que os neguoçeantes nam padeçessem tanto detrimento em suas demandas E despachos como aguora se faz. ca polla çidade ser grande E os ofiçiaes espalhados nom podem sem grandissimo trabalho suprir a Requerer sua Justiça, assi no Jnuerno que são os dias pequenos, como nos grandes que são de mortaes calmas que os mata fazendo exerçicio mais do que Roma Requere. E sobre todalas outras obras fundou a JgreJa de sam Pero, que acabandosse seraa a moor edefiçio de JgreJa do mundo. começa de fazer hum muro que vinha da entrada de belueder atee o castello de santangelo, per fora do que fez o papa alexandre sexto ho qual manda deRibar. fez huma sumptuosa obra descadas dabouadas pera sobirem os cardeaes a caualo atee porta de sua camara que no andar da sala dos pontifiçes no cume dos paços que são mui altos. E são tam anchas que podem hir dois de caualo apar. deRibando salas e apousentamentos pera Jsso. nom desfaleçia nas maiores afrontas, E com grande diligençia prouia a todalas necessidades. as guerras que teue foram por tirar o patrimonio da JgreJa das mãos dos tiranos. foi menos casto do que convinha a viguairo de christo E tam exçelentissimo barão. deleitousse muito em comer E beber, E muitas vezes sem tempo E ora limitado. ficaram muitos prelados

sem capelos de cardeaes que erão Ja eleitos publicamente *(f. 169r)* declarados por cardeaes. E hum destes foi dom martinho arçebispo de lixboa. com quanto era belicoso E de RiJas Repostas, E pareçia por esta causa ser de muitos desamado, nom lhe poseram epitafios em sua sepultura. que verdadeiramente a grauidade E honestidade E autoridade de sua pesoa ho fazia ser assi Reuerençiado que todos seus feitos moRendo elle foram tidos por obra de Justo pontifiçe. hee muito de notar no feruor de tantas guerras E contrastes a Justiça ser em Roma tam temida E guardada que atee dar sua alma a deus, se nam fez cousa contra Rezão que deixasse de ser punida. sua guarda dos besteiros de caualo erão Jtalianos. E a dos caualos ligeiros erão albaneses a que comummente chamam capeletes ou estardiotes. E sam chamados capeletes por que trazem em luguar de barretes E sombreiros, capellos de feltro de hum couado em alto cubertos de seda ou de fino pano que tem tres dedos de borda A Redonda [.] são Redondos E em çima sem ponta E chãos, de sorte que tirando os ditos capeletes da cabeça E postos no chão com a boca pera çima ficão a propria feição de baçio secreto. quanto a noos hee feo traJo. pareçe a elles fermoso. vestense dos corpos como os vngaros. trazem as barbas com seus bebedoiros compridos E partidos, E o mais Rapado. outros as trazem doutras maneiras deferençadas [.] seu cavalguar E o dos vngaros hee de huma maneira. a guarda da Jente de pee do sacro palaçio era dalemães. tinha grande deseJo que fosse despanhoes. E nam no fez por escusar os aRoidos que cada momento huns com os outros armauão, prinçipalmente sobre molheres. E os alemães são fora disso. moReo o papa Jullio deste nome segundo a xxj dias de fevereiro na era de mil E b^{c} E treze. esteue Roma sem nenhum Reboliço, soomente que os Romanos poseram çerquo ao moesteiro de são paulo que hee fora da çidade E o entraram E o despoJaram de muita parte do tesouro E da Renda que era muita. no combate moReram alguns frades E dos de fora. despois Jndo huma noite pera Roubar o sprital de sancto sprito que hee no burguo Junto do sacro palaçio a Jente darmas da guarda do colegio E a artelharia do castelo de satangelo os fizeram tornar atras [.] todo o mais da çidade esteue em paz guardandosse cada hum mui bem em sua casa em quanto nam foi criado nouo pontifiçe. *(f. 169v)*

Como o cardeal mediçis veo a Roma,

E das maneiras que teue pera ser papa.

Como o papa Jullio se finou sendo mediçis avisado se veo a Roma sem fazer detença como acustumam os que naquellas se querem fazer senhores per força, ou por mais çerto falar tiranos. ca Juntamente com senhorio alcanção temor de ser mortos cada dia. cheguou a Roma quando se fazião as enxequias do papa que hee o tempo em que todolos cardeaes vaçilão E trabalhão por alcançar o summo pontificado. E nam faltam ali as manhas do gualeguo que prometia o masto de çera. tinha este cardeal hum escudeiro chamado bernardo de bibiano homem sabido nas cousas do mundo [,] antremetido [.] graçioso E mui bom cortesão, o qual era mui conheçido de todolos cardeaes E senhores de Roma. este deitando dados no tauoleiro da fortuna, sendo o cardeal seu senhor abaixo de muitos cardeaes em Jdade, dinidade, Renda, E autoridade a cada hum dos quaes convinha com muita Rezão o sumo pontificado, tomou esta empresa. emquanto se acabaram as obsequias coRia os cardeaes pedindolhe suas vozes pera seu senhor ser papa, prometendo a cada hum dinheiros prelazias E vilas E herdades E o Regimento do pontificado dizendo que o cardeal era manso E mole E que Reçebendo delle tam grande benefiçio o guovernaria E despoeria delle E do pontificado A sua vontade. com estas E outras enguanosas palauras moueo assi os corações dos cardeaes mançebos, prinçipalmente ao cardeal daraguão que vinha da geração Real dos Reis de napole, scilicet, filho dum filho bastardo del Rei dom fernando, E o Reuerendisimo cardeal de sena, E o cardeal saule, E cornaro, E outros cardeaes diaconos cuJos nomes deixo por escusar proluxidade que deram suas vozes ao cardeal de mediçis. E cada hum esperando de ser o prinçipal guovernador como lhes era prometido. era tambem aJudado pollos embaixadores de castela por que elle mais que outro era deuedor E em obriguação a el Rei dom fernando. E esperauasse que sendo papa nam desconheçeria o que el Rei por elle tinha feito, E contra todo mundo seria em ajuda E fauor de suas cousas. mas nam ho pos assi por obra.

Da maneira do conclaui E como os cardeaes sam ençerrados.

Por me nam culpar a mjm mesmo quando em algum tempo for preguntado polla maneira do conclaui, o fui ver quando o ordenauam. no sacro palaçio haa huma mui grande sala na qual se fazem os consistorios publicos. no andar *(f. 170r)* desta sala vem dar a capela grande do papa, E tambem a pequena que hee a antigua que estaa da outra parte da sala de fronte da capela grande. nesta capella grande se armarom leitos de campo com carrioles dambalas partes A maneira de dormitorios de frades, sem antre hum E o outro aver outro Repartimento senam as cortinas dos mesmos leitos. na capella pequena ouviam missa. na sala comiam E passeauam os cardeaes. nenhum delles pode ter consiguo senam hum soo seruidor. este escolhem dos mais priuados que tem. E o mais sabido, por que desque sam encerrados, creçendo o deseJo de alcançar tam altissima dinidade, creçem as diligencias, creçem as promessas de grandes prelazias E doutras merçes. ali vai bulir, tramar, huns com os outros. E mui Raras verdades pera aver mais vozes pera seus amiguos [.] E pera se Jsto bem fazer cumpre a cada hum ter consiguo pesoa que ho bem saiba ordir. a estes seruidores são conçedidas Reseruas que preçedem todalas outras. mas nenhum nam foi desta vez tam soliçito ou bem afortunado como o sobredito bernardo beuiano ao qual o cardeal de mediçis meteo consiguo no conclaui. tanto que os cardeaes são dentro tapanlhe as portas de pedra E cal. em huma das portas fazem hum torno como de freiras por onde lhe dão de comer. todalas outras Janelas E furacos se tapão da mesma maneira por se nam poder dar aos de dentro nenhum aviso, nem os do conclaui aos de fora. contudo a capela E a sala ficam mui claras com as grandes E gentis vidraças que tem que dão claro lume. nesta sala E nestas duas capelas são soomenteençerrados. E a outra grandeza dos paços fica na guarda da Jente darmas. os embaixadores dos Reis estão o mais do tempo ao torno em quanto assi estãoençerrados sem criar nouo pontifiçe. E nam vai Jguaria a nenhum que primeiro não seJa vista E olhada se vai algum escrito ou cousa que seJa daviso. Jsso mesmo olhão os baçios de prata se vão nelles algumas çifras ou sinaes. E no que achão Risco nam consentem que o metam dentro. nestas guardas se poem muita diligençia. a ordem da eleição do papa hee santissima se as dos eleitores for tal.

Como mediçis foi papa E se chamou lião deçimo. *(f. 170v)*

Acabadas as obsequias entraram no conclaui desassete cardeaes que se acharam em Roma [.] fizeram dous scrutinios nos quaes quasi foram Jguaes nas vozes o cardeal de cuna per outro nome chamado alborensis, E mediçis. mas no segundo querendo os cardeaes diaconos que fosse o papa diacono elegerão mediçis com huma soo voz que ouve da ventaJem de cuna. era este cardeal de cuna castelão E mui velho, bem mereçedor do pontificado. por elle se podia dizer ser padre dos da patria que grandemente amaua E aguasalhaua os espanhoes. quando per Roma se soube que mediçis era papa, os que maes entender tinhão ho ouveram por cousa estranha. aberto o conclaui leuaram o nouo pontifico a sam pedro cantando te deum laudamus. acabado o oficio, tornandosse os cardeaes velhos pera suas casas, as Romanas lhes dizião passando per suas portas, Que pobres cardeaes velhoszinhos onde estaua vosso siso quando fizestes o vosso filho papa. era mediçis neste tempo de corenta E dous anos. desta eleição teueram geralmente todolos sisudos descontentamento por que Alem de ser mui mançebo era florentim que hee nação sobre todalas outras mais cobiçosa E acquiridora de Riquezas. tinha hum soo Jrmão E muitas Jrmãs, sobrinhos E parentes mais que outro nenhum cardeal. a qual cousa hee mui grande dano a todo pontifiçe, pois hee forçado que o patrimonio da JgreJa se destribua por elles fazendo os de pobres E neçessitados grandes senhores, como mal pecado se aguora custuma. a qual cousa se nam pode fazer sem tomar os senhorios alheos E vender as dinidades E perlazias E os ofiçios apostolicos pera suprir os guastos de grandes estados a que se aleuantam, como este papa liam fez, que a seu Jrmão que era hum pobre escudeiro do duque dorbino fez çidadão de Roma E capitão da JgreJa E o casou com a Jrmã do duque de saboia, o qual casamento lhe custou muitos milhares de cruzados. E segundo se afirmaua passaram de duzentos mil. fez loguo quatro parentes cardeaes. trouxe as Jrmãs E os maridos a Roma. a todos deu grandes casas E mantinha seus estados com grandes despesas. E por que a Jnsinia dos françeses hee hum lião se fez chamar lião deçimo. nos primeiros çincoenta dias Reçebia os embaixadores E senhores de Roma com a mesma cortezia que fazia sendo cardeal, *(f. 171r)* fazendoos cobrir E assentar. E elles catandolhe a diuida Reuerençia. a alguns disse que nam cria que era papa. sabido Jsto per Roma atribuiasse ao miserauel estado em que viuera. por que os cardeaes abastados Jaa se tem por papas antes de ho ser E sendoo nam faleçem em tempo algum da çerimonia do estado. no mesmo dia que sahiram do conclaui, estando

o cardeal de sena A mesa praticando na eleição com os criados que com elle estauamos, disse que fora eleição obrada pollo spiritu sancto aleuantando as mãos dando graças a deus por elle ser hum dos eleitores. E loguo alguns começaram de murmurar dizendo que aprouvesse a nosso senhor que lhe nam custasse caro a elle E a seu estado o que fizera. E que a sua alegria se nam convertesse em pezar. E todos sahiram verdadeiros profetas pollo que despois soçedeo. ca soo a voz do cardeal de sena que ouvera mais o fizera papa. diziam Jsto por que florença sempre antiguamente teuera guerra com sena. E sendo o papa florentim, bem era de presumir que avia de ter maneira como em seu tempo fosse sena subJeita a florença. E sendo Jsto assi, claro estaua que o cardeal E seus Jrmãos aviam de ser lançados E esbulhados de seus estados E do mando E guoverno que tinhão. alguns falauão nisto ao cardeal, mas tanto era o contentamento que tinha, que todas estas cousas lhe forão escuras. naquelle mesmo dia o cardeal soiço, disse publicamente que elle nam estaria mais em colegio que tal papa elegeram E di apoucos dias se foi de Roma pera sua terra. tambem o cardeal de Jnglaterra disse publicas Reprensões desta enleição mas nam se pode hir como se foi o soiço, por que lhe atalharam com peçonha que lhe deu hum seu camareiro.

Como o papa fez quatro cardeaes,

E das cousas que se diziam E faziam per Roma.

Naquelles dias hum cortesão grande dizidor escreueo sobre hum titolo que estaa sobre huma porta de huma sala do sacro palaçio, que diz, nicolao papa quinto mil iiij^{c} E sessenta. E esta a letra por parte. a Jnterpretação hee a seguinte, E as letras estão desta maneira – nibil papa valet. multi cardinales çeçi trahent çecum leonem deçimun .//.n.pp.V.c.c.c.c.l.x.//. chamoulhe çeguo por que era mui curto da vis[ta] E trazia hum oculo com que via. outros muitos epitafios se poseram per Roma muito de notar que despois sahiram verdadeiros. a este prinçipalmente se presumio que o papa deesse castiguo *(f. 171v)* mas bernardo de beuiano que era grande trobador E queria por Jsso bem a este E a todos os bons dizidores, baralhou esta zombaria de feição que veo o papa a folguar com elle E o tomou por seu cobiculario. a todos aquelles cardeaes que o elegeram nam neguaua cousa que lhe pedissem. a todos fez palatinos, E deu

pousadas no sacro palaçio. sobre todos era priuado o ca[r]deal daraguão que absolutamente se tinha por guovernador seu. Repartio com elles seus benefiçios E outras cousas que tinha da JgreJa. ao cardeal de sena deu a vila de bolsena que era sua E a Jurdição da via de populo que hee hum dos melhores de Roma E tomoulhe çertos criados no conto dos quaes eu entrei. mas nenhum dos outros nem eu nom quisemos deixar ho seruiço do cardeal vendo que o seu paço E tenello era mui A frorentina. em prinçipio de seu pontificado criou quatro cardeaes, scilicet, o sobredito bernardo de beuiano E deulhe titolo de sancta maria Jn portiguo. fez Jsso mesmo Lourenço puçio que era datario E florentim mui exçelente abreuiador do titolo de santi quatro. E Jnoçençio çibo filho de madalena sua Jrmãa do titolo de sancta maria Jn dominican. E mediçis seu primo con Jrmão filho de seu primo pero de mediçis o qual eu bem conheçi hum bem pobre escudeiro com o abito de são João con L^{ta} ou lx ducados de Renda. E sempre andaua soo. homem carreguado E sem alegria E astuto E mui sabido nas cousas do mundo como despois o amostrou por esperiençia. E bastardo segundo se afirmaua filho de molher casada florentina o qual era gerado tendo ella o marido viuo. mas laa vão leis (?). quis o papa que fosse de legitimo matrimonio E por tal foi aprouado em consistorio publico. a primeira dinidade que ouve foi o arçebispado de florença. E loguo sobio a cardeal, subio a tanta priuança que guovernaua Roma. E nas cousas do papado, a sua voz era do papa, E a do papa sua. era cousa de marauillar ver em tam breue tempo fortuna de muitos assi mudada. os que guovernauam o papa Jullio E mandauam toda a corte Romana sendo de todos adorados, erão sometidos couardes E sem nenhum acatamento. E aquelles de quem nenhuma menção se dantes fazia tão aleuantados em grandezas que se desconheciam. E erão ensoberbeçidos E sem lembrança da pobreza E miserauel vida passada. dauasse o papa a todo genero de prazer por que era musico folguaua com os musicos exçedia o modo em folguar com Jograes os quaes de contino *(f. 172r)* tinha A sua mesa. antre outros seus modos de prazeres estando hum dia em belueder com os cardeaes mançebos que sempre ho acompanhauão, tomaram mui grandes guatos como os haa naquellas partes E preguaramnos pollos coiros das costas em tauoas, de sorte que ficauão cos pees mãos E Rostros fronteiros. E mandaram trazer peças de seda da qual seda se prometiam gibões ou pelotes a quem marrando com a cabeça descuberta, dos guatos matasse algum. E alguns de pouco siso ou por dar prazer ao papa E aos cardeaes, ou pollo Jnteresse da seda se poseram ao sobredito combate. E aRemetendo de longe hião dar com as cabeças os mores guolpes que podião nos guatos E erão Reçebidos delles com

os dentes E com as vnhas dos pees E das mãos com os quaes os acutilauão no Rosto E na cabeça de tal maneira que eu que era presente os vi apartar com feridas de grande palmo em comprido. E tornando a elles muitas vezes, muitas vezes erão feridos. E alguns mataram. E as empezas das sedas nom lhes tirauam as do Rosto que taes ouve ahi que nunca as perderam. a muitos nam pareçeo este Joguo onesto por ser em presença do papa e dos cardeaes.

Como o papa liam foi coroado, E foi tomar posse a são João de latram.

Foi o papa liam deçimo deste nome criado a onze dias do mes de março da sobredita era de mil b^{c} E treze. E no dito mes de março a huma segunda feira despois de Ramos foi coroado no tauoleiro da JgreJa de sam pero, em hum sumptuoso cadafalso armado sobre colunas de fortes traues forradas de Redor de tauoado que as fazia mais grossas E Redondas com suas vasas E capitees. E pintadas de tal maneira que pareçiam naturaes colunas de perfidos. a tapeçaria de que estaua ornado era a mais Rica que tem a see apostolica. ali erão todolos cardeaes, patriarcas, arcebispos, bispos, E outros muitos prelados Religiosos que erão naquelle tempo Residentes em Roma vestidos de mui Ricas capas de sedas E borcados. todos com mitras nas cabeças de damasco branco, E tafetaa E olanda segundo o grao de cada hum. o cardeal sam Jorge que era camaralenguo da see apastolica lhe pos a tiara na cabeça, a qual hee de tres coroas guarneçidas de tam preçiosas pedras que nam tem o papa outra tam Rica Joia. E em outra nenhuma festa a vi a sua santidade nem ao papa Jullio na cabeça por que em todalas missas papaes custuma ter mitra acustumada dos outros prelados, E nam a tiara. verdadeiramente *(f. 172v)* sobre todalas outras çerimonias, esta da coroação do papa pareçe cousa diuina. hee cousa fermosa de ver a multidão da Jente que a este auto foi presente. A segunda feira seguinte que foi a primeira outaua da pascoa foi Sua Santidade tomar posse de são João de latram que foi hum Riquissimo aJuntamento de muitos grandes senhores [.] nam hee pera deixar descreuer da maneira que os cardeaes naquelle dia caualguam. leuão a par de si cada hum oito criados dos mais priuados E honrrados de sua casa apee, vestidos de sedas E brocados. vão quatro de cada parte. E os moços destribeira diante. os mais vão naquelle dia em caualos. E

todos leuam as cabeças, os pescoços, orelhas E todo o Rosto do corpo cuberto de tafetaa branco A maneira de caualos encubertados que outra cousa nam vai descuberta senam os olhos E os pees [.] a qual cobertura hee dos moços destribeira, tanto que se os cardeaes apeam, por que nam seruem em outro nenhum dia. os cardeaes diaconos que elegeram o papa derão aos seus priuados E moços destribeira, a liuree de huma maneira, scilicet, aos honrrados capas françesas de veludo negro forradas de tafeta negro mui fraldadas E compridas, pelotes sem manguas de catim alionado, gibões de borcadelo, calças de gram, çapatos de veludo negro, camisas dolanda, com cabeções douro, guoRas vermelhas E çintas de tafetá, E espadas douradas com bainhas de veludo negro. aos moços destribeira deram capas de grãa pauonaça, calças brancas, gibões de çatim alionado, espadas douradas, tafetas por cintas, çapatos de veludo, E guorras vermelhas. os outros cardeaes hiam per desvairados modos. E taes avia que deram gibões de borcado de pelo. os prelados E as outras familias hiam mui Ricamente vestidos. que o que menos veste hee fina grãa antre os outros grandes senhores que naquelle dia ali foram Juntos era o duque de ferrara, E o dorbino, aos quaes o papa de nouo abilitou E tornou Jnvestir em seus estados. era Jsso mesmo ali todolos senhores coluneses E vrsinos E de florença E doutras partes de italia, muitos outros senhores prelados E seculares. E os embaixadores dos Reis foram naquella companhia mui Ricamente vestidos suas pessoas E familias. acabousse o ofiçio tam tarde que tornados aos paços do papa era Jaa quasi noite.

Como os cardeaes çismaticos
forão Restituidos aos capelos.

Os cardeaes que andauam em frança priuados do papa Jullio foram Restituidos aos capelos E a voz actiua E passiua *(f. 173r)* E a todas suas dinidades e benefiçios. mas alguns delles perderam muita Renda por que os que tinham seus benefiçios erão pessoas de cuJas mãos se nam poderam mais tirar. como o bispado de çiguença que era do cardeal santa cruz, que ouve o senhor dom fadrique. são seuerino E sancta cruz se vieram a Roma loguo. baus, E saniabo nunca mais por que tinhão suas Rendas em frança. E nam perderam nada dellas, por serem françeses. cosença morreo no tempo da çisma como dito hee.

Da festa que o papa fez polla tomada dazamor.

Naquelle Jnverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustrissima senhoria tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que pareçia a çidade arder em foguo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em todalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudençia E esforço de Vossa Senhoria. ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pero o qual trouxe todos os Reis de portugual, E os feitos de cada hum contra os Jnfiees. ca mui bem ho tinha sabido. E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[rra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antigua çidade. E tornandosse aos embaixadores dos Reis, bradaua E dizia que tomassem os Reis christãos exemplo em vossa Jlustrissima senhoria que sendo sobrinho del Rei de portugual, filho de sua carnal Jrmãa E o maior senhor de villas E terras E vassalos da Espanha, com grandissimo deseJo de acreçentar a fee de christo como cristianissimo prinçepe, nom soomente açeitara mas aJnda procurara a tal empreza, deixando seu Repouso, convidando seus parentes amiguos E criados. E feitos mui sobeJos guastos de suas Rendas se metera no mar com grande frota *(f. 173v)* de navios, non temendo vossa Real pesoa as ondas do mar oceano que mui furiosas muitas vezes se amostram, buscando aos Jnfiees com tantos trabalhos em suas proprias casas. E dandolhe nosso senhor prospero vento aportara em africa çertas milhas dazamor. E tomando terra se fora com seu exerçito suas azes ordenadas a assentar seu aRaial sobre a dita çidade, mostrande no guoverno de sua hoste grandissimo esforço E prudençia comparando vossa Jlustrissima senhoria aos mais poderosos E famosos capitães antiguos. E que nesta presente Jornada se mostrara outro semelhante duque gudyfredo capitão geral da

santa empresa de Jerusalem, a qual os christãos guanharam aos Jnfiees sendo vnidos E Juntos em hum acordo E vontade, sahindo de suas terras com braço armado E fee grande. E tomaram a grande çidade de antiochia com outras poderosas çidades E vilas E se fezeram senhores de toda a terra, de maneira que os pelegrinos sem contradição podiam hir visitar ho santissimo sepulcro de nosso Redentor Jesu christo. E depois de ho averem possuido tantos anos, E a fee E santo zelo se converter em odio E diuisões huns contra os outros deram a saladino a triunfante vitoria da vera cruz E o dito sepulcro de cristo E da santissima çidade de Jerusalem com tanto sangue de christãos espargida E tanta desonrra da Religião christãa [.] E que durando estas diuisões antre os reis christãos fizeram vir nos tempos passados o soldão de babilonia a Roma E sendo saqueada, E despoJados seus templos de todos seus tesouros fizeram da santissima JgreJa de são pero estrebaria de caualos, saqueando a maior parte de Jtalia, scilicet, toscana, pulha, E çezilia. as quaes diuisões deram Jsso mesmo causa que em nossos tempos a mui nobre çidade de costantinopla com seu emperador E todo Jmperio de greçia fosse dado em poder de turcos, E o mui exçelente [moesteiro] de santa sofia feito mesquita de mafamede. E que vendo as presentes diuisoens, E tantos christãos mortos em batalhas, E tantos aparelhos pera maiores males nam se asseguraua seu animo, bradando, Que Roma queira deus que em meus dias nam veJa em ti outro soldão de babilonia que acabe de destrohir E dassolar essas muralhas E vestigios que nos ficam por memoria de tua grandeza E que a sagrada JgreJa de são pero nom seJa outra vez com tanto vituperio violada E feita estrebaria, E os outros santissimos E grandes templos queimados E Roubados *(f. 174r)* de seus tesouros, E as matronas E virgens Romanas postas em poder dos Jnfiees. tornando contra os portugueses dizia que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sostentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exerçitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiuees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fanzedosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exerçitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E luguar ao turco que desaverguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E

dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros. foi de tanta eficaçia aquella preguação E tudo tam bem dito E encaxado que deçido do pulpito os cardeaes ho tomaram antre si E coRendolhe as lagrimas pollas façes o beiJauam na sua. E todos cõmummente ho louvaram muito. E tornado o papa a seus paços fizeramse as mesmas luminarias E alegrias da noite passada. o cardeal de sena que mui grande deseJo tinha de vossa Jlustrissima senhoria ter por amiguo contaua em seus convites E banquetes aos outros cardeaes E senhores o estado Real de vossa senhoria E suas vitorias da maneira que o eu tinha enformado. E sem duuida nam Reçebeo vossa senhoria pequena memoria pera em sua morte por que sempre o teuera por grande amiguo mas a sua desastrada ventura atalhou a Jsso E por que neste tempo se começou a tratar sua morte E aperdição dos outros cardeaes ha contarei breue E verdadeiramente. E posto que vossa Jlustrissima senhoria de todas estas cousas larguamente seJa sabedor, nom quero deixar a Reposta que o papa mandou a el Rei, pera os que destes fermosos feitos nom tiuerem notiçia.

Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugal

sobre a tomada da çidade dazamor.

Muito amado em christo filho nosso. saude E apostolica bençã [.] *(f. 174v)* muitas vezes temos dado graças a deus todo poderoso, E como se deue esperar aJnda lhas daremos no por vir por que hee sua santa fee por elle soo limpamente honrrada com tantos danos do mui cruel mafoma despedaçada E Reçebidas tantas JnJurias firme e saudavel defensão quis poer na virtude de tua magestade E grandeza de teu animo per meo da qual nom soomente em que maneira desviemos os periguos, mas aJnda como daqui avante os Jmiguos de christo noos os espantemos nos hee dado poder. E posto que atee qui de teus feitos sempre nam podessemos deixar de nos maravilhar sendo Jlustres per amiudadas vitorias, Regiões Jnfindas E nobreza de Jente vençidas, vendo que per toda aquella habitação da Redondeza da terra que contra o oriente E meo dia se estende, todas aquellas regiões per espaços quasi sem medida, todos os mares, portos, Jlhas, prayas, de pendões de christo nosso deus per lembranças sem conto. E polla diligençia de teus cavaleiros E capitães estem cheas E per tua virtude nelle deuam crer. contudo tua deRadeira carta escrito no deRadeiro dia de setembro que

aguora passou, polla Jmmizade daquellas nações, convem a saber dos de fez E de marrocos, por que Ja estes grande parte despanha E alguma tambem ditalia tomaram, E o templo de são pero em vaticano prinçipal assento da Religião cruelmente destrohiram, no que nos fazia saber que padeçiam aguora aquelles barbaros a pena que çedo hão maior de padeçer de tantas maldades em desonrra de nossa fee cometidas, singular prazer contentamento E alegria nos trouxe. E aJnda pollo amor de pai que a tua magestade temos foi maior prazer seres tu o que vinguaste sam pedro E a maltratada Religião christãa. o que assi como a tua fama foi causa de muita honrra assi tambem a noos deu grande contentamento, pollo qual loguo chamado todo o colegio de nossos honrrados Jrmãos, tua carta abertamente mandamos ler. E o prazer que tinhamos Reçebido com elles cõmmunicamos. E despois de connosco Juntamente a grandeza de teu animo E grande amor de deus com muita Rezão terem louuado, E alegrandosse com teu bem E do duque de braguança teu sobrinho barão muito esforçado, pollas çidades dazamor E dalmedina E outras muitas serem tomadas E grandissimas vitorias alcançadas, noos de conforme consentimento dos mesmos nossos Jrmãos, ordenamos em teu nome por toda a çidade proçissão a sancto agustinho onde noos mesmo acompanhandonos todo o colegio do senado fomos E despois de dita solenemente missa E feita huma copiosa oração de teus grandissimos merecimentos, demos graças a deus nom somente por nos ter dado por ti tantos E tam grandes *(f. 175r)* benefiçios, mas tambem por criar em noos çerta esperança de alcançar cada dia maior vitoria por tua parte, E de Recuperar sua santissima fee, pollo qual muito amado em christo filho aJnda que de nossa amoestação te veJamos ter pouca neçessidade, comtudo de todo coração te amoestamos que trabalhes de hir avante pollo caminho Ja começado ao cume da gloria. E aJas por çerto que te estão aparelhadas muitas honrras. E açerca dos homens memoria de tuas virtudes sempiterna. aJnda que pequenos seJão estes premios pera os que te deus todo poderoso naquella çelestial e Jmmortal bem aventurança ordenou. E noos amoestandote claramente conheçemos açerca de ti ser o Juizo de deus, por que a quem conçedeo elle ho que a ti, que tendo as mãos de todo limpas de sangue christão, que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses. sem embarguo disto cada dia tuas armas trazem consiguo grande gloria E nenhuma malquerença, a qual honrra E ornamento a ti dada da graça do Rei çelestial, atee teus derradeiros dias conseguiras segundo confiamos se nam te moueres. todo o outro louuor ficara abaixo desta tua virtude E amor de deus. E por tanto em nos escreueres que tens vontade de trazeres o

Reino de feez E maRocos da çuJa E sobeJa de nação de mafamede ao conheçimento da verdade, çertamente muito te louvamos esta tua vontade. E çerta esperança temos que todalas cousas te soçederão segundo teus deseJos. mas muito maiores graças aJnda damos a deus que por ti nos daa sinaes mui çertos de ter comnosco pera melhores cousas dada sua vontade, por que querendote elle, te vngio de virtude E pos teu caminho sem Reprensão. E ensinou tuas mãos pera combate. E pos teus braços assi como arco darame. E claramente nos mostrou ser per todolos pouos fiees sua saude desejada, por que em fim, em algum tempo dando cabo a nossos continos danos possamos cuidar em acreçentamento da fee E honrra do nome cristão, pollo qual noos em nenhuma cousa nem de dia nem de noite cuidamos em nosso coração senão em que maneira faça paz antre os Reis christãos, E possamos mudar as armas contra o herege mafomede. E assi como em tua virtude E amor de deus muito grande esperança posemos de se huma cousa E outra fazer. E assi tambem a deus humildosamente pedimos que por sua piedade nos de sahida a este nosso desejo pera que da aJuda E poder de tua magestade nos possamos aproueitar muito mais çedo pera fazer muito grandes E muito *(f. 175v)* santas cousas. escrita em canJo. diocese de castro a xviij dj[as] de Janeiro do ano do senhor 1514.

Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinar seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinhão paçificos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exerçitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E luguares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destroidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio. em estado Renda E autoridade. E ser priuados dos capelos Rendas E dinidades E com muita desonrraençerrados no castelo de santangelo cada hum apartado per si em asperas prisões. E despois esbulhados de todos seus tesouros. E em fim foram mortos per secretas maneiras. as quaes cousas contarei em breue E o mais decraradamente que poder.

Como os florentins procuraram de

furtar sena. E a causa por que.

Sena E florença são vezinhas dez leguoas huma çidade da outra E partem seus termos. ambas são mui prosperas E populosas çidades E de antiguo teueram estas senhorias guerra huma com a outra. E todalas vezes que vinhão As mãos em batalha, os seneses forão vençedores. E por esta tam velha Reixa antre elles avia grande odio moormente antre seus duques. ca huns E outros deseJão tiranizar. tanto que os florentins viram o seu duque papa, poseram em obra de furtar sena per huma enguanosa maneira. (…) dia de sam João fazem em florença grande festa pera a qual convidaram o cardeal E seu Jrmão burges. E o cardeal nom tendo sospeita da treição E deseJando de os aprazer em todalas cousas, se foi de Roma pera sena. erão os prinçipaes desta trama o manifico Juliam Jrmão do papa E o manifo Lourenço seu sobrinho, E o cardeal çibo, E o cardeal santa maria Jnportiguo, E luis da Roxas E outros parentes do papa. os quaes vinhão de Roma a esta festa de dous em dous. E hiam por sena pousar com o cardeall E com seus Jrmãos os quaes larguamente despendiam com elles *(f. 176r)* em os aguasalhar. cheguandosse o dia de são João, o cardeal E seu Jrmão se foram pera florença. E estando no feruor das festas que se faziam aquelle dia cheguoulhes noua como seus amiguos eram entrados em sena E se aleuantauam com a çidade [,] pollo qual burges se partio a grão pressa com os que consiguo pode leuar E coReo tanto pollas postas que em poucas oras cheguou a sena E achou muita Jente do pouo na praça. E o capitão pouco entesta que era o capitão da senhoria de que pandolfo E os filhos muito confiauão o qual Resistia aos contrairos com a Jente da guarda que era da mais escolhida de Jtalia. E posto que o manifico burges se mostrou, nam faziam delle menção [.] estando as cousas nesta balança cheguou o cardeal ao quall todo o pouo se entreguou por que era de todos muito amado. vinhão com elle os mesmos florentins que quando viram sua entenção baldia, faziam feros E ofereçiam suas pessoas ao seruiço do cardeal, E de seu Jrmão. nom se fez este cometimento assi encuberto que o elles nam entendessem bem claro E faziam mostrança do contrairo. E huns E os outros encobriam seus pensamentos. esta foi a primeira leuada que o papa E seu Jrmão E Jrmãos E parentes fizeram contra o cardeal. Jaa neste tempo estauam em

Roma tres Jrmãas do papa com seus maridos filhos e filhas Aas quaes deu casas E estados como convinha a tamanho diuido de Sua Santidade. E antre estas Jrmãs a senhora condesinha tinha o papa por pessoa de grande siso E conselho. E fazia della tanta conta que se dizia que de todalas cousas de Jmportançia lhe daua parte E pedia seu pareçer [.] deu a Requerimento dos cardeaes E das Jrmãs muitas Reseruas, dellas por dinheiro E dellas gratis E loguo as sospendeo E Reuoguou todas. E os que as compraram perderam seus dinheiros E os outros a esperança dos beneficios.

Dos agrauos E desfauores que
o papa fazia ao cardeal de sena.

Nom consentio a maliçia E desordenada cobiça dos florentins que longuo tempo se dissimulasse o proposito que tinham de destrohir ao cardeal de sena E a seu Jrmão. ca loguo no primeiro ano de seu pontificado lhe começaram de tirar as cubertas, scilicet, o Jardim E a camara do sacro palaçio, E a villa de bolsena [.] fazendolhe outros agrauos os quaes posto que eram de calidade pera ser duros de comportar, mostraua o cardeal com alegre Rosto nom ter disso sentimento [.] *(f. 176v)* o Jardim que lhe tinha o papa dado, hee de laranJaes E doutras muitas maneiras daruores. E de Rosas E doutras muitas frores de muitas maneiras E ortaliça. E tem mui gentis apousentamentos E Joguos de pella. assi que hee hum dos melhores de Roma. E bolsena que lhe o papa dera também, hee mui bõa villa. E estaa assentada a beira do grão laguo de santa cristina. chamasse assi este laguo por que era prefeito daquella terra o pai daquella bem aventurada virgem. E ali padeçeo martirio por mandado de seu pai que adoraua E cria nos idolos. E o corpo desta virgem E o de sancta Romana Jazem ambos em huma sepultura na IgreJa da dita villa, a qual eu muitas vezes fui visitar. alguns dizem que onde aguora estaa o laguo antiguamente foi huma çidade que se chamaua tiro. E foi souertida. este laguo hee muito alto [,] tem de Rooda trinta milhas E muitas vilas E castelos de todalas partes peguados com elle. hee Redondo E tem quasi no meo duas Jlhas. E em huma estaa hum moesteiro de são francisco da obseruançia. vi Ja neste laguo assi aspera tormenta como no porto de lixboa. quebrandosse as ondas humas com as outras com aquelle Jmpeto que fazem as do mar. a aguoa delle hee salobra. nom creçe nem minguoa por grandes chuvas nem por

grandes calmas que façam. matanse nelle Jnguias como grandes lampreas. E hum pescado que se chama luçio pintado como truita, E da grandeza de peixotas E outros peixes como boguas a que chamam tenças. E Jnfinidade de peixinhos pequenos. este pescado tem os Jtalianos por mais são que o do mar, soomente as Jnguias que são mui danosas. naueguasse per barcas. eu nam estiue no moesteiro daquella Jlha por que hum verão que o cardeal ali foi, em quanto sua Reuerendissima senhoria passou ao moesteiro dom manuel dazeuedo E eu fomos A çidade de orbieto que hee dahi duas leguoas por ver a see que hee mui grande E aJnda nam acabada. a fronteira (sic)[6] dela hee tal que despois da JgreJa de monReal, nam vi outra semelhante. tem tres portas dianteiras mui grandes. obrada de Jmaginaria de vulto a mais exçelente que tenho visto, assi em obra grande. as Jstorias sam do testamento nouo E velho. E as figuras pequenas E postas em ordem E perfeição maravilhosa. E por me terem dantes muitas vezes dito que esta hee das marauilhosas cousas de Jtalia, fomos aquelle dia dom manuel E eu a vella. esta çidade de orbieto hee do patrimonio da JgreJa, a qual estaa assentada antre duas mui altas serras em hum vale. E hee posta sobre huma pena talhada mui alta E corta que pareçe muro mui alto E obrado por mãos de homens. E dizem alguns que tem de Roda çinco milhas. mas a mjm nom mo pareçe. hee de muitos edefiçios de casas antiguas todas de pedra E canto. de cada parte coRe hum Rio pequeno *(f. 177r)* de aguoas mui saborosas que deçem das fontes das serras. tornando a meu proposito, das sobreditas cousas fez o papa merçe no começo de seu pontificado ao cardeal, amostrandolhe vontade de grande amor. as graças que lhe pedia lhe conçedeo como a araguão. E a outros cardeaes que ho enlegeram. com estas mostranças era o cardeal mui alegre E prazenteiro, mas nam durou muito que aquellas flores E fumos se secaram E espargeram. deleitandosse o cardeal de hir solazarse a aquelle Jardim conuidaua os parentes do papa E fazialhes nelle grandes banquetes E delles lhe louuauam ho Jardim. E nom tendo o cardeal pensamento algum danado, avia que os seus eram samos. E por Jsso tinha em mais a merçe que lhe Sua Santidade fizera E assi o dizia a todos. E sem Reçeo do que loguo soçedeo mandou meter nas casas do Jardim vinho E lenha, E outras cousas neçessarias pera quando ali fosse folguar. E quando mais seguridade tinha E estaua a seu prazer [,] os que leuauam E ordiam seu mal fizeram que o papa lhe mandasse pedir o Jardim emprestado por quinze dias pera se nele apousentar frachote seu parente que despois fez cardeal, ho

[6] Leia-se *frontaria*

qual nunca mais tornou a cobrar em todo tempo de sua vida que foi despois disto quatro anos. atras disto nom passaram muitos dias que lhe mandou tambem pedir Sua Santidade a pousada que lhe dera no sacro palaçio Jsso mesmo emprestada pera miçer siluio seu parente E criado que entonçes fizera datario. E o cardeal soltoua da maneira do Jardim com a dissimulação que o tempo Requeria. Ja neste tempo a priuança destes senhores hia muito diminuindo. E araguão nam tinha tanta confiança no Regimento do papado. E Reçebia E dissimulaua muitos descontentamentos que lhe erão feitos de Rostro. por que tanto que os florentins encaixaram no guoverno nom consentiram outros diante si. dera o papa ao cardeal daraguão humas Reaes casas no burguo, na Rua dos martires [,] as quaes lhe mandou tambem pedir pera o manifico Lourenço seu sobrinho. E o cardeal se rio delles e nam lhas quis dar. muitas cousas desta calidade se cometiam E faziam em que mostrauam claro o pouco aguardeçimento de tam grande beneficio.

Como o manifico Julião foi
feito cidadão de Roma.

Passando as cousas desta maneira o manifico Julião Jrmão do papa se fez çidadão de Roma em capitolio onde mandara *(f. 177v)* fazer de madeira hum grande teatro A maneira do coliseu cuberto de pano de lenço pintado de preto E branco destorias antiguas na perfeição que as sabem os pintores de Roma fazer. todalas outras cousas erão de Real aparato por que ali eram Juntos a maior parte dos senhores E çidadãos Romanos. durou a festa E o convite hum dia E parte da noute onde nam faltaram comedias E todolos generos de Jograes E ministrees.

Da embaixada E dos presentes. E da
obediençia que el Rei de portugual mandou
ao papa.

No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feuereiro da era de mil b^{c} e catorze, tomou tristão da cunha porto em çiuita velha com huma grossa nao a qual se dizia ser a em que vossa ilustrissima senhoria passara a africa. o qual vinha dar obediençia a sua santidade por el Rei de portugual. E tanto que deçeo em terra se foi pera Roma com sua companhia a qual era de muitos fidalguos e escudeiros. E o senhor marco antonio coluna lhe deu por pousadas as casas de sancto apostolo que são huns grandes paços que o papa Jullio fez sendo cardeal. E vieram a Roma como neguoçiantes sem Reçebimento soomente dalguns portugueses. E nos dias que se deteueram sem fazer mostra da embaixada, as Jrmãas do papa E muitos grandes senhores e senhoras foram ver o pontifical que el Rei mandaua A see apostolica, ho qual guarçia de Resende secretario da embaixada que ho tinha em poder amostraua a todos. E elles ficauam maravilhados da grande Riqueza das peças polla multidão do alJofre de que erão cubertas, E de muitos Robis e pedras preçiosas que nelle hião. E pollo conseguinte foram ver o alifante que ficara fora da çidade, por ser cousa nam vista em Roma segundo se dizia do tempo de Jullio çesar, nem em toda Jtalia, senam hum que avia poucos anos que viera a lombardia, mas nam entrou em Roma nem em toda toscana. o dia que avia de ser sua entrada se foi o papa com muitos cardeaes ao Jardim do castelo de santangelo E se pos a huma Janella donde se vee toda a Rua alexandrina ataa o sacro palaçio. E por que vieram por mar entraram polla porta de sam pancraçio que hee na via de çiuita velha. E Jaa todolos prelados E patriarchas, arçebispos E bispos, E os embaixadores do emperador E dos Reis E a familia do papa E todas as *(f. 178r)* dos cardeaes erão hidos ao Reçeber. entraram pollo burguo na ordenança acostumada dos embaixadores que vão dar obediençia. o qual aJuntamento hee Real cousa pera ver. E sobre tudo a ordem que leuam, que cada hum vem em seu luguar de dous em dous sem aver nenhum desmando, de maneira que os que estão assentados polas Ruas As portas nom Reçebem de tanta multidão nenhum empacho. E todos vem A sua vontade, assi os que vão caualguando como os que ficam. entrados na Rua alexandrina passando adiante as familias sobreditas, apareçiam os portugueses E vinhão corenta escudeiros de pelotes de veludo negro [,] carapuças E espadas com bainhas do mesmo veludo, E as guarnições douradas. çintas E teçidos com guarnições de prata aniladas. E pareçia honrrada companhia. aos pescoços leuauam colares douro de anchura de tres dedos E de obra Romana E todos de huma feição. os borzequis que leuauão hiam tam Justos que os Jtalianos se espantauão de como os podiam calçar. E diziam que erão bem ao contrairo dos que trazião os vnguaros.

vinhão as trombetas E charamelas que preçediam as do papa, vestidos de grãa vermelha E carapuças de veludo negro. E o Jndio com a onça nas ancas do caualo vestido de seda. E portugual Rei darmas vestido de borcado E os fidalguos que erão bõa copia, em mulas de mui Ricas guarniçoens, E de suas pessoas mui Ricamente vestidos, E guarnidos de muitos firmaes de pedras de grande estima E colares mui Ricos em demasia, çintos, espadas, E punhaes de ouro de mui custosos lauores. Respondendo todalas peças que leuauão humas com as outras. guarçia de Resende do teor dos outros, E por ser secretario da embaixada vinha soo, no luguar que lhe foi dado pollo mestre das çerimonias. E pareçia vindo mui bem, por que vinha de sua pessoa Ricamente vestido E trazia hum mui bem obrado colar guarneçido de pedras E perlas de muito valor. E doze moços em torno de si bem atauiados. vinha mais o alifante com albardilha de borcado sobre o qual hia hum cofre grande de çetim cremesim com lauores de crauação dourada no qual vinha metido o pontifical E ornamentos. E o dito cofre vinha cuberto de hum Reposteiro de borcado bandado de quartapisas de veludo cremesim que aRastraua pollo chão. E o alifante trazia as armas del Rei Ricamente brosladas na testa. ao pescoço huma grande campainha de prata. E o Jndio que ho guovernaua vestido de seda *(f. 178v)* com hum bastão na mão guarneçido de prata. E vinha Junto do alifante nicolao de faria estribeiro pequeno del Rei em hum ginete Ruço pombo com hum Jaez Rico. E elle de sua pessoa vestido como os fidalguos. atraz dos sobreditos vinhão os embaixadores, scilicet, tristão da cunha em meo de João de faria estante Em Roma E dioguo pacheco orador. o qual tristão da cunha vinha em hum ginete Ruço pombo mui bem aJaezado E elle com huma opa de borcado de pelo que lhe aRastraua pollo chão E hum sombreirete forrado ou cuberto de veludo negro E de grossas perlas que foram dalguns estimadas em quinze mil ducados. E os ditos doutores João de faria E dioguo pacheco Ricamente vestidos E encavalguados. E os embaixadores do emperador E dos Reis E das senhorias que erão estantes em Roma, E grande multidão de prelados E dinidades E de outros senhores eclesiasticos E seglares que os sahiam a Reçeber, os seguiam em singular ordenança. pareçia tam Rica E fermosa companhia ca toda Roma coRia a velos. E era Jente sem conto, mudandosse de humas Ruas As outras per trauessas E luguares donde os milhor podiam ver atee cheguar a suas pousadas. E entrando como dito hee na Rua alexandrina [,] cheguando A ponte de sancto angelo [,] onde o papa estaua, mandou Sua Santidade que se deteuesse pera ver ho que o alifante fazia. o Jndio lhe fez fazer muitas mesuras E dar bramidos E tomar aguoa na tromba E deitala

aos que o papa mandaua. E deitaramlhe ducados no chão tomauaos com a tromba E dauaos ao Jndio E assi outras moedas dahi pera baixo. E de o alifante entender E fazer todo o que lhe o Jndio mandaua erão o papa E os cardeaes marauilhados. despois de lhes o papa dar licença, passaram a ponte E forão por a Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo. E cheguando ao campo de frol tomaram a via de Roma a velha onde eram as ditas suas pousadas. E cheguados a ellas se despediram daquelles senhores que os acompanhauam. diziam geralmente os velhos que esta era a mais honrrada E Rica embaixada que se acordauam entrar em Roma. di a poucos dias foram dar sua obediençia, E o doutor dioguo pacheco fez huma mui louuada oração. E ao tempo que os da embaixada hião beiJar o pee ao papa, por que muitos daquelles escudeiros erão negros E crespos E outros trosquiados E nam assi aluos como são os Jtalianos [,] o cardeal daraguão se cheguou ao de sena E a outros E disselhes, pareçeme que nam acostumam estes estar A sombra, E por que fazem os feitos que se delles diz, trazem estas cores. os outros se Riam. comtudo louuauamnos por ser Jente que tantas maravilhas faziam pollo mundo. E assi ho acustumauam *(f. 179r)* dizer em suas mesas E banquetes. E os preeguadores prinçipalmente frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho dizia em suas preguações que nam queria alcançar mais bem aventurança neste mundo que ser natural portuguez. as embaixadas semelhantes se dão em consistorio pubrico. ao dia seguinte foram apresentar seus dões a Sua Santidade. E a guarçia de Resende que tinha caReguo dos ornamentos mandou dar quinhentos ducados. E aos seus moços que os leuaram E os estendiam çem ducados. a nicolao de faria polla cabrestaJa do alifante mandou dar trezentos ducados. E despois lhes conçedeo Reseruas que creo que nam vieram a efeito. E assi conçedeo Reseruas a guarçia de saa E a outros pera averem benefiçios E os poderem ter com o habito de christãos. era el Rei nosso senhor sobre todolos outros tido em maior veneração de catolico E christianissimo E bem aventurado em todas suas cousas como se amostraua pollas continuas festas que se em Roma faziam das victorias que lhe nosso senhor daua contra os Jnfiees, assi em africa como na Jndia [,] enRiqueçendo os seus E acreçentando seu estado E poderio [.] E pera que vossa Jlustrissima senhoria veJa como as cousas de portugual erão de todos manificadas, pus aqui o trelado da carta que o senhor de carpe mandou ao emperador maximiliano sendo seu embaixador em Roma [,] no qual Vossa Senhoria veraa larguamente a maneira E louvor da embaixada E a estima dos presentes.

Carta que o senhor de carpe embaixador do

emperador maximiliano em Roma escreueo

sobre a dita embaixada ao dito emperador.

Mui sacratissimo E Jnuençiuel çesar. nam haa muitos dias que são vindos nesta çidade de Roma embaixadores do mui serenissimo Rei de portugual, com carreguo segundo custume de fazer obediençia ao nosso mui sancto padre leon. a entrada foi fermosa pera ver. erão tres embaixadores. huum da ordem dos baroens que tinha o primeiro luguar. outro doutor E homem eclesiastico constituido nas pequenas ordens [.] o terçeiro caualeiro da ordem da caualaria de Jesu christo de portugual. os quaes traziam companhia mui Rica E prospera. primeiramente vinhão diante seis trombetas E despois hum Jndio negro sobre hum fermoso caualo ornado de huma sella da Jndia, o qual trazia atras si sobre as ancas do cauallo hua *(f. 179v)* besta semelhauel ao lião pardo, mas de corpo mais graçioso E de muitas E desvairadas cores. a este seguia um alifante bem ornamentado o qual trazia em çima de si hum cofre com alguns preçiosos dões que o muito serenissimo E muito christianissimo prinçepe enviaua aos muito santos padres são pero E são paulo, E nomeadamente ao nosso santo padre papa. o cofre era cuberto de hum pano teçido douro com as armas Reaes que nam tam soomente cobriam ho cofre mas toda a grão besta E grandura do alifante. Eençima hum outro Jndio vestido de huma Roupa de ouro E seda, A palaura do qual a dita besta obedeçia. esta besta hia mansamente E despaço. E loguo despois della seguiam algumas azemalas mui fermosas. E então os seruidores dos embaixadores todos honestamente vestidos. E então vinha a ordem dos nobres que erão açerqua de çincoenta em numero. todos com manificos E eleguantes ornamentos com cadeas douro nom menos de peso que de mostra antre os quaes os mais grandes Reluziam de perlas E pedras [.] E antre todos os outros, o filho do primeiro embaixador. os quaes seguiam o Rei darmas do dito Rei vestido de huma Roupa de pano de ouro com armas de Rei coroadas çercadas em torno de mui fermosas perlas E RubiJs. então vinhão os embaixadores vestidos mui manificamente. o primeiro da leguaçia trazia hum mui Rico chapeo de singulares perlas. non diguo somente ornado, mas todo cuberto. E despois dos embaixadores vinha muita Jente de conselho de graue E honrrada

presença. E em fim toda a turba dos familiares. o papa com muitos cardeaes se foi ao castelo de sancto angelo por ver passar os embaixadores sobre a ponte adriana. todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho. nem Jamais Roma em o tempo passado quando ella possuia muitas cousas, como quer que a ella viessem muitos alifantes de etiopia E africa, nom veo nenhum das Jndias. E quando o alifante veo diante da Janella onde o papa estaua, amoestado de seu Reitor fez Reuerençia ao papa E abaixou os giolhos. despois foi assinado dia no qual os ditos embaixadores fizeram obediençia na maneira acustumada fazendo huma oração muito prudente E dina de prinçepe christão. E despois em outro assinado dia offereçeram ao papa que estaua acompanhado de todolos cardeaes, dões nom menos virtuosos *(f. 180r)* que Religiosos, dandolhe primeiro algumas letras do glorioso Rei que continhão em poucas palauras esta sentença. como elle queria dar as primiçias das cousas da Jndia E etiopia ao nosso mui piadoso saluador E a seus santos apostolos sam pero E sam paulo E a seu viguairo na terra, pedindo a sua santidade humildosamente açeitasse seus pequenos dões com aquella benina vontade com que lhos apresentaua E daua com mui deuota afeição. os dões erão as sagradas vestiduras pera os ministros E cleriguos pera seruir a toda maneira de sacrifiçios, scilicet, tanto ao ofiçio da missa como ao das vesporas, as quaes chamam tunicas almaticas, E casula, E assi os ornamentos do altar. todas estas vestiduras erão teçidas douro E tam cubertas de perlas que em poucos luguares se podia ver o ouro. E erão as perlas postas e metidas por artefiçio admirauel per alguns antrelaçados A maneira de huma Romana. o qual artefiçio era cousa prazenteira de ver, por que a obra era marauilhosa, sumtuosa E manifica. E em luguares era como pintada douro E de seda a façe de nosso senhor, E dos santos distintamente ornados de muitas pedras preçiosas a que nos chamamos escrauonetas E RobJs, nom contra feitas nem polidas, mas Rudes e çimpres como ellas são tiradas de seus luguares sem nenhum afeitamento, mas com sua çimpreza, Resprandor E natural qual se deue As cousas diuinas. que direi mais, por tudo comprender em palaura. a materia era preçiosa mas a obra sobrepoJaua aa materia, a qual era polla singular Religião E deuação deste prinçepe dada. hame mui fortemente mouido a escreuer estas cousas polla ventura mais longuamente E com mais palauras que as orelhas mui acupadas de vossa magestade nom deuem sofrer. mas eu ho fiz a fim que nada nam passasse sem ho saber vossa magestade. E nam hee de poer em

silençio que haa estendido E engrandeçido nossa Religião com grande gloria atee os guaramantes E Jndios. E que assi tanto honrrauam por sua larguesa E liberalidade. o dõ foi mui agradauel ao nosso mui santo padre E aos Reuerendos cardeaes, E a todas as ordens dos prelados, E a todo o pouo Romano. o dito Rei foi muito louuado da mui sacratissima boca do papa per palauras mui honrradas em consistorio pubrico Respondendo aos embaixadores de sua magestade, espeçialmente quando açeitaua seus doens [.] *(f. 180v)* E cada hum per todos era altamente louuado E prezado. os dões estimados desvairadamente, scilicet, per alguns em quinhentos mil ducados, per outros em quatroçentos mil, E segundo outros em duzentos E çincoenta mil ao menos. todavia as perlas nam são de tamanha grandura mas em multidão E em numero mais que Jnfinitas. E assi as perlas nam são de grande preço, mas nom são pera desprezar. como quer que seJa hiam muitas. çerto nam ouve assi Ricos nem assi fermosos ornamentos nem tam preçiosos a meu crer, Jamais papa na JgreJa de deus de Roma. eu fui diante dos ditos embaixadores assi como hee husança E custume da corte. E despois os visitei por ser assi a maneira de saluar os embaixadores dos Reis na sua primeira vinda pollos embaixadores estantes em Roma. eu lhe ofereçi toda minha aJuda em nome de vossa magestade ao seruiço do seu mui serenissimo Rei em todo o que elles ouvessem mester de vossa magestade, a qual cousa lhe foi mui agradauel. E antre as outras cousas disseram que seu Rei com nenhuma cousa folguaua tanto como ser conJunto per linha de parentesco a vossa magestade. o mesmo dia que elles ofereçeram o alifante E todolos outros doens ao nosso mui santo padre, hum messaJeiro E orador dalguns pouos christãos que guardão E conseruam a fee da JgreJa catolica que moram Junto de Jerusalem que se chamam maronitas habitantes nas montanhas de suria, despois de ter dadas cartas dos ditos pouos ao nosso mui santo padre, fez E deu obediençia com muita humildade pedindo pollos ditos pouos confirmação de hum arçebispo que tinhão elegido, por que polla distançia dos luguares nom guardauam a maneira da JgreJa catolica, mas polla diligençia E estatuto dos frades da obseruançia de são françisco que moram em suas terras açeitaram de çincoenta anos pera qua a fee da JgreJa catolica E se someteram A obediençia do nosso santissimo papa. bem valha E viua longuamente vossa mui sagrada magestade na bõa graça na qual mui humildosamente me Recomendo.

de Roma a xxviij dias de março de 1514 anos.

Da maneira da embaixada dos maronitas.

Este embaixador dos maronitas açima dito trazia consiguo dous companheiros. era cleriguo E homem de idade vestia panos azues A maneira dos de sancto eloi. os companheiros eram mançebos E religiosos. seus vestidos erão de frades de são bento. sua linguoa mui escurissima. seu Rezar era caldeu [.] erão tam grandes cleriguos que tocandolhes em algum verso do salteiro ou ponto de briuia sem detença ho mostrauam. Jsto vi eu algumas vezes por que françisco Jusarte tinha hum sobrinho que entendia bem caldeu, ebraico, E greguo *(f. 181r)* E destas linguoas era bom gramatico E escriuão. E tambem entendia alguma cousa darauiguo. E era singular latino o qual praticando com estes maronitas que ho muitas vezes vinhão visitar, amostrauam ser bõos eclesiasticos por que continuamente acodiam ao que lho mançebo perguntaua. diziam que tinhão patriarca o qual mandaua por elles obediençia ao papa E se sometia A JgreJa Romana. E que aviam escapado de nam serem tomados dos Jnfiees com grande periguo E trabalho. o cardeal de santa cruz os Recolheo em sua casa, E lhes fazia honrra dandolhes todo o neçessario. estiueram em Roma quasi hum ano E em fim o embaixador com hum dos companheiros se foram pera sua terra. E o mais mançebo ficou em Roma pera aprender a linguoa latina, ao qual o papa mandaua ensinar com muita diligençia.

Do tempo que tristão da cunha esteue em Roma
E das Reaes masqueras que se fizeram pollo
entrudo. E da festa do campo naguam. E do
monte trastacho. E dos paleos que se coRem.

Mui deferentes foram os sobreditos dous embaixadores que em hum tempo vieram dar obediençia ao nosso santo padre [.] hum de ponente E outro de leuante. hum poderoso E Rico, outro pobre E sem pompa. o Rico a pedir, E o pobre a dar E acreçentar a santa madre JgreJa. os neguoçios de tristão da cunha eram de calidade que lhe conveo fazer detença em Roma tres meses por mandar Recados E avisos a el Rei, E aver Reposta

de sua alteza. sua cheguada a Roma foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias cheguados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. E os que coRem saem do campo de frol, E coRem toda a Rua de bancos E passam ha ponte adriana ou de santangelo E a Rua alexandrina E terreiro que estaa diante da JgreJa de são pero atee cheguar ao paleo. E aquelle que o primeiro toca com a mão, ho leua. E o senador de Roma que estaa presente ho daa. E o vençedor torna polas sobreditas Ruas com seu paleo aleuantado triunfando da vitoria que ouve *(f. 181v)* E per todalas outras de Roma. aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualguando Romanos mui prinçipaes com mascaras. traz o bufalo huma arguola metida no nariz na qual vai encaixado hum pao que o que vaiençima delle leua na mão com que ho guoverna. E na outra mão leua outro pao com hum aguilhão com que ho fere pera o fazer andar. Ja os tem amestrados pera coRer aquelle caminho. aJuntanse em campo de frol, onde estão pessoas ordenadas que lhes dam ordem E sinal pera mouerem. cada hum trabalha por tomar a dianteira. velos hir pollas Ruas E o trabalho dos que vão nelles pera os fazer hir adiante, hee cousa bem pera Rir. são alimarias mui pesadas E de propriedade que achando aguoa se deitam nella. E com grande trabalho os podem dali tirar. E por Jsso Açinte lhes deitão aguoa nas Ruas pera Rir com elles. E a esta causa os que vem detras passam adiante. cheguando ao paleo aconteçe estar çercado delles, E de nam aver Remedio pera os fazer cheguar a elle. E o que vem maes atras chegua E vençe. coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer E o derradeiro nam pareçeo honesto. mas foi envenção florentina por dar prazer ao papa. os paleos dos caualos barbaros [,] eguoas, turcos, E ginetes se coRem no campo de trastacho [.] estes paleos estão em huma muito comprida aste, E são do comprimento da mesma aste. E na parte do alto da aste estão pintadas as figuras daquelles que os coRem. a festa do campo naguão se faz quinta feira das comadres, na qual festa se fazem

muitos caRos triunfaes nos quaes Representam muitas estorias. E por que o papa mostraua deseJo de meter paz antre os Reis christãos, em hum destes caRos se Representou o templo de Jano çerrado E a statua do papa dentro com a mão aleuantada sobre figuras de homens de guerra A maneira de paz. mas nam tardou em apareçer causa pera o verdadeiro templo de Jano estar todo seu tempo aberto. naquelle dia caualguão muitos meninos filhos de prinçipaes Romanos com vestidos de suas pessoas E os caualos com albardilhas guarneçidos ao modo antiguo. nestes meninos se mostram todalas pedras E perlas que os paes E parentes tem E podem aver de seus amiguos. vão com elles moços destribeira despostos E mui bem vestidos, *(f. 182r)* que lhes guovernam os caualos E tem mão nelles. esta festa se ordena em campidolio donde todos sahem hum diante doutro. E segue os muita Jente darmas Resprandeçentes E o senador [,] conseruadores [,] coporiões. E todolos outros nobres çidadões os quaes vão apee. somente o senhor João Jorge çesarino alferez de Roma vai a caualo armado darnez E o caualo encubertado com bandeira de Roma nas mãos E consiguo dous pages que lhe leuam ho capaçete E a babeira E a lança. ahi vai o boya seu alguoz com seus estormentos de cortar cabeças pera fazer Justiça dos que se desmandarem naquelle aJuntamento a fazer ho que nam deuem. E depois de hirem por algumas prinçipaes Ruas em singular ordenança entram em campo naguão Rodeando o dito campo. E o senador e Romanos tem feito hum grande cadafalso com seus assentos, ao qual se sobem todos Juntos no dito campo ou praça. hee cousa Real pera ver. dali se tornam a sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, prinçipalmente no dia dentrudo em que feneçem por aquelle ano, E se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Jngreme. E o vulguo lhe chama monte omnis terre, tendo que se fez de panelas cheas de terra mandadas a Roma das vilas E çidades de todo o mundo no tempo que o geral tributo se daua ao emperador octauiano [.] mas a maior çerteza hee ser feito de pedaços de ladrilho [,] telha E panellas que se faziam ali quando Roma era em sua prosperidade. mostra ser Jsto assi por que em todo aquelle monte nom se pode cauar terra nem outra cousa senão pedaços das sobreditas cousas. E por Jsto se afirma ser ali as olarias de Roma. E

este monte estaa dentro dos muros de Roma em hum campo A porta de sam paulo, Junto da qual estaa huma sepultura que se diz ser *(f. 182v)* de Remo Jrmão de Romulo. naquelle campo se aJuntão naquelle dia grandissima multidão de Jente. E a festa hee ordenada na maneira seguinte [,] sobem os Romanos a aquelle monte çertos touros os mais bravos que se achão E çertas carretas nas quaes poem paleos de pano de sorte de londres. o senador E conseruadores E caporiões se vão diante ao dito campo com muita Jente mui armada de luzentes armas E poem os paleos Ricos no luguar acostumado. vem Jsso mesmo os cavalos que hão de coRer E são postos na outra parte do campo mui longe dos paleos. a Jente armada se põe em ordenança. E assi toda a outra multidão. E primeiramente se coRe o paleo de borcado que hee forrado darminhos, o quall coRem os caualos barbaros que são huma casta de caualos que nam haa nestas partes de espanha. são caualos altipernos de mui pequena barrigua, o pescoço comprido E tem as ventãas fendidas. E são ligeiros mais que outra nação de caualos [.] vão cubertos de pano das cores de seus donos, scilicet, corpos, pescoços, cabeças. E a cubertura Justa A mesura do caualo. coRem nos em osso mossos de mui pequena Jdade que faz duuida crer se poderen se ter, os quaes vão vestidos de seda com as armas de seus senhores brosladas diante E detras nas costas. leuam cascos daçeiro nas cabeças por que se nam firam se aconteçer de cahir. estes são tam ensinados que guovernam seus caualos que nam sayam da caReira [.] E cheguando ao paleo, o que primeiro lhe põe a mão ho guanha. E o senador que estaa presente lho Julgua, E o daa a hum de caualo da parte do que vençe, o qual toma o paleo nas mãos E o leua perante a Jente. E o menino vai nas ancas deste bradando o apelido de seu senhor. esta mesma ordem se tem nos ginetes E nas eguoas, E nos caualos turcos que se coRem aquelle dia. o paleo dos ginetes hee de veludo cremesim E os das eguoas de damasco verde. os tres primeiros guanharam aquelle ano os caualos do cardeal de sena, scilicet, o de borcado E os de veludo E çetim. acabado de correr os sobreditos paleos soltaram os touros E os fazem abaixar do monte. E atras delles deitam as caRetas, as quaes deçem com tam grande Jmpeto que se açertam de dar nos touros, vem todos Juntos ao chão onde são Reçebidos de multidão de Jente, scilicet, os touros são alançeados dos de caualo, E os de pee vanse As carretas com as espadas sacadas pera aver os paleos E cortamnos em pedaços leuando cada hum quanto maes pode. mesturasse a Jente de tal maneira que pareçe batalha trauada. o senador E os Romanos com sua Jente armada estão quedos em seus luguares, E os que andão na escaramuça dos touros são *(f. 183r)* os das mascaras de cauallo. E os de

baixa sorte se vão As carretas naquelle dia [.] podem as mascaras trazer armas por Respeito do aJuntamento E do luguar ser tão apartado do pouoado de Roma. E em outro nenhum dia nam podem trazer armas nenhumas, nem paao nem outra cousa com que se presuma que possam fazer a outro ofensa alguma. E o que hee tomado com as cousas defesas, hee mui mal tratado de tratos de polee E doutros grandes castiguos [.] os que nam tem liçença pera sahir de suas casas sem faustos E aparato se vestem de mascaras pera se solazar. E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conheçidos nom lhes hee estranhado destes prazeres [.] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jsso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee. as molheres acustumam trazer na mão huma mui sotil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas aguoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia, o cardeal çibo sobrinho do papa fez huma mascara aquelle dia dentrudo de trinta de caualo A gineta E de adarguas, vestidos mui Ricos de çatim Roxo E branco do traJo de feez. o cardeal de sena fez outra de corenta de caualo A estardiota vestidos de çatim azul, E os capeletes da mesma seda *(f. 183v)* guarneçidos douro E lanças pintadas com bandeiras de tafetaa E botas de pontilha lauradas douro, Jubões de çatim amarelo, E cada hum dos moços desporas bem vestidos em calças E gibão E bem despostos com mascaras bem naturaes. outros cardeaes E senhores fizeram outras envenções de mascaras Ricas E de grandes despesas, mas as dos dous sobreditos foram vantaJosas. todas se aJuntaram no

sobredito campo. os quaes pareçeram tambem que era cousa de marauilha, polla diuersidade das envenções E dos grandes guastos das sedas. naquelle dia assi nas mascaras como nos caualos o cardeal de sena foi vençedor. E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisães, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma. E o que destas çeas sobeJa se daa a muitos pobres enverguonhados que vão aquella noite pollas Ruas bradando pedindo esmola que os sostenta parte da coresma. E assi feneçem as sobreditas festas das mascaras.

Como o papa diz missa A quarta feira de çinza. E os cardeaes vão Juntos A primeira estação. E das molheres Romanas E seus traJos.

A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palaçio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. E a esta causa o ofiçio he longuo, E se acaba tarde. E acabada a missa os cardeaes se vão Juntos (antes de hir as suas pousadas) A JgreJa de sancta sabina esposa de sancto aleixo que hee a primeira estação da coresma. E hee no monte aventino, onde Jsso mesmo estaa a JgreJa de sancto aleixo. E ambas são singulares JgreJas guarneçidas em muitas *(f. 184r)* partes de perfidos E Jaspes Resprandeçentes. E na JgreJa de sancto aleixo estaa a escada debaixo da qual elle fez penitençia. E a JgreJa estaa no luguar onde erão os paços de seu pai. neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os

caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancraçio na via de çiuita velha. nesta multidão de Romanas hee cousa de marauilhar os fermosos E honestos Rostros que se vem. E muito mais hee despantar a pouca pompo com que sahem de suas casas E se vão por aquelles desertos de Roma com tanta deuação buscando sua saluação. por honrradas E Ricas que seJam nom leuam consiguo homens nem donzelas que as acompanhem. aJuntanse humas vezinhas ou parentas humas com as outras, E de duas em duas Jgualmente vão fazendo suas Romarias, de sorte que nam se enxergua qual hee a maior da menor. E a esta deuação vão tantas quantas diguo que cobrem os caminhos. seus vestidos são na maneira seguinte. em luguar de mantilhas andam cubertas de pano de linho mui aluo E delguado. cobrense com hum lençol dos hombros pera baixo atado per Jentil maneira debaixo dos braços que lhes cobre todas as vestes. E por çima das cabeças hum pano ou toalha sem nenhum lauor ancha E comprida que lhes cobre os hombros E braços, E grande parte do sobredito lençol, a qual aJuntão no peito com as mãos que geralmente tem mui fermosas nas quaes nam trazem luvas nem anees. leuão os Rostos cubertos ata o meo nariz de sorte que passando a molher Junto de seu marido nam pode ser delle conheçida se se ella quiser encobrir. mas quando lhe apraz abrem seu pano, E amostram os peitos que debaixo trazem fermosos E mui descubertos [,] E finas sedas E grãs de que andam vestidas. os quaes vestidos na são de Rabos como os que se acustumam em portugual, mas compridos E Redondos quanto cobrem os pantufos ataa o chão. E sem nenhum verduguo nos Refeguos. trazem calças de piar mui finas E Justas, E nom cahidas E de grosso pano como as castelhanas. nom acustumam chapins, soomente sobre o pear huns mui baixos E bem feitos çapatinhos E pantufos. quando aconteçe coRer vento enchense os lençoes que pareçem velas, E os vestidos debaixo se mostram de maneira que vão pareçendo tam bem que nenhum outro traJo pode ser mais gentill. (*f. 184 v*) nenhuma filha de Romana, nam sahe fora em quanto nam hee esposada. E as que ho são, vão com suas mãis As estações, E vão diante E as mais detras vão Ricamente vestidas. E trazem soomente a toalha da cabeça em luguar de mantilha, E todolos outros vestidos descubertos. algumas senhoras de vilas E terras em quanto são moças trazem mantilhas de pano como em portugual. E então nam vão a nenhuma parte sem homens diante de si. E despois que tomão os lençoes vão soos da maneira sobredita.

Das JgreJas onde estão as estações que são da coresma. E per todo o ano. E dos perdões E Reliquias dellas.

Como hee dito, no primeiro dia da coresma hee estação A JgreJa de santa sabina, a qual hee mosteiro de são dominguos. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados, E mais tres mill anos de Jndulgençia. esta JgreJa como dito hee, hee no monte aventino que foi a primeira Região de Roma a qual fez edificar hum cleriguo Romano chamado pero ilirico no tempo do papa çelestino como se mostra em humas letras douro escritas sobre as portas da dita JgreJa, as quaes são daçipreste. neste luguar teue o papa onorio terceiro seus paços apostolicos E sua cadeira, como pollo edefiçio se vee, no ano do senhor de mil E duzentos E dezasseis ãnos. o qual onorio confirmou ha ordem dos preeguadores, a qual cousa são dominguos tinha Jmpetrada do papa Jnoçençio seu predeçessor no conçilio lateranense E per familiaridade espeçial E effeito de grande deuação ao sobredito são dominguos conçedeo a esta JgreJa pera habitação de seus frades em memoria do sobredito papa onorio. E se mostra aJnda o calix papal com a patena E corporaes, E o altar de alabastro da capela apostolica. E são nesta JgreJa sepultados o corpo de santa sabina, de são teodoro, E o de santo alexandro. no alto desta JgreJa estaa huma pedra na qual estão escritos çertos versos que dizem que hum Jmiguo de são dominguos ho quisera matar com esta pedra estando elle em oração E espedaçandosse a pedra milagrosamente o santo nam ouve lesão alguma. E pera fee disto esta pedra estaa aJnda aqui sospensa. outras muitas Reliquias haa na sobredita JgreJa.

No segundo dia da coresma hee estação na JgreJa de sam Jorge E hee Jndulgençia de dez mil anos. nesta JgreJa *(f. 185 r)* se diz estar com outras Reliquias, do leite de nossa senhora a gloriosa virgem maria, E de seus vestidos, E o estendarte ou bandeira E a lança, E a cabeça de são Jorge. a qual cabeça foi achada em huma caixa onde erão escritas letras douro que diziam, ser aquilo ali posto do santissimo papa zacharias primeiro o qual com grande solenidade [,] nesta Regiam chamada velumaureum ou velabro, nesta veneravel diaconia a fez trazer onde A sua honrra dedicou a dita JgreJa. haa nela outras muitas Reliquias. achousse escrito debaixo do portal da dita JgreJa em huma pedra que querendo o emperador claudio tiberio contar todolos homens

Romanos aptos pera trazer armas, achou seis milhões E noueçentos E corenta mil. esta JgreJa hee titolo de cardeal.

No terceiro dia da coresma hee estação na JgreJa de são Johão E paulo. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee em monte çelio. são nella os corpos de sam João E paulo. nesta JgreJa estaa huma charola de quatro colunas de mui grande preço. hee titolo de cardeal.

No sabado primeiro da coresma hee estação de são trifom E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee em campo marçio peguado nas costas do moesteiro de sancto agustinho. antigua E mal guarneçida, a JgreJa hee do dito moesteiro.

No primeiro dominguo da coresma hee estação de são João de latrão E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto hee Jndulgençia de dezoito mil anos de perdão E outras Jndulgençias sem numero. Em todo tempo que estiue em Roma, todolos anos andei as JgreJas das estações. E nas mais delas estão as Reliquias postas sobre o altar em cofres ou caxas de vidro guarneçidas de prata com escritos que declaram de que membro E santo hee cada Reliquia. saluo os corpos santos que tem suas ordenadas sepulturas. E posto que sempre procurei de ver E saber todalas cousas notauees pera o que, o que (sic)[7] per mjm nam alcançei me aJudei de alguns tratados Jmpressos das JgreJas e Reliquias de Roma que escreueram pessoas deuotas. o papa sam siluestre escreueo em sua canonica que avia em Roma mil E quinhentas E çinquo JgreJas das quaes a maior parte *(f. 185v)* hee destrohida. antre estas são sete prinçipaes de priuilegios graças, santidades E dinidades priuilegiadas. a primeira hee a sobredita JgreJa de são João de latrão a qual dedicou sam siluestre A honrra do saluador E de são João bautista E são João evangelista. são nesta JgreJa cada dia conçedidos corenta E oito anos E outras tantas corentenas de Jndulgençia. E a Remissão da terça parte de todolos pecados. Jtem o papa siluestre, E greguorio summos pontifiçes, os quaes ha consagraram. conçederam a todos aquelles que deuotamente a visitarem tantos perdoens que nenhum homem o poderia contar como

[7] Leia-se *pera o que, per mjm*

testifica beato bonifaçio, dizendo se os homens soubessem as Jndulgençias da JgreJa lateranense nom lhes seria neçessario hir ao santo sepulcro, nem a santiaguo de gualiza. Jtem diz o mesmo bonifaçio papa se alguem A dita sedia vier no dia de sam saluador sera absolto de todolos seus pecados. na sancristia hee o altar que são João bautista tinha no deserto. Jtem em huma capela da dita JgreJa estaa a arca federis do testamento velho. Jtem a mesa na qual nosso senhor çeou com seus diçipulos. Jtem a vergua de moises E de aarom. E todas estas cousas trouxe com tito E vespesiano. outros afirmam trazelas santa elena mãi do emperador constantino. E quatro colunas de bronzo mui altas E grossas cheas de terra santa de Jerusalem as quaes estam postas direitas diante da capela moor. nesta JgreJa estão Jsso mesmo as cabeças dos gloriosissimos prinçepes dos apostolos são pero E sam paulo E todalas vezes que se amostram se guanham tantas Jndulgençias quantas são em são pero. quando se amostra o sudario de christo ou da veronica [,] as quaes Jndulgençias se poerão no mostrar da veronica onde se trata da JgreJa de são pero que hee a segunda JgreJa prinçipal. debaixo do sumo altar de sam siluestre estaa o oratorio de sam João evangelista onde oraua quando a Roma foi trazido E Reteudo. Jtem em hum tabernaculo que hee sobre o altar de sancta maria madalena são postas as seguintes Reliquias, scilicet, o Renho com o qual constantino emperador coroou a sam siluestre. Jtem a cabeça de são zacaria pai de são Joam bautista. Jtem a cabeça de sam pancraçio martir do qual sahio sangue tres dias continos quando esta JgreJa foi dos hereges queimada. Jtem das Reliquias de *(f. 186r)* santa maria madalena. Jtem huma espadoa de são Lourenço martir. Jtem hum dente de são pedro apostolo. Jtem a copa com que sam João bebia a peçonha E nom lhe empeçia. Jtem a cadea com que foi liguado são João evangelista quando foi trazido de efeso a Roma. Jtem a tunica do sobredito são João a qual sendo posta sobre tres mortos, em continente Ressusçitaram. Jtem da çinza de são João baptista E do seu çiliçio. Jtem do leite E dos cabelos E das vestiduras da gloriosa virgem maria. Jtem a camisa a qual com suas proprias mãos fez a christo seu bento filho. Jtem o pano com que christo enxuguou os pees aos disçipulos. Jtem a cana com que feriram a christo. Jtem do lenho da sancta cruz. Jtem a vestidura de purpura tinta das guotas do sangue de nosso senhor Jesu christo. Jtem o veeo com o qual a beata virgem maria cobrio as partes secretas de christo. Jtem o sudario que foi posto sobre a façe de christo. Jtem o prepuçio de nosso senhor Jesu christo quando foi circunçidado. Jtem do sangue E aguoa que sahio do peito de christo. Jtem do verdadeiro lenho da cruz. E outras muitas Reliquias as quaes todas se

mostram no dia de pascoa despois de Jantar. na dita JgreJa hee Jndulgençia plenaria o dia da festa do saluador a qual Jmagem apareçeo visiuelmente a todo o pouo Romano milagrosamente quando o papa siluestre consagraua a dita JgreJa na qual era todo o pouo congreguado [.] a qual Jmagem ficou na parede, E cada dia se pode ver. E eu a vi muitas vezes. E duas vezes que a JgreJa foi queimada sempre ficou sem nenhuma maguoa. na capella de são João bautista hee sempre Remissão de todolos pecados na qual sob pena de excomunhão nom entrão molheres. Jtem na capella de são Lourenço na qual Jsso mesmo sob pena descomunhão nam entram molheres sempre hee Remissão de todolos pecados. esta capela se chama santa santorum. E nesta mesma capela hee a Jmagem de christo em idade de doze anos diuina E humanamente pintada. Junto da dita capela estaa a escada por onde nosso senhor Jesu christo sobio no dia de sua paixão a casa de pilatos em Jerusalem a qual hee de pedra marmore. E em hum escalom estaa huma Rexa de ferro onde cahio o sangue de nosso senhor Jesu christo. E qualquer pessoa que deuotamente por ella sobe alcança por cada escalam ou degrao noue anos E noue coresmas de Jndulgençia E mais Remissão da terça parte de todos seus pecados. esta JgreJa foi primeiramente chamada constantina por que foi edificada pollo emperador constantino nos seus propios paços lateranenses *(f. 186v)* onde habitaua. a qual ornou de Riquissimos ornamentos douro E de prata. E ao sumo pontifiçe fez pera sempre doação de todo o Jmperio oçidental. dizse ser esta a primeira JgreJa, por que antes de ser vngido o primeiro emperador, os christãos çelebrauam ho culto diuino debaixo da terra onde se acolhiam em cauernas E luguares escondidos com temor dos tiranos paguãos que os perseguiam E martirizauão. E sendo esta santissima JgreJa edificada pollo dito constantino mui grande E ancha E Ricamente ornada A honrra do saluador do mundo E assi a capela que hee Junto della A honrra dos gloriosos são João bautista E são João evangelista, o papa são siluestre as consagrou o qual foi o primeiro que ordenou a maneira da consagração das JgreJas. E assi consagrou as outras JgreJas que edificou o dito emperador de que adiante farei menção. dos priuilegios desta JgreJa E de sua grandissima dinidade tratam çertos versos, os quaes em sentença concludem que per papal E Imperial autoridade hee madre de todalas JgreJas do mundo. foi despois queimada duas vezes pollos tiranos ereges. E na primeira vez o corpo de são pancraçio per tres dias botou grande abundançia de sangue como dito hee. a qual JgreJa fez despois reedificar dos fundamentos nicolao papa quarto da ordem de são frrançisco como claramente se pareçe nas obras do mosaico sobre o sumo altar de são siluestre E de seus

predeçessores sumos pontifiçes, que dantes çelebrauam nas couas E cauernas como dito hee, com temor dos paguãos Jentios. da grandeza ou tamanho desta JgreJa E das outras que constantino fez falarei em seu luguar. E posto que pareça em alguma maneira sahir fora do proposito da Jstoria começada E alarguarme com sobeJa escritura nom deixarei de poer aqui o trelado de huma Jeral epistola que o dito emperador constantino escreueo a todolos bispos E prelados a qual põe santo Jsidro antre os decretos dos padres, na qual escreue o modo E forma de sua conversão.

Carta do emperador constantino em fauor da fee.

Em nome da santa E Jndiuidua trindade, o emperador çesar flauio constantino augusto, ao santissimo padre dos padres siluestre Romano pontifiçe, E a todos seus soçessores bispos da çidade de Roma, E a todolos catolicos bispos, graça E charidade, paz E alegria, aquelas *(f. 187r)* cousas que nosso senhor Jesu christo filho de deus pollos seus santos apostolos pedro E paulo E per meo do padre nosso siluestre milagrosamente obrar em noos lhe aprouve. deliberamos manifestar a notiçia de todo fiel christão. sendo minha carne de Jncurauel lepra validissimamente contaminada em modo que per arte de medico algum era Jmpossiuel ser della liurado, os saçerdotes de campidolio per vltimo Remedio me aconselharam que fizesse fazer huma fonte em campidolio E ha fizesse encher de sangue de lactantes meninos, E nelle me lauasse. a qual cousa per mjm ouvida me pos terror de tanta crueldade pollo qual mandei que os meninos a tall morte destinados fossem com dões Restituidos a suas mãis. E avendo Jsto feito, de noute em sonho me apareçeram os santos apostolos de christo, pero E paulo dizendome, por que te desaprouve o deRamamento do sangue dos Jnoçentes somos mandados a ti do summo deus pera te ensinar como te possas da lepra alimpar. manda por siluestre bispo que no monte sorato estaa escondido, E este saçerdote te amostraraa a salutifera pisçina na qual lauado supitamente seras são. a qual cousa sendome anunçiada mandei pollo nosso padre siluestre o qual meritamente sete dias me teue em penitençia. E despois do outauo da aguoa sacratissima me banhou onde em tanto que fui posto no bautismo com meus propios olhos vi huma mão do çeo mandada que da lepra ma limpaua. E por tanto seJa notorio a cada hum que milagrosamente naquelle ponto sahi limpo E liure da santa fonte. polla qual cousa eu

com todo o senado E com todolos prinçepes Romanos. temos deliberado de enxalçar a santa sedia do beato pero prinçepe dos apostolos. pollo qual deliberadamente ordenamos que a Romana JgreJa E cadeira sobre todalas que no mundo são tenha o prinçipado. E todos aquelles que ao diante desta JgreJa forem pontifiçes, constituimos que deuam ser sempre mais exçelsos prinçipes do mundo, E do culto diuino E estado da fee christãa queremos que a seu arbitrio possam dispoer. Justo çertamente hee que naquelle luguar a santa ley tenha ho prinçipado onde o Jnstituidor da santa leJ Jesu christo mandou ao beatissimo pero que tiuesse a catadra do apostolado E onde o mesmo glorioso apostolo guostou o caliz de seu *(f. 187v)* martirio. E por Jsto E naquelle luguar as Jentes pollo nome de christo, os collos Jnclinam onde o beatissimo paulo doutor das Jentes, de martirio coroado foi constrangido a estender sua guarguanta. seJa pois aguora a toda pessoa manifesto nos aver edificado no nosso paço lateranense ao saluador nosso christo, huma JgreJa de ouro E prata E preçiosas pedras mui ornada. edificamos Jsso mesmo aos apostolos pedro E paulo outras duas JgreJas onde os seus santissimos corpos por mãos do padre nosso siluestre com grande solenidade fizemos colocar. por tal que a alteza pontifical per pobreza nam seJa abiltada, mas por gloria E dinidade a Romana JgreJa sempre em beleza aumente [,] ao padre nosso siluestre E a todos seus soçessores sob Rezão da Romana JgreJa com mais efeito conçedemos E damos ho nosso paço lateranense. ha çidade de Roma, toda Jtalia, todalas prouinçias oçidentaes, todas as Regiões, luguares, cidades, E Jnsolas que em torno de Jtalia são em christo Jesu da humana geração Redemtor. E noos ho nosso Jmperio em oriente transferimos na çidade chamada bizançio.

A segunda estação hee A segunda feira na JgreJa de são pero ad vincula. E hee Jndulgençia plenaria. E alem disto dez mil anos. nesta JgreJa são çertos versos que dizem como este santo templo foi de prinçipio constructo (A honrra de sam pero apostolo) do papa sixto terceiro. mas despois sendo per discordia çiuil de Roma destroido, o papa pelagio ho Renouou E consagrou E pos hi os corpos dos santos machabeus E as cadeas de ferro com que o apostolo sam pero foi liguado E preso em tempo de nero, as quaes trouxe huma Jlustre molher de Jerusalem. a festa desta JgreJa se çelebra o primeiro dia daguosto no qual dia hee Jndulgençia plenaria. são hi Jsso mesmo outras muitas Reliquias. hee seede E titolo de cardeal, E habitação de frades de são saluador.

A terça feira hee estação na JgreJa de sancta anastazia. E hee Jndulgençia de vinte E oito mil anos E outras tantas coresmas, E tirasse huma alma do purguatorio. haa nella muitas Reliquias. hee titolo de cardeal.

A quarta feira hee estação na JgreJa de sancta maria a maior. hee Jndulgençia de vinte E oito mil anos, E outras *(f. 188r)* tantas coresmas. E hee Remissão da terça parte de todolos pecados. esta hee huma das sete JgreJas prinçipaes de Roma, na quall todolos dias são corenta E oito anos de Jndulgençia E outras tantas corentenas E Remissão da terça parte de todolos pecados. as Reliquias que haa nella são as seguintes. Jtem o corpo de são matia apostolo que estaa debaixo do altar maior. E a cabeça se amostra hi, per sy. Jtem o corpo do gloriosissimo são Jeronimo Jaz em huma capela onde Jsso mesmo estaa o presepio de christo. Jtem os corpos de santa Rumula, E santa Redenta. Jtem o panozinho com que a gloriosa virgem nossa senhora envolueo ho bom Jesu no presepio. Jtem a estola de sam Jeronimo. Jtem hum braço de são mateo apostolo E evangelista. Jtem hum braço de sam lucas evangelista [.] Jtem hum braço de sam tomas arçebispo canturiense. Jtem a cabeça com hum braço de santa bibiana virgem E martir. Jtem como hee dito o prepuçio de christo, trazido de belem onde naçeo E muitas Reliquias de santos E santas que se amostram dia de pascoa A ora de vespora. Jtem na vigilia da naçença de nosso senhor, na qual se çelebra a festa da tresladação do corpo de sam Jeronimo [.] na capella sua hee Remissão de todolos pecados conçedida do papa pio segundo. Jtem em todalas festas da gloriosa virgem maria sam mil anos de Jndulgençia. Jtem do dia da festa de nossa senhora da assumpção atee o dia de sua natiuidade que hee a oito dias de setembro são doze mil anos de Jndulgençia alem das cotidianas que temos ditas. esta JgreJa hee seruida de coneguos E dinidades como see catedral. estaa no deserto de Roma no monte que se chama superagio. tem huma torre mui alta na qual estão sinos que de grandeza E de suaue soom, tem ventaJa a todolos de Roma. hee de tres naues E mui comprida E ancha. os piares são colunas de huma soo pedra mui altas E grossas. parte da parede que Rodea a naue maior hee de maçanaria ou artesões de madeira cuberta douro mui Rica E Real obra, a qual mandou fazer o papa alexandre sexto. as naues pequenas são dabobodas de ladrilho. tem ha capela mor contra o ponente E as portas prinçipaes pera o leuante sobre as quaes da parte de fora da JgreJa hee pintade de mui exçelente mosaico a

estoria do milagre das neues, scilicet, como nossa senhora apareçeo ao papa liberio E a João patricio E a sua molher, E como neuou naquelle luguar a oito dias do mes daguosto onde aprouve A gloriosa virgem nossa senhora que os sobreditos edificassem aquella JgreJa em seu louvor [.] E Jsto aconteçeo no tempo do emperador constançio, o qual deixando a dita E verdadeira fee de seu pai *(f. 188v)* constantino, seguio a secta de aRio, E desterrou ao dito papa liberio por nam querer com elle aprouar E seguir a dita secta. E sendo liberio desterrado foi criado pontifiçe feliçe homem Religioso E santo o qual por nam querer seguir a seita de aRio, o emperador ho priuou E desterrou avendo tido o pontificado hum ano E quatro dias. E o sobredito liberio foi Restituido por que consentio na seita aRiana, segundo escreue petrarça na sua coronica dos papas E emperadores. E teue a cadeira de são pero quinze anos E sete meses E tres dias. Ó que desigual troca fez este liberio sendo primeiro tam dino E tam bem aventurado que mereçeo apareçerlhe a emperatriz dos çeos mãj do grande E Jmmortal Rei, o qual Renunçiou por comprazer ao mortal emperador, E seguindo sua Reprouada seita como herege acabou seus dias, assi que por guosar poucos anos da cadeira do pontificado da terra, perdeo a do summo pontificado çeleste. E o beato feliçe Retrahido a hum seu campozinho ou possissão foi de martirio coroado, E assi alcançou o eterno pontificado que liberio por seus pecados perdeo. no dito dia das neues hee na sobredita JgreJa Jndulgençia plenaria. E em memoria da neue se abrem no tecto da naue maior çertos buracos pollos quaes lançam lãa mui alua, E assi pilhaduras de pão mui branco que pareçem frocos de neue mui espessa que cahe sobre a multidão da Jente de que todalas oras naquelle dia a JgreJa estaa chea.

A quinta feira hee estação na JgreJa de são Lourenço em palisperna que hee no luguar onde foi assado. hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto se guanhão dez mil anos. E esta JgreJa estaa onde sohia ser o paço do emperador deçio. ali hee a sepultura da beata brigita que foi Rainha de sueçia. na dita JgreJa haa outras muitas Reliquias E huma parte da craticula em que são Lourenço foi assado, E hum seu braço. E estão metidos em hum cristal çertos caruões daquelles em que foi assado. E dous seus ossos. esta JgreJa hee moesteiro de frades.

A sesta feira hee estação na JgreJa dos santos apostolos onde habitam frades menores. hee Jndulgençia plenaria. E alem disto treze mil anos. estaa na Região de colonia. foi fundada pollo emperador constantino A honrra dos doze apostolos. *(f. 189r)* E sendo despois destrohida dos hereJes foi Restaurada no grado pristino pollos sumos pontifiçes pelagio E Joãne adornandoa de corpos de muitos santos, espeçialmente de são filipe E de santiaguo menor os quaes são no altar maior A mão direita. E o corpo de santa eugenia virgem E outros corpos santos A mão esquerda. E estaa o corpo de são sabino martir E huma vestidura sem manguas de sam tomas. Jtem nos sagrados altares estaa hum pee de são felipe E hum braço de santiaguo zebedeo, huma costa de são Lourenço, huma espadoa E hum braço de são bras. nesta JgreJa hee Jsso mesmo estação no primeiro dia de maio. E nas festas dos ditos santos são muitas Jndulgençias. hee sedia E titolo de cardeal. E nella são aquelles Reaes paços de que Jaa falei que o papa Jullio mandou fazer.

Ao sabado hee estação na JgreJa de são pero em vaticano. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto xxbiij mil anos de Jndulgençia E xxbiij corentenas. esta hee a segunda JgreJa prinçipal na qual são todolos dias corenta E oito anos E outras tamtas coresmas de perdão E a Remissão da terça parte de todolos pecados. avia na dita JgreJa antes de ser deRibada çento E noue altares. E a maior parte são deRibados. em cada altar são conçedidos xbiij anos de Jndulgençia. antre aquelles erão sete prinçipaes os quaes sam priuilegiados. E em dia de natal E dia de pascoa E çenção, sancto espirito [,] dias de nossa senhora, de todolos santos E em todalas outras festas dobres, são dobradas todalas Jndulgençias sobreditas. Jtem na festa de nossa senhora da anunçiação são mil anos de Jndulgençia. E da sobredita festa atee calendas daguosto são doze anos E doze corentenas de Jndulgençia. E mais Remissão da terça parte de todolos pecados [.] Jtem são conçedidos pollo papa alexandre a qualquer que deuotamente sobyr os degraos de sam pero por cada degrao sete anos de Jndulgençia. debaixo do altar maior estão sepultados a metade dos corpos de são pedro E são paulo. E a outra metade estaa em são paulo. Jtem na dita JgreJa estãos os corpos dos apostolos sam simão E Judas. Jtem o corpo de santa petronilla virgem filha do apostolo sam pedro. Jtem a cabeça de santo andre apostolo, a qual se amostra o dia de sua festa, E no dia que foy trazida a Roma. Jtem a cabeça de sam lucas evangelista [.] Jtem a cabeça do martir sam sebastião. Jtem a cabeça de *(f. 189v)* santiaguo. Jtem

os corpos de sam proçesso E martiniano E muitos outros corpos E Reliquias de santos martires, confessores E virgens. Jtem na dita JgreJa estaa a veronica ou vulto santo de nosso senhor Jesu christo, a qual se amostra na somana santa algumas vezes E no dia daçenção do senhor, E o dominguo mais cheguado A festa de sancto antonio abade, na qual demostração a todolos Romanos que se achão presentes são conçedidos tres mil anos de verdadeira Jndulgençia. E a todos aquelles que habitam em torno de Roma são conçedidos seis mil anos. E a todolos outros que vem de longuas terras lhes são conçedidos doze mil anos E outras tantas corentenas. E Remissão da terça parte de todos seus pecados. Jtem na dita JgreJa hee hum altar A parte direita do coro ornado de perfido no qual foram apartados os ossos dos santos apostolos pedro E paulo, E passados pollo beato siluestre no ano do senhor de trezentos E noue quando esta JgreJa foi feita. Jtem A parte sestra do coro hee hum tabernaculo no qual ataa o dia doge se guarda aquella sedia ou catadra, a qual foi feita a são pedro quando em antiochia tinha a cadeira episcopal. E cada ano o dia da catadra de são pero ha põe fora no coro com solemnidade por tal que todolos homens por sua deuação a possam tocar. Jtem em torno do altar maior estão doze colunas fermosas de marmor, antre as quaes haa huma çerquada de huma Reixa de ferro de milagrossa virtude como testifica o escrito que se açerca della lee, scilicet, esta hee aquella coluna na qual nosso senhor Jesu christo se encostou quando preguaua ao pouo, E quando no templo fazia oração a deus padre a qual com as outras onze çircunstantes do templo de salamão no triunfo foi trazida E nesta basílica foi colocada. esta lança os demonios, E aquelles que são dos Jmmundos spritos molestados faz liures. muitos milagres faz cada dia. Jtem no caminho que vai pera a capella de nossa senhora das febres estaa a sepultura de são João crisostomo a qual antes era çercada de ferro, E aguora hee hum altar de marmor com sua Jmagem. o emperador constantino fez esta santissima JgreJa no monte vaticano como hee dito, onde era o templo de apoline, a qual ornou de Ricos ornamentos, çecando (sic)[8] os gloriosos corpos de aRame de çinco pees de grossura. E pos sobre elles huma cruz douro que pezaua çento E çincoenta liuras. E elle tirou As costas dos aliçesses doze seiras de terra. foi despois Roma saqueada de alarico Rei dos guodos. morto alarico foi Rey *(f. 190r)* ataul seu parente, tornou a Roma E todo o que de alarico ficou elle o destrohio E Roubou E queimou. Jsto aconteçeo no tempo de onorio emperador, E de teodosio menor, no qual tempo ouve çisma antre o papa

[8] Leia-se *cercando*

bonifaçio E eulalio Jsso mesmo eleito papa. em tempo do emperador ludouico [,] filho do emperador carlomagno [,] E do papa greguorio quarto pollas diuisoens que avia antre os christãos foi chamado dalguns ereticos christãos E metido em Jtalia o soldão de babilonia do qual foi Roma saqueada E a JgreJa de são pero Roubada E feita della estrebaria de cauallos [.] despois o papa João outauo que veo ao pontificado na era de oitoçentos E setenta E dous com a aJuda do emperador carlo chamado caluo tornou de nouo Reparar os templos que eram destrohidos. E Jsso mesmo o papa formoso fez Renouar as pinturas que na dita JgreJa erão desfeitas. foi despois tornada a saquear per outros ereJes E tiranos com outras prinçipaes JgreJas de Roma no conto das quaes foi são João de latram E os seus paços em tempo do papa seuerino per mauriçio curcularioE Jsçio patriçio ou exarco de Reuena. no qual Roubo entraram os soldados E todo o pouo Romano. E despois em tempo do papa teodoro foi cortada a cabeça a mauriçio por ser autor deste sacrilegio. aguora direi do ponto E estado em que vi esta JgreJa de são pero quando o papa Julio a mandou deRibar, ca por ser tantas vezes destrohida se nam pode detriminar de que grandeza E feição foi edificada pollo emperador constantino. a qual eu despois medi pera dar Rezão de sua grandeza. começou a ser deRibada na era de nosso senhor Jesu christo de mil b^{c} E doze despois da batalha de Reuena. E querendo o papa Jullio fazer esta JgreJa a mais sumptuosa E grande de todalas do mundo a mandou deRibar E cortar quasi ataa o meo, scilicet, a capela prinçipal E toda a naue do cruzeiro com a capella de nossa senhora das febres E a sancristia E outras muitas capelas que tinhão a seruentia por dentro da JgreJa, E a naue maior E as outras foram cortadas ataa Juntos dos orguãos que estauão quasi no meo do corpo da JgreJa. E quando se deRubauão estes tam suntuosos edifiçios alguns cardeaes lhe disseram que nam deuia sua santidade fazer tamanha destrohição naquella JgreJa, senam hir deRibandoa como a outra obra fosse creçendo. E o papa Respondeo que elle *(f. 190v)* era Jaa mui velho E a obra mui grande, E que aviam de passar muitos anos em se acabar. que elle fazia aquella Ruina em são pero pera que os pontifiçes que despois delle viessem ouvessem verguonha de a ver tal E de pura neçessidade trabalhassem polla acabar assi sumtuosa E grande como a elle deixaua começada. eu fui muitas vezes ver como se deRibaua. E assi fui presente como se fundauam os aliçeçes dos piares da Jgreja noua. E quando se assentaram as primeiras pedras era o papa presente E mandou meter debaixo dellas moedas douro E de prata com suas figuras E armas emprimidas na dita moeda. quando começaram de cauar acharamse muitas caxas com ossos E Reliquias de santos. E os fundamentos foram

tam altos E anchos que pera cauar E trazer a terra açima avia multidão de trabalhadores. E abriam poços de aguoas que manauam em tanta cantidade que a grande fadigua com enJenhos E baldas a podiam tirar pera dar luguar pera a pedra se assentar. no meo do cruzeiro estaa o altar moor E sobesse a elle per çertos degraos de perfido nos quaes se guanhão as sobreditas Jndulgençias. E as Reliquias dos santissimos apostolos estão debaixo delle E por nam chouer nelle E se poder çelebrar, o papa ho mandou cobrir de madeira A maneira de capella, em que sua santidade E os cardeaes E perlados bem podiam caber. mas as oras ordinarias dos coneguos se diziam na capella do papa sisto onde estaa huma Rica sepultura de bronzo ou metal no chão de marauilhosas figuras E lauores [,] a qual capella hee A mão esquerda entrando pollas portas da JgreJa. a capella moor velha na qual dantes era o corpo tinha de comprido çincoenta E huum palmos E meo, E de ancho dezoito palmos [,] per foora da qual o papa nicolao edificou a capella grande que o papa Jullio acabou de çerrar. era a capella velha pintada de moisaico antiguo bem assentado E Resplandeçente. a JgreJa teue çinco naues [,] as paredes dellas eram armadas sobre colunas de pedra de natura parda E dura como marmor. a naue do meo teue de cada Jlhargua xxij colunas de xxxjx palmos em comprido E xb de Roda. em cada huma das outras naues avia Jsso mesmo xxij colunas que tinhão de comprido xxiiij palmos E meo E de Roda xij. cada huma destas colunas hee de huma soo pedra. E entendesse este comprimento no corpo da coluna sem os capitees E sem as vasas. ca os capitees das colunas grandes tem seis palmos E meo dalto. E as vasas são de tres palmos E os capitees das menores são de quatro palmos. E as vasas *(f. 191r)* de dous. tem a naue maior dancho çento E sete palmos. E contando esta com as outras quatro tem toda a JgreJa dancho dozentos E sessenta E quatro palmos. E tem de longuo das portas prinçipaes ataa o altar moor quatroçentos E noventa E seis. E desta maneira com o comprimento da capella tem toda a JgreJa de comprido quinhentos E corenta E seis palmos. era esta santissima JgreJa tam alta que Respondia com o ancho E comprimento. non era daboboda, mas cuberta de madeira E de telha vãa das mais fermosas traues E caibros que tenho visto, por que quando se deRibaua a naue grande E o cruzeiro as traues que deçiam eram mui grandes em comprimento E hermosas em cuadra. em luguar de telhas era esta prinçipal naue cuberta de pranchas de chumbo grossas E grandes. as outras quatro naues erão soomente cubertas de telha. na fronteira da JgreJa haa sete portas prinçipaes, scilicet, tres na naue maior, E quatro nas outras quatro naues. as tres portas da naue grande E do meo hee de metal na qual

estaa esculpida a obediençia que o preste João mandou ao papa. mas nam se afirma ser este o gram preste João [.] E o pinheiro de bronzo ou metal que estaa fixado no luguar onde aguora esta a JgreJa de nossa señora transpontina cuJa grandeza era tam maravilhosa que pendiam seus Ramos sobre a sepultura adriana que aguora hee castelo de santangelo E a sepultura de seu filho que o papa alexandre sexto fez quando fez a Rua alexandrina que aguora hee das mais fermosas Ruas que pode aver no mundo. E afirmasse que a pinha de metal que estaa no pateo diante das portas de sam pedro foi daquelle pinheiro, a qual pinha eu medi E tem dalto catorze palmos E de Roda xxxij E meo. E nam sem misterio, foi metida em huma charola cuberta de bronzo armado sobre oito colunas de profido cada huma daltura de xiiij palmos E de grosso seis. destas sete portas huma estaa sempre çerrada de pedra E cal [,] a qual se abre no ano do Jubileu. são todas de huma grandeza. tem em ancho no vão xbj palmos. são pouco mais de trinta em alto E são cuadradas que assi hee husança de todalas portas de Roma. E de marauilha se faz portal Redondo. E as molduras E folhas destas obras *(f. 191v)* de Roma satisfazem mais aos que as entendem que as de frandes nem doutra parte. as colunas que santa elena trouxe de Jerusalem do templo de salamão são xiiij. as xij estauam em torno do altar de sam pero são de marmor branco Retorçidas A maneira de brandão de çera obradas de folhas E lauores antiguos de pouco primor [.] tem de comprido xxij palmos. E de Roda oito E meo. huma destas colunas hee A que nosso senhor Jesu christo se aRimaua quando preeguaua no templo E estaa çercada de huma Reixa de ferro. E tem tanta virtude que lança fora os demonios. as outras duas estão A de dentro da porta do Jubileu que hee A parte direita entrando polla JgreJa na derradeira naue. E ali estão as tribunas de veronia E da lança com que nosso senhor foi ferido. as quaes Reliquias se amostram em çertos dias do ano nos quaes dias hee esta naue dada aos vnguaros que quando se as Reliquias amostrão dão tam grandes brados E gemidos pedindo misericordia que hee cousa marauilhosa. E nam haa pessoa que nom prouoquem a deuação. da parte esquerda haa outra tribuna em que estaa a cabeça do apostolo sancto andre. os orguãos desta JgreJa são os melhores que vi. são postos na naue grande sobre quatro colunas grandes de profido. a caxa hee de lauores syngulares de obra Romana mui bem dourada E mui grande obra. as vozes dos orguãos nam se podiam mais esperar tanta era sua fineza que sendo quasi descubertos o frio nem a calma os pode desafinar. muitas cousas de notar assi de sepulturas como de ornamentos avia naquella sacratissima JgreJa que seria proluxidade escreuelas. quando escreuer da JgreJa noua que se faz, direi mais

larguo das capelas E edifiçios que são deRibados. diante das portas prinçipaes haa hum alpendere que atravessa toda a JgreJa onde estão homens que vendem veronicas pintadas em purguaminho E em lenço. E outras deuotas Jmagens E coroas despinhos que imitam A de christo, que os peregrinos comprão E leuão a diversas terras dos christãos. diante deste alpendere haa hum pateo no qual estaa a sobredita pinha. E hee Rodeado dos paços do papa E doutros singulares apousentamentos de cardeaes E palatinos. E na fronteira de hum destes paços estaa pintada a estoria a que vulguarmente chamam o moisaico da barca de sam pero. este moisaico ocupa grande campo E sera maravilha acharense outras figuras *(f. 192r)* de moisaico vanteJosas a estas. ca alem do debuxo das figuras ser mui perfeito, hee cousa de admiração ver tanta diuersidade de pedras. tam meudas, tam pouoadas, E Resplandeçentes. per tam sotil E natural arte assentadas que os cabelos, barbas, olhos [,] narizes E boca, E todolos outros sentimentos dos Rostros, mãos, pees, E Roupas vão escreçidos E acrarados como se com hum sotilissimo pinçel E diuersas tintas se fizera. ver aquella barca, o masto, vela, E enxarçia, E as continençias das figuras, E o mar, E a figura de nosso senhor Jesu christo nelle todo obrado de pedras em tanta perfeição, hee cousa duuidosa de creer aos que a nam viram E careçem do sentido da pintura. se neste moisaico me estendi mais a falar, que no de mom Real, E nos de Roma, a perfeição das figuras, E o aspeito das pedras o mereçem mas que aproueitou com tanta diligençia fazerse huma perfeita obra. E ser vista per mjm tam pouco estimada, que sendo aquelle apousentamento dado ao cardeal çibo sobrinho do papa leão, os florentins seus criados deRibaram hum pedaço grande delle que cheguaua a huma Jenella dos ditos apousentamentos. E quanto mais cortesãos se delle doiam, elles o menosprezauam. saindo do pateo entram por baxo dos paços pera sahir ao terreiro que naquelle cuberto ou coRedor estão muitas tendas de homens que vendem contas de muitas maneiras aos Romeiros, E outras muitas cousas. da parte de fora estaa hum tauoleiro que toma toda a façe dos paços. no qual tauoleiro são as portas que vão pera a JgreJa, E duas partes da casa dos auditores da Rota. E aRematasse da parte do norte com a porta do sacro palaçio onde estão os alemães da guarda do papa. tem este tauoleiro em ancho setenta E seis palmos E meo, E de comprido duzentos E corenta E çinco. do tauoleiro se deçe ao terreiro per xxxiiij escalões de furto em alto, E de ancho dous palmos [.] E de sete em sete escalões haa hum espaço ou tauoleiro de onze palmos em ancho. E sobre este tauoleiro são as varandas donde o papa daa a benção ao pouo quinta feirra de laua pees, E dia de pascoa, E da asçenção de nosso senhor. E

a Jente estaa no terreiro, o qual tem de comprido da Rua alexandrina atee as sobreditas escadas bij^{c} E xxiiij palmos. E de ancho, scilicet, das tauernas atee a porta de belueder b^{c} E noue palmos. no qual terreiro estaa huma singular fonte de pedra de maravilhosa grandeza E feição, A qual vem aguoa per canos E sobe mui alta E cahe nas pias ou fontes mui bem lauradas. E por que me detiue mais do que quisera contando dos edifiçios velhos, deixo pera *(f. 192v)* outro capitolo a maneira E grandeza da JgreJa noua. nesta escada que deçe do tauoleiro nos escaloens de baixo estão duas Jmagens de são pero E de são paulo de pedra mui grandes E naturaes, scilicet, huma em cada parte da dita escada.

No segundo dominguo da coresma hee estação na JgreJa de santa miria in domini [.] hee Jndulgençia de xxbiij mil anos E corenta E noue corentenas.

A segunda feira hee estação na JgreJa de são clemente onde se alcança Remissão da terça parte de todolos pecados. E alem disto dez mil anos. esta JgreJa hee convento de frades da ordem de sam ambrosio, onde debaixo do altar maior Repousa o corpo do santissimo clemente papa E martir, o qual foi tresladado da çidade de çeisona, que hee alem do mar chamado pontico, em Roma, pollo cristianissimo E clementissimo emperador Justiniano. nesta JgreJa haa muitas Reliquias E Jndulgençias, conçedidas de diuersos summos pontifiçes. maximamente do santissimo gelasio papa o qual ali conçedeo cada dia corenta anos E outras tantas coresmas de Jndulgençia. E na coresma são dobradas. Jtem o papa alexandre terçeiro A honrra de santo Jnaçio martir o qual corpo Repousa no altar maior per seu priuilegio ali conçedeo E deu Remisão da terça parte de todolos pecados. E hee estação E titolo de cardeal. achasse na estoria dos pontifiçes Romanos que despois do papa leão veo ao pontificado Joane natural de Jnglaterra. E foi papa dous anos E çinco meses E quatro dias. o qual Joane se afirma ser molher a qual em habito de homem foi de hum seu namorado leuada a atenas onde em diuersas çiençias fez tanto fruto que finalmente veo a Roma E por tres anos pubricamente leo E ouve por disçipulos homens doutissimos nam achando homem que em doutrina lhe fosse par. E sendo assi em grande opinião de çiençia, de comum concordia foi elegida papa. E tendo assi o pontificado, veo a ser prenhe de hum seu cubicularIo. E nom sabendo ella o dia çerto de seu parto hindo de são pero a são João

de latrão, lhe vieram as dores do parto de tal sorte que foi constrangida de parir antre o coliseo E a dita JgreJa de são clemente, no qual luguar parindo moReo. E por memoria foi ali feita huma caseta A maneira de oratorio a qual eu muitas vezes vi toda cahida E com pinturas antiguas mal proporçionadas. E quando os papas escusam aquella via que hee a direita de sam pero a são João de latrão, diz o vulguo que ho fazem por este defeito [.] eJte (sic)[9] Joane nam hee contado no calendairo ou cataloguo dos pontifiçes por ser de sexu femineo [,] a esta dinidade desforme. *(f. 193r)*

A terça feira hee estação a santa balbina. esta JgreJa se chama sam saluador. E são dez mil anos de Jndulgençia. E a Jmagem do saluador se amostra sobre o altar maior, no coro onde são sepultados sete corpos santos antre os quaes hee santa balbina, E sam quiriçio, E as duas virgens Aas quaes a sobredita Jmagem apareçeo [.] hee titolo de cardeal. esta JgreJa consagrou sam greguorio E conçedeo hi sete anos de perdão. hee titolo de cardeal.

A quarta feirra hee estação na JgreJa de sancta çezilia. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee transtiberim, E Jaz nella o corpo de sam tiburçio E valeriano E luçio papa primo E de maximiano os quaes estão debaixo do altor maior. sam Jsso mesmo na dita JgreJa outras muitas Reliquias [.] esta era a propria casa E habitação de santa çezilia, a qual o papa pascoal consagrou A honrra do omnipotente deus E da sua genitriçe maria E dos santos apostolos pedro E paulo, E de sancta aguata, E sancta çezilia, no ano da encarnação de trezentos.

A quinta feira hee estação na JgreJa de santa maria transtiberim E são dez mil anos de Jndulgençia. neste luguar onde aguora hee esta JgreJa avia antiguamente huma habitação chamada taberna meritoria transtiberina, na qual os homens da guerra Romanos velhos que polla muita idade nam podiam hir A guerra, Reçebiam do senado Romano pubrico subsidio pera suas vidas. E chamauasse meritoria por que por seus bons mereçimentos lhe era conçedida continua prouisam. na crasta do dito luguar erão escritos çertos versos latinos os quaes em vulguar querem dizer, Ó Roma

[9] Leia-se *este*

velha em quanto tu dos velhos Romanos foste guovernada nenhum homem boom avia que nam fosse Remunerado, nem nenhum mao deixaua de ser punido. mas aguora faltando aquelles padres boons, hee vinda huma maluada Juuentude per cuJos maos conselhos de dia em dia te destrues. nesta taberna meritoria naquelle mesmo luguar onde estão duas Janelaszinhas fechadas com humas Reixas de ferro Junto do coro, no tempo que nosso senhor Jesu christo naçeo da gloriosa virgem maria sahio da terra milagrosamente huma abundantissima fonte dazeite. E per espaço de hum dia E de huma noite com grão Rio ataa o tibre coReo, sinificando a vnção de christo E o bautismo E a sua doutrina com a qual todalas Jentes a crer Jnsinou. o qual milagre despois de muito tempo sendo examinado do santissimo papa calisto de nação Romano, no mesmo luguar onde o oleo manou edificou huma pequena JgreJa. despois andando o tempo *(f. 193v)* çessando alguma cousa as persecuções feitas contra os fiees de christo, foi a JgreJa alarguada E acreçentada. E despois sendo destrohida o papa greguorio terçeiro per gram Reuerençia de nossa señora E do beato calisto martir, quasi dos fundamentos com noua fabrica a Refez E toda a pintou. nesta JgreJa são sepultados muitos corpos santos, scilicet, do santo calisto papa, E o de Jnoçençio fundadores da dita JgreJa. Jtem o do papa Jullio, E o de são quirino bispo. hee Jsso mesmo na dita JgreJa estação E gram perdoança na oitaua de santa maria daguosto.

A sesta feira hee estação na JgreJa de sam vidal. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa foi Restaurada nouamente pollo papa sisto cuarto, no ano do Jubileu. E hee titolo de cardeal.

Ao sabado hee estação na JgreJa de sam marçalino E pedro [.] E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados, E mais dez mil anos de Jndulgençia. na era de 1266 anos de nosso senhor Jesu christo a dez dias dabril consagrou o papa alexandre esta JgreJa E ambos os altares. E pos no altar moor das Reliquias dos sobreditos santos, E doutros muitos santos dos quaes se lem na escritura que estaa Junto da porta da JgreJa. conçedeo na dita JgreJa no dia da consagração E polla outaua cada dia em cada hum ano, tres anos E tres coresmas. E despois mudou a dita Jndulgençia na segunda feira despois do segundo dominguo da coresma. E acreçentou mais hum ano E huma coresma. hee titolo de cardeal.

No terçeiro dominguo da coresma hee estação a são Lourenço fora dos muros. hee Jndulgençia de dez mil E oitenta anos E corenta E oito coresmas E tirasse huma alma do purguatorio. esta JgreJa hee a quinta das sete prinçipaes de Roma a qual estaa na via tiburtina. E tem todolos dias corenta E oito anos E outras tantas coresmas de Jndulgençia E Remissão da terça parte de todolos pecados. nesta JgreJa hee a pedra sobre a qual o bem aventurado são Lourenço foi posto despois de ser assado. E o seu corpo E o de sam esteuam protomartir são hi enterrados em Rica sepultura ambos Juntos. na festa dos quaes E per todas as outauas, E nos dias das estações da dita JgreJa são çem anos E çem corentenas de Jndulgençia E Remissão da terça parte de todolos pecados conçedidos antiguamente. o papa calixto terçeiro conçedeo a qualquer pessoa fiel de christo que devotamente visitar a dita JgreJa em todalas *(f. 194r)* festas E estações della Remissão plenaria de todolos pecados. Jtem se alguem entrar na dita JgreJa hum ano contino, todalas quartas feiras, tira huma alma do purguatorio. Jtem se alguem entrar na dita JgreJa polla porta que estaa contra o meo dia andando de huma cruz A outra sendo bem confessado E contrito alcança plenaria Remissão de todos seus pecados. esta JgreJa edificou o emperador constantino E honrradissimamente fez nella sepultar o santissimo martir sam Lourenço. E diante de seu corpo fez poer dez alampadas de puro ouro, mui grandes. E A JgreJa deu muitas herdades E Renda. aguora hee de frades. nom me lembro de que ordem. hee de tres naues, E a do meo hee do te(?)to do theor de sancta maria a maior de gentis lauores. E pintado douro E azul.

A segunda feira hee estação na JgreJa de são marco. E são dez mil anos de Jndulgençia. sam marco hee da Região da pynha. nesta JgreJa haa muitas Reliquias as quaes nos dias das festas se poem sobre o altar maior em huma caixa onde são todas nomeadamente escritas pera todo deuoto christão as poder ler. esta JgreJa Renouou o papa paulo segundo dos fundamentos. E dotou a de grandissimas Jndulgençias as quaes são as seguintes. Jtem que todolos christãos que devotamente a visitarem dando suas esmolas no dia da outaua do corpo de deus, E na epifania das primeiras vesperas atee as segundas Jnclusiue, E da segunda feira da somana santa atee a terça feira das outauas da pascoa de Resurreição, a qualquer que hi for tres vezes huma vez ao dia conçede plenaria Jndulgençia de todos seus pecados. este papa paulo foi natural

venezeano, o qual considerando a breuidade da vida humana ordenou que cada xxb anos se fizesse o Jubileu, no qual se conçede plenaria Jndulgençia E Remissão dos pecados. sendo primeiramente ordenado por bonifaçio papa octauo (que foi o primeiro Jnventor do Jubileu) que de çento em çem anos se çelebrasse. E despois o papa clemente sexto o mudou de çincoenta em çincoenta anos. E o papa urbano de xxxiij anos. E este papa paulo o mudou a xxb como dito hee E se aguora em nossos dias çelebra. fez os paços de sam marco que hee hum dos sumtuosos E Reaes edefiçios de Roma, nos quaes *(f. 194v)* fez hum Jardim bem grande sobre as abobodas, de muitas laranJeiras E aruores de singulares frutas. a JgreJa hee peguada com os paços ha qual adornou de Requissimos ornamentos. Junto do altar moor desta JgreJa estaa pintado o naçimento de nosso Redemtor Jesu christo, a qual pintura hee a mais exçelente de Roma, tirando as de micael angelo, E de Rafael dorbino, donde Jsso mesmo era natural o que fez a dita pintura. desta JgreJa de sam marco sahe a proçissão pera hir a sam pero no dia da ladainha maior, onde hee Junta toda a clerezia, scilicet, frades E cleriguos da çidade de Roma [.] Jsso mesmo Junto desta JgreJa estaa huma pia de huma soo pedra de maravilhosa grandeza.

A terça feirra hee estação na JgreJa de santa potençiana. E sam dez mil anos de Jndulgençia. sancta potençiana foi Jrmãa de santa praxedes. nesta JgreJa são mais de tres mil corpos de santos martires no çimiterio de prisçila. o papa simpliçio consagrou esta JgreJa E conçedeo a todolos deuotos que a visitassem, por cada corpo de martir hum ano E huma coresma de Jndulgençia, E mais Remissão da terça parte de todos seus pecados. Jtem o papa çelestino, bonifaçio, clemente, greguorio, vrbano, alexandre, cada hum per si conçedeo hi muitas Jndulgençias que se lem E estão em huma tauoa. na primeira capella desta JgreJa detras do altar maior contra o meo dia hee o altar em que çelebrou são pero a primeira missa. E na capella moor contra o meo dia haa hum poço em que estaa escondido o sangue de tres mil martires. E naquella capella chamada do santo pastor, çelebrando hum saçerdote missa, E sendo tentado do malino spirito, no sancto eleuamento do corpo de christo duvidou ser o verdadeiro corpo de christo hum nosso Redentor, pollo qual supitamente a ostia cahio do altar em huma pedra de marmore. E o saçerdote vendo tam grande milagre com grande medo E Reuerençia tomou a ostia com a mão, a qual sobre aquella pedra deixou milagrosamente o sinal de sua grandeza o qual aJnda aguora se vee [.] E estaa

naquelle luguar huma pequena grade de ferro. o saçerdote per este milagre creo perfeitamente aquillo que duvidaua. hee esta JgreJa titolo de cardeal.

A quarta feira hee estação na JgreJa de sam sisto. E hee Jndulgençia de dez mil anos. esta JgreJa hee Junto da porta apia que se aguora chama de sam sebastião. hee mosteiro de frades de são dominguos E hee titolo de cardeal. *(f. 195r)*

A quinta feira hee estação na JgreJa de sam cosmo E de são damião E são dez mil anos de Jndulgençia. nesta JgreJa haa huma fermosissima tribuna de moisaico onde são escritos çertos versos latinos que dizem ser feita aquella obra pollo papa feliçe. hee esta JgreJa em campidolio. mostra ser Ricamente obrada de moisaico, E pranchas de profido E alabastro pollas paredes que polla antiguidade do tempo muitas estão cahidas. são conçedidos nella cada dia mil anos de Jndulgençia conçedidos pollo papa greguorio primeiro o qual beato greguorio consagrou o altar maior desta JgreJa E debaixo delle colocou os sanctos corpos cosmo E damiano E outros corpos santos que estão escritos em huma tauoa diante do altar.

A sesta feira hee estação na JgreJa de são Lourenço em luçina. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee em o campo marçio E foi dedicada no ano de nosso senor Jesu christo de mil E çento E noventa E seis o ano sexto do papa çelestino sobredito. muitos cardeaes E toda a corte de Roma sendo presentes, E sendo presidente desta JgreJa hum cardeal chamado çinthio, todo o pouo de Roma e de Redor foi Junto por honrrar a deus E ao martir são Lourenço. foi esta dedicação feita com tanta solenidade E gloria quanta Jamais atee aquelle tempo foi vista. as Reliquias que haa na dita JgreJa sam as seguintes. debaixo do altar maior são duas aRedomas da graixa E do sangue de são Lourenço, E hum vaso cheo de carne queimada do dito martir. Jtem as grelhas sobre que foi assado. Jtem hum pano com que o anJo alimpou seu corpo. são hi mais os corpos, scilicet, de são alexandre papa, E o corpo de euençio de teodoro, de seuerino, de potençiano, eusebio, vinçençio, peregrino, guordiano E outros corpos santos com outras muitas Reliquias. os nomes dos quaes são escritos na parte deestra do coro.

Ao sabado hee estação na JgreJa de santa susana. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados, E mais tres mil anos [.] esta JgreJa hee Junto das termas diocleçianas E hee mosteira da ordem de sancto agustinho. são hi sepultados os corpos de santa susana E de seu pai. E hee titolo de cardeal.

No quarto dominguo da coresma hee estação na JgreJa de santa cruz em Jherusalem. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E se tira huma alma do purguatorio. esta hee a seitima JgreJa das prinçipaes na qual são todolos dias corenta E oito anos E outras tantas coresmas de perdão E Remissão da terça parte de todolos pecados. no altar moor sam sepultados os corpos de sam anastasio E de sam çesario. em todolos domingos *(f. 195v)* se alcanção, trezentos anos de perdão E outras tantas coresmas E mais Remissão da terça parte de todolos pecados. haa nesta JgreJa grandes Reliquias antre as quaes são a esponJa com a qual os Judeus derão a nosso senhor estando na cruz, o fel E vinagre. Jtem dous espinhos da coroa. Jtem dous crauos com que foi fixado na cruz. Jtem do lenho da santissima cruz. Jtem do lenho da cruz do ladrão a que perdoou estando na cruz. Jtem o titolo que pilatos pos na cruz, o qual foi achado no tempo do papa alexandre sexto na parede da dita JgreJa mandandoa coreger o cardeal de castela dom pero guonçalvez que tinha ho titolo de santa cruz, a qual ornou mui Rycamente assi do tecto como das paredes. este titolo estaua sobre o arco da entrada da capella maior. E antiguamente de geração em geração as Romanas que vinhão a esta JgreJa se humilhauão E faziam grande Reuerençia a aquelle luguar sem as deste tempo saberem a Rezão por que, mas faziamno por serem assi ensinadas de suas majns. E assi ho fazem em outros muitos luguares E JgreJas. E quando este titolo foi achado viram a causa por que se humilhauão a aquelle luguar. Ca muitas Reliquias sam escondidas dos antiguos com temor dos hereges como foi esta. estaa metido em huma caixa de vidro E hee comido o pao de huma parte. contudo a moor parte das letras se poode mui bem ler. tem tres Regras. huma de letras latinas, outra de letras ebraicas, outra de letras greguas. E cada Regra diz per sua linguoaJem, Jesus nazareno Rei dos Judeus. estão estas letras esculpidas pera baixo no pao que tem esta feição. (?)[10]. na capella que se chama Jerusalem onde nam entram molhereres (sic)[11] senão huma vez no ano, scilicet, no dia da dedicaçam da dita JgreJa que se çelebra na vigilia

[10] Neste ponto, o autor intercala o texto com uma pequena ilustração.
[11] Leia-se *molheres*

de sam bento abade [,] hee Remissão plenaria de todolos pecados. nesta capella Jaz o corpo de sancta elena. E hee debaixo da terra E pollo tecto lhe entra a claridade. E o cardeal caruaJal sancta cruz de que atras tenho falado mandou pintar esta capela de moisaico. as Jmagens ou figuras tem gentil debuxo, mas as pedras nam vão assi assentadas como as do moisaico antiguo as quaes pedras mandou tirar do moisaico das termas E doutros edifiçios velhos. ca se as ouvera de pulir E obrar de nouo caro lhe custara. esta JgreJa mandou fazer o emperador constantino a Roguo de sa majm sancta elena, ha qual dotou de muita Renda E possissões.

A segunda feira hee estação de santiquatro coroados. E hee Jndulgençia de dez mil anos. nesta JgreJa debaixo do altar maior são leão papa terceiro colocou os corpos destes santos martires [.] de muitos outros santos haa muitas Reliquias nesta JgreJa os nomes dos quaes são esculpidos Junto do sobredito altar moor [.] no ano do naçimento de nosso senhor Jesu christo mil çento E onze, a dez *(f. 196r)* dias de maio, o papa pascoal no segundo ano de seu pontificado mandou cauar debaixo do dito altar moor o qual dos hereges avia sido queimado E feito em pedaços. E achou duas caixas. huma de profido, E a outra de michio, nas quaes estauão os sobreditos corpos santos. as quaes conchas ou caixas, mandou que fossem postas sobre o altar em memoria E honrra dos ditos santos. esta JgreJa hee titolo de cardeal, E ao presente hee bem desbaratada E desfeita. E pareçe ser antiguamente em seu edifiçio manifica JgreJa.

A terça feira hee estação na JgreJa de são Lourenço em damaso. hee Jndulgençia de dez mil E sessemta E çinco anos, E perdão da terça parte de todolos pecados. esta JgreJa hee em pariom Junto de campo de frol, a qual foi fundada do beato damaso primeiro deste nome de nação portugues natural de guimarães segundo se acha na lenda dos breuiairos deuora. nesta JgreJa haa muitas Reliquias de santos que se amostram em çertas caixas de vidro guarneçidas de prata, nas festas prinçipaes [,] antre as quaes haa hum copo grande de vidro pollo qual bebem os homens por deuação no dia de sam damaso, polla virtude do qual sam liures das febres. esta JgreJa hee titolo E sedia de cardeal, sobre a qual o cardeal sam Jorge de que larguamente adiante falarei fez as melhores casas que se podem dizer na cristandade. E ao menos a façe dellas em grandeza E gentileza de Real edifiçio nom se podem dizer milhores.

A quarta feira hee estação de são paulo E hee Jndulgençia de dez mil anos E Remissão E perdão da terça parte de todolos pecados. esta hee a terceira JgreJa das prinçipaes sete de Roma na qual, todolos dias haa Rbiij anos de Jndulgençia E outras tantas corentenas, E Remissão da terça parte de todolos pecados. Jtem no dia da conversão de são paulo são çem anos E çem coresmas de Jndulgençia. Jtem no dia dos Jnoçentes dos quaes nella Repousam muitos corpos, são Rbiij anos E R coresmas de Jndulgençia. Jtem na dedicação da dita JgreJa a qual vem na outaua de sam martinho são mil anos E mil coresmas de Jndulgençia E perdão da terça parte de todolos pecados. Jtem qualquer pessoa que entra na dita JgreJa todolos dominguos alcança tantas Jndulgençias quantas alcançaria se fosse ao santo sepulchro de nosso senhor Jesu Christo a Jerusalem ou a santiaguo de gualiza. na mesma JgreJa haa hum braço de santa ana a majm da virgem *(f. 196v)* maria nossa senhora. Jtem huma cadea com que são paulo foi preso. E outras Jnfindas Reliquias. debaixo do altar maior são a metade dos corpos de são pedro E são paulo apostolos, E o corpo de sam timoteo disçipulo de sam paulo E outras Reliquias de sanctos E samtas, as almas dos quaes guozam do paraiso. Jtem na gruta debaixo do altar grande Repousam os ossos do beato Juliano E basilisa. Jtem na parte direita do coro estaa huma Jmagem de christo cruçificado muito deuota, a qual falou a santa brisida polla continua oração que diante daquella Jmagem fazia E tinha feita, E ao cruçifixo Rezaua. esta JgreJa hee a maior de todas as de Roma. tem sete naues E sam postas sobre colunas grandes E de huma soo pedra como as de sam João de latram E as de sam pero. estas tres JgreJas são as maiores de Roma. sam paulo hee maior que são João de latrão. E sam João de latram, (sic)[12] E são João de latrão maior que são pero. a quarta hee santa maria a maior que hee menor que as sobreditas. E hee sam paulo de telha vãa altissima, comprida E ancha, mais que outra que se saiba de Roma pera qua em nenhuma parte de alemanha França E espanha. a fronteira do altar moor hee pintada de moisaico. E a capella moor que hee mui grande hee Jsso mesmo pintada E ornada de moisaico de mui antiguas figuras E de mao debuxo. mas o moisaico estaa mui bem assentado E Resplandeçente. hee moesteiro de frades de sam bento obseruantes de congreguação de santa Justina. antre as outras cousas notauees que haa nesta JgreJa me amostraram os frades a bliuia em latim que hee o original que são Jeronimo escreueo per sua mão quando a

[12] Leia-se *sam paulo hee maior que são João de latrão. E são João de latrão maior que são pero.*

tresladou de ebraico em latim. E hee de letra mui singular. E nam hee de duvidar que quem tantas e tam santas obras E de tam grandes volumes compos, fosse bom E liberal escriuão. esta grande JgreJa hee fora dos muros da çidade huma bõa milha pollo tibre abaixo na via de ostia. a porta de sam paulo que assi se chama aguora, se chamaua antiguamente porta capena. E a sepultura piranide que estaa Junto della a que o vulguo falsamente chama sepultura de Remo, hee de çestio segundo alguns escreuem.

A quinta feira hee estação na JgreJa de são siluestre. E hee Jndulgençia de dez mil anos. esta JgreJa hee situada na Região de coluna na qual muitos santos corpos são enterrados, os nomes dos quaes se lem em huma tauoa escrita [.] *(f. 197r)* mostrasse Jsso mesmo na dita JgreJa a cabeça do bem aventurado são João bautista, E çertas Reliquias de sam Lourenço, E hum pedaço da capa de são françisco. muitas outras Reliquias se mostram o dia de são João bautista E de são siluestre. hee moesteiro de freiras. E nom são lembrado de que ordem.

A sesta feira hee estação na JgreJa de são eusebio. E sam dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee moesteiro nom me lembra de qual ordem. E guanhanse mais de sete mil oitoçentos E Riiij anos E outras tantas coresmas conçedidos a todolos que a visitarem, ofereçendo suas ofertas [.] os nomes de muitos corpos que Jazem nesta JgreJa se podem ler em huma tauoa. E hee titolo de cardeal.

Ao sabado hee estação na JgreJa de são nicolao Jncarçere E hee Jndulgençia plenaria. E Alem disto dez mil anos de perdão. esta JgreJa hee na Região da Ripa. haa nella huma costa de sam mateus apostolo E evangelista, da mama de são nicolao, E hum braço de sam aleixo.

Ao dominguo quinto da coresma, scilicet, dominica Jn passione hee estação na JgreJa de são pero. hee Jndulgençia de xxbiij mil anos E outras tantas coresmas. Jtem Remissão da terça parte de todolos pecados.

A segunda feira hee estação na JgreJa de são grisoguono. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee na Região de transtiberim. haa nella hum braço de santiaguo. E hum osso de sancto andre apostolo. E a cabeça de sam grisoguono. hee sedia E titolo de cardeal.

A terça feira hee estação na JgreJa de são çiriaco. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee destrohida E detras das termas diocleçianas. alguns querem dizer que o papa quarto transferio esta estação E Jndulgençias aa JgreJa de são quiriçio que hee Junto da torre dos condes, no qual são quiriçio haa sobre a porta çertos versos que dão testimunho como do papa sixto foi Jnstaurada. debaixo do altar maior haa muitas Reliquias de muitos martires como apareçe por huma tauoa escrita Junto do altar moor. *(f. 197v)*

A quarta feira hee estação na JgreJa de são marçelo. E hee Jndulgençia de dez mil anos. esta JgreJa hee na Região de tergio E hee convento de frades da ordem dos seruos da beata virgen, onde hee huma sepultura de profido, na qual são postos os corpos das santas virgens E martires digna E merita, E hum braço de são mateo apostolo E evangelista. as quaes cousas no tempo do papa calisto terceiro foram vistas do pouo Romano. hee sedia E titolo de cardeal.

A quinta feira hee estação de são apolinario. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee de sedia de cardeal [.] debaixo do altar moor Repousam os corpos dos santos martires eustraçio, marderio [,] eugenio [,] oreste E auxençio.

A sesta feira hee estação na JgreJa de sancto esteuão. Jn çelio monte E hee Jndulgençia de tirar huma alma do purguatorio. esta JgreJa hee assi Redonda como santa maria Redonda E com quanto hee grande JgreJa. nom hee com muita parte da grandeza da outra. tem mui grandes colunas que sostentam ho telhado, o qual hee de telha vãa. avendo muito tempo que era destroida o papa nicolao quinto a Restaurou E hee de frades vnguaros habitada da ordem de sam paulo primeiro hermitão cuJa vida E morte estaa escrita em çertos versos latinos da maneira seguinte. quem quiser saber

ho tempo da vida E morte de paulo primeiro hermitão lea estes versos. no ano despois da encarnação de christo na virgem maria çento E setenta E hum, naçeo em tebaida çidade de egipto o glorioso paulo primeiro hermitão o qual sendo de dezasseis anos deixando o mundo se foi a hum hermo mui solitario onde viueo xxxbij anos comendo da fruita da palma soomente E cobrindosse das suas folhas. E depois viueo sessenta anos de manaa, a qual lhe mandaua o senhor do çeo. E hum coruo lha trazia. despois disto no ano do senhor de ij^{c}lxxxbj, E de sua Jdade çento E treze, paulo deixou o mundo E alegre se foi aos sete coros dos anJos E santos çidadões do çeleste Reino. o qual santissimo corpo no ano do senhor de mil iij^{c}lxxxj foi leuado de veneza a vngria E esta hee a causa por que esta JgreJa hee habitada de frades vnguaros sem Reçeberem outros de outra nação ou provinçia. *(f. 198r)*

Ao sabado hee estação na JgreJa de são João anteporta latina E hee Jndulgençia de tirar huma alma do purguatorio. E alem disto se guanham doze mil anos de perdão. Esta JgreJa hee Junto da porta latina. E Junto della hee o luguar onde sam João foi metido na tina de oleo feruendo. E chamasse porta latina por que naquella parte hee a terra latina donde foram os primeiros Reis de Jtalia.

No dominguo de Ramos hee estação na JgreJa de são João de latram que são de Jndulgençia xxb mil anos E Rbiij coresmas. E mais duas vezes plenaria Jndulgençia de todolos pecados.

A segunda feira hee estação na JgreJa de santa praxedes. E hee Jndulgençia plenaria E mais Remissão da terça parte de todolos pecados E xxb mil anos de perdão. em tempo do santissimo papa pascoal foram enterrados muitos corpos santos nesta sagrada basilica da beata virgem praxedes. E per mão do dito pascoal foram colocados debaixo do altar maior a xx dias de Julho, na Jndição deçima, na capela chamada libera nos a penis Jnferni e ortus paradisi. E tambem a coluna em que nosso senhor Jesu christo foi açoutado E liguado na sua paixão. esta coluna hee de diuersas cores E delguada, E tanto curta que pareçe ser partida em muitas partes. sobre a dita coluna estam os corpos dos santos martires valentino E çenno. E em meo da capela debaixo de huma pedra Redonda estão os corpos de corenta martires. E A parte esquerda estão

sepultados corenta papas. E todolos dias são ali doze mil anos de Jndulgençia E outras tantas coresmas E mais Remissão da terça parte de todolos pecados. no meo da dita JgreJa onde hee huma pedra Redonda çercada de ferro se diz ser enterrado sangue de santos martires, o qual sangue a ben aventurada praxdes com huma espouJa o metia neste luguar. haa Jsso mesmo nesta JgreJa hum altar sobre o qual o papa pascoal sobredito çelebrou çinco missas por huma alma passada desta vida. E sendo acabadas de dizer, visiuelmente vio que nossa senhora madre de deus leuaua aquella alma no Reguaço ao omnipotente deus como se vee pintado na parte da dita capela sobre a Janella de ferro. E visto o dito papa o dito milagre com a apostolica autoridade permitio que se alguma deuota pessoa fizer çelebrar missa naquelle luguar, possa tirar huma alma do purguatorio. *(f. 198v)*

A terça feira hee estação na JgreJa de santa priça. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto xxxbiij mil anos [.] esta JgreJa hee no monte aventino defronte de santa sabina, na qual haa çertos versos em latim que dizem assi (onde Ja de evandro foi o primeiro altar a ercule) o qual foi a primeira superstição da çidade de Roma. E onde foram tantos templos dedicados aos Jdolos vãos E falsos, aguora hee feita maior gloria do monte aventino polla verdadeira Religião de hum soo deus. E espeçialmente por este nobre templo de santa priça, o qual meritamente per dinidade prisco, scilicet, antiguo, chamar se pode por que o glorioso pero neste luguar abitou quando em Roma preguaua aos pouos, E ao grão deus sacrificaua purificando E lauando os homens que primeiramente eram enguanados do falso error. o qual templo muito tempo despois nam sendo nunca Repairado cahio. E o papa calisto terçeiro ho Reedificou na mesma beleza de que dantes era. E por nam faltar em cousa nenhuma de sua aJuda, lhe conçedeo grandissimas perdoanças.

A quarta feira de treuas hee estação na JgreJa de santa maria maior. E hee Jndulgençia de xxbiij mil anos E outras tantas coresmas. E alem disto hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados.

A quinta feira da çea hee estação na JgreJa de são João de latrão. E hee Jndulgençia de doze mil anos, corenta E oito corentenas, E alem disto duas vezes Jndulgençia plenaria de todolos pecados.

A sesta feira dendoenças hee estação na JgreJa de santa crus, em Jerusalem. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados E outras Jnfinitas Jndulgençias.

Ao sabado vespora de pascoa hee estação na JgreJa de sam João de latrão. E hee Jndulgençia de xij mil anos E Rbiij corentenas E mais Jndulgençia plenaria de todolos pecados.

No dia de pascoa hee estação na JgreJa de santa maria maior E hee Jndulgençia de xxbiij mil anos E outras tantas coresmas. E mais Jndulgençia plenarya de todolos pecados.

A segunda feira das outauas hee estação na JgreJa de sam pero. E sam xxbiij mil anos de Jndulgençia E outras tantas coresmas. E mais Jndulgençia plenaria de todolos pecados. *(f. 199r)*

A terça feira hee estação na JgreJa de são paulo. E hee Jndulgençia de xb mil anos E xbiij corentenas E hee Jndulgençia plenaria.

A quarta feira hee estação na JgreJa de são Lourenço fora dos muros E hee Jndulgençia de xbiij mil anos, E outras tantas coresmas. Jtem se tira huma alma do purguatorio.

A quinta feira hee estação na JgreJa de santo apostolo. E hee Jndulgençia de xb mil anos. E mais Jndulgençia plenaria de todolos pecados.

A sesta feira hee estação na JgreJa de santa maria Redonda E são xb mil anos de Jndulgençia. da grandeza desta JgreJa haa muito que dizer, da qual escreuerei quando falar nos notauees edifiçios de Roma.

Ao sabado hee estação na JgreJa de são João de latram. E hee Jndulgençia de xb mil anos. Jtem Jndulgençia E Remissão da terça parte de todolos pecados. Jtem duas vezes hee plenaria Jndulgençia.

Ao dominguo da outaua da pascoa que se diz do vulguo pascoella, hee estação na JgreJa de são pancraçio. E hee Jndulgençia de xb mil anos. Jtem duas vezes plenaria Jndulgençia de todolos pecados [.] esta JgreJa hee na Região de transtibre fora da porta aurea que se aguora commummente chama a porta de sam pancraçio que hee a via de çiuita velha a qual hee adornada dos mais Resplandeçentes E fermosos porfidos que haa em Roma. ca assi se vem nelles os que andão polla JgreJa, ou os que se acheguam a elles como em hum Respleçente arnes de milão. são nella muitos corpos santos. prinçipalmente debaixo do altar moor Repousa o corpo de sam pancraçio bispo E martir. E debaixo do altar que hee na cabeça da JgreJa estaa o corpo de sam pancraçio caualeiro E martir. E da mão direita estaa o corpo de são vitor. E por este santissimo corpo se chamou Ja esta JgreJa de são vitor E pancraçio. debaixo do altar que hee no meo da JgreJa são os corpos dos santos martires malcho E madiano, E o corpo de santa guoteria virgem. debaixo desta JgreJa hee o nobre çimiterio de caleopodeo presbitero E martir no qual çimiterio hee o sepulcro de sam calisto papa E martir onde seu corpo esteue muitos anos. E despois foi tres *(f. 199v)* ladado a santa maria em transtibre, onde aJnda os coniguos todolos dias fazem commemoração delle. Junto desta JgreJa de santa maria, scilicet, contra a porta por tese hee a JgreJa de sam calisto. por quanto como tenho dito, a dita JgreJa de santa maria foi edificada do mesmo papa calisto. são Jsso mesmo na sobredita JgreJa de são pancraçio muitas outras Reliquias E corpos de santos martires, virgens E confessores. os quaes corpos ou çinza delles se podem ver E tocar mas em nenhuma maneira transportar, por que hee vedado sob pena de excomunhão papal, sem expressa liçença do sumo pontifiçe. E o mesmo se entende em todolos outros corpos santos, E Reliquias como tenho dito de Roma. aqui se acabam as estações da coresma em que as Romanas como tenho dito

tem liçença de sahir de suas casas. E nesta vltima estação se aJunta grande multidão de gentis molheres, E de homens onde Ja se achão danças E festas çelebrando a pascoa. aguora tornarei a minha estoria.

Capitulo do tempo que tristão da cunha esteue em Roma. E dos convites E honrras que lhe foram feitas.

Neste tempo da coresma esteue tristão da cunha em Roma E foi visitado do manifico Julião E do manifico lourenço, E doutros muitos senhores. E nesta coresma foi visitado do cardeal santa cruz, E dagustim nichi. E o banquete foi em hum Jardim que tem em transtibre a beira do Rio, em humas casas tam singulares que são bem mereçedoras da Ribeira de lixboa. o banquete foi dos comprimentos que nelles acustumam. E em cabo do Jantar se Representou huma comedia em louvor del Rey de portugual, de muitas gentilezas com todolos Reis que lhe são soJeitos E tributarios. sua estada foi em Roma tres meses, por que foi neçessario mandar a el Rei avisos dos neguoçios a que viera, E esperar de sua alteza Reposta. no qual tempo lhe foi dada a Rosa pera el Rei. E foram conçedidas do papa a el Rei no habito de Jesu christo as terças de todalas JgreJas de portugual, E todolos mosteiros nom sendo consistoreaes, que os podesse dar a caualeiros com o dito abito de christo sendo solteiros E casados. em dia de pascoa disse o papa missa com os sobreditos ornamentos que lhe el Rei mandou, e por que as almaticas erão mui grandes E pesadas foram diacono E subdiacono o cardeal de sena, E o cardeal sam seuerino, *(f. 200r)* por serem ambos de grandes corpos. E o papa era Jsso mesmo de grande corpo mui bem desposto. E o Rostro era gramde e guordo, o nariz grande E os olhos grandes E deitados pera fora. E tam curto de vista que trazia sempre na mão hum oculo cristalino composto per tal arte que pondo o diante de hum olho, via com elle todas as cousas perfeitamente assi nas caças que muito husaua como em todalas outras cousas. E por ser assi curto da vista era chamado çeguo. este ocolo era grosso E de maior grandeza que os dos narizes. tendo tristão da cunha os neguoçios acabados como compria a seruiço del Rei partiosse de Roma na fim de maio. E atee embarcar suas cousas foram prosperas.

Como o nunçio que el Rei pedio ao papa pera dar

execução a suas bulas, se partio pera

portugual, E de sua tornada.

Conçedidas as sobreditas graças a el Rei, pedio sua alteza ao papa nunçio pera hir a portugual dar as bulas de sua santidade a execução. tinha o cardeal santiquatro hum sobrinho que fora frade da moderna Regra do beato françisco de paula. E deixara o abito, no podendo sofrer a estreita vida da ordem, por que em todo ano nom comem carne. E por que as cousas del Rei prinçipalmente passauão polas mãos do quardeal santiquatro, quis dar a este seu sobrinho este arbitre de nunçio pollas merçes que esperaua que lhe el Rei fizesse. E tanto que tristão da cunha embarcou em çiuita velha onde o esperou a nao em que viera, o nunçio se partio per terra, o qual despois de tornado nam abonaua as cousas de portugual segundo as merçes que lhe foram feitas E grandes honrras. E cheguando a florença onde naquelle tempo era ido o papa, publicamente dizia aa mesa de sua santidade E dos cardeaes que antes queria ser escrauo em Jtalia, que senhor em portugual. antes de sua partida alguns portugueses sisudos que erão praticos nas cousas de Roma E sabiam as de portugual, estranhavam muito a sua alteza quando se dizia que consentira hir de Roma homem estranJeiro a seu Reino com taes poderes a descobrir os segredos delle. naquelle tempo tinham em Jtalia pollo Reino mais Rico, E Rei mais pode *(f. 200v)* roso em diuersas partes do mundo, dizendo que abastara pera dar execução As bulas do papa hum dos portugueses estante em Roma, ou qualquer pobre Religioso de seu Reino que sua alteza teuera por bem [.] nom diziam sem causa os portugueses estas cousas E el Rei ter confiança de cada hum que o seruiriam mais fielmente que nenhum estranJeiro pois claramente se vee que outra nenhuma nação de Jentes hee tão fiel a seu Rei E A patria como nos. nem nação que com tanto amor sirua seus senhores. nem Rei, E senhores que tanto amem E fação por seus vassalos. E destas praticas avia muitas diante cardeaes E grandes senhores, sendo alguns castelhanos E portugueses presentes, altrecando porfias de Rexa antigua, aleguando os portugueses feitos passados E presentes de tantas vitorias E boas venturas a que os castelhanos nam tinhão Reposta. E que Jsto pareça a vossa senhoria fora de estilo, ho escreuo por que passaua assi em verdade. Isto se aleguaua dos feitos que os fidalguos E caualeiros faziam haa quatro dias, acustumando tomar por força darmas as mui grandes çidades aos mouros em africa com a lança no punho vestindo caçotes destopa E arneses em

çima sem saber alguarismo, sem mercadeJar, sem desonestas onzenas E deseJos de acquirir fazendas alcançadas per husurarios E desonestos titolos, sem se chamarem fidalguos nam ho sendo, sem leuarem com vaidade cadeiras despaldas As JgreJas E A capela del Rei, sem aver quem acuda a tanta desordem, sem trazerem publico Rabões sem merçe, lançandosse dos escudeiros acustumados pollos velhos passados com que se faziam as sobreditas cousas, viuendo no presente tempo em suas casas com grossas Rendas E pobre despesa de familia de moços E com grande abastança de viços pera suas pessoas, E de suas molheres, de delicados manJares, de prefumes, E estrados vãos com presunções tam altiuas que cuidão dum que tem huma drama de peso de mereçimento mais que outro, se haa por desonrrado falarlhe em luguar publico. E o que menos val se tem por melhor husando das sobreditas sandiçes E desonestidades. E por que eu senhor vy todos estes custumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo todalas cousas boas que nella se acustumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem. *(f. 201r)*

Como el Rei luis de França moReo.

Neste tempo moReo el Rei luis de França em feliçe, segundo muitos diziam de noJo E paixão grande por suas cousas nam socçederem prosperas, antes muito ao contrairo de seu deseJo. por que avia perdido napole E milão E todo quanto tinha em Jtalia com grandes mortes E perdas de suas Jentes. E por que nam tinha filho Reinou despois delle françisco anglim dalfim de França, o qual no começo de seu Reinado passou em Jtalia com grande exerçito E Requestou o ducado de milão como ao diante se diraa.

Como o papa se foi a florença.

DeseJando o papa mostrarse A patria, Jaa summo pontifiçe, se foi aquelle verão vindoiro a florença, onde foy grandemente Reçebido. E por elle ser o primeiro pontifico florentim, pera Jmmortal memoria lhe começaram fazer hum arco triunfal,

Jmitando aos de Roma, mas a despesa muita E o desassesseguo das guerras que se seguiram nam deram luguar a se acabar ataa o tempo que eu parti de Roma que foi dahi a quatro anos [.] E nam fez sua santidade muita demora em florença, por que os neguoçios que sobreuieram ho fizeram loguo hir pera Roma.

Como os perlados E clerizia de portugal,
mandaram seus procuradores a Roma sobre
as terças das JgreJas E moesteiros que o papa
conçedera a el Rei pera comendadores.

Tanto que tristão da cunha foi em portugual, E se manifestaram as grandes graças que o papa conçedera a el Rei, os perlados E toda a clerizia se congreguaram, cada huns em sua dioçesi. E avendo todolos do Reino conselho do que deuiam fazer, acordaram maandar procuradores a Roma pera se anularem embarguando a execução dellas. E prinçipalmente foram de quatro perlazias discubertos procuradores. diguo descubertos por que alguns ouve que por comprazer a el Rei, fingiram nam entender nisso, scilicet, de bragua foi o coniguo françisco fernandez, E de lixboa o protonotairo João fernandez, E o coniguo João amado, E de coimbra os coniguos mannel de figueiredo, E João baixo, E de lameguo o coniguo pero lopez. E todos estes aviam estado muito tempo em Roma, E sabiam bem a pratica da corte. E alguns erão criados do cardeal de portugual, os quaes tanto que cheguaram a Roma, tomaram por valedor ao cardeal de bolonha chamado archilis, E por sobrenome grasis, o qual fora capelão do cardeal de portugual que ho fez *(f. 201v)* auditor da Rota. E o papa Jullio por seus mereçimentos E letras ho fez cardeal, em bolonha como Ja dito hee. E Recordandosse da criação E honrra que Reçebera do cardeal de portugual (que ho fez auditor da Rota) tinha naturalmente grande amor aos portugueses prinçipalmente aos parentes E familiares do dito cardeal os quaes aguasalhaua em sua casa E os fauoreçia muito. E a esta causa os procuradores se encomendaram a elle. E tomando caReguo delles prinçipalmente por lho pedir assi dom martinho arçebispo de lixboa Jrmão do cardeal, os quaes apresentou ao papa E fez que sua santidade os ouvio E assi os cardeaes. E posto em tal fio o neguoçio que as Rezões dos procuradores eram ouvidas em todalas partes. E antre muitas cousas que aleguauam, diziam que era forte cousa conçeder Sua

Santidade a el Rei a terça parte da Renda dos benefiçios de todo portugual que os cleriguos tinham E possuiam em suas vidas, de que Sua Santidade E seus anteçessores tinhão leuado de composições, confirmações, E bulas, grandissima soma de cruzados. E que aguora de nouo dessem as terças das ditas JgreJas a cavaleiros E homens leiguos que estiuessem com elles A Repartição dos dizimos. dauão o papa E cardeaes em Reposta que estas terças nam foram conçedidas por mais tempo que emquanto el Rei tomasse ho Reino de feez. Respondiam os procuradores que aJnda que toda a espanha se aJuntasse, nom eram todolos moradores della poderosos pera conquistar ho Reino de feez em muitos anos. E que sendo caso que ho tomassem, muito menos poderosos eram pera o pouoar E sostentar sendo os cristãos Repartidos em diversas pouoações, a tanta multidão de alarues que habitam pollos campos E desertos. assi que era forçado ficarem as terças pera sempre. era contra elles o doutor João de faria, que ficou com titolo de embaixador despois de partido tristão da cunha. mas o cardeal graxis os fauoreçia E punha adiante quanto podia. E nam hee duuida que despois que estes procuradores enformaram aos cardeaes E outros senhores, que muito çessaram as praticas do louuor das cousas de portugual, que dantes tam açesas E sublimadas E continuas erão. a lide era antre elles mui trauada. o embaixador trabalhaua por conseruar ho alcançado, E os cleriguos pollo anular. E nam faleçiam dambalas partes agudas E honestas Rezões E conselhos de exçelentissimos letrados E quando mais se estas perfias afinauam, el Rei atalhou a Jsso avendo por seu seruiço alarguar as terças das JgreJas, E tambem os mosteiros que lhe eram conçedidos pera em comendas. E Jsto feito Sua Santidade lhe tornou a conçeder tantas JgreJas pera comendadores que montassem vinte mil cruzados de Renda, vaguando per obito dos que as possuiam. das quaes JgreJas el Rei mandou tomar posse per todo o Reino, scilicet, das que mais Rendiam, contando segundo valor de seus aRendamentos, dando a cada hum viguairo ou *(f. 202r)* Reitor çerta Renda apartada com que a curasse. E vaguando ficasse pera sempre comenda da ordem de christus, E el Rei a desse a seus comendadores. os perlados E clerezia tiueram por bem de fazer seruiço a sua alteza de çento E çincoenta E tres mil cruzados paguos em tres annos de suas Rendas pera aJuda dos guastos que tinha feitos. E Alem disto conçedeo Sua Santidade a sua alteza cruzada contra mouros de grandissimas Jndulgençias E priuilegios.

Da embaixada E obediençia que el Rei

de polonia mandou ao papa.

Neste tempo cheguaram a Roma embaixadores del Rei de polonia, a dar obediençia ao papa. os prinçipaes eram hum nobre de seu Reino, E huum bispo mui honrrado E de grande grauidade. traziam vinte de caualo vestidos ao seu custume de estreitas Roupas. dous prinçipaes traziam grossas cadeas douro de fuzijs sem nenhum primor que deçiam do ombro por debaixo do braço, E tornauam dar volta sobre os peitos. E senam erão contrafeitos como as mais vezes se acustumam em semelhantes tempos, nom deção cada hum delles de mil E b^{c} cruzados. os escudeiros eram vestidos tam onestos que esta embaixada foi sumida da de portugual como pequeno Reguato em grão Rio. dada sua obediençia os leiguos se foram pera polonia, E o bispo ficou Residente em curia, o qual vendo que o papa conçedera as JgreJas de portugual a el Rei no abito de christus pera os caualeiros fazerem guerra aos mouros em africa [,] posto que era perlado, por fazer o que a seu ofiçio E carguo tocaua, escreueo a el Rei dandolhe conta disso, E que deuia pedir as de seu Reino pera os seus caualeiros, pois a elle convinha com mais Justa causa pedir a dita graça pois tinha os Jmiguos As portas demarcando E confinando com elles, E el Rei de portugual os hia buscar Alem do mar. Respondeolhe el Rei que hum Rei dos seus antepassados hindo com grande oste contra os tartaros fora delles vençido E desbaratado, morrendo de seu exerçito mais de trinta mill guerreiros. E que elle escapara E viera a seu Reino çingido de cordas desparto, E que cria que toda esta maa ventura lhe viera por que metera as mãos nos tesouros da JgreJa de que de seus ornamentos leuara muita prata E ouro. E em satisfação destes tesouros mandara fazer as mais prinçipaes JgreJas que aguora avia em seu Reino. E que dahi em diante, sempre a guerra se mantiuera contra os Jnfiees avendo contra elles muitas vitorias sem outro algum Rei seu anteçessor meter mais a mão nas cousas da JgreJa. E que assi esperaua elle que nosso senhor o aJudaria sempre E aos que despois delle viessem. foi esta Reposta sabida per toda a corte E mui louvada de todos. *(f. 202v)*

Como o cardeal destriguonia se partio pera

vngria. E como os vnguaros se aleuantaram

contra seu Rey.

O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou. E el Rei despois de ter o dinheiro que se della ouve em sua mão, fez paz com os turcos por çertos anos. E escandalizado o pouo de çessar a guerra contra os Jnfiees, E Reter el Rei o dinheiro da cruzada, se aleuantaram contra elle, dizendo que fizesse loguo a guerra, ou posesse ho dinheiro em mãos de quem elles ordenassem. foi esta contenda tanto avante que a guerra se começou antre elles tam braua que o pouoençaRou el Rei em huma çidade. E diziasse que empalaram hum grande perlado enviado a elles pollo leguado pera os apaçificar com el Rei. E que traziam capitão geral, a que obedeçiam como a Rei. E estando assi el Rei em tam extrema neçessidade escreueo ao papa dandolhe conta de sua fortuna pedindolhe que mandasse por Remedio nisto E sua santidade mandou nunçios que os poseram em paz.

Da morte de madona milia

esposa do senhor de pombrino.

Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa, a qual era per seus embaixadores esposada com o senhor de pombrino o qual hee gram senhor de Renda E mui gentil homem de sua pessoa E desposição de corpo. E a esposa tambem fermosa E gentil dama, com a qual eu tinha muita familiaridade, E com a senhora sua mãj. E per suas mortes perdi muitas esperanças de merçes que me tinham prometidas, as quaes nam ouve por menos perda que as que esperaua do cardeal, se nosso senhor lhe dera vida, por que o mesmo amor tinha de sua Reuerendissima senhoria visto per promessas E merçes que delle Reçebi. a morte desta senhora se causou da vinda de seu esposo a Roma, por que o papa os quis Reçeber E dar o anel, segundo husança de Jtalia. E çearam ambos A mesa com Sua Santidade comendo Juntos o manifico Julião com todalas outras Jrmãas E parentes que foi cousa nom acustumada dos papas por ser a çea pubrica E de tantos festeJada E de Jograes como voda. ãs Jguarias muitas, as muitas maneiras de musicas causaram muita detença. E a esposada era de desposição E Jdade delicada, os vestidos de borcado de pelo, E as muitas Joias eram pezadas. o tempo era de grandissima calma,

assi que a tam Jentil E tam honrrada E festeJada noiua contra todo ordem de çerimonia apostolica se partio dali com febre pequeno daquelles que nam dão vida em Roma. E peJorando cada dia nam lhe valeram os grandes Remedios per sua saude buscados com tanta diligençia que segundo ella mesma me disse lhe dauão perlas E pedras preçiosas *(f. 203r)* com outras semsaborias E vaidades pera lhe dar vida. E em cabo de corenta dias, que a nosso senhor aprouue de a leuar lhe deu sua alma. E nos vestidos das vodas coroada de loureiro em sinal de virgindade com o Rosto descuberto segundo a husança de Roma foi leuada de belueder a Roma ao mosteiro de sancto agustinho. E foi posta em hum deposito, scilicet, sepultura de ladrilho sobre a terra segundo o custume dos Romanos, pera dali seus ossos serem leuados E postos em suas acustumadas sepulturas na capella de sancta monica, onde Jaz o seu santissimo corpo, em huma solene sepultura de marmor x sobre o qual deposito pintaram, hum menino nuu, com a cabeça sobre a mão que mostraua pareçer morto. E per çima delle hum Rotulo que dizia sicut fumus et vmbra.

Como casou o manifico Juliam,

com a Jrmãa do duque de saboya.

Tratauasse do manifico Julião com a Jrmãa do duque de saboya. E muito se afirmaua que o papa dera ao duque em partido duzentos mil cruzados pera desempenhar hum estado que por aquelle dinheiro tinha apenhado. E emquanto os tratos andauam no terçeiro ano de seu pontificado em dia de são pero que foi na era de 1515 foi dado na JgreJa de sam pero o bastão de capitão da JgreJa ao dito manifico Juliam dizendosse missa papal, a qual foi cometida ao cardeal sam Jorge. E elle em presença de todolos cardeaes lhe deu ho bastão. o papa nam foi presente por que a senhora condesinha estaua em passo de morte, E por que estas bem aventuranças do mundo alcançadas per sorte em tam breue tempo como as destes mediçis foram, nom se guostassem sem amargura. na mesma ora que se esta tam grande honrra daua ao manifico, o papa E elle tinhão os corações afligidos com grande desconsolação, por que naquelle mesmo ponto que se o ofiçio acabou, a senhora condesinha deu sua alma a deus sendo de Jdade de corenta anos. acabado o ofiçio sahio o manifico da JgreJa acompanhado de todolos senhores E grandes homens que se então acharam em Roma, assi de coluneses

como orsinos E muita outra Jente Ricamente vestida. diante delle hiam duas bandeiras, scilicet, a bandeira da JgreJa que leuaua o senhor de pombrino em suas proprias mãos, E a das armas dos mediçis que leuaua hum grande senhor lombardo parente do duque de ferrara. E assi misturada tristura com alegria se foram pera Roma aas casas que sohiam ser do papa, sendo cardeal. este triste prinçipio de Juliam foi adeuinho do pouco tempo que logrou suas honrras. despois disto acabados os casamentos da Jrmãa do duque de saboya, foi trazida a Roma sem ser Reçebida nem festeJada com pompa alguma. vinha *(f. 203v)* com ella pouca companhia de françeses, onestamente atauiada. trazia oito donzelas françesas fermosas moças, vestidas de seda com toucados A husança de França. E ella Jsso mesmo era gentil molher, onesta em seus traJos E graue em seu aspeito. nom esteue em Roma ano comprido, por que o manifico ha leuou pera florença, onde adoeçeo dahi a poucos dias de tal Jnfirmidade que se tolheo da çinta pera baixo. E assi sem se poder mouer de huma cama acabou seus dias. dizem que foi causa deste seu mal, tomar cousas da botica pera milhor contentar sua molher. era homem que a todos dizia si, nam o comprindo de maneira que nelle se compria o comum Rifão Jtaliano, bona parolla E triste facto. sua molher se foi de florença pera sua terra sem aver filho, pouco contente do papa E dos Jrmãos E parentes do marido segundo a voz do pouo. E taes são as mudanças deste siglo que aquelles que tam pobres E miserauees erão subiram a estado que poderam menosprezar huma Jlustrissima senhoria.

Como gurgensis tornou a Roma em abito de cardeal.

Neste tempo tornou gurgensis a Roma em abito de cardeal, E deu obediençia ao papa pollo emperador. veo bem acompanhado, E os seus chãamente vestidos nam muito finos. esteue em Roma alguns meses, E tornousse pera alemanha.

Dos que deram a obediençia ao papa.

Os que neste tempo deram obediençia ao papa foi o primeiro portugual, E florença, sena, saboia, o emperador, el Rei de polonia E o deRadeiro el Rei de França per si mesmo em bolonha depois de tomar milão E o duque.

Das Riquezas que as cortezãas de Roma alcançam E de suas artes E maneiras pera as aver.

Nam hee pera deixar descreuer antre as outras grandezas de Roma das Riquezas que alcanção as cortesãas, prinçipalmente com as nouas criações dos papas pollo grande aJuntamento dos grandes senhores que de todalas partes ocoRem. as que se atreuem tomar assento em Roma confiam de sua fermosura, E de feito são muito fermosas em demasia, E estudam Alem disto serem mui graçiosas E bem ensinadas, manhosas e arteiras pera contentar aos semelhantes E tirarlhes seus dinheiros das bolsas. E sem duuida sua pratica E saber hee tanto que onde convem amostrar alegria ou tristeza, a sabem fingir em tal modo que aos mais avisados E sabios enguanam E lhe leuam quanto tem [.] aos que claramente vem que as amam menosprezão E fazem mil *(f. 204r)* esquiuanças E se vendem por caro preço. E aos que as desamam fazem grandes fauores, amostrandosse por elles fingidamente mui perdidas. E despois de saberem çerto que os tem enlaçados em seus amores, husam de seu ofiçio, E acaba[n]do de os desbulhar de quanto tem fazem mostrança que nunca os viram. E assi os avoReçem como a homens torpes E engeitados. E Jsto aconteçe aos mais avisados. E desta dança se nam escusam tam altas dinidades que por honestidade as nam diguo. E aJnda embaixadores de Reis que pollas contentar dobram suas despesas, E outros muitos cortezãos pollas aprazer, sostentando seus estados E triunfos vendem seus ofiçios apostolicos ou os apenhão pera nunca em suas vidas sahir de catiueiro. bem poderia dar exemplo em muito que vi muito honrrados E abastados, E a esta causa cahirem a ser de todo perdidos E quasi mendicantes. E avendoos assi Roubados E deitados a perder, lançam mão doutro, ou outros com o mesmo proposito. E Jsto lhes dura em quanto são moças ataa Jdade de vinte anos. E passado aquelle termo começando sua fermosura desfaleçer, as mais empobreçem E dão consiguo nos espritaes. ca por sostentar Reputação, tem casas de L^{ta} cruzados E di pera Riba ataa çem ducados daluguer em cada huum ano guarneçidas de tapeçarias, estrados, E camas de Rico

aparato. E pera suas pessoas vestidos de muitas maneiras de borcados E todas maneiras de sedas segundo os tempos, scilicet, no verão damascos çatins, E tafetas, E no Jnverno borcados E veludos E forros de muitas E desvairadas maneiras de pelles. E seruidores pouco neçessarios. as que confiando de si tendo perdida a frol da moçidade com que dantes apraziam E namorauam, vanse sostendo naquelles guastos atee guastarem em poucos anos o que em poucos guanharam, mas as que são praticas E sisudas compram casas E vinhas E metem seu dinheiro em tratos com que despois sostentam abastadamente suas velhiçes.

direi a vossa senhoria ho que vi o ano que a Jrmã do duque de saboia esteue em Roma. em dia de corpo de deus a proçissão se faz muito çedo por Respeito das calmas serem mui grandes E periguosas em Roma naquelle tempo. o papa sahe de são pero com o corpo de nosso senhor nas mãos, E vão pollo terreiro A Rua alexandrina, E cheguando A praça que hee de fronte das casas que tenho dito em que pousaua o cardeal daraguão faz a volta polla Rua dos martires E tornasse pera sam pero onde çelebra missa solene. estas Ruas sam Repartidas antre os cardeaes *(f. 204v)* pera as mandarem aparamentar de suas tapeçarias. E hee cousa fermosa de ver tanta avondança de Ricos E diuersas estorias de panos. primeiramente sahem diante quantos frades haa em Roma, que sam de muitas ordens, E muitos em demasia, E despois as parrochias que sam muitas e de muitos cleriguos, E atras os coniguos das JgreJas prinçipaes, scilicet, são João de latram, sam pedro, santa maria maior, sancta maria transtiberina, sancta maria Redonda, que são por todos grande numero de cleriguos. despois sahe o papa. E primeiramente vão diante de Sua Santidade todolos ofiçiaes apostolicos com tochas de çera branca nas mãos. E se alguns tem dous, tres, quatro, ou mais ofiçios apostolicos como muitos tem, leua tantas tochas como tem ofiçios, E huma soo açesa, E as outras no braço esquerdo. Esta çera daa a camara apostolica naquelle dia, E de nossa senhora das candeas, E em outras semelhantes festas. atras vem os patriarcas, arçebispos E bispos. E despois os cardeaes os quaes trazem suas tochas guarneçidas de maçenaria de sotil madeira dourada das envenções que a cada hum mais apraz. E atras do papa todolos embaixadores dos Reis, E os grandes senhores seglares que sam presentes em curia. E como Ja tenho dito todos vão em seus ordenados luguares pollo mestre das çerimonias. naquelle dia grande multidão de Romanas vem A proçissão pera guanhar os perdões. E assentanse de

huma E da outra parte das Ruas que são anchas, prinçipalmente a Rua alexandrina que tem quinze passos de larguo. E a proçissão passa com tanta ordenança que nenhum empacho lhes dão. as genelas das casas se aluguam pera as cortesãas por moor preço do que custaram a fazer, ca muitas vem ali aquelle dia por serem vistas mui ornadas dos mais Ricos vestidos E Joias que tem [.] era guovernador de Roma hum bispo saboiano muito honrrada pessoa, o qual hia guovernando a proçissão pondo grandes penas As cortesãs que estauão nas Janellas cubertas de borcado E sedas, que se Recolhessem As casas quando o papa passasse. acabada a proçissão sahio a manifica com suas donzelas em gentis facas da casa do cardeal daraguão vestidas de borcado ao huso françes, E suas damas de damasco pardilho E os toucados de veludo negro guarneçidos douro. os gentis homens que estauão nas Ruas oulhando os que passauam louuaram muito a senhora E as donzelas. E falando nisto sahiram de huma casa duas cortesãs vestidas de borcado de pello com colares E Joias douro E *(f. 205r)* toucados, E todalas cousas que Respondiam humas com as outras, E ambas tam fermosas que ficamos espantados de tal cousa, por que nam erão estas das mais estimadas. E a manifica çertamente nam hia tam Rica. soubemos despois que dous seus namorados lhe deram aquilo, E posto que erão homens de Renda, nam erão de calidade pera serem tam liberaes a molheres assi geraes. com as de grande Reputação se fazem de contino grandes guastos, mormente no tempo das mascaras como Ja tenho dito. E muitos por estas despesas tam mal empreguadas são deitados em pobreza. afirmauasse naquelle tempo aver em Roma mais de çinco mil cortesãs muitas dellas erão festeJadas coRendo diante de suas portas touros. E coRendo Jsso mesmo a arguola. E ellas estão em suas Janelas com Joias que dão aos que milhor sorte fazem, que lhes dão seus namorados. tanta hee esta sobegidão destas vaidades E guastos tam sem fruito que se nam podem escreuer por que Roma hee pouoada de Requissima Jente que podem a tudo suprir. E contudo contarei dalgumas que foram fauoreçidas E estimadas no tempo que estiue em Roma. huma chamada albina tanto Jentil E graçiosa que dom Rodriguo Jrmão do duque dalua grandemente ha festeJou guastando com ella muitos ducados quando foi por embaixador da obediençia que el Rei dom fernando de castela mandou ao papa Jullio. E tambem meteo assaz mão nas Rendas do arçebispo de napole E doutros grandes senhores. tinha tres Jrmãos homens donrra, os quaes nam na podendo trazer a Regra de honesto viuer, hum delles determinando de a matar lhe deu peçonha da qual se Remediou em continente. E depois por aprazer aos Jrmãos se casou duas vezes. E o primeiro marido matou com peçonha na çidade

de ferrara por tornar a seus acustumados deleites. E o segundo a Roubou dandolhe huma fea cutilada pollo Rosto. E nisto pararam seus triunfos. foi Jmperia, de muito maior Reputação que deitou a perder muitos Ricos homens com sua fermosura. E em fim hum bispo lhe mandou fazer huma sepultura mereçedora de huma nobre pessoa em sangue E gloria, onde se mandou enterrar ao tempo de sua morte. esta atee fim teue vida abastada E foi muito estimada. foi Jsso mesmo luisa, a qual aRependida de seus pecados se foi a Jerusalem, E leuou dous escudeiros E hum capelão E duas molheres pera a seruirem E acompanharem. E segundo despois ouvi dizer tornando de sua Romaria moReo em Rodas como santa molher. Roguando em Jerusalem a nosso senhor diante de seu santo sepulcro, que se ella avia *(f. 205v)* de tornar a pecar como atee li fizera, tiuesse por bem de a leuar pera si em quanto estaua em estado de graça. E a nosso senhor aprouve de a ouvir. E tornando pera Roma como dito hee, moReo em Rodas. outra chamada dina esbulhou hum Jrmão desteuão vaz que fora feitor del Rei de portugual na Jndia, E despois em frandes. E nam dando de si bom Recado se foi de frandes a Roma com boa copia de cruzados. E em ginetes E banquetes E dadiuas mui grossas a esta namorada em espaço de seis meses despendeo quanto tinha, a qual o engeitou desque ho vio assi parado. E elle se foi ao cairo, onde no prinçipio foi do grão soldão mui estimado E honrrado. E foi feito seu capitão moor de suas armadas pera passar A Jndia contra el Rei de portugual, por que como ladrão de casa ho achaua o soldão em quanto lhe dizia mui çerto. mas deus nam consentindo seu mao proposito hir avante foi mexericado de tal maneira que perdido o credito E graça do grão soldão aReneguou a fee de nosso senhor Jesu christo, E moReo no cairo mal aventuradamente de boubas. de muitas se podia escreuer que deRibaram E empobreçeram muitos honrrados homens, as quaes neste tempo eram triunfantes E mui Ricas. E se afirmaua ser as que luçio luculo fez leuar a Roma com tam sobeJos guastos por aquelles mui grandes E altissimos canos que se aJnda oJe amostram dentro, E fora da çidade contra aquella parte.

(aqui falta)[13]

[13] Texto truncado (segunda falha no relato)

A çea foi loguo prestes. aquelles senhores nos seruiyam A mesa com os prazeres que elles procuram E acostumam tomar. E nom perdem por Jsso seu valor E credito, como os de portugual fanteziam que fazem o que elles milhor E com mais grauidade E autoridade sabem Representar (nos tempos neçessarios) que nenhuma outra nação de Jentes. a ospeda foi aguasalhada sem companhia em huma camara E cama de campo, nom segundo o luguar mas como em Roma. o dia seguinte caualguou com todos aquelles senhores em habito domem com vestidos de seda a caçar estarnotes. E esta vida passaram alguns dias sendo sempre mui festeJada. nam hee pera esqueçer madalena por sobrenome vincula, françesa natural davinhão. esta era molher casada, E seu patrimonio valia em cada hum ano mais de quinhentos ducados. tinha o papa Jullio hum sobrinho cardeal homem mançebo E viçe chançeler cuJo titolo era sam pero avincula, ho qual mandou por leguado a vinhão. sendo esta madalena molher de mui Jentil pareçer Rica E palençiana, o cardeal se namorou della em tal maneira que a tomou ao marido, E a leuou a Roma E a teue tam honrrada E tam estimada que nam sahia de seu querer E conselho. o papa tinha tanto amor a este sobrinho que se guovernaua *(f. 206r)* por elle, assi que a voz comum era que o cardeal guovernaua ao papa. E guovernando madalena ao cardeal guovernaua Roma. quando caualguaua se tinha por muito avantaJado o que ella fauoreçia sendo delle acompanhada. E moRendo o cardeal ficoulhe o sobrenome de vincula, E muita Riqueza, assi de dinheiro como tapeçarias E ornamentos Ricos, de camas E cousas de casa. tanto se deleitaua em Juguar que muitos mo afirmaram E ella mo disse depois, que perdera em huma noite aos dados seteçentos ducados. E continuamente avia em sua casa mesa de Joguos de diuersos estados de homens que ali hiam, huns pera a namorar, outros pera a Roubar. E veo depois esta tam estimada molher a ser cortesam de maior estima de todalas outras em todalas maneiras de guastos. E em fim cobrou em penitençia de seus pecados boubas. E com as curas anteçipadas ficou dos azougues tal que a cabeça lhe tremia E as mãos em tal maneira que nam era poderosa de beber huma taça de vinho sem se entornar, E tam magra que era cousa despanto. E com tudo Jsto tam soberba que estando assi comprou hum leito de cortinas de borcadelo de que se bem podia honrrar hum grande senhor. E nam ouso dizer a soma dos cruzados que me afirmaram que custara. sua fim era andar buscando polas casas alheas com quem Juguasse. velha, fea, doente, pobre E mui desestimada. E o marido em posse de toda a fazenda davinhão, E ella perdida toda sua direita parte. muito me encolho polla onestidade da Religião christã. ca muito poderia dizer segundo os mui grandes

desmandos de todolos estados. destes aqueçimentos haa muitos, E todos os mais A custa do patrimonio de cristo. a elle aprouvesse que estes males escusassem outros nefandos E pestelençiaes que de toda Jtalia hee iscada E mui coRuta. pera Repairo das almas prinçipalmente despois das pessoas se ordenou neste tempo hum moesteiro chamados das convertidas em que todalas cortesãs que se quisessem nelle meter pera seruir a deus fossem Reçebidas – danlhe todalas cousas neçessarias. E ellas per autoridade do papa entrauam naquella ordem perdoadas E absoltas per Sua Santidade de todolos seus pecados. E quantos vestidos, Joyas E dinheiro tinhão leuauão consiguo E ho dauão ao moesteiro pera comum despesa de todas. E estas cousas dauão E ficauão ao moesteiro depois de fazerem profissão. E as que se antes da profissão aRependião lhes tornauão todo o seu, E as mandauam em paz. muitas deixando o mundo se meteram neste mosteiro. E nam hee de duuidar fazerem santa vida, pois aviam trilhado o mundo E tinhão de suas maldades E trabalhos tanta esperiençia. E serem ao menos semelhantes a eluira nossa natural portuguesa que eu conheçi sendo moço em lixboa, mui fermosa e gentil molher que *(f. 206v)* habitaua no luguar publico com as publicas pecadoras. E despois ha vi em Roma descalça, vestida de burel E çiliçio, E com a penitençia a mais disforme cousa do mundo. E perseuerando neste santo ofiçio, se foi a assiz E se empardeou fazendo tam estreita vida que de todo o pouo era tida por santissima molher. pera Vossa Senhoria ver alguma parte dos grandes aconteçimentos que nos casos damor aconteçem em Roma ponho este seguinte enxerido neste capitolo por ser todo de huma calidade em seus fins, como o de valdes, como atras tenho escrito. quando o papa Jullio teue a guerra primeira de bolonha de que hei contado aconteçeo em Roma que sendo huum mançebo Romano de geração nobre namorado de huma veuua Romana de menos calidade que elle, a viuva deseJando avelo por marido, leuou com elle a maneira das cortesãs, husando de todalas artes E deleites apraziuees ao mançebo. E em tal maneira ho enlaçou que o pobre mançebo era obediente, E subJeito a todo seu mandado E querer. E sendo mui manifesto a seu pai E parentes temendo que a tomasse por molher ho casaram mui contra sua vontade com huma mui fermosa moça filha doutro Romano seu Jguoal em linhaJem, com grande dote de casamento. E pollo tirar do amor da viuva, lhe deram liberdade de aver loguo a esposa a seu prazer mas elle antes de ser esposado foi dar disso conta a sua amigua dizendolhe que seu pai E parentes ho queriam casar, se ho averia por bem. a qual menosprezando a elle E a sua pregunta lhe Respondeo com desdanho que fizesse ho que por bem tiuesse. E conversando o

Romano com sua esposa, E tendo Ja posto nella o verdadeiro amor de marido, passaranse muitos dias que nam foi ver a namorada, a qual neste tempo Reinou pessima E nam husa da maliçia E crueldade E mandou dizer ao mançebo que lhe fosse falar. perguntoulhe em ho vendo se era casado. Respondeolhe que si, por que ella lhe dera licença, a qual sem tardança ho ferio com huma adagua que tinha metida na mangua com aquella detriminação pollo coração que loguo cahio morto. E a cruel E desamorauel molher avendo cometido com ousadia diabolica tal crime, nam tardou muito em dar a ssi mesma, horriuel E cruel fim. ca acudindo algumas pessoas que a seruiam (que depois contaram ho desastrado caso) ficando pasmada de aver morto aquelle nobre mançebo, em presença delles se matou com a mesma adagua cahindo morta sobre o corpo morto. sabido Jsto do pai E dos parentes do mançebo os enterraram ambos em huma sepultura *(f. 207r)* sobre a qual foram postos os ditados em nome della:

Si fra mortali amor a gran valore
chi la prouato, il sa (?) ioloso bene
liguato fuda lui daspre catene
in obscura pregio min grande errere
posçia continuando impare, ardore
mera dolee il dolor li imense pene
manu, stato el çiel nom sim atreue
che piaçer fuil priçipio el fim dolore
vendendo quel damor esset Rebelo
per cui si ardeba, vendica inopo il uj,
tonde, sequi velbina em um sa çello
ille endi don soçidero ambe due
vna cunlaçio el altra col coltelo
si gram potençia a amor sopra de nui.

Ó gelosia da manti orribil freno
che num punto mir volgi etien si forti

Ó sore Radel impia, e cruda morte
che com tua vista turbi il çiel serem

Ó serpentenas costo in vnbel, seno
deliti fiori che nue Jperançea i morte
tua prosperi soçessi adversa sorte
trasoane biuande aspro veneno
da qual vale Jnfernal nel mondo uxist

Ó cruel monstruo o peste di mortali
che fay li Jorni si obstruri (?) tristi
tornate in non aumentar tu ia male
Jnfeliçe paura a que veniste
or nomm bastaua amor con li soi astrali.

Como despois de morto o manifico Julião,
fez o papa capitão da JgreJa o manifico
lourenço seu sobrinho.

Tanto que o manifico Julião moReo, o papa fez confaloneiro da JgreJa ao manifico Lourenço seu sobrinho filho de hum seu Jrmão que moReo na guerra do gram capitão sendo da parte dos françeses, polla qual Rezão estes mediçis buscaram sempre todo mal dos espanhoes, nam se acordando que todos os estados E boas venturas a que erão

subditos, lhes viera por el Rei de castela E seus gueReiros. E nom contente este Lourenço de ser de mui pobre escudeiro sendo somente aguasalhado do cardeal de sena, sobido a tam alto estado, tomou grandes empresas de prosperos começos a que deu sahida triste pera si, E pera os seus, por que moReram naquellas guerras mais de corenta mil homens da sua parte, E em fim o papa E elle perdidos guastando muitos milhares de cruzados.

Como a marqueza de mantua veo a Roma

E das festas E honrras que lhe foram feitas.

Jaa disse como o papa sendo cardeal, leguado do papa Jullio em bolonha E no exerçito E preso na batalha de Reuena pellos françeses, E como lhes fugira, E assi desbaratado se acolheo a casa do marquez de mantua. E como o marquez vestio a elle E aos seus, E lhe deu dinheiro, E companhia descudeiros E clerigos que ho poseram em bolonha que Ja estaua pollo papa. despois *(f. 207v)* trazendo o deus ao summo pontificado, a marqueza molher do dito marquez veo a Roma pera neguoçiar E assentar os feitos do marido, acompanhada de senhoras de titolos E outras Jentis donzelas. o papa ha Reçebeo E festeJou grandemente todo o tempo que esteue em Roma. E por sua estada ser no tempo das mascaras se despenderam muitas sedas E borcados por seu seruiço E daquellas senhoras que com ella vinham, ca todas tinhão grandes senhores por seruidores que faziam grandes despesas Reçebendo onestos fauores. alguns, scilicet, çertos cardeaes mançebos E com elles dom antonio de çunhigua Jrmão do duque de beJar que trazia demanda na Rota sobre o priolado de sam João de castela com o filho do duque dalua que era mai açeito ao papa [,] cardeaes E aos outros senhores E prinçipaes cortezãos de Roma [,] ordenaram hum Joguo de canas nas quaes os menos guastos foram as sedas de que todos hiam vestidos. E postos no terreiro diante da marquesa E de suas damas começaram seu Joguo o qual se pode dizer ser bem Joguo pera ver E amostrar naquelles o amor que vençe todalas cousas. ca vençidos dellas nam estranhauam as toucas E as mascaras hir tudo Junto ao chão com os encontros que se dauão. E elles humas vezes nos pescoços, outras nas ancas dos cavalos, as adarguas dauam mais causa a ser feridos das canas que se huns aos outros atirauam, que de os emparar dellas. E no cabo de sua festa nom

se amostraram os melhores caualguadores da gineta de feez, mas di a poucos dias as faltas desta festa foram emmendadas em huma Real caça que o papa E estes cardeaes E muitos senhores fizeram em campo salino que hee duas leguoas de Roma pollo tibre abaixo. este hee hum grande campo que de huma parte toca no Rio do tibre, E da outra hee çercado de monte em que haa muitos çeruos E corços por que aquello tem o papa coutado, sem nenhuma pessoa hir ali caçar, da qual caça os cardeaes E senhores de Roma nom tem neçessidade por que a todalas partes da çidade se achão todolos generos de munçias, de porcos, çeruos, corços, Raposos, E lebres. E coelhos monteses nam nos haa em toda a terra de Roma. E haa muitos mansos de muitas cores que se criam nas casas que se nam vendem pollo preço de villa viçosa. estas mundiçes tanto que vem o Jnverno, E os pães sam creçidos deçem das serras asperas E frias ao chão a buscar de comer nos pães. E acolhense em matas espesas que haa polla campina donde os vão tyrar com baraços ou podenguos daquella Raça ou natura. os caçadores estão pollas aradas com seus gualguos a que chamam librees em grande multidão com que os correm E tomão. E tem Jsso mesmo outra maneira de caçar çeruos E porcos, çercando com Redes aquellas matas E os porcos E çeruos enxotados de *(f. 208r)* caens, vem dar nellas. E os de caualo como os vem enlaçados nas Redes os matam As lançadas. tornando ao proposito, o papa foi aquelle dia ao sobredito campo, E na sua estançia pos a marquesa no luguar em que avia dir ferir toda a caça. E os cardeaes E os outros senhores Romanos tomaram cada hum os luguares que lhes milhor pareçeram. E despois de todo mui bem ordenado pareçia cousa fermosa ver o papa com aquelles senhores E com a Jente armada de sua guarda de que sempre hee acompanhado em hum mui grande esquadrão. E os cardeaes E senhores cada hum per si em outros maguotes com lanças E em som de guerra mais que de caça. ali era o senhor fabriçio, o senhor marco antonio, o senhor João Jordão, E muitos outros prinçipaes Romanos. E batendo os caçadores ho monte se começou huma fermossa escaramuça, por que sahiram das matas çincoenta çeruos mui grandes Juntos em huma fiada todos a par, sem outros muitos que sahiam espalhados per diuersos luguares. E aquelles L^{ta} vinhão da parte de Roma correndo contra o luguar onde o papa estaua com a marquesa Junto de huma alaguoa no cabo do campo. E assi como os çeruos passauão pollas outras paradas, sahiam a elles dandolhe cuiteladas E lançadas, assi que os çeruos fugindo E os caualeiros ferindo os Juntos cheguauam E se acolhiam a alaguoa onde o papa estaua, E os de caualo entrauão tras elles alcançando os. E nesta emvolta muitos cahiam com os encontros que se dauam com

os caualos correndo sem tento E ordenança. muitos çeruos passaram o tibre da banda dalem, E estes liuraram mui bem por que o Rio nam daua vao, E os caçadores nam curauam delles. E dos gentis homens que se meteram na laguoa por melhor serem vistos das damas muitos molharam as costas, E nam aviam por ma a caça poderem se sahir dalaguoa E cobrar seus caualos que deixando os na aguoa se hiam Retouçar pollo campo. acabada a caça foranse a suas estançias, onde os banquetes estauão aparelhados mui grandemente abastados. mas a mjm senhor caro me custou aquella Jornada por que ali adoeçi com o sereno da manham de corrimentos que me pararam tal que quando parti de Roma nam ouve homem que tiuesse esperança que sahisse viuo do mar. esta marquesa hee Jrmãa do duque de ferrara, E frrançisco maria duque dorbino hee casado com sua filha como tenho dito, dos quaes o manifico Julião foi Recolhido em seu desterro Reçebendo delles muita honrra E merçes. diziasse abertamente que tanto que foi capitão da JgreJa, foi cometido que fizesse guerra ao duque E lhe tomasse o ducado, E que o nam quis fazer em toda sua vida nem consentio que outrem lhe fizesse guerra avendo Respeito que fora o duque seu senhor E o seruia Reçebendo delle em seu desterro amparo fauor E merçe. *(f. 208v)*

Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado.

Perdida a lembrança dos sobreditos benefiçios que o manifico Julião Reçebeo do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em luguar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exerçito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado. ca deixando o duque dorbino todalas outras vilas E castelos nas mãos dos Jmiguos se Retraheo com sua molher E filhos E com toda a mais Roupa que pode leuar a pesaro que hee çidade forte E das prinçipaes de seu senhorio. E hee porto de mar. E vendo que nam estaua ali seguro se foi em gualees pera mantua onde seu sogro estaua com a marqueza sua molher que tam festeJada fora em Roma [.] E sendo o manifico Lourenço apoderado de toda a terra do duque, se tornou pera Roma chamandosse duque dorbino, E tanto ensoberueçido desta vitoria, E

cheo de vãa esperança doutros estados que disse hum dia em pubrico ao seu comprador que despendesse larguamente que antes de oito meses passarem, esperaua ter oitoçentos mil ducados de Renda. diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole. E o que mais çertificaua esta sospeita de napole, que em vida do manifico Julião, elle E o cardeal daraguão tinham ordenado de hir folguar a napole E leuauão consiguo senhores de titolo, E outros Romanos, orsinos. E mosem geronimo bique embaixador del Rei de castela lhes Requereo da parte del Rei que nam fizessem tal Jornada. E senam que fossem a seu Risco. E a esta causa çessou sua Jda. presumesse dizendo pubricamente que sua Jda era pera em secreto falarem aos prinçipaes barões do Reino E avelos A sua parte E de França pera se leuantarem contra castela por que o papa com toda sua valia E parentes erão em secreto françeses, mostrando de fora ser espanhoes. E o cardeal daraguão Jsso mesmo franças por ser parente mui cheguado do duque fernando de calabria que anda preso em castela, ao qual elles dizem que o Reino de napole pertence.

Como veo noua a Roma que el Rei de França
vinha sobre milão, E da prisão do prospero
coluna, E doutros muitos nobres Romanos.

Naquelle tempo tinham feita ligua, scilicet, de huma parte o papa E el Rei de castela E o de Jnglaterra, o duque de milão E a senhoria de sena. E da outra parte era el Rei de França, venezeanos, E o duque de ferrara. E desta maneira estauão postos em armas huns contra os outros. E todo o feito era sobre o ducado *(f. 209r)* de milão que el Rei de França queria pera si. E el Rei de castela ho contradizia aJudando ao duque. E estando assi todos suspensos veo noua a Roma que el Rei françisco nouo Rei de França vinha sobre milão com mui grande poder. E o prospero coluna que sempre foi do seruiço del Rey de castela se partio de Roma pera lombardia acompanhado de muitos Romanos fidalguos seus parentes E amiguos E doutra muita Jente de guerra era grande fama. defendiam os passos dos alpes aos françeses. E quando se esta noua tinha em Roma por mais çerta se vio na çidade pranto E doo, por que estando o senhor prospero sem sospeita dos françeses em hum luguar que se chama vila noua, no

marquezado de monferrat, foi el Rei de frança avisado o qual mandou çertos capitães que deçeram dos alpes sem ser sentidos E passaram por monferrat, E cheguaram a ora de noa a vila noua gritando frança frança, E prenderam o prospero coluna assentandosse A mesa, E a seu sobrinho pero marguano com outros corenta Romanos fidalguos. diziasse que a marquesa de monferrat os enguarara E dera aviso aos Jmiguos. foram loguo leuados a frança, E despois se Resguataram, scilicet, o senhor prospero por trinta mil cruzados, E pero marguano por dez mil. hee lei antre os Romanos que as molheres nam herdam nas fazendas dos maridos. E por que a molher de pero marguano era de parentes Ricos aJudaram com este dinheiro pera Resguatar o marido com tanto que moRendo primeiro pero marguano ella herdasse sua fazenda. E foi assi assentado o partido, mas nam com esperança de tam çedo viuvar. ca o marido era mançebo, mas di a poucos tempos o mataram como se contaraa. E os outros Jsso mesmo foram Resguatados segundo a valia de cada hum.

Como el Rei de frança passou os alpes, E da
cruel batalha que ouve com o duque de milão E
com os soiços. E como el Rei foi vençedor. E
o duque preso, E mandado a frança.

Passou el Rei de frança os alpes com grandissimo trabalho per luguares desviados E asperos nom pensados, leuando diante seis mil guastadores talhando os montes, fazendo ocultas E nouas estradas per onde a artelharia E o grande exerçito podesse passar. diziasse em Roma que os soiços o forão esperar aos passos estreitos E lhe tinham ho caminho. mas se assi fora, nam passara preso o prospero coluna sem primeiro ser avisado. a passada del Rei foi tam secreta que sem contradição alguma cheguou com todo seu exerçito a dez milhas de milão a hum luguar chamado marinha no que estaa antre lody, E milão. E ali assentou seu exerçito *(f. 209v)* E mandou dizer aos soiços E ao seu cardeal, que fossem contentes de nam entrar contra elle em batalha E se tornassem em paz pera sua terra por se escusar tam grande matança de nobres caualeiros E esforçados soldados de huma E da outra parte. E o cardeal dos soiços nom quis nisso consentir exortando E animando os seus a dar batalha, dizendo que elle conheçia que averiam victoria. E que ficariam todos Ricos, E alcançariam a

onrra de toda França. E sendo deliberados de hir A batalha se poseram em ordenança E sahiram de milão a huma quinta feira xbij dias andados do mes de setembro da era de mil b^{c} xb, duas oras antes da noite. E começada a batalha como el Rei soube que a sua avanguarda peleJaua chamou pero nauarro E encomendoulhe que fizesse com a Jnfantaria de que tinha carguo ho que deuia. E assi ao senhor Jacobo de triulçi E a momsenhor dela paliça, E a momsenhor de borbom, E a momsenhor de borbina E ao senhor gualeaço E ao gram mestre de França os quaes todos se foram afrontar com os soiços com tanto Jmpeto que muitos perderam dambas as partes as vidas. durou esta peleJa ataa o trasmontar da luna. E vindo noite escura se Retraheram a suas estançias. nesta primeira batalha os soiços ouveram o milhor, E tomaram a artelharia a pero navarro que a trazia na sua companhia. hum milanes me disse despois em Roma que pousauam em sua casa xbj soiços E que foram todos a esta batalha, E nam tornaram senam dous, ficando os xiiij no campo. E aquelles dous fazendo mui grande pranto polos companheiros se foram o outro dia A batalha, E nam tornaram mais.

Como se deu a segunda batalha na qual o duque E os soiços foram vençidos.

Ao dia seguinte mui de madruguada os soiços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua. E Jsso mesmo sahio com elles o duque com quinhentos de caualo por que nam tinha mais consiguo. diziasse que el Rei de França se nam deçera de seu caualo toda a noite passada. E quando os soiços apareçeram elle estaua a ponto pera dar batalha a qual se trauou aspera E cruel. E A ora de noa os françeses se começaram de Retraher a mal seu grado. E estando os françeses em tempo de ser perdidos cheguou de novo ao aRaial de França bertolameu daluiano capitão dos venezeanos com seu exerçito ao qual el Rei esperaua. E dando de Refresco nos soiços E tornando os françeses sobre elles nom poderam os soiços Resistir A força de tanta Jente. E na melhor ordenança que poderam o duque E elles se tornaram atras. diziasse que os que morreram dambalas partes passaram de quinze mil homens. E que os soiços erão xxb mil E o duque tinha quinhentos de caualo E pouca Jente de pee. E que el Rei de França trazia mais de corenta mil homens de peleJa. E contudo se os venezeanos nam lhe acodiram forão desbaratados daquella

vez. o cardeal com todolos que da batalha escaparam se foi a lody, onde curaram dos feridos *(f. 210r)* E ali estiueram alguns dias. E sendo sem esperança de socorro se foram pera sua terra sem ninguem fazer noJo algum. o duque se Recolheo A fortaleza de milão onde se cuidou defender ataa ser socorrido. mas nam lhe aconteçeo assi, ca o socorro que esperaua del Rei de castela E do papa foi baldio. el Rei de França seguindo sua vitoria entrou em milão, E prantada sua artelharia mandou bater o castelo per muitos dias fazendo portaes nos muros E torres. en fim vendosse o duque sem Remedio se deu a el Rei. E assi preso foi loguo mandado a França onde Juntamente cahio de seu estado, acabou seus dias E seus trabalhos. a maneira de sua morte nam na sei çertificar, por que os que nisso falauam erão de muitas opiniões. alguns apontauão que morrera de peçonha. afirmauasse que entrara no partido quando se deu. que el Rei lhe deesse pera seu guoverno em cada hum ano trinta mil ducados. outros diziam que se dera a merçe, E que el Rei lhos dera E assentara de seu propio moto.

Como bertolameu daluiano morreo.

Nestes dias morreo bertolameu daluiano o qual com a fadigua E trabalho que na batalha leuou despois de aver suado E se Resfriar, ouve hum mal tamanho de que nam pode ser Remediado E em breues dias moReo, cuJa morte sentiram muito os venezeanos por que nam esperauão cobrar outro semelhante capitão assi esforçado E sabedor de guerra E ornado de todolos outros bons custumes.

Da causa por que o duque E soiços nam foram aJudados dos exerçitos do papa E del Rey de castella.

Aguora direi a Vossa Jlustrissima Senhoria a Rezão por que o duque nam foi aJudado E socorrido dos exerçitos do papa E del Rei dom fernando. tinha o duque feito ligua com o papa, el Rei de castela E com os soiços. E tanto que a noua foi çerta que el Rei de França passaua a Jtalia, os soiços moueram de sua terra como hee dito em aJuda do

duque, E o viso Rei se partio de napole, E o manifico Lourenço capitão da JgreJa com a Jente do papa que era muita. E estes exerçitos que assi hião em aJuda do duque de milão eram acordados de se aJuntarem com elle a çerto dia, E Juntos dar batalha a el Rei de França. mas Jndo o viso Rei a via de milão, E Jsso mesmo a Jente do papa, a poucas milhas huns dos outros, desque entraram em lombardia tendo os espanhoes feita huma ponte de madeira E barcas no Rio do poo, foy tomado hum correo que hia pera el Rei de França com cartas do manifico Lourenço capitão da JgreJa dandolhe aviso do dia em que os espanhoes aviam de passar o dito Rio, que entonçes seria tempo pera vir dar nelles. E que elle *(f. 210v)* faria ho mesmo. E que tendo os espanhoes mortos E desbaratados, hiriam fazer ho mesmo aos soiços, E tomariam ho duque As mãos. o viso Rei vendo estas cartas, temeo E nam quis passar o Rio, E mandou cortar a ponte. E em quanto se Jsto passaua se deu a batalha. E por esta maldade se nam acharam nella os dous exerçitos E o duque foi perdido. E assi sem fazer nada se tornaram atras. o viso Rei pera napole E o manifico Lourenço pera Roma. E disto ser assi, E o papa ser franҫes, o vimos nas cousas que se loguo seguiram. em quanto o exerçito do viso Rei hia pera napole polla marca dancona, foi o viso Rei a Roma com poucos companheiros. E viosse com o papa em secreto. sua estada em Roma foram tres dias andando vendo a çidade Rebuçado em ancas doutro, mui tachado dos seus por nam castiguar a traição cometida contra elle [.] ca seus capitães lhe diziam que deesse na Jente do papa, E fizesse delles o que delles tinham ordenado por que ho poderiam fazer mui a sua honrra. E despois hir aJudar ao duque [.] E disto vi eu queixar muito a gonçalo barreto que veo com elle a Roma, E se achara presente a todo o sobredito. neste tempo deu o papa ho estoque ao doutor João de faria pera el Rei de portugual. E elle se veo mandando sua alteza dom miguel a Roma por seu embaixador.

Como o papa se vio em bolonha com el Rei

de França E dos manifestos menosprezos

que fez ao cardeal de sena E a seu Jrmão.

Avendo el Rei de França em seu poder paçifico o ducado de milão conçertaram elle E o papa de se verem ambos em bolonha. E por que o caminho direito pera hir de Roma

a bolonha hee por sena, o cardeal E o manifico burges seu Jrmão pediram a sua santidade que fosse seu ospede em quanto passasse a terra de sena, a qual graça Sua Santidade lhes conçedeo. E tendo feitos mui grandes guastos em bolsena E em todolos luguares da senhoria per onde avia de passar, E aparelhados mui custosos banquetes, o papa fez seu caminho per outra parte sem aproueitar Roguos nem suplicações que lhe o cardeal E seu Jrmão fizeram pedindolhe que lhes nam fizesse tam grande desfauor E JnJuria. E no que o papa contra elles obrou, amostrou que Ja neste tempo sua vontade era acabar de os destrohir E matar [,] que a desordenada cobiça dos florentins nam deu luguar que fosse dissimulada huma tam gram treição cometida assi descuberta contra o cardeal que fora a prinçipal vooz pera elle sobir ao summo pontificado. com tudo Jsto o cardeal acompanhou Sua Santidade atee bolonha sem fazer nenhuma mostrança dagrauo. E verdadeiramente o amor que tinha ao papa, o fazia ser sem sospeita do que se contra elle ordia. E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer. o papa disse missa pontifical, E el Rei lhe deu em pessoa a obediençia. E despois de assentar seus feitos E liguas, passados tres dias el Rei se tornou pera milão, onde dizem *(f. 211r)* que esteue alguns dias festeJando as damas da çidade. dizem que se desonestaua muito com ellas, E que em hum dia tinhão os cidadões ordenado de ho matar. E sendo avisado cortor (sic)[14] as cabeças a trinta dos prinçipaes. pollas cousas presentes E passadas E quando se por mais çerta tinha sua estada [,] deixando todo seu exerçito na çidade, se foi pollas postas com corenta companheiros pera França E chegou a marselha a tempo que vio a nao del Rei de portugual em que mandaua ao papa o Roinaçerom com outras Ricas Joias, o qual Ja a Rainha sua molher fora ver. diziasse que esta fora a causa por que se a nao perdeo esperando mais do que convinha pera segura naueguação, por que se meteo muito o Jnverno E naveguando pera Roma perdeosse com tempestade atraves das Jlhas deRadeiras. da Riqueza que leuaua se fala muito em Roma. E muitos foram desta perda tristes polla parte dos presentes que esperauam.

Como o papa se tornou a florença onde lhe

foi dada noua da morte del Rei de castela

[14] Leia-se *cortou*

E se foi a Roma E mandou o bispo petruche

a sena com muita Jente darmas.

O papa se tornou a florença onde mandara hir toda a corte Romana E os ofiçiaes della. somente os auditores da Rota que ficaram em Roma. E despois destar ali alguns dias mui festeJado de seus parentes E amiguos, E tambem de seus Jmiguos, detriminaua hir visitar as terras da JgreJa, Rodeando polla marca dancona E nossa senhora de loreto, E fazer a volta pera Roma. E estando os cardeaes E cortesãos aperçebidos pera esta Jornada, veo noua ao papa que el Rei dom fernando era faleçido. muito se afirmaua que quando Sua Santidade a ouvira, aleuantando as mãos ao çeo disse, aguora hee morto o maior amiguo que tinha. E sem mais fazer detença mudando o primeiro proposito se partio de florença, E a grandes Jornadas se veo a Roma. E loguo pos em obra a detriminação que tinha da destrohição do cardeal de sena E de seu Jrmão, mandando seus capitães com toda a Jente de guerra que se podesse fazer, deitar fora de sena ho cardeal E seus Jrmãos E todolos de seu bando, E meter e apoderar da çidade ao bispo petruche. este bispo era primo com Jrmão do cardeal, E pandolfo o fez bispo, E por lhe dar mais honrra ho mandou com o cardeal seu filho a Roma por seu mestre de casa, E guovernador de todo seu estado. E elle me deu de sua mão a chaue da camara que me foi dada nos paços do cardeal, quando me sua Reverendissima senhoria Reçebeo. elle guovernaua a pessoa do cardeal, todalas cousas de casa eram feitas a seu querer E mandado. era homem soberbo de maas *(f. 211v)* Repostas E maos Respeitos, malquisto de todolos de casa. tinha mui grande odio aos espanhoes, a qual cousa era bem desuiada da condição do cardeal, por que abertamente mostraua ternos boa vontade, fazendonos merçes E muita honrra. andou assi este bispo em casa do cardeal atee que o cardeal mediçis tornou a bolonha liure da prisão dos françeses, o qual estando nos em sena se foi pera elle contra vontade do cardeal. E sempre o acompanhou atee o fazerem papa. por que hee custume que no castelo de santangelo sempre põe no castelo hum bispo por guarda da fortaleza E do tesouro, o papa ho pos ali. E çerto elle nam era mereçedor de se delle tal confiar ca pois foi tredor a seu natural senhor E a seu proprio sangue. nom diuera o papa ter delle confiança, que a sua santidade nem a outra pessoa do mundo fosse fiel. Jndo assi o bispo com esta Jente seguindo suas Jornadas pera sena, foi dada esta noua ao cardeal o qual em florença pedira liçença ao papa, E se vinha por Junto do mar

visitando suas vilas E castelos, E caçando como tinha em custume [.] E aJuntando mil homens de pee E duzentos de caualo, se veo a montarchino que hee huma çidade da senhoria de sena que estaa em huma montanha que vem sobre o caminho de Roma. E dali escreueo ao manifico petruche (sic)[15] seu Jrmão E aos prinçipaes de seu conselho se queriam que se fosse a sena com a Jente que tinha, E que sahirião a Resistir a seus contrairos. o Jrmão E os do conselho lhe escreueram que seria melhor hirse a Roma E meterse nas mãos do papa E procurasse de curar estas cousas o melhor que podesse [.] E cuidando que o Jrmão E os da çidade se fariam fortes Resistindo aos Jmiguos em quanto elle hia descobrir a vontade do papa, deu liçença aos soldados E foisse com seus criados a Roma sendo do papa Reçebido com tanto guasalhado E doçes palauras que alguma cousa foi consolado dando fee a seus prometimentos por lhe nam ter o contrairo mereçido. mas todos seus prometimentos foram falsos, por que a verdade hee mui maa dachar neste tempo por andar mui escondida.

Como o manifico burges se sahio de sena,

E o bispo entrou na çidade E se apoderou della.

O manifico burges nam esperando ver as bandeiras dos Jmiguos sabendo que çercauão a çidade se sahio acompanhado de muitos de caualo E de pee, E leuou consiguo todos seus tesouros E a fabio seu Jrmão menor, deixando sua molher E filhos na çidade [(] Ó trabalhosa vida dos tiranos) [.] Jsto fez assi temendo que os mesmos seus naturaes çidadões ho dessem nas mãos dos Jmiguos por que o bispo tinha muitos de sua parte na çidade. E o *(f. 212r)* custume do pouo ditalia hee fauoreçer a quem vençe, sem aver Respeito senam saluar as vidas E fazendas, defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada (sic)[16] por dinheiro, guardando de meter a Risco suas pessoas. o bispo cheguou com seu exerçito a sena, ao qual abriram as portas da çidade. E entrando sem contradição alguma, se apoderou da casa de senhoria, E pos capitão de sua mão hum seu filho de pequena Jdade. E deitou a molher E os filhos do manifico burges fora das suas proprias casas por serem fortes E paços E fortaleza, as quaes o manifico pandolfo fez a seu modo. E apoderado

[15] Certamente há aqui um erro do copista, pois tudo indica que o autor se está a referir ao seu irmão *burges.*
[16] Leia-se *assoldada por dinheiro*

da çidade lançando fora todolos da parte do cardeal E do manifico burgues, ficou absolutamente senhor. E começando husar das crueldades acustumadas dos tiranos tendo dado seguro a dous nobres çidadãos ambos Jrmãos chamados dalcunha valentes, que andauão desterrados com temor do manifico pandolfo E de seus filhos, ca erão seus Jmiguos E parte contraira. em sua mesma casa os fez matar nesta maneira, crendo estes que lhes era o bispo verdadeiro amiguo por ser Jmiguo do manifico burgues, E o aver lançado da çidade. sendo delle chamados com grandes profertas, se vieram meter em suas mãos ofreçendosse ao bispo, E o bispo a eles [.] despois de passados alguns dias o bispo mandou ao capitão de sua guarda que quando lhe por algum destes dous Jrmãos mandasse dizer que fizesse ho que lhe tinha mandado, sem detença o matasse. aconteçeo que os dous Jrmãos estauam huma seesta com o bispo, E elle chamou hum delles com grandes cortesias que deçesse abaixo ao capitão da guarda E lhe dissesse que fizesse ho que lhe tinha dito. E o desaventurado cuidando que fazia seruiço E prazer ao bispo, com muita presteza, se deçeo ao portal da casa onde o capitão estaua com todolos soldados da guarda. E aJnda nam avia bem acabado seu Recado quando o capitão E os soiços ho feriram com as alabardas E espetos dando com elle morto no chão. E Jsto feito sobiram a grã pressa aRiba ao sobrado pera matar ao outro Jrmão que ficara com o bispo, mas o bispo tanto que ouvio o Rumor em baixo, se Retraheo a huma camara. E quando o outro Jrmão sentio a treição E vio que os soldados ho queriam matar foisse atras o bispo pedindolhe emparo E saude de sua vida abraçandosse com elle E o cruel consentio que lhe dessem mortaes feridas E suas vestiduras ficaram tingidas de seu sangue em testimunho de maior treição E crueldade. estas E outras cousas muitas passaram que seriam longuas de contar. *(f. 212v)*

Como o manifico burgues se veo a Roma, E se foi pera napole.

O manifico burgues despois de espedir os nobres E a outra Jente de caualo que ho acompanharam na sahida de sena, veosse a Roma pollas postas com dous companheiros, E secretamente esteue em casa do cardeal dous dias, Jndosse o cardeal de dia falar com o papa, E de noite com seu Jrmão. E vendo abertamente que as

esperanças que o papa daua ao cardeal eram fingidas, E suas obras nam Respondiam com suas palauras, temendo de ser preso, se partio o mais encubertamente que pode pera napole, onde foi Reçebido do viso Rei como convinha a pessoa de tam grande estado. sahido fora da çidade acompanhado de muitos prinçipaes barões E senhores E outra muita Jente de caualo, prometendolhe o viso Rei de fazer com el Rei carlo que ho Restituisse a seu estado como el Rei dom fernando fizera aos mediçis em florença, E ho mantiuesse nelle segundo as capitulações de seu pai com el Rei dom fernando, as quaes eram que pandolfo E seus filhos E herdeiros do estado fossem sempre da parte despanha, E que em qualquer tempo que exerçito del Rei de castela passasse por terra de sena lhe desse mantimentos pollo preço da terra sem os aleuantar mais do que estauão, E que em tempo de guerra em quanto durasse o manifico E seus soçessores mandassem sem seruiço del Rei de castela çento E çincoenta homens darmas paguos A custa da senhoria de sena, contra todos aquelles com que os espanhoes tiuessem guerra. E esta ligua foi Jurada per seus embaixadores em presença do papa Jullio que nesta mesma ligua era, em Roma em nossa senhora do populo como Ja he dito. mas todo se Rompeo E quebrou como adiante direi.

Como o emperador maximiliano veo a Jtalia pera Recobrar milão, E se tornou sem fazer nada.

Neste tempo veo o emperador maximiliano a Jtalia com grandissimo exerçito pera Recobrar milão, E deitar os françeses fora de toda Jtalia. o estrondo com que veo era grande. E segundo se afirma em Roma os françeses se punhão em fugir. E fora assi se o emperador sem parar seguira suas Jornadas atee cheguar a milão. mas tanto que deçeo a Jtalia se assentou em verona que estaua por elle, E per seu mandado ha guardauão quatro mil espanhoes. E nesta detença os françeses cobraram conselho E animo, E se meteram todos na çidade de milão onde se fizeram fortes, E Reuoltaram com cartas E falsas promessas E tratos como tem de custume aos capitães alemães, de maneira que nam quiseram passar adiante sem lhes o emperador primeiro paguar ho soldo que lhes deuiam *(f. 213r)* E pediam, o que elle nam pode fazer por falta de dinheiro E forçado de extrema neçessidade se tornou pera alemanha sem aver efeito sua empresa.

Como o cardeal de sena se foi de Roma com temor

do papa, E se foi ver a napole seu Jrmão E ho

viso Rei, E do que se antre elles passou.

Estando assi o manifico burgues em napole desterrado E o cardeal em Roma, vendo sua Reuerendissima senhoria que seus neguoçios nom conçertauam com as esperanças que lhe o papa daua, acordou de se sahir de Roma pera Janaçano que hee huma forte vila do senhor prospero decabe colunes. por que em luguar de neguoçiar a Restituição de seu estado achaua cada dia nouidades de grandes E descubertas ofensas no papa E em seus parentes, os quaes ante de poer na praça o crime, ho tocauam nas cousas çiuis. E buscando achaque pera lhe aterrar o corpo, o feriam pollas faldras. antes da partida do papa pera bolonha aviam prouado tirar bolsena ao cardeal com maneiras tiranicas que pera Jsso ordiam como fizeram ao Jardim da via de populo E A camara do sacro palaçio. E por que despois todavia lhe tomou o papa de poder absoluto a dita villa, escreuo as maas maneiras que dantes aviam tido. madoma madalena Jrmãa do papa E mãj do cardeal çibo nom podendo dissimular por ser frorentina, ha sede de acquirir Riquezas A custa alhea, o qual apetito sobeJa nos frorentins mais que em todalas outras nações Jtalianas E a esta causa se diz delles o comum Rifão, que os frorentins tiraram o sotil do sotil, por nunca serem contentes do onesto nem do mais que onesto [,] deseJando a villa de bolsena pera o cardeal seu filho, E por mais çerto se tinha ser o papa com todos seus conJuntos nesta trama, ordenaram hum aRoido feitiço que os prinçipaes da vila se fossem queixar ao papa, dizendo que o alcaide que o cardeal tinha na fortaleza os tiranizaua. E sendo assi posto em obra, o papa os mandou ao cardeal. E despois destar vista a verdade per prooua Judiçial, que absoluia ao alcaide, vendo que per Justiça nam podiam leuar sua maa empresa ao cabo de seus maos deseJos, ordenaram outra noua maneira de aver todauia a villa pera si, fazendo com os moradores que tomassem a fortaleza ao alcaide do cardeal, E o deitassem foora, apelidando liberdade, liberdade, papa, papa [.] E assi ho fizeram ficando senhores da vila dizendo que pois sendo o papa cardeal eram seus, que de Justiça o deuiam ser aguora. o *(f. 213v)* cardeal se foi queixar ao papa, E ouve Reposta que nam sabia que Remedio lhe deesse pois se o pouo leuantaua contra elle, que fizesse por

tornar a cobrar sua villa, E que elle o aJudaria com todo seu poder pois lha dera. E nesta vãa esperança de socorro trouxe o papa ao cardeal com palauras muitos dias. mas ao cardeal nam eram escondidas suas manhas. E dissimulando seu proposito E de seus parentes, por que tinha pessoas seus seruidores dentro na villa que o avisauam de todo o que antre elles passaua. E no tempo que mais apertados Requerimentos trazia com sua santidade, ordenou que a vila se tomasse aos moradores. huma Jrmãa do cardeal era casada com hum filho de João paulo valbom senhor de perosa. E fazendolhe o cardeal Relação do que passaua, mandou malatesta seu filho primogenito singular E esprementado caualeiro com Jente de caualo E de pee sobre bolsena E cheguaram antes do dia tam Jncubertos, que quando amanheçia tinham entrado a villa E tomada a fortaleza E presos os prinçipaes deste trato. E sabido pollo cardeal foi dar conta dello ao papa que mostrou aprazerlhe muito com Jsso, mas mui pouco dura que se nam amostre na praça aquillo que fingido se faz. neste tempo sobreueo a Jda do papa a bolonha, E as outras sobreditas nouidades E por Jsso sobre estiueram estes debates atee este Jnfante que andando o cardeal atribulado nos Requerimentos, acodiolhe o papa com estoutra graçada, dizendolhe abertamente que os de bolsena nam eram contentes de seu guoverno, que a deixasse E tomasse outras duas vilas em satisfação. E o cardeal que Ja tinha sabido que tudo aquillo vinha de suas Jrmãs E parentes, E que nem o seu proprio patrimonio esperaua que lhe ficasse, nam avendo aJuda do emperador, Respondeo que Sua Santidade lhe dera bolsena de seu propio moto, que pois polla mesma maneira lha tiraua com cor E som de a mal guovernar, que escusado era tomar outras pera dahi a tres dias lhe serem tiradas com o mesmo achaque. E em todas estas Roinas E desaventuras era conselheiro E prinçipal acusador o bispo petruche que nam daua folguança aos coReos de sena pera Roma. E assi o afligido cardeal que por seu mal, com tanta alegria deu sua voz a mediçis pera ser summo pontifiçe E tanta honrra fez a este tredor criado. vendo estes sinaes tam Jmiguos de sua honrra E vida, polla saluar se carteou com o senhor prospero de caue, o qual lhe deu a sua villa de Janaçano que hee ao pee da serra tosculana quatro leguoas de Roma onde estiuesse todo o tempo que lhe fosse mester. tanto que o cardeal foi em Janaçano fingindo que hia a caçar E a solazarse como muitas vezes fazia, deixando a maior parte dos seus em Roma com a ordenança de casa como se fosse presente [.] dahi a mui poucos dias se foi a napole falar com o viso Rei E com seu Jrmão. E conçer *(f. 214r)* tadas suas cousas mandaram messageiros a el Rei carlo que entonçes estaua em frandes. E nouamente era aleuantado por Rei de castela E

daraguão per morte del Rei dom fernando seu avoo, contandolhe os agrauos E forças que lhes o papa tinha feito, E assy a obriguação em que sua magestade era de os emparar E defender contra todos os que lhe mal quisessem fazer conseruandoos em seu estado assi E na maneira que ho dantes tinham. E como fizera ao mesmo papa em frorença por mandado del Rei dom fernando. mas sua desauentura E mao conselho o desviou por culpa do manifico burgues que tendo desordenada cobiça de senhorear sem companheiro, Requereo de nouo que elle soo fosse metido em sena, E o cardeal abastasse ser cardeal. E com este errado deseJo deitou a perder assi. E matou ao cardeal no qual estaua toda a Remissão de seu estado, por que delle nom se fazia conta como do manifico Julião no tempo de seu desterro. E por que o papa sendo cardeal, deu ordem a cobrar seu estado temendo que o de sena fizesse o mesmo, detriminou polla via que se adiante dira, tirallo do mundo, detendo o manifico o viso Rei por esperar Reposta do emperador pera elle soo aver o senhorio por que todo este feito Redundaua na pessoa do cardeal, o papa E seus conselheiros quiseram leuar avante esta triste empresa. em quanto se estas cousas neguoçiauam aconteçeram em Roma outras grandes E muito pera escreuer. E em seu tempo tornarei ao cardeal.

De como se armou hum grande aRoido antre os Romanos E os criados do cardeal santa cruz.

Caualguando hum mançebo per Roma em hum grande E fermoso caualo a que chamam cursicres por serem grandes saltadores, o qual ferindo o caualo das esporas ho fazia deitar pernadas a huma parte E a outra contorneandoo fermosamente como elles o sabem mui bem fazer por ser tam grandes caualguadores da brida que todolos saltos voltas E corconos que aquelles caualos fazem posto que são mui grandes E poderosos, andam tam direitos E bem postos na sella que cousa nenhuma se mouem. E passando polla Rua que vai da porta de santo angelo pera populo na qual erão os paços do cardeal santa cruz que estão sobre o tibre, aconteçeo ser o cardeal com o papa, E hum seu criado homem fidalguo estando A porta coReo Risco de ser ferido dos couçes do dito cursicree E Reprendeo ao Romano das sandiçes que hia fazendo polla *(f. 214v)* Rua. E voltando o Romano a elle chamandolhe marrano ho quisera ferir. E o castelhano se acolheo a casa Jndo o Romano atras elle ataa o pateo das

casas. E loguo os de casa acodiram ao aRoido com armas, E o Romano saindosse da casa foi seu caminho. quando o cardeal veo do paço E lhe contaram ho que passara ouveo a grande JnJuria E descortesia, por que são mui guardadas E Reuerençiadas as casas dos cardeaes que nenhuma Justiça nem outra pessoa nom entra dentro com mão armada pera fazer ofensa a nenhuma pessoa que se a ella acolhe. E se a Justiça ou outra alguma pessoa que nas Ruas querem prender ou maltratar a algum, açertando de ser Junto de casa de cardeal, E gritando o apelido do cardeal, todos os familiares sahem com armas a lhe acudir E saluar como se fosse Jrmão de todos. E este priuilegio tem as JgreJas de Roma ca nom valem a nenhuma pessoa que se a ellas acolha. ao outro dia seguinte o cardeal foi fazer disto queixume ao papa. E estando com Sua Santidade aconteçeo que o mesmo Romano com outro seu parente ambos armados em senhos caualos cursicres grandes E fermosos com quatro moços desporas Jsso mesmo armados cheguaram ao terreiro de sam pero. E andando passeando o mestre de casa do cardeal, que era portugues, no dito terreiro esperando ao cardeal como hee custume dos criados dos cardeaes que estão no paço, se aJuntou per sorte com os Romanos. E Respondendo o que fizera a descortezia sobredita, Respondeolhe desonestamente com muita soberba chamando marranos. os moços destribeira do cardeal que estauam com a mula no pateo do paço Reconheçendo os Romanos, se foram de dous em dous pera o mestre de casa. E foram per todos oito. E vendo que os Romanos se soltauam mais do que deuiam em suas palauras com descortesias E soberba demasiada armaram com elles aRoido E os acutilaram de sorte que hum delles moReo di a poucos dias. E Jsto feito o mestre de casa se acolheo com os moços destribeira a casa do cardeal. E não tardou nada que muitos Romanos çidadãos prinçipaes parentes dos que foram feridos vieram sobre elles pera tomar vinguança, mas elles com outros criados do cardeal que erão dentro de casa sahiram aos Romanos E leuaramnos As lançadas atee a ponte de santangelo. E neste aRoido foi ferido hum Jrmão do que era ferido A morte. E sendo Ja os espanhoes Recolhidos, os Romanos se foram encontrar com o cardeal na ponte de santangelo, o qual vinha do paço sabendo Ja o que era aconteçido. E trazia consiguo muita Jente da guarda E familiares do papa que Sua Santidade mandara com elle. E sendo Ja no meo da ponte, os Romanos o afrontaram de tal *(f. 215r)* maneira que lhe foi forçado Retraherse ao castelo. E dahi se foi ao paço do papa pollo muro secreto onde esteue alguns dias. E os seus se fizeram fortes em sua casa, porem poseram loguo em saluo os que aviam ferido aos Romanos. E o mestre de casa pareçendolhe que era sem culpa se deixou ficar

cuidando que as cousas nam viessem a tamanho estremo, mas hum dos Romanos moReo das feridas cuJa morte foi tam sentida dos parentes que caro ouvera de custar aos espanhoes que em Roma avia.

Como os Romanos acordauão de poer
A espada os espanhoes de Roma.

Estes sobreditos dous Romanos erão parentes de todolos prinçipaes da casa Vrsina que hee a casa prinçipal dos Romanos, despois dos coluneses. E estes sam dous bandos que sempre tem Reixa huns com os outros. E os coluneses seruem a el Rei de castela, E os orsinos a el Rei de França. tomando os parentes do mançebo grande sentimento por sua morte, avendo a grande JnJuria, E abatimento armarem os espanhoes com elles aRoido, leuando o melhor E sahindo com suas honrras. E aJuntandosse em capitolio, E com elles o manifico Lourenço capitão da JgreJa, do acordo que ouveram o manifico se foi ao papa, E lhe pedio que mandasse prender ao mestre da casa do cardeal, E lho fizesse entreguar pera lhe mandar cortar a cabeça. o papa ho mandou prender E leuar ao castelo de santo angelo onde o teue pairando com os Romanos que RiJamente Requeriam que se fizesse delle Justiça. terçando polla parte do cardeal, atee se estas tempestades abaterem, este mestre de casa era portugues E se chamaua Jacome monteiro. os Romanos entraram em conselho tres dias a Reo. E os votos dos mais erão que metessem A espada todolos espanhoes de Roma sem perdoar a nenhum estado, dizendo que nam era de comportar serem mandados E guovernados por elles E tam maltratados que em sua propia terra E çidade os feriam E matauão. E os que prinçipalmente este conselho dauão era o arçebispo vrsino de monte Jordam, E o senhor Renço, E o manifico Lourenço com outras cabeças E capitães. E nam se ordenauam estas cousas antre elles tam secretas que os espanhoes nom fossem de todo avisados, que Jsso mesmo tinham seus conselhos huns com os outros. E estando sobre aviso se faziam fortes em suas casas E com detriminação de se defender, E Resistir ao poder dos Romanos. E nam soomente erão em Resistir aos Romanos, mas tres mil foram em hum acordo de dar sobre elles E poer foguo ao capitolio E queimalos todos dentro. E os homens sisudos assi dos espanhoes como dos Romanos trabalharam por evitar tam grande *(f. 215v)* escandalo.

Era na companhia E conselho dos Romanos o duque de tracto mançebo de xxxb anos de mui bõa desposição E pareçer que andaua desterrado do Reino de napole onde tinha seu estado, por que el Rei dom fernando de castela lho tomara, E o dera ao senhor prospero de coluna. este duque vendo que os Romanos tomauam por derradeiro conselho hir sobre os espanhoes E matalos A espada, lhes falou na maneira seguinte.

fala que o duque de tracto fez aos Romanos

Eu sam aqui vindo com vos outros pera dizer aquillo que me pareçer melhor conselho do que se deue fazer nisto pera que nos aqui aJuntamos [,] E assi pera poer minha pessoa a todo Risco E periguo pera vir a efeito aquillo que ordenardes. mas antes que nada se detrimine por obra, quero saber de voos que Romanos se poderão aJuntar que peleJem contra os espanhoes, E quantos espanhoes avera em Roma pera tomar armas. foilhe Respondido que se aJuntarião vinte mil Romanos E que os espanhoes poderiam ser seis mil. o duque Respondeo, bem me pareçe que temos Jente pera comprir nosso proposito, porem nam tanto a nosso saluo que os mais E mais prinçipaes de noos, primeiro nom percam as vidas, por que noos avemos de capitanzar, mandar E guovernar aos nossos. E lhes avemos densinar E amostrar com as obras de nossas mãos como elles hão de cometer aos Jmiguos E fazendo Jsto, os espanhoes são de tanto animo, sabedores E esprementados na guerra, que caramente hão de vender suas vidas, dando morte cruel aos que primeiro diante se acharem. assi que nos comvem perdermos primeiro as vidas que os nossos seJam tocados de suas espadas como sabeis que cada dia ho poem por obra nesta nossa Jtalia nas batalhas E afrontas em que se achão. E nam tenho duuida que sendo cometidos de vossos fortes braços E animos nam vençidos, posto que muitos percamos as vidas em breue tempo pereçerão todos. mas tenho grande Reçeo que os alemães, françeses, Jngreses, vnguaros, E os das outras nações, vendo que poemos a matar os espanhoes, temendo que outro dia faremos o mesmo a cada nação delles, se aJuntarão com os espanhoes. E Juntos façam a noos o que noos a elles queremos fazer. E quando Jsto assi nam aconteçesse, E de todo nosso proposito fosse comprido nam creo que os Reis E prinçepes christãos çerrassem a Jsto as orelhas, antes pondo diante sy tal crueldade se congreguarão E

com grandes exçerçitos entrarão em Roma, E dando a noos E a nossas molheres E filhos crudelissima morte deRibarão E arasarão nossas casas E possissões E extinguirão ho nome E geração dos Romanos pera sempre. E a gloriosa fama que nossos anteçessores alcançaram *(f. 216r)* senhoreando ho mundo, se apaguaraa, E perderaa em noos, por tam feo caso como este seraa. como o duque ouue acabado, alguns ançiãos louuaram seu conselho. posto que o senhor Renço E o arçebispo, E o senhor troilhos sabelo eram de cantraira opinião, E estas Rezões do duque foram causa que dilatou poerse por obra naquelles dias o que detriminauam. ca os mançebos dando mais luguar a seus apetitos mal avisados nam dauam credito ao conselho dos sisudos. E sendo neste conto o manifico Lourenço como dito hee, estando Juntos no capitolio lhe cheguou ali noua como françisco maria duque dorbino hia com grande oste despanhoes, alemães, Jtalianos, a Recobrar seu ducado, a qual noua pos tanta toruação no manifico Lourenço, E naquelles senhores seus parentes E amiguos que os espargeo de sorte que ficou tudo em paz E taes ouvi ahi que esperauam ofender aos espanhoes de Roma, E ouveram o castiguo que mereçiam, dos que vinhão com o duque dorbino.

Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo.

Loguo o manifico Lourenço se partio de Roma pollas postas leuando consiguo o senhor Renço E o senhor troilhos sabelo com outros capitães prinçipaes Romanos. E foisse a florença onde em breue tempo aJuntou grande exerçito E se foi a via dorbino, a Rezão por que françisco maria dorbim pode aJuntar Jente, por Reçeo da vinda do emperador em Jtalia. ca estauão em verona quatro mil espanhoes que ha guardauão dos françeses E venezeanos por mandado do emperador, os quaes eram tam sabedores da guerra que todalas vezes que se pero nauarro capitão da Jente françesa afrontou com elles, o maltrataram. E em hum combate que lhes deu ho escalauraram, E correram com elle, pollo qual elle disse que avia dentro muitos pedros navarros. E conçertandosse o emperador com venezeanos lhes deu liçença por nam aver mester guarnição em verona. E sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leuou consiguo dandolhes escala franca em todolos luguares

de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos, de sorte que criou em breues dias mais de doze mil guerreiros com que entrou no ducado. E Jndo as cousas A largua, aJuntou mais de trinta mil homens em seu exerçito. sendo assi ambos os duques entrados na (sic)[17] terras dorbino, ouveram muitos Recontros nos quaes morreo muita Jente, E a maior parte do exerçito do manifico Lourenço [.] *(f. 216v)* E sempre seus feitos foram de mal em pior, E nam da maneira que sohia dizer em Roma que nunca françisco maria tiuera animo de se amostrar com elle cara a cara E desemparara E se sahira de seu senhorio como homem de pouco esforço E ousadia. andando o manifico Lourenço prouendo em assentar a artelharia sobre huma vila que tinha çercada que estaua em guarda despanhoes lhe atiraram E deram sobre o capaçete com hum pilouro despinguarda E lho falsou. E foi tam mal ferido que todo o tempo que a guerra durou, esteue em florença onde secretamente foi leuado. E da ferida ficou com o pescoço torto, E quasi trazia ho Rosto sobre hum ombro. E por que neste tempo tambem se ordia de querer tomar ferrara, E em Roma nam se sabia a que parte se Recolhera – ca huns diziam que se fora a ancona, outros a florença, outros tinham que fora trazido a Roma – foram postos muitos epitafes por Roma, E hum dizia A maneira de preguão, chisape se – chi avese torbato al manifico lourenzo – vada al sacristano dela paçe ele sera donato lo nom bebragio [.] E por que suas cousas eram mui cahidas, se pos outro que dizia, vide voy che senara manifico lourençino che per pigliar ferrara, avete preso vrbino. E por que a todo homem pareçia esta guerra JnJusta, a todos apraziam estes motes que se achauam preguados pollos pubricos das prinçipaes Ruas de Roma como hee husança. tanto erão Ja os frorentins malquistos do ducado dorbino polla sobegidão de sua tirania que sem muita contenda sentreguarão ao seu propio duque as mais das vilas E fortalezas, E soo a çidade de pesaro Reseruou pera a derradeira. por ser o manifico Lourenço ferido mandou o papa por leguado E seu capitão geral em seu luguar ao cardeal sancta maria Jnportiguo. E posto que este guovernaua seu exerçito com mais saber E tento, os de françisco maria lhe mataram muita Jente. era lastima ver os esquadrões dos soldados que o papa mandaua de Roma a esta guerra de muitos milhares de homens. E nam tardaua nada em vir nouas que todos eram desbaratados E mortos. E aquelles capitães Romanos que erão em conselho de matar os espanhoes de

[17] Leia-se *nas terras*

Roma vinham pera suas casas feridos E destroçados da mão dos espanhoes que eram com françisco maria. os mais neste tempo segundo se afirmaua passauam Ja de sete mil. E onde elles punham o Rosto nam se podia soportar seu Jmpeto, que assi as vilas E çidades çercadas de fortes muros, como as ostes do campo tudo leuauam nas mãos. era naquelle tempo barachelo ou alcaide de Roma hum castelhano chamado santa cruz que fora capitão de Jente de pee nas guerras passadas. E por ser homem esforçado E sabedor na guerra *(f. 217r)*, o papa o mandou por capitão de muita Jente pera engrossar seu campo. E despois de se aver apresentado ao leguado, passados alguns dias se afrontou com os espanhoes Junto de pesaro. de tal maneira ho trataram que elle E os que escaparam vieram a Roma destroçados E perdidos, o qual disse ao papa que em quanto os espanhoes andassem em companhia de françisco maria, sua santidade seria sempre perdido. soo por que trazia consiguo çinco mil capitães, por que cada hum daquelles era tanto pratico na guerra que abastaua pera guovernar grandes exerçitos. tanta Jente perdeo o papa E em tal estremo se vio o leguado que foi forçado as forcas (sic)[18] da guerra mudarense em partidos E manhas nom liçitas, os quaes tratos se começaram a fazer com o embaixador de castela Jeronimo bique prometendolhe o papa que lhe faria hum Jrmão cardeal com tanto que elle fizesse que os espanhoes que erão com françisco maria ho deixassem. açeitando o embaixador este partido pera mais breue espedição de seus neguoçios contrataua com alguns dos capitães espanhoes que dessem françisco maria nas mãos do papa, o qual tomou cartas de çertos capitães que escreuiam a Roma, nas quaes vio a traição que se contrataua contra elle. E huma destas cartas era de hum capitão chamado maldonado que estaua açima de todolos outros em estima E saber da guerra a quem o duque daua grande credito, o qual trazia com sua fardage desasseis azemalas de Reposteiros E muitos caualos E facas. como o duque ouve as cartas A mão, chamou os capitães E prinçipaes guerreiros de sua oste, prinçipalmente aos espanhoes nos quaes era toda sua saude, E lhes disse como elle se posera em suas mãos tomando os por companheiros fazendosse Jguoal de cada hum delles. E que por elles E por suas bondades E fortaleza de seus animos, era Restituido a sua honrra E estado, E que aguora elles mesmos o aviam aleuantado E tramado E contratauão com seus Jmiguos de o deRibar E o darem em suas mãos. o que delles se nam esperaua por nam caber na Jente espanhol nome de tredores E de tanta Jnfamia E que Jsto poderiam bem ver por

[18] Leia-se *as forças*

aquellas cartas que aviam sido tomadas, preguntando, se se conheçeria antre elles as letras E sinaes dellas. nam se pode entender com que confiança E ousadia o capitão maldonado confessou ser huma das cartas sua E de sua mão, pollo qual foi loguo tomado dos espanhoes E passado pollas picas dandolhe morte desonrrada E de tredor. E a Roma fugiram outros tres capitães que com elle em conserua eram. este foi hum dos começos de Jeronimo bique que se declarou vender a fieldade de seu ofiçio E carguo, E sua mesma honrra, E aos seus naturaes E aos *(f. 217v)* que eram liguados com seu Rei E seguiam seu seruiço. tudo por cobiças desordenadas de dadiuas E promessa de lhe o papa fazer seu Jrmão cardeal, nas quaes obras alcançou nome de Jnfamia que durara pera sempre.

Como se o papa sentia afligido por suas cousas nom serem prosperas.

Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa era mui afligido polla muita Jente que se perdera de seu exerçito E polla grande soma de dinheiro que guastaua. E sobretudo ser françisco maria senhor do campo o qual nam se tendo por contente de aver cobrado de nouo seu estado se foi fazer guerra a perosa E As terras da JgreJa. E çercou a çidade de perosa, E destrohio seus campos E as quintãs E herdades de toda a terra. E lhe deram os perosinos por conçerto quinze mil ducados [.] de perosa se foi a ancona. E entrou na çidade, a qual hee da JgreJa. E Roubou della E de seus termos o que lhe aprouue. despois se veo cheguando tanto a Roma que mil E duzentos albaneses ou estradiotes cavalos ligeiros que consiguo trazia correram os campos de viterbo, E a çidade de orbieto com outras çidades E vilas da JgreJa.

Como o papa fez hir o cardeal de sena a Roma. E como se tornou a sahir com temor de ser preso.

O cardeal de sena e seu Jrmão que estauão em desterro neguoçearam tanto com el Rei carlo que mandaua ao viso Rei dom Reimão de cardona que os fosse meter em sena, E paçificamente os deixasse apoderados E entregues de seu estado. E vindo Jsto a notiçia do papa, mandou dizer ao cardeal, que se viesse pera Roma que elle ho queria Restituir a suas terras, Rendas E estado. Roguandolhe que de sua mão, E nam doutrem Reçebesse este benefiçio. dando o cardeal credito a estes prometimentos por atalhar a estes males açeitou Jsto com segurança dos embaixadores del Rei carlos E de todo o sacro colegio [,] a que o papa Roguou que ho fizessem tornar a Roma. E mandoulhe breues de grandes seguranças. E assi o fizeram os cardeaes, E embaixadores. estas perfias E seguranças ho fizeram vir. E foi grandemente Reçebido de toda a corte Romana. E Jsto ordio o papa por ver que as cousas da guerra hiam contra elle de mal em pior, E que sem seu grado mandaua el Rei que se fossem pera o seu E pera ho guoverno de sena. esteue o cardeal em Roma todo o mes de feuereiro da era de 1516 no qual tempo as mascaras tem maior primor. E nos paleos do entruido os caualos do cardeal vençeram tres, scilicet, o de brocado, o de veludo cremesim, E o de damasco verde. *(f. 218r)* E por causa das guerras nam se coReram em campo trastacho. E mandou o papa que se coRessem em Roma de campo de frol atee sam pedro [.] era cousa de marauilha a alegria que todo o pouo fazia, quando a vooz vinha que os caualos do cardeal de sena vençeram, o (sic)[19] quaes aJnda nam eram bem cheguados ao luguar do paleo quando de huns em outros se sabia em campo de frol. verdadeiramente bem pareçia ser aquelle o derradeiro triunfo seu por prazer tanto comum. amostrauam pesar E tristeza geral como despois vimos (em sua prisão e morte) per toda Roma. era mui quisto E amado de todos em geral por ser a todos liberal, apraziuel E graçioso. vendo elle que os prometimentos do papa erão tudo palauras, E que soçedendo suas cousas prosperamente na guerra peJorauam suas esperanças. E finalmente sendo avisado que se ordia de o prenderem tomou por Remedio sahirse outra vez de Roma. sua Reuerendissima senhoria me tinha avido do papa despensação pera ter em comenda no abito de cristos çem mil Reis de Renda digreJas, E o breue era cometido a sua senhoria. E por que seu custume era honrrar E acreçentar seus criados, tanto que detriminou sua partida me disse o dia pera que me aperçebesse pera me fazer caualeiro E deitar ho abito. E o dia assinado de sua partida foi o em que me fez a sobredita merçe com muita solenidade E honrra. E tanto que

[19] Leia-se *os quaes*

acabou de comer mandou que caualguassemos dizendo que hia A caça. E assi Juntos com nossos carnetos, trellas E toda a outra maneira de caçadores sahimos per Roma contra a porta de sam sebastião que sera pouco menos de huma leguoa com o despouoado por dentro da çidade. E sahidos fora dos muros vimos gente de caualo armada. E loguo o cardeal se voltou a noos, E nos mandou tornar pera casa dizendo que Ja achara a caça que buscaua. aquelle era o senhor prospero de cabe que vinha pera acompanhar sua Reuerendissima senhoria, E o tornar outra vez a Janaçano. E a casa do cardeal era assi abastadamente provida como era sendo sua Reuerendissima senhoria presente.

Das Reuoltas dos orsinos E coluneses, E da morte de bernardo mocar, E de pero marguano.

Os orsinos E coluneses teueram sempre bandos antre sy E desavenças, as quaes Renouaram nestes dias. E tanto foram creçendo que os coluneses meteram a saco huma grossa vila da JgreJa pouoada dos orsinos, na qual foi feito grande estraguo de Roubos E mortes domens. E nam tardou muito que os que eram em Roma começaram de tomar vinguança. foi morto na çidade per mãos dos orsinos bernardo mocar colunes mui grande letrado E homem de muita valia antre os Romanos, o qual avia poucos dias que fizera humas casas mui bem edificadas, E de *(f. 218v)* pinturas mui naturaes. E atras este mataram pero marguano em huma sua vila que comprara avia poucos dias noue milhas de Roma. este Romano hee de que Ja tenho falado atras, o qual se fora follguar a aquella sua villa. E estando sem sospeita apousentado em huma fraca casa cheguaram seus Jmiguos a çertas oras andadas da noite, E çercaranlhe a casa E entraram com elle foi todo huma cousa. dizse que o trahio hum seu criado que consiguo tinha, que abrio as portas da casa aos contrairos, o qual com outro Romano seu parente Jaziam na cama. E quando se sentiram entrados, cuidando de se saluar deitandosse por huma Janella cahiram nas lanças dos Jmiguos que estauam de fora onde foram mortos atrauessados de muitas feridas. E tal foi a (sic)[20] fim de pero marguano, mançebo sobre todolos Romanos mançebos. estimado dos de seu tempo foi sua morte mui sentida por toda Roma onde sua molher o fez trazer. E com mui

[20] Leia-se *E tal foi o fim de pero marguano*,

solennes obsequias E honrras foi depois de mui pranteado, enterrado no moesteiro de ara çeli em campidolio.

Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra.

Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que paguar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis que o guovernaua, scilicet, que pubricasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. E que poderia aver delles grande soma de dinheiro, os quaes são Ricos em demasia, prinçipalmente os que fugiram de castella que compraram E alcançaram muitos ofiçios apostolicos, E benefiçios em grande cantidade. çertamente muitas vezes ouvi dizer que tinha gibraleom mais de sessenta JgreJas curadas humas aneJas As outras, sendo sua estatua queimada em castela. E tinha muitos ofiçios apostolicos. muitos destes avia em grande maneira Ricos de ofiçios E benefiçios. quando elles viram a Jnquisição sobre si, a partido de dinheiro, E sendo terçeiro antre elles o cardeal daraguão, afirmauasse que lhe fizeram por seu trabalho çincoenta mil cruzados nas mãos. E o papa ouve mui grande soma de dinheiro. tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello. muito se falou que se ordenaua de deitar dizima a toda a clerizia. E embaixadores dos Reis erão conuidados E Requeridos com doçes palauras E promessas pera escreuerem aos Reis fauoreçendo o deseJo do papa. E a mostra disto era querer armar contra os turcos, assi que todalas maneiras de aquirir Riquezas se prouaua. E assi como os de fora viam *(f. 219r)* ser feitas estas cousas mui descubertas, descubertamente as praticauam nas praças.

Como os Romanos seençerraram com o pão, E mediçis mandou vir triguo de çezilia que bastou Roma.

Entrando a primeira vera no ano de 1517 nom fazendo o tempo mostra de bõas nouidades os Romanos seençerraram com suas tulhas E vendo o cardeal mediçis que nam aproueitaua mandados nem penas pera se dar, deu ordem como em breues dias veo de çezilia a Roma grande soma de triguo E çeuada, E mandou apreguoar que nenhum forneiro cozesse triguo Romanesco sob pena de morte em quanto durasse o de çezilia. E nisto se aproueitaram os cruzados que os Romanos perderam emençerrar seu pão, por que as nouidades acodiram bem. E o pão de Roma nam se tem passado o primeiro ano. E a esta causa se perdeo muito. tudo Jsto nam abastaua E muito mais pera sostentar a guerra. E por esta Rezão se começou de entender em criar tantos cardeaes Juntos como se adiante diraa.

Como tiraram de casa do cardeal de sena hum mercador que hi estaua acolhido por omezios.

Estando como hei dito o cardeal de sena em sanaçano veo a Roma hum honrrado E Rico mercador de constantinopla de nação Jtaliano. E por ser omeziado por Respeito dalguns seus parentes mandou o cardeal que estiuesse em sua casa. Ja tenho dito que as casas dos cardeaes valem ao que nom valem as JgreJas em Roma E tam Reuerençiadas são que nenhuma Justiça entra nellas a prender nenhum omeziado, de qualquer crime que seJa. mas nestes tempos nam se guardou a tal honrra A casa do cardeal. ca tendo o barachelo espia quando seus criados eram hidos polla çidade a seus neguoçios entrou em casa com muita Jente E leuou ho a prisão de torre de nona, do qual desacatamento o cardeal E os seus teueram muito sentimento. E nam hee de duuidar que se as cousas do cardeal nam soçederam com tantas adversidades E desaventuras, que o barachelo fora bem castiguado. Jsto aconteçeo no começo do verão. E esta E outras taes cousas amostrauão bem claro que a destroição do cardeal se deseJaua E tramaua.

Da prisão de marco antonio mestre de casa do cardeal de sena, E do doutor miçer sçipião E de miçer paulo seu secretario E de Lourenço soares

seu soliçitador, E de João bautista grão çulurgião

Ja o cardeal tinha seus neguoçios tam avante que el Rei carlo *(f. 219v)* ho mandaua Restituir a seu estado com quanto tinha por seu secreto aduersario o embaixador mosembique. E nam saberei dizer por que Rezão el Rei mandara avia poucos dias dom pero durea bispo de Regio seu embaixador a Roma. mas com tudo nam se tirou o carguo a mosem Jeronimo, E ambos se chamauam embaixadores. E estando os feitos do cardeal em tal estado, E o pouo espantado da descortezia feita a sua casa na tirada do mercador, o mesmo barachelo per mandado espeçial do papa, foi outra vez a casa do cardeal E prendeo marco antonio seu mestre de casa E ao doutor miçer sçipião primo de sua Reuerendissima senhoria, E a miçer paulo seu secretario, E a Lourenço soares seu soliçitador. E Juntos foram leuados A torre de nona onde os ospedaram com cruees tratos de corda, E outros asperos tormentos. E no mesmo tempo que estes foram em Roma presos prenderam em frorença hum çulurgião dos grandes ditalia chamado João bautista de virçely E foi trazido a Roma A mesma prisão de torre de nona, E aguasalhado com as mesmas Jguarias de tormentos que foram dados aos outros. este çulurgiam era grande seruidor do cardeal, acompanhauao como seu propio familiar. por ser tam exçelente em seu ofiçio E muito Rico E aventaJado de sua pessoa o cardeal o fauoreçia E honrraua muito. aJnda que pareça sahir fora do proposito direi duas notauees cousas que lhe vi fazer. estando em pratica A mesa do cardeal, disse que sabia compoer hum vinho de tal maneira que faria dormir com huma taça delle çertas oras a qualquer homem que o bebesse. foi Jsto esprementado em hum moço da estrebaria E a vista dos que eramos presentes lhe deu o vinho. E despois de o beber esteue o moço mui pouco espaço sem sahir de seu sentido. E duroulhe o sono as oras que o mestre dissera. a outra estando huma tarde de verão assentados em hum poyal A porta do cardeal, cheguou hum moço muito doente a pedirnos esmola. perguntoulhe João bautista que doença era a sua. Respondeo que de dor de pedra. o mestre olhando pera mjm disse, miçer Jacobo, queres que faça huma gualantaria neste moço em guareçer em continente.[?] eu lhe Respondi que faria seruiço a deus. E fello loguo tomar E leuar a huma das camaras do apousentamento das casas debaixo, E mandou o atar a hum leito. E bem aRematado dos que hi estauão ho abrio por antre as pernas E lhe tirou a pedra do tamanho de huma noz, a qual nos veo amostrar aos que estauamos de fora. E foi Jsto feito contra vontade do moço a que

nam aproueitou brados nem choros. fez loguo hum escrito pera os mordomos de hum esprital que ho Recolhessem *(f. 220r)* E dous familios ho leuaram assentado em huma cadeira. di a poucos dias o moço lhe tornou a Render graças pollo bem que lhe fizera são. E sem paixão alguma, tornando ao proposito, este mestre E os outros foram mui mal tratados na prisão, sendo per continos dias mui atormentados. verdadeiramente as cousas que do çeo são ordenadas nam se podem desuiar. sabendo o cardeal que seus criados erão metidos em prisões, nam sei que Juizo foi o seu E dos que o aconselharam que deram credito a seguranças E profertas do papa pera se vir outra vez meter em Roma.

Como o cardeal de sena veo
a segunda vez a Roma.

DeseJando o papa aver per qualquer via o cardeal As mãos lhe mandou breues de Real segurança com todalas clausolas que se dar podiam, posto que fosse conspiração contra o sumo pontifiçe, dando o sacro colegio por fiador, E os embaixadores de castela. quando se mais diligençia punha nestes tratos, os dauam mui ameude de corda aos sobreditos presos segundo despois contauam aquelles a quem deram as vidas. sendo o cardeal Jnoçente das culpas que por lhe tirar o estado E a vida lhe despois dauão. elle E todos seus amiguos que o aconselhauam enguanados destas seguridades, principalmente como hei dito que sua Jnoçençia ho asseguraua. sem olhar que os criados erão aJnda nas prisões Reteudos, sem poer diante si os mui grandes agrauos E desonrras que tinha Reçebido çeguado das amorosas palauras do papa de que Ja tam escramentado deuera de ser pola esperiençia das cousas passadas. conçedeo em todo o que lhe foi Requerido. E a xbiij dias de maio da era de 1517 no ano quinto do pontificado do papa a huma segunda feira, o cardeal se veo a Roma E sahirãno a Reçeber muitos perlados E grandes senhores E muitos priuados E parentes do papa E Romanos. E os criados de sua Reuerendissima senhoria que naquelle tempo aconteçeo estarmos em Roma o fomos Jsso mesmo Reçeber, estando fora da porta maior por onde avia dentrar, Ja que toda a Jente cheguaua A porta. huma manada de bufalos sahia da çidade pera fora. E de tal maneira embaraçaram a entrada que nam avia Remedio pera os tirar da porta nem fazelos Retirar atras nem hir adiante. assi que

poserom por bom espaço embaraço A entrada do cardeal, hum Romano que era grande seu seruidor grande letrado E prinçipal çidadão me disse naquelle Jnstante *(f. 220v)* çertamente sua Reuerendissima senhoria deuia ter por mao sinal E triste aguoiro achar estes bufalos A entrada de Roma de tal maneira embaraçandolhe o caminho. eu me Ry daquillo por que são homens que crem muito nestes aguoiros tendo aJnda Reliquias dos Jentios. entrando o cardeal na çidade passados os desertos cheguando ao pouoado erão todalas Ruas cheas de homens E de molheres que ho sahião a ver como a homem que vinha de sua propia vontade padeçer morte. E de todos nam avia pessoa que nam amostrasse tristeza com sua vinda por que de todos era bem quisto, E a todos pesaua com sua perdição, mas o cardeal amostraua a huns E a outros mui alegre sembrante saudando os com doçes palauras. E cheguando a seus paços hindo eu adiante delle per huma sala me pos a mão no ombro E me perguntou que se dizia de sua vinda a Roma. eu lhe Respondi que o pareçer de todos os que deseJauão seu seruiço, era que sua Reuerendissima senhoria avia feito grande erro em vir a Roma. Respondeo que os que aquillo diziam nom sabiam as cousas como passauam. E entrando na camara, o Romano que hei dito o apartou, E lhe disse que nam fosse ao sacro palaçio E que se deuia loguo tornar, por que seria preso, que se posesse em saluo. destes avisos lhe foram muitos dados antes que abalasse de Janaçano, mas as grandes seguridades do papa E ser Jnoçente da culpa que lhe punhão o fizeram via a Reçeber morte. a bastar deuera pera se nam fiar de nenhuns prometimentos o Jardim que lhe tomou, E as pousadas do sacro palaçio, despois neguarlhe a Jda de sena onde tantos guastos erão feitos pera seu Reçebimento, depois tomarlhe bolsena, E a mesma çidade de sena lançando a elle E aos Jrmãos fora.

Como o cardeal saule E o cardeal de sena foram presos E leuados aos castelo de santoangelo.

No dia seguinte que foi terça feira querendosse o cardeal assentar a comer pera se loguo hir pera o papa, huma molher entrou na antecamara do cardeal a grão pressa E disse ao veador que queria dizer a sua senhoria çertas cousas que lhe Releuauam muito. o veador lho foi dizer, E o cardeal a mandou entrar em sua camara. a molher lhe disse que estando ella em sua casa, hum homem da guarda do papa foi pedir armas

emprestadas a seu namorado que tambem era da guarda. E que o amiguo della lhe perguntara pera que queria as armas, E o outro lhe Respondeo como nam sabes tu que avemos oJe de prender o cardeal de sena, E que então lhe contara como ho mandaua *(f. 221r)* prender o papa. E que ella estaua em parte onde ouvira tudo. E por ser senesa E da criação de seu pai, lhe vinha dar aviso que em nenhuma maneira fosse ao paço do papa, atee ser bem enformado do que passaua. nam ficou o cardeal pouco toruado com estas nouas E posto que com elle comiam grandes senhores nam pode tanto dissymular sua dor que claramente todos ho nam entendessem E assentandosse A mesa, nam esteue muito que se nam aleuantasse deixando os ospedes comendo, E entraua na camara E tornaua os a visitar sem se assentar pedindolhes perdão que tinha que fazer. E bem amostraua andar como homem mui acupado de paixão. E Ja tinha mandado o veador ao paço do papa por que era parente de miçer siluio datairo que fosse ver E espreitar se avia laa alguma mudança ou aluoroço. em quanto o veador hia, o cardeal se deteue falando com aquelles senhores que com elle estauam, mas o messageiro tardou tanto que passaua a ora de caualguar. cheguandosse a fim do cardeal, E por que nam trazia consiguo naquelle Jnstante os seus bispos familiares nem tantos capelães que o acompanhassem na voda, o cardeal adriano que era seu vezinho E grande amiguo mandou todolos seus que o fossem acompanhar. E poendosse a caualo diante da porta por que assi hee husança antes que os cardeaes sayam com os moços destribeira dos quaes quatro leuam varas pintadas nas mãos com as armas dos cardeaes, quando o cardeal vio os bispos E tantos honrrados homens que o estauam esperando mandou que todos caualguassemos E sua senhoria fez ho mesmo por que era cheo de toda cortezia, avendo que a nam fazia em deixalos assi estar esperando. E com quanto avia muito tempo que o messageiro era ido. nam vinha com Recado nem apareçeo em quanto fomos por Roma. E passada a ponte de santo angelo Jndo Ja polla Rua alexandrina, heis o mal aventurado veador a gram pressa. E cheguandosse ao cardeal disselhe que era preso se senam tornaua. com esta noua o cardeal se deteue E olhou pera tras E vio a ponte chea toda de Jente armada. E todalas portas do burguo era Jsso mesmo guardadas. E forçado da neçessidade seguio seu caminho ata o sacro paço onde o estauam esperando os cardeaes saule E cornaro que foram os fiadores prinçipaes que o papa deu pera o fazerem tornar a Roma. entrado o cardeal na camara do papa onde achou os sobreditos cardeaes nam tardou muito que da camara onde o papa estaua Recolhido sahio a elles o conde anibal capitão da sua guarda da Jente *(f. 221v)* de caualo. E disse ao cardeal de sena que sua santidade

mandaua que fosse ao castelo de santo angelo. E loguo disse ao cardeal saule outro tanto. veJa vossa Jlustrissima senhoria que aluiçaras mereçia o portador de tal noua, a qual o cardeal de sena sofreo com alguma paçiençia mas o cardeal saule salteado de cousa que nam cuidaua se aluoraçou muito E Repricando ao capitão que visse se se enguanaua, ou nam entendera bem sua santidade. vendo que todavia se afirmaua no que dissera fez hir dentro ao papa o cardeal cornaro pedindolhe por merçe que fosse saber de Sua Santidade se dera tal comissão ao conde E cornaro entrou pera dentro mostrando espanto no que via sendo elle hum dos que ho venderam. E loguo tornou fora E disse que Sua Santidade queria que ambos se fossem ao castelo. E aleuantandosse os dous cardeaes se foram pollo muro secreto que vai do paço ao castelo em companhia do conde E doutra Jente armada. E entraram no castelo onde lhes tinhão Ja aparelhadas pousadas. huma apartada da outra de maneira que se nam podessem mais ver nem falar. E assi foi que aquella foi a derradeira em que se ambos viram. ouvi afirmar que quando o cardeal de sena cheguou A porta de sua prisão que miçer dominico sota castelão que fora seu mestre de casa, E cabdetario, querendosse o cardeal deter pera dizer algumas cousas ao conde E aos de sua companhia que dissessem ao papa, lhe dissera com sanha que entrasse na prisão, quasi pondolhe as mãos, que nam era tempo destar em palauras. E que o cardeal olhou como fez christo a malco Reçebendo delle tam grande ofensa. E Respondeolhe deuiate lembrar que foste meu mestre de casa E condatario, E que tens Reçebido de mjm muitas honrras E merçes. E entrando o cardeal na prisão, o cruel criado çerrou a porta com grande Jmpeto sem mais Responder. nam se aRependeo este como sam pedro antes foi obstinado atee fim como Judas. este ouve o bispado de soana quando se fez a Repartição dos beneficios do cardeal depois de sua morte pollos oficiaes da Justiça que condenaram a elle E aos outros. E ficou castelão despois que o bispo petruche foi cardeal E tirano de sena. Este foi o que a todos teue em prisão E que os pior trataua por comprazer ao bispo por que fora primeiro seu criado E elle o dera ao cardeal. E em quanto o bispo foi mestre de casa de sua Reuerendissima senhoria, este era sotamestre. E despois ficou no ofiçio em seu luguar.

Como foi preso E morto o capitão pouco entesta,

E as fazendas dos cardeaes presos tomadas.

Em quanto leuauam os cardeaes presos pollo muro ao castello sahio Jente armada As camaras de fora onde estauam aguardando *(f. 222r)* como hee custume os criados dos cardeaes. E vinhão com elles criados do bispo petruche que amostrauão os que se aviam de prender E posto que ali estauão criados do cardeal saule, nam prenderam senam os de sena. E o prinçipal foi o capitão pouco entesta pessoa singular E que avia sido capitão da senhoria de sena xxb anos E a mandara A sua vontade com o fauor de pandolfo, tendo sempre o capitão sua parte fielmente. este viera tambem sobre seguro do papa. era pera marauilhar o derramar das ovelhas, ferido o pastor. cada hum nam era seguro no luguar onde se achaua por que todolos dias prendiam os que cuidauam ser esqueçidos E se achauam sem nenhuma culpa E nam entendiam nos outros senam nos criados do cardeal de sena por que estas cousas se tratauam todas per conselho E ordenança do bispo petruche pera apaguar o bando do cardeal, pera elle ficar tirano mais sem contraste. leuados A torre de nona foranlhe dados muitos tormentos. E aos xbj dias do mes de Julho da dita era de xbij, o capitão pouco entesta amanheçeo enforcado de huma amea da prisão. pendendo sobre a Rua pubrica onde esteue atee a tarde vestido hum gibão de çetim negro E calças de grãa, capatos de veludo negro E na cabeça huma guorra de veludo, E hum escato nos pees que dizia que Sua Santidade o mandara enforcar, por que conspirara com outros pera o matar. foi tirado A tarde E leuado ao campo santo. como os cardeaes foram presos, no mesmo dia mandou o papa a casa de sena, E toda a prata, Joias, tapeçaria, alfaias, E ornamentos de casa, E todolos estormentos, scilicet, violas darco, alaudes, cravicordios E orguãos de pao, E outros estormentos que sua Reuerendissima senhoria tinha, muitos E mui perfeitos, lhe mandou tomar E Repartir por seus parentes. E todolos caualos prezados que vençiam os paleos, cursicres E ginetes se tomaram. E o cardeal çibo sobrinho do papa ouve os barbaros. acharanlhe soomente noueçentas liuras de prata laurada que são mil iij^{c} L^{ta} marcos [.] de çertas cousas destas desposaram loguo as casas. E as outras entreguaram per escrito a çertos seruidores do cardeal que deram dellas conta quando lhe foi pedida que nam tardou muito tempo dando luguar que todauia dessem de comer aos criados. as mesmas diligençias fizeram na casa do cardeal saule. no dia da prisão dos cardeaes os embaixadores de castela E muitos outros cardeaes se foram pera o papa. E o bispo dom pero durea vendo preso o cardeal sobre seguro E sendo da ligua despanha, disse ao papa tão asperas palauras E Reprensões que todos estauam

espantados, dizendo que nom era de summo pontifiçe quebrar sua fee E palaura com outras Reprensões mui grandes E ousadamente ditas E a brados que se ouviam de foora. a todas estas cousas o papa Respondia palauras brandas E mansas, E o *(f. 222v)* cardeal mediçis disse – bispo como falaes assi ousado a Sua Santidade nam sabeis que sois seu subdito. Respondeo o bispo que falaua o que deuia, E que o mal que lhe o papa podia fazer, era tirarlhe o capelo. que o tomasse que nenhuma cousa estimaua a Respeito do seruiço del Rei seu senhor. em todos estes debates nunca mosembique falou huma soo palaura nem o senhor decarpe embaixador do emperador. Idos pera suas casas, mosembique se tornou loguo pera o papa E estiueram ambos grande parte do dia E da noite falando em secreto. o que falaram nam se sabe, mas presumesse que o trato era dar a morte a estes cardeaes por lhe fazer o papa seu Jrmão cardeal. Ó mal aventurado conselho. os cardeaes todos Juntos foram muitas vezes suplicar pollos presos E nom çessaua cada dia de se aJuntar huns com os outros buscando maneira pera os tirar da prisão, mas pouco aproueitou, ca o dano era cada dia maior.

Como o cardeal são Jorge foi preso E leuado ao castelo.

Andando os cardeaes nestes neguoçios, A sesta feira vespera da vespera de santo sprito entrando em consistorio, o papa se apartou com o cardeal são Jorge E com mediçis em huma camara secreta, E trauou com elles pratica em que passaram algum espaço E fingindo o papa que sahia fora a outra cousa. disse a são Jorge que ficasse falando com mediçis que loguo tornaua. E foisse pera os cardeaes que estauam Juntos a fazer seu consistorio. E posto que se os cardeaes foram nam curou de tornar pera o cardeal. tardou o papa tanto que era Ja mui tarde de maneira que são Jorge começou dentender o caso, E afrigindosse da estada. mediçis lhe notificou sua prisão confortando o muito. loguo foi metido na camara de sarapita camareiro secreto do papa. E deixaram com elle pera o seruir hum soo camareiro muito seu priuado chamado Julião. a voz E espanto que foi em Roma de sua prisão nam hee cousa de crer. ca este era a segunda pessoa depois do papa. ca era camaralenguo da see apostolica que hee o moor ofiçio de todos. trazia mui grande casa, E Jente mui Rica E luzida. acompanhanão xbij patriarchas, arçebispos, E bispos, E outros muitos abades bentos geraes, E protonotairos, abreuiadores do paço maior E menor, escritores

apostolicos, E outros muitos ofiçiaes de curia Romana que o despois aJudaram a Redemir, emprestandolhe grande soma de cruzados. tanto que foi preso mandou o papa a sua casa fazer a mesma diligençia de sua fazenda que fez nas dos outros presos. acharanlhe quatro mil liuras de prata laurada que são seis mil marcos os outros conçertos de casa nam tinham estima por que era homem de grande Renda E avia Riiij anos que era cardeal. E fora padrinho do papa de bautismo achandosse em frorença *(f. 223r)* em vida de Lourenço de mediçis seu pai. das suas Reaes casas direi em outra parte. esteue assi sam Jorge nos paços na sobredita camara sendo Resguatado com esperanças que paguando çerto numero de ducados o soltariam. naquelles oito dias paguou alem da prata que lhe tomaram xbiij mil ducados, mas tam pouco lhe aproueitaram por que em fim foi leuado ao castelo. E quando lhe foi dito que o papa o mandaua a prisão, cahio amorteçido sobre a cadeira em que estaua assentado. E daquella maneira o leuaram em colos domens A prisão.

Como o papa mandou proçeder contra os cardeaes. E como foram condenados E priuados das dinidades, E de quanto tinhão.

Loguo o papa mandou a hum bispo que então era guovernador de Roma de nação piamontes E mui prudente que fosse examinar os cardeaes presos. este bispo avia poucos dias que fizera Jmprimir hum tratado que composera de amiçiçia E Justiça. E pareçendolhe contrairo o que lhe Sua Santidade mandaua fazer ao que tinha escrito, Renunçiou o ofiçio, E espediosse do papa, E partiosse pera sua terra sem mais esperar dizendo que elle nam açertara o ofiçio pera nam fazer Justiça que bem sabia que os cardeaes erão presos contra Rezão. ficou em seu luguar hum Jtaliano que era seu ouvidor E loguo tenente. homem Jnteressal, cruel, E de maos Respeitos. a este foi dado carguo do exame dos Reuerendissimos cardeaes o qual os ameaçou com tormentos cheguando com elles a estremo de lhe atar as mãos atras pera lhes dar tratos de corda. E dissesse que cada hum delles vendo sua pessoa posta em tal estremo, prinçipalmente o cardeal de sena disseram aos que os queriam atormentar que nom curassem de lhes dar tormento que escreuessem o que quisessem que elles assinariam todo por que nam erão homens a que se desse tormento que Jnda que nam

confessassem ouvessem de soltar. erão presentes com o loguo tenente do guovernador neste exame o fiscal E dous notairos E outros. tanto que os proçessos foram feitos, E assinados mandou o papa Jntimar consistorio pubrico huma segunda feira vespera da vespera de sam João bautista no qual foram sentençiados despostos E priuados dos capelos E dinidades de cardeaes E de todos seus benefiçios E perlazias, ficando leiguos absolutamente condenados a pena capital, dizendo que aviam conspirado conta o summo pontifiçe. no dia de são João forão *(f. 223v)* leuados As gualees pera sempre sçipião primo do cardeal de sena, E miçer bernardo seu camareiro E outros dous seus criados tendo padeçido Ja muitos tormentos de tratos de pollee.

Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes

E do que se dizia E fazia per Roma.

A sesta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, antre os quaes foi criado cardeal o Jfante dom afonso filho legitimo del Rei dom manuel primeiro deste nome Rei de portugual. antre os outros nomearei alguns. delles conheçi Ricos, E delles tam pobres que quando alcançauam Reção de tinello que os satisfizessem se aviam por bem contentes. E estes erão os parentes do papa que eu conheçi sendo elle cardeal E tam pobre como Ja disse. deixo santiquatro, aJnda que este era algum tanto mais Rico por ser Ja datario do papa Jullio. deixo bernardo de bibiano [.] deixo çibo. deixo mediçis, os quaes eram tam pobres como Ja tenho dito. mas nesta enleição foi luis de Roxas com outros seus parentes, tam pobres de Renda, letras, Jdade, E autoridade que se nam podia mais dizer. tres frades geraes. o de sancto agustinho, o de são dominguos, ambos mui grandes teologuos. E dos obseruantes françiscos – Jacobaes Romão, E campeJo auditores da Rota [.] o senhor franchote Vrsino. dos coluneses o bispo Jrmão do prospero coluna, E o bispo de lauala sobrinho, o sobrinho do senhor sam Jorge çesarino alferez de Roma. os mais destes E dos outros cardeaes que nam nomeo compraram os capelos por grande numero de cruzados que se despenderam em breues dias na guerra dorbino. no dia que os cardeaes nouos ouveram os barretes comeram com Sua Santidade, E os velhos pollos honrrar. era Ja quasi noite quando sahiram do paço era cousa fermosa de ver tantos cardeaes E tanta Jente tam Rica E luzida que os acompanhauam. o castelo de santo

angelo E todalas torres E casas prinçipaes da çidade pareçiam arder com a multidão das luminarias E fogos que se faziam. ca todos honrrauão E festeJauão aos que seruiam E deseJauam seruir. foi cousa marauilhosa que sahidos assi Juntos do sacro paço começou de troar tam grandemente E RelampadeJar que pareçia de dia, E que o çeo se partia [.] cahiram dentro na çidade tres Raios em luguares que fizeram dano, prinçipalmente em santa maria traspontina que hee no prinçipio da Rua alexandrina da parte do castelo de santo angelo [.] deu hum Raio em huma Jmagem de nossa senhora que estaa sobre a porta da JgreJa metida na parede *(f. 224r)* de mui Resprandeçente marmor. E fendeo o Raio a parede, E o capitel – leuou o menino acarão do colo da Jmagem, o qual se dizia nam ser mais visto nem achado. E Jsto aconteçeo sendo Ja os cardeaes sahidos do sacro paço entrando polla mesma Rua. o qual Rayo causou que o pouo murmurasse. nom faltou quem sobre estes trouões E Rayos fizesse muitos versos E epitafios que fixaram per muitos cantos de Roma. E por que o menino Jesu nam foi achado, antre os outros que por escusar proluxidade nam escreuo, se fez hum nesta forma – scariote vendidit me, alexander vendidit me, leo Jnstat, vale Roma quiavado ad celum. estando eu olhando estas nouas festas de tantas mudanças pompas E vaidades deste transitorio siglo com tanto prazer E tristeza que mais nam podia ser por nam ver naquella companhia o Reuerendissimo cardeal de sena, dixe a hum velho muito honrrado, que vos pareçe senhor – os çeos se alegram com as festas que oJe se fazem na terra. E elle com grande sanha me Respondeo – filho mas antes me pareçe que deus estaa Jndinado pollo que qua se faz, E por Jsso o çeo mostra estes sinaes de querer aRuinar a terra.

Como foram Justiçados marco antonio, E João bautista.

O sabado seguinte foram metidos em huma carreta leuados E Justiçados per toda Roma marco antonio mestre de casa do cardeal de sena E o çulurgião João bautista de vergeli, sendo cruelmente tanazados despois enforcados E esquartizados a ponte de santo angelo. E tambem foi trazido na carreta com elles miçer paulo secretario do cardeal. mas este foi mandado As gualees. estas Justiças foram feitas em luguar onde

as bem podia ver o cardeal da prisão. bem se deue presumir quam afrigido estaria seu esprito vendo seus criados padeçer tam cruees tormentos.

Como o cardeal de sena foi ençerrado onde nunca mais foi visto. E de como ao seu mestre de casa foi defeso que lhe nam leuassem mais de comer.

Quando estes mal afortunados cardeaes foram metidos nas prisoens deram a cada hum delles hum soo seruidor que os seruisse E acompanhasse. E algumas poucas vezes se consentia que alguns seus criados lhes fossem falar. neste dia a ora de terça antes que fossem Justiçados os sobreditos, marçelo camareiro do cardeal de sena esteue com sua Reuerendissima senhoria. E per elle nos mandou encomendas nomeando cada hum per seu nome confortandonos que nos alegrassemos E tiuessemos bom animo que çedo seria liure das prisões, mandando ao mestre de casa que fizesse de sorte que nam faleçesse a abastança no comer E guoverno de sua casa E pera Jsso se vendesse todo o que comprisse mas nam foi assi como elle cuidaua, ca loguo ao dominguo ho meteram em tal luguar onde nunca mais foi visto. E foi dito *(f. 224v)* a seu mestre de casa que lhe nam leuassem mais de comer. E o paJe foi despedido, E o cardeal ficou soo. assi feneçeo seus ternos dias o Reuerendissimo alfonso petruche cardeal de sena – titolo santo teodoro. de que maneira lhe deram a morte nam se afirmaua. ca huns diziam que o afoguaram, outros que o mataram a ferro, outros que lhe tiraram ho comer, E que disso E da humidade da casa morrera, outros que de peçonha. mas os de mais opinião erão que lhe deram guarrote E que naquella mesma noite foi visto leuar hum homem por çertos homens da guarda do castelo a campo santo que hee loguo Junto de sam pero. E que leuaua calças de grãa, çapatos de veludo, gibão de çetim negro. presumesse ser este o cardeal. moReo de Jdade de xxb anos E meo. fora criado cardeal sendo de idade de dezanoue anos. E de grão corpo E mui fermoso E de bom Juizo E saber. E de Reaes Respeitos, cuJa morte E triste fim deu muito sentimento em Roma.

Como o papa pedia L^{ta} mil cruzados

pollo cardeal saule. E de sua morte.

Em quanto as sobreditas cousas passauam, avia tratos antre os Jrmãos do cardeal saule, E o papa. pedia Sua Santidade pollo soltar E o Restituir ao capello E Rendas çincoenta mil cruzados. elles lhe dauam no prinçipio destes conçertos xxb mil. E que quando o cardeal de sena foi ençerrado, saule adoeçeo de febres. tiueram os Jrmãos por çerto que fora peçonha, E disseram que o nam aviam de Resguatar pois lho dauam morto. E desta maneira se desacordaram. contudo mandou o papa que dessem luguar pera sahir da prisão E passeasse pollo castelo. ao tempo de minha partida que foi aos xj dias do mes de setembro da dita era de 1517, as cousas do cardeal ficauam em tal estado. tanto que fui em portugual me screueram que moRera daquella Jnfirmidade çertificando ser peçonha.

Do grande Resguate do cardeal

são Jorge, E de sua morte.

Por ser o cardeal são Jorge grande senhor E mui Rico foi depositada E conseruada sua vida naquelles dias, por que se esperaua aver delle mui grande Resguate. alguns diziam que todauia moRera se nam fora a diuisão que a desordenada cobiça de lhe averem as casas E o ofiçio de camaralenguo causara antre mediçis, E madoma madalena mãj de çibo E Jrmãa do papa. E que o cardeal mediçis Requereo por elle, por que sendo morto esperaua aver as suas casas que são das boas que se sabem aver na cristandade E tambem o ofiçio de camaralenguo ho estoruaua [.] madoma madalena que tinha o mesmo Requerimento pera seu filho o cardeal çibo E sendo mediçis descontente disto vendo que lhe nam era conçedido, por que çibo ficasse valdio [,] Requereo ao papa a Restituição de são Jorge a seu pristino estado. E Sua Santidade ho fez assi, com tanto que *(f. 225r)* paguasse çento E çincoenta mil cruzados, os quaes lhe foram emprestados. E paguou loguo. E que desse fiança de duzentos mil cruzados a nom sahir da çidade ou villa que lhe dessem por prisão. E que nam tiuesse voz em consistorio autiua nem passiua. E com estas condições foi Restituido ao capelo E a sua Renda. E da prata E do que lhe tomaram de sua casa nunca mais ouve nada. tomaramlhe as tres frontanas que são Junto de Roma, E

Rendem tres mil cruzados. E com esta abadia lhe tomaram outras de mui bõa Renda. assi que nos benefiçios E na fazenda nam lhe deram nenhum perdão. ao tempo de minha partida ficaua Ja em sua casa, mas nam hia a consistorio. E todavia nam perdia a autoridade de seu grande estado. sendo eu curioso de saber a fim destes males, ao tempo de minha partida de Roma Roguei a alguns cortesãos meus amiguos que me escreuessem o que adiante passasse. E antre outras cousas me screueram que sam Jorge morrera em napoles onde fora fugido de Roma com presunção que lhe deram peçonha em napolles. E per sua morte ouve todavia mediçis suas casas E o ofiçio de camaralenguo que hee o maior de todolos de curia Romana.

Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos.

A quarta feira seguinte que foi o primeiro dia do mes de Julho publicaram por cardeaes os que nouamente erão feitos. E lhes deram os barretes. E loguo A sesta feira que foram tres dias do dito mes, lhes deram os capellos. neste dia assi os nouos como os velhos foram comer com mediçis que avia pouco que era viçe chançaler. E foi o convite nas casas da chançelaria. quem estas cousas vio E as bem considerar, veraa aos olhos abertos quam bulrrosas são as pompas E estado deste mundo. que maiores exemplos se podem dar aos grandes prinçepes que estas cousas que aqui escreuo. os fauores que fortuna daa nam sam destimar. vi os criados dos cardeaes presos sahirem cardeaes, E os senhores despostos. os criados alegres honrrados E aleuantados a grandes estados, E os senhores tristes E desonrrados atormentados E de todo cahidos [.] quem entenderaa estas danças. quem teraa confiança E seguridade de cousa que veJa nesta trabalhosa peregrinação. quatro bispos criados de são Jorge foram ali cardeaes, E de sena o bispo petruche, de saule dous familiares bispos. E elles estauam encerrados como dito hee. assi que as dinidades E estados dos senhores se converteram nos criados E familiares. hee cousa de maravilhar aconteçer tudo Jsto em hum Jnstante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim. *(f. 225v)*

Do que se dizia per Roma açerqua

da priuação E destroição dos tres cardeaes.

A Rezão que se dizia por que o papa destrohio estes tres cardeaes Jaa tenho dito, porem outra vez diguo que quanto ao de sena foi com desordenada cobiça de aver pera sy, ou pera algum seu parente, prinçipalmente o manifico Lourenço o estado da senhoria de sena, E vinguar a antigua Jmizade que antre os frorentinos E os seneses avia. o que se nam podia fazer assi leuemente sem matar primeiro ao cardeal, sobre o qual pendia toda a Restituição contra o papa pera vir a efeito seu proposito. grandes murmurações avia em Roma dizendo que era de espantar como prenderam os criados do cardeal de sena, E nam prenderam nenhum criado dos outros cardeaes, polla qual Rezão condenauam ao bispo petruche que fora tredor a seu senhor, sendo por sua Jndustria preso E condenado com seus criados A morte. por que nam era de presumir que se os criados de sena erão sabedores desta conJuração, nam fossem tambem partiçipantes alguns criados dos outros cardeaes em que se elles fiassem como diziam que sena fazia dos seus. outra culpa manifesta que os bispados [,] abadias, E ofiçios do cardeal de sena deram ao sobredito loguo tenente de guovernador, ao enqueredor, ao fiscal, aos notairos, ao sota castelão miçer menico, E o mesmo bispo petruche que Ja era cardeal. estas cousas dauam materia que o pouo murmurasse larguamente, por serem feitas mui descubertas. diziasse que a pedição do cardeal saule se aleuantara por que seus parentes E Jrmãos socorreram com muito dinheiro a françisco maria duque dorbino nas guerras que entam tinha com o papa. a Rezão do cardeal sam Jorge era Ja muito velha. do tempo que françisco saluiati arçebispo de pisa o leuou a frorença sendo Ja cardeal E muito moço. E estando o cardeal na JgreJa maior com grande aparato E honrra que lhe fora feita ouvindo missa com Lourenço E Julião de mediçis tiranos daquella çidade, o bispo se foi ao paço dos senhores frorentins, deixando ordenado que hum françisco de paçy em querendo o saçerdote consumir o corpo de nosso senhor Jesu christo matasse Lourenço E Juliano. a qual treição foi posta por obra. ca deu ao Julião taes feridas que loguo morreo E o Lourenço foi mui mal ferido, mas viueo. Este Lourenço foi pai do papa lião. o bispo se ouve tam mal que foi tomado com dioguo de paçis – outro caualeiro que leuara pera matar os do senado. E foram loguo enforcados das Janelas dos paços da senhoria. E françisco de paçis que matara E ferira Lourenço E Juliano foi Jsso mesmo tomado E enforcado com outros muitos seus secazes. E o cardeal foi preso correndo grande Risco de ser

enforcado. E achandoo que nam era culpado despois destar Retendo na camara do confoloneiro da Justiça no paço pubrico per espaço de hum mes, o deixaram hir em paz. despois o papa sisto tio de sam Jorge proçedeo contra Lourenço de mediçis, E pos antredito em frança, E moueolhe guerra *(f. 226r)* cruel, em que os frorentins padeçeram grandes perdas, Roubos, forças, E desonrras de molheres. o qual foguo assi aleuantado durou ataa estes tempos que se pode tomar tam fea vinguança, avendo mais de corenta anos que estas cousas passaram, E que sam Jorge era cardeal. E por que estas cousas se diziam por Roma tam soltas as escreuo aqui. ca se tinham por mais çertas que a conspiração por cuJa cor foram mal tratados E mortos. atras Jsto se enxeria o Rifão das velhas – cria o coruo (?), os que o criaram E sobiram ao pontificado, esses destrohio E matou mal. Ja neste tempo o cardeal daraguão era ido a alemanha fingindo hir ver el Rey carlo. o cardeal de ferrara, o dos soiços, E o de mantua se aviam ido de Roma muitos dias avia. E despois da prisão dos cardeaes fugiram de Roma os cardeaes adriano, E vlteria, assi que de tal maneira andaua conçertado o sacro colegio com as calamidades E tribulações Jaa ditas.

Do que o papa fazia neste tempo. E do que aconteçeo nos paços de monte Jordam.

O papa assi polla guerra dorbino na qual tinha perdido muita Jente E guastados muitos milhares de cruzados, como polla prisão E priuação dos cardeaes, estaua Recolhido a seu paço sem sahir fora A caça, E a solazarse como dantes tinha por custume, nem curaua de Jograes, nem de Risos, nem de musicas. por çerto nam sei quem possa Julguar taes estremos. ca sendo cardeal, E mais pobre que todolos do colegio, suas musicas, caças E folguares erão continuo em sua casa, soportando sua vida com assaz miseria E trabalho. E sobido ao sumo pontificado nam se assegurar na sua grandissima çidade de Roma, E apenas se achar seguroençerrado nos seus sacros paços. E o tam altissimo estado E tam grandes Riquezas lhe tiraram o descanso, Repouso E prazer que tinha no tempo de sua pobreza. assi que nesta miserauel vida quanto mais E maiores estados E honrras alcançamos, mores trabalhos temos. estando o papa assi afrigido, dous castelhanos fidalguos E de boa Renda familiares dos cardeal são Jorge, hum chamado alonso carrilho, E outro João de Robres,

ouveram Rezões. E João de Robres sentindosse das palauras dalonso carrilho, lhe mandou dar pancadas Jndo em mula com companhia desaperçebida. E por ser feito publico temendo João de Robres o Retorno se foi pera o cardeal vrsino que pousaua nos paços de monte Jordam, que são mui grandes E de muitos apousentamentos. E o cardeal por elle ser pesoa mui honrrada o Reçebeo em sua guarda E lhe deu camara *(f. 226v)* dentro nos paços. E em parte que lhe pareçia estar bem seguro de seus Jmiguos, mas nam lhe aconteçeo assi, que os Jmiguos quiseram mais poer em aventura suas vidas, que soportar longuo tempo desonrra. E huma manhãa em se abrindo as portas, hum mançebo bem desposto chamado alarcão sobrinho dalonso caRilho com outros dous castelhanos, entraram pollos paços em traJos dissimulados a tempo que se aleuantauam os ofiçiaes de casa E cheguaram A porta da camara de João de Robres, E hum moço que leuauam consiguo chamou dizendo que trazia çertas camisas que lhes mandaua a lauandeira. tinha João de Robres consiguo na camara quatro homens seus criados que dormiam Junto da sua cama, E hum se aleuantou, E abrindo a porta pera tomar a Roupa, alarcão com seus companheiros forçando a porta entraram dento na camara, E os criados de João de Robres querendo defender seu senhor, foram tres delles mortos E o quarto saltou no pateo per huma Janella depois de ser bem ferido. E os outros mortos com seu senhor. ca nelles nam ouve muita Resistençia por estarem em camisa. este João de Robres era homem velho E alarcão tanto que entrou na camara se foi A cama onde Jazia E ho matou com huma adagua. E acodio aos companheiros que andauam As cutiladas com os criados, mas foi tam em breue a partida que alarcão E os companheiros se sahiram da camara sem ferida alguma, passando por outras camaras E salas com as espadas nuas nas mãos, chamando vrso, vrso, que hee o apelido dos vrsinos. E achauam os de casa, huns em camisa que acodiam ao Rumor, outros mal vestidos E calçandosse que ouvindo chamar vrso, os deixauam passar, assi que se poderam sahir fora a seu saluo. foi tido Jsto por grande façanha por ser dentro dos paços nos quaes pousaua o cardeal com toda sua familia E o arçebispo vrsino E outros dous senhores vrsinos com todolos seus. por que os paços são de quatro quartos. E em cada quarto haa grandes apousentamentos. E mormente por que em todo o bairro de monte Jordão que hee do mais pouoado de Roma, se algum ofende a cousa vrsina nom poode escapar E por esta causa se teue a grande ousadia o que estes cometeram, E a gram ventura poderem escapar. contei aqui esta estoria, por que sendo o papa sabedor de como este caso passaua, aleuantando as mãos ao çeo disse, deus me guarde despanhoes.

Como françisco maria seguindo sua ventura foi

assentar seu exerçito nos confins de sena E frorença.

E da maneira que o papa teue pera se os espanhoes

apartar delle.

Era tam avante françisco maria com suas vitorias que depois *(f. 227r)* de cobrado seu estado se veo assentar nos confins de sena E de frorença com entenção de meter huma destas çidades a saco por que ambas estauam da mão do papa com senhos cardeaes leguados dentro. ca mediçis se foi a frorença, E petruche estaua em sena. E ambas estas çidades estauão com grande temor de ser saqueadas. E vendosse o papa em tal estremo, sendo mosembique medianeiro, acabou com el Rei carlo que mandasse sob grandes penas aos espanhoes que erão com o duque que se fossem pera o Reino de napole. ca ao tempo de minha partida ficauão em Roma dous capitães espanhoes que vieram per mandado do embaixador sob cor de tratar pazes antre o papa E o duque. E foy a fim destes neguoçios que os espanhoes per espeçial mandado del Rei carlo se foram pera o Reino de napole. E por estas cousas mal E deslealmente feitas alcançou mosembique que seu Jrmão fosse cardeal. ficando as cousas neste estado eu me parti de Roma a onze dias do mes de setembro da dita era de 1517 anos. E embarquei em çiuita velha, E querendo tomar porto em valença nos ouveramos de perder por huma grande tormenta que naquella noite foi no mar E na terra que deRibou na çidade muitas casas, prinçipalmente nel graao. tomamos porto em alicante, despois em malegua, despois em calix, onde estiue alguns dias esperando passagem pera lixboa. E sendo outra vez metido no mar, nom podendo dobrar o cabo de sam viçente me sahi em sagres E vim por terra a lixboa onde Jachei a nao. E dali me vim a almeirim onde vossa Jlustrissima senhoria estaua com el Rei dom manuel seu tio, beiJar suas Reaes mãos.

Deo gratias *(f. 227v)*

3. Lista dos títulos dos capítulos[21]

De çezilia E da JgreJa de monRical E de napole.

De capua de puçol e do sitio do guarelhano.

Das cousas em que se os cardeaes fundarom pera convocar conçilio contra o papa.

Como o cardeal sam seuerino foi a Bolonha por leguado E leuantou o antredito que o papa pos.

Como o papa mandou nunçios aos Reis cristãos E priuou os cardeaes çismaticos.

Da doença do papa. E do que se em Roma fazia. E da morte do cardeal Regina.

Como o papa foi são E da ligua que fez.

Reposta del Rei de castella a qual Representou dom valeriano de villa que era bispo douedo, em presença del Rei E de sua corte.

Como foi o carguo de capitão da JgreJa dado ao duque de termenes E de sua morte.

Co[mo] pero nauarro tomou a bastida, E o duque foi sobre ella, E a derribou atee os çimentos.

Como o viso Rei cheguou a Bolonha E ho que faziam os da çidade.

Como o viso Rei cheguou a Bolonha E assentou seu aRayal.

[21] Ortografia original.

Como o cardeal de sena veo a Roma E da morte do magnifico pandolfo seu pai. E da Riqueza daguoscim quise.

Como dom João de castelo branco embaixador de portugual moReo em Roma E foi por procurador del Rei o doutor João de faria.

Como o papa mandou por leguado ao cardeal mediçis a bolonha.

Da batalha de Rauena [.]

Como mom senhor de fois E outros capitães françeses que moRerom na batalha forom leuados a bolonha E os da parte do papa que forom presos.

Como a noua cheguou a Roma E do que o papa fazia.

De como pero marguano matou o brarachelo de Roma E se foi pera el Rei de França.

Como se aJuntaram os espanhoes que escaparam da batalha.

Como o leguado foi solto ao passar do Rio poo leuandoo pera França.

Como se começou o concilio.

Dos letrados que o papa tomou em sua aJuda contra os cardeaes çismaticos [.]

Como Roma hee doentia E os cardeaes se vão como passa o dia de são pedro E sam Paulo a luguares sadios, ter o que fica do verão.

Como o bispo petruche se foi pera o cardeal de mediçis.

Como os françeses se foram seguindo sua vitoria E como se sahiram de toda a Jtalia.

Como alfonso duque de ferrara veo a Roma, E do que lhe aconteçeo.

Como mil lanças françesas tornaram a entrar em italia E foram desbaratados.

Como o viso Rei fez a mais gente que pode, E foi contra bolonha com entenção de a tomar [.]

Como o leguado E o viso Rei se ajuntaram E meterom a saco ha villa de prado.

Como foram çercar florença E a çidade se deu.

Da vinda do cardeal de striguonia vngaro a Roma.

Como foi metido o duque de milão em posse de seu estado.

Da batalha que o viso Rei ouue com venezeanos E das outras cousas que lhe aconteçeram Jndo pera napoles.

Como el Rei de França procuraua paz E o papa lhe pedia os cardeaes, E nam se conçertaram. E como moReo o cardeal cosença.

Como no sobredito ano de b^{c} E doze o tibre creçeo fora de mesura.

Como se descobriram as grandes crueldades que dous cruees homens faziam em Roma.

Como o papa adoeçeo E passados çincoenta dias deu a alma a deus. E do que neste meo tempo se fazia em Roma.

De suas condições E custumes.

Como o cardeal mediçis veo a Roma, E das maneiras que teue pera ser papa.

Da maneira do conclaui E como os cardeaes samençerrados.

Como mediçis foi papa E se chamou lião deçimo.

Como o papa fez quatro cardeaes. E das cousas que se diziam E faziam per Roma.

Como o papa liam foi coroado. E foi tomar posse a são João de latram.

Como os cardeaes çismaticos forão Restituidos aos capelos.

Da festa que o papa fez polla tomada dazamor.

Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade de azamor.

Como os florentins procuraram de furtar sena. E a causa porque [.]

Dos agrauos E desfauores que o papa fazia ao cardeal de sena.

Como o manifico Julião foi feito cidadão de Roma.

Da embaixada E dos presentes. E da obediençia que el Rei de portugual mandou ao papa.

Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador.

Da maneira da embaixada dos maronitas.

Do tempo que tristão da cunha esteue em Roma E das Reaes masqueras que se fizeram pollo entrudo. E da festa do campo naguam. E do monte trastacho. E dos paleos que se corem.

Como o papa diz missa A quarta feira de çinza. E os cardeaes vão Juntos A primeira estação. E das molheres Romanas E seus traJos.

Das JgreJas onde estão as estações que são da coresma. E per todo o ano. E dos perdões E Reliquias dellas.

Capitulo do tempo que tristão da cunha esteue em Roma. E dos convites E honrras que lhe foram feitas.

Como o nunçio que el Rei pedio ao papa pera dar execução a suas bulas, se partio pera portugual, E de sua tornada.

Como el Rei luis de França moReo.

Como o papa se foi a florença.

Como os perlados E clerizia de portugual, mandaram seus procuradores a Roma sobre as terças das JgreJas E moesteiros que o papa conçedera a el Rei pera comendadores.

Da embaixada E obediençia que el Rei de polonia mandou ao papa.

Como o cardeal destriguonia se partio pera vngria, E como os vnguaros se aleuantaram contra seu Rey.

Da morte de madona milia esposa do senhor de pombrino [.]

Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya.

Como gurgensis tornou a Roma em abito de cardeal.

Dos que deram a obediençia ao papa.

Das Riquezas que as cortezãas de Roma alcançam E de suas artes E maneiras pera as aver.

Como despois de morto o manifico Julião, fez o papa capitão da JgreJa o manifico lourenço seu sobrinho.

Como a marqueza de mantua veo a Roma E das festas E honrras que lhe foram feitas.

Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado [.]

Como veo noua a Roma que el Rei de França vinha sobre milão, E da prisão do prospero coluna, E doutros muitos nobres Romanos.

Como el Rei de França passou os alpes, E da cruel batalha que ouve com o duque de milão E com os soiços. E como el Rei foi vençedor. E o duque preso, E mandado a França.

Como se deu a segunda batalha na qual o duque E os soiços foram vençidos.

Como bertolameu daluiano morreo.

Da causa porque o duque E soiços nam foram aJudados dos exerçitos do papa E del Rey de castella.

Como o papa se vio em bolonha com el Rei de França E dos manifestos menosprezos que fez ao cardeal de sena E a seu Jrmão.

Como o papa se tornou a florença onde lhe foi dada noua da morte del Rei de castela E se foi a Roma E mandou o bispo petruche a sena com muita Jente darmas.

Como o manifico burges se sahio de sena, E o bispo entrou na çidade E se apoderou della.

Como o manifico burgues se veo a Roma, E se foi pera napole.

Como o emperador maximiliano veo a Jtalia pera Recobrar milão, E se tornou sem fazer nada.

Como o cardeal de sena se foi de Roma com temor do papa, E se foi ver a napole seu Jrmão E ho viso Rei, E do que se antre elles passou.

De como se armou hum grande aRoido antre os Romanos E os criados do cardeal santa cruz.

Como os Romanos acordauão de poer A espada os espanhoes de Roma.

Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteçeo.

Como se o papa sentia afligido por suas cousas nom serem prosperas.

Como o papa fez hir o cardeal de sena a Roma. E como se tornou a sahir com temor de ser preso.

Das Reuoltas dos orsinos E coluneses, E da morte de bernardo mocar, E de pero marguano.

Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra.

Como os Romanos se encerraram com o pão, E mediçis mandou vir triguo de çezilia que bastou Roma.

Como tiraram de casa do cardeal de sena hum mercador que hi estaua acolhido por omezios.

Da prisão de marco antonio mestre de casa do cardeal de sena, E do doutor miçer sçipião E de miçer paulo seu secretario E de Lourenço soares seu soliçitador, E de João bautista grão çulurgião [.]

Como o cardeal de sena veo a segunda vez a Roma.

Como o cardeal saule E o cardeal de sena foram presos E leuados aos castelo de santoangelo.

Como foi preso E morto o capitão pouco entesta, E as fazendas dos cardeaes presos tomadas.

Como o cardeal são Jorge foi preso E leuado ao castelo [.]

Como o papa mandou proçeder contra os cardeaes. E como foram condenados E priuados das dinidades, E de quanto tinhão.

Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes E do que se dizia E fazia per Roma.

Como foram Justiçados marco antonio, E João bautista.

Como o cardeal de sena foiençerrado onde nunca mais foi visto. E de como ao seu mestre de casa foi defeso que lhe nam leuassem mais de comer.

Como o papa pedia L^{ta} mil cruzados pollo cardeal saule, E de sua morte.

Do grande Resguate do cardeal são Jorge, E de sua morte.

Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos.

Do que se dizia per Roma açerqua da priuação E destroição dos tres cardeaes.

Do que o papa fazia neste tempo. E do que aconteçeo nos paços de monte Jordam.

Como françisco maria seguindo sua ventura foi assentar seu exerçito nos confins de sena E frorença. E da maneira que o papa teue pera se os espanhoes apartar delle.

CONCLUSÃO

Integradas na *Colección de Don Luis de Salazar y Castro* da Academia de História de Madrid com a classificação N-76 / Varios Portugueses (Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v), as *MFC* ocupam os fólios 136r – 227v de uma miscelânea portuguesa, manuscrita e encadernada em pergaminho. Provável cópia manuscrita de um original perdido em língua portuguesa, de autor anónimo, este longo documento constituído por 92 fólios de escrita densa ostenta uma caligrafia que o situa do ponto de vista da cronologia na segunda metade do século XVI.

Retomando, pela sua pertinência, o que anunciámos na *Introdução*, salientamos que transcrever integralmente e fixar este manuscrito quinhentista inédito, procurar identificar o seu autor ou dele construir um perfil verosímil, estudar e contextualizar, sob o ponto de vista histórico, os seus conteúdos, trazendo para a luz um admirável testemunho português da Europa do tempo, foram, pois, os objectivos centrais deste estudo, expressos, aliás, na declaração do seu título: *Visões da Europa nas Memórias de um Fidalgo de Chaves (1510-1517). Sociedade, quotidiano e poder num manuscrito inédito do século XVI.*

Ao longo das sete partes que compõem esta dissertação procurámos destacar como as *MFC* apresentam um inestimável valor histórico-cultural e constituem um precioso testemunho português do início do século XVI, sendo por isso fundamentais para ajudar a compreender em toda a sua extensão o complexo cenário político, social, militar e cultural que teve lugar em Itália e mais particularmente em Roma nos alvores de Quinhentos. Por outro lado, o contexto em que surge tal documento tem de ser visto no âmbito da diversificada estratégia de crescimento da Casa de Bragança, então chefiada pelo seu 4º duque, D. Jaime, e os seus conteúdos provavelmente como respostas a questões que interessavam o duque, quer sob o ponto de vista da sua curiosidade pessoal, quer de conhecimento da realidade política europeia, mas também informações de carácter cultural, religioso ou arquitectónico.

Lançados aos atribulados campos de batalha italianos e às buliçosas ruas romanas pela mão de tão perspicaz observador, mergulhámos no universo quinhentista através de um texto poderoso e tão diversificado, pela já referida multiplicidade de temas, quanto sugestivo, pelo tom e o estilo. Tal aventura historiográfica concedeu-nos

o raro privilégio de olhar e sentir a Roma do Renascimento, tal como foi vista e experienciada por um anónimo fidalgo português dos alvores do século XVI que, no longínquo ano de 1510, partiu do Reino de Portugal para Itália, muito provavelmente ao serviço do duque de Bragança.

Pelos seus conteúdos e estrutura narrativa, mas também pelas circunstâncias e contexto em que foram produzidas, as *MFC* revelaram-se de forma consistente um testemunho privilegiado, diríamos mesmo em muitos aspectos, único, de um olhar "português" sobre a Roma do Renascimento, no dealbar do século XVI. Ao longo dos seus fólios, o anónimo criado que o duque D. Jaime terá enviado a Roma ergue um extenso e poderoso testemunho escrito em que ressaltam diversas visões da Europa, com particular destaque para a península itálica, relatando e descrevendo com minúcia importantes eventos e figuras que marcaram a história europeia e italiana no início do século XVI. Mas nesta singular construção narrativa – porque cai fora de qualquer género específico, antes surgindo como devedora de várias matrizes – também ocupam lugar de destaque os pequenos acontecimentos do quotidiano e minuciosas descrições de espaços e lugares sagrados e profanos, que, por sua vez, transformam também este texto numa "peça" de inegável valor histórico, artístico e antropológico. O documento revela-se ainda precioso para o estudo da presença portuguesa em Itália, na medida em que traz para a luz aspectos desconhecidos das relações entre Portugal e a Itália do tempo, em particular com a cidade de Roma e a cúria pontifícia.

As imagens fixadas pelo anónimo fidalgo português no início do século XVI num texto a vários títulos sem paralelo na cultura portuguesa da época, oferecem uma vibrante visão do mundo do Renascimento, ao mesmo tempo que constituem uma preciosa fonte para compreender aspectos muito diversos da cultura material, intelectual, artística e religiosa deste período. A leitura interpretativa deste documento permite ainda construir todo um quadro das amplas e complexas mutações vividas pelo homem europeu coevo, das mentalidades às práticas sociais, dos imaginários aos quotidianos, da guerra à diplomacia, do mundo natural às novas formas artísticas.

Tudo porque, ao contrário de outros portugueses que estiveram em Itália, como por exemplo o embaixador Lopo de Almeida, que em Novembro de 1451 integrou a comitiva de acompanhamento da infanta D. Leonor (1434-1467), segunda filha de D. Duarte (1391-1438) e irmã de D. Afonso V (1432-1481), a Itália para confirmação do

seu casamento com o imperador Habsburgo Frederico III (1415-1493)[1], o fidalgo possui o equipamento intelectual e social e as condições culturais necessárias para apreciar devidamente, e com um notável grau de isenção, a civilização italiana, resultando o seu labor num texto que funciona como espelho dos processos políticos, diplomáticos e sociais vividos na Roma do primeiro quartel do século XVI, e ao mesmo tempo estabelece uma espécie de "ponte" entre a Idade Média e os tempos modernos. De facto, a viagem e o relato do fidalgo de Chaves constituem elementos marcantes dessa franja de transição, onde se interpenetram realidades ancestrais como a peregrinação, a cruzada e o espírito de cavalaria, com outras já pertencentes a uma nova ordem e claramente devedoras do humanismo e do quadro mais geral do Renascimento, nomeadamente a primazia do indivíduo, o privilegiar da observação e do testemunho directo, o protagonismo original de determinadas figuras sociais como o cortesão, as novas formas de fazer a guerra e a paz, ou ainda a ascensão vertiginosa do cosmopolitismo urbano na mundividência e nos quotidianos do homem europeu coevo.

A Itália, e em particular Roma, são à época palco privilegiado das mutações vividas na Europa durante a passagem da Idade Média para a Época Moderna. A partir de finais do século XV, quando em 1494 têm início as *Guerras de Itália*, a península itálica transforma-se no palco do confronto das grandes potências emergentes, a França e a Espanha, na disputa pela hegemonia política na Europa. Numa Itália politicamente fragmentada mas culturalmente brilhante, Roma, que é também a sede da Cristandade, distingue-se pela política, pela diplomacia e pela cultura. Aqui se podem encontrar elementos humanos e traços culturais de toda a Europa. E Portugal, esse periférico e pequeno reino que as viagens marítimas e a chegada à Índia, em 1498, trouxeram para uma posição de destaque, ganha protagonismo neste palco internacional. Disso nos dão conta, de forma eloquente e evocativa, as *MFC*.

Ao mesmo tempo que põem a nu a mundanização crescente da cúria romana dos anos imediatamente anteriores à definitiva ruptura religiosa da Cristandade, as *MFC* anunciam com pujança a nova era e muitas das suas inovações sociais, com destaque para novos modelos de comportamento, o novo modelo social do homem laico bem posicionado na escala social, a importância política da corte, laica ou eclesiástica, e o processo de progressiva "curialização" da nobreza.

[1] Já celebrado por contrato em Nápoles, em 10 de Dezembro do ano anterior, e por procuração na corte portuguesa, em fins de Julho daquele ano. Cf. Luís Miguel Duarte, *D. Duarte, Requiem por um rei triste*, Lisboa, Temas e Debates, 2007.

Sem nada deixar escapar ao seu juízo crítico, nomeadamente o comportamento moralmente questionável de pontífices, cardeais e demais figuras do topo da hierarquia da Igreja católica, o fidalgo efectua uma descrição ao vivo, sem intermediários a não ser os derivados da sua condição social e das suas fidelidades, aproveitando sempre a observação directa. Revela, desta forma, um espírito observador e um humor satírico plenamente de acordo com a cultura que está a emergir, deixando, por outro lado, um testemunho que, pelo seu poder descritivo e visual, bem como pela atenção ao pormenor, tem, sobretudo à época, uma escassa tradição na cultura portuguesa.

Por outro lado, ainda que defendendo uma sociedade que mantém vivo o espírito de cruzada e condena o luxo, o fidalgo presenteia-nos com um relato que evoca de forma irresistível o mundo renascentista. Movimentando-se durante sete anos no coração do espaço em que emerge a cultura do Renascimento, ele lega-nos um texto riquíssimo de informações, paradigmático de um encontro entre culturas com tantos traços comuns, o maior dos quais deriva da pertença a uma Cristandade simultaneamente una e diversa. O anónimo fidalgo inscreve o seu discurso no horizonte empírico do observador perspicaz e curioso, revelando as suas experiências imediatas ou os acontecimentos de que tomou conhecimento. As suas memórias são actuais. Revelam o que vê e escuta, inscrevendo-se, pois, no quadro da experiência directa, dos contactos pessoais, do testemunho individual. Em simultâneo, as suas observações revelam os seus gostos estéticos, as suas opiniões, e a sua forma de pensar o *Outro* europeu. O documento que estudamos está ainda repleto de páginas sobre a guerra, a política, a religião, a diplomacia, o património, a arquitectura, a música e até as actividades lúdicas como as festas colectivas - notáveis são os fólios dedicados ao Carnaval de 1514, a caça e as corridas de cavalos. Isto sem esquecer as observações sobre as mulheres romanas, em particular as cortesãs a quem dedica uma atenção muito especial. Pelo meio — e reside aqui o carácter híbrido, o marco do texto de viragem — intercala o texto com um autêntico guia de peregrinação em Roma.

Tudo isto torna inequívoco que a exposição dos preceitos e das observações por parte do autor é acompanhada da marca evidente de um temperamento individual. Isso *per se* constitui um expressivo sinal dos tempos, uma manifestação da transformação da sociedade em que o mesmo se insere e na qual, agora, o indivíduo parece ter, inegavelmente, um outro e mais destacado papel.

Ao mesmo tempo que fornecem riquíssimas e inéditas imagens da Europa de inícios do século XVI, as *MFC* revelam sinais de alteração nas sensibilidades, nas práticas, nos gostos. Sob muitos pontos de vista, estes inserem-se ainda na tradição medieval. Mas ao mesmo tempo é manifesto que os comportamentos e as decisões revelam o início de algo novo. Veiculam uma nova maneira de perspectivar as coisas. São, em última análise, um sintoma de que a sociedade está em transição. Comprovam-no de maneira tão colorida quanto viva as descrições que o viajante flaviense faz das festividades carnavalescas celebradas na Roma que visitou e tanto o surpreendeu.

Por outras palavras, neste documento sente-se já, não obstante todas as ligações à Idade Média, que um novo tempo progressivamente se enraíza. É precisamente por isso que constitui um precioso indicador de que estamos perante uma lenta, mas profunda – e por isso irreversível – transformação civilizacional.

As *MFC* veiculam igualmente uma plena noção do movimento e da vivacidade da Roma de Quinhentos. Algo puramente sensitivo e empírico, que só um observador arrebatado pelo que vive e animado pelo original e diferente (contudo nem sempre melhor) que se lhe depara em cada momento poderia veicular pela escrita. Por outro lado, o testemunho do provável agente da Casa de Bragança dá a ver as contradições e a crescente secularização que assolavam a capital da Cristandade ocidental e, sobretudo, o universo da corte pontifícia. E nisso também é um documento deveras perturbante e original, pois o seu autor consegue perceber as particularidades dos vários intervenientes nos conflitos, mostrá-los em matizes, contrariando o lugar-comum de os descrever como blocos indiscerníveis e perfeitamente homogéneos. Tarefa tanto mais difícil quanto executada pela mão de um protegido do cardeal de Siena, Alfonso Petrucci, precisamente um dos principais protagonistas (e vítima) desses conflitos.

O texto do fidalgo ultrapassa largamente em ousadia e capacidade de observação os discursos mais ou menos retóricos ou submetidos a cânones reconhecidos de outro tipo de textos da época, como por exemplo o dos cronistas. Enquanto figura que presenciou determinados acontecimentos cruciais para os destinos de Europa e, sobretudo, da Itália de então, o fidalgo transmite, nas suas próprias palavras, uma visualização precisa (dentro do possível), directa, viva, dos acontecimentos em que participou ou de que ouviu falar em primeira mão. Estamos, pois, inequivocamente perante um texto imbuído de espírito experimentalista, precisamente aquele que se encontra na génese do pensamento e da forma de agir da era moderna. Podemos mesmo

afirmar que pelas páginas deste documento perpassa o apuramento dos sentidos despertos de uma Europa em plena ebulição política, social, económica e cultural. Uma Europa que, relativamente ao seu próprio território e ao contrário do que por vezes se afirma, não está de forma alguma presa num estado letárgico ou sequer fechada sobre si mesma. Pela experiência passada ao papel, observamos de tribuna privilegiada sentimentos, acções, acontecimentos e presenças marcantes de um momento charneira da história europeia.

Na demanda do fidalgo de Chaves, a curiosidade, a admiração e o juízo crítico dos comportamentos e das particularidades culturais do *Outro* europeu (e não só), juntando-se à observação e à reflexão, formam uma profícua simbiose de atitudes novas, materialização perfeita da anunciadora premissa de Duarte Pacheco Pereira (c. 1460-1533): "a experiência, que é madre das cousas, nos desengana e de toda dúvida nos tira"[2]. Por isso, o fidalgo transmite ao destinatário do seu texto uma plêiade de retratos, umas vezes colectivos outras individuais. De realçar é que nunca são retratos frios, mas sempre denotativos de um sentimento – rejeição, admiração, aprovação... Podemos, até, afirmar que muitas vezes é o elemento puramente humano aquele que mais entusiasma o autor da narrativa.

Não sendo italiano, o autor é uma personagem típica do ambiente difuso e socialmente misturado da gente notável de Roma, onde o peso dos valores cortesãos é cada vez mais notório e destacado. São sobretudo as motivações da cidade que o norteiam, com o seu acelerado movimento quotidiano desencadeador de uma tentacular trama internacional. Uma cidade neste caso específico transformada em placa giratória das grandes trocas diplomáticas, políticas, bélicas e religiosas da Europa de então.

O arquitecto das *MFC* revela-se, neste quadro, um genuíno "europeísta". E o seu europeísmo, mais do que no emprego da palavra Europa, reside no espírito que lhe anima a obra e a acção quotidiana. Com efeito, ao longo dos seus fólios ressalta discreta, porém, vigorosa, a concepção da Europa como espaço cultural aglutinado pela religião cristã e pelos seus princípios teológicos e morais. Contudo, saliente-se, dando já indícios de uma expressiva descentralização em relação à estreita ligação ao conceito de Cristandade que até este período vigorava de forma absoluta nos espíritos. Neste sentido, o autor encarna bem o espírito europeu coevo em renovação quase constante.

[2] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988, p. 20.

Mas o fidalgo de Chaves é também portador de uma inegável lealdade para com o seu reino de origem. Todavia, trata-se de uma lealdade singular, longe do espírito fanático que tolda o discernimento intelectual. Por outras palavras, uma lealdade sempre presente, mas que não o impede de olhar com clareza, objectividade e uma notável (para a época) isenção a política e a sociedade italianas – e, mais especificamente, o controverso e não raras vezes paradoxal mundo romano. Tal postura deve-se fundamentalmente ao facto de nele ressaltar uma harmoniosa convivência entre dedicação pátria, humanismo e cosmopolitismo, ou não ocupasse lugar de marcada privança no círculo familiar do cardeal de Siena. Na sua obra continuadamente transparecem esses ideais que se completam entre si. Como refere Amadeu Torres, relativamente à coexistência de dois destes atributos, "Humanismo literário e cosmopolitismo são conceitos e realidades que necessariamente se não implicam nem excluem, mas na generalidade andaram bastante associados."[3]

A lealdade ou, no limite, a consciência nacional do fidalgo de Chaves não resulta daquela mistura sempre nociva entre soberba, preconceito e orgulho desmedido. Pelo contrário, trata-se de uma consciência até algo velada, um genuíno sentimento da pátria para lá das evidências, que a ausência de retórica impõe e dignifica. E, de facto, a nação de origem nestes fólios surge mais como um sentimento e uma ideia, do que como uma coisa palpável, um objecto que se transporta e se utiliza sempre que a situação o justifica.

Ao que tudo indica, o nosso esforçado fidalgo só foi escritor por solicitação superior, hierárquica. Não é, pois, a pura vocação das letras que o chama mas um dever que o incita ou força. Daí que, nele, o homem que intervém e experimenta em primeira mão vale mais do que o escritor – o que não deixa de ser uma superior manifestação do humanismo e do "cenário" que o contextualiza, isto é, o Renascimento. Podemos mesmo dizer que o seu humanismo está expresso, antes de mais nada, na moral que lhe assiste. Uma moral que não é senão uma atitude de esclarecimento e elucidação, de concórdia e de justiça, mesmo quando tem por veículo a ironia, que, saliente-se, não escasseia ao longo do relato. Uma moral que se reflecte, sobretudo, nos diversos momentos em que a corrupção clerical o confrange.

[3] Amadeu Torres, "Damião de Góis humanista e cosmopolita" in *Damião de Góis: Humanista Português na Europa do Renascimento*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, p. 17.

Isto conduz-nos a outro traço definidor do seu humanismo: a intencionalidade crítica. De facto, o fidalgo não se limita apenas a informar. Provam-no os diversos momentos em que brota do seu espírito o crítico feroz, que não deixa, por exemplo, passar incólumes determinadas atitudes e condutas de figuras de grande prestígio – vejam-se os casos paradigmáticos de Júlio II e Leão X.

O fidalgo de Chaves é também uma figura de relevo na medida em que preenche um dos arquétipos do quadro cultural e social de então: o cortesão, o homem da corte, elo vital de uma cadeia de poder em plena ascensão e de toda uma nova forma de fazer política e diplomacia. Por outro lado, amigo do cardeal de Siena, que o protegeu, ele deixou no seu texto o manifesto do seu gosto culto e requintado, dominado pelos valores que o Renascimento italiano definira e que os humanistas se encarregaram de difundir em toda a Europa, deles fazendo, em grande medida, um património comum. Reside aqui um traço revelador do seu cosmopolitismo. Com efeito, o seu gosto pela música, a pintura, o património e a arquitectura, que podemos depreender em diversas passagens, revela o seu interesse pela linguagem universal das artes. Estamos, pois, não perante um cosmopolitismo passivo, mas antes face a um cosmopolitismo autenticado pela acção – artística, política, cultural, religiosa, bélica, ou mesmo ao nível das simples práticas sociais quotidianas. E nunca poderemos esquecer que todos estes atributos aproximam e são pontes privilegiadas para a elaboração de amizades e para o estabelecimento de relações humanas – outro elemento definidor do humanismo.

Numa derradeira referência, as *MFC* são também importantes para o estudo da política interna portuguesa, em particular para a análise da ascensão da Casa de Bragança no Portugal de Quinhentos. Afinal, ao longo do seu impressivo testemunho, o fidalgo narra todos os acontecimentos de realce que podem interessar ao chefe da segunda maior Casa aristocrática portuguesa. Daí ser absolutamente verosímil estarmos perante o resultado escrito da acção de um agente no pleno desempenho da missão de que foi investido pelo seu senhor e que tem como espaço de actuação a sede da Cristandade e a capital política da Europa. Premissa tanto mais válida quanto o facto de à época a Casa brigantina possuir interesses políticos cuja concretização favorável passava precisamente pelo beneplácito papal.

Mas o duque de Bragança tinha também evidentes interesses culturais humanísticos, até pela sua educação em Castela[4]. A sua curiosidade e apetência pela arte e pela arquitectura, em particular das fortificações italianas que obedecia a toda uma nova linguagem construtiva, é simplesmente irrefutável. Sendo, como assinalámos, a casa de Bragança a segunda de Portugal, é natural que D. Jaime investisse na cultura no sentido da aquisição de símbolos e instrumentos de poder, dos quais o presente texto constitui um notável exemplo. Também neste sentido, justificava-se, como tantas vezes noutros casos aconteceu, enviar e manter alguém em Roma que narrasse tudo o que de importante se passava na *Cidade Eterna*.

No seu conjunto, as diferentes partes, capítulo e subcapítulos que compõem a presente dissertação dão corpo a uma, sempre difícil e arriscada, tentativa multitemática de comprovar que o labor resultante da pena do fidalgo flaviense constitui um documento intrinsecamente cosmopolita e de raro valor histórico-cultural, único em todos os aspectos, como a própria cidade que descreve e que é, afinal, um espelho da Europa que pretende encabeçar.

Por tudo isto, o anónimo fidalgo de Chaves foi sem dúvida um dos que tornaram possível, pela sua acção e pelas suas relações, saber muito mais acerca do dia-a-dia da Roma Quinhentista. Como assinalou Aníbal Pinto de Castro, "Entre as vozes que mais expressivamente estabeleceram o diálogo cultural luso-italiano durante a época de Quinhentos, conta-se, sem sombra de dúvida, a daquele fidalgo que, nascido em Chaves, de lá abalou para Roma, ao serviço do Duque de Bragança, D. Jaime, aos 21 de Maio de 1510, para só regressar a Portugal em Setembro de 1517."[5]

[4] D. Jaime foi educado em Castela, onde esteve até ao fim da adolescência e contactou com figuras de proa do humanismo italiano, como Pedro Mártir de Anghiera, trazido de Itália pelo Conde de Tendilha para a corte dos Reis Católicos, de quem foi um dos primeiros discípulos.

[5] Aníbal Pinto de Castro, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, p. 7.

FONTES E BIBLIOGRAFIA[1]

1. Fontes Manuscritas

"Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgencias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue." in *Colección de Don Luis de Salazar y Castro*, N-76 / Varios Portugueses, Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v, Madrid, Real Academia de la Historia.

2. Fontes Impressas

AGOSTINHO, Santi Frá Cónego de Stº, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, Roma, Guglielmo Facciotto, 1595.

AGOSTINHO, Santo, *A Cidade de Deus*, 3 vols., Lisboa, Gulbenkian, 1991.

ALBERTI, Leon Battista, *On the Art of Building in Ten Books*, [De Re Aedificatoria, 1450], Kim Williams (ed.), New Haven, Yale University Press, 1998.

ALMEIDA, Lopo de, *Cartas de Itália*, Rodrigues Lapa (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1935.

ANTONIO DE GUEVARA, *Menosprecio de corte y alabanza de aldea. Arte de marear*, Asunción Rallo (ed.), Madrid, Cátedra, 1984.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, Lisboa, Quetzal Editores, 2004.

_____, *Política*, Lisboa, Veja, 1998.

BARREIROS, Gaspar, *Chorographia*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1986.

BERGENROTH, Gustav Adolph (ed.), *Calendar of Letters, Despatches, and State Papers, relating to the negotiations between England and Spain, preserved in the Archives at Simancas and elsewhere*, vols. I and II, London, HMSO, 1862-1868.

BIANCHINI, Giuseppe, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, 10 tomos em 5 vols., Roma, Nella Stamperia del Chracas, 1747,

BOTERO, João, *Da Razão de Estado* [1589], Luís Reis Torgal e Raffaela Longobardi Ralha (ed.), Coimbra, INIC, 1992.

BRUNI, Leonardo, *Laudatio florentine urbis*, S. U. Baldassarri (a cura di), Firenze, Sismel-Edizioni del Galluzzo, 2000.

Carta Del Rei D. Manuel ao Papa Leão X, José Pedro da Costa (ed.), Lisboa, s.n., 1905.

[1] A apresentação da bibliografia surge por ordem temática e, no seio desta, por ordem alfabética.

CASTIGLIONE, Baldassar, *O Livro do Cortesão*. Porto, Campo das Letras, 2008.

CHAUCER, Geoffrey, *Contos de Cantuária*, Lisboa, Amigos do Livro, 1977.

Corpo Diplomatico Portuguez: Contendo os Actos e Relações Politícas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potencias do Mundo Desde o Século XVI Até os Nossos Dias, vol. I, Luís Augusto Rebelo da Silva (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1862.

CORTESI, Paolo, *Pauli Cortesii Protonotarii Apostolici in libros de Cardinalatu ad Iulium Secundum Pont[ifex] Max[imus]*, Castro Cortesio: Symeon Nicolai Nardi Senensis, alias Rufus Calchographus imprimebat, 1510.

_____, "Three books on the cardinalate (book II, chapter 2): On the cardinal's palace" in *Studies in Italian Art History*, vol. I, Roma, American Academy in Rome, 1980.

_____, *The Renaissance Cardinal's Ideal Palace: A Chapter from Cortesi's "De Cardinalatu,"*, Kathleen Weil-Garris and John F. D'Amico (ed.), Rome, Edizioni dell'Elefante, American Academy in Rome, 1980.

Damião de Góis: Um Humanista Português, Seguida das Cartas Portuguesas de Damião de Góis [e Memoriais Escritos na Prisão], Aubrey F. G. Bell (ed.), Lisboa, Império, 1942.

DELICADO, Francisco, *La Lozana Andaluza*, Jacques Joset y Folke Gernert (ed.), Barcelona, Galaxia Gutenberg, 2007.

ERASMO, Desidério, *A Civilidade Pueril*, Lisboa, Editorial Estampa, 1978.

_____, *Colóquios*, Madrid, Espasa Calpe, 2001.

_____, *Educacion del Principe Cristiano*, Madrid, Biblioteca de autores Cristianos, 1995.

_____, *Elogio da Loucura*, Lisboa, Guimarães Editores, 2005.

FEA, Carlo, *Descrizione di Roma antica e moderna e suoi contorni compilata dal Sig. Avv. D. Carlo Fea Presidente delle Antichita aggiuntavi la pianta e le principali vedute della citta*, 3 tomos em 2 vols., Roma, s. n., 1834.

FEI, Andrea, *Descrittione di Roma antica e moderna*, Roma, s.n.,1643.

FELINI, Pietro Martire, *Las antiguidades figuradas del alma ciudad de Roma antes por Prospero Parisio aumentadas, y hagora con diligencia por Fray Perdro Martir Felini da Cremona del Orden de los Seruitas corregidas, y muy ampliadas*, s.l., s.n., [16--].

_____, *Trattato nuovo delle cose meravigliose dell'alma citta di Roma*, Facs. dell'orig., Roma, Montimer, 1995.

_____, *Trattato nuouo delle cose marauigliose dell'alma città di Roma, ornato de molte figure, nel quale si discorre de 300 & più chiese. Composto da F. Pietro Martire Felini da Cremona... et de tutte le antichità figurate d'essa città, già da Prospero Parisio aumentate, et hora dal sopradetto F. Pietro Martire con diligenza corrette*, per Bartolomeo Zannetti, Roma, Antonio Franzini & Heredi di Girolamo Franzini, Roma, 1610.

_____, *Tratado nuevo de las cosa maravilhosas de la alma ciudad de Roma*, Roma, Bartholome Zannette, 1619.

FIGUEIREDO, António Pereira de, *Portuguezes nos Concilios Geraes: Relação dos Embaixadores, Prelados, e Doutores Portuguezes, Que Tem Assistido Nos Concilios Geraes do Occidente, Desdos Primeiros Lateraneneses Até o Novissimo Tridentino*, Lisboa, Off. de Antonio Gomes, 1787.

FULVIO, Andrea, *Antiquaria vrbis per Andream Fuluium Ad lectorem Candide si lector ueteris primordia Romae: quantaque iam fuerint moenia nosse, cupis: haec tibi designat grauis antiquaria rerum pagina distinguens ordine quaeque suo*, Impressum Romae, per magistrum Iacobum Mazochium Romanae achademiae bibliopo, 1513.

_____, *De Urbis antiquitatibus libri quinque*, Roma, per M. Valerium Doricum & Aloisium Fratrem Brixianos, 1545.

_____, *Illustrium imagines*, edizione curata da Roberto Peliti,
Roma, Stab. tip. Julia, 1967.

_____, *Illustrium imagines*, Portland, Collegium Graphicum, 1972.

_____, *Opera di Andrea Fuluio delle antichità della città di Roma, e delli edificij memorabili di quella. Tradotta nuouamente di latino in lingua toscana, per Paulo del Rosso cittadino fiorentino*, Vinegia, Michele Tramezzino, 1543.

GIOVIO, Paolo, *Elogios o vidas breves de los cavalleros antiguos y modernos*, [*Elogia virorum bellica virtute illustrium veris imaginibus supposita, quae apud Musaeum spectantur*, Florence, Officina Laurentii Torrentini Ducalis Typographi, 1551], Granada, Casa de Hugo de Mena, 1568.

GÓIS, Damião de, *Crónica do felicissimo rei D. Manue*l, Joaquim de Carvalho e David Lopes (ed.), 4 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.

GÓIS, Damião de, *Elogio da Cidade de Lisboa = Vrbis Olisiponis descriptio*, Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

GRASSI, Paride, *Il Diario di Leone X di Paride De Grassi, Maestro delle ceremonie pontificie*. Dal volumi manoscritti degli Archivi Vaticani della S. Sede, Mariano Armellini (a cura di), Roma, s. n., 1884.

_____, *Le Due Spedizioni Militari Di Giulio II: Tratte Dal Diario Di Paride Grassi Bolognese*, Bologna, BiblioBazaar, 2010.

GUICCIARDINI, Francesco, *Dialogo e discorsi del Reggimento di Firenze*, R. Palmarocchi (a cura di), Bari, Laterza, 1932.

_____, *History of Italy*, 10 vols., London, printed by John Towers, 1753-1756.

_____, *Opere*, Roberto Palmarocchi (a cura di), vol. II, Milano, Rizzoli, 1941.

_____, *Storia d'Italia*, 3 vols., Edizione originale 1540, Milano, Garzanti Editore, 2006.

_____, *Storie Fiorentine dal 1378 al 1509*, Alessandro Montevecchi (a cura di), Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 1998.

HOLANDA, Francisco da, *Diálogos em Roma*, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.

Le cose marauigliose della città di Roma. Con il nome delle reliquie, & stationi, con le indulgentie, che di giorno in giorno in tutte le chiese di essa sono. Aggiontoui di nuouo il nome delli sommi pontefici, delli imperatori, delli re di Francia, delli re de Napoli, delli dogi di Venetia & delli duchi di Milano. Tradotti da latina in volgar lengua, Stampato in Roma per Valerio Dorico & Luigi fratelli, 1550.

Le cose marauigliose della città di Roma con le reliquie, e con le indulgentie de di in di, che sono in tutte le chiese di essa tradotte di latino in volgare, Vinegia, per Guglielmo de Fontaneto, 1544.

MACHIAVELLI, Niccolò, *Discorsi sopra la prima deca di Tito Lívio*, Milano, Rizzoli, 1984.

_____, *Lettere a Francesco Vettori e a Francesco Guicciardini*, Milano, Rizzoli, 1989.

_____, Niccolò, *Oeuvres complètes I - Le Prince précédé des premiers écrits politiques*, Paris, Garnier, 1987.

MAQUIAVEL, Nicolau, *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio, "Discorsi"*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____, *Escritos Políticos. A Arte da Guerra*, São Paulo, Martin Claret, 2007.

_____, *O Príncipe*, Diogo Pires Aurélio (ed.), Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008.

Mirabilia Romae. Historia et descriptio urbis Romae, 62 fls., Roma, Johann Besicken, 1503-1512.

Mirabilia Urbis Romae, Maria Accame e Emy Dell'Oro (a cura di), Roma, Tored, 2004.

Mirabilia vrbis Romae. Indulgentie sanctorum reliquie & stationes vrbis ac quemadmodum ea a Romulo condita, ad hec ipsius Romuli vita omniumque ab eo

regum & cesarum vsque in Constantinum..., Roma impressa per Valerium Doricum & Ludouicum fratres brixianos, 1548.

Mirabilia Vrbis Romae – The Marvels of Rome or a Picture of the Golden City, Francis Morgan Nichols, (ed.), London, Ellis and Elvey, 1889.

MONTAIGNE, Michel de, *Ensaios*, 3 vols., São Paulo, Martins Fontes, 2000-2001.

_____, *Le Journal de Voyage en Italie de Michel de Montaigne*, Paris, PUF, 1992.

MORUS, Thomas, *Utopia ou A melhor forma de governo*, Aires A. Nascimento e José V. de Pina Martins (ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana, As Cartas Latinas de Damião de Góis: Introdução, Texto e Versão, vol. I, Amadeu Torres (ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

Ordenações Manuelinas, Livro I, edição fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, 1797, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

OSÓRIO, D. Jerónimo, *Da vida e feitos de El-Rei Dom Manuel*, [*De rebvs Emmanvelis regis Lvsitaniae invictissimi virtvte et avspicio gestis libri dvodecim*, Lx., António Gonçalves, 1571], 2 vols., Porto, Civilização, 1944.
[vol. 2, Liv. IX]

PALLADIO, Andrea, *L'antichita di Roma*, Giulio Bolano, 1566.

_____, *Le cose maravigliose dell'alma citta di Roma.... L' antichita di Roma di M. Andrea Palladio raccolta brevemente da gli autori antichi & moderni...*, 64 fls., Roma, Giovanni Osmarino Gigliotto, 1582.

PECCI, Giovani Antonio, *Memorie storico-critiche delia cíttà di Siena*, [1755-1760], 4 vols., Siena, Cantagalli, 1988.

PEREIRA, Duarte Pacheco, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni, *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, Lisboa, Edições 70, 1989.

Portugal e Itália na Época do Renascimento. Damião de Góis: Suas Relações com Bembo, Sadoleto e Bonamico. Tradução das Cartas Latinas, Fernando Augusto Bandeira (ed.), Lisboa, s. n., 1945.

PRÚSSIA, Frederico da, *O Anti-Maquiavel*, Lisboa, Guimarães Editores, 2000.

RABELAIS, François, *Gargântua*, Mem-Martins, Europa-América, 1987.

_____, *Pantagruel*, Aníbal Fernandes (ed.), Lisboa, Frenesi, 2007.

Relações de Pero de Alcáçova Carneiro Conde da Idanha do Tempo Que Ele e Seu Pai, António Carneiro Serviram de Secretários: 1515 a 1568, Ernesto de Campos de Andrada (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1937.

ROISECCO, Niccola, *Roma antica, e moderna o sia nuova descrizione…*, 4 vols., Roma, Aspese di Niccola Roisecco, 1765.

ROJAS, Fernando de, *La Celestina*: *Comedia de Calisto y Melibea***,** Madrid, Castalia, 2007.

Roma antica, e moderna o sia nuova descrizione di tutti..., 4 vols., Roma, Niccola Roisecco, 1765.

Roma sacra antica e moderna..., Roma, Giovanni Battista Molo, 1687.

SANTARÉM, Visconde de, *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potências do Mundo Desde o Princípio da Monarchia Portugueza Até aos Nossos Dias*, 3 vols., Lisboa, Academia Real das Ciências, 1842-1860.

SÉNECA, Lúcio Aneu, *Cartas a Lucílio*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

SEVILHA, San Isidoro de, *Etimologias*, vol. II (liber XII: *De animalibus*), Jose Oroz Reta y Manuel A. Marcos Casquero (ed.), Editorial Católica, Madrid, 1983.

SOUSA, António Caetano de, *História genealógica da casa real portuguesa*, tomo 5, Coimbra, Atlântida, 1946-55.

SOUSA, António Caetano de (ed.), *Memórias históricas e genealógicas dos grandes de Portugal*, 4ª edição, Lisboa, Arquivo Histórico de Portugal, 1933.

VICENTE, Gil, *Copilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente*, Maria Leonor Carvalhão Buescu (ed.), 2 vols., Lisboa, INCM, 1984.

ZURARA, Gomes Eanes de, *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes*, Larry King (edição diplomática), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1978.

3. Atlas, Dicionários e Enciclopédias

ALBUQUERQUE, Luís de (ed.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

AZEVEDO Carlos Moreira de (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 2000-2001.

BERGIN, Thomas G., SPEAKE, Jennifer (ed.), *Encyclopaedia of the Renaissance*, London, B. T. Batsford, 1988.

BLACK, Jeremy, *The Cambridge Illustrated Atlas of Warfare: Renaissance to Revolution, 1492-1792*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

COCHOPEL, João José, *Grande dicionário da literatura portuguesa e de teoria literária*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1979.

COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura*, 5 vols., 3ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1983

COPPA, Frank J. (ed.), *The Great Popes Through History: An Encyclopedia*, 2 vols., Westport, Greenwood Press, 2002.

DEWALD, Jonathan (ed.), *Europe 1450 to 1789: Encyclopedia of the Early Modern World*, 6 vols., New York, Charles Scribner's Sons/Thomson/Gale, 2004.

Dicionário Houaiss de Sinónimos e Antónimos, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 6 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

Dicionário Ilustrado da História de Portugal, 2 vols., Lisboa, Publicações Alfa, 1985.

DUBY, Georges, *Grand Atlas Historique – L' Histoire du Monde en 520 Cartes*, Paris, Larousse, 1999.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, 40 vols., Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1935 ss.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira – Atlas Histórico, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1992.

HAYWOOD, John, *Atlas Histórico Universal*, Barcelona, Plaza Janés, 1999.

Le Grand Atlas de L' Histoire Mondiale, Paris, Encyclopaedia Universalis France, 1991.

MACKAY, Angus, DITCHBURN, David (ed.), *Atlas of Medieval Europe*, London, Routledge, 1997.

McEVEDY, Colin, *The New Penguin Atlas of Medieval History*, London, Penguin, 1992.

MONDIN, Battista, *Dizionario enciclopedico dei papi: storia e insegnamenti*, Roma, Città Nuova, 1995.

PEREIRA, José Fernandes (dir.), *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1989.

REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, 7ª edição, Coimbra, Almedina, 2000.

RODRIGUES, António Simões (coord.), *História de Portugal em Datas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 6 vols., Porto, Livraria Figueirinhas, 1984.

VIDAL-NAQUET (dir.), Pierre, *Atlas Histórico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007.

4. Estudos

ACCAME, Maria, *Contributi sui Mirabilia urbis Romae*, Genova, Dipartimento di archeologia, filologia classica e loro tradizioni, 1996.

ACCIAIUOLI, Margarida, LEAL, Joana Cunha, MAIA, Maria Helena (coord.), *Arte e poder*, Comunicações apresentadas no Colóquio Internacional Criação e Constrangimento: olhares cruzados sobre o poder em trânsito, Lisboa, Instituto de História da Arte, 2008.

ADEMOLLO, Alessandro, *Alessandro VI, Giulio II e Leone X nel Carnevale di Roma. Documenti inediti (1499 - 1520)*, London, Elibron Classics, 2002 (*Replica of 1886 edition by C. Ademollo, Firenze*).

AGAMBEN, Giorgio, *O poder soberano e a vida nua - Homo Sacer*, Lisboa, Presença, 1998.

ALBERIGO, Giuseppe, *Storia dei concili ecumenici*, Brescia, Queriniana, 1990.

ALBUQUERQUE, Martim de, *A Sombra de Maquiavel e a Ética Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1974.

_____, *O poder político no Renascimento português*, [Texto policopiado], Dissertação de Doutoramento apresentada no Curso Complementar de Ciências Jurídicas da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1965.

_____, *Primeiro Ensaio Sobre a História da "Ideia da Europa" no Pensamento Português*, Lisboa, INCM, 1980.

_____, "Portugal e a Consciência da 'Europa'" in *Oceanos*, nº 16, 1993, pp. 13-23.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, vol. II, Porto-Lisboa, Civilização, 1968.

ALTAVISTA, Clara, GUINIGI, Lucca, GUINIGI, Paolo, *La costruzione di una corte rinascimentale: città, architettura, arte (1400-1430)*, Pisa, ETS, 2005.

ALVES, Ana Maria, *As entradas régias portuguesas: uma visão de conjunto*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986.

_____, *Iconologia do poder real no período manuelino: à procura de uma linguagem perdida*, Lisboa, INCM, 1985.

ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal), *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança, Tomo VI – Os Fidalgos,* Bragança, Câmara Municipal de Bragança / Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal, 2000.

ALVES, Manuel dos Santos, *O texto literário: linguística, poética, estilística, géneros literários, textos*, Lisboa, Livraria Francisco Franco, 1978.

AMADO, José de Sousa, *Roma e Portugal*, Lisboa, s. n., 1877.

AMADO, Teresa, "Os géneros e o trabalho textual" in *O Género do Texto Medieval. Actas do 1.º Colóquio Organizado pela Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval (1996)*, Cristina Almeida Ribeiro e Margarida Madureira (coord.), Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 9-28.

AMARAL, Diogo Freitas do, *D. Manuel I e a construção do estado moderno em Portugal*, Coimbra, Tenacitas, 2003.

AMARAL, Ilídio do, "Relações externas congolesas na primeira década do século XVII, em tempos de D. Álvaro II: a embaixada de D. Garcia Baptista e D. António Manuel" in *Finisterra: revista portuguesa de geografia*, Lisboa, vol. 32, nº 63, 1997, pp. 115-131.

AMEAL, João, *História da Europa (1495-1700) - De Vasco da Gama à Paz de Ryswick*, vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1983.

_____, *Ideia da Europa: curso professado nos anos lectivos de 1965-1966 e 1966-1967*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1968.

ANCONA, Clemente, "Armas" in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 14: *Estado-Guerra*, Ruggiero Romano (dir.), Lisboa, INCM, 1989, pp. 330-347.

_____, "Guerra" in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 14: *Estado-Guerra*, Ruggiero Romano (dir.), Lisboa, INCM, 1989, pp. 348-371.

ANDERSON, Bonnie S., ZINSSER, Judith P., *Historia de las Mujeres*, Barcelona, Crítica, 1991.

ANDRADE, António Alberto Banha de, *História de um fidalgo quinhentista português, Tristão da Cunha*, Lisboa, Instituto de História Infante Dom Henrique, 1974.

_____, *Mundos novos do mundo: panorama de difusão pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.

ANDRÉ**,** João Maria**,** *Renascimento e Modernidade***.** *Do poder da magia à magia do poder*, Coimbra, Livraria Minerva, 1987.

ANTONIO MARAVALL, Jose, *Antiguos y modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*, Madrid, Alianza Editorial, 1986.

_____, *Estado moderno y mentalidad social*, 2 vols., Madrid, Alianza Editorial, 1997.

_____, *Poder, Honor y Élites en el Siglo XVII*, Madrid, Siglo XXI, 1989.

ARAÚJO, Renata de, *Lisboa A Cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimentos*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

ARCANGELI, Alessandro, *Passatempi rinascimentali: storia culturale del divertimento in Europa, secoli 15.-17.*, Roma, Carocci, 2004.

ARIÈS, Philippe, DUBY, Georges (dir.), *História da Vida Privada*, vols. II e III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990.

ARIÈS, Philippe, MARGOLIN Jean-Claude (ed.), *Les jeux à la Renaissance: actes du XXIII Colloque international d'Études Humanistes*, Paris, J. Vrin, 1982.

ARNOLD, Thomas F., *The Renaissance at War*, Smithsonian History of Warfare, John Keegan (ed.), London, Cassell & Co, 2002.

ASENSIO, Eugenio, "Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), Descripción de la Roma de Julio II y Léon X" in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, pp. 7-28.

ATTOLINI, Giovanni, *Teatro e spettacolo nel Rinascimento*, Bari, Laterza, 1988.

AUBERT, Roger, FEDALTO, Giorgio, QUAGLIONI, Diego, *Storia dei concili*, Cinisello Balsamo, Ed. San Paolo, 1995.

AUDIN, Jean, *Histoire de Léon X et de son siècle*, 2 vols., Paris, L. Maison, 1850.

AURÉLIO, Diogo Pires, "Introdução" in *O Príncipe*, Nicolau Maquiavel, Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008, pp. 11-106.

AURELL, Jaume, "El Nuevo Medievalismo y la interpretación de los textos históricos" in *Hispania*, Revista Española de Historia, Universidad de Navarra, vol. LXVI, nº 224, septiembre-diciembre, 2006, pp. 809-832.

AVELAR, Ana Paula Menino, *Figurações da alteridade na cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003.

_____, *Visões do Oriente: formas de sentir no Portugal de quinhentos*, Lisboa, Colibri, 2003.

AVIS, Paul D. L., *Beyond the Reformation?: authority, primacy and unity in the conciliar tradition*, London, Continuum International Publishing Group, 2006.

AZEVEDO Carlos Moreira de (dir.), *História Religiosa de Portugal*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.

BAGGE, Sverre, "Medieval and renaissance historiography: Break or continuity?" in *The European Legacy*, 2: 8, Bergen, University of Bergen/Routledge, 2010, pp. 1336-1371.

BAKHTIN, Mikhail, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*, São Paulo, HUCITEC, 1987.

BALTAZAR, Isabel Cristina Ferreira Neves, *Portugal e a ideia de Europa: pensamento contemporâneo*, Lisboa, s.n., 2007.

BARATA, Maria do Rosário de Sampaio Temudo, "Os Diplomatas Portugueses em Roma no Século XVI e as Informações Acerca do Turco e da Índia" in *Portugaliae Historica*, vol. I, 2ª Série, Lisboa, Instituto Histórico Infante Dom Henrique. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1991, pp. 103-138.

_____, *Quem Foi Rui Fernandes de Almada*, Sep. *Oceanos*, 3, Lisboa, CNCDP, 1990.

_____, *Rui Fernandes de Almada: Diplomata Português do Século XVI*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

_____, *Um Português na Alemanha no Tempo de Dürer: Rui Fernandes de Almada*, Sep. *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1973.

BARBAS, Helena, "Monstros: o rinoceronte e o elefante. Da ficção dos bestiários à realidade testemunhal" in *Actas do V Encontro Luso-Alemão*, Colónia e Lisboa, Universität zu Köln and Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2000, pp. 103-122.

BÀRBERI SQUAROTTI, Giorgio, *L'onore in corte: dal Castiglione al Tasso*, Milano, F. Angeli, 1986.

BARON, Hans, *The Crisis of the Early Italian Renaissance*, Princeton, Princeton University Press, 1966.

BARRETO, Luís Filipe, "Introdução à Chorografia de Gaspar Barreiros" in *Clio*, nº 5, Lisboa, 1986, pp. 55-67.

_____, *Descobrimentos e Renascimento: Formas de Ser e Pensar nos Séculos XV e XVI*, Lisboa, INCM, 1983.

_____, *Portugal, Mensageiro do Mundo Renascentista: Problemas da Cultura dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Quetzal, 1989.

BARROCA, Mário Jorge, "Tempos de resistência e inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)" in *Portugalia*, Nova Série, Vol. XXIV, 2003, pp. 95-112.

BASTIAANSE, A., *Teodoro Ameyden (1586-1656): un neerlandese alla corte di Roma*, 's-Gravenhage, Staatsdrukkerij, 1967.

BATAILLON, Marcel, *Erasme et la Cour de Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1927.

_____, *Erasmo y el Erasmismo*, Barcelona, Editorial Crítica, 1983.

_____, *Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México, Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____, *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1952.

_____, *O Cosmopolitismo de Damião de Góis*, Lisboa, República, 1974.

BAUMGARTNER, Frederic J., *Louis XII*, New York, Palgrave Macmillan, 1994.

BEBIANO, Rui, *A Pena de Marte. A Escrita da Guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII)*, Coimbra, Minerva, 2000.

BEC, Christian, "Introduction" in *Machiavel, Oeuvres complètes I - Le Prince précédé des premiers* écrits politiques, Paris, Garnier, 1987, pp. 9-44.

BECEIRO PITA, Isabel, CÓRDOBA DE LA LLAVE Ricardo, *Parentesco, poder y mentalidad: la nobleza castellana, siglos XII-XV*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.

BEDINI, Silvio A., *The Pope's Elephant: Aspects of Portugal*, Manchester and Lisbon, Carcanet in association with the Calouste Gulbenkian Foundation and the Discoveries Commission, 1997.

BÉGIN, *La primauté et l'infaillibilité des souverains pontifes: Leçons d'histoire données a l'Université Laval*, Québec, L.H. Huot, 1873.

BÉLY, Lucien, *L'art de la paix en Europe. Naissance de la diplomatie moderne XVie-XVIIe siècle*, Paris, PUF, 2008.

BETHENCOURT, Francisco, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

BERTELLI, Sergio, *Il corpo del Re: sacralità del potere nell'Europa Medievale e Moderna*, Firenze, Ponte Alle Grazie, 1995.

BIAGI, Maria Cristina, *Il carnevale romano*, Roma, Ass. alla Cultura, 1988.

BLACK, C. F., "The Baglioni as Tyrants of Perugia, 1488-1540" in *The English Historical Review*, vol. 85, No. 335 (Apr., 1970), pp. 245-281.

BLACK, Jeremy (ed.), *European Warfare, 1494–1660*, London, Routledge, 2002.

BLOCH, Marc, *A Sociedade Feudal*, Lisboa, Edições 70, 1997.

BOGLIOLO, Luigi, *A ideia europeia e o conceito da Nação*, Guimarães, s.n., 1962.

BOIA, Lucian, "O Imaginário da Europa" in *Brotéria*, 2006, V 163, nº 2/3, pp. 115-130.

BOTTERI, Inge, *Galateo e galatei: la creanza e l'instituzione della società nella trattatistica italiana tra antico regime e stato liberale*, Roma, Bulzoni, 1999.

BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

BRASÃO, Eduardo, *Relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé*, 3 vols., Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1973.

BRÁSIO, Pe. António Duarte, *Embaixada do Congo a Roma em 1514*, Sep. *Studia*, 32, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1971.

BRAUDEL, Fernand, *Gramática das Civilizações*, Lisboa, Teorema, 1999.

_____, *História e Ciências Sociais*, Lisboa, Presença, 1973.

_____, *O Mediterrâneo no Tempo de Filipe II*, 2 volumes, Lisboa, Dom Quixote, 1994.

_____, *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*, 3 vols., Lisboa, Teorema, 1992.

_____, *O Modelo Italiano*, Lisboa, Teorema, 1997.

BRAUDEL, Fernand (dir.), GOUROU, Pierre, *A Europa*, Lisboa, Terramar, 1996.

BRAZÃO, Eduardo, *A diplomacia portuguesa nos séculos XVII e XVIII*, 2 vols., Lisboa, Resistência, 1979-1980.

BROWNING, Oscar, *The age of the Condottieri - A short history of mediaeval Italy from 1409-1530*, London, Methuen & Co., 1895.

BUESCU, Ana Isabel, *A educação de príncipes e niños generosos: um modelo quinhentista peninsular*, Sep. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. 19, 1997.

_____, *Catarina de Áustria, Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2007.

_____, *D. João III (1502-1557)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

_____, "D. João III e D. Miguel da Silva, bispo de Viseu: novas razões para um ódio velho" in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, vol. 10, T. 1, 2010.

_____, *Imagens do príncipe: Discurso normativo e representação (1525-49)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996.

_____, "Livros italianos na grande livraria dos duques de Bragança na primeira metade do século XVI: geografia, cultura e poder", texto original [ainda não publicado] da comunicação proferida em Maio de 2012 intitulada no âmbito do *2º Ciclo de Conferências Relações luso-italianas nas épocas medieval e moderna* (FCSH-CHAM/UNL).

_____, *O modelo do príncipe cristão: uma tradução quinhentista inédita*, Sep. *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Universidade de Oxford, 1 a 8 de Setembro de 1996, Oxford-Coimbra, 1998.

BUESCU, Helena Carvalhão, *Incidências do olhar: percepção e representação*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990.

_____, *Narrativas da Modernidade: a Construção do Outro*, Lisboa, Colibri, 2001.

BURCKHARDT, Jacob, *A Civilização do Renascimento Italiano*, Lisboa, Editorial Presença, 1983.

BURDEAU, Georges, *O Estado*, Lisboa, Europa- América, 1981.

BURKE, Peter, *Cultura e società nell'Italia del Rinascimento*, Bologna, Il Mulino, 2001.

_____, *El Renacimiento Europeo. Centros y Periferias*, Barcelona, Crítica, 2000.

_____, *El Renacimiento Italiano. Cultura y Sociedad en Italia*, Madrid, Alianza, 1993.

_____, *La cultura popular en la Europa moderna*, Madrid, Alianza Editorial, 1991.

_____, *Scene di vita quotidiana nell'Italia moderna*, Roma-Bari, Laterza , 1988.

_____, *The fortunes of the Courtier: the european reception of Castiglione's Cortegiano*, Cambridge, Polity Press, 1995.

_____, *Formas de Historia Cultural*, Madrid, Alianza Editorial, 2006.

BURNS, Edward McNall, *História da Civilização Ocidental*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981.

BURNS, James Henderson (ed.), *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

BURNS, James Henderson, IZBICKI Thomas M. (ed.), *Conciliarism and papalism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

CÂMARA, João de Sousa da, *Antes quebrar que torcer*, Lisboa, s. n., 1969.

CAMERON, Euan (coord.), *História da Europa Oxford - O século XVI*, Porto, Fio da Palavra Editores, 2009.

CANDAU, Joël, *Memoria e Identidad*, Buenos Aires, Del Sol, 2001.

CANTERA, Maria José Redondo, SERRÃO, Vítor Manuel Guimarães Veríssimo (coord.), *O largo tempo do Renascimento: arte, propaganda e poder*, Simpósio Internacional de História da Arte, Casal de Cambra/Lisboa, Caleidoscópio/Centro de História da Universidade de Lisboa, 2008.

CARDIM, Pedro Almeida, "A Diplomacia Portuguesa no Tempo de D. João III: Entre o Império e a Reputação" in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento, Lisboa, 2004*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, pp. 627-660.

_____, *Embaixadores e representantes diplomáticos da coroa portuguesa no século XVII*, Sep. *Cultura*, 15, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2002.

_____, "Politics and Power Relations in Portugal (Sixteenth-Eighteenth Centuries)" Sep. *Parliaments, Estates and Representation*, 13 vol., nº 2, 1993, pp. 95-108.

CARDOSO, Adelino, *Fulgurações do Eu: Indivíduo e Singularidade no Pensamento do Renascimento*, Lisboa, Colibri, 2002.

CARDOSO, Ângela Miranda, *Um rei leva a sua alma às sedes etéreas: representações do poder no Portugal de Quinhentos*, Texto policopiado / Tese de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.

CARDOSO, Arnaldo Pinto, *A Presença Portuguesa em Roma*, Lisboa, Quetzal, 2001.

CARNEMOLLA, Stefania Elena, *Un certo Gaspar da Gama: sfuggente figura di "interprete" dei viaggiatori portoghesi del Cinquecento,* Sep. *Miscellanea in Onore di Luciana Stegagno Picchio*, s.l., s.n. 2002.

CAROCCI, Sandro, *Il nepotismo nel Medioevo: papi, cardinali e famiglie nobili*, Roma, Viella, 1999.

CARPENTIER, Jean, LEBRUN François, *História da Europa*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996.

CARRIZO RUEDA, Sofía M., "Morfología y variantes del Relato de Viajes" in *Libros de viaje: Actas de las Jornadas sobre los Libros de Viaje en el Mundo Románico, celebradas en Murcia del 27 al 30 de noviembre de 1995*, Fernando Carmona

Fernández y Antonia Martínez Pérez (ed.), Murcia, Universidad de Murcia, 1996, pp. 119-126.

CARVALHO, Henrique Martins de, *A casa de Bragança e a formação da unidade multicontinental do País*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1960.

CARVALHO, João Carlos Firmino Andrade de, *Ciência e alteridade na literatura de viagens: estudo de processos retóricos e hermenêuticos*, s. l., s. n., 2003.

CASACA, António Avelino Neves, *O olhar do outro na Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, Texto policopiado / Tese de Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses apresentada à Universidade Aberta, Lisboa, 2000.

CASAGRANDE DI VILLAVIERA, Rita, *Le cortigiane veneziane nel Cinquecento*, Milano, Longanesi & C., 1968.

CASTRO, Aníbal Pinto de, "Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16.

CASTRO, José de, *Portugal em Roma*, 2 vols., Lisboa, União Gráfica, 1939.

CAWTHORNE, Nigel, *A vida sexual dos papas: os escândalos do Vaticano*, Lousã, Livros e Livros, 2000.

CEBRIÀ, Ernest, *El imperio de Carlos V: las coronas y sus territórios*, Madrid, Península, 2002

CENTENO, Yvette Kace, FREITAS Lima de (ed.), *A Simbólica do Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins*, Lisboa, Editorial Estampa, 1990.

CESAREO, G. A., *Pasquino e Pasquinate nella Roma di Leone X*, Roma, Casa Ed. Leonardo de Vinci, 1938.

CHAMBERLAIN, Eric Russel, *Papas Perversos*, Lisboa, Edições 70, 2005.

CHAMBERS, David, S., *Popes, Cardinals and War. The Military Church in Renaissance and Early Modern Europe*, London, I. B. Tauris, 2006.

CHARTIER, Roger, *A História Cultural entre Práticas e Representações*, Lisboa, Difel, 1988.

CHASTEL, André, *Luigi d'Aragona: un cardinale del Rinascimento in viaggio per l'Europa*, Roma, Laterza, 1987.

_____, *Temps modernes: 1430-1620*, Paris, Flammarion, 1994.

_____, *The Sack of Rome: 1527*, Princeton, Princeton University Press, 1983.

CHASTENET, Geneviève, *Lucrécia Bórgia, 1480-1519*, Lisboa, Bertrand Editora, 2004.

CHAUNU, Pierre, *La España de Carlos V*, 2 vols., Barcelona, Península, 1976.

CHAVES, M. A., *Formas do Pensamento em Portugal no Século XV. Esboço de Análise a Partir de Representações de Paisagem nas Fontes Literárias*, Lisboa, Livros Horizonte, 1969.

CHECA CREMADES, Fernando, *Carlos V: la imagen del poder en el Renacimiento*, Madrid, El Viso, 1999.

CHRISTIANSON, Gerald, IZBICKI, Thomas M., BELLITTO, Christopher M. (ed.), *The Church, the Councils, & Reform: The Legacy of the Fifteenth Century*, Washington, DC The Catholic University of America Press, 2008.

CIUTIIS, Salvatore de, *Une ambassade portugaise à Rome au XVIe siècle*, Naples, Typographique Michele D'Auria, 1899.

CLAUSEWITZ, Carl von, *Da Guerra*, Lisboa, Ed. Perspectivas e Realidades, 1976.

CLOULAS, Ivan, *Giulio II*, Roma, Salerno Editrice, 1990.

COELHO, Henrique Trindade, BATTELLI, Guido (ed.), *D. Miguel de Sylva dos condes de Portalegre, Bispo de Vizeu, Cardeal de Santa Maria Transtiberina*, Firenze, Tip. Alfani e Venturi, 1935.

COELHO, Maria Helena da Cruz, *D. João I, o que re-colheu Boa Memória*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

COELHO, Maria Helena da Cruz, MAGALHÃES, Joaquim Romero, *O Poder Concelhio. Das origens às Cortes Constituintes. Notas de História Social*, Coimbra, Centro de Estudos de Formação Autárquica, 1986.

COHEN, Elizabeth S., COHEN, Thomas V., *Daily life in Renaissance Italy*, Westport, Greenwood Press, 2001.

COLLINGWOOD, R. G., *A Ideia de História*, Lisboa, Editorial Presença, 1972.

COMMENDONE, Giovanni Francesco, *Discorso sopra la corte di Roma*, Roma, Bulzoni, 1996.

Conscience Européenne au XVe et au XVIe Siècle — Actes du Colloque International Organisé à l'Ecole Normale Supérieure de Jeunes Filles (30 Septembre — 3 Octobre 1980), (La), Paris, Ecole Normale Supérieure de Jeunes Filles, 1982.

CONTINISIO, Chiara, MOZZARELLI, Cesare (a cura di), *Repubblica e virtù: pensiero politico e monarchia cattolica fra 16. e 17. Secolo*, Roma, Bulzoni, 1995.

CORDIÉ, Carlo, "Introdução" in *O Cortesão*, Baldassar Castiglione, Martins Fontes, São Paulo, 1997, pp. VII-LII.

CORTESÃO, Armando, *Primeira embaixada europeia à China: o boticário e embaixador Tomé Pires e a sua "Suma Oriental"*, Macau, Instituto Cultural, 1990.

CORVISIER, André, *História Universal – O Mundo Moderno*, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977.

COSTA, André da Silva, *Os secretários e o estado do rei: luta de corte e poder político. Sécs. XVI-XVII*, Texto policopiado / Tese de Mestrado em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, s. n., 2008.

COSTA, Fernanda Gil, SILVA Maria Helena Gonçalves da (coord.), *A Ideia Romântica de Europa: antigos caminhos, novos rumos. Actas do Congresso*, Lisboa, Colibri, 2002.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *D. Manuel I (1469-1521), Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Temas e Debates, 2007.

COSTA, P. Avelino de Jesus da, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 3ª edição, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

CRAVERI, Benedetta, *Reines et favorites: Le pouvoir des femmes*, Paris, Éditions Gallimard, 2007.

CRISTÓVÃO, Fernando (coord.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*, Coimbra, Almedina, 2002.

CRISTÓVÃO, Fernando, *O olhar do viajante: dos navegadores aos exploradores*, Coimbra, Almedina, 2003.

CROSBY, Alfred, W., *La Medida de la Realidad, La Cuantificación y la Sociedad Occidental, 1250-1600*, Barcelona, Crítica, 1988.

CRUCIANI, Fabrizio, *Il teatro del Campidoglio e le feste romane del 1513*, Milano, Il Polifilo, 1969.

_____, *Teatro nel Rinascimento: Roma 1450-1550*, Roma, Bulzoni, 1983.

CRUZ, Maria Augusta Lima, António Manuel Lázaro, "A Linguagem Criptográfica na Correspondência Diplomática Portuguesa de D. Miguel da Silva e de Pero Correia: Origens e Significado" in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento, Lisboa, 2004*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, pp. 601-620.

CRUZ, Maria Augusta Lima, *Contribuição Para o Estudo dos Correios Entre Portugal e Roma no Século XVI*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, 1, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian (Centro Cultural Português), 1969, pp. 463-467.

CUARTERO Y HUERTA, Baltasar, y MONTERO DE ESPINOSA, Antonio de Vargas-Zúñiga y (ed.), *Indice de la colección de Don Luis de Salazar y Castro*, Tomo XL, Madrid, Real Academia de la Historia, 1968, pp. 188-197.

Culture et idéologie dans la Ideologie Genèse de l'Etat moderna: Actes de la ronde tabela organisée par le Centre National de la Recherche Scientifique et l'École Française de Roma, Roma, 15-17 Octobre 1984, Roma, École Française de Rome, 1985.

CUNEO, Pia Francesca (ed.), *Artful Armies, Beautiful Battles: Art and Warfare in Early Modern Europe*, Boston and Leiden, Brill Academic Publishers, 2002.

CUNHA, Joaquim da Silva, "A ideia de Europa. Raízes históricas. Evolução. Concretização actual. Portugal e a Europa" in *Revista de Guimarães*, nº 91, 1981, pp. 97-116.

CUNHA, Mafalda Soares da, *A Casa de Bragança, 1560-1640, Práticas Senhoriais e Redes Clientelares*, Lisboa, Editorial Estampa, 2000.

_____, *Linhagem, parentesco e poder: a Casa de Bragança (1384-1483)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1990.

_____, "Nobreza, rivalidade e clientelismo na primeira metade do século XVI. Algumas reflexões" in *Penélope*, 29, 2003, pp. 33-48.

CURTO, Diogo Ramada, BETHENCOURT, Francisco (org.), *A Memória da Nação: Colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia*, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1991.

GOFFMAN, Daniel, *The Ottoman Empire and Early Modern Europe*, New York, Cambridge University Press, 2002.

DAVIS, Natalie Zemon, FARGE, Arlette (dir. do volume), *História das Mulheres no Ocidente, Do Renascimento à Idade Moderna*, vol. III, Georges Duby e Michelle Perrot (dir. da colecção), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

DE GRAZIA, Sebastian, *Machiavelli all'inferno*, Rome-Bari, Laterza, 1990.

DEBUS, Allen G., *Man and nature in the Renaissance*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

DELUMEAU, Jean, *A Civilização do Renascimento*, Lisboa, Edições 70, 2004.

_____, *La Reforma*, Barcelona, Editorial Labor, 1977.

_____, *Mil anos de felicidade. Uma história do paraíso*, Lisboa, Terramar, 1997.

_____, *Rome au XVIe Siècle*, Paris, Hachete, 1975.

DENNISTOUN, James, *Memoirs of the Dukes of Urbino, illustrating the arms, arts, and literature of Italy, from 1440 to 1630*, vol. II, London, Longman, 1851.

DESWARTE, Sylvie, "A Roma de D. Miguel da Silva" in *Oceanos*, n°1, Junho, 1989, Lisboa, CNCDP, pp. 104-107.

_____, *Il Perfetto Cortegiano D. Miguel da Silva*, Roma, Bulzoni, 1989.

_____, *La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)*, Sep. *O Humanismo Português 1500-1600*, Lisboa, Academia das Ciências, 1988.

_____, "*Rome Déchue: Décomposition d'une Image de Francisco de Holanda*", Sep. *Monuments et Mémoires*, 71, Paris, Presses Universitaires de France, 1990.

_____, "The Portuguese in Rome and the Palazzo dei Tribunali" in *Cultural Links Between Portugal and Italy in the Renaissance*, LOWE, Kate J. P. (ed.), Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 249-264.

_____, *Un Nouvel Age d'Or: la Glorie des Portugais à Rome Sous Jules II et Léon X*, Sep. *Congresso Internacional Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

_____, "Uno sguardo venuto da lontano: tra Roma Antica e Roma Cristiana" in *Roma e l'Antico nell'arte e nella cultura del Cinquecento*, Marcello Fagiolo (dir.), Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985, pp. 489-508.

DI TEODORO, *Paolo Francesco, Raphael, Castiglione e Baltazar carta de Leo X*, Bologna, Alpha Novo, 1994.

DIAS, José Sebastião da Silva, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Lisboa, Editorial Presença, 1991.

_____, *Portugal e a cultura europeia (séculos XVI a XVIII)*, Campo das Letras, Lisboa, 2006.

DICKENS, A. G., JONES, Whitney R. D., *Erasmo el Reformador*, Madrid, Acento, 2002.

DILTHEY, W., *Homem e Mundo nos Séculos XVI e XVII*, México, Fondo de Cultura Economica, s. d..

Diplomacia na história de Portugal (A), Actas do Colóquio, Lisboa, 1988, Academia Portuguesa da História (org.), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1990.

Documentos para o estudo das relações culturais entre Portugal e Itália, Henrique Trindade Coelho e Guido Battelli (ed.), Florentiae, Aedibus Alfani & Venturi, 1934-1935.

DOMINGUES, Agostinho, *Damião de Góis e o Seu Tempo*, s. l., s.n., 2003.

DÓRIA, António Álvaro, *Damião de Góis: um Humanista Português*, Lisboa, Império, 1942.

DOWNING, Brian M., *The Military Revolution and Political Change: Origins of Democracy and Autocracy in Early Modern Europe*, Princeton, Princeton University Press, 1993.

DUARTE, Luciano A. R., *Europa e europeus*, São Paulo, Flamboyant, 1961.

DUARTE, Luís Miguel, *D. Duarte, Requiem por um rei triste*, Lisboa, Temas e Debates, 2007.

DUBOIS, Claude-Gilbert, *L'Imaginaire de la Renaissance*, Paris, PUF, 1985.

DUBY, Georges, (dir.), *Histoire de la France Urbaine – La ville médiéval*, vol. II, Paris, Seuil, 1980.

DUBY, Georges, *Para Uma História das Mentalidades*, Lisboa, Terramar, 1999.

DYKE, Paul Van, *The Age of the Renaissance, an Outline Sketch of the History of the Papacy from the Return from Avignon to the Sack of Rome (1377-1527)*, New York, Scribner, 1897.

ELIAS, Norbert, *A Sociedade de Corte*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987.

_____, *A Sociedade dos Indivíduos*, Lisboa, Dom Quixote, 1993.

_____, *O Processo Civilizacional: Investigações Sociogenéticas e Psicogenéticas*, 2ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 2006.

ELTIS, David, *The Military Revolution in Sixteenth-Century Europe*, New York, I. B.Tauris & Company, 1998.

ELTON, George Rudolph, *A Europa durante a reforma: 1517-1559*, Lisboa, Presença, 1982.

ERLANGER, Philippe, *Carlos V*, Madrid, Ediciones Palabra, 2000.

ESPINO LÓPEZ, Antonio, *Guerra y cultura en la Época Moderna. La tratadística militar hispánica en los siglos XVI y XVII: libros, autores y lectores*, Madrid, Ministerio de Defensa, 2001.

ESTÉVEZ FERNÁNDEZ, Adela, *Los españoles en Italia*, Sevilla, Escuela Gráfica Salesiana, 1964.

FACCHINI, Guido Angelo, *La Storia di Ferrara*, Ferrara, Banca di Credito Agrario della Provincia di Ferrara, 1959.

FAIRCHILDS, Cissie C., *Women in early modern Europe, 1500-1700*, Cambridge, Pearson Education, 2007.

FALCONI, Carlo, *Leone X. Giovanni de' Medici*. Milano, Rusconi, 1987.

_____, *Storia dei Papi e del papato*, vols. I e II, Roma, Compagnia Edizioni Internazionali, 1967-1972.

FANTONI, Marcello, *La corte del granduca: forme e simboli del potere mediceo fra Cinque e Seicento*, Roma, Bulzoni, 1994.

FARIA, Ana Maria Homem Leal de, *Duarte Ribeiro de Macedo: um diplomata moderno (1618-1680)*, Texto policopiado / Tese de Doutoramento em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vols., Lisboa, 2003.

_____, *Tempo dos Diplomatas: Estudo Sobre o Processo de Formação da Diplomacia Moderna e o seu Contributo na Tomada de Decisão Política (1640-1 - 1736-50)*, Texto policopiado / Projecto de Tese de Doutoramento em História Moderna apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

FARIA, António de Portugal de, *Portugal e Itália*, Milano, Typ. Raphael Giusti Leorne, 1905.

FARIA, José Eduardo, *Poder e legitimidade: uma introdução à política do direito*, São Paulo, Perspectiva, 1978.

FAURE, Paul, *O Renascimento*, Mem Martins, Europa-América, 1998.

FEBVRE, Lucien (coord.), *Civilisation: le mot et l'idée, Première Semaine Internationale de Synthèse, Paris, 1929*, Paris, Renaissance du Livre, 1930.

_____, *A Europa: génese de uma civilização*, Lisboa, Teorema, 2001.

_____, *Au coeur religieux du XVIé siècle*, Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1983.

_____, *Combates pela História*, Lisboa, Presença, 1989.

_____, *Martinho Lutero, Um Destino*, Lisboa, Edições Asa, 1993.

_____, *O Problema da Descrença no Século XVI: a Religião de Rabelais*, Lisboa, Ed. Inicio, 1971.

_____, *Olhares sobre a história*, Porto, Asa, 1996.

FÉDOU, René, *L'État au Moyen Age*, Paris, PUF, 1971.

FELISATTI, Massimo, *Isabella d'Este: la primadonna del Rinascimento*, Milano, Bompiani, 1982.

FERNANDES, Carla Varela, *Poder e representação: iconologia da família real portuguesa: primeira dinastia, séculos XII a XIV*, Texto Policopiado, Texto Policopiado

/ Tese de Doutoramento em História (História da Arte), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vols., Lisboa, 2004.

FERNÁNDEZ ALVAREZ, Manuel, *Carlos V*, Madrid, Publicaciones Españolas, 1974.

FERRAJOLI, Alessandro, *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516,* Vincenzo De Caprio (a cura di), Roma, Bulzoni, 1984.

_____, *La congiura dei cardinali contro Leone X*, Roma, Società Storia Patria Roma, 1919.

FERRARA, Orestes, *The Borgia Pope, Alexander The Sixth*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2006.

FERRONHA, António Luís (coord.), *África e os africanos. Iconografia do encontro*, Lisboa, Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996.

FERRONHA, António Luís (coord.), Luís de Albuquerque, José da Silva Horta, Rui Loureiro, *O Confronto do Olhar, O Encontro dos Povos na Época das Navegações Portuguesas,* Lisboa, Editorial Caminho, 1991.

FIALHO, Maria do Céu, SILVA, Maria de Fátima Sousa, PEREIRA, Maria Helena da Rocha (coord.), *Génese e consolidação da ideia de Europa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2005.

Studia historica - Fiesta y Poder (siglos XVI y XVII), Historia Moderna, Salamanca, Universidad de Salamanca, Nº 31, 2009.

FIRPO, Massimo, *Il sacco di Roma del 1527 tra profezia, propaganda politica e riforma religiosa*, Cagliari, CUEC, 1990.

FONSECA, Luís Adão da, *D. João II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

FOSSIER, Robert, *Le Moyen Age - Le temps des crises: 1250-1520*, vol. III, Paris, Armand Colin, 1990.

FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 2007.

_____, O que é um *autor*?, Lisboa, Vega, 1992.

_____, *Vigiar e Punir*, S. Paulo, Editora Vozes, 2002.

FRANÇA, Eduardo d'Oliveira, *O poder real em Portugal e as origens do absolutismo*, S. Paulo, Universidade de São Paulo, 1946.

FRANCHETTI PARDO, Vittorio, *Roma: la città dei papi, dal 1417 al 1870*, Milano, Fenice, 2000, 1994.

FROMMEL, Christoph, *Architettura alla corte papale nel Rinascimento*, Milano, Electa, 2003.

GALASSO, Giuseppe, *Poder e instituições em Itália: da queda do império Romano aos nossos dias*, Lisboa, Bertrand / Instituto de Cultura Italiana em Portugal, 1984.

GARCÍA GUAL, Carlos, *Los Orígenes de la novela*, Madrid, Istmo, 1972.

GARIN, Eugenio, *Ciencia y vida civil en el Renacimiento italiano*, Madrid, Taurus, 1982.

_____ (dir.), *O Homem Renascentista*, Lisboa, Editorial Presença, 1991.

_____, *Idade Média e Renascimento*, Lisboa, Editorial Estampa, 1989.

_____, *L'Umanesimo italiano: filosofia e vita civile nel Rinascimento*, Bari, Laterza, 1984.

_____, *La Educación en Europa. 1400-1600. Problemas y Programas*, Barcelona, Crítica, 1987.

_____, *O Renascimento. História de Uma Revolução Cultural*, Porto, Telos Editora, 1983.

GARRIDO GONZÁLEZ, Elisa (dir.), *Historia de las Mujeres en España*, Madrid, Síntesis, 1997.

GATTONI, Maurizio, *Pandolfo Petrucci e la politica estera della Repubblica di Siena, 1487-1512*, Siena, Cantagalli, 1997.

_____, *Leone X e la geo-politica dello stato pontifico (1513–1521)*, Città del Vaticano, Archivio Segreto Vaticano, 2000.

GENSINI, Sergio, *Roma capitale (1447-1527)*, Roma, Pacini, 1994.

GNOLI, Domenico, *La Roma di Leon X*, Milano, Editore Ulrico Hoepli, 1938.

GOBINEAU, Arthur Comte de, *La Renaissance: Savonarole, César Borgia, Jules II, Léon X, Michel Angelo. Scènes historiques*, Paris, Plon, 1903.

GODINHO, Vitorino Magalhães, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar. Séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990.

GOMES, Rita Costa, *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, Lisboa, Difel, 1995.

GOMES, Saul António, *D. Afonso V*, Lisboa, Temas e Debates, 2009.

GONÇALVES, Maria Paula Anastácio, *A senhora duquesa e o pajem. Um caso de adultério na aristocracia quinhentista*, [Texto policopiado], Dissertação de Mestrado

em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008.

GORDON, Alexander, *The Lives of Pope Alexander VI and His Son Cæsar Borgia*, Philadelphia, J. Campbell, 1844.

GOUVEIA, António Camões, "De Lisboa a Roma para mostrar a Índia" in *Noesis*, Lisboa, 1992, nºs 22, pp. 24-27.

_____, *Educação e aprendizagens: formas de poder na paideia do Portugal moderno*, Sep. *Ler História*, 35, 1998, S.l., s.n., 1998.

_____, "Portugal e a Europa: a sociedade e as relações diplomáticas de Tordesilhas aos Pirenéus" in *Revista ICALP*, Lisboa, ICALP, 15, pp. 89-95.

GREEN, V. H. H., *Renascimento e Reforma*, Lisboa, Dom Quixote, 1991.

GREGOROVIUS, Ferdinand, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, Roma, Newton Compton Italiana, 1972.

HALE, John Rigby, *A Civilização Europeia no Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 2000.

_____, *A Europa Durante o Renascimento: 1480-1520*, Lisboa, Editorial Presença, 1983.

_____, *Artists and Warfare in the Renaissance*, New Haven, Yale University Press, 1998.

_____, *Renaissance War Studies*, London, Hambledon Press, 1983.

_____, "The Development of the Bastion, 1440-1534" in *Europe in the Late Middle Ages*, John Rigby Hale, J. R. L. Highfield and B. Smalley (ed.) Chicago, Northwestern University Press, 1965, pp. 466-494.

_____, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, Montreal and Kingston, McGill-Queen's University Press, 1998.

HALL, Bert S., *Weapons and Warfare in Renaissance Europe. Gunpowder, Technology, and Tactics*, Baltimore and London, John Hopkins University Press, 1997.

HAMMER, Paul E. J., *Warfare in Early Modern Europe 1450-1660*, Aldershot, Ashgate, 2007.

HANNING, Robert W., ROSAND, David, *Castiglione: the ideal and the real in Renaissance culture*, New Haven-London, Yale University Press, 1983.

HARARI, Yuval Noah, *Renaissance Military Memoirs (War, History and Identity, 1450-1600)*, Woodbridge, The Boydell Press, 2004.

HEERS, Jacques, *Festas de loucos* e Carnavais, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987.

_____, *La Roma dei papi ai tempi dei Borgia e dei Medici, 1420-1520*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2001.

HELLER, Agnes, *O Homem do Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 1984.

HENRIQUES, Isabel Castro, "Alteridade e história" in *O estudo da história*, II série, nº 12-15 (1990-1993), 1994, pp. 235-245.

HESPANHA, António Manuel, *História das Instituições. Épocas Medieval e Moderna*, Coimbra, Almedina, 1982.

_____, "O estatuto jurídico da mulher na Época da Expansão" in *Oceanos*, 21, Janeiro-Março 1995, pp. 8-16.

_____, *Poder e Instituições na Europa no Antigo Regime*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

HOMEM, António Pedro Barbas, *A Lei da Liberdade, vol. I: Introdução Histórica ao Pensamento Jurídico - Épocas Medieval e Moderna*, Cascais, Principia, 2001.

HOMEM, Rui Carvalho, *Estranha gente, outros lugares - Shakespeare e o drama da alteridade: um programa para a disciplina de literatura inglesa*, Lisboa, Colibri, 2003.

HORCAJO, Arturo, *La question de l'altérité du XVIe siècle à nos jours*, s. l., s. n., 2003.

HORTA, José da Silva, "A representação do africano na literatura de viagens, do Senegal à Serra Leoa: 1453-1508" in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 209-338.

HUIZINGA, J. *O Declínio da Idade Média*, Braga, Editora Ulisseia, 1996.

Humanisme et Renaissance au Portugal. Les deux regards de Janus, 2 vols., Lisbonne/Paris, FCG, 1989.

INALCIK, Halil, *The Ottoman Empire: The Classical Age 1300-1600*, New Rochell (NY), Aristide D. Caratzas, 1989.

INNOCENTI, Ennio, *Storia del potere temporale dei papi*, Napoli, Grafite, 2001.

JACQUOT, Jean (ed.), *Les fêtes de la Rennaissance*, 3 vols., Paris, Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1973-75.

JAUSS, Hans Robert, *Toward an Aesthetic of Reception*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1985.

JENKINS, Robert Charles, *Alfonso Petrucci, Cardinal and Conspirator; An Historical Tragedy in Five Acts*, [facsimile da 1ª edição: Kegan Paul & Co., 1882], s. l., General Books, 2010.

JOHNSON, Paul, *O Renascimento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.

JOSÉ, Maria José, FARO, Jorge, *Embaixadas enviadas pelos reis de Portugal de 1415 a 1473: subsídios documentais*, Sep. *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, vol. III, Lisboa, s. n., 1961.

KAMEN, Henry, *Empire: How Spain Became a World Power, 1492–1763*, New York, Harper Collins, 2003.

KANTOROWICZ, Ernst H., *The King's Two Bodies: A Study in Mediaeval Political Theology*, William Chester Jordan (ed.), Princeton, Princeton University Press, 1997.

KAYSER, Wolfgang, *O problema dos géneros literários*, Coimbra, Instituto Alemão da Universidade, 1944.

KEEGAN, John, *O Rosto da Batalha*, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1987.

KIDDER, D. P., *Life And Times Of Leo The Tenth*, [1850], Whitefish, Kessinger Publishing, 2003.

KING, Margaret L., "A Mulher Renascentista" in *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Editorial Presença, Lisboa, 1991, pp. 191-227.

_____, *A Mulher do Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.

KITSIKIS, Dimitri, *O Império Otomano*, Porto, Rés Editora, 1996.

KLACZKO, Julian, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2007.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane, *Women, family, and ritual in Renaissance Italy*, Chicago, University of Chicago Press, 1987.

KNECHT, R. J., *Francis I*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

KOYRÉ, A., *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, Lisboa, Gradiva, 1990.

KRUSE, Jeremy, "Hunting, magnificence and the court of Leo X" in *Renaissance Studies*, vol. VII, 1993, pp. 243–257.

LADURIE, Emmanuel Le Roy, *Le Carnaval de Romans.* De la Chandeleur au Mercredi des cendres 1579-1580, Paris, Gallimard, 1979.

LAÍN ENTRALGO, Pedro, *Teoria y realidad del outro*, Madrid, Alianza Editorial, 1983.

LANDÌ, Aldo, *Concilio e Papato nel Rinascimento (1449-1516): un problema irrisolto*, Torino, Claudiana, 1997.

LAPEYRE, Henri, *Las monarquías europeas del siglo XVI: las relaciones internacionales*, Barcelona, Labor, 1969.

LARANJEIRA, Maria Cristina de Almeida Melo, *O ensino da literatura e a problemática dos géneros literários*, Coimbra, Almedina, 1998.

LARIVAILLE, Paul, *La vie quotidienne des courtisanes en Italie au temps de la renaissance (Rome et Venice, XV et XVI siècles)*, Paris, Hachette, 1975.

_____, *La vita quotidiana delle cortigiane nell'Italia del Rinascimento*, Milano, Rizzoli, 1987.

_____, *La vita quotidiana in Italia ai tempi di Machiavelli (Firenze e Roma)*, Milano, Rizzoli, 1995.

_____, *Le cortigiane nell'Italia del Rinascimento: Roma e Venezia nei secoli 15 e 16*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2000.

LAVAJO, Joaquim Chorão, *D. Jaime de Bragança e a Epopeia de Azamor*, Vila Viçosa, Callipole, 1993.

LAW, J. E., "Giovanni Vitelleschi: 'prelate guerriero'", *Renaissance Studies*, 12 (1998), pp. 40–66

LAWNER, Lynne, *Le cortigiane: ritratti del Rinascimento*, Milano, Rizzoli, 1988.

LE GOFF, Jacques, *A Civilização do Ocidente Medieval*, 2 vols., Lisboa, Editorial Estampa, 1995.

_____, *A Velha Europa e a Nossa*, Lisboa, Gradiva, 1995.

_____, As raízes medievais da Europa, Petrópolis, Vozes, 2007.

_____, *História do corpo*, Lisboa, Teorema, 2005.

_____, *História e Memória*, 2 vols., Lisboa, Edições 70, 2000.

_____, "La fonction économique" in *Histoire de la France Urbaine – La ville médiéval*, vol. II, Georges Duby (dir.), Paris, Seuil, 1980, pp. 241-261.

_____, "La ville comme représentation – L'imaginaire urbain" in *Histoire de la France Urbaine – La ville médiéval*, vol. II, Georges Duby (dir.), Paris, Seuil, 1980, pp. 392-396.

_____, "La ville et les dehors – Les murailles" in *Histoire de la France Urbaine – La ville médiéval*, vol. II, Georges Duby (dir.), Paris, Seuil, 1980, pp. 198-219.

_____, "Le peuplement urbain" in *Histoire de la France Urbaine – La ville médiéval*, vol. II, Georges Duby (dir.), Paris, Seuil, 1980, pp. 190-197.

_____, "Le temps et l'espace urbains" in *Histoire de la France Urbaine – La ville médiéval*, vol. II, Georges Duby (dir.), Paris, Seuil, 1980, pp. 367-370.

_____, *O Imaginário Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

_____, *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 1990.

LEE, Egmont (a cura di), *La popolazione di Roma nel Rinascimento*, Roma, Università La Sapienza, 2006.

LEFRANC, Abel, *A Vida Quotidiana no Tempo do Renascimento*, Lisboa, Livros do Brasil, 1966.

LEITE, Sílvia Maria Brito Gomes, *A arte do manuelino como discurso simbólico: categorias ordenadoras da imagem do mundo e representação do poder no tardo-medievalismo português*, Texto Policopiado / Tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

LENZI, Maria Ludovica, *Il sacco di Roma del 1527*, Firenze, La Nuova Italia, 1978.

LEROY, Béatrice, *Sociedades e poderes políticos na Península Ibérica medieval (séculos XIV-XV)*, Mem Martins, Europa-América, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Raça e História*, Lisboa, Editorial Presença, 1980.

LIMA, Durval Pires de, *A embaixada de Manuel Saldanha ao imperador K'hang hi em 1667-1670: subsídios para a história de Macau*, Lisboa, s.n., 1930.

LIMA, Francisco Ferreira de, *O outro livro das maravilhas: alteridade e diferença na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, s. l., s. n., 1996.

LISBOA, João Miranda, *A ideia da Europa em Portugal na época de D. João V: comércio, diplomacia e visionarismo num projecto português de aliança com a Rússia de Pedro o Grande*, Lisboa, Universitárias Lusófonas, 2000.

LOPES, Marília dos Santos, *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas: para uma iconografia dos descobrimentos*, Lisboa, Quetzal, 1998.

LOREN, Partridge, *The Renaissance in Rome*, London, The Everyman Art Library, 1996.

LOUREIRO, Rui Manuel, *A visão do mouro nas crónicas de Zurara*, Sep. *Mare Liberum*, 3, 1991, Lisboa, CNCDP, pp. 193-209.

LOURENÇO, Eduardo, *A Europa Desencantada: Para uma Mitologia Europeia*, Lisboa, Gradiva, 2001.

LOWE, Kate J. P., *Church and Politics in Renaissance Italy: The Life and Career of Cardinal Francesco Soderini, 1453-1524*, Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

_____ (ed.), *Cultural Links Between Portugal and Italy in the Renaissance*, Oxford, Oxford University Press, 2000.

LUIS CASTELLANO, Juan Luis, SÁNCHEZ-MONTES GONZÁLEZ, Francisco, *Carlos V: Europeísmo y universalidad. Congreso internacional, Granada, mayo de 2000*, Madrid, Sociedad Estatal Para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001.

LUZIO, Alessandro, *'Isabella d'Este ne' primordi del papato di Leone X*, Milano, Cogliati, 1907.

MACEDO, Jorge Borges de, "Absolutismo" in *Dicionário de História de Portugal*, vol. I, Joel Serrão (dir.), Porto, Livraria Figueirinhas, 1984, pp. 8-14.

_____, *História Diplomática portuguesa, constantes e linhas de força*, Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, 1978.

MAGALHÃES, Joaquim Romero, *O Algarve Económico 1600-1773*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.

_____, "Os régios protagonistas do poder" in *História de Portugal*, José Mattoso (dir.), vol. III – *No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, Joaquim Romero Magalhães (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 513-581.

MALLETT, Michael, *Diplomacy and war in later fifteenth-century Italy*, London, British Academy, 1983.

_____, *Mercenaries and Their Masters: Warfare in Renaissance Italy*, London, Bodley Head, 1974.

MALLETT, Michael, HALE, John, *The Military Organization of a Renaissance State: Venice c. 1400 to 1617*, Cambridge, Cambridge University Press, 2006.

MARCELLO, Alberini, *Il sacco di Roma*, Roma, Roma nel Rinascimento, 1997.

MARQUES, A. H. de Oliveira, "Diplomática" in *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (dir.), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984, pp. 309-314.

_____, "Paleografia" in *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (dir.), vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984, pp. 528-534.

_____, "Prefácio" in *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes*, Larry King (edição diplomática), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1978, pp. 17-19.

_____, *A Sociedade Medieval Portuguesa. Ensaios de vida quotidiana*, Lisboa, Sá da Costa, 1974.

MARQUES, A. H. de Oliveira e Joel Serrão (dir.), *Nova História de Portugal. Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. V, João José Alves Dias (coord.), Lisboa, Editorial Presença, 1998.

MARGOLIN, Jean-Claude, *Érasme précepteur de l'Europe*, Paris, Julliard, 2005.

MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

_____, *A Parenética Portuguesa e a Restauração – 1640-1668: A Revolta e a Mentalidade*, 2 vols., Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

MARTIN, Hervé, *Mentalités Médiévales, XIème - XVème Siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 1996.

MARTINDALE, Andrew, *Man and the Renaissance*, London, Paul Hamlyn, 1966.

MARTÍNEZ MILLÁN, Jose (ed.), *Instituciones y Elites de Poder en la Monarquía Hispana durante el siglo XVI*, Madrid, Ediciones de la Universidad Autónoma, 1992.

MARTÍNEZ LAÍNEZ, Fernando, SÁNCHEZ DE TOCA, Jose María, *Tercios de España: la infantería legendaria*, Madrid, EDAF, 2006.

MARTINS, Florinda Leonilde Ferreira, *Recuperar o humanismo: para uma fenomenologia da alteridade em Michel Henry*, s. l., s. n., 2002.

MARTINS, José Vitorino de Pina, *Descobrimentos Portugueses e Renascimento Europeu*, Sep. *Miscellanea di Studi in Onore di Aurelio Roncaglia a Cinquant' Anni dalla sua Laurea*, Modena, Mucchi, 1989.

_____, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux Regards de Janus*, 2 vols, Lisboa, Paris, Fundation Calouste Gulbenkian, 1989.

_____, *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

_____, *Sobre o conceito de Humanismo e alguns aspectos histórico-doutrinários da cultura renascentista*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian (Centro Cultural Português), 1970.

MARTINS, Otília Pires (coord.), *Portugal e o outro: textos de hermenêutica intercultural*, s. l., s. n., 2005.

MARUCCI, Valerio, "Prefazione" in *Pasquinate del Cinque e Seicento*", C. Rendina, Roma, Salerno, 1988.

MARUCCI, Valerio, Antonio Marzo e Angelo Romano (a cura di), *Pasquinate romane del Cinquecento*, Roma, Salerno, 1983.

MASSON, Georgina, *Cortigiane italiane del Rinascimento: passioni d'amore e intrighi politici delle affascinanti donne di piacere del Cinquecento: un'epoca fastosa di arte e bellezza nella sfrenata lussuria delle corti di dogi, principi e papi*, Roma, Newton Compton, 1981.

MATHEW, Arnold Harris, *The life and times of Rodrigo Borgia, Pope Alexander VI*, London, S. Paul & co., 1912.

MATOS, Luís de, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento,* Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956.

MATTINGLY, Garrett, *La diplomacia del Renacimiento*, Madrid, Instituto de Estudios Politicos, 1970.

MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal – No Alvorecer da Modernidade*, vol. III, Joaquim Romero Magalhães (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.

_____ (coord.), *Nova História Militar de Portugal*, vols. I e II, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

MENÉNDEZ Y PIDAL, Ramón, *Historia de España: Tomo XVII, La España de los Reyes Católicos*, vol. 2, Luis Suárez Fernández y Manuel Fernández Álvarez (dir.), Madrid, Espasa-Calpe, 1995.

MESNARD, Pierre, *L'Essor de la Philosophie Politique au XVIe Siècle*, Paris, Librairie Philosophique Jean Vrin, 1977.

MILLER, Douglas, *Landsknechts*, Oxford, Osprey Publishing, 2004.

MILLER, Douglas, EMBLETON, Gerry, *The Swiss at War 1300-1500*, London, Osprey Publishing, 1979

MILLS, C. Wright, *Poder política*, Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

MINNICH, Nelson Hubert, "Julius II (1503-13)" in *The Great Popes Through History: An Encyclopedia*, Frank J. Coppa (ed.), vol. I, Westport, Greenwood Press, 2002, pp. 279-287.

_____, "Julius II and Leo X as Presidents of the Fifth Lateran Council (1512-1517)," in *La Papauté à la Renaissance*, Florence Alazard and Frank La Branca (ed.), Paris, Honoré Champion Éditeur, 2007, pp. 153-166.

_____, "Leo X" in *Europe 1450 to 1789: Encyclopedia of the Early Modern World*, Jonathan Dewald (ed.), vol. III, New York, Charles Scribner's Sons/Thomson/Gale, 2004, pp. 480-482.

_____, "Papacy and Papal States" in *Europe 1450 to 1789: Encyclopedia of the Early Modern World*, Jonathan Dewald (ed.), vol. IV, New York, Charles Scribner's Sons/Thomson/Gale, 2004, pp. 380-392.

_____, "Paride de Grassi's Diary of the Fifth Lateran Council" in *Annuarium Historiae Conciliorum*, 1982, vol. 14, pp. 370-460.

_____, *The Fifth Lateran Council (1512-17): Studies on Its Membership, Diplomacy, and Proposals for Reform*, London, Variorum, 1993.

_____, "The Healing of the Pisan Schism (1511-1513)" in *Annuarium Historiae Conciliorum*, 1984, vol. 16, pp. 59-192.

_____, "The Images of Julius II in the Acta of the Councils of Pisa-Milan-Asti-Lyons (1511-12) and Lateran V (1512-17)" in *Giulio II: papa, politico, mecenate*, Savona, Fortezza del Priamar, Sala della Sibilla, 25-26-27 marzo 2004, Atti del Convegno, Giovanna Rotondi Terminiello and Giulio Nepi (ed.), Genova, De Ferrari & Devega Editoria, 2005, pp. 79-90.

_____, "The Voice of Theologians in General Councils from Pisa to Trent" in *Theological Studies*, 59, 1998, pp. 420-41.

MINNUCCI, Giovanni e Leo Košuta, *Lo Studio di Siena nei secoli XIV-XVI. Documenti e notizie biografiche*, Milano, Giuffrè Edítore, 1989.

MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998.

_____, "Orientações da cultura da corte na primeira metade do século XV (a literatura dos Príncipes de Avis)" in *Vértice*, 2ª série, nº 5, Agosto de 1988, Lisboa, pp. 89-103.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *Elites e poder: entre o Antigo Regime e o Liberalismo*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

_____, "Elites locais e mobilidade social em Portugal nos finais do Antigo Regime" in *Análise Social*, vol. XXXII (141), 1997 (2.°), pp. 335-368.

_____, "Poder senhorial, estatuto nobiliárquico e aristocracia" in *História de Portugal*, José Mattoso (dir.), vol. IV - *O Antigo Regime* (1620-1807), A. M. Hespanha (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 333-379.

MOREIRA, Rafael, "Arquitectura: Renascimento e Classicismo" in *História da Arte Portuguesa – Do "Modo" Gótico ao Maneirismo*, Paulo Pereira (dir.), vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, pp. 303-364.

MORIN, Edgar, *Pensar a Europa*, Mem Martins, Europa-América, 1988.

MORINEAU, Michel, *O Século XVI. 1492-1610*, Lisboa, D. Quixote, 1980.

MORRIS, Lawrence, *Daily Life through World History in Primary Documents, vol. 2, The Middle Ages and Renaissance*, Westport, Greenwood Press, 2009.

MORROW, John, *História do Pensamento Político Ocidental*, Lisboa, Europa-América, 2007.

MOUSSINAC, Léon, *História do teatro: das origens aos nossos dias*, Amadora, Livraria Bertrand, 1957.

MUCCHIELLI, Alex, *L'Identité*, Paris, Presses Universitaires de France, 2009.

MUCHEMBLED, R., *L'invention de l'homme moderne. Cultures et sensibilités en France du XVe au XVIIIe siècle*, Paris, Fayard, 1988.

NARDELLA, Cristina, *Il fascino di Roma nel Medioevo: le meraviglie di Roma di maestro Gregorio*, Roma, Viella, 1997.

NASCIMENTO, Aires A., "No limiar do Humanismo Renascentista: Um texto para a Europa no início do séc. XV - O livro de Arautos" in *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. A. Costa Ramalho*, Coimbra, s. n., 1992, pp. 165-177.

_____, "Portugal/Itália: relações culturais de excelência" in *Estudos Italianos em Portugal*, Nova Série nº 3, Schepisi G. (dir.), Lisboa, Instituto Italiano de Cultura em Portugal, 2008 pp. 153-178.

NEDIANI, Tommaso, *Ravenna*, Firenze, Libreria Editrice Fiorentina, 1921.

NICHOLS, Francis Morgan, "Preface" in *Mirabilia Vrbis Romae – The Marvels of Rome or a Picture of the Golden City*, London, Ellis and Elvey, 1889, pp. v-xxvi.

NITTI, F. *Leone X e la sua politica*, Florence, s. n., 1892.

NOBRE, José Barros de Lima, *Breve estudo da evolução dos géneros literários*, Chaves, Papelaria Mesquita, 1905.

NUNES, Eduardo Borges, *Abreviaturas Paleográficas Portuguesas*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1981.

O'CONNELL, Robert L., *História da Guerra*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997.

OAKLEY, Francis, *Council over Pope?: Towards a provisional ecclesiology*, New York, Herder and Herder, 1969.

_____, *The Conciliarist Tradition: Constitutionalism in the Catholic Church 1300-1870*, Oxford, Oxford University Press, 2008.

_____, *The Western Church in the Later Middle Ages*, New York, Cornell University Press, 1985.

OLIVEIRA, António Resende de, "'Mais de pedras que de livros': D. Afonso, 4º Conde de Ourém, e a cultura nobiliárquica do seu tempo" in *Actas do Congresso Histórico, D. Afonso, 4º Conde de Ourém, e a sua época*, Carlos Ascenso André (coord.), Ourém, Câmara Municipal de Ourém, 2004, pp. 293-310.

OLIVEIRA, Julieta Teixeira Marques de, *Veneza e Portugal no Século XVI: Subsídios Para a Sua História*, 2 vols., Dissertação de Doutoramento, Lisboa, s.n., 1994.

OMAN, Charles W. Chadwick, *A History of the Art of War in the Sixteenth Century*, London, Methuen & Co., 1937.

_____, *The art of war in the Middle Ages, A.D. 378-1515*, London, Cornell University Press, 1885.

Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento. O Homem e a Hora São Um Só: a Dinastia de Avis e a Europa, vol. VI, Exposição de Arte, Ciência e Cultura, XVII (ed.), Lisboa, INCM, 1983.

OSSOLA, Carlo (a cura di), *La corte e il Cortegiano, 1 - La scena del testo*, Roma, Bulzoni, 1980.

_____, *Dal'Cortegiano' all' "Uomo di mondo". Storia di un libro e di un modello sociale*, Torino, Einaudi, 1987.

PAIVA, José Pedro, "Geografia eclesiástica II. Época Moderna" in *Dicionário de História Religiosa*, vol. c-i, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 294-307.

_____, "Igreja e Estado II. Época Moderna" in *Dicionário de História Religiosa*, vol. c-i, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 393-400.

_____, *Os Bispos de Portugal e do Império: 1495-1777*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2006.

_____, "Os bispos e a Inquisição portuguesa (1536-1613)" in *Lusitania Sacra*, 2.ª série, tomo xv, 2003, pp. 43-76.

PALLA, Maria José, "A mesa é uma construção simbólica. Comida e devoção na pintura portuguesa do Renascimento" in *O conceito de representação*. *II Encontros Interdisciplinares da Universidade Nova de Lisboa, 18-22 de Novembro de 1996*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais de Humanas 1997, pp. 483-497.

PANIZZA, Letizia, *Women in Italian Renaissance culture and society*, London, European Humanities Research Centre, 2000.

PARKER, Geoffrey, *The Military Revolution: Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800*, New York, Cambridge University Press, 1996.

PARTNER, Peter, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, Los Angeles, University of California Press, 1979.

_____, *The Pope's men*, Oxford, Clarendon Press, 1990.

PASCHINI, Pietro, *Roma nel Rinascimento*, Bologna, Cappelli, 1940.

PASTOR, Ludwig von, *The history of the popes: from the close of the Middle Ages. Drawn from the secret archives of the Vatican and other original sources*, vols. VI, VII and VIII, London, Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd., 1908.

PASTORE, Carla, *La donna nel Rinascimento: appunti dalle lezioni tenute dal prof. Romeo De Maio: anno accademico 1985-86*, Napoli, Centro Stampa Opera Universitária, 1986.

PAULINO, Francisco Faria (coord.), *Ano de 1514 Embaixada do Rei D. Manuel de Portugal ao Papa Leão X*, Lisboa, CNCDP, 1994.

PERES, Damião, *Conquista de Azamor pelo Duque de Bragança D. Jaime em 1513*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1951.

PESTANA, Manuel Inácio, *A Casa de Bragança: Um Sereníssimo Estado Dentro do Estado*, Sep. *Revista de História*, Centro de História da Universidade do Porto, vol. VIII, 1988, Porto, s.n., 1988.

PETTA, Paolo, *Stradioti. Soldati albanesi in Italia (sec. XV-XIX)*, Lecce, Argo, 1996.

PETTINELLI, Rosanna, *Tra antico e moderno: Roma nel primo Rinascimento*, Roma, Bulzoni, 1991.

PHILLIPS, Mark, *Francesco Guicciardini: The Historian's Craft*, Toronto, University of Toronto Press, 1977;

PICCHIO, Luciana Stegagno, *A literatura de viagens e o diálogo italo-português: postilas a um colóquio*, Sep. *Mare Liberum*, (2) 1991, p. 89-96.

PICOTTI, Battista, "La congiura del Cardinali contro Leone X" in *Rivista Storica Italiana*, 1923, pp. 249-267.

_____, *La giovinezza di Leone 10.: il papa del Rinascimento*, Roma, Multigrafica, 1981.

PILOSU, Mario, *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*, Lisboa, Estampa, 1995.

PINELLI, Antonio, *Roma del Rinascimento*, Roma, GLF Editori Laterza, 2007.

PIRES, Maria de Fátima Mourato, *Poder e violência: o espaço público como génese do político em Hannah Arendt*, Texto policopiado / Tese de Mestrado em Filosofia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, s. n., 2008.

PONS, Alain, "Présentation" in *Le Livre du Courtisan*, Baldassar Castiglione, Paris, Éditions Gérard Lebovici, 1987, pp. I-XLVI.

PONTANO, Giovanni Gioviano, *I libri delle virtù sociali*, Roma, Bulzoni, 1999.

PORTOGHESI, Paolo, *Roma del Rinascimento*, 2 vols., Milano, Electa, 1971.

POTTER, David, *Renaissance France at War, Armies, Culture and Society, c. 1480-1560*, Woodbridge, The Boydell Press, 2008.

Portugal e Flandres: Visões da Europa 1550-1680, Instituto Português do Património Cultural (ed.), Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1992.

PRESTAGE, Edgar, "Critica contemporânea da 'Chronica de D. Manuel' de Damião de Goes" in *Arquivo historico português*, vol. IX, Lisboa, 1914, pp. 345-378.

PRETO, Paolo, *I servizi segreti di Venezia. Spionaggio e controspionaggio ai tempi della Serenissima*, Milano, Il Saggiatore, 2010.

PRODI, Paolo, *Il sovrano pontefice. Un corpo e due anime: la monarchia papale nella prima età moderna*, Bologna, Il Mulino, 2006.

_____, *The Papal Prince. One Body and Two Souls: The Papal Monarchy in Early Modern Europe*, Cambridge, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987.

PRODI, Paolo, MARCHETTI Valerio, *Problemi di identità tra Medioevo ed età moderna: seminari e bibliografia*, Bologna, CLUEB, 2001.

PRODI, Paolo, REINHARD Wolfgang (a cura di), *Identità collettive tra Medioevo ed età moderna: convegno internazionale di studio*, Bologna, CLUEB, 2002.

PRODI, Romano, *A Ideia de Europa*, Bolonha, Il Mulino, 1999.

PROIA, Alfredo, *Roma nel Rinascimento*, Roma, Tipografia Agostiniana, 1933.

PROSPERI, Adriano (a cura di), *La corte e il Cortegiano, 2 - Un modello europeo*, Roma, Bulzoni, 1980.

PRUDENCIO DE SANDOVAL, *Historia de la Vida y Hechos del Emperador Carlos V*, 3 vols., Carlos Seco Serrano (edición y estudio preliminar), Madrid, Ed. Atlas, 1955-1956.

PUGA, Rogério Miguel, *O olhar através do género: a imagem do índio brasileiro na literatura portuguesa de quinhentos*, Sep. *Olhar do Viajante*, Coimbra, s.n., 2003.

QUATAERT, Donald, *O Império Otomano. Das origens ao século XX*, Lisboa, Edições 70, 2008.

RADULET, Carmen, *Os descobrimentos portugueses e a Itália: ensaios filológicos-literários e historiográficos*, Lisboa, Vega, 1991.

RADULET, Carmen, THOMAZ, Luís Filipe, *Viagens Portuguesas à Índia (1497-1513). Fontes Italianas para a sua História*, Lisboa, CNCDP, 2002.

RAMALHO, Américo da Costa, *Estudos Sobre a Época do Renascimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

_____, *Para a História do Humanismo em Portugal*, 2 vols. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988-1994.

RAMOS, João de Deus, *História das relações diplomáticas entre Portugal e a China*, Macau, Instituto Cultural, 1991.

RAMOS, Rui (coord.), SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.

RANDLES, W. G. L., *Da terra plana ao globo terrestre: uma rápida mutação epistemológica 1480-1520*, Lisboa, Gradiva, 1990.

RAU, Virginia, "Studenti ed eruditi portoghesi in Italia nel secolo XV" in *Estudos italianos em Portugal*, 36, 1973, pp. 7-74.

REBELO, Luís de Sousa, *A concepção do poder em Fernão Lopes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991.

_____, "Literatura, intelectuais e humanismo cívico" in *O Tempo de Vasco da* Gama, Diogo Ramada Curto (dir.), Lisboa, CNCDP e Difel, 1998, pp. 113-133.

REDONDO, Augustin (ed.), *La Prophétie Comme Arme De Guerre Des Pouvoirs (XVe-XVIIe siècles)*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2000.

RESENDE, Marquês de, "Embaixada de el-rei D. Manuel ao papa Leão X" in *O Panorama*, Lisboa, 1854, vol. XI (3º da 3ª série), pp. 219-222, 253-255, 261-263, 271-272, 274-275.

RESENDE, Vasco, *A sociedade da expansão na época de D. Manuel: mobilidade, hierarquia e poder entre o reino, o Norte de África e o Oriente: um estudo prosopográfico*, Texto policopiado / Tese de Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.

RIBEIRO, Adelaide de Almeida, *D. Miguel da Silva (séc. XV - séc. XVI)*, Figueira da Foz, s.n., 2000.

RIBEIRO, Cristina Almeida, MADUREIRA, Margarida (ed.), *O Género do Texto Medieval, Actas do Colóquio, Lisboa, 1996*, Lisboa, Cosmos, 1997.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, (ed.), *Olhares Sobre a Europa: Actas do Seminário Internacional*, Coimbra, Quarteto Editora, 2002.

_____, *A Ideia de Europa: Uma Perspectiva Histórica*, Coimbra, Quarteto Editora, 2003.

RICHARDS, John, *Landsknecht Soldier 1486-1560*, Oxford, Osprey Publishing, 2002.

RICHONNIER, Michel, *As Metamorfoses da Europa de 1769 a 2001*, Lisboa, Dom Quixote, 1992.

RODOCANACHI, Pierre, *Cortigiane e buffoni di Roma: studio dei costumi romani del 16. Secolo*, Bologna, Li Causi, 1983.

_____, *Histoire de Rome: le pontificat de Léon X, 1513-1521*, Paris, Hachette, 1931.

_____, *Histoire de Rome: une cour princiére au Vatican pendant la renaissance*, Paris, Hachette, 1925.

RODRIGUES, Graça Almeida, *Damião de Góis face à ideologia e ao poder vigentes*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XI, pp. 107-131, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

_____, *Damião de Góis historiography: a document of the new-born but promising Europe*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XIII, pp. 421-434, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

RODRIGUES, Jorge Nascimento, DEVEZAS, Tessaleno, *Salomão: o elefante diplomata*, V. N. Famalicão, Centro Atlântico, 2008.

RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, "As Companhias de Ordenanças em Marrocos nos reinados de D. Manuel e D. João III" in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento*, Lisboa, 2004, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, pp. 185-195.

RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio, *La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)*, Madrid, s.n., 1951.

ROGERS, Mary, TINAGLI Paola, *Women in Italy, 1350-1650. Ideals and realities: a sourcebook*, Manchester, Manchester University Press, 2005.

ROMAGNOLI, Daniela, *La città e la corte: buone e cattive maniere tra Medioevo ed età moderna*, Milano, Guerini, 1991.

ROMANO, Pietro, *Pasquino e la satira in Roma*, Roma, V. Ferri, 1932.

ROMEO DE MAIO, *Mujer y Renacimiento*, Madrid, Mondadori, 1988.

RONDININI, Gigliola Soldi, *Per la storia del cardinalato nel secolo XV*, Milano, Istituto lombardo di scienze e lettere, 1973.

ROSA, Maria de Lurdes, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça" in *O Tempo de Vasco da Gama*, Diogo Ramada Curto (dir.), Lisboa, CNCDP e Difel, 1998, pp. 319-332.

ROSCOE, William, *Life and Pontificate of Leo X*, 4 vols., Philadelphia, Lorenzo Press Of E. Bronsok, 1805.

ROSS, Sarah Gwyneth, *The birth of feminism: woman as intellect in Renaissance Italy and England*, Harvard, Harvard University Press, 2009.

ROSSIAUD, Jacques, "Citadins et ruraux" in *Histoire de la France Urbaine – La ville médiéval*, vol. II, Georges Duby (dir.), Paris, Seuil, 1980, pp. 608-611.

ROWLAND, Ingrid, "A summer outing in 1510: religion and economics in the papal war with Ferrara" in *Viator*, 18, 1987, pp. 347–359.

RUFF, Julius Ralph, *Violence in Early Modern Europe 1500-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

ROMANO, Ruggiero, TENENTI Alberto, *Alle origini del mondo moderno (1350-1550)*, Milano, Feltrinelli, 1967.

_____, *Los fundamentos del mundo moderno*. *Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*, Historia Universal Siglo XXI, vol. XII, Madrid, Ediciones Castilla, 1971.

RUSSELL, Bertrand, *O poder: uma nova análise social*, Lisboa, Fragmentos, 1993.

SÁ, A. Moreira de, *Humanistas Portugueses em Itália*, Lisboa, INCM, 1983.

SÁ, Ana de, *Da vida dos papas*, Lisboa, Fenda, 1990.

SALMANN, Jean-Michel, *Géopolitique du XVIe siècle. 1498-1618*, Paris, Seuil, 2003, pp. 211-285.

SANTOS, Cláudia Valle, *Os homens e o poder: a elite de governança e a articulação de poderes em Montemoro-o-Novo. Séc. XVI*, Texto Policopiado / Tese de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.

SARAIVA, António José, *História da Cultura em Portugal*, vol. II, Lisboa, Jornal do Fôro, 1953.

SARAIVA, António José, e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1985.

SARTI, Raffaella, *Casa e Família - Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001.

SCHATZ, Klaus, *Storia dei Concili: la Chiesa nei suoi punti focali*, Bologna, EDB, 1999.

SCHIMMELPFENNIG, Bernhard, *Il papato: Antichità, Medioevo, Rinascimento*, Roma, Viella, 2006.

SCHULZE, Hagen, *Estado e Nação na História da Europa*, Lisboa, Editorial Presença, 1997.

SCOTT, John (ed.), *Power: critical concepts*, 3 vols., London, Routledge, 2001.

SENELLART, Michel, *Machiavélisme et raison d'Etat*, Paris, Presses Universitaires de France, 1989.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A embaixada em França de Brás de Alvide: 1548-1554*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1969.

_____, *Notas sobre a embaixada de Honorato de Cais em Portugal: 1523-1537*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. I, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

SERVADIO, Gaia, *Renaissance woman*, New York, I.B.Tauris, 2005.

SETTON, Kenneth Meyer, *The Papacy and the Levant, 1204-1571. Vol. III: The Sixteenth Century to the Reign of Julius III*, Philadelphia, American Philosophical Society, 1984.

SHAW, Christine, "Cardinal Giuliano della Rovere: The man, the politician, the prince of the church" in *Giulio II: papa, politico, mecenate*, Savona, Fortezza del Priamar, Sala della Sibilla, 25-26-27 marzo 2004, Atti del Convegno, Giovanna Rotondi Terminiello and Giulio Nepi (ed.), Genova, De Ferrari & Devega Editoria, 2005, pp. 37-45.

_____, *Italy and the European powers: the impact of war, 1500-1530*, Boston, Brill, 2006.

_____, *Julius II: The Warrior Pope*, Oxford, Blackwell Publishers, 1996.

_____, *The political role of the Orsini family in the Papal States, c.1480-1534*, Oxford, University of Oxford, 1983.

_____, *The political role of the Orsini family from Sixtus IV to Clement VII: barons and factions in the Papal States*, Roma, Istituto storico italiano per il Medio Evo, 2007.

SIGNOROTTO, Gianvittorio, VISCEGLIA, Maria Antonietta (a cura di), *La corte di Roma tra Cinque e Seicento teatro della politica europea*, Roma, Bulzoni, 1998.

SILVA, Mário Justino, *O rei e os nobres: imagens do quotidiano nos ditos portugueses dignos de memória (século XVI)*, Cascais, Patrimonia, 2004.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Almedina, Coimbra, 2005.

SIMÕES, Manuel, "O panegírico de Portugal nas 'Cartas de Itália', de Lopo d'Almeida" in *Studi di iberistica in memoria di Albert Boscolo*, Giuseppe Bellini (a cura di), Roma, Bulzoni Editore, 1989, pp. 211-218.

SKINNER, Quentin, *Machiavel*, Paris, Seuil, 1989.

_____, *The Foundations of Modern Political Thought, Vol. 1: The Renaissance*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

SOARES, Nair de Nazaré Castro, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994.

SOUSA, Bernardo de Vasconcelos e, *Os Pimentéis: percursos de uma linhagem da nobrega medieval portuguesa séculos XIII-IV*, Lisboa, INCM, 2000.

SOUSA, João Silva de, *D. Afonso, 4º Conde de Ourém*, Ourém, Câmara Municipal, 2005.

SOUSA, Luís Costa e, *A Arte na Guerra: a arquitectura dos campos de batalha no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

STEINER, George, *A ideia de Europa*, Lisboa, Gradiva, 2005.

STINGER, Charles L., *The Renaissance in Rome*, Bloomington, Indiana University Press, 1998.

STIRN, François, *Violência e Poder*, Lisboa, Cadernos Culturais, Editorial Inquérito, 1978.

STRATHERN, Paul, *The Medici: Godfathers of the Renaissance*, s. l., Jonathan Cape, 2003.

STRAUSS, Leo, *Thoughts on Machiavelli*, Chicago, University of Chicago Press, 1984.

_____, *What is Political Philosophy? And Other Studies*, Chicago, University of Chicago Press, 1988.

STRAYER, Joseph R., *As Origens Medievais do Estado Moderno*, Lisboa, Gradiva, 1986.

SUTTO, Claude, "L'Image du Monde à la Fin du Moyen Age" in *Aspects de la Marginalité au Moyen Age*, Guy-H. Allard (dir.), Montreal, L'Aurore, 1975, pp. 58-65.

SYMONDS, John Addington, *The Age of the Despots*, New York, Putnam, 1960.

TALLETT, Frank, *War and Society in Early-Modern Europe, 1495-1715*, London, Routledge, 1997.

TANNER, Norman P., *I Concili della Chiesa*, Milano, Jaca Book, 1999.

TAVARES, Carla Margarida Martins, *Identidade e alteridade na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, [Texto policopiado], Tese de Mestrado em Estudos Portugueses apresentada à Universidade de Aveiro, 2008.

TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre, *Um fidalgo português da Renascença: D. Luiz da Silveira, 1º Conde da Sortelha*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1969.

TAYLOR, Frederick Lewis, *The art of war in Italy, 1494-1529*, Cambridge, Cambridge University Press, 1921.

TEIXEIRA, André, *Fortalezas do Estado Português da Índia, Arquitectura Militar na Construção do Império de D. Manuel I*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

TENENTI, Alberto, *Il senso della morte e l'amore della vita nel Rinascimento, Francia e Italia*, Torino, Einaudi, 1989.

_____, *L'età moderna: 16-18 Secolo*, Bologna, Il Mulino, 2005.

_____, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, Barcelona, Editorial Crítica, 1985.

TENENTI, Alberto, TUCCI, Ugo (a cura di), *Il Rinascimento: politica e cultura, Roma*, Istituto della Enciclopedia italiana, 1996.

TERZIANI, Riccardo, *Il governo di Siena dal medioevo all'età moderna. La continuità repubblicana al tempo dei Petrucci (1487-1525)*, Siena, Betti Editrice, 2002.

THEIMER, Walter, *História das Ideias Políticas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977.

THESEIDER, E. Dupré, "I papi Medicei e la loro politica domestica" in *Studi fiorentini*, Firenze, 1963, pp. 271-324.

THOMAZ, Luís Filipe, "Cruzada" in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. c-i, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 31-38.

_____, "L'Idée Impériale Manuéline" in *La Découverte, le Portugal et L'Europe. Actes du Colloque*, Jean Aubin (ed.), Paris, Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 35-103.

TODOROV, Tzvetan, *A conquista da América: a questão do outro*, Lisboa, Litoral Edições, 1990.

_____, *Os géneros do discurso*, Lisboa, Edições 70, 1981.

TOUCHARD, Jean, *História das ideias políticas, vol. 1: Idade Média*, Mem Martins, Europa-América, 1991.

_____, *História das ideias políticas, vol. 2: Do Renascimento ao Iluminismo*, Mem Martins, Europa-América, 1991.

TREASE, Geoffrey, *The condottieri: soldiers of fortune*, London, Thames & Hudson, 1970.

TRIGUEIROS, Luís Forjaz, *Visão Sócio-Política da Europa nos Séculos XV e XVI*, Sep. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, s. n., 1973.

TURNBULL, Stephen, *The Art of Renaissance Warfare: From the Fall of Constantinople to the Thirty Years War*, London, Greenhill Books, 2006.

_____, *The Ottoman Empire 1326-1699*, New York, Routledge, 2003.

ULLMANN, Walter, "Julius II and the Schismatic Cardinals" in *Schism, Heresy and Religious Protest*, Derek Baker (ed.), Cambridge, Cambridge University, 1972, pp. 177-193.

_____, *Radici del Rinascimento*, Roma-Bari, Laterza, 1980.

_____, *The Papacy and Political Ideas in the Middle Ages*, London, Variorum, 1976.

VALE, A. M. Martins do, "A embaixada enviada pelo rei D. José I ao imperador Qianlong, em 1752, vista pelo procurador das missões estrangeiras em Macau" in *Anais de História de Além-Mar*, Lisboa, CHAM, 2004, pp. 509-536.

VASCONCELOS, Álvaro de (ed.), *Valores da Europa - Identidade, Legitimidade,* S. João do Estoril, Principia, 1999.

VASOLI, Cesare, *Civitas Mundi: studi sulla cultura del cinquecento*, Roma, Ed. di Storia e Letteratura, 1996.

_____, *La cultura delle corti*, Bologna, Capelli, 1980.

VAUGHAN, Herbert M., *The Medici Popes: Leo X and Clement VII*, London, Methuen & Co., 1908.

VENTURA, Margarida Garcez, *Estudos sobre o poder: séculos XIV-XVI*, Lisboa, Colibri, 2003.

VENTURA, Maria da Graça Mateus, "Introdução" in *Relação verdadeira dos trabalhos que o governador D. Fernando de Souto e certos fidalgos portugueses passaram no descobrimento da Província da Florida agora novamente feita por um fidalgo de Elvas*, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 11-55.

VIEIRA, Ana Lúcia Nobre, *A alteridade na literatura de viagens quinhentista*: olhares e escritas de Jean de Léry e de Fernão Cardim sobre o índio brasileiro, [Texto policopiado], Tese Mestrado em Literatura apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, 2004.

VIGARELLO, Georges, *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*, Lisboa, Fragmentos, 1988.

VISCEGLIA, Maria Antonietta, *La città rituale: Roma e le sue cerimonie in età moderna*, Roma, Viella, 2002.

VITERBO, *Elucidário*, 2 vols., Porto/Lisboa, Civilização, 2000.

WEBER, Max, *Conceitos básicos de sociologia*, São Paulo, Centauro, 2002.

_____, *Três tipos de poder e outros escritos*, Lisboa, Tribuna da História, 2005.

WEIL-GARRIS, Kathleen, *The Renaissance Cardinal's Ideal Palace: A Chapter from Cortesi's "De Cardinalatu"*, Roma, American Accademy in Rome - Edizioni dell'elefante, 1980.

WILLIAMS, George L., *Papal Genealogy: The Families And Descendants Of The Popes*, Jefferson, McFarland, 2004.

WINSPEARE, Fabrizio, *La congiura dei Cardinali contro Leone X*, Firenze, Editore Olschki, 1957.

WOLFF, Philippe, *Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?*, Lisboa, Edições 70, 1989.

WOODHOUSE, J.R., *From Castiglione to Chesterfield: The Decline in the Courtier's Manual - An Inaugural Lecture delivered before the University of Oxford on 25 October 1990*, Oxford, Clarendon Press, 1991, pp. 1-18.

WOODWARD, W. H., *La pedagogia del Rinascimento: 1400-1600*, Firenze, Vallecchi, 1923.

ZIMMERMANN, T. C. Price, *Paolo Giovio: The Historian and the Crisis of Sixteenth-Century Italy*, Princeton, Princeton University Press, 1995.

ZUMTHOR, Paul, *La Medida Del Mundo - Representatión del Espacio en la Edad Media*, Madrid, Cátedra, 1994.

WEBGRAFIA

1. Bibliografia e fontes

http://archive.org/index.php

http://www.jstor.org/

http://avirel.unitus.it/bd/index.htm

2. Consulta geral

http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal

http://www.britannica.com/

http://en.wikipedia.org/wiki/Catholic_Encyclopedia

3. Cartografia

http://historic-cities.huji.ac.il/italy/rome/rome.html

4. Cronologia

http://cronologia.leonardo.it/2001cron.htm

5. Temas específicos [1]

http://www2.fiu.edu/~mirandas/consistories-xvi.htm

http://pt.scribd.com/doc/40779297/As-Reformas-Religiosas-Na-Europa-Moderna

http://hispanismo.org/historia-y-antropologia/9308-historia-de-espana-en-africa.html

http://www.heraldrysinstitute.com/index.php?lang=pt

http://theborgias.wetpaint.com/page/The+Powerful+Families+of+Renaissance+Italy

http://www.christianchronicler.com/history1/renaissance_papacy.html

http://library.thinkquest.org/C006522/politics/popes.php

[1] Cardeais, famílias italianas do Renascimento, papado, Reforma, história de Itália, história de Espanha, entre diversas outras problemáticas.

http://hispanismo.org/historia-y-antropologia/9308-historia-de-espana-en-africa.html